God Talks With Arjuna

THE BHAGAVAD GITA

Royal Science of God-Realization

The immortal dialogue between soul and Spirit
A new translation and commentary

PARAMAHANSA YOGANANDA

Self-Realization Fellowship
FOUNDED 1920
Paramahansa Yogananda

Elogios ao comentário de Paramahansa Yogananda sobre o Bhagavad Gita…

Deus fala com Arjuna: O Bhagavad Gita – uma nova tradução e comentário (publicado pela Self-Realization Fellowship, 1995)

"O comentário de Yogananda penetra no coração do Bhagavad Gita para revelar as profundas verdades espirituais e psicológicas que estão no cerne deste grande texto hindu." — Publishers Weekly

"Uma das melhores obras sobre o assunto… uma obra-prima de trabalho espiritual, literário e filosófico." — India Post

"Esta luxuosa edição de dois volumes… é um deleite para os olhos e para o coração… um testemunho da extraordinária compreensão [de Yogananda], que brota da experiência direta das realidades superiores, e também da sua compaixão pelos buscadores sedentos pela verdade espiritual…. verdadeira pulsação do Bhagavad Gita e ser puxado para sua esfera de influência através das palavras luminosas de um dos grandes mestres de yoga deste século." — Yoga Journal

"Uma flor de grande beleza surgiu dos escritos e da tradição de Paramahansa Yogananda… ele traz o Bhagavad Gita em foco imediato para os tempos modernos….Mais altamente recomendado!"— Leading Edge Review

"Esta tradução e comentário monumental do Bhagavad Gita, por um dos santos ilustres da Índia, inova… Yogananda explora a ciência do yoga criptografada no Gita… e a maneira como esta antiga disciplina torna possível a experiência direta de Deus. Em linguagem simples, mas eloqüente, ele apresenta uma crônica abrangente." — The Quest

"Cada verso é meticulosamente traduzido por Yogananda, mas são

[suas] explicações baseadas em uma vasta gama de conhecimentos que são a principal atração aqui… Um panorama impressionante de sabedoria, de psicologia, espírito, epistemologia, fisiologia e doutrina de yoga… Impressionante .”— O Leitor de Livros

“O comentário [de Yogananda]…revela a verdade mais elevada, mas permanece acessível a todos os buscadores por seu imediatismo e simplicidade de expressão….O que [sua] Autobiografia alcança no reino da experiência humana, Deus Fala com Arjuna alcança como um ensinamento completo para o vida espiritual….Este é um livro que se pode estudar e valorizar por toda a vida. Será lembrado como um dos grandes comentários sobre o Gita….”— Yoga International

OceanoofPDF. com

Paramahansa Yogananda
(January 5, 1893 – March 7, 1952)

OceanoofPDF. com

God Talks With Arjuna

THE BHAGAVAD GITA

Royal Science of God-Realization

The immortal dialogue between soul and Spirit
A new translation and commentary

Paramahansa Yogananda

OceanofPDF. com

Copyright © 1995, 1999 Self-Realization Fellowship
Todos os direitos desta edição digital de God Talks With Arjuna: The Bhagavad Gita são reservados à Self-Realization Fellowship.

NOTA PARA O LEITOR

Sujeito apenas a quaisquer condições estabelecidas pelo distribuidor do qual você obteve este livro, a Self-Realization Fellowship convida você a fazer download desta edição em qualquer número de seus próprios dispositivos para uso individual e não comercial; e imprimir trechos para sua própria referência.

Observe, entretanto, que ao adquirir esta edição o leitor concorda em cumprir as leis de direitos autorais nacionais e internacionais aplicáveis; e abster-se de distribuir, reproduzir ou transmitir o conteúdo a outros indivíduos ou entidades, por qualquer meio (eletrônico, mecânico ou outro) sem o consentimento prévio por escrito do editor. Agradecemos a sua cooperação no respeito ao trabalho do autor e em ajudar a preservar a sua integridade, defendendo estes princípios.

Obrigado por apoiar nossos esforços de publicação sem fins lucrativos relacionados ao legado de Paramahansa Yogananda.

Reconhecemos com apreço o trabalho dos artistas Sr. V. V. Sapar e Sapar Brothers, sob a supervisão do Sr. B. D. Vyas, que criaram as pinturas desta publicação sob encomenda exclusiva da Self-Realization Fellowship de acordo com designs originados pela editora.

Os agradecimentos pelo material citado aparecem aqui.

Autorizado pelo Conselho Internacional de Publicações da
SELF-REALIZATION FELLOWSHIP

3880 San Rafael Avenue
Los Angeles, Califórnia 90065-3219

O nome e o emblema da Self-Realization Fellowship (mostrado acima) aparecem em todos os livros, gravações e outras publicações da SRF, como uma garantia de que um trabalho se origina na sociedade estabelecida por Paramahansa Yogananda e transmite fielmente seus ensinamentos.

Segunda edição, 1999. Edição do e-book, 2018.
Número do cartão de catálogo da Biblioteca do Congresso: 95-71657
ISBN: 978-0-87612-030-9 (capa dura)
ISBN : 978-0-87612-031-6 (brochura)
ISBN: 978-0-87612-779-7 (edição Kindle)
ISBN: 978-0-87612-780-3 (edição ePub)

OceanoofPDF. com

Dedicatória

Para o devoto de Arjuna
dentro de todo buscador verdadeiro

OceanoofPDF. com

O Legado Espiritual de Paramahansa Yogananda

Seus escritos completos, palestras e palestras informais

Paramahansa Yogananda fundou a Self-Realization Fellowship em 1920 para disseminar seus ensinamentos em todo o mundo e preservar sua pureza e integridade para as gerações futuras. Escritor e conferencista prolífico desde seus primeiros anos na América, ele criou um renomado e volumoso conjunto de obras sobre a ciência iogue da meditação, a arte da vida equilibrada e a unidade subjacente de todas as grandes religiões. Hoje, este legado espiritual único e de longo alcance continua vivo, inspirando milhões de pessoas que buscam a verdade em todo o mundo.

De acordo com os desejos expressos do grande mestre, a Self-Realization Fellowship deu continuidade à tarefa contínua de publicar e manter permanentemente impressas as Obras Completas de Paramahansa Yogananda. Estes incluem não apenas as edições finais de todos os livros que publicou durante sua vida, mas também muitos títulos novos – obras que permaneceram inéditas na época de seu falecimento em 1952, ou que foram serializadas ao longo dos anos de forma incompleta na Self. -A revista da Realization Fellowship, bem como centenas de palestras profundamente inspiradoras e conversas informais gravadas, mas não impressas antes de seu falecimento.

Paramahansa Yogananda escolheu e treinou pessoalmente os discípulos próximos que formaram o Conselho de Publicações da Self-Realization Fellowship, dando-lhes diretrizes específicas para a preparação e publicação de seus ensinamentos. Os membros do Conselho de Publicações da SRF (monges e freiras que fizeram votos vitalícios de renúncia e serviço

altruísta) honram estas diretrizes como uma confiança sagrada, para que a mensagem universal deste amado professor mundial viva em seu poder e autenticidade originais. .

O emblema da Self-Realization Fellowship (mostrado acima) foi designado por Paramahansa Yogananda para identificar a sociedade sem fins lucrativos que ele fundou como a fonte autorizada de seus ensinamentos. O nome e o emblema da SRF aparecem em todas as publicações e gravações da Self-Realization Fellowship, garantindo ao leitor que uma obra se origina da organização fundada por Paramahansa Yogananda e transmite seus ensinamentos como ele mesmo pretendia que fossem transmitidos.

— Irmandade de Auto-Realização

OceanoofPDF. com

Conteúdo

Lista de Ilustrações

Prefácio, de Sri Daya Mata

Introdução

I: O Desânimo de Arjuna

O Significado do Capítulo I
"O que eles fizeram?" — Pesquisa do campo de batalha psicológico e espiritual interno
Os exércitos oponentes das forças espirituais e materialistas
As Conchas: Batalha Vibratória Interior na Meditação
O Devoto Observa os Inimigos a Serem Destruídos
A recusa de Arjuna em lutar

II: Sankhya e Yoga: Sabedoria Cósmica e o Método de Sua Obtenção

A Exortação do Senhor ao Devoto e o Pedido do Devoto por Orientação
A Natureza Eterna e Transcendental da Alma
A batalha justa é o dever religioso do homem
Ioga: remédio para dúvidas, confusão e insatisfação intelectual
A arte do Yoga da ação correta que leva à sabedoria infinita
Qualidades do Autorrealizado

III: Karma Yoga: O Caminho da Ação Espiritual

Por que a atividade é uma parte necessária do caminho para a libertação?
A Natureza da Ação Correta: Realizar Todas as Obras como Oblações (Yajna)
O dever justo, cumprido sem apego, é piedoso
Como a ação sem ego liberta o iogue das dualidades da natureza e da escravidão do carma
Atitude correta em relação ao guia espiritual e ao Sadhana
Conquistando a dupla paixão, desejo e raiva

IV: A Ciência Suprema do Conhecimento de Deus

A Base Histórica e a Essência Esotérica do Yoga
As Encarnações do Divino
Caminhos de Libertação das Rodadas de Renascimento
Os modos de ação do Senhor em Sua criação
Liberdade do Karma: A Natureza da Ação Correta, da Ação Errada e da Inação
Yajna, o Ritual do Fogo Espiritual que Consome Todo o Karma
A Sabedoria Todo-Santificadora, Transmitida por um Verdadeiro Guru

V: Liberdade através da Renúncia Interior

O que é melhor: servir no mundo ou buscar sabedoria em reclusão?
O Caminho da Liberdade do Gita: Meditação em Deus mais atividade sem desejo
O Eu como Testemunha Transcendental: Abrigado na Bem-Aventurança, Não Afetado pelo Mundo
O Bem e o Mal e sua relação com a alma
O Conhecedor do Espírito Habita no Ser Supremo
Transcendendo o mundo sensorial, alcançando a bem-aventurança indestrutível

VI: Abrigo Permanente no Espírito Através da Meditação Yoga

A Verdadeira Renúncia e o Verdadeiro Yoga Dependem da Meditação
Transformando o Pequeno Eu (Ego) no Eu Divino (Alma)
Como o Sábio da Auto-realização vê o mundo
Conselhos de Krishna para uma prática bem-sucedida de Yoga
Alcançando o autodomínio e o controle da mente
Fusão do Eu no Espírito, Permeando Todos os Seres
A promessa do Senhor: O iogue perseverante é finalmente vitorioso

VII: A Natureza do Espírito e o Espírito da Natureza

"Ouça como me realizarás"
Prakriti: A Natureza Dupla do Espírito na Criação
Como o Criador Sustenta a Criação Manifestada
Hipnose Cósmica (Maya) e o Caminho para Transcendê-la
Qual "Deus" deve ser adorado?
Percebendo o espírito por trás das sombras oníricas da natureza

VIII: O Absoluto Imperecível: Além dos Ciclos de Criação e Dissolução

As Manifestações do Espírito no Macrocosmo e no Microcosmo
A experiência do iogue na hora da morte
O Método para Alcançar o Supremo
Os Ciclos da Criação Cósmica
O Caminho da Libertação dos Ciclos de Renascimento

IX: O Conhecimento Real, O Mistério Real

Percepção Direta de Deus, Através de Métodos de Yoga "Fáceis de Executar"
Como o Senhor permeia toda a criação, mas permanece transcendente
O método correto de adorar a Deus

X: As Infinitas Manifestações do Espírito Imanifesto

O não nascido e o sem começo, além da forma e da concepção
As diversas modificações da natureza de Deus
Com alegria e devoção, os sábios o adoram

O devoto ora para ouvir dos lábios do próprio Senhor: "Quais são os teus muitos aspectos e formas?"

"Eu Te contarei sobre minhas expressões fenomenais"

XI: Visão das Visões: O Senhor Revela Sua Forma Cósmica

XII: Bhakti Yoga: União Através da Devoção

Deve o Iogue adorar o Imanifesto ou um Deus Pessoal?

Os níveis de prática espiritual e os estágios de realização

Qualidades do Devoto, Querido por Deus

XIII: O Campo e o Conhecedor do Campo

As forças divinas que criam o corpo, o campo onde o bem e o mal são semeados e colhidos

A Verdadeira Natureza da Matéria e do Espírito, Corpo e Alma

Características da Sabedoria

Espírito, como é conhecido pelos sábios

Purusha e Prakriti (Espírito e Natureza)

Três abordagens para a autorrealização

Libertação: Diferenciando entre o campo e seu conhecedor

XIV: Transcendendo os Gunas

As Três Qualidades (Gunas) Inerentes à Natureza Cósmica

Mistura do Bem e do Mal na Natureza Humana

Os frutos da vida sáttvica, rajásica e tamásica

A Natureza do Jivanmukta – Aquele que se eleva acima das qualidades da natureza

XV: Purushottama: O Ser Supremo

Eterno Ashvattha: A Árvore da Vida

A Morada do Imanifesto

Como o Espírito se manifesta como a alma

O Espírito Supremo: Além do Perecível e do Imperecível

XVI: Abraçando o Divino e Evitando o Demoníaco

As qualidades da alma que tornam o homem semelhante a Deus

A natureza e o destino das almas que evitam o Divino

A Tríplice Porta do Inferno

A Compreensão Correta da Orientação Bíblica para a Conduta da Vida

XVII: Três tipos de fé

Três Padrões de Adoração

Três classes de alimentos

Três Graus de Práticas Espirituais

Três tipos de doação
Aum-Tat-Sat: Deus Pai, Filho e Espírito Santo

XVIII: "Em verdade te prometo: tu me alcançarás"

Renúncia: a arte divina de agir no mundo com altruísmo e desapego
As Raízes da Ação e a Consumação da Ação (Liberação)
Três graus de conhecimento, ação e caráter
Inteligência (Buddhi), Fortaleza (Dhriti) e Felicidade (Sukham): Suas Expressões Superiores e Inferiores
Discernir o dever divinamente ordenado na vida
Resumo da Mensagem do Gita
O diálogo entre espírito e alma termina

Adendos

Posfácio, de Sri Daya Mata
Ode ao Bhagavad Gita, de Paramahansa Yogananda
Transliteração e pronúncia de termos sânscritos
Epítetos do Senhor Krishna e Arjuna
Diagrama de Chakras de Lahiri Mahasaya
Sobre o autor
Objetivos e ideais da Self-Realization Fellowship
Publicações e lições da Self-Realization Fellowship
Termos associados à Self-Realization Fellowship
Notas

OceanoofPDF. com

ILUSTRAÇÕES

Paramahansa Yogananda (frontispício)

Bhagavan Krishna quando criança em Brindaban

Gráfico: Cronologia da criação, simbolizada na genealogia dos Kurus e Pandus

Reino Corporal governado por King Soul

Reino Corporal governado pelo Rei Ego Ilusório

O rei cego Dhritarashtra perguntou: “O que eles fizeram, ó Sanjaya?”

Sri Krishna com os príncipes Pandava e Kunti e Draupadi

A carruagem da consciência meditativa

A jornada da alma no momento da morte corporal

“Seja um iogue unindo-se à Minha abençoada presença em sua alma”

Arjuna e Duryodhana buscando a ajuda de Sri Krishna na batalha

Na corte de Sri Krishna

Sri Krishna propondo um acordo pacífico a Duryodhana no palácio de Kurus

Os Pandavas e Draupadi retiram-se para o Himalaia

Bhagavan Krishna como Yogeshvara, “Senhor do Yoga”

Meditação Yoga: o rito esotérico do fogo (yajna) de união com o Espírito

A percepção inabalável do Divino do iogue meditativo

“Aquele que Me percebe em todos os lugares…”

Prakriti, Mãe Natureza Cósmica, e Seu trabalho universal de criação

“Uma oferta devocional aceitável aos Meus olhos”

Arjuna contemplando a Visão Cósmica

Sri Krishna instrui Arjuna sobre os três gunas, qualidades, da Natureza

Bhagavan Krishna e Arjuna no campo de Kurukshetra

Sábio Vyasa, autor do Bhagavad Gita

Diagrama de chakras de Lahiri Mahasaya
Paramahansa Yogananda, 1950

OceanoofPDF. com

PREFÁCIO

POR SRI DAYA MATA

Sucessor espiritual de Paramahansa Yogananda e presidente da Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of India de 1955 até seu falecimento em 2010

“Nenhum siddha deixa este mundo sem ter dado alguma verdade à humanidade. Toda alma livre deve lançar sobre os outros a luz da realização de Deus.” Quão generosamente Paramahansa Yogananda cumpriu esta obrigação! — palavras bíblicas ditas por ele no início de sua missão mundial. Mesmo que ele não tivesse deixado à posteridade nada além de suas palestras e escritos, ele seria corretamente classificado como um generoso doador de luz divina. E das obras literárias que fluíram tão prolíficamente de sua comunhão com Deus, a tradução e os comentários do Bhagavad Gita podem muito bem ser considerados a oferta mais abrangente do Guru – não apenas em volume, mas em seus pensamentos abrangentes.

Minha primeira introdução às renomadas escrituras da Índia foi quando eu era um jovem de quinze anos, quando me foi dada uma cópia da tradução do Gita de Sir Edwin Arnold. Seus versos lindamente poéticos encheram meu coração de um profundo desejo de conhecer a Deus. Mas onde estava alguém que pudesse me mostrar o caminho para Ele?

Foi dois anos depois, em 1931, que conheci Paramahansa Yogananda. Que ele conhecia Deus ficou imediatamente e esmagadoramente aparente em seu semblante e na alegria e no amor divino que literalmente irradiavam dele. Logo entrei em seu ashram monástico; e durante os mais de vinte anos que se seguiram, fui abençoado por viver e buscar a Deus em sua presença, com sua orientação — como discípulo e como seu secretário tanto no ashram quanto em assuntos organizacionais. O passar dos anos apenas aprofundou meu primeiro reconhecimento admirado de sua estatura espiritual. Vi que nele o mundo recebeu um verdadeiro exemplo da essência do Gita – na sua vida ativa de serviço para a elevação da humanidade e na sua intimidade constante com Deus, um Deus amado de amor

incondicional.

Paramahansaji manifestou domínio absoluto da ciência iogue da meditação citada pelo Senhor Krishna no Gita. Muitas vezes observei como ele entrava facilmente no estado transcendente de samadhi; cada um de nós presentes seria banhado pela paz e felicidade inefáveis que emanavam de sua comunhão com Deus. Com um toque, uma palavra ou mesmo um olhar, ele poderia despertar outros para uma maior consciência da presença de Deus, ou conceder a experiência do êxtase superconsciente aos discípulos que estavam em sintonia.

Uma passagem nos Upanishads nos diz: “Aquele sábio que se ocupou exclusivamente em beber o néctar que não é outro senão Brahman, o néctar que é o resultado da meditação incessante, esse sábio se torna o maior dos ascetas, paramahansa e um filósofo”. livre da mácula mundana, avadhuta. Ao vê-lo, o mundo inteiro se torna consagrado. Mesmo um homem ignorante que se dedica ao seu serviço torna-se libertado.”

Paramahansa Yogananda se enquadra na descrição de um verdadeiro guru, um mestre realizado em Deus; ele era uma escritura viva em sabedoria, ação e amor a Deus. Como defende o Gita, seu espírito de renúncia e serviço era de total desapego às coisas materiais e à aclamação que lhe foi dada por milhares de seguidores. Sua indomável força interior e poder espiritual residiam na mais doce humildade natural, na qual um ego egocêntrico não encontrava lugar para morar. Mesmo quando fez referência a si mesmo e ao seu trabalho, não teve nenhum sentimento de realização pessoal. Tendo alcançado a realização última de Deus como a verdadeira essência da alma do ser, ele não conhecia outra identidade além Dele.

No Gita, o auge das revelações de Krishna a Arjuna ocorre no Capítulo XI, a “visão das visões”. O Senhor revela Sua forma cósmica: universos sobre universos, inconcebivelmente vastos, criados e sustentados pela infinita onipotência do Espírito que está simultaneamente consciente da menor partícula de matéria subatômica e do movimento cósmico das imensidões galácticas - de cada pensamento, sentimento e ação de cada ser nos planos materiais e celestiais de existência.

Testemunhamos a onipresença da consciência de um guru e, portanto, de

sua esfera de influência espiritual, quando Paramahansa Yogananda foi abençoado com uma visão universal semelhante. Em junho de 1948, desde tarde da noite até cerca das dez horas da manhã seguinte, alguns de nós, discípulos, tivemos o privilégio de vislumbrar algo desta experiência única através de sua descrição extática da revelação cósmica à medida que ela se desenrolava.

Esse acontecimento inspirador predisse que seu tempo na Terra estava chegando ao fim. Logo depois disso, Paramahansaji começou a permanecer cada vez mais recluso em um pequeno ashram no deserto de Mojave, dedicando o máximo possível do tempo que lhe restava para completar seus escritos. Aqueles períodos de concentração na mensagem literária que desejava deixar ao mundo eram momentos privilegiados para nós que podíamos estar na sua presença. Ele estava completamente absorvido, completamente em sintonia com as verdades que percebia interiormente e expressava exteriormente. “Ele entrou no pátio por alguns minutos”, lembrou um dos monges que trabalhavam nos arredores do retiro de Paramahansaji. “Havia uma expressão de distanciamento incalculável em seus olhos, e ele me disse: ‘Os três mundos estão flutuando em mim como bolhas.’ O poder absoluto que irradiava dele realmente me afastou vários passos dele.”

Outro monge, ao entrar na sala onde Guruji estava trabalhando, lembra: “A vibração naquela sala era inacreditável; foi como entrar em Deus.”

“Dito interpretações e cartas das escrituras o dia todo”, escreveu Paramahansaji a um estudante durante esse período, “com os olhos fechados para o mundo, mas sempre abertos no céu”.

O trabalho de Paramahansaji em seu comentário do Gita havia começado anos antes (uma serialização preliminar havia começado na revista da Self-Realization Fellowship em 1932) e foi concluído durante esse período no deserto, o que incluiu uma revisão do material que havia sido escrito durante um período de tantos anos, esclarecimento e ampliação de muitos pontos, abreviação de passagens que continham duplicações que haviam sido necessárias apenas na serialização para novos leitores, adição de novas inspirações - incluindo muitos detalhes dos conceitos filosóficos

mais profundos do yoga que ele não havia tentado transmitir em anteriores anos para um público geral ainda não familiarizado com as descobertas científicas que desde então tornaram a cosmologia do Gita e a visão da composição física, mental e espiritual do homem muito mais compreensíveis para a mente ocidental - tudo para ser literariamente preparado para publicação em forma de livro .

Para ajudá-lo no trabalho editorial, Gurudeva contou com Tara Mata (Laurie V. Pratt), uma discípula altamente avançada que o conheceu em 1924 e trabalhou com ele em seus livros e outros escritos em vários momentos por um período de mais de vinte anos. -cinco anos. Sei, sem dúvida, que Paramahansaji não teria permitido que este livro fosse publicado sem o devido reconhecimento e elogio do papel desempenhado por este fiel discípulo. “Ela foi uma grande iogue”, ele me disse, “que viveu muitas vidas escondida do mundo, na Índia. Ela veio nesta vida para servir este trabalho.” Em muitas ocasiões públicas, ele expressou sua avaliação ponderada de sua perspicácia literária e sabedoria filosófica: “Ela é a melhor editora do país; talvez em qualquer lugar. Exceto meu grande guru, Sri Yukteswar, não há ninguém com quem eu tenha gostado mais de conversar sobre filosofia indiana do que Laurie.”

Nos últimos anos de sua vida, Paramahansaji também começou a treinar outro discípulo monástico que escolheu para editar seus escritos: Mrinalini Mata. Gurudeva deixou claro para todos nós o papel para o qual ele a estava preparando, dando-lhe instruções pessoais em todos os aspectos de seus ensinamentos e em seus desejos para a preparação e apresentação de seus escritos e palestras.

Certo dia, perto do fim de sua vida na Terra, ele confidenciou: “Estou muito preocupado com Laurie. Sua saúde não permitirá que ela termine o trabalho em meus escritos.”

Conhecendo a grande confiança do Guru em Tara Mata, Mrinalini Mata expressou preocupação: “Mas Mestre, quem então pode fazer esse trabalho?”

Gurudeva respondeu com calma finalidade: “Você fará isso”.

Nos anos seguintes ao mahasamadhi de Paramahansaji em 1952, Tara

Mata foi capaz de continuar ininterruptamente a serialização na revista de seus comentários sobre cada verso do Bhagavad Gita (apesar de suas muitas tarefas demoradas como membro e oficial do Conselho de Administração e editora- chefe de todas as publicações da Self-Realization Fellowship). No entanto, como Paramahansaji havia previsto, ela faleceu antes que pudesse completar a preparação do manuscrito do Gita como ele pretendia. Esta tarefa recaiu então sobre os ombros de Mrinalini Mata. Ela é, como Guruji previu, a única pessoa após a morte de Tara Mata que poderia ter realizado isso adequadamente, por causa de seus anos de treinamento com o Guru e de sua sintonização com os pensamentos do Guru.

A publicação da tradução e dos comentários do Bhagavad Gita de Paramahansa Yogananda é o alegre cumprimento de muitos anos de expectativa. Na verdade, é um marco na história da Self-Realization Fellowship, que comemora este ano seu septuagésimo quinto aniversário.1

Paramahansa Yogananda teve um papel duplo nesta terra. Seu nome e atividades são identificados exclusivamente com a organização mundial que ele fundou: Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of India; e para aqueles milhares de pessoas que adotam seus ensinamentos de Kriya Yoga da SRF/YSS, ele é seu guru pessoal. Mas ele também é o que em sânscrito é chamado de jagadguru, um professor mundial, cuja vida e mensagem universal são uma fonte de inspiração e elevação para muitos seguidores de diferentes caminhos e religiões – o seu legado espiritual é uma bênção oferecida ao mundo inteiro.

Lembro-me de seu último dia na Terra, 7 de março de 1952. Gurudeva estava muito quieto, sua consciência interiormente retraída ainda mais do que o normal. Muitas vezes, naquele dia, nós, discípulos, observamos que seus olhos não estavam focados neste mundo finito, mas sim no reino transcendente da presença de Deus. Quando ele falou, foi em termos de grande afeto, apreço e bondade. Mas o que mais se destaca na minha memória foi a influência, percebida por todos que entravam em seu quarto, das vibrações de profunda paz e intenso amor divino que dele emanavam. A própria Mãe Divina – aquele aspecto do Espírito Infinito personificado como o terno cuidado e compaixão, o amor incondicional, que é a salvação

do mundo – parecia ter tomado posse completa dele, e através dele estava enviando ondas de amor. para abraçar toda a Sua criação.

Naquela noite, durante uma grande recepção em homenagem ao Embaixador da Índia, na qual Paramahansaji foi o orador principal, o grande Guru deixou seu corpo para a Onipresença.

Tal como acontece com todas aquelas almas raras que vieram à Terra como salvadores da humanidade, a influência de Paramahansaji continua viva depois dele. Seus seguidores o consideram um Premavatar, encarnação do amor divino de Deus. Ele veio com o amor de Deus para despertar os corações adormecidos no esquecimento de seu Criador e para oferecer um caminho de iluminação àqueles que já o buscavam. Ao revisar o manuscrito do Gita, senti novamente nos comentários de Paramahansaji o magnetismo do amor divino que sempre nos chama a buscar Deus, a Meta Suprema de toda alma humana, e que promete sua presença protetora ao longo de todo o caminho.

Ouço repetidas vezes, ecoando em minha própria alma, a consumada Oração Universal de Paramahansa Yogananda – aquela que talvez mais caracterize a força por trás de sua missão mundial e sua inspiração ao nos dar esta revelação esclarecedora do sagrado Bhagavad Gita:

Pai Celestial, Mãe, Amiga, Deus Amado,
Que Teu amor brilhe para sempre no santuário de minha devoção,
e que eu possa despertar o Teu amor em todos os corações.

Os anjos
19 de setembro de 1995

OceanoofPDF. com

INTRODUÇÃO

O Bhagavad Gita é a escritura mais amada da Índia, uma escritura das escrituras. É o Santo Testamento, ou Bíblia, dos hindus, o único livro do qual todos os mestres dependem como fonte suprema de autoridade bíblica. Bhagavad Gita significa “Canção do Espírito”, a comunhão divina de realização da verdade entre o homem e seu Criador, os ensinamentos do Espírito através da alma, que devem ser cantados incessantemente.

A doutrina panteísta do Gita é que Deus é tudo. Seus versos celebram a descoberta do Absoluto, Espírito além da criação, como sendo também a Essência oculta de toda manifestação. A Natureza, com a sua infinita variedade e leis inexoráveis, é uma evolução da Realidade Singular através de uma ilusão cósmica: maya, o “Medidor Mágico” que faz o Um aparecer como muitos abraçando a sua própria individualidade – formas e inteligências existindo em aparente separação dos seus O Criador. Assim como um sonhador diferencia sua consciência única em muitos seres oníricos em um mundo onírico, também Deus, o Sonhador Cósmico, separou Sua consciência em todas as manifestações cósmicas, com almas individualizadas de Seu próprio Ser Único, dotadas da egoidade para sonhar suas vidas personalizadas. existências dentro do drama ordenado pela Natureza do Sonho Universal.

❖

O tema principal do Bhagavad Gita

❖

O tema principal em todo o Gita é que a pessoa deve ser um adepto de sannyasa, um renunciante desta egoidade enraizada através de avidya, a ignorância, dentro do eu físico do homem. Pela renúncia a todos os desejos provenientes do ego e de seus ambientes, que causam a separação entre o ego e o Espírito; e ao reunir-se com o Sonhador Cósmico através da meditação extática do yoga, o samadhi, o homem se desliga e, por fim, dissolve as forças compulsivas da Natureza que perpetuam a ilusória dicotomia entre o Ser e o Espírito. No samadhi, a ilusão do sonho cósmico termina e o ser onírico extático desperta em unidade com a consciência

cósmica pura do Ser Supremo – Bem-aventurança sempre existente, sempre consciente e sempre nova.

Esta realização de Deus não pode ser alcançada meramente lendo um livro, mas apenas meditando todos os dias na verdade acima de que a vida é uma variedade de entretenimento de filmes de sonho cheios dos perigos da dualidade – vilões do mal e aventuras heróicas com o bem; e pela profunda meditação iogue, unindo a consciência humana com a consciência cósmica de Deus. Assim, o Gita exorta o buscador à ação correta – física, mental e espiritual – em direção a esse objetivo. Viemos de Deus e nosso destino final é retornar para Ele. O fim e o meio para o fim é o yoga, a ciência atemporal da união com Deus.

O Gita é um guia espiritual tão abrangente que é declarado ser a essência dos pesados quatro Vedas, dos 108 Upanishads e dos seis sistemas da filosofia hindu. Somente pelo estudo intuitivo e compreensão desses tomos, ou então pelo contato com a Consciência Cósmica, pode-se compreender completamente o Bhagavad Gita. Na verdade, as verdades essenciais subjacentes de todas as grandes escrituras mundiais podem encontrar amizade comum na sabedoria infinita dos meros 700 versos concisos do Gita.

Todo o conhecimento do cosmos está contido no Gita. Extremamente profundo, mas expresso numa linguagem reveladora de beleza consoladora e simplicidade, o Gita foi compreendido e aplicado em todos os níveis do esforço humano e do esforço espiritual – abrigando um vasto espectro de seres humanos com as suas naturezas e necessidades díspares. Onde quer que alguém esteja no caminho de volta para Deus, o Gita lançará luz sobre esse segmento da jornada.

Origem Histórica do Gita

A arte revela a mente de um povo – um desenho rudimentar de uma seta sugere uma mente rudimentar – mas a literatura de uma civilização é uma indicação muito mais precisa de uma cultura. A literatura é o índice da mente de uma nação. A Índia preservou na sua literatura a sua civilização altamente evoluída que remonta a uma gloriosa idade de ouro. Desde a antiguidade sem data em que os

Vedas surgiram pela primeira vez, através de um grande desdobramento de versos e prosa exaltados subsequentes, os hindus deixaram a sua civilização não em monólitos de pedra ou edifícios em ruínas, mas numa arquitectura de escrita ornamental esculpida na eufónica linguagem do sânscrito. A própria composição do Bhagavad Gita – sua retórica, aliteração, dicção, estilo e harmonia – mostra que a Índia há muito passou por estados de crescimento material e intelectual e chegou a um pico elevado de espiritualidade.1

A idade e a autoria do Gita, tal como acontece com muitos dos escritos e escrituras antigas da Índia, continuam a ser um tema envolvente de investigação e disputa intelectual e académica. Seus versos são encontrados no sexto dos dezoito livros que constituem o grande poema épico da Índia, o Mahabharata, no Bhishma Parva, seções 23–40. Em 100.000 dísticos, este épico venerável - talvez o poema mais longo da literatura mundial - narra a história dos descendentes do rei Bharata, os Pandavas e Kauravas, primos cuja disputa por um reino foi a causa da guerra cataclísmica de Kurukshetra. O Bhagavad Gita, um diálogo sagrado sobre yoga entre Bhagavan Krishna – que era ao mesmo tempo um rei terreno e uma encarnação divina – e seu principal discípulo, o príncipe Pandava Arjuna, supostamente ocorre na véspera desta terrível guerra.

A autoria do Mahabharata, incluindo a porção do Gita, é tradicionalmente atribuída ao sábio iluminado Vyasa, cuja data não é definitivamente conhecida.2 Diz-se que os rishis védicos manifestaram sua imortalidade aparecendo diante da humanidade em diferentes épocas para desempenhar algum papel para elevação espiritual do homem. Assim, eles apareceram e reapareceram em vários momentos ao longo do extenso período de tempo abrangido pela revelação das escrituras da Índia, um fenômeno que confunde qualquer estudioso que confie mais nos fatos do que na fé, numa época não iluminada, na qual o homem aprendeu a usar apenas dez anos. por cento de sua capacidade cerebral, e isso é bastante estranho na maior parte. Quer esses imortais mantenham suas formas físicas como Mahavatar Babaji (conforme narrado na Autobiografia de um Iogue), ou permaneçam imersos no Espírito, eles emergem de tempos em tempos

em alguma expressão tangível para o homem.

Enquanto os seres divinos estiverem em um estado de unidade absoluta com o Espírito, como estava o Sábio Vyasa, eles não poderão registrar por escrito suas indescritíveis percepções espirituais. Essas almas Auto-realizadas têm que descer do estado de unidade do Espírito, que não está contaminado pela dualidade, para o estado de consciência humana, que é governado pela lei da relatividade, a fim de trazer a verdade à humanidade. Quando a pequena alma é abençoada para se fundir com o vasto oceano do Espírito bem-aventurado, ela toma cuidado para não perder sua identidade se quiser voltar e narrar suas experiências do Infinito para a iluminação do mundo.

A tradição envolve Vyasa em muitas obras literárias, principalmente como arranjador dos quatro Vedas, pelos quais ele é referido como Vedavyasa; compilador de Puranas, livros sagrados que ilustram o conhecimento védico através de contos históricos e lendários de avatares, santos e sábios, reis e heróis da Índia antiga; e autor do épico Mahabharata, que supostamente foi realizado sem parar em dois anos e meio de seus últimos anos passados em retiro isolado no Himalaia. Ele não apenas foi o autor do Mahabharata e de seu discurso sagrado do Gita, mas também demonstrou desempenhar um papel significativo de envolvimento nos eventos e assuntos dos Pandavas e Kauravas. Na verdade, ele é a origem paterna desses personagens principais através dos dois filhos que gerou, Pandu e Dhritarashtra.

O Gita é geralmente considerado anterior à era cristã. O testemunho do próprio Mahabharata é que a guerra de Kurukshetra ocorreu no final do Dwapara Yuga, quando o mundo estava prestes a descer para a Idade das Trevas ou Kali Yuga. (Os yugas, ou ciclos mundiais, são explicados no comentário sobre IV:1.) Tradicionalmente, muitos hindus fixaram o início da última Kali Yuga descendente em 3.102 a.C., situando assim a guerra de Kurukshetra descrita no Mahabharata algumas décadas antes. para isso.3 Estudiosos do Oriente e do Ocidente avançaram várias datas para os eventos do Mahabharata - alguns baseando suas estimativas em evidências arqueológicas e outros em referências no poema a fenômenos astronômicos

específicos, como eclipses, solstícios, posições de estrelas e conjunções planetárias. Por estes meios, as datas propostas para a guerra de Kurukshetra variam entre 6.000 a.C. até 500 a.C. – dificilmente um consenso definitivo!4

Não há nenhum esforço ou presunção nesta publicação para adicionar ao trabalho de pesquisadores acadêmicos e comentaristas que trabalharam longa e cuidadosamente para rotular e categorizar dados caros aos historiadores como autoria, prazos e factualidade de nomes, lugares e eventos. Estes têm o seu lugar necessário na biblioteca mundial de conhecimento, seja especulativo ou comprovado. Meu único propósito é falar da mensagem exotérica e esotérica – material e espiritual – do Bhagavad Gita com base na forma e na tradição em que nos foi transmitida a partir dos arquivos da verdade atemporal por sábios conhecedores de Deus. O que pode desafiar o escrutínio definitivo numa geração pode revelar-se bastante comum em épocas mais avançadas que reflectem aqueles tempos mais esclarecidos em que tais escrituras se originaram.

❖

Gita como história e como alegoria espiritual

❖

Os antigos escritos sagrados não distinguem claramente a história da simbologia; em vez disso, muitas vezes misturam os dois na tradição da revelação bíblica. Os profetas escolhiam exemplos da vida cotidiana e dos eventos de sua época e deles extraíam símiles para expressar verdades espirituais sutis. As profundezas divinas não seriam de outra forma concebíveis pelo homem comum, a menos que fossem definidas em termos comuns. Quando, como sempre faziam, os profetas bíblicos escreviam em metáforas e alegorias mais recônditas, era para ocultar das mentes ignorantes e espiritualmente despreparadas as mais profundas revelações do Espírito. Assim, numa linguagem de símile, metáfora e alegoria, o Bhagavad Gita foi escrito de forma muito inteligente pelo sábio Vyasa, entrelaçando fatos históricos com verdades psicológicas e espirituais, apresentando uma pintura verbal das tumultuosas batalhas internas que devem ser travadas tanto pelo material e o homem espiritual. Na dura casca da simbologia, ele escondeu os significados espirituais mais

profundos para protegê-los da devastação da ignorância da Idade das Trevas, para a qual a civilização estava descendo simultaneamente com o fim da encarnação de Sri Krishna na Terra.

Historicamente, à beira de uma guerra tão horrenda como a relatada no Mahabharata, é muito improvável que, como retrata o Gita, Krishna e Arjuna puxassem sua carruagem para o campo aberto entre os dois exércitos opostos em Kurukshetra e lá se envolvessem em um extenso discurso sobre yoga. Embora muitos dos principais eventos e pessoas no compêndio Mahabharata de fato tenham sua base em fatos históricos, sua apresentação poética no épico foi organizada de maneira conveniente e significativa (e maravilhosamente condensada na porção do Bhagavad Gita) com o propósito principal de expor o essência do Sanatana Dharma da Índia, Religião Eterna.

Ao interpretar as Escrituras, não se deve, portanto, ignorar os elementos factuais e históricos nos quais a verdade foi expressa. Deve-se distinguir entre uma ilustração comum de uma doutrina moral ou um relato de um fenômeno espiritual e uma intenção esotérica mais profunda. É preciso saber reconhecer os sinais da convergência das ilustrações materiais com as doutrinas espirituais, sem tentar extrair de tudo um significado oculto. É preciso saber como intuir as sugestões e expressar as declarações do autor e nunca extrair significados não intencionados, enganados pelo entusiasmo e pelo hábito imaginativo de tentar extrair significado espiritual de cada palavra ou declaração.

A verdadeira maneira de compreender as Escrituras é através da intuição, sintonizando-se com a compreensão interior da verdade.

—❖—

Uma nova revelação do Bhagavad Gita para o mundo moderno

Meu guru e paramgurus – Swami Sri Yukteswar, Lahiri Mahasaya e Mahavatar Babaji – são rishis da era atual, mestres que são escrituras vivas realizadas por Deus. Eles legaram ao mundo – juntamente com a técnica científica há muito perdida do Kriya Yoga – uma nova revelação do sagrado Bhagavad Gita, relevante principalmente para a ciência do yoga e para o Kriya Yoga em particular.5

Mahavatar Babaji, uno com Krishna em Espírito, através de sua graça transferiu intuitivamente o verdadeiro conhecimento do Bhagavad Gita para seu discípulo Lahiri Mahasaya - um Yogavatar, “Encarnação do Yoga” - através de quem ele reviveu para a humanidade a ciência do Kriya Yoga como a técnica de salvação para esta era. O próprio Lahiri Mahasaya nunca escreveu nenhum livro, mas suas exposições divinas das escrituras foram expressas através dos escritos de vários de seus discípulos avançados. Entre seus maiores discípulos, Swami Sri Yukteswar, Swami Pranabananda e Panchanon Bhattacharya registraram suas explicações do Gita. A primeira pequena edição do Bhagavad Gita com a interpretação de Lahiri Mahasaya foi publicada por Panchanon Bhattacharya, fundador da Arya Mission Institution, Calcutá. Mais tarde, meu guru Sri Yukteswarji – um Jnanavatar, “Encarnação da Sabedoria” – em sua maneira elaborada e incomparável, explicou os primeiros nove capítulos mais significativos do Gita de acordo com a interpretação de Lahiri Mahasaya.

Depois disso, o grande Swami Pranabananda, “o santo com dois corpos” (sobre quem escrevi em minha Autobiografia de um Iogue), trouxe uma interpretação surpreendente da interpretação de Lahiri Mahasaya de todo o Gita. O eminente iogue Bhupendra Nath Sanyal, a quem pessoalmente tenho grande estima, também publicou uma edição notável da interpretação do Gita de Lahiri Mahasaya. Tive a bênção de ser inspirado da maior maneira pela visão divina e método perceptivo de Lahiri Mahasaya para explicar o Gita, que aprendi primeiro com meu Mestre.

Através da ajuda de um guru realizado em Deus, aprende-se como usar o quebra-nozes da percepção intuitiva para quebrar a casca dura da linguagem e da ambiguidade para chegar aos cerne da verdade nos ditos bíblicos. Meu guru, Swami Sri Yukteswar, nunca me permitiu ler com mero interesse teórico qualquer estrofe do Bhagavad Gita (ou os aforismos de Patanjali, o maior expoente do Yoga na Índia). O Mestre me fez meditar nas verdades das escrituras até me tornar um com elas; então ele os discutia comigo.6 Certa vez, quando, em meu entusiasmo, apressei o Mestre a me ensinar mais rápido, ele me repreendeu severamente: “Vá e termine de ler o Gita; por que veio estudar comigo?” Quando me acalmei, tendo acalmado

minha ansiedade intelectual, ele me disse para me colocar em relacionamento com Deus conforme manifestado em Krishna, Arjuna e Vyasa quando a mensagem do Gita fosse revelada através deles.

Dessa forma, durante aqueles preciosos anos na abençoada companhia do Mestre, ele me deu a chave para desvendar o mistério das Escrituras. (Foi com ele que também aprendi como me colocar em sintonia com Cristo para interpretar suas palavras como Ele queria que fossem compreendidas.) O exemplo do Mestre foi seu guru, Lahiri Mahasaya. Quando discípulos e estudantes procuravam instruções do Yogavatar, ele costumava fechar os olhos e ler em voz alta o livro da realização da sua alma. Sri Yuktéswar fez o mesmo; e esse método é o que ele me ensinou. Sou grato ao Mestre por isso, pois dentro da alma existe uma fonte de realização infinita, que eu não poderia ter adquirido em toda a minha vida através do estudo intelectual. Agora, quando toco minha caneta, ou olho para dentro e falo, isso vem em ondas ilimitadas.

O Mestre também me ensinou a simbologia específica apenas nos primeiros versos do Capítulo I do Gita e em alguns aforismos relacionados de Patanjali. Quando ele viu que eu havia dominado essas coisas através de suas instruções e do desenvolvimento da minha percepção intuitiva nascida da meditação, ele se recusou a me ensinar mais. No início, ele predisse meu trabalho para interpretar o Gita. O Mestre me disse: “Você não quer compreender e explicar o Gita de acordo com seus próprios conceitos ou com as distorções do intelecto. Você deseja interpretar para o mundo o diálogo real entre Krishna e Arjuna conforme percebido por Vyasa e revelado a você.”

Este Bhagavad Gita que ofereço ao mundo, Deus Fala Com Arjuna, é um comentário espiritual da comunhão que ocorre entre o Espírito onipresente (simbolizado por Krishna) e a alma do devoto ideal (representado por Arjuna). Cheguei à compreensão espiritual expressa nestas páginas pela sintonia com Vyasa e pela percepção do Espírito como o Deus da criação, relacionando a sabedoria com o Arjuna desperto dentro de mim. Tornei-me a alma de Arjuna e comungei com o Espírito; deixe o resultado falar por si. Não estou dando uma interpretação, mas narrando o

que percebi enquanto o Espírito derramava Sua sabedoria na intuição devocional de uma alma sintonizada nos vários estados de êxtase.

Muitas verdades enterradas no Gita durante gerações estão sendo expressas em inglês pela primeira vez através de mim. E novamente reconheço que devo muito aos meus paramgurus, Mahavatar Babaji e Lahiri Mahasaya, e ao meu Gurudeva, por suas revelações, que inspiraram o nascimento de uma nova apresentação do Gita; e acima de tudo, à sua graça em abençoar meu empreendimento. Este trabalho não é meu; pertence a eles e a Deus, Krishna, Arjuna e Vyasa.

A Alegoria Espiritual Escondida no Gita

Todos os eventos e toda a sabedoria estão permanentemente registrados no superéter da onisciência, o registro akáshico (etérico). Eles podem ser contatados diretamente por qualquer sábio avançado, em qualquer clima e idade. Assim, todo o período da história da dinastia do Rei Bharata pôde ser percebido plenamente por Vyasa quando mais tarde ele concebeu o Mahabharata e decidiu escrever o épico como uma metáfora espiritual baseada em fatos e pessoas históricas.

O fato de as instruções e revelações do Bhagavad Gita serem atribuídas a Bhagavan Krishna, embora provavelmente não proferidas por ele como um discurso no meio de um campo de batalha, está de acordo com a missão terrena encarnada de Krishna como Yogeshvara, “Senhor do Yoga”. .” No Capítulo IV, Krishna proclama seu papel na divulgação da eterna ciência do yoga. A sintonização de Vyasa com Krishna qualificou-o a compilar, a partir de sua própria realização interior, as sagradas revelações de Sri Krishna como um discurso divino, e a apresentá-lo simbolicamente como um diálogo entre Deus e um devoto ideal que entra no profundo estado extático de comunhão interior.

Vyasa, sendo uma alma liberada, sabia como o devoto consumado, Arjuna, encontrou a liberação através de Krishna; como, seguindo a ciência do yoga que lhe foi transmitida por seu sublime guru, Arjuna foi libertado por Deus. Como tal, Vyasa poderia escrever isso como um diálogo entre a alma e o Espírito na forma do Bhagavad Gita.

Assim, quando encontramos no Gita Bhagavan (Deus) falando com Arjuna, devemos perceber que Deus está revelando essas verdades através da intuição do devoto receptivo (Arjuna). Sempre que Arjuna faz perguntas a Deus, deve-se entender que o devoto que medita, por meio de pensamentos silenciosos, está em comunhão com Deus. Qualquer devoto avançado pode traduzir em palavras de qualquer idioma a silenciosa comunhão intuitiva entre sua alma e Deus; então Vyasa reproduziu a experiência interna entre sua alma e Deus como o diálogo do Bhagavad Gita entre a alma desperta de Arjuna e seu onipresente preceptor, o Deus encarnado Krishna.

Ficará evidente para o leitor, após uma leitura cuidadosa da chave de algumas estrofes do primeiro capítulo, que o contexto histórico de uma batalha e os competidores nela foram usados com o propósito de ilustrar a batalha espiritual e psicológica que ocorre entre os atributos. do intelecto puro discriminativo em sintonia com a alma e da mente cega e apaixonada pelos sentidos sob a influência ilusória do ego. Em apoio a esta analogia, é mostrada uma correspondência exata entre os atributos materiais e espirituais do homem, conforme descritos por Patanjali em seus Ioga Sutras, e os competidores em guerra citados no Gita: o clã de Pandu, representando a Inteligência Pura; e a do rei cego Dhritarashtra, representando a Mente Cega com seus descendentes de tendências sensoriais perversas.

❖

Significado triplo do Gita: material, astral, espiritual

❖

Tal como acontece com a maioria das escrituras - que pretendem ser uma fonte de inspiração para a sociedade, para os materialistas e moralistas, e para as pessoas que buscam Deus e a iluminação espiritual - o Bhagavad Gita tem uma leitura tripla: material, astral e espiritual, aplicável ao homem em todos os níveis de seu ser, seu corpo, mente e alma. O homem encarnado está envolto num corpo físico de matéria inerte, que é animado por um corpo astral interno sutil de energia vital e poderes sensoriais; e tanto seu corpo astral quanto seu corpo físico evoluíram de um corpo causal de consciência, que é a fina cobertura que dá existência e forma individual à alma. Nesta visão geral, a interpretação material do Gita

refere-se aos deveres físicos e sociais e ao bem-estar do homem. O astral é do ponto de vista moral e psicológico - o caráter do homem resultante dos princípios sensoriais e de energia vital nascidos da Natureza astral que influenciam a formação de hábitos, inclinações e desejos. E a interpretação espiritual é da perspectiva da natureza divina e da realização da alma.

Portanto, embora eu tenha enfatizado os aspectos espirituais do Bhagavad Gita, a importância material e psicológica também foi interligada para enfatizar a necessidade da aplicação prática da sabedoria do Gita em todas as fases da vida. A verdade é de benefício total para o homem; não é para encadernar uma capa atraente para ser reverentemente consagrado em uma estante!

—❖—

Bhagavan Krishna: O Cristo da Índia

A figura chave do Bhagavad Gita é, obviamente, Bhagavan Krishna. O Krishna histórico está envolto no mistério da metáfora e da mitologia das escrituras. Semelhanças nos títulos “Krishna” e “Cristo” e nas histórias do nascimento milagroso e início da vida de Krishna e Jesus levaram algumas mentes analíticas a propor que eles eram de fato a mesma pessoa. Esta ideia pode ser totalmente rejeitada, mesmo com base em escassas evidências históricas nos países de sua origem.

No entanto, existem algumas semelhanças. Ambos foram concebidos divinamente, e seus nascimentos e missões ordenadas por Deus foram preditos. Jesus nasceu numa humilde manjedoura; Krishna, em uma prisão (onde seus pais, Vasudeva e Devaki, foram mantidos em cativeiro pelo perverso irmão de Devaki, Kansa, que usurpou o trono de seu pai). Tanto Jesus quanto Krishna foram levados com sucesso para um local seguro, após um decreto de morte para todos os bebês do sexo masculino, destinado a procurá-los e destruí-los ao nascer. Jesus foi referido como o bom pastor; Krishna em seus primeiros anos era um pastor de vacas. Jesus foi tentado e ameaçado por Satanás; a força maligna perseguiu Krishna em formas demoníacas, procurando, sem sucesso, matá-lo.

“Cristo” e “Krishna” são títulos que têm a mesma conotação espiritual: Jesus, o Cristo, e Yadava, o Krishna (Yadava, nome de família de Krishna,

significa sua descendência de Yadu, precursor da dinastia Vrishni). Estes títulos identificam o estado de consciência manifestado por estes dois seres iluminados, a sua unidade encarnada com a consciência de Deus omnipresente na criação. A Consciência Crística Universal ou Kutastha Chaitanya, Consciência Universal de Krishna, é “o filho unigênito” ou o único reflexo não distorcido de Deus que permeia cada átomo e ponto do espaço no cosmos manifestado. A plena medida da consciência de Deus se manifesta naqueles que têm plena realização da Consciência de Cristo ou de Krishna. Como a sua consciência é universal, a sua luz é derramada sobre todo o mundo.7

Um siddha é um ser aperfeiçoado que alcançou a liberação completa no Espírito; ele se torna um paramukta, “extremamente livre”, e pode então retornar à terra como um avatara – como fizeram Krishna, Jesus e muitos outros salvadores da humanidade através dos tempos.8 Sempre que a virtude declina, uma alma iluminada por Deus surge. terra para trazer a virtude novamente à tona (Gita IV:7–8). Um avatar, ou encarnação divina, tem dois propósitos na terra: quantitativo e qualitativo. Quantitativamente, ele eleva a população em geral com seus nobres ensinamentos do bem contra o mal. Mas o propósito principal de um avatar é qualitativo – criar outras almas realizadas em Deus, ajudando o maior número possível de pessoas a alcançar a libertação. Este último é o vínculo espiritual muito pessoal e privado formado entre guru e discípulo, uma união de esforço espiritual leal por parte do discípulo e bênçãos divinas concedidas pelo guru. Os estudantes são aqueles que recebem apenas um pouco de luz da verdade. Mas os discípulos são aqueles que seguem completa e firmemente, dedicados e dedicados, até encontrarem a sua própria liberdade em Deus. No Gita, Arjuna é o símbolo do devoto ideal, do discípulo perfeito.

Quando Sri Krishna encarnou na terra, Arjuna, um grande sábio em sua vida anterior, nasceu também para ser seu companheiro. Os grandes sempre trazem consigo associados espirituais de vidas passadas para ajudá-los em sua missão atual. O pai de Krishna era irmão da mãe de Arjuna; assim, Krishna e Arjuna eram primos – parentes de sangue, mas unidos por uma unidade espiritual ainda mais forte.

❖

A vida divina do Senhor Krishna

❖

Sri Krishna foi criado em um ambiente pastoral em Gokula e nas proximidades de Brindaban, às margens do rio Yamuna, tendo sido secretamente carregado para lá por seu pai Vasudeva imediatamente após seu nascimento para Devaki na prisão em Mathura. (Milagrosamente, as portas trancadas se abriram e os guardas caíram em profundo estupor, permitindo que o bebê fosse carregado com segurança para seu lar adotivo.) Seus pais adotivos eram o gentil pastor de vacas Nanda e sua amorosa esposa Yasoda. Quando criança em Brindaban, Krishna surpreendeu a todos com sua sabedoria precoce e demonstração de poderes incríveis. Sua alegria interior freqüentemente explodia em explosões travessas – para diversão e deleite, e às vezes consternação, daqueles a quem sua diversão era dirigida.

Um desses incidentes foi a causa da revelação a Yasoda da natureza divina da criança que ela estava criando. O bebê Krishna adorava roubar e consumir o queijo feito pelas leiteiras. Uma vez ele encheu tanto as bochechas que Yasoda temeu que ele engasgasse, então ela correu para abrir sua boca empanturrada. Mas em vez de queijo (relatos populares dizem que ele comeu lama), ela contemplou em sua boca aberta todo o universo – o corpo infinito (vishvarupa) do Criador – incluindo sua própria imagem. Impressionada, ela se afastou da visão cósmica, feliz por ver e abraçar mais uma vez seu querido filhinho.

Belo em forma e feições, irresistível em charme e comportamento, uma personificação do amor divino, dando alegria a todos, o jovem Krishna era amado por todos na comunidade e um líder fascinante e amigo de seus companheiros de infância, os gopas e gopis. , que com ele cuidava dos rebanhos de vacas da aldeia nos arredores silvestres.

O mundo, viciado nos sentidos como único meio de gratificação, pouco consegue compreender a pureza do amor e da amizade divinos que não carregam qualquer mancha de expressão ou desejo carnal. É absurdo interpretar literalmente os supostos flertes de Sri Krishna com as gopis. O simbolismo é o da unidade do Espírito e da Natureza, que ao dançarem juntos na criação proporciona uma lila divina, uma brincadeira, para

entreter as criaturas de Deus. Sri Krishna, com as melodias encantadoras de sua flauta celestial, está chamando todos os devotos ao caramanchão da união divina na meditação samadhi, para ali se deleitarem no amor bem-aventurado de Deus.

OceanoofPDF. com

ॐ

Com seus pensamentos totalmente em Mim, seus seres rendidos a Mim, iluminando-se uns aos outros, proclamando-Me sempre, Meus devotos estão contentes e alegres.

—Bhagavad Gita X:9

"Todas as vezes que a virtude declina, uma alma iluminada por Deus vem à terra para trazer a virtude novamente à tona.

"Quando criança, em Brindaban, Krishna surpreendeu a todos com sua sabedoria precoce e demonstração de poderes incríveis... Belo em forma e feição, irresistível em charme e comportamento, uma personificação do amor divino, dando alegria a todos, o jovem menino Krishna era amado por todos na comunidade, e um líder fascinante e amigo de seus companheiros de infância, os gopas e gopis, que com ele cuidavam dos rebanhos de vacas da aldeia nos arredores silvestres...Sri Krishna, com as melodias encantadoras de seu flauta celestial, está chamando todos os devotos para o caramanchão da união divina na meditação samadhi, para se deleitarem no amor abençoado de Deus.

—Paramahansa Yogananda

Parece que Krishna era pouco mais que um menino quando chegou a hora de deixar Brindaban em cumprimento ao propósito de sua encarnação: ajudar os virtuosos a conter o mal. Seu primeiro feito – entre muitas façanhas heróicas e milagrosas – foi a destruição do perverso Kansa e a libertação de seus pais Vasudeva e Devaki da prisão. Depois disso, ele e seu irmão Balarama foram enviados por Vasudeva para serem educados no ashram do grande sábio Sandipani.

De nascimento real, quando adulto, Sri Krishna cumpriu seus deveres reais, engajando-se em muitas campanhas contra os reinados de governantes malignos. Ele estabeleceu a capital de seu próprio reino em Dwarka, em uma ilha offshore no estado ocidental de Gujarat. Grande parte de sua vida está interligada com a dos Pandavas e dos Kauravas, cuja capital ficava no centro-norte da Índia, perto da atual cidade de Delhi. Ele participou de muitos de seus assuntos seculares e espirituais como aliado e conselheiro; e foi particularmente significativo na guerra de Kurukshetra entre Pandus e Kurus.

Quando Sri Krishna completou sua missão divinamente ordenada na Terra, ele retirou-se para a floresta. Lá ele abandonou seu corpo como resultado de um ferimento acidental infligido por uma flecha disparada pelo arco de um caçador que o confundiu com um cervo enquanto ele descansava em uma clareira – um evento que havia sido predito como a causa de sua saída da terra.

❖

Significado da vida de Krishna para o mundo moderno

❖

No Bhagavad Gita nossa atenção está focada no papel de Sri Krishna como guru e conselheiro de Arjuna, e na sublime mensagem de yoga que ele pregou como preceptor ao mundo – o caminho da atividade correta e da meditação para a comunhão e salvação divina – o caminho da atividade correta e da meditação para a comunhão e salvação divinas. cuja sabedoria o entronizou nos corações e mentes dos devotos ao longo dos tempos.

Ouvimos falar de ascetas santos, ou profetas nas florestas ou em locais isolados, que eram homens apenas de renúncia; mas Sri Krishna foi um dos maiores exemplos de divindade, porque viveu e se manifestou como um Cristo e ao mesmo tempo desempenhou os deveres de um nobre rei. A sua vida demonstra o ideal não de renúncia à acção - que é uma doutrina conflitante para o homem circunscrito por um mundo cujo fôlego vital é a actividade - mas antes a renúncia aos desejos que prendem a terra pelos frutos da acção.

Sem trabalho, a civilização humana seria uma selva de doenças, fome e confusão. Se todas as pessoas do mundo abandonassem as suas civilizações materiais e vivessem nas florestas, as florestas teriam então de ser transformadas em cidades, caso contrário os habitantes morreriam por falta de saneamento. Por outro lado, a civilização material está cheia de imperfeições e miséria. Que solução possível pode ser defendida?

A vida de Krishna demonstra sua filosofia de que não é necessário fugir das responsabilidades da vida material. O problema pode ser resolvido trazendo Deus aqui onde Ele nos colocou. Não importa qual seja o nosso ambiente, na mente onde reina a comunhão com Deus, o Céu deve vir.

O apego a cada vez mais dinheiro, o mergulho mais profundo num trabalho mais prolongado com apego ou cegueira, produzirá miséria. No entanto, a mera renúncia externa às coisas materiais, se alguém ainda nutre um apego interior a elas, leva apenas à hipocrisia e à ilusão. Para evitar as armadilhas dos dois extremos, a renúncia ao mundo ou o afogamento na vida material, o homem deve treinar a sua mente através da meditação constante, de modo a poder realizar as ações zelosas necessárias da sua vida diária e ainda manter a consciência de Deus interiormente. Esse é o exemplo dado pela vida de Krishna.

A mensagem de Sri Krishna no Bhagavad Gita é a resposta perfeita para a era moderna e para qualquer época: Yoga da ação obediente, do desapego e da meditação para a realização de Deus. Trabalhar sem a paz interior de Deus é Hades; e trabalhar com Sua alegria sempre borbulhando na alma é carregar dentro de si um paraíso portátil, onde quer que se vá.

O caminho defendido por Sri Krishna no Bhagavad Gita é o caminho

moderado, médio e dourado, tanto para o homem ocupado do mundo quanto para o aspirante espiritual mais elevado. Seguir o caminho defendido pelo Bhagavad Gita seria a sua salvação, pois é um livro de Auto-realização universal, apresentando ao homem o seu verdadeiro Eu, a alma - mostrando-lhe como ele evoluiu a partir do Espírito, como ele pode realizar-se na terra. seus justos deveres e como ele pode retornar para Deus. A sabedoria do Gita não é que intelectualistas áridos realizem ginástica mental com seus ditos para entretenimento de dogmáticos; mas sim mostrar a um homem ou mulher que vive no mundo, chefe de família ou renunciante, como viver uma vida equilibrada que inclua o contato real com Deus, seguindo os métodos passo a passo do yoga.

O conto épico dos Kurus e Pandus

Como pano de fundo para esta exposição do Gita, a longa história do altamente simbólico Mahabharata, no qual o discurso de Krishna-Arjuna se passa, não precisa ser recontada. Mas um breve resumo abordando alguns dos principais personagens e eventos fornecerá uma base para mostrar a intenção alegórica do autor Vyasa.

A história do Mahabharata começa três gerações antes da época de Krishna e Arjuna, na época do rei Shantanu. A primeira rainha de Shantanu foi Ganga (personificação do rio sagrado Ganges); ela deu à luz oito filhos, mas os primeiros sete foram retirados por ela, imersos nas águas sagradas do Ganges. O oitavo filho foi Bhishma. A pedido de Shantanu, Bhishma foi autorizado a permanecer no mundo; mas, em consequência, Ganga mergulhou na corrente sagrada da qual ela havia sido personificada. Com o tempo, Shantanu casou-se com sua segunda rainha, Satyavati, e através dela gerou dois filhos - Chitrangada e Vichitravirya; ambos morreram sem produzir descendentes: Chitrangada ainda menino, e Vichitravirya deixando duas rainhas viúvas, Ambika e Ambalika.

Antes de se casar com Shantanu, Satyavati foi criada como filha de um pescador; ela foi amaldiçoada a cheirar tão mal a peixe que ninguém poderia se aproximar dela, muito menos considerá-la uma perspectiva de casamento. Com pena dela por sua situação, o sábio Parasara a abençoou não apenas com um filho - que não era outro senão Vyasa - mas também

com o fato de que depois disso ela ficou radiante com a beleza e a fragrância dos lótus. Portanto, Vyasa era meio-irmão de Vichitravirya. Para que a sucessão ao trono não fosse encerrada porque não havia sucessor para Vichitravirya, foi invocada a lei do país segundo a qual um irmão poderia produzir descendência em nome de um irmão sem filhos. Vyasa foi persuadido a cumprir este papel: de Ambika nasceu Dhritarashtra, cego de nascença; e de Ambalika nasceu Pandu. Dhritarashtra casou-se com Gandhari – que, por respeito ao marido cego, vendou os próprios olhos e assim compartilhou sua escuridão ao longo de sua vida juntos. Eles tiveram cem filhos; Duryodhana, o mais velho, com o tempo tornou-se rei-regente em nome de seu pai cego. De sua segunda esposa, Vaishya, Dhritarashtra teve outro filho.

❖

Parentesco divina dos irmãos Pandava

❖

Pandu tinha duas esposas, Kunti (irmã de Vasudeva, pai de Krishna) e Madri. Pela morte acidental de um sábio durante uma expedição de caça, Pandu foi amaldiçoado de que se abraçasse uma mulher ele morreria. Parecia, portanto, que ele e suas duas rainhas permaneceriam sem filhos. Mas Kunti então revelou que antes de seu casamento com Pandu ela havia recebido a bênção de um poder milagroso: Impressionada por sua piedade e serviço devocional, um sábio concedeu-lhe cinco mantras com os quais ela poderia receber descendência de qualquer deus que ela escolhesse invocar. Quando Kunti contou a Pandu sobre seus mantras, ele implorou que ela os usasse. Ela deu à luz três filhos para Pandu: Yudhisthira, Bhima e Arjuna por invocar respectivamente os devas Dharma, Vayu e Indra. Como Pandu desejava que Madri também tivesse um filho, ele pediu a Kunti que lhe desse o mantra sagrado restante.9 Tendo obtido o mantra, Madri invocou os devas gêmeos, os Ashvins, e assim recebeu filhos gêmeos, Nakula e Sahadeva.

Os cinco príncipes Pandavas e os cem descendentes Kauravas foram criados e educados juntos, recebendo a tutela de seu preceptor Drona. Arjuna superou todos eles em destreza; ninguém poderia se igualar a ele. O ciúme e a inimizade cresceram entre os Kauravas contra os Pandus.

Duryodhana se ressentiu da posição de Yudhisthira como legítimo herdeiro do trono, então ele conspirou repetidamente, mas sem sucesso, para destruir os Pandus.

Em uma elaborada cerimônia chamada svayamvara, realizada pelo Rei Drupada para escolher um marido para sua filha Draupadi, Drupada impôs a condição de que a mão de sua filha fosse dada apenas ao príncipe que pudesse dobrar um arco gigantesco fornecido para a ocasião, e com atingiu o olho de um alvo habilmente escondido e suspenso. Príncipes de longe e de perto tentaram e não conseguiram erguer o arco. Arjuna teve sucesso facilmente. Quando os cinco Pandus voltaram para casa, sua mãe Kunti, ouvindo sua aproximação à distância e presumindo que eles haviam ganhado alguma riqueza, gritou para eles que deveriam dividir igualmente seus ganhos. Como a palavra da mãe deve ser honrada, Draupadi tornou-se esposa de todos os cinco irmãos. Ela deu à luz um filho de cada um.

❖

Duryodhana rouba o reino dos Pandavas

❖

Com o tempo, a disputa entre os Kurus e Pandus sobre o governo do reino atingiu o clímax. Duryodhana, consumido por um desejo ciumento de supremacia, arquitetou um esquema astuto: um jogo de dados fraudulento. Através de uma trama inteligente arquitetada por Duryodhana e seu tio malvado Shakuni, que era um adepto de trapaças e enganos, Yudhisthira foi derrotado lance após lance, finalmente perdendo seu reino, depois ele mesmo e seus irmãos, e então sua esposa Draupadi. Assim Duryodhana roubou dos Pandus seu reino e os enviou para o exílio na floresta por doze anos, e para viver um décimo terceiro ano disfarçados, sem serem reconhecidos. Depois disso, se sobrevivessem, poderiam retornar e reivindicar seu reino perdido. No tempo previsto, o bom Pandus, tendo cumprido todas as condições de seu exílio, retornou e exigiu seu reino; mas os Kurus recusaram-se a ceder um pedaço de terra tão longo e largo quanto uma agulha.

Quando a guerra se tornou inevitável, Arjuna para os Pandus e Duryodhana para os Kurus buscaram a ajuda de Krishna em sua causa. Duryodhana chegou primeiro ao palácio de Krishna e sentou-se

corajosamente na cabeceira do sofá em que Krishna estava descansando, fingindo dormir. Arjuna chegou e permaneceu humildemente com as mãos postas aos pés de Krishna. Quando o avatar abriu os olhos, foi Arjuna quem ele viu primeiro. Ambos pediram que Krishna ficasse do lado deles na guerra. Krishna afirmou que um lado poderia ter seu enorme exército e o outro lado poderia ter a si mesmo como conselheiro pessoal - embora ele não pegasse em armas no combate. Arjuna recebeu a primeira escolha. Sem hesitação ele escolheu sabiamente o próprio Krishna; o ganancioso Duryodhana regozijou-se ao ser premiado com o exército.

Antes da guerra, Krishna serviu como mediador para tentar resolver a disputa amigavelmente, viajando de Dwarka até a capital Kuru, Hastinapura, para persuadir Dhritarashtra, Duryodhana e os outros Kurus a restaurarem aos Pandavas seu reino legítimo. Mas mesmo ele não conseguiu convencer Duryodhana, louco por poder, e seus seguidores a aceitar uma resolução justa, e a guerra foi declarada; o campo de conflito era Kurukshetra. O primeiro verso do Bhagavad Gita começa na véspera desta batalha.

No final foi uma vitória dos Pandus. Os cinco irmãos reinaram nobremente sob a realeza do mais velho, Yudhisthira, até que no final de suas vidas eles se retiraram para o Himalaia e lá entraram no reino celestial.

Simbolismo Espiritual da História do Mahabharata

Agora, para o simbolismo. Como será visto no comentário do Gita a seguir, a descendência genealógica dos Kurus e Pandus de Shantanu é paralela, em analogia, à descida passo a passo do universo e do homem do Espírito para a matéria. O diálogo do Gita preocupa-se com o processo pelo qual essa descida pode ser revertida, permitindo ao homem reascender da consciência limitada de si mesmo como um ser mortal para a consciência imortal do seu verdadeiro Eu, a alma, una com o Espírito infinito.

A genealogia está diagramada no gráfico “Cronologia da Criação, Simbolizada na Genealogia dos Kurus e Pandus”, juntamente com o significado espiritual dos vários personagens conforme foi transmitido por Lahiri Mahasaya. Esses significados esotéricos não são arbitrários. Ao

explicar o significado interno de palavras e nomes, a chave primária é procurá-los na raiz original do sânscrito. Erros terríveis são cometidos nas definições de termos sânscritos se não houver capacidade intuitiva de chegar à raiz correta e depois decifrar o significado correto dessa raiz de acordo com seu uso no momento da origem da palavra.10 Quando a base está corretamente estabelecido, pode-se então também extrair significado das várias fontes relativas ao significado comum das palavras e à maneira específica como foram usadas para formar um pensamento conectivo convincente.

É notável como o autor deste grande Bhagavad Gita revestiu cada tendência ou faculdade psicológica, bem como muitos princípios metafísicos, com um nome adequado. Cada palavra, que linda! Cada palavra crescendo de uma raiz sânscrita! Seria necessária uma proliferação de páginas para aprofundar-se no sânscrito subjacente às metáforas – o que é tedioso para todos, exceto para as mentes eruditas. Mas de vez em quando dei alguns exemplos baseados em parte nas explicações aprendidas com meu guru Sri Yukteswar.

Os princípios criativos do universo e a própria criação são deformações do Espírito Infinito que se tornou Deus, o Pai da Criação. Alegoricamente, Shantanu é Para-Brahman, Deus, o Pai da Criação, a Fonte transcendental e imutável e a Essência da criação, a Única Realidade que sustenta as forças, formas e seres que evoluem a partir de Sua consciência cósmica. A primeira expressão desta evolução se dá através da inteligência e da força vibratória criativa que emana Dele, representada por Suas duas consortes, Ganga e Satyavati.

❖

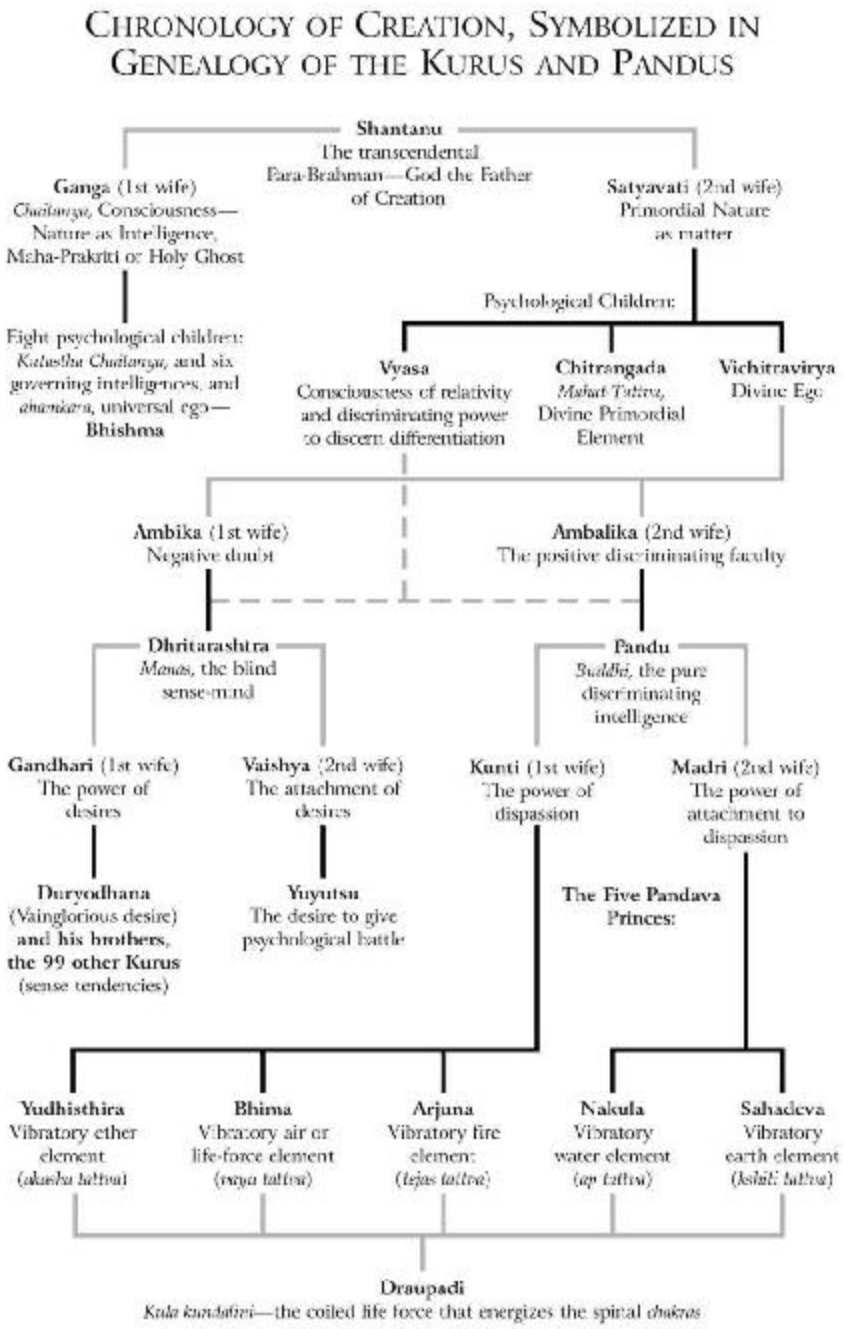
As oito inteligências do Espírito presentes em toda a criação

❖

Ganga é o aspecto espiritual, Chaitanya ou Consciência, Natureza como Inteligência, Maha-Prakriti ou Espírito Santo – a consciência de Deus que quando diferenciada se torna oito inteligências, ou “oito filhos”: Kutastha Chaitanya, o Espírito Universal Imutável brilhando em todo o universo; seis inteligências governando as três manifestações macrocósmicas (em massa) e as três manifestações microcósmicas

(unidades individuais) dos universos causal, astral e físico; e Abhasa Chaitanya, o Espírito refletido. Este último é um reflexo do Espírito Universal (Kutastha Chaitanya) lançado sobre todos os objetos materiais individuais; com isso, eles ficam energizados, espiritualizados. A matéria neste estado espiritualizado torna-se consciente de uma existência separada, dotada de mente, intelecto e consciência. Esta autoconsciência é ahamkara, ego universal, a aparente dicotomia entre Espírito e matéria por individualização. Este aspecto da Inteligência Espiritual refletida é representado como Bhishma, sobre cujo papel no Gita Sri Yukteswar escreveu: “Ele é chamado Kuruvriddha, ('o Kuru Idoso' - I:12) porque ele é o homem mundano veterano11 e existe desde então. criação. Se não fosse por ele, nossas estreitas idéias e atividades mundanas não teriam qualquer tendência a funcionar. Todo o mundo criado baseia-se apenas nesta força individualista.”

OceanoofPDF. com



O Espírito permanece assim na criação em sete formas ou inteligências universais, mas oculto da consciência comum, “afogado” pelo Ganga na corrente universal. Somente Abhasa Chaitanya, Espírito refletido, o oitavo descendente, permanece manifestado neste mundo, trabalhando e

energizando as tendências grosseiras da mente; no entanto, mantém uma indiferença quanto ao resultado dos acontecimentos. (Conseqüentemente, Bhishma renuncia ao seu direito ao trono de Shantanu e faz o voto de nunca se casar. Ele ama, e por sua vez é reverenciado pelos Kurus e Pandus como seus Avôs.) O ego é nobre ou degradado apenas quando expressa sua vontade. natureza pura da individualidade divina (consciência da alma expressando-se através do instrumento corporal) ou conforme ela se enreda com as inclinações grosseiras da mente sensorial (ver Bhishma em I:8).

Assim como Ganga é o aspecto espiritual ou consciente da Natureza como Inteligência, Satyavati é o aspecto da Natureza Primordial como matéria. De Satyavati evoluem as forças que se fundem em um universo manifestado e seus seres sensoriais, pensantes e ativos. Aqui a primeira expressão, ou descendência, é Vyasa: Para conceber a criação, Deus deve encobrir Sua consciência na relatividade, ou seja, a Realidade Singular deve projetar a ideia de dualidade e o poder discriminativo para perceber e discernir a diferenciação; este é Vyasa, alegoricamente.

❖

A evolução da criação manifestada e de seus seres da Natureza Primordial

❖

Os outros dois filhos de Satyavati são Chitrangada e Vichitravirya: Elemento Primordial Divino e Ego Divino, respectivamente. De acordo com a filosofia Sankhya (ver II:39 e XIII:5-6), o primeiro dos vinte e quatro princípios da criação é referido como mahat-tattva (o elemento primordial), a consciência mental inclusiva básica, chitta. Com esta percepção consciente, ou sentimento, o elemento primordial degenera precipitadamente em partes constituintes – simbolicamente, Chitrangada morre em tenra idade. A primeira transformação é o sentido do “eu” ou ego como o experimentador – o ego puro ou divino do corpo causal do homem, que individualiza a alma do Espírito.

Vichitravirya, Ego Divino, teve duas esposas, Ambika e Ambalika, resultado da diferenciação das forças: Ambika representa a dúvida negativa (percepção sem discernimento claro); e Ambalika, a faculdade de discriminação positiva. Quando Vichitravirya morre, significa que o ego divino é obscurecido da consciência subjetiva pelo seu contato com essas

deformações externas da consciência. Então Vyasa, relatividade e poder discriminativo, gera através de Ambika o cego Dhritarashtra – manas, a mente sensorial, cega porque lhe falta poder discriminativo. Através de Ambalika, Vyasa também gera a prole pura, Pandu, buddhi, a pura inteligência discriminativa.

O cego Dhritarashtra, “a mente dos sentidos”, dá à luz através de sua primeira esposa Gandhari, “o poder dos desejos”, a Duryodhana, “desejo vanglorioso”, e seus noventa e nove irmãos: os dez sentidos (cinco de percepção e cinco de ação) com suas dez inclinações. De Vaishya, “o apego aos desejos”, a segunda esposa da mente sensorial, nasce outro filho: Yuyutsu, “o desejo de travar uma batalha psicológica”. Na guerra, Yuyutsu rejeita seus irmãos Kuru e fica do lado dos Pandavas.

Pandu, buddhi, o aspecto positivo da mente, a inteligência discriminativa pura, tem cinco filhos, os cinco tattvas ou elementos vibratórios que informam toda a matéria: terra, água, fogo, ar (prana, força vital) e éter.12 Em no corpo do homem, eles se manifestam nos cinco chacras espinhais, centros sutis de vida e consciência, para criar e sustentar o corpo; e como consciência espiritual desperta nos centros espinhais, eles conferem poderes divinos ao iogue iluminado. (Veja “Os principais poderes discriminativos da alma” no Capítulo I.)

❖

Simbolismo espiritual dos cinco irmãos Pandava

❖

Os três primeiros filhos nascem de Kunti, “o poder do desapego” que invoca os princípios cósmicos que governam a criação: Yudhisthira, “calma divina” e o “éter vibratório” no vishuddha ou centro cervical, nascido do Dharma, divindade que preside a todos justiça; Bhima, “ar vibratório” (vayu ou força vital) no anahata ou chakra dorsal, nascido do mais forte dos deuses, Vayu ou Pavana; e Arjuna, “autocontrole divino” e o “elemento fogo vibratório” no manipura ou chakra lombar, nascido de Indra, rei dos deuses.

Então, da segunda esposa, Madri, “o poder do apego ao desapego”, nascem filhos gêmeos dos devas Ashvin: Nakula, o “poder divino da adesão” e o “elemento água vibratório” no svadhisthana ou chakra sacral; e

Sahadeva, o “poder divino de resistência” e o “elemento terra vibratório” no muladhara ou chakra coccígeo.

Até mesmo a anatomia do corpo físico sugere que a simbologia dos cinco Pandavas vem de duas mães: Kunti e depois Madri por meio de Kunti. A medula espinhal se estende da medula até abaixo do chakra lombar, acomodando a localização dos centros sutis dos três primeiros irmãos nascidos de Kunti. Da extremidade inferior da medula espinhal estendem-se os nervos espinhais com seus gânglios até a base da coluna vertebral, acomodando a localização dos centros sutis dos filhos gêmeos de Madri. Isto também é metafisicamente significativo: embora todos os cinco centros operem na manutenção da vida e da consciência no corpo e na mente, os três centros espinhais superiores são especialmente auspiciosos e úteis para o devoto aspirante em suas atividades espirituais internas na meditação, enquanto os dois os centros inferiores são um apoio poderoso para a espiritualização de suas atividades externas.

A esposa comum dos cinco Pandavas é Draupadi, a força vital do corpo que está enrolada ou centralizada na coluna vertebral e conhecida como kula kundalini, que desperta os poderes espirituais nos centros espinhais do devoto avançado; isto é, produz um filho para cada um dos príncipes Pandava em cada um dos cinco chakras espinhais.

O Diálogo Gita Começa

Simbolicamente, então, esta é a cena em que o diálogo do Gita começa: a consciência da alma do homem – a realização de sua unidade com o Espírito eterno e todo-bem-aventurado – desceu através de várias gradações até a consciência do corpo mortal. Os sentidos e a mente cega, e o poder da pura discriminação, reinam ambos no reino corporal; há um conflito constante entre as forças dos sentidos materialistas (envolvendo a consciência na busca do prazer externo) e o puro poder discriminativo que tenta devolver a consciência do homem ao seu estado nativo de realização da alma.

O “jogo de dados” é o jogo da ilusão, através do qual a consciência do homem passa do Espírito para a matéria, da consciência da alma para a escravidão ao corpo. O jogo é muito charmoso; e o homem aposta todo o

seu reino corporal, todo o seu poder de bem-aventurança da alma, no jogo com os sentidos enganosos e inclinados à matéria, apenas para ser dominado por eles - isto é, a pura inteligência discriminativa da alma é expulsa de seu reinado sobre o corpo. reino e enviado para o exílio.

Originalmente, na infância, os sentidos e a força vital do homem, e o desenvolvimento do seu corpo, são governados mais ou menos automaticamente pelos poderes inteligentes da alma (pura discriminação e calma). Mas com o início da juventude, fortes desejos sensoriais são despertados pelas tentações desta vida e pelas tendências habituais de vidas passadas e começam a fomentar a turbulência no reino corporal para obter o controle. As faculdades de discriminação principescas afins são atraídas para uma aposta enganosa com iscas dos sentidos e são banidas do reino. Depois que o homem passa por muitos anos de experiências malignas e sofre muitos "golpes fortes" dolorosos sob o regime dos sentidos de ganância, raiva, sexo, ciúme e egoísmo, então a discriminação e seus nobres descendentes procuram recuperar seu reino corporal perdido.

Uma vez que os maus hábitos estejam bem estabelecidos no corpo, o livre arbítrio da sabedoria é banido por pelo menos doze anos. Mudanças fisiológicas e mentais completas, bem como a criação e o estabelecimento firme de novos bons hábitos, muitas vezes só são possíveis em doze anos. Em ciclos de doze anos o homem avança lentamente em sua evolução espiritual. (São necessários doze anos de vida normal e saudável e a observância das leis naturais para efetuar até mesmo pequenos refinamentos na estrutura do cérebro – e um milhão desses anos livres de transgressões para purificar o cérebro o suficiente para expressar a consciência cósmica. Pela técnica de Kriya Yoga, no entanto, este processo de evolução é grandemente acelerado.)

O décimo terceiro ano simbólico passado pelos Pandus "disfarçados" refere-se à meditação samadhi yoga, da qual o devoto deve extrair as qualidades discriminativas da alma e prepará-las para a batalha para recuperar o seu reino corporal. Assim, o Gita descreve como - tendo despertado e treinado os poderes astrais psicológicos da calma de Yudhisthira, do controle da força vital de Bhima, do desapego de Arjuna ao

autocontrole, do poder de Nakula para aderir às boas regras e do poder de Sahadeva para resistir ao mal - esses descendentes da discriminação junto com seu exército e aliados de bons hábitos e inclinações espirituais tentam retornar do desterro. Mas as tendências sensoriais distorcidas, com seus exércitos sensoriais, relutam em abrir mão de seu reinado sobre o reino corporal. Assim, com a ajuda de Krishna (o guru, ou consciência desperta da alma, ou intuição nascida da meditação), a guerra deve ser travada – material e mental, e também espiritualmente em experiências repetidas de meditação samadhi – para recuperar o reino do Ego e seu exército de tendências mentais malignas. No campo de batalha do corpo do homem – Kurukshetra, "o campo de ação" – os descendentes da mente sensorial cega e os da inteligência discriminativa pura agora se confrontam.

❖

Características das cem inclinações dos sentidos (Kurus)

❖

Os aspectos negativos das cem inclinações sensoriais são inimigos formidáveis (cujas variações podem ser inúmeras). Alguns dos descendentes mais reconhecíveis da mente cega são os seguintes: desejo material; raiva; ambição; avareza; odiar; ciúmes; maldade; luxúria; apego sexual, abuso e promiscuidade; desonestidade; maldade; crueldade; má vontade; desejo de machucar os outros; instinto destrutivo; crueldade; aspereza de fala e pensamento; impaciência; cobiça; egoísmo; arrogância; presunção; orgulho de casta ou nascimento social; orgulho racial; falsa sensação de delicadeza; prepotência; temperamento atrevido; atrevimento; mal-estar; atitude briguenta; desarmonia; vingança; sentimentos sensíveis; preguiça física; falta de iniciativa; covardia; distração e preguiça mental; indiferença espiritual; falta de vontade de meditar; procrastinação espiritual; impureza do corpo, mente e alma; deslealdade a Deus; ingratidão a Deus; estupidez; fraqueza mental; consciência da doença; falta de visão; pequenez de espírito; falta de previsão; ignorância física, mental e espiritual; impulsividade; mente inconstante; apego sensorial; prazer em ver o mal, ouvir o mal, provar o mal, cheirar o mal, tocar o mal; pensar, querer, sentir, falar, lembrar e fazer o mal; medo da doença e da morte; preocupar; superstição; palavrões; falta de moderação; dormir demais; comer demais;

dissimulação; fingimento de bondade; parcialidade; dúvida; melancolia; pessimismo; amargura; insatisfação; evitando Deus; e adiar a meditação.

Esses bolcheviques sensoriais – descendentes da mente sensorial cega – trouxeram apenas doenças, preocupações mentais e a pestilência da ignorância e da fome espiritual, devido à escassez de sabedoria no reino corporal. A força da alma desperta e o autocontrole desenvolvido pela meditação devem tomar o reino e plantar nele a bandeira do Espírito, estabelecendo um reinado resplandecente de paz, sabedoria, abundância e saúde.

Cada pessoa tem que travar sua própria batalha em Kurukshetra. É uma guerra não só que vale a pena vencer, mas na ordem divina do universo e da relação eterna entre a alma e Deus, uma guerra que mais cedo ou mais tarde deverá ser vencida.

No sagrado Bhagavad Gita, a obtenção mais rápida dessa vitória é assegurada ao devoto que, através da prática indesejável da ciência divina da meditação iogue, aprende, como Arjuna, a ouvir a canção de sabedoria interior do Espírito.

Ó Krishna, Senhor do Yoga! certamente não falhará
Bênção, e vitória, e poder, por Tua causa mais poderosa,
De onde vem essa música de Arjun e como ele falou com Deus.

—Capítulo XVIII: 76–78 (interpretação poética de Sir Edwin Arnold)

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO I

O Desânimo de Arjuna

❖

O Significado do Capítulo I

❖

“O que eles fizeram?” — Pesquisa do campo de batalha psicológico e espiritual interno

❖

Os exércitos oponentes das forças espirituais e materialistas

❖

As Conchas: Batalha Vibratória Interior na Meditação

❖

O Devoto Observa os Inimigos a Serem Destruídos

❖

A recusa de Arjuna em lutar

“A mensagem atemporal do Bhagavad Gita não se refere apenas a uma batalha histórica, mas ao conflito cósmico entre o bem e o mal: a vida como uma série de batalhas entre o Espírito e a matéria, a alma e o corpo, a vida e a morte, o conhecimento e a ignorância, saúde e doença, imutabilidade e transitoriedade, autocontrole e tentações, discriminação e a mente sensorial cega.

OceanoofPDF. com

Capítulo I

O Desânimo de Arjuna

O Significado do Capítulo I

Como um tratado proeminente sobre Yoga, o renomado Bhagavad Gita fala tanto de forma pragmática quanto esotérica para abranger o amplo espectro da busca humana que por gerações se abrigou no conselho e no consolo encontrados nos versos desta amada escritura. Ele cita não apenas a aplicação prática dos princípios espirituais exigidos do aspirante, mas também a expressão consumada desses princípios, conforme realizados pelo iogue avançado.

Nos livros modernos, a Introdução geralmente dá ao leitor uma ideia geral do conteúdo; mas os escritores das escrituras hindus da Índia antiga costumavam usar o primeiro capítulo para indicar seu propósito. Assim, o capítulo inicial do Bhagavad Gita serve como uma introdução ao discurso sagrado que se segue. Mas não se limita a definir o cenário e fornecer um pano de fundo, para ser levemente examinado como insubstancial. Quando lido como a alegoria pretendida pelo seu autor, o grande sábio Vyasa, introduz os princípios básicos da ciência do Yoga e descreve as lutas espirituais iniciais do iogue que inicia o caminho para kaivalya, libertação, unidade com Deus: o objetivo do Ioga. Compreender as verdades implícitas no primeiro capítulo é começar a jornada do yoga com um curso claramente traçado.

Meu reverenciado guru, Swami Sri Yukteswar – ele próprio um Jnanavatar, encarnação da sabedoria – me ensinou o significado oculto em apenas alguns versos significativos do primeiro capítulo do Gita. “Agora você tem a chave”, disse ele. “Com uma percepção interior calma, você será capaz de abrir esta escritura a qualquer passagem e compreender tanto sua substância quanto sua essência.” É com seu incentivo e por sua graça que ofereço este trabalho.

“O QUE ELES FIZERAM?” — PESQUISA DO CAMPO DE BATALHA PSICOLÓGICO E ESPIRITUAL

VERSO 1

dhṛtarāṣṭra uvāca
dharmakṣetre kurukṣetre samavetā yuyutsavaḥ
māmakāḥ pāṇḍavāś caiva kim akurvata saṁjaya

Dhritarashtra disse:

Na planície sagrada de Kurukshetra (dharmakshetra kurukshetra), quando minha prole e os filhos de Pandu se reuniram, ansiosos pela batalha, o que eles fizeram, ó Sanjaya?

O rei cego Dhritarashtra (a mente cega) perguntou através do honesto Sanjaya (introspecção imparcial): “Quando meus descendentes, os Kurus (as perversas tendências mentais e sensoriais impulsivas) e os filhos do virtuoso Pandu (as tendências puras discriminativas) se reuniram juntos no dharmakshetra (planície sagrada) de Kurukshetra (o campo de atividade corporal), ansiosos para lutar pela supremacia, qual foi o resultado?”

❖
Significado metafórico da pergunta de Dhritarashtra
❖

A investigação sincera do rei cego Dhritarashtra, buscando um relatório imparcial do imparcial Sanjaya sobre como foi a batalha entre os Kurus e os Pandavas (filhos de Pandu) em Kurukshetra, é metaforicamente a pergunta a ser feita pelo aspirante espiritual enquanto ele revê diariamente os eventos de sua própria batalha justa, na qual ele busca a vitória da Auto-realização. Através da introspecção honesta, ele analisa as ações e avalia os pontos fortes dos exércitos opostos de suas tendências boas e más: autocontrole versus indulgência sensorial, inteligência discriminativa oposta pelas inclinações dos sentidos mentais, resolução espiritual na meditação contestada pela resistência mental e inquietação física, e consciência da alma divina contra a ignorância e a atração magnética da natureza do ego inferior.

O campo de batalha dessas forças em conflito é Kurukshetra (Kuru, da raiz sânscrita kṛi, “trabalho, ação material”; e kṣetra, “campo”). Este “campo de ação” é o corpo humano com suas faculdades físicas, mentais e da alma, o campo onde ocorrem todas as atividades da vida de uma pessoa. É referido nesta estrofe do Gita como Dharmakshetra (dharma, isto é, retidão, virtude, santidade; portanto, planície ou campo sagrado), pois neste campo a batalha justa é travada entre as virtudes da inteligência discriminativa da alma (filhos de Pandu) e as atividades ignóbeis e descontroladas da mente cega (os Kurus, ou descendentes do rei cego Dhritarashtra).

Dharmakshetra Kurukshetra refere-se também, respectivamente, aos deveres e atividades religiosas e espirituais (aqueles do iogue em meditação), em contraste com as responsabilidades e atividades mundanas. Assim, nesta interpretação metafísica mais profunda, Dharmakshetra Kurukshetra significa o campo corporal interno no qual a ação espiritual da meditação iogue ocorre para a obtenção da Auto-realização: a planície do eixo cérebro-espinhal e seus sete centros sutis de vida e consciência divina.

❖

Duas forças opostas: inclinações da mente inferior versus discriminação da alma

❖

Competindo neste campo estão duas forças opostas ou pólos magnéticos: a inteligência discriminativa (buddhi) e a mente consciente dos sentidos (manas). Buddhi, o intelecto puro e discriminador, é alegoricamente representado como Pandu, marido de Kunti (a mãe de Arjuna e dos outros príncipes Pandavas que defendem os princípios justos de nivritti, a renúncia ao mundanismo). O nome Pandu deriva de pand, “branco” – uma implicação metafórica da clareza de um intelecto puro e discriminador. Manas é alegoricamente representado como o rei cego Dhritarashtra, senhor dos cem Kurus, ou impressões e inclinações sensoriais, que são todas voltadas para pravritti, prazer mundano. Buddhi extrai seu discernimento correto da superconsciência da alma que se manifesta nas sedes causais da consciência nos centros espirituais cerebroespinhais. Manas, a mente sensorial, o pólo magnético sutil voltado para fora, em direção ao mundo da matéria, está na ponte Varolii, que fisiologicamente está sempre ocupada com a coordenação

sensorial.1 Assim, a inteligência búdica atrai a consciência para a verdade ou as realidades eternas, a consciência da alma. ou Auto-realização. Manas ou mente sensorial repele a consciência da verdade e a envolve nas atividades sensoriais externas do corpo e, portanto, no mundo das relatividades ilusórias, maya.

O nome Dhritarashtra deriva de dhṛta, “segurado, apoiado, puxado firmemente (rédeas)”, e rāṣṭra, “reino”, de rāj, “governar”. Por implicação, temos o significado simbólico, dhṛtam rāṣṭraṁ yena, “quem defende o reino (dos sentidos)” ou “quem governa segurando firmemente as rédeas (dos sentidos)”.

A mente (manas, ou consciência sensorial) dá coordenação aos sentidos à medida que as rédeas mantêm unidos os vários cavalos de uma carruagem. O corpo é a carruagem; a alma é a dona da carruagem; a inteligência é o cocheiro; os sentidos são os cavalos. Diz-se que a mente é cega porque não pode ver sem a ajuda dos sentidos e da inteligência. As rédeas de uma carruagem recebem e transmitem os impulsos dos corcéis e a orientação do cocheiro. Da mesma forma, a mente cega por si só não conhece nem exerce orientação, mas apenas recebe as impressões dos sentidos e transmite as conclusões e instruções da inteligência. Se a inteligência for governada por Buddhi, o puro poder discriminativo, os sentidos serão controlados; se a inteligência for governada por desejos materiais, os sentidos serão selvagens e indisciplinados.

❖

Simbolismo de Sanjaya: autoanálise intuitiva e imparcial

❖

Sanjaya significa, literalmente, completamente vitorioso; “aquele que conquistou a si mesmo”. Somente aquele que não é egocêntrico tem a capacidade de ver claramente e de ser imparcial. Assim, no Gita, Sanjaya é o insight divino; para o aspirante a devoto, Sanjaya representa o poder da autoanálise intuitiva imparcial e da introspecção criteriosa. É a capacidade de ficar de lado, observar-se sem preconceitos e julgar com precisão. Os pensamentos podem estar presentes sem a consciência da pessoa. A introspecção é aquele poder de intuição pelo qual a consciência pode observar seus pensamentos. Ela não raciocina, ela sente – não com emoções tendenciosas, mas com uma

intuição clara e calma.

No Mahabharata, do qual o Bhagavad Gita faz parte, o texto do Gita é introduzido pelo grande rishi (sábio) Vyasa, concedendo a Sanjaya o poder espiritual de ser capaz de ver à distância tudo o que acontece em todo o campo de batalha, para que ele pudesse prestar contas ao rei cego Dhritarashtra conforme os eventos se desenrolavam. Portanto, seria de se esperar que a pergunta do rei no primeiro versículo estivesse no presente. O autor Vyasa propositalmente fez com que Sanjaya narrasse o diálogo do Gita retrospectivamente e usou um pretérito do verbo ("O que eles fizeram?"), como uma dica clara para os estudantes mais exigentes de que o Gita está se referindo apenas incidentalmente a uma batalha histórica na planície de Kurukshetra no norte da Índia. Primeiramente, Vyasa está descrevendo uma batalha universal – aquela que ocorre diariamente na vida do homem. Se Vyasa quisesse apenas relatar o progresso de uma batalha real que estava ocorrendo naquele momento no campo de Kurukshetra, ele teria feito Dhritarashtra falar ao mensageiro Sanjaya no tempo presente: "Meus filhos e os filhos de Pandu – o que eles estão fazendo agora?

esse é um ponto importante. A mensagem atemporal do Bhagavad Gita não se refere apenas a uma batalha histórica, mas ao conflito cósmico entre o bem e o mal: a vida como uma série de batalhas entre o Espírito e a matéria, a alma e o corpo, a vida e a morte, o conhecimento e a ignorância, a saúde. e doença, imutabilidade e transitoriedade, autocontrole e tentações, discriminação e a mente sensorial cega. O pretérito do verbo na primeira estrofe é, portanto, empregado por Vyasa para indicar que o poder da introspecção está sendo invocado para revisar os conflitos do dia em sua mente, a fim de determinar o resultado favorável ou desfavorável.2

Comentário Expandido: A Batalha da Vida

Desde o momento da concepção até a rendição do último suspiro, o homem tem que travar em cada encarnação inúmeras batalhas – biológicas, hereditárias, bacteriológicas, fisiológicas, climáticas, sociais, éticas, políticas, sociológicas, psicológicas, metafísicas – tantas variedades de

emoções interiores. e conflitos externos. Competindo pela vitória em cada encontro estão as forças do bem e do mal. Toda a intenção do Gita é alinhar os esforços do homem ao lado do dharma, ou retidão. O objetivo final é a Auto-realização, a realização do verdadeiro Eu do homem, a alma, feita à imagem de Deus, una com a bem-aventurança sempre existente, sempre consciente e sempre nova do Espírito.

A primeira disputa da alma em cada encarnação é com outras almas que buscam o renascimento. Com a união do espermatozóide e do óvulo para iniciar a formação de um novo corpo humano, um clarão de luz surge no mundo astral, o lar celestial das almas entre as encarnações. Essa luz transmite um padrão que atrai uma alma de acordo com o carma dessa alma – as influências autocriadas a partir de ações de vidas passadas. Em cada encarnação, o carma se resolve parcialmente por meio de forças hereditárias; a alma de uma criança é atraída para uma família na qual a hereditariedade está em conformidade com o carma passado da criança. Muitas almas competem para entrar nesta nova célula de vida; apenas um será vitorioso. (No caso de uma concepção múltipla, mais de uma célula primária está presente.)

Dentro do corpo da mãe, o nascituro luta contra a doença, a escuridão e os sentimentos periódicos de limitação e frustração, à medida que a consciência da alma no nascituro se lembra e depois gradualmente esquece a sua maior liberdade de expressão durante a sua permanência astral. A alma dentro do embrião também tem de enfrentar o carma, que influencia, para o bem ou para o mal, a formação do corpo no qual agora reside. Além disso, encontra as influências vibratórias que lhe chegam de fora – o ambiente e as ações da mãe; sons e sensações externas; vibrações de amor e ódio, paz e raiva.

Após o nascimento, as lutas do bebé situam-se entre os seus instintos de procura de conforto e sobrevivência e o oposto relativo desamparo do seu instrumento corporal imaturo.

Uma criança inicia sua primeira luta consciente quando tem que escolher entre seu desejo de brincar sem rumo e seu desejo de aprender, estudar e seguir algum curso de treinamento sistemático. Gradualmente,

surgem batalhas mais sérias, impostas a ele por instintos cármicos internos ou por más companhias e ambientes externos.

O jovem vê-se subitamente confrontado com uma série de problemas que muitas vezes não estava preparado para enfrentar: tentações do sexo, ganância, prevaricação, ganhar dinheiro através de meios fáceis mas questionáveis, pressão das companhias que mantém e influências sociais. O jovem geralmente descobre que não possui nenhuma espada de sabedoria com a qual possa combater os exércitos invasores das experiências mundanas.

O adulto que vive sem cultivar e empregar seus poderes inatos de sabedoria e discriminação espiritual descobre inexoravelmente que o reino de seu corpo e mente está sendo invadido pelos insurgentes da miséria que criam desejos errados, hábitos destrutivos, fracasso, ignorância, doença e infelicidade. .

Poucos homens estão sequer conscientes de que existe um estado de guerra constante no seu reino. Geralmente, só quando a devastação está quase completa é que os homens percebem, impotentes, a triste ruína das suas vidas. O conflito psicológico pela saúde, prosperidade, autocontrole e sabedoria deve ser reiniciado a cada dia para que o homem avance em direção à vitória, recuperando centímetro por centímetro os territórios da alma ocupados pelos rebeldes da ignorância.

O iogue, o homem que desperta, é confrontado não apenas com as batalhas externas travadas por todos os homens, mas também com o choque interno entre as forças negativas da inquietação (surgidas de manas, ou consciência sensorial) e o poder positivo do seu desejo e esforço. meditar (apoiado pela inteligência búdica) quando tenta se restabelecer no reino espiritual interior da alma: os centros sutis de vida e consciência divina na coluna vertebral e no cérebro.3

❖

A necessidade de introspecção noturna

❖

O Gita, portanto, aponta logo em sua primeira estrofe a necessidade primordial do homem de introspecção noturna, para que ele possa discernir claramente qual força – o bem ou o mal4 – venceu a batalha diária. Para viver em

harmonia com o plano de Deus, o homem deve fazer a si mesmo todas as noites a pergunta sempre pertinente: “Reunidos no espaço sagrado do corpo – o campo das ações boas e más – o que fizeram as minhas tendências opostas? Qual lado venceu hoje na luta incessante? As tendências tortuosas, tentadoras e malignas, e as forças opostas da autodisciplina e da discriminação – venha agora, diga-me, o que elas fizeram?”

O iogue, após cada prática de meditação concentrada, pede seu poder de introspecção: “Reunidas na região da consciência no eixo cérebro-espinhal e no campo da atividade sensorial do corpo, ávidas de batalha, as faculdades sensoriais mentais que tentam puxar a consciência exterior e os filhos das tendências discriminativas da alma que procuram reivindicar o reino interior – o que fizeram? quem ganhou este dia?

O indivíduo comum, como um guerreiro sitiado com cicatrizes de escaramuças, está muito familiarizado com as batalhas. Mas muitas vezes o seu treino aleatório tem falhado na compreensão do campo de batalha e da ciência por detrás dos ataques das forças opostas. Esse conhecimento aumentaria as suas vitórias e diminuiria as derrotas desconcertantes.

No relato histórico da causa da guerra de Kurukshetra, os nobres filhos de Pandu reinaram virtuosamente sobre seu reino, até que o rei Duryodhana, o perverso filho reinante do cego rei Dhritarashtra, habilmente tirou dos Pandavas seu reino e os baniu. para o exílio.

Simbolicamente, o reino do corpo e da mente pertence por direito ao Rei Alma e aos seus nobres súditos de tendências virtuosas. Mas o Rei Ego5 e os seus parentes de tendências perversas e ignóbeis usurpam astuciosamente o trono. Quando King Soul surge para reivindicar seu território, o corpo e a mente se tornam o campo de batalha.6

Como o Rei Alma governa seu reino corporal, o perde e depois o recupera, é a essência do Gita.

A Organização do Reino Corporal: Morada da Alma

A organização do corpo e da mente do homem revela, na sua perfeição detalhada, a presença de um plano divino. “Não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?”7 O Espírito de Deus, Seu reflexo no

homem, é a alma.

A alma entra na matéria como uma centelha de vida e consciência onipotente dentro do núcleo formado pela união do espermatozóide e do óvulo. À medida que o corpo se desenvolve, esta “sede da vida” original permanece na medula oblonga. A medula é, portanto, referida como o portal da vida através do qual o Rei Alma faz sua entrada triunfal no reino corporal. Nesta “sede da vida” está a primeira expressão das percepções sutis da alma encarnada, impressas com o padrão karmicamente projetado das várias fases da vida futura. Pelo poder milagroso do prana, ou força vital criativa inteligente, guiado pelas faculdades da alma, o zigoto se desenvolve através dos estágios embrionário e fetal até formar um corpo humano.

As faculdades criativas ou instrumentos da alma são de natureza astral e causal. Quando a alma entra na célula primordial da vida, ela usa dois corpos sutis: uma forma causal de pensamentos, que por sua vez está envolta em uma forma astral de lifetrons.8 O corpo causal, assim chamado porque é a causa do outro. dois invólucros de alma, consiste em trinta e cinco ideias ou forças de pensamento (que denominei “pensamentos”) das quais é formado o corpo astral de dezenove elementos e o corpo físico de dezesseis elementos químicos grosseiros.

Os dezenove elementos do corpo astral são a inteligência (buddhi); ego (ahamkara); sentimento (chitta); mente (manas, consciência sensorial); cinco instrumentos de conhecimento (as contrapartes sutis dos sentidos da visão, audição, olfato, paladar, tato); cinco instrumentos de ação (a correspondência mental para as habilidades de procriar, excretar, falar, andar e exercitar habilidades manuais); e cinco instrumentos de prana (capacitando o desempenho das funções de cristalização, assimilação, eliminação, metabolização e circulação do corpo físico).

Esses dezenove poderes do corpo astral são os que constroem, mantêm e vivificam a forma física grosseira. Os centros de vida e consciência a partir dos quais esses poderes funcionam são o cérebro astral (ou “lótus de mil pétalas” de luz) e o eixo cérebro-espinhal astral (ou sushumna) contendo seis centros sutis ou chakras. Estes estão localizados, em relação ao corpo

físico, na medula e em cinco centros da coluna: cervical, oposto à garganta; dorsal, oposto ao coração; lombar, oposto ao umbigo; sacral, oposto aos órgãos reprodutores; e coccígeo, na base da coluna.

As forças mais grosseiras da mente manifestam-se nas estruturas mais grosseiras do corpo, mas as forças sutis da alma – consciência, inteligência, vontade, sentimento – requerem a medula e os tecidos delicados do cérebro para residirem e através dos quais se manifestarem.

❖

Alma identificada com Deus versus ego identificado com o corpo

❖

Em termos simplistas, as câmaras internas do palácio do Rei Alma estão nos centros sutis da superconsciência, da Consciência de Cristo ou de Krishna (Kutastha Chaitanya, ou Consciência Universal) e da Consciência Cósmica. Esses centros estão, respectivamente, na medula, parte frontal do cérebro entre as sobrancelhas (sede do olho único ou espiritual), e no topo do cérebro (o trono da alma, no "lótus de mil pétalas".). Nestes estados de consciência, o Rei Alma reina supremo – a imagem pura de Deus no homem. Mas quando a alma desce para a consciência do corpo, ela fica sob a influência de maya (ilusão cósmica) e avidya (ilusão ou ignorância individual, que cria a consciência do ego). Quando iludida e tentada pela ilusão cósmica ou pelo Satanás psicológico, a alma torna-se o ego limitado, que se identifica com o corpo e com os parentes e posses do corpo. A alma, como o ego, atribui a si mesma todas as limitações e circunscrições do corpo. Uma vez identificada, a alma não pode mais expressar sua onipresença, onisciência e onipotência. Imagina-se limitado – tal como um príncipe rico, vagando em estado de amnésia pelas favelas, poderia imaginar-se um indigente. Neste estado de ilusão, o Rei Ego assume o comando do reino corporal.

A consciência da alma pode dizer com o Cristo desperto em Jesus: "Eu e meu Pai somos um". A consciência iludida do ego diz: "Eu sou o corpo; esta é minha família e meu nome; estes são meus bens." Embora o ego pense que governa, na realidade é um prisioneiro do corpo e da mente, que por sua vez são peões das maquinações sutis da Natureza Cósmica.

No macrocosmo da criação, uma grande batalha entre o Espírito e as

expressões imperfeitas da Natureza está continuamente em curso. Em todos os lugares da terra somos testemunhas da luta silenciosa entre a perfeição e a imperfeição. Os padrões perfeitos do Espírito lutam incessantemente contra as horríveis distorções manifestadas pela força ilusória universal de maya, o atributo enganador do "diabo".9 Um poder expressa conscientemente todo o bem; a outra força está secretamente trabalhando para manifestar o mal.

Da mesma forma, no microcosmo: o corpo e a mente humanos são verdadeiros campos de batalha para a guerra entre a sabedoria e a força ilusória consciente que se manifesta como avidya, a ignorância. Todo aspirante espiritual, com o objetivo de estabelecer dentro de si o governo do Rei Alma, deve derrotar os rebeldes, o Rei Ego e seus poderosos aliados. E esta é a batalha que acontece no campo de Dharmakshetra Kurukshetra.

As Divisões de Dharmakshetra Kurukshetra

Este campo corporal de atividade e consciência é na verdade dividido em três partes, de acordo com a manifestação dos três gunas ou qualidades influenciadoras inerentes à Prakriti ou Natureza Cósmica. Os três gunas são (1) sattva, (2) rajas, (3) tamas. Sattva, o atributo positivo, influencia para o bem – verdade, pureza, espiritualidade. Tamas, o atributo negativo, influencia a escuridão ou o mal – mentira, inércia, ignorância. Rajas, o atributo neutro, é a qualidade ativadora: trabalhando em sattva para suprimir tamas ou em tamas para suprimir sattva, ele cria atividade e movimento constantes.

Primeira parte do campo: a superfície do corpo

A primeira porção das três divisões do campo corporal consiste na periferia do corpo e inclui os cinco instrumentos de conhecimento (ouvido, pele, olho, língua, nariz) e os cinco instrumentos de ação (a boca, que produz a fala; as mãos e os pés; e os órgãos de excreção e procriação). Esta superfície externa do corpo humano é palco de contínuas atividades sensoriais e motoras. Por isso, é apropriadamente chamado de Kurukshetra, o campo de ação externa onde todas as atividades do mundo exterior são realizadas.

Este lugar é a morada de rajas e tamas – predominantemente rajas. Ou

seja, a matéria atômica grosseira do corpo físico é criada pela ação de tamas nas vibrações elementares criativas cósmicas da terra, água, fogo, ar e éter, fazendo com que a matéria apareça em suas cinco variedades diferentes reconhecíveis: sólida, líquida. , ígneo, gasoso e etéreo. Sendo a qualidade negativa ou sombria da Natureza, tamas é, portanto, responsável por ocultar a verdadeira essência sutil da matéria sob o manto da grosseria e por criar ignorância no homem, aquele que percebe. A predominância de rajas, a qualidade ativadora, neste campo de Kurukshetra é evidenciada na natureza incansavelmente ativa do homem e no caráter sempre mutável do mundo que ele se esforça de forma tão ineficaz para controlar.

❖

Segunda porção: centros de vida e consciência na coluna e no cérebro

❖

A segunda porção do campo de ação corporal é o eixo cérebro-espinhal com seus seis centros sutis de vida e consciência (medula, cervical, dorsal, lombar, sacral e coccígeo) e seus dois pólos magnéticos da mente (manas) e da inteligência (buddhi). Atraídas para a grosseria por manas, as faculdades sutis nesses centros emergem para fora, projetando-se como os raios de uma luz a gás totalmente acesa, mantendo as faculdades sensoriais e motoras ativas no corpo humano. Retirando-se interiormente, puxadas por Buddhi, as faculdades sutis são absorvidas na região cerebral e fundem-se na consciência de uma alma, como as chamas de uma lâmpada de gás abaixada. Este eixo cérebro-espinhal com os seis centros sutis é chamado Dharmakshetra Kurukshetra, campo de energias sutis e forças supramentais, bem como de ação mais grosseira.

Os atributos dominantes da Natureza aqui são rajas e sattva. Rajas, agindo sobre as cinco vibrações elementares sutis mencionadas anteriormente, produz os poderes dos cinco órgãos de ação: habilidade manual (mãos), locomoção (pés), fala, procriação e excreção; também produz as cinco correntes especializadas de prana que sustentam as funções vitais do corpo. Sattva, agindo sobre os cinco elementos vibratórios sutis, cria os órgãos sutis de percepção – os poderes que animam os cinco instrumentos dos sentidos físicos. A verdadeira natureza sutil da matéria e a calma, o autocontrole e outros poderes espirituais (a serem discutidos)

experimentados nos centros cérebro-espinhais pelo iogue que medita profundamente são também os efeitos de sattva neste campo de Dharmakshetra Kurukshetra.

❖

Terceira porção: morada da consciência divina no cérebro

❖

A terceira porção do campo corporal está no cérebro. Estende-se pela extensão de dez dedos desde o ponto no meio das sobrancelhas até o círculo ou anel no topo da cabeça (a fontanela frontal, uma pequena abertura no crânio que se fecha gradualmente após o nascimento do bebê) para a medula. Este lugar é chamado Dharmakshetra e consiste na medula e nas partes frontal e média superior do cérebro, com seus centros astrais do olho espiritual e do lótus de mil pétalas, e estados correspondentes de consciência divina.

O significado literal de dharma aplica-se aqui neste uso de Dharmakshetra: “aquilo que sustenta”, da raiz sânscrita dhṛi, “manter ou apoiar”. Esta porção Dharmakshetra do campo corporal sustenta ou é a causa do ser do homem. As expressões de vida e consciência aqui em suas melhores formas são a fonte das forças que criam e sustentam o homem (e seus corpos físico, astral e causal) e através das quais a alma finalmente abandona os três corpos e retorna ao Espírito. Assim, sattva, a qualidade pura e esclarecedora da Natureza, é o atributo predominante no território de Dharmakshetra.

Este Dharmakshetra é a morada da alma. Deste reino, a consciência pura da alma em seu estado individualizado ou encarnado é a criadora e governante do tríplice reino corporal. Mas quando a alma está concentrada internamente, em vez de se manifestar externamente, ela é una com o Espírito absoluto, abrigada no trono da bem-aventurança sempre nova dentro do lótus de mil pétalas, em uma região além da circunscrição pelos três corpos e suas causas sutis, e intocado pelos atributos criativos e atividades da Natureza.

Do lótus de mil pétalas e do sol do olho espiritual na região cerebral de Dharmakshetra, as energias sutis e as forças vibratórias que criam a vida e a sustentam fluem através dos centros sutis e grosseiros no eixo cérebro-espinhal para vivificar o corpo e sua vida. sentidos de percepção e ação.

Mas, além de serem canais para energias vitais sutis e grosseiras, o cérebro e o eixo cérebro-espinhal também são chamados de “a sede da consciência”.

Do Dharmakshetra, a consciência da alma segue a descida da energia vital. Através do olho espiritual, o sol da alma envia “raios elétricos” de consciência através do eixo cérebro-espinhal até os seis centros sutis. Por trás das forças energéticas em cada centro está uma expressão da consciência divina da alma. Descendo ainda mais para os estados subconscientes e conscientes familiares, a consciência entra na medula espinhal física e flui para os ramos nervosos aferentes e eferentes nos plexos e para a periferia do corpo. É assim que, durante o estado de consciência, a superfície externa do corpo humano se mantém responsiva aos estímulos dos sentidos, identificando a consciência externalizada da alma, como ego, com o corpo.

A batalha de Kurukshetra descrita no Gita é, portanto, o esforço necessário para vencer as batalhas em todas as três porções do campo corporal:

❖

As três batalhas: moral, psicológica e espiritual

❖

(1) A luta material e moral entre o bem e o mal, a ação certa e errada na planície sensorial de Kurukshetra.

(2) A guerra psicológica travada na meditação iogue na planície cerebroespinhal de Dharmakshetra Kurukshetra entre as tendências mentais e inclinações de manas puxando a vida e a consciência para fora, em direção à matéria, e as tendências puras discriminativas da inteligência búdica, atraindo a vida e a consciência para dentro, em direção ao alma.

(3) A batalha espiritual, travada na meditação iogue mais profunda na planície cerebral de Dharmakshetra para superar os estados inferiores de consciência e dissolver toda a egoidade e sentimento de separação de Deus no samadhi, a união vitoriosa da alma e do Espírito na consciência cósmica.

O iogue avançado pode regozijar-se muitas vezes com esta conquista feliz do samadhi, mas descobrir que não consegue manter esta união permanentemente. Ele é atraído novamente para a consciência do ego e do corpo por seu carma – efeitos de ações passadas – e por resquícios de

desejos e apegos. Mas através de cada contato triunfante com o Espírito, a consciência da alma torna-se fortalecida e controla mais firmemente o reino corporal. Por fim, o carma é superado, a natureza inferior dos desejos e apegos é subjugada e o ego é morto – o iogue alcança kaivalya, liberação: união permanente com Deus.

O iogue liberado pode então descartar seus três invólucros corporais e permanecer uma alma livre na bem-aventurança sempre existente, sempre consciente e sempre nova do Espírito Onipresente. Ou se ele escolhe descer novamente do seu samadhi para a consciência e atividades do seu corpo, ele o faz no estado sublime de nirvikalpa samadhi. Neste estado mais elevado de consciência anímica externalizada, ele permanece em sua natureza anímica pura, intocada e inalterada, sem perda da percepção de Deus, enquanto externamente desempenha quaisquer deveres exigentes que possam ser sua parte no cumprimento do plano cósmico do Senhor. Este estado de ser supremo é o reinado incontestado do Rei Alma sobre o reino corporal.

O Reino Corporal Sob o Reinado do Rei Alma

Ao aplicar designações ilustrativas a áreas específicas do corpo, e personalidades e nomes figurativos às atividades que ali ocorrem, o reino corporal e como ele é afetado por seus "governantes" e "habitantes" podem ser vividamente retratados. A Figura 1 representa o reino corporal sob o governo do Rei Alma.

Do Palácio Real – os centros da superconsciência, da consciência crística e da consciência cósmica no cérebro e na medula – o Rei Alma concede sua beneficência de bem-aventurança, sabedoria e vitalidade por todo o reino.

O Rei é assistido pelos seus súbditos leais – as tendências senhoriais discriminativas – na "Câmara dos Lordes" Parlamentar, a "câmara alta" ou assentos superiores de consciência nos centros medular, cervical e dorsal. Estes estão sob a influência da Discriminação do Primeiro Ministro – buddhi, a inteligência que revela a verdade e é atraída pelo Espírito.

Na "Câmara dos Comuns" parlamentar – na "câmara baixa", ou

assentos inferiores da consciência nos centros lombar, sacro e coccígeo – os poderes sensoriais comuns de manas (mente ou consciência sensorial) tornam-se obedientes à influência sábia do Primeiro. Discriminação do Ministro e as tendências discriminatórias senhoriais. O homem comum está principalmente sob a influência da mente consciente dos sentidos (manas), aquele poder de repulsão do Espírito que obscurece a verdade e liga a consciência à matéria. A consciência sensorial funciona através dos três centros espinhais inferiores. Mas quando a vida do homem fica sob a orientação da alma, os sentidos que operam através dos três centros inferiores tornam-se obedientes às tendências discriminativas dos centros superiores de consciência cérebro-espinhal. Assim, pode-se dizer que o homem mundano vive nos centros inferiores de consciência, na região lombar, sacral e cóccix, predominando a mente (manas ou consciência sensorial). O homem espiritual vive nos centros superiores de consciência, na região dorsal, cervical e medular, predominando a inteligência discriminativa (buddhi, ou consciência reveladora da verdade).

Bodily Kingdom as Ruled by King Soul

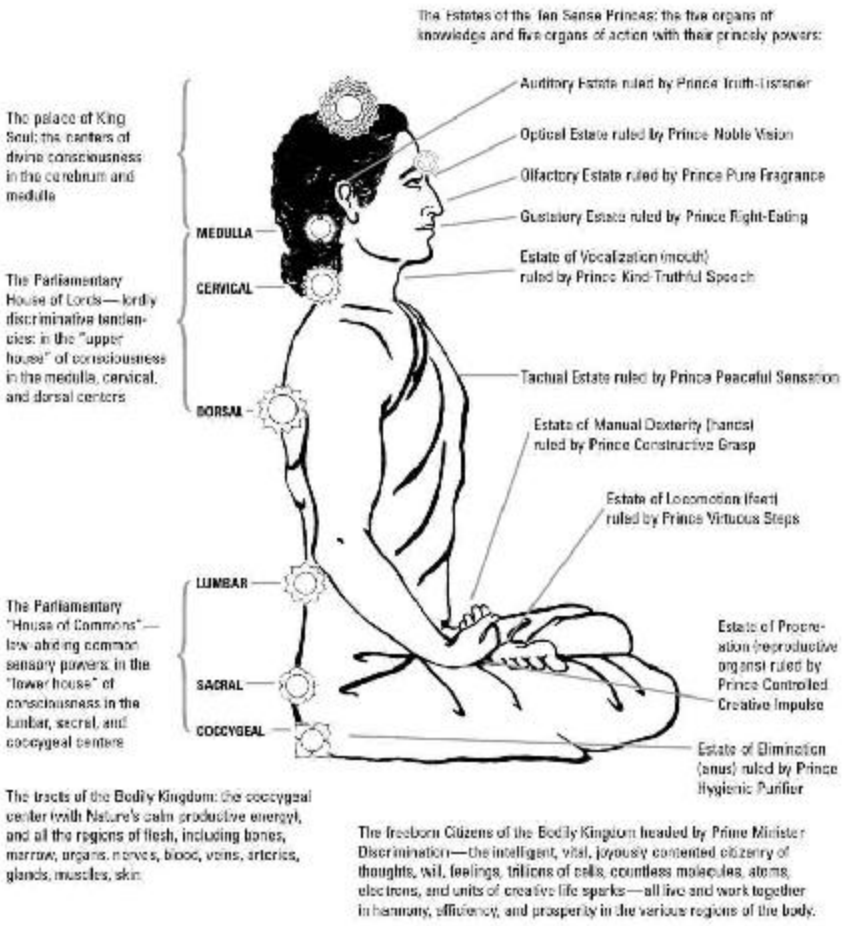


Figure 1

❖

Saúde, beleza e paz no reino corporal

❖

Os setores físicos do Reino Corporal são todos mantidos vibrantes sob o governo do Rei Alma. Esses tratos incluem o centro coccígeo e

todas as regiões da carne: ossos, medula, órgãos, nervos, sangue, artérias, veias, glândulas, músculos, pele. De importância primordial é o centro coccígeo. Todos os poderes sutis da consciência e da força vital que atuam nos centros superiores entram em manifestação física através do canal do centro coccígeo: a matéria aparece em cinco variedades (sólida, líquida, gasosa, ígnea, etérea - a partir da ação das vibrações elementares de terra, água, fogo, ar e éter nos centros coccígeo, sacral, lombar, dorsal e cervical) à medida que a força vital flui para fora do cóccix, criando e sustentando os tratos de carne, ossos, sangue e assim por diante . Sob King Soul, a criativa "Mãe Natureza" no cóccix é calma e controlada, trazendo saúde, beleza e paz ao reino. Ao comando do iogue em meditação profunda, essa força criativa volta-se para dentro e flui de volta à sua fonte no lótus de mil pétalas, revelando o resplandecente mundo interior das forças divinas e da consciência da alma e do Espírito. Yoga refere-se a esse poder que flui do cóccix para o Espírito como a kundalini desperta.

Todas as áreas físicas do Reino Corporal estão sob a influência de dez Príncipes dos Sentidos, poderes sensoriais, que residem em suas respectivas propriedades, ou órgãos sensoriais. Estes são os cinco sentidos do conhecimento (visão, audição, olfato, paladar e tato) e os cinco poderes sensoriais de execução (o poder da fala, o poder de locomoção nos pés, o poder da destreza manual, o poder de eliminação em o ânus e os músculos excretores, e o poder de reprodução nos órgãos genitais).

Os Príncipes dos Sentidos são todos nobres e bons, em sintonia com os poderes discriminativos e harmoniosos da alma. Os sentidos servem assim ao propósito pretendido de fornecer um meio pelo qual a alma, encarnada como a consciência pura no homem, possa experimentar e expressar-se no mundo da matéria, bem como no reino do Espírito.

Os Cidadãos do Reino Corporal são os beneficiários das bênçãos e da orientação sábia do Rei Alma, dos seus Conselheiros Parlamentares de tendências discriminativas e mentais (sensorial), do Primeiro Ministro Discriminação e dos Príncipes Sensíveis puros. A cidadania de pensamentos, vontade e sentimentos é sábia, construtiva, pacífica e feliz. As massas de trabalhadores conscientes e inteligentes de células, moléculas,

átomos, elétrons e unidades de centelhas de vida criativa (lifetrons, prana) são vitais, harmoniosas e eficientes.

Durante o governo do Rei Alma, todas as leis relativas à saúde, à eficiência mental e à educação espiritual dos pensamentos, da vontade, dos sentimentos e dos habitantes celulares inteligentes do reino corporal são executadas sob a orientação suprema da sabedoria. Como resultado, felicidade, saúde, prosperidade, paz, discriminação, eficiência e orientação intuitiva permeiam o reino corporal – um reino puro de luz e bem-aventurança!

O Reino Corporal Sob o Reinado do Rei Ego

A Figura 2 representa a natureza do homem quando é governada pelo Rei Ego, a ferramenta da Força Cósmica Ilusória que induz o homem a acreditar que está separado de Deus.

A Figura 2 representa, portanto, uma imagem muito diferente daquela da Figura 1; a segunda figura ilustra as mudanças no reino corporal quando este foi usurpado pelo Rei Ego e seus rebeldes. O ego é chamado de pseudoalma, pois imita a autoridade do Rei Alma e tenta dominar todo o reino corporal. Mas o Usurpador nunca poderá entrar nas palacianas câmaras internas da superconsciência, da consciência crística e da consciência cósmica. O ego só pode governar os estados conscientes e subconscientes do homem. A consciência voltada para dentro, no centro medular, é a superconsciência da alma. Fluindo para fora, para os estados subconscientes e conscientes do cérebro e da coluna, e identificando-se com o corpo em vez de com o Espírito, a consciência como Rei Ego inicia seu reinado inconstante.

A câmara inferior da consciência e do subconsciente do cérebro sob o Rei Ego não é mais governada pela alma pacífica, onisciente e onipotente, mas torna-se o lar do fraco sempre inquieto, orgulhoso, ignorante e limitado pelo corpo - o Ego rebelde. A Ignorância do Primeiro Ministro, em vez da Discriminação, exerce o seu poder influente.

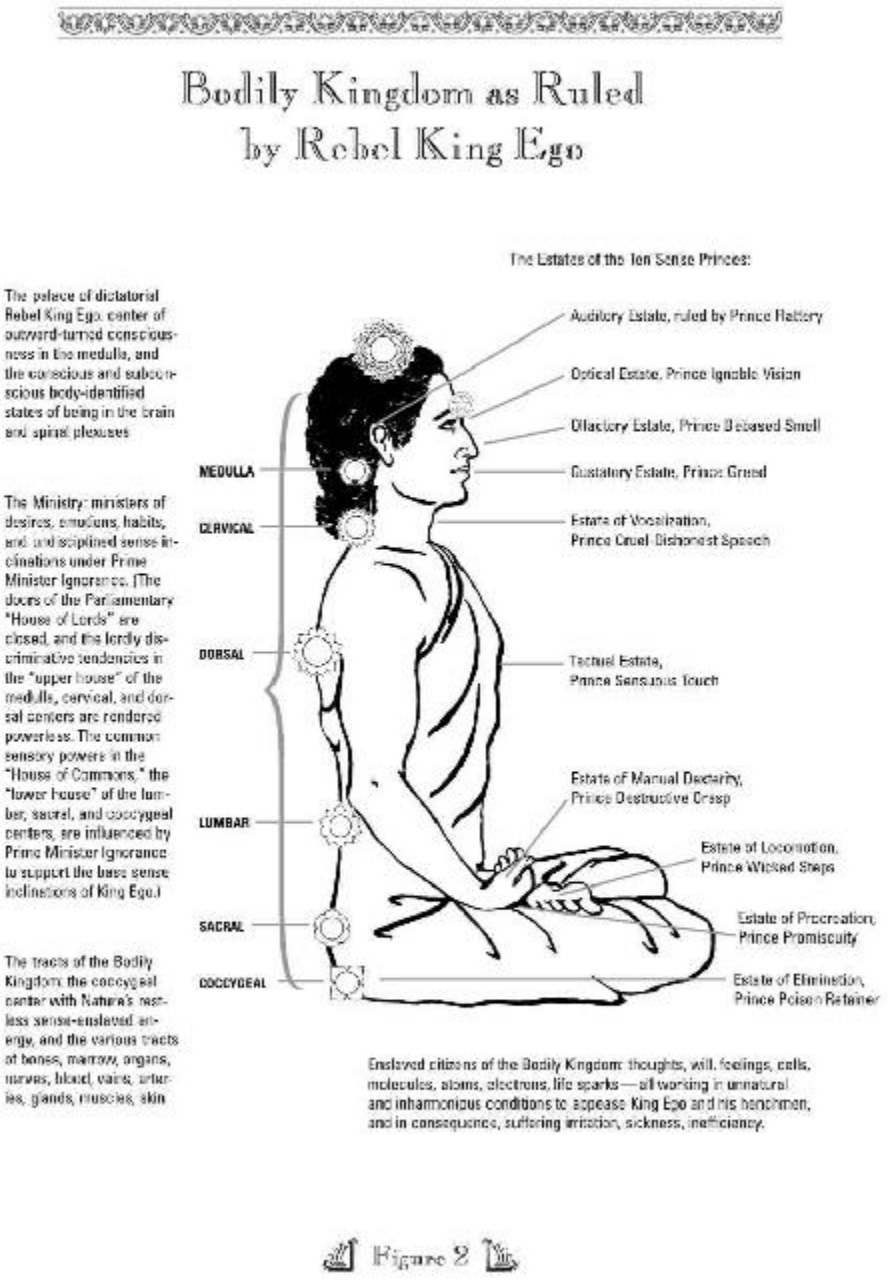


Figure 2

King Ego é um ditador; ele só quer conselheiros que sejam sim-homens e que cumpram suas ordens para manter o reino corporal longe do Rei Alma. Os ministros do ego são desejos materiais, emoções, hábitos e

inclinações sensoriais indisciplinadas sob a Ignorância do Primeiro Ministro. Estes insurgentes fecham as portas da "Câmara dos Lordes" parlamentar e, assim, tornam impotentes as tendências discriminatórias senhoriais na "câmara alta" dos centros medular, cervical e dorsal. Os poderes sensoriais comuns na "Câmara dos Comuns", a "câmara baixa" dos centros lombar, sacro e coccígeo, que eram obedientes e leais ao seu antigo Rei Alma e à Discriminação do Primeiro Ministro, são influenciados pela Ignorância do Primeiro Ministro para apoiar em vez disso, as inclinações sensoriais básicas do Rei Ego. Isto é, quando a inteligência discriminativa (buddhi) que revela a verdade e é atraída pelo Espírito é dominada pelo ego e pela influência da ignorância (maya e avidya), então predomina a consciência sensorial (mente, manas) - sendo manas o poder de repulsão. do Espírito que obscurece a verdade e liga a consciência à matéria.

As áreas físicas do reino corporal sob o Rei Ego são muitas vezes inativas e insalubres devido às epidemias de doenças e ao envelhecimento prematuro que se espalham por todo o reino. No trato principal – o centro coccígeo – a "Mãe Natureza" criativa está constantemente agitada, sua energia vital formativa é abusada e dissipada pelas demandas desgovernadas dos sentidos.

Os Príncipes dos Sentidos são buscadores de prazer identificados com o corpo, indulgentes e egocêntricos. Influenciados pela ignorância, eles caem em maus caminhos e hábitos autodestrutivos.

A cidadania de pensamentos, vontades e sentimentos torna-se negativa, limitada, cansada, infeliz; os trabalhadores inteligentes das células e das unidades atômicas e subatômicas da vida tornam-se desorganizados, ineficientes e debilitados. Sob o regime do Ego, com o Primeiro-Ministro Ignorância no comando, são violadas todas as leis que levariam ao bem-estar dos cidadãos mentais e celulares no reino do homem. É um reino de trevas repleto de muitos medos, incertezas e misérias para neutralizar cada breve momento de prazer.

Comparação dos sentidos governados pela alma e governados pelo Ego

O Patrimônio Óptico: Quando o Príncipe Nobre Visão está encarregado do patrimônio óptico, o homem vê apenas o que há de bom em tudo. Bons objetos, maravilhas da natureza, cenários requintados, rostos sagrados, expressões espirituais da arte, imagens sagradas, são fotografados como sensações; seus filmes são mostrados aos habitantes mentais do cérebro (pensamentos, vontade e sentimentos) para sua instrução, prazer e paz.

Os filmes do regime de Ego, promovidos pelo Príncipe Ignoble Vision, dão instruções em cenas de conflitos e lugares feios; rostos atraentes e que despertam o mal e arte que desperta os sentidos; sugestões sensuais e materialistas são despejadas no cérebro para degradar o bom gosto natural de todas as células e pensamentos inteligentes.

A atração do ego por belos objetos e rostos leva a apegos materiais e indulgências sensuais. A alma percebe em toda a beleza a expressão da Beleza Divina e sente uma feliz expansão de consciência e amor através dessa experiência.

O Estado Auditivo: Durante o regime da Alma, o Estado Auditivo é governado pelo Príncipe Ouvinte da Verdade; o sentido da audição ama as vozes da verdade benéfica, que guiam os pensamentos do homem para a meta da sabedoria.

Sob o regime do Ego, o Príncipe Flattery prefere ouvir nada além de inverdades venenosas e adoçadas artificialmente, levando os pensamentos a uma falsa consciência de auto-suficiência e auto-importância, e a uma convicção de que más ações não acarretam punição inerente. Testemunhe os grandes e pequenos déspotas deste mundo!

Palavras doces de elogio sincero são desejáveis quando encorajam uma pessoa a agir corretamente. A bajulação, ou palavras falsas, no entanto, são perniciosas – servindo, como muitas vezes acontece, para esconder feridas psicológicas, que depois inflamam e envenenam toda a natureza do homem.

A bajulação é como mel envenenado.

Além disso, a voz dos próprios pensamentos tende muitas vezes a isolá-lo da realidade. Ele desculpa suas falhas e esconde tanto quanto possível os graves tumores psicológicos dentro de si, em vez de expô-los à faca curativa da análise e da autodisciplina. A lisonja dos outros e os sussurros reconfortantes de seus próprios pensamentos racionalizadores atingem docemente seu sentido de audição.

A sabedoria humana muitas vezes é mantida prisioneira nas mãos de palavras lisonjeiras e venenosas. Muitas pessoas sacrificam voluntariamente seu tempo, dinheiro, saúde, reputação e caráter apenas para receber constantemente o elogio meloso de amigos "parasitas". Na verdade, a maioria das pessoas prefere a bajulação à crítica inteligente. Eles negam indignadamente um pingo de verdade a qualquer análise que os revele sob uma luz desfavorável. Muitas vezes, por puro despeito egoísta contra críticas justas, as pessoas prontamente se precipitam nas rochas do mau comportamento. Numerosos são os que pereceram por não ouvirem as severas palavras de advertência correta e por abraçarem, em vez disso, a filosofia descontraída de associados iníquos. Melhor é viver no Hades com um sábio de fala áspera do que habitar no céu com dez mentirosos de boca doce! Os tolos transformam o céu em hades; um homem sábio transforma qualquer hades em um paraíso.

Muitos benefícios advêm àqueles que ouvem com calma as críticas gentis. Admirável o homem que é capaz de receber críticas duras, mas verdadeiras, ouvindo-as com um sorriso sincero e um sentimento de gratidão por alguém estar se dando ao trabalho de tentar melhorá-lo. Poucos já são perfeitos! Sem necessariamente admitir as próprias falhas aos outros, a pessoa deve corrigir-se silenciosamente quando criticada com justiça.

Um santo que conheci tinha um amigo de língua afiada que passava a maior parte do tempo criticando o mestre. Um dia, um discípulo do santo chegou ao eremitério com notícias importantes.

"Mestre", ele gritou exultante, "seu inimigo – o constante descobridor de falhas – está morto!"

"Ah, me sinto impotente!" os olhos do santo se encheram de lágrimas.

"Estou de coração partido; meu melhor crítico espiritual se foi!”

Deveríamos nos perguntar, portanto, em muitas noites introspectivas: “Como reagi hoje às críticas leves ou duras? Rejeitei as palavras dos meus associados sem primeiro considerar a possibilidade de que nelas havia muita, ou mesmo pouca, verdade?”

Não são apenas palavras doces de bajulação que o ego adora ouvir, mas também elogios por realizações e promessas de devoção de entes queridos. Mas a ilusão aqui é que o elogio ao nome e à fama neste mundo é inconstante e evanescente, e promessas de amor eterno vêm dos lábios “imperdíveis” dos mortais; até as doces vozes das mães finalmente silenciam. Todos estes serão enterrados na sepultura do esquecimento, a menos que em seu eco se ouça – assim como a alma – a voz do Divino Amante, e nela se reconheça Sua presença, Seu amor, Sua aprovação.

The Olfactory Estate: Sob a orientação de Soul, Prince Pure Fragrance adora se divertir com os aromas naturais das flores e do ar puro; incenso de templo que desperta devoção; e o aroma de alimentos saborosos e saudáveis. Contudo, aconselhados pelo Príncipe Debased Smell, os pensamentos e as células anseiam e se entregam a perfumes pesados e sensuais; e seu apetite é despertado pelo cheiro de alimentos prejudiciais à saúde, desnutridos, ricos ou muito picantes. Quando o sentido do olfato é escravizado, ele perde sua atração natural por alimentos simples que são bons para o corpo, e desenvolve um apego especial aos odores de carnes, sobremesas ricas, preparações desnaturadas – alimentos que são prejudiciais ao corpo.

O cheiro degradado pode até achar agradáveis os odores nocivos de males como álcool e fumaça de cigarro. Quando os pensamentos e as células olfativas são grosseiros e tornados menos sensíveis pelo Príncipe Degradado Cheiro, a pequena protuberância olfativa no meio do rosto do homem pode levar o corpo à ganância e indulgências que resultam em problemas de saúde e falta de paz mental. Dependendo, portanto, da natureza pura ou degradada do sentido olfativo, é sábio ou imprudente adotar o velho ditado: “Siga seu nariz”.

A propriedade gustativa: Sob o governo da Alma, o Príncipe Right-Eating governa a propriedade gustativa. Guiado pela atração natural, ele fornece os alimentos certos com todos os elementos necessários, especialmente frutas e vegetais frescos e crus com sabores naturais e vitaminas não destruídas. Esses alimentos naturais nutrem as células do corpo, ajudando a torná-las imunes a doenças e auxiliando na preservação de sua juventude e vitalidade.

Sob o regime do Ego, o Príncipe Ganância cria um desejo não natural por alimentos cozidos demais, desvitalizados e prejudiciais. Os pensamentos gustativos e as células do corpo ficam viciados, sujeitos à indigestão e às doenças.

O Príncipe Ganância também tenta o homem a comer mais alimentos do que o necessário para a saúde. Mesmo quando crianças, a maioria dos seres humanos é tentada pelos atrativos do sabor a sair do entrincheiramento protetor dos hábitos alimentares corretos. Eles são atingidos pelas balas da indigestão; estas “feridas”, se repetidas cronicamente, muitas vezes evoluem para doenças graves mais tarde na vida. Cada quilo de carne desnecessária coloca uma carga adicional no coração, que deve então bombear seu sangue através de território desnecessário. Homens e mulheres obesos não têm vida longa – fato atestado pelas seguradoras.

Milhões de pessoas em cada geração perdem a batalha diária contra a ganância; eles passam a vida como prisioneiros de doenças e morrem prematuramente. Nos homens comuns, o sentido do paladar, com seu exército maligno de lembranças de comer descontroladamente, engolir precipitadamente e outros maus hábitos, triunfa diariamente sobre os bons soldados interiores, cujos conselhos são ignorados – o conselho da moderação, da seleção correta de alimentos para uma dieta equilibrada. dieta, mastigação adequada e assim por diante.

O homem que permite que os exércitos da ganância avancem pouco a pouco sobre o território dos seus hábitos alimentares adequados, gradualmente se vê cercado pelo inimigo da doença. De manhã, ao meio-dia e à noite, quando iguarias saborosas são espalhadas diante dos olhos do homem, o Príncipe Ganância pretende atraí-lo para problemas, enviando espiões psicológicos para iludir seus poderes de autocontrole, sussurrando:

“Coma um pouco mais hoje; não importa o que acontecerá com você daqui a um ano. “Coma mais hoje; você pode parar de comer demais amanhã. “Não importa o pequeno aviso de indigestão de ontem: pense em como o jantar desta noite está delicioso!” “Coma hoje; não se preocupe com o amanhã; quem sabe alguma coisa certa sobre amanhã? Por que então se preocupar com isso?

Cada vez que o Príncipe Ganância derrota um homem, deixa uma leve marca de dano no reino corporal, um dano que gradualmente se torna irreparável e termina em morte.

Todos os dias, antes de cada refeição, o aspirante à realização de Deus deveria dizer para si mesmo: “O Príncipe Ganância e seus espiões do paladar estão empenhados em batalha há muito tempo com o Príncipe Comedor Correto; qual lado está ganhando?” Se um homem descobre que a Ganância foi vitoriosa, ele deve convocar seus exércitos de autocontrole, treiná-los na resistência espiritual e ordenar-lhes que se mostrem soldados dignos diante do inimigo, a Ganância, que avança incansavelmente na esperança da destruição do homem. O iniciante sincero no caminho espiritual nunca come sem antes refletir que sua ação está reforçando o poder de um ou de outro exército interior. Um deve chorar, enquanto o outro se alegra! Um é amigo do homem; o outro, seu inimigo.

O Estado Tático: Sob o regime da Alma, o sentido corporal do tato, como Príncipe da Sensação Pacífica, adora moderação no clima, na alimentação e nas necessidades reais da vida. Ele adora o calor do sol e a sensação de uma brisa fresca. Hábitos corporais saudáveis e saudáveis – presteza, limpeza, estado de alerta e atividade – resultam matematicamente em paz. Sendo consistentemente equilibrado, o Príncipe Peaceful Sensation não é afetado ou perturbado por extremos de calor e frio, duro e suave, aquilo que é irritante e aquilo que é calmante, aquilo que é confortável e aquilo que é desconfortável. Ele é constantemente acariciado pela paz interior – um isolamento contra a fricção de um mundo difícil.

Sob o controle do Ego, entretanto, o Príncipe Toque Sensual torna o corpo apegado ao conforto e ao luxo, e aos sentimentos sensuais que despertam o desejo sexual. Qualquer coisa que não seja calmante causa

grande agitação nos pensamentos e nas células, e desperta medo de feridas e esforço. O corpo sente prazer na ociosidade, na letargia, no esquecimento de dormir demais. O Príncipe Sensual Touch torna os pensamentos inquietos e as células do corpo nervosas, preguiçosas, doentias e inertes.

O Estado da Vocalização: Sob o domínio da Alma, o Príncipe da Fala Gentil e Verdadeira entretém as células e os pensamentos com a magia da harmonia e das palavras eufônicas. Canções que despertam a alma, discurso que produz paz e comovente, palavras vitais de verdade, educam e inspiram os pensamentos e os habitantes das células do corpo em direção a atividades divinas para a elevação de si mesmo e dos outros.

Sob o regime do Ego, o Príncipe do Discurso Cruel-Desonesto cria vibrações feias ao expelir fogos de desarmonias, bombardeando com canhões de palavras cruéis, raivosas ou vingativas os castelos da paz, da amizade e do amor – todas aquelas estruturas que poderiam proteger a felicidade de os habitantes mentais e celulares do reino corporal.

Há um tremendo poder criativo por trás das palavras de alguém que sempre fala a verdade. Mas ele também deve estar em sintonia com a qualidade de sentimento puro do coração e com a qualidade de sabedoria da alma para saber em qualquer caso “O que é a verdade?” - uma pergunta que até Jesus se recusou a responder, sabendo que aquele que o questionou iria não entendo. Os fatos, que podem ser prejudiciais, nem sempre são verdades, o que traz apenas bênçãos. Por exemplo, a expressão de verdades negativas geralmente deve ser evitada. Um homem de ampla simpatia não se refere desnecessariamente à enfermidade de um aleijado ou à reputação desagradável de um mentiroso. Porque há de fato verdade em tais palavras, não há desculpa, em circunstâncias comuns, para pronunciá-las; apenas pessoas sádicas sob o discurso egoísta do Príncipe Cruel-Desonesto gostam de atirar flechas no calcanhar de Aquiles ou no ponto de vulnerabilidade que está presente, de uma forma ou de outra, em cada ser humano.

Também é errado contar a um homem as suas falhas se ele não procurou tal crítica. E é desprezível fofocar e espalhar boatos desagradáveis.

A voz é um valioso poder dado por Deus para ser usado para acalmar, confortar, instruir e transmitir sabedoria e amor – um verdadeiro alquimista

que remove a mácula pela magia de suas poções vocalizadas.

O Estado da Destreza Manual: Sob o governo da Alma, os instrumentos de ação manual, as mãos, guiadas pelo Príncipe Construtivo Grasp, alcançam coisas benéficas, para trabalho e serviço construtivo, para fazer boas ações e compartilhar com os outros, e para acalmar e cura. Sob o domínio do Ego, as mãos estão ocupadas, quase automaticamente, na prática de atos ilícitos – agarrar-se a mais bens, tomar mais do que a sua parte, roubar, assassinar, atacar com raiva ou vingança – todas ações que contribuem para a desarmonia e a ruína dos habitantes. do reino corporal. O Príncipe Destructive Grasp parece precisar de cem mãos para satisfazer sua avareza, enquanto o Prince Constructive Grasp torna o mundo, assim como o reino corporal, um lugar melhor com apenas duas.

O Estado de Locomoção: Sob o controle da Alma, os instrumentos de movimento, os pés humanos, buscam locais de inspiração – templos, serviços espirituais, bons entretenimentos, áreas pitorescas da natureza e a companhia de amigos valiosos e pessoas santas. O Príncipe Virtuoso Passos também adora exercícios saudáveis para revigorar os cidadãos celulares do corpo e nunca se esquiva de sua responsabilidade de fornecer a mobilidade necessária para os outros nobres príncipes.

Sob o domínio do Ego, os passos corporais são incitados a locais de diversões nocivas – casas de jogo, bares, lojas de bebidas, filmes sugestivos – e a companhias malignas, turbulentas e perturbadoras. Prince Wicked Steps muitas vezes se torna preguiçoso e letárgico. Quando o poder de movimento se recusa a mover-se, a mobilidade também é negada ao resto dos Príncipes e dos habitantes corporais.

O Estado de Eliminação: Sob o governo da Alma, o Prince Hygienic Purifier mantém todos os músculos excretores funcionando adequadamente para eliminar venenos do sistema. Sob o governo do Ego, o Príncipe Retentor de Veneno fica lento e os instrumentos musculares de ação saudável tornam-se fracos e doentes, retendo venenos que infectam o reino corporal.

O Estado da Procriação: Sob o governo da Alma, o Impulso Criativo Controlado pelo Príncipe guia corretamente a inclinação sexual, permitindo que os pais tragam à Terra, pela lei da atração, outros nobres seres humanos espirituais como eles, que guiarão pelo exemplo as almas emaranhadas na matéria, inspirando-os a refazer seus passos em direção à bem-aventurança espiritual.

Sob a orientação da Alma, o impulso sexual no homem também pode ser transmutado na criação - num plano puramente espiritual - de ideias nobres, de obras-primas artísticas, de livros que revolucionam a alma.

Sob o regime do Ego, o Príncipe Promiscuidade vive em uma paixão desenfreada. O reino corporal é mantido constantemente excitado e inquieto com impulsos mórbidos de tentação sexual. A luxúria insaciável transmitida aos cidadãos do pensamento faz com que se sintam escravos, sujeitos ao mau humor, à depressão, à irritabilidade; os habitantes celulares sofrem debilidade, problemas de saúde, velhice e morte prematuras.

No início do ciclo de criação manifestada, Deus materializou todas as formas por comando direto, especial e criativo: a “Palavra”,10 ou vibração criativa cósmica de Aum (Om), com seus poderes manifestos de criação, preservação e dissolução. Deus dotou o homem, feito à Sua imagem onipotente, com esse mesmo poder criativo. Mas Adão e Eva (símbolo dos primeiros pares de seres humanos), cedendo à tentação do toque, perderam o poder da “criação imaculada” pela qual tinham sido capazes de revestir todas as suas imagens mentais com energia e vida, materializando assim as crianças de o éter (trazendo-os à manifestação a partir do mundo ideal), até mesmo como deuses.

Homem e mulher, em vez de buscarem a emancipação em Deus através da unidade da alma, buscaram a satisfação através da carne. A semente do erro original de “Adão e Eva” permanece em todos os seres humanos como a primeira tentação da carne contra as leis imaculadas do Espírito (“não toques na árvore que está no centro do jardim!”). Cada indivíduo, desde aquela era obscura, teve que envolver sua alma na batalha contra a tentação cosmicamente presente do sexo. O criador do homem tornou-se uma criatura ditatorial.

❖

O instinto sexual descontrolado mantém o homem na consciência corporal

❖

O impulso sexual é o poder mais fisicamente magnético que puxa a vida e a consciência para baixo do Espírito, nos centros superiores do cérebro, através do centro coccígeo, para a matéria e a consciência corporal. O iniciante na meditação iogue experimenta definitivamente o quanto está fundamentado no apego obstinado de sua vida e energia ao corpo, às vezes sem perceber que são seus pensamentos e atos sexuais descontrolados os principais responsáveis por sua condição terrena. O yoga que procura a Auto-realização é, portanto, instado a assumir o comando desta força rebelde: os casais devem praticar a moderação, predominando o amor e a amizade; os solteiros deveriam respeitar as leis puras do celibato - tanto em pensamento como em atos.

São abençoados aqueles que vencem o instinto sexual. Como a supressão só pode aumentar as dificuldades, a ioga ensina a sublimação. A pessoa comum pode ficar livre da tentação evitando companhias, ambientes, livros, filmes, que estimulam pensamentos sexuais; e treinando os exércitos do autocontrole, procurando boa companhia, comendo pouca ou nenhuma carne e comendo mais frutas e vegetais frescos), exercitando-se regularmente, engajando-se em atividades criativas como arte, invenção, escrita. Acima de tudo, ao manter os pensamentos na maravilha, na paz e no amor totalmente satisfatório de Deus, o desejo insaciável pelo prazer do sexo é transmutado pelo amor divino e pela alegria extática experimentada na meditação profunda.

Os mais corajosos dos profetas ousam intrometer as suas vozes, muitas vezes indesejáveis, no reino deste instinto natural para lembrar as injunções bíblicas contra a promiscuidade, o adultério e o comportamento aberrante – indulgências que o mundo moderno chama de “amor livre”. A escravidão ao sexo raramente é baseada no amor e nunca é “gratuita”. A condenação por parte dos moralistas religiosos, contudo, faz pouco mais do que criar sentimentos de culpa no chamado “pecador”; ou fazer com que ele se volte contra a religião ou, mais comumente, justifique seu comportamento associando-se a pessoas de padrões comparáveis – cuja disponibilidade

nunca falta.

A moralidade, como um camaleão, tende a assumir a cor da sociedade circundante; mas as leis inescrutáveis da Natureza, através das quais Deus sustenta a Sua criação, permanecem sempre inalteradas pelas determinações do homem. O simples fato é que o homem se escraviza em grilhões cármicos sempre que transgride qualquer código sagrado da natureza; e então, quando o sofrimento resulta, ele clama tristemente: “Por que eu, Senhor?” A compreensão é a arte de desatar os nós górdios ligados pela ignorância. Assim, o yoga ensina por que o homem, a maior realização da Natureza, deve respeitar o seu modo sagrado de procriação e, correspondentemente, por que não deve abusar dele.

❖

Harmonizando as naturezas masculina e feminina

❖

Considere, para começar, que todo ser é em essência uma alma, feita à imagem de Deus – nem homem nem mulher, mas no estado corporificado, possuindo uma natureza masculina e feminina. A tendência masculina manifesta-se nos poderes de discriminação, autocontrole, julgamento exigente – todas as qualidades da razão ou do intelecto. O elemento emocional em cada ser, consistindo na ternura do amor, simpatia, bondade, misericórdia – todas as qualidades do sentimento – constitui a natureza feminina. Se estas duas fases não estiverem devidamente unidas e harmonizadas, a procriação espiritual, cujo fruto é a paz permanente, é impossível. A procriação espiritual requer o “acasalamento” adequado – dentro de si mesmo – das qualidades masculinas mais severas com a natureza feminina mais suave; resulta e se manifesta no nascimento e na expressão do verdadeiro conhecimento e do total auto-contentamento. Naquele que alcançou a Auto-realização, esta união perfeita foi alcançada. No homem comum, o desequilíbrio deixa-o insatisfeito e inquieto. A atração entre homem e mulher, quando baseada no amor verdadeiro e não na obsessão sensual, é o esforço da alma para recuperar a sua harmonia normal. Isto dá origem ao argumento frequentemente abusado que proclama a necessidade de procurar e encontrar a alma gémea. Mas com demasiada frequência a atração pelas razões erradas resulta, em vez disso, em companheiros de cela!

Os padrões cármicos criados pelas ações passadas de uma pessoa – mentais e físicas – determinam o nascimento da alma dessa pessoa em um corpo masculino ou feminino. A alma assexuada experimentou ambas as formas ao longo das suas muitas encarnações – uma boa razão para respeitar a igualdade e as virtudes de ambas as expressões de Deus. O casamento entre homem e mulher tem como propósito que cada parceiro ajude a elevar o outro num compromisso de amizade, amor e lealdade divina que aproximará ambas as almas da sua verdadeira natureza na encarnação que partilham. E ainda fornece o ambiente médio e certo para convidar outras almas que buscam o renascimento na Terra para entrar no círculo do seu amor em expansão.

Quer se busque a harmonia da alma através do casamento correto ou de uma vida celibatária, a culminação será finalmente alcançada pela união com Deus: isto é, a reunião de um homem ou de uma mulher - ambos produtos da Natureza, o aspecto negativo ou feminino —com a Força Positiva, o verdadeiro Amado de todas as almas apaixonadas, o Espírito.

Muitas escaramuças psicológicas ocorrem antes que o Rei Alma reine supremo, ou antes que o Rei Ego ganhe o controle total do reino corporal.

❖

O ego não pode governar para sempre

❖

Não importa quantas vezes em uma vida ou em muitas encarnações o Rei Ego pareça estar em completo domínio do reino corporal, ele não pode governar por toda a eternidade. Mas se King Soul conseguir o controle firme do reino do homem, ele governará para sempre. Isto se deve à bendita verdade de que o pecado e a ignorância são apenas véus temporários da alma; sabedoria e felicidade são sua natureza essencial. Embora um homem possa ser pecador por um tempo, é impossível que ele seja pecador para sempre ou sofra a perdição eterna. Feito como o homem é à imagem de Deus, ele pode aparentemente desfigurar essa imagem, através do mau uso humano da livre escolha, mas a fuligem da ignorância não pode destruir a marca imortal de Deus no homem.

Como a imagem divina no homem nunca pode ser totalmente escondida, mesmo o reino mais sombrio tem alguns raios iluminadores de virtude. Ao

examinar os critérios infalíveis sugeridos pela comparação das duas ilustrações análogas em discussão, o devoto deve analisar suas ações físicas e mentais diárias para determinar o quanto de sua vida é governada pela ignorância (ilusão) do ego e pela consciência corporal, e o quanto ele é capaz de expressar a sabedoria e a natureza divina da alma.

Hábito versus livre escolha discriminativa

Se uma ação está em sintonia com a alma discriminadora ou com o ego iludido depende da decisão que o homem toma, consciente ou inconscientemente, quando essa ação é iniciada.

As ações de cada ser humano são determinadas de diversas maneiras. Um homem pode ser guiado pela livre escolha, ou pela influência de tendências cármicas pré-natais (os hábitos e efeitos de ações herdadas de vidas passadas), ou pelas sugestões de hábitos pós-natais, ou por vibrações ambientais.

Os grandes paradoxos e anomalias da vida observados como profundos contrastes entre pessoas ricas e doentes, por exemplo, e pessoas pobres e saudáveis; alguns vivem uma vida longa, alguns morrem cedo; alguns que conseguem tudo, alguns que falham repetidamente; pessoas que são naturalmente pacíficas e aquelas que são cronicamente coléricas – todas são resultados de suas próprias ações pré-natais e pós-natais. Um homem perverso, um artista, um homem de negócios, um dogmático, um intelectual, um falador que não faz nada, um homem de Auto-realização, são todos feitos por si mesmo. Muito poucos seres humanos, no entanto, usam exclusivamente o poder de livre escolha que lhes foi dado por Deus para se tornarem as pessoas que desejam ser. A maioria permite que as suas características mudem de forma passiva e inconstante, de diversas maneiras não direcionadas, de acordo com os padrões de humor passageiro engendrados por ambientes específicos, ou de acordo com as influências úteis ou sinistras dos hábitos pré-natais e pós-natais.

Os hábitos pré-natais estabelecem-se nas trincheiras da mente subconsciente e tentam influenciar o poder discriminativo da mente consciente. Acredito que qualquer homem pode tornar-se uma pessoa ideal

se os seus hábitos pré-natais, sob o pretexto da hereditariedade, não puderem influenciar o seu poder divino de livre escolha.

Cada pessoa deveria ser capaz de agir livremente, guiada apenas pela sabedoria mais elevada, sem ser influenciada por qualquer hábito pré-natal indesejável. A influência dos bons hábitos pré-natais não é prejudicial, é claro, mas é melhor realizar boas ações principalmente através da inspiração da atual livre escolha da alma.

Da mesma forma, não se deve permitir que o seu bom senso seja escravizado pelos maus hábitos adquiridos nesta vida. A maioria das pessoas não conhece as consequências de agir sob a influência de maus hábitos até que sofram dores corporais excruciantes ou passem por uma tristeza dolorosa. São a dor e a tristeza que impelem o homem – tarde demais – a investigar a causa de sua condição atual.

Muito raramente o homem percebe que sua saúde, sucesso e sabedoria dependem em grande parte da questão da batalha entre seus bons e maus hábitos. Aquele que deseja estabelecer dentro de si o governo da alma não deve permitir que o reino corporal seja ocupado por maus hábitos. Todos esses males devem ser banidos através do treinamento de diversos bons hábitos na arte da guerra psicológica vitoriosa.

Os soldados dos maus hábitos, problemas de saúde e negatividade tornam-se revigorados por qualquer desempenho real de uma má ação por parte do homem; ao passo que os soldados de bons hábitos são alegremente estimulados por qualquer realização de uma boa ação. Os maus hábitos não devem, portanto, ser alimentados com más ações. Eles deveriam morrer de fome devido ao autocontrole; e bons hábitos fortalecidos com o alimento nutritivo das boas ações.

Nenhuma ação, interna ou externa, é possível sem o poder energizante da vontade. A força de vontade é aquilo que transforma o pensamento em energia.11 O homem é dotado de livre arbítrio e não deve abdicar da sua liberdade de escolha e acção. Para garantir a ação correta, o desafio para quem busca a Auto-realização é superar os maus hábitos pré-natais e pós-natais com bons hábitos, e aumentar as ações que são iniciadas unicamente pela livre escolha guiada pela sabedoria, emancipada de todos os hábitos

cármicos, habituais e ambientais. influências.

Transmutando Desejos

Inextricavelmente ligado aos sentidos e hábitos está o desejo. Os santos chamam esse inimigo de “o maior inimigo do homem”, porque é o desejo que liga a alma a ciclos intermináveis de renascimentos no reino da ilusão.

Portanto, outra batalha importante que a alma deve vencer consiste em elevar-se acima de todos os desejos pessoais – seja por dinheiro, poder mental, saúde física, posses, nome, fama – tudo o que liga a alma à matéria e faz com que a consciência se esqueça de Deus.

A falta de desejo não significa uma existência sem ambição. Significa trabalhar pelos objetivos mais elevados e nobres sem apego. O desejo de destruir a pobreza e os problemas de saúde, por exemplo, é louvável e deve ser encorajado. Mas, depois de ganhar riquezas e saúde, ainda é preciso elevar-se acima de todas as condições materiais do corpo para finalmente alcançar o Espírito.

A tendência moderna é usar a religião e Deus como “iscas” para mera saúde, prosperidade e felicidade material. Deve-se buscar a Deus primeiro, por último e o tempo todo, não por Seus dons, mas como seu objetivo final. Então ele encontrará, na abundância do amor de Deus, tudo o mais que anseia. “Mas buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça; e todas estas coisas vos serão acrescentadas”.12 Na unidade com Deus, o homem encontra a satisfação de todos os desejos do coração.

Como um “filho de Deus” desperto, o homem pode legitimamente exigir do seu amoroso Pai saúde, prosperidade ou qualquer outra coisa necessária. Antes de descobrir Deus, as pessoas geralmente desejam os brinquedos das coisas materiais; depois de encontrá-Lo, entretanto, até mesmo os maiores desejos materiais tornam-se insípidos – não por indiferença, mas por comparação com a Bem-aventurança Divina que tudo satisfaz e sacia todos os desejos. Muitas pessoas se esforçam, sem sucesso, por um objetivo material durante toda a vida, deixando de perceber que se tivessem aplicado um décimo da concentração usada na busca de coisas mundanas em um esforço para encontrar Deus primeiro, poderiam então ter

tido a realização não apenas de alguns , mas todos os desejos de seus corações.

Buscar a Deus de todo o coração não implica nem desculpa a negligência nas várias batalhas físicas e mundanas da vida. Assim como um cofre contendo até mesmo as jóias mais brilhantes não pode ser visto no escuro, a presença de Deus não pode ser sentida nas trevas da ignorância espiritual, da desarmonia mental ou da doença avassaladora. O aspirante espiritual aprende, portanto, a vencer todas as batalhas, a fim de tornar o reino da vida livre de todas as causas das trevas, para que a presença perfeita de Deus nele possa ser percebida.

Mantendo a saúde no reino corporal

Portanto, a próxima batalha a ser mencionada é o dever de manter as forças guardiãs da saúde no reino corporal. O sucesso material, a eficiência mental, a prática da meditação para alcançar a Auto-realização – tudo será facilitado se o corpo não for um obstáculo devido à debilidade ou doença.

Para possuir saúde, o homem deve viver de maneira tão higiênica que torne seu corpo imune às doenças. Uma dieta ideal geralmente deve consistir principalmente de frutas, vegetais, grãos, leite e derivados. Ele deveria se exercitar e ter bastante ar fresco e sol; praticar o autocontrole dos sentidos; e empregar técnicas para relaxar corpo e mente. O excesso de indulgência nos sentidos (especialmente o sexo), a alimentação excessiva, a alimentação errada, a falta de exercício, a falta de ar fresco, a falta de sol, a falta de limpeza, a preocupação habitual, o nervosismo e o estresse, as emoções descontroladas – tudo isso ajuda a destruir a imunidade natural do corpo às doença.

A circulação lenta geralmente culmina em depósitos venenosos no sistema. Através do exercício e do ar fresco, os tecidos, as células e os glóbulos vermelhos e brancos ficam carregados de oxigênio fresco carregado de prana. O sistema de Exercícios de Energização, que descobri e desenvolvi em 1916, é um método muito benéfico, simples e não extenuante para recarregar conscientemente o corpo com prana vitalizador. Esta estimulação e eletrificação dos tecidos, células e sangue ajuda a

imunizá-los contra doenças.

Quando a vitalidade está baixa – isto é, quando a força vital do corpo é insuficiente ou não funciona adequadamente – o corpo torna-se suscetível à invasão de todos os tipos de doenças e distúrbios. A força vital funcionará de forma eficiente quando mantida reabastecida e nutrida com hábitos de saúde corretos, como mencionado acima, e também com o reforço necessário de bom caráter, pensamentos positivos, vida correta e meditação correta.

Elevando o Nível de Consciência

Um homem ainda não é um mestre se ainda estiver envolvido nas batalhas comuns da vida - as das tentações sensoriais, dos desejos, dos hábitos; identificação com a fisiologia e limitações do corpo; inquietação de dúvidas e complexos mentais; e ignorância da alma. Suas percepções são limitadas e incluem consciência do peso corporal e de outras condições fisiológicas; de sensações internas, decorrentes de atividades dos órgãos internos e da respiração dentro do corpo; de sensações de tato, olfato, paladar, audição e visão; de fome, sede, dor, paixão, apego, sonolência, fadiga, vigília; e de seus poderes mentais de raciocínio, sentimento e vontade. A consciência deste homem comum está sujeita ao medo da morte, da pobreza, da doença e de inúmeros outros males. Ele está vinculado a apegos ao nome, posição social, família, raça e posses.

Espiritualmente, o homem comum não pode sentir a sua presença além do corpo, exceto na sua imaginação. No subconsciente ele dorme, sonha e pode mover-se num mundo irreal de imaginações fantasiosas. Através de voos de fantasia ele pode mover-se através das estrelas e de vastos espaços, mas apenas mentalmente; tais pensamentos não pertencem ao domínio da realidade exterior.

Em suma, o ser humano médio tem consciência apenas do seu corpo e da sua mente e das suas conexões externas. Ele permanece hipnotizado pelas ilusões mundiais (expressas de muitas maneiras na literatura antiga e atual) que reforçam a sua suposição tácita de que ele é uma criatura finita e limitada.

Tendo descido do Espírito onipresente ao pequeno corpo, e tendo se identificado com as imperfeições físicas, a alma parece perder seu status onipresente e perfeito; deve lutar para superar todas as limitações do mundo físico. A alma deve dissolver todo sentimento de identificação com a dualidade – tanto as boas como as más condições que limitam o corpo e toda a vida material. Por exemplo, a doença é um estado de navegação no barco da vida em mares tempestuosos. A saúde é um estado de deslizar sobre um Mar do Ser suavemente agitado. A sabedoria é o estado de realização da independência nativa da alma em relação a toda matéria; não mais se apegando ao barco carnal de uma existência superficial agitada por maya, a consciência liberada do homem mergulha corajosamente no Mar do Espírito.

Enquanto o homem se concentrar totalmente nas ondas mutáveis das alternativas deste mundo da relatividade, ele se esquecerá de se reidentificar com o mar imutável subjacente do Espírito todo-protetor. Somente na realização da alma ele se afasta do fluxo superficial e atinge o estado imutável: aquele em que a saúde e a doença, a vida e a morte, o prazer e a dor, e todos os pares de opostos aparecem apenas como ondas de mudança, subindo e descendo o seio oceânico da Imutabilidade.

A identificação da consciência com as ondas alternadas de mudança é conhecida como inquietação; identidade com a Imutabilidade é calma. A conquista da calma da alma sobre a inquietação do ego avança em quatro etapas: (1) Sempre inquieta, nunca calma. (2) Parte do tempo inquieto, parte do tempo calmo. (3) Na maior parte do tempo calmo, ocasionalmente inquieto. (4) Sempre calmo, nunca inquieto. Esses estados são elaborados da seguinte forma:

(1) Sob o controle do Ego, o estado característico do reino corporal é a inquietação. Com a inquietação vem o eclipse da discriminação (buddhi). A mente sensorial (manas), sob completo controle do ego e do desejo, não faz nenhum esforço para combater o mal e trazer de volta a nobre Calma Geral como a protetora da fortaleza da vida. A mente, portanto, sofre de contínua inquietação, ineficiência e ignorância (conforme ilustrado na Figura 2).

(2) No segundo estágio da batalha psicológica, o Rei Alma

ocasionalmente alcança uma vitória temporária no reino inimigo da inquietação e da ignorância. Este estágio é alcançado quando a Calma faz esforços longos e extenuantes para bombardear as muralhas da inquietação. Suas armas são os cercos contínuos e regularmente repetidos de meses de meditação profunda.

Neste estado, o reino corporal ainda está infestado de inquietação, quebrado ocasionalmente pela calma.

(3) Na terceira fase da batalha psicológica, o General Calma e os seus soldados, através de repetidas invasões com os grandes canhões da meditação profunda e continuamente superior, são capazes de avançar significativamente mais no território ocupado pela inquietação. O resultado glorioso desta batalha é dado a conhecer por um estado de paz prolongada; o reino corporal experimenta apenas surtos ocasionais de inquietação rebelde.

(4) Na quarta fase da batalha psicológica, o Rei Ego e todos os seus soldados são completamente derrotados; o pacífico reino do Rei Soul é estabelecido para sempre como o Império da Vida. Este estado é o ilustrado na Figura 1.

Num corpo e mente governados pelo Rei Soul e pelas suas faculdades discriminativas, todos os rebeldes encontraram o seu justo destino: a decapitação! Os inimigos – ego, medo, raiva, ganância, apego, orgulho, desejos, hábitos, tentações – já não se escondem nos porões secretos do subconsciente para conspirar contra o rei legítimo. O reino pacífico não manifesta nada além de abundância, harmonia e sabedoria. Nenhuma doença, fracasso ou consciência de morte reside no reino corporal sob o reinado do Rei Alma.

—❖—

O MÉTODO PARA ALCANÇAR A VITÓRIA

O metafísico prático, no decorrer de suas tentativas de libertar sua alma da escravidão material, aprende os métodos exatos para a vitória.

Através de pensamentos e ações consistentemente corretos, em harmonia com a lei divina, a alma do homem ascende lentamente no curso da evolução natural. O iogue, no entanto, escolhe o método mais rápido de

acelerar a evolução: a meditação científica, pela qual o fluxo de consciência é revertido da matéria para o Espírito através dos mesmos centros cerebroespinhais de vida e consciência divina que canalizaram a descida da alma para o corpo. Até mesmo o meditador noviciado descobre rapidamente que é capaz de recorrer ao poder espiritual e à consciência do mundo interior da alma e do Espírito para iluminar o seu reino corporal e as suas atividades físicas, mentais e espirituais. Quanto mais hábil ele se tornar, maior será a influência divina.

À medida que a consciência do iogue se move sempre para cima, da consciência corporal para a consciência cósmica, ele experimenta o seguinte:

❖

Estágios de progresso em direção à superconsciência

❖

Primeiro: Pela prática da meditação dada pelo guru, o aspirante a iogue é fortalecido em sua resolução de encontrar Deus através da Auto-realização.13 Ele não deseja mais permanecer identificado com o mundanismo, sujeito às limitações do corpo e às ilusões da natureza. opostos de vida-morte, alegria-tristeza, saúde-doença. Com a discriminação recentemente despertada, o iogue é capaz de libertar a sua consciência do apego egoísta às suas posses terrenas e ao seu pequeno círculo de amigos. O seu motivo não é um motivo limitado e negativo de negação, mas uma expansão natural em direção à inclusão total. Ele rompe apegos mentais limitantes, para que eles não atrapalhem sua percepção do Onipresente. Depois de atingir sua Meta, o amor do iogue perfeito inclui não apenas sua própria família e amigos, mas toda a humanidade. O ser humano comum é o perdedor devido ao apego a algumas pessoas e coisas, todas as quais ele deve abandonar na morte. O iogue sábio, portanto, primeiro reivindica seu direito divino de nascença; então ele descobre fluindo para ele todas as experiências e posses necessárias.

Segundo: Embora o iogue encontre sua consciência livre de todos os apegos externos, ela ainda se apega tenazmente à consciência do corpo quando tenta meditar em Deus. Experiências de paz e lampejos intuitivos de felicidade futura encorajam-no a perseverar contra a resistência da

inquietação e das dúvidas resultantes sobre se os seus esforços realmente valem a pena.

Terceiro: Através da concentração profunda nas técnicas de yoga, o iogue tenta em seguida silenciar as sensações corporais internas e externas, para que seus pensamentos possam se concentrar exclusivamente em Deus.

Quarto: Pela técnica correta de controle da força vital (pranayama), o iogue aprende a aquietar a respiração e o coração; ele retira sua atenção e sua energia vital para os centros espinhais.

Quinto: Quando o iogue consegue acalmar seu coração à vontade, ele entra na superconsciência.

O ego experimenta alegria e relaxamento quando sente a mente subconsciente em um sono tranquilo. No estado de sono, o coração ainda funciona, bombeando sangue através dos vasos sanguíneos enquanto os sentidos estão adormecidos. Quando, em meditação, o iogue retira conscientemente a atenção e a energia do coração, dos músculos e dos sentidos, todos eles permanecem como se estivessem adormecidos, mas ele passou do estado de sono subconsciente da consciência mental para a superconsciência. Esse sono sensório-motor consciente confere ao iogue uma alegria maior do que a de um milhão de sonos comuns sem sonhos; maior do que qualquer sono que um homem possa experimentar após muitos dias de insônia forçada!

No estado de superconsciência, as percepções do homem são internalizadas em vez de externalizadas. Uma analogia explicará isso:

❖

As experiências do iogue no estado de superconsciência

❖

Pode-se dizer que o homem possui dois feixes de holofotes, um interno e outro externo: o ego, ou consciência identificada com o corpo, contém cinco holofotes sensoriais externos de visão, olfato, som, paladar e tato; e a alma contém cinco holofotes internos que revelam Deus e a verdadeira natureza da criação. Um holofote revela apenas os objetos à sua frente, não os que estão atrás. Os holofotes externos dos sentidos, voltados para a matéria, revelam ao ego apenas as várias formas de objetos materiais externos e transitórios, e não o vasto reino interior. O ego, com sua atenção

identificada com os cinco sentidos externos, torna-se assim apegado ao mundo da matéria e às suas limitações grosseiras.

Quando na meditação superconsciente o coração se acalma e o iogue pode estimular à vontade o centro espiritual da medula ou o ponto entre as sobrancelhas, ele pode controlar os holofotes internos e externos da percepção. Quando ele apaga as luzes dos sentidos grosseiros, todas as distrações materiais desaparecem. Então o ego automaticamente se volta para contemplar, através dos holofotes internos reforçados mantidos pela alma, a beleza esquecida do reino astral interno.

O iogue com o coração aquietado, na superconsciência, torna-se capaz de ver visões e grandes luzes; ouvir sons astrais; e identificar-se com um vasto espaço mal iluminado – cheio de vislumbres de belezas até então desconhecidas.

No estado de consciência externo, o homem não vê a manifestação ativa de Deus como a bela Energia Cósmica que está presente em cada ponto do espaço e que constitui os blocos de construção luminosos de cada objeto; ele percebe apenas as formas dimensionais grosseiras dos rostos humanos, das flores e de outras belezas da natureza. A alma induz o homem a voltar seus holofotes de atenção para dentro, para contemplar, através de sua visão astral, as luzes multicoloridas, sempre acesas e em constante mudança, da fonte de Energia Cósmica brincando através dos poros de todos os átomos.

A beleza física de um rosto, ou da natureza, é passageira; sua percepção depende do poder dos olhos físicos. A beleza da Energia Cósmica é eterna e pode ser vista com ou sem os olhos físicos. Deus faz uma grande exibição de Energia Cósmica no reino astral da luz vibratória. A beleza astral das rosas, das paisagens, dos rostos celestiais, todos desempenham seus papéis infinitamente fascinantes de cores sempre mutáveis no palco do cosmos astral. Contemplando este panorama, o iogue nunca mais poderá ficar tolamente apegado aos objetos mutáveis de beleza obscurecida da natureza, nem esperar qualquer beleza eterna da terra. O rosto mais requintado enruga e cai com a idade. As rosas também devem murchar, zombando do desejo do homem por qualquer beleza eterna na materialidade. A morte destruirá os botões da juventude; cataclismos demolirão as grandezas desta terra, mas

nada poderá destruir o esplendor do cosmos astral (e do mundo ideativo ainda mais refinado, do qual emana toda a arte cósmica). Os átomos astrais assumem formas maravilhosas de luz ao mero comando da imaginação de alguém neste reino sutil, e desaparecem quando ele assim o deseja. Eles acordam novamente, em uma roupagem sempre nova de beleza, ao seu chamado.

Na superconsciência, o corpo físico, que antes parecia tão sólido e vulnerável, assume uma nova dimensão composta de energia, luz e pensamento – uma combinação maravilhosa de correntes que emanam das vibrações criativas elementares da terra, água, fogo, ar e éter nos centros cerebroespinhais sutis.

O iogue que move sua consciência para o cóccix ou centro terrestre sente que toda a matéria sólida é composta da energia atômica e subatômica da força vital, o prana.

Quando o iogue atrai sua consciência e energia para o centro sacro ou aquático, ele percebe que todas as formas líquidas são compostas de rios de elétrons da força vital sutil.

Quando o iogue se retira para o centro lombar ou do fogo, ele vê todas as formas de luz como feitas do “fogo” cósmico do prana.

Quando o iogue retira sua consciência para o centro dorsal ou aéreo, ele vê todas as formas gasosas e o ar como feitos de puro prana.

Quando o iogue é capaz de colocar sua consciência dentro do centro cervical ou etérico, ele percebe que o fundo etérico sutil no qual as forças mais grosseiras estão impressas é feito de centelhas de força vital cósmica inteligente, ou prana.14

Quando o iogue se retira para o centro da medula e para o ponto entre as sobrancelhas, ele sabe que toda matéria, energia e prana inteligente são compostos de força de pensamento. Esses dois centros no cérebro são interruptores elétricos de força vital e consciência responsáveis pela criação da imagem supervitafone do corpo por meio da ação da terra, da água, do fogo, do ar e do éter – os cinco elementos que compõem toda a matéria. 15 (O profundo ramo cosmológico da ciência do yoga – que lida com a verdadeira natureza do macrocosmo do universo e do microcosmo do corpo

do homem – é tratado extensivamente em várias escrituras hindus e será discutido mais adiante na interpretação de outros versos relacionados do Gita .)

Pessoas cujo conhecimento vem através de livros e não através da intuição podem muitas vezes falar da matéria como pensamento, mas ainda assim permanecem grosseiramente apegadas ao corpo e às limitações materiais. Somente o iogue cujo conhecimento é baseado na experiência e não na imaginação – o iogue que consegue retirar a sua consciência, bem como a sua força vital do corpo, acalmando o coração, conduzindo-os através dos centros cérebro-espinhais até ao ponto entre as sobrancelhas – é desenvolvido. basta dizer: “Toda matéria é pensamento”. A menos que a consciência e a energia alcancem o plano medular, toda a matéria será experienciada como sólida, real – bastante diferente do pensamento, por mais fervorosamente que se intelectualize o contrário. Somente ao atingir o plano medular (através da Auto-realização adquirida por anos de prática de yoga com a ajuda do guru) é que alguém é verdadeiramente capaz de proclamar que toda a matéria são meramente pensamentos condensados ou sonhos visualizados de Deus. E somente quando se vai além da superconsciência para a consciência cósmica é que se pode demonstrar a natureza de pensamento onírico da matéria.

Uma história lendária aqui ilustrará o ponto “matéria é pensamento”. Um grande mestre na Índia costumava viajar a pé de aldeia em aldeia com muitos discípulos. Certo dia, no apelo devocional do anfitrião, o santo comeu carne; ele disse aos seus discípulos, porém, que comessem apenas frutas. Todo o grupo empreendeu então uma longa marcha pela floresta até outra aldeia. Um discípulo descontente começou a espalhar o descontentamento dizendo: “O mestre, que prega a inexistência da matéria, come carne! Ele nos dá apenas comida aguada e sem substância! Certamente ele pode marchar sem fadiga; ele não tem boa carne no estômago? Nós estamos cansados; as frutas que comemos foram todas digeridas há muito tempo!”

O mestre percebeu a crítica, mas não disse nada até que o grupo chegou a uma cabana onde um ferreiro fazia pregos de ferro fundido.

“Você consegue comer e digerir tudo que eu posso?” o mestre perguntou ao aluno problemático.

Pensando que o mestre iria lhe oferecer carne, que viu assando numa fogueira ali perto, o aluno respondeu: “Sim, senhor!”

O mestre inclinou-se sobre o fogo do ferreiro. Arrancando com os dedos nus algumas das unhas em brasa – ainda maleáveis e macias devido ao calor intenso – o mestre começou a comê-las.

“Venha, filho”, ele comentou encorajadoramente, “coma e digerir! Para mim, todos os alimentos – carne ou unhas derretidas – são idênticos; eles são Espírito!”16

Um aviso necessário aos estudantes é este: “Não pensem que estão espiritualmente avançados só porque ouviram uma palestra ou leram um livro sobre consciência cósmica, ou porque imaginam tê-la alcançado, ou mesmo porque tiveram visões astrais (divertido e esclarecedor, mas ainda no domínio da matéria). Você só poderá saber que toda a matéria é pensada quando for capaz de retirar a força vital e a consciência para o plano medular e puder entrar no olho espiritual – porta de entrada para os estados mais elevados de consciência.

—❖—

A ALMA RECONQUISTOU SEU REINO

Esta, então, é a batalha da consciência que todo homem deve travar – a guerra entre a consciência humana que contempla as vidas alternadamente prazerosas e sofridas dos mortais na matéria ilusória e mutável, e a consciência cósmica da alma, contemplando o reino de todos. -poderosa e sempre feliz Onipresença!

Quanto mais profundas as meditações do iogue, e quanto mais ele for capaz de reter os efeitos posteriores das virtudes e percepções despertas da alma e expressá-las em sua vida diária, mais espiritualizado se tornará seu reino corporal. Sua Auto-realização em desenvolvimento é o restabelecimento triunfal do reinado do Rei Alma. Mudanças surpreendentes ocorrem dentro de um homem comum quando o Rei Alma e seus nobres cortesãos da intuição, paz, felicidade, calma, autocontrole, controle da força vital, força de vontade, concentração, discriminação, onisciência, governam o reino corporal!

❖

Percepções espiritualizadas do iogue iluminado

❖

O iogue que venceu a batalha da consciência superou o apego equivocado do ego aos títulos humanos, tais como: “Eu sou um homem, um americano, com tantos quilos de carne, um milionário desta cidade”, e assim por diante, e libertou o prisioneiro de sua atenção de toda ilusão limitante. Sua atenção liberada, que via a criação apenas através dos restritivos holofotes externos dos sentidos, retira-se para um reino infinito visto apenas através dos holofotes da percepção interior.

No homem comum, o ego, a pseudoalma, flutua na corrente do prazer sensorial, destruindo-se finalmente nas torrentes da saciedade e da ignorância. No super-homem, toda a corrente de força vital, atenção e sabedoria move-se como um dilúvio em direção à alma; a consciência nada em um mar de paz e bem-aventurança onipresente de Deus.

No homem comum, os sentidos (holofotes voltados para a matéria) revelam apenas o pseudoprazer, a presença superficialmente atrativa da matéria grosseira. No super-homem, os holofotes da percepção invertidos para dentro revelam ao iogue o esconderijo do Espírito sempre belo e sempre alegre em toda a criação.

Ao entrar pela porta do olho espiritual, ele ascende à consciência Crística (união com a onipresença de Deus em toda a criação) e à consciência cósmica (união com a onipresença de Deus em e além de toda a criação).17

O homem de consciência cósmica, nunca se sentindo limitado a um corpo ou alcançando apenas o cérebro, ou apenas a luz do lótus cerebral de mil raios, em vez disso sente, pelo verdadeiro poder intuitivo, a bem-aventurança sempre borbulhante que dança em cada partícula de seu pequeno corpo, e em seu grande Corpo Cósmico do universo, e em sua natureza absoluta como um com o Espírito Eterno além das formas manifestadas.

O homem em cujas mãos puras seu reino corpóreo divino foi totalmente entregue não é mais um ser humano com consciência limitada do ego. Na realidade, ele é a alma, a Bem-aventurança individualizada, sempre

existente, sempre consciente, sempre nova, o puro reflexo do Espírito, dotado de consciência cósmica. Nunca vítima de percepções imaginárias, inspirações fantasiosas ou alucinações de “sabedoria”, o super-homem está sempre intensamente consciente do Espírito Imanifestado e também de todo o cosmos em toda a sua variedade desconcertante.

Com sua consciência estendida e desperta em cada partícula do ambiente do espaço infinito, o exaltado iogue sente seu pequeno corpo físico e todas as suas percepções não como um ser humano comum, mas em unidade com o Espírito onisciente.

Livre da intoxicação da ilusão e das ilusórias limitações mortais, o super-homem conhece seu nome e suas posses terrenas, mas nunca é possuído ou limitado por elas. Vivendo no mundo, ele não é do mundo. Ele está consciente da fome, da sede e de outras condições do corpo, mas a sua consciência interior identifica-se, não com o corpo, mas com o Espírito. O iogue avançado pode possuir muitas posses, mas nunca sofrerá se todas as coisas lhe forem tiradas. Se acontecer de ele ser materialmente pobre, ele sabe que, em Espírito, é rico além de todos os sonhos de avareza.

O homem espiritual realiza todas as ações corretas de ver, tocar, cheirar, saborear e ouvir sem sentir qualquer apego mental. Sua alma flutua nas águas sujas das sombrias experiências terrenas – da triste indiferença do homem para com Deus – como um lótus imaculado surgindo das águas lamacentas de um lago.

O super-homem experimenta sensações, não nos órgãos sensoriais, mas como percepções no cérebro. O homem comum sente frio ou calor na superfície do corpo; ele vê lindas flores externamente, num jardim; ele ouve sons nos ouvidos; ele saboreia com o paladar; e cheira através dos nervos olfativos; mas o super-homem experimenta todas essas sensações no cérebro. Ele pode distinguir entre a sensação pura e a reação do pensamento sobre ela. Ele percebe sensações, sentimentos, vontade, corpo, percepção – tudo – em pensamento, como meras sugestões de Deus enquanto Ele sonha através da consciência do homem.

O super-homem contempla o corpo, não como carne, mas como um feixe de elétrons condensados e força vital, pronto para ser desmaterializado

ou materializado à vontade do iogue. Ele não sente o peso do corpo, mas percebe a carne meramente como energia elétrica. Ele vê o filme do cosmos indo e voltando na tela de sua consciência: ele sabe, dessa forma, que o tempo e o espaço são formas dimensionais de pensamento, exibindo filmes cósmicos, sonhos que são constantemente novos, infinitamente variados – e verdadeiros. -ao toque, ao som fiel, ao cheiro, ao sabor e à visão.

O super-homem vê que o nascimento do seu corpo foi apenas o começo de certas mudanças; ele sabe que a morte é a mudança que naturalmente se segue à vida terrena. Ele está pronto e capaz, no momento de sua escolha, de se separar conscientemente de sua morada corporal.

Sendo um com Deus, ele sonha em sua consciência cósmica todos os sonhos divinos da criação cósmica.

O corpo do super-homem é o universo, e todas as coisas que acontecem no universo são suas sensações.

Aquele que se tornou um com o Deus onipresente, onisciente e onipotente está ciente do curso de um planeta a trilhões de anos-luz de distância e, ao mesmo tempo, do vôo de um pardal próximo. Um super-homem não vê o Espírito como algo separado do corpo; ele se torna um com o Espírito e vê, como existindo dentro de si mesmo, seu próprio corpo, bem como os corpos de todas as outras criaturas. Ele sente seu corpo, um minúsculo átomo, dentro de seu vasto e luminoso corpo cósmico.

Retirando a sua atenção, durante a meditação profunda, do mundo sensorial exterior, o super-homem percebe pelo poder do olho interior. Através dos holofotes dos poderes astrais da visão, som, olfato, paladar e tato, e através da percepção causal ainda mais refinada da intuição pura, ele contempla o território da onipresente Consciência Cósmica.

Nesse estado, o super-homem sabe que os átomos cintilantes da energia cósmica são seus próprios olhos, através dos quais ele perscruta cada poro do espaço e o Infinito.

Ele desfruta em toda a criação a fragrância da Bem-aventurança; e inala a doçura das flores dos átomos astrais, florescendo no jardim cósmico.

Ele saboreia o néctar astral da energia cósmica líquida e sorve o mel fluido de uma alegria tangível, existente no favo de mel do espaço

eletrônico. Ele não é mais atraído pelo alimento material, mas vive pela sua própria energia divina.

Ele sente sua voz vibrar, não em um corpo humano, mas na garganta de todas as vibrações, e em seu corpo de toda matéria finita. Ele ouve sua voz de Aum cósmico criativo, unida à canção do Espírito, cantando através da flauta dos átomos e através das ondas cintilantes de toda a criação; e ele não deseja ouvir mais nada.

Ele sente o sangue da percepção correr pelas veias do corpo de toda criação vibratória finita. Tendo conquistado o sentido do tato dos desejos de conforto material do corpo, o homem divino sente as sensações de toda a matéria como expressões da energia cósmica criativa de Deus atuando em seu corpo cósmico, em uma felicidade incomparável a qualquer prazer físico do toque. Ele sente o deslizamento suave do rio sobre o seio da terra. Ele sente o lar de seu Ser no oceano do espaço e percebe as ondas nadadoras dos universos insulares em seu próprio seio marinho. Ele conhece a suavidade das pétalas das flores e a ternura do amor em todos os corações, a vivacidade da juventude em todos os corpos. Sua própria juventude, como alma eterna, é eterna.

O super-homem conhece nascimentos e mortes apenas como mudanças que dançam no Mar da Vida – mesmo quando as ondas do oceano sobem, descem e sobem novamente. Ele conhece todo o passado e futuro, mas vive no eterno presente. Para ele, o enigma do porquê de ser se resolve na compreensão singular: “Da alegria viemos. Na Alegria vivemos, nos movemos e existimos. E nessa alegria sagrada e perene nos derretemos novamente.”

Esta é a Auto-realização, o estado nativo do homem como alma, o puro reflexo do Espírito. Sonhos de encarnações atuam na tela ilusória da individualidade; mas, na realidade, nem por um momento o homem está separado de Deus. Nós somos Seu pensamento; Ele é o nosso ser. Dele viemos. Nele devemos viver como expressões de Sua sabedoria, Seu amor, Sua alegria. Nele, nossa egoidade deve derreter novamente, na sempre desperta ausência de sonhos da bem-aventurança eterna.

Assim foi descrito o significado metafórico da batalha de Kurukshetra e o

—❖—

TODO SER HUMANO DEVE LUTAR NA BATALHA DE KURUKSHETRA

objetivo vitorioso a ser conquistado. Todo homem é confrontado com o mesmo desafio. A popularidade atemporal do Gita reside na sua universalidade como um livro divino para a vida, aplicável a todos os homens. Ilumina todos os planos da existência.

O homem material conhecerá a paz interior e a felicidade somente se ficar do lado do bem e vencer a batalha entre as inclinações boas e más que orientam suas ações no campo de ação corporal externo, ou Kurukshetra.

O aspirante espiritual de qualquer caminho religioso verdadeiro deve, além disso, obter a vitória no campo interno de Dharmakshetra Kurukshetra, os centros cerebroespinhais sutis onde ocorre a interiorização da comunhão com Deus (na oração profunda, na meditação e na prática da presença de Deus). durante as atividades diárias), derrotando a oposição da inquietação mental e das atrações sensoriais.

O iogue, aquele que busca o objetivo final da Auto-realização e kaivalya (liberação), lidera na batalha seus guerreiros justos de autocontrole e comportamento moral na planície de ação material de Kurukshetra; ele luta pela vitória da comunhão interiorizada com Deus na planície espiritual interna de Dharmakshetra Kurukshetra; e ainda, no campo do Dharmakshetra, ou consciência espiritualizada, ele se esforça para manter, contra a atração da natureza do ego inferior da consciência corporal, a superconsciência, a consciência de Cristo e a consciência cósmica alcançadas pela meditação iogue bem-sucedida.

A vastidão do significado da primeira estrofe do Bhagavad Gita é vislumbrada quando vemos como ela deve ser aplicada na experiência prática.

Deus, através de Krishna, ou a alma, fala com Arjuna, o devoto: “Ó Arjuna, todas as noites peça à sua introspecção imparcial (Sanjaya) para revelar à sua mente cega (Dhritarashtra): 'As tendências mentais e sensoriais impulsivas, e o eu - descendentes disciplinados da discriminação da alma, reunidos no campo corporal das atividades sensoriais e espirituais, ansiosos pela batalha psicológica, o que eles fizeram?' a fim de avaliar as suas

batalhas interiores diárias e, assim, resistir melhor às forças dos seus impulsos mentais cegos e apoiar os soldados da sabedoria perspicaz.”

Cada pessoa mundana, moralista, aspirante espiritual e iogue – como um devoto – deveria todas as noites antes de se deitar perguntar à sua intuição se as suas faculdades espirituais ou as suas inclinações físicas para a tentação venceram as batalhas do dia entre bons e maus hábitos; entre temperança e ganância; entre o autocontrole e a luxúria; entre o desejo honesto pelo dinheiro necessário e o desejo excessivo por ouro; entre o perdão e a raiva; entre alegria e tristeza; entre a melancolia e a simpatia; entre bondade e crueldade; entre o egoísmo e o altruísmo; entre compreensão e ciúme; entre a bravura e a covardia; entre confiança e medo; entre fé e dúvida; entre humildade e orgulho; entre o desejo de comungar com Deus na meditação e o desejo inquieto de atividades mundanas; entre desejos espirituais e materiais; entre o êxtase divino e as percepções sensoriais; entre a consciência da alma e o ego.

Dhritarashtra disse: "Na planície sagrada de Kurukshetra (dharmakshetra kurukshetra), quando minha prole e os filhos de Pandu se reuniram, ansiosos pela batalha, o que eles fizeram, ó Sanjaya?"

—Bhagavad Gita I:1

"O rei cego Dhritarashtra representa simbolicamente a mente dos sentidos. Diz-se que a mente é cega porque não pode ver sem a ajuda dos sentidos e da inteligência; apenas recebe as impressões dos sentidos e transmite as conclusões e instruções da inteligência....

"Para o aspirante a devoto, Sanjaya representa o poder da autoanálise intuitiva imparcial e da introspecção criteriosa. É a capacidade de ficar de lado, observar-se sem qualquer preconceito e julgar com precisão... O Gita refere-se apenas incidentalmente a uma batalha histórica na planície de Kurukshetra, no norte da Índia. Primeiramente, Vyasa está descrevendo uma batalha universal – aquela que ocorre diariamente na vida do homem....

"A investigação sincera do rei cego Dhritarashtra, buscando um relatório imparcial do imparcial Sanjaya sobre como foi a batalha entre os Kurus e os Pandavas (filhos de Pandu) em Kurukshetra, é metaforicamente a pergunta a ser feita pelo aspirante espiritual como ele revisa diariamente os eventos de sua própria batalha justa, na qual busca a vitória da Auto-realização. Através da introspecção honesta, ele analisa as ações e avalia os pontos fortes dos exércitos opostos de suas tendências boas e más: autocontrole versus indulgência sensorial, inteligência discriminativa oposta pelas inclinações dos sentidos mentais, resolução espiritual na meditação contestada pela resistência mental e inquietação física, e consciência da alma divina contra a ignorância e a atração magnética da natureza do ego inferior."

—Paramahansa Yogananda

Os exércitos oponentes das forças espirituais e materialistas

Versículo 2

saṁjaya uvāca

dṛṣṭvā tu pāṇḍavānīkaṁ vyūḍhaṁ duryodhanas tadā
ācāryam upasaṁgamya rāja vacanam abravīt

Sanjaya disse:

Então o rei Duryodhana, após ter visto os exércitos dos Pandavas em ordem de batalha, dirigiu-se ao seu preceptor (Drona), e falou o seguinte:

“Sanjaya (a introspecção imparcial de Arjuna, o devoto) revelou:

“'Depois de ver os exércitos dos Pandavas (as qualidades discriminativas) em formação para a batalha psicológica (prontos para lutar contra as tendências dos sentidos), o rei Duryodhana (desejo material, descendência real da mente sensorial cega) conversou solícitamente com seu preceptor Drona (samskara, as impressões deixadas por pensamentos e ações passadas, que criam um forte desejo interno de repetição).'”

❖
Duryodhana: simbólico do desejo material
❖

O rei cego Dhritarashtra teve cem filhos, sendo Duryodhana o primeiro, ou mais velho. Como seu pai era cego, Duryodhana governou em seu lugar e foi reconhecido como rajá, ou rei. A análise metafórica é que os cem descendentes da mente sensorial cega (Rei Dhritarashtra) consistem nos cinco instrumentos sensoriais de percepção (visão, audição, olfato, paladar e tato) e nos cinco instrumentos sensoriais de ação (fala, manual habilidade, locomoção, procriação e excreção), cada um dos quais tem dez propensões. Todos juntos, estes formam cem descendentes nascidos da mente sensorial. O mais velho, Duryodhana, representa o Desejo Material – o primogênito, aquele que exerce poder sobre todas as outras inclinações sensoriais do reino corporal. Ele é conhecido por guerras ou causas malignas. A derivação metafórica de Duryodhana é duḥ-yudhaṁ yaḥ saḥ – “aquele que é difícil de ser combatido de alguma forma”. Seu próprio nome vem do sânscrito du, “difícil” e yudh, “lutar”. O desejo material é extremamente poderoso, pois é o rei e o líder de todos os prazeres mundanos, e é a causa e o perpetrador da batalha contra a reivindicação legítima da alma ao reino corporal.

A segunda estrofe do Gita aponta que assim que o aspirante espiritual faz a introspecção para despertar e treinar pela meditação seus soldados da discriminação, a oposição imediata é manifestada pelo rei de todas as tendências dos sentidos, o Desejo Material. Com medo de perder o reino mental e corporal, o Desejo Material procura reforçar-se consultando seu preceptor Drona, que representa o samskara, as impressões causadas na mente consciente e subconsciente por pensamentos e ações passadas.

❖

Drona: força poderosa de tendências habituais

❖

O nome Drona vem da raiz sânscrita dru, "derreter". 18 Portanto, Drona implica "aquilo que permanece em estado derretido". Um pensamento ou ato físico, uma vez realizado, não deixa de existir, mas permanece na consciência de uma forma mais sutil ou "fundida", como uma impressão daquela expressão grosseira de pensamento ou ação. Essas impressões são chamadas de samskaras. Eles criam fortes impulsos, tendências ou propensões internas que influenciam a inteligência a repetir esses pensamentos e ações. Frequentemente repetidos, esses impulsos tornam-se hábitos convincentes. Assim, podemos simplificar a tradução de samskara neste contexto como tendência interna ou impulso, ou hábito. O preceptor Drona simboliza samskara, amplamente definido como tendência interior ou hábito.

De acordo com a história histórica do Mahabharata, Drona foi o preceptor magistral que ensinou tiro com arco tanto aos Kurus quanto aos Pandavas. Durante a batalha entre as duas partes, entretanto, Drona ficou do lado dos Kurus.

As boas tendências discriminativas da inteligência pura da alma (buddhi) e as tendências mentais perversas da mente sensorial (manas) aprenderam ambas com a Tendência Interior, Drona, as artes de batalha de manejar, respectivamente, as armas da sabedoria reveladora da alma, e da consciência sensorial que obscurece a verdade.

Os impulsos subconscientes dos samskaras, se forem bons, ajudam a criar bons pensamentos, ações e hábitos presentes. Quando esses impulsos inatos são maus, eles despertam pensamentos perversos que se transformam

em ações e hábitos malignos. Assim como um pássaro vira a cabeça para focar um olho de cada vez em um determinado objeto, Drona, a inteligência guiada pelo samskara ou pelo hábito, usa a visão unilateral e apóia as tendências dominantes. Este Drona, impulso interior, junta-se às tendências mentais perversas (Kurus) quando elas são predominantes no homem. Portanto, a menos que o samskara, ou a inclinação para o hábito sensorial, seja purificado pela sabedoria, ele será considerado um seguidor de Duryodhana, ou Rei do Desejo Material. É por isso que, no devoto que ainda não obteve a vitória na batalha de Kurukshetra, Drona ou a inteligência influenciada pelo mau hábito se junta ao lado dos Kurus ou das tendências mentais perversas, ajudando-os a direcionar suas flechas do mal penetrante. contra os poderes discriminatórios.

❖

Estratégia de batalha do desejo material e do hábito

❖

O Desejo Material é o governante supremo da pessoa que não medita. É o poder do Desejo que atrai o homem a seguir o caminho do prazer dos sentidos, em vez do caminho da felicidade da alma. A pessoa comum, sem saber nada sobre a alegria inebriante que flui das práticas de meditação, involuntariamente se reconcilia com os prazeres dos sentidos. Mas assim que a meditação desperta qualidades discriminativas, de modo que o devoto experimente as verdadeiras alegrias do mundo interior do Espírito, o Rei do Desejo Material fica alarmado e começa a reforçar a sua posição invocando Drona – recordando à mente do homem os prazeres das indulgências sensoriais passadas.

Rei O Desejo Material, agindo sozinho na forma de uma série de novos desejos, é facilmente superado por um ato de julgamento, mas o Desejo Material que é apoiado pelo Hábito é difícil de ser expulso meramente pela discriminação. Portanto, a estratégia de batalha do Rei Material Desire é tentar superar as tendências discriminativas, apresentando memórias atraentes das alegrias dos maus hábitos do passado.

Devoto, cuidado! Assim que o aspirante espiritual tentar meditar e despertar os poderes do autocontrole e da discriminação, ele encontrará o Rei Desejo Material tentando-o de diversas maneiras. Novos desejos

invadirão seus pensamentos para distraí-lo da meditação: “Tem um filme excelente no teatro do bairro....Seu programa de televisão favorito está passando....Lembre-se que você queria ligar para seu amigo sobre a festa da próxima semana....Agora é um bom momento para fazer aquelas tarefas extras negligenciadas... Você trabalhou duro, durma um pouco primeiro... Vá em frente, tire essas coisas da sua mente, então você pode meditar.” Muitas vezes, a hora do “então” nunca chega. Mesmo o devoto resoluto que resiste a essas atrações e se senta para meditar será invadido por impulsos internos perniciosos de hábitos passados de inquietação, letargia mental e sonolência, e indiferença espiritual.

O aspirante a devoto deve estar ciente desses perigos, que são apenas testes facilmente superados se formos avisados pela sabedoria. Através de profunda intuição introspectiva espiritual, ele descobrirá essas artimanhas invariáveis do Rei Desejo Material.

O homem inquieto que não cultiva a discriminação espiritual e o autocontrole torna-se vítima das tentações de Duryodhana – Desejo Material e dos impulsos internos de Drona-Samskara de hábitos passados de indiferença espiritual e prazeres sensoriais. O homem mundano resiste tolamente a qualquer sugestão para explorar as alegrias mais profundas e intermináveis e os sussurros de sabedoria daquelas percepções internas que devem ser sentidas na meditação iogue, concentrando-se nos centros sutis da vida e consciência divina na coluna vertebral e no olho espiritual entre as duas sobrancelhas.

Pela constante auto-indulgência, a pessoa comum permanece enredada nos sentidos. Ele se vê limitado aos prazeres ligados apenas à superfície da carne. Este prazer sensorial produz uma felicidade passageira, mas impede a manifestação dos prazeres sutis, mais puros e duradouros - o sabor da bem-aventurança silenciosa e as inúmeras percepções de bem-aventurança que aparecem sempre que a consciência do iogue meditante se volta do mundo sensorial externo para o interior. cosmos do Espírito. As emoções transitórias e enganosas dos sentidos físicos são um pobre substituto para o céu!

A vida de um homem comum é monótona, na melhor das hipóteses. Ele

❖
Pelos hábitos o homem se torna um autômato humano
❖

acorda, banha o corpo, aproveita a sensação pós-banho, toma o café da manhã, corre para o trabalho, começa a ficar cansado, é revigorado pelo almoço, volta a trabalhar e finalmente vai para casa, entediado e apático. A hora do seu jantar pesado demais é pontuada por vários ruídos de rádio ou televisão e, muitas vezes, comentários mal-humorados da esposa ou dos filhos. Esse homem típico pode então ir ao cinema ou a uma festa para uma breve pausa divertida; ele chega tarde em casa, está muito cansado e dorme muito. Que vida! Mas ele repete essa performance, com variações pouco imaginativas, ao longo dos melhores anos de sua vida.

Por meio de tais hábitos, o homem se torna como uma máquina, um autômato humano, abastecido com comida, automaticamente executando tarefas de forma lenta e relutante, sem alegria ou inspiração, e interrompendo parcialmente suas atividades pelo sono – apenas para repetir, no dia seguinte, a mesma rotina. .

O Bhagavad Gita ordena ao homem que evite esta mera “existência”. Seus versos proclamam que a prática de entrar em contato com Deus na alegria sempre nova da meditação iogue permitirá ao homem manter o estado de consciência bem-aventurada sempre presente com ele, mesmo durante a execução das ações mecânicas que devem ocorrer em todas as vidas humanas. O descontentamento, o tédio e a infelicidade são frutos de uma vida mecânica; enquanto as infinitas percepções espirituais adquiridas na meditação sussurram alegremente ao homem inúmeras e emocionantes inspirações de sabedoria que iluminam e animam todos os aspectos de sua vida.

O Gita não ensina que é pecado usar os sentidos com discriminação e autocontrole, nem que viver uma vida familiar correta e honesta necessariamente torna alguém mundano; mas um aspirante espiritual é avisado para não permitir que isso atrapalhe seu dever supremo de buscar Deus e a Auto-realização. Estabelecer-se na rotina dos hábitos materiais e dos prazeres dos sentidos causa o esquecimento de Deus e a perda do desejo de buscar a felicidade interminável e crescente da verdadeira natureza da

alma sentida na meditação. A paz mental e a felicidade são perdidas quando as paixões sensoriais substituem as percepções da alma. Podem eles ser considerados como algo diferente de tolos que afogam a felicidade inimitável de suas almas em lamaçais de escravização sensorial, tolerados contra as advertências da razão e da consciência? Essa armadilha pela ilusão é o que está em questão no Gita. Os puros prazeres dos sentidos, experimentados com discriminação espiritual e autocontrole, não são escravizadores para um homem de Auto-realização. Os prazeres sensoriais puros são conhecidos pelo iogue depois que ele conquistou, pela meditação, o verdadeiro contato com Deus.

Assim, encontramos a segunda estrofe do Bhagavad Gita avisando o aspirante espiritual de que o Rei Duryodhana – Desejo Material tentará despertar as tendências dos hábitos sensoriais Drona do homem para lutar contra as forças de discriminação da alma.

Quando as faculdades dos sentidos (os Kurus) foram autorizadas a assumir o comando do reino corporal, os poderes de introspecção e discriminação do homem são mantidos incomunicáveis, em exílio silencioso, pelos exércitos dos sentidos. Os ditames de Duryodhana – Desejo Material, apoiados por Drona-Hábito, são todo-poderosos. Mas quando o devoto estiver pronto para apoiar as tendências discriminativas da alma (os Pandavas) para ajudá-los a se tornarem vitoriosos, o Desejo Material e os protegidos malignos do desejo de Drona serão expulsos desordenadamente.

VERSÍCULO 3

paśyaitāṁ pāṇḍuputrāṇām ācārya mahatīṁ camūm
vyūḍhāṁ drupadaputreṇa tava śiṣyeṇa dhīmatā

Ó Mestre, veja este grande exército dos filhos de Pandu, organizado em ordem de batalha pelo teu discípulo talentoso, o filho de Drupada.

(O Rei Material Desejo, durante a introspecção do devoto, dirige-se ao seu

preceptor Drona, Hábito:)

“Veja o poderoso exército dos Pandavas (as forças discriminativas entrincheiradas nos centros espinhais) todos preparados para a batalha sob a direção do teu discípulo (a calma luz interior do despertar intuitivo, discípulo do antigo hábito de meditação ‘Drona’). Este filho de Drupada (nascido do desapego ‘Drupada’ pelo gozo material resultante de profundo ardor espiritual e devoção divina) foi treinado por ti para ser hábil em guerras psicológicas. Ele agora está contra nós! um poderoso general do exército Pandava (um líder dos soldados ocultos da discriminação).”

❖

Poder simbólico da calma luz interior das percepções divinas

❖

Duryodhana – Material Desire fica surpreso e descontente ao descobrir que o formidável general que está preparando as faculdades discriminativas puras para a batalha psicológica é um irmão discípulo, filho do rei Drupada, um aluno habilidoso do próprio professor e principal apoiador de Duryodhana, Past Habit, Drona. O filho de Drupada, Dhrishtadyumna, representa metaforicamente a calma luz interior da percepção divina, o despertar da intuição do devoto. Uma breve referência à alegoria do Mahabharata explicará o significado:

Na juventude, Drona e Drupada eram amigos íntimos. Anos mais tarde, quando Drupada ascendeu ao trono como Rei de Panchala, ele desprezou Drona, que presumindo sua antiga amizade veio em busca de favores do rei. O enfurecido Drona, com a ajuda dos Pandavas, vingou-se de Drupada, fazendo-o sofrer uma humilhante derrota militar na qual perdeu seu reino e foi feito prisioneiro por Drona. Por gentileza, Drona libertou Drupada e permitiu-lhe reter a metade sul de seu antigo reino. Drupada, entretanto, jurou vingança contra Drona. Através do rito sacrificial ele orou e lhe foi concedido um filho que teria a coragem e a habilidade de destruir Drona. Este filho, Dhrishtadyumna, surgiu do fogo sacrificial como um guerreiro celestial, brilhando com grande brilho e dotado de coragem confiante. Durante a guerra de Kurukshetra, foi pelas mãos de Dhrishtadyumna que Drona foi finalmente morto.

Já foi estabelecido que Drona representa samskara ou tendência de

hábito passado. Drupada, como será explicado mais detalhadamente no próximo versículo, representa o desapego, uma aversão ao prazer material devido ao profundo ardor espiritual e à devoção divina. No início, o devoto descobre que seu desejo espiritual fervoroso e suas inclinações interiores, ou samskaras, parecem ser amigos. Mas quando o samskara manifesta as tendências do sentido material, o desejo espiritual rejeita essa companhia. Então o hábito retalia e procura vingar-se do ardor espiritual do devoto, tornando-o prisioneiro de hábitos passados e de tendências latentes despertadas para frustrá-lo. Até que o devoto esteja firmemente estabelecido em sua vida espiritual, ele primeiro será confrontado com seus maus hábitos. Evitando-os, ele descobrirá subitamente que a sua querida liberdade soberana ainda não é totalmente livre, mas aprisionada por samskaras até então latentes que prendem o seu livre arbítrio discriminativo. O devoto vê que seu ardor espiritual pode governar efetivamente aquela metade do reino corporal conectado com os sentidos materialmente inclinados – a porção sul, ou centros espinhais inferiores, que governam as atividades sensoriais do reino corporal físico. Mas o hábito, com as suas tendências e impulsos irresistíveis, ainda mantém sob domínio o reino da pura discriminação. O devoto determinado então desperta seu ardor espiritual com a resolução de libertar a alma de toda escravidão. Sua devoção profunda e persistente lhe dá uma prole, um filho, que é a luz reveladora da verdade e o poder do despertar da intuição, Dhrishtadyumna. Esta convicção interior, treinada pelo hábito da meditação, torna-se o general das forças espirituais do devoto, determinando a disposição de batalha e a estratégia necessárias que controlam a sua mente inquieta na meditação e conduzem as forças discriminativas à vitória.

Os bons poderes, treinados pelo hábito, são capazes de destruir os seus irmãos discípulos, os desejos materiais e os seus poderes malignos, que também são treinados pelo hábito. Mas, em última análise, o iogue eleva-se acima da influência de todos os hábitos e confia unicamente na pura faculdade discriminativa da alma, a intuição, para guiar todas as ações. É apenas a pura luz discriminativa da intuição, a realização divina, que tem o poder de matar Drona, ou hábito. No nome Dhrishtadyumna encontramos

isso implícito. Dṛṣṭa significa ousado, ousado, confiante; dyumna significa esplendor, glória, força. Disto obtemos “esplendor ousado ou confiante”, que pode ser definido como Luz Interior Calma, intuição reveladora da verdade, que é ousada e confiante porque é infalível; é o único poder que pode destruir o hábito. É a luz interior da crescente realização na meditação, evoluindo finalmente para o samadhi, que destrói toda a escravidão dos samskaras.

Dhrishtadyumna é chamado de discípulo habilidoso de Drona (samskara em seu aspecto bom ou espiritual) porque o poder do hábito aplicado repetidamente à prática da meditação é o que desenvolve a Luz Interior Calma da percepção divina intuitiva. Em tempos de necessidade, esta Luz Interior Calma é vista ou sentida pelo devoto que medita, orientando, apoiando e encorajando seus esforços meditativos.

❖

O hábito é o “preceptor” tanto das tendências boas quanto das más

❖

É uma verdade psicológica que o hábito é o “preceptor” das tendências boas e más no homem. Quando o maligno Desejo Material tenta exercer a influência do hábito para destruir os poderes da discriminação, o Rei do Mal fica surpreso ao descobrir que existem bons protegidos do hábito, que estão preparados para resistir. É um pensamento consolador para o homem que, não importa quão fortes sejam os poderes dos maus hábitos e do desejo material em um determinado momento, existem soldados de bons hábitos desta vida e de encarnações passadas, sempre prontos para lutar. Esses bons samskaras, as boas impressões das percepções divinas deixadas pelas ações habituais do passado, são os soldados ocultos, a retaguarda do Rei Alma. Estes guerreiros permanecem escondidos atrás dos exércitos psicológicos da discriminação, ansiosos por avançar e mostrar as suas proezas se a batalha parecer prestes a ser vencida pelos malvados soldados dos sentidos do Desejo Material. Isto é, quando o devoto tem um forte exército de boas tendências samskara provenientes de hábitos e ações passadas, elas virão oportunamente em seu auxílio para apoiar os bons hábitos atuais e ações discriminatórias.

A maioria das pessoas, contudo, permite voluntariamente que o seu

reino de consciência seja governado pelas tendências malignas nascidas de hábitos passados. Assim, as tendências discriminativas são condenadas ao ostracismo; e os discriminadores soldados ocultos dos hábitos passados, as retaguardas metafísicas escondidas atrás dos exércitos da discriminação, também devem permanecer sem acção.

O homem que está sempre inquieto e que nunca medita acredita que está "bem" porque se acostumou a ser um escravo dos sentidos. Ele percebe sua verdadeira situação assim que o desejo espiritual desperta nele e ele tenta meditar e ficar calmo; ele então naturalmente encontra resistência feroz dos maus hábitos de inconstância mental.

O iogue iniciante encontra seus soldados da discriminação guiados pelo desejo de serem bons, mas sofrendo muitas derrotas desanimadoras. À medida que ele medita por mais tempo e ora ardentemente por ajuda interior, ele vê que a convicção calma da percepção intuitiva, o general ocultista veterano do despertar da Luz Interior, emerge da superconsciência para ser o guia ativo das forças da discriminação. Não importa quantas vezes ele sofra ataques poderosos de hábitos sensoriais, os soldados ocultos nascidos na meditação desta vida e de vidas passadas ainda vêm em seu auxílio. Quando os hábitos de inquietação tentam usurpar o trono da sua consciência, estes soldados ocultos oferecem uma resistência eficaz.

Os soldados ocultos aparecem no cenário de uma batalha psicológica apenas em duas ocasiões: primeiro, quando os soldados avançados da discriminação foram derrotados pelos soldados das iscas dos sentidos; em segundo lugar, quando os soldados discriminativos, através do toque da trombeta da meditação, pediram a ajuda das forças ocultas. Juntos, os soldados ocultos das realizações passadas e os soldados da discriminação podem facilmente derrotar as forças da inquietação se a batalha ocorrer antes que o trono da consciência tenha sido completamente usurpado pelo Rei do Desejo Material. É muito mais difícil para os soldados ocultistas ajudarem na recuperação do reino da paz, uma vez que este tenha caído nas mãos do Desejo Material. A pessoa, portanto, deve aproveitar ao máximo sua inclinação espiritual enquanto as forças de sua disposição para meditar são fortes. É bom começar a meditar desde cedo; ou, na falta disso, iniciar a

meditação num horário diário regular assim que a inclinação mental discriminativa se desenvolver.

Os hábitos de meditação, adquiridos recentemente ou num passado distante, têm o poder de trazer à luz o Geral da Luz Interior. As pessoas que ficam desanimadas na meditação por causa da inquietação ainda não têm consciência do poder de resistência ao mal de suas tendências discriminativas e da retaguarda dos soldados ocultistas dos bons hábitos de meditação do passado. Mas mesmo sendo prisioneiros nas mãos da inquietação, se persistirem na luta para se acalmarem, tornar-se-ão conscientes de que soldados ocultos ocultos – os poderes temíveis, robustos e intuitivos – estão tentando emergir da superconsciência para oferecer ajuda espiritual.

Assim é explicado neste verso do Bhagavad Gita que quando o Desejo Material e seu exército de tendências sensoriais e seus pensamentos inquietos tentam reforçar-se pelo Hábito Material Passado, a fim de dissuadir o aspirante espiritual da prática da meditação, eles descobrem que o A Calma Luz Interior da intuição desperta, bem treinada em meditação pelo Hábito Espiritual Passado, organizou efetivamente as faculdades discriminativas para dar resistência metafísica.

VERSÍCULOS 4–6

atra śūrā maheṣvāsā bhīmārjunasamā yudhi
yuyudhāno virāṭaś ca drupadaś ca mahārathaḥ (4)

dhṛṣṭaketuś cekitānaḥ kāśirājaś ca vīryavān
purujit kuntibhojaś ca śaibyaś ca narapuṁgavaḥ (5)

yudhāmanyuś ca vikrānta uttamaujāś ca vīryavān
saubhadro draupadeyāś ca sarva eva mahārathāḥ (6)

(4) Aqui estão presentes heróis poderosos, arqueiros extraordinários tão habilidosos em batalha quanto Bhima e Arjuna – os guerreiros veteranos, Yuyudhana, Virata e Drupada;

(5) Os poderosos Dhrishtaketu, Chekitana e Kashiraja; eminente entre os homens, Purujit; e Kuntibhoja e Shaibya;

(6) O forte Yudhamanyu, o valente Uttamaujas, o filho de Subhadra, e os filhos de Draupadi - todos senhores de grandes carruagens.19

A introspecção divinamente guiada de Arjuna revela o Rei Duryodhana – Desejo Material apontando para Drona-Samskara, o preceptor das tendências boas e más:

"Arqueiros da discriminação, como os magistrais Arjuna (Autocontrole) e Bhima (Controle da Vida), poderosos dominadores da carruagem corporal, estão todos preparados para destruir meus soldados das atividades dos sentidos. Eles são Yuyudhana (Devoção Divina), Virata (Samadhi), Drupada (Extremo Desapego); Dhrishtaketu (Poder de Resistência Mental), Chekitana (Memória Espiritual), Kashiraja20 (Inteligência Discriminativa), Purujit (Interiorização Mental), Kuntibhoja (Postura Correta), Shaibya (Poder de Aderência Mental); Yudhamanyu (Controle da Força Vital), Uttamaujas (Celibato Vital); filho de Subhadra, ou seja, Abhimanyu (Autodomínio); e os filhos de Draupadi (as manifestações características de cada um dos cinco centros espinhais despertos)".

A quarta, quinta e sexta estrofes acima devem ser tomadas em conjunto devido ao seu significado inter-relacionado. Estes descrevem os soldados metafísicos da alma que são despertados pela meditação em preparação para a batalha espiritual interior destas forças de Auto-realização contra aquelas dos hábitos sensoriais inatos de identificação corporal - uma competição que deve ser vencida pelas forças espirituais. antes que a alma, entronizada em seu palácio cerebral, possa reinar com seus divinos cortesãos de qualidades intuitivas.

A alma entra nesta batalha metafísica mais elevada depois de vencer a luta moral entre pensamentos e ações boas e más, e a guerra psicológica interna inicial que ocorre nos estágios iniciais do esforço espiritual entre a atração da mente sensorial em direção ao físico e mental consciente do corpo. inquietação e a atração das forças discriminativas internas da alma

em direção à calma e concentração em Deus. As batalhas morais e psicológicas entre as inclinações da mente sensorial e as qualidades discriminativas da alma são travadas com a ajuda de hábitos e dos soldados ocultos das tendências internas (samskaras) que resultam de ações passadas, boas ou más. A batalha metafísica diz respeito ao conflito ainda mais profundo de forças internas, quando o iogue começa a experimentar na meditação os frutos de seu sadhana ou práticas espirituais.

Comentário Expandido: As Forças Simbólicas das Qualidades da Alma

Um equívoco popular é que a prática do yoga é apenas para místicos adeptos, e que esta ciência está além da compreensão do homem comum. No entanto, o yoga é a ciência de toda a criação. O homem, como também cada átomo do universo, é um resultado externalizado desta ciência divina em ação. A prática do yoga é um conjunto de disciplinas através das quais a compreensão desta ciência se desenvolve através da experiência pessoal direta de Deus, a Causa Suprema.

O cientista material começa com o efeito observável da matéria e tenta trabalhar retroativamente em direção a uma causa. O Yoga, por outro lado, descreve a Causa e como ela evoluiu para os fenômenos da matéria, e mostra como seguir esse processo ao contrário para experimentar a verdadeira natureza espiritual do universo e do homem.

Para compreender o significado dos versos 4, 5 e 6 do Gita, que descrevem os soldados metafísicos da alma (e os versos seguintes que descrevem os soldados oponentes da consciência corporal), certos princípios básicos da ciência do yoga devem ser mantidos em mente.

Fisiologia do Yoga dos Corpos Astral e Causal

O mundo físico nada mais é do que matéria inerte. A vida e a animação inerentes em todas as formas, dos átomos ao homem, vêm das forças sutis do mundo astral. Estes, por sua vez, evoluíram a partir das forças ainda mais

sutis da criação causal ou ideacional, os pensamentos vibratórios criativos que emanam da consciência de Deus. O homem, o microcosmo, é em todos os aspectos um epítome do macrocosmo. Seu corpo físico é matéria grosseira; sua vida e sua capacidade de perceber através dos sentidos e de conhecer através da consciência dependem dos poderes e forças sutis de seus corpos astrais e causais – instrumentos da alma residente, ou consciência individualizada de Deus.21

O corpo físico é criado e sustentado diretamente pelas forças do corpo astral. O corpo e os poderes astrais são principalmente a corrente vital ou prana. A corrente vital é uma mistura de consciência e elétrons, aos quais dei a terminologia “lifetrons”. A diferença entre lifetrons e elétrons é que o primeiro é inteligente e o segundo é mecânico. A eletricidade que brilha em uma lâmpada não faz crescer uma lâmpada. Existe apenas uma relação mecânica entre a lâmpada e a eletricidade que queima nela. Mas a corrente de vida presente no espermatozóide e no óvulo unidos transforma essa célula primária em um embrião e, por fim, em um ser humano adulto. A energia vital criativa do corpo astral desce ao corpo físico através de sete centros sutis na coluna vertebral e no cérebro, e permanece concentrada e se expressa externamente através desses centros. Poucos dias após a concepção, um “sulco neural” pode ser distinguido no embrião. A partir desta primeira fase de desenvolvimento formam-se a coluna vertebral, o cérebro e o sistema nervoso, e destas partes em desenvolvimento evolui o resto do organismo humano – todo o trabalho das forças do corpo astral.

Assim como o corpo físico tem cérebro, medula espinhal com pares de nervos formando plexos nas regiões cervical, dorsal, lombar, sacral e coccígea, e um sistema nervoso periférico multi-ramificado, o corpo astral tem um cérebro astral de mil raios. (o lótus de mil pétalas), uma espinha astral com centros sutis de luz e energia e um sistema nervoso astral cuja miríade de canais luminosos são chamados nadis. A fisiologia do corpo astral anima a fisiologia do corpo físico. O corpo astral é a fonte dos poderes e instrumentos dos cinco sentidos de percepção e cinco de ação. O sistema nervoso astral canaliza o fluxo de vida ou prana em suas cinco formas diferenciadas que no corpo físico se manifestam como cristalização,

circulação, assimilação, metabolismo e eliminação. A principal espinha astral de luz, a sushumna, tem dentro dela duas outras espinhas luminosas. O sushumna, ou cobertura externa de luz, controla a função grosseira dos lifetrons astrais (aqueles associados a todas as funções realizadas pelos sete centros espinhais astrais com seus cinco elementos criativos vibratórios - terra, água, fogo, ar e éter) que criam e sustentam o corpo físico.22 O sushumna se estende do muladhara chakra, ou centro coccígeo, até o cérebro. Auxiliares do sushumna estão dois nadis astrais de cada lado dele – à esquerda, ida; à direita, pingala. Esses dois, proeminentes entre os 72.000 nadis, constituem os canais primários do sistema nervoso simpático astral – que, por sua vez, controla o sistema nervoso simpático correspondente do corpo físico grosseiro.23

Dentro do sushumna está a segunda espinha astral chamada vajra, que fornece os poderes de expansão, contração e todas as atividades de movimento do corpo astral. O vajra se estende para cima a partir do chakra svadhishthana, ou centro sacral. Dentro do vajra está escondida a espinha astral chitra, que controla as atividades espirituais (aquelas relacionadas à consciência). As atividades dessas três espinhas astrais são controladas principalmente pelo cérebro astral ou sahasrara de mil raios. Raios específicos de vida e inteligência do lótus de luz de mil pétalas são refletidos diretamente nos diferentes centros espinhais astrais, dando a cada um suas atividades e consciência características, assim como partes do cérebro físico estão conectadas a nervos e centros nervosos específicos no corpo físico. plexos espinhais.

❖

Estrutura das espinhas astral e causal.

❖

Assim como o corpo físico é feito principalmente de carne, e o corpo astral de prana, luz inteligente ou lifetrons, o corpo causal é feito especificamente de consciência, ideias, que denominei “pensamentos”. É a presença das forças do corpo causal por trás dos corpos astral e físico que causa e sustenta a sua própria existência e faz do homem um ser consciente e senciente. O corpo causal possui um cérebro espiritual de sabedoria e uma espinha dorsal espiritual chamada brahmanadi. O brahmanadi não tem

cobertura de luz como a tríplice espinha astral; é feito de uma forte corrente de consciência. O brahmanadi é comumente descrito como o interior, ou o interior, da espinha astral chitra. Isto é ao mesmo tempo um fato e um equívoco. O brahmanadi, sendo a “espinha dorsal” do corpo causal, que são vibrações de pensamento ou consciência, só pode ser descrito em termos relativos como estando “dentro” ou coberto pelas três espinhas astrais, que por sua vez são cobertas pela espinha dorsal do corpo. corpo físico. As “formas” dos três corpos e suas “espinhas” são uma questão de grau de grosseria sobreposta uma à outra, com o mais sutil obscurecido pelo mais grosseiro, embora não obstruído por ele. Os instrumentos físicos, astrais e causais da alma existem e funcionam como um todo integrado através da interação entre as várias forças grosseiras e mais sutis.

Dentro do “canal” causal cérebro-espinhal, ou brahmanadi, existem sete centros espirituais de consciência, correspondendo aos centros sutis de luz e poder no corpo astral. Os corpos físico, astral e causal estão interligados nesses centros, unindo os três corpos para trabalharem juntos: um veículo físico, fortalecido pela vida astral, com consciência causal proporcionando o poder de conhecer, pensar, desejar e sentir.

O cérebro causal é um reservatório de consciência cósmica, a bem-aventurança sempre existente, sempre consciente e sempre nova do Espírito e de Sua expressão individualizada, a alma. À medida que esta consciência desce através dos centros causais cerebroespinhais, ela se manifesta como sabedoria no cérebro causal, intuição na medula causal, calma no centro causal cervical, a consciência por trás do poder da força vital no centro causal dorsal, a consciência ou poder de autocontrole no centro causal lombar, o poder de aderência no centro causal sacral e o poder de restrição no centro causal coccígeo. Estas manifestações da consciência cósmica da alma que descem através dos centros causais cérebro-espinhais enviam sabedoria, através da ação da vontade, às “células” de pensamentos infinitos que constituem o corpo causal.

À medida que esta consciência flui do corpo causal para o corpo astral e depois para o corpo físico, atraída pelo magnetismo do apego sensorial à matéria, a expressão sutil da consciência cósmica original torna-se cada vez

mais ilusória e grosseira, perdendo a sua verdadeira natureza espiritual. A inteligência pura e feliz, ou sabedoria, torna-se discriminação. A discriminação distorcida pelas limitações das impressões sensoriais torna-se a mente cega guiada pelo capricho. Expressando-se de forma ainda mais grosseira, a mente se torna vida sem poder cognitivo. A vida se torna matéria inerte.

❖

Os koshas, estágios de evolução na criação e no homem

❖

Esses estágios de expressão são chamados no yoga de bainhas ou koshas. Toda a criação está encerrada em um ou mais dos cinco koshas. Estas são telas de ilusão, cada uma das quais, em ordem decrescente, obscurece em maior grau a verdadeira Causa e Essência de toda a criação, Deus. Os cinco koshas são anandamaya kosha, ou invólucro de bem-aventurança; jnanamaya kosha, o intelecto ou invólucro discriminativo; manomaya kosha, o invólucro da mente, manas; pranamaya kosha, o invólucro vital ou prana; e annamaya kosha, matéria grosseira. O invólucro de bem-aventurança é aquilo que cobre e causa o mundo causal e o corpo do homem. Os três invólucros de intelecto, mente e vida são os revestimentos do universo astral e do corpo do homem. O invólucro de matéria se manifesta como o universo físico e o corpo do homem.

Em ordem ascendente, da matéria ao Espírito, os cinco estágios evolutivos naturais da vida são resultados desses cinco invólucros. Quando os invólucros são desdobrados um a um, há uma manifestação correspondente de uma expressão de vida progressivamente mais elevada.

Os minerais inertes estão encerrados em todas as cinco bainhas. Com o desdobramento do annamaya kosha ou invólucro de matéria, pranamaya kosha ou invólucro de vida é revelado, e a manifestação resultante é a vida nas plantas. Quando pranamaya kosha é desdobrado e manomaya kosha ou o invólucro da mente se manifesta, o reino animal é expresso. (Os animais têm percepções e consciência, mas não o intelecto para discriminar entre o certo e o errado.) Quando manomaya kosha é desdobrado, e jnanamaya kosha ou o invólucro discriminativo é revelado, temos a manifestação do intelecto, ou homem, com a capacidade de pensar , raciocinar e orientar

suas ações pela discriminação e pela livre escolha. Quando o homem usa corretamente esse poder discriminativo, jnanamaya kosha é finalmente revertido e anandamaya kosha ou o invólucro de bem-aventurança é revelado. Este é o estado do homem divino, com apenas um fino véu de individualidade entre ele e Deus.24

O homem, sendo um microcosmo do universo, tem dentro de si todos os cinco invólucros – matéria, vida, mente, intelecto e bem-aventurança. Somente ele, de todas as formas de criação, tem a capacidade de desdobrar todos esses invólucros e libertar sua alma para se tornar um com Deus. Yoga, conforme descrito no Bhagavad Gita e elucidado nestas estrofes, é o método através do qual esta libertação pode ser alcançada. Pela prática correta da meditação, o iogue realizado, através do pranayama, ou controle da força vital, "desdobra" o invólucro da energia vital (pranamaya kosha). Ele descobre que esta energia vital é o elo entre a matéria e o Espírito. Com o domínio da força vital ele percebe a verdadeira natureza da matéria (o annamaya kosha) como uma objetivação ilusória do Espírito. E à medida que a energia vital que flui para dentro desconecta a consciência da identificação com a mente sensorial limitada (manomaya kosha), esse invólucro se desdobra de modo que as qualidades discriminativas do invólucro do intelecto ou buddhi (jnanamaya kosha) possam predominar em sua vida e em sua meditação. . O cultivo das qualidades discriminativas pela ação espiritual correta e pela meditação iogue dá-lhe, em última análise, a capacidade de reverter o invólucro do intelecto para revelar o fino invólucro de bem-aventurança (anandamaya kosha), que é o corpo causal que cobre sua alma com sua faculdade de pura. onisciente intuição e sabedoria. Desdobrando o invólucro de bem-aventurança na meditação mais profunda, o iogue funde sua alma em unidade de bem-aventurança com Deus.

Os principais poderes discriminativos da alma

Conforme explicado na discussão do primeiro verso, o devoto pode alcançar experiências iluminadas na meditação, e até mesmo a bem-aventurança do samadhi, mas ainda assim descobrir que é incapaz de manter essa consciência permanentemente – pois é atraído novamente à consciência

corporal pelos samskaras. , ou impressões remanescentes em sua consciência de hábitos e desejos passados. Este, então, é o estado do iogue enquanto ele se prepara para a batalha metafísica. Os poderes discriminativos puros – sendo os principais representados simbolicamente como os cinco filhos divinos de Pandu – foram despertados dentro do iogue, prontos para reivindicar o reino corporal da alma.

Os cinco Pandavas são as figuras heróicas centrais da analogia do Gita, controlando os exércitos de consciência e energia (prana) nos cinco centros sutis da coluna vertebral. Representam as qualidades e poderes adquiridos pelo devoto cuja meditação profunda está sintonizada com os centros astrais e causais da vida e da consciência divina.

Em ordem crescente, o significado dos cinco Pandavas é o seguinte:

Sahadeva: Restrição, Poder para Ficar Longe do Mal (Dama, o poder ativo de resistência, tenacidade, pelo qual os inquietos órgãos dos sentidos externos podem ser controlados); e o elemento vibratório da terra no centro do cóccix, ou muladhara chakra.

Nakula: Adesão, Poder para Obedecer Boas Regras (Sama, o poder positivo ou absorvente, atenção, pelo qual as tendências mentais podem ser controladas); e o elemento água vibrante no centro sacral, ou chakra svadhishthana.

Arjuna: Autocontrole; e o elemento fogo vibratório no centro lombar. Este centro, o chakra manipura, confere a força ígnea da força mental e corporal para lutar contra o vasto ataque dos soldados dos sentidos. É o reforçador de bons hábitos e ações; o treinador de hábitos. Ele mantém o corpo ereto, causa a purificação do corpo e da mente e torna possível a meditação profunda.

Vemos ainda por que este centro representa alegoricamente Arjuna, o mais habilidoso de todo o exército Pandava, quando consideramos sua dupla função. É o ponto crucial ou decisivo na vida do devoto, do materialismo grosseiro às qualidades espirituais mais sutis. Dos centros lombares aos centros sacro e coccígeo, a vida e a consciência fluem para

baixo e para fora, em direção à consciência corporal materialista e vinculada aos sentidos. Mas na meditação, quando o devoto ajuda a vida e a consciência a serem atraídas pela atração magnética no centro superior ou dorsal,25 o poder deste centro lombar ígneo dissocia-se das preocupações materiais e sustenta o trabalho espiritual do devoto através dos poderes nos centros superiores.

Quando a consciência do devoto se aprofundou na meditação, atravessando a consciência física e os estados primários do invólucro astral da alma, ele encontra na espinha astral mais íntima (o chitra), no centro lombar ou chakra manipura, a abertura do astral corpo até a cobertura mais sutil da alma do corpo causal. Esta é a abertura comum do brahmanadi, ou espinha causal com seus centros de consciência divina, que conduz através de chitra, vajra e sushumna. Quando a vida e a consciência foram revertidas para dentro na meditação profunda, é aqui que o devoto se funde na corrente de brahmanadi e entra no reino causal mais sutil da alma, o último invólucro através do qual o iogue deve passar antes que possa, através de uma compreensão ainda mais profunda. meditação, finalmente ascender através de brahmanadi ao Espírito.

Quando Arjuna, o poder do autocontrole no centro lombar, desperta o fogo da meditação e da paciência e determinação espirituais, ele atrai para cima a vida e a consciência que fluíam para baixo e para fora através dos centros lombar, sacral e coccígeo, e assim dá ao iogue meditante a força mental e corporal necessária para seguir o curso da meditação profunda que leva à autorrealização. Sem este fogo e autocontrole, nenhum progresso espiritual é possível. Assim, Arjuna, mais literalmente, também representa o devoto do autocontrole, da paciência e da determinação dentro do qual a batalha de Kurukshetra está ocorrendo. Ele é o principal devoto e discípulo do Senhor, Bhagavan Krishna, a quem no diálogo do Gita Krishna mostra o caminho para a vitória.

Os dois Pandavas restantes são:

Bhima: Poder da Vitalidade, força vital controlada pela alma (prana); e o elemento vibratório criativo do ar (ou prana) no centro dorsal, ou anahata

chakra. O poder deste centro auxilia o devoto na prática das técnicas corretas de pranayama para acalmar a respiração e controlar a mente e os ataques sensoriais. É o poder de acalmar os órgãos internos e externos e assim destruir a invasão de qualquer paixão (como sexo, ganância ou raiva). É o destruidor da doença e da dúvida. É o centro do amor divino e da criatividade espiritual.

Yudhisthira: Calma Divina; e o elemento éter vibratório criativo no centro cervical, ou vishuddha chakra. Yudhisthira, o mais velho dos cinco descendentes de Pandu (buddhi, ou intelecto puro) é apropriadamente retratado como o rei de todas as faculdades discriminativas, pois a calma é o principal fator necessário para qualquer expressão de discernimento correto. Qualquer coisa que ondula a consciência, sensual ou emocional, distorce tudo o que é percebido. Mas a calma é clareza de percepção, a própria intuição. Assim como o éter onipresente permanece inalterado, apesar da violenta turbulência das forças da Natureza que atuam sobre ele, a faculdade discriminativa de Yudhisthira é a calma imutável que discerne todas as coisas sem distorção. É o poder de poder planejar a derrubada de uma paixão inimiga. É o poder da atenção, atenção contínua no objeto certo. Ele governa a extensão da atenção e a penetração da atenção. É o poder de inferir os efeitos das ações erradas e o poder de assimilar o bem através da calma. É o poder da comparação entre o bem e o mal; e bom senso em perceber a virtude de reforçar um amigo e destruir um inimigo (como dos sentidos e hábitos, por exemplo). É o poder da imaginação intuitiva, a capacidade de imaginar ou visualizar uma verdade até que ela se manifeste.26

O principal conselheiro e apoio dos Pandavas é o próprio Senhor, que, na forma de Krishna, representa variadamente o Espírito, a alma ou a intuição manifestada nos estados de superconsciência, Kutastha ou consciência de Cristo, e consciência cósmica na medula, Centro Cristo e lótus de mil pétalas; ou como o guru instruindo seu discípulo, o devoto Arjuna. Dentro do devoto, o Senhor Krishna é, portanto, a Inteligência Divina orientadora, falando ao eu inferior que se extraviou nas complicações da consciência sensorial. Esta Inteligência Superior é o

mestre e professor, e o intelecto mental inferior é o discípulo; a Inteligência Superior aconselha o eu inferior viciado sobre como se elevar de acordo com as verdades eternas e no cumprimento do dever inerente que lhe foi dado por Deus.

Correlação do Yoga de Patanjali com a Batalha Alegórica do Gita

Uma descrição dos centros cerebrospinais sutis e de suas intrincadas funções de vida e consciência tem desafiado as mentes dos estudiosos há gerações. Foram produzidos volumes pesados, nos quais até os intelectos mais aguçados se perderam em labirintos de sua própria autoria. Os incontáveis milhares de nadis (condutores nervosos astrais do prana), as forças eletromagnéticas dos corpos astral e causal, sua interação na consciência, todos servem para operar as atividades atômicas, celulares e químicas, e os estados de consciência, do corpo físico grosseiro e mente. Mas sendo de outra dimensão, esgotam os recursos da linguagem humana e cabem desconfortavelmente nos limites limitados de uma esfera tridimensional. No entanto, mesmo sem uma compreensão intelectual, tem havido em todos os climas e épocas aqueles que, praticando os fundamentos da verdadeira religião, chegaram a uma percepção intuitiva da natureza real do homem e do universo em que ele vive, e da Causa Divina de onde vem. que ambos vieram. O pesado Mahabharata do vidente divino Vyasa não é apenas uma história, mas uma alegoria abrangente desta ciência da criação e da natureza do Criador. O Gita, uma pequena parte do épico Mahabharata, é a essência dessa ciência do yoga. Ele expõe os fundamentos da verdadeira religião, através da prática da qual a Auto-realização é alcançada.

❖

A intenção do Gita fica clara quando correlacionada com o yoga

❖

O grande sábio da Índia, Patanjali, cuja data é uma questão de conjectura por parte dos estudiosos,27 entendeu que o Bhagavad Gita era a “Canção Celestial” pela qual o Senhor queria unir a alma de Seus filhos ignorantes e errantes com Seu próprio Espírito. Isso deveria ser realizado cientificamente por meio da lei física, mental e espiritual. Patanjali explicou esta ciência espiritual em termos metafísicos definidos nos seus renomados Yoga Sutras.

Seu propósito era chegar ao âmago do yoga, cuja aplicação fornece os meios para o devoto realizar Deus e, a partir desse ponto de vista, conhecer, por meio da Auto-realização intuitiva, os intrincados fenômenos da criação manifestada. Enquanto o Gita descreve em alegoria o processo de realização de Deus, Patanjali fala do método científico de unir a alma com o Espírito indiferenciado de uma forma tão bela, clara e concisa que gerações de estudiosos o reconheceram como o principal expoente do yoga.

A intenção do Gita é imediatamente colocada em foco quando vemos como cada um dos guerreiros mencionados nos versículos 4 a 8 se relaciona com a prática do yoga conforme descrito por Patanjali em seus Yoga Sutras. A correlação é encontrada no significado metafórico dos vários guerreiros metafísicos, implícito no significado derivado de seus nomes, ou de uma raiz sânscrita dentro de seus nomes, ou de seu significado no épico Mahabharata.

Nos versos 4, 5 e 6, o Rei Desejo (Duryodhana) informa seu preceptor Hábito Passado (Drona) sobre os soldados espirituais nos centros cérebro-espinhais que se alinharam em ordem de batalha. Esses soldados metafísicos, que se reuniram para apoiar a causa dos cinco Pandavas, são os efeitos espirituais gerados pela prática de yoga do devoto. Eles, junto com os cinco Pandavas principais, vêm em auxílio do iogue para ajudá-lo a combater os soldados malignos da mente sensorial.

Duryodhana os identifica como Yuyudhana, Virata, Drupada, Dhrishtaketu, Chekitana, Rei de Kashi (Kashiraja), Purujit, Kuntibhoja, Shaibya, Yudhamanyu, Uttamaujas, o filho de Subhadra (Abhimanyu) e os cinco filhos de Draupadi. O seu significado metafórico será explicado na ordem categórica adoptada por Patanjali.

Patanjali começa seus Yoga Sutras com a definição de yoga como “a neutralização das ondas alternadas na consciência” (chitta vritti nirodha – I:2). Isto também pode ser traduzido como “cessação das modificações da substância mental”. Expliquei em Autobiografia de um Iogue: “Chitta é um termo abrangente para o princípio do pensamento, que inclui as forças vitais prânicas, manas (mente ou consciência sensorial), ahamkara (egoidade) e buddhi (inteligência intuitiva). Vritti (literalmente “redemoinho”) refere-se

às ondas de pensamento e emoção que surgem e diminuem incessantemente na consciência do homem. Nirodha significa neutralização, cessação, controle."

Patanjali continua: "Então o vidente permanece em sua própria natureza ou eu" (I:3). Isto se refere ao seu verdadeiro Eu, ou alma. Isto é, ele alcança a Auto-realização, a unidade de sua alma com Deus. Patanjali explica nos sutras I:20-21: "[A realização deste objetivo do yoga] é precedida por shraddha (devoção), virya (celibato vital), smriti (memória), samadhi (a experiência da união com Deus durante a meditação) , prajna (inteligência discriminativa). Sua realização é mais próxima daqueles que possuem tivra-samvega, ardor divino (devoção fervorosa e esforço por Deus, e extremo desapego em relação ao mundo dos sentidos)."

Destes sutras temos os primeiros seis soldados metafísicos, que estão prontos para ajudar na batalha do iogue pela Auto-realização:

1. Yuyudhana – Devoção Divina (Shraddha)

Da raiz sânscrita yudh, "lutar", Yuyudhana significa literalmente "aquele que tem lutado em seu próprio benefício". A derivação metafórica: Yudhaṁ caitanya-prakāśayitum eṣaṇaḥ abhilaṣamāna iti – "Aquele que tem um desejo ardente de lutar para expressar a consciência espiritual". Representa o princípio de atração do amor, cujo "dever" é atrair a criação de volta a Deus. Sentido pelo devoto como shraddha, ou devoção a Deus, é um impulso inerente do coração no desejo de conhecê-Lo. Incita o devoto à ação espiritual e apoia seu sadhana (práticas espirituais). Shraddha é frequentemente traduzido como fé; mas é definido com mais precisão como a inclinação natural, ou devoção, da qualidade do coração para se voltar para a sua Fonte, e a fé é parte integrante da entrega a esta atração. A criação é resultado da repulsa, de um afastamento de Deus – uma externalização do Espírito. Mas inerente à matéria está a força de atração. Este é o amor de Deus, um ímã que finalmente atrai a criação de volta para Ele. Quanto mais o devoto estiver sintonizado com isso, mais forte se tornará a atração e mais doces serão os efeitos purificadores da devoção divina do iogue.

Yuyudhana, Devoção Divina, combate as forças da irreverente descrença ou dúvida satânica, que tentam dissuadir e desencorajar o aspirante.

2. Uttamaujas — Celibato Vital (Virya)

O significado literal de Uttamaujas, o guerreiro Mahabharata, é “de excelente valor”. A interpretação comum dada ao virya de Patanjali é heroísmo ou coragem. Mas na filosofia do yoga, virya também se refere ao sêmen criativo, que, se em vez de ser sensualmente dissipado, for transmutado em sua pura essência vital, dá grande força corporal, vitalidade e coragem moral.28 Assim, descobrimos que Uttamaujas do sânscrito uttama , “chefe, principal” e ojas, “energia, poder, força corporal”, também podem ser traduzidos como “o poder principal, a principal força corporal”. Assim, a derivação metafórica: Uttamam ojo yasya sa iti – “Aquele cujo poder é supremo (de qualidade mais elevada ou superlativa).” A essência vital, quando dominada pelo iogue, é a principal fonte de sua força espiritual e fortaleza moral.

A essência vital, a mente sensorial, a respiração e o prana (a força vital ou vitalidade) estão intimamente inter-relacionados. O domínio de apenas um dá controle sobre os outros três também. O devoto que emprega técnicas científicas de yoga para controlar simultaneamente todas as quatro forças alcança rapidamente um estado mais elevado de consciência.

Uttamaujas, Celibato Vital, empresta seu poder ao devoto para derrotar as forças das tentações e hábitos de libertinagem e, assim, libertar a força vital para ser elevada do prazer grosseiro à bem-aventurança divina.

3. Chekitana – Memória Espiritual (Smriti)

Chekitana significa “inteligente”. De sua raiz sânscrita chit vêm os significados derivados, “aparecer, brilhar, lembrar”. A derivação metafórica: Ciketi jānāti iti – “Ele lembra, percebe o verdadeiro conhecimento cuja percepção é clara, concentrada”. O smriti de Patanjali significa memória, divina e humana. É aquela faculdade pela qual o iogue recorda sua verdadeira natureza como feita à imagem de Deus. À medida

que esta memória aparece ou brilha na sua consciência, ela lhe dá aquela inteligência ou percepção clara que ajuda a iluminar o seu caminho.

Chekitana, Memória Espiritual, está pronta para se opor à ilusão material que faz o homem esquecer Deus e se considerar um ser mortal preso ao corpo.

4. Virata – Êxtase (Samadhi)

Quando os cinco Pandavas foram exilados de seu reino por Duryodhana, as condições eram que eles deveriam passar doze anos na floresta e que no décimo terceiro ano eles deveriam viver sem serem descobertos pelos espiões de Duryodhana. Foi assim que os Pandavas passaram o décimo terceiro ano disfarçados na corte do Rei Virata. O significado metafórico é que, uma vez que os desejos materiais, como hábitos, assumam o controle total, será necessário um ciclo de doze anos para livrar o reino corporal dos usurpadores. Antes que as qualidades discriminativas legítimas possam recuperar seu reino, o devoto deve extrair essas qualidades de suas experiências na meditação samadhi e então ser capaz de mantê-las enquanto se expressa através do corpo físico e dos sentidos. Quando as qualidades discriminativas tiverem assim provado o seu poder, eles estarão prontos para a batalha metafísica para recuperar o seu reino corporal. Assim, Virata representa o samadhi de Patanjali, os estados temporários de união divina na meditação dos quais o iogue extrai força espiritual. Virata vem do sânscrito vi-rāj, “governar, brilhar”. Vi expressa distinção, oposição, implicando a diferença entre governar de forma comum e governar ou reinar a partir da consciência divina experimentada no samadhi. A derivação metafórica: Viśeṣeṇa ātmani rājate iti – “Aquele que está totalmente imerso em seu Eu interior”. Sob a influência ou governo do samadhi, o próprio devoto é iluminado e governa suas ações pela sabedoria divina.

Virata, Samadhi, o estado de unidade com Deus alcançado durante a meditação profunda, derrota a ilusão que fez a alma contemplar, através de sua natureza egóica, não o Único Espírito Verdadeiro, mas as diversas formas de matéria e os pares de opostos.

5. Kashiraja – Inteligência Discriminativa (Prajna)

A palavra Kashiraja deriva de kāśi, “brilhante, esplêndido, brilhante”, e rāj, “reinar, governar, brilhar”. Significa reinar com luz, ou de forma esplêndida ou brilhante; a luz que revela a substância por trás da aparência. A derivação metafórica: Padārthān kāśyan prakāśayan rājate vibhāti iti – “Aquele cujo brilho faz com que outras coisas brilhem (para serem reveladas com precisão).” Este aliado dos Pandavas representa a prajna de Patanjali, a inteligência discriminativa – insight ou sabedoria – que é a principal faculdade de iluminação do devoto. Prajna não é o mero intelecto do erudito, limitado pela lógica, razão e memória, mas uma expressão da faculdade divina do Conhecedor Supremo.

Kashiraja, Inteligência Discriminativa, protege o devoto da armadilha das tropas astutas do raciocínio falso.

6. Drupada – Desapego Extremo (Tivra-samvega)

A tradução literal das raízes sânscritas em Drupada é dru, “correr, apressar-se”, e pada, “ritmo ou passo”. A derivação metafórica: Drutam padam yasya sa iti – “Aquele cujos passos são rápidos ou rápidos”. O significado implícito é aquele que avança rapidamente. Isto se correlaciona com o tivra-samvega de Patanjali; literalmente, tīvra, “extremo”, e samvega, de sam, “juntos” e vij, “mover-se rapidamente, acelerar”. A palavra samvega também significa desapego pelas coisas do mundo, decorrente de um ardente desejo de emancipação. Este desapego desapaixonado dos objetos e preocupações mundanos é referido em outras partes do Gita como vairagya.29 Patanjali diz, como citado anteriormente, que o objetivo do yoga está mais próximo (isto é, é alcançado mais rapidamente) por aqueles que possuem tivra-samvega. Este intenso desapego não é um desinteresse negativo ou um estado de privação de renúncia. O significado da palavra abrange antes uma devoção tão ardente para atingir a meta espiritual – um sentimento que estimula o devoto à ação positiva e à intensidade mental – que o anseio pelo mundo é transmutado naturalmente em um desejo realizador por Deus.

Drupada, Desapego Extremo, apoia a luta do devoto contra o forte

exército de apego material que procura desviá-lo de seu objetivo espiritual.

—❖—

OS OITO PASSOS ESSENCIAIS DO RAJA YOGA

Os próximos aliados Pandava representam o essencial do yoga. Esses yogangas, ou membros do yoga, passaram a ser conhecidos como o Caminho Óctuplo do Yoga de Patanjali. Eles são enumerados em seus Yoga Sutras, II:29: Yama (conduta moral, evitar ações imorais); niyama (observâncias religiosas); asana (postura correta para controle corporal e mental); pranayama (controle do prana ou força vital); pratyahara (interiorização da mente); dharana (concentração); dhyana (meditação); e samadhi (união divina).

Continuando, então, a descrever os soldados metafísicos:

7. Dhrishtaketu – Poder de Resistência Mental (Yama)

Na raiz sânscrita dhriṣ estão os significados, “ser ousado e corajoso; ousar atacar.” Ketu significa “chefe ou líder”; também “brilho, clareza; intelecto, julgamento.” A derivação metafórica: Yena ketavaḥ āpadaḥ dhṛṣyate anena iti – “Aquele por cujo intelecto discriminativo as dificuldades são dominadas”. O objeto contra o qual Dhrishtaketu dirige seu poder também é encontrado em seu nome. Além de significar ousado e ousado, dhrishta significa “licencioso”. Dhrishtaketu representa aquele poder dentro do devoto que tem o julgamento correto para atacar com coragem – isto é, o poder mental para resistir – às más inclinações em direção ao comportamento imoral. Representa, portanto, o yama, conduta moral de Patanjali. Este primeiro passo do Caminho Óctuplo é cumprido pela observação do “não farás” – abstendo-se de prejudicar os outros, falsidade, roubo, incontinência e cobiça. Entendidas no sentido pleno do seu significado, essas proscrições abrangem toda a conduta moral. Pela sua observância, o iogue evita as dificuldades primárias ou fundamentais que poderiam bloquear o seu progresso em direção à Auto-realização. Quebrar as regras de conduta moral cria não apenas miséria atual, mas também efeitos cármicos duradouros que prendem o devoto ao sofrimento e à limitação mortal.

Dhrishtaketu, Poder de Resistência Mental, combate o desejo de se entregar a comportamentos contrários à lei espiritual e ajuda a neutralizar os efeitos cármicos de erros passados.

8. Shaibya – Poder de Aderência Mental (Niyama)

Shaibya, frequentemente escrito Shaivya, refere-se a Shiva, palavra que por sua vez deriva da raiz sânscrita śī, “em quem residem todas as coisas”. Shiva também significa “auspicioso, benevolente, feliz; bem-estar." A derivação metafórica de Shaibya: Śivaṁ maṇgalaṁ tat-sambandhī-yam iti maṇgala-dāyakaṁ – “Aquele que adere ao que é bom ou auspicioso – ao que conduz ao bem-estar”. Shaibya corresponde ao niyama de Patanjali, observâncias religiosas. Representa o poder do devoto de aderir às prescrições espirituais de niyama, o “farás”: pureza do corpo e da mente, contentamento em todas as circunstâncias, autodisciplina, auto-estudo (contemplação) e devoção a Deus.

Shaibya, Poder de Aderência Mental, fornece ao iogue um exército de autodisciplina espiritual positiva para derrotar os batalhões de formas malignas de produção de miséria e os efeitos do mau carma passado.

Yama-niyama são a base sobre a qual o iogue começa a construir sua vida espiritual. Eles harmonizam corpo e mente com as leis divinas da natureza, ou criação, produzindo bem-estar interno e externo, felicidade e força que atraem o devoto para práticas espirituais mais profundas e o tornam receptivo às bênçãos de seu sadhana dado pelo guru (caminho espiritual).

9. Kuntiboja – Postura Correta (Asana)

Bhoja, em Kuntibhoja, deriva de bhuj, “tomar posse, governar ou governar”. Kuntibhoja é o pai adotivo de Kunti. A derivação metafórica: Yena kuntiṁ kunā āmantraṇā daiva-vibhūtī ākarṣikā śaktiṁ bhunakti pālayate yaḥ saḥ – “Aquele que toma posse e apoia a força espiritual – Kunti – pela qual os poderes divinos são invocados e atraídos para si mesmo”. Kunti é esposa de Pandu e mãe dos três irmãos Pandavas mais velhos - Yudhisthira, Bhima e Arjuna - e madrasta dos dois irmãos mais

novos, gêmeos - Nakula e Sahadeva. Ela tinha o poder de invocar os deuses (forças criativas cósmicas), e através deste meio nasceram esses cinco filhos.30 Metaforicamente, Kunti (de ku, chamar) é o poder espiritual do devoto ardente para invocar a ajuda da força vital criativa. em sua sadhana. Kunti (assim como Drupada) representa o desapego do devoto pelo mundo e o anseio por Deus que, durante a meditação, inverte a força vital que flui para fora para se concentrar internamente. Quando a força vital e a consciência estão unidas a Pandu, buddhi (discriminação), os tattvas ou elementos nos centros espinhais sutis (concebidos no útero microcósmico ou centros do corpo pelas forças criativas macrocósmicas ou universais) manifestam-se ao iogue (isto é, são dados à luz por Kunti).

Kuntibhoja representa o asana de Patanjali, a faculdade derivada do equilíbrio ou controle do corpo, pois a postura correta é essencial para a prática do controle da força vital do iogue. Assim como Kuntibhoja “adotou e criou” Kunti, o asana também “apoia” a capacidade de invocar a energia vital divina em preparação para a prática de pranayama, ou controle da força vital (o passo seguinte ao asana no Caminho Óctuplo).

Asana prescreve a postura correta necessária para a meditação yoga. Embora muitas variações tenham evoluído, os princípios básicos são um corpo firme com coluna reta e ereta; queixo paralelo ao chão; ombros para trás, peito para fora, abdômen para dentro; e os olhos focados no centro Kutastha entre as sobrancelhas. O corpo deve estar imóvel e imóvel, sem esforço ou tensão. Quando dominada, a postura correta ou asana torna-se, como expressa Patanjali, “firme e agradável”.31 Ela confere controle corporal e calma mental e física, permitindo ao iogue meditar por horas, se assim desejar, sem fadiga ou inquietação.

É evidente, então, por que o asana é essencial para o controle da força vital: ele apóia o desapego interno em relação às demandas do corpo e o poder ardente necessário para invocar a ajuda das energias vitais para voltar a consciência para dentro, para o mundo do Espírito. .

Kuntibhoja, Postura Correta, proporciona a pacificação física e mental necessária para combater as tendências vinculadas ao corpo à preguiça, à inquietação e ao apego à carne.

10. Yudhamanyu – Controle da Força Vital (Pranayama)

De yudh, “lutar”, e manyu, “alto espírito ou ardor”, Yudhamanyu significa “aquele que luta com grande zelo e determinação”. A derivação metafórica: Yudhaṁ caitanya-prakāśayitum eva manyu-kriyā yasya saḥ — “Aquele cuja ação principal é lutar para manifestar a consciência divina”. A força vital é o elo entre a matéria e o Espírito. Fluindo para fora, revela o mundo falsamente atraente dos sentidos; invertida para dentro, ela puxa a consciência para a bem-aventurança eternamente satisfatória de Deus. O devoto que medita senta-se entre esses dois mundos, esforçando-se para entrar no reino de Deus, mas continua engajado na batalha contra os sentidos. Com a ajuda de uma técnica científica de pranayama, o iogue é finalmente vitorioso na reversão do fluxo de energia vital que externalizou sua consciência na ação da respiração, do coração e das correntes vitais aprisionadas pelos sentidos. Ele entra no reino natural da calma interior da alma e do Espírito.

Yudhamanyu, Controle da Força Vital, é o guerreiro inestimável do exército Pandava que desarma e torna impotente o exército dos sentidos da mente cega.

11. Purujit – Interiorização (Pratyahara)

Purujit, traduzido literalmente, significa “conquistar muitos”, de puru (raiz pṛī), “muitos”, e jit (raiz ji), “conquistar; removendo (na meditação).” A derivação metafórica: Paurān indriya-adhṣṭhātṛ-devān jayati iti – “Aquele que conquistou as fortalezas dos poderes astrais que governam os sentidos”. A palavra sânscrita pur (raiz pṛī) significa “fortaleza” e aqui se refere às fortalezas sensoriais da mente (manas) e seus órgãos sensoriais, cujas funções são governadas pelos poderes astrais nos centros cerebroespinhais sutis. Na raiz sânscrita, ji significa “subjugar, dominar”. Purujit, conforme referido no contexto do Gita, implica aquele pelo qual as muitas (os soldados dos sentidos) das fortalezas sensoriais do corpo são dominadas ou subjugadas. Ou seja, Purujit representa o pratyahara de Patanjali, a retirada da consciência dos sentidos, resultado da prática bem-sucedida de pranayama ou controle da força vital (os poderes astrais) que vivifica os

sentidos e leva suas mensagens ao cérebro. Quando o devoto atinge pratyahara, a vida é desligada dos sentidos, e a mente e a consciência ficam quietas e interiorizadas.

Purujit, Interiorização, proporciona ao iogue aquela estabilidade de calma mental que evita que os hábitos pré-natais do exército dos sentidos causem uma súbita dispersão da mente no mundo material.

12. Saubhadra, ou seja, Filho de Subhadra (Abhimanyu) – Autodomínio (Samyama)

Subhadra é a esposa de Arjuna. O nome do filho deles é Abhimanyu, de abhi, “com intensidade; em direção a, em” e manyu, “espírito, humor, mente; ardor." Abhimanyu representa o estado mental intenso (o humor espiritual, ou bhava) no qual a consciência é atraída “em” ou “para” a união com o objeto de sua concentração ou ardor, proporcionando autocontrole ou autodomínio perfeito. É referido por Patanjali em seus Yoga Sutras, III: 1-4, como samyama, um termo coletivo sob o qual as últimas três etapas do Caminho Óctuplo são agrupadas.

Os primeiros cinco passos são as preliminares do yoga. Samyama, de sam, “juntos”, e yama, “segurar”, consiste no trio oculto, dharana (concentração), dhyana (meditação) e samadhi (união divina), e é o yoga propriamente dito. Quando a mente foi retirada dos distúrbios sensoriais (pratyahara), então dharana e dhyana em conjunto produzem os vários estágios de samadhi: realização extática e, finalmente, união divina. Dhyana, ou meditação, é o foco da atenção liberada no Espírito. Envolve o meditador, o processo ou técnica de meditação e o objeto da meditação. Dharana é concentração ou fixidez nessa concepção interna ou objeto de meditação. Assim surge desta contemplação a percepção da Presença Divina, primeiro dentro de si mesmo, e depois evoluindo para a concepção cósmica – conceber a vastidão do Espírito, onipresente dentro e além de toda a criação. A culminação do autodomínio samyama é quando o meditador, o processo de meditação e o objeto da meditação se tornam um – a plena realização da unidade com o Espírito.

Pela referência no texto do Gita ao metronímico de Abhimanyu,

Saubhadra, somos direcionados ao significado de Subhadra, “glorioso, esplêndido”. Assim, Abhimanyu é aquele autodomínio que concede luz ou iluminação. A derivação metafórica: Abhi sarvatra manute prakāśate iti - “Aquele cuja mente intensamente concentrada brilha em todos os lugares”, ou seja, ilumina ou revela tudo; manifesta o estado iluminado de Auto-realização.

Abhimanyu, Autodomínio, é aquele grande guerreiro Pandava cujas vitórias permitem ao iogue conter o ataque da consciência inquieta e ilusória do ego, dos sentidos e dos hábitos e, assim, permanecer cada vez mais no estado de consciência da alma divina - ambos durante e após a meditação.

13. Filhos de Draupadi – Cinco Centros Espinhais Despertados pela Kundalini

Draupadi é filha de Drupada (Extremo Desapego). Ela representa o poder espiritual ou sentimento da kundalini,32 que é despertado ou nascido do ardor e desapego divinos da Drupada. Quando a kundalini é elevada, ela é “casada” com os cinco Pandavas (os elementos vibratórios criativos e a consciência nos cinco centros espinhais) e, assim, dá à luz cinco filhos.

Os filhos de Draupadi são as manifestações dos cinco centros espinhais abertos ou despertos - tais como as formas, luzes ou sons específicos característicos de cada centro - sobre os quais o iogue se concentra para atrair o poder discriminativo divino para combater a mente sensorial e seus descendentes.

Bhagavan Krishna com os cinco irmãos Pandava - Yudhisthira (cumprimentando Krishna com a saudação de adoração de pranam), Bhima (com maça), Arjuna e os gêmeos Nakula e Sahadeva. À esquerda de Sri Krishna estão Kunti (extrema esquerda) e Draupadi.

"Os cinco Pandavas são as figuras heróicas centrais da analogia do Gita, controlando os exércitos de consciência e energia (prana) nos cinco centros sutis da coluna vertebral. Representam as qualidades e poderes adquiridos pelo devoto cuja meditação profunda está sintonizada com os centros astrais e causais da vida e da consciência divina."

"O Gita descreve como - tendo despertado e treinado os poderes astrais psicológicos da calma de Yudhisthira, controle da força vital de Bhima, desapego de Arjuna ao autocontrole, poder de Nakula para aderir às boas regras e poder de Sahadeva para resistir ao mal - esses descendentes da discriminação junto com seu exército e aliados de bons hábitos e inclinações espirituais tentam retornar do

desterro. Mas as tendências sensoriais distorcidas, com seus exércitos sensoriais, relutam em abrir mão de seu reinado sobre o reino corporal. Assim, com a ajuda de Krishna (o guru, ou consciência desperta da alma, ou intuição nascida da meditação), a guerra deve ser travada – material e mental, e também espiritualmente em experiências repetidas de meditação samadhi – para recuperar o reino do Ego e seu exército de tendências mentais malignas."

—Paramahansa Yogananda

VERSÍCULO 7

asmākaṁ tu viśiṣṭā ye tān nibodha dvijottama
nāyakā mama sainyasya saṁjñārthaṁ tān bravīmi te

Ouça também, ó Flor dos nascidos duas vezes (melhor dos Brâmanes), sobre os generais do meu exército que são proeminentes entre nós: destes eu falo agora para tua informação.

A introspecção divinamente guiada de Arjuna, o devoto, continua: "Ó Erudito (Drona – Hábito – preceptor comum das tendências boas e más), tendo revisado os generais comandantes dos soldados da sabedoria, eu, Duryodhana, Rei do Desejo Material, relacione agora, para sua informação, os nomes dos mais ilustres e poderosos defensores do meu exército dos sentidos, preparados para aniquilar as forças da sabedoria."

VERSÍCULO 8

bhavān bhīṣmaś ca karṇaś ca kṛpaś ca samitiṁjayaḥ
aśvatthāmā vikarṇaś ca saumadattirjayadrathaḥ

Esses guerreiros são você (Drona), Bhishma, Karna e Kripa – vencedores em batalhas; Ashvatthaman, Vikarna, filho de Somadatta, e Jayadratha.33

"Os líderes do meu exército de sentidos são você mesmo (Drona, Hábito ou Tendência Interior), Bhishma (Ego com visão interior), Karna (Apego), Kripa (Ilusão Individual), Ashvatthaman (Desejo Latente), Vikarna

(Repulsão), Somadatti (filho de Somadatta, ou seja, Bhurishravas, representando Karma ou Ação Material) e Jayadratha (Apego ao Corpo).”

O Rei Duryodhana – Desejo Material, tendo revisado com medo o incrível poder das forças rivais de discriminação, agora tenta consolar sua mente alarmada e a de seu preceptor Drona-Habit, descrevendo a força de seu próprio exército – os sentidos dos soldados e generais dispostos para defendê-lo.

A inclinação do homem para o desejo material, quando confrontado com a multidão de resistência da razão discriminativa, recentemente despertada para afirmar o seu direito perdido, torna-se internamente nervoso, consciente da sua própria fraqueza e da derrota iminente. As fragilidades e fraquezas que se tornaram uma segunda natureza confortável são sempre perturbadas pelo despertar da consciência adormecida e do discernimento inerente. O desejo geralmente tem influência indiscutível sobre o reino corporal da mente inclinada aos sentidos. Enquanto o desejo gratificar de forma satisfatória e ininterrupta todas as suas propensões e cumprir os seus fins, ele não incomoda ninguém. Mas o desejo fica alarmado assim que o homem-animal identificado pelos sentidos (ligado principalmente por manomaya kosha) desperta através da introspecção as suas faculdades discriminativas superiores (desdobra mais plenamente o jnanamaya kosha) com a sua consciência mais clara do dever e da acção correcta. Então o desejo já não tem a sua livre influência, pois estes novos guerreiros discriminativos começam a interromper as actividades rebeldes e ímpias do desejo.

O Rei Desejo Material deseja que a Tendência do Hábito Passado, que se aliou às inclinações prevalecentes do mau sentido, esteja na posse de todos os fatos sobre a força do exército metafísico adversário, para que os meios necessários possam ser concebidos para superá-lo.

Comentário Expandido: Forças Simbólicas que se Opõem às Qualidades da Alma

Assim como os Pandavas enumerados nos versículos 4–6 representam os princípios necessários para o iogue alcançar a realização ou unidade com Deus, os Kauravas nomeados por Duryodhana no versículo 8 são metaforicamente representativos de princípios específicos que se opõem ao progresso espiritual.

Nos Yoga Sutras, I:24, Patanjali diz: “O Senhor (Ishvara) não é tocado por klesha (problemas), karma (ação), vipaka (hábito) e ashaya (desejo).” Nos Yoga Sutras, II:3, klesha, ou problemas, é definido como quíntuplo: avidya (ignorância), asmita (ego), raga (apego), dvesha (aversão), abhinivesha (apego ao corpo). Visto que o Senhor está livre dessas oito imperfeições inerentes à criação, o iogue que busca a união com Deus deve, da mesma forma, primeiro livrar sua consciência desses obstáculos à vitória espiritual. Correlacionando estes princípios, na ordem dada por Patanjali, com os guerreiros Gita nomeados por Duryodhana, temos o seguinte:

1. Kripa – Ilusão Individual (Avidya)

Tradicionalmente, diz-se que o nome Kripa deriva da raiz sânscrita kṛip, “com pena”. Mas foneticamente, que é a base do sânscrito puro, na transliteração a raiz corresponde a klṛip.34 Desta raiz vem o significado “imaginar”, a intenção do autor Vyasa ao simbolizar Kripa como avidya, ilusão individual – ignorância, ilusão. A derivação metafórica: Vastunyanyatvam kalpayati iti – “Aquele que imagina que a matéria é diferente do que é”. Avidya é o primeiro dos cinco kleshas. Esta ilusão individual é a ignorância do homem que turva a sua percepção e lhe dá um falso conceito da realidade. Patanjali descreve avidya com estas palavras: “Ignorância é perceber o não-eterno, o impuro, o mal e o que não é alma, como sendo eterno, puro, bom e a alma.”35

Maya, ilusão cósmica, é a substância universal das formas no Infinito Sem Forma. Avidya é a hipnose ou ilusão cósmica individual imposta às formas que as faz expressar, perceber e interagir umas com as outras como se cada uma tivesse sua própria realidade separada. A onipresente consciência cósmica indiferenciada de Deus está subjacente às suas separações maícas em partes através das quais o Criador expressa a Sua

multiplicidade. Pela visualização de Seus pensamentos, através do poder de maya, “o medidor mágico”, Deus cria, sustenta e dissolve mundos e seres oníricos.

Da mesma forma, a consciência divina não modificada do homem, como a alma individualizada, é a base de todas as suas expressões. O poder maíco de visualização de Deus foi herdado pelo homem na forma de avidya. Através deste “medidor” personalizado, a consciência da alma única do homem torna-se diferenciada. Pela imaginação ilusória, o poder de visualizar ou imaginar os conceitos do ego, o homem cria suas próprias ilusões de realidade e “materializa” ou as traz à existência ou expressão através dos instrumentos de sua consciência diferenciada (mente, inteligência, sentimento e órgãos sensoriais de percepção e ação).36 Assim, ele é um criador em miniatura, moldando o bem ou o mal para si mesmo e para o mundo fenomênico do qual ele é uma parte operativa. É esta força criativa inerente aos pensamentos do homem que os torna tão formidáveis. A verdade do ditado “Pensamentos são coisas” deve ser devidamente respeitada!

❖

Características da ignorância espiritual

❖

A influência da força de avidya é tal que não importa quão enfadonha seja a ilusão, o homem iludido reluta em se separar dela. Qualquer pessoa que tenha tentado mudar a visão de uma pessoa teimosa – ou mesmo alterar a sua própria opinião forte, aliás – sabe o quão convincente a “realidade” dos conceitos moldados por avidya pode ser para quem os aprecia. E é aí que reside a ignorância. O materialista convicto, cativo no seu próprio reino de “realidade”, ignora o seu estado iludido e, portanto, não tem desejo nem vontade de trocá-lo pela única Realidade, o Espírito. Ele percebe o mundo temporal como realidade, substância eterna – na medida em que é capaz de compreender o conceito de eternidade. Ele imagina que a grosseria da experiência sensorial é a pura essência do sentimento e da percepção. Ele fabrica seus próprios padrões de moralidade e comportamento e os chama de bons, independentemente de sua desarmonia com a eterna Lei Divina. E ele pensa que o seu ego, o seu sentido mortal de ser - com a sua auto-importância inflada como o

realizador todo-poderoso - é a imagem da sua alma como criada por Deus.

Avidya é um poderoso arquiinimigo da realização divina quando está sob a influência negativa das inclinações dos sentidos mundanos. No entanto, no épico do Mahabharata, vemos que Kripa, o general guerreiro Kuru que representa avidya, é um dos poucos sobreviventes da guerra de Kurukshetra; e que após a batalha ele faz as pazes com os Pandavas e é nomeado tutor de Parikshit, neto de Arjuna - único herdeiro e progenitor dos Pandavas. O significado é que na esfera criativa da relatividade nada pode existir sem este princípio de individualidade. Se avidya for completamente retirada, a forma que ela mantém se transformará novamente em Espírito sem forma.

O homem comum fica perplexo com as propostas atraentes das experiências sensoriais ilusórias e se apega às formas materiais ilusórias como se elas fossem a realidade, a causa e a segurança de sua existência. O iogue, por outro lado, está sempre consciente interiormente da única Realidade, o Espírito, e vê maya e avidya – ilusão universal e individual – como apenas uma teia tênue que mantém unidas as forças atômicas, magnéticas e espirituais que lhe dão um corpo. e mente para desempenhar um papel no drama cósmico da criação do Senhor.

2. Bhishma-Ego (Asmita)

Yasmāt pañcatattvani vibheti saḥ — “Aquele que ‘assusta’, desperta ou causa a manifestação dos cinco tattvas (elementos)”. O significado metafórico de Bhishma como Ego já foi explicado (ver Introdução). Ele é o avô da existência individual, a causa pela qual a forma e a percepção da forma surgem através dos elementos criativos (tattvas) que produzem o corpo do homem e seus instrumentos de percepção sensorial e ação.

O nome Bhishma deriva da raiz sânscrita bhī ou bhīṣ, “assustar”. Pelo poder desta força impressionante – que é o Espírito refletido (abhasa chaitanya), cuja individualidade se identifica não com o Espírito, mas com o mundo da aparência – as forças da natureza, através dos tattvas, são despertadas da quiescência para produzir e vivificar um instrumento corporal de expressão. Na batalha psicológico-metafísica descrita,

Bhishma-Ego é o oponente mais poderoso dos Pandavas, acendendo assim o maior medo nos corações das forças espirituais nos centros espinhais que estão se esforçando para se voltar para o Espírito para restabelecer o reino do divino. consciência da alma.

A asmita de Patanjali, o segundo dos kleshas, deriva do sânscrito asmi, "eu sou" (de como, ser). É, portanto, egoísmo, o mesmo que o Bhishma alegórico no Gita.

A consciência de um homem num sonho transforma-se em muitas imagens – seres, criaturas, objetos. Em seu sonho, ele dá existência a todas as formas e objetos sensoriais. A cada personagem humano ele empresta a sua própria consciência do ego, de modo que todos se comportem, pensem, andem, falem com o sonhador como seres individualizados, com identidades de "alma" separadas, embora todos sejam criados pelo espírito e pela mente do sonhador. Da mesma forma, Deus, em Seu sonho cósmico, torna-se terra, estrelas, minerais, árvores, animais e múltiplas almas humanas. Deus empresta Sua própria consciência de existência a todas as coisas em Seu sonho cósmico, e as criaturas sencientes sentem isso como se fossem suas próprias identidades separadas.

Patanjali descreve o klesha do sentido individualizado de ser assim: "Asmita (egoísmo) é a identificação do vidente com os instrumentos da visão."37 Ego é quando a alma, ou vidente, a imagem de Deus no homem, esquece sua verdadeira Eu divino e se identifica com os poderes de percepção e ação nos instrumentos do corpo e da mente. Asmita é, portanto, a consciência na qual o vidente (a alma ou sua pseudonatureza, o ego) e seus poderes discriminativos estão presentes como se fossem indivisivelmente um e o mesmo.

❖

O ego físico versus o ego divino

❖

O grau de ignorância ou iluminação inerente a esta identificação depende da natureza dos respectivos instrumentos através dos quais o "eu" ou individualidade se manifesta. Quando identificado com os sentidos grosseiros e seus objetos (o corpo físico e o mundo material), o "eu" se torna o ego físico destruidor da sabedoria. Quando identificado com os instrumentos sutis de percepção e

conhecimento no corpo astral, o “eu-ismo” torna-se um sentido mais claro de ser, o ego astral, cuja verdadeira natureza pode ser adversamente afetada pela influência ilusória da natureza física; ou, inversamente, estar em sintonia com a instrumentalidade da consciência de sabedoria do corpo causal e, assim, tornar-se o ego discriminador.

Quando o “eu-ismo” se expressa exclusivamente através da pura sabedoria intuitiva, o instrumento do corpo causal, ele se torna o puro ego discriminador (o ego divino), ou sua expressão mais elevada, a alma, o reflexo individualizado do Espírito. A alma, o mais puro sentido individualizado de ser, conhece sua identidade espiritual de onisciência e onipresença, e apenas usa os instrumentos do corpo e da mente como meio de comunicação e interação com a criação objetivada. Assim, as escrituras hindus dizem: “Quando este ‘eu’ morrer, então saberei quem sou eu.”

No contexto deste verso, no qual as forças metafísicas internas do exército Kaurava são descritas, a implicação da Consciência de Bhishma-Ego está na forma do ego astral, ou ego com visão interior: a consciência identificada com a forma sutil de os instrumentos da mente sensorial (manas), inteligência (buddhi) e sentimento (chitta). Neste estágio do avanço do devoto, esse ego astral ou de visão interior é fortemente afetado pela atração externa da mente sensorial; isto é, ficou do lado dos Kurus. Na vitória do samadhi, esse “eu-ismo” (asmita), o ego que vê interiormente, torna-se mais transcendente como o ego discriminador dos instrumentos corporais astrais e causais e, em última análise, como o puro sentido individualizado de ser, a alma.38

3. Karna – Apego (Raga)

O nome Karna deriva da raiz sânscrita kṛi, “fazer, trabalhar”.39 A derivação metafórica: Karaṇaśīla iti – “Aquele que se comporta de acordo com sua tendência habitual natural ao realizar ações (que dão prazer).”

Karna significa a propensão para buscar ações materiais, pelas quais existe um apego natural devido ao prazer ou prazer derivado delas. Assim, Karna representa o raga de Patanjali, o terceiro klesha, que é descrito nos Yoga Sutras II:7: “Raga é aquela inclinação (apego) que reside no prazer.”

Karna é meio-irmão dos cinco Pandavas. Sua mãe comum, Kunti, antes de seu casamento com Pandu, usou seu poder divino para invocar o deus Surya, o sol, através de quem ela recebeu um filho, Karna. Por não ser casada na época, ela abandonou a criança, que foi encontrada e criada por um cocheiro e sua esposa. Karna tornou-se amigo íntimo de Duryodhana e, portanto, ficou ao lado dele na batalha de Kurukshetra, embora tivesse sabido de seu verdadeiro relacionamento com os Pandavas. Apesar de tudo, ele se tornou o inimigo declarado dos Pandavas, especialmente de Arjuna. O significado é que Kunti, o poder de invocar a energia espiritual, gera uma prole do sol, a luz do olho espiritual, que é a luz a partir da qual todo o corpo do homem, o devoto, evolui. “A luz do corpo é o olho: se portanto o teu olho for único, todo o teu corpo estará cheio de luz.”40 Porque este poder de invocar a energia espiritual, Kunti, ainda não está unido ao poder discriminativo divino, ou Pandu , o descendente Karna (apego ao prazer) fica sob a influência das inclinações dos sentidos materiais e, portanto, fica do lado deles em oposição às qualidades justas Pandava.41 Karna sente que é seu dever ser leal à amizade que ele deu a Duryodhana, Desejo Material. Raga, ou Karna, é então o princípio no homem iludido que o faz procurar aquele trabalho ou ação à qual está apegado por causa do prazer que isso lhe proporciona. E ele justifica essa ação proclamando que é seu dever. Assim, seja o que for que ele queira fazer, devido ao seu apego a isso, ele pode racionalizar como necessário e correto.

4. Vikarna – Repulsão (Dvesha)

Assim como Karna representa apego, Vi-karna implica o oposto. A derivação metafórica: Akaraṇaśīla iti – “Aquele que se comporta de acordo com sua tendência habitual natural de evitar ações (que não dão prazer – que são desagradáveis).” Vikarna simboliza o quarto klesha, dvesha ou aversão de Patanjali. Yoga Sutras II:8 diz: “Dvesha é aversão àquilo que traz sofrimento.” Normalmente, evitar o sofrimento é um objetivo nobre; mas, quando aplicado neste contexto, o sofrimento tem uma implicação mais básica: aquilo que é desagradável. A ignorância do homem (avidya) distorce seu senso de certo e errado, bem e mal, e cria nele os opostos duais

de gostos e desgostos (raga e dvesha). Ele está apegado ao que gosta e evita o que não gosta, em vez de exercer a livre escolha discriminativa e seguir o que é verdadeiramente certo e melhor para ele.

5. Jayadratha – Inclinação vinculada ao corpo (Abhinivesha)

A derivação metafórica: Ramitvā anurakto bhūtvā jayati utkṛṣṭarūpeṇa tiṣṭhati iti – “Aquele que conquista pelo profundo apego à vida – profundo apego à continuação do estado de existência encarnado”. Jayad (de jayat) significa “conquistar” e ratha significa “carruagem”, ou seja, o corpo. Jayadratha representa uma tenacidade inerente ao apego ao corpo que busca conquistar as aspirações do devoto à auto-realização, fazendo-o apegar-se à consciência mortal. Essa tenacidade é um grau de apego mais sutil ou mais sutil do que a possessividade que o homem sente por objetos ou pessoas. Mesmo quando estes últimos apegos são queimados no fogo da sabedoria, o forte apego ao corpo persiste como as últimas brasas restantes. Meu gurudeva, Swami Sri Yukteswarji, muitas vezes ilustrou com estas palavras a afeição obstinada que o homem sente por sua residência corporal mortal: “Assim como o pássaro engaiolado por muito tempo, quando lhe é oferecida a liberdade, tem medo dela e reluta em deixar seu recinto, assim mesmo grandes homens cuja sabedoria é constante estão, no entanto, sujeitos à paixão pelo corpo no momento da morte.” Os psicólogos ocidentais rotularam esta força compulsiva inerente de “o desejo de autopreservação” e observaram que é o impulso natural mais forte do homem. Não só se expressa como medo da morte, mas também dá origem no homem a uma série de características mortais e ações contrárias à natureza imortal do verdadeiro Eu, a alma – egoísmo, ganância, possessividade, o acúmulo de tesouros em terra como se este fosse seu lar permanente.

Jayadratha, então, representa esta tenacidade sutil ao apego ao corpo, e é o correlato ao quinto klesha de Patanjali, abhinivesha, no Yoga Sutras II:9: “A tenacidade que se apega à vida como resultado do apego ao corpo, mesmo nos sábios, e que se propaga (a partir da memória sutil de repetidas experiências de morte em encarnações anteriores) é abhinivesha.”

6. Filho de Somadatta, ou seja, Bhurishravas – Ação Material (Karma)

No nome Bhurishravas está o significado “frequente ou repetido” (bhūri), e “fluxo, fluxo” (śravas). A derivação metafórica: Bhūrī bahulam śravaḥ kṣaraṇaṁ yaḥ saḥ iti – “Aquele fluxo que freqüentemente e repetidamente desaparece (diminui, desaparece).” Aquilo que desaparece frequente e repetidamente é obviamente substituído para manter esta continuidade. Pode ser comparado à água de um riacho, que flui, mas o fluxo permanece contínuo por causa da água que segue aquela que passa. Isto é semelhante às ações do homem e aos resultados delas decorrentes. Bhurishravas representa assim o karma, o sexto obstáculo listado por Patanjali nos Yoga Sutras I:24, citado anteriormente.

Aqui karma significa ação material, aquela que é instigada pelo desejo egoísta. Ele põe em movimento a lei de causa e efeito. A ação produz um resultado que se liga ao executor até que a causa seja compensada pelo efeito apropriado, seja ele imediato ou transitado de uma vida para outra. Embora nem sempre seja tão literal, é tão exigente quanto a lei do Antigo Testamento “olho por olho”. A condição e as circunstâncias actuais de uma pessoa são um composto da acção actual iniciada pelo livre arbítrio e da escravidão dos efeitos acumulados de acções passadas, cujas causas têm sido frequentemente esquecidas há muito tempo ou dissociadas dos resultados. Assim o homem lamenta seus infortúnios atuais como má sorte, destino, injustiça. Ao suportar, aprender e trabalhar de forma construtiva e espiritual para se livrar desses efeitos, o carma passado é destruído. Mas, a menos que as actuais acções sejam guiadas pela sabedoria e, portanto, não carreguem impressões vinculativas, novos efeitos cármicos substituirão aqueles que foram justamente compensados. Enquanto os efeitos cármicos das ações passadas e presentes não desaparecerem ao serem trabalhados ou dissolvidos pela sabedoria, será impossível alcançar a emancipação final.

Karma ou ação é de quatro tipos de acordo com Patanjali, Yoga Sutras IV:7. “As ações de um iogue não são puras nem sombrias; em outros, são de três tipos [puro, escuro ou uma mistura de puro e escuro].” As ações de um homem mau são sombrias, vinculando-o a efeitos desastrosos. As obras do homem comum do mundo são uma mistura do bem e do mal, vinculando-o

aos resultados correspondentes das mesmas. As ações de um homem espiritual são puras. Produzem bons efeitos que conduzem à liberdade; mas mesmo os bons efeitos cármicos são vinculativos. As obras de um iogue que está estabelecido na Auto-realização, a sabedoria suprema, não deixam impressões, boas ou más, que o prendam. Bhurishravas – ação material que produz efeitos vinculativos porque é instigada pelo desejo egoísta – deve, portanto, ser conquistada pelo aspirante a iogue.

7. Drona (abordado neste versículo como Bhavan, "Tu") – Hábito ou Samskara, Tendência Interior (Vipaka)

A derivação metafórica: Karmaṇāṁ dravībhāvanām vipākaḥ iti — "A fruição de ações (karma) que estão adormecidas (ou seja, no estado sutil ou 'derretido')."

O significado alegórico de Drona foi estabelecido no segundo verso. Ele representa o hábito, ou mais precisamente, o samskara, as impressões deixadas na consciência por pensamentos e ações passadas, que criam fortes tendências de repetição. Foi visto que o nome Drona vem da raiz sânscrita dru, implicando aquilo que permanece no estado derretido. Ou seja, as ações passadas permanecem de forma sutil ou "fundida" como essas impressões, ou samskaras. Encontramos, portanto, a concomitância entre Drona e o vipaka de Patanjali. A palavra vipaka deriva de vi-pac, de onde vêm os significados derivados "dar frutos, desenvolver consequências" e "derreter, liquefazer". Os samskaras ou impressões de ações passadas em seu estado sutil ou "fundido" irão, em última análise, sob as condições certas, concretizar-se como consequências dessas ações. Yoga Sutras II: 12-13 diz: "As impressões de ação têm sua raiz (causa) nos kleshas [os cinco obstáculos que acabamos de descrever] e são experimentadas no visível (manifestado na vida presente) ou no invisível (parcialmente adormecido). aguardando as condições certas, muitas vezes transportadas para a próxima vida ou para uma vida futura). A partir dessas raízes são determinadas as especificidades do renascimento de uma pessoa – que tipo de homem, sua saúde e vitalidade, suas alegrias e tristezas."

8. Ashvatthaman – Desejo Latente (Ashaya)

A derivação metafórica: Aśnuvan sañcayan tiṣṭhati iti – “Aquilo que permanece armazenado ou preservado”. O significado alegórico de Ashvatthaman é encontrado nas principais raízes sânscritas das quais o nome deriva. Ās-va significa “preservado ou armazenado”; e tthāman (da raiz sthā), “permanecer, continuar em uma condição particular” e “continuar a ser ou existir (em oposição a ‘perecer’)”. Aquilo que se acumula e permanece inalterado, e não perece com a morte, é o desejo – o ashaya de Patanjali (de ā-śā). Mais especificamente, é o desejo latente ou semente do desejo – vasana, ou as impressões do desejo na consciência. Os Yoga Sutras IV:10 afirmam: “Este desejo é a raiz eterna da criação da Natureza.” É a causa universal de tudo o que existe desde o início dos tempos.

As escrituras hindus dizem que é o desejo sem desejo do Espírito de desfrutar a sua natureza singular em muitas formas que gera este drama do sonho cósmico universal. Essa impressão do desejo de existir e de desfrutar a experiência de existir faz parte do núcleo da individualidade nessas múltiplas formas de Espírito. O desejo é, portanto, uma lei fundamental que garante a continuidade da criação. Os homens sonham seus desejos individuais na sonolência sempre desperta do Sonhador Cósmico. Avidya, ignorância, produz egoísmo; do ego surge o sentimento ou desejo e a concomitante identificação com os sentidos e objetos dos sentidos como meio de prazer. Isto leva a ações boas e más motivadas pelo desejo e aos seus resultados ou impressões, que por sua vez produzem novas causas e efeitos de uma vida para outra num ciclo que se autoperpetua. Enquanto não houver fim para o desejo, não haverá fim para o renascimento.

No homem, esta semente de desejo ou desejo latente (Ashvatthaman) deve ser distinguido do desejo ativo (Duryodhana). Há uma grande diferença entre os dois. O desejo ativo é um impulso da mente que produz um desejo independente. Este ato da mente não tem raízes no subconsciente. Quando esse impulso surge fresco na mente do agente, não é poderoso o suficiente para que não possa ser facilmente controlado ou suprimido por um rápido ato de vontade. Cada desejo, entretanto, seja ele realizado ou não, logo é seguido por outro. Tais desejos de gratificação do ego não cessam mesmo quando são supostamente satisfeitos; em cada

realização mundana ou em cada obtenção de posse material, algo sempre permanece insatisfeito. As sementes do desejo nascem desses desejos ativos instigados pelo ego. Cada desejo ativo não realizado, a menos que seja torrado pela sabedoria, planta uma nova semente de desejo na mente. Essas sementes de desejo são mais convincentes do que novos desejos impulsivos, enraizando-se profundamente no subconsciente, prontas para brotar repentinamente com demandas que são na maioria das vezes irracionais, frustrantes e geradoras de tristeza. Como o desejo gera desejos, a única maneira de encerrar o ciclo é destruir as causas.

No final da guerra do Mahabharata, após a derrota dos Kurus pelos Pandavas, descobrimos que Ashvatthaman sobreviveu, mas ficou impotente e está destinado a vagar pelo mundo para sempre, sozinho e sem amigos. Quando o iogue alcança a liberação, estabelecendo-se irrevogavelmente na consciência divina da alma, seus "desejos" são como o desejo sem desejo do Espírito, não tendo poder conquistador ou capacidade de prender a alma.

A destruição das causas da escravidão – desejo material, ego, hábito, apego e assim por diante – é, portanto, o objetivo do devoto iogue enquanto ele luta contra as forças malignas Kuru com o exército divino Pandava de discriminação e poder da alma.

VERSÍCULO 9

Anye ca bahavaḥ śūrā madarthe tyaktajīvitāḥ
nānāśastrapraharaṇāḥ sarve yuddhaviśāradāḥ

E numerosos outros guerreiros, todos bem treinados para a batalha e armados com diversas armas, estão aqui presentes, prontos para dar suas vidas por minha causa.

"Diversos guerreiros da tentação e da coragem, bem hábeis na guerra psicológica e espiritual contra o bem, e armados com as várias iscas dos sentidos, estão habitando no reino do corpo, todos preparados para gastar toda a sua vitalidade na luta por mim (Rei Material Desejo)."

O enorme exército Kuru foi reunido entre os cem descendentes de

Dhritarashtra (as dez propensões materialistas de cada um dos dez sentidos – cinco instrumentos de conhecimento e cinco de ação – da mente sensorial cega); as forças leais por eles construídas (tentações sensoriais ilimitadas); e os bem qualificados aliados Kaurava, com seus poderes para obstruir e destruir (os principais dos quais acabaram de ser enumerados por Duryodhana no versículo 8).

Aqui, então, é introduzido um agrupamento especializado das forças Kaurava. Para que o leitor não fique perplexo com mais uma "lista", ele deveria antes deixar que seus processos de pensamento se fundissem com os dos rishis, antigos e modernos, que perceberam que o yoga é uma ciência que exige exatidão na definição. Assim como o cientista que correlaciona forças e princípios interativos e relacionados na tentativa de defini-los, os rishis compartimentalizaram os princípios que se inter-relacionam para produzir um efeito específico. Como cada um faz parte do todo, há inevitáveis sobreposições e nuances de diferenças de significados de acordo com o conceito específico em consideração.

As seis falhas do ego materialmente identificado

Quando o ego ou consciência do "eu" fica do lado das forças materialistas da criação, diz-se que ele tem seis falhas (doshas): 1. kama (luxúria); 2. krodha (raiva); 3. lobha (ganância); 4. moha (ilusão); 5. mada (orgulho); e 6. matsarya (inveja). Somente quando o homem tiver conquistado isso é que ele adquirirá conhecimento da verdadeira natureza de sua alma.

Esses inimigos fornecem uma visão mais aprofundada sobre a natureza de alguns dos Kurus já mencionados, e também apresentam outros guerreiros que desempenham papéis significativos na batalha de Kurukshetra, conforme analogado no Mahabharata, guerreiros não mencionados especificamente no Gita, mas aludidos no discussão das qualidades que eles representam. Por exemplo, em XVI:7-24, na definição do ser demoníaco ou totalmente egoísta, encontramos uma correspondência geral com as seis falhas do ego.42

Dentro da fraqueza do homem, portanto, esconde-se a marca do ego.

Como o ego ama a matéria e a forma estreita, todas as diferentes fases da consciência que são treinadas por ele recebem sua qualidade egoísta formal e estreita. Como resultado, os seguintes problemas (doshas) visitam a mente humana:

1. Kama (luxúria)

Em nome e sob o pretexto de satisfazer as próprias necessidades, o ego atrai o homem à busca contínua de auto-satisfação, resultando em sofrimento e aborrecimento. O que contentaria a alma é esquecido, e o ego continua tentando incessantemente satisfazer seus desejos insaciáveis. Kama (luxúria) é, portanto, o desejo irresistível de ceder às tentações sensoriais. O desejo materialista coercitivo é o instigador dos pensamentos e ações erradas do homem. Interagindo com as outras forças que obstruem a natureza divina do homem – influenciando e sendo influenciado por elas – o desejo lascivo é o inimigo consumado. O exemplo perfeito é Duryodhana, cuja relutância em abrir mão de um centímetro de território sensorial ou prazer foi a causa da guerra de Kurukshetra. Somente pouco a pouco, com determinação feroz na batalha, os Pandavas poderiam reconquistar seu reino.

Kama, ou desejo lascivo, apoiado por outras forças Kaurava, pode corromper os instrumentos sensoriais do homem para a expressão de seus instintos mais básicos. É ensinado nas escrituras hindus que, sob a forte influência do kama, homens sábios e sábios agem como burros, macacos, cabras e porcos.

A luxúria se aplica ao abuso de qualquer um ou de todos os sentidos na busca de prazer ou gratificação. Através do sentido da visão o homem pode cobiçar objetos materiais; através do sentido da audição, ele anseia pelo doce e lento veneno da bajulação e pelos sons vibratórios de vozes e música que despertam sua natureza material; através do prazer lascivo do olfato ele é atraído para ambientes e ações erradas; o desejo por comida e bebida faz com que ele agrade seu paladar em detrimento da saúde; através do sentido do tato, ele deseja conforto físico excessivo e abusa do impulso sexual criativo. A luxúria também busca gratificação em riqueza, status, poder,

dominação – tudo que satisfaça o “eu, eu, meu” no homem egoísta. O desejo lascivo é o egoísmo, o degrau mais baixo da escada da evolução do caráter humano. Pela força de sua paixão insaciável, Kama adora destruir a felicidade, a saúde, a capacidade cerebral, a clareza de pensamento, a memória e o julgamento discriminativo.

2. Krodha (raiva)

OceanoofPDF. com

O desejo frustrado resulta em raiva. Assim, o primeiro filho do rei cego da mente sensorial Dhritarashtra é Duryodhana – Desejo Material, e seu segundo filho (irmão mais próximo de Duryodhana) é Duhshasana, simbolizando a raiva. O nome significa “difícil de restringir ou controlar”, do sânscrito duḥ, “difícil”; e śās, “restringir ou controlar”. No Mahabharata, o totalmente desprezível Duhshasana caracteriza bem o mal da raiva. No segundo capítulo do Gita,43 Krishna explica a Arjuna que a raiva faz com que o transgressor seja envolvido pela ilusão, o que então obscurece a memória do comportamento correto do Ser, causando a decadência da faculdade discriminativa. Dessa confusão de inteligência, segue-se a aniquilação do comportamento correto.

A raiva demonstra seu comportamento destruidor da paz, cegante da razão e prejudicial à saúde de muitas formas: impaciência, violência, irritação, agitação interior, ciúme, ressentimento; raiva maliciosa, raiva apaixonada, raiva infantil e superficial; Raiva de Lúcifer, satânica em violência e maldade; paroxismos de raiva, decorrentes de pouca ou nenhuma estimulação externa, causados por um hábito crônico de raiva; e raiva profundamente enraizada do mau carma de vidas passadas. Mesmo que a raiva seja supostamente justificada, a chamada “raiva justa”, ela nunca deve substituir o julgamento e a acção calmos e discriminativos.

3. Ganância

O ego torna a pessoa escravizada aos seus caprichos, de modo que ela deixa de examinar e julgar os erros que podem estar enraizados em suas concepções e ideias das coisas. Sob esta influência, ele age não por causa do dever ou da retidão, mas para cumprir caprichos indisciplinados. Desde a infância, a maioria das pessoas é condicionada a ser governada pelo seu ego e, portanto, conduzida pelos seus sentimentos e guiada por gostos e desgostos programados. Esta escravização aos caprichos, gostos e desgostos, é lobha, ganância. É cobiça, avareza, ganância, uma confusão mental entre necessidades necessárias e “necessidades” desnecessárias.

Já foi demonstrado que os guerreiros Kaurava, Karna e Vikarna, o apego à ação material e a repulsa ao que é desagradável, são a raiz dos gostos e

desgostos. Portanto, das falhas do ego, Karna e Vikarna representam lobha ou ganância.

A forma mais comum de ganância é o apetite descontrolado do homem por comida. Mas os seguintes princípios aplicam-se igualmente a qualquer expressão da gula do ego. Dependendo do poder de sua influência, a ganância pode ser uma gula insaciável; apego mental que reside no pensamento e no desejo por comida, mesmo quando o corpo está bem alimentado; ganância poderosa que é insaciável até que a saúde seja arruinada (como comer demais e comer errado, sabendo plenamente as consequências de fazê-lo); ganância média, possível de ser controlada momentaneamente, geralmente quando produz sofrimento; ganância moderada, muitas vezes rotulada como “indulgência inofensiva”, mas que nunca é assim.

Na sua manifestação mais cobiçosa e avarenta, a ganância leva ao roubo, à desonestidade, à trapaça e à autossuficiência às custas do bem-estar dos outros. Se o homem se deixar vencer pela ganância, a sua vida e o seu espírito serão arruinados e despedaçados pelo sofrimento.

Krishna avisa o devoto Arjuna que o triplo portão para o inferno é a luxúria, a raiva e a ganância; portanto, estes devem ser abandonados.44

4. Ilusão

Esta falha do ego suprime a evolução e manifestação da alma. O ego é a pseudoalma, ou a consciência sob a influência da ilusão. A alma e o ego são como a luz e as trevas, respectivamente, incapazes de viver juntos. Ego e alma são entidades subjetivamente conscientes. Mas o ego nasce e é condicionado; a alma é imortal e incondicional. O ego é circunscrito pela idade, nacionalidade, gostos e desgostos, forma, posse, desejo de fama, personalidade, orgulho, apego – tudo o que serve para circunscrever e limitar. É a consciência dentro do homem que o conecta com seu corpo e ambiente através dos instrumentos de sentimento, vontade e cognição. Assim como é verdade que o homem material não pode ser autoconsciente se o ego for subtraído, também é verdade que o ego não pode permanecer por muito tempo dissociado do seu ambiente interno e externo que o

vincula. Perde-se se não houver apego.

Moha é o apego básico do ego, sua coesão indivisível com a ilusão. Avidya, ilusão individual, representada pelo aliado Kuru Kripa, foi explicada no verso 8. Esta ilusão de individualidade produz o ego ou consciência do "eu" como aquilo que percebe e experimenta através desta individualidade. Moha é o apego do ego a esta ilusão, fazendo com que a mente fique obscurecida, incapaz de perceber o que é verdade e realidade. A palavra moha significa "delírio, ilusão, ignorância, perplexidade, paixão (apego)". Mas, além disso, significa uma arte mágica empregada para confundir um inimigo.

Na alegoria do Mahabharata, moha é representado pelo Kuru Shakuni, irmão da primeira esposa do rei cego Dhritarashtra, Gandhari. Shakuni era conhecido por seu domínio da ilusão, vencendo batalhas através da perplexidade enganosa de seus oponentes. Foi o conselho de Shakuni que incentivou Duryodhana a desafiar os cinco Pandavas para um jogo de dados no qual eles foram forçados a apostar seu reino. Shakuni jogou os dados e, por engano inteligente, ganhou tudo dos Pandavas para Duryodhana.45 Quando a simbologia dos personagens é compreendida, o significado da alegoria não pode ser ignorado. Através do "jogo de dados" de tentações sensoriais ilusórias e atrações materiais, a alma e suas qualidades discriminativas divinas são banidas do reino corporal. A consciência do homem é a partir de então governada pelo ego com seus seis defeitos.

Através deste apego à ilusão, as proibições das limitações humanas tornam-se firmes. O ego não apenas dá aos seres humanos a consciência de certas coisas positivas que eles podem fazer, mas também influencia negativamente a consciência das limitações daquilo que os mortais pensam que são incapazes de fazer. Este é o aspecto mais perigoso de estar sob a sujeição do regime do ego, pois obstrui o poder potencialmente onisciente e onipotente do verdadeiro Eu, a alma. Quebrar este apego à ilusão é permitir que a alma expresse a sua supremacia, estabeleça a sua influência e amplie a manifestação das suas infinitas possibilidades.

5. Mada (Pride)

Esta falha do ego torna a mente estreita e limitada. O orgulho sufoca e suprime as qualidades ilimitadas da alma por meio de sua consciência restrita. Orgulho aqui significa aquele amor pelo “eu” ou ego que está constantemente na defensiva (ou ofensiva) para apoiar e promover os interesses desse eu. Por causa de mada, dentro do ego surge a arrogância, a vaidade, a arrogância, o comportamento presunçoso e a luxúria apaixonada ou desenfreada pelos desejos, interesses ou exigências do “eu, eu e o meu”. “Meu bom nome, meus direitos, meu status, minha raça, minha religião, meus sentimentos. Estou justificado, sou tão bom ou melhor que qualquer outro, eu quero, eu tenho, eu sou.” Entre os significados englobados pela palavra mada, além de “orgulho”, estão “intoxicação, insanidade”. Poderíamos dizer apropriadamente que mada é uma intoxicação tão grande com a consciência do ego “eu” que o homem se despede de seu Eu são ou verdadeiro, a alma.

Na alegoria do Mahabharata, mada como orgulho é representado por Shalya. Ele é tio materno dos dois Pandavas mais jovens, Sahadeva e Nakula. Shalya decidiu unir forças com eles contra os Kurus, mas Duryodhana o subornou com lisonjas e presentes, para que ele ficasse do lado dos Kurus. Assim, o orgulho egoísta muitas vezes vira a cabeça – e os pés – do homem na direção errada. A palavra shalya significa “falha ou defeito”, implicando neste contexto a miopia do orgulho do ego, cuja perspectiva estreita confunde a razão e o julgamento do homem.

Shalya também significa “abuso, difamação”. Mada cria no ego-homem um poder hostil que expressa sua arrogância egocêntrica para com os outros como intolerância, preconceito, intolerância, atitude implacável e a hostilidade preconceituosa ou temerosa do ódio. O orgulho faz com que o homem egoísta, consciente ou inconscientemente, tente cortar a cabeça dos outros para parecer mais alto. Gosta de menosprezar ou humilhar os outros, de se gabar de seus erros e desconforto, de fofocar e criticar. Mas ai de qualquer pessoa, mesmo bem-intencionada, que se intrometa no próprio santuário do orgulho do ego. Ele se depara com ira instantânea, vingança ou, na melhor das hipóteses, um “você deveria se sentir envergonhado por ferir meus sentimentos”.

O orgulho do ego em um homem repele os outros, produzindo neles irritação e antipatia por ele; enquanto boas qualidades de humildade, calma, consideração, sorrisos sinceros e alegres, compreensão paciente, sempre geram nos outros alegria, paz e conforto. Assim, o homem de qualidades discriminativas tem uma personalidade atraente; através da simpatia ele realmente governa o coração dos outros. Os orgulhosos apenas se enganam pensando que sua atitude autoritária os torna líderes entre os homens.

Mesmo um homem muito espiritual pode cair de uma grande altura por causa do orgulho das suas realizações. Tal é a natureza de mada que o ego se estima não apenas pelo bem que realmente alcançou, mas também pelas qualidades que falsamente imagina possuir. Quanto maior o bem do homem, mais motivos há para se orgulhar, aumentando a chance de sucumbir ao orgulho egoísta. Astúcia, na verdade, são as armadilhas da ilusão!

6. Matsarya (inveja, apego material)

A maravilha da língua sânscrita é a sua capacidade de transmitir um conceito inteiro em uma palavra, compreendido por aqueles que já são versados no conceito que está sendo definido. O sânscrito evoluiu como “a linguagem dos deuses”, através da qual as escrituras eram transmitidas aos mortais. Cada palavra pode ter muitos significados, e o contexto determina a aplicação correta. A dificuldade de tradução para o inglês é a definição complicada necessária para transmitir o que está implícito em um único termo. Para evitar palavreado repetitivo, uma frase ou palavra relevante em inglês é escolhida para representar o significado, que deve então ser entendido em seu sentido filosófico completo. Matsarya, comumente traduzido como “inveja”, no sentido mais amplo significa apego material. A palavra deriva de matsara, que significa “inveja, ciúme, egoísmo, hostilidade; paixão por; emocionante; intoxicante ou viciante.” O significado de matsarya, então, é que a riqueza de possíveis posses e realizações no mundo da matéria cria no ego a insatisfação e uma paixão (inveja) pela obtenção desses prazeres materiais. Isto desperta uma alegria, um poder ou força, direcionado para a realização e resultando em

intoxicação e dependência dos objetos adquiridos, ou seja, apego material. Às vezes de natureza hostil, esse apego material pode ser ciumento, malicioso e egoísta.

O guerreiro Kaurava que representa esta falha do ego é Kritavarma. Ele foi o único Yadava (o clã de Sri Krishna) que apoiou Duryodhana na guerra de Kurukshetra. Ele ficou com uma inveja maliciosa quando a noiva que ele cobiçava lhe foi negada e levada para o reino de Krishna.

Matsarya, ou inveja do ego, em todas as suas implicações, incita a luxúria do desejo e torna praticamente impossível que alguém alcance imediatamente o seu objetivo e ideal de vida. É um sonhador. Faz o homem sonhar com um mundo de desejos realizados, fazendo-o correr atrás deles por intermináveis corredores de nascimentos e renascimentos. Faz esquecer o seu verdadeiro dever, aquelas ações que são corretas para a evolução da sua própria alma, e cria nele o desejo de imitar a posição dos outros - para que ele possa ser ou ter o que lhe despertou inveja. Para destruir esta consciência, a pessoa deve desassociar-se da sua própria personalidade e, na sua imaginação, identificar-se com os outros. Ele descobrirá que o estado mental resultante é o mesmo em todos – prazer momentâneo seguido de insatisfação e mais desejos. Deixando de desejar, ele descobrirá que o que realmente deseja não é a satisfação do ego ou a satisfação dos caprichos, mas a satisfação do Eu ou da alma.

A alma, sendo ilimitada, não se deixa circunscrever pela estreiteza do ego. A destruição da consciência do ego não significa que devemos viver vidas sem rumo, mas que não devemos limitar-nos por sermos identificados com os apegos do ego. Não devemos jogar fora os nossos bens, nem deixar de cuidar das coisas que temos, nem deixar de tentar possuir o que realmente precisamos; mas no decorrer do cumprimento dos nossos deveres, devemos eliminar a escravidão do apego. Aqueles que se libertam da estreiteza do ego e da consciência das posses do ego detêm o domínio sobre a terra e o céu. Um filho do Espírito que está livre do apego material do ego pode certamente ter tudo o que existe no universo como sua legítima herança divina. Todos os seus desejos estão satisfeitos.

Em suma, o principal mal prático que acompanha a consciência do ego e as

❖
A consciência do ego é uma falsa personalidade
❖

suas seis falhas é a crescente compulsão de esquecer o próprio Eu – a alma – e a sua expressão, manifestação e requisitos; e tornar-se teimosamente inclinado a engajar-se na busca das "necessidades" insaciáveis do ego.

Psicologicamente, a consciência do ego é uma transferência e enxerto de uma falsa personalidade. É necessário compreender e desenraizar o piquete da consciência do ego e suas diversas tendências, que impedem a familiaridade com o verdadeiro Eu. O aspirante a iogue deve sempre ter em mente, quando sentir raiva: "Esse não sou eu!" Quando seu autodomínio estiver sendo dominado pela luxúria ou pela ganância, ele deveria dizer para si mesmo: "Esse não sou eu!" Quando o ódio tenta obscurecer a sua verdadeira natureza com uma máscara de emoção feia, ele deve dissociar-se dela à força: "Esse não sou eu!" Ele aprende a fechar as portas de sua consciência contra todos os visitantes indesejáveis que procuram alojamento lá dentro. E sempre que esse devoto tiver sido usado ou abusado por outros, e ainda assim sentir uma agitação do espírito santo de perdão e amor, ele poderá então afirmar com convicção: "Esse sou eu! Essa é a minha verdadeira natureza."

A meditação do Yoga é o processo de cultivar e estabilizar a consciência da própria natureza real, através de métodos e leis espirituais e psicofísicas definidas pelas quais o ego estreito, a consciência humana hereditária imperfeita, é substituída pela consciência da alma.

VERSÍCULO 10

aparyāptaṁ então asmākaṁ balaṁ bhīṣmābhirakṣitam
paryāptaṁ tvidam eteṣāṁ balaṁ bhīmābhirakṣitam

Estas nossas forças protegidas por Bhishma são ilimitadas (mas podem ser insuficientes); enquanto o seu exército, defendido por Bhima, é limitado (mas bastante adequado).46

"Nossas forças de desejos e tentações sensoriais, embora ilimitadas em

❖

Função do ego: manter delírios do corpo e do mundo material

❖

número e protegidas pelo poder veemente da natureza do ego, podem ainda ser inadequadas porque nossa força é relativa ao estado de identificação com o corpo; considerando que o exército Pandava, embora possa ser limitado em número, consiste em princípios absolutos de verdade imutável e é defendido pelo poder da força vital guiada pela alma; juntos, estes são capazes de destruir a identificação do corpo e, assim, derrotar a nossa causa."

Bhishma (asmita ou consciência do ego nascida na ilusão) é o comandante supremo de todas as unidades do exército dos sentidos. O propósito de Bhishma, o ego ou pseudoalma, é manter a consciência continuamente ocupada com relatórios e atividades sensoriais, concentrando o holofote da atenção externamente no corpo e no mundo da matéria, em vez de internamente em Deus e na verdadeira natureza da alma. Essa consciência iludida e presa à carne é responsável por despertar todos os incontáveis soldados das tentações e apegos expressos no corpo humano.

Sem a consciência do ego, todo o exército do mal e da tentação desaparece como um sonho esquecido. Se a alma habitasse no corpo sem estar identificada com ele, como fazem as almas dos santos, nenhuma tentação ou apego poderia mantê-la ligada ao corpo. Os problemas de um homem comum surgem do fato de que quando a alma desce ao corpo, ela projeta na carne sua natureza individualizada, sempre consciente e sempre nova de bem-aventurança e, a partir daí, identifica-se com as limitações de uma forma física. A alma então se considera o ego miserável de muitas tentações. A identificação da alma com o corpo, porém, é apenas imaginária, não real. Essencialmente, a alma é sempre pura. Os mortais comuns permitem que suas almas vivam como egos emaranhados de carne, não como o reflexo do Espírito ou a verdadeira alma.

Um jovem príncipe rico, mantido em cativeiro nas favelas, viveu lá por tanto tempo que se achava pobre e miserável. Ele aceitou como seus todos os problemas associados à pobreza. Quando finalmente regressou ao seu palácio e lá viveu novamente durante algum tempo, percebeu que, excepto

na sua imaginação criada pelas suas experiências temporárias, nunca tinha sido realmente pobre.

É difícil, porém, para o homem mortal perceber que não é um ser carnal, que na realidade não é nem indiano, nem americano, nem qualquer outra coisa limitada que parece ser. No sono, de forma inconsciente, a alma faz esquecer a consciência carnal. O sono é um bálsamo curativo temporário para aliviar as alucinações sobre a matéria. A meditação é a verdadeira panacéia pela qual o homem pode curar-se permanentemente do devaneio da matéria e de todos os seus males, e realizar-se como puro Espírito.

❖

Pranayama, chave para a vitória do iogue

❖

Duryodhana – Desejo Material sabe que seu reino está seriamente ameaçado quando o aspirante a devoto começa a despertar o exército espiritual interior pela prática da meditação. Bhima, a força vital guiada pela alma, é o principal general deste exército, pois a força vital é o elo entre a matéria e o Espírito; nenhuma realização é possível até que esta energia seja controlada e voltada para o Espírito. À medida que o devoto meditante se torna adepto das técnicas adequadas de pranayama, Bhima, a força vital voltada para dentro e o resultante controle da vida e da respiração, conduz aquele iogue vitorioso à consciência divina.

Através dos exercícios respiratórios adequados do pranayama, o sangue venoso é purificado e o corpo do homem é suprido diretamente com energia cósmica. A decomposição do corpo é interrompida e o coração recebe um descanso bem-vindo da tarefa geralmente incessante de oxigenar e nutrir o corpo através da circulação sanguínea e de direcionar a força vital para os cinco telefones dos sentidos: tato, olfato, paladar, som e visão. Quando a força vital é desligada dos órgãos sensoriais, as sensações materiais não conseguem alcançar o cérebro para desviar a atenção de Deus do meditador. É por isso que Bhima, ou o poder do controle da força vital, e alguns outros soldados fortes – concentração, intuição, percepção interior, calma, autocontrole e assim por diante (conforme descrito nos versículos 4–6) – devem ser despertados para lutar contra as forças da pseudoalma ou ego. Bhima, ou força vital guiada pela alma, lidera o exército espiritual e é o

principal inimigo do ego ou Bhishma, porque quando a invasão dos cinco sentidos é interrompida pelo controle da força vital, a alma é automaticamente libertada do cativeiro do corpo. -consciência do ego identificada. A alma, tendo recuperado o comando supremo da consciência, diz: “Nunca fui nada além de Espírito alegre; Apenas imaginei por um tempo que era um homem mortal aprisionado por limitações ilusórias e tentações sensoriais.”

Este “despertar” da alma, ou Auto-realização, ocorre primeiro como uma consciência temporária durante a experiência de samadhi em meditação profunda, após a prática bem-sucedida de pranayama ter produzido o controle da força vital e revertido a vida e a consciência dos sentidos para o estados internos divinos de consciência da alma e de Deus. À medida que as experiências de samadhi do iogue se aprofundam e se expandem, esta compreensão torna-se um estado permanente de consciência.

Alcançar o samadhi ou unidade com Deus é o único método pelo qual a consciência do ego pode ser completamente derrotada.

❖

Estágios de samadhi, unidade com Deus

❖

Existem vários graus de realização ou unidade com Deus. Primeiro, há a compreensão da unidade do ego e da alma na superconsciência. Depois, há a realização da unidade da alma e do Espírito nos estados de consciência Crística (Kutastha Chaitanya) e na consciência cósmica.

Assim como existem estados de realização progressivamente expansivos, também existem diferentes estados de samadhi nos quais essas experiências ocorrem. Amplamente classificados, existem três tipos de samadhi: jada ou transe inconsciente; savikalpa ou percepção do Espírito, sem as ondas da criação; e nirvikalpa, o estado mais elevado – o da percepção simultânea do oceano do Espírito e de todas as suas ondas de criação.

Jada samadhi, ou estado cataléptico inconsciente, é espiritualmente inútil porque suspende apenas temporariamente a consciência e as ações do ego; não pode transformar a consciência material em consciência espiritual.

Jada samadhi, ou transe inconsciente, é produzido por métodos de controle físico, ou pela anestesia mental de manter a mente em branco, ou pela pressão sobre certas glândulas. Neste estado, um homem ligado aos sentidos não pode fazer mais do que abster-se temporariamente de aumentar seus desejos, apegos e dívidas cármicas – ele nunca poderá adquirir sabedoria nem eliminar as sementes do carma pré-natal ou pós-natal e dos maus hábitos.

Uma história da antiga tradição religiosa da Índia relata que um perverso encantador de serpentes entrou em transe e, ao fazê-lo, caiu num poço. Com o tempo, o poço secou e ficou cheio de sujeira. O homem permaneceu ali enterrado, com o corpo perfeitamente preservado em estado de animação suspensa. Cem anos depois, um grupo de aldeões que estava cavando o antigo poço encontrou o homem e o reanimou com a aplicação de água quente. Assim que recuperou a consciência, começou a repreender todos que estavam ao seu alcance, acusando o grupo de ter roubado os instrumentos musicais com os quais encantava suas cobras. Os cem anos de transe inconsciente não tiveram nenhum efeito salutar no comportamento do encantador de serpentes, nem destruíram as sementes dos maus hábitos alojadas em seu cérebro. Jada samadhi não melhorou de forma alguma a natureza perversa do homem.

No estado de savikalpa samadhi, a atenção e a força vital são desligadas dos sentidos e são conscientemente mantidas identificadas com o Espírito sempre alegre. Neste estado a alma é libertada da consciência do ego e torna-se consciente do Espírito além da criação. A alma é então capaz de absorver o fogo da Sabedoria do Espírito que “assa” ou destrói as sementes das inclinações ligadas ao corpo. A alma como meditador, seu estado de meditação e o Espírito como objeto de meditação — todos se tornam um. A onda separada da alma que medita no oceano do Espírito funde-se com o Espírito. A alma não perde a sua identidade, mas apenas se expande em Espírito. No savikalpa samadhi a mente está consciente apenas do Espírito interior; não tem consciência da criação externa (o mundo exterior). O corpo está em estado de transe, mas a consciência percebe plenamente sua experiência de êxtase interior.

No estado mais avançado, nirvikalpa samadhi, a alma realiza a si mesma e ao Espírito como um só. A consciência do ego, a consciência da alma e o oceano do Espírito são vistos todos existindo juntos. É o estado de observar simultaneamente o oceano do Espírito e as ondas da criação. O indivíduo não se vê mais como um "John Smith" relacionado a um determinado ambiente; ele percebe que o oceano do Espírito se tornou não apenas a onda de John Smith, mas também as ondas de todas as outras vidas. No nirvikalpa a alma está simultaneamente consciente do Espírito interior e da criação exterior. O homem divino no estado nirvikalpa pode até mesmo ocupar-se no desempenho de seus deveres materiais sem perda da união interior com Deus.

Os estados savikalpa e nirvikalpa de samadhi são descritos na seguinte antiga canção hindu:

Em savikalpa samadhi yoga
Você vai se afogar (ego) em si mesmo (Espírito);
No nirvikalpa samadhi yoga
Você se encontrará (ego) em si mesmo (Espírito).47

A consciência do ego no homem mantém a alma ligada à matéria, apresentando uma série de desejos mortais e enfatizando a "individualidade" ou peculiaridades de cada homem, lembrando-o das limitadas relações físicas de país, raça, nação, família, posses, características individuais e assim por diante. A alma, um reflexo do Espírito, deve manifestar o seu caráter onipresente e onisciente. Samadhi lembra a alma de sua onipresença. Lutar pelo estado de samadhi através da meditação é, portanto, o caminho para superar a consciência do ego.

Versículo 11

ayaneṣu ca sarveṣu yathābhāgam avasthitāḥ
bhīṣmam evābhirakshantu bhavantaḥ sarva eva oi

Todos vocês, devidamente estacionados em seus lugares nas divisões do exército, protejam Bhishma.

“Todos vocês (Drona-Samskara, e o resto do nosso exército Kaurava de inclinações sensoriais e aliados de apoio) permaneçam firmes em seus respectivos lugares no campo corporal de Kurukshetra e nas planícies internas dos centros cérebro-espinhais, e concentrem suas forças em protegendo Bhishma-Ego.”

Rei Duryodhana – O Desejo Material é medroso por natureza; ele nunca tem certeza de seu reino. Ele sabe que a sua própria existência é precária, baseada no apoio da falsa ou ilusória consciência do ego. O ego, ou a consciência de estar identificado com um corpo, é realizado através de muitas encarnações no coração da alma. É esta persistência da identificação corporal que fortaleceu o Rei Desejo Material e o incitou a lutar por todos os meios para perpetuar a consciência corporal - pois é essa consciência, juntamente com o seu exército de limitações, que pode e mantém a alma prisioneira da matéria. . O Desejo Material sabe que se a consciência do ego for derrotada completamente nas mãos dos soldados da meditação, a alma se lembrará de seu estado perfeito e então aniquilará totalmente os exércitos do desejo e da ilusão.

O ego é ainda mais poderoso no exercício de influência ilusória e na derrota dos soldados da alma do que o preceptor do Desejo Material, Tendência ao Hábito Passado. Assim, Duryodhana presume ordenar até mesmo ao seu respeitado professor Drona que se coloque em defesa do ego. Mesmo que as tendências malignas do passado sejam destruídas, outras tendências más, ou mesmo tendências boas e egoístas, podem ser facilmente criadas para manter a alma em cativeiro. Visto que a consciência do ego é o poder primário para iludir a alma e enredá-la nas malhas da carne e da matéria, o Rei Desejo Material enfatiza a importância de defender Bhishma-Ego a todo custo. Ele sabe que será muito difícil matar a consciência básica do ego se ela for firmemente protegida por Drona-Samskara e pelo resto do exército dos sentidos.

Uma revisão dos principais guerreiros e generais dos exércitos Kuru e Pandu, descritos nos versículos 4–9, mostrará que a força de ambos os lados é quase igual. Para cada inclinação, desejo ou mau hábito maligno existe uma qualidade discriminativa divina correspondente que o iogue

Resumo das Forças Reunidas para a Batalha Espiritual

determinado pode empregar para derrotar ou derrotar o inimigo. Ou, inversamente, pode-se dizer que, no devoto negligente ou preguiçoso, para cada boa qualidade existe uma contraparte má, bem preparada para deter o exército da Auto-realização.

A matriz de batalha espiritual é a seguinte:

Os soldados da alma, presentes nos sete centros cérebro-espinhais do homem, são: (1) Sahadeva, o poder de observar as regras negativas da moralidade (os “não farás”), no centro coccígeo ou terrestre; (2) Nakula, o poder de seguir as regras espirituais positivas prescritas (os “farás”), no centro sagrado ou aquático; (3) Arjuna, ou força do fogo divino, e o poder da paciência e do autocontrole, na região lombar ou centro do fogo; (4) Bhima, respiração vital e força vital controladas pela alma, no centro dorsal ou aéreo; (5) Yudhisthira, ou Rei Calma como discriminação divina, no centro cervical ou éter; (6) a Alma ou samadhi superconsciente, unidade intuitiva com Deus, na medula; e Krishna ou o Espírito como Consciência Crística, no ponto entre as duas sobrancelhas, diretamente conectado e inter-relacionado com o centro medular; (7) Espírito Puro, no sahasrara ou “lótus de mil pétalas” no cérebro.

Apoiando-os estão os guerreiros metafísicos descritos nos versículos 4-6: Yuyudhana – Devoção Divina (shraddha), Uttamaujas – Celibato Vital (virya), Chekitana – Memória Espiritual (smriti), Virata-Êxtase (samadhi), Kashiraja – Inteligência Discriminativa (prajna).), Drupada – Desapego Extremo (tivra-samvega), Dhrishtaketu – Poder de Resistência Mental (yama), Shaibya – Poder de Aderência Mental (niyama), Kuntibhoja – Postura Correta (asana), Yudhamanyu – Controle da Força Vital (pranayama), Purujit-Interiorização (pratyahara), Abhimanyu-Autodomínio (samyama - dharana, dhyana e samadhi) e Draupadeya ou as vibrações espirituais manifestadas, luzes e sons dos cinco centros espinhais, que são pontos focais de meditação.

O Mahabharata descreve as divisões do exército Pandava voltadas para o leste. Leste significa sabedoria. No corpo, ou campo de Kurukshetra, o

leste está para dentro, no olho espiritual que tudo vê.

A formação de batalha do lado maligno ou Kaurava está voltada para o oeste, voltada para fora, em direção aos sentidos. Juntamente com as forças dos três Pandavas que estão nos centros espinhais inferiores, os soldados do Rei Desejo Material ocupam os centros coccígeo, sacro e lombar – que governam a atividade dos sentidos identificada pelo corpo – além de toda a superfície da pele e os acampamentos-fortaleza de os órgãos dos sentidos controlados pelo ego e suas forças nervosas no cérebro físico e nos plexos espinhais.

❖

Conflito metafísico em cada centro cérebro-espinhal

❖

Numa interpretação metafísica mais profunda, pode-se dizer que as forças Pandava na medula e nos cinco centros espinhais são diretamente confrontadas pelas forças malignas Kaurava nos mesmos seis centros. Cada centro tem uma função espiritual e uma função grosseira, como foi citado pelo exemplo de Arjuna no centro lombar. Toda a criação e forças criativas emanam do Espírito. No microcosmo do corpo humano, o Divino e Seu reflexo, a alma, estão entronizados nos centros espirituais mais elevados do cérebro, com subdínamos de vida e consciência na medula e nos centros espinhais. A interação dos princípios criativos produz o corpo físico e a consciência humana. Quando o ego e seus defensores da ilusão, ignorância, apegos, desejos, hábitos, sentidos, persistentemente puxam para fora as forças criativas e a consciência sintonizadas com o Espírito, o homem se identifica com a grosseria como a “realidade” normal e desejável. Foi estabelecida uma dualidade ou polaridade: a atração negativa da mente sensorial e do ego, direcionando as correntes e percepções para fora, em direção à identificação com a matéria; e a atração positiva da alma, através da pura inteligência discriminativa que revela a verdade, pela qual a consciência e as correntes vitais são mantidas em sintonia com a alma e o Espírito.

Quando o iogue que desperta, pela aplicação da ação correta e da meditação,48 tenta recuperar seu estado natural de consciência divina, ele encontra em cada ponto de avanço a oposição negativa das forças Kuru. Tendo vencido a batalha moral pelo seu poder de resistir às ações erradas e

aderir aos deveres espirituais, e a batalha psicológica interna da inquietação pelo controle do corpo, da mente e da força vital, ele agora enfrenta a batalha metafísica nos centros cérebro-espinhais. À medida que ele tenta elevar sua consciência através dos centros até o Espírito, ele encontra forte resistência dos fortes poderes e apegos habituais do corpo.

❖

Desejo material e as forças da consciência ilusória do ego

❖

O instigador da guerra contra as qualidades divinas Pandava nos centros é Duryodhana – Desejo Material (kama) no centro coccígeo – o principal canal de forte fluxo de força vital e consciência – que alimenta desejos luxuriosos dos sentidos e produz egoísmo grosseiro e materialismo. A existência de Duryodhana depende do apoio de Bhishma-Ego (asmita), Drona – Tendências de Hábitos (samskara) e Kripa – Ilusão Individual (avidya) localizada no centro da medula. A consciência espiritual neste centro, voltada para dentro, é a superconsciência da alma. Voltada para fora, ela se torna a pseudoalma e suas inclinações. É por isso que Duryodhana neste verso exorta todas as forças Kuru a protegerem o Ego com todas as suas forças. Não se deve permitir que a consciência alcance este centro e se volte para dentro, para a alma e o Espírito.49 Para este fim, o resto do exército Kuru é incitado à acção nas suas várias posições de combate nos centros espinhais para se opor ao progresso espiritual dos as forças Pandava nele:

Duhshasana, como raiva, difícil de controlar (krodha); e Jayadratha, como medo da morte (abhinivesha), no centro sacral. Karna, como apego às ações materiais (raga), e Vikarna, como repulsa ao desagrado (dvesha) – juntos, Karna e Vikarna produzem gostos e desgostos, ou ganância (lobha) – ativos no centro lombar. Shakuni, como apego à ilusão (moha), no centro dorsal. Shalya, como orgulho (mada) no centro cervical.

Apoiando essas forças Kaurava nos seis centros cerebrospinais sutis - de Bhishma, Drona e Kripa na medula até Duryodhana no centro coccígeo - estão os restantes acima mencionados, firmemente arraigados, Kritavarma, inveja, apego material (matsarya); Bhurishravas, os efeitos vinculativos da ação material (karma); Ashvatthaman, desejo latente (ashaya ou vasana), filho de Drona; e, adicionalmente, todos os outros dirigentes e subordinados

do exército dos sentidos.50

Os dois exércitos opostos são igualmente poderosos, pois alternadamente governam o reino do corpo. Mas o iogue extrai coragem e perseverança do conhecimento de que a inevitável vitória final estará do lado da virtude. Ele defende a verdade de que não é natural ser mau ou permitir que condições perturbadoras e infelizes nascidas da ilusão e de ações erradas governem a mente de alguém, ao passo que é bastante natural ser virtuoso e abençoado. O homem foi criado por Deus à Sua própria imagem. É por causa desta herança espiritual que ele pode legitimamente reivindicar possuir as qualidades conquistadoras do Espírito Onipotente.

Comentário Expandido: A Natureza do Ego

Bhishma, ou ego, é chidabhasa, consciência refletida; não o verdadeiro Eu ou luz, mas a luz refletida.51 O ego é a sensualização da superconsciência ou alma subjetiva — a identificação da alma superconsciente com a consciência do corpo, vinculada aos sentidos. O ego é a pseudoalma, descrita também como a sombra da alma. É a consciência refletida e subjetiva dentro do homem que o torna consciente de seus sentimentos, vontade, cognição (sensação, percepção, concepção) e de seu ambiente. É o núcleo consciente do "eu-ismo" em torno do qual giram todos os pensamentos, sentimentos e experiências humanas. Tudo isso pode ser subtraído do ego, mas ainda assim o próprio ego permaneceria — distante, sempre fora de alcance, como o fogo-fátuo; aparentemente além do poder de defini-lo, exceto para explicar o que não é. Portanto definido negativamente, o ego ou "eu" – o sujeito – é aquilo que não pode ser eliminado de mim mesmo, assim como tudo o mais com o qual o "eu" pensa que está identificado.

A indiferença do ego, entretanto, é apenas superficial e é diferente da indiferença da alma e do poder da indiferença transcendental. O ego não pode manter a sua expressão autoconsciente sem os seus títulos; na verdade, o ego se define por essas marcas de identificação. Os títulos do ego são acumulados a partir da sua acumulação de experiências e características e,

portanto, estão em constante mudança, mesmo quando a sua instrumentação corporal sofre metamorfose: a criança transforma-se num jovem, o jovem cresce e passa da adolescência para a idade adulta, e o adulto progride para a velhice. idade.

Definido positivamente, “eu” ou ego é a consciência imutável da mesmice durante os processos de pensamentos e experiências sensório-motoras em constante mudança. Tudo o que se agrupa em torno do ego, todos os apetrechos do “eu”, estão em um estado de fluxo constante, mas o “eu-ismo” como o indivíduo que está passando por isso permanece o mesmo. Portanto, este núcleo é a vida central do pequeno eu e de suas experiências. É o autor delas, o sujeito que domina essas mudanças: “Penso, vejo, ouço, vou, amo, odeio, tenho dor, tenho alegria”.

O sujeito que domina as experiências é distintamente diferente dos pensamentos e dos objetos do processo de pensamento. Quando uma pessoa diz que é cega, isso é um equívoco. Os olhos estão cegos. Se meus olhos se foram, eu também fui? Não. Se eu perdesse a mão, não diria que fui embora. A ilusão do ego é tal que, apesar da melhor racionalização do homem, ele não pode deixar de identificar o “eu”, o experimentador, com a experiência. É por causa dessa identificação que o ego impressiona a consciência humana com a ideia de mudança e impermanência. No entanto, se tudo for removido – pensamentos, sensações, emoções, o próprio corpo – o “eu” ainda permaneceria. Com que poder o “eu” sabe que existe, desprovido de tudo o mais? Pelo poder intuitivo do verdadeiro Eu eterno, a alma.

❖

Natureza do poder de intuição da alma

❖

A intuição é como uma luz, uma chama de conhecimento, que vem da alma. Possui poder total para saber tudo o que há para ser conhecido. Todo homem possui inerentemente algo desse poder; mas na maioria é subdesenvolvido. Esta intuição não desenvolvida é um cristal colocado diante da alma, produzindo uma imagem dupla. A própria alma é a imagem real; o reflexo é irreal – o ego ou pseudoalma. Quanto mais subdesenvolvida for a intuição, mais distorcida será a imagem do ego. Quando a vida humana é guiada por esta falsa

identidade, que é provocada pela presença de uma intuição não desenvolvida, ela fica sujeita a todas as limitações e falsas noções de ilusão. Uma existência caótica do erro e das suas consequências é, portanto, inevitável.

Sem o ego, com o seu vestígio de intuição, por mais subdesenvolvido que seja, o homem seria relegado ao domínio da consciência animal – sensação mais instinto. O homem é ego mais sensações, mais algum intelecto discriminativo, mais intuição latente. O ego do homem, com suas faculdades superiores, é considerado uma espécie de mestre e princípio central. Se houvesse milhares de pessoas trabalhando numa fábrica sem qualquer guia ou diretor, não haveria coordenação. Mas se todos aceitarem a liderança de um único princípio, então agirão em harmonia. No homem, o ego é esse principal. É aquela qualidade de “eu-ismo” no homem, sem a qual as diferentes fases da consciência – pensamento, sentimento e vontade – não podem cooperar para trabalhar em direção a um fim conscientemente pretendido. Sem o ego, o homem comum não poderia relacionar-se com os seus pensamentos, sentimentos, experiências; ele não saberia o que estava fazendo. Por exemplo, na loucura, o ego é afetado e se esquece de compreender suas relações com pensamentos e experiências, produzindo um comportamento descoordenado e irresponsável.

Enquanto os animais são guiados principalmente pelo instinto e o homem comum é guiado pelo seu ego, o iogue que está unido ao Ser é guiado pela alma. Os animais, limitados pelo instinto, têm uma inteligência muito limitada. O homem como superanimal, guiado pelo ego, tem mais poder e inteligência que os animais, mas ainda é muito limitado por pensamentos e sensações. Somente o iogue está livre de limitações, guiado pelo Eu ilimitado.

❖

Ego puro e impuro

❖

O ego no homem comum não é o ego puro, mas o ego emaranhado em todas as ramificações que dele surgiram - isto é, a partir de sua identificação com o intelecto, a mente e os sentidos. Quando o homem se torna consciente do ego puro, livre de quaisquer dos seus produtos evolutivos, ele está muito próximo da

realização da alma. O ego puro nada mais é do que a alma, o jivatman ou o Eu individualizado encarnado. (Ver comentário em I:8.) A intenção do yoga é fornecer medidas pelas quais a pureza do ego possa ser estabelecida tanto externa quanto internamente. O ego infestado de falhas do homem comum é o ego mental, o ego que tem o potencial de ser pervertido pelas ondas do intelecto, pelas vibrações mentais e pelas impressões sensoriais. Quando a possibilidade de o ego ser influenciado por estes for removida, então, e somente então, o homem estará a salvo das perturbações e sofrimentos inevitáveis no esquecimento da alma.

❖

Cada dia, durante o sono, o homem vislumbra a alma

❖

Durante o sono, o homem tem um vislumbre da alma. Quando o ego dorme, leva consigo para o subconsciente, de forma latente, suas experiências. Indiretamente durante o sono, o ego tem que abandonar seus títulos, posses, nome e forma. Os sentidos são absorvidos pela mente, a mente pelo intelecto e o intelecto pelo ego. Mas a possibilidade de distúrbios não foi eliminada. Essas faculdades apenas se tornaram inativas e encolhidas, mas ainda estão prontas para expressar-se novamente no sonho ou na vigília. No sono mais profundo e sem sonhos, o homem entra em contato com o ego ou alma pura e bem-aventurada; mas porque ele entra neste estado inconscientemente, ele perde o benefício espiritual dele. Se ele puder entrar nesse estado conscientemente, na meditação samadhi, o crescimento espiritual estará sob seu comando. O puro sentimento consciente de “eu existo” está então pronto para ser absorvido pela mais elevada realização da consciência da alma.

Diariamente, durante o sono, todo homem se torna um renunciante, descartando todos os seus títulos falsos; e de vez em quando ele até vira santo. Mas devido aos hábitos sensoriais durante o estado consciente, ele não pode preservar esse desapego enquanto estiver ativamente engajado nos deveres.

Se o homem puder, por um período de tempo suficiente, permanecer não identificado com seus pensamentos e sensações, sem ficar em um estado vazio ou inconsciente, ele conhecerá seu verdadeiro Eu através da intuição

pura e não distorcida. Assim, a calma absoluta da meditação profunda é a única maneira pela qual a consciência do ego pode ser eliminada. Tendo removido o cristal da intuição não desenvolvida que refletia a alma de forma distorcida, não há mais conflito no iogue quanto à sua verdadeira identidade.

❖

A derrota de Bhishma-Ego por Arjuna – Autocontrole

❖

No Mahabharata, descobrimos que desde o início da determinação de Duryodhana em lutar contra os Pandavas, Bhishma o aconselhou contra a guerra e encorajou um acordo amigável; pois Bhishma-Ego é o avô tanto dos Kauravas quanto dos Pandavas, e os considera igualmente. Isto é, o ego serve ao seu propósito de manter a consciência ligada aos sentidos do corpo, sejam os desejos e ações de um homem basicamente bons ou maus. Quando os Kauravas ou descendentes da mente sensorial são mais fortes, Bhishma fica do lado deles. Entretanto, à medida que as qualidades discriminativas divinas se tornam mais vitoriosas, Bhishma-Ego se cansa de apoiar o mal. Começa a sentir mais ternura pelas qualidades discriminativas. Mas a sua vitória na Auto-realização ou no domínio da Alma não pode ser completa enquanto o Ego viver. Bhishma é invencível, entretanto, pois o “eu” nunca pode ser destruído sem o seu consentimento e cooperação. Então o próprio Bhishma finalmente revela aos Pandavas a única maneira pela qual ele pode ser morto em batalha pela habilidade de Arjuna, o devoto em meditação profunda. Após a mais feroz de todas as batalhas, o corpo de Bhishma é mortalmente ferido pelas incontáveis flechas de Arjuna. Mesmo assim, Bhishma diz que permanecerá assim neste leito de flechas e não desistirá de seu corpo até que o sol se mova para o norte nos céus. Literalmente, isso se refere a um cálculo astronômico da localização sazonal do sol. Mas, simbolicamente, significa que mesmo que o ego se torne impotente e benigno pela meditação samadhi do devoto, ele não morrerá completamente (o puro senso de “eu-ismo” ou individualidade permanece) até que o sol da consciência divina no o olho espiritual durante o savikalpa samadhi move-se para o norte – para cima, para o local das forças mais sutis no cérebro; isto é, na região divina mais íntima do sahasrara (o centro espiritual mais

elevado do corpo), em união com o Espírito no nirvikalpa samadhi.

Neste ponto do Gita, entretanto, o Ego ainda permanece como a força mais formidável que confronta os Pandavas em sua busca para recuperar seu reino legítimo.

As Conchas: Batalha Vibratória Interior na Meditação

Versículo 12

tasya saṁjanayan harṣaṁ kuruvṛddhaḥ pitāmahaḥ
siṁhanādaṁ vinadyoccaiḥ śaṅkhaṁ dadhmau pratāpavān

O avô Bhishma, o mais antigo e mais poderoso dos Kurus, com o propósito de animar Duryodhana, soprou sua concha com um retumbante rugido de leão.

Duryodhana – Desejo Material não encontrou resposta imediata de seu preceptor Drona-Habit, embora (na estrofe 11) ele tivesse dito a ele: “Que todos os soldados da mente inquieta (os Kurus) se reúnam e protejam a consciência do ego (Bhishma).” Vendo aquela falta de resposta de Drona, e com o propósito de animar o Rei Desejo Material e impedi-lo de ficar desanimado, o onisciente Bhishma-Ego emitiu uma forte vibração de orgulho e determinação, e “soprou sua concha” de inquietude. respiração que causa a identificação do corpo e perturba a quietude da meditação profunda.52

❖
Aliança de hábito, ego e desejo material
❖

Drona é descrito como não muito entusiasmado em lutar contra os Pandavas. Isto porque, como afirmado antes, ele não é apenas o preceptor dos Kurus maus, mas também dos Pandus bons. Até que o iogue esteja firmemente estabelecido na Auto-realização, a Tendência Drona-Hábito nele é uma miscelânea de samskaras bons e maus, ou tendências de hábito trazidas de encarnações passadas, a

maioria das quais se manifestaram como hábitos fixos na vida presente. . No entanto, uma vez que a Tendência Drona-Hábito atualmente se aliou aos maus Kurus, ou hábitos sensoriais presos ao corpo e tendências mentais perversas, sua concentração está em proteger essas forças Kaurava contra a ameaça representada pela invasão de bons hábitos e tendências discriminativas destruidoras de hábitos. .

A própria natureza do hábito é a compulsão automática de fazer aquilo a que nos acostumamos. Os hábitos continuam repetindo o mesmo padrão antigo, muitas vezes ignorando a nova ordem de um desejo. Quando os maus hábitos são desafiados, o seu instinto de autopreservação faz com que se comportem como se fossem suficientes para esmagar bons hábitos e intenções opostas, e não têm tempo para prestar atenção aos impulsos para cooperar com uma visão de ação mais ampla e de longo alcance. . Os maus hábitos são, portanto, em última análise, autodestrutivos – circunscritos pela sua estreita fixidez e miopia, dependendo, para a sua própria existência, dos importantes papéis desempenhados pelo Desejo Material e pelo Ego. Por exemplo, numa batalha psicológica entre o hábito de ceder a uma tentação e o hábito do autocontrole, se o autocontrole for mais forte, poderá facilmente subjugar a tentação. Mas os bons hábitos têm muita dificuldade em superar a persistência de um exército constantemente reabastecido, empenhado em desenvolver infindáveis novos desejos materiais e em reforçar as inclinações do ego ligadas ao corpo. Sem o apego do Ego ao corpo, não haveria Desejo Material; e sem Desejo não haveria Samskara, ou Hábito. Por outro lado, o Ego pode ser destruído se não for protegido pelo Hábito e pelo Desejo Material.

❖
A respiração inquieta mantém a consciência ligada ao corpo
❖

Assim, o Ego, em sua própria defesa, inicia o chamado às armas. No contexto deste verso do Gita, isso significa que durante a meditação profunda, quando a respiração se torna calma, produzindo um estado de paz muito agradável, onde a mente é retirada dos sentidos, o ego preocupado desperta no devoto o pensamento de identificação com o corpo. , reavivando a respiração inquieta, que é como o rugido de um leão comparado à quietude absoluta do estado meditativo

interiorizado. Assim que o devoto retoma sua prática “natural” de dependência da respiração rápida (o “soprar da concha” que produz a consciência dos sons materiais através da vibração do akasha grosseiro ou éter), o Desejo Material do corpo é despertado e encorajado a reunir os sentidos contra os poderes da meditação.

O devoto não deve ficar desanimado com isso, o que se deve à falta de prática prolongada de meditação. A verdade é que, nos estágios iniciais da meditação, todos os devotos descobrem que sua limitada consciência corporal resiste à expansão para a Onipresença. O Ego, através do Desejo Material e de seu exército sensorial, usa todos os tipos de táticas para afastar a consciência bem-aventurada do Espírito Onipresente que se manifesta apenas na quietude meditativa. Qualquer vibração enviada pelo Ego durante a meditação ajuda a despertar o Desejo Material para reavivar a consciência do corpo e dissipar a consciência do Espírito. Através de uma concentração mais profunda e mais longa, o iogue meditante deve aprender a manter o território duramente conquistado da calma da respiração e dos sentidos, apesar dos esforços do Ego e do exército de distrações sensoriais do Desejo Material.

VERSÍCULO 13

tataḥ ṣaṇkhāś as bheryaś as paṇavānakagomukhāḥ
sahasaivābhyahanyanta sa śabdas tumulo ‘bhavat

Então, de repente (após a primeira nota de Bhishma), um grande coro de conchas, tímpanos, címbalos, tabors e trombetas de chifre de vaca soou (do lado dos Kurus); o barulho era fantástico.

Depois que o ego cria uma vibração material, despertando novamente o pensamento da consciência corporal e despertando a respiração inquieta, os sentidos também começam a enviar seus vários sons vibratórios perturbadores, a fim de interromper a meditação do devoto. As vibrações dos sentidos (Kurus), que mantêm a atenção do devoto nos sons internos do corpo físico, são estridentes e perturbadoras – comparáveis à destruição de

uma atmosfera tranquila com o clamor de tambores, buzinas e címbalos.

❖

Sons vibratórios experimentados à medida que a consciência passa do mundo material para o reino espiritual através do plano astral intermediário

❖

As estrofes 12–18 descrevem a batalha psicológica interna que é travada na meditação através dos sons vibratórios que emanam das tendências sensoriais, de um lado, e das tendências discriminativas, do outro. É uma batalha em que tanto os sons vibratórios físicos como os astrais dos sentidos puxam a consciência em direção ao corpo; e as vibrações de uma maravilhosa música astral, emitida pelos poderes discriminativos internos e pelas atividades vitais nos centros espinhais, atraem a consciência em direção à alma e ao Espírito.

Na meditação, o retorno da consciência ao reino da alma exige que o iogue passe da consciência da carne para a consciência da existência astral. Isto é, o caminho da consciência corporal para a superconsciência passa por um mundo intermediário – o sistema astral ou elétrico vital do homem. As 12ª e 13ª estrofes descrevem não apenas as vibrações físicas grosseiras que emanam dos sentidos, mas também os feios ruídos vibratórios agitados e agitados dos nadis astrais despertados (correntes “nervosas” astrais sutis) que incitam atividades sensoriais e outras atividades corporais. As estrofes 14–18, em contraste, descrevem as experiências espirituais e as vibrações divinas e edificantes que emanam da alma e do reino astral. As vibrações grosseiras são ouvidas quando o homem ainda está no plano da consciência corporal. As vibrações astrais não são ouvidas até que a consciência do iogue alcance o plano astral interno.

Os aspirantes a iogues sabem muito bem, por experiência própria, que durante o primeiro estado de meditação a concentração pode tornar-se profunda o suficiente para desligar os sons do mundo externo, mas a paz interior resultante é de curta duração. Quando a consciência do ego ainda está desperta e sopra a concha da respiração, os órgãos dos sentidos do coração, da circulação e dos pulmões emitem muitos sons peculiares de batidas, pulsações e ronronados; por trás deles está uma cacofonia de suas contrapartes astrais presas ao corpo. Mas nenhuma boa música astral é

ouvida. A mente fica desanimada e instável, prisioneira de sua própria natureza escravizada pelos sentidos. O corpo começa a reclamar e quer quebrar sua postura de meditação.

❖

Quatro fatores na meditação: mente, respiração, essência vital, força vital

❖

É necessária grande determinação de vontade para vencer esta primeira batalha psicológica interior para manter a concentração estável e interiorizada. O devoto será ajudado nisso se reconhecer a íntima inter-relação dos quatro fatores: mente, respiração, essência vital e energia vital corporal. Quando qualquer um dos quatro fatores é perturbado, os outros três também são automaticamente perturbados, como é o caso quando a consciência do ego revive os sentidos ao perturbar a calma da falta de ar.

O devoto, portanto, que aspira desenvolver-se firmemente na espiritualidade deve acalmar a mente pela prática das técnicas corretas de concentração; deve manter a respiração tranquila por meio de pranayama e exercícios respiratórios adequados; deve preservar a essência vital (geralmente o mais abusado dos sentidos) pelo autocontrole e buscando apenas a companhia de pessoas boas; e deve libertar o corpo da inquietação e dos movimentos sem objetivo através do controle consciente da força vital, e mantendo o corpo em boa saúde e treinando-o através de disciplina paciente para permanecer absolutamente imóvel em meditação.

VERSÍCULO 14

tataḥ śvetair hayair yukte mahati syandane sthitau
mādhavaḥ pāṇḍavaś caiva divyau śaṇkhau pradadhmatuḥ

Então também Madhava (Krishna) e Pandava (Arjuna), sentados em sua grande carruagem com sua canga de cavalos brancos, sopraram esplendidamente suas conchas celestiais.

Quando o ego perturba a respiração durante a meditação profunda, a alma tenta novamente reviver a consciência intuitiva no devoto perseverante, emitindo uma série de vibrações astrais e iluminando o olhar interior com

luz divina.

Pandava, ou o devoto Arjuna, sentado na carruagem da intuição meditativa, com sua atenção focada no Espírito como Krishna ou a divina Consciência Crística no centro Kutastha entre as sobrancelhas, contempla a luz do olho espiritual e ouve o som sagrado de Pranava , a vibração criativa Aum com seus diferentes sons cósmicos vibrando nos centros espinhais do corpo astral.

O devoto, ouvindo primeiro o interior, ouve apenas os sons grosseiros da respiração, do coração, da circulação e assim por diante - e talvez os sons vibratórios astrais por trás deles - prontos para trazê-lo de volta à matéria. À medida que sua atenção se aprofunda, ele ouve a música astral da consciência divina interior. Se a sua concentração for constante, ele também poderá ver a luz do olho espiritual, o olho intuitivo que tudo vê da alma.

Contemple a carruagem da intuição puxada por garanhões de luzes brancas correndo em todas as direções a partir de um centro azul escuro (a morada da alma)!

Krishna neste verso é referido como Madhava (Ma, Prakriti,53 ou Natureza Primordial; Dhava, marido – o brilho azul do olho espiritual telescópico – a única “porta” através da qual um devoto é capaz de entrar no estado de Krishna ou Kutastha Chaitanya, Consciência Crística Universal).

Ao redor desta luz azul está a brilhante luz branca ou dourada – o olho astral telescópico através do qual toda a Natureza é percebida. No centro da luz azul está uma luz branca semelhante a uma estrela, porta de entrada para o Espírito Infinito, ou Consciência Cósmica.

ॐ

Então também Madhava (Krishna) e Pandava (Arjuna), sentados em sua grande carruagem com sua canga de cavalos brancos, sopraram esplendidamente suas conchas celestiais.

—Bhagavad Gita I:14

"Arjuna, sentado na carruagem da intuição meditativa, com sua atenção focada no Espírito como Krishna ou a divina Consciência Crística no centro Kutastha entre as sobrancelhas, contempla a luz do olho espiritual e ouve o som sagrado de Pranava, o Aum criativo vibração com seus diferentes sons cósmicos ["conchas"] vibrando a partir dos centros espinhais no corpo astral....

"Contemple a carruagem da intuição puxada por garanhões de luzes brancas correndo em todas as direções a partir de um centro azul escuro (a morada da alma)!...

"Em torno desta luz azul está a brilhante luz branca ou dourada – o olho astral telescópico através do qual toda a Natureza é percebida. No centro da luz azul há uma luz branca semelhante a uma estrela, porta de entrada para o Espírito Infinito, ou Consciência Cósmica."

"Pranava, o som da vibração criativa Aum, é a mãe de todos os sons. A energia cósmica inteligente de Aum que emana de Deus e é a manifestação de Deus é o criador e a substância de toda a matéria. Esta vibração sagrada é o elo entre a matéria e o Espírito. A meditação no Aum é o caminho para perceber a verdadeira essência espiritual de toda a criação. Seguindo interiormente o som do Pranava até sua fonte, a consciência do iogue é elevada até Deus."

—Paramahansa Yogananda

Versículos 15–18

pāñcajanyaṁ hṛṣīkeśo devadattaṁ dhanaṁjayaḥ
pauṇḍraṁ dadhmau mahāśaṅkhaṁ bhīmakarmā vṛkodaraḥ (15)

anantavijayaṁ rājā kuntīputro yudhiṣṭhiraḥ
nakulaḥ sahadevaś ca sughoṣamaṇipuṣpakau (16)

kāśyaś ca parameṣvāsaḥ śikhaṇḍī ca mahārathaḥ
dhṛṣṭadyumno virāṭaś ca sātyakiś cāparājitaḥ (17)

drupado drupadeyāś ca sarvaśaḥ pṛthivīpate

saubhadraś ca mahābāhuḥ śaṅkhān dadhmuḥ pṛthakpṛthak (18)

(15) Hrishikesh (Krishna) soprou seu Panchajanya; Dhananjaya (Arjuna), seu Devadatta; e Vrikodara (Bhima), de feitos terríveis, soprou sua grande concha Paundra.

(16) O rei Yudhisthira, filho de Kunti, soprou seu Anantavijaya; Nakula e Sahadeva sopraram, respectivamente, seu Sughosha e Manipushpaka.

(17) O Rei de Kashi, excelente arqueiro; Sikhandi, o grande guerreiro; Dhrishtadyumna, Virata, o invencível Satyaki,

(18) Drupada, os filhos de Draupadi, e o filho de braços poderosos de Subhadra, todos sopraram suas próprias conchas, ó Senhor da Terra.

Nestes versos é feita referência aos sons vibratórios específicos (as conchas dos vários Pandavas) que o devoto meditante ouve emanados dos centros astrais na coluna e na medula. Pranava, o som da vibração criativa Aum, é a mãe de todos os sons. A energia cósmica inteligente de Aum que emana de Deus e é a manifestação de Deus é o criador e a substância de toda a matéria. Esta vibração sagrada é o elo entre a matéria e o Espírito. A meditação no Aum é o caminho para perceber a verdadeira essência espiritual de toda a criação. Seguindo interiormente o som do Pranava até sua fonte, a consciência do iogue é elevada até Deus.

No universo microcósmico do corpo do homem, a vibração Aum atua através das atividades vitais nos centros espinhais astrais da vida com seus elementos vibratórios criativos (tattvas) de terra, água, fogo, ar e éter. Através deles, o corpo do homem é criado, animado e sustentado. Essas vibrações emitem variações características do Pranava à medida que operam.54 O devoto cuja consciência fica sintonizada com esses sons astrais internos encontra-se ascendendo gradualmente a estados mais elevados de realização.

Patanjali define esses estados em sua classificação dos vários estágios da

—❖—

ESTÁGIOS DA MEDITAÇÃO INTERIORIZADA

meditação interiorizada. No Yoga Sutras I:17–18, ele se refere a duas categorias básicas de samadhi: (1) samprajnata e (2) asamprajnata. Quando aplicado a estágios avançados de realização, samprajnata refere-se a savikalpa (“com diferença”) samadhi, ou união divina na qual permanece alguma distinção entre o conhecedor e o conhecido, como na realização “Tu e eu somos Um”. Em maior ou menor grau, permanecem algumas modificações da natureza. Mas no asamprajnata samadhi, todas as diferenciações da natureza são resolvidas em um único Espírito. A consciência de “Tu e eu somos Um” torna-se “Eu sou Aquele que se tornou esta pequena forma de ‘eu’ e todas as formas”. Esta não é a proclamação egoísta: “Eu sou Deus!” – a coroa de bronze da megalomania – mas antes a plena realização da verdade absoluta: Deus é a única Realidade. Assim, asamprajnata, em sua definição absoluta, é nirvikalpa (“sem diferença”) samadhi, o yoga ou união mais elevado manifestado por mestres totalmente liberados ou por aqueles no limiar da liberdade da alma.

❖

Experiências supersensoriais iniciais distintas na meditação do verdadeiro samadhi ou união

❖

No entanto, quando usados para definir os estágios preliminares de realização, em vez de seus estados avançados de realização, então samprajnata e asamprajnata são termos relativos usados para distinguir experiências supersensoriais iniciais em meditação (samprajnata) do verdadeiro samadhi ou união com o objeto de meditação (asamprajnata). . Samprajnata então se refere aos estados primários em que o objeto da meditação é “conhecido com precisão ou completamente” através da intuição que ainda está um tanto misturada ou interpretada pelos instrumentos sutis de percepção da natureza – uma interação do conhecedor, do conhecedor e do conhecido. . Portanto, às vezes é chamado de samadhi “consciente” porque aquelas faculdades da natureza que operam externamente na consciência comum – como mente (manas), intelecto (buddhi), sentimento (chitta), ego (asmita) – são ativas internamente em sua forma pura ou pura. forma sutil.

Em contraste, asamprajnata significa então aquelas experiências superconscientes que são percebidas através da pura intuição ou realização – a percepção direta da alma por ser uma com o objeto da meditação – transcendentes de qualquer instrumento ou princípio interveniente da natureza. A intuição é o conhecimento "face a face" da realidade, sem qualquer intermediário.55

Patanjali diz que asamprajnata é o resultado do samskara (impressão) deixado pelo samprajnata samadhi. Em outras palavras, por esforços repetidos de meditação samprajnata cada vez mais profunda, o resultado final é o estado transcendente de asamprajnata samadhi. Mas é um equívoco referir-se a este último estado como "samadhi inconsciente", em consonância com o estado anterior ser chamado de "consciente". Em vez disso, como samprajnata significa "conhecido de forma precisa ou completa", essa ideia não surge no oposto, asamprajnata, porque na unidade do conhecedor e do conhecido não há nada a ser conhecido; o devoto se torna o objeto de sua meditação. Longe da inconsciência, é um estado de consciência e iluminação supremas.

❖

Samprajnata e asamprajnata samadhi

❖

Patanjali divide o samprajnata samadhi em quatro estágios:56 (1) savitarka ("com dúvida ou conjectura"): experiência intuitiva misturada com mente argumentativa ou cheia de dúvidas; (2) savichara ("com raciocínio ou ponderação"): experiência intuitiva misturada com intelecto guiado pela discriminação; (3) sananda ("com alegria"): experiência intuitiva interiorizada interpretada por chitta ou sentimento permeado de alegria; e (4) sasmita ("com 'eu-ismo'" ou individualidade): experiência intuitiva misturada com uma pura sensação de ser. Esses quatro estados, que surgem após a interiorização (pratyahara), são o resultado da concentração profunda (dharana), ou percepção superconsciente limitada ao corpo.

Quando esses quatro estágios de samprajnata são resolvidos um por um no próximo estado superior, o iogue vai além deles e atinge o samadhi asamprajnata. Isto ocorre na meditação profunda (dhyana), na qual a concentração (dharana) é contínua, sem qualquer interrupção; então o

objeto de meditação (isto é, um conceito ou manifestação particular de Deus) é experimentado como manifestado não apenas no corpo, mas na onipresença. Além desses estados, nos estágios avançados de realização, samprajnata e asamprajnata significam, respectivamente, savikalpa e nirvikalpa samadhi.

Patanjali diz que a obtenção do samadhi mais elevado é possível "pela meditação profunda e devotada no (Senhor) Ishvara (I:23)....Seu símbolo é Aum (I:27)".

Ciência do Yoga Aplicada aos Versículos 15–18: Experiências nos Chakras Espinhais

A aplicação de tudo o que foi dito acima aos versos 15-18 do Gita é a seguinte: (O significado das conchas dos cinco filhos de Pandu, mencionados nos versos 15 e 16, é dado primeiro, explicado de acordo com a progressão espiritual da realização, em vez de na sequência em que são mencionados nos versos).

Sahadeva, com sua concha chamada Manipushpaka ("aquilo que se manifesta pelo seu som"),57 representa o elemento terra no centro coccígeo (muladhara chakra) na coluna vertebral. O devoto que se concentra neste centro ouve o Aum ou vibração cósmica num som peculiar, semelhante ao zumbido de uma abelha louca por mel. O devoto então se pergunta, em dúvida, se esse som é uma vibração corporal ou um som astral. Este estado de concentração é, portanto, chamado de savitarka samprajnata samadhi, "o estado de absorção interior cheio de dúvidas". Este centro é a morada da mente meditativa interiorizada em seu primeiro estágio.

Nakula, com sua concha chamada Sughosha ("aquilo que soa clara e doce"), representa o elemento água manifestado no centro sacral (svadhishthana chakra). O devoto que se concentra neste centro é elevado além do estado mental de dúvida, para um estado mais seguro e mais discriminativo; ele ouve um som astral superior, que é semelhante aos belos tons de uma flauta. A dúvida cessa e seu intelecto começa a compreender a natureza desse som. Este estado é chamado de savichara samprajnata samadhi, ou o "estado de absorção interior intelectual e guiado pela razão".

Arjuna (aqui referido como Dhananjaya, “Vencedor da Riqueza”), com sua concha chamada Devadatta (“aquela que dá alegria”),58 representa o elemento fogo no centro lombar (manipura chakra). O devoto concentrado neste centro ouve um som astral que é como uma harpa ou vina. Devido à dissolução do estado mental de dúvida e do estado intelectual discriminativo, ele agora atinge o estado de Auto-realização perceptiva, no qual a percepção clara do som e de sua verdadeira natureza produz um sentimento de absorção interior permeado de alegria ou sananda samprajnata. samadhi.

Bhima, com sua concha chamada Paundra (“aquilo que desintegra” os estados inferiores),59 representa o elemento ar ou força vital (prana) no centro dorsal (anahata chakra). O devoto que se concentra neste centro ouve o Aum “símbolo de Deus” como um sino astral profundo e prolongado. Tendo todos os estados mental, intelectual e perceptivo sido dissolvidos, o devoto chega a uma absorção intuitiva de bem-aventurança interior que é misturada com a consciência do ego, não como consciência corporal, mas como uma pura sensação de ser individualizado ou “eu sou”. Este estado é sasmita samprajnata samadhi.

Yudhisthira, com sua concha chamada Anantavijaya (“aquele que conquista o infinito”), representa o elemento éter no centro cervical da coluna (vishuddha chakra). O devoto que se concentra neste centro ouve o som cósmico que controla a eternidade e se espalha pelo infinito, da vibração etérica onipresente de Aum, cujo som é como um trovão ou o rugido de um oceano distante e poderoso. Neste estado, as quatro fases anteriores de interiorização – mental (manas), intelectual (buddhi), perceptiva (chitta) e egoísta (asmita) – foram dissolvidas, dando origem a um estado mais profundo de pura percepção intuitiva de bem-aventurança ilimitada, o estado chamado asamprajnata samadhi.

Embora os instrumentos cognitivos da consciência humana estejam agora extintos, asamprajnata samadhi não é inconsciência, mas um conhecimento direto através da Auto-realização, a pura intuição da alma. À medida que o “eu” ou senso de existência individual do devoto foi transcendido, sua consciência se identifica com a vibração etérica de Aum

em todo o espaço: expandindo-se do pequeno corpo ao infinito, sua consciência feliz abraça a onipresença.

Sri Krishna (aqui referido como Hrishikesha, “Senhor dos Sentidos”) então sopra sua concha chamada Panchajanya, “aquilo que gera os cinco tattvas ou elementos”. O som é uma mistura dos vários sons dos cinco centros inferiores. Esta é a vibração Aum cósmica verdadeira ou indiferenciada. Esta “sinfonia” dos cinco sons do Pranava é ouvida no centro medular e da consciência Crística unidos (ajna chakra). Aqui o devoto desfruta de um savikalpa samadhi maior. Ele alcança a plena realização de Deus em Seu aspecto criativo, manifestado como a vibração Aum. “No princípio era o Verbo (a vibração criativa – o Espírito Santo, Amém ou Aum), e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.”60 A sintonização com Deus enquanto Aum eleva a consciência para a Consciência Crística imanente . Através da Consciência Crística, o iogue avançado ascende à Consciência Cósmica no centro cerebral mais elevado. “Ninguém vem ao Pai (Consciência Cósmica), senão por mim (através do Filho, ou Consciência Crística).”61 Esses estados da “Santíssima Trindade” são simbolizados nas escrituras hindus como Aum, Tat, Sat – vibração do Espírito Santo. , Kutastha ou Consciência Crística, e Deus ou Consciência Cósmica.

Quando o devoto atinge a consciência cósmica no centro cerebral mais elevado (o sahasrara) e pode entrar nesse estado à vontade e permanecer nele pelo tempo que desejar, com o tempo ele será abençoado para experimentar esse êxtase no estado indiferenciado supremo ou final – nirvikalpa samadhi.

Quando a união do iogue com Deus é experimentada nesses estados elevados em que a consciência foi elevada aos centros da medula (superconsciência pura da alma), do ponto entre as sobrancelhas (Kutastha ou consciência de Cristo) e do cérebro (consciência cósmica).), ele percebe o significado mais elevado de samprajnata e asamprajnata como, respectivamente, savikalpa samadhi e nirvikalpa samadhi.

Em samprajnata savikalpa samadhi, a experiência savitarka de Deus não é “cheia de dúvidas” num sentido negativo, mas um questionamento com

reverência e admiração: “Este é realmente o Senhor, Aquele que tem sido tão silencioso e invisível no universo? É verdade que Ele finalmente veio até mim?” A experiência savichara é um discernimento aguçado da natureza de Deus em um de Seus muitos aspectos ou qualidades – Amor Cósmico, Bem-aventurança, Sabedoria e assim por diante. A experiência sananda experimenta a bem-aventurança indefinível que acompanha a comunhão com Deus em Sua natureza eterna de bem-aventurança sempre existente, sempre consciente e sempre nova. No estado de sasmita, o devoto sente seu eu expandido em cada átomo do espaço, como se toda a criação fosse seu próprio corpo – é um estado de perfeita calma em que o devoto é como um espelho refletindo todas as coisas. Quando o devoto se ancora na consciência cósmica e retém seu estado de percepção de Deus e onipresença mesmo quando retorna à consciência corporal e às atividades materiais, ele então alcançou asamprajnata nirvikalpa samadhi.

Agora, nos versos 17 e 18 do Gita, são mencionados os outros guerreiros Pandavas importantes, cujo significado foi elaborado na interpretação dos versos anteriores. Esses Pandavas divinos, seguindo o exemplo de Krishna e dos cinco Pandus, tocam suas respectivas conchas. São os nadis de apoio, ou correntes nervosas astrais, condutores da energia vital, cujas atividades vibratórias também produzem sons característicos. Todas essas vibrações durante a meditação são voltadas para Deus para espiritualizar todo o corpo e a mente e atrair a consciência para dentro, em direção à Auto-realização.

O leigo, ao ler essas explicações, pode se perguntar do que se trata! Mas aqueles buscadores conscienciosos da verdade que praticaram métodos corretos de meditação Raja Yoga, assim como aqueles devotos que seguem o caminho de Kriya Yoga de Lahiri Mahasaya através das Lições da Self-Realization Fellowship, sabem por experiência própria que esses sons astrais podem ser ouvidos distintamente. Esta verdade pode ser provada por qualquer pessoa que pratique as técnicas de yoga. Num livro disponível ao público em geral não posso apresentar as técnicas em si; pois são sagrados, e certas antigas injunções espirituais devem primeiro ser seguidas para garantir que sejam recebidas com reverência e confidencialidade, e depois

praticadas corretamente. No entanto, ao longo deste manuscrito, procurei fornecer explicação teórica suficiente para satisfazer qualquer leigo inteligente de que a ioga é de fato uma ciência, perfeitamente organizada pelos sábios da Índia antiga. Ao preparar a interpretação do sagrado Bhagavad Gita, minha intenção e oração é despertar novos corações e mentes para as bênçãos físicas, mentais e espirituais disponíveis através do conhecimento correto e da aplicação da ciência do yoga, e encorajar e acelerar o progresso daqueles devotos que já estão firmes no caminho do yoga.

Analogia da Criação como um Filme Cósmico

Uma ilustração pode ajudar a explicar o assunto profundo nestes versos atuais do Gita:

Um membro de uma tribo primitiva que não teve contato com a civilização moderna e que vê pela primeira vez um filme falado poderia facilmente acreditar que os movimentos são os de homens e mulheres vivos. Uma maneira de convencê-lo de que a imagem falada nada mais é do que um jogo de filmes e vibrações elétricas é levá-lo para perto da tela e deixá-lo tocar as imagens sombrias para descobrir sua natureza enganosa. Outra maneira de educá-lo de que as imagens faladas são um jogo de luzes e sombras é mostrar-lhe o filme e o equipamento cinematográfico, e como a torrente de luz elétrica que emana da abertura da cabine de operação carrega em seu feixe o poder de projetar em uma tela uma série de formas realistas.

Para um materialista, o mundo inteiro – as suas complicações de sólidos, líquidos, fogo, gases, e assim por diante – parece ser composto de substâncias materiais reais: “É assim que eu o percebo; portanto, deve ser um fato.” Mas o iogue avançado, cuja Auto-realização penetrou na fonte interna da matéria externa, é capaz de dizer: “Este mundo, este cosmos, são apenas sombras da vida lançadas na tela do espaço e refletidas em nosso consciente e subconsciente. câmaras mentais.”

Assim como o fluxo etérico de luz que sai da cabine do cinema é visto como um holofote transparente, livre de quaisquer imagens inerentes, ainda assim as imagens aparecem misteriosamente na tela; então Deus, de Seu

❖

O mundo e o cosmos são sombras da vida lançadas na tela do espaço

❖

estande no centro da eternidade, está emanando um feixe esférico de raios, holofotes invisíveis, que - passando pela película dos princípios interativos da natureza da ilusão - produzem em seu núcleo, na tela do espaço, uma variedade infinita de aparentemente fotos reais. Mas as imagens são ilusões sombrias; a única realidade é Deus e Sua consciência individualizada nas formas que contemplam e interagem no jogo da ilusão cósmica.

O iogue, perscrutando com os olhos fechados a escura invisibilidade interior, finalmente encontra ali seis cabines astrais sutis - os centros coccígeo, sacral, lombar, dorsal, cervical e os centros medular e crístico combinados, situados na coluna vertebral e na base. do cérebro e o ponto entre as sobrancelhas. Ele vê que a imagem real de seu corpo é produzida por uma corrente terrestre no cóccix, uma vibração de água no sacro, uma vibração de fogo na lombar, uma vibração de ar na dorsal, uma vibração de éter na região cervical. e uma vibração de consciência e força vital na medula e nos centros crísticos.

Assim como o feixe de luz elétrica lançado sobre uma tela produz um ruído peculiar em sua fonte, que é causado pela vibração elétrica, os centros espinhais astrais emanam diferentes sons “musicais” à medida que enviam suas diversas correntes prânicas e de força vital. que produzem a imagem em tecnicolor do corpo físico, com suas percepções fiéis à visão, ao tato, à audição, ao olfato e ao paladar. Ao concentrar-se nos seis centros, o devoto meditante ouve sucessivamente a música do zangão, da flauta, da harpa, do sino do gongo, do rugido do mar e depois a sinfonia de todos os sons astrais. Essas emanações dos seis centros são as vibrações dos cinco elementos ou tattvas da natureza, macrocosmicamente presentes no universo e microcosmicamente atuantes no corpo do homem.

❖

As cinco vibrações elementares criam e sustentam o corpo

❖

A corrente vital terrestre no cóccix é a força responsável pela solidificação da força vital primordial em átomos de carne e pela produção do sentido do olfato; à medida que funciona, esse centro emana o som do zumbido de uma

abelha.

O elemento água no centro sacral sustenta os átomos de todas as substâncias aquosas do corpo e é responsável pelo sentido do paladar; seu trabalho emite o som musical de uma flauta.

O elemento fogo no centro lombar mantém o brilho da vida astral e o calor elétrico do corpo, e produz o sentido da visão – atividades que são acompanhadas por belos sons semelhantes aos de uma harpa.

O elemento ar no centro dorsal permite que o oxigênio e a energia vital, ou prana, do corpo se combinem com as células físicas e também é responsável pelo sentido do tato; seu trabalho emite um som semelhante ao de um sino ou gongo.

O elemento éter no plexo cervical mantém a base etérica do corpo, sincronizando-a com todas as vibrações espaciais. A vibração etérica sutil é a tela na qual se projeta a imagem do corpo e de toda a natureza. O centro cervical produz o sentido da audição e reverbera com a vibração cósmica dos estrondos do oceano.

A medula unida e o centro Crístico são o dínamo da consciência, da força vital e das matrizes dos elementos vibratórios. Este centro elevado recarrega continuamente com vida e consciência todos os subdínamos das vibrações elementares da terra, água, fogo, ar e éter que mantêm a carne, o sangue e todas as substâncias aquosas, o calor, o oxigênio e a força vital do corpo, e as atividades etéricas. 62

Em outras palavras, o corpo não é o que parece ser! É um resultado complicado da combinação de seis correntes que emanam de seis centros astrais. E essas correntes são, por sua vez, emanações da energia cósmica esférica da vibração criativa Aum, que produz em seu núcleo as imagens oníricas macrocósmicas do universo.

O aspirante espiritual, ávido por desvendar o mistério do corpo, só o compreende quando sua atenção se desvia do corpo para as seis cabines internas, que, lançando seis correntes, são responsáveis por produzir a imagem do corpo. Pelo conhecimento dessas seis correntes e por anos de meditação, o iogue aprende a conhecer o corpo, não como uma massa sólida, mas como uma manifestação de luz vibratória. O iogue então

entende corretamente que a base das células físicas é a energia atômica, que vem dos lifetrons, ou a energia astral, que vem dos pensamentos ou energia causal (mental); e que tudo isso são diferentes taxas de vibração da consciência cósmica, ou diferentes sonhos da mente de Deus. Quando essa percepção se tornar parte da Auto-realização do próprio iogue, ele será capaz de controlar conscientemente todas as funções dos instrumentos corporais e até mesmo de materializar ou desmaterializar seu corpo à vontade.63

Para resumir o importante significado do som das conchas pelos Pandavas nestes versos do Gita:

❖

Resumo: vibrações dos sentidos e forças da alma

❖

O homem mundano cuja atenção está ligada à matéria ouve apenas os ruídos do mundo externo. Mas na batalha psicológica e metafísica entre a mente sensorial e a discriminação ligada à alma, tanto os sentidos em conflito como as forças da alma dão origem a várias vibrações num esforço para conquistar a consciência do devoto que medita.

Durante a meditação, a atenção do devoto deixa primeiro o reino dos sons físicos no mundo material. Então a atenção é atraída pelos vários sons resultantes das atividades internas do corpo físico — como a circulação do sangue, o bombeamento do coração, a inquietação da respiração. Estas vibrações tornam-se muito audíveis e perturbadoras quando a atenção do homem está totalmente concentrada em seu interior. Através da meditação mais profunda, o devoto vai além dos sons físicos internos; e quando ele passa pelo reino astral, ele começa a ouvir os vários sons vibratórios das forças vitais astrais (soa como o sopro de conchas: ou vibrações redondas, cheias e ondulantes de qualidade musical): o zangão, a flauta, a harpa, sino de gongo, rugido do mar e sinfonia astral. Seguindo esses sons, ele aprende a localizar os centros da vida e da consciência. Localizando os centros, com o tempo ele realmente os vê. Esta conquista normalmente requer anos de meditação sob a orientação e bênção de um guru avançado. Finalmente, observando os centros e ascendendo a sua consciência através deles nos vários estágios do samadhi, o iogue resolveu o mistério do corpo; ele

conhece isso como uma forma manipulável de vibrações de luz.

Versículo 19

sa ghoṣo dhārtarāṣṭrāṇāṁ hṛdayāni vyadarayat
nabhaś ca pṛthivīṁ caiva tumulo vyanunādayan

Aquele som tremendo reverberando pelo céu e pela terra perfurou o coração do clã Dhritarashtra.

“Os sons vibratórios (as conchas do exército dos Pandavas) que emanam da atividade dos centros astrais, conforme ouvidos pelo devoto em meditação - ressoando no corpo astral (céu) e no corpo físico (terra) - desanimaram o corpo desejos e sentidos mentais e materiais vinculados (clã de Dhritarashtra).

Os soldados do Rei Desejo Material ficam muito preocupados ao ver o devoto escapando rapidamente das armadilhas do plano dos sentidos.

Assim como as crianças de mentalidade material deleitam-se com os ritmos primitivos do jazz e não se interessam pelas grandes sinfonias, também os sentidos amam o mundo barulhento dos prazeres grosseiros e são insensíveis à música suave do mundo astral. Quando um devoto se desenvolve o suficiente para ser capaz de ouvir as harmonias astrais, ele sente aversão pelos prazeres dos sentidos materialistas e evita cuidadosamente o ambiente barulhento das pessoas aprisionadas pelos sentidos.

A estrofe 12 afirmou que o ego cria muitas vibrações materiais para animar a mente e seu clã inquieto. Na estrofe 19 encontramos um desenvolvimento oposto; os sons astrais exercem um efeito estupefato sobre as tendências mentais indisciplinadas.

O Devoto Observa os Inimigos a Serem Destruídos

VERSÍCULOS 20–23

atha vyavasthitān dṛṣṭvā dhārtarāṣṭrān kapidhvajaḥ
pravṛtte śastrasaṁpāte dhanur udyamya pāṇḍavaḥ (20)

hṛṣīkeśaṁ tadā vākyam idam āha mahīpate
senayor ubhayor madhye rathaṁ sthāpaya me 'cyuta (21)

yāvad etān nirīkṣe ’haṁ yoddhukāmān avasthitān
kair mayā saha yoddhavyam asmin raṇasamudyame (22)

yotsyamānān avekṣe ’haṁ ya ete ‘tra samāgatāḥ
dhārtarāṣṭrasya durbuddher yuddhe priyakikīrṣavaḥ (23)

(20) Vendo a dinastia de Dhritarashtra pronta para começar a batalha, Pandava (Arjuna), cuja bandeira traz o emblema do macaco, ergueu seu arco e dirigiu-se a Hrishikesha (Krishna).

(21-22) Arjuna disse: Ó Krishna Imutável, por favor coloque minha carruagem entre os dois exércitos, para que eu possa observar aqueles que estão prontos em ordem de batalha. Às vésperas desta guerra, deixe-me compreender com quem devo lutar.

(23) Aqui neste campo (de Kurukshetra) desejo observar todos aqueles que se reuniram com desejo de lutar ao lado do filho perverso de Dhritarashtra (Duryodhana).

Durante a meditação, Pandava (os poderes anímicos de discriminação) contempla o ressentimento da mente diante do prazer do devoto pela música do plano astral. O devoto então hasteia triunfantemente sua bandeira de autocontrole com o emblema do macaco, significando o controle do homem sobre a inquietação. Ele endireita a coluna: mantendo o pescoço reto, puxando os ombros para trás e empurrando o peito para a frente e contraindo o abdômen. Esta posição da coluna, curvada na frente e não atrás, é chamada de “arco da meditação ,” bem tenso e pronto para a batalha com os sentidos!

Em todas as atividades físicas, o homem envia pensamento e energia do cérebro para as superfícies corporais, mantendo assim o ego engajado nas coisas materiais.

Em todo processo de meditação, o homem envia o pensamento e a energia vital dos centros dos sentidos em direção ao cérebro.

Para o adepto espiritual, o “emblema do macaco” significa o controle de pensamentos inquietos por certos exercícios espirituais dados pelo guru de reverter a força vital dos sentidos externos para a medula, auxiliados pela prática de Khechari Mudra: tocar a ponta do “ linguinha”, ou úvula (pólo negativo), com a ponta da língua normal (pólo positivo). Quando este exercício é praticado sob a orientação do guru por um iogue avançado – como alguém que primeiro fez um progresso espiritual significativo no Kriya Yoga – ele transforma a vida ligada aos sentidos em direção a Deus.

❖

Postura correta: essencial para uma meditação bem-sucedida

❖

Um complemento essencial para uma meditação bem-sucedida é a postura correta. Uma coluna curvada desequilibra as vértebras espinhais, comprimindo assim os nervos dos principais plexos do sistema nervoso. Esses desajustes impedem percepções sensoriais claras dos objetos materiais e também retardam o fluxo da força vital para o cérebro para revelar o Espírito. Assim como um tubo de borracha, espremido no meio, interrompe o fluxo de água para frente ou para trás, os nervos espinhais comprimidos, devido a vértebras mal posicionadas, não conduzem aos sentidos a quantidade de energia necessária para obter percepções sensoriais claras; e durante a meditação, os plexos nervosos espinhais comprimidos obstruem a transferência de energia dos sentidos para o cérebro.

Assim, o devoto que medita com a coluna curvada obtém poucos resultados espirituais. Sua coluna curvada é um arco quebrado, incapaz de protegê-lo contra as forças da inquietação. Quando ele tenta concentrar-se e fixar sua atenção no ponto entre as sobrancelhas, ele descobre que sua consciência está ligada à corrente nervosa que flui em direção aos sentidos. Devido aos nervos comprimidos, o fluxo da força vital não pode reverter-se através dos centros espinhais.

Os devotos que tentam “entrar no silêncio” de forma não científica são incapazes de fazê-lo enquanto as correntes de energia vital fluem para baixo, em direção aos sentidos. O iogue cientificamente treinado sabe como retirar a energia vital e também a mente dos sentidos. Quando a energia vital se retira para a coluna, os cinco telefones dos sentidos: olfato, paladar, visão, audição e tato são automaticamente desligados, evitando perturbações mentais causadas pelas sensações.

Depois de endireitar a coluna e içar a bandeira do autocontrole, o devoto direciona o fluxo de força nervosa para dentro, através da coluna, para a morada do Espírito no cérebro. Este é o estado em que Pandava (a faculdade discriminativa da alma) se dirige a Krishna, o Espírito (aqui referido como Hrishikesha, “Senhor dos Sentidos”) – um estado em que a discriminação do devoto está pronta para descarregar seus mísseis de concentração inabalável a qualquer momento. qualquer surto de rebelião de pensamentos inquietos.

Neste estado perfeitamente recolhido, o devoto ora: “Ó Espírito, estacione a carruagem da minha intuição nos centros espinhais, para que eu possa contemplar ali as forças prontas para se oporem umas às outras e, assim, compreender o inimigo que devo combater”.

O Mahabharata nos conta que na batalha entre o bom Pandus e os maus Kurus, Krishna se tornou o cocheiro do nobre irmão Pandu, Arjuna. A interpretação desta alegoria é que quando o autocontrole ígneo do homem (Arjuna) está pronto para lutar contra todas as forças dos sentidos, então o Espírito (Krishna) se torna o cocheiro ou poder orientador do devoto. O Espírito se expressa através da instrumentalidade da intuição da alma, o reflexo individualizado do Espírito no homem.

❖

Duas fases da batalha interna da meditação

❖

No primeiro estágio da meditação, a mente do devoto está inextricavelmente ligada à consciência sensorial. Sua mente está concentrada em sons materiais e pensamentos inquietos. Ele fica horrorizado ao ver todas as forças de inquietação e oposição mental reunidas contra ele. Milhões de devotos superficiais nunca ultrapassam esse estado de luta psicológica

paralisada entre os sentidos e as forças da alma da calma e da intuição.

O devoto que sai vitorioso da batalha psicológica inicial entra no segundo estado de meditação, a batalha metafísica em que sua consciência e energia vital ficam centralizadas nos centros espinhais. Ele se vê como um guerreiro no campo de batalha da coluna vertebral — o campo comum das forças espirituais e das tendências mentais ou sensoriais opostas em sua forma sutil. Quando esta batalha está prestes a começar, o devoto sente uma atração simultânea em direção às tendências sensoriais de saída nos centros espinhais e em direção às forças espirituais da alma voltadas para dentro. É então que o devoto contata o Espírito calmo interior e pede em oração ao Poder Divino que coloque a carruagem da intuição entre as percepções divinas sutis e as percepções sensoriais grosseiras. O devoto espera, com a ajuda do Espírito, reunir as suas forças de meditação para combater as forças da inquietação.

Se os sentidos vencerem, o devoto ficará prisioneiro da carne, e essa batalha meditativa específica será perdida. Se as forças intuitivas espirituais vencerem, o devoto será levado mais profundamente ao reino do Espírito puro. Este é o terceiro estado de meditação – samadhi profundo e feliz, no qual há pouco perigo de que a consciência seja capturada por qualquer invasão sensorial.

Nas estrofes 21–22, é o segundo estado de meditação que está sendo descrito; isto é, antes que o devoto tenha assegurado sua consciência em samadhi bem-aventurado. Esses versículos contêm um significado adicional e mais profundo, que explicarei brevemente.

A colocação da carruagem da percepção intuitiva entre as forças opostas refere-se em geral aos centros espinhais, mas também especificamente aos centros cóccix, dorsal e medular-Cristo. Estes são três lugares importantes, caravançarás intuitivos, pontos de observação nos quais a consciência do devoto se abriga enquanto se move em direção a Deus através dos centros até o cérebro. Existe uma polaridade especial entre esses centros que ajuda a consciência sintonizada a ser elevada. Primeiro existe o magnetismo entre o pólo negativo do centro do cóccix (muladhara) e o centro dorsal superior ou positivo (anahata). Então, através da meditação profunda, quando a

consciência é elevada ao centro dorsal, esse centro se torna um pólo negativo e o centro medular-Cristo (Kutastha) torna-se o pólo positivo, puxando a consciência para cima, para os centros de realização mais elevada no cérebro. A partir das percepções intuitivas recebidas durante sua permanência nesses três centros, o devoto obtém plena compreensão dos princípios de sua natureza inferior (material), experimentando-os em sua fonte, em sua forma sutil.

❖

Polaridade entre os centros cóccix, dorsal e medular-Cristo

❖

Já foi observado que o lótus de mil pétalas (sahasrara) no cérebro é a matriz de todas as forças do corpo, operando através dos subdínamos dos centros espinhais. Os antigos videntes correlacionavam as vibrações das forças cerebrais e seus respectivos centros na coluna vertebral. A partir dos sons iniciais emitidos pela ação dessas vibrações, os rishis desenvolveram o alfabeto sânscrito foneticamente perfeito.64 Numa nota de rodapé em Autobiografia de um Iogue, escrevi sobre o sânscrito: “Sânscrito, 'polido, completo'. de todas as línguas indo-europeias. Sua escrita alfabética é chamada Devanagari; literalmente, 'morada divina'. 'Quem conhece minha gramática conhece Deus!' Panini, grande filólogo da Índia antiga, prestou esse tributo à perfeição matemática e psicológica do sânscrito. Aquele que rastrear a linguagem até o seu covil deve de fato terminar como onisciente.”

Numa descrição altamente simplificada, pode-se dizer que as cinquenta letras ou sons do alfabeto sânscrito estão nas pétalas do sahasrara,65 e que cada vibração alfabética, por sua vez, está ligada a uma pétala específica nos lótus nos centros espinhais (que possuem um total de cinquenta pétalas correspondentes: coccígea, 4; lombar, 10; “Pétalas” significam raios ou vibrações. Estas vibrações, singularmente e em combinações, e em conjunto com os cinco elementos (tattvas) e outros princípios da natureza, são responsáveis por diversas atividades psicológicas e fisiológicas nos corpos físico e astral do homem. Incluo neste comentário um gráfico de autoria de meu paramguru, Yogavatar Lahiri Mahasaya, diagramando esse conceito conforme ele o percebia. A ilustração é um esboço básico, pois o número total de nadis no corpo é numerado de várias maneiras pelas escrituras,

chegando a 72.000. Durante minha visita à Índia em 1935, uma cópia do mapa de Lahiri Mahasaya me foi dada por Ananda Mohan Lahiri, neto de meu paramguru, para inclusão no comentário do Gita que ele sabia que eu havia me comprometido a escrever.66

A partir da realização das potências desses bija vibratórios ou sons "sementes", os rishis criaram mantras que, quando entoados adequadamente, ativam essas forças criativas para produzir o resultado desejado. Os mantras, portanto, são um meio de entrar em sintonia com forças sutis ou divinas. Muitas vezes, porém, o buscador indagador concentra-se nas forças da natureza, e os efeitos resultantes estão, portanto, no reino dos fenômenos e dos poderes, uma armadilha a ser evitada pelo devoto sincero que busca a união com Deus. Aqueles mantras sagrados que fazem parte da ciência do Kriya Yoga, incluindo a meditação em Aum conforme mencionado em I:15-1867 (e outras técnicas e instruções do caminho do Kriya), levam a consciência do devoto diretamente para Deus.

Mencionei neste comentário os vários sons sementes vibratórios e suas derivações porque fazem parte dos detalhes da ciência do yoga. Entretanto, eles não precisam ser concentrados; seus efeitos serão realizados automaticamente pelo devoto avançado, como segue:

Quando a mente do devoto está concentrada no centro coccígeo, ele ouve o som vibratório entre o cóccix e os centros sacrais; ele então compreende o domínio dos desejos. Este centro é o primeiro ponto de parada.

Quando o devoto compreende a vibração dos sons-semente no centro dorsal, ele é capaz de sentir simultaneamente seus centros coccígeo, sacral, lombar e dorsal e compreender os mistérios de seus poderes sutis. Esta etapa constitui o segundo ponto de parada.

Quando o devoto que avança compreende a vibração do som-semente entre os centros cervical e medular-Cristo, ele compreende os seis centros (os elementos terra, água, fogo, ar, éter e superéter) em seu estado sutil e separado; e compreende, ainda, as combinações dos elementos que ocorrem para produzir a ilusão do homem do corpo físico sólido.

VERSÍCULOS 24–25

saṁjaya uvacā
evam ukto hṛṣīkeśo guḍākeśena bhārata
senayor ubhayor madhye sthāpayitvā rathottamam (24)

bhīṣmadroṇapramukhataḥ sarveṣāṁ ca mahīkṣitām
uvāca pārtha paśyaitān samavetān kurūn iti (25)

Sanjaya disse (para Dhritarashtra):

Ó descendente de Bharata, assim solicitado por Gudakesha (Arjuna), Hrishikesha (Krishna) conduziu aquela melhor das carruagens até um ponto entre os dois exércitos, na frente de Bhishma, Drona, e todos os governantes da terra, e então disse: " Veja, Partha (Arjuna), esta reunião de todos os Kurus!"

Introspecção (Sanjaya) revelada à mente cega (Dhritarashtra, aqui referido como o descendente do Rei Bharata: ancestral comum dos Kurus e Pandus; simbolicamente, Consciência Cósmica68):

"Ordenada assim pelo devoto (Gudakesha, 'sempre pronto, insone, derrotador da ilusão'), a Alma (Hrishikesha, 'Rei dos Sentidos') dirigiu a melhor das carruagens (percepção espiritual) entre o exército Pandava da Discriminação e o exército Kaurava do Desejo Material, confrontando os generais mentais, o Ego e a Tendência Latente, e todos os outros governantes da consciência do corpo (terra) – as poderosas tendências materiais governantes – e intuitivamente comandou o devoto a enfrentar (reconhecer) seus inimigos internos."

Agora é o momento da decisão. Quando o bem e o mal no aspirante espiritual estão prontos para lutar, cada lado enfrentando uma luta de "faça ou morra" pela vitória, o devoto incerto começa a racionalizar o que tal batalha realmente significa. Assim, sua alma de cocheiro – unida ao Espírito – o coloca face a face com os inimigos que ele deve destruir.

O aspirante espiritual – que é digno de ser chamado de Gudakesha quando vence o sono, ou a preguiça, para meditar longa e profundamente – pode

❖

A carruagem da percepção espiritual

❖

comandar a sua consciência identificada com a alma para centralizar, ou focar clara e imparcialmente, a sua percepção espiritual. Essa percepção é a grande carruagem com a qual o devoto se move do deserto dos sentidos que inflamam a miséria, através do oásis dos centros espinhais, até o plano da consciência onipresente nos centros cerebrais divinos. Quando o devoto está espiritualmente avançado, ele pode centralizar seu carro de percepção espiritual em qualquer plano. O devoto "sempre desperto", em seu estado bem-aventurado centrado na alma, contempla sua carruagem de percepção espiritual devidamente situada para observação correta entre as tendências sensoriais distorcidas da mente e as tendências discriminativas da alma.

O estado do homem no plano material é marcado pela completa identificação da consciência com as lutas e objetivos mundanos. Esta é a percepção do homem de negócios comum, por exemplo, que nunca tenta compreender a Inteligência por trás do seu cérebro – o Poder sem o qual nenhum negócio pode ser realizado.

Através de tentativas esporádicas de meditação profunda, o devoto que desperta alcança o segundo plano de percepção, no qual de vez em quando ele se afasta dos sentidos e sente a profunda paz e alegria de sua alma.

No terceiro plano de percepção, o iogue autocontrolado chegou ao ponto intermediário onde encontra vislumbres de bem-aventurança e realização divina à medida que sua consciência se torna centralizada nos centros espinhais. Aqui ele vê as qualidades da alma e as tendências dos sentidos igualmente combinadas. Este ponto é alcançado como resultado de meditação constante e educação adequada nos hábitos corretos de yoga.

No quarto plano de percepção, quando a consciência se torna completamente una com o único bem, ou Deus, o devoto vai além dos opostos do bem e do mal. O homem, desperto em Deus, não está sujeito às dualidades da Natureza – experiências alegres e tristes, saúde e doença, vida e morte. Esses fantasmas do "bem" e do "mal" desaparecem, como os sonhos que são.

O iogue está sempre consciente de que toda consciência do bem e do mal e

❖

Todas as relatividades são expressões de um Absoluto

❖

das tendências materiais e intuitivas no homem são parentes da mesma Consciência Absoluta (referida simbolicamente nesta estrofe como Bharata, ancestral comum dos Kurus e dos Pandus). A ausência de luz é escuridão; ausência de escuridão é luz. Da mesma forma, a falta de autocontrole é fraqueza; falta de fraqueza é autocontrole. Neste sentido podemos compreender como a dualidade, ou o bem e o mal, são as expressões contrastadas (positivas e negativas) da Única Unidade – Deus.

As características individuais de comportamento de cada homem são, em grande medida, a soma total de todos os seus hábitos. Esses hábitos, bons e maus, são formados pela própria consciência do homem – através da repetição de um pensamento e de ações produzidas pelo pensamento. Se a consciência pode pensar e sonhar com maus hábitos, basta pensar e sonhar de maneira diferente para formar bons hábitos. Boas e más ideias são formas diferentes ou sonhos diferentes de consciência. É melhor sonhar belas fases de consciência do que ter pesadelos. A consciência é imaginativa, sensível e flexível; ele pode pensar e sonhar em qualquer estado.

A consciência do devoto, quando degradada, é chamada de “mente correndo cegamente com corcéis dos sentidos descontrolados”. Quando a consciência do homem está se movendo em direção à alma, ela atingiu o disciplinado “estado de discriminação”.

A consciência, quando identificada com a alma, é chamada de “Krishna, o Rei dos Sentidos”, ou “o Salvador, o Kutastha ou Consciência Crística no homem”, o puro reflexo do Espírito, o cocheiro que conduz vitoriosamente as tendências discriminatórias em direção ao reino do Infinito.

A consciência do homem, quando identificada com o egoísmo, é chamada de estado “Bhishma”. Quando a consciência é una com as tendências passadas, esse estágio é chamado de “Drona-Samskara” ou estado de tendência latente. Quando a mente pesa imparcialmente todas as faculdades da alma em relação aos prazeres dos sentidos, isso é chamado de “Sanjaya” ou estado introspectivo. Quando a consciência do devoto está

sempre pronta para meditar, desprezando o sono, ele atingiu o estado "Arjuna-Gudakesha" de determinação espiritual ardente e autocontrole. O estado "Arjuna-Partha" é aquela consciência na qual o devoto sente simpatia pelas tendências do sentido mental (seus parentes Kuru) e precisa ser lembrado de que ele é filho de Pritha69 (outro nome para Kunti) que representa o poder do desapego. , ou renúncia; e que ele deveria, portanto, agir de acordo e não ceder aos instintos nascidos da natureza.

A dualidade da consciência, a progenitora de todos os estados do bem e do mal, com seu ancestral comum do Absoluto, ou Consciência Cósmica, será agora a causa de um dilema doloroso para o devoto. O Bhagavad Gita – um tratado metafísico e psicológico abrangente – descreve todas as experiências que ocorrerão ao viajante espiritual no caminho da emancipação. Até agora, a concentração tem sido principalmente nos estados positivos pelos quais o devoto está se esforçando. Nos versos que se seguem – até o final do Capítulo I e a primeira parte do Capítulo II – é dada uma advertência sobre os estados negativos que tentam intimidar o devoto e desviá-lo de seu objetivo. "Prevenido vale por dois!" O devoto que compreende a rota que deve percorrer nunca se sentirá inseguro ou desanimado com a oposição inevitável.

O verdadeiro devoto não apenas confia em Deus; ele O adora através do entendimento e da sabedoria. A piedade cega não é inaceitável para o Ser Supremo, mas é uma forma inferior de mentalidade espiritual. O homem, abençoado com o dom divino da inteligência, da razão e da livre escolha, deve adorar o seu Criador em verdade e em compreensão. Agrada ao Senhor ver Seus filhos humanos, feitos à Sua própria imagem, empregarem, em sua busca por Ele, o dom mais elevado que Ele lhes deu: o direito inato divino da inteligência. O devoto que usa esta inteligência para estudar sinceramente a mensagem do Gita encontrará nele um fiel companheiro de viagem que não apenas guiará e encorajará, mas também advertirá e protegerá.

VERSÍCULO 26

tatrāpaśyat sthitān parthaḥ pitṛīn atha pitāmahān

ācāryān mātulān bhrāṭṛīn putrān pautrān sakhīṁs tathā (26)
śvaśurān suhṛdaś caiva senayor ubhayor api70 (27)

Partha (Arjuna) viu posicionados ali – como membros de ambos os exércitos – avôs, pais, sogros, tios, irmãos e primos, filhos e netos, e também camaradas, amigos e professores.

Através do autocontrole intuitivo nascido da meditação, o devoto contempla seus bons e maus parentes psicológicos71 nos exércitos guerreiros da discriminação divina e dos sentidos perversos. Existem os avôs psicológicos, a consciência do ego profundamente arraigada, boa ou má; pais e sogros mentais, como a tendência paterna de profundo desapego com sua tendência feminina interna negativa (ou filha) de força vital enrolada; tios psicológicos, como o orgulho e outras tendências que intoxicam a ilusão; irmãos e primos de poderes discriminativos e de tendências sensuais; tendências psicológicas infantis, evoluídas do autocontrole e de outros poderes discriminativos, e também da mente sensorial; netos, ou ramificações inter-relacionadas de desejos bons e maus; bons e maus hábitos amigáveis; e tendências passadas inspiradoras de ação, professores das qualidades da alma e das inclinações sensoriais.

Quando o devoto passa pelo estado inicial de meditação e chega ao estado intermediário, conforme descrito na estrofe anterior, ele obtém esta visão aguçada de seus queridos parentes psicológicos das boas e más tendências reunidas no campo de batalha da consciência, prontas para destruir um ao outro.72

Significado Simbólico de Parentes e Amigos nos Clãs Combatentes

Para citar alguns, o devoto pode encontrar os bons e os maus avôs, ou os bons e os maus egos. O bom ego atrai o devoto à meditação e à boa ação; o mau ego atrai alguém para o mal. Uma pessoa nasce com predominância de um ego espiritual ou material, de acordo com suas ações em vidas passadas. Este ego principal ou “individualidade” de qualquer vida particular é chamado de “tendência do avô” porque governa todas as outras tendências. Os “avôs” psicológicos podem ser duplos ou

triplos em uma personalidade complexa. Muitas pessoas são Jekylls-and-Hydes – aqueles cujos egos bons e maus em uma vida são igualmente poderosos.

A tendência psicológica do sogro (Drupada) é o desapego aguçado, que "gera" ou desperta a força vital enrolada (Draupadi) na base da coluna vertebral. Quando o devoto faz com que a força enrolada no centro do cóccix reverta seu fluxo dos sentidos para o cérebro através do isolamento interno da medula espinhal, ele desperta os centros espinhais; e quando esta força vital voltada para o Espírito se une aos cinco Pandus (tattvas) nesses centros, dá origem a descendentes de qualidades divinas que despertam um anseio por Deus e uma amarga aversão pelas coisas materiais. Essas qualidades são chamadas de "Draupadeya" (filhos de Draupadi). Quando o devoto em meditação controla a força vital enrolada e inverte seu fluxo, sua consciência nos centros espinhais torna-se o "marido" de Draupadi e ele encontra seu "sogro" Drupada, ou desapego aguçado.

Os tios psicológicos são as tendências inebriantes e criadoras de ilusões de apego aos sentidos, aos objetos materiais, e assim por diante; e o falso orgulho, com sua estreiteza de espírito que tenta dissuadir o devoto de abrir mão da posição social e de suportar críticas de outros por seguir "tolamente" o caminho para Deus. Esses "tios" têm um poder quase paternal porque exercem um vasto controle sobre a consciência humana.

Entre os irmãos e primos psicológicos estão os cinco irmãos divinos Pandu, nascidos da discriminação, e seus cem primos, nascidos da mente sensorial cega. As tendências sensatas dos primos a princípio parecem amigáveis, como irmãos bem-intencionados, mas mal informados, que tentam convencer o devoto da justiça de sua causa.

Os filhos psicológicos consistem nas qualidades espirituais do devoto, nascidas do autocontrole e dos demais descendentes de Draupadi (como mencionado acima); e também fruto das tendências do mau sentido. Os netos psicológicos são os desejos bons e maus que evoluem da prática, do sentimento e da percepção do bem e do mal.

Os amigos e camaradas psicológicos são bons e maus hábitos; bons hábitos são úteis e amigáveis para alguém na execução de boas ações, assim

❖

“Amigos e camaradas” – bons e maus hábitos

❖

como maus hábitos são amigáveis e úteis quando alguém realiza ações más. Os professores psicológicos são as fortes tendências do bem e do mal provenientes de bons e maus hábitos passados, que servem como força motriz estimulante das ações e hábitos presentes, bons e maus.

Até que alguém esteja totalmente sob a influência da sabedoria independente da alma, quase tudo o que ele é e faz é resultado de hábito ou condicionamento. Se alguém está preso a um ego ruim, sujeito a desejos, gostos e desgostos, condicionado a responder de maneira materialista aos seus sentidos; se seus pensamentos e ações estão sob a compulsão da ilusão, sua vontade está limitada pelo carma - então, devido à maneira como essas influências controlam e condicionam sua constituição mental e seu modo de comportamento, todos eles podem ser considerados “maus hábitos”. o exército dos Kurus.

Por outro lado, “bons hábitos” são os opostos espirituais, o exército dos Pandus, os amigos e apoiadores da causa da alma que são necessários para expulsar a natureza maligna ou materialista. O aspirante a devoto recondiciona sua consciência com o cultivo de qualidades espirituais até que estas predominem como seus hábitos naturais, o agregado de sua natureza. Os bons hábitos, tendo então cumprido o seu propósito, entregam voluntariamente os seus direitos ao reino da sabedoria da alma.

A meditação é o tambor de guerra interior que desperta estes bons e maus hábitos de um longo sono de indiferença e faz com que cada lado esteja disposto a aumentar as suas forças para obter a vitória plena sobre a consciência do homem. Quando alguém está passivamente sob a influência de maus hábitos – sua natureza materialista – ele não encontra nenhuma resistência perceptível de seus bons hábitos inatos – suas qualidades de alma ou natureza espiritual. Somente quando o devoto tenta ativamente cultivar bons hábitos – concentração, calma, paz – e os marcha como soldados em direção ao reino da alma, é que a resistência feroz é despertada pelos maus hábitos – inconstância, inquietação, inquietação.

O entusiasta iniciante espiritual, no calor de seu zelo, não percebe o

poder de resistência que os maus hábitos possuem. Nem os maus hábitos percebem, a princípio, a invasão silenciosa dos bons hábitos. Somente quando o devoto “fala sério” e faz repetidas lutas para estabelecer os generais dos bons hábitos no reino da consciência é que os generais dos maus hábitos ficam alarmados e fazem tentativas furiosas de expulsar os “intrusos”.

Assim foi com Arjuna (autocontrole do devoto). Depois de ter sido colocado por Krishna (percepção da alma) entre os dois exércitos de boa discriminação e tendências de mau senso, Arjuna olha para a formação com admiração, pois os membros de ambos os exércitos são seus próprios parentes queridos, seu bem e bem-criado por si mesmo. maus hábitos. Apesar de um crescente poder de discriminação por trás do exército de bons hábitos, o autocontrole achará difícil, e muitas vezes angustiante, destruir os velhos e queridos maus hábitos familiares.

A RECUSA DE ARJUNA EM LUTAR

VERSÍCULO 27

tān samīkṣya sa kaunteyaḥ sarvān bandhūn avasthitān (27)
kṛpayā parayāviṣṭo viṣīdann ilan abravīt (28)

Vendo todos aqueles parentes dispostos diante dele, o filho de Kunti (Arjuna) ficou cheio de profunda simpatia e falou tristemente:

Quando o devoto Arjuna, filho de Kunti, contemplou seus maus hábitos prediletos prestes a serem eliminados pela sabedoria acumulada da meditação, sua natureza masculina positiva de autocontrole ígneo foi influenciada pela natureza feminina negativa interna do sentimento. Com tola simpatia emocional, o devoto faz uma introspecção triste.

Em cada ser existe uma natureza masculina e uma feminina. O lado masculino ou positivo revela-se como os poderes de discriminação, autocontrole, julgamento exigente – qualidades que expressam ou

respondem à razão. A natureza negativa ou feminina consiste em sentimento – amor, simpatia, bondade, misericórdia, alegria. No ser ideal, esses dois aspectos estão perfeitamente equilibrados. Mas se a razão carece de sentimento, torna-se calculista, dura, crítica; e se o sentimento não tiver razão, torna-se uma emoção cega.73

Arjuna, o devoto, é aqui referido como o filho de Kunti, significando seu estado mental como alguém que está sujeito à natureza; isto é, ele não se comporta como a alma, mas como um homem comum nascido de mulher. Além disso, porque o seu bom julgamento e autocontrole masculinos deram lugar ao emocionalismo feminino de simpatia imprudente para com as forças inimigas, este epíteto também significa que ele precisa ser lembrado de que deveria se comportar mais como um verdadeiro filho do nobre Kunti (que representa o poder do devoto ardente de invocar a ajuda da energia espiritual em seu sadhana).

❖

A relutância do devoto em eliminar suas tendências mundanas

❖

O devoto, seguindo o caminho da meditação na esperança da emancipação completa, percebe que precisa destruir suas tendências materiais porque elas militam contra a busca dos prazeres superiores da alma. Mas devido ao seu longo relacionamento familiar com essas tendências, ele fica desanimado com a perspectiva e é considerado solidário com esses queridos parentes psicológicos. Que mortal não sente esta terna compaixão por si mesmo? Afinal, “Esse sou eu; É assim que eu sou." Mas o Gita dirige-se ao verdadeiro Eu, a alma, alertando o aspirante a devoto contra a simpatia por aquela parte da natureza que se opõe à alma. É bom sentir-se bem com o que há de bom em si mesmo; mas é ruim sentir-se mal pelo mal que deveria ser destruído.

A razão pela qual poucas pessoas procuram a Deus com seriedade como o fazem os santos é que milhões acreditam que não podem viver sem prazeres maus e geradores de miséria. Eles são viciados, assim como o alcoólatra, em bebidas que matam a saúde. Mas essas mesmas pessoas, se adquirissem bons hábitos, diriam: “Não podemos prescindir do prazer e da paz da meditação. Tornamo-nos infelizes agora se tivermos que nos

misturar aos nossos antigos ambientes.”

Aqueles que se apegam à sua natureza materialista não conseguem compreender por que os sentidos produtores de prazer são inimigos da alegria do Espírito. “Por que”, perguntam eles, “os sentidos foram dados ao homem se ele não deve desfrutá-los?” (Essa consulta supostamente “acaba” completamente com o asceta!)

A razão metafísica para o autocontrole nada mais é do que uma proposta de negócio espiritual calculada para trazer a maior felicidade ao homem. Assim como é preciso investir uma certa quantia de dinheiro para obter um ganho maior, o devoto renuncia à indulgência nos prazeres materialistas para obter a pura alegria do Espírito encontrada na meditação.

O homem é a imagem de Deus; dentro de si mesmo, como a árvore está escondida na semente, está a bem-aventurança latente e não manifestada do Espírito. Assim como as sementes torradas não germinam, quando a semente da consciência é queimada pelas chamas dos desejos materiais, a árvore inata da Felicidade Divina nunca tem a chance de brotar.

Portanto, o autocontrole não é autotortura, mas leva à felicidade da alma. Ao retirar a mente da indulgência em tipos inferiores de prazeres mesquinhos dos sentidos, o homem entra num vasto reino de alegria sem fim. É a flagrante trapaça do ego malévolo que diz ao homem o contrário.

Versículos 28–30

dṛṣṭvemaṁ svajanaṁ kṛṣṇa yuyutsuṁ samupasthitam (28)

sīdanti mama gātrāṇi mukhaṁ as pariśuṣyati
Vepathuś ca śārīre me Romaharṣaś ca jāyate (29)

gāṇḍīvaṁ sraṁsate hastatāt tvak caiva paridahyate
na ca śaknomy avasthātuṁ bhramatīva ca me manaḥ (30)

nimittāni ca paśyāmi viparitāni keśava (31)

Ó Krishna, vendo estes, meus parentes, reunidos desejosos de batalha, meus membros estão falhando e minha boca está seca. Meu corpo treme; meu cabelo fica em pé. O arco sagrado Gandiva escapa de minhas mãos e minha pele fica em chamas. Nem posso permanecer de pé. Minha mente está divagando; e, ó Keshava (Krishna),74 eu vejo maus presságios.

O devoto diz ao seu guia interior:

"Por causa do amor por meus hábitos internos, conflitantes, bons e maus, estou relutante em matar meus parentes dos sentidos que habitaram por tanto tempo em meu reino corporal! Meus membros da força de vontade para exercer o autocontrole estão falhando e minha boca de intuição espiritual está seca. Estou tremendo de nervosismo mental. Minhas energias e pensamentos disparam em direção aos sentidos. O arco sagrado do autocontrole e das percepções espinhais está se esvaindo, e minha pele mental (cobrindo minha consciência) está ardendo de inquietação. Ó Alma, destruidora do mal, não consigo manter meu equilíbrio mental. Minha mente divaga enquanto enfrento os sentidos inimigos em meditação. Sinto uma premonição de desastre iminente."

Esta é uma descrição verdadeira do estado experimentado pelos devotos depois de terem percorrido alguma distância no caminho espiritual. O iogue iniciante, nos estágios iniciais do contato com a alma, está ansioso, feliz, satisfeito. Com mais progresso, ele descobre que os desejos dos sentidos são prisioneiros obstinados de sua vida; ele começa a se perguntar, mesmo em meio às realizações divinas, se foi sábio em sua decisão de matar as alegrias materiais em prol da felicidade espiritual. Em tal confusão, o devoto tenta dividir a sua lealdade – dedicando metade da sua atenção ao corpo e aos seus prazeres sensoriais e metade à reunião interna de alegrias da alma. O resultado dessas meias-medidas é que os membros da força de vontade do devoto ficam paralisados pela doença do apego sensorial latente. Ele sente uma extinção das percepções espirituais intuitivas mais sutis; o gosto pelos hábitos materiais, como o fogo, seca o gosto pelas sutis percepções espirituais.

Assim como o medo físico faz com que os cabelos fiquem em pé, o

❖

Conselhos para o período em que o entusiasmo espiritual inicial desaparece

❖

nervosismo mental diante da perspectiva de perder o prazer dos sentidos faz com que os pensamentos do devoto e suas energias nervosas semelhantes a cabelos fluam como correntes para longe da felicidade da alma em direção à região dos sentidos. Durante esse período de dúvida, o devoto descobre que as percepções astrais da coluna vertebral começam a desaparecer. Conforme descrito nas estrofes anteriores, quando alguém caminha ou trabalha de alguma forma com o corpo, ele tem conhecimento das percepções sensoriais; mas na meditação as sensações corporais desaparecem gradualmente, a sensação de peso físico é esquecida e uma forte percepção do poder espinhal astral e da calma feliz toma posse da consciência. Mas como o devoto ainda não está avançado o suficiente para manter esse estado e aprofundá-lo, suas tendências materialistas – seu carma ou os efeitos de todas as suas más ações sensoriais passadas – surgem na consciência. Quando o devoto começa a ficar inquieto, o arco espiritual da energia espinhal e da percepção (que mata os apegos sensoriais com flechas da felicidade da alma) escapa do alcance do autocontrole. Todos os pensamentos perdem o poder de concentração e começam a arder de inquietação, mesmo quando a pele fica queimada pela superexposição aos raios solares. A mente vagueia repetidas vezes em experiências subconscientes – guiada pelos samskaras ou fortes impressões de ações erradas passadas – e é incapaz de permanecer concentrada no objeto da meditação. Em vez disso, sente uma solidão sombria e contempla um deserto mental criado pela renúncia às alegrias materiais.

Ao cultivar o solo para o cultivo, o crescimento exuberante de ervas daninhas inúteis deve primeiro ser destruído. O seu desaparecimento faz com que o solo pareça estéril, até que chegue o momento em que o potencial invisível dentro das sementes brote nas plantas e produza uma boa colheita! O campo da consciência está igualmente coberto de ervas daninhas de prazeres sensoriais sem sentido – hábitos que, no início, são muito difíceis de abandonar.

As pessoas preferem fazer qualquer coisa para passar o tempo, exceto

meditar. Testemunhe as horas perdidas no cinema, jogando cartas, conversando sem rumo, lendo romances baratos ou jornais sensacionais, assistindo televisão. Quando o guru e o autocontrole do aspirante a devoto lhe pedem para destruir suas ervas daninhas mentais e plantar as sementes espirituais da meditação, seus hábitos de repente o fazem ver sua vida como um deserto desolado se lhe faltar a habitual abundância de ervas daninhas de atividades inúteis. .

Neste lamentável estado de desolação momentânea, o devoto deve abandonar todos os sentimentos de dúvida e desespero e ter fé que depois que o campo da consciência tiver sido bem semeado com as sementes da meditação profunda, elas produzirão as árvores místicas da Onipresença, dando frutos. de felicidade eterna.

Não é ao sentido há muito estabelecido de “arrivistas” no reino corporal que o devoto deve sua lealdade, mas às percepções da alma há muito banidas.

VERSÍCULO 31

na ca śreyo 'nupaśyāmi hatvā svayanam āhave (31)
na kāṇkṣe vijayaṁ kṛṣṇa na ca rājyaṁ sukhāni ca (32)

Ó Krishna, também não percebo nenhum efeito valioso em matar meus próprios parentes na batalha. Não anseio por triunfo, nem reino, nem prazeres!

“Ó Alma, não percebo nenhum resultado benéfico a ser obtido ao destruir meus hábitos sensoriais íntimos. Minha mente detesta a ideia de destruição dos prazeres dos sentidos. Não anseio por nada – nem pela vitória mental, nem pelo reino da felicidade da alma, nem pelos prazeres dos sentidos!”

Neste estado desanimador de vacilação mental, o devoto subitamente toma uma decisão negativa. “Não vejo nenhuma utilidade em destruir todos os confortos dos sentidos”, reflete ele. “Não anseio por uma vitória mental vazia. Eu não quero o reino da consciência cósmica. Eu também não quero sentir felicidade!

O devoto passa assim de um estado torturante de perplexidade para um estado de definição negativa. O devoto diz para si mesmo: “Abaixo a felicidade espiritual e a felicidade sensorial! Eu quero nada! Posso renunciar à posse da consciência cósmica se, para obtê-la, tiver que destruir os queridos hábitos sensoriais com os quais tenho vivido por muito tempo no aconchegante lar da vida.”

Este é um dos truques favoritos do homem, aprendido desde a infância: “Se eu tiver que comer cenouras antes de tomar sorvete, então também não quero sorvete!” O plano é que isto seja aplaudido como um grande sacrifício digno, pelo menos, de piedade; e melhor ainda, de compromisso favorável. O pai sábio não cede ao filho obstinado; a sábia lei cósmica permanece passivamente indiferente à demonstração “heróica” de renúncia negativa do devoto.

❖

A renúncia é uma mudança de gostos, dos prazeres inferiores para a alegria eterna

❖

Este estado de renúncia negativa pode ocorrer não apenas na meditação, como neste contexto, mas também após meditação profunda. O devoto que por algum tempo fez um esforço espiritual concentrado – praticando abnegação e meditação regular – pode ver sua complacência abalada quando, após uma meditação tranquila, ele subitamente é lançado em inquietação pela memória ou samskaras de alegrias sensoriais. Ele se sente angustiado e confuso, percebendo que não tem prazeres passageiros nem alegrias interiores. Como não tem nenhum dos dois, ele pacifica seu desânimo proclamando que não quer nenhum dos dois. Se ele não sair dessa indiferença, ele se tornará um devoto preguiçoso cuja vida espiritual estagnará e morrerá. Mas se continuar a perseverar, descobrirá que este estado é apenas um vácuo momentâneo na sua sadhana.

A renúncia não é um fim em si mesma. Abrir mão de uma pequena quantia de dinheiro para investi-la pode colocar um homem pobre temporariamente numa situação financeira muito difícil, mas esse pequeno sacrifício pode mais tarde render-lhe uma imensa fortuna. O devoto sábio sabe igualmente que a renúncia às mesquinhas paixões materialistas é necessária para alcançar a felicidade sem fim do Espírito. Ele sabe que não

está negando nada a si mesmo, mas apenas mudando seus gostos dos prazeres sensoriais inferiores e impermanentes para a felicidade superior e duradoura da alma. Assim como alguém deveria ficar feliz em renunciar a cem dólares para ganhar cinco mil dólares, o devoto fica feliz em renunciar a uma ninharia sensorial pela alegria eterna encontrada na realização de Deus. O estado divino de emancipação final não é um estado de nada ou uma condição de extinção interior; é, antes, o domínio de um sentido consciente positivo de expansão eterna e abençoada.

No entanto, as pessoas do mundo raramente ficam impressionadas com histórias de santos que vestiram roupas de saco e viveram em reclusão. “Que vida de tola abnegação e miséria!” Com este resumo arejado, o homem comum volta toda a sua atenção para o mundo. Para ele, parece que a felicidade deve ser buscada na vida familiar, com seus jantares, bailes e estimulação geral dos sentidos. O homem que não pensa não percebe que a humanidade, ativamente empenhada como ele em perseguir o arco-íris da felicidade duradoura, nunca o encontra. Pessoas de mentalidade material sofrem com desejos conflitantes e permanecem num lamaçal de sofrimento. Os santos, por outro lado, estão bem conscientes de que a felicidade verdadeira e imorredoura só pode ser encontrada nas percepções internas da Fonte Bem-aventurada da alegria eterna e pura.

Muitas pessoas espiritualmente sinceras raciocinam que a renúncia ao envolvimento material, conforme exemplificado pelos ascetas, é quase uma impossibilidade no mundo moderno. Nenhum santo, porém, aconselha que o homem tenha que buscar a solidão nas cavernas do Himalaia para encontrar Deus. O ideal é estar no mundo e ainda assim não fazer parte dele. Homens superconscientemente despertos – aqueles que meditaram longa, profunda e persistentemente, independentemente de suas responsabilidades ou ambiente – tornam-se desapegados de objetos materiais, mas não são indiferentes! O verdadeiro devoto não é como um vagabundo, preguiçoso demais para fazer qualquer esforço decente para desfrutar da prosperidade material ou espiritual! O iogue que experimentou as percepções extrafinas da bem-aventurança da alma permanece impassível e sem desejos de prazeres materiais, mesmo que possa se movimentar entre

eles. Ele alcançou o estado espiritual verdadeiro e seguro.

❖
A perseverança produz frutos positivos de renúncia
❖

Devotos espiritualmente fracos muitas vezes não perseveram o tempo suficiente para conhecer os frutos positivos da renúncia e, portanto, desistem da meditação após algumas provações, ou mesmo após alguns anos de esforço tímido. Mergulhando novamente nos redemoinhos dos hábitos comuns de vida, eles finalmente se afogam na ignorância. O devoto sincero não se deixa enganar quando a mente astuta e apegada aos sentidos lhe diz: "Por que desistir dos prazeres desfrutados pela maioria das pessoas? Por que ficar sentado no escuro em meditação infrutífera? Saia todos os dias para ir ao cinema ou para reuniões sociais e divirta-se!

O devoto deve fortalecer suas boas resoluções lembrando-se do exemplo de Jesus e dos grandes mestres que alcançaram a imortalidade e a felicidade eterna renunciando aos falsos prazeres oferecidos ao homem pelo Satã da Ilusão Cósmica.75 Sempre que a mente sente um desejo pelos prazeres dos sentidos abandonados, o devoto deve imaginar instantaneamente o fim de seu corpo amante do prazer – sua eventual entrada na terra ou nas chamas crematórias. A compreensão deste destino inexorável para o corpo desperta no homem uma poderosa ansiedade para se familiarizar com seu Eu indestrutível, o Esclarecido da Morte – a alma. O devoto meditativo que sentiu, pelo menos uma vez, o encanto inesgotável da alma e seu relacionamento eterno com Deus nunca poderá esquecer a alegria disso. Ele pode passar por testes sombrios nos quais desce desse estado por um tempo, como tipificado no desânimo de Arjuna; mas enquanto o devoto continuar a fazer o esforço, a lembrança obsessiva daquela pura alegria o chamará repetidas vezes para impulsioná-lo a avançar no caminho divino.

VERSÍCULOS 32–34

kiṁ no rājyena govinda kiṁ bhogair jīvitena vā (32)

yeṣām arthe kāṅkṣitaṁ no rājyaṁ bhogāḥ sukhāni ca
ta ime 'vasthitā yuddhe prāṇāṁs tyaktvā dhanāni ca (33)

ācāryāḥ pitaraḥ na bagunça tathaiva ca pitāmahāḥ
mātulāḥ śvaśurāḥ pautrāḥ śyālāḥ saṁbandhinas tathā (34)

De que nos serve o domínio; de que adianta a felicidade ou mesmo a continuação da vida, ó Govinda (Krishna)?76 Aqueles mesmos por quem desejamos império, prazer, prazer, permanecem aqui preparados para a batalha, prontos para renunciar à riqueza e à vida - preceptores, pais, filhos , avôs, tios, sogros, netos, cunhados e outros parentes.

“Se ao matar as forças do ego eu alcançar o domínio sobre o império corporal e estabelecer nele o reino de Deus77 com a alma como monarca, temo que a vitória não teria sentido. Se todos os meus desejos – os parentes e apoiadores do Rei Material Desejo – forem mortos pela disciplina espiritual, como posso ser feliz? Mesmo com o reino de Deus em minha posse, poderei desfrutá-lo se estiver desprovido de todo desejo?”

As escrituras hindus descrevem o corpo como um produto da Natureza, com seis defeitos de ilusão: “Ele nasce; isso existe; cresce; Isso muda; decai; é aniquilado.” A maioria dos seres humanos, no entanto, espera felicidade permanente deste corpo impermanente. Devido à precedência da experiência dos prazeres materiais, o ego não deseja e é incapaz de conceber qualquer estado superior de felicidade. Até mesmo o céu é frequentemente retratado como contendo coisas belas que agradam aos sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato - um lugar de glorificados prazeres terrenos.

O devoto que ainda está preso ao hábito da experiência sensorial apega-se subconscientemente à noção de que a realização divina consiste em desfrutar para sempre o reino de Deus – com os sentidos. À luz do despertar intuitivo, quando ele descobre que as forças da alma estão prontas para destruir seus desejos materiais, sua lógica condicionada pelos sentidos começa a enganá-lo. Ele raciocina que se aniquilar a consciência do ego e todos os seus prazeres, desejos e hábitos sensoriais grosseiros, a fim de obter o domínio espiritual sobre o império corporal, a vitória não terá sentido sem esses canais de prazer. Ele pensa: “Se eu destruir todos os

desejos – todas essas forças do Rei Desejo Material – então não restará em mim nenhuma energia, ambição ou interesse para desfrutar o recém-adquirido reino governado pela alma".

VERSÍCULO 35

etān na hantum icchāmi ghnato 'pi madhusūdana
api trailokyarājyasya hetoḥ kiṁ nu mahīkṛte

Mesmo que esses parentes tentassem me destruir, ó Madhusudana (Krishna),78 ainda assim eu não poderia querer destruí-los, nem mesmo se assim conseguisse o domínio sobre os três mundos; quanto menos, então, por causa deste território mundano da terra!

"Ó minha Alma divina, destruidora de todas as dificuldades, embora esses desejos sensuais possam tentar destruir minha vida espiritual com suas tentações, ainda assim não desejo matá-los, mesmo que ao fazê-lo eu alcance o domínio sobre os três mundos – físico , astral e causal. Quão menos disposto estou a matar esses meus parentes em prol do domínio espiritual sobre o pequeno território do corpo físico (terra)!"

Frustrados em seus esforços para mergulhar profundamente na felicidade da alma, o devoto perde a confiança em seu futuro espiritual. Ele já determinou que todas as esperanças douradas da felicidade eterna retratadas pela sabedoria interior seriam vazias e inúteis se o desejo fosse morto. Agora, seu amor habitual subconsciente pelo prazer dos sentidos leva seu poder de razão a dúvidas mais profundas. Momentaneamente, ele nem sequer tem certeza de que exista uma felicidade maior além dos sentidos. A sua irracionalidade afirma-se até ao limite quando ele compara o tangível com o intangível:

"Ó Alma, eu não deveria destruir meus prazeres sensoriais presentes favoritos, mesmo que eles destruam minha felicidade espiritual futura desconhecida. Não posso viver na esperança de uma bem-aventurança talvez inexistente e assim perder os prazeres tangíveis que agora me divertem."

É difícil abandonar qualquer felicidade terrena que esteja presente e ativa na consciência e que influencie a mente com a influência do hábito. É difícil abrir mão dos prazeres sensoriais conhecidos do presente por prazeres desconhecidos que podem surgir no futuro. Esta é a razão pela qual milhões de pessoas preferem comer, beber e tentar ser felizes hoje do que se dar ao trabalho de meditar e fazer um investimento para um futuro de felicidade duradoura.

❖

Irracionalidade de não buscar a consciência cósmica

❖

Ser um imperador de toda a terra não é o objetivo mais elevado que o homem pode almejar, porque ele terá de abandonar tudo ao morrer; mas possuir consciência cósmica, unidade com Deus – o Criador que é capaz de materializar mundos a partir de ideias – é um poder eterno concedido a todas as almas supremamente avançadas no caminho espiritual. O devoto iniciante, no entanto, pode estar tão apegado às paixões materiais imediatas que passa por esses períodos de dúvida irracional, nos quais não anseia pela bem-aventurança e pela segurança da consciência cósmica, com seu domínio sobre os três mundos.

Quando este estado mental surge no devoto – quando ele pensa que preferiria morrer na indulgência dos sentidos do que procurar uma felicidade desconhecida na desolação do autocontrole – ele deve raciocinar da seguinte maneira: “Faltam-me imaginação espiritual e experiência espiritual. ; é por isso que penso que o sentido atual de felicidade é a única felicidade que vale a pena possuir. Deixe-me acreditar nas palavras verdadeiras das escrituras e do meu guru. Deixe-me meditar profundamente e alcançar a consciência cósmica; então verei a diferença entre a felicidade divina eterna e o prazer temporário do entretenimento sensorial. Devo então reverter meu julgamento atual e dizer que prefiro morrer pela felicidade espiritual do que ceder às falsas promessas dos sentidos.”

VERSÍCULO 36

nihatya dhārtarāṣṭrān naḥ as prītiḥ syāj janārdana
pāpam evāśrayed asmān hatvaitān ātatāyinaḥ

Que felicidade poderíamos obter, ó Janardana (Krishna),79 destruindo o clã de Dhritarashtra? A morte desses criminosos apenas nos colocaria nas garras do pecado.

"Que estranha felicidade poderia ser esperada ao destruir o Desejo Material e os outros descendentes da mente sensorial cega, o Rei Dhritarashtra? O assassinato destes inimigos amigos, embora eles tenham cometido crimes dolorosos contra mim, deixaria a minha vida tristemente vazia; e seria pecaminoso de acordo com as escrituras mais elevadas – que ensinam que devemos viver em harmonia com a lei cósmica e que também defendem o amor em vez da violência no confronto com os inimigos."

❖

Falsas racionalizações da razão escravizada pelos sentidos do devoto

❖

Através da intervenção divina, um vislumbre de um pensamento edificante surge na mente do devoto racional e duvidoso: "Os sentidos são de fato criminosos (atatayin), merecedores de extinção, porque já me causaram sofrimento físico, mental e espiritual". Através da intuição, a Presença Divina lembra assim ao devoto os muitos males que lhe sobrevieram através da indulgência dos sentidos – doença, desilusão, sofrimento, luto e ignorância. Contudo, o devoto ainda pode argumentar: "Ó Espírito, Libertador dos Devotos! embora pareça certo destruir esses sentidos inimigos que já me machucaram, ainda assim, de acordo com as escrituras, incorremos em pecado quando vamos contra a lei cósmica; e, afinal de contas, as propriedades dos sentidos são o resultado das forças divinamente criadas da Natureza, através das quais o homem e o universo existem. Certamente é pecaminoso interferir naquilo que é natural para a alma encarnada dotada desses instrumentos sensoriais. Além disso, as escrituras dizem que devemos amar nossos inimigos. Não é melhor, ó Senhor, conquistar gradualmente os sentidos, através do exemplo amoroso, para o modo de vida espiritual – em vez de destruí-los?" Um protesto brilhante! Que melhor apoio para raciocínios falsos do que citar as Escrituras.

"Tenha um pouco de compaixão e compreensão por suas fraquezas, que são uma herança natural de todos os mortais." Este é um dos argumentos

mais fortes apresentados pelos astutos hábitos dos sentidos, a fim de manter sob suas garras o aspirante a devoto em fuga. As escrituras e os mestres instruem o devoto a não destruir os sentidos reais, mas a eliminar seus maus hábitos. Não se pede ao devoto que cegue os olhos, ensurdeça os ouvidos, nem paralise os sentidos do olfato, paladar e tato. Ele é direcionado apenas para desalojar os inimigos dos apegos ópticos, auditivos, olfativos, gustativos e táteis, que mantêm a alma aprisionada, esquecida de seu reino onipresente.

Quando todos os apegos sensoriais – a atração prejudicial pela beleza física, o amor pela lisonja e pelas palavras de tentação, a escravidão da ganância, a atração pelo sexo – são desalojados das matrizes dos sentidos, é então que os sentidos abandonam seus preconceitos materiais, inclinações, instintos e obsessões; eles ficam prontos para se apegarem apenas à bem-aventurança divina.

Quando argumentos falsos invadem a mente do devoto, ele deve sugerir a si mesmo: “Pela repetição de minhas más ações nascidas da ignorância e de meus maus hábitos iniciados por mim, fui compelido a amar os prazeres dos sentidos. Agora desfarei todos os males, substituindo as boas ações pelo exercício do autocontrole, até que os bons hábitos estejam firmemente formados. Substituirei o mau hábito da inquietação sensorial pelo bom hábito da calma na meditação. Meus bons hábitos converterão meus sentidos de tal maneira que poderei verdadeiramente dizer que vejo, cheiro, provo, toco, ouço, penso e sinto apenas o que é bom.”

Este é o desafio para o devoto obstinado e autocontrolado. A indiferença não será suficiente. Medidas indiferentes para substituir bons hábitos por maus hábitos são uma verdadeira fortaleza que continuará a proteger as forças do mal por trás dos parapeitos do falso raciocínio e da procrastinação.

VERSÍCULO 37

tasmān nārhā vayaṁ hantuṁ dhārtarāṣṭrān svabāndhavān
svajanam hi kathaṁ hatvā sukhinaḥ syāma mādhava

Portanto, não temos justificativa para aniquilar nossos próprios parentes, a progênie de Dhritarashtra. Ó Madhava (Krishna),80 como de fato poderíamos alcançar a felicidade matando nossos próprios parentes?

"Ó Alma, não temos justificativa para massacrar nossos hábitos sensoriais, frutos de nossa própria mente. Como poderíamos nos beneficiar destruindo os sentidos, por meio dos quais a mente se expressa?"

Quando o raciocínio falso chega a uma conclusão errada e se apega a ela, a inteligência perde cada vez mais os seus poderes discriminativos e intuitivos e, em vez disso, depende da racionalização para justificar a sua convicção. Isto é o que aconteceu com Arjuna, o devoto.

❖

O homem mundano raciocina não de acordo com a verdade, mas de acordo com seus hábitos

❖

Diagnosticei muitos "pacientes" psicológicos e testemunhei muitos traços curiosos em pessoas quando se sentem chamadas a apoiar seus próprios hábitos favoritos. Um estudante, um fumante inveterado e bebedor de café, mas um vegetariano fanático, estava discutindo um dia com outro estudante que ocasionalmente comia frango, cordeiro e peixe, mas que se abstinha estritamente de fumar e de beber café.

"Que terrível da sua parte comer uma carcaça em decomposição!" o vegetariano exclamou. "Não vejo como alguém pode comer carne! Pense no pobre animal que é morto para satisfazer o seu apetite; e além disso, a carne é prejudicial ao corpo do homem."

"É impossível comer qualquer coisa que não seja morta", retrucou o outro homem. "Você corta a cabeça da couve-flor e come sua carcaça cozida! Não importa o que você coma, você está destruindo alguma forma de vida e transmutando-a em uma forma diferente, como parte do seu próprio corpo vivo. De qualquer forma, os peixes grandes comem os peixes pequenos; por que o homem não deveria afirmar sua superioridade e comer o peixe grande? A carne é nutritiva — mas como é terrível da sua parte inalar deliberadamente nicotina e engolir cafeína quando a ciência lhe diz que são prejudiciais!"

Aqui os dois estudantes estavam discutindo de acordo com a influência de seus hábitos preferidos.

O homem, a mando do Diretor Hábito, desempenha, como um ator obediente, vários papéis psicológicos no palco da consciência. Quando ele é identificado com seus bons hábitos e humores, ele se sente solidário com a realização de boas ações e apático com relação às más ações; mas quando está sob a influência de humores e hábitos prejudiciais, inclina-se para o mal. É assim que, sendo um ator de bons papéis, o devoto age como seu próprio amigo, e sendo um ator de maus papéis, ele inconscientemente age como seu próprio inimigo.

Esta estrofe do Gita traz uma grande advertência ética para os devotos, mesmo para aqueles que viajam rapidamente no caminho metafísico. A maioria dos devotos que adotam sinceramente o caminho espiritual o fazem porque já estão imbuídos de bons hábitos e, portanto, estão totalmente inclinados ao bem. No entanto, se as sementes internas ocultas (samskaras) de más ações pré-natais ou pós-natais germinarem sob circunstâncias psicológicas adequadas, o devoto "bom" torna-se fortemente inclinado a praticar o mal. Por exemplo, se um homem formou hábitos de alimentação moderada, de regularidade no trabalho, na recreação, na meditação e na boa companhia, sentirá que esta é a única vida possível para ele. Se, no entanto, más tendências latentes surgirem subitamente como resultado da tentação, do ambiente ou de outras circunstâncias propícias, o homem poderá alterar os seus hábitos - sentindo subitamente desejos de comer imoderado, de hábitos irregulares (excesso de trabalho ou ociosidade), de desrespeito à meditação. , e pelos prazeres profanos de se misturar com más companhias.

Portanto, o aviso a ser inferido desta estrofe é que o devoto que subitamente se identificar com o inimigo (maus hábitos e humores) se verá simpatizando e justificando ações prejudiciais. Através de uma pequena análise psicológica de si mesmo, ele poderá descobrir até que ponto está apto a apoiar igualmente suas boas ou más ações quando estiver sob a influência específica delas. O homem fica num estado perigoso quando responde aos seus maus hábitos com a mesma facilidade, prazer e boa vontade com que responde, num melhor estado de espírito, aos seus bons

hábitos.

VERSÍCULOS 38–39

yady apy ete na paśyanti lobhopahatacetasaḥ
kulakṣayakṛtaṁ doṣaṁ mitradrohe ca pātakam (38)

kathaṁ na jñeyam asmābhiḥ pāpād asmān nivartitum
kulakṣayakṛtaṁ doṣaṁ prapaśyadbhir janārdana (39)

Mesmo que esses outros (os Kurus), cuja compreensão é eclipsada pela ganância, não vejam nenhuma calamidade na ruína das famílias, e nenhum mal na inimizade com os amigos, não deveríamos saber como evitar este pecado, ó Janardana (Krishna) - nós que percebe claramente o mal na desintegração da família?

“O clã da mente sensorial cega (manas), com sua compreensão eclipsada pela ganância (apego apaixonado a gostos e desgostos), segue suas inclinações externas desenfreadas na busca de gratificação. Porque este é o modo habitual ou natural de expressão dos sentidos cegos quando eles não são guiados pela discriminação (buddhi), eles não vêem nenhuma calamidade na decadência da personalidade humana, e nenhum erro na sua hostilidade para com os seus verdadeiros amigos, os discriminadores. faculdades. Mas nós, as forças discriminativas, percebemos claramente que mal pode acontecer à consciência se todas as suas faculdades não desempenharem as suas funções como uma família unida e harmoniosa - por isso não deveríamos afastar-nos do pecado desta batalha, que certamente destruirá muitos membros desta família?”

O devoto raciocina que as inclinações dos sentidos são necessárias para a expressão e experiência da alma encarnada, tanto quanto as inclinações à sabedoria, e assim ele não vê razão para que o único conjunto de membros dos sentidos da família da consciência deva ser destruído e o outro conjunto de inclinações discriminatórias deveria poder continuar vivo. Não parece razoável destruir o clã familiar de inclinações sensoriais, uma vez que eles têm funções específicas a desempenhar no drama da vida.

Assim, o devoto em introspecção diz ao Eu Interior:

“Ó Alma, já que você é o Criador e Senhor dos sentidos, bem como da discriminação, por que me aconselhar a destruir os sentidos que dão prazer pelas forças da discriminação, que trazem sabedoria? Ambos são membros da minha consciência! Como eu poderia viver apenas com as inclinações áridas que trazem sabedoria, privado da companhia dos meus sentidos alegres?”

❖

Perigo de querer preservar bons e maus hábitos

❖

O devoto é advertido sobre a influência avassaladora dos maus hábitos. Pela experiência passada, os maus hábitos parecem ter pouco medo - não contemplam consequências más - de não serem capazes de destruir os seus parentes psicológicos, as boas inclinações. Eles são fortalecidos nesta convicção à medida que o devoto continua a pensar na mesma linha de simpatia para com esses hábitos sensoriais: “É uma pena que meus maus hábitos favoritos não vejam como são tolos em lutar contra meus bons hábitos favoritos e, assim, assumir o risco de sendo destruído!"

Nesse estado, o devoto deseja continuar com bons e maus hábitos; aparentemente ambos o satisfazem. Quão rapidamente ele se esquece de que seus maus hábitos de boca doce, embora pertençam à sua própria família de consciência, carregam furtivamente consigo as armas que destroem sua paz.

O devoto neste estágio acredita que os hábitos maus ou animais (desprovidos de discriminação) de satisfação dos sentidos poderiam existir lado a lado com os bons hábitos e, assim, tornar o reino da vida completo. Mas é impossível ter harmonia e paz enquanto forças contraditórias actuarem na vida de alguém. Os bons e os maus hábitos, embora sejam frutos da mesma consciência, manifestam resultados diferentes.

Quando o devoto se pergunta: “Por que não posso desfrutar juntos dos prazeres materiais e espirituais?” tal raciocínio equivale a argumentar a razoabilidade de usar “droga” desvitalizante e ao mesmo tempo tomar um tônico revigorante; o efeito da droga irá neutralizar o efeito do tônico! Se, porém, a pessoa for fiel em tomar o tônico fortalecedor e tiver a força de

vontade para ingerir cada vez menos drogas ao mesmo tempo, esse é um caminho para se livrar do vício das drogas.

Da mesma forma, aqueles que desfrutam igualmente de indulgências sensoriais e prazeres meditativos não chegarão a lugar nenhum por muito tempo. “Um homem de mente dividida é instável em todos os seus caminhos.”81 No entanto, mesmo que alguém não consiga conquistar imediatamente a carne, ele deve meditar da mesma forma, pois então terá pelo menos algum padrão de comparação entre a gratificação material dos sentidos e as realizações internas da alma. Aqueles que não conseguem conquistar as paixões sensoriais e que também desistem da meditação caem numa condição quase desesperadora de decadência espiritual.

Aquele que medita diariamente e cultiva o gosto pela paz e pelo contentamento, abandonando gradualmente a indulgência nos prazeres dos sentidos, tem uma oportunidade de emancipação espiritual. Um hábito muito bom para cultivar é meditar imediatamente ao acordar do sono. Após esse período de meditação, preenchido com as oferendas da alma, a pessoa pode desfrutar, sem nenhum sentimento de compulsão ou apego sensorial, do uso autocontrolado dos sentidos em prazeres como comer, associar-se com amigos e assim por diante. Desta forma o homem descobre que está espiritualizando ou mudando a qualidade de todos os prazeres materiais. Em outras palavras, se um homem atende aos seus maus hábitos de ganância e come até a saúde e a morte – isso é ruim; mas se ele aproveitar o prazer de comer ao poder do autocontrole e da moderação – isso é bom.

❖

Reconhecendo as tentações que espreitam na mente subconsciente

❖

A dificuldade é que o principiante espiritual – e mesmo o devoto que avança quando cai temporariamente num estado negativo – dificilmente consegue distinguir entre o seu uso dos sentidos governado pela razão e os seus apetites sensoriais governados pela ganância. Seus maus hábitos, mesmo que pareçam controlados e amigáveis, podem estar apenas esperando o momento certo para destruí-lo com suas tentações.

Uma história ilustrará esse ponto. João, um bêbado, conheceu um santo e fez voto de abstenção. Pediu aos seus servos que guardassem a chave da

adega e não lhe servissem, mesmo sob seu comando, qualquer bebida alcoólica. Tudo correu satisfatoriamente por algum tempo por causa da alegria de John com sua nova resolução. Por um tempo ele não sentiu a atração invisível e envolvente do hábito tentador da bebida.

Com o passar do tempo, João pediu aos seus servos que deixassem com ele a chave da adega para que ele próprio pudesse servir os amigos. Então ele decidiu que seria muito incômodo ir até o porão; ele colocou algumas garrafas de vinho em um armário da sala. Depois de alguns dias, John pensou: “Já que sou imune a bebidas alcoólicas, deixe-me dar uma olhada no vinho tinto espumante numa garrafa que está sobre a mesa”.

Todos os dias ele olhava para a garrafa. Então ele pensou: “Já que não gosto mais de bebidas alcoólicas, vou tomar um gole de vinho, prová-lo e depois cuspi-lo”. Depois de fazer isso, ele teve mais uma inspiração. “Como estou totalmente livre da tentação da bebida, não haverá mal nenhum se eu engolir um pouco.” Depois disso ele pensou: “Já que venci o hábito de beber, por que não deveria voltar a tomar vinho na hora das refeições? Minha vontade é bastante livre de escravidão.” Daquele dia em diante, João voltou a ser um bêbado, apesar de sua vontade de protesto.

Um mau hábito pode ser temporariamente subjugado por uma boa resolução e autocontrole; mas não necessariamente conquistado. John não percebeu que sua resolução não teve tempo suficiente para se transformar em um bom hábito. Pode levar de oito a doze anos para substituir um mau hábito forte por um bom hábito. Antes que o forte e bom hábito esteja plenamente formado, o homem não deve colocar-se no caminho da tentação. John desconsiderou esta lei psicológica; trouxe para perto de si a garrafa de vinho, reavivando lembranças do hábito de beber. Para eliminar os maus hábitos, é preciso afastar-se dos maus ambientes; e acima de tudo, nunca se deve pensar mentalmente em maus pensamentos. Este último reforça a influência do primeiro e é mais perigoso. É preciso fortalecer-se com o ambiente externo correto e o ambiente interno correto.

John não apenas esqueceu que não deveria ter trazido bebidas alcoólicas tão perto dele, mas também falhou em reconhecer as armas psicológicas da lisonja e do falso raciocínio pelas quais seu mau hábito derrotou sua boa

resolução. O hábito de beber permaneceu oculto em sua mente subconsciente, enviando secretamente espiões armados de desejo e pensamentos agradáveis de gosto; assim se preparou o caminho para a reinvasão do hábito alcoólico.

O homem é atormentado por essas derrotas humilhantes da alma causadas por seus próprios hábitos particulares, até que sua consciência esteja firmemente ancorada em sua verdadeira natureza divina. As funções sensoriais só têm o seu devido lugar na vida do homem depois de ele as ter subordinado, percebendo-se como a alma, unida ao Espírito, e não como um corpo sujeito ao domínio dos sentidos.

VERSÍCULOS 40-41

kulakṣaye praṇaśyanti kuladharmāḥ sanātanāḥ
dharme naṣṭe kulaṁ kṛtsnam adharmo' bhibhavaty uta (40)

adharmābhibhavāt kṛṣṇa praduṣyanti kulastriyaḥ
strīṣu duṣṭāsu vārṣṇeya jāyate varṇasaṁkaraḥ (41)

(40) Com a dizimação da família, os antigos ritos religiosos da família desaparecem. Quando a religião defensora é aniquilada, o pecado domina toda a família.

(41) Ó Krishna, por falta de religião as mulheres da família tornam-se más. Ó Varshneya (Krishna),82 sendo as mulheres assim contaminadas, o adultério é engendrado entre as castas.

"Ao destruir os membros da família das inclinações dos sentidos, os antigos rituais dos sentidos, 'dharmas', da família da consciência desaparecerão - porque os sentidos, tendo assim perdido o seu poder de produzir gozo dos sentidos, deixarão de realizar os ritos das suas funções específicas. Com a aniquilação destes ritos dos sentidos – que têm sido o princípio sustentador da existência consciente – o pecado (tristeza e corrupção) dominará todos os membros da família da consciência humana.

"Se nós, as forças da sabedoria, suspendermos em êxtase as capacidades

dos sentidos, então a partir do ‘adharma’ (falta de realização dos rituais dos sentidos) as percepções dos sentidos (a força feminina ou ‘sentimento’ pelas coisas materiais) serão corrompidas. Por negligência e desuso, eles esquecerão e se afastarão de suas funções individuais ou castas e se misturarão com indiferença, indolência e confusão. Todos os membros do clã dos sentidos e o resto dos membros da família da consciência, seguindo a força feminina adúltera do sentimento, perderão igualmente as suas características distintivas de “casta” (os seus poderes e funções individualizados).”

❖

Constituintes da “família” psicológica: funções individualizadas através das quais a alma interage com o mundo

❖

A “família” refere-se às forças internas e externas de cognição e expressão através das quais o ego (ou a alma, no homem iluminado) recebe um meio de experimentar e interagir com o seu ambiente. Os membros desta família consistem nas faculdades de visão, olfato, paladar, tato, audição; os poderes da fala e da atividade envolvida nos movimentos das mãos e dos pés e nos músculos genitais (reprodução) e retais (eliminação); a mente (manas), que, como as rédeas de uma carruagem, mantém unidos os garanhões dos sentidos; as cinco forças vitais (as funções de metabolização, circulação, assimilação, eliminação e cristalização da Vida Única presente no corpo); e o chefe da família, inteligência (buddhi). Todos são expressões da consciência cósmica única do Espírito através do Seu Eu individualizado, a alma.

Cada membro da família da consciência, tanto com sua natureza interna quanto externa, manifesta um comportamento característico, ou “realiza o ritual” de uma função específica. Por exemplo, o dever do sentido da visão é ver, o dever da mente é coordenar os sentidos e o dever da força vital é manter os sentidos, o corpo e a mente juntos numa unidade psicofísica. O dever da inteligência é harmonizar as forças internas e externas, inspirando-as a viver de acordo com o plano supremo de sabedoria, como convém aos seguidores da vontade de Deus.

Dharma, mencionado nestes dois versos do Gita, é frequentemente traduzido como “religião” ou “dever”. É um termo abrangente para as leis

naturais que governam o universo e o homem, inerentes às quais são prescritos deveres aplicáveis a determinadas circunstâncias. Em termos gerais, o dharma do homem é aderir à justiça natural que o salvará do sofrimento e o levará à salvação. O dharma ou lei natural de uma semente é produzir uma planta. O dharma ou ordem natural dos sentidos é fornecer um meio de troca entre o ego ou alma que percebe e os objetos percebidos. O devoto racionalizador, em seu estado de dúvida negativa, cai ainda mais na incompreensão ao argumentar preocupado com a destruição dos "ritos" naturais dos sentidos, que são parte integrante do dharma, ou ordem natural, da família da consciência.

❖

Para ser destruído: não os próprios sentidos, mas desejos por objetos dos sentidos

❖

Os membros da família a serem destruídos pelo devoto não são os próprios sentidos, mas seus descendentes, ou inclinações – desejos por objetos dos sentidos. Existem dois tipos de objetos. O primeiro tipo consiste em objetos materiais, perceptíveis aos sentidos externos do homem. O segundo tipo consiste em objetos sutis no mundo astral, que são percebidos pela consciência interior que se move em direção a Deus. Os objetos externos dos sentidos geram apego material; os objetos internos dos sentidos destroem esse apego físico. No entanto, a associação prolongada até mesmo com os objetos internos dos sentidos pode desviar a mente do devoto das percepções mais elevadas da alma e da realização final de Deus - uma advertência para os devotos que se preocupam com fenômenos e poderes.

Esses objetos materiais e astrais são percebidos e influenciados pelos dez sentidos, pelas cinco forças vitais e pela mente e inteligência. A ação e interação dessas dezessete forças internas e externas de percepção, e sua reação guiada pelo ego ou governada pela alma aos objetos de percepção, despertam no devoto, respectivamente, inclinações boas ou más: desejo ou autocontrole, apego ou desapego. , e assim por diante.

O devoto meditante é mostrado como tendo chegado a um estado em que sente que, na batalha pela Auto-realização, com a crescente percepção do Eu Interior, todas as inclinações dos membros internos e externos da

família da consciência serão aniquilado; e que sem essas inclinações com seus desejos por objetos internos e externos, as funções específicas dos sentidos, da mente, das forças vitais e da inteligência serão perdidas.

O devoto noviciado que ainda não experimentou os estados mais profundos de meditação, e mesmo o iogue avançado que atingiu os estágios iniciais de samadhi (conforme descrito por Patanjali e explicado em I: 15-18), sente alguma apreensão sobre os novos estados de samadhi. consciência para a qual ele está se movendo. O antigo apego às faculdades internas e externas de sua família familiar não cede facilmente em favor de um estado de consciência extático ainda desconhecido, além do funcionamento desses poderes.

❖

O contato com Deus destrói apegos sensoriais prejudiciais, mas revitaliza os próprios sentidos

❖

Num contato extático com Deus, embora a consciência da alma esteja desperta e intensamente alerta, os sentidos, a mente, as forças vitais e a inteligência permanecem num estado suspenso. O devoto se pergunta se todas essas funções internas e externas, permanecendo por muito tempo num estado suspenso, serão finalmente aniquiladas, ou se tornarão impotentes ou confusas. Será que os sentidos, com suas inclinações naturais destruídas, perderão o poder de desfrutar os objetos externos das belezas da Natureza e os requintados objetos astrais internos percebidos durante as visões; ou sendo reprimido, fica confuso e enganado por imaginações fantasiosas ou alucinações? Perderá a mente o seu poder de coordenação e a inteligência o seu poder de determinação e discriminação?

Tais preocupações nascem de suposições falsas – medos tolos. No contato consciente com Deus, os membros internos e externos da consciência, embora suspensos, não perdem seus poderes individuais nem ficam distorcidos. Em vez disso, são duplamente recarregados com o poder perceptivo da bateria cósmica – a fonte de toda a vida. Os sentidos são rejuvenescidos e desenvolvem poderes mais sutis na expressão de suas características individuais. Com percepções aprimoradas enraizadas no conhecimento da alegria infinita de Deus, o iogue avançado, muito mais do

que um homem mundano, é capaz de desfrutar o mundo sensorial – seu povo, suas rosas, seus céus!

Mesmo durante o sono, os poderes internos e externos ficam parcialmente suspensos, à medida que as funções vitais ficam mais lentas e os sentidos se voltam para dentro. Como resultado, eles não morrem, mas são recarregados pela corrente cósmica acumulada no cérebro. No êxtase consciente (samadhi), as forças internas e externas da consciência abandonam suas peregrinações malévolas e desvitalizantes pela terra da matéria e retornam à presença de Deus todo-rejuvenescedor. À medida que essas sensibilidades internas e externas se movem nas áreas mais profundas do Espírito e se tornam totalmente absortas em Deus, elas se tornam invisíveis e imperceptíveis no corpo. Em Apocalipse 1:17, São João descreveu esse estado de êxtase, dizendo: “E quando o vi, caí a Seus pés como morto”. Quando John percebeu o Espírito, ele não ficou inconsciente, mas a consciência expandida de sua alma continuou vibrando em seu corpo astral, acima do corpo físico, e pairava sobre este, enquanto permanecia em estado de transe de animação suspensa. Assim, ele fala de perceber seu corpo físico como morto, ou em um transe profundo, repousante e semelhante à morte; mas não “morto” como os seres humanos entendem o termo. Pode-se reviver a consciência corporal à vontade do estado de transe; mas não do misterioso destino da morte.

O estado de êxtase (alcançado pela passagem consciente do sono sem sonhos para a superconsciência e, finalmente, para a consciência cósmica) não apenas descansa, mas também reforça os poderes internos com agudeza, vitalidade e sabedoria divina ilimitadas.

O homem realizado desenvolve poderes extraordinários de clariaudiência e clarividência; a mente compreende tudo intuitivamente; a inteligência não é mais guiada pela razão humana falível, mas pela infalível sabedoria divina. É tão ridículo para uma pessoa temer que seus vários poderes sejam aniquilados ao entrar no estado extático superior da união com Deus, quanto seria para ela temer a extinção de qualquer um de seus poderes por seu estado noturno de animação suspensa em dormir.

VERSÍCULOS 42–43

saṁkaro narakāyaiva kulaghnānāṁ kulasya ca
patanti pitaro hy eṣāṁ luptapiṇḍodakakriyāḥ (42)

doṣair etaiḥ kulaghnānāṁ varṇasaṁkarakārakaiḥ
utsādyante jātidharmāḥ kuladharmāś ca śāśvatāḥ (43)

(42) A adulteração do sangue familiar leva ao inferno os destruidores de clãs, juntamente com a própria família. Aos seus antepassados, ao serem-lhes negadas as oblações de bolinho de arroz e água, são degradados.

(43) Por essas más ações dos destruidores de famílias, produzindo a mistura de castas, os antigos ritos (dharmas) da casta e do clã são aniquilados.

"Se as atividades de abnegação das forças da sabedoria destruírem o clã das inclinações sensoriais masculinas, então as percepções sensoriais femininas se tornarão uma mistura de castas – precipitada pela mistura dos poderes e funções distintivos, ou características de casta, dos sentidos com discriminação e de suas forças externas com suas forças internas. As forças de sabedoria destruidoras de clãs, bem como os outros membros restantes da família da consciência, encontrar-se-ão caídos num inferno vivo de solidão interior e falta de sentido. Sem a estimulação dos sentidos, as faculdades discriminativas tornar-se-ão fracas por falta de uso e não farão as oferendas adequadas para inspirar os ancestrais da família (ego, alma, intuição) a abençoarem os seus descendentes (a família da consciência).

"Por esta interrupção das atividades externas naturais das faculdades da consciência, e pela sua suspensão final no samadhi, certamente todos os ritos (atividades) da família da consciência serão aniquilados."

O devoto continua a acrescentar novos argumentos à sua mesma tendência de racionalização. Ao tentar decidir-se a travar uma batalha para destruir os sentidos - isto é, retirar para a meditação a sua sabedoria e força vital que animam os sentidos - ele agora expressa apreensão com a possibilidade de

❖

O medo do devoto de que submeter as faculdades dos sentidos à discriminação da alma crie problemas psicológicos

❖

que as suas faculdades discriminativas sofram desintegração devido à sua falta de capacidade. interação com os sentidos. Se as faculdades da sabedoria não forem utilizadas no desfrute normal dos sentidos, mas forem feitas para residir no santuário interno da alma, as faculdades da sabedoria, juntamente com as faculdades dos sentidos, não serão então lançadas num inferno de solidão e falta de sentido?

Além disso, sua afirmação é que no êxtase os ritos familiares (dharmas) – as funções habituais das faculdades dos sentidos e da sabedoria – serão aniquilados se essas faculdades perderem sua "casta" ou características distintivas por uma mistura de sangue familiar (a mistura de sangue familiar). as faculdades externas da consciência com suas tendências internas e a mistura das propensões dos sentidos e da sabedoria). O absurdo de tal conclusão – de que a família da consciência sofre desintegração em êxtase – foi exposto no comentário aos dois versículos anteriores.

A verdade é exatamente o contrário. Os prazeres sensoriais femininos negativos (os sentimentos ou experiências dos sentidos) são guiados pelas capacidades sensoriais masculinas positivas. Se as faculdades sensoriais masculinas – desejo, realização material, capacidade criativa, iniciativa para o prazer material – forem destruídas em sua batalha com as faculdades discriminativas, então as faculdades sensoriais femininas ou "sentimentais" – prazer material, apego, ilusão, escravidão sensorial – perdem-se. sua consciência de "casta" da materialidade e se submetem às tendências internas das faculdades discriminativas. Isto é, quando as fontes das atividades sensoriais, os desejos sensoriais, são destruídas, as percepções sensoriais femininas perdem a sua vantagem material e o seu espírito orientador, devido à poderosa influência das tendências discriminativas. Todo o clã das faculdades dos sentidos não se torna assim extinto, mas iluminado, por esse domínio das faculdades da sabedoria.

Mas o devoto, em seu estado de confusão, raciocina falsamente (como descrito nos dois versos anteriores) que depois que as faculdades de

sabedoria tiverem destruído as inclinações dos sentidos masculinos, os prazeres dos sentidos femininos meramente se tornarão adúlteros com indiferença, indolência e confusão, levando todos os família de consciência em mistura de casta ou perda de suas funções distintivas. As imaginações irracionais do devoto alertam que não só os sentidos perderão as suas faculdades inerentes (dharmas ou ritos) para desfrutar o prazer, mas a sua derrota fará com que as faculdades discriminativas também percam a sua função externa distinta devido à falta de interação com os sentidos. E então tanto o clã dos sentidos como o clã discriminativo da família da consciência se encontrarão num hades de existência sem sentido.

Este erro de raciocínio nasce do apego da mente do devoto ao mundo dos prazeres dos sentidos. Quando ele retira suas faculdades de sabedoria da escravização dos prazeres dos sentidos, ele a princípio sente um vazio; mas quando ele se aprofunda na meditação, suas faculdades discriminativas desfrutam conscientemente de um novo mundo de bem-aventurança superconsciente, encontrada apenas no contato da alma com o Infinito.

❖

O iogue, realizando interiormente a verdadeira "oblação ancestral", eleva todo o clã psicológico

❖

Os "ancestrais" da família da consciência humana são a alma e suas faculdades de visão interior do ego,83 intuição e assim por diante. Esses ancestrais são degradados na consciência sensorial humana comum, a menos que recebam das faculdades de sabedoria um fluxo de inspiração e força vital voltada para dentro (água) e oferendas regulares de entusiasmo espiritual vital (bolinhos de arroz). Quando a vitalidade da concentração e da sabedoria é desenvolvida, inspira a alma e os poderes intuitivos; a alma inspirada, por sua vez, reforça a sabedoria e a intuição com poderes que tudo veem.

Mas o devoto persiste em suas conjecturas errôneas: "Se eu destruir as inclinações dos sentidos, as faculdades discriminativas ficarão famintas por falta de ação; a sabedoria emaciada não conseguirá inspirar a alma; a alma não inspirada deixará de iluminar o homem. Assim a sabedoria humana degenerará."

Os medos infundados do devoto são sugeridos à sua mente pelas forças

do Rei Desejo Material. A sua habilidade em argumentar só é igualada pela sua duplicidade!

O iogue avançado, firme no autocontrole meditativo, realiza a verdadeira cerimônia ancestral. Ele desconecta astralmente a força vital dos nervos sensoriais; começa a fluir para dentro e, concentrando-se no ponto entre as sobrancelhas, forma uma luz opalescente. O fluxo astral interior e a luz interior são as oblações da sabedoria humana aos seus ancestrais da alma, do ego divino e da intuição.84 A sabedoria humana deve oferecer essas vitalidades às faculdades da alma. Sem as oblações da força vital e das percepções espirituais que fluem interiormente, e da luz do olho espiritual, as faculdades da alma permanecem adormecidas, degradantemente subdesenvolvidas.

Em vez de ficar em dúvida ou desanimado, aquele que busca a Deus deveria ficar feliz em entregar todos os prazeres dos sentidos ao limbo em troca dos luxuosos tesouros da alma. E com a mais pura devoção e domínio do pranayama, ele deve realizar o verdadeiro rito ancestral de oferecer oblações à alma que concede a iluminação.

VERSÍCULOS 44-46

utsannakuladharmāṇāṁ manuṣyāṇāṁ janārdana
narake 'niyataṁ vāso bhavatīty anuśuśruma (44)

aho bata mahat pāpaṁ kartuṁ vyavasitā vayam
yadrājyasukhalobhena hantuṁ svajanam udyatāḥ (45)

yadi mām apratīkāram aśastraṁ śastrapāṇayaḥ
dhārtarāṣṭrā raṇe hanyus tan me kṣemataraṁ bhavet (46)

(44) Ó Janardana (Krishna), muitas vezes ouvimos que homens desprovidos de ritos religiosos familiares estão certamente comprometidos a residir indefinidamente no inferno.85

(45) Infelizmente! movidos pela ganância pelo conforto de possuir um reino, estamos preparados para matar nossos próprios parentes - um ato que certamente nos enredará em grande iniquidade.

(46) Se, com armas em mãos, os filhos de Dhritarashtra me matarem, totalmente resignado e desarmado na batalha, essa solução será mais bem-vinda e benéfica para mim!

“Aqueles homens nos quais as faculdades de sentido e sabedoria não mais realizam seus ritos habituais de comportamento habitual preso ao corpo são certamente condenados a partir de então a uma vida infernal de tédio interior corrosivo e vazio torturante. No entanto, devido à ganância de adquirir a posse exclusiva do reino da consciência, na esperança incerta de alguma melhor gratificação futura, nós, as forças discriminativas, estamos dispostos a incorrer no pecado (existência infeliz) de matar os nossos parentes dos sentidos. Seria melhor para mim se os filhos armados do rei Dhritarashtra (as inclinações sensoriais da mente sensorial cega) me matassem em batalha, sem resistência e desarmados.”

O iogue iniciante, forçado a ficar quieto em meditação para espiar por trás da tela da escuridão, muitas vezes se pergunta se não está sendo tolo ao renunciar aos prazeres tangíveis dos sentidos por um possível vislumbre dos prazeres atualmente intangíveis do Espírito. Enquanto ele é mantido cativo nesse estado mental negativo por maus hábitos passados e influências cármicas, ele não se sente inclinado a armar-se com as leis austeras do autocontrole. “Os prazeres da alma são uma questão de especulação futura”, ele acredita. “Eu seria tolo se desistisse das alegrias tangíveis do presente. Minha vida será mergulhada em constante miséria pela destruição dos prazeres dos sentidos dados por Deus e tão facilmente disponíveis para mim agora mesmo! Mais tarde, poderei estar mais pronto para meditar profundamente e buscar a Deus de maneira mais concentrada.”

Entregar-se às exigências dos sentidos não os satisfaz, mas cria desejos insaciáveis por mais experiências sensoriais. O prazer sensorial é como um gole de cicuta, que, em vez de matar a sede, só a aumenta! O prazer da alma, embora difícil de alcançar, uma vez obtido, nunca diminui; não

conhece saciedade e produz alegrias sempre novas.

O devoto desanimado pensa: “Seria um destino melhor para mim encontrar a desilusão e a morte pelos sentidos – como todas as outras pessoas do mundo que viajam pela vida desarmadas por qualquer arma de autocontrole – em vez de me envolver em uma batalha devastadora. entre as forças discriminativas e as tendências dos sentidos”.

Ele conclui assim: “Abster-me-ei de praticar mais meditação. Não usarei a arma de controle da vida (pranayama) para destruir a atração magnética dos sentidos. Não importa se eu sou dominado pelos instintos materiais e sofro nas mãos deles! Simplesmente não me tornarei um indivíduo semiparalítico, meio morto, privado de todos os desejos por coisas materiais!”

Neste estado mental o devoto fica insatisfeito tanto por causa de sua falta de progresso espiritual como por causa de sua longa separação de seus hábitos sensoriais habituais. Esses argumentos prontos de autopiedade mostram por que a autodisciplina exige não apenas a renúncia à indulgência em prazeres errados, mas também, com a espada da sabedoria, a destruição dos pensamentos deles da mente sensível aos sentidos. Neste momento desfavorável, porém, quando o Eu Interior está incitando o devoto a destruir até mesmo a gratificação mental ou imaginária de um prazer sensorial, ele reage infantilmente, rebelando-se contra todos os modos de autodisciplina. O devoto deve agora relaxar e não ser muito rígido ao disciplinar a criança indisciplinada, sua mente não convencida. Este estado é finalmente superado pela concentração na paz que nasce da renúncia, mesmo que parcial, e do esforço razoável na meditação, desfrutando de um apaziguamento moderado em prazeres sensoriais saudáveis.

Além disso, o devoto deve usar um pouco de imaginação espiritual para visualizar as alegrias duradouras da realização espiritual. Quando ele se vê incomodado com dúvidas, imaginando uma vitória vazia com sua mente, um campo de batalha deserto cheio de cadáveres de desejos materiais massacrados pela sabedoria (queridos amigos e parentes), ele deveria pensar nos desejos materiais habituais como inimigos disfarçados. Prometeram-lhe felicidade, mas planejaram dar-lhe apenas preocupações, anseios

insaciáveis, esperanças frustradas, desilusões e morte! Embora no início seja difícil para ele abandonar os tipos de prazeres materiais que obstruem a expressão da alma, renunciar a esse mal é sua única esperança de obter uma bem-aventurança espiritual duradoura. E embora o autocontrole, por si só, no estado negativo, produza infelicidade momentânea devido à separação dos maus hábitos que produzem prazer, depois que o autocontrole atinge seu fim, o devoto experimenta percepções e alegrias mais sutis da alma - muito superiores àquelas que ele sabia quando vivia identificado com o ego e seus prazeres grosseiros. O devoto é amplamente compensado por qualquer sacrifício feito quando finalmente alcança a inigualável e sempre nova bem-aventurança do despertar da alma no Espírito.

VERSÍCULO 47

saṁjaya uvāca
evam uktvārjunaḥ saṁkhye rathopastha upāviśat
visṛjya saśaraṁ cāpaṁ śokasaṁvignamānasaḥ

Sanjaya disse (para Dhritarashtra):
Arjuna, tendo falado assim no campo de batalha, com sua mente perturbada pela dor, jogando fora seu arco e flechas, sentou-se no assento de sua carruagem.

Arjuna, ou Autocontrole, abandonando seu arco de meditação e as flechas perfurantes da ignorância dos poderes internos, permanece paralisado no meio do campo de batalha psicológico-metafísico – embora não abandone realmente a carruagem da intuição.

Muitas vezes acontece que, a menos que o devoto tenha poder espiritual suficiente para acalmar as suas dúvidas, ele se sente um fraco, incapaz de lutar. Cheio de tristeza e jogando fora suas armas divinas, ele indiferentemente se contenta com uma experiência intuitiva (senta-se na carruagem). A carruagem representa a percepção intuitiva, o veículo no qual as forças discriminativas do devoto se envolvem em uma batalha psicológica e metafísica com as hordas dos sentidos. O assento da

carruagem em que o devoto se instala para se retirar da batalha significa a poderosa percepção sensorial particular que naquele momento foi forte o suficiente para causar seu desânimo espiritual e recusa em lutar.

Se os devotos não progridem é porque descartam as armas do autocontrole; um devoto desanimado muitas vezes desiste de toda autodisciplina quando não alcança realizações espetaculares no caminho espiritual. Ele se recusa a meditar, evita seu instrutor espiritual (professor ou aulas) e mergulha numa obscuridade mental de indiferença espiritual, na qual há apenas um lampejo ocasional de percepção intuitiva. Este estado mental indiferente deve ser remediado pela meditação regular e pela discriminação constante contra os falsos argumentos da mente sensorial. Tudo está longe de estar perdido enquanto o devoto se esforçar para sintonizar-se com a orientação e graça do Cocheiro Divino que, no próximo capítulo do Gita, vem em auxílio do devoto.

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
arjunaviṣādayogonama prathamaḥ adhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o primeiro capítulo, chamado "O desânimo de Arjuna no Caminho do Yoga".

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO II

SANKHYA E YOGA:

SABEDORIA CÓSMICA E O MÉTODO PARA ALCANÇÁ-LA

❖

A Exortação do Senhor ao Devoto e o Pedido do Devoto por Orientação

❖

A Natureza Eterna e Transcendental da Alma

❖

A batalha justa é o dever religioso do homem

❖

Ioga: remédio para dúvidas, confusão e insatisfação intelectual

❖

A arte do Yoga da ação correta que leva à sabedoria infinita

❖

Qualidades do Autorrealizado

“Com Arjuna desfrutando do sorriso iluminador do Espírito e sintonizado com a Voz Divina interior, o sublime discurso espiritual de Bhagavan Krishna para Arjuna (o Senhor para o devoto) começa a se desdobrar completamente - 'A Canção do Espírito' que nos 700 versos do Gita abrange a essência dos pesados quatro Vedas, dos 108 Upanishads e dos seis sistemas da filosofia hindu – uma mensagem universal para o consolo e a emancipação de toda a humanidade.”

OceanoofPDF. com

Capítulo II

Sankhya e Yoga:
sabedoria cósmica e o método para alcançá-la

A Exortação do Senhor ao Devoto e o Pedido do Devoto por Orientação

Verso 1

saṁjaya uvāca
taṁ tathā kṛpayāviṣṭam aśrupūrṇākulekṣaṇam
viśīdantam idaṁ vākyam uvāca madhusūdanaḥ

Sanjaya disse (para Dhritarashtra):
Madhusudana (Krishna) então se dirigiu àquele cujos olhos estavam marejados de lágrimas e que estava dominado pela pena e pelo desânimo.

O Senhor, que é o destruidor da ignorância, agora vem em auxílio do perturbado devoto Arjuna, cujos olhos marejados de lágrimas imploram por consolo. Essas lágrimas não são apenas de lembranças de prazeres sensoriais perdidos através de intensa disciplina espiritual – e a serem renunciadas para sempre – mas também são a expressão de tristeza do devoto por não ter avançado o suficiente no caminho espiritual para ser banhado de felicidade extática.

Neste estado, não tendo obtido a felicidade nem pelos sentidos nem pela meditação, o devoto chora: “Desisti do tangível pelo intangível; agora não tenho nada! Pela sua própria natureza, o desânimo é um anseio por

progresso espiritual. Se não existisse tal desejo, não haveria arrependimento pelos prazeres sensoriais perdidos, pois eles poderiam ser recuperados instantaneamente – sendo a sua pronta disponibilidade inerente à própria vida. Portanto, o primeiro capítulo do Gita é referido como “Arjuna Vishada Yoga”, ou a tristeza envolvida no esforço inicial do devoto para alcançar a união científica (yoga) com Deus.

O segundo capítulo abre com uma perspectiva melhor para o devoto. Após o triste estado de dúvida e a incapacidade de obter felicidade, seja nos sentidos abandonados ou no estado de meditação, o devoto subitamente sente uma grande resposta interior de simpatia. Este desenvolvimento surge como resultado de um trabalho árduo e constante na meditação, passado e presente. A espiritualidade é gerada lentamente, às vezes imperceptivelmente. Mesmo que o devoto meditante sinta que suas tentativas de controlar a mente são infrutíferas, ainda assim, se ele continuar com zelo, acreditando nas palavras de seu preceptor, ele repentinamente encontrará a resposta de Deus, insinuada através de sua longa meditação silenciosa. Uma emoção percorre todo o seu ser a partir desse contato repentino e extático com o Divino (simbolizado nesta estrofe como a resposta de Krishna).

❖

Deus fala através da intuição desperta do devoto

❖

O Espírito não fala necessariamente através dos lábios de uma forma em uma visão, ou de um corpo humano materializado, mas pode sugerir palavras de sabedoria por meio da intuição desperta do devoto. Deus pode aconselhar um devoto assumindo a forma de um santo, mas geralmente Ele adota o método simples de falar através da percepção intuitiva do próprio devoto.

A mente e a inteligência percebem e desfrutam dos cinco tipos diferentes de prazeres dos sentidos materiais; quando o sexto sentido, a intuição - a faculdade onisciente da alma sintonizada com Deus - é repentinamente despertada como resultado do hábito da meditação espiritual, o devoto sente uma alegria de êxtase em todo o seu sistema nervoso. Suas lágrimas de desânimo se transformam em lágrimas de alegria que excluem a visão do mundo externo e fixam a mente do devoto em uma

felicidade interna indescritível de comunhão divina.

Até agora, as faculdades mentais escravizadas pelos sentidos do devoto têm vagado na racionalização. Agora, uma calma de entrega espiritual e devoção receptiva toma conta da consciência angustiada. A intuição reveladora da verdade – além dos pensamentos, percepções e inferências – expressa o inexprimível Espírito e alma e Sua natureza de bem-aventurança celestial. Silencia as fortes afirmações mentais do ego: falsa convicção sob a influência de julgamentos errôneos; autossuficiência; imaginação; falsa esperança; apego aos desejos na expectativa de realização; convicção invadida por dúvidas – falácia sobre a qual o ego construiu sua existência e sua obstinação em persistir nesses delírios. A intuição, a voz do Espírito e de Sua manifestação imanente como a alma, inicia um desdobramento de revelações que acabarão por suprimir todas as dúvidas e estabelecer a consciência em seu verdadeiro Eu.

VERSÍCULO 2

śrībhagavan uvāka
kutastvā kaśmalam idaṁ viṣame samupasthitam
anāryajuṣṭam asvargyam akīrtikaram arjuna

O Bendito Senhor disse:

Em um momento tão crítico, de onde vem sobre ti, ó Arjuna, esse desânimo – comportamento impróprio para um ariano, vergonhoso, prejudicial à obtenção do céu?

Tendo sentido a resposta de Deus, a consciência do devoto eleva-se ao estado transcendente de Kutastha, sintonização com Kutastha Chaitanya (o Krishna universal ou Consciência Crística), a presença do Espírito imanente em toda a criação e manifestada individualmente em cada ser como a alma cuja voz é a intuição . O Espírito fala ao devoto através daquela voz intuitiva e inteligível:

“Ó devoto Arjuna, príncipe do autocontrole, por que você está dominado pelo desânimo? Esses parentes são seus inimigos ferozes e têm

apenas um propósito: destruir a paz da sua alma. Sentir pena deles é anti-ariano1 (não condizente com um nobre santo), uma traição vergonhosa para a alma, uma fraqueza que irá amarrá-lo às esferas inferiores da limitação corporal e negar-lhe o céu da bem-aventurada onipresença.”

Qualquer devoto sincero e persistente pode sentir, durante a meditação, os impulsos do Espírito. Mas é evidente que o devoto deve estar muito avançado no caminho da meditação antes de poder prevalecer sobre o Infinito para vibrar Sua presença através de uma voz inteligível de conselho. Tal devoto já passou por muitas batalhas com os sentidos e alcançou um estado espiritual elevado antes de ser abençoado para ouvir a voz de Deus manifestada através da vibração etérica.

Pode-se supor que um devoto que tenha alcançado esse estado elevado de consciência esteja completamente livre de todo apego à sua natureza inferior. Contudo, devido a encarnações passadas de identificação ignorante com o corpo, mesmo um devoto avançado pode perder temporariamente de vista o estado divino e, conseqüentemente, sentir um desejo miserável pelas realizações às quais renunciou.

❖

Deus vem em socorro do devoto vacilante

❖

Neste momento, o Espírito – sempre consciente do aspirante – vem em socorro do devoto, que então ouve a Voz de Deus, suplicando-lhe de dentro. Assim é que esta estrofe descreve o Espírito, ou Senhor Krishna, conversando com Arjuna, o verdadeiro devoto – aquele que através do autocontrole obteve a comunhão com Deus.

Falando através do poder da intuição, o Senhor repreende Arjuna pelo desânimo. O Espírito indica ao aspirante a iogue que os sentidos, pela proximidade, estabeleceram-se como seus parentes. Mas, assim como os inimigos podem se passar por amigos e assim conseguir entrar na casa de uma pessoa, também os desejos materiais, os grandes inimigos do homem, podem residir, aparentemente inofensivamente, dentro de sua consciência, juntamente com seus verdadeiros amigos, as faculdades espirituais. Os sentidos parecem amigáveis porque prometem um prazer inebriante temporário na carne, mas no final invariavelmente trazem miséria.

O primeiro esforço do Espírito é atacar a raiz do lapso momentâneo do devoto. A pena que Arjuna sente pelos seus parentes – a racionalização simpática do devoto em favor dos sentidos – é o canal de troca entre as forças materiais e espirituais. O Espírito adverte o devoto para não sofrer com os sentidos. Baixar uma ponte levadiça de piedade sobre o fosso que separa a alma fortificada pela sabedoria e os sentidos inimigos segregados é permitir que os inimigos psíquicos rompam as muralhas do autocontrole e invadam o justo reino interior. Em vez de sentir pena, o devoto deveria despertar o ardor da batalha psicológica até que todo desejo desordenado dos sentidos tenha sido completamente aniquilado! Simpatizar com o mal é, em última análise, entregar-lhe o trono da consciência.

Não faça o mal, não deixe que o mal seja feito através de outros por seu comando, e não tolere o mal pelo silêncio. A não cooperação com o mal é o melhor caminho – sem fazer uma exibição pretensiosa de sua própria bondade. Um verdadeiro devoto não atrairá tolamente estados malignos para si através da simpatia por eles. Aquele que sente tristeza pela felicidade perdida dos sentidos, e que ousa simpatizar com ela, atribui a um lugar inferior a felicidade superior e duradoura que conheceu na meditação. Tal inversão ignorante de valores é um pensamento vergonhoso para um devoto.

Krishna, portanto, refere-se a essa fraqueza como “não-ariana”, uma atitude imprópria de nobreza espiritual. Um homem sábio sente pena das boas qualidades banidas, não das más qualidades condenadas ao ostracismo.

A vida do homem é um paradoxo. Ele é a alma, feita à imagem do Espírito, que só pode ser satisfeita com os prazeres divinos; ainda que encarnado corporalmente, ele está familiarizado apenas com experiências sensoriais. Colocado como está entre o material e o espiritual, ele deve usar seu dom de discriminação para distinguir entre os verdadeiros prazeres da alma e os prazeres ilusórios dos sentidos. Krishna diz: “Se você deseja conhecer a alegria da consciência celestial vibrando em cada célula do éter, elimine o apego sensorial!”

“Céu”, nesta estrofe, consiste nas esferas ilimitadas da consciência divina, em contraste com a região inferior da limitação corporal. Cada alma

que está aprisionada pelos sentidos é um filho onipresente do céu cumprindo uma sentença de prisão de existência corporal.

Quando a alma é identificada com o Espírito, ela se sente unida à Alegria do espaço ilimitado; quando a alma, como ego, se limita a um corpo particular, ela é lamentavelmente "cabine, berço, confinamento". A alma, identificada com o corpo, perde a consciência da onipresença e torna-se identificada com as provações e infortúnios de um pequeno ego.

Assim como a consciência do homem comum reside no cérebro e no coração, a consciência de Deus habita no universo; assim como a consciência humana é sentida em cada célula do corpo, a inteligência de Deus habita em cada unidade celular do espaço. O devoto que responde constantemente às gratificações dos sentidos corporais é incapaz de espalhar sua consciência pelas células do espaço e, assim, compartilhar as alegrias mais vastas do Habitante do Espaço, ou Espírito. Entorpecido pelos prazeres materiais, o homem perde toda a sensibilidade às raras alegrias do Espírito. Sedento de prazer físico, circunscrito dentro das paredes do corpo, tal pessoa falha em visualizar a obtenção do céu onipresente. Se alguém ama a prisão corporal, como pode atrair a experiência divina de viver na alegria de Deus resplandecente em cada átomo do espaço?

VERSÍCULO 3

klaibyaṁ mā sma gamaḥ pārtha naitat tvayy upapadyate
kṣudraṁ hṛdayadaurbalyaṁ tyaktvottiṣṭha paraṁtapa

Ó Partha ("Filho de Pritha", Arjuna), não se renda à falta de masculinidade; isso é impróprio para você. Ó Opressor de Inimigos, abandone esta pequena fraqueza de coração! Surgir!

"Ó devoto, filho da renúncia, não se entregue a comportamentos que sejam impróprios para a natureza positiva do seu verdadeiro Eu, a alma. Ó Opressor de Inimigos, use sua vontade ardente de autocontrole para superar essa fragilidade de coração resultante de seu apego aos hábitos dos sentidos. Surgir! Eleve-se das fortalezas dos sentidos para os centros espinhais

superiores da consciência divina.”

Pela meditação contínua do devoto, a orientação divina torna-se cada vez mais tangível; Deus manifesta Sua presença ao devoto por meio de uma profunda paz, alegria ou sabedoria sentida nos milhares de canais sensoriais no revestimento interno do corpo e na cutícula que o envolve. Neste estado, o devoto que avança é intuitivamente instruído pelo Espírito ao ouvir, interiormente, a voz do Infinito.

Ao referir-se a Arjuna como Partha (“filho de Pritha”), a Voz Interior está lembrando ao príncipe-devoto seu poder inerente de renúncia que pode salvá-lo de sua fraqueza atual se ele apenas exercer sua vontade.

Pritha era a bela e virtuosa filha do grande rei Shura (avô de Krishna; o irmão mais velho de Pritha, Vasudeva, era o pai de Krishna). Quando ela era muito jovem, Pritha foi dada em adoção a Kuntibhoja, primo sem filhos e amigo próximo de Shura. Por causa de sua disposição de deixar seu próprio pai para preencher o vazio do lar de seu pai adotivo, Pritha significa metaforicamente o poder da vontade renunciadora do devoto. Quando ela se tornou filha de Kuntibhoja, Pritha passou a ser chamada de Kunti, a excelente heroína do Mahabharata, mãe dos nobres príncipes Pandu Yudhisthira, Bhima e Arjuna, e madrasta de Nakula e Sahadeva - todos gerados como resultado do poder de Kunti de invocar os deuses. Assim, interpretado espiritualmente, Pritha-torna-se-Kunti significa o poder do devoto de invocar a divindade obtida através do desapego, ou vontade renunciadora.

❖

“Partha”: o poder de renunciar a tudo o que é contrário à natureza da alma

❖

Todo homem tem o poder de resistir à influência de sua existência ligada aos hábitos e identificada pelos sentidos. Este poder de renúncia não envolve qualquer perda para o devoto, mas dá-lhe oportunidade de remover e abandonar todas as coisas que retardam o seu progresso espiritual. Assim como Pritha renunciou a um pai nobre em resposta ao cumprimento de um dever mais elevado, o devoto não hesita em rejeitar a orientação de seus maus hábitos mais queridos, que demonstram um interesse paternal em subjugar sua vontade.

A Voz Interior diz: “Abandone o apego aos sentidos! Use o poder da renúncia para abandonar todas as qualidades pouco masculinas! Não faça nada que vá contra a natureza da alma!”

“Unmasculinidade” significa aquilo que é impróprio para o aspecto positivo da alma. Ser pouco viril é ser negativo ou indiferente.2 O devoto em um estado mental negativo perdeu de vista seu fator viril e positivo de vontade. Sem a ação positiva da vontade, o devoto sucumbe à neutralidade pouco viril, a condição que se apoderou de Arjuna. O Espírito, portanto, adverte-o para não ser neutro; esse estado é pior que a negatividade! No estado negativo, o devoto tem medo de abandonar o apego sensorial; no estado neutro ele não tem apego nem a Deus nem aos sentidos – todos os seus poderes de atividade ficam paralisados.

É necessária alguma atividade mental até mesmo para entreter pensamentos negativos, mas na neutralidade da mente o devoto torna-se incapaz de qualquer atividade, boa ou má. O Espírito o adverte sobre cair em tal estado de inércia, em que o desejo do bem ou do mal desaparece uniformemente.

—❖—

Interpretação Yogue: “Levanta-te” para os Centros Cérebroespinhais Superiores

A encorajadora Voz Interior incita intuitivamente o devoto: “Ó tu, destruidor de inimigos dos sentidos, com a tua vontade ígnea, levanta-te – eleva-te dos planos inferiores onde residem os apegos dos sentidos, até os assentos superiores da consciência na coluna vertebral”.

A palavra surgir foi bem escolhida. Com este comando, interpretado literalmente, Krishna procura despertar Arjuna para uma ação positiva e zelosa, condizente com a verdadeira natureza de sua alma. A chave para a implicação espiritual mais profunda está no epíteto destruidor de inimigos, referência a Arjuna como simbolizando o poder do elemento fogo no centro lombar, ou chakra manipura.3 A energia vital e a consciência fluindo para baixo e para fora deste chakra energizam os dois. centros inferiores; esses três centros tornam-se então associados a toda a consciência corporal senciente. Quando, em vez disso, pelo poder de Arjuna ou pelo autocontrole

no centro lombar, a energia do fogo é voltada para cima, concentrando a vida e a consciência nos centros superiores, todo o ser se torna espiritualizado.

Embora todas as sensações sejam sentidas no cérebro, elas parecem estar localizadas em certos pontos da pele do corpo ou dentro dela. Toda a superfície da pele possui vários tipos de sensibilidade; o paladar é percebido pela boca, o som pelos tímpanos, o tato pela pele, a visão pelos olhos e o olfato pelas narinas.

O homem materialista identifica a sua consciência com estas sensibilidades exteriores. O devoto acaba com “viver na superfície da pele”; ele está cansado de jogar com os prazeres dos sentidos! Ele retira sua consciência dos plexos coccígeo, sacral e lombar, que controlam as inclinações dos sentidos inferiores, para os centros dorsal e cervical, ou vagueia ainda mais longe, para o centro crístico superior.

A dorsal é o centro do amor divino e do controle da energia vital; o cervical é o centro vibratório oceânico e da calma divina; o Centro de Krishna, ou Cristo (o Kutastha, no ponto entre as sobrancelhas) é um foco para o Kutastha Chaitanya ou Consciência Crística, que é a Inteligência - o reflexo do Espírito - dentro de cada átomo da criação e do espaço circunambiente.

Um homem mentalmente negativo, ou neutro, ou identificado com pensamentos sexuais ou outras preocupações sensoriais, encontra sua consciência operando externamente através dos três centros inferiores da coluna vertebral. Diz-se que ele “vive na superfície da pele” porque sua consciência está limitada pela periferia de seu pequeno corpo.

Sempre que alguém sente amor divino ou vitalidade espiritual, sua consciência atingiu o centro dorsal. Durante o contato da energia vibratória cósmica e da calma cósmica, o devoto vagueia pela região cervical. Uma experiência de bem-aventurança sempre nova sentida na meditação significa que o devoto está funcionando no Centro Kutastha-Cristo.

A mente de Arjuna estava vagando pelos centros dos sentidos localizados na superfície da pele, localizados na ilusão; O Espírito, sentido como a sempre nova bem-aventurança da meditação, está, portanto,

enviando-lhe um chamado intuitivo: “Ó devoto, não vagueie perdido no jardim das sereias dos sentidos! Eles prometem um pouco de prazer no começo, mas são envenenados por uma tristeza sem fim! Volte ao Castelo da Percepção Interior nos centros espirituais superiores, onde as alegrias são puras e inesgotáveis!”

❖

Sem meditação yoga, há pouca esperança de superar a natureza inferior

❖

Sem a meditação iogue profunda, na qual o devoto treina a mente e a força vital para permanecerem concentrados nos centros espirituais superiores de expressão, há pouca esperança do autocontrole sensorial necessário para superar os maus hábitos que constituem a natureza inferior da pessoa.4

Os hábitos, segundo os psicólogos, são mentais e fisiológicos. Para vencer a tentação, o devoto deve não apenas expulsar o mal da mente, mas também retirar a sua mente – treinando-a através do autocontrole na meditação – daqueles centros sensoriais na superfície externa do corpo que dão origem às tentações mentais.

Os hábitos sensoriais fisiológicos, com cooperação mental, tornam-se hábitos mentais. Os hábitos mentais solidificam-se em hábitos fisiológicos; os maus hábitos devem, portanto, ser eliminados tanto dos sentidos como da mente. Não pense no mal e não entre em contato com nada que possa dar origem a pensamentos malignos.

VERSÍCULO 4

arjuna pegou
kathaṁ bhīṣmam ahaṁ saṁkhye droṇaṁ ca madhusūdana
iṣubhiḥ pratiyotsyāmi pūjārhāvarisūdana

Arjuna disse:

Ó Matador de Madhu, Ó Destruidor de Inimigos (Krishna)! como posso, nesta guerra, direcionar flechas contra Bhishma e Drona – seres que deveriam ser adorados!

Os pensamentos racionalizadores do Autocontrole responderam à voz

interior da Intuição: “Ó Matador do Demônio da Ignorância e das Tentações Interiores! como posso, nesta guerra psicológica, soltar as flechas da minha determinação contra meu avô psicológico Bhishma – Ego e meu preceptor Drona – Hábitos Passados? Estas são veneráveis tendências-mentoras, originadoras dos meus atuais estados mentais! Quão terrível é destruí-los pela renúncia espiritual e pelas flechas da meditação iogue!”

❖

A relutância do devoto em destruir hábitos e ego

❖

Conforme citado anteriormente, os vários personagens mencionados no Bhagavad Gita simbolizam os diferentes estados psicológicos com os quais um devoto se identifica. Quando o devoto é identificado com a mente inquieta, diz-se que ele está no “estado Duryodhana” de desejo, muito difícil de controlar. O estado em que o devoto está concentrado nos instintos humanos e nas tendências pré-natais (samskaras) nascidas de hábitos de vidas passadas é chamado de “estado Drona”. Quando o devoto esquece a verdadeira natureza da sua alma e se identifica com todas as circunscrições do corpo mortal, então ele está no ego ou “estado de Bhishma”.

Durante a meditação, quando a força vital e a mente são retiradas internamente, esse estado parcialmente interiorizado de Auto-realização é chamado de “estado de Arjuna” ou estado de autocontrole.

À medida que o iogue recolhe sua mente para dentro e seu sexto sentido, a intuição, começa a se desenvolver, ele se vê atraído para a vastidão de sua alma. Ele gradualmente perde de vista todos os limites mentais e físicos. Neste momento, o devoto sente um certo medo, como uma pessoa em seu primeiro vôo de avião, quando deixou para trás os marcos habituais e está voando em um éter sem paredes.

Quando ele subiu apenas parcialmente os centros espinhais de percepção interior (o estado de autocontrole de Arjuna está no terceiro centro ou centro lombar), ele tem medo de olhar para o Infinito sem teto para o qual parece estar se dirigindo. Ele perde de vista a consciência física do seu ego. Isto não significa perda de consciência, mas apenas o esquecimento dos confinamentos do ego humano. Ao descobrir esta ilimitabilidade, o devoto começa a ter medo de perder todas as

características humanas. Este estado significa a morte de Bhishma, o venerável parente psicológico, o Ego, ou avô de todas as tendências mentais.

Neste estado meditativo interior, o devoto também se eleva acima de todos os instintos e tendências habituais, não mais buscando a felicidade mundana. Este estado significa a morte de "Drona".

Nesta estrofe, o devoto meditante é descrito como estando repleto da memória do ego desaparecido e daqueles hábitos e instintos que se tornaram tão "naturais" para ele. Ele reluta em usar os dardos de sua força vital interiormente retraída (através de pranayama) e de sua mente controlada (através de pratyahara) para destruir sua associação com seu ego e seus chamados hábitos sensoriais prazerosos e tendências internas, a fim de obter o nativo. mas prazeres profundamente profundos de expansão da alma.

Tirar a mente dos sentidos através da meditação significa que o devoto deve envolver seu autocontrole em uma guerra psicológica na qual a força vital e a concentração em retirada atuam como flechas para destruir o ego físico venerável e ignorantemente adorado e as tendências interiores habituais que mantêm o homem em estado de ilusão.

VERSÍCULO 5

gurun ahatvā hi mahānubhāvān śreyo bhoktumṁ bhaikṣam apīha loke
hatvārthakāmāṁs tu gurun ihaiva bhuñjīya bhogān rudhirapradigdhān

Mesmo uma vida de mendicância seria mais salutar para mim do que uma vida arruinada pelo assassinato de meus preceptores de grande alma! Se eu destruir esses mentores que têm a intenção de obter riqueza e posses (os objetos dos sentidos), então certamente aqui na terra todo o meu pretenso prazer de felicidade material ficará terrivelmente manchado de sangue!

"Eu me sentiria melhor como um mendigo sem consciência do que como

um rei que destruiu seus preceptores, Ego e instintos pré-natais! Se eu aniquilar esses principais habitantes do meu reino mental, então, pelo resto da minha vida, qualquer riqueza de glória, conforto dos sentidos e desejos realizados que eu tenha ficará 'manchada de sangue' - eu os verei como permeados de vibrações malignas que irão me repulsa de qualquer prazer com minha vitória psicológica e espiritual duramente conquistada. Seria, portanto, melhor viver implorando pelo prazer dos sentidos do que por causa de um reino espiritual de outro mundo para destruir meus mestres de toda a vida – Ego e Hábitos Passados, que guiaram e moldaram meu destino ao longo das encarnações."

Na consciência comum, o ego é o princípio orientador dos pensamentos, sentimentos e aspirações; molda desejos e ambições de acordo com a influência dos hábitos. O ego e os hábitos corporais são, portanto, os preceptores de todas as atividades humanas.

❖

Por que os hábitos egoístas são tão tenazes

❖

Esta estrofe destaca o poder persistente da ilusão do hábito do ego que ataca o devoto que avança. Nesta fase ele ainda reitera, como nas estrofes anteriores, o seu medo de que uma vitória espiritual signifique uma existência desolada. Sem inclinações ao ego e ao hábito - os estimuladores guardiões, preceptores e conselheiros de suas tendências mentais - ele então, pelo resto de sua vida, considerará todas as coisas materiais e experiências sensoriais como sendo permeadas por vibrações malignas ("manchadas de sangue"). em contraste com seu estado de alma vitorioso?

A resposta, claro, é não. O mal reside apenas no mau uso dos poderes e produtos da natureza. Os sentidos tocados pela bem-aventurança da alma espiritualizarão as suas percepções; os gozos da "riqueza" das posses serão imaculados por apegos; as inclinações, livres de hábitos, buscarão a realização nas realizações mais nobres. Mas mesmo que o devoto saiba disso como uma promessa nas escrituras e nos lábios das almas conhecedoras de Deus, seu apego às influências do Hábito do Ego persiste teimosamente, entrelaçado como está na própria fibra da natureza humana.

Todos os maus hábitos e o seu desfrutador, o ego, são muito tenazes e

monopolizadores nas suas reivindicações sobre os seres humanos. Não importa quão pernicioso seja o efeito de um hábito, ele é difícil de ser removido por causa do apego do ego a ele. Quando uma pessoa tenta repetidamente e sinceramente se livrar de um mau hábito e não consegue, ela fica desanimada e não consegue reunir pensamentos corajosos. Os maus hábitos quase paralisam a vontade. A vítima pensa impotente: “Qual é a utilidade de tentar?”

A escravidão mental a um hábito sensorial é o resultado da repetição contínua do ato específico que dá origem a um hábito particular. Ao pensar atentamente sobre uma determinada coisa todos os dias, o indivíduo torna essa coisa parte de sua consciência. Quando um hábito se torna uma faceta integrante do pensamento de alguém, torna-se uma “segunda natureza”. Esta “segunda natureza” é tão poderosa que convence a pessoa de que ela nunca poderá se livrar de sua própria “natureza”, mesmo que em troca receba um mundo inteiro de satisfação superior.

Quantas pessoas estão convencidas de que não podem sacrificar nem mesmo um pouco de sono para alcançar a elevada bem-aventurança da meditação. Alguns pensam que jamais poderiam desistir de viver no plano sexual, mesmo que recebessem em troca a alegria sempre nova do Deus Eterno. Outros têm certeza de que nunca poderiam abrir mão de um pingo de apego à família, aos amigos, à fama ou a qualquer porção de sucesso material, a fim de adquirir a bem-aventurança divina. Como a maioria das pessoas não tem uma base verdadeira de comparação, elas não conseguem separar os prazeres dos sentidos da sua concepção de prazeres da alma. Atendendo continuamente às demandas dos sentidos, eles se envolvem em insatisfações, desilusões e aflições internas cada vez maiores.

Somente quando um prazer após outro lhe falha é que o homem finalmente começa a se perguntar se, afinal, a felicidade é possível através dos sentidos. Este pensamento tem um efeito libertador: o homem tenta encontrar alegria na meditação, no silêncio, na sabedoria, no serviço, no contentamento e no autocontrole. Ele abandona a antiga busca incansável dos desejos, com suas concomitantes ações barulhentas, comportamento ignorante e escravidão sensorial. Quando um homem descobre que as

alegrias dos sentidos não são sinónimo de felicidade humana, ele deseja sinceramente livrar-se dos seus sentidos parasitas, dos seus chamados “parentes”, que aparentemente lhe oferecem consolo e simpatia e, no entanto, praticam continuamente o engano.

❖

Compreender a verdadeira natureza dos prazeres sensoriais

❖

O iogue determinado, implorando a ajuda da orientação divina, começa a se desembaraçar dos laços do hábito do ego de sua “segunda natureza”, aprendendo a diferenciar claramente entre corpo e alma, que é o Eu e não o Eu; e por que, metafisicamente, os prazeres dos sentidos não são considerados prazeres, uma vez que produzem apenas a ilusão de felicidade e, em última análise, terminam em tristeza.

Os deleites sensoriais, na realidade, são sentidos como prazerosos apenas através de um ato de imaginação da alma, criado pela interação da mente sensorial com os objetos dos sentidos. O homem só pode ser verdadeiramente feliz dentro da natureza de bem-aventurança, onisciência e sabedoria de sua alma. Ele nunca pode se contentar em imaginar-se feliz porque os sentidos estão felizes.

Uma mãe, por exemplo, poderá resistir à sensação de fome durante uma escassez de alimentos numa cidade sitiada, dizendo: “Fico feliz se o meu filho faminto comer.” Se, no entanto, ela continuar sem comer, descobrirá que sua fome está sendo satisfeita apenas na fantasia e não na realidade. A identificação dos sentidos, da mesma forma, é muito ilusória; faz o homem acreditar, apenas na mente e na imaginação, que está satisfeito com as indulgências dos sentidos.

Portanto, é importante compreender por que os prazeres dos sentidos não são verdadeiros prazeres e por que os prazeres da alma são a verdadeira felicidade.

Em primeiro lugar, as sensações de beleza, melodia, fragrância, sabor e tato não são experimentadas na superfície da pele, mas no cérebro. A sensação do sabor do morango é sentida no cérebro como uma reação mental, que evolui a partir do contato da fruta com a superfície da língua. Quando a mente se identifica favoravelmente com a sensação do sabor do

morango, ela gosta. No entanto, o sabor dos morangos foi-me inicialmente muito desagradável; Tive que adquirir gosto por eles, e agora gosto deles – minha mente foi influenciada ao ver o quanto os americanos gostam deles. Portanto, ninguém pode dizer de forma geral que o sabor do morango é agradável. Todos concordam, porém, que as sensações produzidas por queimaduras ou golpes físicos causam sentimentos e pensamentos desconfortáveis no corpo e no cérebro e, portanto, são chamadas de sensações dolorosas. Outras sensações que não são necessariamente dolorosas também não são necessariamente prazerosas. Através do treinamento mental, as chamadas sensações mais prazerosas podem tornar-se muito repulsivas para a mente; e, inversamente, as sensações mais desagradáveis, ou mesmo dolorosas, podem tornar-se prazerosas. Daí a necessidade de discriminação da alma, em vez de hábito do ego, para guiar a mente cega em seu contato com os objetos dos sentidos.

❖

A necessidade de discriminação da alma para guiar a mente cega em seu contato com os objetos dos sentidos

❖

Grande parte do sofrimento do homem neste mundo é causado pela sua incapacidade de discriminar entre sensações boas e más. Qualquer sensação do corpo cujo efeito final sobre a consciência seja o sofrimento, remoto ou imediato, deve ser considerada má. Qualquer sensação que imprima na consciência uma paz duradoura é boa. Uma sensação pode causar desprazer inicial, mas pode trazer consigo uma subsequente consciência de paz; ou uma sensação pode produzir satisfação momentânea e, portanto, ser erroneamente considerada boa, enquanto o efeito duradouro será o sofrimento. Se uma sensação é boa ou má não pode ser julgada apenas pelos pensamentos e sentimentos que fluem imediatamente do seu contato. Somente por meio de discriminação e vigilância cuidadosa e paciente a verdadeira natureza de uma sensação pode ser claramente detectada. Portanto, é prudente seguir a orientação dos espiritualmente sábios, ou esperar e descobrir, através dos próprios poderes mais profundos, se a primeira impressão de uma sensação é duradoura ou temporária, sincera ou hipócrita, no seu comportamento. É muito difícil distinguir entre sensações boas e más, amigáveis e hostis,

porque ambas usam disfarces. Por ignorância, as pessoas aceitam as primeiras impressões que uma sensação boa ou ruim lhes apresenta. Assim, acolhem e desejam repetir sensações “agradáveis” e tentam rejeitar as “desagradáveis”, independentemente do resultado final imediato ou a longo prazo. Uma vez que a repetição de uma ação ou conceito mental permite que a lei do hábito se estabeleça, a mente torna-se grandemente prejudicada no seu julgamento sobre o que é bom ou mau.

Todas as sensações que são harmoniosas com os nossos órgãos dos sentidos e são interpretadas favoravelmente pela mente como calmantes ou prazerosas são imediatamente abrigadas pelo seu hospedeiro mental. Mas nenhuma sensação de visão, audição, tato, olfato ou paladar deveria ser atraente ou fascinante o suficiente para escravizar a mente. É quando a mente se apega a uma sensação que ela desenvolve uma ideia correspondentemente agradável no cérebro. Essa ideia agradável sobre uma sensação faz com que o indivíduo repita suas experiências com aquela sensação. Quando uma sensação é constantemente repetida, provoca uma repetição da sua correspondente ideia agradável. Essa ideia de gostar fica “gravada” no cérebro e fixada na mente como um hábito mental. Esse hábito mental – formado pela repetição de uma ideia agradável que evoluiu de uma sensação – é o que causa a atratividade das sensações. Assim como todo mundo está mais ou menos apaixonado por suas próprias idéias sobre as coisas, sejam elas certas ou não, a mente também gosta de sua própria coleção pessoal de hábitos sensoriais mentais.

A mente só pode entrar em contato com as sensações através dos pensamentos. Em última análise, as sensações nada mais são do que pensamentos relativamente diferentes sobre coisas pensadas por Deus. O estado de sonho é a melhor analogia. O prazer de encontrar a sensação de um sorvete em um sonho nada mais é do que uma ideia que é desfrutada com prazer por outra ideia: a ideia de sabor do sorvete reage com outra ideia de apreciá-lo com prazer. O consumidor de sorvete, a reação mental, as sensações que surgem da consciência de uma boca e paladar oníricos ao saborear o sorvete e o prazer resultante são todos feitos apenas de ideias relativas. Portanto, não se pode presumir que a sensação do sorvete na terra

dos sonhos seja prazerosa, exceto que é uma ideia que agrada a outra ideia.

Uma lição que Deus tenta nos ensinar através da experiência dos sonhos é que devemos reconhecer a natureza onírica deste mundo aparentemente real. Todos os objetos que produzem sensações são ideias materializadas de Deus, que criam as ideias de prazer ou dor em nossas mentes. Deveríamos parar de nos enganar pensando que as sensações de tato, olfato, paladar, audição e visão têm prazer em si mesmas. Não há prazer nas sensações, exceto quando reagimos favorável e prazerosamente a elas.

A alma, a imagem individualizada do Espírito, não é imposta por essas ideias ou sensações, como acontece com a mente. A alma nasce de si mesma, com qualidades inerentes de produção de bem-aventurança. Contentamento, alegria sempre nova, onisciência, onipotência e onipresença não são qualidades adquiridas, mas são parte integrante da alma. Conseqüentemente, o devoto que está absorto nessas qualidades da alma está desfrutando de uma felicidade real e duradoura pertencente ao seu próprio Eu verdadeiro.

Assim como há uma diferença entre o contentamento auto-nascido da mente e a felicidade que surge do estímulo externo de contemplar um amigo querido há muito perdido, assim também a bem-aventurança da meditação é auto-nascida, enquanto o prazer do ego por uma sensação é devido à identificação com os sentidos corporais.

Tirar a mente dos sentidos através da meditação é destruir o ego físico e as tendências do hábito, os venerados patriarcas do estado de ignorância ilusória, a fim de recuperar a verdadeira alegria auto-nascida na alma.5

Versículo 6

na caitad vidmaḥ kataran no garīyo yad vā jayema yadi vā no
jayeyuḥ yān eva hatvā na jijīviṣāmas te ’vasthitāḥ pramukhe
dhārtarāṣṭrāḥ

Mal consigo decidir qual fim seria melhor: que eles nos conquistassem? ou que devemos conquistá-los? Confrontando-nos estão os filhos de Dhritarashtra – aqueles cuja morte tornaria a nossa vida indesejável!

O devoto pensa: “Não conheço o padrão correto de decisão – será melhor, para o bem da minha felicidade, render-me aos sentidos? ou conquistá-los pela discriminação da alma? Destruir os filhos-desejos da mente não deixará nada pelo que viver.”

As pessoas do mundo condenam a renúncia aos sentidos como um método de tortura – sem perceber que a sua escravidão aos sentidos é insuportável para as qualidades da alma! Mesmo o devoto resoluto que busca a alegria da alma se cansa de vez em quando da necessária autodisciplina constante. Mas disciplinar os sentidos é essencial para o bem-estar em todas as camadas da vida. Como servos da alma, os sentidos devem ser treinados sempre para agradá-la. Quando a sabedoria da alma é dominada pelos caprichos dos sentidos guiados pelos impulsos e cegos pelos hábitos, o resultado desta anarquia é a miséria.

Embora os sentidos clamem em uníssono: “Agrade-nos, e não importa a alma!” o homem, no entanto, vê-se incapaz de satisfazer as suas exigências cada vez maiores. A consciência sensorial, ativa desde o nascimento nos seres humanos, desde cedo estabelece seu domínio. Mesmo para o devoto avançado, a felicidade da alma parece exótica, enquanto as alegrias dos sentidos parecem familiares, indígenas. Mas por trás do clamor dos sentidos estão os apelos silenciosos da alma que exige bem-aventurança. A lei é: Quanto maior a falsa sensação de felicidade, mais fraca é a felicidade da alma.

A energia vital que flui externamente pelos nervos para os cinco sentidos torna as experiências sensoriais atraentes para o homem. Quando seu guru lhe pede para reverter esse fluxo de energia vital e retirar sua mente e energia dos sentidos, essa instrução parece ser bizarra, impraticável — e talvez até irracional! O homem geme: “Oh, de que adianta viver, se tenho que negar a mim mesmo as alegrias tangíveis das indulgências sensoriais?”

Somente um escravo dos sentidos acha torturante comer moderadamente, controlar os impulsos sexuais, abster-se de intoxicantes. Mesmo um homem mundano bem equilibrado, para não falar de um santo, sabe por experiência prática quão necessária para o bem-estar é a disciplina dos sentidos. O escravo dos sentidos come para satisfazer o paladar e acaba sendo vítima de uma doença. A alma incita o homem a disciplinar o paladar; depois de um curto período de demonstrações de dignidade indignada, o paladar não causa mais problemas! Como um bom servo, o paladar aprende a ficar satisfeito com as decisões salutares de seu senhor, a alma.

Os sentidos desconsideram a bem-aventurança da alma e tentam ser felizes tornando a alma miserável. A alma, por outro lado, não procura torturar os sentidos, mas relegá-los à sua verdadeira posição de servo do homem, e não de mestre.

VERSÍCULO 7

kārpaṇyadoṣopahatasvabhāvaḥ pṛcchāmi tvāṁ
dharmasaṁmūḍhacetāḥ
yacchreyaḥ syān niścitaṁ brūhi tan me śiṣyas te 'haṁ śādhi māṁ
tvāṁ prapannam

Com minha natureza interior ofuscada por fraca simpatia e piedade, com uma mente confusa em relação ao dever, imploro-Te que me aconselhe qual é o melhor caminho a seguir. Eu sou Teu discípulo. Ensina-me, cujo refúgio está em Ti.

“Pensamentos fracos de comiseração com os sentidos dominaram tanto minha verdadeira natureza que não sei se meu dever consiste em levar uma existência autocontrolada, destruindo meus parentes dos sentidos, ou em tornar os sentidos felizes. Imploro ao Espírito dentro de mim que me diga de forma decisiva, um indivíduo confuso com os deveres, o que é para o meu bem maior. Ó Senhor! Eu sou Teu shishya (discípulo), refugiando-me em Ti!”

O devoto, depois de defender egoisticamente a causa dos sentidos, finalmente fica cheio de remorso e reconhece sua inépcia. Ele se prostra em humilde rendição diante de seu Eu interior (ou diante de seu guru-preceptor, se ele tiver um), demonstrando assim tanto sua necessidade quanto seu desejo sincero de orientação divina. O devoto sente que, embora seja naturalmente atraído pelos seus parentes sensoriais, ainda assim é intuitivamente devotado aos vislumbres de paz da alma que sentiu durante a meditação profunda.

Às vezes, agarrando-se às memórias dos confortos dos sentidos e às vezes inclinando-se para a bem-aventurança da alma, ele atinge o ato supremo de renunciar à autodeterminação defeituosa em favor da sabedoria impecável. Neste estado o devoto torna-se aberto ou receptivo ao seu Eu Interior e ao seu guia espiritual na terra, o primeiro estágio de obediência aos princípios mais elevados. Ao sintonizar-se com as instruções do Espírito Invisível interior (através da intuição da alma) e ao seguir fielmente o conselho de seu guru, o devoto pode sair de suas complicações mentais.

❖

O propósito e o valor de um verdadeiro guru

❖

No estado primário de meditação, a voz do Silêncio Interior carece de clareza; portanto, o conselho de um guru espiritual é altamente desejável. Ele dá ao discípulo uma sadhana, aquelas orientações e práticas pelas quais o devoto é conduzido infalivelmente. O devoto deve ouvir atentamente o guru, aprendendo com ele as verdades profundas do desenvolvimento da alma. É fácil interpretar mal a Voz Interior ou agir contra ela, mas não existe tal desculpa para não atender aos conselhos e advertências definidos de um verdadeiro guru.

Mesmo na vida de eremitério, muitos noviços espirituais são atormentados por fraquezas interiores e dúvidas mentais. Eles passam por uma espécie de cabo de guerra psicológico entre o bem e o mal. O mal pode parecer atraente e o bem, secamente, pouco atraente. Nesse momento, o aluno em dúvida se joga aos pés de seu preceptor e diz: “Mestre, não sei o caminho. Você, quem sabe, deve me instruir, seu discípulo.”

O devoto avançado que tem uma atitude penitente e de total rendição

para com Deus, e que medita profunda e persistentemente, sentirá gradual e intuitivamente a resposta do Silêncio Interior.

Enquanto o egoísmo inflar o devoto, ele poderá cultivar um falso orgulho de sua própria força. “Eu mesmo ganharei o céu!” ele pode pensar. “Eu escravizarei o próprio Deus pela minha meditação!”

Para o orgulhoso, a mais elevada realização espiritual não resulta. Somente no vale da humildade interior as torrentes da misericórdia divina vêm e permanecem.

Na Índia, os mestres ensinam apenas discípulos extremamente dispostos e abnegados. Não há mimos ou persuasão dos “membros da igreja” – não há falta de disciplina administrativa quando a disciplina é necessária! O verdadeiro mestre não está de olho na riqueza dos seus discípulos; portanto, ele fala livremente para o bem deles e não tem medo de que eles “saiam” se forem admoestados.

Portanto, esta estrofe do Gita ilustra como o devoto perplexo e cheio de dúvidas deve humildemente refugiar-se no conselho intransigente do Eu Interior e de seu guru-preceptor.

VERSÍCULO 8

na hi prapaśyāmi mamāpanudyād yac chokam ucchoṣaṇam
indriyāṇām
avāpya bhūmāvasapatnam ṛddhaṁ rājyaṁ surāṇām api
cādhipatyam

Não vejo nada que possa acabar com esta aflição interior que atormenta meus sentidos – nada! nem mesmo minha posse de um reinado próspero e incomparável sobre esta terra e senhorio sobre as divindades do céu!

“Não consigo ver nada na minha visão espiritual que me permita libertar-me desta assombrosa aflição mental do apego ao prazer sensorial; atinge os órgãos dos sentidos e os estimula a uma atividade incessante. Sinto que mesmo que eu ganhasse uma realeza próspera e livre de adversários sobre

esta terra (o corpo) e o domínio das forças sutis inerentes à vida (as 'divindades', ou poderes astrais celestiais que animam o corpo), ainda assim eu não iria livrar-se do apego aos sentidos e não poderia, sem uma tristeza devastadora, sequer pensar em renunciar aos seus prazeres.

Na estrofe anterior, o devoto expressou seu desejo e necessidade de orientação divina. Ele continua enfatizando seu sentimento de estar irremediavelmente preso ao apego aos sentidos, não vendo nenhuma maneira de se livrar deles. Ele está dizendo, na verdade: “Isso não pode ser feito! Mesmo que eu possua um reino corporal que não tenha inimigos e seja próspero com saúde e bem-estar, ainda estarei apegado aos sentidos; pois sem eles, tal reino “perfeito” seria virtualmente inanimado, desprovido de percepção e expressão. Enquanto eu habitar no corpo, terei que me comunicar e experimentar através dos sentidos. Eu continuaria assim a depender deles e, assim, a desfrutar do prazer que eles proporcionam. Por que, então, tenho que travar uma batalha contra estes, meus queridos parentes e amigos que me apoiam?”

A “terra” representa o corpo perecível; sua “prosperidade” é saúde, bem-estar e felicidade como resultado da libertação de seus três problemas básicos. Estes três males ou rivais internos do bem-estar do reino corporal são os seguintes:

(1) Forças vitais internas sutis prejudicadas, causando devastações e distúrbios corporais na forma de resfriados e distúrbios do calor corporal, da respiração e da ação pancreática (digestão).

❖

Libertação tripla das adversidades corporais

❖

(2) Carma ruim, ou influências de ações erradas do passado. A menos que essas sementes de ação alojadas no cérebro sejam torradas pelo fogo da sabedoria, será difícil colher os frutos desejados da ação recém-iniciada. Por exemplo, se alguém tem uma tendência cármica para a fraqueza física, herdada de uma vida passada em que desobedeceu às leis de saúde, e se esforça pela saúde nesta vida, poderá não obter resultados suficientes das suas acções actuais para produzir uma vida saudável.

condição, a menos que ele também destrua as sementes cármicas pré-natais de tendências prejudiciais à saúde.

(3) Samskaras de identificação corporal e apego sensorial - inclinações compulsivas de hábitos passados de ilusão de limitação corporal e de tendências malignas de apego sensorial que criam desejos insaciáveis que queimam os instrumentos corporais, destroem a paz e causam miséria indescritível ao alma.

A libertação tripla destes adversários corporais significa libertar o corpo da doença, da susceptibilidade às irritações dos opostos universais – calor e frio e assim por diante – e da devastação da velhice; condicionar a mente a manter a consciência da saúde e de outros atributos perfeitos da alma, fazendo assim com que o corpo sinta um vigor sempre crescente e realizador de juventude mental; e libertar o corpo da escravidão aos samskaras de limitações corporais e apegos sensoriais, e da consciência da morte, contemplando a forma corpórea como um sonho de Deus, uma sombra do Eu imortal residente, a alma.

Quando o corpo é purificado das três perturbações, ele é considerado “livre de rivais” ou inimigos. Este estado desejável é alcançado apenas pela prática do yoga óctuplo (incorporando as prescrições e proscrições de autodisciplina; postura; domínio da energia vital ou pranayama; interiorização mental; concentração e meditação; e êxtase).

Através do yoga, o corpo torna-se maduro com sabedoria e poder espiritual, e invulnerável a doenças físicas através do controle do iogue sobre as vibrações atômicas, adquiridas pelo contato na meditação com a vibração cósmica de Aum, a fonte de todos os poderes da vida. Este estado é conhecido como “obter prosperidade espiritual na terra”.

Esta estrofe retrata a profundidade do apego material em que o devoto está mergulhado, a ponto de estar pronto para abandonar os esforços que lhe assegurariam um corpo permeado de sabedoria e livre de doenças. Preferindo ações instigadas pelos sentidos na busca da saúde e do bem-estar, ele ignora a sabedoria de adquirir o poder de controlar os átomos do corpo e a própria vida, um poder pelo qual o homem pode compreender o

corpo como uma sombra onírica do sempre perfeito e imortal. alma.

No estado mentalmente depravado, o devoto inclina-se para o seu amor pelos prazeres dos sentidos a tal ponto que está disposto a renunciar até mesmo à ideia de alcançar a bem-aventurança divina. Quando uma coisa boa é abominada e uma coisa má é desejada, o homem que possui tais pensamentos fica num estado perigoso; é muito provável que ele mergulhe nas indulgências materiais, alheio a todas as aspirações libertadoras. A menos que esse estado seja rapidamente removido pela meditação mais profunda, o devoto certamente cairá em desgraça e se perderá na ilusão.

VERSÍCULO 9

saṁjaya uvāca
evam uktvā hṛṣīkeśaṁ guḍākeśaḥ paraṁtapaḥ
na yotsya iti govindam uktvā tūṣṇīṁ babhūva ha

Sanjaya disse (para Dhritarashtra):
Tendo assim se dirigido a Hrishikesha (Krishna), Gudakesha-Parantapa (Arjuna) declarou a Govinda (Krishna): "Eu não lutarei!"; então permaneceu em silêncio.6

Esta estrofe revela um estado psicológico peculiar no qual o devoto está suficientemente desenvolvido para contemplar o Espírito como o Senhor dos Sentidos, e está suficientemente avançado para ser chamado de "Conquistador da Ignorância" e "o Atormentador dos Inimigos dos Sentidos através do Fogo do Autocontrole" – ainda não atingiu uma determinação inabalável de subjugar os sentidos. Ele permanece mentalmente inativo, sem avançar espiritualmente nem retroceder.

Todas essas experiências são reveladas pela introspecção (Sanjaya) à mente inclinada aos sentidos e cega à sabedoria (Dhritarashtra). Quando o devoto se torna espiritualmente cego, a mente inclinada aos sentidos fica encantada, esperando uma fácil recaptura do devoto dos soldados do autocontrole. Mas a introspecção também revela à mente cega que se regozija prematuramente que a queda do devoto pode ser apenas

temporária. A discriminação introspectiva lembra à mente cega que, embora o devoto permaneça inativo no momento, indeciso se meditará ou não, ainda assim ele já provou ser um potencial "conquistador da ignorância" e um habitual "destruidor dos sentidos por o fogo do autocontrole."

Neste estágio o devoto contempla a glória do Espírito como o Sustentador do corpo, dos sentidos e do cosmos; contudo, devido à atração subconsciente dos maus hábitos, ele não está totalmente desperto para a ação. O devoto percebe que é um conquistador da ignorância e tem a capacidade de destruir com autocontrole7 suas inclinações sensoriais – mas sente pena de seus hábitos outrora queridos, que se transformaram em inimigos quando ele se tornou espiritualmente inclinado. Incapaz de decidir, e encontrando a atração entre a virtude e o vício de igual força, ele permanece sem maiores esforços de meditação, dizendo interiormente: "Ó Deus do Universo! Não passarei pela lamentável tarefa deste massacre!"

VERSÍCULO 10

tam uvāca hṛṣīkeśaḥ prahasann iva bhārata
senayor ubhayor madhye viṣīdantam idaṁ vacaḥ

Ó Bharata (Dhritarashtra), para aquele que estava lamentando entre os dois exércitos, o Senhor dos Sentidos (Krishna), como se estivesse sorrindo, falou da seguinte maneira:

O devoto avançado – que se encontrou numa posição intransponível entre os soldados dos sentidos do ego e os guerreiros discriminativos da alma, que lamenta a necessidade de renunciar aos hábitos dos sentidos e que, portanto, tornou-se indeciso e inativo, entregando-se passivamente ao Infinito - contempla o Espírito, veio dissipar a escuridão da dúvida com a luz suave de Seu sorriso e Sua voz de sabedoria ouvida por meio da intuição.

Aqueles devotos que, durante a invasão da dúvida, se entregam completamente ao Espírito em silêncio interior e submissão são capazes de perceber a indescritível e purificadora Luz de Deus brincando no

firmamento de sua percepção interior. Quando a mente permanece neutra enquanto contempla os dois exércitos opostos do autocontrole e da tentação sensorial, ela se sente triste e desanimada; mas aquele devoto que oferece resignação absoluta à Vontade Divina ouve a voz do Espírito falar com ele através dos sussurros maravilhosamente estranhos de sua intuição.

Somente os devotos que levaram uma vida espiritual limpa (alimentação adequada, comportamento correto e meditação profunda), e assim alcançaram avanço, são afortunados o suficiente para contemplar o "sorriso" do Espírito e ouvir Sua voz de sabedoria. Mesmo que tal devoto não esteja avançando temporariamente, se ele se entregar completamente a Deus, e elevar sua consciência dos sentidos e focalizá-la em Kutastha (Krishna ou centro Crístico), ele ouvirá as vibrações etéricas instrutivas do Espírito – os sons secretos de vibrações emancipadoras. No estado elevado de consciência de Krishna ou de Cristo, o devoto realmente ouve a voz do Espírito vibrando em palavras inteligíveis e instrutivas na expansão etérica de sua mente. Assim como a consciência sussurra palavras silenciosas de conselho, o Espírito vibra palavras de conselho para a mente do iogue. (É por isso que os Vedas, as Escrituras da Sabedoria, são chamados de shruti – "aquilo que foi ouvido".)

Os sussurros da mente são diferentes dos sussurros da consciência; e diferente de ambos é a Voz do Espírito. A voz mental nada mais é do que as vibrações de uma mente sensorial indecisa. A voz da consciência é a da discriminação e da sabedoria interior. Mas a Voz de Deus, da qual surgem as profecias, é a Presença de uma Intuição Infalível.

Com Arjuna deleitando-se assim no sorriso iluminador do Espírito e sintonizado com a Voz Divina interior, o sublime discurso espiritual de Bhagavan Krishna para Arjuna (o Senhor para o devoto) começa a se desdobrar completamente - "A Canção do Espírito" que nos 700 versos do Gita abrange a essência dos pesados quatro Vedas, dos 108 Upanishads e dos seis sistemas da filosofia hindu – uma mensagem universal para o consolo e a emancipação de toda a humanidade.

A Natureza Eterna e Transcendental da Alma

Versículo 11

śrībhagavan uvāka
aśocyān anvaśocas tvaṁ prajñāvādāṁś ca bhāṣase
gatāsūn agatāsūṁś ca nānuśocanti panṇḍitāḥ

O Bendito Senhor disse:

Você tem lamentado por aqueles que não merecem suas lamentações! No entanto, você pronuncia palavras de tradição. Os verdadeiramente sábios não choram nem pelos que estão vivos nem pelos que já faleceram.

"Seu coração está derramando lágrimas de sangue por aqueles cuja morte não merece tristeza! Você justifica sua tristeza com argumentos da tradição milenar. Mas os verdadeiramente sábios, dotados de conhecimento celestial, não permitem que o seu discernimento seja maculado pela terrível ilusão de ver como realidade a inquietação chamada vida, e o sono aparentemente interminável na escuridão da sepultura, chamado morte."

Falar como o sábio e comportar-se como o ignorante: não é contraditório? O devoto sob a influência da ilusão experimenta o estado em que pode proferir palavras de sabedoria mesmo quando age como um simplório! Os novatos iogues podem falar como se estivessem calmos com sabedoria, quando na realidade são motivados pela inquietação. Entre as palavras de tal pessoa e o que ela é, existe um abismo intransponível. Não se deve ser hipócrita em nada. Deveria haver uma conexão de igualdade entre a vida de uma pessoa e a expressão dos seus pensamentos.

Um devoto que esteja disposto a renunciar às elevadas alegrias do reino da alma em vez de destruir os amados inimigos dos sentidos, pode assumir a aparência de um homem de sabedoria e renúncia. Seu estado é antes de desânimo e "pés frios"! A fraqueza mental nunca é sabedoria, mas um sinal

de profundo apego subconsciente ao ego e aos seus prazeres ilusórios. Aquele que não consegue permanecer firme em um comportamento justo diante de um teste do Todo-Poderoso perde o direito de falar como um homem sábio.

E o que dizer das muitas pessoas no mundo que, embora pronunciem palavras de sabedoria, estão mergulhadas numa miséria inconveniente e em preocupações que elas próprias criaram? Por uma ninharia – se eles perderem o café da manhã, o almoço ou o jantar – sua calma fica estressada. O teste da sabedoria do homem é a sua equanimidade. Pequenas pedras que são atiradas no lago da consciência não devem causar comoção em todo o lago.

A moral aqui é que é preciso abandonar o estado mental de desempenhar os papéis de Jekyll-and-Hyde, de falar como os sábios e agir como os ignorantes. Esta dualidade deve ser evitada agindo com sabedoria e falando como os sábios. O devoto iluminado sincroniza suas ações com suas declarações e segue os bons conselhos que muitas vezes dá aos outros!

❖
Esteja ancorado no Imutável
❖

Para abandonar a vida dupla ignorante, o devoto não deve ser agitado pelas mudanças inquietas da vida nem temer a calma momentânea da chamada morte (suspensão da atividade física). Isto é o que significa o luto sábio, nem pelos vivos nem pelos mortos. Os sábios não se entregam à tristeza por coisas que são inevitavelmente mutáveis e evanescentes. Aqueles que sempre choram e reclamam que a vida está cheia de coisas amargas revelam a estreiteza da sua mente. Na consciência de Deus, todas as coisas mundanas são insignificantes, porque não são eternas. As mudanças angustiantes na vida e na morte parecem reais por causa do sentimento de posse do homem – “meu corpo, minha família, minhas aquisições”. Este é o mundo de Deus; a morte nos lembra que nada nos pertence, exceto o que somos como almas. Estar identificado com o corpo e seu entorno é enfrentar repetidamente o inesperado – as mudanças terríveis que nos curvam em submissão involuntária.

A dança da vida e a dança macabra devem ser percebidas de forma

imutável, imóvel e inabalável, a partir da ancoragem segura da consciência da alma. O devoto inquieto só fala como alguém firmemente ancorado no Espírito. Mas aqueles devotos resolutos que praticam profundamente a técnica de concentração do yoga ficam fascinados pelo estado supremo e imutável do Espírito. Eles dominam a inquietação que é sinônimo de vida mortal e experimentam conscientemente a completa calma, ou silêncio, que acompanha a liberdade da identificação com o corpo.8 Quando tal devoto atinge esse estado imutável de perfeição, ele testemunha todas as mudanças da vida e da morte. sem ser movido por eles. A identificação com as ondas de mudanças leva à miséria, pois viver e encontrar prazer no mutável é estar separado do Eterno. Os sábios, portanto, não são abalados pelos altos e baixos das ondas de felicidade e miséria. Eles mergulham profundamente no Oceano Espiritual da Bem-aventurança, evitando as tempestades da ilusão, as ondas de mudança que assolam a superfície da consciência humana.

O estado de calma constante (neutralização de pensamentos inquietos) é alcançado pela prática contínua da meditação e pela manutenção da atenção fixa no ponto entre as sobrancelhas. Neste estado de calma, o homem testemunha os pensamentos e emoções e o seu funcionamento sem ser perturbado de forma alguma, refletindo em sua consciência apenas a imagem imutável do Espírito.

Aqueles que olham para a superfície do mar devem contemplar o nascimento e a morte das ondas, mas aqueles que procuram as profundezas do oceano contemplam uma massa indivisível de água. Da mesma forma, aqueles que reconhecem a “vida” e a “morte” são abalados pela tristeza, enquanto aqueles que vivem na superconsciência ilimitada contemplam e sentem a Única Bem-aventurança Inefável.

As experiências contrastantes da terra dos sonhos são truques de uma consciência. Durante o estado de sonho consciente, o homem contempla suas mudanças dolorosas e prazerosas com uma parte de sua mente subconsciente; com outra parte ele se vê como o sonhador que testemunha o sonho. Da mesma forma, o homem sábio, em seu Eu interior, percebe o Espírito Uno Não Diluído como o Sonhador deste sonho cósmico, à parte

da excitação do cosmos onírico; em sua consciência exterior, ele aprende a testemunhar a grandiosidade da morte e todas as experiências tristes e alegres da vida como nada além de eventos contrários na terra dos sonhos cósmicos de Deus. A obtenção da unidade com Deus na consciência cósmica confere a percepção final na qual todas as diferenças da vida onírica se fundem em uma Alegria Eterna.

Esqueça o passado, pois ele desapareceu do seu domínio! Esqueça o futuro, pois ele está além do seu alcance! Controle o presente! Viva extremamente bem agora! Isso irá encobrir o passado sombrio e obrigar o futuro a ser brilhante! Este é o caminho dos sábios.

VERSÍCULO 12

na tvevāhaṁ jātu nasaṁ na tvaṁ neme janādhipāḥ
na caiva na bhaviṣyāmaḥ sarve vayam ataḥ param

Não é que eu nunca tenha encarnado; nem você, nem esses outros membros da realeza! E nunca em todo o futuro algum de nós deixará de existir!

Já floresci antes no jardim da vida,
Assim como agora!
Você e todos esses membros da realeza — aqui mais uma vez! —
Floresceu perfumada em vidas há muito perdidas.
Todas as árvores estéreis de vidas futuras
Podemos escolher adornar novamente
Com botões de nossas almas reencarnadas!
Antigamente vivíamos em uma forma sem forma
Na eternidade do Espírito,
E para lá iremos novamente!

No reino transitório do tempo e do espaço, há constante mudança, ou cessação, na forma e na expressão; mas a essência destas mudanças perdura. Eterna é a alma do homem (o verdadeiro Eu) e a alma do universo (Kutastha Chaitanya, o Krishna ou Consciência Crística) - as expressões “tu

e eu” do Espírito. Permanentes também são os princípios da Natureza, os espíritos essenciais do ser ou da manifestação - “esses outros seres reais”. De uma forma ou de outra, tudo o que é e foi, sempre será. (Este conceito é desenvolvido mais detalhadamente em II:16.)

❖

Passado, futuro e o Eterno Agora

❖

Um mortal tem a consciência da dualidade, que aparentemente separa o “presente” tanto do “passado” quanto do “futuro”. Através da operação da lei da relatividade ou dualidade que é estruturalmente inerente à criação fenomênica, um homem mortal, num corpo particular, está convencido de que está vivendo apenas “agora” – como essencialmente distinto de uma vida no passado ou no passado. o futuro. Ele está circunscrito pela experiência de que ele e todos os seus contemporâneos vivem apenas “agora”.

A verdade é que o homem vive num “Eterno Agora”. O devoto emancipado realiza corretamente o Eterno Agora através de sua onipresente consciência de Deus; o homem mortal experimenta o Eterno Agora através de uma série pontuada de vidas, cujos cenários, alternadamente, são o mundo físico e o mundo astral.

Não apenas o homem existiu de alguma forma desde um passado indeterminado, mas, enquanto ele for ignorantemente identificado com seu corpo (seja o corpo físico grosseiro ou o corpo astral sutil), ele continuará, ao longo de um futuro indefinido, a reabitar novos seres vivos. corpos.

“Reencarnação” significa não apenas uma mudança de residência da alma de um corpo para outro, mas também uma mudança na expressão composta do ego de um estado de consciência para outro estado de consciência dentro de uma vida. Um homem de cinquenta anos, por exemplo, poderia fazer uma introspecção e dizer a si mesmo e à sua consciência atual (ou seja, “você e eu”) e a outros pensamentos nobres (os “reais”) que ele já existia antes nos estados de infância, juventude, maturidade e assim por diante; e que, se o seu corpo viver por mais algumas décadas, ele continuará a existir em outros estados no futuro. Neste sentido, pode-se viver muitas vidas num período de vida – simultaneamente

consciente de todas as diferentes vidas (ou hábitos de vida) abrangidas por essa única encarnação, sem a imposição do esquecimento da morte interveniente.

A alma (ou Krishna, o preceptor de Arjuna), possuindo consciência cósmica (a consciência sempre desperta, ininterrupta pela morte), poderia perceber todas as estrelas de sua série de reencarnações enquanto brilhavam no firmamento da consciência do "Eterno Agora".

Krishna, portanto, aponta para Arjuna que todos os mortais que parecem "agora" ser indivíduos separados (ele mesmo e seus contemporâneos) são meras expressões de causa e efeito, em forma corporal, de desejos transportados pelo ego do passado (anteriormente). vidas); e que todos os novos desejos engendrados "agora" pelo ego seriam obrigados a encontrar expressão através de novos corpos no futuro. Krishna, o Espírito, pede ao devoto que se eleve acima da lei da causalidade e dos desejos mortais, que acorrentam o homem a uma série de encarnações inerentemente dolorosas, e que se estabeleça, em vez disso, na liberdade eterna de sua alma imortal.

VERSÍCULO 13

dehino'smin yathā dehe kaumāraṁ yauvanaṁ jarā
tathā dehāntaraprāptir dhīras tatra na muhyati

Assim como no corpo o Eu encarnado passa pela infância, juventude e velhice, o mesmo ocorre com sua passagem para outro corpo; os sábios não ficam perturbados com isso.

O ego está continuamente consciente de si mesmo na infância, na juventude e na velhice; a alma encarnada é ininterruptamente consciente, não apenas na infância, na adolescência e na velhice, mas também de sua série de "vidas" e "mortes" – as alternâncias do ego entre os mundos físico e astral. A alma percebe todas as bolhas de estados de consciência flutuando no rio do tempo passado-presente-futuro.

O homem comum, sem romper seu senso de "eu-ismo" ou consciência do ego, gradualmente percebe os estados da infância, da juventude e da

velhice; um sábio percebe a série de vidas e mortes como experiências diferentes em uma consciência ininterrupta de percepção da alma.

Um mortal não experimenta uma continuidade de consciência pré-natal e pós-morte; ele, portanto, vê o passado como sombrio e o futuro como desconhecido. Mas um devoto que medita muda sua consciência das mudanças do nascimento e da morte para o Ser Imutável em cujo seio todas as mudanças dançam. Ele contempla todas as mudanças pré-natais, pós-natais e post-mortem sem ser emocionalmente afetado por elas. Este desapego assegura ao devoto uma felicidade eterna e imutável. Aqueles que estão absortos na mudança esperam ilusoriamente a felicidade permanente do mutável mundo dos sentidos.

Os sábios não esperam colher felicidade eterna de amigos, familiares queridos ou bens preciosos! As formas dos entes queridos são arrebatadas pela morte. Os objetos materiais tornam-se sem sentido quando nos acostumamos com eles; ou quando, na velhice, os sentidos ficam insatisfeitos, impotentes. Concentre-se no Espírito imortal através da meditação e encontre ali uma colheita de paz eterna e sempre nova!

VERSÍCULO 14

mātrāsparśās tu kaunteya śītoṣṇasukhaduḥkhadāḥ
agamāpayino ‘nityās tāṁs titikṣasva bhārata

Ó Filho de Kunti (Arjuna), as ideias de calor e frio, prazer e dor, são produzidas pelos contatos dos sentidos com seus objetos. Tais ideias são limitadas por um começo e um fim. Eles são transitórios, ó Descendente de Bharata (Arjuna); suporte-os com paciência!

“Quando os sentidos frágeis se associam desenfreadamente com objetos sensoriais, uma multidão heterogênea de dor e prazer, de calor e frio, dança descontroladamente pelo templo da vida. As dualidades individuais nessas multidões problemáticas festejam ou suspiram por um tempo, e então finalmente morrem, deixando vestígios de confusão no santuário da alma.

Não os tema, por mais fortes e perduráveis que pareçam; eles vêm e vão, como bolhas no mar do tempo. Ignore-os ou suporte-os com um coração corajoso e alegre e uma mente equilibrada!

"Ó devoto, como você é filho de Kunti, nascido da natureza, esforçando-se para invocar o poder da renúncia e do ardor divino, a qualidade feminina do sentimento ainda domina a sua consciência, tornando-a suscetível às dualidades. Mas dentro de você, aguardando a excitação divina, está o poder masculino positivo da consciência cósmica, sua herança ancestral como descendente de Bharata (Espírito) – sua verdadeira masculinidade de equilíbrio e transcendência invencíveis."

❖

Como os sentimentos e reações do homem surgem das sensações

❖

Os órgãos dos sentidos são reativamente sensíveis; sua natureza é responder de forma prazerosa ou dolorosa aos estímulos. Eles foram condicionados a ter gostos e desgostos fortes; assim, gostar produz prazer e não gostar causa repulsa ou dor. As impressões sensoriais fluem através do túnel de delicados pontos nervosos, usando a força vital e a mente como rios para transportá-las. Quando objetos materiais bons e ruins, ou quentes e frios, entram em contato com os órgãos dos sentidos sensíveis, o resultado é prazer e dor, ou calor e frio. Essas sensações resultantes são transitórias, instáveis, evanescentes. Eles vêm e vão; o homem deve suportá-los com paciência, com equilíbrio mental (titiksha).

Um corpo escravizado pelo ambiente é um problema constante para a mente, mantendo em cativeiro as faculdades mentais potencialmente todo-poderosas. No mundo ocidental, a tendência geral é concentrar-se na remoção das causas externas de desconforto. Compre um casaco quente e aconchegante se estiver com frio! Instale um sistema de aquecimento – mesmo que você precise pedir dinheiro emprestado! Se o clima for quente, instale um aparelho de ar condicionado! E assim por diante.

Os mestres orientais admiram a engenhosidade e o gênio inventivo ocidentais. Eles ensinam, no entanto, que embora o homem deva adotar medidas razoáveis para superar o desconforto externo, ele também deve desenvolver um estado de "acima" interior. Ele não deve permitir que sua

mente seja afetada negativamente pelas sensações.

O homem experimenta as sensações como os sentimentos produzidos pelo contato dos sentidos com a matéria. Uma sensação ou sentimento de primeiro fluxo produzido na mente é elaborado inicialmente como uma percepção. É então expandido em concepção pela ação da inteligência. E, por último, a concepção transforma-se em sentimento, a faculdade que julga a experiência em termos de dor ou prazer do corpo, tristeza ou felicidade da mente, de acordo com atitudes habituais de gostos e desgostos. Portanto, ensinam os mestres, se o sentimento puder ser neutralizado - tornado impermeável às dualidades transitórias de calor e frio, prazer e dor - então todas as experiências serão meramente cognitivamente conhecidas, ideias a serem postas em prática de forma adequada.

Uma pedra em contato com um bloco de gelo fica fria. Um homem segurando um pedaço de gelo sente frio. Em ambos os casos a pedra e a mão humana ficam frias, mas as reações são diferentes. Não há dúvida de que existem objetos quentes e frios, e que produzem sensações de calor e frio num corpo dotado de sensibilidade; é óbvio, porém, que a pedra, diferentemente da mão humana, não possui órgãos internos de resposta a estímulos externos.

O gelo na mão de um homem é transmitido ao cérebro, através dos nervos sensoriais e da força vital, como uma sensação. A mente reage através da percepção e reconhece a sensação como “frio”. O sentimento pré-condicionado interpreta então a sensação como prazerosa ou desagradável, e o corpo responde de acordo. A frieza da carne é material, a sensação ou percepção de frio é puramente mental. Todas as experiências de frio e calor, para serem conhecidas como tais, devem primeiro ser convertidas em percepções mentais. Um homem cloroformado não sente sensação de frio quando um pedaço de gelo é colocado em sua mão. Em suma, a mente é o único poder para reconhecer qualquer sensação corporal.

As sensações são poderosas ou impotentes, dependendo se a mente está ou não impressionada por elas. Impressões contínuas de sensações de frio ou calor gradualmente acostumam a mente a elas, com o resultado de que cada vez menos sensações de frio ou calor são percebidas. Esta é a razão

pela qual a mente do homem se aclimata aos extremos do clima frio ou tórrido. Uma mente forte e controlada pode ignorar estímulos externos, pois nenhuma sensação sensorial pode ser percebida pelo homem sem a aceitação e resposta da sua mente.

Assim, os sábios orientais dizem que as influências do frio e do calor, ou sensações prazerosas e dolorosas, produzidas no corpo através do contato dos objetos com os órgãos dos sentidos, podem ser neutralizadas se o homem puder enfrentá-las com um estado mental insensível. Esta vitória mental sobre, ou "acima" da invasão de sensações temporárias, leva ao autodomínio, ao conhecimento final de que os objetos materiais ou estímulos sensoriais não possuem poder inerente sobre o homem. Isto é o que Krishna está enfatizando nesta estrofe ao usar a palavra titiksha, "persistência com firmeza de espírito".

❖

Disciplina de Yoga para superar a escravidão dos sentidos

❖

O sistema de yoga de disciplina corporal e resistência não pretende ser um método de autotortura, mas um condicionamento mental necessário para diminuir os efeitos perturbadores das sensações, desenvolvendo o poder de resistência da mente. Titiksha não significa precipitação. Se o corpo estiver escravizado pelos sentidos e não espiritualizado, ele deve ser razoavelmente protegido de extremos prejudiciais, ao mesmo tempo que o disciplina mental e gradualmente para se elevar acima de sua escravidão. A satisfação contínua da sensibilidade enfraquece a mente, alimentando assim a dor e a irritação mental constante.

As respostas condicionadas da mente – através da percepção, cognição e sentimento – são em grande parte hereditárias, tendo sido legadas à humanidade pelos seus primeiros antepassados que caíram da sua natureza divina para a consciência ligada à matéria. Mas o grau de sensibilidade de cada pessoa, que determina o quanto ela está vinculada a esta herança, é de sua própria responsabilidade.

Através da ignorância, a mente do homem comum escolhe ser sensível e imaginar-se ferida através dos sentidos. O devoto, portanto, deve dar grande ênfase a uma "elevação mental acima" do frio e do calor, da dor e dos

prazeres temporários. Quando uma sensação de frio ou de calor invade o corpo, quando um prazer visita ou uma dor ataca, tenta dominar a mente do homem com a ideia de que a sensação tem um poder inerente de permanência. Ciente deste “truque”, o homem deveria tentar adotar uma atitude transcendental e indiferente em sua resposta às invasões de todas as sensações.

Quando um homem adota um estado de não excitação em relação às tristezas, um estado de desapego em relação à felicidade temporária, um estoicismo em relação às coisas irritantes que despertam medo, raiva e dor, sua mente atinge um estado de equilíbrio sereno.9

Versículo 15

yaṁ hi na vyathayantyete puruṣaṁ puruṣarṣabha
samaduḥkhasukhaṁ dhīraṁ so ’mṛtatvāya kalpate

Ó Flor entre os Homens (Arjuna)! aquele que não pode ser perturbado por estes (contatos dos sentidos com seus objetos), que está calmo e equilibrado durante a dor e o prazer, somente ele está apto para alcançar a eternidade!

“Aquele ser abençoado que permanece inalterado como a bigorna sob o golpe do martelo das provações, aquele que é equilibrado durante os dias nublados de inverno de dor e nos dias ensolarados de primavera de prazeres, aquele que calmamente absorve as provações em si mesmo enquanto o mar engole silenciosamente os rios , ele foi ordenado pelos deuses para alcançar o reino eterno!

O princípio básico da criação é a dualidade. Se alguém conhece o prazer, deve conhecer a dor. Aquele que conhece o calor deve conhecer também o frio. Se a criação tivesse manifestado apenas calor ou apenas frio, apenas tristeza ou apenas prazer, os seres humanos não seriam vítimas irritadas das brincadeiras da dualidade. Mas então, como seria a vida numa existência monótona? É necessário algum contraste; é a resposta do homem às dualidades que causa o seu problema. Enquanto alguém for servilmente

influenciado pelas dualidades, viverá sob o domínio do mutável mundo fenomênico.

❖

Gostos e desgostos são responsáveis pela escravidão da alma

❖

Os sentimentos egoístas do homem, expressos como gostos e desgostos, são inteiramente responsáveis pela escravidão da alma ao corpo e ao ambiente terreno. Sua inteligência cognitiva é um mero registrador de experiências, de forma desinteressada e acadêmica; registra os acontecimentos da morte de um ente querido ou do nascimento de um filho da mesma maneira honesta e prosaica. Enquanto a inteligência simplesmente informa a consciência humana sobre a perda de um amigo querido, o sentimento marca e classifica esta experiência como nitidamente dolorosa. Da mesma forma, o nascimento de um bebê, percebido por uma consciência humana interessada, é classificado pelo sentimento como uma experiência distintamente prazerosa.

Esses gêmeos psicológicos, sentimentos de prazer e tristeza do homem, têm um pai comum: nascem do desejo. O desejo realizado é prazer e o desejo contradito é dor ou tristeza. Eles são inseparáveis: assim como a noite segue inevitavelmente o dia enquanto a Terra gira em torno de seu eixo, o prazer e a dor giram em torno do eixo do desejo – um sempre alternando com o outro.

O desejo é produzido pelo contato indiscriminado com os objetos dos sentidos. Expressando-se como os gostos e desgostos do ego, o desejo infiltra-se na consciência de alguém que não está suficientemente atento para governar a reação dos seus sentimentos às suas diversas experiências no mundo. É uma condição que o ego impõe a si mesmo e, portanto, é prejudicial à imparcialidade do homem. Tudo o que tem origem no desejo é um elemento perturbador, pois os desejos são como pedras atiradas no calmo lago da consciência. O apego ao prazer ou a aversão à dor destroem o equilíbrio da natureza interior.

Reconhecendo a inseparabilidade dos opostos, os mestres da Índia consideram que mesmo os prazeres, sendo temporários, são arautos da dor. O prazer que surge como um breve fogo de palha para iluminar um coração

sombrio com uma mensagem de alegria e depois desaparece repentinamente apenas aprofunda a tristeza original. É por isso que o Gita ensina que a excitação dos prazeres deve ser evitada com a mesma avidez com que se procura evitar o desconforto da dor. Somente quando o sentimento é neutralizado em relação a ambos os opostos é que alguém se eleva acima de todo sofrimento. Na verdade, é muito difícil ferir um sábio sempre sorridente.

❖

Equidade: chave para a felicidade e a paz

❖

Para alcançar a superioridade mental, o homem deve praticar uma atitude neutra em relação a todas as mudanças terrenas. Muitas pessoas raciocinam: “Ah, bem! se eu cultivar uma atitude neutra, como poderei aproveitar a vida?” A resposta é uma questão de lógica. Embora desfrutemos do prazer após a dor, ainda assim não parece razoável que, para apreciarmos a saúde, devamos primeiro passar por acidentes e doenças! ou que, para desfrutarmos da paz, deveríamos primeiro experimentar um sofrimento mental excruciante! A amizade certamente pode existir entre duas pessoas sem que elas primeiro se entreguem à inimizade! A maneira mortal, portanto, de encarar a vida “como ela é”, de aceitar como inevitáveis as incursões periódicas de dor e prazer, não é a maneira correta de levar adiante esta existência mundana.

Os santos descobriram que a felicidade reside num estado mental constante de paz serena durante todas as experiências das dualidades terrenas. Uma mente mutável percebe uma criação mutável e é facilmente perturbada; a alma imutável e a mente serena, por outro lado, eis que, por trás das máscaras da mudança, o Espírito Eterno. O homem cuja mente é como um espelho oscilante vê toda a criação distorcida em ondas de mudança; mas o homem que mantém firme seu espelho mental não vê nele nada além dos reflexos da Unidade Única - Deus. Através da realização, e não da mera imaginação, ele vê que seu corpo e todas as coisas são a consciência condensada do Espírito. A mente, livre de excitação artificial, permanece centrada em seu estado nativo de paz interior e alegria da alma.

Quando a mente, através de um profundo desenvolvimento espiritual,

manifesta sua superioridade às sugestões nascidas da atividade externa dos sentidos, o iogue progressista, como Arjuna, descobre que antes de poder atingir o prometido estado de eternidade ele também deve neutralizar, pela meditação, os efeitos. da ação interna dos poderes sensoriais.

Quando, através de técnicas dadas pelo guru, o iogue retira sua atenção e força vital dos músculos e do coração, e navega seu barco de meditação sobre o rio da eletricidade espinhal, ele descobre (como Ulisses de antigamente) que as sereias do som, do tato, do olfato A visão, o paladar e a visão assumem muitas formas e tentam atraí-lo para águas perigosas. Se a mente for impressionada por essas sutis promessas sensoriais, o barco da alma da meditação entrará num redemoinho de ignorância. O devoto sincero, porém, descobre que esta atração dos sentidos não dura muito; logo passa. Estas "sirenes dos sentidos" são apenas os últimos vestígios de tendências pré-natais, há muito enraizadas no cérebro.

O devoto deve ignorar todos os impedimentos astrais e mentais e manter a mente fixa no ponto de luz luminosa no centro do olho espiritual, percebido entre as duas sobrancelhas durante a meditação profunda. O devoto alcança assim a terra celestial da permanência; nunca mais ele será jogado de volta em um redemoinho de reencarnações e miséria!

VERSÍCULO 16

nasato vidyate bhāvo nābhāvo vidyate satah
ubhayor api dṛṣṭo 'ntas tvanayos tattvadarśibhiḥ

Do irreal, não existe existência. Do real, não há inexistência. A verdade final de ambos é conhecida pelos homens de sabedoria.

Os sentidos dizem que a flor que nunca nasceu não exalou fragrância; coisas que nunca foram reais jamais foram inexistentes. Mas o jardim cresceu, pela sua fragrância, e as estrelas, pelo seu brilho no céu, proclamam a sua realidade. Os videntes da verdade, porém, sabem que todos eles são igualmente irreais; pois a rosa desaparecerá, e muitas estrelas distantes cujo brilho pontilha os céus há muito deixaram de existir. Algo

poderia se tornar nada? Os possuidores de sabedoria percebem como real apenas Aquilo que não muda - a Essência que se tornou a estrela e a ideia da flor na mente do poeta. Somente os sábios conhecem o mistério do real e do irreal.

O oceano pode existir sem as ondas, mas as ondas não podem manifestar-se sem o oceano. O oceano é a verdadeira substância; as ondas são apenas mudanças temporárias no oceano e, portanto, “irreais” (em si não têm existência independente). O oceano, em essência, não muda se está calmo ou agitado com ondas; mas as ondas mudam de forma – elas vêm e vão. A sua essência é a mudança e, portanto, a irrealidade.10

❖

Sat e Asat, Espírito e Natureza

❖

Diz-se que a Substância Eterna está dividida em duas – o Sat ou Espírito Imutável, e o Asat, a Natureza irreal ou em constante mudança, a Mãe Cósmica de vinte e quatro atributos.11

Existem duas maneiras de perceber a Substância: como o Espírito imutável e como a criação em constante mudança. Esses modos de percepção são chamados de anuloma (na direção correta) e viloma (virado na direção errada). Contemplar a Natureza (Espírito como matéria) é o modo viloma (ilusório), no qual a visão, sendo direcionada para fora através dos sentidos em direção aos “produtos finais”, percebe apenas as ondas da criação ilusória. Virar a percepção para dentro e, assim, ver das periferias externas da matéria para o ponto interno do Espírito, é o anuloma ou modo de visão da sabedoria. Através da percepção voltada para dentro, pode-se rastrear a causa de todas as atividades da criação. Quando a mente está fixada no Princípio Raiz Primordial de toda manifestação, percebe-se que a matéria grosseira é o resultado da mistura dos cinco elementos astrais sutis de terra, água, fogo, ar e éter; e que todos os elementos se fundem sucessivamente na Causa Última, ou Espírito.

Aqueles, portanto, que não olham para a matéria através dos sentidos, mas que olham através da matéria para o Espírito, conhecem realmente o mistério do irreal e do Real. O Real, inalterado por toda a eternidade, existe; o irreal, mutável, só existe relativamente. A substância existe; os fenômenos, que não podem existir sem a existência da Substância, não têm

existência separada.

O indivíduo comum considera a matéria como real (porque manifesta); ele ignora o Espírito como irreal (porque oculto). Essa ilusão o envolve em ignorância e sofrimento. O homem sábio afasta a aparência da criação ilusória e, percebendo a Realidade Eterna, fica permanentemente feliz.

Os sábios contemplam a maneira como as ondas da irrealidade surgem da Realidade e cobrem Sua unidade – assim como muitas ondas escondem a unidade inseparável do oceano. Por esta visão, os sábios fixam-se no Espírito imutável e ignoram as mudanças do chamado mundo prosaico. O conhecimento da Realidade não torna ninguém vago ou visionário, esquivando-se dos seus deveres! Pode-se dizer que o conhecedor da Realidade é uma pessoa sã em meio à loucura!

VERSÍCULO 17

avināśi tu tad viddhi yena sarvam idaṁ tatam
vināśam avyayasyāsya e algumas características

Conheça como imperecível Aquele por quem tudo foi manifestado e permeado. Ninguém tem poder para provocar a aniquilação deste Espírito Imutável.

A Vida Única que dá existência a todas as coisas temporais, formando-as a partir de Seu próprio Ser, é indestrutível, eterna. Embora todos os objetos mutáveis da criação se dissolvam, nada afeta a imutabilidade de Deus.

Quando uma casa de adobe é destruída por um terremoto, o barro não muda a sua natureza. Da mesma forma, quando esta casa cósmica de mudança é tocada pela dissolução, a sua essência permanece inalterada.

Assim como os elétrons, ou átomos de hidrogênio e oxigênio que compõem o vapor, a água e o gelo, são manifestações de diferentes taxas de vibração de uma energia primordial, também o homem, os animais, os mundos e todas as projeções da criação são formas mutáveis do Espírito Único. . Mesmo que os planetas fossem expulsos das suas órbitas, mesmo que toda a matéria se desfizesse até ao nada, não poderia haver nem um

pingo de espaço vazio – espaço vazio de Espírito. Formas de criação e o Grande Vazio – ambos são igualmente permeados pelo Espírito. Os reinos podem ruir, os oceanos evaporar e a terra transformar-se em vapor – ainda assim o Espírito permanece intocado, oculto e indestrutível.

Quando, através da meditação, o homem escolher identificar-se com o Espírito imutável, ele não será mais iludido e torturado pelo pandemônio da mudança.

VERSÍCULO 18

antavanta do dehā nityasyoktāḥ śarīriṇaḥ
anāśino ‘prameyasya tasmād yudhyasva bhārata

Consideradas como tendo um fim de existência são estas vestimentas carnais; imutável, imperecível e ilimitado é o Eu Interior. Com esta sabedoria, ó Descendente de Bharata (Arjuna), lute!

“O Morador Divino, o Sempre Jovem a quem os dedos da decadência não ousam tocar, Aquele cujo lar é a região sem fronteiras, Aquele que nunca pode ser invadido pela destruição – é ele quem usa muitos trajes de carne. Embora suas vestes corporais se deteriorem, ele mesmo é imperecível! Equipado com esta armadura de sabedoria, ó Arjuna, descendente do bravo Bharata! entre corajosamente na arena da batalha interior!”

O devoto, embora ainda lute contra a forte persuasão interior da ilusão – apegado ao corpo, com medo de abandonar os sentidos e a identificação com a consciência mortal – é um pássaro da eternidade trancado numa pequena gaiola. O homem, como águia da imortalidade, em casa no espaço eterno, não deve ter medo de se elevar acima do corpo do qual, em qualquer caso, será expulso ao chamado da Morte.

Krishna, portanto, diz a Arjuna: “Concentre-se em seu Eu Interior, a imagem do Espírito Eterno, que, como Ele, é imortal! Não tema lutar contra os sentidos e destruir o apego ao corpo! Isso, mais cedo ou mais tarde, você será obrigado a fazer!”

O pavor de perder o corpo muitas vezes invade até mesmo um devoto avançado quando a ilusória coesão entre corpo e alma o faz esquecer temporariamente que, sendo ele um Espírito imortal, seu corpo não faz parte dele.

O iogue almeja um domínio tão completo sobre o corpo que seus próprios átomos obedecerão ao seu comando, assim como Jesus e Kabir12 – e muitos outros mestres iluminados – foram capazes não apenas de abandonar o corpo à vontade, mas também de demonstrar sua natureza ilusória. ressuscitando-o após a morte ou desmaterializando-o em Espírito.

Mesmo numa guerra material de justiça, onde a protecção dos fracos é necessária, um soldado não deve ter medo de abandonar o seu corpo perecível. A virtude adquirida pelo sacrifício nunca se perde. Melhor uma morte de justiça do que a morte ignóbil comum! É mais louvável morrer pelo bem-estar geral do que expirar no confortável leito do egoísmo!

VERSÍCULO 19

ya enaṁ vetti hantāraṁ yaścainaṁ manyate hatam
ubhau tau na vijānīto nāyaṁ hanti na hanyate

Aquele que considera o Eu como o assassino; aquele que considera que pode ser morto: nenhum destes conhece a verdade. O Eu não mata nem é morto.

Sonha quem considera o Eu um matador sombrio. Embriagado de erros é aquele que pensa que a morte pode tocar o Ser. Nenhuma das visões é verdade. O Ser nunca poderia sujar as mãos da justiça com o sangue da matança; nem há nenhum poder pelo qual a alma possa ser morta!

Assim como o herói moribundo na tela de um filme não foi realmente morto, a alma do homem, desempenhando um papel no filme cósmico da vida, está sempre viva. A vítima e o assassino no drama cinematográfico são apenas duas formas de sombras elétricas. O vilão da tela e o vilão da Morte não matam ninguém!

O Eu imortal permanece intocado quando seu manto corporal é

destruído, assim como um homem não morre quando sua casa desmorona. Uma alma não pode matar outra alma – ambas são reflexos do Espírito imortal.

Esta filosofia profunda não deve ser mal utilizada por aqueles que podem pensar erroneamente: “Vamos matar os nossos inimigos! De qualquer forma, suas almas são imortais. Não podemos ser chamados de assassinos, mesmo que matemos.” Este tipo de raciocínio não impressiona nem a Deus nem à polícia mundana!

A quantidade de água contida nas ondas do oceano permanece a mesma, quer as ondas brinquem no fundo do mar ou fiquem escondidas abaixo dele. Da mesma forma, as ondas da alma da vida permanecem constantes, quer brinquem na superfície do mar da vida ou repousem nas profundezas do seu seio.

Esta estrofe expressa a verdade profunda da natureza imortal, não apenas da alma, mas da matéria. Como reflexo do Espírito, até a matéria é indestrutível. A essência da matéria nunca é destruída; o corpo humano, feito de padrões de elétrons condensados que são superficialmente alterados pela morte, na realidade nunca é aniquilado.

Cada forma, pensamento, movimento exibido na tela do tempo e do espaço é gravado permanentemente. Esses filmes cósmicos – e nunca foram mais do que isso, retratados por almas imortais – estão preservados nos Arquivos Infinitos. Aquelas almas realizadas em Deus que conseguem entrar nos cofres secretos do Espírito conhecem a maravilha deste mistério da imortalidade.

VERSÍCULO 20

na jāyate mriyate vā kadacin nāyaṁ bhūtvā bhavitā vā na bhūyaḥ
ajo nityaḥ śāśvato ’yaṁ purāṇo na hanyate hanyamāne śarīre

Este Eu nunca nasce nem perece; nem tendo surgido, deixará de existir novamente. Não nasce, é eterno, imutável, sempre o mesmo (não é afetado pelos processos usuais associados ao tempo). Não é morto quando o corpo é morto.

A alma, em essência o reflexo do Espírito, nunca sofre as dores do nascimento nem os espasmos da morte. Nem uma vez tendo sido projetado do ventre do Espírito imortal, o Príncipe Alma, ao retornar ao Espírito, perderá sua individualidade; tendo entrado nos portais da natividade, a sua existência nunca cessará. Em todos os seus nascimentos corporais, a alma-Espírito nunca sentiu nascimento; ela existe eternamente, intocada pelos dedos mágicos da mudança. É sempre o mesmo – agora, passado, futuro – como sempre foi; sem idade, inalterado, desde seus primórdios imemoriais. A alma imortal que habita o corpo destrutível é sempre constante durante todos os ciclos de desintegrações corporais; não sente o gosto da morte mesmo quando o corpo bebe aquela xícara fatal de cicuta.

Diz-se que o corpo, como parte da matéria, passa pelas seguintes seis transformações da Natureza impermanente: nascimento, existência, desenvolvimento, mudança, decadência e aniquilação. O homem que habita um corpo perecível esquece a alma imperecível dentro dele. Sua consciência identificada com o corpo está ciente apenas de suas seis condições. O homem sábio aprende, através da meditação, a diferenciar entre a alma imortal que nela habita e o seu perecível invólucro corporal. As pessoas que acreditam que o Espírito Absoluto (Bem-aventurança sempre existente, sempre consciente e sempre nova) é imortal também devem aceitar a verdade de que Seu reflexo, a alma, embora encerrada em um corpo mortal, também é imortal. As palavras de Bhagavan Krishna nestas linhas enfatizam particularmente esta verdade. Como Deus é imortal, a alma de cada homem, feita à imagem de Deus, também deve ser imortal.

A diferença entre alma e Espírito é esta: O Espírito é a Alegria sempre existente, sempre consciente, sempre nova e onipresente; a alma é o reflexo individualizado da Alegria sempre existente, sempre consciente e sempre nova, confinada no corpo de cada ser.

❖

Almas: irradiando raios do Espírito

❖

As almas são os raios radiantes do Espírito, individualizados como “átomos” e “tecidos” sem forma e sem vibração do Espírito. Conseqüentemente, eles coexistem com o Espírito e têm a mesma essência, assim como o sol e seus raios são um.

Embora encarnada, a alma pertence à região numenal, que não muda. Todas as formas materiais pertencem às regiões dos fenômenos; sendo sua própria natureza alienada do Espírito, eles mudam constantemente. Os fenômenos surgem e estão inseparavelmente ligados aos númenos; mas estes últimos, sendo de Espírito, são imutáveis e transcendentes. A superfície externa da consciência da alma, que está encoberta pelos instrumentos do ego, da mente e dos sentidos, sofre as permutações da Natureza, mas a essência da alma permanece inviolável.

Os homens mundanos não sabem o que é a alma, ou como ela entra no corpo físico, e então, após uma curta permanência, para que destino ela desaparece. Trilhões de homens vieram misteriosamente à Terra e partiram misteriosamente. É por isso que as pessoas em geral não podem deixar de se perguntar se a alma sofrerá extinção juntamente com a destruição do corpo.

A seguinte analogia ilustra a natureza e a imortalidade da alma. (Nenhuma analogia é perfeita para expressar verdades absolutas, mas elas ajudam a mente a imaginar conceitos abstratos.) A lua está refletida em um copo contendo água; o copo quebra e a água acaba; para onde vai o reflexo da lua? Pode-se dizer que o reflexo da lua retornou à sua identidade inseparável na própria lua. Se outro copo d'água fosse colocado sob a lua, outro reflexo da lua reencarnaria!

A alma se reflete de maneira semelhante no copo corporal cheio da água da mente; dentro dela vemos a alma lunar, circunscrita pelas limitações corporais, como o reflexo da lua onipresente do Espírito. Com a destruição da taça corporal, o reflexo da lua pode desaparecer por um tempo no Espírito; mas, pelo uso do poder do livre arbítrio que lhe foi concedido como imagem do Espírito, ele criou desejos e carma enquanto estava na Terra que o fizeram escolher ser refletido novamente como a alma lunar dentro de outro cálice corporal. Assim, embora os corpos do homem sejam mortais e mutáveis, imortal é a alma dentro deles.

A lua refletida, circunscrita por uma pequena taça, torna-se, com a destruição da taça, a única lua cujos raios se espalham pelo céu. Da mesma forma, a alma, quando totalmente liberta dos desejos aprisionadores, torna-se onipresente como o Espírito.

Contudo, o homem tem três corpos dos quais deve libertar a sua consciência antes de poder alcançar a emancipação final. Esses confinamentos de alma são o corpo físico de dezesseis elementos; o corpo astral de dezenove elementos; e o corpo causal de trinta e cinco ideias elementares. O corpo físico é feito de sangue e carne; o corpo astral é composto de força vital e mente; e o corpo causal ou ideacional é tecido com sabedoria e bem-aventurança sempre nova.

❖

Libertação dos três corpos

❖

Deus originou, na forma do corpo causal, trinta e cinco ideias como a matriz da criação humana. Essas idéias são as forças básicas ou de pensamento necessárias para criar o corpo astral e o corpo físico. Dezenove dessas ideias manifestaram-se como o corpo astral sutil, que contém os dez sentidos; as cinco forças vitais; e o ego, sentimento, mente e inteligência. As dezesseis ideias restantes foram convertidas no corpo físico grosseiro de dezesseis elementos básicos. Em outras palavras, antes de Deus criar o corpo físico consistindo de ferro, fósforo, cálcio e assim por diante, e o corpo astral sutil de composição lifetrônica, Ele teve primeiro que projetá-los como ideias, os constituintes do corpo causal. Cada um dos três corpos tem qualidades distintivas. O corpo físico denso é o resultado de vibrações solidificadas, o corpo astral de vibrações energéticas e mentais, e o corpo causal de vibrações quase puras de Consciência Cósmica.

Pode-se dizer que o corpo físico depende da alimentação; o corpo astral depende da energia, da vontade e da evolução do pensamento; o corpo causal depende da ambrosia da sabedoria e da bem-aventurança. A alma está encerrada nesses três corpos. Na morte o corpo físico é destruído. Os outros dois corpos, astral e causal, ainda são mantidos juntos pelos desejos e pelo carma não trabalhado. A alma, vestindo esses dois corpos, reencarna repetidamente em novas formas físicas. Quando todos os desejos são conquistados pela meditação, as três prisões do corpo são dissolvidas; a alma se torna Espírito.

Novamente, uma analogia pode ajudar a ilustrar a reabsorção da alma no Espírito:

A consciência do homem aperfeiçoado está aparentemente dissolvida no Oceano de Deus. Aquelas ondas da alma que não são impulsionadas por nenhuma tempestade de desejos pós-morte tornam-se o Espírito Oceânico Absoluto. Ao se tornarem Espírito, eles possuem memória onipresente, até mesmo da consciência individual de sua própria onda de alma passada. A onda totalmente dissolvida se funde no Oceano do Espírito, mas ainda lembra que, do Oceano do Espírito original, ela se tornou uma onda da alma e novamente mudou de uma onda da alma para o Espírito Único.

❖
A individualidade do homem nunca pode ser apagada dele
❖

Por exemplo: Deus é a alma de um homem específico, João, um mortal através da identificação ilusória do corpo. Pela meditação, João uniu-se novamente a Deus, descobrindo que foi Deus em primeiro lugar quem se tornou João; ao desenvolver sabedoria, João tornou-se novamente Deus. No estado mortal iludido, John descobriu que era a onda da alma separada do Oceano do Espírito. Então, ao espalhar sua consciência e perceber o Espírito como sua Fundação, ele descobriu que era o Espírito-Oceano que havia se tornado a onda de sua alma, agora fundida novamente no Espírito Único. A alma libertada de João, embora una com o Espírito, manteria a sua individualidade no sentido de que sempre se lembraria e saberia que uma vez foi João, a onda da alma que, sem saber, flutuou na superfície do Oceano do Espírito. Quando João, o mortal, se tornou João, o imortal, ele não perdeu sua identidade, mas percebeu que era João, a onda da alma (homem mortal), assim como João, o Oceano do Espírito (homem imortal). João, o homem sábio, perdeu a consciência da sua separação de Deus apenas quando a onda da alma desperta perdeu a consciência da sua separação do Oceano do Espírito.

A individualidade do homem como entidade existente nunca pode ser apagada dele. Na morte em cativeiro comum, a alma do homem apenas muda de residência; e na morte final em liberdade, a alma se expande no Espírito, em casa no Infinito!

As verdades profundas do Gita não devem ser encaradas como abstrações metafísicas, mas devem ser aplicadas na vida diária.

Particularmente durante aqueles momentos em que a ilusão cósmica apresenta doença, tortura física, a experiência da morte comum e pensamentos mórbidos sobre a impermanência do corpo, deve-se neutralizar fortemente essas sugestões negativas, lembrando a verdade de que o Ser é refletido na Imortalidade do Espírito, sempre si mesmo e livre dos caprichos da mudança.

Assim, o Bhagavad Gita enfatiza as seguintes qualidades do Ser: Ele não nasce, embora tenha nascido num corpo; é eterno, embora sua morada corporal seja impermanente; é imutável, embora possa sofrer mudanças; é sempre a mesma coisa, embora no longo caminho da reencarnação que finalmente leva a Deus, a alma apareça em inúmeras formas; a alma não morre quando o corpo morre; e mesmo quando a alma retorna ao Espírito, ela não perde sua identidade, mas existirá para a eternidade.

VERSÍCULO 21

vedāvināśinaṁ nityaṁ ya enam ajam avyayam
kathaṁ saḥ puruṣaḥ pārtha kaṁ ghātayati hanti kam

Como pode aquele que sabe que o Eu é imperecível, eternamente permanente, sem nascimento e imutável, possivelmente pensar que este Eu pode causar a destruição de outro? Ó Partha (Arjuna), quem ele mata?

Aquela pessoa cuja visão está no olho espiritual contempla a verdadeira natureza da alma; e assim, através da percepção direta, é absolutamente certo que o Eu é imutável – acima do nascimento e da morte, da mudança e da aniquilação. Tal iogue vê o indestrutível Raio do Espírito como a Causa da vida e da morte formais nas imagens oníricas do ser cósmico e, portanto, não pode considerar-se como o extintor da vida ou mesmo como a causa indireta da extinção da vida em outra pessoa.

A interpretação moral é que numa luta material em que pessoas virtuosas, sem provocação, são atacadas por pessoas cruéis, não é injusto que as pessoas boas se defendam. Se estes últimos, no decurso da protecção

❖

Quando matar é moralmente justificado

❖

das suas mulheres e crianças inocentes, matarem alguns dos invasores, tal acção não será incompatível com as leis da virtude. Krishna ressalta que, embora os corpos físicos das pessoas más sejam mortos, suas almas não podem ser destruídas. É claro que isto não deve ser usado como argumento para matar pessoas más; mas um soldado, por exemplo, que defende o seu país e protege justamente pessoas indefesas, pode consolar a sua consciência sobre a morte do inimigo, percebendo que ele é o instrumento e não o verdadeiro autor da destruição de seres perversos.13 Mesmo no campo de batalha ele deveria sentir que não é o fazedor, mas que todas as coisas foram ordenadas pela Natureza e por Deus. Ele não deve pensar que ele mata ou que Deus mata, mas que as forças cármicas da evolução expulsaram os invasores de suas fortalezas corporais para reabitarem outras residências nas quais terão uma nova oportunidade de aprender as lições necessárias.

Acima de tudo, o soldado deve perceber que todos os seres vivos são uma batalha simulada entre a vida e a morte, e que aqueles que são mortos numa batalha não estão realmente mortos, e que aqueles que sobrevivem não estão realmente vivos (uma vez que o homem no seu estado normal está separado de Deus, a única vida).

Num sonho, pode-se contemplar uma batalha entre os justos e os ímpios e testemunhar a matança dos maus pelos bons. Ao acordar do sonho, o sonhador perceberá que a morte das pessoas cruéis e a sobrevivência dos justos foram ambos resultado de sua imaginação interior; não houve destruição real. Da mesma forma, Krishna disse a Arjuna que a batalha entre seus parentes justos e seus iníquos nada mais era do que uma luta testemunhada por Arjuna em um estado de ilusão cósmica em que ele estava espiritualmente adormecido ou ainda não desperto em sabedoria. Krishna lembrou a Arjuna que a consciência cósmica do Espírito todo-penetrante deveria ser mantida dentro dele em todas as circunstâncias, seja durante uma batalha física ou interior ou qualquer outra experiência.

Esta estrofe transmite também uma profunda lição metafísica. A alma,

❖

Importação metafísica do versículo 21

❖

Krishna, diz ao ego, Arjuna: “Ó meu eu inferior, você deve elevar-se ao meu plano de consciência de alma superior! Mesmo que você destrua os apegos perversos dos sentidos, você é tolo em pensar que os próprios sentidos serão destruídos! O seu Eu superior apenas purifica o eu inferior; Isso não o destrói.”

O preceptor está dizendo ao estudante que mesmo que o devoto mate os prazeres dos sentidos através do autocontrole e da renúncia, ou faça com que eles sejam destruídos pela força da alma em meditação profunda, ele pode, no entanto, elevar sua consciência ao plano da sabedoria e perceber que nada aconteceu. foi destruído; todas as coisas são imortais. Assim, nem mesmo os sentidos dos seres humanos podem ser mortos ou aniquilados permanentemente; eles apenas passam por um processo de mudança.

Quando os prazeres dos sentidos são dominados pelo autocontrole, suas forças são inicialmente inibidas, suprimidas internamente. As ações espirituais contínuas do devoto fazem com que o Ser as transmute para um estado mais sutil para a sensação de bem-aventurança mais elevada. Por exemplo, se uma pessoa é gananciosa e come demais, pode sofrer de indigestão; se, por autocontrole, ele se abstém de comer demais, inicialmente estará apenas suprimindo a ganância. Mas se ele transmutar a sua ganância pelo alimento físico em ganância pela comunhão contínua com Deus, ele não destrói o seu apetite excessivo, mas transforma-o de agente maligno em médium para o bem.

Quando um homem começa a matar as suas tentações e desejos de conforto material, ele não deve condenar-se como um tirano cruel, um assassino da alegria! Nem deveria ele rotular a Divindade dentro dele como a Devoradora dos prazeres dos sentidos! À medida que o devoto gradualmente destrói suas más inclinações e se sente desolado sem esses prazeres, ele deve consolar-se com o pensamento de que suas experiências de amor ao prazer não foram destruídas; eles estão em processo de transformação, para serem elevados, através da meditação, do plano da miséria para o plano alegre do apego a Deus.

O devoto está, portanto, justificado em transmutar seus maus desejos. Ele não os suprime nem os mata, pois isso faria dele um fóssil mental. Pelo contrário, é pela boca sedenta dos desejos transmutados que ele bebe o néctar imortal da Felicidade Divina!

VERSÍCULO 22

vāsāṁsi jīrṇāni yathā vihāya navāni gṛhṇāti naro 'parāṇi
tathā śarīrāṇi vihāya jīrṇāny anyani saṁyāti navāni dehī

Assim como um indivíduo que abandona as roupas dilapidadas veste roupas novas, a alma envolta no corpo, abandonando as habitações corporais deterioradas, entra em outras que são novas.

Assim como é prática comum para um ser humano durante a vida mudar de roupa muitas vezes, também é um hábito da alma eterna, durante suas peregrinações no caminho da ilusão e dos desejos mortais, abandonar os corpos desgastados pelo carma por novos. uns. Assim como uma pessoa fica feliz em jogar fora roupas usadas e inúteis por roupas novas, o indivíduo também deveria se alegrar e sentir que é igualmente natural trocar um corpo dilacerado por doenças ou karmicamente desatualizado por um novo.

Esta estrofe refere-se à doutrina da reencarnação. Suas linhas eliminam a concepção horrível de uma dança macabra na qual uma multidão heterogênea de seres humanos é levada a um abismo de destruição; a morte é aqui descrita como nada mais do que o descarte de uma roupa usada por uma nova. Quando o corpo fica doente, velho ou karmicamente inútil, a alma imortal o abandona por um novo disfarce.

❖
A doutrina da reencarnação
❖

Um encenador envia seus atores com novos trajes para interpretar vários personagens no palco em momentos diferentes; da mesma forma, o Diretor Cósmico Imortal envia atores-almas, feitos à Sua imagem, para desempenharem os papéis de numerosas encarnações neste estágio da vida. Os atores, fantasiados de diversas

maneiras, parecem diferentes em cada novo papel, mas permanecem inalterados.

Os figurinos e a maquiagem disfarçam um ator e o identificam com um determinado papel; o ator pode até ser mudado de homem para mulher, ou vice-versa. Da mesma forma, quando uma alma muda o seu traje carnal, ela não é mais reconhecível por aqueles que estavam familiarizados com a sua identidade num papel de vida anterior. Somente os mestres que conseguem espiar por trás do palco e observar as mudanças nas partes e nos disfarces reconhecem almas individuais de uma vida para outra, independentemente de suas diferentes vestimentas. Os olhos, os traços faciais e as características corporais revelam uma certa semelhança com o traje da alma numa existência anterior – com o mestre que sabe ler esses sinais. Ele vê verdadeiramente que a morte é apenas uma mudança de roupa numa continuidade ininterrupta de imortalidade.

A expectativa de vida ou durabilidade de um corpo físico em qualquer encarnação é ordenada pela lei do carma (a lei de causa e efeito que rege as ações humanas). De acordo com a ordem natural da evolução, o corpo deveria amadurecer gradualmente durante um período de muitos anos; e então, como frutos maduros, caem voluntariamente e sem resistência da árvore da vida. As transgressões contra Deus e a Natureza – no presente ou em vidas passadas – podem, no entanto, encurtar esse período normal por doença ou acidente. Ou a virtude, também, pode conquistar para a alma uma libertação antecipada. Em todos os casos, a habitação corporal é moldada e destinada a melhor servir, em cada vida, o padrão cármico autocriado da alma residente identificada pelo ego.

❖

Compreensão espiritual da morte

❖

Um indivíduo mergulhado no delírio considera (na prática, se não na teoria) seu corpo, sua família e sua posição como invulneráveis; portanto, com o súbito advento da morte na família, ele fica chocado e confuso. Não entendendo a diferença entre a alma imortal e o corpo mortal mutável, ele fica angustiado e horrorizado quando testemunha a morte ou se vê aproximando-se dela. Ele acha muito difícil manter o equilíbrio mental

quando confrontado pela morte aparentemente cruel, que chega como um tirano para estragar a harmonia e a paz da vida!

Geralmente, não é difícil para alguém abandonar uma roupa velha quando tem a perspectiva de uma nova, mas algumas pessoas estão tão profundamente apegadas aos seus bens que relutam em descartar até mesmo roupas usadas, mas altamente valorizadas! Da mesma forma, os mortais comuns – não importa a sabedoria que lhes seja oferecida – sofrem quando têm de renunciar aos seus tão amados corpos.

Como o indivíduo comum, preso ao corpo, carece da segurança interior divina da continuidade da vida e não se lembra das inúmeras vezes em que ele, a alma, entrou e saiu dos portais do nascimento e da morte, ele está cheio de medo. , bem como tristeza, pela aproximação da morte. Assim como as crianças temem a possibilidade de encontrar fantasmas no escuro, algumas pessoas têm medo do desconhecido que as espera além das portas da morte. Assim como histórias assustadoras de fantasmas são contadas por pessoas com imaginação forte, a morte é descrita por homens ignorantes como uma experiência horrível e terrível!

Durante o sono, todas as noites, um indivíduo descarta a consciência do corpo e da mente cansados e assim encontra a paz; no sono maior da morte, o homem abandona o corpo dilacerado pela doença e a mente corroída pelo apego por um estado repousante de alegria.

❖

A morte é um êxtase, pois elimina o fardo da identificação corporal

❖

Da alegria nascem as pessoas; de alegria eles vivem; de alegria eles derretem na morte. A morte é um êxtase, pois remove o fardo do corpo e liberta a alma de toda dor que surge da identificação com o corpo. É a cessação da dor e da tristeza. Embora a morte seja frequentemente associada erroneamente a um estado de sofrimento, as torturas físicas da doença são muito piores do que a experiência libertadora da morte. Muitas vezes, a consciência que sai do velho corpo na morte sente uma maravilhosa sensação de libertação e paz: “Então isto é a morte. Oh, que bom! Não é nada como eu pensava. Sou uma vida separada do corpo sensível e problemático. O anestésico da morte de Deus removeu de mim toda a dor física.”

Por um tempo, pode persistir uma sensação de sofrimento mental de perda do corpo físico e de separação de entes queridos: “Como posso deixar aqueles que pensei que eram meus?” Há então uma diminuição gradual das memórias da existência terrena. As pessoas comuns desfrutam do descanso de um sono tranquilo e mortal no céu astral. Almas virtuosas alternam o sono com a vigília nesta terra de liberdade e beleza felizes. Desprovidos dos choques severos e muitas vezes destrutivos da matéria grosseira, esses seres astrais virtuosos movem-se livremente e à vontade em corpos de luz através de intermináveis extensões de densidades de luminosidade em tons de arco-íris que informam paisagens, cenas e seres lifetrônicos multivariados. Sua própria respiração e sustento são raios de lifetrons sutis. Com o tempo, novamente determinados pelo seu carma, suas inclinações mortais, transgressões e desejos materiais latentes os atraem de volta para novas encarnações físicas.

Assim como o desejo pela vida leva o homem adormecido ao estado de vigília, os desejos subconscientes de um corpo físico perdido e do ambiente terrestre atuam como forças vibratórias de atração que reencarnam a alma novamente dentro do útero da mãe.

❖

A meditação liberta o homem do apego ao corpo

❖

Um pássaro há muito tempo confinado em uma gaiola pode retornar a ela mesmo depois de libertado; assim também, um homem muito apegado à existência corporal deseja retornar à forma física mesmo depois de ser libertado pela morte. A longa prisão em uma gaiola faz com que o pássaro esqueça seu lar livre nos céus; da mesma forma, a consciência da alma do homem, confinada na prisão corporal através de muitas encarnações, esquece seu lar livre e abençoado no vasto espaço.

Leva muito tempo – muitas encarnações de ação correta, boa companhia, ajuda do guru, autodespertar, sabedoria e meditação – para que o homem recupere a consciência da imortalidade em sua alma. Para alcançar este estado de Auto-realização, cada homem deve praticar a meditação para transferir a sua consciência do corpo limitado para a esfera ilimitada de alegria sentida na meditação. Pela unidade contínua com o

Espírito no samadhi, e pelo desapego ao corpo, o devoto percebe o corpo como um local temporário de confinamento; ele espera ansiosamente retornar ao seu lar de bem-aventurança eterna no Espírito. Os devotos que não são rudemente expulsos da carne pela Morte, mas que partem com dignidade consciente através do poder adquirido pela meditação, encontram o caminho de volta à unidade com a Bem-aventurança Onipresente.

Swami Pranabananda,14 um exaltado discípulo de Lahiri Mahasaya, que estava prestes a transferir sua alma das limitações do corpo físico para o onipresente reino do Espírito, encontrou seus discípulos chorando. "Amados", disse ele consoladoramente, "estou muito tempo convosco, servindo-vos com a alegria da sabedoria divina. Por favor, não seja egoísta com relação à sua perda em mim, mas alegre-se por estar descartando a prisão do meu corpo ao ter cumprido meu prazo de obrigação cármica. Vou agora reivindicar meu reino de onipresença, para encontrar meu Amado Cósmico!" Dizendo isso, ele abençoou os devotos; e, praticando a técnica avançada de Kriya Yoga, deixou seu corpo conscientemente.

VERSÍCULO 23

nainaṁ chindanti śastrāṇi nainaṁ dahati pāvakaḥ
e cainaṁ kledayantyāpo e śoṣayati mārutaḥ

Nenhuma arma pode perfurar a alma; nenhum fogo pode queimá-lo; nenhuma água pode umedecê-lo; nem nenhum vento pode secá-lo.

Sempre imutável, da mais fina vibração de Espírito-Bem-aventurança, esta alma não pode ser tocada ou prejudicada por nada de qualidade vibratória mais grosseira – nem por golpes cruéis de armas, nem por chamas famintas que tudo consomem; nem os líquidos podem encharcá-lo ou afogá-lo, nem contaminar seus lábios, que bebem apenas bebida imortal; nem o vento mais forte pode torná-lo seco até virar pó, nem retê-lo tirar-lhe o fôlego de vida.

O Espírito diferencia Suas manifestações na criação em dois conjuntos

de atributos distintos: a alma invisível e seus poderes de vida, mente e sabedoria; e as formas visíveis do corpo vibratório e da matéria.

Pelo uso de vibrações sutis, o Espírito criou a alma, o intelecto, a mente, a vida; e, por vibrações mais grosseiras, corpo, energia cinética e matéria atômica. As “armas” da terra ou dos sólidos, do fogo ou da energia, da água ou dos líquidos, do ar ou do vento – todas estas constituem vibrações grosseiras. A alma, o reflexo individualizado do Espírito, é feita de uma vibração de alegria “sem vibração” ou sem reação – a bem-aventurança imortal, onisciente, onipresente e sempre nova do Espírito – ela não pode ser perturbada pelas vibrações grosseiras de sólidos, líquidos, ar, ou energia. O gelo colide com o gelo, a água colide contra a água, a energia é comparada com a energia; mas as pedras não podem colidir com os elementos vibratórios mais sutis do ar ou do fogo. Da mesma forma, as vibrações grosseiras da matéria ou “pedras atômicas” não podem de forma alguma impor a sua crueza à consciência da alma.

As manifestações vibratórias grosseiras e sutis nada mais são do que uma consciência sonhadora do Espírito, expressando-se através de Sua consciência sonhadora individualizada, a alma. Assim como Deus cria em escala cósmica, a consciência do homem no estado de sonho pode criar personalidades individualizadas, ou “almas”, vontade, pensamento e sentimento, e também as aparências de corpos, sólidos, líquidos, gases e energia. O sonho do homem pode representar uma batalha com armas terríveis ou mostrar a devastação de inundações, incêndios ou tempestades, mas nada disso afeta a consciência interna do ego do sonhador. Ele não é ferido ou destruído por nenhum objeto ou arma onírica, água, fogo ou energia. Nem a alma é afetada por seus objetos de sólidos, líquidos, vento e fogo criados em sonhos cósmicos. Assim como o sonhador não é tocado por seu sonho, a alma – una com o Espírito – não é afetada pelos objetos que evoluíram e vibraram a partir da divina consciência onírica do Espírito-Sonhador.

A alma desperta torna-se consciente da sua unidade com o Espírito. Quando a consciência física do homem muda, através da meditação, dos sonhos ilusórios para a vigília divina da consciência da alma, ele contempla

todos os sólidos, líquidos e energias como um jogo de forças — como imagens oníricas flutuando na mente do Sonhador Cósmico. Então ele sabe que na realidade a espada do sonho não pode matar o corpo do sonho, nem nada é capaz de prejudicá-lo ou destruí-lo!

Não importa quão devastadores sejam os acontecimentos em seu sonho, o sonhador nunca é ferido por eles; ele se encontra seguro depois que o sonho termina. Da mesma forma, o sonhador da alma humana pode ficar temporariamente assustado com suas experiências durante este sonho de vida, mas quando ele despertar em Deus, eis! ele está são e salvo.

VERSÍCULO 24

acchedyo ’yam adāhyo ’yam akledyo ’śoṣya eva ca
nityaḥ sarvagataḥ sthāṇur acalo ’yaṁ sanātanaḥ

A alma é indestrutível; não pode ser queimado, molhado ou seco. A alma é imutável, onipresente, sempre calma e imóvel – eternamente a mesma.

A alma misteriosa permanece para sempre, nunca mudando, mesmo quando a bolha do cosmos derrete no Oceano espacial do Infinito.15 A alma sutil dorme secretamente em cada folha de grama, em cada recanto da criação. A alma se esconde no favo de átomos. Os pensamentos não podem perturbá-lo. Adora viver nas grutas da mudança, sempre firme e imóvel. Nunca sonha nada além da eternidade.

Na estrofe anterior, o Gita proclama que nenhum objeto externo, sejam armas, fogo, água ou vento, pode afetar a alma. Agora explica ainda que a própria alma possui aquelas qualidades misteriosas de existência autoconsciente que não são vulneráveis a nenhum fenômeno. Todo homem é uma alma e tem um corpo. Através da ilusão, ele constantemente encontra sua alma identificada com o corpo; assim ele atribui a si mesmo todas as limitações corporais. É o corpo que pode ser cortado, queimado, molhado, seco, ferido, inquieto; movido de um lugar para outro, mas capaz de ocupar apenas um lugar de cada vez porque está circunscrito por um pequeno

espaço; e é de curta duração. Assim, o indivíduo identificado com o corpo pensa que é ele quem é assim afligido e depois submetido à indignidade final da morte!

O homem da Auto-realização, por outro lado, sabe que é a alma – onipresente, eterna, sempre imperturbável nas maiores e mais ínfimas cavernas de vibrações.

O paradoxo da ilusão é possível porque o homem, como mortal, é uma mistura da alma imutável e do corpo mutável. Se quiser evitar permanentemente todas as formas de miséria, deve aprender a identificação da alma. Pela identificação corporal, o homem tem que sofrer encarnações de esquecimento da alma, passando por numerosos renascimentos e pelas misérias que os acompanham.

Não importa o quanto alguém tenha meditado, se ainda ficar sobrecarregado com o sofrimento corporal ou tiver medo da doença ou da morte, ele terá avançado pouco e realizado pouco. O aspirante deve meditar cada vez mais profundamente até que possa atingir a comunhão extática com Deus e assim esquecer as limitações do corpo. Durante a meditação ele não deve apenas pensar, mas perceber que é sem forma, onipresente, onisciente, muito acima de todas as mudanças corporais!

Todo devoto avançado durante o êxtase percebe a onipresença, a onisciência e a alegria sempre nova do Espírito. Após sair do êxtase, ele deverá tentar reter na mente consciente essas experiências do Espírito. A consciência humana expande-se assim para a Consciência Cósmica.

ॐ

Este Eu nunca nasce nem perece; nem tendo surgido, deixará de existir novamente. Não nasce, é eterno, imutável, sempre o mesmo (não é afetado pelos processos usuais associados ao tempo). Não é morto quando o corpo é morto....

Assim como um indivíduo que abandona as roupas dilapidadas veste roupas novas, a alma envolta no corpo, abandonando as habitações corporais deterioradas, entra em outras que são novas.

Nenhuma arma pode perfurar a alma; nenhum fogo pode queimá-lo; nenhuma água pode umedecê-lo; nem nenhum vento pode secá-lo. A alma é indestrutível; não pode ser queimado, molhado ou seco. A alma é imutável, onipresente, sempre calma e imóvel – eternamente a mesma.

—Bhagavad Gita II:20, 22–24

"Da alegria nascem as pessoas; de alegria eles vivem; de alegria eles derretem na morte. A morte é um êxtase, pois remove o fardo do corpo e liberta a alma de toda dor que surge da identificação com o corpo. É a cessação da dor e da tristeza... As pessoas comuns desfrutam do descanso de um sono tranquilo e mortal no céu astral. Almas virtuosas alternam o sono com a vigília nesta terra de liberdade e beleza felizes. Desprovidos dos choques severos e muitas vezes destrutivos da matéria grosseira, esses seres astrais virtuosos movem-se livremente e à vontade em corpos de luz através de intermináveis extensões de densidades de luminosidade em tons de arco-íris que informam paisagens, cenas e seres lifetrônicos multivariados. Sua própria respiração e sustento são raios de lifetrons sutis."

—Paramahansa Yogananda

VERSÍCULO 25

avyakto 'inhame acintyo' inhame avikāryo 'inhame ucyate
tasmād evaṁ viditvainaṁ nānuśocitum arhasi

Diz-se que a alma é imponderável, imanifesta e imutável. Portanto, sabendo que é assim, você não deveria lamentar!

Antes que as centelhas da criação piscassem seus olhos luminosos, antes que o sonho cósmico tomasse forma, a alma residia sempre desperta e não manifestada no Espírito. Antes que o Espírito espalhasse Suas ondas de pensamento, a alma permanecia em Seu seio, impensável pelo pensamento, imperturbada pela mudança. E quando o Espírito lançava Seus sonhos de

universos, e a alma sonhava sonhos de formas cobertas de corpo, ainda assim a alma permanecia a mesma. Qualquer um que – defendendo esta verdade – sabe que a alma é a imagem do Espírito imortal não deve se comportar de maneira contraditória e lamentar tolamente, pensando que o Ser é vulnerável e destrutível com o corpo aflito e perecível.

❖

A alma sonha com a existência do corpo

❖

Uma controvérsia metafísica surge quando o Bhagavad Gita fala da alma como não manifestada, embora aparentemente se manifeste no corpo de cada indivíduo. Este paradoxo pode ser explicado analisando o estado de sonho. Se John sonha que se tornou um gigante fabuloso que captura elefantes selvagens e os mantém cativos na palma da mão, sua consciência onírica sofre uma mudança temporária; mas quando ele acorda, ele descobre que seu ego essencial ou consciência de "John" permaneceu inalterado pela absurda experiência do sonho. A essência de sua consciência estava distante ou não manifestada no sonho; e os pensamentos oníricos não estavam conscientes ou conscientes da verdadeira consciência de "John". Da mesma forma, a alma sonha o corpo e atribui ao ego onírico inerente a ele todos os estados do corpo onírico. Entretanto, quando o homem entra em um sono profundo sem sonhos, a alma esquece temporariamente todos os seus sonhos sobre o corpo e o mundo e permanece trancada em sua verdadeira natureza de bem-aventurança. Assim, mesmo durante o período de ilusão durante o qual a alma sonha acordada com o corpo, a própria alma permanece inalterada, não nascida com o sonho. O sonho vai e vem; a alma é imutável. As flores de muitas vidas vêm e vão sucessivamente; o solo da alma do jardim permanece o mesmo.

O corpo que emana da alma não tem consciência da alma, mas a alma tem consciência do corpo. Assim como uma pessoa pode observar através de uma tela uma multidão de pessoas à sua frente, sem ser vista por elas, a alma, através da tela da intuição, observa todos os seus pensamentos, mas os pensamentos não iluminados não podem conhecer a alma. É por isso que o Gita fala da alma como imponderável – além do pensamento.

O "eu", ou ego – a projeção onírica da alma e o sujeito do sonho

objetivo – é o que pensa e usa seus poderes de sensação para conhecer e se relacionar com o sonho da criação material. Assim, o pensamento e a sensação não fazem parte da alma, mas são a experiência da consciência do ego no sonho. “Pensar” é inseparável em conceito de quem pensa e do objeto sobre o qual pensa. Envolve, portanto, a consciência subjetiva e objetiva, bem como o próprio processo de pensamento. Sabemos que ele existe por causa da confirmação de seus pensamentos e sentimentos de que assim é. Mas o que dizer de uma pessoa em sono profundo ou em absoluta calma na qual - mesmo que por apenas um instante - não há pensamento nem sentimento, nem ela está inconsciente (isto é, sem qualquer consciência)? Ele não é inexistente naquele momento; mas a sua existência é sem a consciência do ego e sem o apoio do pensamento “eu existo”. Este “momento da verdade” fragmentário é a intuição, fugaz porque não desenvolvida. Revela momentaneamente a presença da alma, que existe acima do ego e dos seus instrumentos de pensamento e sentimento.

Pensamentos e sensações são como holofotes: eles lançam seus raios sobre objetos materiais; eles não revelam a alma por trás deles. A intuição é como uma luz esférica, com raios por todos os lados, revelando a alma e também suas projeções externas de pensamentos e sensações ligadas ao ego. A intuição é a ponte entre a alma e os pensamentos e sensações do ego. Se alguém puder, por um período de tempo suficiente, permanecer não identificado com pensamentos e sensações, e sem estar inconsciente, conhecerá, através do desenvolvimento da intuição, a natureza da alma. Quando alguém está assim perfeitamente calmo, nem pensante, nem senciente, nem inconsciente, mas sabendo que existe - uma agudeza de ser alegre em que o pensamento, o pensamento e o pensador se tornaram um (unidade do conhecedor, do conhecedor e do conhecido) - aí está é a consciência da alma.

A partir desta superioridade não manifestada, a alma, a individualização do Criador, projeta aquelas forças que criam a forma corporal e a capacidade de experimentar através dessa imagem.

Assim como a luz que incide na tela do cinema produz muitos filmes, o “raio” da alma vindo do Espírito produz uma imagem do corpo na tela da

consciência humana e do espaço. Uma pessoa que assiste a filmes na tela de um cinema pode desviar a atenção deles e olhar para cima; ele verá acima de sua cabeça um feixe de luz transparente no qual não há nenhuma imagem visível. Pode-se, portanto, dizer que o raio elétrico que produz imagens na tela permanece inalterado ou não nasce, embora as imagens que dele emanam mudem e nasçam dele.

Quando um homem se identifica com seu corpo, ele não sente nada além das sensações de visão, olfato, paladar, tato, som, peso e movimento. Se pela meditação ele retirar sua consciência para dentro, encontrará uma luz silenciosa, mais fina e sutil que os raios X - o raio da alma que vem do Espírito - projetando a imagem do corpo na tela da consciência humana e do espaço. Através do olho da intuição o devoto percebe este raio da alma; nele não há corpo com suas diversas complexidades, mas está produzindo na tela da consciência humana a imagem mutável do corpo. O corpo não é “matéria”, mas é composto de diversas forças, que emanam do raio da alma. Assim como o feixe de cinema cria imagens na tela ao passar por um filme que diferencia sua luz em formas, o raio da alma que passa pelo filme de maya (delusão) é diferenciado nas várias forças criativas que se tornam o corpo e sua natureza inerente. poderes de consciência e vida (ego, mente, força vital e assim por diante) que lhe permitem agir e reagir ao seu ambiente. A ciência moderna está se aproximando da verdade ao reconhecer que o corpo é uma expressão de ondas eletromagnéticas.16

Deus enviou o homem à terra para ser entretido pelos sonhos corporais, não para obscurecer a sua consciência da imortalidade ao ser identificado com o corpo. Portanto, é tolice lamentar-se pelas mudanças corporais das quais a alma, o Ser, é a testemunha imutável.

O estudante avançado deve meditar profundamente até que seus pensamentos se dissolvam em intuição. No lago da intuição, livre das ondas do pensamento, o iogue pode ver o reflexo sereno da lua da alma. Esquecendo seus sonhos com o corpo, ele sabe que a alma existe por trás da tela dos pensamentos e, portanto, é desconhecida para eles. Quando o iogue percebe a alma como feita à imagem do Espírito, ele sabe que é imutável, imanifestado, sempre calmo, como o Espírito. Todos os devotos devem

meditar e interiorizar a sua consciência até perceberem a verdadeira natureza da alma.

VERSÍCULOS 26–27

atha cainaṁ nityajātaṁ nityaṁ vā manyase mṛtam
tathāpi tvaṁ mahābāho nainaṁ śocitum arhasi (26)

jātasya hi dhruvo mṛtyur dhruvaṁ janma mṛtasya ca
tasmād aparihārye 'rthe na tvaṁ śocitum arhasi (27)

Mas se tu imaginas que esta alma nasce e morre incessantemente, mesmo nesse caso, ó (Arjuna) de braços poderosos, tu não deves lamentar por isso. Pois o que nasce deve morrer, e o que está morto deve nascer de novo. Por que então você deveria se lamentar pelo inevitável?

"Mas se o sonho da ilusão faz você pensar que o Ser está constantemente se modificando com sua mudança de residência mortal, mesmo assim, ó devoto Arjuna, você não deve se permitir a tristeza! Você que está poderosamente armado com poder mental e autocontrole deveria perceber a inutilidade de lamentar o que é inevitável – um destino criado por si mesmo. Pois o Eu iludido que está enamorado de sua residência corporal no sonho cósmico deve estar preparado para sofrer, através da poção mágica do carma, os pesadelos de nascimentos corporais inevitavelmente seguidos de mortes corporais, e sonhos de dissoluções físicas seguidas de manifestações físicas!

❖
Superando o medo da morte
❖

O maior pavor do homem comum é a morte, com a sua imposição rude interrompendo planos fortuitos e apegos mais afetuosos com uma mudança desconhecida e indesejável. O iogue é um conquistador da dor associada à morte. Através do controle da mente e da força vital e do desenvolvimento da sabedoria, ele faz amizade com a mudança de consciência chamada morte – ele se familiariza com o estado de calma interior e distanciamento da identificação

com o corpo mortal. Contudo, quando o devoto aspirante medita persistentemente, mas apenas distraidamente, aparentemente sem fazer progresso, ele nem sempre consegue manter essa neutralidade mental. Então, como o homem comum, ele às vezes é assombrado pelo desejo de evitar sua morte inevitável – separando-o de amarras e memórias familiares – e seu corolário de renascimento no qual ele tem que começar tudo de novo em uma nova forma que se desenvolve lentamente, entre novos rostos, novos ambientes e novas circunstâncias.

Se, através da ilusão, o devoto ainda se sente, a alma, de alguma forma inextricavelmente ligada a um corpo perecível, ainda assim é tolice que ele sofra. Enquanto a alma for compelida pelo carma a ficar aprisionada nas câmaras de nascimentos e mortes, nada se ganha sucumbindo à dor. É mais proveitoso e de acordo com sua verdadeira natureza que o devoto se concentre de maneira positiva na destruição dos impulsos reencarnacionistas pré-natais e pós-natais armazenados subconscientemente, exercendo sua força de vontade e determinação, e identificando sua mente com a alma bem-aventurada. .

Não faz sentido lamentar a operação de leis universais. De acordo com a lei de causa e efeito, a alma está destinada a mudar de residência mortal. Uma vez que a alma tenha sido capturada por maya, ou ilusão, ela deve ocupar uma série de prisões de nascimentos e mortes para realizar seus desejos e pagar à Justiça de Causa e Efeito as dívidas contraídas por suas próprias ações. Não adianta lamentar!17 Em vez disso, o homem deveria tomar medidas práticas para tentar de todas as maneiras libertar-se de todos os apegos terrenos e identificação corporal, sintonizando-se com o Espírito na meditação e, assim, libertar-se da prisão mortal para o mundo livre de imortalidade.

A pessoa comum, que sofre de ignorância e apego material, vive uma vida limitada – nasce, casa e morre! Ele deve inevitavelmente repetir as mesmas experiências até que, pela meditação e identificação com o Espírito, ele ganhe a liberdade eterna. Assim que a alma imortal perder a identificação corporal, ela estará livre! O verdadeiro pragmático, ávido por “resultados”, gastará, portanto, tempo em profunda meditação, em vez de

desperdiçar a sua vida ocupado em nada mais do que buscas materiais triviais e vagas especulações sobre a roda de nascimentos e mortes.

❖

Dois tipos de nascimento e morte: terrestre e astral

❖

Existem dois tipos de nascimentos e mortes: a via respiratória e a via astral. O nascimento humano é acompanhado pela presença da respiração (inalação e exalação das correntes cósmicas transportadas pelo ar). A morte terrena é marcada pela ausência de respiração corporal. Os nascimentos e mortes marcados pela respiração são peculiares ao plano de existência terrestre.

A via astral de nascimento e morte tem um significado mais profundo. No mundo físico, a alma está encerrada num corpo carnal feito de dezesseis elementos grosseiros. Após a morte, a alma se livra de seu pesado manto de carne, mas permanece envolta em suas outras duas vestimentas sutis — o corpo astral de dezenove princípios sutis e o corpo causal de trinta e cinco ideias ou forças de pensamento. (“Corpo” significa qualquer invólucro, seja grosseiro ou sutil, que envolve a alma.)18

Quando um devoto, por êxtase divino, se identifica completamente com o Espírito onipresente, ele sai dos três corpos e alcança a Onipresença. Mas quando um homem deixa o corpo físico na ignorância, ele desperta num mundo astral, encerrado em seu corpo astral. De acordo com a lei cármica, ele vive e se desenvolve no astral por algum tempo, elaborando algumas de suas tendências passadas. No momento da lei cósmica, o homem experimenta novamente a morte-desintegração do corpo astral e renasce mais uma vez no mundo físico.

Na morte física, o homem perde a consciência da carne e torna-se consciente do seu corpo astral no mundo astral. Assim, a morte física é nascimento astral. Mais tarde, ele passa da consciência do nascimento astral luminoso para a consciência da morte astral escura e desperta em um novo corpo físico. Assim, a morte astral é o nascimento físico. Esses ciclos recorrentes de encarceramentos físicos e astrais são o destino inelutável de todos os homens não iluminados.

Aquele que busca a verdade percebe, pela introspecção e auto-análise e pelo estudo sob a orientação de um guru realizado em Deus, que as leis universais que governam o mundo fenomênico ordenam que o homem perseguido pelo carma deve passar por esta série de nascimentos e mortes. O devoto sábio não sofre com seu terrível destino e difíceis experiências futuras; em vez disso, ele concentra todos os seus poderes para destruir esses karmas malignos, identificando-se com o Espírito onisciente!

❖

Terminando o ciclo de nascimentos e mortes

❖

Nascimentos e mortes são inevitáveis para o homem apenas durante o estado de ignorância em que ele pensa que é o corpo e não pode existir sem ele. Somente o homem que não busca o despertar da sabedoria deverá sofrer os pesadelos e sonhos ilusórios de nascimentos e mortes e as misérias e limitações fantasiosas que os acompanham. Um homem, através de uma vida errada e persistente, pode sofrer pesadelos contínuos de que está sendo sufocado e assassinado. Somente vivendo corretamente ele poderá liberar de sua mente subconsciente aqueles impulsos malignos que são a única causa de suas alucinações noturnas.

Um homem com um medo extremo do ciclo de nascimentos e mortes pode sonhar todas as noites que está nascendo como um bebê e que morre depois de se tornar adulto. Esses sonhos podem continuar indefinidamente, até que pela sabedoria o homem se liberte dos medos angustiantes que motivam os seus sonhos.

A mesma verdade pode ser aplicada à alma: se um homem, através da ilusão, experimenta nascimentos seguidos de mortes, ele deve continuar inexoravelmente a fazê-lo até que pela sabedoria, meditação, discriminação e comunhão extática com Deus ele identifique sua alma com o Espírito. Um homem acordado no Espírito onipresente perde todos os pesadelos ilusórios.

VERSÍCULO 28

avyaktādīni bhūtāni vyaktamadhyāni bhārata
avyaktanidhanānyeva tatra como paridevanā

O começo de todas as criaturas está velado, o meio é manifestado, e o fim novamente é imperceptível, ó Bharata (Arjuna). Por que, então, lamentar esta verdade?

A fonte do fluxo dançante de vidas está secretamente escondida atrás de névoas de ignorância ilusória; o fim do mesmo riacho prateado também está envolto em mistério. Apenas a parte central é visível para a visão míope da humanidade. Por que, então, lamentar-se por um assunto que nenhum mortal pode resolver?

Todo homem se pergunta de que câmara misteriosa veio o homem original, os pássaros, os anfíbios, os crustáceos, as pedras, as flores, os rios, a luz, o magnetismo, a eletricidade, os mundos, as estrelas e os universos. De que fonte eles aparecem na tela da consciência humana? E – um enigma envolvente! – o que acontece aos dois mil milhões de habitantes do globo19 que, em cada século, desaparecem sem deixar vestígios?

Através da história, da biologia e de outras ciências, o homem aprende apenas sobre o período manifestado da existência humana na Terra. Nenhuma ciência física esclarece o início ou o fim dessa existência.

❖
Resolvendo o mistério da vida
❖

Quando vemos uma bandeja de relógios exposta na vitrine de uma loja, podemos notar suas formas, tamanhos e estilos, e ouvi-los funcionar; mas não vemos a sua fábrica de origem. Também não sabemos qual será o destino dos relógios depois de terem sido comprados e usados por várias pessoas. Estamos preocupados casualmente apenas com a existência média ou atual desses relógios. Deveríamos olhar com igual equanimidade para os mistérios da vida, que parecem compreensíveis e compreensíveis no meio, mas inescrutáveis em sua fonte e fim.

As filosofias negativas e que induzem ao sofrimento questionam principalmente as condições pré-natais e post-mortem do homem – regozijando-se com o nascimento e lamentando o advento da morte. Os filósofos pessimistas admitem a insolubilidade do início e do fim da vida e rendem-se à conjectura ou à crença cega em algum dogma sobre o desconhecido. Os sábios, em vez disso, usam os momentos preciosos do

presente para praticar as leis da concentração, da meditação e da autodisciplina, pelas quais podem entrar em contato com o Absoluto e conhecer Dele, se Ele condescender em explicar, os segredos de Seu reino eterno. !

Seres humanos dotados de uma inteligência questionadora são enviados a este mundo parcialmente compreensível para fazerem o seu melhor para lutar e ter sucesso de acordo com a luz da sua inteligência; nenhuma revelação externa clara lhes é concedida a respeito do propósito da vida ou de sua fonte ou fim final. Este fato é uma pista para todo o mistério; sugere silenciosamente que a busca pela verdade não deve ser externa, mas interna.

O cenário da Terra está bem montado com comida, ar, água e fogo; o homem tem que estudar a Natureza da melhor maneira possível e desempenhar sua parte de acordo com a orientação inata de sua intuição e por imitação de seus semelhantes. O grande Dramaturgo-Diretor desta misteriosa peça de vidas no palco da terra permanece escondido em algum lugar! em todos os lugares! dirigindo o jogo de Seus filhos-atores apenas através das sugestões da consciência e da compreensão inata.

O drama, embora intrigante, não é inexplicável. Mesmo os homens comuns tendem a reformar as suas vidas até certo ponto quando descobrem, pelas advertências do sofrimento autocriado, que não têm agido de acordo com os desejos do Diretor Infinito!

Os devotos que estão tentando entrar em contato com Deus através do estudo da filosofia e da prática da autodisciplina, da ioga e da meditação não devem desviar sua atenção, como os homens do mundo, lamentando sobre o destino, o destino e a ineficácia da razão humana como ferramenta. na descoberta da solução dos enigmas da vida.

Lembro-me de ocasiões no passado em que, encontrando grande alegria em contatar Deus através da meditação, minha mente de repente ficou muito curiosa. “Por que não pedir a Deus mais informações sobre Jesus, Krishna, Shakespeare – ou sobre meus próprios parentes que já partiram da terra?” Quando o Senhor não respondia imediatamente a essas perguntas irrelevantes, se não irreverentes, eu me tornaria um Tomé incrédulo e me lançaria numa masmorra de tristeza. O conhecimento da história completa

da série de encarnações de cada homem na terra e no céu (mais tarde eu sentiria remorso) não valeria a pena a perda temporária do bem-aventurado contato com Deus!

O devoto deve tomar cuidado com os perigos envolvidos em vagar pelos caminhos da curiosidade, esquecendo-se do caminho direto para Deus. Muitos, muitos devotos teriam encontrado Deus e ouvido de Seus lábios infinitos a solução para todos os enigmas, se não tivessem se perdido em becos sem saída de curiosidade espiritual ou intelectual insatisfeita.

O homem não deveria desejar o conhecimento dos mistérios da criação de Deus em preferência ao conhecimento do próprio Deus. O verdadeiro devoto ama a Deus tão ardentemente que Ele é compelido a manifestar-se na consciência devocional; o devoto deixa a Deus o direito de revelar, ou não, os segredos de Seu reino. Mesmo com os melhores amigos humanos, não se trai uma curiosidade vulgar! Eventualmente, esses amigos, sem qualquer investigação rude, confiam total e naturalmente todos os segredos de suas vidas.

Até que a inteligência do devoto se torne consciência cósmica, Deus não poderá transmitir ao homem o significado da criação. Como explicar à mais elevada faculdade humana – a razão, que reduz todos os conceitos a relações de causa e efeito – os motivos do Deus não causado?20

❖

A razão humana não consegue compreender o significado da criação

❖

Todas as coisas criadas parecem explicáveis no meio, como vimos, mas são infinitas e invisíveis no começo e no fim. Este mistério deveria estimular o homem a atribuir o efeito visível à Causa Invisível, o Espírito. Nada pode ser ganho pela tristeza por um destino desconhecido ou pelos “porquês” não respondidos, ou pelo pensamento negativo sobre as limitações da razão – as filosofias predominantes da nossa era desencorajam o homem de procurar na meditação ir além da razão. A única maneira de saber o começo e o fim de todas as coisas é entrar em contato com Deus.

Este maravilhoso drama da vida, esta peça de mistério, este efeito visível da Existência Universal, nunca poderia ter surgido sem uma Causa; tendo existido, não poderia ser aniquilado até a inexistência! Algo não pode

surgir do nada; nem algo pode terminar em nada. Todos os enigmas podem ser resolvidos pelo desenvolvimento da intuição, o meio divino de comunicação entre Deus e o homem.

VERSÍCULO 29

āścaryavat paśyati kaścid enam āścaryavad vadati tathaiva cānyaḥ
āścaryavaccainam anyaḥ śṛṇoti śrutvāpyenaṁ veda na caiva kaścit

Alguns contemplam a alma com espanto. Da mesma forma, outros o descrevem como maravilhoso. Outros ainda ouvem falar da alma como algo maravilhoso. E há outros que, mesmo depois de ouvirem tudo sobre a alma, não a compreendem de forma alguma.

Através da instrução de um verdadeiro guru, o devoto que se aprofunda e com visão beatífica contempla a alma como uma incrível maravilha luminosa. Outros, mergulhando no oceano do êxtase, descrevem-no incessantemente como uma maravilhosa entidade vibratória de sabedoria. Outros que ouvem a maravilhosa Vibração Cósmica de Aum, o Amém, sentem a alma como uma deliciosa canção onírica de alegria sempre nova. Há outros que não experimentaram a alma; seus ouvidos de percepção espiritual são surdos, incapazes de compreender sua filosofia, mesmo quando ouvem falar dela repetidamente.

Os três modos de perceber a alma mencionados nesta estrofe – contemplar, descrever ou falar e ouvir – implicam três das manifestações pelas quais a alma se revela: Luz (contemplar); Sabedoria (descrevendo sua maravilha); e Som Cósmico (audição; comunhão com o som cósmico de Aum, que transmite felicidade).

❖
Espírito e alma se manifestam como luz, sabedoria e som
❖

O Espírito no estado não manifestado é uma bem-aventurança sempre existente, sempre consciente e sempre nova; a alma é um raio do Espírito. O Espírito se manifesta como Luz Cósmica, Sabedoria Cósmica e Som Cósmico que transmitem bem-aventurança; a alma, portanto, também é percebida como bem-aventurada

Luz Cósmica, Sabedoria Cósmica e Som Cósmico. Através de diversas técnicas, aprendidas através de um verdadeiro guru, o devoto encontra sua intuição absorvida nessas manifestações da alma. Quando os iogues desenvolvem uma intuição profunda, eles podem experimentar a alma como uma incrível Luz mística. Quando os devotos sentem a alma como um raio de Inteligência Cósmica, falam dela em termos de Sabedoria maravilhosa. Outros percebem a alma como uma vibração audível requintada do maravilhoso Som Cósmico, ou Aum bem-aventurado.

Os buscadores superficiais da verdade permanecem tão absortos na inquietação que, não importa quantas vezes ouçam o discurso de um homem sábio sobre a alma, eles não o compreendem melhor do que se ouvissem alguém falando uma língua estrangeira! Pode-se dizer com segurança que apenas um devoto avançado percebe a alma como Luz Cósmica ou Sabedoria Cósmica ou Som Cósmico.

❖

A intuição preenche o abismo entre o conhecimento intelectual e a realização

❖

Os seres humanos comuns, estudando e trabalhando com a vida material, são circunscritos em sua compreensão pelas suas percepções sensoriais e pela inteligência racionalizadora. Com a intuição subdesenvolvida, o seu poder limitado de intelectualidade não pode compreender verdadeiramente as questões do espírito, mesmo quando tal verdade lhes é exposta. Embora intelectos colossais e teólogos famosos possam ler bem sobre a alma, eles podem, no entanto, compreender pouco sobre ela! Por outro lado, mesmo os analfabetos dados à meditação profunda serão capazes de descrever claramente a natureza da alma a partir da sua própria experiência direta. A intuição preenche o abismo entre o conhecimento intelectual da alma e a realização real do Ser divino.

A Alma e o Espírito e todas as verdades interiores só podem ser apreendidas através do desenvolvimento do poder da intuição através da meditação profunda regular. A inteligência e as percepções sensoriais podem perceber apenas fenômenos ou qualidades da Substância Eterna; somente a intuição pode perceber a essência dessa Substância. Portanto, é evidente que a cultura da intuição pela meditação deve preceder a

verdadeira percepção.

Na vida de cada pessoa, duas forças de conhecimento operam desde o nascimento: (1) o poder da razão humana, juntamente com os seus satélites de sensação, percepção, concepção, e assim por diante; (2) o poder da intuição. O primeiro é desenvolvido através de instituições e interações sociais. Este último geralmente permanece inculto, subdesenvolvido, devido à falta de orientação e métodos de treinamento adequados.

Em quase todas as pessoas, formas inferiores de intuição expressam-se de vez em quando em experiências de "conhecimento" que de outra forma seriam inexplicáveis – aquelas que surgem por si mesmas, independentemente do testemunho dos sentidos e da razão. Esses vislumbres intuitivos são os chamados palpites, fortes sentimentos interiores, premonições, sonhos "proféticos". Estas são, por vezes, experiências cristalizadas de nascimentos anteriores (por exemplo, certos conhecimentos sobre pessoas ou eventos herdados do passado que têm um futuro previsível) e não têm grande valor espiritual. Outras experiências deste tipo indicam uma pequena capacidade de ser calmo e intuitivamente receptivo; outros indicam apenas uma racionalidade extraordinariamente perspicaz, mas passiva.

Todo poder de conhecimento toma emprestado sua capacidade da intuição. A expressão mais elevada da intuição é aquela pela qual a alma se conhece: o conhecedor, o conhecedor e o conhecido existem como um só. Quando a intuição entra em contato com a matéria, ela passa por vários estágios de evolução. À medida que a alma evolui em expressão através de cinco estágios, ou koshas21 - como as várias qualidades da matéria inerte nos minerais, como a vida sem poder cognitivo nas plantas, como a consciência e a percepção sensorial nos animais, como o intelecto e a consciência do ego no homem, e como a divindade no homem iluminado - assim também os poderes de conhecimento da alma passam por progresso evolutivo e refinamento através desses vários estágios de evolução da alma: como resposta inconsciente nos minerais, como sentimento na vida vegetal, como conhecimento instintivo nos animais, como intelecto, razão e subdesenvolvimento. intuição introspectiva no homem e como intuição pura

no super-homem.

❖
Cinco formas de intuição
❖

No homem, o despertar consciente da intuição se expressa em cinco formas, determinadas pelos efeitos dos cinco koshas inerentes à sua consciência. Eles são os seguintes:

A primeira forma de intuição, a forma mais grosseira, é o sentimento básico de que “eu existo com um corpo e uma mente”. Esse sentimento todo ser humano tem. Isso é chamado de intuição do annamaya kosha – a consciência da existência no plano denso ou material. Quando alguém está limitado ao conhecimento sensorial ou ao conhecimento inferencial, ele está neste plano bruto da intuição. Por que isso é chamado de intuição? Porque em todo processo de pensar ou sentir, existe o sentimento imediato de “eu”. Este sentimento é uma consciência direta; não pode ser dado por nenhum mediador no mundo. Todo ser sabe que existe. É um sentimento que o acompanha até durante o sono e os sonhos. Este conhecimento vem do conhecimento ou intuição da alma sempre consciente.

A segunda forma de intuição é a da energia prânica, a corrente vital ou vital que percorre todas as células do corpo. É a intuição, ou conhecimento imediato, do pranamaya kosha, o plano das forças vitais que criam e sustentam o corpo. Na forma primária desta intuição, ouvimos sons sutis, vemos luzes sutis, sentimos sensações sutis, cheiramos fragrâncias sutis e saboreamos sabores sutis. Estas não são sensações externas; eles não têm nada a ver com os órgãos dos sentidos físicos. Na forma superior desta intuição, sente-se a força prânica da maneira mais sutil em todas as partes do corpo. Formas intensificadas de intuição de prana - por exemplo, quando o iogue percebe a alma como Som Cósmico, conforme observado nesta estrofe do Gita - dependem dos estágios sucessivos de intuição. Quando alguém está nesta segunda forma de conhecimento intuitivo, ou prana, ele retirou parcial ou totalmente sua consciência do plano material de annamaya kosha.

A terceira forma de intuição é o conhecimento direto de manas ou mente – seus efeitos e suas combinações com outros princípios de percepção e cognição – junto com o conhecimento separado dos órgãos sutis dos

sentidos. Quando se atinge este estágio de intuição, a atenção não está no plano da matéria – isto é, no corpo – nem muito no plano prânico; embora alguma ação do prana possa estar envolvida nas experiências desse estado. Isso é chamado de intuição do manomaya kosha, ou plano mental. A consciência neste plano pode ser trabalhada pelo prana, ou energia vital, e então as visões são vistas. Nesta forma de intuição, a pessoa não tem nenhuma consciência do mundo exterior, ou tem muito pouca consciência, dependendo da profundidade da meditação. No estágio subdesenvolvido desta forma de intuição, podemos ter visões de todos os tipos, geradas intermitentemente ou desejadas voluntariamente. Para algumas pessoas, isso não está sob controle e, portanto, as visões são geradas de forma intermitente. Para o adepto, tais fenômenos são voluntários e estão sob controle da vontade. As visões são de substância astral, projeções de prana e consciência como imagens lifetrônicas. As visões experimentadas por aqueles cuja intuição ainda está em estágios subdesenvolvidos podem ser pouco mais do que fenômenos divertidos – vislumbres dos reinos astrais sutis (distrações evitadas pelo buscador sério de Deus). Visões significativas, com verdadeiro valor espiritual, são geradas pela alma e pelo Espírito através da pura intuição trabalhando no prana e na consciência sintonizada com Deus do devoto com o propósito de elevá-lo a estados espirituais cada vez mais elevados - como por exemplo, contemplar a alma como Luz Cósmica.

A quarta forma de intuição é o conhecimento direto da operação de Buddhi, ou intelecto discriminativo, juntamente com o conhecimento do ego. A pessoa neste estágio não sente o turbilhão da mente, a corrida do prana, ou o peso e o confinamento do corpo. Ele se sente existente acima deles, uma existência sem qualquer outro complemento ou condição; embora possa permanecer nele uma dúvida se ele conhece seu verdadeiro Eu ou não. Esta é a intuição do jnanamaya kosha, ou plano do intelecto. Quando esse estágio está elevado, totalmente desenvolvido, é chamado de meditação cognitiva. Gera um discernimento aguçado da verdade, manifestando-se como Sabedoria.

A quinta forma de intuição é o conhecimento direto da bem-

aventurança, que não depende de nenhum objeto, meio ou condição. Esta é a intuição de anandamaya kosha. Ele concede alegria plena, coroando as experiências divinas com a satisfação final. Neste, como nos estados anteriores, a consciência foi totalmente retirada do plano corporal, ou pelo menos quase isso.

❖

Somente os seres espirituais mais elevados - muito poucos neste mundo - têm intuição pura da alma

❖

Lembre-se de que a primeira forma de intuição é possuída por todos; os outros quatro formulários devem ser desenvolvidos. Estas últimas quatro formas de intuição não estão totalmente separadas. À medida que se desenvolvem, uma forma pode manifestar-se quando outras também estão presentes em certa medida. Na meditação, quando o devoto vê uma luz sutil ou ouve um som sutil, por exemplo, ele pode ter a intuição de bem-aventurança misturada até certo ponto. Ou quando ele intuitivamente sente que existe conscientemente sem consciência do corpo (como na intuição de jnanamaya kosha), ele pode ter simultaneamente a intuição de bem-aventurança sem fim fluindo por todo o seu ser. O devoto altamente avançado tem esta experiência intuitiva: ele sente a alma refletida no intelecto e no ego purificados e sem adjuntos; e essa ananda, bem-aventurança divina, flui daí. Mesmo durante o desempenho dos deveres mundanos, a intuição superior desse homem espiritual permanece com ele em maior ou menor grau, de acordo com o seu desenvolvimento espiritual.

A intuição pura é a intuição da alma – conhecer a alma pela alma; ver a alma com os olhos da alma, por assim dizer. Aqui não há modificações da intuição – como a intuição do intelecto, ou do prana, ou da mente, ou da matéria. O iogue neste estado está acima de todos eles – o conhecedor, o conhecedor e o conhecido tornaram-se um. Ele está plenamente consciente de seu verdadeiro Eu. Esta é a verdadeira consciência da alma; e, de fato, é a consciência de Deus, pois a alma é percebida como nada mais do que o reflexo do Espírito.

Somente os seres espirituais mais elevados – muito poucos neste mundo – têm essa intuição pura da alma. Alguns têm isso às vezes, como quando

estão em meditação profunda. Alguns ficam frequentemente fixados nele por períodos mais longos, mesmo após a meditação. Quanto mais alguém está ancorado nesta consciência, mais sente que o mundo inteiro é semelhante. Estrelas, terra, plantas, animais, homem - ele sente que tudo está permeado pela mesma alma, que ele sente ser ele mesmo. Quando a intuição da alma se intensifica, e o iogue permanece ininterruptamente nessa consciência por um longo tempo, sem nenhum desejo ou esforço para se apegar aos apetrechos da ilusão, então mesmo a sua prisão corporal não pode durar. Ele é um com Deus.

Assim é declarado nesta estrofe do Gita, a maravilha da alma; e que não pode ser conhecido pelo intelecto comum ou mesmo aguçado, mas apenas por aqueles que realmente o percebem através da intuição. Desenvolvendo-se progressivamente pela prática das técnicas corretas de meditação, a intuição torna possível a experiência das várias manifestações da alma e, em última análise, a realização de si mesmo como alma, um com o Espírito.

VERSÍCULO 30

dehī nityam avadhyo 'yaṁ dehe sarvasya bhārata
tasmāt sarvāṇi bhūtani na tvaṁ śocitum arhasi

Ó Bharata (Arjuna), Aquele que habita nos corpos de todos é eternamente inviolável. Não lamente, portanto, por qualquer ser criado.

Assim como o sonhador permanece inalterado, embora se veja participando todas as noites de diferentes fantasias oníricas, a própria alma invisível, que sonha com os corpos de muitas encarnações, permanece inalterada. Sabendo que os corpos de todas as criaturas são bolhas espumosas no oceano de sonho cósmico da criação de Deus, não há motivo para lamentar quando qualquer corpo manifestado por sonho cósmico é retirado para o Sonhador Infinito Sem Sonhos.

É natural que o ser humano lamente a perda de entes queridos. Mas o Bhagavad Gita aponta a atitude mental adequada que libertará alguém da

dor excessiva.

❖

A atitude correta que libertará alguém do sofrimento excessivo

❖

A vida e a morte, o prazer e a dor, e todos os opostos deste mundo da relatividade, produzem no homem estados distintos, dependendo da sua sensibilidade específica. O luto pela perda da mãe pode, portanto, ser vivenciado de forma diferente por dois indivíduos. A pessoa sensível, desprotegida pelo equilíbrio da razão, fica oprimida pela sua perda; e como alguém que perdeu o juízo, ele se torna emocionalmente incapaz até mesmo de cumprir seus deveres mundanos. A pessoa menos sensível normalmente só é afetada pela sua tristeza; ele sofre, mas a vida continua para ele. O homem sensível no campo de batalha da vida não tem armadura para protegê-lo quando luta contra as hordas invasoras de sentimentos. Portanto, é provável que ele seja dominado ou morto. O homem comum encontra proteção, até certo ponto, por trás da armadura da razão.

O iogue, o homem de perfeito equilíbrio, não é hipersensível nem estoicamente insensível. Durante o luto causado pela morte de um ente querido, ele compreende e, portanto, sente e aprecia a natureza da perda que sofreu. Mas interiormente ele permanece neutro e impassível, porque percebe que a natureza de todas as coisas materiais é impermanente e que, portanto, é tolice esperar felicidade permanente apegando-se a formas e objetos materiais. O conhecimento é leve; ilumina e revela a natureza da realidade. Conseqüentemente, o iogue, iluminado pela sabedoria, está preparado de antemão para enfrentar tais mudanças. A compreensão também lhe dá grande simpatia e compaixão por aqueles que sofrem perdas devastadoras sem a proteção da sabedoria.

Na Índia, aqueles que possuem compreensão espiritual nunca falam da morte de um indivíduo. Eles não diriam: “Rama está morto”. Em vez disso, eles dizem: “Rama deixou o seu corpo”. A expressão comum “João está morto” é enganosa e um pensamento muito triste. Pressupõe a aniquilação do dono do corpo juntamente com a morte do corpo. O sábio não sofre por uma alma que passou de uma residência corporal para outra, assim como uma pessoa compreensiva não sofre por alguém que deixa uma residência

para se mudar para outra casa.

A dor nasce da ignorância, do apego e do amor egoísta, porque o homem comum vê apenas o quadro atual da existência. A natureza universal do seu verdadeiro Eu e de todas as almas é incompreensível para ele – se não mesmo insustentável – na sua cápsula tempo-espacial do que e quem é “meu” no agora conhecido. Quando aqueles a quem ele chama de seus são arrebatados pela morte, ele reclama da sua perda, sem saber que na verdade não há perda alguma no âmbito ilimitado da existência eterna da alma.

Mesmo sonhando com diferentes formas e experiências, a consciência básica do sonhador permanece a mesma, inalterada. Ao acordar, absorve em si todas as manifestações oníricas; a imaginação do sonhador retém em si todos os elementos do seu sonho. Da mesma forma, Deus sonha muitos seres através dos sonhos de inúmeras almas imutáveis feitas à Sua imagem. Em cada encarnação onírica, as almas imutáveis usam novas formas corporais para desempenhar diferentes papéis no sonho de Deus. A nova imagem onírica esquece seus papéis anteriores, mas a alma se lembra de todos eles. E a consciência de Deus retém para sempre as imagens oníricas de todos os seres humanos. Em vez de lamentar impotentemente a perda de parentes ou amigos humanos, deveríamos entrar em contato com Deus, que, para satisfazer os desejos de um devoto, pode projetar em visibilidade instantânea qualquer ente querido desaparecido.

Certa vez, enquanto assistia a um filme sobre a vida de Abraham Lincoln, fiquei interessado na atuação maravilhosa e nos nobres feitos desse herói histórico; Tornei-me seu amigo ardente! Mais tarde na foto ele foi morto; Fiquei muito triste. Ao me levantar para sair do teatro, ocorreu-me o pensamento de que, se esperasse pela reprise, poderia ver novamente sua nobre presença viva! No início da segunda exibição fiquei tão satisfeito ao vê-lo, movendo-se e rindo, como se ele realmente tivesse ressuscitado! Continuei assistindo ao show até que estava quase na hora de ele ser morto novamente. Então saí do teatro precipitadamente! Na minha memória ele ainda está vivo!

Os verdadeiros devotos podem orar com sucesso a Deus para que lhes

mostre a manifestação cinematográfica cósmica de seus entes queridos “mortos”. Todas as pessoas, sendo pensamentos materializados de Deus, são finalmente novamente dissolvidas em Sua consciência, mas nunca poderão ser aniquiladas. Deus pode manifestar esses seres à vontade. Foi assim que Elias e Moisés apareceram a Jesus Cristo,22 e como Lahiri Mahasaya23 apareceu e aparece diante de muitos de seus devotos na terra.

Algumas ondas estão na superfície do oceano e outras se retiram para o seu seio; mas em ambos os casos, a onda e o oceano são um só. Da mesma forma, os seres humanos que estão flutuando em “vida” no Seio Cósmico ou que estão escondidos nele através da “morte”, estão igualmente em casa no Mar Eterno.

Percebendo que a natureza da alma é a imortalidade, os seres humanos não lamentarão imprudentemente a morte dos outros. Quando um ser sai da terra, é quase impossível entrar em contato com essa forma, a menos que alguém esteja espiritualmente muito avançado. Portanto, é inútil gemer impotente. Mas se alguém tiver perseverança espiritual e paciência, poderá ver novamente seus entes queridos que partiram, primeiro contatando Deus. Em sintonia com Ele, pode-se certamente ver, ou saber sobre, seus entes queridos desaparecidos.

O Gita não nos ensina a ser insensíveis, a esquecer os amigos ou a apagar a sua memória, mas apenas a evitar sentimentos irracionais de luto e lamentações inúteis. Não é bom lamentar ignorantemente os entes queridos que a morte levou e assim enviar-lhes vibrações tristes, nem tentar mantê-los presos à terra ou perturbá-los no mundo astral.

A mãe, por exemplo, não deve lamentar longa ou indevidamente a perda do filho por morte. Uma criança pode ser obrigada a deixar a Terra com o propósito de uma educação superior no mundo astral, ou para uma libertação definitiva da tortura física devido a uma doença incurável, ou para certos deveres cármicos imperativos em outro lugar. É Deus quem nos dá filhos e amigos; deveríamos ser gratos enquanto os tivermos, e gratos por nossas lembranças deles quando for conveniente ao Planejador Divino removê-los para outro plano de existência.

Um viúvo faria bem em nunca se casar novamente se em sua esposa

falecida ele tivesse encontrado satisfação em seu coração para as exigências de um amor divino ideal. Ele deveria sempre lembrar-se dela com gratidão, como alguém que lhe libertou, através do cumprimento, dos deveres terrenos do matrimônio. Se um homem encontrasse alguma felicidade com sua primeira esposa e se casasse novamente após a morte dela, ele não deveria esquecer todas as boas vibrações que recebeu de sua primeira esposa, mas deveria ocasionalmente enviar-lhe mensagens de boa vontade no mundo astral.

Os devotos avançados na Terra podem transmitir conscientemente comunicações vibratórias para pessoas que estão espiritualmente evoluídas no mundo astral. Tal comunicação consciente só é possível entre almas avançadas. Mas mesmo o homem comum tem o poder de lançar seus pensamentos leves e apaixonados em direção aos entes queridos que já partiram; as vibrações dos bons pensamentos nunca se perdem, mas são um estímulo silencioso de alegria e bem-estar para os entes queridos que partiram para o mundo astral.

A dor da maioria dos seres humanos pela morte de pessoas próximas deve-se ao egoísmo, à perda pessoal de alguma forma de serviço ou conforto. Muito poucas pessoas amam os outros sem um pingo de interesse egoísta – essa é a natureza do amor humano. A maioria das pessoas sofre, não pela pessoa amada, mas pela sua privação pessoal!

O amor divino reconhece todas as pessoas boas que entram em nossas vidas como expressões do amor de Deus por nós. Cada amigo – na forma de parentes, amigos, amados, cônjuge – que está conosco agora ou que deixou esta terra é um meio através do qual o próprio Deus simboliza Sua amizade. Ignorar ou abusar da amizade, portanto, é uma afronta a Deus. Em todas as nossas relações harmoniosas devemos lembrar que é Deus quem brinca de esconde-esconde por trás dos corações vivos. Nunca devemos ignorar ou esquecer qualquer gentileza ou serviço prestado a nós por um amigo. A ingratidão e a indiferença murcham até o carvalho mais robusto da amizade.

O homem não deve, contudo, limitar a manifestação de Deus através da amizade a apenas um ou alguns parentes e amigos. Toda a humanidade não é apenas nossa amiga, mas também nosso Eu! Amigos são Deus disfarçado.

Deus, o Amigo, por trás de todos os amigos! Deus, o único Amante fiel!

❖

Os entes queridos são levados embora não como punição, mas para ensinar a lei do amor universal

❖

Deus nos dá amigos e parentes queridos para que possamos ter a oportunidade, por meio desses relacionamentos, de cultivar o amor elementar, o primeiro estágio de expansão além do amor próprio em direção ao amor divino. Mas porque o homem se apega aos entes queridos de uma forma limitante, a lei divina os afasta, não como um castigo, mas para ensinar a lei do amor universal. É Deus quem aparece por um tempo como um filho ou filha amoroso – ou mãe, pai, amigo ou amado – e é Ele quem desaparece novamente de vista. Se os laços cármicos forem fortes, especialmente os laços espirituais, Ele poderá voltar a se relacionar com as mesmas almas em diferentes encarnações.

Foi Deus, e somente Deus, quem se envolveu como alma nos muitos seres humanos que Ele criou. E quando um ser humano ama outro com puro amor divino, ele vê o espírito de Deus se manifestando naquela pessoa. Para demonstrar Sua natureza espiritual como alma, distinta do corpo, o único Deus que existe em todos os corpos aparece em uma forma, deixa outra; reaparece em novas formas e depois desaparece novamente. Segue-se, portanto, que não é o corpo que devemos amar, mas o Espírito imortal dentro dele. Aqueles que amam o corpo como o eu, e não como o tabernáculo do verdadeiro Eu, ficam indevidamente entristecidos no final porque o corpo deve perecer. Aqueles que amam a habitação do Espírito mantêm uma alegria duradoura, porque sabem que a alma é imortal – a morte não pode afetá-la de forma alguma. O amante do corpo tem os olhos fixos no corpo e não pode ver o Espírito imortal dentro dele; então, quando o corpo é retirado de vista, seus olhos ficam turvos de lágrimas. Quem aprende a manter o olhar fixo nas almas dos seus entes queridos, não os perde de “vista”, mesmo quando os seus corpos perecem; portanto, esse relacionamento não é prejudicado pela dor egoísta.

No plano metafísico de interpretação, no que se refere à batalha espiritual interna do devoto Arjuna, um ponto importante é apresentado neste e nos versos anteriores sobre a inviolabilidade da alma. O Senhor lembra ao

❖

Interpretação metafísica do versículo 30

❖

aspirante o poder inato de sua alma para se tornar vitorioso sobre sua natureza de ego inferior. Os devotos viciados na fraqueza dos seus sentidos e nos maus hábitos não só relutam em destruir estes inimigos amigos, mas também sentem que o poder esmagador destas forças certamente terá sucesso no genocídio das qualidades e aspirações divinas da alma. Mas embora o ego, o hábito, os sentidos, os desejos possam envolver a consciência do homem por um tempo, eles não podem destruir nem mudar a alma, nem suprimi-la para sempre. Cada alma, não importa quão "morta" pareça, nem quão profundamente enterrada sob os maus hábitos da consciência do ego, é capaz de ressuscitar do sepulcro da maldade e das fraquezas pré-natais e pós-natais. A alma é indestrutível e intocada e inalterada pelos seus pretensos inimigos; aguarda apenas o chamado do determinado guerreiro divino.

A BATALHA JUSTA É O DEVER RELIGIOSO DO HOMEM

VERSÍCULO 31

svadharmam api cāvekṣya na vikampitum arhasi
dharmyād dhi yuddhācchreyo 'nyat kṣatriyasya na vidyate

Mesmo do ponto de vista do seu próprio dharma (o dever legítimo de alguém), você não deve oscilar interiormente! Não há nada mais propício para um Kshatriya do que uma batalha justa.

Contemplando a "deusa do dever justo" enquanto ela está no altar sagrado da vida, o guerreiro espiritual não deve hesitar em aceitar o seu dever supremo de lutar para derrotar os seus inimigos invasores da ignorância, lutando para adquirir sabedoria.

Nem deveria um soldado forte, criado no colo da sua pátria, alguma vez

vacilar em protegê-la e salvaguardar os seus dignos interesses e ideais.

❖

Qual é o dever legítimo do homem?

❖

A vida no reino corporal do homem é servida cooperativamente e protegida em geral pela cabeça, superfície da pele, mãos e pés. Os pés proporcionam trabalho e serviço básico na forma de apoio e locomoção de todo o corpo. A superfície do corpo (incluindo os órgãos dos sentidos) realiza todas as transações "comerciais" através da comunicação com o mundo exterior; e é também um "campo" cultivado e colhido de experiências ligadas à vida material. As mãos atuam como escudos para proteger o corpo de danos e governam o corpo, suprindo suas necessidades, cuidados e bem-estar. A cabeça, com suas faculdades mentais, fornece a inteligência e o conselho espiritual e moral necessários para manter um reino sábio e harmonioso de trilhões de células e inúmeras sensações, percepções e atividades. O homem imitou instintivamente o arquétipo do governo corporal ao organizar a sua sociedade. Cada nação tem seu povo intelectual e espiritual ou Brâmanes, seus soldados e governantes ou Kshatriyas, seus empresários ou Vaishyas ("lavradores da terra"), e seus trabalhadores ou Sudras.

Pelas descobertas dos cientistas de selos, cerâmicas, moedas, estátuas, de cidades antigas desenterradas em Mohenjo-Daro e Harappa no Vale do Indo, norte da Índia, a civilização da Índia foi estabelecida como muito mais antiga que a do Egipto – "levando-nos de volta a uma era que só pode ser vagamente imaginada."24 Sendo a civilização mais antiga da Terra, a Índia é o berço de todas as formas de cultura.25 Os seus rishis descobriram que cada nação evolui através de estados físicos, emocionais, intelectuais e espirituais – mesmo como uma nação. o homem passa pelo estado de crescimento físico na infância (atividade corporal governada por energia inquieta), pelo estado emocional da juventude (atividades e desejos estimulados por uma consciência sensorial intensificada) e pelos estados de maturidade intelectual e espiritual (ação guiada pela razão para atender necessidades e responsabilidades e, em última análise, um aprofundamento da consciência na compreensão, sabedoria e valores espirituais).

Os sábios da Índia foram os primeiros a moldar a sua civilização

segundo o governo corporal. É por isso que enfatizaram o reconhecimento de quatro castas naturais, de acordo com as qualificações e ações naturais do homem.26 Os rishis sustentavam que quatro castas são necessárias para o governo adequado de um país. Os brâmanes intelectuais e espirituais, os soldados e governantes Kshatriya, os empresários Vaishya e os trabalhadores Sudra devem cooperar num governo bem-sucedido de um país - assim como o cérebro, as mãos, os tecidos e os pés, todos cooperam para a manutenção bem-sucedida. e progresso do reino corporal.

Na Índia, as quatro castas baseavam-se originalmente nas qualidades inatas e nas ações externas do povo. Todos tinham um lugar respeitado e necessário na sociedade. Mais tarde, por ignorância, as regras de castas tornaram-se um cabresto hereditário. A confusão surgiu; filhos indignos de brâmanes intelectuais e espirituais afirmavam ser brâmanes por pura virtude de nascimento, sem uma estatura espiritual correspondente. Os filhos dos Kshatriyas tornaram-se soldados e governantes, mesmo que não tivessem aptidão ou habilidade com armas ou capacidade para governar. Os filhos dos Vaishyas, mesmo sem compreender a gestão da agricultura ou do comércio, reivindicaram a sua herança como agricultores ou empresários. Os sudras estavam confinados ao trabalho servil e à servidão, independentemente de suas qualificações superiores. Este rígido sistema de castas hereditárias é defendido apenas pela minoria ortodoxa na Índia.

Um sistema de “castas” é pernicioso também no Ocidente, onde foram criadas divisões de acordo com dinheiro, cor e raça. O criador do ódio e das guerras! A Bíblia diz que todas as nações foram feitas de um só sangue;27 que todos os homens — independentemente da cor e da raça — foram feitos à imagem de Deus; que todos os homens são filhos de pais comuns, simbolicamente chamados de Adão e Eva. O agrupamento de raças de acordo com uma superioridade ariana e nórdica sobre outras raças é uma ficção alimentada por raças que sofrem de um “complexo de superioridade”. Os hindus originalmente se consideravam, como arianos ou “nobres”, superiores a outras nações; naquela época, a Índia possuía poder espiritual e material. As nações ocidentais, agora materialmente mais prósperas que as nações orientais, consideram-se superiores. Os ocidentais

que professam seguir a Cristo devem seguir a doutrina da irmandade do homem e da paternidade de Deus, banindo assim as distinções que criam o ódio e incitam à guerra. Homens sábios como Lincoln tentam destruir as divisões no Ocidente, tal como os sábios da Índia estão a tentar destruir as divisões superficiais de castas, classes e credos.

❖

Significado espiritual do sistema de castas

❖

Além das divisões de castas e classes, existe uma interpretação espiritual do sistema de castas que se aplica às classes naturais da humanidade. Cada ser humano pertence a uma das quatro castas naturais, de acordo com a sua qualidade predominante. Um escravo dos sentidos está no estado Sudra, ou Kayastha28 (kaya, corpo; stha, apegado a), o estado identificado com o corpo; muitas vezes ele é um materialista que duvida da existência do Espírito, devido à sua escravização dos sentidos. Qualquer pessoa que cultive a sabedoria e elimine a ignorância está no estado Vaishya, "cultivando" os estados mentais espirituais discriminativos. Aquele que está lutando na meditação contra a invasão das tendências dos sentidos, instintos, humores e males no reino corporal é considerado como estando passando pelo Kshatriya ou estado mental de luta; governando com o poder do autocontrole. Aquele que possui o conhecimento do Espírito através da comunhão com Deus na meditação atingiu o estado Brâmane ou identificado com o Espírito.

De acordo com a interpretação espiritual do reino corporal, o homem no estado mental identificado com os sentidos ou Sudra deveria lutar para reconhecer seus sentidos como seus servos, não como seus senhores. O dever do devoto que está no "cultivo" ou estado Vaishya de espiritualidade é eliminar a ignorância e semear sementes de sabedoria no campo da consciência. No estado Kshatriya, o guerreiro espiritual deve fazer o máximo para proteger seu reino mental da invasão das forças internas do ego, dos hábitos e dos sentidos que perturbam a meditação. Assim, ele passa naturalmente para o estado brâmane de invulnerabilidade – realização de Deus.

Esta estrofe do Gita faz referência especial ao dever de um homem

espiritual que atingiu o estado Kshatriya. Krishna, a alma, diz ao devoto: “Ó Arjuna, você está no estado guerreiro da espiritualidade! Seu dever consiste em combater os apegos sensoriais momentaneamente prazerosos da consciência corporal! Não vacile! Acordado! Desperte os soldados da discriminação e da calma meditativa! Monte-os no campo de batalha da introspecção! Derrotem as forças invasoras dos apegos sensoriais!

A mesma instrução espiritual pode ser aplicada na vida cotidiana. Numa batalha material justa, por exemplo, deve-se lutar nobremente e destemidamente para defender a sua pátria das forças invasoras do mal, salvaguardando o bem-estar e os interesses dos seus compatriotas e defendendo os ideais da existência humana virtuosa.

VERSÍCULO 32

yadṛcchayā copapannaṁ svargadvāram apāvṛtam
sukhinaḥ kṣatriyāḥ pārtha labhante yuddham īdṛśam

Ó Filho de Pritha (Arjuna), afortunados são os Kshatriyas quando uma batalha tão justa, não provocada, caiu sobre eles; eles encontram aí uma porta aberta para o céu.

“Ó filho vacilante de Pritha, um guerreiro de mente nobre deveria aproveitar qualquer oportunidade de lutar por uma causa exaltada! Aqueles que respondem ao chamado de uma batalha justa, que vem sem busca agressiva e exige o cumprimento da lei cármica da justiça, certamente contemplarão nesse dever uma porta secreta para a felicidade celestial!”

Existem dois tipos de guerreiros nobres – o soldado de qualquer país que se envolve numa guerra justa pela protecção do seu país, e o guerreiro espiritual que está pronto a usar o autocontrolo e o esforço destemido para proteger o reino interior da paz. Nenhum guerreiro do Espírito deveria hesitar por causa do estratagema ilusório do inimigo interno; nenhum soldado zeloso deveria vacilar por causa do perigo à sua vida ou por causa do necessário derramamento de sangue.

Na exortação de Krishna a Arjuna de que ele deve cumprir seu justo

dever como Kshatriya (guerreiro), o Gita adverte o homem contra a tentação de usar uma doutrina metafísica de não-violência como subterfúgio para tolerar o massacre de pessoas inocentes por saqueadores sem consciência. A doutrina da não violência ensinada por Leo Tolstoy e por Mahatma Gandhi inclui a resistência ao mal. Uma pessoa não violenta deve resistir ao mal, porém, não com força física, mas com força espiritual. Gandhi era um guerreiro sem armadura, salvo a invulnerável couraça da Verdade. A não-violência é a resistência passiva ao mal pelo amor, pela força espiritual e pela razão, sem o uso da força física. O homem não-violento afirma que se for necessário derramar sangue para proteger a inocência, então deixe que esse sangue seja seu! Se uma pessoa resistir espiritualmente a um programa errado, a ponto de provocar a própria morte às mãos de seus inimigos enfurecidos, no final haverá menos sangue derramado no mundo. Este ponto provou ser uma verdade prática na história recente da Índia – a vitória da Índia na independência do domínio estrangeiro através dos princípios de resistência passiva de Gandhi.

Milhares de seguidores de Gandhi se martirizaram ao aderir à doutrina da não-violência. Em numerosas ocasiões, os seguidores desarmados de Gandhi resistiram, pela não cooperação, a uma lei que consideravam injusta; eles foram atacados e espancados por inimigos políticos. Muitos dos discípulos de Gandhi, agredidos impiedosamente, levantaram-se novamente e, apontando calmamente para os crânios e membros quebrados, incitaram os inimigos a vencê-los novamente! Testemunhas testemunharam que esta demonstração de coragem não violenta fez com que muitos inimigos políticos largassem as armas, arrependidos por terem atacado homens corajosos que, pelo bem das suas convicções, não tinham medo da mutilação ou da morte.

❖

Aplicação correta da doutrina da não-violência

❖

A doutrina da não violência sustenta que o sacrifício de si mesmo ensina os inimigos, através do despertar da consciência e dos impulsos internos de arrependimento, a evitar a violência. Esta premissa pressupõe que a consciência do inimigo é capaz de ser tocada. Se você entrar na jaula de um

tigre e começar a pregar-lhe a não-violência, a sua natureza bestial, que não tem princípios nos padrões morais do homem, fará com que ele o devore – arruinando totalmente a sua excelente dissertação! O tigre não aprende nada com a experiência, a menos que um tolo seja uma refeição fácil. O estalo inteligente do chicote de um treinador poderia ter gerado uma conversa mais significativa entre o homem e a fera.

Paralelismos podem ser extraídos de relatos de atrocidades na história da humanidade. Embora a força em si seja um mal, quando empregada contra um mal maior, o menor dos dois males torna-se, neste mundo da relatividade, um ato de justiça. Mas esta não é uma licença gratuita para recorrer à força ou à retaliação. Por exemplo, há uma grande diferença entre uma guerra justa e uma guerra injusta. Um país pode ser propositadamente agressivo e fomentar guerras para satisfazer a sua ganância; uma guerra assim motivada é uma acção injusta por parte dos agressores e nenhum soldado deve cooperar com ela. No entanto, defender um país contra a agressão de outro – protegendo pessoas inocentes e indefesas e preservando os seus nobres ideais e liberdade – é um dever justo.

É melhor consultar verdadeiros homens de Deus sempre que houver dúvida se uma guerra é justa ou não.

Tolerar a força defensiva em certas circunstâncias não significa rebaixar a superioridade do poder espiritual sobre a força bruta. Até um tigre na companhia de um iogue cheio do amor de Deus se torna um gatinho. Patanjali diz: “Na presença de um homem aperfeiçoado em ahimsa (não-violência), a inimizade [em qualquer criatura] não surge.”29

“Amai os vossos inimigos”30 é uma parte central dos ensinamentos de Cristo. Este não é um ditado sentimental nem um gesto meramente para enobrecer o doador, mas expressa uma importante lei divina. O bem e o mal são relativamente opostos neste mundo de dualidade. O bem extrai seu poder das vibrações puras e criativas do Espírito; o mal deriva sua força da ilusão. O efeito da ilusão é dividir, agitar e causar desarmonia. O amor é o poder de atração do Espírito que une e harmoniza. Quando o homem se sintoniza com o amor de Deus e dirige conscientemente a sua força vibratória contra o mal, neutraliza o poder do mal e reforça as vibrações do

bem. Ódio, vingança, raiva, por outro lado, são do mesmo tipo que o mal que está sendo resistido e, portanto, apenas inflamam a vibração maligna. O amor sufoca esse fogo, negando-lhe combustível! Deus me mostrou muitas vezes o poder do Seu amor para vencer o mal.

A resistência do mal pelo bem, e não pelo mal, é, portanto, o método ideal para erradicar a praga da guerra. O uso da força ao longo dos milénios certamente não baniu essa praga!

Jesus disse: “Todos os que lançarem mão da espada perecerão à espada.”31 No entanto, quantas chamadas “guerras justas” foram travadas em nome daquele amado Cristo! Se alguém brandir sua espada contra seu inimigo, esse ato estimula seu inimigo a usar qualquer arma que puder para se defender. A guerra gera guerra. A guerra pode ficar ultrapassada pela prática de uma doutrina de paz na vida internacional. As guerras agressivas deveriam ser efectivamente proibidas. As guerras de defesa não são erradas, mas uma conquista muito maior é ser capaz de conquistar os possíveis conquistadores através da resistência não violenta. Jesus poderia ter emprestado doze legiões de anjos divinamente armados para destruir os seus inimigos32 – mas escolheu o caminho da não-violência. Ele conquistou não só o Império Romano, mas a humanidade, pelo seu amor e ao dizer: “Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem.”33 O Jesus não-violento, permitindo que o seu sangue fosse derramado e o seu corpo destruído, imortalizou-se aos olhos de Deus e dos homens. Uma nação que consiga manter a sua independência através de métodos pacíficos será o maior exemplo e salvador para as nações armadas e em guerra da terra.

Gandhi afirmou, porém, que é melhor resistir com força física do que ser covarde. Se um homem e sua família, por exemplo, são atacados por um criminoso que aponta sua arma para eles, e o homem (movido pelo medo interior) diz: “Atirador, eu o perdôo por tudo o que você possa fazer”, e então voa longe, deixando a sua família indefesa – estas ações não podem ser chamadas de demonstração de não-violência, mas de covardia. De acordo com Gandhi, um homem em tal situação deveria recorrer até mesmo à força, em vez de esconder o seu ato de covardia sob uma máscara de não-violência.34

Retribuir um tapa com um tapa é fácil, mas mais difícil é resistir a um tapa por amor! Qualquer guerreiro que usa a força física ou o poder espiritual para defender uma causa justa sempre obtém em sua alma uma satisfação celestial.

OceanoofPDF. com

De acordo com a lei do carma, um homem que morre corajosamente num campo de batalha com a consciência limpa alcança um estado de bem-aventurança após a morte e renasce na terra com uma mente valente numa família nobre. Uma tempestade cria ondas mutáveis no seio do oceano; quando a tempestade passa, vê-se que as ondas, longe de terem sido destruídas, apenas desapareceram ao deslizar de volta para o seio do mar. Um soldado numa guerra justa, confrontado com o espectro sombrio da morte, tem de manter esta realidade em primeiro lugar na sua mente: não há morte, apenas um regresso da onda da alma ao Mar. E quando pessoas justas, mesmo que indiretamente, são a causa de matar malfeitores em uma batalha, elas não deveriam se gabar pensando que elas pessoalmente têm algum poder de destruição! O mal, pelo julgamento da lei cósmica, escreve a sua própria sentença de morte. O herói e o vilão estão karmicamente no lugar certo, na hora certa (de acordo com a visão de Deus, não do homem) para que o julgamento seja executado.35

Aplicando estes princípios ao guerreiro espiritual, quando ele se encontra num cenário de guerra psicológica interior em que a paz e a vitória espiritual são ameaçadas pelas tentações dos sentidos, ele não deve vacilar, mas deve ver na sua batalha interior uma oportunidade para conquistar o seu inimigo. hábitos e, ainda, estabelecer dentro de si o céu da felicidade permanente.

Um devoto que tenta vencer seus testes psicológicos e as provações da ilusão pelo comando de Cristo de seu autocontrole, como Jesus acalmou a tempestade no mar,36 gradualmente encontrará dentro de si um estado permanente de paz celestial. De acordo com a lei espiritual, o devoto que se apega aos efeitos posteriores da meditação e que mantém, contra qualquer provação, sua paz interior e alegria nesta vida, passará após a morte para a Eterna Paz Bem-aventurada de Deus.

VERSÍCULO 33

atha cet tvam imaṁ dharmyaṁ saṁgrāmaṁ na kariṣyasi
tataḥ svadharmaṁ kīrtiṁ ca hitvā pāpam avāpsyasi

Mas se você se recusar a empreender este combate justo, então, tendo renunciado ao seu próprio dharma e glória, você colherá pecado.

“Se você recusar a oportunidade de lutar e conquistar os inimigos que estão ameaçando o seu bem-estar e o reino interior da verdadeira felicidade, você terá se esquivado do seu dever justo e manchado a honra do seu verdadeiro Eu - um pecado contra a Imagem Divina na qual você está. feito."

A beleza do Gita é a universalidade dos seus ensinamentos, aplicáveis a todas as fases da vida.

❖

O caminho do guerreiro no dia a dia

❖

Esta estrofe instrui o homem de negócios, por exemplo, que quando ele entra no caminho espiritual ele não deve tornar-se indolente, pouco prático ou tolo em seus assuntos mundanos comuns – esquecendo-se de proteger justamente os seus interesses contra concorrentes inescrupulosos. Ele pode praticar o altruísmo sem negligenciar seus próprios interesses necessários. Um empresário que, por imprudência e falsa espiritualidade, se recusa a travar uma batalha empresarial justa, certamente perderá a glória e o sucesso condizentes com sua posição. Ao negligenciar as leis empresariais, ele convida o Estado ou o “pecado” a perdas e fracassos desnecessários. Nem deveria um empresário roubar Pedro para pagar Paulo – isto é, ganhar dinheiro desonestamente para usá-lo para fins filantrópicos! Deve-se ganhar a vida honestamente e lutar contra toda competição empresarial astuta que tente paralisá-lo! É possível ser altruísta e desapegado das posses, sem permitir que outros pisem os nossos direitos. Um empresário espiritual que permite que pessoas antiéticas o excluam da existência é culpado de tolerar a injustiça e, assim, de permitir que práticas malignas se espalhem no mundo dos negócios. Em suma, quase todo bom empresário deve ser, na vida competitiva moderna, um guerreiro combativo!

O homem moral, aquele que tenta subjugar as inclinações aparentemente incontroláveis dos sentidos, treina-os para que se regozijem com sua verdadeira felicidade e não se rebelem contra ela. O indivíduo moral autocontrolado não dá margem a nenhuma tentação que milite contra

a natureza pura e a verdadeira felicidade da alma.

“Controlado pelos sentidos” é aplicado a um homem que é escravo de seus sentidos. O devoto “autocontrolado” é aquele que é governado e disciplinado pela sabedoria do Ser. Quanto mais um indivíduo se torna controlado pelos sentidos, menos ele é autocontrolado. Aquele que provou a felicidade de uma vida autocontrolada resiste automaticamente às tentações desordenadas dos sentidos.

Ele é um desertor que não quer lutar contra os desejos perversos da mente consciente ou subconsciente. Ele perde a honra e a virtude e a alegria do autocontrole; em última análise, ele cai no poço “pecaminoso” ou de tristeza de uma existência descontrolada. Assim como um automóvel com a barra de direção quebrada foge de seu caminho correto e cai em uma vala à beira da estrada, um homem com autocontrole quebrado cai no poço da inquietação interior. Para evitar o estado miserável de abandono moral, todos deveriam proteger-se contra os invasores das falsas tentações, aquelas que prometem felicidade, mas transmitem miséria.

Muitos moralistas enfrentam uma batalha psicológica interior quando companheiros os tentam a desviar-se do caminho reto e estreito da moralidade. Confrontado com indivíduos sem escrúpulos, com consciências embotadas e mau julgamento espiritual, o verdadeiro moralista deveria redobrar a sua determinação mental para percorrer o caminho do contentamento, lutando continuamente contra qualquer tentação que o atrapalhe para impedi-lo de alcançar o destino da felicidade.

Da mesma forma, qualquer marido ou esposa que se esqueça de proteger a felicidade de uma vida moral conjunta certamente mergulhará esse relacionamento no poço da desarmonia e de sofrimentos complexos. A felicidade autocontrolada deve ser firmemente protegida contra os ataques das hordas errantes de sensações visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis. Embora entrincheirados pelo autocontrole, é preciso estar constantemente atento às repentinas táticas de guerrilha das tentações dos sentidos.

A força mental e moral do homem torna-se sucessivamente mais forte ao lutar valentemente contra todas as provações e tentações. A lei da vida

oferece ao homem o poder de resistência na vontade dada por Deus e nas qualidades imortais da alma. É seu dever revelar esta força oculta, esta herança divina, e provar ser um digno “filho de Deus”. E é um pecado contra o progresso da alma que um homem deponha as armas da vontade e do autocontrole e reconheça a derrota quando desafiado por qualquer tipo de provação.

Todo devoto espiritual que medita regular e profundamente percebe que é o imperador de um reino de paz que ele mesmo conquistou ao lutar contra as forças da inquietação. Mas antes que o império esteja totalmente assegurado, mesmo um guerreiro veterano descobrirá que está sujeito a múltiplas influências externas e internas que se esforçam para usurpar o reino glorioso. Nessas ocasiões, o conquistador espiritual deve avançar com ousadia. Qualquer devoto que se recuse a se envolver em um conflito justo com os soldados repentinamente invasores da inquietação e do humor não meditativo perderá a alegria arduamente conquistada, honrosa, invejável e interminável da alma.

O iogue que se esforça cientificamente para unir sua alma ao Espírito através de técnicas de meditação dadas pelo guru, percebe que o maior dharma ou virtude protetora da alma é a alegria sempre nova. A religião da alma consiste na manifestação desta verdadeira felicidade espiritual, obtida através de esforços constantes de meditação profunda. Depois de ter conquistado a alegria da alma travando muitas guerras com inquietude, o devoto deve estar perpetuamente vigilante, nunca comprometendo seu reino alegre ao tornar-se descuidado e negativo durante a invasão da ilusão cósmica através dos canais dos distúrbios dos sentidos.

❖

Uma vez que a consciência do ego tenha sido metamorfoseada em consciência da alma, nenhuma invasão dos sentidos terá poder

❖

Os adeptos que ficaram extremamente exultantes por uma vitória metafísica sobre os sentidos e pela primeira percepção avassaladora da alegria da alma podem esquecer que os soldados da inquietação podem novamente se levantar e usurpar o recém-conquistado reino da paz. Em vez de relaxar descuidadamente sobre os louros, o devoto deve concentrar-se em

identificar permanentemente a mente com a intuição e a paz inefável da alma, para que nenhuma invasão de sensações ou pensamentos subconscientes jamais obtenha a vitória!

Uma vez que a consciência do ego do corpo tenha sido metamorfoseada pela meditação em consciência da alma, nenhuma invasão dos sentidos terá qualquer poder adicional. Até que essa finalidade seja alcançada com segurança, entretanto, o devoto deve proteger as percepções vulneráveis da alegria sempre nova da alma (o primogênito do êxtase meditativo), manifestando uma disposição vigilante de travar uma guerra justa contra a inquietação e a consciência corporal. Se em algum momento ele abandonar este dever e se entregar à consciência da carne, ele peca contra a imagem de Deus na qual o seu verdadeiro Eu é feito.

A ignorância (nascida da ilusão cósmica) é o maior pecado porque eclipsa esse Eu divino e produz a limitação do ego ou da consciência corporal, a causa raiz da tríplice tristeza do homem – física, mental e espiritual. “O salário do pecado é a morte.”37 O homem não espiritual que vive no pecado da ignorância experimenta uma morte em vida – ao ser-lhe negado o sopro vital da realização da verdade, ele é um fantoche de sonho dançando nas cordas da ilusão. O iogue também colhe o salário do pecado da ilusão na morte de suas percepções espirituais - mesmo que apenas momentaneamente - sempre que negligencia seu justo dever de combater, na meditação, os ataques violentos da consciência corporal. O devoto deve antes demonstrar, para a glória e honra de seu verdadeiro Eu – o “filho de Deus”, a imagem de Deus habitando na carne – seu parentesco imortal com o amado Deus-Pai.

VERSÍCULO 34

akīrtiṁ capi bhūtani kathayiṣyanti o 'vyayām
saṁbhāvitasya cākīrtir marāṇād atiricyate

Os homens sempre falarão da tua ignomínia. Para o homem de reputação, a desonra é verdadeiramente pior que a morte.

O perdurável monumento sombrio de uma ação desonrosa atrai críticas dos homens do mundo, mesmo nos séculos vindouros! Cuidado para que o valente herói espiritual comprometido com a virtude não seja desleal a ela! Aquele que cai em descrédito aos olhos da virtude honrosa sofre dores na vida piores do que a morte física. Uma vida despojada de honra é uma morte em vida.

Um desertor traz descrédito sobre si mesmo por ter falhado com seu país; ele é objeto de amplo escárnio. Estigmatizado pela covardia, o seu destino infeliz é passar pela experiência de uma morte em vida de censura mundial e auto-recriminação. A morte elimina o sofrimento físico; mas um ato desonroso infecta a mente e o corpo vivos. Um desertor não encontra paz dentro de si mesmo ou na sociedade.

Ele também é um covarde que permite que as tentações dos sentidos devastem seu reino corporal. Requer resistência mental definida e força de vontade para combater os batalhões de fortes desejos sensuais. Um desertor moral é constantemente criticado pela sua própria consciência, para não mencionar as hordas de pessoas mundanas “mais santas que você”!

O herói moral que uma vez reinou como mestre de seus pensamentos respeitosos sofre grave inquietação mental quando permite que esses pensamentos se tornem frouxos e desobedientes. A morte física apaga da consciência do homem qualquer memória de desonra; portanto, uma vida de torpeza moral, repleta de lembranças dolorosas de um passado honroso perdido, é pior que a morte. Um devoto apóstata encontra toda a sua felicidade refinada morta dentro dele; ele deve conviver com lembranças perturbadoras de sua riqueza moral perdida.

Portanto, aquele que desonrosamente abandona a luta contra as tentações experimenta uma morte em vida. Enquanto durar a vida, o herói moral nunca deve submeter-se à derrota nem fugir de uma difícil batalha contra a tentação. Não importa quantas vezes os soldados das tendências malignas invadam o castelo do autocontrole, o imperador da paz – aquele que está em paz consigo mesmo e com as leis espirituais do seu Criador – deve repetidamente lançar suas batalhas de resistência interior, nunca cortejando a desgraça perpétua da deserção moral.

❖

“Deixe os mortos enterrarem seus mortos”

❖

Jesus disse: “Segue-me; e deixai os mortos enterrar os seus mortos.”38 Jesus quis dizer que o homem que estava determinado a enterrar os mortos estava ele próprio espiritualmente morto, sem ter percebido isso! Todas as pessoas que vivem uma vida temporariamente agradável sem nunca perceberem em comunhão com Deus a alegria eterna do Espírito são os mortos enquanto vivem. A vida física sem espiritualidade pode ser considerada uma “variante” da morte! A vida física, temporária e sujeita à morte, não é a verdadeira vida. A consciência espiritual, eterna e desprovida da mudança da morte, é o verdadeiro estado de vida.

Os devotos que desfrutaram do estado realmente vivo através do contato meditativo com Deus, e que então caíram em desgraça através da influência da consciência corporal e dos hábitos materialistas, são os mortos-vivos. Esses homens que antes viviam espiritualmente, mas posteriormente morreram espiritualmente, experimentam a tortura mental da perda da consciência de Deus. Mas mesmo que tenham perdido a sua riqueza divina por negligência espiritual, nunca poderão perder completamente a memória da sua felicidade espiritual; nunca é completamente esquecido, não importa quão mergulhadas no materialismo essas pessoas se tornem. Embora alguém esteja espiritualmente morto, ele não estará livre de sofrer um sentimento agudo e sempre presente de perda, que o incita a recuperar a bem-aventurança abandonada. Um devoto, mesmo em estágios iniciais de progresso espiritual, que alcançou a calma na meditação, mas depois sucumbe a hábitos de inquietação, sente constantemente o doloroso contraste - um contraste que ele também suporta entre a felicidade profunda anteriormente experimentada do estado meditativo e a felicidade evanescente subsequentemente experimentada. prazeres mundanos se ele retornar aos seus “velhos costumes” de hábitos materialistas após uma meditação profunda. O brilho do prazer terreno empalidece diante do esplendor da alegria de Deus! Da comunhão com a bem-aventurança de Deus, o devoto respira a verdadeira vida e felicidade – uma vez saboreada, nunca mais esquecida!

Um devoto que experimentou a bem-aventurança divina não deve permitir que nenhum obstáculo impeça o seu progresso acelerado em Deus. Não importa quantas vezes ele seja desalojado do estado divino, o devoto deve fazer esforços renovados de concentração para neutralizar as vitórias dos sentidos adversos. Desprezando o distintivo de desonra do desertor, deixe-o vencer os inimigos internos da inquietação, da ilusão e da tentação dos soldados todo-poderosos da resistência espiritual.

VERSÍCULO 35

bhayād raṇād uparataṁ maṁsyante tvāṁ mahārathāḥ
yeṣāṁ ca tvaṁ bahumato bhūtvā yāsyasi lāghavam

Os poderosos guerreiros da carruagem presumirão que você evitou esta guerra por medo. Assim, você será considerado levianamente por aqueles que tiveram grande consideração por você.

"Ó devoto, os todo-poderosos guerreiros em carruagens de faculdades espirituais – que há tanto tempo lutaram com você contra as forças materialistas do ego e se regozijaram com você em muitas vitórias – presumirão que por medo (fraqueza) você abandonou o causa justa. Aqueles que olharam para você em busca de liderança começarão a considerá-lo com dúvidas, vendo-o como um conquistador dos sentidos que cedeu à fraqueza interior."

Quando um devoto, influenciado pelo apego aos hábitos materiais, evita travar a batalha psicológica, ele cai em descrédito aos olhos de suas próprias poderosas faculdades de resistência espiritual. Essas faculdades nascidas da sabedoria da alma são alegoricamente chamadas de guerreiros de carruagem, pois ajudam o devoto a controlar o veículo da consciência que é puxado pelos garanhões dos dez sentidos. Guerreiros devotos de coragem e bravura que usam com sucesso suas carruagens mentais para combater as forças destrutivas são chamados de maharathas, "senhores de grandes carruagens" – grandes guerreiros de carruagens. (Veja I:6.)

Quando um devoto poderoso cai de um estado de guerreiro psicológico

vitorioso, ele é considerado por suas forças internas de sabedoria como alguém que foge da batalha. Suas faculdades de autocontrole e força de vontade o insultam como um covarde psicológico, um desertor espiritual. À luz da introspecção, o devoto oscilante vê-se como um objeto de piedade. Suas faculdades internas o ridicularizam: “Qual é o seu problema? Você a quem sempre consideramos invencível; você, conquistador de muitas guerras internas! agora cedeu à covardia e à letargia mental!”

Aqueles que estão acostumados a vencer pensamentos de tentações fortes são assim criticados interiormente quando evitam lutar contra as tentações menores que assolam sua vida diária e perturbam os esforços meditativos.

Muitos devotos que, por meio de poderosos atos de concentração diária, afastaram as forças da inquietação, podem subitamente ser acometidos pelo amor pela felicidade corporal e por modos de vida tranquilos e, assim, abster-se de combater, por meio de novos atos de meditações profundas, a inércia mental e as distrações.

Todo devoto que, à vontade, consegue ordenar que sua atenção se retire do território dos sentidos e se entronize dentro dele, é objeto de admiração aos olhos de seus próprios pensamentos.

Não é salutar, nem espiritualmente saudável, desencorajar os hábitos geralmente triunfantes de meditação profunda por meio de um abandono repentino e intermitente. O devoto disciplinado pela vontade não deve permitir-se perder a compostura e a resolução em provações inesperadas.

Versículo 36

avācyavādāṁś ca bahūn vadiṣyanti tavā hitāḥ
nindantas tava sāmarthyaṁ tato duḥkhataraṁ nu kim

Teus inimigos falarão com desprezo (palavras impróprias de serem proferidas), difamando teus poderes. O que poderia ser mais doloroso do que isso?

Quando um veterano autodisciplinador subitamente sucumbe a alguma

tentação subconsciente, os sentidos inimigos, até então contidos, regozijam-se e ridicularizam a antiga supremacia de seu mestre. O que mais poderia destruir tão dolorosamente a tranquilidade interior do que tal escárnio lançado contra um autocontrole derrotado?

Tanto os bons quanto os maus hábitos povoam o reino da consciência. Quando o devoto direciona o holofote de sua introspecção para seu reino interior e contempla as hordas invasoras de tendências malignas avançando para obter a riqueza de sua paz e para derrotar os soldados protetores de boas tendências, ele deve agir então como um general espiritual para reforçar sua boas qualidades. Se, em vez disso, o devoto – por erro de julgamento, inércia mental ou medo de resistência – falhar em lutar contra seus instintos básicos, ele se verá ridicularizado e ridicularizado por seus próprios maus hábitos.

Quando um homem tem medo de travar a batalha interior, suas tendências malignas aparecem, como se tivessem a forma de personalidades mentais distintas, para provocá-lo por todos os lados, como espectros saindo de sombras sombrias. Sua zombaria enche o devoto caído de um remorso torturante. A dor física invade apenas o corpo, mas o humor descontrolado e a falta de governo espiritual produzem desorganização em todo o ser interior.

O devoto apóstata é, portanto, duplamente criticado por seus bons e maus hábitos. Quando as boas tendências são abandonadas por seu líder guerreiro Kshatriya, elas o repreendem silenciosamente. E as tendências malignas silenciosamente lançam invectivas e disparam dardos psicológicos: “Seu covarde! você não ousa levantar a cabeça para resistir aos nossos ataques! O devoto do respeito próprio não tolera uma invasão audaciosa das tendências malignas do seu próprio passado e presente.

Versículo 37

hato vā prāpsyasi svargaṁ jitvā vā bhokṣyase mahīm
tasmād uttiṣṭha kaunteya yuddhaya kṛtaniścayaḥ

Se você morrer (lutando contra seus inimigos), você ganhará o céu; se você conquistar, você desfrutará da terra. Portanto, ó filho de Kunti (Arjuna), levante-se! Esteja determinado a lutar!

Aqueles que entram nos portais da morte enquanto estão engajados em uma batalha justa para banir qualquer tipo de mal, adormecem no abrandamento da meritória satisfação interior da alma e são elevados em glória ao céu astral. Aqueles que na Terra alcançarem uma valente vitória sobre as trevas desfrutarão da luz e da glória de uma paz tangível e de uma felicidade interior. Um vencedor na batalha contra os sentidos desfruta da paz inefável do autocontrole na terra. Um devoto que morre lutando contra os sentidos inimigos, mesmo sem ser capaz de subjugá-los completamente, alcança a paz celestial na outra vida e grande mérito em sua próxima vida por sua resistência ao mal. Portanto, "Ó filho de Kunti, dotado de seu ardor espiritual para invocar o poder divino", abandone a fraqueza psicológica negativa; levante-se e esteja determinado a travar uma batalha avassaladora com seus oponentes.

Esta estrofe pode ser interpretada de três maneiras.

(1) A vida é uma batalha; cada homem tem de lutar pela sua existência física e está mais ou menos sujeito às suas próprias dificuldades peculiares. Todo aquele que luta conscienciosamente sairá vitorioso na solução de seus problemas ou fracassará na tentativa. O Gita salienta, contudo, que um homem que trava uma grande luta contra um problema específico e não consegue resolvê-lo, ganhou em vez de perder, pois adquiriu força na luta. Um perdedor tão valente não foi um covarde preguiçoso.

Aqueles que resistem ao fracasso até o fim renascem na próxima vida como indivíduos prontos para o sucesso. Qualquer pessoa que morra com a ideia de ter sido completamente vencida renascerá, através da lei cósmica de causa e efeito, com tendência ao fracasso. Portanto, nenhum indivíduo deveria permanecer num estado de inércia; quando confrontado com fracassos e problemas difíceis, ele deveria, se necessário, morrer lutando. Por outro lado, aquele que luta continuamente para vencer seus problemas poderá ter sucesso, desfrutando assim de satisfação ainda nesta vida. Luta! e

continue lutando! não importa quão difícil seja o problema.

Isto aplica-se também àqueles que são chamados a portar armas numa guerra de defesa contra agressões profanas. O soldado não deve recuar diante de uma batalha justa; os nobres e valentes apenas ganharão no final. Se ele morrer cumprindo seu dever de proteger os inocentes, o bom carma do guerreiro o seguirá na vida após a morte, conferindo-lhe um inefável contentamento interior no mundo astral. Ou, se for vitorioso, desfrutará na terra a felicidade e a satisfação do heroísmo.

(2) O homem que é vítima da sensualidade, da ganância, da raiva ou do egoísmo não deve de forma alguma tornar-se neutro e desistir da batalha só porque falhou muitas vezes. Permanecer num estado de inércia é ser prisioneiro do mal nesta vida e na vida futura. O homem indolente que morre consciente de sua incapacidade ou falta de vontade de lutar contra seus maus hábitos renasce com uma vontade negativa e fraca dominada por formidáveis tendências internas que ditam as políticas, os humores e os hábitos de sua vida. Mas aquele que luta contra as más tendências todos os dias em sua existência, nunca alcançando o sucesso completo, acumulará, no entanto, mérito suficiente para retornar em sua próxima vida como um homem de autocontrole, com uma forte tendência para resistir às tentações e combater os maus hábitos. É muito melhor renascer com uma fraqueza grave e uma determinação para combatê-la, do que renascer com uma fraqueza séria e uma sensação de desamparo!

O escravo dos sentidos que luta continuamente contra suas tentações acaba vencendo-as. Nenhuma tendência maligna, por mais forte que seja, é tão poderosa quanto a alma poderosa – que todo indivíduo herdou de Deus. Mesmo um “pecador” supremo que nunca desiste de tentar vencer as suas dificuldades morais recorre a este poder invencível. Aquele que alcança uma vitória bem merecida sobre seus sentidos através do exercício contínuo do poder anímico de autocontrole, desfrutará de uma felicidade física e mental tangível neste mundo.

(3) Espiritualmente, o devoto deve se esforçar continuamente para reconquistar o reino perdido de bem-aventurança e imortalidade de sua

alma, não importa quantas encarnações de ignorância acumulada ele tenha que lutar. Aqueles que adquirem pouco progresso após anos de meditação regular, mas mecânica e distraída, podem ficar desanimados por não terem conquistado uma posição no reino da Consciência Cósmica. Eles não conseguem perceber que o acúmulo de encarnações de ilusão não pode ser removido com os esforços espirituais indiferentes de alguns anos de uma vida.

Somente o iogue que consegue mergulhar na região da superconsciência pode conhecer com precisão a relação cármica entre suas tendências virtuosas e más. Mas todos sabem geralmente se seus traços bons ou maus superam os outros. Se um indivíduo adquiriu uma preponderância de traços malignos em vidas anteriores, ele pode concluir erroneamente que suas tendências menos boas não têm chance. Mas logo abaixo da cobertura grosseira do mal e da fina cobertura da espiritualidade está a alma onipotente e transcendente. Pela meditação, o devoto aumenta constantemente a força e o número de suas tendências virtuosas, sintonizando sua consciência com a bondade consumada da alma.

Todo homem, não importa quais sejam suas tendências predominantes, deveria se esforçar para despertar seus poderes espirituais com técnicas científicas de meditação. Se o aspirante espiritual se encontra habitualmente entregue a pensamentos inquietos durante a meditação, ele não deve interromper seus esforços. Se morrer num estado de desânimo, renascerá com as mesmas tendências fracas; novamente ele será confrontado com tentações semelhantes. Até que todos os males interiores tenham sido dominados por um devoto, eles o perseguirão por muitas vidas, causando sofrimentos sem fim. Não importa quão inquieta esteja a mente de um devoto, ele deve tentar continuamente alcançar uma concentração mais profunda na meditação.

O devoto cuja morte física ocorre em meio ao continuum de seus esforços espirituais e à prática constante de meditação, experimenta um estado de elevada espiritualidade no estado pós-morte. De acordo com a lei cósmica de causa e efeito, ele atrai para si, após a morte e durante sua próxima encarnação, uma elevada consciência espiritual. Ele renasce com

equipamento mental mais forte e determinação espiritual valente.

Não importa quanta inquietação – nascida de hábitos de ilusão – um homem possa abrigar em sua mente subconsciente, ele sempre poderá combatê-la com sucesso através de uma determinação indomável. Qualquer devoto que continuamente tente meditar regular e profundamente acabará por se tornar um mestre do reino da felicidade. Aquele devoto que é capaz de vencer todas as tendências malignas por meio de meditação contínua e crescentemente profunda se estabelecerá na bem-aventurança eterna da consciência cósmica. Ele desfrutará de felicidade e liberdade transcendentes para sempre no Eterno Agora.

VERSÍCULO 38

sukhaduḥkhe mesmo kṛtvā labhālābhau jayājayau
tato yuddhaya yujyasva naivaṁ papam avāpsyasi

Igualando (pela imparcialidade) felicidade e tristeza, lucro e perda, triunfo e fracasso - assim enfrente a batalha! Assim você não adquirirá pecado.

O devoto da fortaleza divina permanece inalterado como um aço inoxidável – seja sob o sol da felicidade, do ganho ou da vitória, seja sob o vapor corrosivo de um mar de melancolia, perda e fracasso! O brilho do seu ser, portanto, não fica incrustado pelo pecado do julgamento e ação errados e seus efeitos cármicos corrosivos. Ao agir com calma no drama onírico da vida divinamente imposto, ele estará livre das angústias e aflições causadas por emoções contrárias.

Um princípio básico do yoga é que praticar o equilíbrio mental neutraliza os efeitos da ilusão. Sem o envolvimento das emoções do sonhador reagindo às sensações e incidentes de um sonho, o sonho perde o seu significado – e especialmente os seus efeitos nocivos. Da mesma forma, o sonho cósmico da vida perde seu poder ilusório de afetar o iogue que, com serena calma interior e serenidade, vê o sonho da vida sem envolvimento emocional. Este conselho do Gita permite ao iogue manter-se

distante da agitação e da dor causada pelo choque dos opostos que aparecem na tela mental de sua consciência, mesmo enquanto ele percebe e representa seu papel no drama do sonho.

Isto não significa que um iogue passe pela vida como um autômato; mas ele permanece no controle das emoções contrárias, do apego e da repulsa, da saudade e da falta de vontade. Discriminador e autocontrolado, devotado a Deus e ambicioso apenas em agradá-Lo, desempenhando bem o seu papel único no drama do sonho, o iogue calmo permanece livre do pecado da ignorância e dos seus efeitos cármicos devastadores, e encontra o seu caminho para a libertação no bem-aventurança sempre desperta do Espírito.

O homem mundano pode interpretar esta estrofe do Gita da seguinte maneira:

❖

Aplicado ao sucesso empresarial

❖

Qualquer pessoa que busque realização material deve manter a mente serena durante o sucesso ou o fracasso. Um empresário que não se preocupa demais com conquistas descobre que sua concentração está pronta para o caminho de maiores sucessos. Um homem radiante com o sucesso temporário raramente alcança a prosperidade permanente; com falsa autoconfiança, ele pode gastar seu dinheiro de maneira imprudente e, portanto, fracassar no tribunal. Por outro lado, um homem que fica deprimido por reveses nos negócios perde o poder de concentração da sua concentração, prejudicando assim a sua capacidade de renovar os seus esforços.

Um general que está excessivamente preocupado com o sucesso temporário em uma batalha perde a concentração em evitar qualquer nova invasão do inimigo. E quem sofre demais por uma perda temporária em uma batalha está psicologicamente incapacitado para vencer batalhas futuras.

Todo homem mundano que busca sucesso na área financeira ou em qualquer outro tipo de competição precisa manter a mente calma para enfrentar as circunstâncias em constante mudança de sua vida. Ele deve ser capaz, como um trator, de mover-se facilmente sobre altos e baixos no campo da vida.

Um indivíduo imparcial é como um espelho de discrição que reflete a verdadeira natureza e as aparências dos acontecimentos favoráveis e desfavoráveis; assim, ele se mantém pronto para agir com sabedoria e propriedade, sem ser enganado por distorções emocionais.

O homem moral pode inspirar-se nesta estrofe da seguinte maneira:

❖
Sucesso moral
❖

Um homem moral razoavelmente bem-sucedido não deveria ficar excessivamente feliz com sua vitória sobre seus sentidos, pois então ele poderia relaxar seus esforços e tentar atropelar o gelo fino do autocontrole deficiente e, conseqüentemente, cair em águas profundas da tentação. Até que a vitória final seja obtida, nenhum homem moral deveria ser excessivamente confiante. Nem deve ficar desanimado durante a falta temporária de autocontrole e, assim, reconhecer a derrota.

O homem moral, resoluto e imparcial marcha firmemente em direção à meta do autodomínio completo. Não se deve permitir que a alegria prematura do sucesso temporário ou a depressão do fracasso temporário obstruam o caminho do progresso moral.

O conselho prático desta estrofe para o homem espiritual é o seguinte:

❖
Sucesso espiritual
❖

O devoto que conhece a arte de destruir sistematicamente a ilusão pratica a imparcialidade mesmo em relação aos seus esforços espirituais. Alguns anos de meditação profunda proporcionam ao devoto vislumbres maravilhosos da alegria divina, mas isso não deve torná-lo presunçoso – ele ainda não alcançou a bem-aventurança final! Muitos devotos ficam satisfeitos com a alegria superconsciente da alma e com a contemplação de algumas luzes astrais e não fazem mais esforços profundos de meditação; assim, eles deixam de projetar sua consciência na alegria e na luz onipresente do Espírito.

Nem deve um devoto que medita regularmente, mas que se vê atingido por uma súbita tempestade de inquietação subconsciente, ficar desanimado nem parar de fazer esforços renovados para uma meditação mais profunda e

contato com Deus. Até que alguém esteja ancorado no Infinito, ele deve navegar valente e uniformemente em seu navio mental de concentração nos mares calmos ou agitados das experiências interiores. Um iogue cuja mente está livre das ondas de euforia mental temporária, tristeza ou distúrbios emocionais encontra dentro de si o reflexo claro do Espírito.

A calma interior do iogue meditante penetra como raios X através de todas as obstruções materiais externas; fotografa o Espírito oculto. Uma tranquilidade constante e serena pode ser obtida por meio de uma meditação cada vez mais profunda, tornando-se, em última análise, uma luz que tudo penetra, que atravessa as camadas da matéria até o coração do Espírito onipresente. O iogue que pretende alcançar a consciência cósmica, a união com Deus, deve manter sua mente firmemente fixada na percepção interior adquirida pela meditação, não envolvendo excessivamente sua mente com a excitação dos estágios iniciais de alegria superconsciente ou com a explosão de inquietação subconsciente temporária. . Tal iogue considera seu altar imutável de calma o local de descanso do Espírito.

IOGA: REMÉDIO PARA DÚVIDAS, CONFUSÃO E INSATISFAÇÃO INTELECTUAL

VERSÍCULO 39

eṣā te ‘bhihitā sāṁkhye buddhir yoge tvimāṁ śṛṇu
buddhyā yukto yayā partha karmabandhaṁ prahāsyasi

A sabedoria suprema de Sankhya eu te expliquei. Mas agora tu deves ouvir sobre a sabedoria do Yoga, equipada com a qual, ó Partha (Arjuna), tu quebrarás os laços do karma.

Tendo recebido instruções sobre a sublime sabedoria da Auto-realização (Sankhya),39 o devoto deve então aprender sobre a rota celestial secreta do Yoga, pela qual a Auto-realização pode ser alcançada – o caminho que o conduz para fora da prisão do karma. Quando pelo yoga o ego se une à

alma, e a alma ao Espírito, o ego perde a ilusão de ser um mortal cujas ações são governadas pela lei do carma.

A sabedoria do cosmos é o conhecimento dos vinte e quatro princípios da Natureza em interação com o Espírito. Todas as inferências, percepções e entendimentos sobre a criação são explicados na filosofia Sankhya. Yoga é a ciência ou técnicas para a realização prática das verdades filosóficas de Sankhya.

A palavra yoga significa “união”, fusão. Quando a alma do homem se une ao Espírito, a união é descrita como yoga. Este yoga é o objetivo de todo buscador da verdade. Qualquer pessoa que pratique uma técnica eficaz para alcançar esta união suprema é um iogue.

Realizar o Sankhya teórico através do Yoga prático tem um significado definido. O iogue “envolve” a criação (inverte os vinte e quatro processos evolutivos da Natureza, conforme exposto no Sankhya), começando com a matéria (a forma mais grosseira de criação) e prosseguindo através da cadeia interligada das vinte e quatro qualidades primordiais, cuja origem é Espírito.40

❖

A “involução” dos vinte e quatro princípios da criação

❖

Pela ascensão da consciência através dos centros sutis da vida e do despertar espiritual na coluna vertebral, o iogue aprende a ciência interior de transformar a consciência da matéria densa na consciência de seus princípios primordiais. Ele resolve os cinco elementos vibratórios junto com sua manifestação dos cinco sentidos, cinco órgãos de ação e cinco forças vitais dos princípios mais grosseiros para os mais sutis: mudando a consciência da terra vibratória para a consciência da água vibratória; a consciência da água na do fogo vibratório; a consciência do fogo na do ar vibratório; a consciência do ar na do éter vibratório; a consciência do éter na mente (consciência sensorial ou manas); a consciência da mente na discriminação (buddhi); a consciência da discriminação na do ego (ahamkara); a consciência do ego na do sentimento (chitta). Ao dissolver sucessivamente os vinte e quatro princípios uns nos outros, o iogue então funde a consciência do sentimento com a da força vibratória cósmica primordial (Aum), e a consciência do Aum no Espírito.

Ele alcança assim a Unidade Suprema – Aquele de quem surgiram muitos.

Através de passos graduais, o iogue converte desta forma toda a consciência da matéria na consciência do Espírito. Esta compreensão não é alcançável nem pela razão nem pela imaginação, mas apenas pela experiência intuitiva. Tal experiência é, em quase todos os casos, o resultado da prática de técnicas de meditação e ioga ensinadas pelos grandes sábios da Índia antiga e moderna.

Um poeta ou filósofo pode imaginar que este cosmos seja apenas mente. Mas essa imaginação não pode ajudá-lo a superar a morte e a alcançar a imortalidade. O iogue, por outro lado, adquire um conhecimento inabalável de que toda matéria é Espírito, empregando diariamente uma técnica que arranca de sua mente todas as ilusões nela implantadas por maya, a força ilusória cósmica. Assim, ele contempla o universo como um sonho de Deus – um sonho do qual só se desperta quando se está consciente do Espírito onipresente.

Qualquer um que use as técnicas de yoga é um praticante de iogue, mas aquele que alcança a união final com o Espírito é um iogue perfeito. A autorrealização consiste em experimentar os diferentes estados de consciência intuitiva alcançados pela meditação que conduzem a esta união final.

A filosofia Sankhya-Yoga, portanto, não é apenas conhecimento analítico e discriminativo do cosmos, mas inclui métodos definidos para a Auto-realização. Através do Sankhya-Yoga o iogue percebe a natureza exata de seu corpo, mente e alma, bem como do cosmos em sua totalidade. Através de técnicas científicas ele alcança, por passos graduais, o conhecimento da Substância Última da criação. Sem yoga nenhum devoto pode conhecer o verdadeiro caráter de todas as forças da natureza, da vibração cósmica e do Espírito.

❖

O Yoga "cauteriza" os sulcos das células cerebrais onde as tendências passadas estão escondidas

❖

Pela disciplina moral do yoga (ação correta e renúncia aos desejos – isto é, Karma Yoga) e o uso de uma técnica de meditação (Raja Yoga), o devoto gradualmente se liberta de experimentar, repetidas vezes, os frutos de seu

passado. ações e tendências armazenadas. Ele aprende a destruir as sementes armazenadas desta vida e de todas as existências anteriores. O devoto que conhece a arte do yoga, experimentando a pura alegria da meditação, não se envolve mais em novos desejos e novos carmas. E através das técnicas de yoga a energia cósmica “cauteriza” os sulcos das células cerebrais onde as tendências passadas estão escondidas. A prática de Yoga, portanto, não apenas evita a formação de novos desejos geradores de carma, mas também liberta cientificamente o devoto do carma iminente (frutos quase maduros de ações passadas).

Cada indivíduo age em parte com livre escolha e em parte sob influências de tendências passadas. Estes últimos aparecem como preconceitos psicológicos que modificam e prejudicam o poder de livre arbítrio do homem. As tendências predominantes do bem ou do mal numa criança têm suas raízes em sua vida passada. Todo aquele que busca a verdade deveria analisar-se para descobrir até que ponto o seu livre arbítrio é guiado pelos ditadores das suas tendências passadas, que agora aparecem como hábitos semelhantes a polvos. Os acontecimentos diários da vida de uma pessoa tendem a ressuscitar na mente subconsciente do homem os seus antigos hábitos de resposta, bons ou maus, a estímulos externos.

Indivíduos diferentes têm “destinos” diferentes. O homem escravizado pelos sentidos é guiado em grande parte pelos hábitos do passado; seu livre arbítrio é escasso. Ele está permeado de desejos (capazes ou não de realizá-los). Um homem espiritual, por outro lado, libertou-se de todos os desejos mundanos que brotam de sementes de vidas passadas e, assim, redimiu da escravidão o seu livre arbítrio. O homem comum eclipsa o seu livre arbítrio com as sombras escuras do passado. O homem espiritual, sempre atento à liberdade, salvaguarda-a através da meditação. Quando a vontade é livre, ela vibra em harmonia com o Infinito. A vontade do homem é então a vontade de Deus.

A renúncia cega aos objetos materiais não garante a liberdade; é desfrutando a bem-aventurança do Espírito na meditação e comparando-a com a menor alegria dos sentidos que o devoto fica ansioso para seguir o caminho espiritual.

VERSÍCULO 40

nehābhikramanāśo ‘sti pratyavāyo na vidyate
svalpam apy asya dharmasya trāyate mahato bhayāt

Neste caminho (da ação do yoga) não há perda do esforço inacabado de realização, nem há criação de efeitos contrários. Mesmo um pouquinho desta verdadeira religião protege alguém de um grande medo (os sofrimentos colossais inerentes aos repetidos ciclos de nascimento e morte).

Yoga é o caminho da ação espiritual, o meio infalível pelo qual o conceito é transmutado em realização. Para aqueles que abraçam esta “religião verdadeira”, não há desperdício de nenhum esforço sagrado! A menor tentativa será para seu benefício duradouro. O esforço espiritual correto e matematicamente certo para alcançar Deus produz apenas resultados salutares; enquanto as atividades materiais são como vagar por becos sem saída, arriscando encontros com perigos invisíveis.

Abundam lembretes comoventes de que é uma proteção mais segura viver sob o dossel da verdade do que expor-se nos campos abertos do erro! Mesmo um pouco de prática do método divino de yoga trará alívio da terrível doença da ignorância e de seus sofrimentos. Esta última frase deste verso do Gita foi frequentemente citada por Mahavatar Babaji ao se referir ao Kriya Yoga.41

Aqui está uma mensagem de encorajamento aos devotos que, tendo entrado no caminho espiritual, ainda não alcançaram nenhum progresso notável. No mundo material, todos os sucessos são conhecidos pelos seus resultados tangíveis, embora muitas vezes de curta duração. Mas no caminho espiritual todos os resultados, sendo principalmente psicológicos, são intangíveis. No entanto, eles são reais e eternamente benéficos.

Os resultados espirituais começam como transformações sutis na consciência do ser interior. Devem ser medidos de acordo com as suas qualidades pacificadoras. Quando um devoto medita profundamente, ele sentirá uma paz cada vez maior, que, afinal, é mais preciosa do que qualquer posse mundana! Manter a paz interior, apesar das circunstâncias

em constante mudança da vida, é ser mais feliz do que um rei, que, em meio a circunstâncias exteriormente favoráveis, pode ser interiormente miserável.

Quando um devoto avança muito, esta paz interior torna-se a consciência da onipresença, da onisciência e da onipotência. O devoto então controla o interruptor que aciona a fábrica da criação cósmica.

❖

Métodos corretos de meditação nunca produzem resultados prejudiciais

❖

Outra interpretação desta estrofe é que a prática correta do verdadeiro yoga nunca pode produzir efeitos prejudiciais; ao passo que certos ritos religiosos formais calculados para conferir poderes específicos, conforme descritos em vários textos bíblicos, podem não produzir resultados ou resultados errados se realizados com a menor imprecisão.

Este ponto é ilustrado em uma história dos Puranas. Um praticante inepto de Mantra Yoga (encantamentos) estava testando a eficácia de certas palavras-semente vibratórias para destruir seu inimigo; mas porque os pronunciou de forma errada, ele voltou esse poder contra si mesmo. (A palavra paz, por exemplo, normalmente produz um efeito pacífico, mas se alguém disser a mesma palavra em voz alta e com raiva, o resultado não é paz, mas perturbação. Certos sons vibratórios, conhecidos pelos ocultistas, produzem, pela pronúncia correta, um bem ou maléfico específico. resultado; o menor erro, entretanto, pode dar origem a resultados opostos aos esperados.)

O encantador da nossa história era um inimigo declarado do deus Indra. Planejando destruir Indra por meios psíquicos, ele estava realizando um ritual prescrito, mas involuntariamente entoava “o inimigo de Indra!” em vez de “Indra, o inimigo!” - mudando assim, por má pronúncia, toda a direção do poder vibratório posto em movimento. Ao pronunciar “inimigo de Indra”, ele estava, sem saber, se designando como vítima. O encantamento operou de acordo com suas palavras, não com sua intenção; no final da cerimônia, não foi Indra, mas “o inimigo de Indra” que caiu morto!

O devoto deve compreender que, na pior das hipóteses, é perigoso e, na melhor das hipóteses, espiritualmente inútil, interferir com fenômenos e

poderes psíquicos, ou com rituais cerimoniais de resultados incertos ou limitados. Ao seguir o caminho espiritual da ação correta e dos métodos corretos de meditação com o propósito de realizar Deus, não há desperdício de nenhum trabalho espiritual e todos os esforços são divinamente recompensados.

Os métodos corretos de meditação nunca poderão produzir resultados desagradáveis. É claro que métodos errados não são benéficos – seja na meditação ou em qualquer outra coisa! Os charlatães ocasionalmente inventam métodos estranhos, que eles mesmos falham prudentemente em praticar, mas que recomendam aos seus seguidores para impressioná-los e mistificá-los! Algumas pessoas enganadas ou desequilibradas, seguindo técnicas erradas, tais como exercícios respiratórios violentos ou outros desvios da ciência pura da meditação, encontraram-se em apuros. Citando essas aberrações como exemplos, pessoas desinformadas olham com desconfiança até mesmo para técnicas de ioga verdadeiras e salvadoras.

Grandes mestres que realizaram Deus ensinaram os métodos e técnicas espirituais que levam à realização e à libertação de Deus. Assim como o açúcar puro nunca pode ter um sabor amargo, as técnicas divinas de meditação – como o Kriya Yoga – não podem produzir nada além da doçura da paz e das bênçãos infinitas – e, em última análise, do contato com Deus.

Os santos declararam que se uma pessoa, pelo menos uma vez, realmente deseja a salvação, esse desejo está firmemente plantado na mente superconsciente; não importa quanto tempo seja ignorado, ele germinará quando surgir uma oportunidade favorável, seja nesta vida ou numa encarnação posterior. Portanto, o devoto deve lembrar-se de que mesmo uma entrada momentânea no reino da meditação pode, em última análise, significar a sua libertação da prisão cármica dos nascimentos e mortes. Algum dia, alguma vida, cada homem deverá dar o primeiro passo divino.

❖

O poder do desejo sincero por Deus

❖

Esta estrofe não significa, é claro, que um pouco de meditação garantirá a libertação da ilusão cósmica. O Gita simplesmente ressalta que é muito melhor iniciar o caminho da segurança eterna através da meditação do que

permanecer no plano material de pensamento que termina com a morte.

Se até mesmo o mero desejo de libertação leva alguém à libertação, como prometem os sábios, é óbvio que esforços determinados e constantes de meditação devem acelerar imensamente a evolução espiritual de alguém.

Até que o desejo de libertação seja primeiro despertado no coração e satisfeito pela meditação, a salvação é impossível, mesmo que se passe por inúmeras encarnações.

ॐ

Ouça sobre a sabedoria do Yoga, equipada com a qual, ó Partha (Arjuna), tu quebrarás os laços do karma... Mesmo um pouquinho desta verdadeira religião protege alguém de grande medo (os sofrimentos colossais inerentes aos ciclos repetidos). de nascimento e morte).

Na bem-aventurança da alma, toda dor é aniquilada. Na verdade, a discriminação do homem bem-aventurado logo se torna firmemente estabelecida (no Ser).

—Bhagavad Gita II:39–40, 65

"Os Pandavas...representam os princípios necessários para o iogue alcançar a realização ou unidade com Deus; os Kauravas...são metaforicamente representativos de princípios específicos que se opõem ao progresso espiritual."

❖

"O iogue, após cada prática de meditação concentrada, solicita seu poder de introspecção: 'Reunidas na região da consciência no eixo cérebro-espinhal e no campo da atividade sensorial do corpo, ávidas pela batalha, as faculdades sensoriais mentais que tentam puxam a consciência para fora, e os filhos das tendências discriminativas da alma que procuram recuperar o reino interior – o que fizeram? quem ganhou este dia?'"

❖

"Krishna diz: 'Pela prática da meditação yoga retire sua mente, inteligência, força vital e coração das garras do ego, das sensações físicas da visão, audição, olfato, paladar e tato, e dos objetos de sinta prazeres! Abandone todos os deveres para com eles! Seja um iogue unindo-se à Minha abençoada presença em sua alma...'

"A mente do homem comum é geralmente identificada com posses externas e prazeres sensoriais conectados com a superfície do corpo... O iogue inverte os holofotes da inteligência, da mente e da força vital para dentro através de uma passagem astral secreta... para finalmente revelar a presença da alma no centro mais elevado (sahasrara) do cérebro... Ele experimenta no sahasrara a inefável bem-aventurança de sua alma."

—Paramahansa Yogananda

VERSÍCULO 41

vyavasāyātmika buddhir ekeha kurunandana
bahuśākhā hy anantāś ca buddhayo 'vyavasāyinām

Neste Yoga, ó descendente de Kuru42 (Arjuna), a determinação interior é única, unidirecionada; ao passo que os raciocínios da mente indecisa são intermináveis e ramificados de diversas maneiras.

O iogue concentra sua mente em Deus e em mais nada. Os sonhadores indecisos dissipam seus poderes mentais na confusão de caminhos intermináveis e multi-ramificados de interesses e desejos. O iogue alcança a grande Meta de sua vida. A pessoa inquieta vagueia incessantemente nos labirintos de sucessivos nascimentos e mortes, incapaz de encontrar realização.

O Gita aponta a diferença entre o devoto meditativo que tem a intenção de encontrar Deus e o indivíduo inquieto que se contenta com os ensinamentos teóricos.

Um curioso segue ao acaso numerosos caminhos de filosofia e religião, mas em suas novas visões e crenças ele tropeça constantemente em dúvidas e insatisfações. O iogue, por outro lado, tendo fixado sua discriminação e concentração em um único objetivo – a Bem-aventurança Divina – começa rapidamente a provar, através de seu próprio despertar interior, a Realidade Divina.

O devoto Auto-realizado, tendo alcançado Deus, descobre que a sede de seus desejos de muitas encarnações é saciada imediatamente; ele está liberado de todos os desejos de reencarnação. Mas o curioso, sempre indeciso e descomprometido, permanece enredado em suas fantasias e em seu complexo de desejos; acorrentado pelo carma, ele é forçado a encarnar repetidas vezes.

O aspirante espiritual precisa abandonar a indecisão. Seguindo um verdadeiro guru-preceptor e um caminho definido, ele se salvará de peregrinações intermináveis.

Muitas pessoas não levam a religião a sério; eles consideram isso uma questão de especulação intelectual ou estimulação emocional. Novas teorias filosóficas despertam o seu interesse imediato; eles ignoram qualquer prática das verdades antigas e comprovadas! Aquele que considera um caminho espiritual de disciplina obsoleto e inútil porque lhe falta o apelo da

novidade emocional e intelectual estará sempre viajando por novos caminhos e caminhos estranhos, nunca chegando ao destino final da bem-aventurança divina.

O verdadeiro aspirante espiritual, focado somente em Deus, reconhece rapidamente um verdadeiro guru e um verdadeiro caminho de Auto-realização; ele ocupa seu tempo com a técnica de meditação dada pelo guru que leva a Deus. Assim, sem dificuldade, firme na sua meta, ele atinge o ápice da emancipação espiritual.

Um peregrino crônico no caminho das teologias raramente prova sequer um gole das puras águas divinas da verdade. Ele anseia apenas por misturas ideacionais com sabor novo! Este desejo por novidades não experimentadas apenas nos leva a um deserto de dúvidas intelectuais. O indivíduo sedento de Deus está ocupado bebendo o néctar da alegria em Deus.

VERSÍCULOS 42–44

yām imāṁ puṣpitāṁ vācaṁ pravadanty avipaścitaḥ
vedavādaratāh pārtha nānyad tail vādinaḥ (42)

kāmātmānaḥ svargaparā janmakarmaphalapradām
kriyāviśeṣabahulāṁ bhogaiśvaryagatiṁ prati (43)

bhogaiśvaryaprasaktānāṁ tayāpahṛtacetasām
vyavasāyātmika buddhiḥ samādhau na vidhīyate (44)

Ó Partha (Arjuna), nenhuma resolução unifocada (nenhuma fixidez da mente) no estado meditativo de samadhi cresce naqueles que se apegam tenazmente ao poder e aos prazeres dos sentidos, e cuja inteligência discriminativa é desencaminhada pelas declamações floridas dos espiritualmente ignorantes. . Afirmando que não há outra coisa senão alegrar-se com os aforismos laudatórios dos Vedas, sendo a sua verdadeira natureza afligida pelas inclinações terrenas, tendo o céu (os fenómenos prazerosos do mundo astral) como o seu objectivo mais elevado, realizando os numerosos ritos de sacrifício específicos para o propósito de obter prazer e poder – tais pessoas abraçam, em vez disso, a causa dos novos nascimentos, as consequências destas ações (instigadas pelo desejo).

Aqueles que estão apegados aos prazeres e poderes dos sentidos, sejam eles do mundo material ou de natureza astral, não conseguem obter o equilíbrio mental da meditação; eles falham em receber a união com Deus através do êxtase (samadhi). Enganados por palavras enganosas dos não iluminados, infectados pelo desejo e amantes do paraíso, examinando avidamente as escrituras sobre um céu “lucrativo”, regozijando-se na retórica das Escrituras Sagradas e exuberantes na realização de cerimônias externas que prometem dádivas de prazer e poder, aqui e no futuro, esses homens perdem toda a sua discriminação espiritual e não procuram aspirações mais elevadas. Suas ações, cheias de desejo, semeiam sementes inexoráveis de nascimentos e mortes.

Essas ilusões internas impedem os homens de entrar em sintonia com a consciência cósmica, a união extática com Deus. Assim como um rádio pode registrar a estática de diversas condições atmosféricas e, assim, ser impedido de receber claramente um programa de transmissão, também o homem que está cheio de estática de desejos materiais – incluindo aqueles disfarçados de aspirações espirituais – não pode sintonizar seu rádio interior para o estado de samadhi unidirecional da consciência de Deus. Esses delírios ou estática psicológica de desejos surgem do apego ao poder e aos prazeres sensoriais.

O devoto deve evitar a crença indiscriminada nas palavras superficialmente convincentes dos insensatos. Ele é aconselhado a guardar seu discernimento espiritual, para que não seja roubado pelos sofismas daqueles que defendem a filosofia do engrandecimento sensorial – aqueles que são traficantes de prazer ou buscadores de poderes psíquicos e astrais. O devoto não deve concentrar-se em fenômenos astrais ou poderes milagrosos, mas apenas na obtenção da alegria em Deus.

O Gita também adverte o devoto contra os desejos pelos prazeres e pelos fenômenos envolventes do céu astral como o objetivo mais elevado. Nem deveria ele desejar um céu após a morte que nada mais fosse do que um lugar glorificado para os prazeres dos sentidos. O Céu não é um "campo de caça feliz" – uma terra onde, sem saciedade, os prazeres dos sentidos terrenos continuarão a ser desfrutados! Aquele que deseja qualquer outro céu além da unidade com Deus – a própria Fonte da Bem-aventurança! – está iludido.

Um homem também cai na ilusão se se concentrar no emprego de ritos bíblicos e rituais de sacrifício para recompensas materiais – os prazeres evanescentes e habilidades sobrenaturais que podem ser alcançados pela execução literal dos ritos védicos profundamente simbólicos ou de outros ritos bíblicos.

Estas ilusões baseadas em desejos por formas intensificadas de prazer e poderes grandiosos fragmentam a singularidade do desejo por Deus. Sendo de matéria, e não de Espírito, os frutos cármicos desses desejos são plantados não na liberação, mas no solo do renascimento compulsório – uma consequência terrível que o verdadeiro iogue deseja evitar.

Alguém poderia raciocinar assim: "Já que não tenho o fardo de saber o que fui antes desta vida nem o que serei depois, por que deveria temer vários nascimentos e mortes?" É verdade que o ego do homem é corporificado apenas uma vez sob uma personalidade e forma. Mas embora o ego abandone sucessivamente as individualidades de suas encarnações, ele ainda carrega, dentro das câmaras subconscientes, os prazeres e terrores das experiências de todas as vidas passadas. Cada homem sente dentro de si muitos medos subterrâneos que estão enraizados em experiências sombrias

de vidas há muito esquecidas.

Aqueles que passam suas estadias terrenas reagindo emocionalmente às intermináveis imagens oníricas da vida continuam a contemplar turbulentas imagens oníricas da morte e de novas encarnações. Até que tais homens abandonem sua busca por um paraíso de prazeres no drama emocional do sonho - atraídos pelas promessas capciosas das seduções floridas dos sentidos - eles não poderão fundir-se na imutável Bem-aventurança Eterna por trás do fantasioso tumulto da mudança. Através da meditação samadhi profunda, os espectros assustadores dos medos inexplicáveis do homem são erradicados, juntamente com os renascimentos obrigatórios.

VERSÍCULO 45

traiguṇyaviṣayā vedā nistraiguṇyo bhavārjuna
nirdvandvo nityasattvastho niryogakṣema ātmavan

Os Vedas tratam das três qualidades universais ou gunas. Ó Arjuna, liberte-se das qualidades triplas e dos pares de opostos! Sempre calmo, sem abrigar pensamentos de receber e manter, estabeleça-se no Ser.

"Os Vedas louvam e adoram as forças ativadoras da Natureza que expelem suas muitas formas da turbulência das três qualidades. Mas, ó devoto, concentre sua atenção não na matéria, mas no Espírito, e assim liberte-se do envolvimento emocional nas imagens oníricas da Natureza sobre a existência boa, ativa e má. Sempre aderido à sua verdadeira natureza (nityasattvastha) – quieto, imperturbado pelas qualidades triádicas e seus pares de opostos de luz e sombra – livre das redes tecidas pela ilusão de desejos e apegos, torne-se permanentemente estabelecido em seu Eu transcendente.

❖
Ritos externos podem conferir poderes, mas não libertação
❖

Esta estrofe aponta a ineficácia espiritual da prática, por mais perfeita e austera que seja, dos ritos meramente externos mencionados nas escrituras. Nada além da limpeza do ser interior

do homem tem o poder de libertá-lo das três qualidades criadoras de reencarnação da natureza humana – a sáttvica (elevação), a rajásica (ativação) e a tamásica (degradação).

Muitas escrituras védicas, profundamente simbólicas e contendo significados ocultos não aparentes ao estudioso superficial, também possuem significado externo como ritos e rituais para propósitos meramente mundanos. Algumas estrofes védicas, superficialmente, preocupam-se com métodos para desenvolver as qualidades rajásicas ou ativadoras do homem para obter resultados definidos, como a vitória na batalha sobre os inimigos, ou tornar a vida mundana saudável, lucrativa ou progressiva. Outros versos védicos falam do desenvolvimento de qualidades, poderes e aquisições tamásicas que alimentam a vaidade e a natureza vil do homem. Outros ainda tratam da cultura das qualidades sáttvicas, aquelas que adoçam e enobrecem o homem.

O devoto comum que entende apenas o significado superficial dos Vedas e que segue cegamente a instrução literal não tem conhecimento da verdade de que qualquer homem que se preocupe principalmente com o mundo fenomênico das três qualidades está, portanto, sujeito à reencarnação através da força dos desejos associados. . Se, por exemplo, um homem emprega certos cantos védicos para triunfar sobre um inimigo, o seu sucesso nesse objetivo estabelecerá na sua consciência um desejo pelo poder de vitórias futuras. Esse desejo subconsciente leva ao desenvolvimento da qualidade ativadora (rajásica) no devoto e é a causa direta de outro renascimento no qual ele deve realizar o desejo não realizado. Qualquer desejo desenvolve no homem uma ou mais das três qualidades – elevação, ativação ou degradação – e o liga à roda da reencarnação.

A palavra Veda significa conhecimento. Os Vedas, as escrituras hindus “divinamente reveladas”, mais reverenciadas, são livros de sabedoria tanto material quanto espiritual. Uma escritura destina-se principalmente à libertação da alma da escravidão do renascimento e, secundariamente, ao ensino da arte do sucesso na vida material. Certas classes de pessoas adoram cegamente os Vedas e consideram todas as suas injunções – a serem

observadas literalmente – como prescrições divinas essenciais para a libertação. Os autores destes tratados antigos foram suficientemente sábios para estimular o interesse pelas escrituras, mostrando à população em geral caminhos para o sucesso material, e depois para tentar levá-los a seguir aquelas regras autodisciplinares que terminam na libertação espiritual.

❖

Gita aconselha calma ausência de desejo para libertar o homem da escravidão

❖

O Gita, a quintessência do caminho para a libertação, aconselha o devoto a libertar-se de quaisquer atividades que despertem as três qualidades humanas criadoras de reencarnação e a desenvolver, em vez disso, o estado intuitivo sem desejo através da meditação correta. Aquele que recebe as bênçãos e a orientação totalmente suficientes de Deus, dadas gratuitamente, em comunhão interior divina, não precisa propiciar os “deuses” menores das forças naturais, que cobram uma taxa cármica por favores.

Ao permanecer sempre calmo, uma sequência natural da meditação profunda, o devoto sincero liberta-se da influência dos pares de qualidades opostas coexistentes com a tríade de gunas: bom e mau, virtude e vício, felicidade e tristeza, calor e frio, como e antipatia, e assim por diante. Quando o homem desenvolve uma qualidade, ele é automaticamente obrigado a experimentar o seu oposto. Quem tem dor busca a felicidade, e quem tem felicidade tem medo de perdê-la!

O estado mental tranquilo e equilibrado que não pode ser perturbado pela dor ou pela felicidade leva o devoto à alegria imutável e sempre nova escondida na alma. As pessoas de mentalidade materialista evitam esta filosofia porque têm medo de uma existência insípida e incolor. Eles estão tão acostumados a se apegar à jangada de esperanças mundanas ilusórias, que não sabem que a verdadeira alegria sem fim reside em sintonizar a consciência com a sua verdadeira e sempre calma natureza da alma através da meditação, e em evitar assim que a mente suba nas cristas. de tristeza e felicidade ou de afundar nas profundezas da indiferença.

O ganho de felicidade temporária é seguido pela sua perda, aumentando assim a miséria da pessoa. Portanto, o devoto é aconselhado a libertar-se de

todas as qualidades excitantes e a concentrar-se na natureza de bem-aventurança da alma.

Além disso, a superconsciência da alma deveria ficar ancorada na rocha imutável da consciência cósmica, onde nenhuma onda de mudança causa qualquer impressão. O devoto deve remover todas as formas de existência condicionada que estimulam desejos e apegos – a consciência frenética de obter e agarrar-se a objetos; seu objetivo deveria ser a existência incondicionada em Deus.

❖

Interpretação esotérica dos Vedas, de acordo com o yoga

❖

Os grandes iogues dão uma interpretação espiritual dos Vedas e de seus preceitos. A divisão exotérica dos Vedas é aquela que trata dos rituais; e o esotérico, com conhecimento. A superfície externa do corpo e os centros nervosos que estimulam a atividade sensório-motora são comparados aos ritos cerimoniais exotéricos dos Vedas. Os centros astrais sutis internos e os estados superiores de consciência correspondem aos princípios esotéricos dos Vedas. Os iogues dizem que o devoto meditativo, em seu caminho para a percepção do Ser, eleva-se acima da consciência do mundo, dos sentidos e do corpo (os rituais védicos) e concentra-se na região espinhal e em seus sutis centros espirituais de consciência e energia vital (os princípios esotéricos védicos). O devoto é então aconselhado a elevar-se acima das percepções das regiões coccígea, sacral e lombar (correspondendo aos três Vedas inferiores que tratam do lado material da vida) e a concentrar-se nas regiões dorsal, cervical, medular e centros cerebrais (correspondentes ao Rig Veda, o mais elevado e espiritual dos Vedas).43

Versículo 46

yāvān artha udapāne sarvataḥ saṁplutodake
tāvān sarveṣu vedeṣu brāhmaṇasya vijānataḥ

Para o conhecedor de Brahman (Espírito), todos os Vedas (escrituras) não são de maior utilidade do que um reservatório quando há uma inundação de todas as direções.

O brâmane, aquele que possui o conhecimento sagrado supremo, a realização do Espírito, considera desnecessário qualquer estudo das descrições de Deus que aparecem nas escrituras. Assim como um reservatório é inútil quando uma enchente se espalha por toda parte, as escrituras formais são supérfluas para quem está imerso no Mar Infinito. Unificado com a Sabedoria Suprema do Espírito, o iogue considera todas as outras formas de conhecimento de pouca importância.

As escrituras do mundo são substituídas pela plenitude da experiência direta quando o devoto mistura sua consciência no Oceano de Deus.

Jesus disse: “Mas buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça; e todas essas coisas serão acrescentadas a você.”44 A expansão da consciência humana para a consciência cósmica pela arte da concentração traz ao devoto uma sabedoria alegre muito maior do que a satisfação do conhecimento teórico – por mais profundo que seja – resultante do estudo de livros. Esse devoto é como um homem que tentou durante toda a sua vida conseguir mil dólares e que de repente se vê bilionário!

O iogue que penetra nas profundezas do silêncio, no reino de Deus interior, descobre que, à medida que sua consciência e sua força vital começam a se retirar da consciência corporal, ele se eleva através do túnel estético da coluna vertebral até o contato com Deus, perceptível no cérebro sutil. centros como sempre nova bem-aventurança. Entronizado neste palácio de alegria, o iogue nunca mais anseia pelas sufocantes favelas dos prazeres dos sentidos!

Pode-se dizer que o verdadeiro devoto perde o desejo pelos “ritos védicos” (conhecimento sensorial) quando se torna um conhecedor onisciente de Brahman (Espírito).

A ARTE DO YOGA DA AÇÃO CORRETA QUE LEVA À SABEDORIA INFINITA

VERSÍCULO 47

karmaṇy evādhikāras te mā phaleṣu kadacana
mā karmaphalahetur bhūr mā te saṅgo 'stv akarmaṇi

Teu direito humano é apenas para a atividade, nunca para o fruto resultante das ações. Não se considere o criador dos frutos de suas atividades; nem se permita o apego à inatividade.

O devoto é uma cotovia divina, imersa no espírito de sua canção; ele não pensa em ganho pessoal ou em impressionar os outros com seu canto. As ações do devoto são apenas para o Infinito, não para agradar a humanidade nem para satisfazer seus próprios desejos materiais. Conseqüentemente, ele não se concentra nas recompensas esperadas, mas se dedica à atividade correta por si só, para agradar ao seu Divino Amado. Sabendo que foi Deus quem o tornou um ser encarnado com faculdades de animação com o propósito de desempenhar um papel no drama cósmico, o devoto sempre reconhece a imagem e o poder de Deus dentro dele como o iniciador e executor de todas as ações. Como tal, ele não tem direito nem pode ser responsabilizado pelos efeitos das suas atividades identificadas com Deus. Mas ao entregar a Deus os frutos da ação, o devoto toma cuidado para que sua mente, ao ser negada a recompensa habitual, não o leve à inação apática.

Assim, o Gita expressa a arte da ação sábia pela qual a verdadeira felicidade e liberdade podem ser alcançadas.

Os homens com os seus diferentes motivos e os resultados desses motivos podem ser classificados da seguinte forma:

❖

Como diferem a ação egoísta, o afastamento da ação e a ação espiritualmente libertadora

❖

(1) O primeiro grupo consiste daqueles que vivem para a sua própria felicidade egoísta e por nenhuma outra razão. O homem egocêntrico pode adquirir riqueza através das suas obras e, por essa razão, o respeito da sua família e de outros que delas beneficiam; mas com a aproximação da morte ele é forçado a renunciar a tudo o que prezava.

Essas pessoas, quando já é tarde demais, podem descobrir, através de muitos tipos de desilusão mundana, que a felicidade não acompanha uma vida de interesses egoístas. O homem inteligente percebe pela reflexão que não é o criador último de ações ou deveres; assim, a obra que lhe foi designada por Deus nunca deveria ser realizada meramente para si mesmo. Aqueles que agem por si próprios devem arcar com o fardo cármico da responsabilidade pelas suas ações. Os seres humanos deveriam, portanto, desempenhar os papéis que lhes foram designados, não para a satisfação dos seus próprios egos, mas para a execução do plano divino.

Este ensinamento não significa que a vida humana seja matematicamente predestinada em todos os sentidos; simplesmente salienta que os seres humanos dotados de livre escolha e intuição devem usar adequadamente essas faculdades para descobrir e cumprir os deveres que lhes foram atribuídos por Deus. Embora seja difícil para um homem descobrir quais são os deveres da sua vida, ainda assim, se ele buscar a Deus em meditação, a voz da sua consciência interior o guiará corretamente. Quer o trabalho seja o de executivo corporativo ou o de administrar uma casa e criar uma família, tais deveres cumprem um papel necessário e nobre no cenário cósmico.

Muitas pessoas pensam erroneamente que é impossível realizar empreendimentos materiais sem possuir um desejo pessoal motivador pelo fruto da ação na forma de sucesso. A verdade é que quando uma pessoa trabalha para seu próprio ganho material ela não fica tão alerta, sábia e feliz como quando executa seus pequenos ou grandes planos apenas para agradar a Deus.

Um homem rico que realiza seus negócios apenas para ganho egoísta, e que se considera o único criador e proprietário de seu sucesso, teme a ideia de que será despojado de tudo pela morte. Mas se um magnata de sucesso empregar suas habilidades com a consciência de que suas realizações são para Deus, e usar sua boa sorte para causas dignas e para ajudar os menos afortunados, ele descobrirá que os atributos recém-despertados de sua alma lhe conferirão um entusiasmo ainda maior. para o sucesso e uma alegre realização interior por poder fazer mais pelos filhos de Deus. Isto é muito

melhor do que acumular riqueza para satisfações pessoais, apenas para ter de se desfazer dela à beira da sepultura, deixando-a, geralmente, para parentes indignos lutarem e desperdiçarem.

(2) Há uma segunda classe de pessoas que, por mal-entendidos das injunções bíblicas, pensam em todas as atividades e ambições humanas como resultado do egoísmo; portanto, em um retiro hipócrita do dever, eles adotam a inatividade. O Gita adverte contra tal visão; mesmo a atividade egoísta é melhor que a inatividade!

O executor egoísta dos deveres da sua vida, não dando nenhum crédito a Deus como o Originador de todas as ações, no entanto cumpre os seus deveres; portanto, ele recebe a graça divina na forma de algum bom carma e felicidade material. Mas o homem inativo que se recusa abertamente a trabalhar, seja por satisfação egoísta ou divina, é privado, com uma justiça sombria, de recompensa tanto material como espiritual!

Este é também um aviso para todos os aspirantes espirituais "incompletos" que, em nome de serem desapegados dos frutos das ações, tornam-se mental e fisicamente preguiçosos e ociosos. O crescimento espiritual é impossível no solo estagnado da indolência.

(3) A terceira classe de seres consiste naqueles que são sábios e realizam todos os deveres mundanos, morais e espirituais apenas com o pensamento de agradar a Deus.45

Quando o Gita diz para não desejar os frutos da ação, não significa que se deva trabalhar como um autômato, sem pensar nos prováveis resultados de suas atividades! O ensinamento do Gita é trabalhar de forma inteligente, ambiciosa e aguçada! tentando criar os frutos corretos das ações, não para si mesmo, mas para Deus e todos os Seus filhos.

O devoto que realiza todas as boas ações apenas para Deus vive na terra com aprovação divina e grande satisfação interior, sem ser ferido pelos fracassos ou muito feliz pelos sucessos. Quando um verdadeiro devoto se depara com algum fracasso, apesar de seus planos matematicamente traçados, ele não fica desanimado, mas se esforça continuamente para obter um resultado bem-sucedido para oferecer a Deus. Quando seus esforços são

coroados de sucesso, ele não fica indevidamente exultante ou autocongratulatório, mas divinamente satisfeito com o pensamento de que pode ter agradado a Deus e servido a outros com suas realizações.

O homem comum não sabe por que “aconteceu” de nascer em determinada família, nem por que “aconteceu” de ter certos deveres específicos (em vez de outros deveres) atribuídos a ele. Percebendo sua ignorância, o aspirante-devoto atribui toda a responsabilidade a Deus (“renuncia aos frutos pessoais das ações”). Ele nega toda satisfação ao seu ego humano, que falsamente se considera o agente, tirando Deus de cena!

Um homem justo que cumpre seus deveres para com o corpo, como comer, tomar banho e fazer exercícios, e que cumpre seus deveres para com a mente, educando-a e ensinando-lhe a concentração, e que cumpre seus deveres para com sua alma através da meditação, percebe que estes as atividades são sem objetivo e fúteis, exceto por um propósito: alcançar a consciência de Deus.

O homem deveria pensar no corpo como um animal divino que Deus confiou aos seus cuidados; portanto, ele cuida adequadamente disso.46 Ele deve abrigar belos pensamentos só porque a mente é um templo do Senhor; o homem é apenas um guardião desse templo mental. Ele deveria honrar sua alma e entrar em contato com sua superconsciência através da meditação, apenas porque a alma é uma imagem do Pai Celestial.

As ações do corpo, da mente e da alma, quando realizadas com egoísmo, induzem a concentração nos frutos das ações; estes levam a reações e desejos cármicos complexos, que, por sua vez, dão origem a renascimentos. Mas aquele que vive e cuida de um corpo, mente e alma apenas para Deus e não para o seu ego, está desprovido de todos os desejos geradores de reencarnação; na morte ele é liberado na Onipresença.

Portanto, cada devoto deve cumprir todos os deveres para com o corpo, a mente e a alma através de uma vida higiênica, atenciosa e meditativa, evitando atividades egoisticamente ambiciosas, sendo divinamente ambicioso, e evitando a inatividade que não satisfaça nem o ego humano nem a Deus.

Os atores no palco da vida que permanecem inativos ou se tornam rebeldes

❖

Encontrar o papel dado por Deus na vida

❖

lançam confusão no drama divino. Num teatro, um homem, mesmo que tenha um papel menor, pode perturbar a trama por não cooperar ou por avançar contra a vontade do diretor. Na vida, da mesma forma, o plano divino é prejudicado quando os atores não desempenham de forma inteligente os papéis que lhes são atribuídos.

Quando um homem tenta descobrir, por meio da meditação, quais atividades ele deve realizar de acordo com o plano divino, ele também descobre, para seu desconforto, que precisa realizar muitas outras atividades de dívida cármica engendradas por desejos egoístas e ações de encarnações anteriores. Se, por exemplo, um homem foi um homem de negócios materiais numa encarnação anterior, e mais tarde (através da desilusão com a vida mundana) nasce num ambiente espiritual, ele descobrirá, no entanto, que desejos materiais recorrentes surgirão na sua mente, a menos que ele tenha simultaneamente cultivou um desejo firme por Deus. Ele deveria eliminar os desejos materiais de vidas passadas através da discriminação, dizendo consigo mesmo: “Nesta vida cumprirei apenas o dever divino de conhecer a Deus; Não terei outra ambição.”

Se a sua mente ainda não encontrar satisfação, ele poderá envolver-se em alguma atividade material, pensando: “Como sou impelido pelo desejo de uma encarnação anterior de continuar um negócio, desta vez realizarei o desejo trabalhando não para o gratificação do meu eu egoísta, mas apenas para agradar a Deus.”

Fortes tendências malignas pré-natais não devem ser atendidas, mas sim cortadas pela espada da sabedoria. Se alguém achar que a tarefa está além dele (“o espírito está pronto, mas a carne é fraca”), ele deve implorar diariamente a ajuda infalível de Deus.

Qualquer pessoa que tente sincera e incessantemente resolver as tendências de suas encarnações passadas, não para satisfação egoísta, mas para liberdade espiritual, finalmente se liberta por não ter sucumbido às compulsões cármicas. O homem que tenta resolver seu carma passado com o pensamento de agradar somente ao Senhor, em última análise, compreende as sutis distinções entre os deveres instigados por suas próprias

tendências egoístas passadas e os deveres atribuídos por Deus.

A existência humana não está predestinada; todo homem tem a liberdade de escolher aceitar o plano divino de existência ou seguir o caminho da ignorância e da miséria. Se as pessoas entendessem corretamente este ponto, a Utopia surgiria!

Para resumir os preceitos desta estrofe: Um homem está no caminho certo quando se concentra no desempenho de seus deveres apenas para agradar a Deus. Ele não sucumbe à inatividade – a fuga do ego para uma letargia confortável – nem ao cumprimento do dever de satisfazer desejos egoístas, mas faz a sua parte para cumprir o plano cósmico perfeito.

Aqueles que trabalham para si próprios como beneficiários das suas acções são continuamente levados de um desejo a outro até se tornarem tão completamente envolvidos que não conseguem libertar-se do seu emaranhado em “frutos pessoais da acção” geradores de miséria. Os frutos da ação impessoal ou não geradora de carma, por outro lado, seguem aquelas atividades que são realizadas apenas para agradar a Deus. Quando este é o único motivo do homem, ele pode comer, dormir, caminhar, fazer exercício, cuidar da sua família, ganhar dinheiro e fazer o bem no mundo sem nenhuma escravidão cármica resultante. Permanecendo intocado pelo sucesso e pelo fracasso, ele sempre desfruta da bênção de uma consciência tranquila.

❖

Princípios de ação correta, interpretados esotericamente

❖

Uma interpretação mais profunda desta estrofe também pode ser dada. Todos os iniciantes no caminho da meditação estão parcialmente ligados à atividade e às distrações dos sentidos quando tentam aprofundar-se na comunhão divina. Este estado insatisfatório é chamado de atividade não espiritual ou inatividade. (Não apenas a ociosidade, mas qualquer atividade que não produza progresso espiritual é “inatividade”.)

O iogue perseverante consegue elevar-se acima das sensações do corpo e direciona sua consciência entre os centros lombar e medular até atingir o centro da consciência Crística entre as sobrancelhas. Às vezes, o iogue, livre de todas as atividades sensoriais e sentindo um estado de grande

alegria, experimenta uma sensação de inatividade, uma falta de desejo de progresso adicional.

Qualquer iogue que esteja satisfeito com este estado de alegria sáttvica não tenta alcançar a região cerebral para perceber ali a bem-aventurança infinita da libertação final. Portanto, o Gita aconselha o iogue a continuar no caminho da meditação sem se apegar às alegrias e poderes à beira do caminho. O iogue determinado não se deixa envolver por quaisquer estados menores de percepções intuitivas e alegres, mas continua se desenvolvendo até atingir o Espírito Absoluto.

Assim, até mesmo o iogue altamente desenvolvido é lembrado de que deve meditar apenas para encontrar Deus e obter Sua aprovação divina, e não para satisfazer quaisquer desejos egoístas latentes por poderes espirituais e experiências fenomênicas.

Quando uma pessoa se interessa por uma fase específica dos filmes da vida em constante mudança, mesmo aqueles de natureza espiritual, ela permanece limitada. Mas quando ele assiste a todos os filmes da vida para aprender a lição divina neles, a fim de encontrar Aquele que está por trás deles, ele se torna extremamente feliz e livre!

VERSÍCULO 48

yogasthaḥ kuru karmāṇi saṅgaṁ tyaktvā dhanaṁjaya
siddhyasiddhyoḥ samo bhūtvā samatvaṁ yoga ucyate

Ó Dhananjaya (Arjuna), permanecendo imerso em yoga, realiza todas as ações, abandonando o apego (aos seus frutos), sendo indiferente ao sucesso e ao fracasso. Essa uniformidade mental é chamada de yoga.

"Ó Vencedor da Riqueza!" embriagado pela alegria da união divina, execute obedientemente todas as suas ações, sem se apegar ao resultado, seja de sucesso ou de fracasso. Assim como um rio invisível sob extensões onduladas de areia desliza suave e silenciosamente, o equilíbrio mental deveria fluir sem ondulações sob todas as atividades bem ou malsucedidas.

Permanecer abrigado na serenidade durante todos os estados de atividade é yoga; aquele que consegue preservar em si mesmo esse equilíbrio mental em todo tipo de circunstância mutável é um iogue.

A palavra yoga significa equilíbrio perfeito ou equilíbrio mental que é o resultado da comunhão da mente com o Espírito. Yoga indica também a técnica espiritual de meditação através da qual se alcança a união com o Espírito. Yoga significa, ainda, qualquer ato que conduza a esta união divina.

❖

Realizar as próprias ações enquanto interiormente unido à alegria do Espírito

❖

A uniformidade mental é o estado nativo da alma. O homem comum, ao identificar-se com o mundo, separa a sua consciência da união com o Espírito. O remédio para esta dissociação, muitas vezes desastrosa, reside em realizar as próprias ações enquanto estiver interiormente unido à alegria do Espírito. A consciência de Deus está perpetuamente no estado de yoga ou de uniformidade eterna que permanece inalterada pelas mudanças incessantes da criação. Também o homem, feito à imagem de Deus, deve aprender a manifestar esse equilíbrio divino pelo qual pode viver e agir neste mundo sem ser vitimado pelas suas dualidades.

O devoto que não sente apego aos resultados das atividades meditativas ou mundanas permanece indiferente quanto ao sucesso ou ao fracasso. Realizar ações assim sem ser perturbado por seus resultados é manter o equilíbrio mental do yoga. Este estado de uniformidade torna-se um altar para o Espírito.

O homem mundano se envolve em atividades com total concentração nos resultados delas. Consequentemente, ele é persistentemente afetado pela troca de triunfos e derrotas. Trabalhando para si mesmo e não para Deus, ele fica exultante com o ganho e abatido pela perda. Uma mente apegada aos parcos frutos de ações decorrentes de atividades materiais ou meditativas limitadas não pode sentir a tranquilidade onisciente do Espírito onipresente.

A pequena mente do homenzinho apegada às pequenas coisas não pode identificar-se com a consciência universal de Deus. Assim como um

espelho ondulado não consegue refletir adequadamente os objetos à sua frente, uma mente cuja calma é distorcida pelos pensamentos de sucesso ou fracasso é incapaz de refletir o Espírito imutável. A consciência do homem, quando constantemente identificada com mudanças materiais ou distúrbios mentais, não pode espelhar o Divino imutável, cuja imagem está presente dentro dele como seu verdadeiro Eu, ou alma.

O devoto deve realizar atividades com a mente imersa em Deus. Qualquer pessoa que realize todas as ações desta forma está em estado de libertação, assim como o Pai Celestial trabalha através de toda a criação sem estar apegado ou limitado pelo seu fluxo constante. A consciência do Senhor se manifesta em todos os estados de criação, preservação e destruição — mas permanece inalterada. Assim como Deus é onipresente no cosmos, mas não é perturbado por sua variedade, também o homem, que como alma é um Espírito individualizado, deve aprender a participar deste drama cósmico com uma mente perfeitamente equilibrada e equilibrada.

Dotado de livre escolha, o homem abusou da sua independência e identificou-se com um corpo transitório e um cosmos de caos organizado antitético. Ele deveria treinar sua mente para longe da inquietação e para a percepção da imutabilidade. O indivíduo comum, através da inquietação, percebe apenas o universo tumultuado. O homem que segue a arte do yoga (calma interior) percebe o Espírito imanente-transcendente e sempre tranquilo.

O aspirante espiritual deve contrabalançar a sua atividade material produtora de inquietação com a meditação espiritual produtora de calma. Ele deve aprender a realizar deveres materiais, bem como a meditação, com uma serenidade mental que não busque ganhos materiais ou espirituais e não seja perturbada por fracassos materiais ou espirituais.

Nenhuma atividade material ou espiritual realizada com apego (desigualdade mental) pode produzir felicidade duradoura. O bhogi, ou o homem de apego, colhe infelicidade. Um iogue, engajado ou não em atividades externas, sente a infinita e sempre nova alegria do Espírito.

O homem é um Deus que caminha. Nenhum ser humano deveria comportar-se como um animal, identificado com a sua natureza inferior. Ele

deveria manifestar seu verdadeiro Eu divino. O Senhor trabalha em toda a criação com equilíbrio indiferenciado; o homem que aprende a realizar todas as atividades com equilíbrio interior, sem apego a nada e sem inquietação, lembra-se do seu verdadeiro Eu e recupera a sua unidade com Deus.

A única maneira de estabelecer-se permanentemente na uniformidade interior do yoga é através da meditação. Portanto, as palavras de Krishna para Arjuna são particularmente significativas para o devoto que medita. Qualquer iogue que pratica meditação e que fica impaciente ou facilmente perturbado pelos resultados aparentemente escassos e lentos da meditação está agindo com um motivo egoísta focado nos frutos de suas ações. Ele deveria meditar apenas com o pensamento de agradar e amar a Deus; então a ioga, ou união divina com o Espírito imutável, certamente virá.

VERSÍCULO 49

dūreṇa hy avaraṁ karma buddhiyogād dhanaṁjaya
buddhau śaraṇam anviccha kṛpaṇāḥ phalahetavaḥ

A ação comum (realizada com desejo) é muito inferior à ação unida à orientação da sabedoria; portanto, ó Dhananjaya (Arjuna), busque abrigo na sabedoria sempre orientadora. Miseráveis são aqueles que realizam ações apenas pelos seus frutos.

Todos os homens se perdem na densa floresta sombria da atividade, exceto aqueles que são guiados pela sua discriminação interior. Portanto, ó devoto, busque proteção contra as trevas do erro, mantendo a lâmpada da lembrança divina sempre acesa para iluminar o caminho! Miseravelmente perdidos e desiludidos estão aqueles que vagam na escuridão, tateando em busca de tesouros imaginários sempre indescritíveis de felicidade duradoura.

As atividades motivadas pelo desejo material são uma forma inferior de cumprir os deveres da vida; eles enredam quem faz isso em uma rede apertada de desejos cada vez maiores que devem ser resolvidos nas vidas

subsequentes. As ações guiadas pela discriminação intuitiva interna da alma (buddhi-yoga) são instituídas apenas para satisfazer o plano cósmico e, portanto, não deixam vestígios de carma causador de miséria.

O devoto nunca deve agir de maneira inconstante, movido por caprichos, humores e hábitos, ou pelos costumes e modas do ambiente, ou por desejos herdados ou pré-natais. Ele deveria colocar todas as suas atividades sob o abrigo da sabedoria dirigida por Deus que é sentida na meditação. Qualquer ação realizada com a inspiração de Deus não vincula de forma alguma o executor às cordas dos resultados. Quando o devoto age sob a inspiração de Deus, é o Senhor quem é responsável por essas atividades, assim como o pai é responsável por um filho obediente.

A inteligência guiada por motivos egoístas está sujeita ao erro, mas a sabedoria guiada pela consciência de Deus nunca pode cometer erros. O indivíduo comum, executando ações ignorantemente com o desejo de resultados terrenos, vagueia através dos tempos no abismo escuro das reencarnações. O iogue segue para a liberdade o caminho da ação que é iluminado pela luz interior da verdadeira sabedoria.

Assim como uma mula carregando um saco pesado de ouro não lucra com isso, mas apenas sofre sob seu peso, o mesmo acontece com um avarento rico que sofre com o fardo e a responsabilidade de possuir riqueza sem obter nenhum benefício dela. Assim como as pessoas avarentas só têm consciência do peso da responsabilidade de possuir riquezas, também as pessoas que são estimuladas pelos seus desejos trabalham incessantemente com as suas mentes oprimidas pelo desejo de resultados mundanos – desejando mais e mais – sem serem capazes de conhecer a verdadeira alegria. .

O devoto é aconselhado a viver e trabalhar no mundo para Deus e, assim, permanecer distante dos desejos que provocam a reencarnação. Todos os devotos que trabalham sob a orientação da sabedoria são livres; todas as pessoas ignorantes que trabalham para obter lucro estão fadadas a conhecer a miséria, porque os resultados das ações são incertos e transitórios.

Portanto, é tolice e um modo de comportamento inferior trabalhar

continuamente para ganho pessoal, acumulando apenas problemas através de desejos cada vez maiores. É sabedoria viver e trabalhar para agradar a Deus e assim permanecer livre e divinamente contente.

VERSÍCULO 50

buddhiyukto jahātīha ubhe sukṛtaduṣkṛte
tasmād yogāya yujyasva yogaḥ karmasu kauśalam

Quem está unido à sabedoria cósmica vai além dos efeitos da virtude e do vício, mesmo aqui nesta vida. Portanto, dedique-se ao yoga, à união divina. Yoga é a arte da ação adequada.

Aquele exaltado que através da meditação extática uniu sua consciência com a Onisciência Universal não permanece mais aprisionado pelos julgamentos da lei cármica. Nesta mesma vida, as grades do carma e dos desejos – os efeitos das ações boas e más instigadas pelo ego – são removidas. Portanto, ó devoto, esforce-se acima de tudo para se fundir em constante união divina; em unidade com a sabedoria transcendente de Deus, execute todas as suas ações. Trabalhar unido a Deus é a maior arte que se pode dominar neste mundo. Realizar todas as atividades com consciência de Deus é o yoga supremo (nirvikalpa samadhi yoga).

Quando um homem é identificado com a vida material, devido a uma falsa consciência de si mesmo como o executor de ações, ele está fadado a colher os bons e os maus resultados de suas ações pré-natais e pós-natais. Mas quando ele se torna um com a sabedoria onipresente, ele possui imunidade às influências limitantes, boas e más, na prisão da vida terrena. Ele não sente o ego, mas Deus trabalhando em todas as suas ações.

Ganhar dinheiro em tempos difíceis, criar algo incomum neste mundo, inventar coisas novas, adquirir grande habilidade – essas conquistas são louváveis; mas quando as ações de uma pessoa são realizadas unicamente com a consciência de Deus, ela se torna um especialista na maior arte de todas. Continuar as atividades da vida com consciência de Deus é chamado de arte suprema da ação adequada, porque liberta totalmente a alma da

escravidão terrena dos efeitos cármicos das ações e garante liberdade permanente no Espírito.

Um prisioneiro que cumpre sua pena de forma rebelde não é posto em liberdade até que tenha cumprido sua pena completa, mas um prisioneiro que trabalha para agradar o diretor através de ações e comportamentos corretos pode encontrar-se rapidamente em liberdade condicional! Da mesma forma, os homens que trabalham neste mundo guiados pelos seus desejos rebeldes encontram-se há muito tempo aprisionados na miséria, enquanto aqueles que trabalham apenas para agradar a Deus encontram-se rapidamente libertados.

❖

A suprema arte da ação, que liberta totalmente a alma do carma

❖

O indivíduo comum, em tudo o que faz, está totalmente identificado com o corpo, com suas sensações e com os múltiplos desejos modelados de acordo com suas sensações. Quando tal homem morre, ele leva consigo deste mundo seus anseios inacabados e dívidas cármicas. Apenas sendo devida a recompensa, ele tem que voltar novamente.

No estado de êxtase, a falsa consciência do ego como agente é dissolvida. Conseqüentemente, as sementes pré-natais de ações boas e más do ego desaparecido, implantadas no cérebro, murcham, não encontrando nenhuma consciência egoísta como solo para crescer.

Yoga, ou união com o Espírito, é a única maneira de evitar ser arrastado pela inundação dos efeitos das boas e más ações passadas. Caso contrário, sendo incapaz de conter a maré cármica, o devoto deve buscar refúgio meditando na unidade do pequeno eu com o Espírito todo-poderoso. A consciência expandida torna-se assim invulnerável; a torrente de ação passa sem afetá-la. Os efeitos das ações passadas não podem impressionar um ego sintonizado com Deus. Assim, fala-se de Yoga como a arte de evitar que o carma passado sobrecarregue a alma.

Uma alma unida a Deus torna-se Deus; essa alma automaticamente rejeita todos os efeitos de suas ações passadas de vidas passadas. O status da alma é alterado de uma entidade identificada com o corpo, limitada e vinculada ao carma, para um estado sempre livre, além da influência do

carma. Portanto, o iogue deve sempre permanecer concentrado no centro da consciência Crística, entre as sobrancelhas, sentindo a alegria onipresente de Deus, mesmo enquanto executa atentamente ações obedientes. Quando ele é capaz de fazer isso, ele conhece a maior arte da ação e é um verdadeiro iogue.

A instrução de Bhagavan Krishna ao discípulo altamente avançado Arjuna a respeito da união divina expressa o estado último a ser alcançado. Embora a continuidade ininterrupta na consciência de Deus enquanto ainda se cumprem todos os deveres exigentes da vida (nirvikalpa samadhi) não seja rapidamente alcançada nem mesmo pelo devoto veterano, ainda assim, cada momento de meditação profunda gasto na busca da união com Deus, cada esforço para praticar a imparcialidade e a renúncia de o desejo pelos frutos das ações traz sua recompensa – removendo a tristeza e estabelecendo paz e alegria; e mitigar o carma e diminuir os erros em ações decisivas através de uma maior sintonia com a sabedoria orientadora de Deus.

Conforme aconselhado pelo Gita, no esforço espiritual sério, a bênção e a orientação do guru são essenciais. O verdadeiro discípulo segue com grande devoção o sadhana (o caminho da disciplina espiritual e técnica de meditação do yoga) dado pelo guru. Através deste sadhana, seu guru o ajuda invisivelmente a atingir os degraus sucessivamente mais elevados na arte da união divina. O discípulo que pratica diária e profundamente seus exercícios espirituais e avança no caminho pode encontrar o guru aparecendo visivelmente no plano astral para guiá-lo adiante. Com a ajuda do guru, todas as telas de ignorância do verdadeiro discípulo são queimadas, revelando-lhe a glória indescritível do mundo interior da alma e do Espírito.

Versículo 51

karmajaṁ buddhiyuktā hi phalaṁ tyaktvā manīṣiṇaḥ
janmabandhavinirmuktāḥ padaṁ gacchanty anāmayam

Aqueles que dominam suas mentes ficam absortos em sabedoria infinita; eles não têm mais interesse em quaisquer frutos das ações. Livres assim da cadeia de renascimento, eles alcançam o estado além da tristeza.

A recompensa de realizar todas as ações com uma mente sintonizada com Deus – sem desejos e com discriminação imperturbável pela emoção – é a libertação dos grilhões dos renascimentos, a libertação de todas as formas de mal que causam miséria.

O propósito do plano de Deus para o homem não é uma série interminável de renascimentos. O plano divino é proporcionar ao homem inúmeras oportunidades de usar a sua livre escolha e discriminação para distinguir entre corpo e alma, para abandonar a vida miserável dos sentidos, recuperando a sua verdadeira identidade no Espírito.

Assim que o homem descobre o verdadeiro propósito da existência, ele dá o primeiro passo para a salvação. Ele entende que não é obrigado a reencarnar continuamente. Ao realizar, nesta vida, todas as ações com a consciência de Deus, ele poderá conquistar a libertação final.

Deus planejou libertar a alma humana após uma breve experiência de sabedoria nesta terra. Contudo, através do mau uso do seu livre arbítrio, o homem tornou-se preso à terra, envolvendo-se desnecessariamente numa série prolongada de reencarnações.47

A miséria humana não faz parte do plano de Deus. O homem infeliz é simplesmente aquele que não tem contato com o Senhor. Deus teve um trabalho considerável para produzir este drama da vida; dói quando perdemos o ponto principal e ficamos com uma cara triste!

VERSÍCULO 52

yadā te mohakalilaṁ buddhir vyatitariṣyati
tadā gantasi nirvedaṁ śrotavyasya śrutasya ca

Quando a tua inteligência penetra além da escuridão da ilusão, então você alcançará a indiferença em relação aos assuntos que foram ouvidos e aos assuntos ainda a serem ouvidos.

Um iogue cuja inteligência discriminativa está fixada na Sabedoria Infinita torna-se imune aos sentimentos ilusórios dos sentidos ilusórios – não mais influenciado por seus conselhos e promessas falaciosas do passado, nem será suscetível às suas astutas atrações no futuro. Ele atua no drama onírico dualista sem apego, com sua sabedoria não contaminada pela emoção, livre de desejos obsessivos – passados ou futuros.

O homem iludido, habitualmente compelido pela voz interior da mente sensorial, lamenta as experiências não realizadas do passado e é ávido por satisfações futuras. Em contraste, o iogue avançado, que expulsou os desejos e inclinações egoístas de seu castelo mental e restabeleceu o domínio da sabedoria da alma, é imune aos medos passados e às esperanças futuras.

A pessoa comum está presa como um prisioneiro numa masmorra; suas experiências de vida estão estreitamente confinadas ao sombrio reino dos sentidos. O iogue avançado, por outro lado, fica tão impressionado por ter contatado a Surpresa de todas as surpresas – a sempre nova bem-aventurança de Deus – que se torna indiferente a todos os pensamentos de prazeres sensoriais. Sua mente não é mais perturbada nem por lembranças de alegrias sensoriais passadas nem por devaneios sobre o futuro. Ele está consciente apenas da gloriosa Onipresença e de Sua alegria eterna.

O homem que não medita é indiferente à alma porque não conhece nada melhor, mas o iogue é indiferente aos sentidos porque os conhece muito bem! O devoto que conheceu tanto as inclinações sensoriais quanto a bem-aventurança da alma possui um padrão de comparação que não existe para o homem mundano.

As qualidades separativas e relativas inerentes à consciência identificada pelos sentidos obrigam-na a contemplar, não a Unidade de Deus, mas a multiplicidade da criação. O “Eterno Agora” está dividido para o homem em estados inconstantes de passado, presente e futuro. Na consciência cósmica estas ilusões da relatividade desaparecem; e com eles, os sonhos

ilusórios de prazeres sensoriais passados e desejos não realizados, e esperanças e promessas futuras. O iogue em bem-aventurada consciência cósmica experimenta a eterna e indiferenciada Realidade Única.

O devoto que medita profundamente ascende a esta realização através de vários passos: Primeiro, pela prática de uma técnica de yoga específica de meditação na Vibração Cósmica (o Aum, ou Amém), ele deixa de "ouvir" a voz dos sentidos à medida que se eleva acima todos os sons físicos e distrações e concentra-se nos sons vibratórios espirituais que emanam do corpo astral. Ele deve ir além da "música" astral e ouvir o Aum Cósmico. Dentro do Aum Cósmico ele percebe o Espírito como Luz Cósmica. Ele deve penetrar na Luz e entrar em contato com a Consciência Cósmica. Ele então une sua alma com a Consciência Cósmica, tornando-se um com o Espírito.

VERSÍCULO 53

śrutivipratipannā te yadā sthāsyati niścalā
samādhāv acalā buddhis tadā yogam avāpsyasi

Quando a tua inteligência, confusa pela variedade de verdades reveladas, se tornar seguramente ancorada no êxtase da bem-aventurança da alma, então alcançarás a união final (ioga).

Assim como um navio sacudido pela tempestade encontra segurança quando chega ao porto calmo, e estando bem ancorado não pode flutuar para o mar; da mesma forma, quando o intelecto discriminador, fustigado por opiniões teológicas, entra no estado de samadhi transcendente de Auto-realização intuitiva e se estabelece nele de forma imóvel, o devoto alcança a consumação desejável e a meta destinada de todas as almas – o yoga final, a união final com o Espírito. Desta união nunca mais haverá separação.

A estrofe anterior enfatizou ao devoto a importância de se tornar impermeável à voz dos sentidos, indo além da ilusão para a sempre nova alegria de Deus. Esta estrofe atual cita o pré-requisito da meditação samadhi, e não o conhecimento teológico, como o meio para alcançar esse

fim último. No início, quando a mente sensorial é rejeitada por não ser um guia adequado para a ação correta, o devoto recorre à autoridade dos santos ou das escrituras em busca de conselho. Mas para a sua mente não esclarecida, isto apresenta uma variedade desconcertante de formas e meios – nem sempre homogéneos, e não raramente contraditórios.

Na sua unidade subjacente, todas as escrituras verdadeiras revelam as mesmas verdades sobre o Espírito. Os Vedas, o Antigo e o Novo Testamento da Bíblia Cristã e todas as outras escrituras de autoridade divina têm um refrão – a unidade indissolúvel de Deus e do homem. As aparentes diferenças nas revelações são meramente superficiais, causadas pelas influências raciais e ambientais que cercaram os profetas. Cada um está cantando o seu próprio hino do mesmo Infinito.

❖

A necessidade da orientação de um verdadeiro guru e da lealdade do discípulo

❖

Quando um devoto tenta compreender várias revelações através dos poderes limitados da razão e da inferência, que são rigidamente condicionados pelo testemunho "ouvido" da voz dos sentidos, ele é enganado e perde-se num deserto teológico. A unidade de todas as escrituras verdadeiras é percebida apenas através da intuição desenvolvida pela meditação, a faculdade onisciente da alma.

Aqui novamente é destacada a necessidade da orientação de um verdadeiro guru e da lealdade do discípulo que seguirá fielmente a sadhana do guru. Com técnicas de comunhão divina dadas pelo guru, a inteligência espiritual do devoto cresce do racionalismo ligado aos sentidos para a intuição desenvolvida de meditação profunda. Seguindo os passos resumidos no comentário da estrofe anterior, o iogue alcança uma estabilidade inabalável na realização de seu verdadeiro Eu no estado de samadhi. Quando ele consegue permanecer ininterruptamente nessa bem-aventurança da alma, então ele está pronto para a união final – da bem-aventurança beatífica da alma com a Bem-aventurança Eterna Onipresente do Espírito. Este é o estado final do yoga. Quando o devoto alcança esta união final, ele nunca poderá cair; ele nunca mais precisará se separar de Deus.

QUALIDADES DO AUTORREALIZADO

VERSÍCULO 54

arjuna pegou
sthitaprajñasya como bhāṣā samādhisthasya keśava
sthitadhīḥ kiṁ prabhāṣeta kim āsīta vrajeta kim

Arjuna disse:

Ó Keshava (Krishna)! quais são as características do sábio que possui uma sabedoria sempre calma e que está imerso em samadhi (êxtase)? Como esse homem de sabedoria constante fala, senta e anda?

"Ó Krishna, minha curiosidade espiritual é inflamada por tuas palavras sobre o estado final de samadhi-yoga; como é aquele sábio que está estabelecido nesta união final? Ele se comporta como os outros homens em suas palavras e ações?"

Depois de atingir a união com o Espírito, a consciência do devoto nunca desce. Uma vez estabelecido na consciência de Deus, o devoto permanece em união samadhi. Seu plano de atividade muda; em vez de trabalhar no mundo olhando para Deus, ele se sente em Deus enquanto trabalha no mundo. Sua discriminação se funde com o Espírito, mesmo quando ele dorme, come ou trabalha. Ele percebe que Deus se tornou sua natureza, seu pequeno eu, assim como todos os outros eus. Ele contempla todo o mundo material como um cosmos saturado de Deus. Mesmo no estado de vigília ele desfruta do nirvikalpa samadhi ou do estado em que o devoto percebe a Natureza e Deus. Estar em êxtase divino e, ao mesmo tempo, estar ativamente desperto é o estado de paramahansa; o "cisne real" da alma flutua no oceano cósmico, contemplando tanto o seu corpo como o oceano como manifestações do mesmo Espírito.

VERSÍCULO 55

śrībhagavan uvāka
prajahāti yada kāmān sarvan partha manogatan
ātmany evātmanā tuṣṭaḥ sthitaprajñas tadocyate

O Bendito Senhor respondeu:

Ó Partha (Arjuna)! quando um homem abandona completamente todos os desejos da mente e fica inteiramente satisfeito no Ser, pelo Ser, ele é então considerado alguém estabelecido na sabedoria.

Quando, pelas ações meditativas e espiritualizadas do eu exterior ou ego, o iogue bebe incessantemente o puro néctar da bem-aventurança do cálice do eu interior ou verdadeiro, ele fica tão completamente satisfeito com essa alegria que joga fora todo o mel envenenado do ser humano. desejos - seu ego é supremamente feliz em seu verdadeiro Eu. Diz-se então que esse ser é um sábio perfeito, um homem de autorrealização cercado pela auréola sempre protetora da sabedoria constante.

Nesta estrofe há um jogo com a palavra atman, o Eu ou alma, para expressar sua natureza dual no homem encarnado: (1) o Eu exterior ou ego, a pseudoalma, com seus instrumentos e faculdades corporais (o experimentador do mundo da mente sensorial externa e da alma interna); e (2) o Eu interior ou verdadeiro (aquilo que deve ser experimentado pelo ego e que, por sua vez, experimenta Deus). A natureza exterior, mesmo do sábio perfeito, retém pelo menos algum grau de egoidade, ou consciência individualizada, pois sem isso a alma não poderia permanecer no corpo, mas se dissolveria no Espírito. Quando pela ação do Eu exterior, ou ego espiritualizado, o homem divino atinge o samadhi e é capaz de manter os efeitos desta união feliz mesmo após a meditação, então pode-se dizer que o Eu-ego está sempre contente no verdadeiro Sozinho.

A maioria das pessoas não entende por que o Gita aconselha o homem a abandonar os prazeres dos sentidos e a concentrar-se na alma. Não poderia haver prazeres da carne, exceto através da identificação ilusória da alma com o corpo - assim como um amante louco, identificado com sua amada, pensa que sua felicidade depende dela e somente dela!

A pessoa comum é como um rei que sai de seu belo palácio e se envolve em passatempos sórdidos nas favelas. Ele está fadado a sofrer os efeitos de suas ações indiscriminadas. O homem sábio percebe que seu Eu interior contém toda bem-aventurança. Aquele que está satisfeito apenas com essa alegria completa possui a sabedoria constante característica daquele ser que alcançou a união final.

VERSÍCULO 56

duḥkheṣv anudvignamanāḥ sukheṣu vigataspṛhaḥ
vītarāgabhayakrodhaḥ sthitadhīr munir ucyate

Aquele cuja consciência não é abalada pela ansiedade nas aflições nem pelo apego à felicidade nas circunstâncias favoráveis; aquele que está livre dos amores, medos e raivas mundanas – ele é chamado de muni de discriminação constante.

O Espírito percebido pela meditação continua Sua revelação ao devoto introspectivo a respeito do comportamento ou das marcas de um homem sábio:

Ele é um mentor, um muni (aquele que pode dissolver sua mente em Deus), que permanece nas profundezas calmas da bem-aventurança da alma, além do alcance das emoções humanas comuns. As aflições não distraem sua sabedoria constante; circunstâncias favoráveis não despertam nele o apego ao prazer dessa condição nem o desejo pelas suas ofertas tentadoras.

O muni ou homem de sabedoria retirou a sua consciência do testemunho distorcido da mente sensorial e concentrou-a na alma. O holofote de sua sabedoria é lançado firmemente sobre o reino de uma alegria interior eterna.

O homem divino, descobrindo que a natureza da alma é diferente da natureza do corpo, não fica perturbado interiormente quando os problemas invadem o corpo, nem se exulta indevidamente com as alegrias mundanas impermanentes. A alma não está de forma alguma identificada com as experiências corporais transitórias. Assim, quando o ego está estabelecido

no verdadeiro Eu, as emoções que paralisam a sabedoria não podem interferir na consciência desse super-homem.

Os “amores mundanos” do ego pelos seus bens preciosos – a sua afeição desordenada pelo corpo, pelos prazeres sensoriais, pelos apegos humanos inconstantes – não tocam o homem de sabedoria.

Como o medo é causado por uma sensação de infortúnio iminente, o homem sábio, identificado com a alma, nunca tem motivos para se alarmar.

A raiva resulta da não realização de um desejo corporal ou mental; o muni não nutre tais desejos.

Tendo notado a diferença nas tristezas e prazeres do estado de vigília ou consciente de identificação corporal, e a pura calma do sono no estado subconsciente, e a alegria desenfreada do estado superconsciente de consciência da alma, o muni, por discriminação, estabelece seu objetivo acima os estados inferiores e através da meditação estabelece permanentemente a sua sabedoria na alegria eterna do Eu interior.

Versículo 57

yaḥ sarvatrānabhisnehas tat prāpya śubhāśubham
nābhinandati na dveṣṭi tasya prajñā pratiṣṭhitā

Aquele que está em toda parte desapegado, nem alegremente entusiasmado pelo encontro com o bem, nem perturbado pelo mal, tem uma sabedoria estabelecida.

Aquele que pode deslizar como um cisne nas águas da vida sem molhar as penas de suas faculdades em um mar profundo de apego, que não fica excitado enquanto navega nas cristas ensolaradas das ondas, nem tem medo enquanto flutua nas correntes escuras dos acontecimentos malignos. , tem uma sabedoria sempre equilibrada e inabalável.

As duas estrofes anteriores enfatizaram a “superioridade” do sábio de sabedoria constante. Ele não tem desejos, está contente com seu verdadeiro Eu e livre de emoções porque está unido à alegria sempre nova da natureza interior de sua alma. Esta estrofe atual explica que, como resultado desta

identificação com a alma, o muni Auto-realizado está “em toda parte” - em todos os momentos e sob todas as condições - em um estado de neutralidade em relação ao bem e ao mal, às imagens de luz e sombra. da criação que fazem com que o homem comum reaja com prazer ou dor. A neutralidade do homem sábio não é uma indiferença cruel, mas o controle consciente e a calma das faculdades da consciência. No homem que é um fantoche da Natureza, os componentes mentais do sentimento, do ego, dos sentidos e da discriminação (chitta, ahamkara, manas e buddhi) são uma mistura excitável de ações e reações influenciadas pela ilusão. Embora um homem divino de sabedoria constante deva viver e mover-se num corpo, mente e ambiente externo como qualquer outro homem, ele alcançou o que Patanjali descreve nos Yoga Sutras (I:2) como “chitta vritti nirodha”, a cessação das modificações da substância mental.48 Suas percepções não se dão através das distorções excitáveis da Natureza, mas da perspectiva calma da pura sabedoria da alma.

Assim como o homem comum permanece indiferente aos prazeres e às dores de um estranho, o homem divino aprende a ignorar os prazeres e as dores desse estranho íntimo – o seu corpo. Deve-se tentar livrar o corpo e a mente das causas do sofrimento, ao mesmo tempo em que percebe que essas aflições não são suas; eles não pertencem à alma. A alma está sempre em paz, enquanto o corpo e a mente identificados pelos sentidos experimentam incessantemente as dualidades fenomênicas – o bem e o mal, o prazer e a dor.

Uma pessoa que consegue perceber a separação entre a bem-aventurança da sua alma e a natureza excitável do corpo e da mente e, além disso, consegue controlar os instrumentos desta excitabilidade, é considerada alguém que possui uma discriminação fixa, uma sabedoria estabelecida.

VERSÍCULO 58

yadā saṁharate cāyaṁ kūrmo ’ṅgānīva sarvaśaḥ
indriyāṇīndriyārthebhyas tasya prajñā pratiṣṭhitā

Quando o iogue, como uma tartaruga que retira seus membros, consegue retirar completamente seus sentidos dos objetos de percepção, sua sabedoria manifesta estabilidade.

A tartaruga rapidamente retira seus membros para dentro da armadura de sua carapaça para se proteger de perigos. Da mesma forma, quando os cinco sentidos de um iogue são retraídos em sua mente subconsciente durante o sono, ou dissolvidos em sua superconsciência durante a concentração profunda, ou desconectados a qualquer momento à vontade no estado consciente pelo autodomínio ou pelo nirvikalpa samadhi, aquele muni de constante a sabedoria é protegida do contato ou da invasão tentadora do mundo sensorial.

O controle dos sentidos está vitalmente ligado ao controle do prana ou energia vital no corpo – um meio inteligente, semelhante à eletricidade, cuja instrumentalidade vivifica todo o mecanismo humano. Nos nervos sensoriais, o prana torna possíveis as percepções; todas as mensagens dos sentidos, todas as sensações prazerosas e dolorosas da periferia do corpo, são transmitidas ao cérebro por meio desta energia vital. Nos nervos motores, o prana torna possível o movimento. É responsável pela atividade dos órgãos involuntários; e pensamentos e precisarão de sua ajuda para se expressarem em ação.

Prana detém a chave da morada corporal e dos compartimentos internos do cérebro e da consciência. Ele permite ou exclui todos os visitantes bem-vindos ou indesejados de sensações e ações, de acordo com a orientação que recebe ou a liberdade que lhe é permitida.

Quando a mente do devoto é identificada com o prana ou energia nos nervos óptico, auditivo, olfativo, gustativo e tátil, ele é tentado pela beleza, música, fragrâncias, sabores, sexo e outras sensações atraentes. O sagrado Gita diz ao iogue para aprender a retirar sua mente e energia dos cinco canais sensoriais para alcançar o autodomínio.

Se, por exemplo, um homem decidiu não comer doces, ele pode não ter sucesso apenas com a força da vontade, mas pode vencer a tentação cientificamente pela técnica de retirar sua mente e energia dos nervos do paladar e assim banir temporariamente o pensamento. e sensação de doçura.

Se um telefone for desconectado, sua mensagem será cortada instantaneamente. O iogue deve ser um operador experiente de mesa telefônica para seus telefones dos sentidos, capaz de ligar e desligar à vontade sua mente e a força vital que flui através dos cinco portadores de mensagens: visão, audição, olfato, paladar e tato.

Se uma rosa for colocada diante de um homem adormecido, ele não a verá. Ele também não consegue sentir o cheiro da rosa nem ouvir nenhum som. Quem está em estado de sono profundo não sentirá o sabor da comida que lhe for colocada na boca, nem sentirá sensações de toque suave. O iogue pode atingir conscientemente essa liberdade da intrusão sensorial.

Um devoto não está sendo aconselhado pelo Gita a banir todas as tentações sensoriais através de uma fuga contínua para o sono ou para a superconsciência! Contudo, ao menor comando da vontade, o devoto deverá ser capaz de retirar a mente e a energia de qualquer um dos cinco sentidos. Eventualmente, iscas sensoriais indesejáveis perdem todo o poder de atração.

❖

Controlando os sentidos e alcançando o autodomínio através do Kriya Yoga

❖

Por exemplo: Durante a excitação do impulso sexual nos nervos é quase impossível controlar a mente e o seu desejo. É por isso que as pessoas em geral sucumbem à tentação sexual. O impulso resulta da identificação da mente com os nervos sexuais fisiológicos. O iogue conhece a arte de retirar a mente e a energia dos nervos procriadores tão completamente que nenhuma excitação sexual indesejada no corpo, nem qualquer objeto externo de tentação sexual possa vencê-lo. Através deste domínio da mente e da força vital, ele se liberta totalmente das tentações fisiológicas e mentais.

Quando a mente se identifica com qualquer sensação sensorial, ela se vê incapaz de compreender a diferença entre a sua própria felicidade e os prazeres dos sentidos. Quando o iogue aprende como retirar sua mente e energia dos sentidos, sua mente se concentra em sua própria alegria real, encontrada no contato e na interiorização da alma; os prazeres dos sentidos, em comparação, parecem então estranhos e repugnantes.

Se uma pessoa faminta alimenta outra pessoa, ela nunca poderá saciar sua própria fome. Da mesma forma, quando uma alma tem fome de encontrar a sua própria felicidade perdida, ela não pode fazê-lo através dos sentidos. Todos os viciados nos sentidos encontram-se desiludidos e insatisfeitos porque procuram a felicidade em território estrangeiro hostil à bem-aventurança da alma.

A técnica de Kriya Yoga ensinada por Lahiri Mahasaya (o guru do meu guru) é uma forma de pranayama superior – a arte de desligar o prana ou força vital dos cinco sentidos. A respiração é o cordão que liga a consciência ao corpo e aos sentidos. O controle da respiração é uma sequência do controle do coração e da força vital. Até mesmo acalmar parcialmente o coração, à vontade, é ser capaz de desligar a corrente vital dos cinco telefones dos sentidos. Através do controle do coração (a central telefônica dos cinco sentidos), o iogue pode desconectar sua mente das cinco formas de sensações. Quando o coração está controlado, segue-se o controle da respiração.

É errado pensar que a retenção não científica da respiração nos pulmões leva ao controle do coração. Aqueles também que tentam controlar a mente apenas por meio de meditações mentais descobrem que leva muito tempo para a mente controlar o coração de maneira eficaz. Somente a ciência do yoga – uma técnica como o Kriya Yoga – segue o caminho rápido ou de "avião" para Deus, uma vez que defende um método psicofísico pelo qual o coração pode ser aquietado de uma forma natural, fazendo com que ele retire a força vital do corpo. os sentidos.

Para controlar o coração, é preciso controlar o corpo, diminuir o carbono no sangue seguindo uma dieta que não crie toxinas (que inclui uma abundância de frutas frescas) e aprender a arte do yoga de queimar o carbono no sangue venoso. para que o coração não precise bombear sangue escuro para os pulmões para purificação. Através da quietude profunda, o coração é liberado do trabalho constante e fica então automaticamente livre para retirar a força vital dos cinco sentidos. Nenhuma sensação chega então ao cérebro para atormentar a mente.

Na casa corporal existem, na verdade, dois conjuntos de telefones – os

nervos motores e os receptores sensoriais. Através dos nervos motores o homem trabalha seus músculos, membros e órgãos internos. Através de seus telefones sensoriais, seu cérebro recebe sensações do mundo exterior: visão, olfato, audição, paladar e tato. Um iogue pode, à vontade, acalmar todos os movimentos voluntários e involuntários de seu corpo e também desligar sua mente e força vital das percepções sensoriais.

A pessoa comum só consegue desconectar sua mente dos sentidos, e parcialmente do corpo, no estado inconsciente de sono. O iogue aprende que o verdadeiro caminho para a felicidade reside na arte de controlar a mente e a força vital à vontade, conscientemente. A pessoa comum não consegue desligar a mente dos sentidos quando estes são tentados; mas o iogue, como a tartaruga, pode retirar com segurança os membros da mente e a força vital de qualquer ataque sensorial.

Bhagavan Krishna diz assim ao iogue para seguir a arte do controle científico dos sentidos. Um iogue adepto pode retirar sua mente de todas as sensações do mundo material e pode unir sua mente e energia com a alegria inebriante do êxtase interior ou samadhi.49 Em um estado elevado de percepção iogue e profunda interiorização da mente, o iogue sente-se aposentado. dos sentidos do olfato, paladar, audição, tato e visão no som cósmico Aum, que finalmente se funde na Consciência Cósmica.50 Essa experiência só pode ser compreendida por aqueles que entraram em um estado profundo de meditação.

VERSÍCULO 59

viṣayā vinivartante nirāhārasya dehinaḥ
rasavarjaṁ raso 'py asya paraṁ dṛṣṭvā nivartate

O homem que jejua fisicamente dos objetos dos sentidos descobre que os objetos dos sentidos desaparecem por um breve período, deixando para trás apenas o desejo por eles. Mas aquele que contempla o Supremo fica livre até dos anseios.

Um homem abstinente, não guiado pela sabedoria, não é libertado da escura

floresta mental dos anseios ocultos. Ele apenas fecha os olhos externamente para os objetos dos sentidos, enquanto os espectros dos anseios dos sentidos continuam a assombrá-lo interiormente. Mas o homem sábio que abre os olhos da sabedoria e vê a Luz Suprema em todos os lugares não percebe sombras persistentes de desejos sensoriais.

O homem ganancioso, pela penitência do jejum físico, pode ficar afastado da comida por algum tempo, mas ao menor pensamento ou sugestão de comida, seu desejo parcialmente subjugado por ela é despertado e rapidamente revive seu sentido do paladar, enfraquecido apenas temporariamente pelo jejum. Da mesma forma, através do autocontrole físico sem o autocontrole mental, o homem sensual pode, por um tempo, distanciar-se das atrações dos sentidos, mas sua mente, constantemente concentrada na tentação, mais cedo ou mais tarde fará com que ele se torne vítima dela.

A renúncia física deve ser acompanhada pela renúncia mental e pela discriminação constante entre corpo e alma.

O caminho real para a segurança, entretanto, é a experiência da alegria suprema do Espírito. Uma vez que o iogue tenha experimentado a felicidade incomparável de Deus, ele não terá mais interesse nas oferendas insignificantes dos prazeres dos sentidos.

❖

Yoga: renúncia interior para monásticos e chefes de família

❖

Nesta estrofe, pode-se dizer que o Gita compara o método exterior de renúncia seguido pelos monges e swamis ao método interior seguido pelos iogues. Muitos monásticos acreditam que vivendo num eremitério e não se casando, estarão livres do apego aos objetos mundanos. A verdade é que todos os swamis e outros renunciantes que, além disso, não se tornam iogues (aqueles que praticam um método científico de união com Deus) correm grave perigo de perder de vista o seu objectivo divino, tal como os iogues chefes de família que não praticam desapego interior.

Somente pela renúncia física a mente recalcitrante não está totalmente convencida de que os prazeres dos sentidos devem ser abandonados. Mas o iogue, seja ele um monástico ou um chefe de família, que contata a alegria

suprema do Espírito através da meditação profunda, não apenas pensa, mas sabe que um homem é um tolo se não renunciar à alegria menor dos sentidos pela alegria suprema do Espírito.

O renunciante comum, abandonando exteriormente os objetos de prazer, venceu apenas a primeira rodada com os sentidos. Os anseios interiores de forma alguma reconheceram a derrota! Portanto, o renunciante deve aprender não apenas a arte exterior, mas também a arte interior da autodefesa.

A água adicionada ao leite mistura-se livremente com ele e dilui seu caráter natural; o leite que virou manteiga, porém, pode flutuar na água sem sofrer qualquer adulteração. Da mesma forma, a mente do renunciante comum deve manter-se afastada do potencial diluidor das tentações sensoriais; contudo, o iogue que bateu a manteiga da realização encontra-se imune, interna e externamente, a todo apego aos objetos dos sentidos, mesmo quando está rodeado por eles.

A renúncia ao mundo sem a prática de uma técnica de meditação iogue definida, que controle a força vital nos sentidos, não só dificilmente produz os benefícios espirituais desejados, mas muitas vezes coloca o monge numa posição estranha e hipócrita. Externamente um renunciante, interiormente ele é atormentado por tentações.

Yoga diz para encher a mente até a borda com a alegria de Deus! Nessa felicidade avassaladora, ainda podemos ansiar pelos prazeres dos sentidos? O Yoga é, portanto, o verdadeiro caminho real para a salvação.

Versículo 60

yatato hy api kaunteya puruṣasya vipaścitaḥ
indriyāṇi pramāthīni haranti prasabhaṁ manaḥ

Ó filho de Kunti (Arjuna), os sentidos ávidos e excitáveis apoderam-se forçosamente da consciência mesmo de alguém que tem um alto grau de iluminação e está se esforçando (pela liberação).

Os sentidos poderosos estendem seus tentáculos psicológicos e ocasionalmente atingem perigosamente os devotos avançados que estão perto de escapar das águas escuras da ilusão.

Uma nota de advertência é dada ao devoto presunçoso e satisfeito consigo mesmo, que pode ter alcançado algum avanço espiritual e um grau de autocontrole sobre sua vida e, portanto, considera-se imune às atrações sutis dos sentidos. Ninguém está realmente a salvo dos sentidos predatórios – nem mesmo o homem sábio quase perfeito – até que tenha alcançado o abrigo final da união inquebrável com o Espírito.

❖

Ninguém está a salvo dos sentidos predatórios até que tenha alcançado a união inquebrável com o Espírito

❖

Um devoto pode separar-se por muito tempo de objetos que excitam a tentação nos sentidos e, assim, acreditar precipitadamente que sua atividade interior de atração desapareceu. É muito provável que estejam apenas adormecidos, hibernando dentro dele, prontos para entrar em movimento sob um contato repentino de circunstâncias adequadas.

Nenhum germe do mal, por mais insignificante que seja, deve permanecer à espreita dentro de nós, crescendo e sem ser detectado. Assim como o contato com germes pode não parecer prejudicial à primeira vista porque as qualidades imunológicas da pessoa os mantêm sob controle, também uma pequena medida de maldade pode aparentemente ser incômoda quando a saúde espiritual da pessoa é boa e forte; mas se de alguma forma as qualidades espirituais imunológicas ficarem enfraquecidas, então as bactérias do mal serão rapidamente despertadas e revigoradas, e dominarão completamente o hospedeiro vulnerável.

Assim, o homem sábio deve fazer uma introspecção e descobrir se a sua ganância, a tentação sexual, o amor pela beleza física, o desejo pela bajulação, e assim por diante, foram realmente destruídos pela sabedoria ou se estão apenas fingindo a sua morte.

Mesmo sem o contato externo de objetos específicos, os cinco sentidos do conhecimento (visão, audição, olfato, paladar, tato) e os cinco poderes executivos (fala, movimentos das mãos e dos pés, atividades sexuais e

excretórias) podem ser excitados internamente pelo mero pensamento. . Por exemplo, um homem sábio que tenta superar uma tentação específica não só deve manter-se exteriormente afastado de todas as ocupações estimulantes e de pessoas relacionadas com a sua fraqueza, mas também deve controlar os seus sentidos internamente para que não alimentem a sua mente com imagens associadas que surgem do subconsciente. mente devido ao seu poder pictórico ou à sua memória de experiências sensuais passadas.

Nenhum devoto deve subestimar o formidável poder do subconsciente, cujos tentáculos têm maior alcance do que os da mente consciente.

VERSÍCULO 61

tāni sarvāṇi saṁyamya yukta asīta matparaḥ
vaśe hi yasyendriyāṇi tasya prajñā pratiṣṭhitā

Aquele que une seu espírito a Mim, tendo subjugado todos os seus sentidos, permanece concentrado em Mim como o Supremamente Desejável. A sabedoria intuitiva daquele iogue torna-se firme cujos sentidos estão sob seu domínio.

Desprezando a luminosidade enfeitada dos objetos dos sentidos, o devoto unido a Deus concentra seus pensamentos no Espírito sempre alegre. Seus sentidos logo abandonam a rebelião e o obedecem como seu legítimo soberano.

Duas coisas são exigidas de um homem sábio. Primeiro, ele deve afastar a mente dos sentidos; segundo, ele deve manter a mente unida à Deidade, cedendo apenas àquela Tentação Suprema!

Esse controle externo e interno torna a sabedoria do devoto inabalável – isto é, não oscilando entre os prazeres divinos e sensuais. O iogue avançado encontra seus sentidos sempre obedientes, bem treinados na subserviência às melhores e mais refinadas alegrias da percepção de Deus.

O intelecto de um homem não é estável se ele for vítima de auto-indulgências. A mente e o julgamento de um escravo sensato são persistentemente obscurecidos; ele passa de um erro a outro, de uma ação

errada a outra, de uma armadilha a outra.

O sábio de sabedoria constante exerce bom julgamento em todas as decisões e ações, pois sua sabedoria intuitiva interior está sempre unida à onisciência do Espírito.

VERSÍCULOS 62-63

dhyāyato viṣayān puṁsaḥ saṅgas teṣūpajāyate
saṅgāt saṁjāyate kāmaḥ kāmāt krodho ‘bhijāyate (62)

krodhād bhavati saṁmohaḥ saṁmohāt smṛtivibhramaḥ
smṛtibhraṁśād buddhināśo buddhināśāt praṇaśyati (63)

Meditar sobre os objetos dos sentidos causa apego a eles. O apego gera desejo; o desejo gera raiva. A raiva gera ilusão; a ilusão gera perda de memória (do Eu). A perda da memória correta causa a deterioração da faculdade discriminativa. Da decadência da discriminação, segue-se a aniquilação (da vida espiritual).

Visualizar a felicidade sensorial produz um apego crescente a esse sentimento de atração. Tal apego cristaliza-se num desejo ativo de aquisição, dando origem a desejos astutos, o inimigo pernicioso da paz. Desejos não realizados enredam o homem nas angústias da raiva. A ira cria uma nuvem distorcida de ilusão. Da ilusão flui a perda de memória e auto-respeito da própria posição e comportamento normal. De uma memória mutilada de si mesmo exala o fedor da discriminação decadente. Quando a discriminação degenera, segue-se a destruição da vida espiritual.

Os sábios hindus eram especialistas em psicologia.51 Eles reconheciam a futilidade de meramente estabelecer mandamentos e aprovar leis – nenhuma das quais pode impedir a engenhosidade do homem em quebrar restrições. Ao apelar para a racionalidade da mente humana, os sábios apresentaram análises convincentes sobre o “porquê” da conduta correta.

Em versos concisos, essas duas estrofes do Gita descrevem a fatídica descida passo a passo do homem potencialmente nobre pela escada da tentação até a ruína. Esses estágios de descida são os resultados nefastos da

❖

Descida passo a passo de um homem nobre pela escada da tentação até a ruína

❖

reflexão sobre as iscas dos sentidos, a origem psicológica do desejo e seus descendentes e suas consequências. O sábio vê com desapego toda beleza externa, seja no rosto de uma mulher, de uma joia ou de uma flor; ele não deseja posse. O escravo dos sentidos anseia pela posse; e, assim como mulheres bonitas e tesouros caros são numerosos neste mundo, seus desejos também o são! E quando fica frustrado pela não posse, ele se encontra num estado de amargura ou raiva.

A raiva surge da não realização de desejos, bons ou maus. A obstrução dos bons desejos dá origem a uma ira justa; o obstáculo aos maus desejos desperta uma ira destrutiva e irracional.

A indignação justa pode inspirar um homem a esforços extraordinários para corrigir algum erro. Uma raiva justa emprega métodos razoáveis e construtivos para atingir um bom fim. Mas a raiva egoísta cega o homem, de modo que ele se torna cada vez mais irracional ao tentar satisfazer os seus desejos obstruídos. A raiva injusta faz com que o homem perca o equilíbrio interior. Através da raiva, muitos homens foram involuntariamente e repentinamente transformados em criminosos e assassinos, e praticantes de diversas ações ímpias. Todos os homens não iluminados estão sujeitos à ira interna ou externa da não realização de desejos. O Gita adverte o homem, portanto, contra a adoração cega dos objetos dos sentidos.

Os devotos deveriam imaginar como a raiva se origina de desejos frustrados e como ela leva a graves consequências.

O paroxismo da raiva tem efeitos fisiológicos e psicológicos. Fisiologicamente, todo o sistema do homem irado sofre uma mudança. A ação do coração é acelerada. O calor do sangue aumenta e o homem furioso sente uma sensação de queimação por todo o corpo. Há um fluxo de sangue para a cabeça, causando tensão interna nos tecidos do cérebro. Os circuitos elétricos dos nervos ficam sobrecarregados. Produtos químicos em níveis tóxicos são secretados e circulados por todo o corpo. As funções do aparelho digestivo são interrompidas ou afetadas negativamente. Sabe-se

que a raiva extrema e incontrolável provoca ataques cardíacos, derrames e morte. Nas pessoas que são suscetíveis a explosões de raiva, às quais gostam de ceder em vez de transmutar, o coração e o sistema nervoso começam a enfraquecer devido aos repetidos choques emocionais. O belo rosto do homem, onde emoções maravilhosas e pacificadoras podem ser registradas, sofre feias contorções no homem irado.

O efeito psicológico da raiva é igualmente agudo e espiritualmente letal. Entorpece a mente, anestesiando seu poder de funcionamento. Nesta fase, fortes impulsos motores de raiva têm grande probabilidade de anular as diretrizes racionais estabelecidas pelo estado psicológico normal. A área motora do homem irritado reagirá mais rapidamente do que a razão psicológica entorpecida pela raiva. Os impulsos motores da raiva, ávidos por uma saída, jorram em canais de atividades irresponsáveis que levam às consequências mais graves. Um homem que, em seus momentos de sanidade, nunca poderia sonhar em ferir alguém, pode tornar-se abusivo e violento sob o paroxismo motor da raiva. Antes que a pessoa perceba a perigosa magnitude de sua ação, antes que sua mente perceba a gravidade de seu ato hediondo, o impulso motor realizou a ação.

Assim, o Gita adverte que a raiva dá origem a uma ilusão envolvente, um estado de cegueira psicológica que se espalha por todas as faculdades razoáveis. Isso turva a mente e a faz tatear sem rumo. No estado normal, a pessoa sabe o que deve fazer. A luz da razão está presente para guiar o homem de consciência normal. Mas assim que o raio da raiva extingue essa luz, o homem irado é deixado na escuridão da ilusão sem guia e não se lembra do que deveria fazer. Assim, diz-se que a perda de memória segue-se à ilusão.

Sob a influência hipnótica da ilusão produzida pela raiva, o homem perde a memória do que ele era e de como deveria se comportar de acordo com o que está se tornando à sua verdadeira natureza interior. A memória de seus sentimentos normais e bons sentimentos desaparece. Sob a escuridão contínua, a memória que o homem irado tem de si mesmo e das suas boas qualidades torna-se cronicamente confusa e completamente esquecida.

O pensamento razoável não encontra meios de expressão em uma pessoa irada. Palavras razoáveis não têm efeito porque são dirigidas não ao homem real, mas ao eu irado, que devido à memória confusa perdeu a consciência do seu verdadeiro Eu. A memória confusa é totalmente incompatível com a razão discriminativa.

Perdida a discriminação, o caminho da destruição é rapidamente pavimentado.

Um exemplo: um homem que dirige alegremente um carro a caminho de um local de piquenique é repentinamente solicitado por sua esposa a mudar de destino e ir, em vez disso, para a casa de sua sogra. Sua alegria muda para raiva. (Escolhi este exemplo específico com plena confiança de que ele possui uma aplicabilidade bastante ampla!)

Em casos normais, o resultado é que o marido se recusa a mudar de destino ou (mais comummente) que ele atende furiosamente à exigência da esposa. Em ambos os casos, a raiva perturbou a harmonia do dia. Às vezes, porém, no caso de um homem de temperamento violento, a raiva inicial leva à tragédia. A sua ira afecta a sua memória: ele pode ter bloqueios mentais temporários na sua recordação de hábitos de condução seguros, ou deixa de exercer a sua cautela habitual em relação a outros veículos na estrada. Resultado: um acidente, às vezes fatal.

A raiva e seus desdobramentos congelam o volante do carro da vida e impedem-no de atingir seu destino material e espiritual.

A evolução da atração sensorial até a destruição pode assim ser resumida da seguinte forma: As atrações sensoriais, se não forem sublimadas no início, estão fadadas a transformar-se em desejos. A obstrução dos desejos agita a calma da consciência e provoca uma confusão ofuscante na mente que funciona normalmente. Quando esta névoa obscura surge no homem comum, ele perde a memória da sua própria dignidade humana. A perda de memória confunde e bloqueia a sua discriminação, a força motivadora de toda ação correta. Quando o volante da discriminação no carro mental da vida do homem é quebrado, ele acaba num fosso de miséria.

Tudo o que foi dito acima, relativo ao homem comum e aos seus desejos

❖

A sociedade como um todo também está sujeita à degradação através do mesmo processo que os indivíduos

❖

materiais, é pertinente também ao iogue e aos seus encontros com o que às vezes são armadilhas mais sutis. Mesmo aquele que progrediu muito no caminho espiritual pode subitamente descobrir que alguma atração sensorial toma conta de sua consciência. A ação imediata por meio da discriminação e do autocontrole aplicados em direção a um esforço espiritual mais forte e a uma meditação mais profunda irá salvá-lo. Mas permitir que a mente permaneça "inofensivamente" nessa atração, ou alimentá-la de qualquer forma, é convidar às consequências que se seguem. Embora possa se manifestar de forma mais sutil, o curso que toma e o resultado espiritualmente destrutivo são os mesmos: a atração sensorial degenera na perda da lembrança do verdadeiro Eu ou alma e seu contentamento divino, juntamente com a perda da orientação da discriminação que atrai o consciência em direção ao Espírito.

A sociedade como um todo também está sujeita à degradação através do mesmo processo que os indivíduos, que, afinal, são os constituintes das comunidades e das nações. Todas as misérias e terrores horríveis da civilização têm as suas raízes na indiscriminação, que é o amadurecimento gradual do mal que brota involuntariamente na mente do homem através dos estágios de atração e apego, anseio e desejo, raiva e paixão, ilusão e imprudência, e impropriedade pela perda de memória do verdadeiro Eu divino do homem. Assim, a ioga exorta o homem a manter um controle férreo sobre o sistema de pensamento de sua mente. O autocontrole não deve ser perdido mesmo diante da maior provocação. Quando o mal existe dentro, então o que aparece fora é o seu duplo. Quem conquista a mente, conquista o mundo.

VERSÍCULO 64

rāgadveṣaviyuktais tu viṣayān indriyaiś caran
ātmavaśyair vidheyātmā prasādam adhigacchati

O homem de autocontrole, vagando entre objetos materiais com sentidos subjugados e desprovido de atração e repulsão, alcança uma calma interior inabalável.

Quando o guerreiro espiritual, blindado com autocontrole, atravessa o perigoso território dos objetos tentadores com um bando de soldados disciplinados e obedientes, guiando-os em torno das armadilhas da atração ou da aversão por meio de fortes comandos de discriminação, ele está seguro em um sentimento interior. alegria que está confiante na vitória.

O homem de autocontrole que encontra seus sentidos sob o controle total da discriminação da alma abandona a atração e a aversão – a causa raiz do enredamento em objetos materiais – usando seus sentidos obedientes, sem preconceitos e desembaraçados para desempenhar deveres de maneira correta e alegre.

Assim como um homem rico que sucumbe à lisonja e à tentação perde seu dinheiro e sua saúde, qualquer homem, inerentemente rico em sua alma, quando atraído pelas inclinações dos sentidos perde sua riqueza de paz e sua saúde de espírito.

O indivíduo comum, destreinado e desprotegido, que vagueia pelos territórios da tentação, cai cativo da sensação de atração ou aversão; sendo assim emboscado, ele não consegue alcançar o reino da felicidade.

A atração por certas sensações de paladar, tato, audição, visão e olfato traz consigo uma companheira invariável: a aversão. Apegos e aversões repentinos – gostos e desgostos – aos objectos sensoriais prejudicam o poder de julgamento livre da mente e tornam os seres humanos escravos de humores e hábitos. Milhões de homens, apenas por hábito e falta de reflexão interior, dedicam-se a “prazeres” que há muito perderam qualquer sabor real.

Assim como um homem que se apega à prática de acelerar um automóvel de alta potência e atropelar estradas montanhosas tentadoras, mas perigosas, pode desviar-se do caminho e sofrer ferimentos ou morte, também um homem que se apaixona pelo encantador sentido do poder da máquina corporal e acelera descuidadamente nas difíceis estradas dos prazeres dos sentidos certamente deixará o caminho reto e estreito da

tranquilidade da alma.

O caminho da vida que toda alma encarnada deve percorrer até o Objetivo Final passa pelo território das sensações e das armadilhas dos sentidos. Somente o homem com autocontrole sabe como se comportar no ambiente material através do qual deve forçosamente vagar e trabalhar. O homem de autocontrole veste uma armadura de sabedoria e desapego enquanto desempenha seus deveres no complicado mundo dos sentidos.

VERSÍCULO 65

prasāde sarvaduḥkhānāṁ hānir asyopajāyate
prasannacetaso hy āśu buddhiḥ paryavatiṣṭhate

Na felicidade da alma52 toda a dor é aniquilada. Na verdade, a discriminação do homem bem-aventurado logo se torna firmemente estabelecida (no Ser).

Todas as sombras escuras da tristeza são banidas da consciência daquele que entra no estado de perfeita tranquilidade interior da alma e permanece concentrado na clara luz orientadora do seu verdadeiro e sempre alegre Eu. Na verdade, a agulha magnética de sua mente logo se torna imóvel, sempre voltada para a Estrela do Norte da bem-aventurança da alma.

O homem de autocontrole que desfruta da bem-aventurança imutável da alma ultrapassou o mundo fenomênico que causa tristeza. A razão vacilante do homem, fixando-se na alma, transforma-se numa discriminação inabalável. Quando a luz da felicidade da alma chega, a escuridão acumulada das encarnações é dissipada num piscar de olhos.

Os emaranhados de sentidos muitas vezes encontram sua razão saltando de um prazer sensorial para outro, buscando a felicidade permanente que é prometida, mas nunca concedida pelos sentidos enganosos.

O homem sábio, desfrutando da felicidade pura e imutável da alma em constante meditação, descobre que sua razão não o tenta mais a voar de um objeto material para outro; ele é guiado e protegido apenas por uma discriminação estável. A razão humana sempre pode encontrar os prós e os

contras das boas e das más ações; é inerentemente desleal. A discriminação reconhece apenas um critério de estrela polar: a alma.

VERSÍCULO 66

nasti buddhir ayuktasya na cāyuktasya bhāvanā
na cābhāvayataḥ śāntir aśāntasya kutaḥ sukham

Ao desunido (aquele que não está estabelecido no Ser) não pertence a sabedoria, nem a meditação. Para quem não medita não há tranquilidade. Para os sem paz, como vem a felicidade?

Aquele que não permanece concentrado em seu verdadeiro Eu, atento às qualidades de sua pura natureza anímica, carece da discriminação divina inerente à alma. Sem esta sabedoria, a sua mente fica difusa e distraída, dispersa pelos caprichos dos sentidos, deixando-o privado da faculdade da meditação profunda com a sua concessão de paz inefável. O homem que não medita, sem paz, descobre que a felicidade duradoura sempre lhe escapa.

O indivíduo que está apegado aos sentidos está, como consequência lógica, desunido da alma, totalmente inconsciente de suas qualidades soberbas. Se alguém não está na luz, está nas trevas; da mesma forma, aquele que não tem consciência das belezas luminosas da alma é identificado com as ilusões sombrias dos sentidos. A identificação da mente humana com os sentidos produz um estado de “desunião” caracterizado por inquietação, desarmonia e faculdades dispersas. Segue-se assim que o homem que separou a mente da alma não pode manifestar uma verdadeira discriminação.

O intelecto pode ser cultivado pela educação, mas a discriminação flui da intuição e só é obtida através da força da alma, através do contato com a alma. Tanto a razão como a discriminação consistem num processo de passar por uma série de julgamentos para chegar a uma conclusão. A razão, porém, é guiada pelo intelecto imperfeito, cheio de limitações de emoções, desejos, hábitos; portanto, mesmo os mais elevados vôos do pensamento, a

razão mais matemática e calculista, são incertos e sujeitos a erros. A discriminação nascida da intuição através do contato com a alma assegura o julgamento correto em qualquer situação. A alma, por meio da intuição, transmite a orientação divina à consciência do devoto; a orientação intuitiva manifesta-se como sabedoria através da faculdade discriminativa para guiar o intelecto ou a razão para a determinação correta. Os filósofos teóricos limitam-se ao desenvolvimento de raciocínios discursivos propensos a erros; os iogues se dedicam a adquirir uma intuição infalível por meio do contato com a alma na meditação.

A paz também é uma qualidade da alma; quem não está em sintonia com a alma não tem paz. A pessoa sem paz não tem felicidade, porque paz significa ausência de tristeza, um pré-requisito para a felicidade.

A tristeza geralmente é seguida pela indiferença mental – o estado negativo de paz. Quando a paz, no seu estado negativo de ausência de tristeza, é imediatamente precedida por um pesar profundo, então, através do contraste, é experimentada uma tranquilidade mental, que o homem ignorante chama de "paz". Sua paz está condicionada à tristeza. Para ele, "há muito tempo estou em paz" significa "há muito tempo que não tenho problemas". A paz negativa, não prejudicada pelo contraste da dor, com o tempo torna-se insípida ou sem sentido – um estado de puro tédio.

A paz positiva, porém, emana da alma e é o ambiente interior sagrado no qual a verdadeira felicidade se desenvolve. Pode-se dizer que este estado positivo de paz é o precursor da bem-aventurança divina.

A felicidade é positiva e tangível. Para ser realmente feliz, porém, é preciso primeiro conquistar o estado de paz ininterrupta. Aquele que está em sintonia com a alma possui todas as suas qualidades, incluindo paz, bem-aventurança divina e sabedoria infalível.

VERSÍCULO 67

indriyāṇāṁ hi caratāṁ yan mano 'nuvidhīyate
tad asya harati prajñāṁ vāyur nāvam ivāmbhasi

Assim como um barco nas águas é desviado do curso por um vendaval, a discriminação de um indivíduo é desviada do caminho pretendido quando a mente sucumbe aos sentidos errantes.

Um barco navegando em águas pacíficas é sacudido quer queira quer não e fora do curso quando repentinamente atingido por um vento furioso; da mesma forma, a discriminação do homem, navegando em seu curso destinado de ação correta em direção ao Espírito, é desamparadamente deixada à deriva quando a mente cede sua direção à tempestade desordenada dos sentidos.

Em mar calmo e com bom tempo, o barco navega tranquilamente e chega ao destino sem dificuldade. Mas um barco que se aventura durante uma tempestade certamente será atingido e possivelmente afundado. Da mesma forma, o devoto que navega no mar da vida no bom tempo dos hábitos espirituais certamente alcançará facilmente as margens da Bem-aventurança Infinita. Mas o homem de aspirações espirituais que navega a sua vida através das águas tempestuosas de uma mente desgovernada certamente será desviado do seu curso de boas intenções, e poderá até perder completamente de vista a Divina Estrela Polar.

Isto não significa que um homem que enfrenta tempestades de sensualidade não deva tentar navegar em direção às praias divinas, apesar das rajadas de seus maus hábitos e tentações. As linhas deste versículo apenas nos lembram que aquele que deseja navegar suavemente em direção ao Espírito deve acalmar as tempestades dos sentidos.

Mesmo um iogue que esteja se aproximando rapidamente de sua Meta pode encontrar-se em meio a tempestades de dependência dos sentidos por meio de erros, de vidas passadas ou de maus hábitos subconscientes pós-natais; então, pelo poder de Cristo da forte vontade de sua alma, ele deveria ordenar que os vendavais sensoriais diminuíssem.

VERSÍCULO 68

tasmād yasya mahābāho nigṛhītāni sarvaśaḥ
indriyāṇīndriyārthebhyas tasya prajñā pratiṣṭhitā

Ó de braços poderosos (Arjuna), sua sabedoria está bem estabelecida, cujas faculdades sensoriais estão totalmente subjugadas em relação aos objetos dos sentidos.

“Ó descendente do autocontrole”, uma pessoa cuja sabedoria consistente é o cocheiro dos garanhões dos sentidos os impede de correr descontroladamente pelo terreno precário dos objetos dos sentidos; ele os guia com rédeas seguras e firmes sobre o caminho reto para a libertação abençoada.

Um homem sem autocontrole discriminativo é impotente para manter os corcéis de seus sentidos no caminho reto e estreito da virtude. Um homem que é governado pelos seus sentidos fica confuso. O calmo julgamento interior de sua alma é substituído pelos hábitos inquietos e sem propósito de uma mente governada pelos caprichos, insatisfeita e escravizada pelos sentidos. Tal pessoa nunca poderá ter paz. O aspirante a iogue deve manter os garanhões dos sentidos sob seu total controle.

O condutor da carruagem da vida não é aconselhado a amarrar seus garanhões dos sentidos e entregá-los à inatividade por medo de que possam correr soltos. Isso seria imprudente. Tudo o que é necessário é treinar seus corcéis para que permaneçam obedientes e lhe permitam tomar todas as decisões.

“Portanto, se a tua mão ou o teu pé te escandalizar, corta-os e atira-os para longe de ti; melhor é que entres na vida coxo ou mutilado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno.” 53

Quando Jesus exortou: “Se a tua mão te escandalizar” (impedir-te de entrar no reino de Deus), “corta-a”, ele não estava aconselhando o desmembramento literal, mas antes a ruptura do impulso que a havia levado a fazer o mal.

A remoção dos olhos de um homem não destrói seu desejo pela beleza sensual. Cortar as mãos não afeta o poder de desejo de ferir ou roubar. O que é necessário é controlar os desejos miseráveis que guiam os instrumentos de percepção e ação do homem.

Certa vez me contaram sobre uma ladra obsessiva que, num momento de arrependimento, seguiu literalmente o conselho bíblico e cortou ambas

as mãos. Mas seu hábito era tão compulsivo que ela começou a roubar artigos com os dedos dos pés e com a boca!

Os sentidos são meros instrumentos da mente; eles não podem agir por si próprios. É a mente e a discriminação que devem ser libertadas da escravidão. Um homem sábio mantém sua sabedoria livre e constante, direcionando sua vida no caminho de Deus.

VERSÍCULO 69

yā niśā sarvabhūtānāṁ tasyāṁ jāgarti saṁyamī
yasyāṁ jāgrati bhūtāni sā niśā paśyato muneḥ

Aquilo que é noite (de sono) para todas as criaturas é vigília (luminosa) para o homem de autodomínio. E o que é a vigília para os homens comuns, isso é a noite (um momento para dormir) para o sábio divinamente perceptivo.

Enquanto as criaturas dormem na escuridão da ilusão, os olhos de raio X do vidente estão abertos à luz da sabedoria. O poder de maya, que mantém todos os seres absortos na vigília do apego aos objetos materiais, induz nos santos apenas o sono do desapego.

Esta estrofe usa como analogia o hábito daqueles iogues hindus que dedicam suas noites à meditação, quando as pessoas do mundo estão dormindo. Esses iogues dormem algumas horas durante o dia, quando a maioria dos homens está acordada e ocupada com atividades materiais.

A correlação metafísica é que, embora a maioria das pessoas esteja espiritualmente sonolenta, imersa nos sonhos ilusórios da vida, o homem da realização está espiritualmente desperto, com sua visão divina alerta sempre concentrada na Realidade luminosa por trás da "noite" escura de maya. As pessoas que estão absortas na matéria usam todas as horas de vigília para perseguir seus objetivos. Ao perceber o desperdício e a vida tola de tais homens, o iogue permanece num sono de indiferença em relação às preocupações mundanas. O iogue cuja atenção total está fixada em Deus retira-se do mundo, passando por um estado de "sonambulismo" espiritual.

Ele está no mundo, mas não é do mundo. Vendo, o iogue não vê (não se importa). Embora fisicamente desperto no mundo, o iogue está espiritualmente adormecido no esquecimento do desapego.

Assim, pode-se dizer que o homem mundano está vivo ou desperto nas atividades materiais e adormecido nas questões espirituais. O iogue, por outro lado, está espiritualmente desperto e materialmente adormecido. O homem mundano está adormecido na ignorância e o iogue está acordado na sabedoria. O homem sábio dorme na indiferença enquanto o homem comum está acordado em busca da matéria.

O homem hipnotizado pelos sentidos não vê nada além do mundo e é incapaz de perceber Deus. O homem sábio desfruta da presença de Deus em todas as coisas.

O Gita não significa literalmente que todos os iogues devem dormir durante o dia e permanecer acordados à noite, nem que todas as pessoas do mundo devem trabalhar à noite e juntar-se ao iogue no sono diário! Deveríamos ter então um belo mundo de pernas para o ar de “Alice-através-do-espelho”!

Um iogue não alcança seu objetivo apenas permanecendo acordado à noite! Ele deve praticar meditação e levar uma vida de autodisciplina, serviço e bondade ativa para com todos.

Um homem mundano, ocupado durante o dia com deveres materiais razoáveis, deveria dormir à noite, mas deveria usar parte das horas tranquilas para meditar e dedicar-se aos deveres espirituais. Poucas horas de sono são suficientes quando o hábito da meditação está bem estabelecido.

Os verdadeiros iogues, percebendo a onipresença indestrutível, a verdadeira Realidade, permanecem automaticamente indiferentes às aparências ilusórias da irrealidade material.

As pessoas não deveriam permanecer absortas em prazeres materiais impermanentes, alheias à bem-aventurança eterna escondida na alma. Nem deve o iogue, indiferente aos desejos materiais, negligenciar o cumprimento dos seus deveres mundanos. O iogue que ama a Deus nunca poderá esquecê-Lo apenas por causa de atividades externas. Um homem altruísta que busca deveres materiais com a constante lembrança e percepção de

Deus não está adormecido na ignorância, mas está sempre desperto Nele.

A inatividade está longe da consciência de Deus. O preguiçoso, preso à carne, não é livre; ele não é um iogue. O homem materialmente ativo, sempre fixado na paz interior, não é um homem mundano, mas um homem unido a Deus; ele é um verdadeiro iogue.

O devoto sincero ama Deus profundamente, quer esteja inativo e meditando silenciosamente em Deus, quer esteja no meio de um turbilhão de atividades externas. Ele está acordado em Deus durante todas as horas e em todas as esferas da vida. Ele não fica tão profundamente absorto nos deveres materiais a ponto de ficar alheio ao estado interior de bem-aventurança divina.

Ignorar o cultivo da consciência de Deus por estar sobrecarregado com deveres materiais é um erro comum do homem. Por outro lado, ser inativo, com a pretensão de ser "espiritual", é um perigoso autoengano.

O homem mundano deveria diminuir suficientemente suas atividades materiais para lhe dar tempo para meditação. Ele deveria lembrar que não poderia cumprir seus deveres materiais se Deus dissesse de repente: "Bem, estou tão ocupado com a criação cósmica que não consigo pulsar em seu coração!"

Nem deveria o iogue, só porque medita em Deus, recusar-se a cumprir suas responsabilidades materiais necessárias. Quando um devoto fica realmente absorto em Deus, tanto durante o estado de inatividade quanto durante a atividade intensa, o Senhor compassivo providencia sua pensão, sua libertação dos deveres terrenos. Mas o iogue deve respeitar a vontade de Deus em tudo e não depender complacentemente desta promessa!

VERSÍCULO 70

āpūryamāṇam acalapratiṣṭhaṁ samudram āpaḥ praviśanti yadvat
tadvat kāmā yaṁ praviśanti sarve sa śāntim āpnoti na kāmakāmī

Aquele que absorve todos os desejos dentro de si está cheio de contentamento, assim como o oceano transbordante permanece imóvel (inalterado) pelas águas que entram nele - não aquele que cobiça os desejos.

Assim como os rios que correm para o mar o mantêm sempre cheio, mas não perturbam sua vastidão imutável, também as correntes de desejos, transmutadas e absorvidas dentro do imutável Eu oceânico, não têm efeito cascata no muni, mas o mantêm transbordando de energia, contentamento, e uma paz que nunca oscila.

O homem comum não tem paz. Seu reservatório mental superficial é constantemente perturbado pela irrupção da estimulação sensorial. Inquieto, ele abre buracos de desejos na represa da consciência, drenando seus poderes internos e seu contentamento.

Esta estrofe era a favorita de meu grande mestre, Swami Sri Yukteswarji, e era frequentemente citada por ele. Ele experimentaria alguma nova manifestação surgindo de seu vasto oceano interior de paz (um mar infinito informado e alimentado pela absorção e transmutação dos rios que fluem de todos os desejos materiais); então ele expressava com uma voz sonora as percepções que sentia por dentro. Seu próprio rosto brilhava com uma grande luz interior. Nessas ocasiões, aqueles ao seu redor que eram espiritualmente sensíveis podiam sentir a transbordante percepção de paz do meu Mestre sendo transferida para eles. Muitas vezes ouço-o interiormente recitar este verso do Gita em sânscrito, tal como costumava fazer em anos passados.

Quando as águas do reservatório da paz interior escorrem através de muitas torneiras de pequenos desejos, esses riachos são avidamente absorvidos pelo solo desértico das percepções materiais. Logo o reservatório e o deserto estarão secos!

O mar, ao contrário de um pequeno reservatório, é vasto, sempre abastecido pelos rios que nele desaguam. O mar também é profundo; seu poderoso coração parece quieto, imóvel.

Mas uma maré em movimento parece adormecida,

Muito cheio para som e espuma….54

No homem de paz, a sua alma é um mar de contentamento no qual toda a sua consciência está imersa. Em vez de perder essa paz pelas avenidas dos pequenos anseios, ele absorve dentro de si todos os rios dos desejos, mantendo assim o seu mar quieto cheio até a borda!

Pelo contrário, um homem que possui um pequeno reservatório de paz e, em vez de aumentá-lo através do autocontrole e da meditação, deixa as águas correrem através de mil canais de desejos prejudiciais, logo perde todo o seu contentamento.

Daí o conselho do Gita: Não esgote seu reservatório de paz, desviando suas águas para canais de desejos pequenos, mas sempre crescentes. O verdadeiro devoto deseja cada vez menos e encontra cada vez mais em sua alma um mar de contentamento.

Este conselho não significa que se deva abandonar boas aspirações, tais como ajudar outros a conhecer a Deus. Por desejos nobres o devoto não perde a paz, que reúne reforço pela distribuição! Este paradoxo é semelhante às palavras de Jesus: “Porque a todo aquele que tem será dado, e terá em abundância; mas ao que não tem será tirado até o que tem”.55 Na vida espiritual, dar é receber.

O desejo de dar alegria aos outros e a atividade extrovertida de dar paz aos outros trazem de volta ao devoto maior paz e alegria. Mas a satisfação de qualquer desejo egoísta deixa o devoto num homem mais pobre.

Deixar que a paz da alma se escorra pelos canais dos desejos prejudiciais é errado, mas é certo reforçar a alma com ambições espirituais que produzem alegria.

Todos deveriam tentar se tornar um oceano de paz, trazendo para dentro de si os rios de alegria do êxtase com Deus e da associação com homens bons, do estudo das escrituras, de atividades de serviço altruístas e de nutrir desejos e ambições espirituais. O leito interno da consciência deve ser escavado cada vez mais fundo com a máquina de dragagem da meditação profunda, para que as alegrias dos outros e seus poderes de virtude, e os rios de todas as outras fontes de bondade, possam encontrar ampla acomodação.

O homem de Deus é constante e imutável em suas alegrias, como um

vasto oceano profundo. Seu reservatório mental expandiu-se para o mar do Ser divino. Ele atrai os rios da bondade de outras almas para fluir em seu ser, todos finalmente se misturando no Mar Eterno de Deus.

VERSÍCULO 71

vihāya kāmān yaḥ sarvān pumāṁś carati niḥspṛhaḥ
nirmamo nirahaṁkāraḥ sa śāntim adhigacchati

Realiza a paz aquela pessoa que, renunciando a todos os desejos, existe sem desejo e não está identificada com o ego mortal e seu senso de "ser meu".

Aquele que vagueia pela terra, tendo-se libertado das compulsões dos desejos passados, e que se mantém impermeável à invasão de novos desejos, e não é escravo da consciência mesquinha do ego de "eu" e "meu", está totalmente livre de escravidão. Com a flauta mágica de sua alma ele encanta a paz que existe dentro dele para seguir fielmente por onde for.

A fórmula de paz dada nesta estrofe do Bhagavad Gita é muito citada por renunciantes completos e monges cujas vidas ascéticas estão livres de deveres mundanos. Um recluso procura a paz minimizando os cuidados corporais e renunciando às posses mundanas, e mantendo o campo da sua mente em chamas com pensamentos de sabedoria para que nenhuma semente de desejos materiais possa voltar a criar raízes. Pela renúncia perfeita ele rompe todos os vínculos com o ego pessoal ou humano com seus desejos por posses temporais.

A paz é o primeiro produto da libertação de todos os desejos. Para o recluso da escola de Jnana Yoga, a lógica do ascetismo é que mesmo os desejos de saúde e confortos comuns, considerados bons pela maioria das pessoas, devem ser vistos como produtores do mal. Todos os desejos nascidos do contato corporal provocam perambulações intermináveis nos corredores das encarnações terrenas, pois um desejo leva a outro – como estar perdido em um labirinto enlouquecedor!

Quando uma pessoa morre sem ter abandonado todos os desejos, ela

permanece ligada ao renascimento na terra. Conseqüentemente, o renunciante não apenas abandona os maus desejos que enredam profundamente a alma nas teias insaciáveis da luxúria pelos objetos dos sentidos, mas também elimina todos os bons desejos pessoais, pois estes também podem enredar alguém em anseios terrenos. (As inclinações nobres e as ambições espirituais que estão livres do ego e do interesse egoísta, e são motivadas unicamente pelo desejo de agradar a Deus, são desejos sem desejo e não têm efeitos vinculativos.)

Ao renunciar aos desejos passados, para que não se espalhem como raízes de câncer e, em última análise, estrangulem sua paz, o renunciante também evita, por meio de pensamentos, ações e ambiente adequados, todo possível crescimento de novos desejos. Ele observa uma vigília eterna, mantendo sempre acesa a chama sagrada da sabedoria. Ele aprende também a separar a alma do ego, o único meio absoluto de imunidade à ilusão. Aquele que consegue desconectar a sua mente do corpo à vontade percebe a diferença entre a alma pura feita à imagem de Deus e a alma escrava do corpo – o ego.

Um rei dormia numa cama de ouro num castelo imponente e sonhou que era um mendigo. Ele gritou: “Por favor, dê-me um centavo – dê-me um centavo – sou um mendigo faminto”. Quando a rainha o acordou, ele sentou-se, livre de seus delírios oníricos, divertido com seu absurdo.

A alma real, imagem perfeita do Espírito onipresente e todo-poderoso, também dorme na ignorância, sonhando que é um pobre mortal com aflições e limitações. Quando, pela meditação, essa falsa consciência corporal ou consciência do ego desaparece, a alma percebe seu próprio status como príncipe-filho do Rei do Universo.

O renunciante e o homem sábio, portanto, treinam-se para não identificar o Eu transcendente com o ego mortal e seus desejos criadores de reencarnação. Livre do ego e de suas aflições e apegos à existência terrena, o homem herda a paz eterna que é seu direito inato.

A filosofia nesta estrofe, como observado, é particularmente aplicável à vida do renunciante, o homem de sabedoria que queimou quase todas as raízes dos desejos desta vida e de vidas passadas, e naturalmente se inclina

a abandonar os desejos comuns. atividades e posses mundanas.

Mas para o chefe de família moderno que deseja cumprir deveres mundanos e também encontrar Deus, o Bhagavad Gita dá outros conselhos no Capítulo III sobre Karma Yoga, onde Krishna ensina que aquele que renuncia às ações não é um renunciante, nem um iogue unido a Deus; simplesmente abandonando a ação, ninguém alcança a perfeição e o estado de inação. Para esse fim, meu Guru me disse, pouco antes de me tornar monge da Ordem dos Swami: "Aquele que rejeita os deveres mundanos habituais só pode justificar-se assumindo algum tipo de responsabilidade por uma família muito maior". Tanto o renunciante como o chefe de família devem aprender a ser totalmente ativos, mas sem desejar os frutos das ações.

Qualquer homem que renuncia aos frutos da ação e age apenas para Deus é um homem de renúncia e também um iogue. Ele é um homem de renúncia porque renuncia ao desejo de ser o beneficiário de suas ações; ele também é um iogue, unido a Deus, porque trabalha apenas para agradá-Lo.

Um devoto pode cuidar de sua saúde, de sua família, de seus negócios e ainda assim ser um renunciante interiormente. Ele diz para si mesmo: "Eu não criei este corpo ou este mundo. Então, por que eu deveria ter apegos a eles? Cumpro meus deveres materiais para com a família e outras pessoas, porque Deus me deu essas tarefas. Meditarei profundamente e desempenharei esse papel temporário apenas para agradá-Lo." Tal homem de renúncia interior é também um iogue, pois está sempre se movendo em direção à união com Deus através da meditação e da ação correta.

Por esta forma de estar no mundo, mas não ser do mundo, pode-se obter a paz. É difícil, mas pode ser conseguido com uma vontade de ferro. O caminho da renúncia externa, da fuga completa das cenas terrenas de problemas materiais, do abandono dos anseios por meio da discriminação constante e do afastamento dos objetos da tentação, é adequado à natureza de poucos devotos escolhidos.

O chefe de família iogue, que se move entre os objetos dos sentidos, deve libertar-se dos desejos internos que causam uma escravidão mais real do que as tentações do mundo exterior. O homem da renúncia deve libertar-

se dos emaranhados da selva exterior de objetos materiais, bem como libertar-se dos anseios internos pelos objetos que abandonou. Então, e somente então – seja no mundo ou numa reclusão na floresta, seja um chefe de família ou um renunciante – alguém poderá alcançar a paz.

Esteja ele trabalhando no mundo ou sentado silenciosamente em uma floresta, o único objetivo do iogue deve ser recuperar a paz perdida da alma e a identidade perdida da alma com o Espírito. Aquele que é totalmente desprovido de desejos e de ego realizou este objetivo.

VERSÍCULO 72

eṣā brāhmī sthitiḥ pārtha naināṁ prāpya vimuhyati
sthitvāsyām antakāle ‘pi brahmanirvāṇam ṛcchati

Ó Partha (Arjuna)! este é o estado “estabelecido em Brahman”. Qualquer pessoa que entre neste estado nunca (novamente) será iludida. Mesmo no exato momento da transição (do físico para o astral), se alguém ficar ancorado nele, atingirá o estado final e irrevogável de comunhão com o Espírito.

A entronização na consciência onipresente do Espírito é chamada de Brahmasthiti, o estado de reinar no Espírito Real. O iogue que reina no Espírito, libertado enquanto vive, nunca mais é iludido, nem desce a um estado inferior. Ele vive na consciência de Deus. Sua alma se expande no Espírito, mas ele mantém sua individualidade, eternamente imerso na comunhão do Espírito. Quando o iogue se estabelece na Infinitude Etérea, mesmo que alcançado apenas no momento em que a alma passa do cortiço físico para o astral, essa alma entra no Brahmanirvana, expansão no Espírito através da extinção do ego e de todos os desejos que compelem uma alma a reencarnar. Um ser onipresente não pode ficar enjaulado atrás das grades de encarnações finitas. Ele pode, por sua própria vontade, reter um corpo físico ou astral, mas isso não pode aprisionar seu espírito abrangente.

Assim, Krishna diz ao seu discípulo Arjuna: “Aquele que abandona os desejos pelos prazeres dos sentidos, é desapegado dos objetos dos sentidos e

é desprovido da consciência do ego limitado, renunciando às suas aflições de 'eu e o que é meu', recebe a alegria duradoura de Deus- paz - aquela bem-aventurança permanente da comunhão do Espírito chamada Brahmasthiti ou 'estado ancorado no Infinito'".

Qualquer um que experimente este estado final de união com o Espírito encontra todos os seus desejos imediata e completamente satisfeitos para sempre. Ele não pode se rebaixar a prazeres menores, assim como uma pessoa que tem acesso a um estoque de mel de flor de laranjeira não poderia desejar melaço rançoso.

Através de seu conselho a Arjuna, Krishna diz aos buscadores de Deus de todas as épocas: "Esta luta vale a pena! Alcance o objetivo final! Beba o néctar da Felicidade, nunca monótono, nunca velho, sempre fresco e novo!"

Krishna diz ainda de forma encorajadora que não importa quando e como o homem atinge este estado de finalidade; que se um devoto for bem-sucedido, mesmo no momento anterior à morte, em adquirir o estado totalmente abençoado (através de seus esforços meditativos passados, contínuos e sempre crescentes), ele certamente nunca mais se separará daquela bem-aventurança do Espírito.

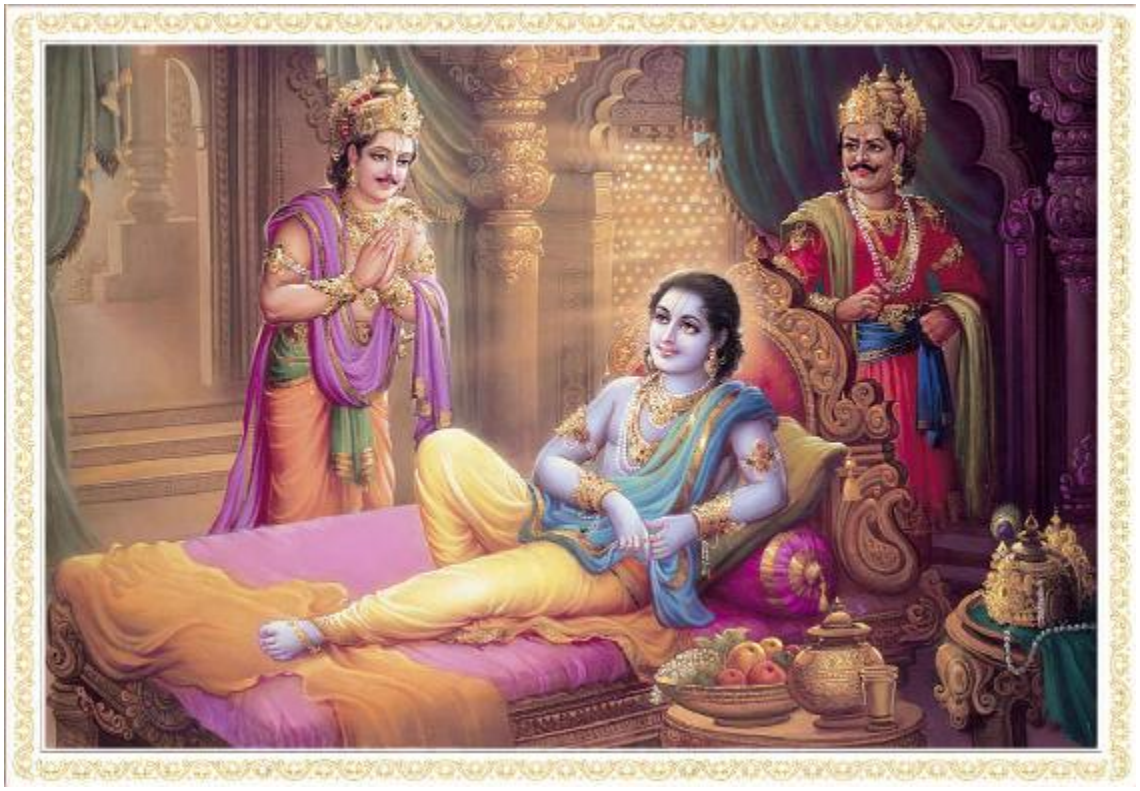
Desejos insatisfeitos no momento da morte são a causa da reencarnação. O homem que ainda vagueia no deserto da matéria, buscando o florescimento temporário dos prazeres, realiza seus desejos mortais através da reencarnação; sem desejos, ele finalmente entra na perfeição do Espírito. Krishna aconselha o devoto a continuar trabalhando por esse estado de emancipação, até o momento anterior à morte. "Aquele que vencer, farei uma coluna no templo do meu Deus, e ele não sairá mais (não reencarnará mais)", Jesus assegura ao homem.56 Uma alma deve alcançar a liberdade dos desejos terrenos e do ego antes da morte, para poder escapar do carrossel de nascimentos e mortes. Se esta liberdade não for alcançada antes da morte física, será necessário encarnar novamente na Terra. Para o homem, permanecer na ignorância é estúpido e prejudicial, repleto de misérias incalculáveis; nunca se pode dizer a que problemas abismais seu ego e seus desejos mundanos insatisfeitos podem levá-lo.

Esforce-se incessantemente; nunca seja impaciente. Uma vez alcançada

a finalidade, as encarnações dos problemas terminarão num segundo, tal como quando a luz é admitida num quarto que esteve trancado durante décadas, a escuridão desaparece instantaneamente.

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
sāṁkhyayogonāma dvitīyaḥ adhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o segundo capítulo, chamado "Sankhya-Yoga".



ॐ

Quando a guerra se tornou inevitável, Arjuna para os Pandus e Duryodhana para os Kurus buscaram a ajuda de Krishna em sua causa. Duryodhana chegou primeiro ao palácio de Krishna e sentou-se corajosamente na cabeceira do sofá em que Krishna estava descansando, fingindo dormir. Arjuna chegou e permaneceu humildemente com as mãos postas aos pés de Krishna. Quando o avatar abriu os olhos, foi Arjuna quem ele viu primeiro. Ambos pediram que Krishna ficasse do lado deles na guerra. Krishna afirmou que um lado poderia ter seu enorme exército e o outro lado poderia ter a si mesmo como conselheiro pessoal - embora ele não pegasse em armas no combate. Arjuna recebeu a primeira escolha. Sem hesitação ele escolheu sabiamente o próprio Krishna; o ganancioso Duryodhana regozijou-se ao ser premiado com o exército.

"Onde Krishna está, há vitória."

"O principal conselheiro e apoio dos Pandavas é o próprio Senhor, que, na forma de Krishna, representa variadamente o Espírito, a alma ou a intuição... ou como o guru instruindo seu discípulo, o devoto Arjuna. Dentro do devoto, o Senhor Krishna é, portanto, a Inteligência Divina orientadora, falando ao eu inferior que se extraviou nas complicações da consciência sensorial. Esta Inteligência Superior é o mestre e professor, e o intelecto mental inferior é o discípulo; a Inteligência Superior aconselha o eu inferior viciado sobre como se elevar de acordo com as verdades eternas e no cumprimento do seu dever inerente dado por Deus."

"Qualquer devoto que emule Arjuna – epítome do discípulo ideal – e cumpra seu dever legítimo com desapego, e aperfeiçoe sua prática de meditação yoga... similarmente atrairá as bênçãos e a orientação de Deus e conquistará a vitória da Auto-realização. "

—Paramahansa Yogananda

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO III

KARMA YOGA: O CAMINHO DA AÇÃO ESPIRITUAL

❖

Por que a atividade é uma parte necessária do caminho para a libertação?

❖

A Natureza da Ação Correta: Realizar Todas as Obras como Oblações (Yajna)

❖

O dever justo, cumprido sem apego, é piedoso

❖

Como a ação sem ego liberta o iogue das dualidades da natureza e da escravidão do carma

❖

Atitude correta em relação ao guia espiritual e ao Sadhana

❖

Conquistando a dupla paixão, desejo e raiva

“Da região sem vibração, através de um ritmo cósmico de atividade ordenada, o Espírito trouxe à existência toda a criação vibratória. O homem faz parte dessa atividade cósmica vibratória. Como uma entidade integral no plano cósmico de que toda a criação, projetada a partir do Espírito, deve evoluir de volta para o Espírito, o homem também deve ascender através da atividade em harmonia com o esquema divino.”

OceanoofPDF. com

Capítulo III

Karma Yoga: O Caminho da Ação Espiritual

Por que a atividade é uma parte necessária do caminho para a libertação?

Verso 1

arjuna pegou
jyāyasī cet karmaṇas te mata buddhir janārdana
tat kiṁ karmaṇi ghore māṁ niyojayasi keśava

Arjuna disse:
Ó Janardana (Krishna)! se você considera a compreensão superior à ação, por que então, ó Keshava (Krishna), você me ordena esta atividade terrível?

"Seu discurso, ó Divino Libertador, afirma que é melhor contemplar através dos olhos distantes da sabedoria os eventos dramáticos da vida como um sonho que emana do Espírito, em vez de ser emocionalmente apanhado pelo histrionismo deste mundo de ilusão. Por que então, ó Senhor, me atrelas a atividades terríveis e turbulentas, como um garanhão atrelado a uma carruagem de guerra?

Quando Arjuna aqui se dirige a Krishna como Janardana, o epíteto significa o guru ideal que mostra ao devoto o caminho para erradicar as causas do renascimento e, assim, alcançar a salvação. Keshava significa o estado final de unidade do Espírito - além das condições vibratórias de criação, preservação e dissolução - alcançado pela destruição do demônio do mal, a ilusão, que desune a alma do Espírito. Alegoricamente, o devoto,

em seu contato com Deus através da experiência intuitiva, dirige-se à Consciência Divina interior como o Guru orientador que está apontando o caminho para a liberação, e também como o Supremo Absoluto além de todas as modificações da ilusão. Esta estrofe retrata o conflito mental de um devoto que ocasionalmente contata Deus através de uma intuição intermitente; e quem muitas vezes se pergunta por que a Voz Interior, embora exalte a primazia da sabedoria intuitiva, ainda assim insiste que o devoto se envolva em atividades tremendamente absorventes da mente!

❖

Empregando ação para alcançar a inação

❖

A sabedoria suprema é a Inteligência Eterna Infinita, o Oceano de Bem-aventurança desprovido das ondas mutáveis da natureza (tristezas passageiras ou prazeres momentâneos ou qualquer forma de ação que pertença ao mundo das vibrações temporais). O imutável mar do Espírito é superior às Suas ondas manifestadas de criação vibratória mutável - assim como um oceano é superior às suas ondas porque é a base e a substância das ondas, e porque o oceano pode existir sem as ondas, enquanto as ondas não podem existir sem o oceano.

O Espírito é a causa suprema – Inteligência imutável e autossuficiente. Todas as atividades vibratórias que saem do Absoluto são condicionadas e, portanto, inferiores. Da mesma forma, a sabedoria última é encontrada na consciência interior mais profunda do homem, a sua alma; as ondas de atividades vibratórias que saem dessa inteligência são encontradas em seu corpo exterior. Conseqüentemente, embora as atividades corporais sejam de fato inferiores à sabedoria da alma, a sabedoria não pode ser alcançada pelo homem sem algum tipo de participação mental e corporal. O estado sem vibração da sabedoria suprema não pode ser alcançado pelo homem no início, pois ele nasceu para uma consciência corporal “natural”. Até que a ilusão do corpo seja conquistada, o homem é totalmente incapaz de manifestar sabedoria.

Para destruir a sua falsa identidade com o corpo, o homem tem de se envolver nas atividades exteriores “inferiores”, embora necessárias, libertadoras. Empregar a acção para alcançar a inacção é ilustrado nas

escrituras hindus como “usar um espinho para remover outro espinho”, tal como um homem pode usar um espinho afiado para ejectar do seu dedo um espinho doloroso ali incrustado. Depois que o devoto se livra das ilusões da consciência corporal, ele fica automaticamente livre da necessidade de ação (deveres cármicos). Ele agora “joga fora ambos os espinhos” (isto é, nem o corpo nem suas atividades têm qualquer valor adicional; eles já serviram ao propósito para o qual foram criados), e o iogue está maduro para a manifestação da sabedoria – o estado final transcendendo todas as atividades.

❖

Necessidade de técnicas de meditação

❖

A implicação esotérica mais profunda da pergunta de Arjuna nesta estrofe, desenvolvida nos vários versos seguintes, é uma referência à repetida exortação de Sri Krishna de que o devoto deve se engajar na ação de obtenção de sabedoria de conquista da consciência do corpo sensual por meio da meditação iogue. Os plexos coccígeo, sacral, lombar, dorsal, cervical e medular devem tornar-se centros das atividades espirituais conscientes do homem. O devoto, através dos processos de métodos respiratórios adequados e de diversas atividades meditativas profundas (como no Kriya Yoga), deve centralizar constantemente sua consciência nos centros espinhais. Assim, ele se torna elegível para permanecer no estado sem vibração e inativo dentro da luz de lótus cerebral de mil raios do Espírito.

Alguns devotos, alcançando temporariamente a visão da luz centralizada do Espírito no cérebro, desistem de seus exercícios definitivos de yoga, considerando-os uma meditação inferior. Isto é um erro. Todas as atividades espirituais, meditações especiais e técnicas adequadas de pranayama (Kriya Yoga) devem ser seguidas continuamente para que se tenha não apenas a visão da luz de mil raios do Espírito no cérebro, mas para estar permanentemente ancorado ali. As atividades meditativas são inferiores à sabedoria depois de alcançada, mas precedem inexoravelmente a realização final.

VERSÍCULO 2

vyāmiśreṇeva vākyena buddhiṁ mohayasīva e
tad ekaṁ vada niścitya yena śreyo ’ham āpnuyām

[Arjuna continua:]

Com esses discursos aparentemente conflitantes você está, por assim dizer, confundindo minha inteligência. Por favor, deixe-me saber com certeza aquilo pelo qual alcançarei o bem maior.

“Seu conselho, embora eloqüente e seguramente sábio, ainda é aparentemente contraditório. Meu poder de apreensão fica confuso com Suas palavras sutilmente conflitantes. Você não pode simplesmente me apontar aquele portal que leva diretamente ao palácio da perfeição?

Isto tipifica o estado psicológico do devoto cuja compreensão ainda não está afinada com a intuição. Ele muitas vezes fica confuso com conselhos aparentemente contraditórios das escrituras ou de seu guru.

Por exemplo, quando um mestre disse certa vez ao seu discípulo: “Você deve comer e não deve comer”, o discípulo respondeu: “Mestre, eu não entendo; seus comandos são contraditórios!”

O mestre respondeu: “É verdade – você não entende! Meu conselho é perfeitamente harmonioso. O que quero dizer é que você deve comer quando estiver realmente com fome, apenas para fornecer nutrição adequada ao seu corpo para manter o templo da sua alma. Mas você não deve comer quando for tentado pelo apetite perverso e profundamente arraigado da ganância, sob a orientação da qual você comerá demais e destruirá sua saúde.”

Da mesma forma, sempre que Krishna aconselha, em essência, “Viva neste mundo, mas não viva nele”, ele quis dizer que o homem deveria viver e cumprir seus deveres neste mundo, uma vez que Deus o colocou aqui, mas ele não deveria viver apegado ao seu mundo. artimanhas e maneiras.

O conselho espiritual é muitas vezes paradoxal. Longe de ser contraditório, reflete antes a inadequação da expressão corporal para transmitir aquilo que está acima da familiar dualidade “isto ou aquilo” da Natureza. Entre os santos cristãos, quão dado aos paradoxos é São João da Cruz em sua poesia mística: “A música sem som”, “Com fogo que pode

consumir e ainda assim não causar dano", "Vida eterna você dá /E muda minha morte para vida, mesmo matando!" Jesus disse: "Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por minha causa, esse a salvará."1

Deus é o Grande Paradoxo: a única Vida, o único Ser – ainda que invisível, intangível! O sem forma e todas as formas!

Na vida espiritual os padrões mundanos são invertidos. "Venda tudo o que você tem e dê aos pobres…" "Não vos preocupeis com o amanhã..."2 Estas inversões intransigentes do "bom senso" são rejeitadas pelo homem comum como desconcertantes ou "paradoxais".

Arjuna fica assim confuso com o conselho de seu guru, Krishna, que exalta a sabedoria como superior à ação e ao mesmo tempo o aconselha a agir.

VERSÍCULO 3

śrībhagavan uvāka
loke 'smin dvividhā niṣṭhā purā proktā mayānagha
jñānayogena sāṁkhyānāṁ karmayogena para iogues

O Senhor Cósmico disse:

Ó Imaculado, no início da criação, um duplo caminho de salvação foi dado por Mim a este mundo: para a união sábia e divina através da sabedoria; para os iogues, a união divina através da meditação ativa.

"Quando enviei o homem para a criação, dei-lhe dois caminhos pelos quais ele poderia refazer seus passos até Mim – discriminação (Sankhya, ou Jnana Yoga) e ação correta (Karma Yoga, cuja atividade mais elevada é a meditação científica do iogues). Ambos levam o homem no caminho certo em direção à salvação. Mas quando o devoto está se aproximando da liberdade final, então a sabedoria e a ação meditativa se fundem em uma estrada interior para a Auto-realização, cujo ponto culminante é a união da alma com o Espírito."

Comumente interpretado, Jnana Yoga é o caminho do conhecimento e da discriminação (Sankhya); Karma Yoga, o caminho da ação correta – espiritual e meditativo. O caminho da discriminação é para o homem sábio raro e de olhos aguçados; para todos os outros, o caminho da atividade e da meditação combinados.

❖

Jnana Yoga e Karma Yoga são dois estágios de um caminho

❖

Nesta estrofe, entretanto, Krishna refere-se especificamente, em ambos os casos, à união divina (yoga) – a liberação da alma no Espírito. Neste contexto superior, os caminhos da discriminação e da ação espiritual são, na verdade, uma estrada "dupla" de Auto-realização (sabedoria) produzida ao seguir uma técnica definida de meditação ativa. (A atividade meditativa, e não apenas a atividade comum, está implícita na referência de Krishna ao Karma Yoga como o caminho para os "iogues".) O conhecimento final de Deus é o objetivo da liberdade humana, mas esse conhecimento final e totalmente satisfatório não pode ser alcançado sem primeiro tendo praticado os métodos de meditação.

Assim como a flor da macieira e a maçã estão inseparavelmente ligadas, o mesmo ocorre com a meditação e a sabedoria. Nenhuma flor, nenhuma maçã – nenhuma meditação, nenhuma sabedoria. A sabedoria é a casa, a meditação é o alicerce.

O Gita enfatiza tanto a sabedoria quanto a meditação porque muitos devotos imaginam erroneamente que um conhecimento teórico das escrituras sem meditação levará à liberdade definitiva. Mas o mero estudo teórico das escrituras é prejudicial à verdadeira obtenção da sabedoria se produzir egoísmo e a falsa convicção de que se sabe quando não se sabe. O conhecimento bíblico só é proveitoso quando produz o desejo de demonstrar na própria vida a validade dos preceitos espirituais.

Assim, afinal, só existe um caminho para a sabedoria de Deus. Mesmo o jnana yogi que alcança a união com Deus através do único caminho do Vedanta ou da discriminação mental constante ("Só Deus é real; tudo o mais é irreal") foi, em vidas passadas, um iogue ou seguidor bem-sucedido de uma técnica de meditação de interiorização para a comunhão de Deus. Um

ser tão avançado nasceu em sua vida atual com uma sabedoria já estabelecida, adquirida através de esforços meditativos de vidas passadas. Ele é um dos "sábios" mencionados neste versículo do Gita – alguém que já está muito adiantado no caminho da sabedoria, ou da realização de Deus. Com o estímulo do ardor divino e dos pensamentos de sabedoria, ele desperta os samskaras de sabedoria (propensões cármicas) já dentro dele e alcança a união com Deus sem aplicação adicional de uma técnica formal de meditação. Para a união final, sua consciência, como a de todos os seres ascendentes, segue a rota meditativa interna de ascensão através dos centros iogues cerebroespinhais até o Espírito.

Mesmo o iogue, entretanto, não alcança a perfeição se meditar sem se concentrar no objetivo final da sabedoria, como um homem que gosta tanto de caminhar por um caminho que vagueia sem rumo, sem chegar a um destino predeterminado. Muitos devotos amam a meditação e a alegria dela (ou ficam apaixonados pela busca de poderes ou fenômenos), esquecendo que a meditação é apenas um meio para um fim – o objetivo é Deus.

❖

A meditação é a ação libertadora definitiva

❖

Como a sabedoria de Deus é inatingível exceto seguindo o caminho da meditação profunda, o Gita aqui fala de sabedoria e meditação como os dois caminhos – ou o caminho duplo – para o Infinito. Nesta estrofe nada é mencionado sobre devoção, ou sobre atividades espirituais para redimir outros, ou sobre o estudo discriminativo das escrituras, ou sobre oração - todos eles são caminhos secundários; isto é, insuficientes em si.3

A sabedoria de Deus não é alcançada por atividades religiosas como tentar salvar as almas dos outros sem primeiro ter alcançado a própria salvação. O homem também não encontra Deus através de orações ou cânticos distraídos comuns ou de cantos espirituais – uma devoção superficial durante a qual a mente corre em diversas direções.

As atividades espirituais são caminhos necessários que devemos seguir para chegar à estrada da meditação. Depois que alguém termina de viajar pela estrada da meditação, ele alcança a tão cobiçada sabedoria de Deus.

Nenhum devoto de qualquer religião deveria ficar satisfeito com crenças

e dogmas não testados, mas deveria engajar-se em esforços práticos para alcançar a realização de Deus. A união com o Espírito só é possível quando o devoto, deixando de lado o método superficial da adoração cerimonial ou do ineficaz “entrar no silêncio”, começa a praticar uma técnica científica de realização de Deus. Não se pode alcançar este objetivo apenas através da meditação mental. Somente a concentração profunda que desconecta a mente da respiração, da força vital e dos sentidos, e que une o ego à alma, é bem-sucedida na produção da sabedoria divina da Auto-realização. Todos os outros métodos são caminhos preliminares ou de apoio.

Retirando a mente e a força vital dos nervos sensoriais e motores, o iogue os conduz através da coluna vertebral até o cérebro, para a luz eterna. Aqui a mente e a vida unem-se à sabedoria eterna do Espírito manifestada no cérebro.

O centro da consciência do indivíduo médio é o seu corpo e o mundo exterior. O iogue muda seu centro de consciência pelo desapego ao corpo e às esperanças e medos mundanos. Através de uma técnica - como a Kriya Yoga - de controlar conscientemente os processos vitais que ligam a consciência ao corpo (acalmando o coração e a respiração), o iogue se estabelece na eterna sabedoria-percepção do Espírito que se manifesta no centro espiritual do cósmico. consciência no cérebro. O iogue que consegue mudar seu centro de consciência do corpo senciente para o trono cerebral do Espírito, em última análise, centraliza sua consciência na onipresença. Ele alcança a Sabedoria Eterna.

VERSÍCULO 4

na karmaṇām anārambhān naiṣkarmyaṁ puruṣo ’śnute
na ca saṁnyasanād eva siddhiṁ samadhigacchati

A inação não é alcançada simplesmente evitando ações. Ao abandonar o trabalho ninguém alcança a perfeição.

Ninguém alcança a inação divina sem ter trabalhado pela pensão desse estado de bem-aventurança. Na renúncia precipitada às responsabilidades

não se encontra a verdadeira felicidade.

O Absoluto Imanifestado, ao projetar uma porção de Sua consciência como uma força criativa cósmica, desceu de Seu estado inativo ou sem vibração para o estado ativo ou vibratório que sustenta o universo. Da região sem vibração, através de um ritmo cósmico de atividade ordenada, o Espírito trouxe à existência toda a criação vibratória. O homem faz parte dessa atividade cósmica vibratória. Como uma entidade integral no plano cósmico de que toda a criação, projetada a partir do Espírito, deve evoluir de volta para o Espírito, o homem também deve ascender através da atividade em harmonia com o esquema divino.

Toda atividade é vibração inteligente. As más ações são vibrações erradas e desordenadas, forças repulsivas, que afastam o homem do Espírito e o envolvem, pela sua indulgência nelas, com o mundo grosseiro da matéria. Boas ações são vibrações atrativas que direcionam o devoto para o Espírito.

Através do estado vibratório de atividade adequada do mundo em que nasceu, o homem ascende ao elevado estado sem vibração do Espírito transcendente. Através de atividades ordenadas do corpo e da mente e pela autodisciplina, o devoto retira-se das diferentes esferas vibratórias, da matéria densa para os reinos mais sutis da consciência, para a região do Espírito sem vibração que está além da atividade de toda a criação.

O desemprego no sentido místico é o objetivo da vida. Não pode ser alcançado através da ociosidade, nem através de atividades materiais ou más – nem, como comumente se supõe, simplesmente levando uma vida normalmente “boa” – mas apenas através de intensas atividades libertadoras.

❖

O verdadeiro estado de ausência de trabalho não alcançado pelo abandono da ação

❖

Um homem preguiçoso não pode ser um com o Espírito. Se ele não avançar, estará fadado a retroceder. Muitos buscadores pensam erroneamente que abandonar todas as atividades mundanas e permanecer em reclusão ociosa é o caminho para o estado de Espírito mais elevado ou inativo! Mas o homem comum – cuja mente está

identificada com os sentidos e os ambientes corporais, e que se equipara à respiração e ao corpo – está aprisionado num mundo material. Mesmo que tente “deixar o mundo” e viva na reclusão de uma selva, descobrirá que sem a meditação adequada a sua mente ainda estará apegada aos seus sentidos. A simples renúncia por si só não é uma rede suficientemente ampla para capturar o Espírito onipresente!

O renunciante não deve se contentar em viver ociosamente como recluso. Ele deve aprender a praticar a falta de ar e o controle do coração, por meio dos quais pode desligar a força vital dos cinco telefones dos sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. Através dessa intensa atividade espiritual, desprovida de preguiça, o devoto aprende a libertar sua mente da invasão das sensações criadoras de pensamentos. Quando a mente está desconectada dos sentidos no sono profundo, ela fica livre das perturbações das sensações e dos pensamentos. Na meditação profunda, a mente é conscientemente libertada de todas as sensações e do seu conjunto de cognições multifacetadas e perturbadoras.

Assim como a mente no sono profundo sem sonhos atinge um estado inativo passivo, na meditação profunda a mente atinge um estado inativo consciente. Mas assim como a ociosidade produz insônia ou a falta daquele sono revigorante que é prontamente concedido após árduo trabalho físico ou mental, a inércia espiritual não produz resultados benéficos que estejam prontamente disponíveis se alguém estiver engajado em atividades adequadas. O verdadeiro estado de ausência de trabalho é, portanto, alcançado pelas intensas boas atividades de meditação e serviço, nunca abandonando a ação e ficando paralisado pela ociosidade.

❖

O devoto corretamente guiado é intensamente ativo de maneira divina

❖

Na Índia, muitos renunciantes que deixam o mundo, não fazendo nenhum trabalho social ou meditativo, e vivendo da caridade, tornam-se preguiçosos e sem valor, nunca alcançando a consciência de Deus. Mas aqueles que sinceramente praticam boas ações e que são ativos interiormente na meditação recebem a pensão espiritual de permanecer para sempre no estado livre e inativo do Espírito.

O devoto corretamente guiado é intensamente ativo de uma forma divina, libertando a sua mente da inquietação e dos desejos. Seguindo os princípios morais, as disciplinas corporais, a prática do controle da força vital, a meditação, o serviço espiritual através do interesse dos outros no caminho divino, a interiorização da mente e o samadhi (êxtase), o verdadeiro estudante se eleva dos redemoinhos e redemoinhos do erro. atividades e cavalga a crista das ondas rítmicas de boas atividades em direção ao estado inativo e sem vibração do Espírito.

Através de atividades ordenadas, o devoto chega gradualmente ao estado inativo de união divina (o estado mais elevado ou paramahansa). Assim como Deus, o Pai, está livre de toda criação vibratória, qualquer um de Seus filhos que volta para casa torna-se livre; ele não está sob nenhuma compulsão cármica para trabalhar.

Um mestre é aquele que, através de intensas atividades humanitárias e de meditação espiritual, alcançou a união com Deus. Livre de todos os desejos mundanos, ele pode ser ativo ou inativo, sempre um com o Espírito sem vibração que está além de toda a criação. Nenhum mortal ou recrutamento da natureza tem controle sobre um mestre; ele é um aposentado só de Deus!

O aspirante a devoto deve prestar atenção à advertência do Bhagavad Gita: Embora a sabedoria seja superior à atividade, ainda assim o conhecimento supremo não pode ser alcançado sem atividade. Ações sociais, morais, religiosas e meditativas são todas atividades espirituais. São diferentes degraus da escada da salvação que todo devoto deve primeiro subir para alcançar o céu ilimitado da sabedoria. Quando alguém atinge a finalidade, ele não está vinculado a nenhuma atividade, embora possa continuar, à vontade, a realizar ações.

Para dar um bom exemplo aos seus seguidores, mestres totalmente emancipados como Jesus, Babaji, Lahiri Mahasaya e o meu próprio guru, Sri Yukteswar, envolveram-se em diversas atividades espirituais.

O significado desta estrofe do Gita pode ser ilustrado da seguinte maneira:

Um empresário, por meio de intensa atividade, fica rico e então leva a

vida com calma; ele é um dos ociosos “merecedores”. Mas se um homem pobre não tem ambição e é preguiçoso, e permanece inativo, ele é um dos ociosos “indignos”. Seu destino é a miséria. Quando o homem faz da ociosidade o seu objetivo, isso lhe é muito prejudicial. O ocioso rico é um homem muito melhor (sendo outras coisas iguais) do que o ocioso pobre. Da mesma forma, o desempregado que é patrão atingiu seu estado após ganhar uma pensão no cargo de boas atividades. Mas o iniciante espiritual ocioso não tem direito a um estado de ausência de trabalho.

O homem ocioso comum está preso ao corpo; o homem imóvel e meditativo, embora aparentemente ocioso, está livre do corpo, trabalhando e descansando no Espírito onipresente. O homem ocioso é um escravo do corpo, com medo de trabalhar, enquanto o homem calmo e meditativo é um senhor do corpo, nunca hesitando em envolvê-lo em atividades intensas.

Um devoto deve continuar a viajar no caminho da espiritualidade até atingir seu objetivo. Um dia, eis! ele está lá! Ele não terá que continuar sua caminhada para chegar lá novamente!

❖
Alcançar a sabedoria traz uma pensão eterna de paz
❖

A flor vem antes do fruto. Quando o fruto está pronto para aparecer, a flor cai. A flor tem sido indispensável para a produção do fruto, mas o fruto é a maior conquista da árvore.

A flor da ação libertadora é necessária para alcançar o fruto da sabedoria. Quando a sabedoria é alcançada, ela é completa e completa, tornando a ação desnecessária. Nem tudo é trabalho e esforço por toda a eternidade! Quando a sabedoria de Deus é alcançada, o devoto ganha a pensão eterna da paz.

Na Autobiografia de um Iogue4 citei o místico persa Abu Said, com o seguinte comentário: “‘Comprar e vender, mas nunca esquecer de Deus!’ O ideal é que mão e coração trabalhem juntos harmoniosamente. Certos escritores ocidentais afirmam que o objectivo hindu é o da tímida “fuga”, da inactividade e do retraimento anti-social. O plano védico quádruplo para a vida de um homem, entretanto, é bem equilibrado para as massas, reservando metade do período para o estudo e os deveres domésticos; a segunda metade para contemplação e práticas meditativas.

“A solidão (tempo para meditação e pensamentos sobre Deus) é necessária para se estabelecer no Ser, mas os mestres então retornam ao mundo para servi-lo. Mesmo os santos que não se envolvem em nenhum trabalho exterior concedem, através dos seus pensamentos e vibrações sagradas, benefícios mais preciosos ao mundo do que os que podem ser proporcionados pelas mais árduas atividades humanitárias de homens não iluminados. Os grandes, cada um à sua maneira e muitas vezes contra amarga oposição, esforçam-se abnegadamente para inspirar e elevar os seus semelhantes… O Bhagavad Gita (III:4-8) salienta que a atividade é inerente à própria natureza do homem. A preguiça é simplesmente uma ‘atividade errada’”.

Versículo 5

na hi kaścit kṣaṇam api jātu tiṣṭhaty akarmakṛt
kāryate hy avaśaḥ karma sarvaḥ prakṛtijair guṇaiḥ

Na verdade, ninguém consegue ficar um só momento sem trabalhar; todos são de fato compelidos a realizar ações quer queira quer não, estimulados pelas qualidades (gunas) nascidas da Natureza (Prakriti).

Nenhum ser sob o domínio da Natureza pode permanecer livre de ação, mesmo por um instante, pois todos devem obrigatoriamente obedecer às leis que governam um universo cuja existência e caráter devem cada parte ao fluxo constante e à influência silenciosa de três gunas inerentes, ou qualidades.5

Os gunas da Natureza – suas qualidades ou modos de expressão – são sattva (positivos ou elevados); rajas (neutro, ativador); e tamas (negativo, obstrutivo). Sattva produz qualidades de liderança em direção a Deus; rajas, qualidades materialmente progressistas; e tamas, qualidades que produzem o mal e a ignorância.

Todo o cosmos é criado e guiado pela ação e interação destes três gunas nos vinte e quatro atributos da Natureza. O corpo humano, produto da

Natureza Cósmica, é inexoravelmente governado pelas três qualidades produtoras de movimento. O homem não pode ficar parado – ele será compelido a realizar ações de qualidades boas, más ou mistas.

Atividades tamásicas ou malignas tornam a pessoa anormal e infeliz. Atividades rajásicas ou energizantes tornam a pessoa normal e capaz de disciplinar o corpo e a mente. Atividades sáttvicas ou boas despertam a consciência de Deus e guiam o homem para a região do Espírito.

A alma está além dos atributos vibratórios criativos da Natureza, mas quando se identifica com a mente, a força vital e o corpo, ela assume sua natureza ativa e inquieta. Como ego, ele não pode permanecer sem algum tipo de ação mental, vital e corporal organizada. Esta estrofe elucida o versículo anterior de que o desemprego não pode ser alcançado sem ter seguido algum tipo de atividade interiorizadora. Nenhum iniciante no caminho espiritual deve sonhar em descansar no telhado da ausência de trabalho sem antes ter feito o esforço ativo de subir a escada!

Aquele que ainda é estranho à sua alma, que está além de todos os estados ativos, deve escolher mover-se para dentro através de boas atividades ou será forçado pela Natureza a mover-se para fora através de atividades materiais ou por ações más que eclipsam Deus.

Todo homem é lançado, por assim dizer, em um rio turbulento de atividades da Natureza. Se não nadar, se tentar permanecer neutro, desaparecerá de um mundo cuja tônica é “Luta!” O fluxo universal não acomoda um homem estacionário. Aquele que não avança com sabedoria e determinação, certamente irá retroceder – apenas mais um pedaço de destroços apanhado na corrente da ilusão. Mas se ele nadar incessantemente, chegará à terra, a salvo do rio caudaloso!

A ociosidade ou a chamada inatividade atua como um agente petrificante nos processos mentais e corporais, impedindo que alguém faça uma escolha de livre arbítrio entre retroceder ou avançar. Mas o Gita diz que mesmo a pessoa ociosa não pode permanecer totalmente sem atividade. Sua mente indisciplinada estará ativa na ilusão, assim como seu corpo estará inativo na preguiça. Seus processos orgânicos de vida estarão funcionando, movidos pelas leis da natureza. Ele pode deitar-se e abandonar

todos os movimentos corporais; mesmo assim, sem a técnica da ioga, ele é incapaz de interromper o funcionamento do coração, a respiração, a circulação e a atividade dos órgãos internos, sem falar nas atividades dos pensamentos e da memória! Para ele a inatividade é impossível.

O homem mundano, honesto e trabalhador, devotado ao dever, é exaltado no Gita como melhor do que o recluso auto-enganador que leva uma existência ociosa e não meditativa. O homem que medita, entretanto – seja ele chefe de família ou renunciante – está se movendo ativamente em direção a Deus e é melhor do que o homem mundano digno que se move muito lentamente em direção à perfeição apenas através da influência purificadora de boas atividades.

❖

Atividade guiada pela sabedoria: meditação, introspecção, comportamento correto, disciplina moral

❖

A atividade da mente e do corpo guiada pela discriminação da alma ou pela orientação de um guru é chamada de atividade guiada pela sabedoria ou atividade sáttvica. Consiste no controle dos sentidos, meditação, introspecção, comportamento correto, disciplina moral e cultura espiritual. Esta atividade guiada pela sabedoria deveria ser substituída por atividades erradas nas quais os sentidos governam a mente através de uma atração de prazer temporário. A atividade guiada pela sabedoria leva à bem-aventurança eterna e sempre nova e deve, portanto, governar toda a vida do devoto.

Quando o iogue avança e consegue desligar sua alma do corpo, controlando o coração e desligando a corrente vital e a pulsação da força vital e da mente no corpo, ele alcançou o refúgio da calma eterna e inativa. O iogue que descansa no Ser estabelece-se na alegria calma e sem vibração do Infinito. Depois de se unir ao Espírito que habita além de todas as vibrações, somente então alguém poderá se libertar da influência compulsória de todas as vibrações ativas do cosmos.

O homem ocioso e preguiçoso está desamparado; sua alma é governada pelo corpo e pela mente. O homem comum não pode deixar de ser ativo, voluntária ou involuntariamente; mas ele é incansavelmente ativo e ativamente inquieto. O iogue calmo pode colocar seu corpo e sua mente em

ação intensa sem se identificar com eles, e pode então retornar instantaneamente ao seu estado interior de comunhão meditativa com o Espírito, livre de ação. Ele está sempre calmamente ativo e ativamente calmo.

VERSÍCULO 6

karmendriyāṇi saṁyamya ya āste manasā smaran
indriyārthān vimūḍhātmā mithyācāraḥ sa ucyate

O indivíduo que controla à força os órgãos de ação, mas cuja mente gira em torno de pensamentos sobre os objetos dos sentidos, é considerado um hipócrita, iludindo-se.

Aquele que subjuga seus sentidos externamente e não internamente, como faria um recluso que renuncia aos prazeres mundanos, mas continuamente medita sobre os objetos de sua privação, está iludido e vivendo uma mentira. Uma falsa sensação de segurança e auto-suficiência permitirá que a tentação o pegue desprevenido.

Qualquer que seja o nível de actividade em que se inicia a sua ascensão espiritual – acções de responsabilidade ou de serviço, altruísmo, adoração religiosa, meditação – a espiritualização dessa actividade deve começar na mente e não apenas no comportamento exterior.

Muitas pessoas se abstêm de certos atos, mas não de pensar sobre eles! Um homem pode cobiçar interiormente a bela esposa de outro, mas evitar se envolver por medo de problemas. Sua inclinação interior, reforçada por constantes meditações, porém, provavelmente o levará a sucumbir à tentação.

Destrua o mal em pensamento e também em ação. As pessoas que não harmonizam os seus pensamentos com as suas ações não podem confiar em si mesmas; suas tentações internas tornam-se diariamente mais fortes ao serem alimentadas com pensamentos contínuos de apoio. Esses pensamentos de tentação são a verdadeira causa dos problemas. Se a tentação interior aumentar até atingir proporções semelhantes às de uma

inundação, o pequeno aterro de autocontrole exterior será varrido. Portanto, não é seguro abandonar exteriormente uma ação má e interiormente continuar a alimentá-la. Quando o mau pensamento se tornar suficientemente forte, destruirá todas as obstruções ao autocontrole externo.

Naturalmente, é melhor exercer até mesmo um controle exterior do que sucumbir frouxamente às tentações. Um homem que despreza as leis morais só porque se sente tentado é mau e desgraça a si mesmo e aos outros. Mesmo um hipócrita, se tiver poder mental suficiente para controlar suas atividades sensuais, embora não consiga se conter de pensamentos lascivos, é um homem melhor e mais forte do que o libertino jactancioso.

❖
O controle das ações começa com o controle da mente
❖

A longo prazo, porém, é inadequado controlar os órgãos de acção contra o mal exterior sem controlar também a mente – o verdadeiro instigador de todas as acções. Aqueles que permanecem em um castelo com todos os portões fechados contra intrusos não podem estar seguros por muito tempo se os inimigos estiverem escondidos dentro do próprio castelo.

Se alguém quiser vencer uma tentação e libertar-se dos problemas físicos, sociais, mentais e espirituais que ela traz, deve exterminar dentro de si a semente do mal que, de outra forma, poderia crescer e transformar-se numa enorme árvore, produzindo os frutos da miséria. Como um câncer, as raízes internas do mal devem ser arrancadas para que não se espalhem repentinamente e destruam a vida espiritual.

A hipersexualidade, a ganância por comida ou por dinheiro – as “muitas concupiscências loucas e nocivas, que afogam os homens na destruição e na perdição”6 – no final trazem infalivelmente a infelicidade, depois de ter vencido o tentado com o clorofórmio de uma alegria temporária. O ilusório revestimento de prazer do mal eclipsa o julgamento correto das pessoas, fazendo-as escolher o mal venenoso revestido de prazer e abandonar o bem. O bem é a doce pílula da felicidade duradoura, revestida por uma dificuldade momentaneamente amarga de disciplina. Cada pessoa deve julgar por si mesma e fazer a escolha mais sábia.

Ao vencer uma tentação ou um mau hábito, o homem deve primeiro

procurar convencer a sua mente, apresentando as razões para abandonar o mal. Então ele deve rejeitar os pensamentos de tentação à medida que aparecem, bem como abandonar as ações habituais. A repetição de maus atos produz e reforça maus pensamentos; maus pensamentos levam e reforçam ações más. Ambos devem ser contidos!

A hipocrisia é uma postura ou conduta física assumida que não representa sinceramente o estado mental correspondente.

O Gita adverte contra inconsistências mentais como a hipocrisia; mas não diz que, devido à falta de autocontrole interior, a restrição externa deva ser abandonada. Idealmente, o autocontrole externo deve ser precedido e acompanhado pela disciplina interna; no entanto, um autocontrole meramente exterior é melhor do que nenhum controle!

Renunciar aos prazeres mundanos sem abandoná-los interiormente, apenas para impressionar os outros ou para escapar para um santuário recluso menos exigente – isso é hipócrita. Mas renunciar ao mundo para buscar a Deus de uma forma positiva, mesmo que ainda haja uma luta com os desejos interiores, isso não é hipocrisia, mas heroísmo espiritual. Sentar-se como um iogue calmo na postura de lótus, engajando-se interiormente em pensamentos terrenos como um homem mundano, é hipocrisia se a intenção for ganhar o louvor e a adulação de outros, em vez de garantir a bem-aventurança de Deus. Mas não é hipocrisia praticar a meditação científica com sinceridade, numa postura corporal autocontrolada e tranquila, mesmo que a mente esteja inquieta, quando o objetivo é Deus. Eventualmente, esta forma mais elevada de ação harmonizará o estado mental inquieto com a postura física calma. Quando a mente e o corpo são acalmados pela ioga, o devoto avança rapidamente em direção ao estado de alegria do Espírito.

VERSÍCULO 7

yas tvindriyāṇi manasā niyamyārabhate 'rjuna
karmendriyaiḥ karmayogam asaktaḥ sa viśiṣyate

Mas aquele homem tem sucesso supremo, ó Arjuna, aquele que, disciplinando os sentidos pela mente, desapegado, mantém seus órgãos de atividade firmes no caminho das ações que unem Deus.

Aquele que, sem apego aos prazeres sensoriais, governa os garanhões de seus sentidos, segurando firmemente as rédeas da mente, mantém-nos no caminho de ação adequada, dirigido pela sabedoria e prescrito pelo Karma Yoga; um especialista real, ele conduz a carruagem corporal até o Objetivo supremo.

O homem com responsabilidades mundanas, que mantém os seus sentidos sob controle mental, que trabalha apenas para Deus e, portanto, permanece desapegado dos seus próprios desejos ou ambições, em última análise, através da ação correta, alcançará a meta divina. O homem comum do mundo pensa erroneamente que está no mundo para traçar sua própria carreira egoísta. O homem espiritual engajado em deveres materiais percebe que está no mundo não para satisfazer seus próprios desejos e apetites sensoriais, mas para cumprir uma missão divina – a de alcançar a realização de Deus e a liberação Nele, realizando aquelas ações úteis que mais agradam a Deus.

O homem moral que governa seus sentidos pela mente e permanece desapegado do corpo, cuidando dele apenas como uma responsabilidade divinamente dada, e que, com tais sentidos controlados e sabedoria, dirige seus órgãos de atividade (cérebro, mãos, boca, pés , sexo, fala) para o caminho da ação correta em tudo, especializa-se na atividade que leva ao objetivo supremo da vida – a realização de Deus e Sua alegria sempre nova.

O devoto espiritual domina as atividades dos sentidos controlando a mente na meditação e voltando-a em direção a Deus, obrigando os sentidos a seguir.7 Ele não está apegado aos frutos de sua meditação; ele medita, não apenas para desfrutar da bem-aventurança suprema, mas para agradar a Deus, voltando para casa após a viagem de encarnações para se reunir com o Divino, à imagem de cuja imagem ele foi feito. Seu motivo, portanto, não é a alegria egoísta, mas o desejo de não profanar essa imagem perfeita. O homem espiritual ama tanto a Deus que se torna espiritual apenas para agradá-Lo. O verdadeiro devoto só encontra felicidade naquilo que agrada a

Deus.

As palavras Karma Yoga (o caminho dos trabalhos ou atividades) foram usadas nesta estrofe para significar aquelas atividades próprias (karma) que unem a alma ao Espírito (ioga). Sempre que o bom homem mundano, ou o homem moral, ou o homem espiritual meditativo mantém seus sentidos sob controle e canaliza seus desejos guiados pela sabedoria para os órgãos de ação, ele se move no caminho adequado da atividade. Toda atividade dirigida por Deus é Karma Yoga.

O caminho mundano de boas ações proporciona um longo caminho para Deus. Uma vida de disciplina moral é um caminho mais rápido para Deus. A vida meditativa é o caminho mais rápido para Deus.

A meditação pode parecer um afastamento da atividade porque exige do iniciante uma ausência de movimento corporal. Mas a meditação profunda é uma atividade mental intensa – a forma mais elevada de ação. Através da ciência divina do Kriya Yoga, o iogue avançado é capaz de afastar a sua mente dos sentidos físicos e dirigir os seus poderes astrais sutis para as atividades internas do trabalho de libertação da alma. Tal especialista espiritual realiza a verdadeira atividade de união com Deus (Karma Yoga).

Este é o caminho mais elevado do carma ou ação. Conduz diretamente a Deus, diferenciado das atividades externas da religião, como cerimônias e trabalho missionário em que a mente está voltada para os preceitos, em vez de absorvida na verdadeira experiência interior de Deus. Muitos pregam o reino de Deus; os iogues encontram isso dentro de você.

VERSÍCULO 8

niyataṁ kuru karma tvaṁ karma jyāyo hy akarmaṇaḥ
śarīrayātrāpi ca te na prasidhyed akarmaṇaḥ

Execute aquelas ações que são obrigatórias, pois a ação é melhor que a inatividade; mesmo a simples manutenção do teu corpo seria impossível devido à inação.

Nenhuma realização é possível num estado de inércia; a inatividade

completa impede até mesmo a existência corporal nua. Tendo compreendido que a atividade dinâmica é superior à ociosidade desvitalizante, deveríamos abraçar os deveres necessários aos quais estamos vinculados pelas leis da natureza, e os deveres divinos que promovem a cultura da alma.

Ninguém pode abandonar completamente a atividade da vida e viver – até mesmo o homem ocioso tem que manter seu corpo. No entanto, não é apenas a acção em si que é purificadora e edificante, mas sim acções obedientes. Estes atraem o devoto para o caminho do Espírito. As más ações – pelo contrário – repelem as vibrações da alma. A inação é inibitória, embrutecedora.

Quando a ociosidade hipnotiza o ego para a inatividade, ela pode não trazer nenhum problema aparente, ao passo que as más ações podem rapidamente resultar em terríveis misérias. No entanto, leva muito tempo para que as pessoas preguiçosas voltem a Deus - impulsionadas pelo lento processo evolutivo operável até mesmo na matéria aparentemente inerte - enquanto um homem de negócios empreendedor e um tanto inescrupuloso, por exemplo, poderia (depois de abandonar o mal!) progredir rapidamente em sua busca por Deus simplesmente porque ele já havia cultivado atividade progressiva, desenvoltura e iniciativa! O homem habitualmente ocioso e o empresário sem escrúpulos, contudo, têm um obstáculo em comum – ambos acham muito difícil mudar os seus respectivos hábitos e, assim, permanecem escravizados.

Assim como a exploração empresarial errada é um crime social, a ociosidade é um crime espiritual que degrada o ser humano. Conseqüentemente, o Gita exorta o homem a ser espiritualmente ativo e a seguir em frente por meio de ações obedientes, em vez de permanecer um prisioneiro da carne por meio da indolência.

Em Sua Natureza Absoluta como Espírito, Deus transcende toda a atividade da criação, mas Ele trabalha em cada célula atômica de Seu vasto corpo do cosmos físico. Deus espera que o homem, criado à Sua imagem, desempenhe de forma semelhante os deveres ligados à sua vida diária e à manutenção do corpo e, ao mesmo tempo, permaneça distante

interiormente, entronizado na percepção da sua alma.

A mente em conjunto com os sentidos tem que funcionar. A mente atraída para Deus torna-se inativa e transcendental como o Espírito. Qualquer pessoa que consiga transmutar gradualmente o trabalho da corrente vital no corpo, desligando a força vital dos telefones nervosos e desconectando a mente dos sentidos, atinge o verdadeiro estado inativo do Espírito. Quando o iogue, por esse método, alcança o savikalpa samadhi, ele pode manter seu corpo indefinidamente extasiado em Deus, se desejar fazê-lo – permanecendo acima de todas as atividades.

No estado mais elevado, nirvikalpa samadhi, o iogue está conscientemente unido a Deus sem a necessidade de suspender as atividades do corpo. Sendo um com o Supremo e não tendo desejos pessoais, ele realiza todas as suas ações apenas para agradar a Deus; portanto, são chamadas de ações inativas (nishkama karma, ações livres de desejo que não produzem efeitos vinculantes). Quando alguém age apenas para agradar a Deus, ele alcançou o estado inativo real ou espiritual que está livre tanto dos deveres obrigatórios quanto da escravidão cármica resultante das ações.

A atividade mais zelosa, portanto, consiste em praticar aqueles métodos de meditação através dos quais o devoto é finalmente libertado dos karmas mundanos.

❖

Advertência aos monásticos que deixam o mundo

❖

Tornar-se um renunciante e abandonar as atividades meditativas, bem como as atividades mundanas, não libertará a pessoa da identificação com o corpo e suas outras tendências cármicas pré-natais. Um renunciante que fica satisfeito simplesmente por se retirar do mundo e que não faz nenhum esforço definido para alcançar Deus através da meditação não atinge o objetivo final. Mas quer um iogue esteja vivendo no mundo como um homem de família ou longe do mundo como um renunciante, se ele aprender a técnica correta de meditação de um verdadeiro guru e praticá-la diligentemente e viver corretamente, com o tempo ele queimará todos os tendências malignas acumuladas de vidas passadas e tornar-se livre

para se unir a Deus.

Ao enfatizar ações obedientes, esta estrofe do Gita é uma advertência dirigida especialmente aos monges e todos os renunciantes que deixam o mundo para viver em um eremitério dotado e lá passam o tempo comendo, dormindo, lendo e conversando, fazendo muito pouco. trabalho edificante para si ou para outros. Tais monásticos estão fadados a ser preguiçosos; eles vivem dos ganhos do homem mundano trabalhador, sem cumprir o seu dever de prestar, em troca, serviço espiritual ou material.

O homem inativo não cumpre o seu dever para com o seu Criador ou para com a sociedade que o mantém. O recluso que dedica toda a sua vida ao esforço sincero na meditação cumpre parte do seu dever ao tentar encontrar e amar a Deus, e assim espiritualizar a sua própria vida. Melhorar-se é ajudar a sociedade pelo exemplo da virtude e tornando bom pelo menos um de seus membros!

Mas o iogue (monástico ou chefe de família) que cumpre o seu dever para com Deus, e também para com o mundo, através de alguma forma de serviço edificante, é o tipo de ser mais altamente evoluído. Ele se torna um mestre (um siddha) quando, por meio de tal ação obediente, ele atinge o estado inativo supremo (nirvikalpa união com Deus), que está livre dos efeitos cármicos das ações e é preenchido com a bem-aventurança do Espírito.

A Natureza da Ação Correta: Realizar Todas as Obras como Oblações (Yajna)

Versículo 9

yajñārthāt karmaṇo ‘nyatra loko’ yam karmabandhanaḥ
tadarthaṁ karma kaunteya muktasaṇgaḥ samācara

As pessoas do mundo estão carmicamente vinculadas a atividades que diferem daquelas realizadas como yajna (ritos religiosos); Ó Filho de Kunti (Arjuna), trabalhe, desapegado, no espírito de yajna, oferecendo ações como oblações.

As pessoas do mundo realizam ações por motivos egoístas e pelo desejo de obter lucro material e felicidade. Devido a essa inclinação, eles estão carmicamente ligados à terra ao longo de sucessivas encarnações. O iogue, entretanto, se esforça para realizar boas ações com espírito de altruísmo e desapego; ele acelera assim sua evolução em direção à liberdade da alma. Todos esses deveres divinos libertadores podem ser chamados de yajna.

A palavra yajna tem muitos significados. Refere-se não apenas ao ato de adoração ritualística, mas ao sacrifício ou oblação oferecido ao fogo sagrado; é também o próprio fogo e a Deidade (Vishnu)8 a quem a oferenda é feita. Yajna é qualquer ato altruísta ou sacrifício oferecido exclusivamente a Deus. É o rito religioso em que a alma se oferece em oblação no Fogo do Espírito.

Uma série de ofertas de fogo são descritas nas escrituras hindus da seguinte forma:

(1) Pitri Yajna — Oferecer oblações aos ancestrais, ou seja, ao passado, cuja essência de sabedoria ilumina o homem hoje.

(2) Nri Yajna — Oferecer comida aos famintos, ou seja, as responsabilidades atuais do homem, seus deveres para com os contemporâneos.

(3) Bhuta Yajna – Oferecer comida ao reino animal, ou seja, as obrigações do homem para com formas menos evoluídas de criação, instintivamente ligadas à identificação do corpo (uma ilusão que também afecta o homem), mas carente daquela qualidade de razão libertadora que é peculiar ao humanidade. Assim, a cerimônia de Bhuta Yajna simboliza a prontidão do homem para socorrer os fracos, à medida que o homem, por sua vez, é confortado por inúmeras solicitudes de seres superiores invisíveis. A humanidade também está sob o compromisso dos dons rejuvenescedores da

própria Natureza, pródiga na terra, no mar e no céu. A barreira evolutiva da incomunicabilidade entre a Natureza, os animais, o homem e os anjos astrais é assim superada pelos ofícios do amor silencioso.

(4) Deva Yajna – Oferecendo a corrente vital dos sentidos, como sacrifícios à visão da alma. Este “Rito aos Deuses” é realizado por iogues avançados, como um passo preliminar para o quinto rito.

(5) Brahma Yajna – Oferecer a alma no altar do Espírito todo-penetrante. Esta finalidade só é alcançável após a execução fiel das quatro cerimônias anteriores, que reconhecem interna e externamente a dívida do homem para com (1) passado, (2) presente, (3) mundos de seres inferiores e (4) mundos de seres superiores. . Provando assim a sua fidelidade à criação, o homem está apto a tocar a orla do manto do Criador.

❖

Significado esotérico do rito do fogo compreendido através do yoga

❖

A maioria das pessoas pensa nos ritos religiosos como a realização de cerimônias comuns. A adoração formal é melhor do que as ações mundanas, mas, em si, não é uma fonte de sabedoria. Quando o rito externo é observado com o canto e a concentração adequados, ele produz algum resultado de paz, mesmo nas pessoas do mundo, porque desvia suas mentes das preocupações materiais para a calma espiritual interior. Mas quando tais ritos são habitualmente realizados com distração, eles não produzem nem paz, nem sabedoria, nem benefício significativo de qualquer tipo.

O rito formal na Índia de despejar manteiga clarificada (ghee) no fogo - uma forma de matéria purificada pelo fogo - é um símbolo da união da energia vital com a energia cósmica.

O iniciado na meditação iogue dada pelo guru realiza o rito esotérico do fogo real prescrito pelas escrituras hindus. Ele retira sua força vital dos nervos sensoriais e motores e derrama essa energia nos fogos sagrados da vida reunidos nos sete centros ocultos cérebro-espinhais. Quando o iogue desliga a corrente vital dos nervos, ele descobre que sua mente está desconectada dos sentidos. Este ato de retirar a vida do corpo e unir essa energia com a luz de Deus é o yajna mais elevado, o verdadeiro rito do fogo

– lançando a pequena chama da vida no Grande Fogo Divino, queimando todo o desejo humano no desejo divino por Deus. Então o iogue pega sua mente retraída e a lança no fogo da Consciência Cósmica; percebendo, finalmente, sua própria alma como algo totalmente diferente do corpo, ele lança esse Ser no fogo do Espírito Eterno.

❖

Significado exotérico: ação sem desejo oferecida a Deus

❖

O verdadeiro rito exotérico da vida do fogo - pelo qual a vida corporal se une à Vida Cósmica, e a mente e a alma humanas se unem à Mente e ao Espírito Cósmicos - consiste em oferecer ações corretas a Deus, sem desejo ou apego. Esses seguidores de ações corretas realizadas como yajna não permanecem amarrados à terra, mas são liberados.

O estado abençoado do jivanmukta (aquele que superou a ilusão e recuperou sua Identidade divina, libertando-se enquanto ainda encarnado) não pode ser conquistado negligenciando ou fugindo dos deveres desta vida; por tal conduta indigna, um homem ignora Deus em Seu aspecto de Senhor do Mundo. O verdadeiro jivanmukta, portanto, faz um “sacrifício” de seus poderes corporais a serviço de Deus e, portanto, trabalha sem pecado, e suas ações não criam novas sementes de carma que vincula a terra.

Pessoas comuns que trabalham na fábrica da vida tendo apenas seus desejos como ferramentas, e sem qualquer treinamento espiritual, recebem principalmente tristeza; assim como um mecânico sem treinamento que tenta manusear uma máquina complexa se machuca. O Gita, portanto, aconselha todos os homens a realizarem as atividades redentoras da alma de meditação, devoção, moralidade, serviço e amor divino como sua observância de um rito de fogo espiritual purificador no qual todas as manchas mortais são queimadas.

O trabalho movido por desejos egoístas milita contra o plano divino. O homem mundano está inclinado a realizar ações erradas em obediência ao ego míope e enredado. Para satisfazer seus desejos cada vez maiores e criados por si mesmo, o homem mundano tem que reencarnar repetidas vezes até ser livre. Mas o iogue que trabalha somente para agradar a Deus já

é livre. Cumprindo sua missão divina na terra, ele se liberta. Mesmo o rito do fogo espiritual de lançar a ignorância humana nas chamas da sabedoria deve ser realizado unicamente com o desejo de agradar a Deus, e não por causa da ambição espiritual. O homem divino realiza ações corretas somente para Deus. Cada ato seu é yajna.

VERSÍCULO 10

sahayajñāḥ prajāḥ sṛṣṭvā purovāca prajāpatiḥ
anena prasaviṣyadhvam eṣa vo ‘stviṣṭakāmadhuk

Prajapati (Brahma como o Criador de praja ou seres humanos), tendo criado a humanidade no início, junto com Yajna, disse: “Por meio disso tu propagarás; esta será a vaca leiteira dos teus anseios….[Ver continuação, versículo 11.]

Desde o início houve Yajna, o Fogo Cósmico ou Luz imbuída da Inteligência Cósmica de Deus, da qual a Consciência Criativa do Senhor gerou todos os seres humanos – almas feitas de Inteligência Cósmica informadas ou individualizadas pela luz criativa de Deus. O Senhor-Criador ordenou: “Tu te multiplicarás segundo a imagem de sabedoria na qual foste feito. A sabedoria divina dentro de você será a vaca leiteira que tudo satisfaz,9 oferecendo o leite da felicidade a todos os seus desejos”.

Sobre a criação primordial está escrito em Gênesis: “No princípio… Deus disse: Haja luz: e houve luz.”10 Inerente a esta luz está a Inteligência Cósmica de Deus, Kutastha Chaitanya, a Consciência de Krishna ou Crística, o reflexo de Deus em toda a criação.11 Esta Inteligência é a sustentadora da criação, a primeira expressão de Deus manifestada. (Nesse sentido, às vezes é personificado como Vishnu, o Preservador.) O Criador formou todas as criaturas humanas à imagem de Sua luminosa força preservadora (Luz e Inteligência), almas brilhando com a luz da sabedoria perfeita.

Expressando-se através da consciência do homem, Deus ordena: “Deves desenvolver-te e nutrir-te através da discriminação nascida da alma dentro

de ti". Assim como a criança órfã de mãe é nutrida pelo leite da vaca, o devoto, órfão sem o contato de Deus, pode alimentar todas as suas faculdades mentais com o leite da sabedoria, extraído de sua alma pela discriminação. O homem tem o potencial de dirigir-se sempre através da orientação interior, em todas as fases da sua vida material, mental e espiritual. Esta é a bendita verdade! "Errar é humano" é uma desculpa confortável, embora inválida, para o não uso da faculdade de discriminação dada por Deus ao homem.

Para o iogue, a vaca leiteira da sabedoria interior satisfaz todos os seus anseios espirituais. Durante a meditação, ele contempla o "fogo yajna" da luz astral e recebe percepções e poderes espirituais maravilhosos que o enchem de alegria interior. Mas o verdadeiro aspirante não permanece satisfeito com estes dons iniciais do Espírito. Da sabedoria divina, derramada através da intuição, ele gera as qualidades da alma e as realizações de estados cada vez mais elevados de consciência, e recebe finalmente o benefício final da emancipação no Espírito, que extingue para sempre todos os desejos acumulados nas encarnações.

VERSÍCULO 11

devān bhāvayatānena te devā bhāvayantu vaḥ
parasparaṁ bhāvayantaḥ śreyaḥ param avāpsyatha

[Prajapati continua:] "Com este yajna, medite nos devas, e que esses devas pensem em você; assim, comungando uns com os outros, recebereis o Bem Supremo….[Ver continuação, versículo 12.]

"Com o verdadeiro rito do fogo interior realizado na meditação iogue, sintonize-se com os devas (literalmente, 'os brilhantes') - as forças astrais, anjos, almas divinas que, como agentes cósmicos de Deus, são fundamentais no governo dos mundos; para aqueles que estão em harmonia com as rigorosas leis da Natureza, os devas respondem favoravelmente. Assim, continuando nesta forma de sintonização, você se tornará elegível

para se unir ao Espírito Sem Forma, Criador das divindades astrais que supervisionam o funcionamento deste universo ordenado.”

Entre os costumes de todos os povos antigos havia ritos naturais cujo propósito era reconhecer a dependência do homem das forças naturais e da generosidade do seu ambiente. Instintivamente, eles reconheceram a dívida e a reverência devidas a uma Inteligência Superior que trabalhava nas maravilhas do ambiente. Não é coincidência que a impiedade prevalecente na era moderna tenha gerado uma civilização fora de contacto com a beneficência da Natureza. O papel de tutela da terra dado por Deus não conferiu ao homem soberania absoluta. Sua dominação desenfreada é destrutiva das próprias condições necessárias para sua existência.

A estrutura universal e o lugar infinitesimal do homem nela só são possíveis pelo trabalho conjunto, em harmonia precisa, de uma combinação impressionante de forças cósmicas inteligentes guiadas por um Criador Supremo. O homem faria bem em se sintonizar com isso. Para o homem moderno, sustentar que a perfeição matemática do universo poderia surgir por acaso nada mais é do que uma expressão do egoísmo do homem - uma aversão a admitir que poderia haver algo maior do que ele, do qual ele apenas empresta seus poderes e inteligência, e a ao qual ele deve sua humilde lealdade e adoração.

Os mestres hindus dos tempos antigos conheciam a arte de adorar com cerimônias especiais de fogo e cantos vibratórios pelos quais podiam invocar a manifestação dos anjos de Deus. Correspondentemente, uma interpretação literal desta estrofe é que, através de oblações e cantos de fogo, devidamente executados, deve-se invocar e prestar homenagem às divindades astrais, superiores ao homem na ordem da evolução, que através das leis divinas da Natureza continuam o funções cósmicas. Assim, o homem criará um bom carma que libertará sua vida dos perigos da súbita fruição de efeitos de causas malignas invisíveis postas em movimento por ele no passado.

Pessoas de mentalidade material vivem seus dias pelo “suor do rosto”, como uma mula que carrega um enorme saco de ouro; este tesouro não só não tem utilidade para a mula, devido à ignorância do animal, mas é a causa

do seu sofrimento ativo devido ao peso do peso. Os homens mundanos, como o animal mudo, carregam um pesado fardo de deveres materiais, sofrendo e temendo, mas colhendo poucos benefícios de trabalhos onerosos. Eles apenas comem, dormem, ganham e procriam, sem dar um único pensamento verdadeiramente reflexivo a Deus ou ao Seu governo espiritual. Quando o infortúnio visita esses homens, eles chamam isso de má sorte ou destino. Quando a boa sorte lhes sorri, dizem que é sorte ou acaso. Poucos percebem que as suas vidas são governadas pelos efeitos de ações passadas (carma) e que estão sujeitos a leis universais administradas por forças superiores.

O Gita, portanto, aponta que, em vez de levar uma vida ignorante, o homem comum deveria realizar certas cerimônias espirituais, observâncias religiosas delineadas pelos santos, para se colocar em harmonia com as divindades do alto astral e com as leis invisíveis que elas governam, provocando assim uma controle consciente dos desenvolvimentos da vida.

❖

COMPREENSÃO ESPIRITUAL DA ASTROLOGIA

Todos os planetas e estrelas, por exemplo, estão a cargo de seres astrais divinos. A influência dos corpos celestes sobre o homem é o resultado de uma simbiose universal, governada por leis mantidas por esses seres superiores. Os planetas e as estrelas por si só não têm poder consciente para guiar ou determinar o destino do homem. Mas como todo o universo consiste e é mantido em existência pelo poder vibratório criativo da Natureza, cada unidade individual irradia uma vibração eletromagnética característica que a liga a outras unidades no cosmos. Dependendo da interação, essas vibrações produzem o bem ou o mal.

❖

Relação das forças astrológicas com os chakras espinhais

❖

O homem é uma miniatura do universo em que vive. Sua composição básica - da qual seu corpo físico é apenas uma manifestação grosseira - é seu corpo astral formado a partir dos pensamentos de Deus e estruturado em torno e a partir das forças criativas e da consciência no olho espiritual e nos centros cerebroespinhais sutis. O olho espiritual tem correspondência com o

sol cósmico; e os seis - doze por polaridade - centros espinhais (plexos medulares, cervicais, dorsais, lombares, sacrais e coccígeos) correspondem a influências planetárias representadas pelos doze signos zodiacais da astrologia.

As estrelas astrológicas de uma pessoa nada mais são do que um ambiente que ela mesma escolheu pelo padrão cármico que moldou por meio de suas ações em vidas passadas. De acordo com este padrão cármico, ele é atraído a renascer na Terra num determinado momento que seja favorável ao cumprimento desse padrão. Nesse sentido, a astrologia é apenas uma maneira muito pobre de descobrir qual é o carma passado de alguém. Na melhor das hipóteses, é uma arte insegura quando praticada por aqueles que não possuem percepção intuitiva divina. Escrevi longamente sobre isso em Autobiography of a Yogi, “Outwitting the Stars”.

Conforme comumente calculado hoje, um mapa astrológico é desenhado para uma pessoa de acordo com a hora e local de nascimento; mesmo uma ligeira imprecisão nesses dados afeta a precisão do gráfico. Além disso, na verdade “nascemos” no momento da concepção, quando a alma entra na primeira célula do seu novo corpo. O padrão cármico da pessoa já começou a se desenvolver naquele instante. A intuição de homens sábios, como o meu guru Sri Yukteswarji, que era um mestre na astrologia como a ciência divina que deveria ser, sabe como levar em conta este “nascimento na concepção” no cálculo de um horóscopo.

Em qualquer caso, não são as próprias estrelas que controlam os acontecimentos na vida do homem, mas sim o seu carma individual que, quando maduro para a fruição, é afetado benéfica ou adversamente pelas vibrações eletromagnéticas dos corpos celestes. A relação das estrelas com o corpo e a mente humanos é muito sutil. As forças astrais que irradiam dos céus para a Terra interagem com aquelas dos centros espinhais que sustentam o corpo do homem. O homem ignorante não percebe como o corpo e a mente mudam através de suas boas e más ações, e como suas ações afetam – positiva ou negativamente – os centros da coluna vertebral. Pessoas cujos corpos, mentes e ambiente material estão fora de ordem, resultado de transgressões da lei espiritual, apresentam desarmonia entre as

energias nos centros espinhais e aquelas que irradiam dos doze signos do zodíaco.

A verdadeira ciência da astrologia, portanto, é a matemática das próprias ações, e não a matemática das estrelas sem cérebro. O karma governa as estrelas e o destino de alguém, mas o karma é governado pela força de vontade. O que é para ser não precisa necessariamente ser. O livre arbítrio e a determinação divina do homem podem mudar o curso dos acontecimentos em sua vida, ou pelo menos mitigar aspectos adversos. Aquele cujo corpo e mente são muito fortes é imune a influências astrológicas adversas; pode não haver nenhuma reação externamente observável, mesmo quando vibrações malignas podem estar irradiando da configuração negativa das estrelas. Mas se o corpo e a mente foram enfraquecidos pela alimentação errada, pelos pensamentos errados, pelo mau caráter e pela má companhia, então os raios estelares têm o poder de ativar os efeitos nocivos latentes do carma passado.

Numa escala cósmica, o carma combinado de grupos de indivíduos – grupos sociais ou raciais, ou nações, por exemplo – ou do mundo em geral, constitui o carma em massa da Terra ou de porções dela. Este carma em massa responde às vibrações electromagnéticas dos vizinhos cósmicos da Terra de acordo com as mesmas leis que afectam cada indivíduo, induzindo assim mudanças benéficas ou malévolas no curso dos acontecimentos mundiais e naturais. Um estoque de bom carma em massa resultante da vida em harmonia com as leis e forças divinas abençoa o ambiente terreno do homem com paz, saúde e prosperidade. O mau carma em massa acumulado precipita guerras, doenças, pobreza, terremotos devastadores e outras calamidades semelhantes. Durante tempos de influências vibratórias negativas predominantes, o indivíduo deve, portanto, lutar não apenas com o seu carma pessoal, mas também com o carma de massa que afeta o planeta em que vive.

Portanto, é benéfico seguir certas injunções astrológicas, baseadas na natureza matemática ou ordenada do cosmos unificado – se tal conselho for recebido de sábios auto-realizados, e não do superficial lançador profissional de horóscopos.

Os horóscopos tendem a influenciar e paralisar a livre escolha da inerente vontade divina de conquistar do homem. Além disso, a intuição é necessária para ler corretamente as mensagens dos céus e interpretar o seu significado em relação ao carma individual. Para orientação e apoio, é muito melhor apelar a Deus e aos Seus agentes angélicos. Por que olhar para as estrelas mudas? Deles o homem não pode receber resposta simpática à sua situação, nem socorro pessoal na forma da graça divina.

Quando alguém segue o caminho de Deus, pensar demais em ciências menores como a astrologia é um obstáculo. A maneira mais elevada de criar as influências corretas na vida de alguém, o caminho do iogue, é comungar com Deus. Todas as estrelas se curvam diante da presença de Deus.

Pela meditação, o iogue reforça o poder espiritual positivo nos centros cérebro-espinhais que são influenciados pelas influências planetárias. Desta forma, o iogue harmoniza corpo e mente com as leis universais e os agentes cósmicos divinos de Deus que os governam.

Contato com os Devas, ou Forças Angélicas

O contato com os devas, sintonizando a consciência com essas forças superiores na meditação, eleva o homem, que pode assim evitar a frutificação do carma maligno; o infortúnio pode ser grandemente diminuído, enquanto os efeitos libertadores das boas ações são aumentados. O homem e seus preceptores astrais nos reinos superiores, pela comunhão mútua, podem encontrar um grande bem e controlar o destino.12 Eventualmente, pelo contato constante com as forças espirituais, o devoto entra em harmonia com o Criador Supremo, Organizador de todos os seres superiores e inferiores.

As escrituras de todas as religiões dão testemunho da intercessão dos seres divinos entre Deus e o homem. Referências a anjos são comuns na narrativa bíblica da vida de Jesus: Seu nascimento foi predito a Maria por um anjo de Deus;13 anjos anunciaram seu nascimento;14 ele foi protegido do decreto de morte do Rei Herodes pela advertência de um anjo a José. .15 Quando Jesus jejuou quarenta dias no deserto, “os anjos vieram e o serviram”. 16 Quando ele orou no Jardim do Getsêmani, antes de sua prisão

e crucificação: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice. … apareceu-lhe um anjo do céu, fortalecendo-o”. me mais de doze legiões de anjos? Mas como então se cumprirão as Escrituras, que assim deve ser?”18 Quando os discípulos de Cristo foram presos, “o anjo do Senhor, de noite, abriu a porta da prisão e os tirou.”19

No Antigo Testamento, também, há referências frequentes à ajuda de Deus ao homem através dos anjos: Quando Abraão recebeu a ordem, como teste, de sacrificar seu filho, “O anjo do Senhor o chamou desde o céu. mão sobre o rapaz…porque agora sei que temes a Deus, visto que não me negaste o teu filho, o teu único filho.”20 Elias no deserto, assim como Jesus, foi ministrado por um anjo do Senhor: “ …Enquanto ele estava deitado e dormia debaixo de um zimbro, eis que um anjo o tocou e lhe disse: Levanta-te e come….E ele comeu e bebeu, e tornou a deitar-se.”21

Assim como Deus se personificou na alma de cada ser humano, para cumprir Seu propósito na criação, Ele personificou em muitas formas divinas Sua personalidade multifacetada como o Criador, através da qual governaria a estrutura universal. Juntando-se às fileiras desses anjos e divindades manifestados por Deus estão as almas dos seres humanos liberados que, quando libertados, escolhem não dissolver suas naturezas no Infinito, mas permanecer nos reinos mais elevados da criação para trabalhar pela elevação das almas ainda em evolução. .

A comunhão com esses devas ou “seres brilhantes” não deve ser mal interpretada como a comunhão espiritual dos espiritualistas.22 Os verdadeiramente divinos não podem ser contatados por este meio. Somente elevando a própria consciência, através do método correto de meditação, aos reinos espirituais mais elevados do céu astral – lar das forças divinas que sustentam o mundo material – é que essa sintonização com as divindades pode ser realizada. O homem mundano, incapaz de comungar conscientemente com divindades astrais, obtém o mesmo resultado associando-se com anjos terrenos – verdadeiros santos conhecedores de Deus – e seguindo seus conselhos.

Uma interpretação mais profunda desta estrofe só pode ser compreendida por iogues avançados. Segue-se: Retire a força vital dos músculos, nervos

❖

Recebendo bênçãos das divindades nos chakras espinhais

❖

eferentes e aferentes, coração e outras atividades corporais, e una-a com as correntes nervosas astrais mais sutis na coluna vertebral - os centros sutis nas regiões coccígea, sacral, lombar, dorsal e regiões cervicais, onde entronizados, respectivamente, estão os cinco anjos astrais: Ganesh, deus do sucesso; Shakti, deusa do poder; Surya-Criador, deus do fogo; Vishnu, deus da preservação; Shiva, deus da dissolução.

Estas divindades, como forças diferenciadas da consciência criativa de Deus, sustentam o corpo humano e nada mais são do que diversas manifestações do Espírito Único. O iogue deve permitir que a corrente vital flua automaticamente dos centros espinhais inferiores para os superiores, por meio de impulsos mentais de concentração; ele nunca deveria ser indevidamente atraído pela beleza de um centro, pois assim sua atenção permaneceria presa ali, incapaz de prosseguir para a medula e para o centro craniano ou superior.

As cinco divindades espinhais são manifestações temporárias do Espírito no homem; com o tempo, eles são dissolvidos nos centros superiores de consciência. Depois que o iogue consegue direcionar sua força vital para o trono de luz ocupado por cada uma das cinco divindades temporárias, ele aprende a retirar a corrente e uni-la no centro medular e no centro Kutastha (Cristo), no ponto entre as duas sobrancelhas. —o olho único ou espiritual onde o Espírito Imutável habita no trono de mil raios no crânio, a sede principal do Espírito individualizado, ou alma.

Na retirada astral da força vital, o iogue percebe sua corrente vital azul misturando-se com as correntes de diversas cores nos cinco centros espinhais, e também fica ciente dos diferentes estados de consciência residentes e característicos de cada centro. Na retirada astral, o iogue concentra-se principalmente nas luzes visíveis e em outros fenômenos.

Mas durante uma retirada superior ou espiritual da mente do corpo através dos centros, o iogue, depois de experimentar os excelentes estados de consciência presentes nas cinco regiões, une então a corrente com a consciência Crística que prevalece no olho espiritual. (O centro medular na

parte de trás da cabeça e o centro Kutastha, consciência Crística, na testa são dois pólos que agem em conjunto e, portanto, são frequentemente chamados de um centro, o ajna chakra.)

O iogue que atingiu seu objetivo, o centro Kutastha, é então capaz de se unir à Consciência Cósmica, percebida no cérebro como ponto de partida. Ele então sente sua mente unida simultaneamente com a Consciência de Kutastha (Cristo) – presente em toda a criação vibratória – e com a Consciência Cósmica, que existe além dos limites de qualquer fenômeno vibratório.

Na retirada espiritual superior, embora o iogue possa perceber luzes e seres astrais, ele os dissolve nos diferentes estados de consciência da coluna vertebral. Ele primeiro une sua mente com a semiconsciência, o subconsciente e a superconsciência, nos três centros espinhais inferiores – coccígeo, sacral, lombar – e depois eleva sua mente para uni-la a um estado superior de superconsciência presente nas regiões dorsal e cervical. Então ele se une à Consciência de Kutastha (Cristo) (a Mente Onipresente na criação) e, finalmente, à Consciência Cósmica (o Espírito Absoluto nos reinos sem vibração além da criação).

A ascensão do Senhor Buda à iluminação, à medida que a sua consciência ascendia através das ilusões e tentações sombrias da terra, e depois através das esferas celestiais dos devas (experimentada quando o iogue destranca as portas misteriosas da ascensão na espinha), é maravilhosamente descrita pelo magistral caneta de Sir Edwin Arnold em The Light of Asia:

E no meio da vigília
Nosso Senhor alcançou Abhidjna – vasto insight
Indo além desta esfera para esferas sem nome….
Ele viu aqueles Senhores da Luz que mantêm seus mundos
Por laços invisíveis, como eles próprios
Circule obedientemente em torno de orbes mais poderosos
Que servem esplendores mais profundos, estrela a estrela
Piscando o brilho incessante da vida
Dos centros sempre mudando para os circos

Não sabendo nada. Estes ele viu
Com visão aberta, e de todos esses mundos…
Imensurável até a fala - por meio do qual essas ceras
E diminuir; por meio do qual cada um deste exército celestial
Cumpre sua vida brilhante e o Darkling morre.

****

Mas quando chegou a quarta vigília, o segredo veio….
O resultado dele no Universo,
Cresce puro e sem pecado; ou nunca mais
Precisando encontrar um corpo e um lugar,
Ou então informando qual novo quadro é necessário
Na nova existência que as novas labutas provam
Mais leve e mais leve para não existir,
Assim "terminando o Caminho"….
Abençoado Nirvana – descanso sem pecado e sem agitação –
Aquela mudança que nunca muda!

Esta interpretação, então, é o significado mais elevado desta estrofe: O iogue deve primeiro atingir a sintonização consciente ("comunhão") com formas superiores de consciência nos vários centros espinhais e, assim, tornar-se elegível para se unir ao Bem Superior, o Espírito, em criação como Kutastha Chaitanya ou Consciência Crística, e além da criação como Brahman Chaitanya ou Consciência Cósmica.

VERSÍCULO 12

iṣṭān bhogān hi vo devā dāsyante yajñabhāvitāḥ
tair dattān apradāyaibhyo yo bhuṅkte stena eva saḥ

[Prajapati conclui:] "Os devas com quem se comunica através de yajna conceder-te-ão as tão almejadas dádivas da vida." Aquele que desfruta dos benefícios das divindades universais sem as devidas oferendas a elas é de fato um ladrão.

Todos os processos da vida são controlados pelas divindades internas ou astrais. Com o rito de meditação do fogo divino, todo homem deve buscar sintonização com esses “seres brilhantes”. Ele deve adorar com a oferta de devoção respeitosa essas influências enriquecedoras ou agentes de Deus em troca de bênçãos de vida, saúde, conhecimento e prosperidade (recebidas de acordo com o carma individual). Pessoas de mentalidade material que aceitam irrefletidamente as dádivas da vida, sem transmitir de alguma forma seus respeitos ao Doador, são realmente ingratas, ladrões diante de um santuário.

❖

Reverência pelos agentes cósmicos dos quais toda a vida depende

❖

Como a Verdade Absoluta é abstrata além da compreensão dos homens comuns, estes deveriam refletir sobre os anjos cósmicos, trabalhando insonemente pela manutenção universal, cujas formulações conceituais estão dentro do alcance até mesmo dos camponeses iletrados. A mitologia e o folclore de todas as terras são ricos em personificações dessas poderosas influências intercessionárias.

O homem grosseiro raramente ou nunca percebe que seu corpo é um reino governado pela Alma Imperadora no trono do crânio, com regentes subsidiários nos seis centros espinhais ou esferas de consciência. Essa teocracia se estende por uma multidão de sujeitos obedientes: trilhões de células (dotadas de uma inteligência segura, embora aparentemente automática, pela qual realizam todas as funções de crescimento, transformação e dissolução corporal) e cinquenta milhões de pensamentos, emoções e variações de fases alternadas. na consciência do homem durante um período de vida de sessenta anos.23 Qualquer aparente insurreição no corpo ou na mente humana contra a Alma do Imperador, manifestando-se como doença ou irracionalidade, não se deve à deslealdade entre os súditos humildes, mas decorre do mau uso passado ou presente por parte do homem de sua individualidade ou livre arbítrio - dado a ele simultaneamente com uma alma, e nunca revogável.

As reações intelectuais, sentimentos, humores e hábitos de cada homem são circunscritos pelos efeitos de ações passadas, sejam desta ou de uma

vida anterior. Acima de todas essas influências, porém, está sua alma régia.

O ser humano que procura uma consciência mais espiritual não deve reter uma expressão natural de gratidão pela posse e funcionamento dos poderes do seu templo corporal – pelas forças que pulsam no seu coração; circular em seu sangue; acelerar sua digestão; condicionar seu sistema nervoso telefônico para receber e transmitir todas as comunicações entre a alma, o corpo e o mundo exterior; e dirigir as funções metabólicas, de cristalização, de assimilação, de procriação e de eliminação de seu corpo, as ramificações do pensamento e da vontade em seu cérebro e as respostas emocionais de seu coração.

O homem, identificando-se com um ego superficial, assume como certo que é só ele quem pensa, deseja, sente, digere as refeições e se mantém vivo, nunca admitindo através da reflexão (só um pouco seria suficiente) que na sua vida normal ele é nada além de um fantoche de ações passadas (carma) e da Natureza, dirigido e controlado por divindades inteligentes. O homem está, portanto, fora de sintonia com as harmonias universais e é pouco melhor do que um pirata sem lei, não prestando nenhuma homenagem às inúmeras forças que misericordiosamente fornecem todo o período que lhe foi atribuído.

As escrituras antigas, por esta razão, exaltavam o valor para o homem de alguma forma de adoração que reconhecesse a sua dívida para com os agentes cósmicos dos quais depende o bom funcionamento de toda a vida. Através de tal reverência, o homem descobre que os efeitos adversos das más ações já cometidas são muito diminuídos, uma vez que a ignorância das verdadeiras causas também é diminuída.

O Gita, nesta estrofe, tenta inspirar o homem a “não ser como gado mudo e conduzido” na estrada da vida.24 As percepções universais surgem quando o homem se esforça para compreender os poderes que atuam na humildade silenciosa de toda a Natureza, e por trás de seu corpo e sua mente em conformidade com as decisões da Alma do Imperador. Cada um deve saber que nasceu, não apenas devido às compulsões de ações passadas, mas principalmente porque Deus o criou como uma alma, dotada de individualidade e, portanto, essencial à estrutura universal, seja no papel

temporário de pilar ou de parasita.

Cada um deve compreender que a morte não ocorre apenas como efeito cumulativo de ações passadas, mas também pelo decreto secreto das divindades nos centros espinhais sutis. Eles realizam a vontade de Deus para remover um homem da terra para pelo menos um espaço revigorante, sendo seus deveres daquela vida encerrados normalmente pelo cumprimento justo, ou prematuramente por destruições causadas por suas tendências malignas, muitas vezes escondidas da vista casual.

❖

Kriya Yoga: o verdadeiro rito do fogo exaltado pelo Gita

❖

Uma interpretação mais elevada ou mais esotérica desta estrofe do Gita é um conselho aos iogues de que a força vital pode ser retirada da escravidão ao corpo e aos sentidos, para ser unida às correntes e forças sutis libertadoras nos sete santuários cérebro-espinhais. A vida desses iogues é influenciada não pelos efeitos de ações passadas, mas apenas pelas orientações das divindades da alma. Isso permite que os aspirantes evitem os monitores lentos e evolutivos das ações egoístas, boas e más, da vida comum – pesados e semelhantes a caracóis para os corações de águia.

O modo superior de vida da alma liberta o iogue: emergindo da prisão do ego, ele experimenta o ar profundo da onipresença. A escravidão da vida natural é, em contraste, estabelecida num ritmo humilhante. Conformando sua vida meramente à ordem evolucionária, um homem não pode comandar nenhuma pressa concessória da Natureza. Embora ele viva sem erros contra as leis que governam seu corpo e mente, ele ainda precisa de cerca de um milhão de anos de encarnações mascaradas para alcançar a emancipação final.

Os métodos telescópicos de um iogue, livrando-se das identificações físicas e mentais em favor da individualidade da alma, são, portanto, recomendados àqueles que olham com revolta milhares de anos. Esta periferia numérica é ampliada para o homem comum, que vive em harmonia nem mesmo com a Natureza, muito menos com a sua alma; perseguindo, em vez disso, complexidades não naturais e ofendendo em seus pensamentos e corpo a doce sanidade da Natureza. Para ele, duas vezes

um milhão de anos dificilmente serão suficientes para a libertação.

Pela prática de Kriya Yoga, meditação profunda e orientação de um guru iluminado, uma alma determinada pode realizar um milhão de anos de desenvolvimento evolutivo num espaço de quarenta e oito ou vinte e quatro ou doze ou seis ou mesmo três anos, de acordo com o firmeza de seus esforços e a qualidade de seu carma passado.

Através do Kriya, a força vital que sai não é desperdiçada e abusada nos sentidos, mas é forçada a reunir-se com correntes mais sutis nos centros espinhais astrais. Através desse reforço da força vital, o corpo e as células cerebrais do iogue são eletrificados com o elixir espiritual. Assim, ele se afasta da observância estudada das leis naturais, que só podem guiá-lo (por meios tortuosos proporcionados por alimentação adequada, luz solar e hábitos inofensivos) para uma Meta de um milhão de anos. São necessários doze anos de vida normal e saudável para efetuar até mesmo pequenos refinamentos na estrutura cerebral; um milhão de retornos solares são exigidos para purificar suficientemente o cortiço cerebral para a manifestação da consciência cósmica.

Este, então, é o verdadeiro yajna ou rito do fogo mencionado no Gita. A corrente vital nos sentidos é retirada e unida na chama mais vasta da luz do Espírito presente na região principal do cérebro e nos subdínamos dos centros espinhais.25 Somente esta cerimônia do fogo pode dar o verdadeiro conhecimento àquele que entende como praticar. e difere muito dos pouco eficazes ritos de fogo externo, onde a percepção da verdade é frequentemente queimada, acompanhada de canto, junto com o incenso!

O verdadeiro iogue, impedindo sua mente, vontade e sentimento de falsas identificações com desejos corporais, unindo-os às forças superconscientes nos sete santuários cérebro-espinhais, vive assim neste mundo como Deus planejou; ele não é impelido nem por impulsos do passado nem por novas motivações da insensatez humana. Recebendo a realização de seu Desejo Supremo, ele está seguro no refúgio final do Espírito inesgotável e bem-aventurado. Esta é de fato a verdadeira cerimônia do fogo, na qual todos os desejos passados e presentes são combustíveis consumidos pelo amor a Deus. A Chama Suprema recebe o

sacrifício de toda a loucura humana, e o homem é puro de escória. Com seus ossos metafóricos despojados de toda carne desejosa, seu esqueleto cármico branqueado pelo sol anti-séptico da sabedoria, inofensivo diante do homem e do Criador, ele está finalmente limpo.

Ó homem! Ofereça seus anseios labirínticos em uma fogueira monoteísta consagrada ao Deus incomparável. Queime o desejo de afeto humano no fogo da aspiração somente a Deus, um amor solitário porque onipresente! Jogue feixes de ignorância para incandescer a chama do insight! Devore todas as tristezas em tristeza pela ausência de Deus! Consumir todos os arrependimentos em felicidade meditativa!26

VERSÍCULO 13

yajñaśiṣṭāśinaḥ santo mucyante sarvakilbiṣaiḥ
bhuñjate te tvaghaṁ pāpā ye pacantyātmakāraṇāt

Os santos – aqueles que comem os restos das devidas ofertas queimadas (yajna) – são libertos de todo pecado; mas os pecadores – aqueles que fazem comida só para si – festejam com o pecado.

Comer depois de oferecer a comida ao Doador é um ato livre dos efeitos vinculativos das leis cármicas mortais. Aqueles que vivem, comem e se comportam como mortais, alheios à fonte do Infinito interior, permanecem sob as compulsões da lei do carma, que causa sofrimento e renascimento.

Durante uma cerimônia do fogo, conforme prescrito pelas escrituras hindus, um fogo é aceso no qual o adorador derrama ghee (manteiga derretida clarificada) e outros itens simbólicos de nutrição enquanto pronuncia certos cantos vibratórios de despertar, oferecendo-os a Deus e às várias divindades que governar o corpo humano e o cosmos. Embora nem Deus nem os anjos comam comida mortal, Eles recebem a dádiva da atenção devocional e da concentração de Seus devotos.

Quando uma oferenda é feita de flores ou incenso ou chama de lamparinas a óleo ou velas no altar, elas representam a devoção do homem a Deus. As flores simbolizam o amor perfumado do devoto; o incenso

transmite reverência; a chama tipifica a luz da calma na qual se revela a Divindade Divina, residindo no altar do coração.

O Gita, portanto, aponta que um verdadeiro devoto só come comida depois de ter realizado o ritual externo de uma cerimônia do fogo, ou de ter oferecido interiormente a comida diretamente ao Criador. As pessoas mundanas que comem sem agradecimento cometem um pecado de ignorância: o esquecimento do Doador.

❖

Kriya Yoga: forma astral de alimentar as células do corpo

❖

Contudo, a cerimônia do fogo real ou interior a que este versículo se refere é a união da vida com a Vida maior, pela prática de pranayama ou Kriya Yoga, a técnica de controle da vida. E "comida" refere-se à energia cósmica divina absorvida neste rito interno. Durante o sono, a vida corporal retira-se para o fogo dos centros espinhais. Esta é uma realização inconsciente da cerimônia do fogo, na qual o adormecido é obrigado a unir sua corrente vital com as correntes superiores da coluna vertebral; ele, portanto, move-se inconscientemente em direção à energia cósmica que sustenta toda a vida.

Pela técnica de controle da vida, o iogue retira conscientemente sua corrente vital dos músculos do corpo e do coração para a coluna vertebral. Com o despertar dos centros espinhais, ele satura e alimenta todas as células do seu corpo com luz indestrutível e as mantém em estado magnetizado. Esta prática torna o corpo saudável, cheio de vida divina, à medida que o iogue percebe que o corpo também é uma sombra da Energia Infinita e pode ser transmutado nela. Esta é a forma astral de alimentar as células do corpo, substituindo o método inferior de usar comida física e oxigênio. Pelo método astral o corpo pode permanecer magnetizado ou em estado suspenso, sem registrar decadência.

Prana, a energia vital divina no corpo, é o trabalhador subjetivo inteligente em todas as células do corpo. É a "alma" das células. A vida extrovertida (que, como prana puro, é espiritual e subjetiva) torna-se dependente da comida e da respiração quando é identificada com a matéria. Mas desde que esta energia vital inteligente foi projetada como uma força

vibratória da alma para o corpo, ela tem tentado espiritualizar as células corporais, enquanto a alimentação grosseira e a respiração, como fontes secundárias de vida, mantêm as células ligadas à matéria, no domínio de mudança e morte. O Prana prega subjetivamente a mensagem da alma às células e trabalha para despertar nelas a consciência divina da imortalidade.

Quando no rito do fogo astral a corrente prânica se retira para os centros sutis da coluna vertebral e do cérebro, então, em vez de desperdiçar suas energias reformando células ligadas à matéria, o prana reforçado liberado desperta essas células com vida divina, batizando-as com a luz do Espírito.

Para o iogue determinado, pode chegar o momento em que, através da disciplina das células pela prática de pranayama, ele será capaz de viver incondicionado pela comida ou pela respiração - quando sua alma manifestará vida no corpo em perfeita liberdade das leis limitadas da natureza. . A alma não terá mais que obedecer ou se adequar às condições do corpo, mas poderá comandar o corpo como seu servo para aceitar qualquer condição que escolher impor-lhe.

❖

Kriya liberta o homem das leis corporais que governam os seres mortais

❖

O corpo do homem, por mais saudável ou observador das leis naturais, tem que morrer e decair - a menos que se torne espiritualizado, o que imortaliza o corpo se a alma assim o desejar. Certos iogues podem assim manter seus corpos indefinidamente. Meu mestre supremo, Mahavatar Babaji, possui um corpo jovem, preservado por muitos séculos através deste sistema de alimentação astral. Usar alimentos para substituir materiais decompostos no corpo envolve mudanças constantes nas células físicas, que acabam desistindo de seu poder limitado de absorção de alimentos, deteriorando-se e morrendo. Pelo caminho astral, o iogue realiza a cerimônia do fogo astral, alimentando suas células com fogo imortal. Tal iogue fica livre dos pecados das leis corporais de ação (carma) que governam todo ser mortal. O iogue pode registrar até a imortalidade em seu corpo, transmutando suas células em energia. Certos iogues, como Elias e Kabir, converteram seus corpos em correntes astrais e os fundiram na Luz Cósmica sem terem experimentado os fenômenos comuns da morte.27

As pessoas do mundo digerem os alimentos de maneira mortal e, portanto, testemunham a morte — resultado dos hábitos pecaminosos de viver na ignorância de Deus e de Suas leis cósmicas e forças criativas. O divino iogue une sua alma a Deus por meio da meditação extática. Ele satura as células do seu corpo e todos os seus pensamentos com a alegria de Deus. Os iniciantes que meditam sentem grande alegria, mas quando concluem a meditação, tornam-se novamente identificados com seus hábitos corporais mortais. Os homens que unem as suas mentes aos prazeres dos sentidos (comendo o alimento de várias sensações, para satisfazer o ego humano) tornam-se facilmente insatisfeitos e sofrem de desilusão – o resultado inevitável de todos os passatempos temporariamente agradáveis. Tais ações são carmicamente vinculativas. Mas os santos avançados, unidos a Deus, espalham a sua alegria por todas as ações da vida diária. Tais iogues não vivem mais como seres humanos, mas como homens-Deus. Ao substituir a felicidade humana pela alegria divina, eles se tornam completamente livres da lei humana do carma e do renascimento, nutridos para sempre pela bem-aventurança de Deus.

Versículos 14–15

annād bhavanti bhūtāni parjanyād annasaṁbhavaḥ
yajñād bhavati parjanyo yajñaḥ karmasamudbhavaḥ (14)

karma brahmodbhavaṁ viddhi brahmākṣarasamudbhavam
tasmāt sarvagataṁ brahma nityaṁ yajñe pratiṣṭhitam (15)

(14) Da comida surgem as criaturas; da chuva, o alimento é gerado. De Yajna (o fogo cósmico sacrificial) brota a chuva; o fogo cósmico (luz cósmica) nasce do karma (ação vibratória divina).

(15) Saiba que esta atividade vibratória divina surgiu de Brahma (a Consciência Criativa de Deus); e esta Consciência Criativa deriva do Imperecível (o Espírito Eterno). Portanto, a Consciência Criativa de Deus (Brahma), que tudo permeia, está inerente e inseparavelmente presente em Yajna (o fogo ou luz cósmica, que por sua vez é a essência de todos os componentes da criação vibratória).

"O alimento é a fonte da vida e a chuva é o riacho que produz o alimento que sustenta o corpo. O fogo cósmico, a luz cósmica, a quintessência da matéria, condensa-se em chuva vivificante; e a Vibração Cósmica, a criadora da luz cósmica, pulsa no coração de Brahma,28 a Consciência Criativa de Deus imanente na criação. A causa suprema da qual evoluem esses elos sucessivos na cadeia da criação é o Único Imperecível, o Espírito Eterno além da criação. O reflexo do Espírito na criação vibratória como a Consciência Criativa divina é onipresente, indivisivelmente inerente a cada parte e partícula do universo manifestado."

Essas estrofes descrevem toda a lei da criação: a evolução externa da criação do Espírito para a Vibração Cósmica e a condensação da vibração como luz no homem e no universo nas formas causal, astral e física.

Todas as criaturas vivas evoluíram da matéria (terra, "alimento"). Assim como toda forma de vida material e nutrição sustentadora da vida emergiu do oceano primordial de águas ou líquidos acumulados ("chuvas") que se formaram à medida que a Terra se solidificou a partir de nebulosas gasosas, o mesmo ocorre com as nebulosas (e toda a matéria inanimada e animada) foram precipitados do oceano de chuvas acumuladas de energia cósmica astral, que é a essência dos átomos, dos elétrons e de outras partículas elementares da matéria. As "chuvas" de energia cósmica astral fluem da luz cósmica (Yajna); e a luz cósmica, ou "fogo", resulta da vibração ordenada ou vontade de Deus (carma cósmico ou atividade vibratória).29

A Bíblia diz assim: "No princípio Deus criou o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia (sendo a mais fina expressão de vibração, ou pensamento de Deus); e a escuridão (maya, que divide o Um em muitos) estava sobre a face das profundezas. E o Espírito de Deus se moveu (vibrou

Sua vontade ativa) sobre a face das águas (elementos criativos). E disse Deus: Haja luz: e houve luz.”30

❖

Da consciência de Deus veio a Luz Cósmica, e toda a criação

❖

A vibração cósmica e as leis de ação (karma), que governam o universo, vieram de Brahma ou Consciência Crística (Kutastha Chaitanya), a Inteligência Infinita de Deus inerentemente presente em toda a criação vibratória. Esta consciência de Deus, o Filho (Tat), imanente em toda a criação vibratória, surgiu do Deus Imutável, o Pai (Sat), existindo além de toda a criação vibratória. A Consciência Crística ou Brahma Criativo, sendo uma consciência refletida e existindo em relação ao cosmos, é, portanto, uma manifestação temporária, dissolvendo-se no Espírito quando, no momento da dissolução cósmica, toda a criação se resolve novamente no Absoluto, o Único Imperecível.

Dentro da Consciência Criativa de Brahma está Mula-Prakriti, a Natureza incriada ou indiferenciada, que contém a semente de toda a criação. Através da atividade vibratória que flui (karma) da vontade de Deus na forma de Vibração Cósmica criativa e inteligente (Aum ou Amém, ou o Espírito Santo), o quiescente Mula-Prakriti é diferenciado; e como várias forças e energias vibratórias, a agora ativa Prakriti traz à manifestação a criação multiforme.

A Vibração Cósmica inteligente tem duas propriedades, a luz cósmica (Yajna, fogo criativo, ou luz – “Etérea, primeira das coisas, quintessência, pura”31) e o som cósmico de Aum. O Aum ou Amém ou Espírito Santo – todos são significados da Vibração Cósmica, todos são a “testemunha”32 ou evidência do Criador em Sua criação.

❖

O homem, o microcosmo, também nasceu da Luz Cósmica

❖

Em relação à criação do homem, este versículo pode ser explicado da seguinte forma: A energia cósmica da Vibração Cósmica criativa é a fonte imediata de toda a vida e do alimento que sustenta a vida. Assim, o homem, que é um microcosmo do universo, é um produto da energia cósmica, da corrente de vida astral que se tornou a corrente vibratória condensada da terra ou

matéria, referida neste versículo como “alimento”. O invólucro exterior grosseiro da alma (e de toda a matéria) é chamado annamaya kosha, literalmente, a “cobertura feita de comida”, e refere-se ao corpo físico. Essa vibração grosseira ou sólida da terra ou da matéria surgiu e, por sua vez, é nutrida pela vibração mais sutil ou de fluxo líquido da energia astral, referida neste versículo como “chuva”. Assim como a chuva nutre a vida da terra, a energia vital astral vitaliza toda a matéria. As vibrações fluidas da energia cósmica astral são condensações do fogo cósmico sutil, ou luz cósmica, que é a essência, o alicerce de todas as coisas. E a luz cósmica nasce da Vibração Cósmica criativa e inteligente (Aum ou Espírito Santo), a vontade vibratória ativa de Deus como as forças de Prakriti ou Natureza no homem. Esta vibração ordenada, expressão da lei divina, brota da alma, a Consciência Criativa de Brahma individualizada no homem. E a alma é a consciência refletida do Espírito ou Consciência Cósmica. Assim, em última análise, o homem é feito à imagem de Deus, a Consciência Eterna.

A Consciência Criativa de Deus pode ser descrita como um Sonhador que sonha a criação ideacional, astral e física do homem e do cosmos. O Criador sonhou, e o cosmos e o homem tornaram-se realidades oníricas em forma de pensamento ou ideia. A partir deste sonho ideacional ou causal, Deus fez a criação de energia astral. Da criação energética, Deus invocou o chamado universo sólido e o homem com seu corpo ilusório e pesado. O peso do corpo, ou de um pedaço de torrão, é uma sugestão de Deus. O corpo como matéria é na verdade uma onda eletromagnética.

Num sonho, pode-se pensar e trabalhar apenas com pensamentos ou ideias, ou trabalhar com correntes elétricas oníricas, ou construir casas oníricas com tijolos oníricos para pessoas oníricas. No estado de sonho, parece haver uma diferenciação entre o pensamento onírico, a eletricidade onírica e as casas de tijolos oníricas para as pessoas oníricas. Mas ao acordar, o sonhador percebe que tudo em seu mundo visionário nada mais era do que diferentes vibrações e manifestações de sua substância mental congelada. Da unidade de sua consciência onírica surgiram todos os objetos e eventos ilusórios de seu sonho.

O homem é, portanto, a mente materializada de Deus. Todas as criaturas

são informadas ou materializadas a partir da “mente congelada” ou das ideias de Deus. Todas as ilusões de matéria sólida vieram da energia astral líquida ou da mente fluida e congelada de Deus. Esta mente líquida congelada de Deus veio da energia cósmica como luz ou mente ígnea e congelada de Deus. A fonte desta luz é a mente vibratória congelada ativa de Deus – Vibração Cósmica Inteligente, Espírito Santo ou Prakriti – que dirige todas as leis de toda a criação vibratória ilusória que nada mais é do que sonhos de Deus.33

Esta Vibração Cósmica ativa de Deus veio da consciência refletida de Deus, ou Consciência Criativa de Brahma, Senhor de toda criação ilusória. Sua Consciência Criativa, que vibrou mentalmente a criação do sonho cósmico, veio da Consciência Cósmica original e imutável – o Incriado – que existe além dos reinos vibratórios ou criados.

VERSÍCULO 16

evaṁ pravartitaṁ cakraṁ nanuvartayatīha yaḥ
aghāyurindriyārāmo moghaṁ pārtha sa jīvati

Aquele homem, ó Filho de Pritha (Arjuna), que neste mundo não segue a roda assim posta girando, vivendo em iniquidade e satisfeito nos sentidos, vive em vão!

A criação cósmica e o lugar do homem dentro dela é uma grande roda giratória de atividade, descendo do Espírito e reascendendo para a liberação. O homem ignorante - tendo descido e ficado intoxicado com o vinho dos prazeres dos sentidos, e falhando em subir a bordo do ciclo ascendente da roda com suas atividades disciplinadoras legais da vida - permanece no poço da miséria pecaminosa, tornando inútil o propósito de seu Deus. -dada vida.

Quem não atende às leis libertadoras estabelecidas pelo seu Criador perde o único sentido da existência terrena. Aquele que se identifica com os seus sentidos está enraizado no solo do materialismo. Assim como uma pessoa que monta uma roda gigante pode subir alto e ver um belo

panorama, ou pode descer novamente, uma pessoa que, em vez de permanecer estacionária no terreno do materialismo, sobe na roda da ação edificante pode alcançar os pontos altos em evolução; ele é livre para ir a qualquer mundo, seja o plano inferior da terra ou as regiões rarefeitas dos devas.

O homem que desempenha deveres cada vez mais elevados sobe continuamente na escala da evolução. A pessoa identificada pelos sentidos caminha estupidamente nos níveis inferiores da consciência material. Seu erro que produz tristeza reside em não adquirir um padrão de comparação, que só pode ser encontrado montando a roda giratória das ações corretas. Tais homens nunca conhecem o propósito da vida: a busca do Santo Graal, o cálice da felicidade suprema!

❖

A coluna vertebral humana como a roda descendente e ascendente da vida

❖

Uma interpretação mais profunda desta estrofe do Gita é a da coluna vertebral humana como a roda descendente e ascendente da vida. A consciência do homem desceu de seu lar no cérebro, descendo através dos seis plexos. Depois de atingir o centro inferior ou coccígeo, a consciência se espalha no sistema nervoso e torna-se responsiva ao mundo exterior. A alma que desce à carne fica assim enredada, permanecendo prisioneira das sensações momentâneas produtoras de prazer. O homem que permite que sua consciência fique saturada com os prazeres ilusórios das sensações descobre que sua vida é vã; isso leva apenas à negação.

O propósito da vida é ascender aos seis centros espinhais, reforçando progressivamente a consciência humana com luzes cada vez maiores, até que ela seja capaz de se unir ao brilho de mil raios que tudo permeia, no centro mais elevado do cérebro. Esta ascensão da consciência através da coluna vertebral pode ser alcançada lentamente através de ações corretas e pensamentos corretos. O iogue, entretanto, escolhe o método de meditação mais rápido e científico.

A alma do homem desceu da Consciência Cósmica para a Consciência Crística imanente e daí para a criação vibratória. Ele continuou a descer até ficar envolto em um corpo físico, que é caracteristicamente permeado pela

consciência sensorial. Quando um homem se torna um iogue, a consciência de sua alma começa a seguir o caminho da ascensão. Primeiro deixa o solo dos apegos materiais e concentra-se não apenas nos objetos de prazer corporal, mas também no próprio corpo. O iogue se desliga primeiro da consciência possessiva e depois de todas as identificações sensoriais. Assim, ele remove sua mente dos três centros inferiores que conectam o homem com todas as sensações e apegos corporais.

O iogue então mergulha sua consciência no Amor Divino que irradia do centro do coração. Ele ascende ainda mais para desfrutar a Calma Cósmica do centro cervical. Subindo, o iogue repousa na Consciência Crística na medula e no ponto entre as sobrancelhas. Aqui ele experimenta a alegria e a sabedoria de Deus inerentes e onipresentes em toda a criação vibratória. Ele finalmente se estabiliza no centro cerebral da Consciência Cósmica, a Bem-aventurança Infinita "não causada" além da reciprocidade de causa-efeito da criação vibratória.

A consciência interna das pessoas comuns opera apenas a partir dos centros lombar, sacral e coccígeo, que dirigem todas as percepções e prazeres sensoriais materiais. Os amantes divinos e os poetas celestiais trabalham a partir do centro do coração. O iogue calmo e inabalável opera a partir do centro cervical. Aquele que consegue sentir sua presença em toda a criação vibratória despertou os centros medulares e crísticos. O iogue iluminado funciona no centro cerebral da Consciência Cósmica; ele pode ser chamado de um iogue ascendido.

O homem identificado pelos sentidos que nada sabe sobre sua vida interior superior é um "descendente", um mortal, consciente apenas do degrau mais baixo da evolução humana.

Versículos 17–18

yas tvātmaratir eva syād ātmatṛptaś ca mānavaḥ
ātmanyeva ca saṁtuṣṭas tasya kāryaṁ na vidyate (17)

ingênuo tasya kṛtenārtho nākṛteneha kaścana
na cāsya sarvabhūteṣu kaścid arthavyapāśrayaḥ (18)

(17) Mas o indivíduo que ama verdadeiramente a alma e está plenamente satisfeito com a alma e encontra total contentamento somente na alma, para ele nenhum dever existe.

(18) Tal pessoa não tem nenhum propósito de ganhar neste mundo através da realização de ações, nem perde nada pelo seu não desempenho. Ele não depende de ninguém para nada.

Um homem identificado com seu corpo torna-se o ego. O ego vê como realidade o mundo irreal. Quando, através da ioga, o homem une o seu ego à sua alma, ele vê a vida como um sonho de Deus, do qual a alma, como Espírito individualizado, é participante. Quando, através de um maior avanço, ele encontra o contentamento supremo ao unir sua alma com a bem-aventurança infinita do Espírito, ele não precisa mais desempenhar quaisquer deveres no teatro dos sonhos do Senhor.

Aquele que percebe e manifesta a unidade de sua alma com Deus, e que pode desligar a corrente de sua vida dos sentidos e unir sua vida com a Vida Eterna, não sente nem lucro nem perda por manter seus sentidos funcionando ou não. Totalmente dependente de Deus, ele não tem envolvimento cármico com a criação.

❖

Totalmente dependente de Deus, o iogue não tem envolvimento cármico com a criação

❖

O homem que possui respeito próprio, lembrando-se sempre de que é filho de Deus, protege e reflete essa imagem da alma, desempenhando deveres corretos e comportando-se adequadamente para com os outros. Ele segue uma orientação interior e, como que automaticamente, faz o que é certo moralmente, religiosamente, socialmente e em todos os outros aspectos. Essas pessoas não precisam do conselho dos outros. Aqueles que sabem como exigir dos outros um respeito espontâneo, refletindo as verdadeiras qualidades da alma, e como manifestar para com os outros o respeito que lhes é devido como almas - para esses homens iluminados não existe compulsão de deveres cármicos.

O iogue que descobriu a alegria sempre nova na alma através da meditação profunda fica completamente satisfeito; ele encontrou dentro de

si uma felicidade perfeita. Ele alcançou o propósito da vida! cumpriu o dever para o qual nasceu! Ao reunir-se com Deus, ele automaticamente cumpriu todas as suas obrigações para com a criação.

Uma história bíblica ilustra esse ponto. Maria ficou completamente satisfeita em servir Jesus, uma manifestação natural da pura e intensa devoção de sua alma, transcendendo o pensamento de outros deveres (para consternação de Marta!). Marta considerou necessário colocar os deveres mundanos em primeiro lugar, na esperança de agradar a Deus através do caminho das boas obras exteriores. Cristo, porém, elogiou Maria por ter escolhido a melhor parte,34 aquela que a libertava da observância de todos os deveres menores.

Todos os mortais que vivem e trabalham exclusivamente por prazer e ganho, permanecendo ignorantes do propósito divino da vida, são inexoravelmente limitados pelas suas acções – elevados pela realização de acções adequadas e degradados pelas acções más. Mas o iogue que, pela Auto-realização, atingiu o objetivo supremo da vida, não é obrigado a realizar ações nem, se o fizer, estará vinculado a quaisquer resultados cármicos de tais ações. Tendo satisfeito todos os seus desejos ao alcançar a bem-aventurança suprema e satisfatória do Espírito, ele não possui nenhum motivo para ganhos mundanos através de ações.

Muito acima de qualquer motivação egoísta, o iogue realizado pode envolver-se em ações obedientes com o único propósito de dar um bom exemplo aos outros. Alguns grandes iogues vivem e ensinam no mundo apenas para demonstrar à humanidade o caminho para a liberdade; enquanto outros mestres iluminados permanecem distantes, nunca se misturando com o mundo.

Eu mesmo prefiro o primeiro tipo de iogue – aquele que compartilha com outros sua sabedoria divina. No entanto, posso compreender o iogue que deseja apenas estar com Deus e não se misturar ao mundo – pois ele sabe se o seu sempre presente Senhor deseja ou não que ele trabalhe de outras maneiras além da meditação e da intercessão silenciosa para elevar e salvar os outros. Muitos autoproclamados religiosos tentam “salvar almas” sem terem se salvado. Deus guia o iogue iluminado para a ação no mundo

ou para o afastamento completo dele; e em ambos os casos, sua realização espiritual concede bênçãos a outros.

O DEVER JUSTO, CUMPRIDO SEM APEGO, É PIEDOSO

VERSÍCULO 19

tasmād asaktaḥ satataṁ kāryaṁ karma samācara
asakto hyācaran karma param apnoti puruṣaḥ

Portanto, sempre realizem conscientemente boas ações materiais (karyam) e ações espirituais (karman) sem apego. Ao realizar todas as ações sem apego, alcança-se o mais elevado.35

O iogue que abandona as más ações e executa nobres deveres materiais e ações religiosas meditativas sem apego egoísta é um trabalhador de Deus e, assim, alcança a união com Ele.

As pessoas do mundo trabalham dia e noite para obter objetos materiais efêmeros. O iogue torna-se cada vez mais apegado às ações espirituais e, assim, substitui os desejos materiais pelos espirituais. Então, diz o Gita, quando o apego às ações divinas produz contato com Deus, a pessoa não tem mais apego nem mesmo às ações espirituais.

Esse é o significado de “realizar todas as ações com desapego”. Todas as ações, como movimentos, estão confinadas ao reino da vibração. As ações materiais realizadas com desejo afastam a pessoa de Deus, enquanto as ações espirituais conduzem a Deus. Depois que o devoto se une ao Infinito, entretanto, ele alcança o estado sem vibração além de toda ação.

As ações materiais são realizadas envolvendo a corrente vital e a mente com os sentidos; ações meditativas são realizadas retirando energia e mente dos sentidos. A princípio o devoto deve cultivar o apego às ações espirituais para banir o apego às ações materiais. Alcançando a Finalidade, entretanto, o devoto fica livre de todo apego (envolvimentos de causa-efeito com a criação).

VERSÍCULO 20

karmaṇaiva hi saṁsiddhim āsthitā janakādayaḥ
lokasaṁgraham evāpi saṁpaśyan kartum arhasi

Somente pelo caminho da ação correta, Janaka e outros como ele alcançaram a perfeição. Além disso, simplesmente com o propósito de guiar corretamente os mortais, tu deves realizar ações.

Janaka, um nobre rei e um iogue iluminado da Índia pré-histórica, cumpriu sua missão mundana adequada (bom governo de seus súditos) e também cumpriu o dever supremo imposto a toda alma encarnada, a obtenção da realização de Deus. Seres já aperfeiçoados como Janaka, que não são mais obrigados a realizar ações para sua própria evolução, continuam, no entanto, a se engajar em ações construtivas a fim de dar um alto exemplo à sociedade, cujos membros só podem ser libertados por boas ações e não por ações imerecidas. inação presunçosa.

O grande santo Janaka era tão obstinado que nunca permitiu que seus intrincados deveres estatais interferissem em seu compromisso supremo com Deus. Os devotos comuns, por outro lado, tendem a enfatizar excessivamente a necessidade do desempenho dos seus deveres mundanos como condição para a felicidade. Absorvidos nessas atividades, eles negligenciam a meditação para alcançar a bem-aventurança divina eterna.

Os ociosos e os iogues imaturos atingidos por erros, citando o estado de inércia que alguns iogues iluminados alcançaram, concluem convenientemente que a Meta Suprema pode ser alcançada sem ação. O Gita, portanto, lembra-lhes que o Rei Janaka e santos semelhantes alcançaram a perfeição pela ação correta (e nem por ações egoístas influenciadas pelo desejo, nem por uma assunção prematura de falta de ação).

Os grandes iogues conseguem manter a força vital desligada dos sentidos em êxtase, de modo que o corpo fica inerte, semelhante a um cadáver. Eles alcançaram controle completo sobre o corpo por meio de pranayama (técnicas de controle da vida). Contudo, eles podem renunciar a esse estado durante parte do tempo, apenas para ilustrar aos jovens iogues a

necessidade de cumprir certos deveres no drama cósmico divinamente planejado, antes que possam atingir o estado inativo.

Comentando as estrofes 19 e 20, Swami Pranabananda36 diz que nelas foi mostrada a diferença entre ação material e ação espiritual: “As ações materiais são aquelas que são realizadas em conexão com o homem físico, enquanto as ações espirituais são aquelas que são realizadas em conexão com o homem físico. com o homem espiritual.” As ações físicas são grosseiras e tangíveis. As ações espirituais são reais, mas sutis. O propósito das ações materiais é adquirir algum conforto material no mundo. O objetivo das ações espirituais é encontrar a alma.

“Por meio de ações materiais (limpeza, dieta correta e comportamento mundano adequado), o devoto purifica seu corpo e o torna mais harmonioso para a cultura espiritual. Mas as ações espirituais (desapego aos objetos dos sentidos, amor à alma, intuição, meditação), embora intangíveis, são imperativamente necessárias para encontrar o poder oculto da alma.”

Pode parecer a um devoto que a ênfase do Gita no desapego significa até mesmo desapego à alma. Essa interpretação não é válida, porque o espinho causador da miséria do apego às sensações só pode ser arrancado pelo uso do espinho afiado do apego ao amor divino na alma.

Lahiri Mahasaya citava frequentemente o ensinamento do grande rishi Ashtavakra: “Se você deseja libertar-se da reencarnação, abomine os prazeres dos sentidos como faria com o veneno revestido de açúcar; e seja tão devotadamente apegado a atos de perdão, piedade, contentamento, amor à verdade e a Deus, quanto a beber néctar!”

VERSÍCULO 21

yadyad acarati śreṣṭhas tattad evetaro janaḥ
sa yat pramāṇaṁ kurute lokas tad anuvartate

Tudo o que um ser superior faz, as pessoas inferiores imitam. Suas ações estabeleceram um padrão para as pessoas do mundo.

Sabendo que o exemplo fala mais alto que as palavras, muitos mestres,

mesmo depois de terem alcançado o Último e, assim, transcendido as circunscrições dos imperativos cósmicos, continuam a observar as regras de conduta correta e ação construtiva como um critério adequado para decisões mundanas bem-intencionadas, mas não avançadas. pessoas.

Pela sua mera presença, alguém que se reformou é capaz de reformar milhares de pessoas, embora não possa pronunciar uma única palavra. Como uma rosa, ele difunde sua fragrância para todos.

❖

Aquele que se reformou é capaz de reformar milhares

❖

Um homem que alcançou Deus poderia fumar, beber ou comer carne, poderia casar-se e ter filhos – tudo isso sem perder seu status divino. Contudo, para dar o exemplo, ele provavelmente não faria nenhuma dessas ações, mas continuaria com sua conduta ascética, porque o ascetismo é imperativo para os iogues iniciantes. Pessoas de consciência comum podem raciocinar: “Jesus bebeu vinho e comeu peixe; portanto, imitarei essas ações. Imitarei suas ações espirituais mais tarde!”

Quão prontamente as pessoas imitam qualquer hábito mundano de um mestre, mas devem inevitavelmente omitir seguir suas virtudes mais elevadas se estas estiverem escondidas em sua alma e não forem ilustradas externamente.

Discípulos não treinados podem raciocinar: “O Mestre faz isto ou aquilo sem efeitos nocivos. Ele não medita regularmente; portanto, não preciso fazer isso.”

O discípulo não entende o estado espiritual de um mestre: uma vez que o mestre é um com Deus, ele alcançou o objeto da meditação e, portanto, não precisa mais daquela sadhana. O aspirante a discípulo não goza de tal isenção.

Um devoto pode dizer para si mesmo, embora talvez inconscientemente: “Por que não deveria seguir as ações do Mestre em vez de seguir suas palavras?” O Gita lembra, portanto, ao “indivíduo superior” que tenha cuidado pelo bem dos outros, pois suas meditações e prática de bons hábitos são na verdade uma série de demonstrações para quem o segue, ou mesmo para quem o observa à distância ou de outra forma. ouvir falar dele. As

pessoas do mundo são tão rápidas em entender mal as ações externas de um mestre quanto são lentas em compreender sua mensagem divina!

Mesmo que os grandes mestres às vezes ignorem as regras estabelecidas para os noviços, eles sempre podem provar ao verdadeiro discípulo que não estão apegados nem afetados por nenhum hábito material. Costumo citar a história do santo carnívoro que com igual facilidade consumiu e digeriu pregos derretidos para castigar seu discípulo vegetariano incompreensível.37

As palavras desta estrofe do Gita também podem ser interpretadas como referindo-se a poderes e não a pessoas. Quando a força vital é retirada dos sentidos e transferida para o cérebro, surge uma sensação de poder superior, na qual as sensações corporais inferiores são dissolvidas. Um iogue aprendeu que não deve manter a força vital ligada continuamente aos sentidos, ou ela permanecerá ditatorialmente habituada ao desfrute das sensações. Pela meditação extática ele retira sua força vital para o caminho superior da coluna vertebral e do cérebro, fazendo automaticamente com que todos os sentidos inferiores o sigam, isto é, sejam absorvidos pela luz cerebral. Essa experiência ocorre mesmo durante o sono profundo, quando todas as percepções sensoriais são absorvidas no prazer semiconsciente da alma. No estado muito profundo de sono sem sonhos, a força vital é completamente desligada de qualquer cognição subconsciente do mundo exterior. Sintonizado com a felicidade suprema, os sentidos do homem são revitalizados, fazendo com que ele diga ao acordar: “Tive um sono maravilhoso!”

Da mesma forma, pode-se pensar na mente como a força superior do corpo. Tudo o que a mente vê e enfatiza será cegamente seguido pelas inclinações, humores, desejos e hábitos. Eles assumem automaticamente os hábitos e ações dominantes da mente e refletem suas características mais salientes. A força suprema da mente deve ser mantida exteriormente ocupada numa rotina de ações construtivas, mesmo enquanto interiormente está unida à bem-aventurança suprema. Se a mente se entregar ao mau humor ou à raiva, os sentidos exibirão melancolia ou ira; mas se a mente estiver feliz, os sentidos também registrarão felicidade.38

VERSÍCULO 22

na me pārthāsti kartavyaṁ triṣu lokeṣu kiṁcana
naanavāptam avāptavyaṁ varta eva ca karmaṇi

Ó Filho de Pritha (Arjuna), nenhum dever obrigatório devo cumprir; não há nada que eu não tenha adquirido; nada nos três mundos resta para Eu ganhar! No entanto, estou conscientemente presente na execução de todas as ações.

"Eu sou o Raio Cósmico que cria as várias imagens oníricas da vida, não por qualquer necessidade, mas por um desejo sem desejo de Me expressar em muitas formas oníricas. Eu sou o Supremo; nada resta para Eu alcançar em Meus dramas oníricos, pois nada está fora de Mim. Eu continuo, no entanto, a produzir Meus espetáculos oníricos e a manter uma parte ativa neles, para que Meus filhos, as multiformas individualizadas de Meu Ser Único, possam agir de forma semelhante neles como seres divinos, e então retornar para Mim em Meu lar sem sonhos de bem-aventurança eterna."

O Infinito é a Causa Suprema por trás de toda causalidade, de todos os objetos evoluídos por causa. Krishna, portanto, diz ao perplexo discípulo Arjuna: "Quando você atingir Minha consciência, descobrirá que o Espírito Originador não tem nenhum dever obrigatório a cumprir. A criação tripla evoluiu da Minha mente como um campo de prazer intrinsecamente organizado (lila, jogo do Senhor)."

Deus, popularmente concebido como o Criador onífico e Governante do universo, parece assim para a maioria dos homens estar em eterno movimento, ou atividade, apenas porque eles percebem a criação através dos poderes ilusórios dos sentidos. O homem de consciência cósmica percebe Deus não apenas como um redemoinho de movimento eterno, mas como a infinidade sem vibração da alegria eterna.

❖
Aprendendo a ser transcendentalmente calmo e simultaneamente ativo
❖

O Infinito é dividido em dois: A esfera sem vibração do Absoluto – quiescente, não nascida, autocontida, eterna; e o cosmos vibratório onde o Espírito sonha com muitos. Como o universo nada mais é do que a

consciência sonhadora de Deus, Ele é onipresente nele, testemunhando imparcialmente e dirigindo indiretamente a atividade ordenada da criação como a Inteligência Cósmica (Kutastha Chaitanya), e ativamente dando origem a todas as formas através de Sua Consciência Criativa (Natureza ou Prakriti). . Da mesma forma, todos os seres humanos feitos à imagem de Deus têm uma alma feliz e sem vibração; e também a inteligência orientadora da alma e sua pseudonatureza como o ego ativo na mente, nas forças vitais e nas atividades corporais. Todo ser humano deve se comportar como a imagem do Espírito que ele é: transcendentalmente calmo e preso em êxtase extático em sua alma, e simultaneamente ativo no corpo, sem se envolver em desejos ilusórios e nas complicações cármicas resultantes.

"Os três mundos" referem-se ao cosmos triplo: causal (mental), astral (energia), físico (matéria). Deus criou toda a matéria mentalmente; então Ele manifestou as ideias causais como um universo astral ou energético; finalmente, Ele precipitou os lifetrons astrais nas formas do universo visível. A natureza essencial da matéria é, portanto, a substância mental de Deus. Pela lei da relatividade, Ele diferenciou mente, energia e matéria de modo que parecessem divergentes, diferentes. Todos eles são tão reais e irreais quanto a substância de um sonho. Através da ilusão cósmica, Deus nos torna conscientes das aparentes diferenças entre as três formas de vibração: consciência, energia astral e substância física.

Deus conhece o mundo como uma criação da Sua mente; Ele não tem esperanças ou medos sobre isso. Mas Ele continua a agir nele e através dele para que, por meio de lembretes de Sua Presença inata, Seus filhos iludidos também possam perceber que este universo é uma série de cinema cósmico a ser continuada, não para ser levada a sério como uma realidade, mas para ser ser visto como um espetáculo divertido e educativo.

Krishna encoraja Arjuna a manifestar sua unidade com o Espírito, em vez de permanecer indefinidamente um mendigo, frustrado pela insatisfação, insatisfeito com migalhas insignificantes de prazer e insultos de dor. Pela unidade divina o devoto entende que todas as coisas que pertencem ao seu Pai também lhe pertencem. Ele recuperou o paraíso interior perdido.

“Mas”, enfatiza o Senhor, “mesmo que Eu não esteja apegado ao cosmos e ainda assim esteja presente em todas as ações, cada um dos Meus descendentes divinos deve fazer algum trabalho para ajudar Minha criação iludida e seus mortais a voltarem para casa, para Mim. ” Todos devem trabalhar, pois o Senhor do cosmos escolheu trabalhar.

Porque é a vontade sem desejo do Todo-Poderoso trabalhar em tudo como a Inteligência Cósmica, Ele percebe bem que o homem e a vida vibratória em todos os átomos criados não se lembram de sua unidade com o Espírito. Que miséria! Os seres humanos e todas as partículas da natureza estão, portanto, sendo ajudados por Deus e por cada santo libertado a recuperar a memória perdida. Nesta intercessão, encontramos a sublime garantia de Deus de que todas as almas que saíram Dele retornarão para Ele. É por isso que, como a Inteligência Divina, Ele continua a trabalhar através da consciência do homem, e através dos profetas, que despertam o homem à sua herança por meio de uma sabedoria tão bela como Jesus expressou em: “Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça; e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”39

Ao usar a força ilimitada de Sua alma, Deus poderia agir como um Ditador Cósmico e retirar à força a criação para Si mesmo. Mas como Ele deu a todos os homens a livre escolha para aceitá-Lo ou rejeitá-Lo, Ele trabalha secretamente, e através de Seus santos, docemente para persuadir os mortais alienados a voltarem para Ele.

Tudo o que um ser superior faz, as pessoas inferiores imitam. Suas ações estabeleceram um padrão para as pessoas do mundo.

Ó Filho de Pritha (Arjuna), nenhum dever obrigatório devo cumprir; não há nada que eu não tenha adquirido; nada nos três mundos resta para Eu ganhar! No entanto, estou conscientemente presente na execução de todas as ações.

—Bhagavad Gita III:21–22

"Ouvimos falar de ascetas santos, ou profetas nas florestas ou em locais isolados, que eram homens apenas de renúncia; mas Sri Krishna foi um dos maiores exemplos de divindade, porque viveu e se manifestou como um Cristo e ao mesmo tempo desempenhou os deveres de um nobre rei. A sua vida demonstra o ideal não de renúncia à acção – que é uma doutrina conflitante para o homem circunscrito por um mundo cujo sopro vital é a actividade – mas antes a renúncia aos desejos que prendem a terra pelos frutos da acção....

"A mensagem de Sri Krishna no Bhagavad Gita é a resposta perfeita para a era moderna e para qualquer época: Yoga da ação obediente, do desapego e da

meditação para a realização de Deus. Trabalhar sem a paz interior de Deus é Hades; e trabalhar com Sua alegria sempre borbulhando na alma é carregar dentro de si um paraíso portátil, onde quer que se vá."

—Paramahansa Yogananda

VERSÍCULO 23

yadi hyahaṁ na varteyaṁ jātu karmaṇyatandritaḥ
mama vartmānuvartante manuṣyāḥ pārtha sarvaśaḥ

Ó Partha (Arjuna), se em algum momento Eu não continuasse a realizar ações, sem pausa, os homens imitariam totalmente Meu caminho.

"Eu, o Criador de todas as coisas no cosmos vibratório, estou trabalhando incessantemente – trazendo mundos à existência; mantê-los equilibrados pelas leis da atração e repulsão; pulsando na inteligência, no coração e na atividade humana. Através do Meu exemplo colossal e por ter dado ao homem uma responsabilidade convincente pela alma, pela mente, pelo corpo, pela família, pelo país, pelo mundo, estou inequivocamente dizendo-lhe que não há salvação sem atividade adequada na terra.

"Todos os Meus filhos humanos – feitos à Minha imagem e para quem construí este lar cósmico em constante mudança – devem forçosamente agir, assim como Eu. Nos átomos, nas estrelas e em toda a criação, Eu trabalho incessantemente, através da Minha inteligência imanente, para que todos os mortais sejam silenciosamente inspirados e capacitados para agir de forma inteligente e espiritual, de acordo com o Meu plano cósmico. Este plano foi revelado nas escrituras por Meus filhos iluminados que, alcançando-Me, conhecem Meus desejos. Se eu mantivesse a estrutura universal, mas deixasse de trabalhar na criação como a influência inteligente e silenciosa da bondade e da retidão, o homem também deixaria de agir corretamente. Caindo na preguiça degenerativa, ele não progrediria nem ajudaria a promover a melhoria do mundo em que vive. Ele seria incapaz de voltar para Mim, devido à falta de movimento involuntário

ativo, através do qual Eu trabalho para empurrá-lo e toda a natureza ascendente em evolução progressiva, auxiliada (quando não prejudicada) pelas escolhas de seu livre arbítrio.

"Mas se Eu, o Criador, trabalhar incessantemente para servir a criação com Minha inteligência e influência de bondade, então Meus reflexos – seres humanos – continuarão forçosamente a ajudar Minha criação a alcançar seu objetivo de perfeição."

VERSÍCULO 24

utsīdeyur ime lokā na kuryāṁ karma ced aham
saṁkarasya ca kartā syām upahanyām imāḥ prajāḥ

Se eu não realizasse ações (de forma equilibrada), esses universos seriam aniquilados. Eu seria a causa de uma terrível confusão ("a mistura indevida de deveres"). Eu seria assim o instrumento da ruína dos homens.

Deus, como o Criador dos universos, trabalha imanentemente como a Inteligência Universal na matéria e na consciência humana com o propósito de manter a ordem enquanto elabora o Seu plano cósmico. Ele diz: "Se eu, o Pai de todos, não agisse na criação, todos os universos explodiriam e desapareceriam. Minha consciência cósmica mantém as ilhas flutuantes dos planetas nadando ritmicamente no mar cósmico. É Minha inteligência como Kutastha Chaitanya que conscientemente mantém todos os átomos unidos e os mantém trabalhando em coordenação.40

"Se eu não trabalhasse através da vida dos santos, equilibrando os deveres materiais com as obrigações espirituais, a humanidade, sem a presença de vidas exemplares, levaria vidas desequilibradas, ficaria confusa sobre seus deveres e pereceria."

Se Deus removesse a Sua Inteligência coesa, todos os universos e seres desapareceriam da objectividade, tal como as cenas e os actores desaparecem de um ecrã quando a luz que atravessa um filme é apagada.

Sem a orientação secreta, mas ativa e inteligente do Senhor, surgiria

total confusão entre os homens; o resultado seria uma mistura de deveres, causando ruína.

Muitas pessoas incompreensíveis interpretam a referência à “mistura” nesta estrofe do Gita como uma proibição contra a mistura de castas ou raças. Esta interpretação reforça a ortodoxia cega e o preconceito e promove a divisão e o conflito. Este versículo não apoia o sistema de castas; nem se refere à mistura de raças etnológicas, com base na cor ou em qualquer outra base.

Todas as raças humanas e cores de pele vieram de um Pai espiritual, Deus, e dos primeiros pais humanos criados. É certo, portanto, que os irmãos espirituais reconheçam o seu parentesco divino. Deus criou uma encantadora diversidade de humanidade nas raças verde-oliva, escura, amarela, vermelha e branca para que o homem pudesse resolver o enigma das aparentes diferenças e agradá-Lo formando os Estados Unidos do Mundo.

No que diz respeito às castas, pode-se dizer com razão que cada nação tem quatro castas ou tipos. As quatro divisões dependem da qualidade e nada têm a ver com raça ou casta tal como são entendidas hoje. Como diz o Gita em outro lugar (IV:13): “De acordo com a diferenciação de atributos e ações (no homem), eu criei as quatro castas”.

❖

Quatro degraus na escada da Auto-realização, cada um caracterizado por deveres enobrecedores

❖

Todos os seres humanos confinados a um corpo físico herdam ao nascer a casta Sudra identificada pelo corpo (kayastha). Os dois olhos físicos não revelam ao homem nada além de um mundo exterior de dualidade. Após a iniciação espiritual por um guru, o devoto aprende a abrir seu olho espiritual e, ao cultivar a sabedoria, ele entra na casta de um Vaishya; e então, lutando contra os sentidos, ele ascende à casta superior de um Kshatriya. Eventualmente, alcançando a realização de Deus, ele se torna um Brahmin (um com Brahman, Espírito).

Num sentido material, todas as nações reconhecem as divisões naturais de castas, de acordo com a capacidade: a saber, os trabalhadores, os homens de negócios, os soldados e governantes, os professores e clérigos. Um

trabalhador pode tornar-se empresário, soldado ou clérigo; portanto, estes quatro grupos são intercambiáveis no plano material.

O sacerdócio investido (não os sábios) na Índia fixou as quatro castas como não intercambiáveis, desafiando os primeiros ensinamentos védicos sobre castas naturais e progressivamente intercambiáveis. Ainda hoje, porém, um hindu que adota o caminho religioso é considerado "além da casta": ele recebe de seu guru uma iniciação espiritual na qual se livra de seu antigo eu com todas as suas identificações egoístas de família, nome, posses e desejos. , e recebe um novo "nascimento" e um novo nome que não revela nenhuma identificação de casta.

Esta estrofe alude aos "deveres" ou quatro estados exigidos na evolução humana – quatro degraus necessários na escada da Auto-realização, cada um caracterizado por deveres enobrecedores.

Se a Inteligência Divina deixasse de trabalhar através da consciência do homem, todos os seres humanos permaneceriam absortos na matéria, confusos e esquecidos dos deveres inerentes aos quatro graus graduais – material, cultivo da sabedoria, combate aos sentidos e obtenção do Espírito – exigidos. para a emancipação definitiva.

O objetivo de todos os homens deveria ser deixar para trás o doloroso estado material e alcançar sucessivamente os outros três estados superiores da consciência humana. Quando a sabedoria surge na alma, todos os impulsos criativos humanos se retiram para o Espírito – não há mistura da natureza humana com a Natureza divina!

VERSÍCULOS 25–26

saktāḥ karmaṇyavidvāṁso yathā kurvanti bhārata
kuryād vidvāṁs tathāsaktaś cikīrṣur lokasaṁgraham (25)

na buddhibhedaṁ janayed ajñānāṁ karmasaṅginām
joṣayet sarvakarmāṇi vidvān yuktaḥ samācaran (26)

(25) Ó Descendente de Bharata (Arjuna), assim como os ignorantes realizam ações com apego e esperança de recompensa, assim os sábios devem agir com desapego desapaixonado, para servir alegremente como um guia para as multidões.

(26) Sob nenhuma circunstância os sábios devem perturbar a compreensão dos ignorantes que estão apegados às ações. Em vez disso, o ser iluminado, ao realizar atividades conscientemente, deveria inspirar no ignorante o desejo de todas as ações obedientes.

Os homens subdesenvolvidos são altamente motivados a agir de acordo com seus impulsos voltados para a matéria e ansiando por nome, fama, prosperidade e felicidade sensorial. Os sábios, por outro lado, desligaram-se dos prazeres mundanos; seu incentivo é a alegria que encontram em trabalhar para Deus. Incidentalmente, mas propositalmente, os exemplos inspiradores de tais homens conduzem outros ao caminho da felicidade duradoura. Eles estabelecem um padrão correto para todos os que estão mais abaixo na escala da Auto-realização.

Um ser iluminado, acima de toda a lei, tem a preferência de agir ou de permanecer inativo. Visto que Deus age na criação, mesmo que seja desnecessário para Ele fazê-lo, Ele exorta Seus devotos a também agirem e a aumentarem o desejo de ação sincera, mesmo naqueles cujo trabalho ainda é guiado por instintos materiais inatos. Através da atividade, todos os seres estão ajudando (principalmente indiretamente e sem saber) a elaborar o plano cósmico divino.

Se todas as pessoas do mundo escolhessem renunciar à vida mundana e entrar nas selvas para encontrar Deus, aí também teriam de ser construídas cidades e fundadas indústrias, ou as pessoas morreriam de fome, exposição e epidemias. A liberdade final não deve ser encontrada evitando os problemas da vida, mas através da actividade no mundo com o único propósito de trabalhar para Deus.

O Senhor cria em vasta escala formando universos; e de forma detalhada na junção de átomos e na criação de um corpinho de formiguinha,

tão delicada e cuidadosamente planejado quanto uma forma humana. Mas embora Deus seja tão poderosa e ínfimamente ativo na criação, Ele nunca perde um pingo de Sua bem-aventurança divina. Esta constância só é possível devido ao desapego (falta de esperanças e medos). O homem sábio, lembrando-se de que foi feito à imagem de Deus, não age miseravelmente, como o materialista ignorante, mas age com feliz desapego.

❖

O homem deve aprender a trabalhar no mundo com uma atitude divina de interesse indiferente

❖

Os atos de criação não são necessários para a perfeição de um Deus já perfeito. A criação, portanto, é um "hobby" de Deus. Ele está feliz com isso ou sem isso. Todos os Seus filhos devem aprender a trabalhar no mundo com a mesma atitude divina de interesse indiferente. Assim como um menino constrói um teatro e depois o desmonta, apenas para se ocupar brincando, o homem deveria manter-se ocupado no mundo, mas ser indiferente a todas as mudanças materiais — até mesmo à destruição de seu trabalho por ordenação divina.

Isto não significa que um homem pobre não deva tentar ser próspero, nem que um homem inquieto não deva tentar ficar calmo, nem que um homem doente não deva tentar ser saudável. Mas o homem deve cuidar do seu corpo e buscar a prosperidade e a saúde mental sem qualquer conseqüente agitação interior violenta. Jesus aconselhou seus seguidores a não se preocuparem com seus corpos e a não se preocuparem com o que deveriam comer ou vestir. Ele sabia que eles deveriam alimentar-se e vestir-se, tal como ele próprio, mas queria que compreendessem que o caminho para a felicidade suprema reside em cumprir os deveres materiais necessários, sem apego.

Somente os tolos levam a vida tão a sério que ficam constantemente magoados. Os sábios consideram a infância, a juventude, a velhice, a vida e a morte como dramas passageiros; portanto, tudo os diverte. Quando alguém se identifica momentaneamente com um quadro trágico, sente-se infeliz; mas quando percebe que é apenas parte de um divertido programa de variedades, ele se sente feliz. Deus quer que o homem contemple as mudanças nas imagens da vida pessoal e mundana como uma espécie de

entretenimento variado. Muitas vezes, no final de um melodrama cheio de enredo, o público sente: “Foi um bom filme!”

O devoto deve compreender que Deus e Seus filhos humanos são o público das apresentações em constante mudança nesta Casa de Cinema Cósmica, mantida para instrução e entretenimento. Assim como um homem se diverte enquanto contempla um quadro cativante e fica especialmente interessado se aprende algo novo, voltando para casa feliz quando o espetáculo termina, assim o homem deve cumprir alegremente tanto seus deveres simples quanto difíceis enquanto estiver na terra, deixando-os com um sorriso quando o drama da vida acabar. Deus cria e observa alegremente Seus espetáculos em constante mudança em diferentes ciclos cósmicos e, quando ocorre a dissolução completa, descansa feliz dentro de Si mesmo. Ele espera que Seus filhos se comportem como Ele.

O Gita adverte repetidamente o homem contra o apego egoísta às cenas mutáveis da vida, uma vez que o apego é a causa raiz de todo o sofrimento humano. Trabalhar por causa de um apego torna-se uma necessidade; e quando essa necessidade não é satisfeita, o homem experimenta miséria.

No entanto, a questão na mente do homem comum é: “Qual é o sentido de trabalhar sem desejo ou apego? Deve ser insípido trabalhar sem incentivo!”

A resposta está na consideração das coisas que fazemos por prazer, sem pensar em ganho ou fama. É muito mais agradável quando alguém faz um jardim de flores e se esforça infinitamente apenas para satisfazer um hobby do que quando é obrigado a cuidar desse jardim para ganhar a vida. Qualquer um pode citar muitas atividades que são realizadas por si mesmas e não por resultados lucrativos. Todos os deveres executados sob o chicote irresistível do desejo material e do apego produzem miséria, mas quando são executados como uma espécie de hobby, sem medo ou anseio por resultados específicos, o incentivo perdura, produzindo puro prazer.

O homem material leva a vida a sério e a torna cheia de preocupações, tristezas e tragédias. O homem divino torna a vida um jogo divertido. O homem infestado de desejos está cheio de altos e baixos mentais e de humores que corroem a mente, enquanto o iogue sem desejos é igualmente

❖

A vida do homem mundano está cheia de preocupações; homem divino torna a vida um jogo divertido

❖

feliz, embora seja ativo de diversas maneiras. Não há desculpa para qualquer homem viver miseravelmente, alheio à sua natureza divina. Se o homem pudesse trabalhar tão felizmente como Deus faz na criação em constante mudança, ele compreenderia todas as suas anomalias como comparáveis à variedade complexa de um filme concebido apenas para entretenimento livre de monotonia. Realizar todas as ações com consciência de Deus neutraliza todas as calamidades internas e externas.

Portanto, assim como o materialista trabalha incansavelmente pelos prazeres dos sentidos, que produzem aflição constante, o iogue trabalha arduamente e incessantemente na meditação, que traz a felicidade suprema. Quando o iogue, trabalhando com leis mais sutis em vez de apegos sensoriais, alcança a unidade com o Espírito, o Senhor então o exorta a continuar a prestar serviço adequado no mundo, livre de desejo e apego, para estabelecer um padrão exemplar de inspiração e encorajamento. de outros.

Como a ação sem ego liberta o iogue das dualidades da natureza e da escravidão do carma

Versículo 27

prakṛteḥ kriyamāṇāni guṇaiḥ karmāṇi sarvaśaḥ
aḥaṁkāravimūḍhātmā kartāham iti manyate

Toda ação é universalmente engendrada pelos atributos (gunas) da Natureza primordial (Prakriti). Um homem cujo Eu está iludido pelo ego pensa: "Eu sou o fazedor".

Um bom monge que sonha ser um homem de negócios ou um vilão, na realidade não se torna assim. Da mesma forma, o homem, filho de Deus,

desempenhando diferentes papéis no drama do sonho divino, não deveria identificar-se com nenhuma das atividades que fazem parte de sua existência mortal temporária.

O egoísta bêbado de ilusão considera-se o autor e executor de suas ações, não sabendo que essas atividades são instigadas pelos atributos da Natureza. A Prakriti Primordial é a causa da existência individualizada do homem e governa, pela operação de leis cósmicas, a sua capacidade de agir e responder ao seu ambiente material.

Deus criou a Natureza. Manifesta os atributos do Criador, mas sob uma camuflagem de ilusão. O homem é o produto do Deus invisível e da Natureza visível; portanto, ele é dual - Espírito puro escondido em um corpo físico e cérebro cujas funções são governadas pelos atributos da Natureza (os três modos de Prakriti - sattva, rajas e tamas - cujo poder ativador atua nos vinte e quatro princípios criativos da Natureza).

Os quatro reinos da criação – homem, animais, plantas e substâncias inorgânicas – possuem ações e reações fixas e características que os diferenciam. Todos são guiados pelos gunas (atributos) da Natureza.

Uma pessoa média vive de sessenta a oitenta anos; seus hábitos físicos e mentais são diferentes daqueles, por exemplo, de um cachorro, que late e abana o rabo e vive apenas uma ou duas décadas; ou de uma sequoia, que está enraizada no solo, mas que pode viver até quatro mil anos.

O homem insiste nas aparentes diferenças entre ele e o resto da criação, ignorando a verdade de que a sua actividade e a de todas as outras manifestações brotam de uma fonte comum. O Espírito individualizado, residindo em todas as formas e trabalhando através dos atributos da Natureza, é o verdadeiro Fazedor.

Ao desligar a mente dos sentidos, o homem pode identificar-se com a sua alma e saber que ela, e não o ego, é a vida consciente no corpo que ativa e sustenta os atributos criativos. Uma qualidade intrínseca da alma é o livre arbítrio; o iogue totalmente iluminado é um homem de livre arbítrio. O homem brutal está preso, quase como um animal, aos seus instintos ou hábitos materiais impensados legados pela Natureza. Quanto mais alto um indivíduo sobe na escala da evolução, mais ele exerce a prerrogativa de sua

alma de livre arbítrio.

Um devoto desperto percebe que todas as suas qualidades humanas são criadas por Deus, iniciadas em seu corpo individualizado por sua alma e governadas pelos atributos confinantes da Natureza; ele, portanto, recusa-se a permitir que seu ego absorto no corpo se considere o executor de ações.

O homem, entretanto, pelo exercício de seu livre arbítrio, cria, errada ou corretamente, um carma pessoal específico que modifica a influência sobre ele do carma ambiental universal ou geral ordenado pela Natureza. Através do seu bom carma, de ações em consonância com a Natureza (vida natural) e da meditação no Deus perfeito, o homem ascende em direção à perfeição; pelas más ações, o egoísta preso ao corpo, desprovido da verdadeira sabedoria, desce e fica preso nas malhas dos desejos materiais.

Cada devoto deve analisar a si mesmo e descobrir se está vivendo de acordo com a influência evolutiva ascendente da Natureza, ou pelos impulsos ainda mais elevados da alma, ou apenas pela sua natureza humana, distorcida pelos efeitos pré-natais e pós-natais de ações malignas que se manifestam através de hábitos, humores e inclinações. Quando o sol da sabedoria irrompe sobre a mente sombria do egoísta, ele percebe que a alma (a única Vida) é a executora de todas as ações, e não sua imprevisível "individualidade". A alma, ou Espírito, é o único ativador dos atributos.

A máquina humana tem muitas partes. O cérebro, o cerebelo e os plexos espinhais são instigadores de diferentes formas de atividade. O nariz, os olhos, os ouvidos e outros órgãos dos sentidos e da ação são instrumentos externos; o cérebro é o veículo dos pensamentos e das faculdades internas. A mente (manas) tem cem expressões; inteligência (buddhi) tem cinco. O clã mental (os Kurus, ou descendentes de Dhritarashtra, a mente cega dos sentidos) inclui ciúme, medo, ódio, ganância, raiva, atração, repulsa, egoísmo, ilusão, dor, prazer, vergonha, inveja, orgulho, arrependimento, preocupação, complacência, esperança, desejo, etc. Calma, controle da energia vital, autocontrole, poder de abster-se de impulsos malignos e poder de agir de acordo com boas inclinações são atributos da inteligência (os Pandus, descendentes de Pandu ou pura inteligência discriminativa) .

Quando o homem é influenciado pelos atributos da mente sensorial, ele

fica suscetível ao prazer e à dor, ao calor e ao frio, e a todas as outras dualidades. Mas quando guiado pela inteligência para as regiões da alma, ele não se vê mais girando nos redemoinhos das relatividades psicológicas, mas seguro na costa da bem-aventurança eterna.

O egoísta, concebendo-se como o executor de ações, transforma o melodrama da vida em uma tragédia. Mas através da meditação profunda ele desperta e percebe que lhe foi atribuído, pelo Diretor Cósmico, um papel específico no palco da vida contemporânea. Ele fica então feliz em desempenhar seu papel, seja ele alegre ou triste, grande ou pequeno.

❖

Os sábios não riem nem choram pelos altos e baixos das dualidades

❖

Alma, mente, corpo, cérebro, sentidos, o mundo, o cosmos – todos são criações do Espírito. O homem sábio, não se concebendo como arquiteto de nada (nem mesmo do seu próprio destino), não ri nem chora nem se perturba com os altos e baixos das dualidades. Um egoísta nunca está satisfeito, seja ele rico, pobre, escriturário ou rei do mundo. Um homem divino é feliz, seja num palácio, numa cabana pobre ou na cela de um monge.

O gatinho indefeso, dependente da mãe gata, fica bastante satisfeito por ser transferido do palácio de um rei para um depósito de carvão. Da mesma forma, um iogue cujo ser está entregue a Deus não se importa se seu papel é o de príncipe ou indigente.

Quando o Senhor Krishna estava entre seus devotos em Brindaban, ele morava perto do rio Yamuna. As gopis (leiteiras devotas) muitas vezes traziam para ele sua comida favorita – coalhada fresca. Certa vez, quando as margens do rio foram inundadas, os devotos, carregados com oferendas de coalhada para Krishna, não conseguiram chegar ao seu Mestre do outro lado do rio. Eles notaram o grande sábio Vyasa sentado perto da margem do rio, seus olhos brilhando com a intoxicação de Krishna. Conhecendo seu poder divino, as gopis solicitaram sua ajuda.

“Você quer dar todo esse queijo para Krishna?” ele perguntou. “E o pobre de mim?” Então eles colocaram a oferenda diante de Vyasa, que comeu e comeu. Os devotos começaram a ficar preocupados; parecia que

pouco restava para Krishna.

Vyasa levantou-se e dirigiu-se ao rio torrencial: “Yamuna, se eu não comi nada, divida e separe!” Aos ouvidos das gopis o pedido soou jocoso. O Yamuna, porém (assim como o Jordão para os israelitas41), imediatamente separou-se em duas paredes de água, com um miraculoso piso de terra seca entre elas. As gopis atônitas entraram no caminho estreito e alcançaram com segurança a outra margem.

Mas eles não encontraram Krishna vindo cumprimentá-los como sempre; ele estava dormindo profundamente. Eles o acordaram; ele olhou para o queijo sem interesse.

“Mestre, qual é o problema?” eles perguntaram. “Você não está com vontade de coalhada hoje?”

Krishna sorriu sonolento. “Oh”, ele respondeu, “aquele sujeito Vyasa, do outro lado do rio, já me alimentou com uma abundância de queijo!”

As gopis compreenderam assim que Vyasa, enquanto comia a coalhada, estava consciente apenas de sua unidade com o onipenetrante Senhor Krishna.

Se os homens pudessem sentir Deus em todas as suas ações, assim como Vyasa, estariam livres do carma universal e individual; eles realizariam atividades guiadas pela sabedoria divina e não pelo egoísmo controlado pela Natureza. Para compreender esta estrofe do Bhagavad Gita é preciso vivê-la na vida cotidiana, pensando em Deus durante o início, a execução e o fim de todas as ações.

VERSÍCULO 28

tattvavit tu mahābāho guṇakarmavibhāgayoḥ
guṇā guṇeṣu vartanta iti matvā na sajjate

Ó (Arjuna) de braços poderosos! o conhecedor da verdade sobre as divisões dos gunas (atributos da Natureza) e suas ações - percebendo que são os gunas como atributos dos sentidos que estão ligados aos gunas como objetos dos sentidos - mantém (seu Eu) desapegado deles.

Assim como Deus está além dos atributos da Natureza e de suas múltiplas atividades, o Eu individualizado refletido por Deus está acima dos sentidos e dos objetos percebidos e cobiçados por eles.

Quando um homem no processo de sonhar toma consciência de que está sonhando, ele não está mais identificado com os fenômenos; ele não é afetado com exultação ou tristeza. Deus sonha conscientemente Seu jogo cósmico e não é afetado por suas dualidades. Um iogue que percebe seu verdadeiro Eu como separado de seus sentidos ativos e de seus objetos nunca se apega a nada. Ele está ciente da natureza onírica do universo e o observa sem se deixar enredar em sua natureza complexa, mas efêmera.

O Bhagavad Gita nesta estrofe reitera o fato de que o conhecedor do Ser (o devoto que alcançou a Auto-realização) é semelhante a Deus em sua atitude perante a vida. Em sua pequena esfera, ele emula o Senhor, que criou e vive em Seu universo ativo sem se apegar às suas inúmeras mudanças e, portanto, está livre de todos os efeitos das ações cósmicas ou dos objetos cósmicos. A explosão furiosa da bomba atômica de uma estrela semelhante ao Sol ou o frio ou o calor do espaço não podem afetar Deus. Um homem absorto no corpo sofre com o humor deprimido ou inflado de seus sentidos, com os extremos do frio e do calor e com os efeitos das catástrofes terrenas. Mas aquele que sabe que sua alma é uma verdadeira imagem do Espírito indestrutível, e que seu corpo e o mundo circundante são aglomerados de energia atômica ou vitaltrônica organizada, não é afetado em sua natureza espiritual mais do que foi Cristo, que disse: “Destrua este templo, e em três dias o levantarei.”42

Os iluminados sabem que estão acima do alcance dos vinte e quatro atributos da Natureza; eles percebem que os sentidos corporais devem agir de acordo com a natureza dos objetos de percepção sensorial que os rodeiam. Visto que todos os sentidos e seus objetos brotam dos atributos da Natureza primordial (Prakriti), um homem de Auto-realização não se considera o executor de qualquer ação e, portanto, não pode estar apegado a nenhum efeito subsequente.

VERSÍCULO 29

prakṛter guṇasaṁmūḍhāḥ sajjante guṇakarmasu
tan akṛtsnavido mandan kṛtsnavin na vicālayet

O iogue de sabedoria perfeita não deve confundir as mentes dos homens que têm compreensão imperfeita. Iludidos pelos atributos da Natureza primordial, os ignorantes devem apegar-se às atividades engendradas por essas gunas.

Pessoas de inteligência estúpida, aquelas que carecem de compreensão aguçada, são inerentemente compelidas pela Natureza a se envolverem no desempenho de deveres materiais. Os seres iluminados não devem perturbar o cumprimento dos deveres materiais por parte de tais pessoas, cuja redenção reside neste estágio evolutivo. Se lhes fosse dito abertamente que abraçassem o princípio do desapego ao mundo, as pessoas não espirituais negligenciariam os seus deveres materiais. Eles cairiam na preguiça, oferecendo suas mentes vazias como oficinas do diabo.

Esta injunção do Gita não significa que um santo não deva despertar as pessoas; eles devem ser gradualmente despertados e instruídos em princípios mais elevados apenas quando estiverem receptivos - quando começarem a se perguntar sobre os mistérios da vida, seja como resultado do pensamento introspectivo ou do infortúnio mundano e da desilusão material.

Depois de ouvirem que o mundo é “falso e sem sentido”, muitos devotos convictos dos deveres materiais ficam compreensivelmente desanimados e muitas vezes degeneram num estado de inércia mental (a qualidade tamas escura). Um materialista que segue o caminho ativo está pelo menos desenvolvendo o segundo atributo ativador de rajas e, portanto, não deve recair nos estratos inferiores das qualidades dos tamas sombrios.

Os sábios, portanto, não devem perturbar a compreensão imperfeita dos estúpidos, para que não cessem as suas atividades - o único meio da sua lenta salvação - e permaneçam indecisos entre o céu e a terra, não seguindo nem o caminho espiritual nem o caminho material progressivo.

O materialista, depois de carregar o fardo dos deveres materiais – sem a compensação da verdadeira felicidade – começa por sua própria vontade a

pensar em cultivar qualidades divinas como a equanimidade e a calma, e assim inicia uma introspecção espontânea. É neste momento que os homens sábios devem se esforçar para elevá-lo aos estratos mais elevados dos bons atributos sattva – discernimento, meditação e realização de ações sem apego.43

VERSÍCULO 30

mayi sarvāṇi karmāṇi saṁnyasyādhyātmacetasā
nirāśīr nirmamo bhūtvā yudhyasva vigatajvaraḥ

Renuncie a Mim todas as atividades! Desprovido de egoísmo e expectativa, com a atenção concentrada na alma, livre de preocupações febris, engaje-se na batalha (da atividade).

Os sinceros buscadores de Deus não renunciam aos verdadeiros deveres ou às atividades adequadas necessárias para desempenhá-los. Eles superam o egoísmo, que torna a pessoa responsável como executor e como receptor de carma bom e ruim. Os verdadeiros devotos sentem que, uma vez que Deus os criou, somente Ele é responsável por todas as suas atividades. Eles trabalham para Deus sem se preocupar, sabendo que é Ele quem está trabalhando através das faculdades de sua alma, conforme sentido nas profundezas da meditação calma.

Os materialistas que se sentem merecedores dos frutos das ações, acreditando egoisticamente na sua própria liderança, criam laços cármicos que os enredam em malhas do bem e do mal. Os iogues, agindo em sintonia com a vontade de Deus e atribuindo a Ele todas as ações e seus frutos, tornam Deus responsável. No desempenho dos deveres mundanos e divinos, os iogues permanecem desapegados e livres.

As ações dos homens egoístas surgem de desejos nascidos das esperanças do ego. O homem divino não trabalha de acordo com os ditames do egoísmo nem de acordo com os desejos egoístas; ele é desprovido de "eu-ismo", da ideia de "eu sou o fazedor". Como está trabalhando para Deus, ele não tem desejos individuais, nem espera atingir qualquer objetivo

material.

O Gita enfatiza a renúncia, tantas vezes repetida! da consciência do ego, das esperanças materiais e dos desejos, porque estes renovam as raízes dos anseios cancerosos que devoram a paz da alma. As raízes dos desejos não realizados e das expectativas frustradas brotam em preocupações e reencarnações que causam miséria.

❖

Vença os desejos inspirados pelo ego; desfrute do Ser calmo e feliz

❖

O homem iluminado realiza ações para agradar a Deus, conhecido por ele como único Criador e Gênese de todas as atividades, e sintoniza-se com os desejos de Deus, que o orienta para suas próprias atividades. Ele não tenta frustrar o plano divino por vontade egoísta, nem impedir o seu cumprimento pela inação.

O verdadeiro devoto diz: “Senhor, conduza meu barco de atividade e meditação até a costa de Tua presença”. Assim como os homens abandonam todas as atividades físicas e mentais todas as noites para desfrutar o prazer do sono, o iogue renuncia a todo desejo pelos frutos de suas atividades diárias para desfrutar o êxtase da sintonização com Deus. Sem vencer as expectativas e desejos inspirados pelo ego, o devoto não pode desfrutar a consciência do Ser calmo e bem-aventurado, como é sentido na meditação de Kriya Yoga, na qual toda a consciência material é automaticamente dissolvida na união da alma e do Espírito. O homem material é um ego, mais preocupações; o homem divino é uma alma calma, mais a alegria eterna do Espírito.

O iogue não apenas abandona o egoísmo durante a união total (yoga) da mente com a Bem-aventurança na meditação, mas também durante a atividade normal de vigília. No mais elevado estado de êxtase, o iogue pode permanecer unido ao Espírito, mesmo enquanto trabalha com a mente e o corpo para executar o plano divino. Ao envolver-se com a consciência divina em todas as suas atividades, o devoto fica livre de limitações egoístas durante a vigília, assim como o homem comum durante o sono.

O Senhor não pede ao homem que fique sem ambição divina, desejos divinos ou atividades divinas que levem à libertação, mas sim que pare de

trabalhar sob a influência do ego manipulador, que lança a alma repetidas vezes, indefinidamente, em poços de reencarnações. .

A consciência cósmica macrocósmica do Senhor guia toda a criação e suas atividades; não se deve interferir nesse ritmo divino libertador seguindo os conselhos obscuros do egoísmo. Abandonando todos os motivos, expectativas e objetivos egoístas, o devoto deve realizar a sua unidade com Deus, realizando todas as atividades ditadas pela sua percepção intuitiva da Divindade.

ATITUDE CORRETA EM RELAÇÃO AO GUIA ESPIRITUAL E AO SADHANA

VERSÍCULO 31

ye me matam idaṁ nityam anutiṣṭhanti mānavāḥ
śraddhāvanto 'nasūyanto mucyante te 'pi karmabhiḥ

Homens cheios de devoção, que praticam incessantemente Meus preceitos, sem encontrar falhas, eles também se libertam de todo carma.

Tendo dado conselhos elevados sobre os requisitos da ação não vinculativa para a obtenção da salvação, o Senhor agora assegura ao devoto que mesmo que suas ações não atinjam imediatamente esse padrão, ele, no entanto, abrirá seu caminho para a liberdade se seguir um sadhana prescrito com a atitude correta – a qualidade primogênita do progresso espiritual. Deus conta generosamente os méritos do coração e dos esforços do devoto!

Os seguidores nominais, carentes de devoção, tendem a justificar a sua incompreensão criticando as medidas disciplinares ditadas pela sabedoria e prescritas por um verdadeiro guru. Eles erram o objetivo. A devoção total ajuda a incutir maior esforço no aluno; acelera seu ritmo espiritual e esclarece sua visão do cume espiritual. Em vez de encontrar falhas no guru ou no caminho, o poder analítico do devoto deveria ser usado para descobrir

suas próprias falhas psicológicas ocultas.

Não julgue os outros, julgue a si mesmo. Condenar os outros faz com que o homem se esqueça de suas próprias falhas, que, portanto, florescem sem serem repreendidas. Muitas pessoas escondem suas próprias falhas graves por trás de um espírito crítico; eles podem criticar o temperamento dos outros e ignorar a sua própria ira violenta! Eles não suportam a dolorosa operação de serem eles próprios corrigidos.

Tais pessoas gastam a sua energia e inteligência em superficialidades e por isso não têm tempo nem vitalidade para se concentrarem no essencial. Uma pessoa crítica, por exemplo, pode apontar as repetições nas palestras ou escritos de um guru, ou num tratado bíblico, e concentrar-se nelas com tal zelo que nunca percebe ou aproveita as verdades colossais expressas nessas repetições. De que outra forma, senão pela repetição, a verdade pode infiltrar-se nas noções fixas do intelecto humano! O próprio Gita é um paradigma de repetição, mas nunca redundante!

Poderia um canadense, por exemplo, chegar a Nova York se demorasse para sempre, criticando todos os modos, veículos e caminhos que levam a essa cidade, e nunca depositando fé em qualquer método de viagem? Para chegar a Deus, o devoto deve ouvir um verdadeiro guru que seja capaz de fornecer uma técnica comprovada pelo tempo, como o Kriya Yoga, e com total devoção e espírito acrítico deve segui-lo e praticar o método.

Quando o devoto adota o caminho correto e o segue com a atitude correta, as complicações do bom e do mau carma serão gradualmente destruídas e a liberdade final alcançada. Evite ou descarte dúvidas e críticas como: “Esse método é difícil”; ou “Talvez esteja incorreto”; ou “Pode ser prejudicial”. Se você é um estudante de Auto-Realização, então com total devoção pratique Kriya Yoga, e o aumento da força vital fluindo em direção ao seu cérebro “cauterizará” as sementes de todo o carma bom e ruim que produz a reencarnação, cravadas no cérebro e na mente subconsciente.

A fé no guia espiritual e a lealdade ao sadhana que ele prescreve não é uma licença implícita para cegos guiarem outros cegos. Figuras de culto, elas próprias cegas à verdade, arrancam os olhos da razão aos seus adeptos; líder e acólito acabam caindo no mesmo fosso da ignorância.

Muitas vezes contei a seguinte história para ilustrar esse ponto: Um charlatão fingindo ser um mestre treinou seus seguidores para serem implicitamente obedientes a ele. Um dia, ele sentou-se pomposamente diante de seus discípulos atentos. Erguendo a mão em bênção, ele disse: “Eu lhe mostrarei o caminho para Deus, desde que você siga minhas instruções sem questionar”. (Seus ensinamentos dificilmente sobreviveriam a um escrutínio inteligente!) O professor perguntou: “Você promete, a partir deste momento, me seguir exatamente?” O pronto consentimento surgiu em um coro unido de sua audiência.

Então o professor começou sua instrução: “Sente-se ereto”. Duzentos seguidores imediatamente ecoaram: “Sente-se ereto”. Diante dessa resposta inesperada, o professor olhou em volta e franziu a testa; os discípulos, seguindo exatamente o professor, também olharam em volta e franziram a testa. O professor enojado começou a orar, mas cada palavra sua veio de seus seguidores obedientes. Até uma tosse para limpar a garganta causou uma epidemia de tosse entre o público. Agora a professora estava com raiva. “Quietos, seus idiotas! Não tussa e não me imite.” Mas seus discípulos bem treinados gritaram alegremente: “Quietos, seus tolos! Não tussa e não me imite.”

Não importa o que o professor exasperado disse ou fez, seus incomparáveis discípulos fizeram o mesmo. Esquecendo completamente a sua posição, ele ordenou: “Essa loucura deve parar!” Ele balançou a palma da mão com força com um tapa retumbante na bochecha de um de seu grupo impensado. Inquestionavelmente, duzentos discípulos seguiram o exemplo, dando tapas violentos uns nos outros e em seu mestre.

O professor, agora desesperado para escapar dos autômatos idiotas que ele mesmo criou, fugiu do meio deles. Em sua pressa desatenta, ele pulou em um poço para se esconder. Seus discípulos estúpidos, obedientes até o fim, pularam no poço em cima dele. Todos eles, de fato, “foram para o céu” juntos.

A inteligência mal orientada é um poder perigoso; alheio à verdade, pode levar ao desastre. A inteligência aliada à intuição – a sabedoria divina da alma – pode ser comparada a uma pipa voando alto nos céus com sua

corda segurada habilmente por seu dono. A inteligência divorciada da intuição é como o vôo desordenado de uma pipa cuja corda-guia foi quebrada. O verdadeiro mestre ensina o discípulo a abrir o olho interior da onisciente intuição da alma. O devoto que dá a esse mestre e aos seus ensinamentos a devoção e a lealdade inabalável mencionadas neste verso do Gita tem, portanto, a salvação garantida.

VERSÍCULO 32

ye tvetad abhyasūyanto nanutiṣṭhanti me matam
sarvajñānavimūḍhāṁs tān viddhi naṣṭān acetasaḥ

Mas aqueles que denunciam este Meu ensinamento e não vivem de acordo com ele, totalmente iludidos em relação à verdadeira sabedoria, sabem que, desprovidos de compreensão, estão condenados.

Aqueles que criticam a sabedoria que emana do Espírito (conforme declarado pelas escrituras, pelos santos e pela intuição da alma na comunhão divina), e que vivem vidas desordenadas, encontram todos os caminhos da sabedoria divina fechados para eles. Sem compreensão, os ignorantes seguem o caminho da ruína espiritual.

Os homens que não vivem de acordo com os ditames internos da paz da alma nascida da meditação encontram-se enredados nas percepções sensoriais e nos objetos do olfato, da visão, do som, do paladar e do tato. Assim confusos, eles perdem o verdadeiro senso de direção em direção ao objetivo da vida voltado para Deus.

Muitas pessoas, ridicularizando a possibilidade de um padrão final de verdade, fecharam as suas mentes a todo caminho espiritual de fuga; eles morrem lentamente de fome por falta de nutrição espiritual e, assim, perecem em uma prisão de ignorância criada por eles mesmos. Pensando que o caminho do Autoconhecimento é doloroso ou difícil, aqueles que nunca o percorrem perdem toda a compreensão e paz.

A inteligência é uma força de consciência complexa e sempre

progressiva pela qual os objetos e experiências do mundo fenomênico são analisados e explicados. A inteligência não foi dada ao homem apenas por si mesma, como um instrumento de conhecimento, mas com o propósito de pensamento e ação discriminativos para nutrir a sabedoria da alma. A poderosa força da inteligência é maravilhosamente boa, desde que não seja mal utilizada.

❖

Orientação correta de inteligência, razão e lógica

❖

Ao traçar a evolução da inteligência no homem, descobrimos que ela foi geralmente desenvolvida por si mesma, para satisfazer o orgulho e o sentimento de realização do ego. Apenas alguns sábios descobriram e nutriram conscientemente a intuição produtora de sabedoria que está oculta na expressão da inteligência. A razão carrega consigo o poder de convicção derivado da intuição instintiva nela latente. Se a intuição não estiver desperta e plenamente operante, as conclusões da inteligência racional podem ser errôneas. É assim que, à primeira vista, o raciocínio silogístico calculado matematicamente produz no homem um sentimento de convicção. Mas, a menos que haja um meio de compará-lo com a verdade, a sua possível falácia poderá não ser detectada. O silogismo em si pode ser perfeito na sua adesão às regras da lógica, mas, pelos padrões da verdade, pode ser inútil. Os silogismos que não apenas se conformam corretamente às leis da lógica, mas também inculcam as doutrinas da verdade, são intrinsecamente valiosos para a humanidade.

A verdade perdura, a falsa inteligência desaparece. Livros maravilhosamente fundamentados que são inimigos das leis da verdade podem, por um período no tempo cósmico, atrair o apoio público, mas no final não podem resistir ao teste do tempo. As obras de intelectos poderosos podem ser deslumbrantes aos olhos da imaginação da humanidade, mas se não forem fundamentadas na verdade, serão como fogos de artifício que surpreendem quem vê, mas desaparecem rapidamente.

Gigantes intelectuais, mestres de muitas línguas, verdadeiras bibliotecas ambulantes de conhecimento e filosofia dedutiva, mas desprovidos da ajuda da intuição clara, têm uma inteligência iludida – funcional no plano da

relatividade, mas obstrutiva à sabedoria divina. Conseqüentemente, o desenvolvimento da inteligência não deve ser deixado sem a orientação da intuição. Quanto mais a inteligência se torna complexa, diluída e ampliada pelas racionalizações da ilusão, menor é a sua profundidade e poder de concentração na descoberta da verdadeira natureza das coisas e do próprio Eu. Mas quando, através da meditação e da prática devocional dos ensinamentos divinos, a intuição da alma começa a guiar o desenvolvimento da inteligência, é então que a ilusão, em vez da sabedoria, está condenada à destruição.

Versículos 33–34

sadṛśaṁ ceṣṭate svasyāḥ prakṛter jñānavān api
prakṛtiṁ yānti bhūtāni nigrahaḥ kiṁ kariṣyati (33)

indriyasyendriyasyārthe rāgadveṣau vyavasthitau
tayor na vaśam āgacchet tau hyasya paripanthinau (34)

(33) Até o homem sábio age de acordo com as tendências da sua própria natureza. Todas as criaturas vivas seguem a Natureza; de que pode servir a supressão (superficial)?

(34) O apego e a repulsa dos sentidos pelos seus objetos específicos são ordenados pela Natureza. Cuidado com a influência desta dualidade. Na verdade, estas duas (qualidades psicológicas) são inimigas!

Mesmo um homem sábio – para não falar de indivíduos comuns – encontra os seus sentidos governados pela sua natureza geral, ou tendências inerentes. Ou seja, os sentidos, de acordo com hábitos formados através de ações pré-natais e pós-natais anteriores, sentem atração irresistível por certas coisas e sentem repulsa por outras. O comportamento e o caráter básicos de todos os seres vivos são determinados pelas leis da Natureza, mais especificamente pelo carma em massa, ou pelo princípio universal de causa-efeito. Mas cada homem está adicionalmente sujeito ao seu carma

individual anterior, que determina seus próprios humores, inclinações e hábitos característicos que governam seus pensamentos e ações. Uma supressão superficial, ou a mera restrição dos efeitos externos, não será suficiente para alterar o curso das leis da Natureza.

Visto que o apego e a repulsa aos objetos dos sentidos são o resultado das inclinações cármicas autocriadas pelo homem e são a causa da sua escravidão, estas obstruções duais no caminho da libertação devem ser removidas. O homem deveria ser governado pela sabedoria, e não por humores e hábitos preconceituosos governados pelos ditadores da atração e da repulsa. Torturar os sentidos – como no jejum prolongado para controlar a ganância, ou no deitar-se numa cama de pregos para remover o desejo de um colchão confortável, ou na supressão extrema de fortes inclinações – não trará a libertação dos desejos subjacentes, que são alimentados pela obstinação. impulsos previamente adquiridos.

Todo este universo é governado pelas leis do carma; ninguém pode escapar deles pela força bruta. Somente domesticando gradualmente os sentidos através da experiência sensorial guiada pela sabedoria e pelo autocontrole o homem poderá se libertar da identificação com apegos e repulsões.

Um amante da verdade não deve, em circunstância alguma, imitar o escravo dos sentidos, que não está disposto sequer a lutar pela liberdade. O devoto sincero nunca deve afrouxar seus esforços para superar todos os impulsos de apego ou aversão sensorial.

❖

Compreender como gostos e desgostos influenciam a percepção de alguém

❖

A alma, como imagem perfeita do Espírito, está sempre contente. A pseudoalma ou ego do indivíduo identificado com o corpo nunca está satisfeito. Escravizada pelos apegos e aversões dos sentidos, a mentalidade diversificada do ego não consegue perceber a bem-aventurança incondicionada eclipsada da alma. Para evitar esta calamidade, as inclinações duais naturais, ou criadas pelo hábito, dos sentidos devem ser evitadas, evitando assim um apagão da bem-aventurança divina interior.

O ego olha através dos espetáculos avermelhados-escuros de atração ou

repulsão criados pela Natureza, de modo que tudo parece vermelho e sombrio (as “cores” de rajas e tamas). Ao desviar a visão dos sentidos e de suas limitações naturais, o devoto sábio percebe dentro de sua alma a constante felicidade luminescente.

Aqueles que praticam exercícios espirituais regularmente, mas não profundamente, encontrarão experiências satisfatórias e insatisfatórias. Enquanto meditam no Som Cósmico, podem ouvi-lo claramente e sentir seu poder vibratório e paz; ou podem experimentar pouca ou nenhuma manifestação. Eles podem ver o olho espiritual claramente ou apenas vagamente. De acordo com as experiências do momento, eles alternam entre apego e aversão à meditação. Essa atitude leva a esforços espasmódicos — à meditação profunda após resultados gloriosos e ao relaxamento da atenção quando bons resultados não aparecem.

O devoto sincero não deve ceder a esses desejos retardados e aversões à meditação. É necessária uma consistência ardente no esforço espiritual. Caso contrário, os sentidos muitas vezes imporão a “segunda natureza” dos conflitos sensoriais psicológicos duais que impedem a Auto-realização.

As inclinações “naturais” do homem – isto é, as inclinações nascidas de sua natureza material – são fundamentalmente antinaturais para a percepção da alma. Por esta razão, Jesus salientou que embora seja “natural” que os homens procurem o pão e os objectivos terrenos, os sábios procuram primeiro o reino verdadeiramente nativo da felicidade espiritual. “E não procureis o que haveis de comer ou o que haveis de beber, nem tenhais dúvidas. Porque todas estas coisas as nações do mundo procuram; e vosso Pai sabe que necessitais destas coisas. Antes, buscai o reino de Deus; e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”44

Versículo 35

śreyān svadharmo viguṇaḥ paradharmāt svanuṣṭhitāt
svadharme nidhanaṁ śreyaḥ paradharmo bhayāvahaḥ

O dever próprio (svadharma), embora deficiente em qualidade, é superior ao dever que não seja o nosso (paradharma), embora bem cumprido. Melhor é morrer em svadharma; paradharma está repleto de medo e perigo.

A primeira e mais elevada obrigação do homem é seguir os princípios e ações corretas pertinentes ao desenvolvimento do Ser (Sva). Mesmo que alguém esteja atualmente desprovido de qualificações adequadas para o desempenho perfeito dos deveres divinos, é muito melhor morrer com o bom carma do esforço espiritual que o aproxima mais de seu objetivo do que passar a vida em escravidão egoísta a deveres (para) opostos que são impostas ao homem pela Natureza e que, portanto, atendem às satisfações sensoriais. Não importa quão bem alcançados, os objetivos materiais, ao contrário das realizações espirituais, estão repletos de decepções e tristezas inevitáveis – todos os medos e perigos inerentes a uma vida vivida na ignorância do verdadeiro Eu.

Uma interpretação óbvia e prática deste versículo é que a pessoa deve analisar o seu impulso interior contínuo, ou consultar um guru divino, para diagnosticar os seus impulsos cármicos passados, para descobrir a vida para a qual está mais adequada. Esse caminho lhe trará uma satisfação mais duradoura do que o desempenho de deveres talvez mais nobres para os quais ele não está preparado, mesmo que acompanhado de um sucesso momentâneo.

A comparação dos deveres mais simples de alguém com os deveres colossais de outrem não é sábia, pois alguém pode ser tentado a abandonar seus próprios deveres que se desenvolvem por si mesmo e tentar, sem sucesso, adotar deveres difíceis de outros para os quais está mal preparado, e assim perder em todos os aspectos. caminho.

É claro que se deve tentar melhorar a sua condição cármica (os efeitos acumulados de ações passadas) em vez de se render passivamente a um “destino” mau. Mas não se deve fugir dos deveres carmicamente impostos que colocam diante de si lições que são essenciais para o seu autodesenvolvimento. Os esquivos apenas atrasam e multiplicam as consequências inevitáveis do comportamento ilusório, que só podem ser

neutralizadas pela ação obediente, pela sabedoria e pelo contato com Deus.

Com base nesta interpretação geral, este versículo é frequentemente citado em apoio aos deveres atribuídos ao homem de acordo com a sua casta. É válido na medida em que “casta” é entendida como as propensões naturais de auto-evolução do homem (como discutido em II:31 e III:24), e não como as circunscrições da sua herança de classe no nascimento.

❖

Significado mais profundo de svadharma – o dever natural de alguém

❖

O significado mais profundo deste versículo, entretanto, é que svadharma (“dever da alma”) significa o dever espiritual necessário para a realização do Ser (Sva). Pará, em paradharma, significa “oposto; outro (diferente de si mesmo); inimigo ou adversário.” Aquilo que é oposto e inimigo do verdadeiro Eu ou alma é o ego identificado pelos sentidos. O Senhor conclama o devoto a dizer que é melhor morrer tentando desenvolver-se espiritualmente, mesmo que os resultados não sejam imediatos ou espetaculares, do que seguir a vida momentaneamente alegre dos sentidos (ganância, avareza, apego, desejo egoísta por nome e fama - o inimigos revoltantes da verdadeira felicidade do homem).

Ele é um ser superior, embora permaneça despercebido e desconhecido, que segue as virtudes simples da vida e o caminho da meditação calma que lenta mas firmemente revela a alma, em comparação com alguém que persegue deveres mundanos espetaculares e bem executados, atendendo aos sentidos, ou que desempenha deveres religiosos cerimoniais superficiais. É melhor levar uma vida tranquila, iluminada pela meditação diária, do que seguir a vida sensual mundana que parece atraente e envolvente por um tempo, mas que no final se mostra fatal para a realização da alma.

A consciência da alma, a verdadeira substância do Ser, é a Bem-aventurança individualizada, sempre existente, sempre consciente e sempre nova. A pseudoalma, ego ou ahamkara, é identificada com vinte e quatro atributos sempre mutáveis da Natureza. A natureza do Ser, que percebe o Espírito, é bem-aventurança; a natureza do ego e dos sentidos, manifestando os atributos da Natureza, é uma excitação em constante mudança. O homem deveria concentrar-se na imutável bem-aventurança divina da alma e não

nas percepções mutantes e ignorantes dos sentidos inimigos.

A neutralização na meditação Kriya Yoga das qualidades boas, más e ativadoras da Natureza harmoniza os atributos naturais do homem. Ele então manifesta o verdadeiro Eu, além dos emaranhados das três qualidades e de seus vinte e quatro atributos.

Devido ao movimento da mente em todas as direções, a meditação é difícil para o iniciante. No entanto, esforçar-se laboriosamente para alcançar a bem-aventurança é muito superior a obter rápida e facilmente os prazeres dos sentidos. Quando o caminho difícil é seguido persistentemente, o devoto acabará por ter sucesso. Através da meditação extática ele pode então elevar-se acima de todas as limitações corporais para a bem-aventurança infinita – um resultado muito melhor para o homem do que uma viagem indefinidamente prolongada na perigosa roda gigante de nascimentos e mortes.

Conquistando a dupla paixão, desejo e raiva

Versículo 36

arjuna pegou
atha kena prayukto ’yaṁ pāpaṁ carati pūruṣaḥ
anicchannapi vārṣṇeya balādiva niyojitaḥ

Arjuna disse:

Ó Varshneya45 (Krishna), por que o homem é impelido, mesmo contra a sua vontade, a praticar o mal – compelido, ao que parece, pela força?

Todo homem às vezes experimenta um estado peculiar: mesmo quando se esforça para uma ação virtuosa, parece ser arrastado para a tentação, quase à força.

O empresário que tenta conduzir um negócio honesto e encontra comerciantes desonestos mais prósperos do que ele, é muitas vezes tão fortemente tentado a seguir o exemplo deles que diz que é “forçado” a fazê-

lo.

Muitos moralistas que tentam controlar o impulso mental e físico mais forte criado pela Natureza – o impulso sexual – descobrem que a sua mente é levada, aparentemente automaticamente, a pensamentos e desejos sexuais, e aos consequentes actos sexuais ilícitos.

A atração por sabores e odores agradáveis, ou mesmo pela beleza, arte e música, pode atrair prejudicialmente o asceta estrito que deseja elevar-se acima deles e concentrar-se no autocontrole.

Durante a meditação e prática de Kriya Yoga, o devoto encontra sua mente concentrada no olho espiritual e na alegria do Ser, além dos emaranhados de sensações e pensamentos, sem outro desejo senão permanecer trancado nessa paz. De repente, sem aviso, ele descobre que foi arrastado para baixo, por assim dizer, por alguma força misteriosa – jogado num lamaçal de inquietação e na consciência sombria das sensações corporais. Em vez de permanecer na percepção imóvel da alma abençoada, ele parece impelido a abandonar esse estado e a entregar-se a atividades sensório-motoras que agravam a consciência corporal.

O homem de negócios, o moralista, o asceta e o devoto fazem, portanto, a pergunta comum, introspectivamente: “Por que é que sou compelido, como que pela força, e contra a minha resistência ao desejo, a cometer erros em pensamento e ação?”

O desempenho repetido de ações boas ou más forma bons ou maus hábitos. Os hábitos são máquinas psicológicas automáticas que permitem ao homem realizar ações sem esforço consciente. Ser capaz de realizar boas ações sob a influência convincente do hábito é benéfico, porque bons hábitos facilitam a realização de boas ações. A máquina psicológica de um bom hábito pode criar boas atividades através da produção em massa. Sem o poder automático de um hábito digno, um novo e difícil esforço tem de ser feito cada vez que alguém se esforça para realizar uma boa ação.

Segue-se, então, que o devoto nunca deve formar qualquer mau hábito, para que não escravize a sua vontade. Usar o poder mecânico de um hábito para praticar atos indesejáveis é usar mal esta lei da mente dada por Deus: “A facilidade vem com a repetição”. Esta lei deve ser usada apenas para

facilitar a realização de boas obras. Os maus hábitos são destrutivos para a saúde, a moralidade e a paz interior. Comer demais, por exemplo, ou o excesso de qualquer sentido sob o feitiço do hábito da ganância, causa doenças físicas, saciedade mental ou infelicidade interior.

De acordo com seu treinamento, um papagaio repetirá um nome sagrado ou um epíteto vil, a qualquer hora e em qualquer lugar. Portanto, o pássaro deve ser ensinado a pronunciar apenas palavras boas, caso contrário, haverá momentos embaraçosos antes de selecionar companhia! Um mau hábito, como um papagaio mal ensinado, repete o mal contra a vontade de alguém a qualquer momento, em qualquer lugar – e traz humilhação e miséria.

Com relação à pergunta de Arjuna a Krishna, pode-se dizer que as pessoas usam mal o poder coercitivo do hábito para praticar o mal, enquanto deveriam usar essa força apenas para realizar o bem. A ignorância, a falta de vigilância, a falta de discrição na escolha das ações corretas e o descuido na escolha dos amigos adequados muitas vezes prendem a pessoa numa areia movediça de maus hábitos que a arrastam contra a sua vontade. A influência da associação constante é geralmente mais forte do que a do julgamento ou da força de vontade. Boa ou má companhia é mais potente do que a resistência interior. O devoto que percebeu esse fato pode ser levado a perguntar: “Por que é que, Senhor, é que os santos agem com tanta nobreza com tanta facilidade, enquanto as pessoas iníquas parecem ser forçadas a agir com maldade?”

Uma pessoa é livre para escolher entre boas e más ações antes que suas inclinações se solidifiquem em hábitos. Depois que ele se acostuma com o bem ou o mal, ele não é mais livre.

“As diminutas cadeias do hábito raramente são pesadas o suficiente para serem sentidas, até que se tornem fortes demais para serem quebradas.”46 Algumas pessoas formam hábitos com mais facilidade do que outras. Uma pessoa que está desanimada, fraca ou com deficiência mental cairá facilmente em maus hábitos. Na mente subconsciente de um idiota, por exemplo, o ato de fumar pode formar a semente de um hábito. Mesmo um devoto que não é facilmente influenciado deve proteger-se contra a criação inconsciente de maus hábitos. Se ele já foi envenenado por um mau hábito,

deve curar-se usando continuamente o antídoto das boas ações, dos bons hábitos e da boa companhia. Estranho é! muitas vezes uma pessoa – mesmo quando detesta suas próprias ações – se vê entregando-se à raiva, à luxúria, à prevaricação, à desonestidade, à alimentação excessiva, à preguiça, à vida desordenada e assim por diante, devido à criação descuidada de maus hábitos.

Os maus hábitos de vidas passadas aparecem como humores fortes e inclinações semelhantes às de um polvo, cujos tentáculos são fortalecidos por más companhias e ações impensadas. As tendências erradas devem ser restringidas pela busca do homem de boa companhia e pela prática do autodomínio; e ele deveria consumir totalmente esses males com o fogo da discriminação e da meditação.

VERSÍCULO 37

śrībhagavan uvāka
kama eṣa krodha eṣa rajoguṇasamudbhavaḥ
mahāśano mahāpāpmā viddhyenam iha vairiṇam

O Bendito Senhor disse:

Nascido do atributo ativador da Natureza (rajo-guna), é desejo, é raiva (essa é a força impulsora) - cheio de desejo insaciável e grande mal: saiba que isto (paixão bilateral) é o pior inimigo aqui na terra.

Embora o hábito seja a força automática que impele o homem a agir mesmo contra a sua vontade (ver III:36), a causa raiz da ação compulsiva é a dupla ilusória do desejo, instigada pela Natureza, e seu corolário de raiva, ou desejo frustrado. Os desejos são fios de seda de prazeres materiais que a aranha do hábito tece continuamente ao redor da alma para formar o casulo da ignorância. A alma deve conseguir romper esse casulo sufocante de ignorância para ressurgir como a borboleta da onipresença. O desejo voraz e a frustração surgem da qualidade ativadora da Natureza, que gera variedade e sedução ilimitadas, estimulando o homem a ações indiscriminadas e

formadoras de hábitos. Uma vez que este par prende o homem a um mundo de ilusões e destrói completamente a sua capacidade de recordar a sua verdadeira natureza onipresente de bem-aventurança divina que tudo satisfaz, não pode haver inimigo mais cruel do que este.

❖

Como o desejo e a raiva prendem o homem ao mundo das ilusões

❖

A alma do homem, identificada com a existência física condicionada, esquece a sua herança divina de bem-aventurança incondicional e todo-realizadora e, como ego, começa a caminhar em direção a uma miragem mutável e sempre recuada de desejos. Logo o homem arde de sede de insatisfação. O desejo obstruído então se volta em busca de apoio para seu feio companheiro-irmão que chamamos de raiva.47 Quanto mais alguém viaja com desejo não realizado através do deserto da ilusão (maya), mais aguda é sua sede por novos oásis de realização. Infeliz, desiludido, zangado, insatisfeito, ele é abrasado por um calor de concupiscências intermináveis.

Assolado por desejos ilusórios, o homem se afasta cada vez mais do paraíso feliz interior. Ele tenta cruzar as intermináveis areias sempre ardentes da insatisfação, buscando águas de felicidade nas terras devastadas dos anseios áridos, em vez de no poço da paz que pode ser descoberto pela meditação.

Tanto os desejos materiais quanto a raiva são criados pelo homem enquanto ele está encarnado na Terra, trabalhando sob a influência ativadora da qualidade rajas da natureza. Esta qualidade ativadora produz no homem o desejo de uma mudança pulsante. A alma, tendo descido da esfera da calma invariável aos sentidos, torna-se febrilmente ativa com desejos, raiva e hábitos decorrentes de ações, e assim se identifica com o corpo, a mente flutuante, o ambiente material, os humores e as inclinações herdadas. do passado ou adquirido recentemente.

A própria alma é uma felicidade imóvel e imutável. Mas uma vez que o homem tenha vagado voluntariamente pelos atributos ativadores (rajo-guna), ele se torna o ego, e continua girando, rodopiando, lutando cegamente num turbilhão de desejos em constante rotação. O devoto sábio não abandonará seu oásis interior de equilíbrio espiritual em direção ao

turbilhão de mudanças destrutivas.

A matéria é, na melhor das hipóteses, imperfeita, sendo apenas a sombra do Espírito. As vibrações materiais em constante mutação nunca poderão refletir a bem-aventurança imutável do Espírito. É somente olhando além da alternância da luz pálida do bem e da escuridão do mal que se contempla o Sol Divino.

O desejo e a raiva nunca podem ser apaziguados pela realização, nem mesmo pelo controle de toda a matéria. Todo desejo material afasta o homem da felicidade, atrasando sua tarefa de encontrar o caminho de volta ao seu estado nativo de paz absoluta. O anseio insatisfeito do desejo e o anseio obstruído da raiva, portanto, são desastrosamente inimigos da recuperação da bem-aventurança. O Senhor Krishna adverte que esta dupla força é o grande inimigo do homem.

ॐ

O Senhor Krishna viajou para a capital dos Kurus para tentar uma reconciliação pacífica pela última vez antes do início da guerra. Ele ofereceu a solução de que um acordo equitativo seria devolver metade do reino aos Pandavas. O avarento Duryodhana rejeitou esta sugestão - apesar das súplicas de seus pais, o rei Dhritarashtra e a rainha Gandhari (centro), seus professores Drona (sentado à esquerda do trono, com seu filho Ashvatthaman em pé atrás) e Kripa (em pé, na extrema esquerda), e seu avô Bhishma (em pé, em primeiro plano à esquerda). Encorajado por Duhshasana e seus outros malvados irmãos Kuru (à direita), Duryodhana gritou: "Não devolverei uma aldeia; Não devolverei um centímetro do reino; Não devolverei tanta terra quanto couber na ponta de uma agulha!"

"Duryodhana representa o Desejo Material... que exerce poder sobre todas as outras inclinações sensoriais do reino corporal... O desejo material é extremamente poderoso, pois é o rei e líder de todos os prazeres mundanos, e é a causa e perpetrador de todos os prazeres mundanos. a batalha contra a reivindicação legítima da alma ao reino corporal".

"O desejo materialista coercitivo é o instigador dos pensamentos e ações erradas do homem. Interagindo com as outras forças que obstruem a natureza divina do homem – influenciando e sendo influenciado por elas – o desejo lascivo é o inimigo consumado. O exemplo perfeito é Duryodhana, cuja relutância em abrir mão de um centímetro de território sensorial ou prazer foi a causa da guerra de Kurukshetra. Somente pouco a pouco, com feroz determinação na batalha, os Pandavas poderiam reconquistar seu reino."

—Paramahansa Yogananda

Versículo 38

dhūmenāvriyate vahnir yathādarśo malena ca
yatholbenāvṛto garbhas tathā tenedam āvṛtam

Assim como o fogo é obscurecido pela fumaça, como um espelho pela poeira, como um embrião é envolvido pelo útero, assim ela (sabedoria) é coberta por isso (desejo).

A bem-aventurada natureza-sabedoria da alma é envolvida e obscurecida pela força impulsora e muitas vezes colérica do desejo naquele cuja consciência é identificada com os atributos da Natureza. Pela influência

dominante das três qualidades (triguna) da Natureza através das quais o desejo se expressa, a ocultação da sabedoria da alma bem-aventurada é de vários graus, comparável às coberturas progressivamente mais grosseiras produzidas pela fumaça, pela poeira e pela densidade do útero.

A alma está obscurecida por qualquer relatividade, seja dos modos bom, ativo ou mau da Natureza. Influenciada pelos atributos ambientais, a alma sucumbe ao desejo e adota as formas da Natureza. Quando a natureza pura da alma está escondida atrás de atributos sáttvicos (bons) – como um fogo é coberto pela fumaça – a cortina de fumaça é facilmente dispersada por uma forte brisa de discriminação. Mesmo através desta tela, a felicidade deslumbrante da alma pode ser levemente percebida, embora de forma distorcida. O devoto olha além dos bons atributos, distinguindo sua palidez do brilho da alma. A bondade proporciona uma felicidade mental semipermanente, mas a realização da alma proporciona uma felicidade interminável e imutável.

Quando as qualidades rajásicas (ativadoras) obscurecem o esplendor da alma – como a poeira obscurece um espelho – é necessário o pano do esforço correto e contínuo para limpar a cobertura sempre cumulativa de atividades egoístas e produtoras de desejo. Em outras palavras, é mais difícil remover da alma a espessa camada rajásica de desejos inquietos, ativos e egoístas do que dispersar a fumaça das qualidades sáttvicas.

Quando os atributos tamásicos (malignos) são primordiais, a alma fica tão dificultada, obscurecida e oculta como um embrião no útero. É muito difícil libertá-lo dos desejos das qualidades tamásicas da ignorância e da preguiça.

VERSÍCULO 39

āvṛtaṁ jñānam etena jñānino nityavairiṇā
kāmarūpeṇa kaunteya duṣpūreṇānalena ca

Ó Filho de Kunti (Arjuna)! o inimigo constante dos homens sábios é a chama insaciável do desejo, pela qual a sabedoria é ocultada.

A madeira sustenta o fogo; a chama desaparece com o esgotamento do combustível. Da mesma forma, os prazeres dos sentidos sustentam o fogo dos desejos materiais que escondem qualquer visão da alma. Quando um prazer sensorial se esgota, o fogo do desejo cessa por um momento. Mas, devido à falta de conhecimento da natureza dos desejos inflamáveis, o homem tolo logo acrescenta mais combustível à indulgência dos sentidos; o fogo violento continua a obscurecer a sabedoria. Enquanto tal estupidez persistir, o homem nunca encontrará a paz da satisfação duradoura; ele acorda momentaneamente para esse fato apenas quando seus anseios são frustrados. Ele não percebe o poder consumidor dos desejos porque seu senso de discriminação está paralisado. Assim, o desejo é o companheiro bem-vindo do homem tolo; o homem sábio sabe que o desejo é um inimigo implacável.

Existem dois tipos de homens sábios. Raro na terra é o homem totalmente libertado; percebendo que tudo é Espírito, ele se torna um com o Infinito. Tal ser manifesta esta unidade divina através do autodomínio completo. Ele pode, à vontade, transferir sua força vital e consciência da matéria, dos sentidos, dos nervos sensoriais e motores, dos músculos, do coração, da coluna e dos sete centros sutis cerebroespinhais para o Espírito. Embora permaneça imutávelmente estabelecido nesta união divina, ele pode devolver a vida e a consciência ao corpo, de modo que ande, trabalhe e medite a partir desse plano de sabedoria, mas permanece intocado interiormente por qualquer circunscrição ou ilusão da Natureza.

O segundo tipo é aquele que, depois de perceber a sua unidade com o Espírito, centra então a sua consciência no olho espiritual. Ele trabalha através do plano do terceiro olho, no qual ainda está parcialmente identificado com os fenômenos psicológicos e sensoriais de seu corpo. Os homens sábios desta classe estão ocasionalmente sujeitos às chamas dos desejos inimigos, que dificultam a sabedoria, mas nunca deixam de reconhecê-los e frustrá-los, devido à constante vigilância da introspecção interior.

O homem liberado transcende a consciência corporal e trabalha a partir do Espírito. O sábio parcialmente elevado trabalha através do seu

discernimento e da orientação intuitiva recebida da concentração no seu olho espiritual. Mas a mente e as atividades vitais do homem mundano estão centradas nos centros lombar, sacro e coccígeo, que são identificados com os sentidos grosseiros e os desejos materiais. Portanto, o devoto deve sempre se esforçar para manter sua mente concentrada não nos centros do paladar, do tato, da visão, do olfato ou da audição, mas na testa – a sede do olho espiritual e do discernimento que capacita o autocontrole.

O materialista é identificado com a superfície do corpo e é incitado à ação pelas tentações dos sentidos. O homem sábio observa e governa os processos mentais com discriminação e autocontrole. O homem sensual não percebe o poder destrutivo dos desejos; ele os abraça e é consumido por eles, como um inseto que se queima pela atração por uma chama. O devoto pensante e vigilante fica consciente sempre que uma leve centelha de desejo malévolo começa a se espalhar nas enormes árvores da sabedoria interior; ele apaga o fogo do desejo em sua primeira centelha tentadora.

VERSÍCULO 40

indriyāṇi mano buddhir asyādhiṣṭhānam ucyate
etair vimohayatyeṣa jñānam āvṛtya dehinam

Diz-se que os sentidos, a mente e o intelecto são a formidável fortaleza do desejo; através deles, o desejo ilude a alma encarnada, eclipsando sua sabedoria.

A alma bem-aventurada é a sabedoria perfeita, conhecendo todas as coisas pela intuição – percepção direta sem qualquer intermediário instrumental. Em sua consciência corporificada, entretanto, a alma trabalha através dos instrumentos dos sentidos, da mente e do intelecto. Estes fornecem o meio de troca entre a alma que percebe e seu invólucro corporal e os objetos de seu ambiente externo. O contato dos sentidos com os objetos dos sentidos é possibilitado pela operação da mente, que recebe as impressões que chegam e retransmite os impulsos que saem. Estes são reconhecidos, interpretados e guiados pela ação do intelecto. O resultado desta comunicação entre a alma

e a matéria é um prazer e um apego que desperta um sentimento responsivo – o desejo. A excitação do desejo faz com que a consciência se torne cada vez mais dependente e identificada com os instrumentos grosseiros de percepção e expressão. Desta forma, o desejo ilude a consciência externa da alma, obscurecendo a sua expressão de sabedoria, derivada da percepção direta da verdade, com meras concepções inferenciais nascidas das forças interagentes da Natureza. Com o apoio da consciência iludida (a pseudoalma ou ego), o desejo torna-se firmemente arraigado nos sentidos, na mente e no intelecto. Encontra nestes instrumentos uma cidadela perfeita onde pode reinar e exercer o seu poder em autoridade totalitária em todo o reino corporal e nas suas actividades.

❖

Intelecto, mente e sentidos – um receptáculo trino para o desejo

❖

Os cinco instrumentos de ação (fala, mãos e pés, músculos retais e genitais) e os cinco instrumentos de conhecimento (visão, audição, olfato, paladar e tato) são manipulados pelos poderes sutis dos sentidos. Atos psicológicos de percepção, cognição, meditação, determinação, autocontrole e assim por diante são realizados pela mente e pelo intelecto. O intelecto, a mente e os sentidos, sendo instrumentos da Natureza, são um receptáculo trino para o desejo, o resultado do desfrute da Natureza. A sabedoria, em maior ou menor grau de acordo com a densidade com que é velada pelas forças da Natureza, também se manifesta através destes três. Desejo e sabedoria lutam constantemente dentro deste castelo. Os desejos materiais devem ser expulsos da fortaleza interior dos sentidos, da mente, do intelecto e da sabedoria ali estabelecida.

A experiência meditativa revela que o desejo não pode exercer a sua influência para além do olho espiritual de concentração centrado na testa, porque os pensamentos se dissolvem na sua poderosa luz; a sabedoria divina, porém, cuja fonte está na alma, eleva-se além do olho interior e através dos centros cerebrais até o infinito, contornando todas as limitações corporais.

Quando o devoto se concentra nos raios de sabedoria semelhantes aos do sol, o poder resultante desdobra as oniscientes e onipresentes pétalas de

lótus da alma. O desejo, por outro lado, obscurece a visão interior com um véu escuro de ignorância. Na luz interior que tudo permeia, o iogue contempla com igual clareza o território ilimitado da Consciência Cósmica e os confinamentos da ilusão cósmica. Quando a mente, o intelecto e os sentidos estão molhados com as águas dos desejos materiais, então, como palitos de fósforo encharcados de água, eles deixam de produzir a centelha de sabedoria quando solicitados pela luz. A alma fica então obscurecida pela escuridão dos desejos e não emite nenhuma iluminação exterior.

No estado inicial, durante a meditação e posteriormente na execução das atividades, o iogue ainda está absorto na consciência do corpo e da matéria e não percebe o raio cósmico do qual eles emanam. Com os olhos abertos o iogue neófito percebe as vibrações materiais, e com os olhos fechados ele contempla a escuridão (ausência de vibrações materiais); portanto, em ambos os estados ele está sob o feitiço da ilusão.

Mas quando o iogue avançado medita profundamente com os olhos fechados e dissolve suas percepções sensoriais e pensamentos em pura experiência intuitiva, ele é capaz de contemplar o sol áurico surgindo da escuridão circundante. Com esta chama meditativa de sabedoria, o devoto pode evitar novos desejos e "cauterizar" seus desejos pré-natais e pós-natais habituais. Quando o véu da ilusão é removido por esta meditação profunda, ele se vê não como um corpo, mas como um ser onipresente. No despertar extático, o sonho corporal sombrio da alma desaparece à medida que a alma percebe sua unidade com o Espírito onipresente. A alma desperta, encontrando dentro de si a absoluta completude do Espírito, ri dos seus desejos ridículos de encarnações em que tantas vezes o Eu, um príncipe do infinito, se fez passar por um mendigo mortal.

Versículo 41

tasmāt tvam indriyāṇyādau niyamya bharatarṣabha
pāpmānaṁ prajahi hyenaṁ jñānavijñānanāśanam

Portanto, ó Melhor da Dinastia Bharata (Arjuna)!48 primeiro disciplina os sentidos, depois destrói o desejo, o pecaminoso aniquilador da sabedoria e da Auto-realização.

Os atos sensoriais criam hábitos sensoriais. Os hábitos sensoriais criam desejos sensoriais. Os desejos dos sentidos criam atos dos sentidos. Este círculo vicioso deve ser evitado. Portanto, os atos temporariamente encantadores de satisfazer os sentidos devem ser interrompidos, primeiro discriminando e afastando-se dos objetos da tentação e, em seguida, usando o fogo da sabedoria para destruir as tendências internas à tentação.

O devoto autodisciplinado que não se escraviza às exigências desordenadas, por exemplo, do seu servo gustativo, o apetite, descobre que o seu desejo por comida permanece normal, obediente à sua sabedoria. Mas se ele se entrega a um desejo constante de comer, é criado um estado antinatural, no qual o desejo maligno é repetidamente alimentado por novos atos de engolir comida avidamente.

Quanto maior for a indulgência sensorial, mais urgente e crescente será o desejo de atender aos sentidos. À medida que os desejos dos sentidos aumentam, como ervas daninhas tenazes, eles sufocam o crescimento das ervas curativas da discriminação e da Auto-realização nascida da meditação. A matéria existe fora; Espírito interior – o primeiro existe em oposição ao último. À medida que aumenta o desejo sensual de olhar para fora, o desejo discriminativo de olhar para dentro diminui. A concentração na tentação dos sentidos destrói automaticamente a visão do Espírito, simplesmente porque eles existem em diversas esferas; os caminhos para a matéria e o Espírito estão em direções opostas.

Para encontrar a liberdade do poder escravizador dos sentidos, o indivíduo ganancioso, raivoso e sensual deve primeiro evitar o ambiente material que facilmente excita a sua fraqueza psicofísica específica, e depois deve matar os desejos interiores que de outra forma o acompanharão onde quer que vá. O devoto que exerce autocontrole exterior e, portanto, se sente seguro contra a tentação, deve lembrar-se introspectivamente: “Talvez você possa facilmente fugir das tentações externas, mas será que consegue escapar da fotografia interior viva dos olhos hipnóticos dos desejos que

você criou e preservou? dentro de você? Não deixe que seu sutil poder de manipulação o pegue em um momento de vulnerabilidade!” Esses desejos inimigos devem ser retirados de seus esconderijos subconscientes e eliminados pelos agentes neutralizadores da percepção espiritual desenvolvidos pela meditação. Quanto mais consciência da felicidade interior duradoura alguém alcança, menos ele fica preso ao desejo.

VERSÍCULO 42

indriyāṇi parāṇyāhur indriyebhyaḥ paraṁ manaḥ
manasas tu parā buddhir yo buddheḥ paratas tu saḥ

Diz-se que os sentidos são superiores (ao corpo físico); a mente é superior às faculdades dos sentidos; a inteligência é superior à mente; mas ele (o Eu) é superior à inteligência.

Sem os dez poderes sensoriais vivificantes, o corpo é matéria inerte. Os efeitos produzidos pelos poderes sensoriais são relativos à sua percepção pela mente (manas). A percepção só tem sentido quando subserviente à cognição e determinação da inteligência (buddhi). A inteligência toma emprestado seu poder da intuição, a sabedoria pura da alma bem-aventurada e suprema.

Nas escrituras sagradas da Índia, uma carruagem puxada por dez cavalos e guiada por um cocheiro que segura as rédeas é comparada à alma andando em uma carruagem corporal puxada por dez garanhões sensório-motores controlados pela mente e conduzidos pela inteligência. . O proprietário é o mais importante, pois o transporte é de sua responsabilidade. Ao lado dele em importância está o motorista, depois as rédeas necessárias ao controle. Depois vêm os cavalos e, por último, o próprio veículo.

Da mesma forma, a alma, a criadora da postura corporal, é mais importante. Ao lado da alma vem a inteligência diretora; depois a mente ou instrumento de controle; depois os garanhões dos sentidos; então o corpo.

O veículo corporal não pode mover-se sem os sentidos; isto é, um corpo

❖

Corpo, mente e alma: analogia da carruagem e dos cavalos

❖

adormecido ou morto não pode manifestar atividade inteligente. Os sentidos não podem funcionar harmoniosamente sem a mente para coordená-los. O homem distraído afrouxou as rédeas de seus sentidos e não pode agir com inteligência até que controle as rédeas da mente. O doente mental é aquele cujo condutor deixou cair as rédeas, de modo que o contato entre a inteligência e os sentidos é quebrado temporária ou permanentemente.

O condutor da carruagem é por vezes referido como a mente quando a mente é usada no senso coletivo comum para todas as faculdades da inteligência, não apenas especificamente para manas ou para a mente sensorial. Então, as rédeas são chamadas de cérebro (o instrumento utilizado pela mente). Novamente, o condutor pode ser chamado de ego. Quando Krishna e Arjuna, entretanto, são mostrados na carruagem, o símbolo é o da Alma Suprema (Krishna como o Senhor ou Consciência de Krishna - a Inteligência Infinita, Sabedoria Suprema - ou como a alma individualizada) como o cocheiro, guiando o espiritualmente. ego inclinado do devoto em relação à maneira adequada de usar a inteligência discriminativa (buddhi) e a mente sensorial (manas) para governar os sentidos e conduzir a carruagem corporal ao longo da estrada da vida.

Um homem deve ter uma carruagem robusta, cavalos bem cuidados, rédeas fortes, um condutor alerta e bem treinado e um caminho sabiamente escolhido para percorrer até chegar ao seu destino. Um devoto que se move em direção à Auto-realização deve ter um corpo saudável, sentidos bem comportados, treinados pelo autocontrole, rédeas mentais fortes para segurá-los e uma inteligência discriminativa aguçada para guiá-los. Então a carruagem corporal poderá percorrer o caminho reto e estreito da ação correta até o seu destino.

Um homem imprudente, dependendo de uma carruagem frágil puxada por cavalos descontrolados, guiado por rédeas soltas seguradas por um motorista descuidado, enquanto viaja por um caminho pedregoso em zigue-zague, pode facilmente cair em uma vala.

Analogias semelhantes podem ser feitas da seguinte forma:

Um homem mundano num corpo vulnerável, que tem pouca discriminação e fracas faculdades mentais, e que assim permite que os seus fortes impulsos vaguem à vontade, descontrolados, ao longo do difícil caminho da vida, certamente enfrentará um destino desastroso de saúde e recursos materiais destruídos. falhas.

O homem intelectual ou emocional que percorre caminhos dogmáticos de conhecimento e crenças, e cujas impressões sensoriais mentais são guiadas por hábitos não discriminativos de intolerância e emoção cega, certamente ficará atolado nos lamacentos sulcos da ignorância.

O devoto está ciente de que o objetivo mais importante na vida é atingir a meta da Auto-realização: conhecer através da meditação a verdadeira natureza de sua alma e sua unidade com o Espírito sempre bem-aventurado. Para que não seja surpreendido por cair em valas de sofrimento físico, mental e espiritual, ele aprende também a desenvolver inteligência discriminativa, faculdades mentais claras e harmoniosas de percepção, sentidos autocontrolados e um corpo imbuído de saúde e vitalidade - que eles que todos possam servir a alma, para quem e para que propósito esses instrumentos foram reunidos. Na verdade, sem a consciência e a sabedoria intuitiva da alma por trás deles, eles nem existiriam.

Em outras palavras, o devoto percebe as prioridades adequadas no autodesenvolvimento – primeiro e sempre na consciência da alma, depois na inteligência, na mente, nos sentidos e no corpo. O homem iludido atende primeiro aos apetites de seu corpo, em total desrespeito ao desenvolvimento de seus superiores – sentidos, mente, intelecto e alma.

VERSÍCULO 43

evaṁ buddheḥ paraṁ buddhvā saṁstabhyātmānam ātmanā
jahi śatruṁ mahābāho kāmarūpaṁ durāsadam

Ó (Arjuna) de braços poderosos! reconhecendo assim o Eu como superior à inteligência e disciplinando o Eu (ego) pelo Eu (alma), aniquile o inimigo! difícil de conquistar, vestindo a forma do desejo.

Com um ego obstinado, medite na bem-aventurança da alma; ao ficar imbuído de sua alegria superior, o ego perderá o desejo por prazeres sensoriais inferiores – um desejo difícil de conquistar sem atingir esse padrão de comparação.

A manteiga dourada não muda de cor quando flutua na água em um recipiente preto ou verde. Mas a água parece preta ou verde de acordo com a cor específica do seu recipiente. Da mesma forma, a bem-aventurança dourada da alma sempre permanece inalterada, mesmo enquanto flutua nas águas escuras da inteligência iludida e identificada pelos sentidos.

❖

O homem deveria depender da sabedoria da alma, não do intelecto inconstante

❖

A alma, sendo imutável e transcendental, é, portanto, superior ao intelecto humano facilmente influenciável. Pela meditação, a natureza abençoada e incorruptível da alma é descoberta. A percepção da alma é tão deliciosa e perspicaz que restringe os desejos errantes do ego pródigo. Depois de disciplinar os desejos dos sentidos por meios espirituais, o devoto é finalmente capaz de destruir a quase invencível luxúria do desejo material que é um inimigo tão poderoso da Auto-realização.

Pela calma interior nascida do autocontrole, da discriminação e da meditação, o devoto deve tentar permanecer no plano da percepção intuitiva da alma, que é sempre estável, e não depender muito do intelecto inconstante, que, como uma adaga afiada, pode ser mal utilizado para matar a sabedoria da alma em vez dos sentidos inimigos cheios de desejo.

Aqueles que meditam profundamente raramente caem, enquanto um indivíduo excepcionalmente inteligente que depende apenas de seu intelecto superior muitas vezes se vê afastado da verdadeira felicidade por usar a racionalização para tolerar a indulgência dos sentidos e os desejos.

O único disciplinador e guia confiável para o ego é o verdadeiro Eu, ou alma onisciente. “A sabedoria nunca mente.”49 A sabedoria da alma é revelada ao homem através da agência da intuição, da percepção direta da verdade, e não através da acumulação de conhecimento através do intelecto. Aquele que busca a sabedoria deve compreender a diferença entre a intuição e a limitada faculdade de inteligência do homem.

O ser humano possui percepção e inteligência para compreender o mundo dos objetos; a alma é dotada do poder da intuição para compreender não apenas o mundo dos objetos, mas também todos os fenômenos psíquicos internos e sua natureza espiritual intrínseca. A inteligência interpreta os fenômenos, a aparência externa das coisas; a intuição revela os números subjacentes. Através das janelas dos sentidos o homem olha para os objetos dos sentidos; mas na percepção interior profunda, onde os sentidos e o intelecto não conseguem alcançar, a intuição prevalece.

A inteligência do homem depende de dados fornecidos pelo mundo dos sentidos objetivos. Todo o seu conhecimento é sobre os diferentes objetos dos sentidos, inferidos de suas atividades e de seus fenômenos de cor (forma), som, cheiro, sabor e tato. Esta aquisição de conhecimento por inferência é chamada parokshajnana. Pela troca vibratória entre os sentidos e seus objetos, a inteligência inferencial do homem permanece absorta no pensamento da matéria. Sua inteligência é como a de um homem de negócios muito agressivo: assim como toda a energia cerebral do homem de negócios poderoso está empenhada em ganhar dinheiro, o intelecto está concentrado no mundo dos sentidos; interpreta tudo de acordo com os "factos e números" do seu grande livro de contas da mente.

❖

A intuição é prática e uma faculdade natural do verdadeiro Eu do homem

❖

Enquanto houver pensamento inferencial na mente de uma pessoa, ela não terá a compreensão direta das realidades subjacentes pertinentes a esse assunto. Contudo, quem pensa profunda e claramente – como na concentração calma e na meditação – vai além do processo de raciocínio do pensamento para uma percepção aguçada que se manifesta nos seus pensamentos conscientes, surgindo de dentro e não de dados acumulados de fora. Este conhecimento da verdade pela percepção direta é chamado aparokshajnana. Algumas pessoas dizem que isso é místico. Não é místico; é muito prático e uma faculdade natural do verdadeiro Eu do homem.

A ciência deveria tentar compreender a intuição, mesmo que tenha pesquisado sistematicamente a inteligência. Se alguém tentar contar a um selvagem, que não teve contacto com o progresso mundial, as maravilhas da

ciência moderna, ele não compreenderá. Com o crescimento da civilização, ocorreram estágios progressivos de avanço intelectual; mas na compreensão e no desenvolvimento da intuição, o estado do homem ainda é relativamente primitivo.

Compreensão e intuição estão inter-relacionadas. A intuição não vai contra as leis de compreensão da Natureza, mas vai além delas. Para ilustrar: A corrente elétrica que flui para uma lâmpada manifesta-se de forma tangível na forma de luz, cujo brilho é determinado pela potência da lâmpada; mas é a própria eletricidade, viajando invisivelmente através dos fios até a lâmpada, que é a causa da luz. Da mesma forma, a inteligência do homem é a luz da cognição no corpo, e a intuição é a corrente que flui através dos fios da mente e do intelecto para produzir essa luz.

De acordo com a capacidade ou limitações da inteligência discriminativa de um indivíduo, a expressão do poder intuitivo através dessa instrumentalidade varia em diferentes momentos, como evidenciado pela precisão da compreensão, ou pela falta dela, manifestada nos pensamentos de alguém. Com isso percebe-se que a intuição pode ser desenvolvida ou diminuída. Mas embora a intuição atue de forma limitada através do intelecto e da mente, ela é independente deles. A luz que brilha na lâmpada não pode existir sem a corrente elétrica para sustentá-la, mas a corrente existe quer brilhe ou não através da lâmpada. Da mesma forma, a inteligência não pode funcionar sem o poder da intuição por trás dela, mas a intuição permanece mesmo sem os instrumentos do pensamento racional.

A mente une e coordena os sentidos; a inteligência é o conhecedor; a intuição é a rédea do poder por trás de todos os fenômenos mentais do homem – pensamento, atenção, vontade, sensação, percepção, memória, apercepção, sentimentos, impulsos. Os poderes mentais não poderiam agir em cooperação e harmonia se não houvesse um mestre invisível da intuição para guiá-los, tocando secretamente os pensamentos, sentimentos e processos de cognição, orientando-os a agir em cooperação para a realização dos desejos da alma. Quando a inteligência de um indivíduo é iludida pelos vinte e quatro atributos e três qualidades ativadoras da Natureza, muitas vezes age de forma errada, contra a intuição. Assim, o

devoto deve ter cuidado para não confundir suas imaginações vagas ou inclinações obstinadas com a orientação pura da intuição da alma.

Mas a inteligência guiada pela intuição, cultivada pelo contato com a alma na meditação, disciplina e conduz corretamente o ego propenso ao erro. E por meio de suas revelações da verdade, a intuição inspira o ego a abandonar desejos ilusórios em favor da felicidade eterna e obviamente superior da alma.

Livre dos parasitas do ego e dos desejos finitos, a alma primorosamente perfeita espalha seus ramos multiflorescidos de qualidades divinas na luz solar infinita do Espírito.

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
karmayogonama tṛtīyaḥ adhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o terceiro capítulo, chamado “Karma Yoga”.

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO IV

A Ciência Suprema de Conhecer Deus

❖

A Base Histórica e a Essência Esotérica do Yoga

❖

As Encarnações do Divino

❖

Caminhos de Libertação das Rodadas de Renascimento

❖

Os modos de ação do Senhor em Sua criação

❖

Liberdade do Karma: A Natureza da Ação Correta, Ação Errada e Inação

❖

Yajna, o Ritual do Fogo Espiritual que Consome

Todo o Karma

❖

A Sabedoria Todo-Santificadora, Transmitida por um Verdadeiro Guru

“Mesmo quase completamente enterrada durante a Era Material, a ciência do yoga nunca poderá ser aniquilada, pois está ligada à Realidade dentro do homem. Sempre que questiona os fenômenos da vida e desperta espiritualmente, pela graça de Deus ele encontra um verdadeiro guru que o familiariza com a arte da união divina.”

OceanoofPDF. com

Capítulo IV

A Ciência Suprema de Conhecer Deus

A Base Histórica e a Essência Esotérica do Yoga

Versículos 1–2

śrībhagavan uvāka
imaṁ vivasvate yogaṁ proktavān aham avyayam
vivasvān manave prāha manur ikṣvākave ‘bravīt (1)

evaṁ paraṁparāprāptam imaṁ rājarṣayo viduḥ
sa kāleneha mahatā yogo naṣṭaḥ paraṁtapa (2)

O exaltado Senhor disse (para Arjuna):

Dei este Yoga imperecível a Vivasvat (o deus do sol); Vivasvat transmitiu o conhecimento a Manu (o legislador hindu); Manu contou isso a Ikshvaku (fundador da dinastia solar dos Kshatriyas). Transmitido desta forma em sucessão ordenada, os Rajarishis (rishis reais) sabiam disso. Mas, ó Destruidor de Inimigos (Arjuna)! com o passar do tempo, esse Yoga foi perdido de vista na Terra.

O Espírito (Consciência Cósmica, aqui simbolizada como Krishna) deu a indestrutível ciência do Raja Yoga – a técnica de unir alma e Espírito – ao antigo iluminado, Vivasvat, a “Deidade do Sol” (simbólico da Luz onipresente de Deus ou da Energia Cósmica criativa, que se manifesta também no homem como o sol microcósmico ou luz do olho espiritual, epítome de toda a vida e consciência no ser encarnado). Vivasvat transmitiu

este Yoga sagrado ao grande expoente do dharma, Manu (simbolizando manas, a mente, o instrumento do qual deriva a consciência humana senciente). Manu concedeu-o ao fundador da dinastia solar dos Kshatriyas, Ikshvaku (símbolo do olho astral intuitivo da vida e da consciência no homem). Nesta sucessão ordenada, este Yoga foi então legado aos sábios reais (simbolizando a descida da vida e da consciência aos sentidos, dando ao homem a percepção sensorial e a interação com o mundo material). Depois disso, quando os ciclos do mundo entraram na Idade das Trevas, o conhecimento desta ciência divina deteriorou-se e foi perdido (simbolicamente, ao longo de muitas encarnações os sentidos estão absorvidos e identificados com a matéria, e o homem perde assim o conhecimento e a capacidade de reunir a sua alma com Espírito).

Esses dois versos proclamam assim a antiguidade histórica do Raja (“real”) Yoga, a ciência eterna e imutável de unir a alma e o Espírito. Ao mesmo tempo, entendidas esotericamente, fornecem uma descrição concisa dessa ciência – os passos pelos quais a alma desce da Consciência Cósmica ao estado mortal de identificação com o corpo humano, e o caminho que deve seguir para reascender à sua Fonte, o todo-bem-aventurado Espírito Eterno.

No início da criação e no advento do homem, o Infinito impregnou Sua Energia Cósmica inteligente e criativa (Maha-Prakriti ou Espírito Santo) não apenas com o poder de repulsão - a individualização da Consciência Cósmica em almas e um universo de matéria - mas também com com o poder de chamar as almas de suas peregrinações pródigas pela matéria de volta à unidade com o Espírito. Todas as coisas vêm, são feitas e sustentadas por, e finalmente se resolvem nesta Energia Cósmica inteligente e, daí, no Espírito. A ascensão segue ao contrário o curso exato da descida. No homem, esse caminho é a estrada interior para o Infinito, o único caminho para a união divina para os seguidores de todas as religiões, em todas as épocas. Por qualquer caminho de crenças ou práticas que um ser alcance essa estrada singular, a ascensão final da consciência do corpo ao Espírito é a mesma para todos: a retirada da vida e da consciência dos sentidos para cima, através dos portões de luz nos centros cerebroespinhais

sutis, dissolvendo-se a consciência da matéria em força vital, da força vital em mente, da mente em alma e da alma em Espírito. O método de ascensão é Raja Yoga, a ciência eterna que tem sido parte integrante da criação desde o seu início.

O RENASCIMENTO DO YOGA PARA A ERA ATUAL

A interpretação literal ou histórica destes versículos é a seguinte: Através da visão, ou orientação intuitiva, Deus revelou pela primeira vez ao sábio iluminado Vivasvat (agora conhecido como a divindade presidente do sol) a ciência real do Espírito. Vivasvat ensinou o yoga sagrado a Manu, um rishi divinamente inspirado e legislador do período pré-histórico da Índia, cujos códigos legais são, até hoje, os princípios orientadores da sociedade hindu. Manu, por sua vez, foi o preceptor de Ikshvaku, o grande rei Kshatriya da dinastia solar. Transmitida por Ikshvaku, a ciência imperecível do yoga foi praticada por uma longa linhagem de rishis e sábios reais, incluindo o renomado Rei Janaka. Com o advento do Kali Yuga (a Era das Trevas ou Material), a ciência do yoga foi quase esquecida.1

O mundo passou por numerosos ciclos equinociais de evolução ascendente e descendente: um ciclo ascendente e descendente completo ocupa 24.000 anos (o Arco Ascendente da Era Material [1.200], Era Atômica [2.400], Era Mental [3.600], Era Espiritual [4.800]; depois o Arco Descendente, de mesma extensão, começando com 4.800 anos da Era Espiritual descendente). Assim, pode-se dizer que um ciclo completo de civilização dura 24.000 anos – subindo durante 12.000 anos e descendo lentamente durante 12.000 anos. Esta ascensão e declínio dos tempos não é uma evolução circular que termina tão baixo quanto começou; é espiral. Mas a evolução dos seres ali contidos é linear. O homem material – aquele que vive uma vida média “normal” – depois de vagar prodigamente por inúmeras reencarnações, considera a Era Espiritual de qualquer ciclo de 24.000 anos a mais propícia para a Auto-realização. Durante a descida do homem da Era Espiritual para a Era Material, o conhecimento da ciência do yoga declina e é esquecido. No entanto, assim como o Espírito é eterno, o yoga – a arte de reunir o raio da alma diferenciado e emanado com o

onipresente Sol Espiritual – também é imperecível.

Embora quase completamente enterrada durante a Era Material, a ciência do yoga nunca poderá ser aniquilada, pois está ligada à Realidade dentro do homem. Sempre que questiona os fenómenos da vida e desperta espiritualmente, através da graça de Deus ele encontra um verdadeiro guru que o familiariza com a arte da união divina – não importa em que ciclo o devoto tenha encarnado. Embora seja verdade que cada Era se distingue pela predominância do desenvolvimento material, atômico, mental ou espiritual, a Era nunca é dedicada apenas a esse aspecto; contém sempre vestígios de atributos de outras Eras. Assim, o desenvolvimento espiritual continua até certo ponto, mesmo em Kali Yuga ou Era Material.

O ano d.C. 1951 já deixou a Era Material para trás (em mais de 250 anos).2 Nesta Era Atômica novamente ascendente, a ciência indestrutível do Raja Yoga está sendo revivida como Kriya Yoga através da graça de Mahavatar Babaji, Shyama Charan Lahiri Mahasaya, Swami Sri Yukteswar e seus discípulos. (Eminentes entre os grandes Kriya Yogis iniciados por Lahiri Mahasaya estavam Swami Pranabananda, Swami Kebalananda, Swami Keshabananda, Panchanon Bhattacharya, Ram Gopal Muzumdar e Bhupendra Nath Sanyal, sobre quem escrevi em Autobiografia de um Iogue.) Em primeiro lugar entre os Kriya de Lahiri Mahasaya. Discípulo do Yoga foi meu guru, Sri Yukteswarji, pois foi escolhido por Babaji para continuar a linhagem através da qual a ciência sagrada seria disseminada em todas as terras.

Por uma questão de dispensação divina especial, através de Cristo, Krishna, Mahavatar Babaji, Lahiri Mahasaya e Swami Sri Yukteswar, fui selecionado para difundir a ciência do Kriya Yoga em todo o mundo através da união do yoga original de Krishna e do Cristianismo original de Cristo, conforme representado nos ensinamentos. da Self-Realization Fellowship.3

Krishna é o exemplo divino do yoga no Oriente; Cristo foi escolhido por Deus como o exemplo da união com Deus para o Ocidente. Que Jesus conhecia e ensinou aos seus discípulos a técnica Raja Yoga de unir a alma com o Espírito é evidenciado no capítulo bíblico profundamente simbólico “A Revelação de Jesus Cristo a São João”.

Na Autobiografia de um Iogue escrevi: “Babaji está sempre em comunhão com Cristo; juntos, eles emitem vibrações de redenção e planejaram a técnica espiritual de salvação para esta era...Babaji está bem ciente da tendência dos tempos modernos, especialmente da influência e das complexidades da civilização ocidental, e percebe a necessidade de difundir a auto-estima. libertações do yoga igualmente no Ocidente e no Oriente.”

A descida da alma à consciência humana

Interpretadas esotericamente, estas duas estrofes do Gita explicam a gênese do yoga. A primeira manifestação do Espírito é a Luz Cósmica. Deus vibrou Sua consciência cósmica como Energia Cósmica inteligente e criativa, ou Luz Cósmica, referida nestes versos como Vivasvat, “aquele que brilha ou difunde luz” (o rishi iluminado dos tempos antigos que veio a ser conhecido como o deus do sol). Esta onipresente Energia ou Luz Cósmica existe no homem como o sol microcósmico do olho espiritual, que se torna visível durante a meditação quando a consciência do devoto e a corrente dupla dos dois olhos físicos estão concentradas no ponto entre as sobrancelhas. “A luz do corpo são os olhos: se, portanto, os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será cheio de luz”5 não é uma promessa vã, mas refere-se a esta manifestação resplandecente. Todo o poder criativo inteligente da onipresente Energia Cósmica está presente microcosmicamente no olho espiritual. É através do olho espiritual – os vários estados nele experimentados, correlacionados com as atividades dos centros cerebroespinhais de vida e consciência nos corpos físico, astral e causal6 – que a alma desce à encarnação e, finalmente, ascende ao Espírito.

Significado esotérico de “Vivasvat”

Cada alma emerge da Consciência Cósmica. Ele experimenta um estado vibratório ligeiramente inferior de Luz Cósmica, ou, simbolicamente, Vivasvat. Depois disso, a alma perde a consciência de ser Espírito revestido de Luz Cósmica; torna-se consciência individualizada ou ego espiritual, um ser causal de consciência pura encerrado em um corpo astral. Este invólucro ocorre da seguinte forma:

O poder criativo de projeção externa de Deus que é imposto à alma cria o sentimento (chitta), aquela consciência pela qual a alma conhece ou experimenta sua existência. As atividades de sentimento estimulam o "pensamento" ou processos cognitivos. Quando este sentimento enviado por Deus é distorcido pela ilusão, o ego (ahamkara) evolui. A consciência do ego é: "Eu sou o experimentador". Junto com o ego evolui sua inteligência orientadora (buddhi). A inteligência manifesta sua natureza no pensamento, na egoidade e na discriminação. Quando atingida pela ilusão, a inteligência dá origem à mente cega (manas). A mente é um instrumento de coordenação, o mediador voltado para o exterior entre o mundo sensorial e o ego com a sua inteligência perspicaz.

Existem quatro fases da natureza da mente: (1) impressões sensoriais, (2) discriminação assertiva (a ativação dos órgãos de ação pela vontade sob o comando da inteligência), (3) desejo (excitação ou desejo decorrente de contato com objetos dos sentidos) e (4) imaginação (a ilusão de acreditar que os fenômenos são realidade). Através desses canais quádruplos, os desejos duais (atrativos e repulsivos) do coração (sentimento ou chitta) e do ego são consumados. Essas atividades da mente são a causa da consciência humana.

Quando a alma descendente fica sob a influência da mente, ela fica limitada pela identificação com a consciência humana em geral. Isto é chamado de estado Manu da alma descendente.

A onipresente Energia Cósmica (Vivasvat) manifesta-se como força vital no homem através da influência da mente, aqui referida como a passagem do conhecimento (o poder do yoga) para Manu. Manu significa homem, o possuidor do princípio pensante, do sânscrito manas, mente. Vyasa, o escritor do Gita, usou, portanto, o nome de Manu para indicar o papel desempenhado pela mente na descida da consciência e da vida à encarnação. O nome de Manu é adicionalmente significativo porque este antigo rishi iluminado - epítome do que há de mais elevado nos seres humanos, um pai representativo da raça humana - possuía pleno conhecimento sobre a mente (manas) e seu papel na criação da consciência humana.

❖

Através da mente (“Manu”), a Energia Cósmica se manifesta como força vital no corpo

❖

A Energia Cósmica Onipresente (Vivasvat) é a fonte da força vital que se manifesta no corpo astral do homem através da instrumentalidade da mente (Manu). Assim, a força vital e a mente estão intimamente associadas, pois no corpo do homem uma não pode existir sem a outra. Quando eles descem da Consciência Cósmica e da Energia Cósmica, sua manifestação prístina ocorre através do olho da intuição (a fase causal do olho espiritual relacionada ao canal causal “espinhal” da consciência) e daí para o olho astral (a fase astral do olho espiritual). olho, correspondente aos três canais espinhais do corpo astral). (Ver I:4-6.) O olho astral, através do qual a vida e a consciência entram na encarnação astral, é simbolicamente referido nestes versos como Ikshvaku (filho de Manu e primeiro rei de uma grande dinastia solar de Kshatriyas). Vyasa, portanto, usa o nome Ikshvaku para significar o nascimento do olho astral – força vital e consciência astral – através da instrumentalidade da mente, ou Manu. Ikshvaku é derivado de īksh, “discernir” ou “ver”.7

❖

Através do olho astral (“Ikshvaku”) a alma entra no corpo astral

❖

Assim, do estado de Manu, a alma flui para um canal específico do sentido intuitivo (o olho intuitivo causal) e daí para os canais astrais da força vital e da consciência (o olho astral). Neste estado Ikshvaku, a alma é identificada com o estado intuitivo de percepção do ego; isto é, ele experimenta a sua existência individualizada como limitada pelo confinamento no corpo astral, no qual o poder de conhecimento e percepção do ego astral não vem da experiência sensorial, mas através do sexto sentido, a intuição. O ego astral percebe as forças que atuam no corpo astral como os verdadeiros componentes da matéria.

Do estado astral intuitivo de Ikshvaku, a alma desce ainda mais para os vários estados poderosos de percepção sensorial, manifestando-se primeiro como os poderes sensoriais astrais mais sutis (jnanendriyas) e depois fluindo para a manifestação física grosseira dos sentidos. Isso é chamado de Rajarishi, ou estado identificado pelos sentidos. Quando as correntes duais

da mente e da força vital fluem para o sistema nervoso e para os nervos óptico, auditivo, olfativo, gustativo e tátil dos cinco instrumentos do conhecimento (os sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato), ocorrem cinco especializações sensoriais. Em contraste, os poderes astrais, sendo pura força vital ou prana, não são tão circunscritos; sendo a intelecção intuitiva, o ser astral pode experimentar toda ou qualquer sensação através de qualquer instrumento sensorial singular.8

❖

Descendo aos sentidos ("Rajarishis"), a consciência da alma é esquecida

❖

Os cinco instrumentos de intelecção são descritos como "sábios reais" (Rajarishis) porque toda a sabedoria de fontes externas (escrituras ou santos) tem que alcançar a mente e a inteligência através dos canais dos sentidos. Estes são instrumentos "reais" ou gloriosos para perceber e desfrutar o divertido universo fenomenal do Senhor quando são bem educados e guiados pela inteligência discriminativa da sabedoria da alma. Mas quando a meditação da alma é esquecida, os sentidos do conhecimento tornam-se embotados e não receptivos aos ensinamentos espirituais devido à identificação constante com desejos materiais e objetos dos sentidos. A consciência do homem, tendo assim descido ao plano dos apegos materialistas, perde a memória da sua união com o Espírito; durante o longo período obscuro da consciência material, o conhecimento do homem sobre o yoga ou a união divina declina e é esquecido.

Em resumo, yoga significa união do Espírito e da alma. O Espírito, como Consciência Cósmica, está unido à onipresente Energia Cósmica, que está ligada ao olho espiritual microcósmico da vida e da consciência no homem. A vida e a consciência estão ligadas à mente. A mente está ligada ao olho astral e à mente intuitiva do corpo astral. E a vida astral e a mente estão ligadas aos cinco instrumentos sensoriais do conhecimento.

O homem, descendo da Consciência Cósmica para o corpo, fica imerso em muitas encarnações da vida material e esquece o yoga (os pontos de união dos seus sentidos [Rajarishis] com a força vital [Ikshvaku], da sua vida com a mente [Manu], da sua mente com Energia Cósmica [Vivasvat], e de Energia Cósmica com Consciência Cósmica [Krishna]). No entanto, as

leis pelas quais o homem pode recordar os elos esquecidos (do seu ego com os sentidos, a força vital, a mente, a alma e o Espírito) existem eternamente dentro dele, prontas para serem usadas e demonstradas.

Estas duas estrofes instrutivas dão esperança eterna ao homem. Apesar de seu longo esquecimento, um dia ele deverá perceber que os vínculos de união (yoga) com o Espírito estão indestrutivelmente presentes dentro dele. O homem não se lembra de como o Espírito vibrou em diferentes estados; a alma é esquecida depois de ter descido aos sentidos. Contudo, sempre que desejar, ao praticar Kriya Yoga o homem pode lembrar-se dos elos eternos entre a alma e o Espírito. Este yoga ou ciência divina é revivido novamente sempre que um devoto separa seu verdadeiro Eu dos sentidos através da prática de Kriya Yoga, e assim reúne a alma com o Espírito.

ॐ

Os Pandavas e Draupadi retiram-se para o Himalaia, entrando no Céu da União Divina

O resultado final da Batalha de Kurukshetra foi a vitória completa dos Pandavas. "Os cinco irmãos reinaram nobremente sob a realeza do mais velho, Yudhisthira, até que no final de suas vidas eles se retiraram para o Himalaia e lá entraram no reino celestial." A história do Mahabharata conta que, ao longo do caminho, primeiro Draupadi morre, depois cada um dos cinco irmãos, na ordem inversa de seu nascimento - exceto Yudhisthira, o mais velho, que conscientemente entra no céu em busca de seus parentes amados. No final das contas, todos eles estão reunidos no reino celestial mais elevado.

Este episódio final do Mahabharata também pode ser entendido à luz da alegoria espiritual do Gita, na qual os Pandavas representam metaforicamente os poderes espirituais nos cinco chakras espinhais, e Draupadi representa a força Kundalini na coluna vertebral, que está "casada" com esses poderes. No devoto que desperta espiritualmente, a força Kundalini, que alimentava os sentidos externos de percepção e ação do corpo, retira-se ("morre") e flui para cima através de cada um dos centros espinhais, até atingir o centro mais elevado - o lótus de mil pétalas do divino. consciência no cérebro. Neste processo, a atividade externa ou expressão de cada chakra "morre", isto é, torna-se espiritualmente transmutada em estados de consciência progressivamente mais elevados. Simbolicamente, cada um dos irmãos Pandava - representando, respectivamente, os poderes espirituais nos chakras cóccix, sacral, lombar, dorsal e cervical - "morre" (ou se retira para dentro) à medida que a força vital e a consciência ascendem para a união com a alma divina. ou consciência espiritual, representada simbolicamente por Sri Krishna.

"A ascensão final da consciência do corpo ao Espírito é a mesma para todos: a retirada da vida e da consciência dos sentidos para cima, através dos portões de luz nos centros cerebroespinhais sutis, dissolvendo a consciência da matéria em força vital, força vital em mente, mente em alma, e alma em Espírito. O método de ascensão é Raja Yoga, a ciência eterna que tem sido parte integrante da criação desde o seu início....

"Mesmo quase completamente enterrada durante a Era Material, a ciência do yoga nunca poderá ser aniquilada, pois está ligada à Realidade dentro do homem. Sempre que questiona os fenômenos da vida e desperta espiritualmente, pela graça de Deus ele encontra um verdadeiro guru que o familiariza com a arte da união divina."

—Paramahansa Yogananda

VERSÍCULO 3

sa evāyaṁ mayā te ‘dya yogaḥ proktaḥ purātanaḥ
bhakto’si me sakhā ceti rahasyaṁ hyetad uttamam

Hoje eu te informei sobre esse mesmo yoga antigo, pois tu és Meu devoto e amigo. Este mistério sagrado (do yoga) é, de fato, o produtor do benefício supremo (para a humanidade).

“Ó Arjuna, através de suas experiências de meditação extática durante esses momentos de percepção espiritual, eu, a Consciência Cósmica (Krishna), lembrei-lhe a mesma antiga ciência e técnica de yoga de união da alma com o Espírito aprendida por você em uma encarnação anterior. Como você uniu parcialmente sua alma ao Meu espírito antes, estou lembrando-lhe daquela estrada interior suprema pela qual você se tornará irrevogavelmente unido ao Espírito. A bênção deste mistério sagrado é novamente revelada a você porque você é devotado a Mim na distância reverencial de admiração observada por um devoto no estágio inicial da comunhão divina; e porque você também é Meu amigo, não mais reservado, mas um Comigo no estado mais elevado de êxtase. O conhecimento desta ciência secreta suprema, escondida dos identificados pelo corpo, é o maior benefício da humanidade.”

Assim como Krishna explicou a Arjuna as importantes verdades mencionadas nas estrofes anteriores, quando um elevado estado de desenvolvimento é alcançado, o Espírito Celestial transmite amorosamente ao devoto, através de sua intuição e experiências extáticas, o significado dos diferentes estados de desenvolvimento espiritual que, em última análise, conduzir, pela mesma antiga estrada espinhal pela qual todos os devotos devem viajar, à libertação final.

Nos estágios iniciais da comunhão divina, o devoto sente uma espantosa distância mental entre ele e Deus, uma reverência adoradora e uma timidez diante da eminência da Onipresença. Mas à medida que o devoto experimenta estados de êxtase sucessivamente mais elevados, as barreiras mentais são quebradas e ele relembra com alegria seu estado familiar e amigável de unidade com Deus, há muito perdido. Então ele se alegra ao ouvir a voz de Deus chamá-lo de devoto e amigo, e confiar-lhe todos os

mistérios do universo. Ele agradece ao Senhor por conceder-lhe a bênção suprema da união divina – felicidade incomparável e inigualável.

VERSÍCULO 4

arjuna pegou
aparaṁ bhavato janma paraṁ janma vivasvataḥ
katham etad vijānīyāṁ tvam ādau proktavān iti

Arjuna disse:
Vivasvat nasceu primeiro e teu nascimento ocorreu mais tarde. Como então posso compreender as tuas palavras de que comunicaste este yoga no início (antes do teu nascimento)?

Krishna, sendo uma encarnação do Deus Único e Ilimitado, bem como o guru pessoal de Arjuna, conhecia em sua consciência onipresente e atemporal todos os eventos que haviam ocorrido, mesmo no início da criação. Foi Ele - sendo o Eu e o Espírito indivisivelmente um - quem desenvolveu a Luz Vibratória Cósmica consciente (Vivasvat) a partir da qual todas as almas são criadas e na qual, após muitos nascimentos, todas as almas são dissolvidas.

Na Bíblia, Jesus diz: “Antes que Abraão existisse, eu sou.”9 Embora Abraão tenha nascido antes de Jesus, a afirmação era verdadeira porque Jesus estava cheio do Espírito Supremo que tem consciência apenas do presente eterno, que inclui o os chamados passado e futuro. Em harmonia com a Consciência Cósmica, o Criador, Jesus poderia muito bem dizer que Ele existia antes de Abraão ou de qualquer outro ser criado.

Da mesma forma, Krishna sabia que Ele existia como o Espírito antes de Sua manifestação como a Energia Vibratória Cósmica consciente (Vivasvat), o instrumento divino de todos os seres criados. O corpo de Krishna nasceu depois e fora da criação da Luz Cósmica Consciente, mas Seu Espírito Eterno é sempre anterior e a causa da criação.

Em relação à experiência de yoga do devoto, aplica-se a seguinte interpretação deste versículo:

A Consciência Cósmica se manifesta no devoto após a percepção da Luz. Assim, na consciência ascendente do iogue, a Luz (Vivasvat) nasce antes da Consciência Cósmica (Krishna).

O iogue faz uma introspecção maravilhada: “Ó Espírito, eu primeiro encontrei a Luz Cósmica (Vivasvat) como o olho astral espiritual (Ikshvaku) nascido dentro de mim - depois disso, Tua Consciência Cósmica tornou-se manifesta. Como então o Espírito já poderia ter se entronizado dentro de mim antes do aparecimento da Luz Espiritual?”

A alma desce da Consciência Cósmica ao plano da luz e desce à região da carne. A alma pura, o atman, é chamada de jiva quando é identificada com seus invólucros mortais – corpo, mente, sentidos e outros princípios da Natureza. Mesmo assim, a verdadeira essência da alma permanece o Espírito imaculado – a Divindade em cada ser. É somente devido à identificação externa com a parafernália física que a luz interna e a consciência divina ficam ocultas atrás da ilusão. A meditação limpa a névoa cósmica à medida que a consciência descendente da alma começa a ascender aos seus planos superiores de existência perdidos.

O iogue que sobe experimenta primeiro a luz interior e depois a percepção cósmica. Quando ele olha para dentro, em direção ao Espírito, parece que o Númeno Espiritual evolui a partir dos fenômenos astrais. Mas quando o iogue é um com o Espírito, olhando para fora, em direção à Natureza, então o Espírito é visto como a primeira causa suprema de todas as emanações astrais e físicas.

As Encarnações do Divino

Versículo 5

śrībhagavan uvāka
bahūni me vyatītāni janmāni sua consorte
tānyahaṁ veda sarvāṇi na tvaṁ vettha paraṁtapa

O Bendito Senhor disse:

Ó Arjuna, muitos nascimentos foram experimentados por Mim e por ti. Eu conheço todos eles, embora tu não te lembres deles, ó Opressor de Inimigos.

“Ó Arjuna, você que é o destruidor das limitações da ilusão com o fogo do seu autocontrole, saiba que minha consciência liberada, sendo uma com o Espírito, não sofreu com a ilusão do esquecimento de vidas passadas durante minhas encarnações voluntárias em terra em vários momentos em várias formas. Com a memória onipresente do Espírito, vejo uma cadeia ininterrupta de existência consciente que consiste em todos os meus nascimentos anteriores na Terra, incluindo a encarnação há muito tempo atrás, quando transmiti a ciência sagrada do yoga a Vivasvat. O mesmo Espírito onisciente que é o meu Eu também é a sua alma, Arjuna, que também assumiu muitas formas em muitas vidas. Embora sua memória ainda a ser totalmente liberada não os lembre, eu conheço todas as vidas compartilhadas com você, meu discípulo ideal diante de mim agora em sua forma atual como Arjuna.”

A memória onipresente não é possuída pelos devotos que ainda estão percorrendo o caminho afiado da Auto-realização. Nem mesmo um Arjuna, mas apenas uma alma totalmente liberada, uma manifestação de Deus como Krishna, pode lembrar todos os nascimentos, mortes e seus períodos intermediários.

Sempre que a consciência, como uma espada brilhante, entra nas várias bainhas dos vinte e quatro princípios da Natureza, a sua aparência difere de acordo com a cobertura específica. Este envoltório de consciência – em inteligência, mente, ego, sentimento, sentidos (cinco instrumentos de conhecimento e cinco de ação) e os cinco elementos do corpo – é chamado nascimento. O tempo entre a morte e o renascimento é passado na esfera astral. O ego não consegue lembrar-se das suas experiências no estado pré-natal ou embrionário ou mesmo no estado pós-natal da infância; da mesma forma, os homens não iluminados não se lembram de suas existências (após a morte física) nos mundos astrais; nem se lembram de vidas anteriores nesta terra.

É a misericórdia de Deus que uma alma ignorante, sofrendo de várias

❖

Por que Deus faz com que o homem esqueça experiências de encarnações passadas

❖

discrepâncias materiais, se esqueça delas de uma encarnação para outra. Este esquecimento das misérias e deficiências da existência anterior é um dos mais graciosos anestésicos mentais dados por Deus a cada ser humano, para que ele não seja sobrecarregado pelas lembranças de todas as tristezas físicas e mentais de vidas passadas. Ele é poupado de carregar consigo o mal e o desânimo de uma vida para outra, e assim recebe um novo começo no caminho reto e estreito que conduz ao seu objetivo mais elevado. É suficiente que os estímulos de suas tendências inatas para o bem ou para o mal – os efeitos do bom e do mau carma de vidas anteriores – permaneçam com ele como lembretes de lições ainda a serem aprendidas e de vitórias já conquistadas.

Essas experiências boas ou más de vidas passadas manifestam-se como humores ou hábitos maus ou bons desde o nascimento da pessoa na vida presente. Este fato explica pessoas que nascem malfeitoras e outras que nascem santas. Como o mal é o prenúncio da miséria, aqueles que nascem maus devem se esforçar para se libertarem de seus maus traços pré-natais, cultivando boa companhia e meditação. Aqueles que nascem bons não devem ficar satisfeitos com a sua bondade, mas devem tentar ser ainda melhores, até que tenham alcançado a segurança completa do Espírito Cósmico e estejam livres da roda do nascimento e do renascimento.

Deus (ou Suas encarnações) nunca se esquece de nada; assim que um devoto é totalmente liberado, ele também pode se lembrar de todas as diversas formas que exibiu no nascimento e que perdeu na morte – formas envoltas em suas realizações virtuosas, bem como em seus descuidosos lapsos na ignorância dos males. Quando o ser liberto está desperto em Deus e compreende o mistério deste sonho de vida, só então ele está pronto para esta revisão impressionante.

Interpretadas esotericamente, as perguntas e respostas entre Krishna e Arjuna são as trocas intuitivas de sabedoria entre o Espírito (que nasce repetidamente com os renascimentos de cada alma) e a alma sintonizada em êxtase do devoto ideal. O Espírito Original que manifestou a unidade iogue

❖

Todas as encarnações passadas são reveladas pela luz da Consciência Cósmica

❖

com um devoto avançado como a Luz Cósmica Vivasvat também esteve presente com Arjuna durante seus vários renascimentos. Quando um devoto pode comungar conscientemente com a Divindade (no estado de êxtase nirvikalpa mais elevado), ele interiormente faz todo tipo de perguntas ao Espírito.

A luz onisciente da Consciência Cósmica gradualmente ilumina e revela ao iogue os abismos até então escuros que ligam as encarnações. No estado avançado, o iogue vê a Luz Cósmica, ou Espírito manifestado (“Eu”), e a alma (“você”) como tendo existido juntos através de muitas encarnações. Ele percebe que sua pseudoalma esquecida, identificada com o corpo, intoxicada pela ilusão da consciência mortal, estava totalmente alheia àquela união divina.

O Espírito é o único sustentador imanente de todas as almas ao longo de suas numerosas encarnações. Conseqüentemente, o Espírito se lembra de todas as vidas que foram necessárias para uma alma atingir a liberação – após as quais, a alma se torna Espírito. Então essa alma libertada dirige-se ao seu eu inferior: “Percebo que fui Espírito no meu Eu superior como uma testemunha sempre consciente da minha existência ininterrupta durante muitas vidas; e simultaneamente, tenho sido o ego preso ao corpo, alheio a tudo, exceto uma vida egocêntrica de cada vez. Como Espírito, conheço todas as vestimentas corporais vestidas por você, meu eu inferior, mesmo que você não se lembre delas. Ó meu eu inferior iludido, eu, o Espírito onipresente, teu Criador, te alimentei invisível e transcendentalmente em escolas de muitas vidas. Eu, o Eu superior, posso relatar todas as mudanças de um corpo para outro que você, meu eu inferior, realizou no estado sonambúlico de total esquecimento de todos os antes e depois de sua iludida existência sonhadora.”

Todo ser humano tem a certeza de que algum dia, após sua libertação, saberá tudo sobre seus renascimentos como manifestações individualizadas do Espírito, seja nesta terra ou em outros planos de existência. O iogue liberado transfere sua consciência de uma onda da alma para o Oceano Espiritual com todas as Suas muitas ondas de seres encarnados. O devoto

totalmente liberto percebe que foi o Espírito quem assumiu as diversas formas de todos os seus renascimentos. Então ele não diz: “Eu assumi tantas formas”, mas “O Espírito apareceu em todas as formas que envolveram minha alma até a libertação final”.

VERSÍCULO 6

ajo 'pi sannavyayātmā bhūtānām īśvaro 'pi san
prakṛtiṁ svām adhiṣṭhāya saṁbhavāmyātmamāyayā

Embora eu não tenha nascido, de Essência imutável! ainda assim, tornando-me Senhor de toda a criação, permanecendo em Minha própria Natureza Cósmica (Prakriti), Eu me incorporo através da ilusão de maya auto-evoluída.

“Embora eu seja sem causa e não nascido, e de aparência imutável, ainda assim, ao entrar na Natureza, eu mesmo - o Senhor de todos os seres e de seu domínio cósmico - visto a vestimenta cósmica de Minha própria maya (ilusão) autocriada, mas sua ilusão é ilusória. o poder não me muda.”

Este versículo fala da natureza imanente-transcendente do onipresente Senhor-Criador – tanto como Governante do cosmos através das manifestações de Prakriti, quanto como encarnado na forma humana como um avatar.10

O balconista de uma loja é obrigado a trabalhar (“sem trabalho, sem salário!”); o proprietário, porém, que pode assumir voluntariamente as funções ativas de escriturário, não é obrigado a fazê-lo, nem está limitado à função de escriturário. Da mesma forma, os seres comuns são forçados a nascer pela Ilusão Cósmica e pela sua lei de causa e efeito (carma). Deus, o Criador da ilusão (maya) e da lei da ação (karma), não está sujeito a elas; ainda assim, Ele segue essas leis quando desce como um avatar (um ser divinamente encarnado). Internamente, porém, ele permanece inalterado pelas compulsões de maya e do carma.

Indivíduos comuns, ao entrarem em seus corpos feitos pela natureza, são lançados nas ondas dos prazeres sensoriais, ignorando o vasto oceano do

Espírito que existe abaixo deles. Mas o iogue, ao atingir o estado final de emancipação, contempla o sempre existente, imutável (portanto, não nascido) Oceano invisível de Deus, existindo inalterado em Suas ondas cósmicas visíveis e sempre mutantes de Natureza vibratória, agitadas por Sua tempestade de ilusão autocriada.

A consciência do homem sob a influência da Ilusão Cósmica é limitada pelo apego aos bens materiais e às faculdades mentais. O iogue da Auto-realização, por outro lado, descobre que pode possuir um corpo físico e trabalhar através dele sem estar preso aos desejos materiais e seus efeitos cármicos, assim como o Senhor permanece desapegado e livre do carma, mesmo enquanto Sua inteligência age silenciosamente. por todo o corpo vibratório cósmico da criação, regido por Sua ilusória lei da relatividade.

Durante o estado mais elevado (o de vigília) de êxtase, o iogue liberado sente: “O reino da minha consciência se estende além dos limites da minha estrutura mortal até os limites da eternidade - de onde eu, o Mar Cósmico, observo o pequeno ego flutuando em mim . Nenhum pardal cai, nenhum grão de areia é levado pelo vento, sem a minha vista. Todo o espaço flutua como um iceberg no meu mar mental. Eu sou o recipiente colossal de todas as coisas feitas.” Ele simultaneamente percebe o Espírito como um oceano sem ondas de Eterna Calma, e o Espírito manifestando-se nas ondas inquietas da criação que dançam em Seu seio infinito.

Esta estrofe oferece grande encorajamento ao homem. Ao evitar o mau uso do dom do livre arbítrio e ao praticar Kriya Yoga, ele pode brilhar como uma imagem de Deus – uma imagem até então eclipsada pela ilusão. Lembrando-se de si mesmo como a imagem do Espírito, o iogue iluminado pela sabedoria aprende que ele, mesmo como Deus, pode trabalhar no mundo sem as restrições do ambiente corporal, ou do carma, ou dos atributos (gunas) em constante mudança da Natureza Cósmica.

Deus criou esta movimentada peça cósmica no palco do tempo para nos entreter, mas consideramos as sombras como realidades sérias! Existe apenas uma Realidade Séria – Deus!

yadayada hi dharmasya glanir bhavati bhārata
abhyutthānam adharmasya tadātmānaṁ sṛjāmyaham (7)

paritrāṇāya sādhūnāṁ vināśāya ca duṣkṛtām
dharmasaṁsthāpanārthāya saṁbhavāmi yuge yuge (8)

Ó Bharata (Arjuna)! sempre que a virtude (dharma) declina e o vício (adharma) predomina, eu encarno como um Avatar. Em forma visível, eu apareço de era em era para proteger os virtuosos e para destruir as más ações, a fim de restabelecer a justiça.

Esta terra é um palco onde um drama divino está sendo desenvolvido. Sempre que a maioria dos atores humanos abusam da liberdade que lhes foi dada por Deus e, através da criação do mal, trazem sofrimento e perturbam os planos divinos relativos aos seus semelhantes e ao seu próprio destino (planos destinados a serem executados pelo uso adequado da livre escolha por parte do homem), então Deus, o Diretor Cósmico, aparece no palco em forma humana (um avatar) para instruir os atores teatrais amadores na arte adequada de viver. Deus ensina assim ao homem, feito à Sua imagem, como evoluir através do livre arbítrio, manifestando a natureza divina inerente à natureza humana.

A questão é: o próprio Deus pode algum dia encarnar como um ser humano? Dizer que Deus não pode fazer determinada coisa é limitá-Lo. Mas há tantas coisas que Deus pode fazer, mas não faz – pelo menos não como os seres humanos esperam Dele. Nunca se soube que Deus assumiu uma forma humana chamada “Deus” e habitou nela entre os homens. (“Por que me chamas de bom? Não há outro bom senão um, isto é, Deus”, disse Jesus,11 para distinguir a si mesmo, um avatar, de Deus, o Pai, o Absoluto, o Informe.) O Senhor condescendeu muitas vezes. , no entanto, manifestar-se através da encarnação de um ser totalmente liberado que, antes um ser humano comum, tornou-se um verdadeiro reflexo ou “filho de Deus”. Deus, que é todo-poderoso e pode fazer qualquer coisa, opera assim Sua Onisciência através do corpo humano de um avatar. Assim como o oceano da Consciência Cósmica está ciente de uma onda da alma que se manifesta

em sua superfície, a onda da alma de um avatar está ciente do oceano da Consciência Cósmica que se manifesta através de sua forma.

❖

A NATUREZA DE UM AVATAR

Os grandes profetas e os santos menores diferem apenas em grau – os primeiros manifestam Deus plenamente através das janelas abertas da sua consciência; estes últimos manifestam Deus através de pequenas fendas de certas realizações divinas. Pode-se dizer que a manifestação plena da divindade num avatar é maior do que a manifestação parcial num santo que ainda não atingiu a libertação absoluta.

Todos os seres humanos são deuses potenciais; o homem sábio e o ignorante são verdadeiras encarnações à imagem de Deus. A Onipresença Divina preenche cada imagem da alma, assim como o poderoso oceano está presente em cada onda. Contudo, a menos que uma onda se dissolva e se torne uma só com o oceano, ela permanecerá excessivamente limitada. Até que o devoto esteja totalmente liberado, ele não poderá afirmar verdadeiramente: “Eu e meu Pai somos um”.

Não existe um avatar “especial” ou uma encarnação “única” de Deus (exceto no que diz respeito à forma, tempo e lugar); qualquer alma libertada pode descer à terra ou a outras esferas como um avatar ou salvador completo.

❖

Manifestações parciais e completas da consciência de Deus em santos e avatares

❖

A partir do estudo da cronologia terrestre, fica evidente que, como uma pessoa, toda nação passa pelos estágios evolutivos de desenvolvimento necessários. Para a Terra, esses quatro estágios sucessivos são os ciclos material, atômico, mental e espiritual, assim denominados de acordo com a predominância das qualidades físicas, elétricas, psíquicas ou espirituais na maioria das pessoas. Contudo, em todas as épocas, a maldade tenaz é mais ou menos ativa, mesmo quando a virtude prevalece. Assim, sempre que a ignorância, o egoísmo, a guerra e a miséria são proeminentes, o Senhor Supremo se manifesta através de mestres que, através de muitas encarnações, tiveram experiências terrenas como seres parcial ou totalmente

liberados. Eles podem aparecer na terra como santos menores ou como grandes mestres de acordo com o seu grau de realização, para servir como exemplos vivos de virtude e para inspirar aspirantes espirituais a destruir os seus males interiores e exteriores. Desta forma, o Espírito aparece através de muitas almas liberadas e parcialmente liberadas, brilhando mais ou menos através dos vários graus de mentalidades desobstruídas – claras e parcialmente claras – dos seres purificados pelo yoga. Os divinos que não estão totalmente liberados, ou que vêm à terra para ajudar na redenção das almas, mas não têm uma missão mundial óbvia, são chamados de avatares khanda (encarnações parciais).

Mas sempre que o espectro do vício espreita sem exorcização sobre a terra, em cada uma dessas eras Deus encarna como um salvador (na forma de um ser totalmente liberado) para ressuscitar a virtude enfraquecida, proteger o espiritual, ajudar na remoção de correntes malignas e destruir as más propensões dos ímpios. Tais manifestações são chamadas de avatares purna (encarnações completas).

Assim como cada onda, se fosse consciente, poderia sentir o oceano abaixo dela, todo ser liberado sente todo o Mar do Espírito por trás de sua percepção. Assim como o oceano aparece em parte, depois em vastidão cada vez maior, à medida que uma pessoa o vê primeiro da costa e depois de um avião, também os santos de vários poderes intuitivos têm realizações do Espírito menores ou maiores. Mas almas totalmente liberadas, como Krishna, Jesus Cristo, Babaji, Lahiri Mahasaya, Sri Yukteswarji e muitos outros, são elas próprias manifestações plenas de Deus. Isso é o que significa a declaração bíblica: “Mas todos quantos o receberam (isto é, Deus plenamente manifestado através da pureza de sua intuição), a eles (todos os seres liberados de todas as épocas antes e depois do nascimento de Jesus Cristo) deram o poder de se tornarem filhos de Deus (o poder de aparecerem como manifestações plenas de Deus).”12 Um verdadeiro “filho de Deus” é uma verdadeira imagem do Espírito onipresente.

Como o versículo 4:8 é frequentemente traduzido para se referir à “destruição dos malfeitores”, e como muitas histórias lendárias nos Puranas também citam a aniquilação dos ímpios por seres sagrados, certos teólogos

afirmam que uma encarnação hindu de Deus vem para proteger o virtuoso ao destruir os malfeitores, em contraste com Jesus Cristo que veio à terra para libertar não apenas os homens virtuosos, mas também os malfeitores! Porém, a verdade é que a virtude sempre causa a destruição do mal.

❖
A virtude divina manifestada por um avatar destrói o mal
❖

Lemos na Bíblia que até mesmo Eliseu, Elias e Pedro foram fundamentais na destruição dos malfeitores que resistiram às poderosas vibrações da virtude. Swami Shankara e vários santos da Índia tiveram experiências semelhantes. Um fio isolado que transporta um milhão de volts de corrente é inofensivo quando tocado, mas um fio exposto é mortal. Quando uma pessoa, apesar do aviso, deliberadamente se aventura a entrar em contato com aquele poderoso fio energizado sem sua cobertura, ela é eletrocutada. Da mesma forma, a poderosa energia de Deus, presente em todos os lugares, está isolada do homem por uma capa de ignorância ilusória. Assim, um homem ignorante que blasfema contra Deus não é imediatamente punido; mas um homem perverso que é contemporâneo e conhecido de um avatar ou de um grande mestre está convidando à retribuição instantânea se, após aviso, continuar a desafiar o Espírito que arde através do puro veículo do Grande Ser. Por exemplo, Pedro foi capaz de perceber Deus sem qualquer isolamento de ilusão. O Espírito Santo manifestou-se plenamente nele, e quando o casal13 – apesar da advertência de Pedro – mentiu diante do Espírito vivo, eles foram destruídos. Seu mal intencional colidiu com a harmonia onipotente do Divino.

Deus ou Seus santos raramente machucam alguém deliberadamente, e apenas para mitigar os efeitos do mau carma dessa pessoa, ou para dar uma lição direta para acelerar a redenção. Nem Deus nem Seus avatares jamais usaram Sua onipotência contra qualquer malfeitor por ira ou vingança. As pessoas se machucam ao manifestar males não naturais. Os nós dos dedos de uma pessoa quebram quando ela realiza o ato estúpido ou antinatural de bater com força contra uma parede de pedra. O muro de pedra é inocente de toda má intenção, assim como a virtude é inocente quando o vício tolamente se lança contra ele.

O mesmo princípio está em ação capacitando o homem divino, com ou sem um ato consciente de sua parte, para conceder bênçãos àqueles que são receptivos. Os devotos que se aproximam da Divindade com a harmonia de um coração e mente puros atraem bênçãos instantâneas ao ver ou tocar uma pessoa sagrada (darshan). Por exemplo, no meio de uma grande multidão, Jesus disse de repente: “Alguém me tocou, porque percebo que de mim saiu virtude”. Uma mulher foi curada instantaneamente quando, com fé, chegou por trás de Jesus e tocou a orla de suas vestes.14

Avatares como Krishna e Cristo têm tal poder do Todo-Poderoso dentro deles que poderiam abrir seus olhos espirituais e aniquilar os ímpios, assim como Deus poderia destruir o universo em um segundo. Mal o homem frágil percebe o Poder contra o qual se opõe quando escolhe se opor à Divindade! No entanto, ele não precisa temer a ira de um Deus tirânico. Nem Ele nem Seus santos e avatares se rebaixam a métodos humanos óbvios de castigo ou compensação. Deus persuadiu Seus filhos a voltarem a Ele somente pelo poder de atração de Seu amor, encarnado em cada átomo da criação e em cada alma. Da mesma forma, Seus santos e avatares quase sempre usam o método suave de persuasão espiritual para inspirar os ímpios a se reformarem.

O homem, feito à imagem de Deus com livre arbítrio como o Seu Criador, recompensa-se ou pune-se pelos resultados dos seus méritos ou deméritos; ele mesmo opera a rigorosa lei do carma. A intervenção divina, quando ocasionalmente justificada, não expressa nem vingança nem favoritismo, mas é aplicada para o bem maior do homem por um Deus justo e amoroso, ou através de suas encarnações igualmente compassivas.

❖

Embora plenamente manifestado num avatar, Deus não está limitado a uma forma

❖

Muitos pensadores postulam Deus como infinito e impessoal, e que Ele não pode ser finito e pessoal. Esta concepção limita a onipotência de Deus. Assim como o gás hidrogênio-oxigênio invisível pode ser condensado em vapor, ou água, ou congelado em um sólido como gelo, assim Deus, o Espírito impessoal, e a Consciência Cósmica invisível podem e se materializam em uma Grande Luz, em uma

Voz Inteligível de qualquer idioma. , em qualquer forma desejada e em um corpo pessoal finito.

Deus, que criou todos os seres humanos e está secretamente presente neles, pode manifestar-se perceptivelmente nos santos, ou pode materializar um novo corpo humano que pode ser visto, tocado ou ouvido por um devoto avançado ou por qualquer número de pessoas. Pode-se dizer com verdade que todo o Deus Absoluto está vibrando e se manifestando naquele corpo recentemente materializado, mas seria um erro metafísico dizer que Deus está limitado a esse corpo. O Deus Infinito pode e se manifesta em uma forma tridimensional. Ele apareceu desta forma para muitas almas liberadas, em qualquer conceito que elas desejassem ver. Mas Deus não está confinado a essa forma, nem adotou qualquer forma como Sua única imagem pessoal. O Infinito é infinito em Suas expressões; é por isso que Deus nunca teve uma forma permanente e definida.

Deus prefere empregar Sua própria lei de limitação criada por Ele mesmo, a lei da relatividade, quando Ele aparece como um ser humano. Ele escolhe encarnar nos corpos de mestres liberados. Dessa forma, Ele aparece em vários trajes carnais para atender aos desejos e necessidades de Seus devotos ao longo dos tempos. Por exemplo, como Jesus ou Rama ou Krishna ou Babaji, e assim por diante, Ele nasceu em diferentes formas para ajudar no crescimento da virtude e na dissolução do vício no mundo. Deus, sendo Infinito, pode rematerializar qualquer forma, e às vezes o faz. Mas Ele nunca permite que uma forma divinamente manifestada, como Jesus ou Krishna, esteja visivelmente presente por um longo período diante do olhar fixo de pessoas ignorantes. Portanto, o imortal Babaji, que atualmente tem uma forma humana, permanece em extremo sigilo no norte do Himalaia, perto de Badrinarayan. Contudo, qualquer ser liberado pode materializar-se instantaneamente diante de um santo avançado ou mesmo (para propósitos especiais) diante de um grupo de homens comuns, como fizeram Jesus e Babaji.

Por que Deus prefere manifestar-se através de seres parcialmente liberados e totalmente liberados que Ele envia para reencarnar na terra (por meio de criação sexual “imaculada” ou comum) para acelerar a evolução de

pessoas virtuosas e dissolver a maldade de seres viciosos? Porque tais almas avançadas já foram seres humanos comuns, sujeitos a todas as tentações e ilusões da Natureza Cósmica. Tais agentes divinos têm simpatia, humor e compreensão; eles podem dizer aos seus semelhantes: “Eis que já estivemos ligados pela carne, assim como vocês estão agora! À força do autocontrole, da discriminação, da meditação e do trabalho espiritual, colhemos a colheita abundante do Espírito onipresente. Se tivermos feito isso, você também poderá superar a carne fraca e difícil por meio de uma expansão contínua da consciência e do fortalecimento do Espírito que também está dentro de você!”

Deus poderia produzir Jesus Cristos e Babajis aos milhares, por materialização direta ou através da criação embrionária comum, e poderia fazê-los representar suas vidas sagradas como marionetes divinas. Mas poderiam tais seres, desprovidos de experiência pessoal passada das intrincadas compulsões das tentações dos sentidos, servir realisticamente como exemplos para ensinar aos seres humanos a arte de vencer as seduções da carne através de métodos humanos naturais de autocontrole? Os devotos admiram Cristo porque ele veio entre os homens como um deles. Ele foi humanamente tentado e sofreu nas mãos de perseguidores; mas ele superou todas as provações humanas pela vontade, esforço e amor a Deus! Uma marionete sagrada, representando um drama divino de tentação e vitória, seria apenas um ator espúrio no palco da vida. Mas um ser humano que se torna um mestre é um artista espiritual que pode mostrar a outros seres como destruir o mal e tornar-se divino.

A alma de um ser ignorante e a de um mestre são iguais em essência e são perfeitas, assim como os reflexos de uma lua que aparecem distorcidos em potes de água agitada e lamacenta, ou não distorcidos em águas calmas e claras, são reflexos do mesmo objeto. -a lua.

Quando a água da panela está turva e agitada pela brisa, a lua ali refletida parece distorcida, embora não seja assim na realidade; mentes turvas e agitadas pela inquietação causada pelos atributos da Natureza também causam uma aparente distorção da alma. Quando, através da meditação iogue, a mente turva da ignorância se acalma, a inquietação

desaparece; a alma clara é manifestada.

Assim como o reflexo da lua pode ser distorcido de forma irreconhecível em águas turbulentas, o reflexo da alma também é grosseiramente distorcido num homem materialista. Assim como a lua é reconhecidamente refletida em águas límpidas ligeiramente agitadas, ou perfeitamente refletida em águas límpidas completamente calmas, as almas iluminadas são manifestações parciais ou plenas de Deus. Assim como a água calma e clara em vários potes reflete perfeitamente a mesma lua brilhante, todas as almas liberadas manifestam a mesma essência pura da alma. Quando os potes são quebrados e a água liberada, as imagens refletidas que pareciam confinadas em vários potes tornam-se uma só com a lua cuja luz se espalha por todo o céu; da mesma forma, todos os mestres totalmente liberados que podem separar suas almas refletidas de seus corpos à vontade e ainda assim viver em formas corpóreas são imagens anímicas perfeitas e iguais de Deus. Há uma diferença ilusória na aparência, mas quando eles desmaterializam seus confinamentos corporais eles são o mesmo Espírito Onipresente.

❖

A crença de que um mestre liberado é maior que outro é ignorância dogmática

❖

Discípulos dogmáticos com suas mentes pequenas se esforçam para representar seu mestre particular como maior do que outros mestres. Quem pode dizer com autoridade: “Meu mestre é uma encarnação de Deus totalmente liberada”? Somente aquele que tem a verdadeira intuição e é ele próprio aperfeiçoado na sabedoria da sintonização com Deus.

Qualquer um que diga: “Meu mestre é a maior encarnação de Deus, ou o único mestre liberado”, é inquestionavelmente ignorante. O critério para julgar mestres totalmente liberados é possuído apenas por discípulos totalmente liberados. Um discípulo liberado é completamente leal ao seu mestre, o guru que lhe mostrou o caminho para a libertação, mas sempre respeita outros avatares e mestres. Mestres e discípulos que alcançaram a Auto-realização depois de vagarem por vários caminhos de crenças amam todos os santos como um só em Deus. Discípulos ignorantes, tentando glorificar um determinado avatar como supremo sobre outros avatares, em

vez disso menosprezam esse mestre através de sua intolerância, intolerância, ódio, inquisições, cruzadas e guerras religiosas.

Na Onipresença não há capataz, nem presidente, nem servo; não é grande, maior e maior. Todos são iguais e um com o Espírito – um alegre conclave de Amizade Divina.

Como o Espírito Encarna nos Sucessivos Estratos da Criação

Estas estrofes do Gita também podem ser interpretadas como uma referência à história da criação. “Sempre que há uma distorção do Meu Espírito (o abrigo protetor ou dharma do universo) através da ação de Minha ilusória maya, então Minha Unidade Infinita é dividida em ondas finitas de criação, colidindo umas com as outras no mal da dor e da desarmonia. . A fim de trazer de volta a bondade harmoniosa do Meu Ser Único e destruir os males ameaçadores das aparentes relatividades, o Meu Espírito (limitado quando apresentado como matéria, minerais, plantas, animais e seres humanos em guerra) encarna-se continuamente em repetidos influxos evolutivos. até que, ao dissolver as dualidades insalubres e conflitantes, todos recuperem o eterno estado de bem-aventurança da unidade.”

O acima traz dois pontos:

(1) O Espírito, ao eclipsar-se na ilusão cósmica, aparece como uma miríade de fenômenos materiais em constante mudança. É através deste processo, deste meio malévolo e ilusório, que o Espírito se recria desde a Infinitude macrocósmica até íons de energia infinitesimais, microcósmicos e quase infinitamente divisíveis. “Eu vi Satanás como um relâmpago caindo do céu.”15 A energia cósmica fluindo do Espírito manifesta a natureza material problemática (Apara-Prakriti; Maya, Satanás).

(2) Depois de projetar-se externamente como energia na matéria atômica, a máxima densidade da ilusão, o Espírito vê a agitação constante das forças atômicas da criação finita - colidindo, unindo, guerreando, dividindo-se de acordo com as leis de atração e repulsão - como etéricas, formas gasosas, ígneas, líquidas e sólidas emergindo, dissolvendo-se, sempre mudando. O Espírito, desapontado porque a ilusória maya não

reflete a Sua perfeição na criação, interrompe esta repulsa externa e inicia o processo de reunificação, encarnando-se em formas progressivamente mais elevadas de vida e expressão. Adormecido nos minerais inertes da matéria, o Espírito começa a sonhar na vida vegetativa das árvores e das flores. Então o Espírito desperta parcialmente na mobilidade senciente da pequena ameba e da poderosa fera. Totalmente desperta no homem, a inteligência discriminativa do Espírito se estende como um conquistador dos mistérios ilusórios da vida. E no homem iluminado a encarnação do Espírito está completa!16

Seja qual for o período da eternidade, o Espírito criou-se pela primeira vez em várias formas de criação, incluindo os primeiros seres humanos, todos os Seus objetos manifestados refletiram facilmente a Sua qualidade espiritual durante uma Era Espiritual de 4.800 anos. A pureza original da criação evidenciou a sua emergência da manifestação causal para a forma astral e depois para a forma material.

❖

Descida da humanidade da Idade de Ouro original

❖

Adão e Eva, símbolos dos primeiros seres humanos especialmente criados por Deus, estavam plenamente conscientes de sua divindade até que, através da tentação da Natureza, eles se entregaram à criação sexual, fazendo com que sua consciência divina descesse dos centros cerebroespinhais superiores de percepção espiritual para os inferiores. canais de vida identificados com a consciência sensual mortal.17

Após a Era Espiritual, os seres terrestres reencarnados e seu ambiente cósmico, sob a influência do desejo separativo de criar do Espírito (manifestando-se como maya ou a Força Cósmica Ilusória), começaram a descer para a Era Mental de 3.600 anos, a Era Atômica. de 2.400 anos, e a Idade Material de 1.200 anos.

Depois que a população em geral na Terra e todo o universo solar manifestaram as vibrações da Era Material, então o Espírito - para impedir a sua criação de uma maior involução - criou uma atração magnética ascendente de modo que a Era Material começou a evoluir para a Era Atômica, Mental, e as Eras Espirituais novamente, cobrindo mais 12.000

anos.

❖

Os yugas, ou ciclos evolutivos da história

❖

Estes ciclos evolutivos descendentes e ascendentes, cada ciclo equinocial completo durando 24.000 anos, foram repetidos cerca de 83.000 vezes durante os dois bilhões de anos que os cientistas estimam que a Terra já existiu.18 Sempre que esta escola terrena cumpriu seu propósito temporário no esquema de Deus, de acordo com ao tempo cíclico, ou sempre que todos os habitantes tenham sido plenamente educados na manifestação da divindade completa, então, através de um dilúvio cósmico, o Espírito não só libertará os seres humanos, mas também os átomos activos da terra, torturados pelo carma. Nas dissoluções parciais, apenas certas áreas da Terra são "dissolvidas", como o continente da Atlântida e a Terra de Mu (Lemúria) no Pacífico. Platão relata as lendas de uma dessas dissoluções parciais, quando (cerca de 9.000 a.C.) a terra vibrou e tremeu e grandes fissuras apareceram; Atlântida desapareceu nas águas circundantes com seus numerosos habitantes.19

A história dificilmente poderia registrar dissoluções cósmicas ou terrenas completas! Nessas ocasiões, um planeta, por exemplo, e todas as coisas nele são convertidas em energia diáfana. Somente os mestres liberados, através de visões, viram tais dissoluções cósmicas; e ninguém, exceto Deus, manteve um registro de quantas vezes o edifício da escola terrena e seus alunos foram inteiramente desmaterializados em forma astral ou causal, ou em meras idéias-sementes na mente do Criador, e então trazidos novamente à luz ao longo de todo o processo. os muitos "Dias de Criação" – períodos de manifestação, que são então seguidos por "Noites de Dissolução".

A cada ressurgimento da escola cósmica, Deus começa novamente a treinar seus alunos – alguns recém-chegados e outros que são repetidores (como Krishna explica em VIII:19). Avançando através dos diferentes graus de encarnações, eles deverão finalmente passar no exame final da libertação. Como a expectativa de vida de todo um universo, de acordo com os antigos videntes, é de mais de 300 trilhões de anos – uma Era de Brahma

– sem dúvida Deus (vestido como Krishna) declara: “Arjuna, eu alcancei tudo, não tenho nada a alcançar, mas ainda assim continue trabalhando” (III:22).

O Espírito Infinito tem estado em êxtase no espaço sem vibração e ativo no espaço vibratório por incontáveis éons de eternidade. O Espírito, portanto, divide-se na criação pelo poder decrescente da ilusão, e então traz de volta para Si todas as formas pródigas que emergem através da evolução ascendente. No final da vida universal, as forças orgânicas e inorgânicas errantes são transmutadas como energia fluida em Sua Consciência Cósmica. A tempestade da ilusão é relembrada; todas as ondas da criação animada e inanimada tornam-se novamente o mar do Espírito. Mas isso não é o fim! Depois de um tempo, as sementes da criação, cuidadosamente preservadas no Espírito, são lançadas novamente para iniciar novamente o seu ciclo produtivo.

A EVOLUÇÃO DESCENDENTE E ASCENDENTE DA ALMA

Por último, estas duas estrofes do Gita referem-se também à evolução da alma individualizada. Durante uma encarnação, sempre que um devoto se encontra em ilusão devido à identificação dos sentidos, o Espírito se manifesta nele tentando fomentar seu anseio pela bem-aventurança da alma.

O desejo do homem de buscar a salvação muitas vezes surge do poder torturante da aflição. No entanto, muitos mortais sofrem durante um longo período de encarnações sem experimentar qualquer despertar. Um homem iludido é finalmente despertado pela ajuda divina que o incita continuamente a tentar recuperar a imagem do Espírito; ele descobre Sua presença recriada dentro dele a cada novo esforço.

Assim, tão frequentemente quanto a natureza depravada ou identificada com o corpo (adharma) do homem se manifesta, devido aos efeitos do mau uso do livre arbítrio, com a mesma frequência a verdadeira natureza da alma (dharma) emerge através do esforço próprio espiritual, estimulado pelas manifestações interiores. do Espírito sempre desperto e sempre bondoso:

“Eu Me manifesto na alma do homem para reunir suas boas qualidades

(as fontes das boas ações) para vencer seus deméritos humanos (as fontes das atividades malignas). Eu infundo Meu poder no devoto que inspira suas nobres qualidades de discriminação e consciência intuitiva calma, desapego, controle da força vital, autocontrole, autodisciplina para evitar ações injustas e paciência espiritual na adesão à meditação, renúncia e austeridade . Com o advento do Meu Espírito e Seu reforço, as qualidades virtuosas estimuladas causam a dissolução dos viciosos deméritos humanos – desejo, raiva, ganância, apego, egoísmo, ciúme, ódio, ilusão e ilusão."

A vitória final da evolução da alma – da "virtude" sobre o "vício" – é a realização interior ou experiência de ascensão ao Espírito. Os dois primeiros versos deste capítulo do Gita descrevem o aspecto simbólico espiritual dos vários estágios (Vivasvat, Manu, Ikshvaku e os Rajarishis) através dos quais a alma do devoto desceu do Infinito ao finito.

Emergindo da Consciência Cósmica, a alma entra no estado vibratório de Luz Cósmica, ou Vivasvat. Quando fica sob a influência da mente (manas), torna-se individualizado, limitado pela identificação com a consciência humana em geral, denominado estado Manu da alma descendente. Daí flui para a vida astral e a consciência, ou o estado Ikshvaku. A alma então desce ainda mais para os Rajarishis, ou estado de identificação com os sentidos.

Durante um longo lapso de tempo, a alma permanece identificada com o corpo e esquece a sua união com o Espírito. A alma deixa assim o palácio espacial cósmico superior da Onipresença para descer a escada escura das limitações e começa a vagar pelas planícies baixas do materialismo; "vício" (adharma) prevalece.

Segue-se que todo filho pródigo, procurando ascender refazendo seus passos para cima até o Espírito, deve sintonizar-se com os impulsos internos do Espírito - encarnados em sua alma - e através da meditação iogue adequada deixar para trás a identificação com hábitos materiais e prazeres sensoriais (Rajarishis), percepção intuitiva da vida astral e da consciência (Ikshvaku), a soma total da consciência humana individualizada (Manu) e Luz Cósmica (Vivasvat). Chegando ao Espírito, a alma "respira" um longo suspiro de alegre alívio! A "virtude" perfeita (dharma) é restabelecida.

ॐ

Bhagavan Krishna como Yogeshvara, “Senhor do Yoga”

Ó Bharata (Arjuna)! sempre que a virtude (dharma) declina e o vício (adharma) predomina, eu encarno como um Avatar. Em forma visível, eu apareço de era em era para proteger os virtuosos e para destruir as más ações, a fim de restabelecer a justiça.

—Bhagavad Gita IV:7–8

“A plena medida da consciência de Deus se manifesta naqueles que têm plena realização da Consciência de Cristo ou de Krishna. Como a sua consciência é universal, a sua luz é derramada sobre todo o mundo....

“No Bhagavad Gita nossa atenção está focada no papel de Sri Krishna como o guru e conselheiro de Arjuna, e na sublime mensagem de yoga que ele pregou como preceptor ao mundo – o caminho da atividade correta e da meditação para a comunhão divina e a salvação – cuja sabedoria o entronizou nos corações e mentes dos devotos ao longo dos tempos.”

—Paramahansa Yogananda

Caminhos de Libertação das Rodadas de Renascimento

Versículo 9

janma karma ca me divyam evaṁ yo vetti tattvataḥ
tyaktvā dehaṁ punarjanma naiti mām eti so 'rjuna

Aquele que assim intui, em sua realidade de princípios ordenados, Minhas manifestações divinas e ações vibratórias, não renasce após a morte; ele me obtém, ó Arjuna!

Sempre que o Espírito desce à matéria vibratória, renascendo nela pela ação de maya, ilusão, Ele passa por vários estágios, pelos efeitos dos princípios criativos ordenados (tattvas) da Natureza: consciência cósmica, energia, gases, líquidos, sólidos, matéria macrocósmica. (o universo), matéria microcósmica (homem, com alma, consciência, força vital e corpo). A alma

desce assim com o Espírito e fica presa ao corpo.

O Espírito permanece livre ainda que renasça ou se manifeste como matéria; mas o homem, como Espírito individualizado ou alma, identifica-se com seu pequeno universo – corpo, sentidos e posses.

Pela renúncia ao apego externo e interno, o iogue começa a ascender dos planos das posses objetivas; ele se desembaraça dos sentidos, do mecanismo sensorial e motor, das influências de sua mente subconsciente e de seu carma de muitas vidas, e começa a subir ao estado superconsciente. Ele cessa sua peregrinação pela matéria e se torna uma imagem perfeita do Espírito, habitando o corpo, mas desapegado dele.

Quando o iogue une sua alma ao Espírito por meio de êxtases superiores, ele vê como a Luz Cósmica do Espírito se transformou através dos princípios da Natureza em várias formas de matéria na tela do éter, assim como um claro raio de luz procedente de um cabine em uma sala de cinema e ao passar por um filme se transforma em imagens de paisagens montanhosas, árvores, lagos, oceanos, seres humanos e assim por diante, produzindo assim a ilusão de sólidos, líquidos, gases, matéria orgânica e inorgânica, interagindo no tela.

Krishna diz que aquele que pode realmente perceber a verdadeira natureza do renascimento do Espírito como matéria torna-se liberado. Um iogue iluminado percebe, por experiência intuitiva, como o Espírito onipresente nasce no corpo da matéria cósmica e nele reside sem enredamento. Tal iogue, sendo um com o Espírito, é liberado mesmo que use uma vestimenta carnal.

Versículo 10

vītarāgabhayakrodhā manmayā mām upāśritāḥ
bahavo jñānatapasā puṭā madbhāvam āgatāḥ

Santificados pelo ascetismo da sabedoria, desapegados do apego, do medo e da ira, absortos e protegidos em Mim, muitos seres alcançaram Minha natureza.

Assim como uma pessoa entusiasmadamente absorta em um filme pode descartar seu envolvimento emocional e contemplar com calma o feixe de luz acima que está produzindo as imagens, da mesma forma um iogue avançado, ao neutralizar suas emoções, pode ver as imagens oníricas da vida saindo do Onipresente. Raio de Espírito. Absorvido na Realidade Infinita, esse ser se torna liberado.

As escrituras hindus comparam seguir o caminho espiritual a andar no fio da navalha. Isto se refere não apenas à necessidade de seguir uma vida virtuosa centrada em Deus, mas especificamente à coluna ereta e reta da meditação, o único caminho pelo qual alguém ascende à realização de Deus e à união com Ele.20 Ao longo dos tempos, muitos devotos – santificados pela disciplina moral e física adequada, pela meditação e por uma técnica como o Kriya Yoga – acenderam o fogo purificador da Auto-realização e viram naquela luz bruxuleante o Espírito Onipresente. Unindo suas almas confinadas ao corpo com o Espírito que tudo permeia, o devoto perde o apego ao miasma físico que excita o medo e a raiva e torna-se imerso e seguro no Espírito Onipresente.

Os materialistas estão tão apegados ao desfrute dos objetos dos sentidos que vivem suas vidas cheios de medo, medo de perder os prazeres grosseiros da saúde ou do conforto físico; e eles são consumidos pela raiva quando isso acontece. Mas o sábio, reconhecendo o corpo como uma frágil cesta de prazer, não coloca nele todos os ovos da sua felicidade, sabendo que a consequência será uma pilha mexida de humpty-dumpties.

VERSÍCULO 11

ye yathā māṁ prapadyante tāṁs tathaiva bhajāmyaham
mama vartmānuvartante manuṣyāḥ pārtha sarvaśaḥ

Ó Partha (Arjuna)! seja qual for a maneira como as pessoas são devotadas a Mim, nessa medida Eu Me manifesto a elas. Todos os homens, em todos os sentidos (de Me buscar), buscam um caminho para Mim.

“Assim como homens de diversas naturezas oferecem sua devoção a Mim de diferentes maneiras, Eu também respondo de diversas maneiras, de acordo com o desejo de seus corações, seu grau de compreensão e sua maneira de adorar. Todos os seres, independentemente do seu modo de busca, seguem seu caminho para Mim.”

Ao longo dos tempos, a forte força motivadora do amor humano tem sido expressa de diversas maneiras – filial, conjugal, amigável, familiar, prestativa, humanitária. Todo amor humano é emprestado do Amor Divino, mas em comparação é uma expressão escassa. Insatisfeito com as imperfeições do amor humano, o homem finalmente se volta para o amor perfeito de Deus. Como o amor de Seus filhos é a única coisa que o Senhor busca, é essa devoção, dada gratuitamente — em qualquer forma de expressão, esforço ou adoração — que traz Sua resposta divina. Ele se dá a conhecer a quem busca numa medida proporcional à mentalidade e capacidade de receber dessa pessoa.

Os devotos adoram o Senhor de várias maneiras - como o Pai Infinito ou Celestial ou a Mãe Divina, ou como Amigo Divino (como o relacionamento entre Krishna e Arjuna), ou como Amante Divino, Amado Divino, Mestre Divino, Filho Divino. Deus responde ao devoto em qualquer aspecto que lhe seja querido. Ao verdadeiro monista, Ele se revela como o Infinito; para o dualista sincero, Ele aparece na forma finita desejada.

A água pode manifestar-se como ondas pequenas ou grandes no oceano; ou como espuma ou bolhas de surf; ou como gotas de chuva ou icebergs – mas nessas diversas formas é água da mesma forma. Pelo poder de maya ou ilusão, o Espírito também assume muitas formas, manifestando-se como numerosos seres humanos dotados de livre escolha, abrindo caminho através de vários estágios evolutivos – bons ou maus, ligados ou livres, apegados ou não, desejosos ou não. É somente por causa da ilusão inquieta que os homens se sentem separados do Espírito e não percebem Sua imanência dentro de si mesmos e de toda a Natureza. O iogue acalma esse movimento de dualidade pela consciência da Unidade nascida na meditação, percebendo assim como todas as manifestações duais da Natureza surgem e se dissolvem na unidade do Espírito.

O Espírito tornou-se os vinte e quatro atributos da Natureza e, através da ação da ilusão, manifesta-se como a infinita variedade de combinações desses atributos. Não importa quão variados sejam os objetos e as pessoas desta terra, todos eles vêm da única Fonte espiritual. As concepções mantidas pelos seres humanos em relação a esta Fonte, no entanto, são influenciadas pela tela de ilusão criada por cada pessoa (suas interações pessoais com os atributos da Natureza), através da qual todas as suas percepções e pensamentos são filtrados. Assim, surge das necessidades personalizadas de diferentes mentalidades uma necessidade criada pelo homem para uma variedade de religiões (para várias expressões da única Verdade), às quais o Senhor dá consentimento e bênção. Mas existem obstruções que separam a religião de Deus – estas são o fanatismo dogmático, a intolerância e a intolerância. Aos olhos do Senhor, o verdadeiro infiel é aquele que O desonra em qualquer uma de suas manifestações enobrecedoras. Todos os caminhos verdadeiros – sejam teológicos, de serviço, discriminativos, devocionais ou científicos (Raja Yoga) – podem, em maior ou menor grau, conceder ao seguidor sincero um insight ou iluminação correspondente.21

Alguns buscadores seguem o caminho da renúncia pura (compreensão do mundo sensorial como transitório e de Deus como a única Vida verdadeira), enquanto outros seguem o caminho difícil da vida mundana guiada pela sabedoria, e outros ainda percorrem o caminho tortuoso e ilusório dos prazeres sensoriais. Quer procure contentamento através da renúncia, quer através de actividade combinada com discriminação espiritual, quer através do prazer na sensualidade, a humanidade está em busca da verdadeira felicidade. Todos, portanto, mais cedo ou mais tarde terão que se voltar para a Fonte e, assim, encontrarão a bem-aventurança divina do Espírito. Os sábios alcançam a meta rapidamente, através da meditação; as pessoas mundanas mais lentamente, por comparação entre o bem e o mal; enquanto aqueles que agora são “ímpios” buscarão a verdadeira bem-aventurança espiritual somente depois de muitas desilusões provarem a loucura de seu curso mal direcionado.

VERSÍCULO 12

kāṅkṣantaḥ karmaṇāṁ siddhiṁ yajanta iha devatāḥ
kṣipraṁ hi mānuṣe loke siddhir bhavati karmajā

Desejando o sucesso de suas ações aqui na terra, os homens adoram os deuses (vários ideais), porque as realizações resultantes da atividade são facilmente alcançadas no mundo dos homens.

O materialista sabe que a ação adequada trará sucesso aos seus empreendimentos; seus pensamentos e orações propiciam aos "deuses" aquelas forças e fatores necessários para atingir seus objetivos materiais.

O iogue sabe que aqui e agora, mesmo enquanto ainda está encarnado na Terra, ele pode ter sucesso em alcançar a Auto-realização por meio de ações adequadas de prática de yoga; através deles, ele se sintoniza com as forças criativas divinas que fizeram dele um ser humano limitado e que podem retransformá-lo em uma alma liberada e iluminada.

O sucesso na obtenção de objetivos e prazeres materiais é relativamente fácil num mundo moldado para esse propósito. Assim, o homem persegue os óbvios ganhos imediatos, os "tangíveis", todos eles traiçoeiramente evanescentes.

O sucesso duradouro consiste em libertar a alma da tríplice tristeza (física, mental e espiritual) inevitável no ser humano limitado, e em alcançar a bem-aventurança da libertação final.

❖
A meditação Pranayama traz o sucesso espiritual final
❖

Para alcançar cientificamente esse verdadeiro sucesso, os Kriya Yogis aprendem a retirar a força vital e a mente por meio do pranayama, conduzindo-os para cima, dos nervos sensório-motores, até a consciência cósmica da corrente de mil raios no cérebro. Através deste modo de "adoração" científica, o iogue comunica-se com as várias divindades (torna-se sintonizado com os poderes) nos seis centros do eixo cérebro-espinhal. Através desta ascensão ao Kriya Yoga, os poderes milagrosos (siddhis) sobre a mente e a matéria mencionados por Patanjali são alcançados com o tempo.22 O iogue então descarta esses poderes inferiores em prol do Milagre supremo – Deus. Ao encontrá-Lo, o

devoto alcançou o verdadeiro sucesso.

A mente (manas), movendo-se para fora, em direção aos nervos sensório-motores, é a originadora de todas as ações que levam a várias formas de realizações terrenas. Quando esta mente é retirada dos músculos, sentidos, órgãos involuntários e coluna vertebral para o cérebro, o ego identificado com a mente torna-se a alma perfeita. A alma então se une ao Espírito que brilha no lótus de luz de mil raios.

Pela prática adequada e intensa da técnica de união do Espírito e da alma, o iogue alcança o domínio e a liberação final em um tempo relativamente curto. Compare este esforço e o seu sucesso duradouro com a atividade material contínua e os pequenos resultados obtidos neste mundo mundano – ganhos que desaparecem ou devem ser deixados para trás na morte. Os "industriais" iogues – iogues talentosos que continuam a viver e a servir no mundo – através do seu maior poder mental, alcançam um "sucesso empresarial" mais rápido do que o homem mundano comum, astuto, mas não de visão profunda.

Os modos de ação do Senhor em Sua criação

Versículo 13

cāturvarṇyaṁ mayā sṛṣṭaṁ guṇakarmavibhāgaśaḥ
tasya kartāram api māṁ viddhyakartāram avyayam

De acordo com a diferenciação de atributos (gunas) e ações (karma), criei as quatro castas. Embora seja assim o Fazedor, saiba que sou o Não-executor, além de toda mudança.

O Senhor, como o Criador Cósmico, moldou um mundo de seres modelados segundo as atividades de Sua própria natureza: Inteligência Cósmica, Energia Cósmica, Organização Cósmica ou Lei Ordenada e Movimento Cósmico. No homem, essas atividades são expressas sob a influência diferenciadora dos três gunas ou qualidades com as quais o Senhor imbuiu a Natureza: sattva (elevar), rajas (ativar) e tamas (degradar). Das ações e das

qualidades boas, ativas ou más do homem surgem as quatro castas naturais: espiritual (Inteligência, ou Brâmanes), governante e protetor (Energia, ou Kshatriyas), organizador ou cultivador de negócios (Lei Ordenada, ou Vaishyas) e trabalho (Movimento ou Sudras). A consciência de Deus, pura e além de todos os atributos, assume uma aparência externa de diferenciação quando expressa através da variedade de qualidades e comportamentos humanos. Assim como uma luz branca pura permanece inalterada e ainda assim parece diferente quando vista através de óculos de cores diferentes, assim o Espírito único que se expressa através das qualidades boas, ativas e más e das atividades características dos seres humanos parece diferente em cada caso, mas é, no entanto, o único. Espírito.

❖ Compreendendo o sistema de castas

O sol, a lua, as estrelas, os planetas, as criaturas, o homem, são o resultado da inteligência, da energia e do movimento de Deus movendo-se através do espaço de maneira organizada. A inteligência é o "cérebro" de Deus; energia é Sua "vida"; o movimento é o Seu "corpo"; e organização ou lei ordenada é Seu plano para o universo. Essas quatro atividades foram combinadas na forma do ser humano. A inteligência tornou-se a cabeça. A Energia Cósmica proporcionou vida e vitalidade ao corpo. O movimento criou os pés. E a organização do corpo veio da lei ordenada, do poder organizador de Deus.

❖ *Organização da criação espelhada na organização da sociedade* ❖

Estas quatro atividades são o modelo a partir do qual todas as corridas são feitas. (1) A intelectualidade, ou guiada pela sabedoria. Eles são os Brâmanes naturais que vivem perto de Deus e refletem Sua Inteligência através do pensamento discriminativo e da atividade espiritual. (2) Os guerreiros e governantes enérgicos. Eles são os Kshatriyas naturais. Resultado direto da Energia de Deus, gostam de ser ativos, de lutar por uma causa, de defender o seu país, de proteger os indefesos e os fracos. Em todas as sociedades, há aqueles que se tornam maus e têm de ser controlados pelos fortes idealistas. (3) Os organizadores. Estes são os líderes empresariais. Eles são os Vaishyas naturais. Como consequência da actividade ordenada de Deus,

eles têm a capacidade de organizar as estruturas económicas e laborais da sociedade. (4) A classe trabalhadora. Eles são os Sudras naturais. Expressam o movimento de Deus, sem o qual a maquinaria universal e social pararia.

As diferenças entre estas quatro castas naturais de atividade não fazem com que uma seja maior ou menor que as outras. Todos são necessários ao Plano Cósmico. Quando no corpo do homem o cérebro, ou os pés, ou as mãos, ou as funções vitais ordenadas se recusam a cooperar, todo o corpo sofre como consequência. Se numa sociedade os intelectos superiores, os governantes e os soldados, os líderes empresariais e os trabalhadores lutarem entre si, todos sofrerão e perecerão. O bem-estar de um grupo não pode ser sacrificado pelo engrandecimento de outro grupo falsamente considerado mais elitista ou importante.

As Escrituras e a história mostram que entre todos os povos, tanto selvagens como civilizados, foi feita uma divisão quádrupla dos homens para o governo adequado de um grande clã, raça ou nação.23 Mesmo desde os tempos primitivos parece ter havido em todas as raças uma Classificação natural dos povos em tipos, ordenada por Deus – baseada não na hereditariedade, mas em características inerentes.

Na Índia, certos líderes religiosos poderosos entre os brâmanes – não muito diferentes dos fariseus do tempo de Cristo – decidiram basear o sistema de castas inteiramente na hereditariedade para servir os seus próprios objectivos despóticos. Durante muito tempo, as massas em geral foram vítimas da teoria de que a vocação de sacerdote, guerreiro, empresário ou trabalhador deveria ser determinada de acordo com a hereditariedade, e não de acordo com gostos ou habilidades inatas. O filho de um brâmane era automaticamente um brâmane, mesmo que nada soubesse da vida religiosa ou filosófica, ou mesmo que tivesse tendências a agir como um homem de negócios, um guerreiro ou um escravo dos sentidos. Quando os guerreiros na Índia perderam contra a agressão estrangeira, os empresários, trabalhadores e sacerdotes permaneceram inativos, dizendo: “É uma pena que os Kshatriyas (guerreiros) tenham perdido; é claro que é contra nosso costume hereditário que nós, das outras

três castas, lutemos. Esta atitude errada é uma das razões pelas quais a Índia perdeu a sua liberdade quando a terra foi invadida por inimigos.

Esta maldita visão hereditária de casta sempre foi condenada por sábios swamis, iogues e outros homens iluminados da Índia. Shankara, o fundador da Ordem Swami, escreveu: “Não tenho nascimento, nem morte, nem casta”. Ele renunciou à casta brâmane na qual nasceu. Os seguidores de Mahatma Gandhi e de outros líderes modernos na Índia estão a fazer muito bem na reforma do sistema de castas.24

❖

Classificar a casta de uma pessoa pela hereditariedade é pura ignorância

❖

Claro, pode-se presumir com razão que, através da influência da hereditariedade e do ambiente, os descendentes de sacerdotes, guerreiros, empresários e trabalhadores são geralmente obrigados a apresentar muitos traços “familiares”. Pode ser mais fácil para um filho de sacerdote tornar-se sacerdote e para um filho de guerreiro tornar-se soldado. Mas também é verdade que os instintos mais fortes dos filhos nem sempre refletem as qualidades dos pais. Sabe-se que os filhos dos ministros escolhem outras vocações; e o mesmo acontece com as outras “castas”. O filho de Napoleão não era de forma alguma um gênio militar! Duas crianças cujas naturezas estão em oposição direta são frequentemente encontradas na mesma família. Uma única causa de afinidade, como o amor pela harmonia, é responsável pelo renascimento de uma pessoa com inclinações materiais em uma família espiritualmente harmoniosa.

É, portanto, pura ignorância classificar as castas de acordo com a hereditariedade, pois sabemos que o filho de um trabalhador pode ser um génio musical e que o filho de um guerreiro pode ser um bom homem de negócios. De acordo com os projectos de lei militares modernos, os filhos dos clérigos, dos empresários e dos trabalhadores – e não apenas os descendentes dos guerreiros – foram arrastados para o vórtice da guerra; todas as classes demonstraram igual relutância – e igual bravura!

Cada homem, a reencarnação de um ego com vários traços e instintos pessoais, nascido numa família cujas características lhe podem ser bastante estranhas, deveria ser autorizado a prosseguir o trabalho que lhe for mais

adequado.

❖

A casta do homem é determinada pela forma como ele responde aos gunas

❖

Este verso do Gita, que menciona a criação das quatro castas, refere-se não apenas às atividades para as quais o homem está naturalmente inclinado, mas também ao fato de que, embora as almas tenham sido todas feitas à mesma imagem do Espírito, ainda assim, quando introduzidos em vários corpos, eles têm liberdade de escolha para serem influenciados pelos três gunas da Natureza. Estas três qualidades produzem as quatro castas qualitativas naturais. Todos os homens apresentam uma mistura de todos os gunas, explicando assim a desconcertante variedade da natureza humana em geral, e também a desconcertante variedade às vezes encontrada em uma pessoa!

Cada homem é marcado com sua casta natural pela predominância em si mesmo de um dos seguintes gunas ou misturas de guna: (1) sattva (boas qualidades), (2) sattva-rajas (mistura de qualidades boas e ativas), (3)) rajas-tamas (mistura de qualidades ativas e materialistas), (4) tamas (qualidades sombrias ou más).

De acordo com o carma pessoal, um homem nasce (1) na casta brâmane natural, “conhecedores de Brahma ou Espírito”, ou (2) na casta natural Kshatriya, na qual predomina uma mistura de qualidades boas e amantes da atividade, ou (3) a casta Vaishya natural, marcada por uma mistura de tendências materialistas e amantes da atividade, ou (4) a casta Sudra natural, caracterizada principalmente pelo amor aos prazeres corporais.

Esses quatro estados guna também influenciam a meditação. Para alcançar a realização iogue, o primeiro estado de meditação é cercado pela escuridão. (“E a luz brilha nas trevas; e as trevas não a compreenderam.”25) Diz-se que o devoto está no estado Sudra quando sua mente está totalmente absorta na inquietação muscular e sensorial do corpo. Quando o iogue medita mais profundamente, ele vê uma luz avermelhada sobre um fundo escuro; ele começa a cultivar as sementes de várias percepções espirituais no solo da intuição e então ascende ao estado seguinte, ou Vaishya.

O iogue se desenvolve ainda mais; com seus atributos divinos e ativos,

ele começa a vencer conscientemente a batalha entre as distrações dos sentidos e as intuições da alma. Ele se torna um guerreiro veterano, capaz de destruir com sucesso suas sensações invasoras e pensamentos subconscientes, desligando sua força vital dos nervos sensório-motores. Este é o estado Kshatriya vitorioso dos sentidos, no qual o iogue vê uma luz branca com um brilho avermelhado – a luz da energia acumulada que foi retirada dos sentidos.

Ele aprende como retirar essa energia das seis fortalezas espinhais, onde os sentidos e as percepções superiores estão sempre travados numa batalha entre a consciência corporal e as percepções espirituais. Neste quarto estado, o iogue consegue desconectar sua consciência das posses terrenas, das sensações corporais, dos pensamentos subconscientes e das forças vitais, e conduz seu ego (pseudoalma) através dos nervos sensoriais e motores, os seis nós espinhais da carne e da mente para os lobos frontais do cérebro, na região da fontanela,26 e se une à indescritível luz branca do Espírito Onipresente (Brahman), manifestamente expresso ou assentado no trono sutilmente luminoso das percepções espirituais de mil raios. Este é o estado supremo do Brahmin natural.

VERSÍCULO 14

na māṁ karmāṇi limpanti na me karmaphale spṛhā
iti māṁ yo' bhijānāti karmabhir na sa badhyate

As ações não causam apego em Mim, nem anseio pelos seus frutos. Aquele que está identificado Comigo, que conhece Minha natureza, também está livre dos grilhões cármicos das obras.

Deus, o Criador de todo movimento vibratório, manifestado como energia cósmica e como átomos e universos insulares, permanece livre de qualquer mancha de apego (na limpanti27) às repercussões de todas as energias móveis. Nem o Senhor tem qualquer desejo especial de obter um resultado definido de Suas forças harmonizadas da Natureza. Aquelas pessoas que abandonam a ilusão e percebem que foram “feitas à imagem de Deus”

tornam-se, como o Senhor, livres da escravidão cármica.

A frase sânscrita “mam yas abhi-janati”,28 traduzida neste versículo como “quem está identificado Comigo, que conhece Minha natureza”, é uma referência ao devoto que em meditação volta sua consciência para, ou entra, no interior. percepção do Espírito. Ele realiza assim a identificação do seu verdadeiro Eu, a alma, com o Sempre Perfeito Senhor.

Devido à acção de maya (ilusão) que opera através das forças activas da Natureza, a mente do homem flui para fora através dos sentidos, e a alma torna-se assim identificada com o corpo e com os seus bens e ambiente. Assim manchada de apego, a natureza pura da alma é obscurecida; torna-se a pseudoalma ou ego, com sua ilusão individual que desenvolve gostos e desgostos, os instigadores de complicações materiais. Somente depois de muitas encarnações sofrendo desilusões por esperar felicidade duradoura de um corpo impermanente e de seus prazeres é que o homem gradualmente toma medidas para abandonar sua natureza egoísta e se volta para uma busca sincera de realização na calma interior, na introspecção e na ação discriminativa. É então que Deus envia um guru que familiariza o devoto com a arte de reunir o ego ligado à matéria com o Espírito. Pela interiorização da mente, a alma abandona a sua natureza egoísta ligada ao corpo e os seus apegos às atividades e desejos do corpo e dos sentidos e começa a lembrar e a expressar a sua verdadeira natureza como um reflexo perfeito do Espírito.

Não importa há quanto tempo a lama obscurecedora da ilusão tenha sido imposta à imagem dourada da alma sempre abençoada, o homem tem a livre escolha de solidificar e aumentar a ilusão por meio de novos atos de erro, ou de raspar a lama com os instrumentos da ilusão. discriminação e meditação.

O Senhor expressa claramente Sua lei nesta estrofe do Gita: “Qualquer um de Meus filhos que queira alcançar Meu estado de liberdade e realização deve lembrar sua identidade com Minha Natureza e evitar complicações cármicas, engajando-se adequadamente em ações neste drama cósmico como Eu faço— sem desejo pelos frutos das ações, e sem mácula de identificações e apegos ilusórios decorrentes delas”. Seguindo esta regra,

pode-se representar o drama do prazer ou da dor, da prosperidade ou da pobreza, da saúde ou da doença, sem transtornos mentais e consequências cármicas, mesmo que os atores representem seus papéis cômicos ou trágicos sem serem afetados interiormente.

Deus é plenitude; Sua atuação neste universo em todas as suas manifestações externas não afeta Seu ser interior, Sua bem-aventurada transcendência. Todos os Seus filhos podem se comportar como Ele, sem serem afetados no Eu interior. Eles têm liberdade para se apegarem às ações e, assim, eclipsarem a imagem da alma na miséria, ou para agirem sem apego, como faz Deus, centralizando sua consciência na perfeita imagem divina interior. Em qualquer caso, todos os seres humanos devem agir de alguma forma nesta terra – tal como o próprio Deus escolheu o caminho da acção. Ele é o Diretor, os atores, o enredo, o palco, o cenário e o público – todos fatores ligados ao drama cósmico. Ele age em tudo sem buscar recompensas ou ser ilusoriamente identificado com qualquer uma de Suas manifestações. Mas permanece o fato de que Deus age; o "show continua"! embora a peça não seja necessária para satisfazer qualquer desejo pessoal Seu - assim como um homem rico, que tem toda a riqueza que deseja, pode se envolver em alguma indústria como hobby, sem qualquer apego a ela ou desejo de ganho financeiro.

Certa vez, eu estava jantando com um amigo que gostava de administrar uma grande fazenda de seiscentos acres – com prejuízo! Ele estava se gabando de seus ovos caros. "Eles me custaram noventa centavos cada!"

Eu ri. "Então por que você administra o rancho?"

"Não me importa se será bem-sucedido ou não", respondeu ele. "Não preciso do dinheiro, então não espero nada dele. Eu apenas administro isso para me manter ocupado e dar empregos a outras pessoas."

Para Deus, este cosmos colossal é apenas um hobby. Seus verdadeiros filhos não devem levar a sério o drama terreno; é apenas uma atividade temporária! Sendo deuses em potencial, todos os seres humanos – não importa quanto tempo estejam sujeitos a renascimentos através da cadeia sempre sinuosa do carma maligno – algum dia terão que fazer esforços conscientes para alcançar a libertação. Assim, embora a ilusão cósmica

mantenha a maioria dos seres humanos em seus grilhões de apegos físicos, desejos, miséria e morte, de vez em quando os poucos que se esforçam conseguem escapar!

VERSÍCULO 15

evaṁ jñātvā kṛtaṁ karma pūrvair api mumukṣubhiḥ
cujo karmaiva tasmāt tvaṁ pūrvaiḥ purvataraṁ kṛtam

Compreendendo isso, os homens sábios que buscaram a salvação, desde os tempos primitivos, realizaram ações obedientes. Portanto, aja também obedientemente, assim como fizeram os antigos de eras passadas.

Desde tempos imemoriais, os que buscam a liberdade espiritual, lembrando-se de sua identidade com a verdadeira natureza de Deus, que permanece impessoal e livre em meio a todas as Suas atividades criativas, têm se comportado de maneira semelhante – realizando apenas ações legítimas, livres de complicações egoístas. Todo verdadeiro devoto deve aprender a discriminar entre as ações sancionadas por Deus e as ações instigadas pelo desejo material. Ele deveria então realizar as ações inspiradas por Deus sem qualquer desejo de ser o beneficiário dos frutos delas.

A princípio parece enfadonho e sem sentido agir sem desejar o resultado do ganho material. Mas eventualmente percebemos que as ações motivadas por nós mesmos interrompem e distorcem o drama de Deus, e que é insensato e desvantajoso agir em contradição com o Seu plano divino. Portanto, apenas ações obedientes devem ser executadas, e aquelas sem apego.

“Deus não fala comigo”, pode lamentar o devoto. “Como então saberei quais ações realizar?” A resposta é que Deus fala com um devoto através de seu verdadeiro guru-preceptor e dos ensinamentos espirituais dados através desse canal. Quando em dúvida sobre ações, pode-se buscar a ajuda de seu guru, ou de certos discípulos avançados do guru que são autorizados a prestar tal ajuda. A técnica de salvação dada pelo guru permite ao discípulo

atingir a sintonização divina. Pela prática do discípulo de meditação profunda, dada pelo guru, Deus e o guru da pessoa – seu poder vibrando invisivelmente dentro do devoto – irão guiá-lo corretamente.

Nunca deixe de realizar ações que valham a pena! Cristo, Krishna, Babaji, todos trabalharam, e ainda trabalham, para salvar almas e fazer a sua parte para ajudar o drama da criação de Deus. Siga esse exemplo, esse padrão de ação correta, estabelecido pelos grandes ao longo dos tempos.

As escrituras estão repletas de exemplos alertando que mesmo os devotos avançados caem das alturas se não trabalharem. A renúncia externa sem atividade e meditação corretas é perigosa; concentra a mente nos habituais prazeres envenenados dos sentidos que supostamente estão sendo abandonados. Sem a alegria do êxtase ou as ações de meditação e de serviço, a mente ociosa torna-se uma morada de maus pensamentos e humores. Até que a liberação final seja alcançada, a inatividade leva à preguiça mental, ao apego aos sentidos e à perda da consciência de Deus. Um bom homem de negócios é, portanto, melhor que um monge preguiçoso. Mas renunciar a tudo por Deus, pensar Nele o tempo todo durante atividades espirituais valiosas, servir a Ele e a Seus filhos sem ganho monetário e meditar profundamente em Deus à noite e nos pequenos intervalos diurnos do tempo livre — esse é o caminho mais elevado.

O devoto sincero, tanto renunciante quanto chefe de família, medita intensamente à noite, quando está livre das interrupções do mundo, e ao amanhecer, antes de iniciar seus deveres; e trabalha o dia todo apenas para agradar a Deus e ao Seu verdadeiro servo, seu guru, cujo único desejo é ajudar o discípulo a encontrar Deus. Deve-se sentir a Presença Divina e, inspirado por Ela, trabalhar em obediência à orientação espiritual (a sadhana) dada pelo guru; segue-se assim o caminho mais seguro para viver e trabalhar sem miséria. Fazer o que se quer não é liberdade; mas fazer o que se deve fazer, guiado pela sabedoria de um verdadeiro guru, leva à emancipação completa.

Liberdade do Karma: A Natureza da Ação Correta, da Ação Errada e da Inação

Versículo 16

kiṁ karma kim akarmeti kavayo 'py atra mohitāḥ
deu chá karma pravakṣyāmi yaj jñātvā mokṣyase ’śubhāt

Até os sábios ficam confusos sobre ação e inação. Portanto explicarei o que constitui a verdadeira ação – um conhecimento que o libertará do mal.

Mesmo os sábios que alcançaram alguma comunhão com o Espírito tornam-se novamente identificados com os sentidos depois que o seu estado de êxtase passa, e assim permanecem confusos quanto ao que é a ação correta. Um santo que consegue manter seu estado de êxtase no meio das atividades é aquele que pratica ações corretas (ações dirigidas por Deus). Somente as ações realizadas com consciência divina podem ser consideradas “ações corretas”. As ações realizadas com a consciência do ego são “ações erradas” (ações que envolvem carma).29

O iogue que não persevera na meditação até atingir o estado final inabalável de nirvikalpa samadhi é incapaz de manter a comunhão com Deus no meio de suas atividades materiais. A alma desperta no estado de êxtase, mas adormece (torna-se a pseudoalma ou ego) no estado de vigília humano.

No estado egoísta, mesmo os homens sábios ficam confusos quanto à distinção entre ação correta e ação errada. O iogue no estado egoísta começa a identificar-se com as condições e impulsos corporais. Assim enganado, ele age erradamente (de acordo com os ditames dos sentidos).

A diferença entre boas ações e más ações pode ser reconhecida se alguém mantiver uma vigília constante durante o estado de vigília. Por exemplo, um iogue faminto começa a comer uma refeição (nada de errado aqui). Mas enquanto ele come, sua mente fica concentrada no sabor

(“curvas perigosas à frente!”). Finalmente ele come demais (incorre em uma dívida cármica com a Natureza). Assim, mesmo um homem sábio pode esquecer-se de distinguir a linha divisória quase indivisível entre o comer autocontrolado e o comer descontrolado; e, em geral, entre ações identificadas com a alma e ações identificadas com o corpo.

Todos os males e misérias da existência humana começam quando a alma se esquece de usar o corpo e os sentidos como seus instrumentos e servos. Quando a alma se identifica com o corpo, sua consciência se volta para os sentidos, afastando-se da percepção intuitiva interna da verdade. Depois de atingir o êxtase e a comunhão com Deus, todos os devotos devem tentar ao máximo estar conscientes do estado divino, mesmo durante o estado egoísta ou humano. Esta centralização constante da consciência impedirá qualquer confusão entre boas e más ações.

Durante o estado de êxtase e durante a introspecção, o devoto deseja realizar todas as ações guiado apenas pela sabedoria e autocontrole. Mas assim que se identifica com os sentidos, submete-se aos seus ditames.

O Gita aconselha o homem a abster-se de qualquer forma de indulgência sensorial que leve ao sofrimento físico, mental ou espiritual. O iogue, portanto, deve observar os sentidos com uma vigilância ininterrupta, para que as rédeas do controle não passem da alma para o ego.

Versículo 17

karmaṇo hyapi boddhavyaṁ boddhavyaṁ ca vikarmaṇaḥ
akarmaṇaśca boddhavyaṁ gahanā karmaṇo gatiḥ

A natureza do karma (ação) é muito difícil de saber. Na verdade, para compreender plenamente a natureza da acção adequada, é preciso também compreender a natureza da acção contrária (errada) e a natureza da inacção.

Deus está se expressando através da Natureza em inúmeras atividades. Para o observador casual, para os estudantes de história, a Terra está cheia de contradições. Isto porque é um mundo cuja própria existência depende de

relatividades – todas as atividades interagindo umas com as outras para produzir resultados variados. O que pode ser certo num conjunto de circunstâncias pode ser errado noutra; ou uma ação realizada com um motivo pode ser boa, mas aquela ação instigada por outro motivo pode ser má. Além disso, a perspectiva do homem e, portanto, a sua cognição é míope, visando resultados imediatos; mas somente através de um longo alcance da história ou das encarnações subsequentes de um indivíduo, ou através do atalho da sabedoria clarividente, o resultado final da maioria das ações, para o bem ou para o mal, pode ser verdadeiramente conhecido.

As três categorias da ação humana

Pode-se, portanto, estudar e comparar todas as formas de atividades humanas sem receber qualquer orientação absoluta sobre quais ações devem ser seguidas para o bem maior do homem. O Senhor Krishna, portanto, divide toda ação humana em três categorias: ação correta ou adequada, ação contrária ou má e inação.

❖

Ações corretas são aquelas que despertam a consciência da alma

❖

Ação Correta: Quando a ação realizada tende a despertar a consciência da alma, ela pode ser chamada de ação adequada. Todas as atividades que afastam a mente do executor da escravidão dos sentidos para o prazer da alma são ações adequadas. Todas as ações que provocam a união do ego com a alma e da alma com Deus são ações próprias. Nesta categoria surge uma ampla gama de atividades que contribuem para a libertação da escravidão dos sentidos, o estado “normal” de identificação corporal do ser mortal.

Por exemplo, o homem sábio come apenas o suficiente para satisfazer suas necessidades nutricionais. Ele cumpre esse dever físico ao perceber que é uma tarefa dada por Deus manter o corpo-templo da alma. Da mesma forma, orientando todas as suas atividades para a alma, ele realiza apenas ações corretas.

As ações em si não têm significado; a intenção discriminativa e o autocontrole por trás deles determinam se levam à libertação ou à escravidão cármica. Portanto, o homem espiritual não deve ser culpado pela

semelhança entre, por exemplo, o seu ato de comer e o do homem ganancioso. O homem que tem autocontrole alimenta e fortalece seu corpo enquanto executa ações corretas; mas o homem ganancioso come demais e segue uma dieta imprópria que agrada ao seu paladar e, portanto, age de maneira errada e prejudica o seu corpo.

Da mesma forma, se a música harmoniosa e as palavras doces puderem ser convertidas no despertar da alma, elas estarão contribuindo para a causa da libertação da pessoa; mas aquele que se torna escravo da música ou das doces palavras de lisonja desequilibra a sua vida e se enreda no egoísmo. Ao usar o sentido da audição de forma errada, ele está deixando de atender à lei da ação correta. Se uma peça musical não tem vibrações elevadas ou sagradas, ela desperta emoções frívolas, nervosas ou até mesmo básicas. A música espiritual, como hinos e cantos devocionais, eleva a consciência do ouvinte, dissipando vibrações mais grosseiras.30

Da mesma forma, os sentidos da visão, do tato e do olfato podem ser convertidos em fontes de despertar da alma pela ação correta; mas a indulgência descuidada dá origem a graves problemas. Assim, o amor por rostos bonitos, ou pelo sentido do tato, pode levar à promiscuidade sexual e à consequente doença. O homem sábio vê toda beleza como expressões do Divino; ele converte o sentido do tato na emoção de alegria que permeia cada célula do seu corpo durante a comunhão extática com Deus. Ele usa todos os seus sentidos apenas para o prazer divino, aproveitando esses garanhões selvagens para conduzir o carro da sua vida até a liberdade espiritual.

❖

Ação contrária: prejudicial ao corpo, mente ou alma

❖

Ação Contrária: Qualquer ação prejudicial ao corpo, à mente ou à alma é uma ação contrária ou errada e deve ser evitada. O homem sensual abusa do uso dos sentidos da visão, da audição, do olfato, do paladar e do tato, até descobrir que todos esses meios de felicidade não lhe proporcionam nada além de saciedade e desconforto. O alcoólatra indulgente é um exemplo. Ele bebe até ficar insensível e de repente percebe que destruiu sua saúde e toda esperança de felicidade. Outros tipos de homens são tão escravizados à

beleza, ao paladar, ao tato, ao olfato e à audição que fazem de suas vidas um inferno vivo. Onde está o “prazer” nas ações que destroem todo o encanto da vida? Quando os garanhões dos sentidos conduzem o carro da vida precipitadamente para o fosso da saciedade, da miséria e dos problemas de saúde, a culpa não pode ser transferida para qualquer outro agente que não seja o motorista descuidado.

Assim como a ação errada de provar mel envenenado é insensata, embora por um momento o sabor seja delicioso, também a degustação do mal é igualmente insensata, embora agradável – a princípio! Para os seus próprios interesses, para o bem da sua verdadeira felicidade, cada homem – quer seja mundano ou religioso – deve usar os seus instrumentos sensoriais com discriminação e autocontrolo. Os mandamentos espirituais não foram dados para torturar os seres humanos, nem para privá-los da felicidade, mas para afastá-los dos prazeres envenenados que resultam em terríveis consequências cármicas.

Para usar novamente o exemplo do homem ganancioso que come apenas para agradar aos sentidos, ele ofende tanto as leis da alma como as leis da natureza. Ele finalmente morre de alguma doença causada pela ganância. Mesmo que esse resultado não seja imediatamente aparente, quando ele renasce, ele ainda carrega consigo tanto a ganância quanto uma tendência à doença. Suas atividades prejudiciais identificadas pelo corpo são, portanto, chamadas de “ações erradas”.

O estilo de vida de muitas pessoas ricas é outro exemplo. Como as pessoas ricas não têm dificuldades financeiras, elas geralmente podem satisfazer seus apetites sensoriais e maus hábitos até que problemas de saúde ou morte prematura as dominem. A riqueza em si não é má; simplesmente não deve ser usado de forma egoísta ou para autodestruição, mas para satisfazer os impulsos de generosidade da alma para com outros menos afortunados – para aliviar as suas necessidades físicas, mentais e espirituais.

Quanto ao sexo, raramente deve ser usado para trazer crianças para uma família. Quanto maior for a vitória sobre o sexo, mais vigorosa será a saúde e mais abundante será a felicidade. Ao manter a mente em pensamentos

elevados e através de exercício extenuante, ação contínua para Deus e meditação, pode-se transmutar a sagrada e poderosa força criativa em força física e saúde, criatividade mental e êxtase divino na comunhão com Deus.

Indulgências desnecessárias, como fumar, beber e permanecer em más companhias, são portas de entrada para desconfortos físicos e mentais. Deve-se buscar o prazer em uma boa companhia que ajude a moldar a vontade e o julgamento para buscar a verdadeira felicidade. É através da má companhia que o homem, que é naturalmente imitativo, aprende a realizar ações que causam miséria. Se alguém quiser encontrar a libertação e compreender o que são as ações corretas, ele precisa procurar a companhia daqueles que amam a Deus e meditam Nele.

❖

Completa liberdade da necessidade e do desejo de ação

❖

Inação: A verdadeira inação ocorre quando o devoto se libertou de todas as ações produtoras de carma, boas ou más. Ele então abandonou todas as formas compulsórias de ação; ele atingiu o estado de inação (isto é, completa liberdade da necessidade e do desejo de ação) que é característico de Deus, o Pai. O iogue liberado borbulha de alegria interior incessante, quer esteja sentado quieto ou ativamente ocupado. Realizar ações apenas com o desejo de agradar a Deus é, portanto, considerado “inação” ou ação não vinculativa. Depois de atingir este estado de inação, o caminho está aberto para a libertação do devoto.

Mahavatar Babaji, Lahiri Mahasaya, Sri Yukteswarji e todos os grandes mestres estão intensamente ocupados em ações que são espiritualmente úteis para a humanidade, embora os próprios mestres tenham alcançado o estado de inação ou libertação.

Lahiri Mahasaya ocupou um cargo governamental como contador durante trinta e cinco anos de sua vida, elevando-se entretanto à plena expressão de seu estado interior de emancipação espiritual. Na última parte de sua vida, ele raramente dormia, mas dedicou todas as suas horas do dia para ensinar os discípulos que vinham até ele de toda a Índia; suas noites eram passadas com monges avançados que preferiam procurá-lo nas horas tranquilas. Todos foram transformados pela sua incomparável exposição do

Gita e sua aplicação à ciência sagrada do Kriya Yoga.

O Senhor Krishna, em sua unidade com o Espírito, disse: “Embora eu tenha alcançado todas as coisas, ainda assim trabalho, sem desejo.”

Jesus também trabalhou poderosamente no mundo – pregou às multidões, curou milhares de sofrimentos físicos, mentais e espirituais e lançou as bases para a difusão mundial da sua mensagem divina. Ele não buscou o isolamento de uma caverna nem interrompeu seu trabalho libertador, embora soubesse que, ao se retirar da vida pública, poderia escapar do drama horrível de sua execução injusta.

Como Deus, Jesus trabalhou sem o louvor dos homens. Assim, ele poderia dizer, pouco antes da crucificação: “Pai… eu te glorifiquei na terra: terminei a obra que me deste para fazer.”31

Versículo 18

karmaṇyakarma yaḥ paśyed akarmaṇi ca karma yaḥ
em buddhimān manuṣyeṣu em yuktaḥ kṛtsnakarmakṛt

Ele é um iogue, discriminador entre os homens, que vê a inatividade na ação e a ação na inação. Ele atingiu o objetivo de todas as ações (e é livre).

O iogue participa desinteressadamente do drama onírico da vida apenas para agradar a Deus – por isso ele é realmente inativo na ação. No entanto, porque o iogue trabalha com entusiasmo e ambição para Deus, ele é considerado verdadeiramente ativo. Uma pessoa que realiza todas as ações somente para Deus, não para o ego, satisfaz o plano divino. Um homem está em contato com a Verdade quando percebe que não ele, mas o Senhor, através das forças da Natureza, é o executor de todas as ações.

Todas as atividades humanas conduzem externamente à consciência sensorial do mundo ou internamente à consciência da alma. O homem mundano emprega todas as suas atividades para o aumento do seu bem-estar físico, mental, doméstico e social. O iogue emprega seu tempo (a única riqueza do homem) em meditação, introspecção e serviço espiritual

aos outros. Ele colhe calma e verdadeira felicidade da alma, diferentemente do homem de mente material que, por meio de atividades externas, colhe um pouco de prazer temporário misturado com muita inquietação e desconforto.

"Inação em ação" enfatiza o distanciamento interior da alma em relação às atividades do corpo. "Ação em inação" significa que, embora o homem espiritual esteja distante, agindo para Deus, ele não está trabalhando mecanicamente como um robô, mas prossegue cuidadosamente com o negócio em questão, mesmo quando interiormente renega os frutos de seus atos. Ele nunca tem medo do trabalho, mas tem um medo saudável de envolvimentos cármicos!

Aquele que consegue assim agir para Deus com indiferença subjetiva, e ainda assim manter o entusiasmo objetivo na atividade para agradar a Deus e não para satisfazer seus próprios desejos, é um verdadeiro iogue. Sabendo que o propósito de todas as atividades humanas é voltar para Deus, o iogue procura Sua mão orientadora em tudo, conhecendo muito bem a propensão do ego de "colocar o pé" nos lugares errados! Assim, o iogue atua neste drama da vida sem recorrer a desejos egoístas individuais e sem sucumbir a uma indiferença abatida (preguiça ou indiferença); desta forma ele cumpre seu dever espiritual de agradar ao Dramaturgo Cósmico, Deus.

Um ator que levasse um tiro com uma pistola simulada seria considerado um tolo se morresse de medo. Da mesma forma, o homem mundano é um mau ator quando leva a sério os papéis trágicos que Deus lhe atribuiu e, assim, corteja o desastre. Então, novamente, se um jogador humano desempenha seu papel com uma atitude mental indiferente, ele também não consegue agradar o Dramaturgo Cósmico e tem que repetir, em outra ou em muitas outras vidas, até acertar!

Agir por si mesmo é a causa raiz de todas as misérias humanas. Todo homem deveria ponderar o fato de que não foi criado por sua própria vontade, mas por decreto divino. Assim como um empregado não pode razoavelmente esperar ganhar alguma coisa frustrando os desejos do seu empregador, também o homem deve compreender que a sua própria felicidade reside, não em agradar aos homens (todos empregados humildes),

mas a Deus, o único Presidente e Proprietário da terra!

VERSÍCULO 19

yasya sarve samārambhāḥ kāmasaṁkalpavarjitāḥ
jñānāgnidagdhakarmāṇaṁ tam āhuḥ panṇḍitaṁ budhāḥ

Os sábios chamam de sábio aquele homem cujas atividades são todas desprovidas de planos egoístas ou anseios por resultados, e cujas atividades são purificadas (cauterizadas de conseqüências cármicas) pelo fogo da sabedoria.

Não se deve interpretar esta estrofe como significando que os iogues e os santos agem sem discrição ou sem se esforçarem por resultados adequados. O homem mundano planeja tendo em vista o sucesso; seus deuses são o ego e o interesse próprio. O iogue planeja com entusiasmo suas atividades divinamente inspiradas a fim de alcançar o melhor resultado para Deus; sua motivação altruísta é realizar a vontade de Deus — seja ela qual for. Na verdade, os verdadeiros devotos na Índia desempenham seus deveres de eremitério com mais atenção para agradar a Deus do que jamais fariam para satisfazer seus desejos pessoais. Os sábios chamam esses iogues de sábios porque eles sabem que não devem trabalhar para o ego que concede miséria.

O homem mundano sofre quando não colhe os frutos desejados das suas atividades egoístas. O homem espiritual, se a princípio não for bem-sucedido em suas atividades altruístas, continua tentando repetidas vezes. Ter sucesso para Deus é o incentivo mais fascinante. E quando Deus está presente no empreendimento do devoto, os resultados cármicos automáticos da ação da Natureza são completamente cauterizados na chama da Sabedoria Divina inerente.

VERSÍCULO 20

tyaktvā karmaphalāsaṅgaṁ nityatṛpto nirāśrayaḥ
karmaṇy abhipravṛtto 'pi naiva kiṁcit karoti saḥ

Abrindo mão do apego aos frutos do trabalho, sempre contentes, independentes (de recompensas materiais), os sábios não realizam nenhuma ação (obrigatória) mesmo em meio às atividades.

Um iogue que aparentemente "trabalha" para Deus para agradá-Lo, na verdade não age, esotericamente falando, pois suas ações não têm conexão com os interesses de seu próprio ego.

O problema da "ação" e da "inação" torna-se simples quando se entende que, assim como um homem não é responsável pelas ações dos outros, um iogue não está karmicamente vinculado às ações daquele estranho, seu corpo. Ele educadamente ajuda o corpo a alcançar o seu bem-estar, sem apego pessoal ou identificação com o destino que se abate sobre ele. É impossível para um devoto que se fundiu na vastidão do Espírito considerar-se confinado a qualquer personalidade humana. As atividades nas quais um iogue se envolve são da natureza de uma "execução de ordens" impessoal.

Um iogue que empreenda trabalhos divinos complexos, como manter um eremitério para seus discípulos ou uma organização para servir as necessidades espirituais da humanidade, ou realizar atividades educacionais ou de caridade, não fica enredado em nenhum carma pessoal, desde que tenha renunciado alegremente à sua vontade. para Deus.

O seu estado de liberdade na acção contrasta marcadamente com o de um homem mundano acumulador de carma que pode envolver-se em actividades filantrópicas para a satisfação do seu ego, ou para obter elogios de outros, ou para escapar aos impostos sobre o rendimento!

VERSÍCULO 21

nirāśīr yatacittātmā tyaktasarvaparigrahaḥ
śārīraṁ kevalaṁ karma kurvan nāpnoti kilbiṣam

> ***Ele não incorre em nenhum mal realizando meras ações corporais, aquele que renunciou a todo senso de posse, que está livre de esperanças (humanas ilusórias) e cujo coração (o poder do sentimento) é controlado pela alma.32***

A escravidão cármica não é causada pelas ações do instrumento corporal em si, mas pela consciência que manipula essas atividades. Quando o ego, com seus desejos e apegos impostos pela ilusão, está no controle, o corpo e a mente ficam sujeitos às leis de causa-efeito da Natureza. Mas quando o verdadeiro Eu ou alma, a imagem de Deus no homem, está no comando, o corpo e a mente funcionam da mesma forma, mas os supostos efeitos escravizadores dessas ações permanecem neutralizados, devido à ausência do agente catalisador de ilusão.

Os "bens" do homem consistem não apenas nos objetos materiais que ele reúne sobre si mesmo, mas também na soma total de todas as ilusões da Natureza com as quais ele é identificado como ego – seu corpo, mente, sentimentos, sentidos, hábitos, desejos. A menos que, através da Auto-realização, ele se estabeleça na consciência da alma e, assim, renuncie aos apegos a essas posses internas e externas, ele será escravizado pelos efeitos cármicos decorrentes das atividades que eles engendram.

Aonde quer que uma pessoa vá, quaisquer que sejam seus objetivos, seu carma egoísta irá com ela, assim como a sombra segue a forma. Mas um homem de Deus não tem carma; o ego nele "não está em casa". Buscou segurança no vôo!

Aqueles que, através da meditação extática, alcançam esse estado de desapego interior são os verdadeiros renunciantes. Não importa se tais devotos estão no mundo ou na floresta, ou se têm poucos, muitos ou nenhum bem material. Agindo para Deus com uma mente disciplinada, o verdadeiro renunciante está livre dos resultados de todas as ações presentes e dos humores e propensões manifestadas pelo seu carma passado.

Praticar boas ações, mesmo com motivos egoístas, é melhor do que praticar ações más. Ambos os tipos de ações, porém, mantêm a alma confinada pela lei do carma. Uma ação realizada apenas para agradar a Deus não produz carma, seja "bom" ou "mau"; é, portanto, superior a

qualquer ação, por melhor que seja, que se refere ao ego e, portanto, põe em ação a lei do carma. O homem de bom carma ainda está sujeito aos grilhões de causa e efeito do mundo fenomênico, enquanto o homem sem carma é divinamente livre!

VERSÍCULO 22

yadṛcchālābhasaṁtuṣṭo dvandvātīto vimatsaraḥ
samaḥ siddhāv asiddhau ca kṛtvāpi na nibadhyate

Aquele homem de ação está livre de carma, aquele que recebe com contentamento tudo o que lhe acontece, que está equilibrado acima das dualidades, que é desprovido de ciúme, inveja ou inimizade, e que olha igualmente para o ganho e a perda.

O homem sábio vê o Espírito em todos os lugares. Desprovido de anseios por si mesmo e de qualquer vontade de satisfazer desejos egoístas, ele se contenta em receber tudo o que vem naturalmente para satisfazer as necessidades de seu corpo, mente e alma. Ele se eleva acima de todas as dualidades, cujas manifestações são boas ou más; ambos causam escravidão. Tendo encontrado a Unidade, ele não tem consciência de "eu e o que é meu". Ele não nutre pensamentos hostis contra ninguém, contemplando em todos o único Espírito. Ao atingir o Supremo, ele é indiferente ao sucesso e ao fracasso mundanos. Ao realizar ações obedientes a Deus, ele é sempre desapegado e desvinculado.

Através do "contentamento", um iogue demonstra sua fé no poder do Senhor para direcionar todos os acontecimentos para um Bem Final. Livre de desejos egoístas, feliz e realizado dentro de si mesmo, ele automaticamente abandona o excesso de bagagem material de "necessidades" desnecessárias e esforços egoístas em favor de ações obedientes ordenadas por Deus, impostas a ele por seu corpo e suas obrigações para com a família, a sociedade e o mundo.

Para alcançar a liberdade espiritual, o aspirante também deve aprender a libertar a sua mente da extrema sensibilidade ao frio ou ao calor, à dor ou ao

prazer. Nos eremitérios indianos, o verdadeiro guru ensina os estudantes a não serem afetados pelas coisas externas, para que a mente possa se tornar um altar para a imutabilidade do Espírito. Ao satisfazer as exigências das sensações contrárias, as pessoas mundanas ficam desnecessariamente inquietas – uma das manobras mais astutas da Natureza para manter a consciência enredada. O conselho nesta estrofe, entretanto, não significa que o devoto deva expor-se deliberadamente ao frio extremo e pegar pneumonia, ou queimar-se sob o sol do meio-dia. Ele deve praticar titiksha (resistência desapaixonada), mesmo adotando medidas razoáveis para remover o desconforto externo. Na prática de titiksha, a imparcialidade é cultivada pela vontade e pela imaginação (sugestões poderosas à mente); a neutralidade é alcançada cientificamente pela meditação iogue, na qual o iogue aprende a desconectar o ego das sensações recebidas através da mente. (Veja II:14.)

Um devoto que não consegue manter a calma diante das dificuldades ainda é um escravo do mundo fenomênico e de seus calamitosos pares de opostos. As pessoas do mundo estão constantemente enfrentando os efeitos do frio, do calor e de outros extremos, aumentando assim a escravidão da alma ao corpo.

O aspirante a devoto deve manter a alma livre de contaminação da dupla consciência natural do corpo. Essa prática é difícil porque a alma, ao sentir empatia pelo amigo corporal meticuloso e sensível, reveste suas características boas e más. A fim de libertar a alma da identificação com os estados variáveis do corpo, o devoto é instado a não cooperar mentalmente com a dupla consciência do corpo e da mente, que causa sofrimento. O homem mundano fica exultante com o advento do prazer e deprimido durante o reinado da dor, mas o devoto bem-sucedido está sempre interiormente calmo, não afetado pelas várias convulsões que constituem o estado “normal” de vida.

Durante a tristeza ou a dor, o iogue permanece concentrado na bem-aventurança de sua alma; ao contrário do homem mundano, ele é suficientemente inteligente para manter a sua equanimidade e alegria sob todas as circunstâncias físicas ou psicológicas favoráveis ou desfavoráveis.

Ele é capaz de simpatizar com os que sofrem sem se deixar dominar pela sua miséria; assim, pela sua alegria interior, ele é frequentemente capaz de remover as tristezas dos outros. Pelo exemplo de sua calma, ele ensina as pessoas mundanas a não se envolverem em reações emocionais.

O iogue que não é invejoso, que não nutre inimizade por ninguém, mas aceita tanto amigos quanto inimigos, não cai nas profundezas da raiva e do ciúme perigosos. As pessoas mundanas que se entregam a estas emoções cicatrizantes perdem não só a sua felicidade, mas às vezes também os seus corpos, cometendo homicídio e sofrendo a pena de morte, ou, infelizmente! recorrendo ao suicídio.

Quer um iogue encontre ganhos ou perdas ao realizar ações obedientes, ele permanece imparcial. Tanto o sucesso quanto o fracasso certamente ocorrerão em vários momentos, em resposta à dualidade inerente à estrutura do corpo, da mente e do mundo; o devoto que constantemente se lembra de sua alma tem pouca tentação de identificar-se com a fantasmagoria física e mental.

Yajna, o Ritual do Fogo Espiritual que Consome Todo o Karma

Versículo 23

OceanofPDF. com

gatasaṅgasya muktasya jñānāvasthitacetasaḥ
yajñāyācarataḥ karma samagraṁ pravilīyate

Todo karma, ou efeitos de ações, desaparece completamente do ser liberado que, livre de apegos, com sua mente envolvida em sabedoria, realiza o verdadeiro rito do fogo espiritual (yajna).33

Quando a mente do iogue está negativamente livre de apegos (emaranhados sensoriais e distrações), ela se concentra positivamente na sabedoria cósmica. Neste estágio, ele retira sua mente e força vital dos nervos físicos, sensoriais e motores, e daí dos poderes sensoriais astrais, e os dá como oblações aos sete fogos da coluna vertebral.34 Através deste yajna de purificação, o iogue finalmente alcança o estado final de unidade com a Divindade, o onipresente Fogo Cósmico. Quando a força vital que é retirada dos sentidos é concentrada no lótus de mil pétalas no cérebro, essa refulgência poderosa queima todos os samskaras (hábitos, impulsos e todos os outros efeitos de ações passadas) alojados no subconsciente e na superconsciência do cérebro, concedendo ao devoto liberdade de todos os grilhões cármicos do passado.

O iogue que afasta sua mente e seus desejos das atrações dos sentidos oferece-os como combustível ao fogo da Consciência Cósmica; seus desejos mortais são queimados como lenha na Chama Sagrada. Quando o iogue é capaz de mesclar sua força vital e consciência com a Vida Eterna e a Consciência Cósmica, seu status não é mais o de um mortal. Sua consciência egoísta limitada e sua identificação corporal desapareceram; a dissolução do ego permite a visão completa da consciência da alma. Conhecendo a alma como uma imagem perfeita do Espírito e livre do ego, o iogue torna-se livre de todo carma bom e ruim, que pertence apenas ao reino da dualidade e da relatividade. É portanto unindo a vida pura com a Vida Cósmica e a consciência pura com a Consciência Cósmica que o iogue encontra a libertação.

Como rito religioso externo mencionado nas escrituras hindus, uma forma de yajna é uma cerimônia em que ghee (manteiga clarificada) e outras oblações, como incenso e flores, são oferecidas em um fogo sagrado

com acompanhamento de cantos e orações específicas. A realização de tais cerimônias de fogo sem compreender seu simbolismo tem pouco valor. A mente pode ser purificada dos maus desejos por meio de ritos externos?

O conhecimento do significado simbólico de yajna, ao realizar o rito com devoção, produz alguma santidade mental. Oferecer manteiga clarificada no fogo simboliza a união da mente purificada do homem com a Consciência Cósmica de Deus; as oferendas de flores significam a força vital purificada – não aquela força vital que é contaminada pela entrega constante aos prazeres sensoriais, mas a força vital que foi retirada dos sentidos pela concentração e lançada nos sete fogos espinhais sagrados e depois na onipresente Chama Cósmica. A oferenda de flores durante uma cerimônia de fogo yajna também simboliza a transferência de todas as qualidades floridas da mente para a Consciência Cósmica.

Outra interpretação do yajna ou rito cerimonial é que os artigos usados no culto tradicional representam os cinco sentidos que devem ser purificados por provações (fogo) e depois devolvidos a Deus. Por exemplo, as flores com suas lindas cores e texturas representam a visão e o tato. Frutas e ghee representam sabor; o incenso é um símbolo do olfato; a concha simboliza o som.

ॐ

Todo karma, ou efeitos de ações, se dissolve completamente no ser liberado que, livre de apegos, com sua mente envolvida em sabedoria, realiza o verdadeiro rito do fogo espiritual (yajna).

—Bhagavad Gita IV:23

"O rito formal na Índia de despejar manteiga clarificada (ghee) no fogo – uma forma de matéria purificada pelo fogo – é um símbolo da união da energia vital com a energia cósmica.

"O iniciado na meditação yoga dada pelo guru realiza o rito esotérico do fogo real prescrito pelas escrituras hindus. Ele retira sua força vital dos nervos sensoriais e motores e derrama essa energia nos fogos sagrados da vida reunidos nos sete centros ocultos cérebro-espinhais. Quando o iogue desliga a corrente vital dos nervos, ele descobre que sua mente está desconectada dos sentidos. Este ato de retirar a vida do corpo e unir essa energia com a luz de Deus é o yajna mais elevado, o verdadeiro rito do fogo – lançando a pequena chama da vida no Grande Fogo Divino, queimando todo o desejo humano no desejo divino por Deus. Então o iogue pega sua mente retraída e a lança no fogo da Consciência Cósmica; percebendo,

finalmente, sua própria alma como algo totalmente diferente do corpo, ele lança esse Ser no fogo do Espírito Eterno."

❖

"Quando a força vital que é retirada dos sentidos é concentrada no lótus de mil pétalas no cérebro, essa refulgência poderosa queima todos os samskaras (hábitos, impulsos e todos os outros efeitos de ações passadas) alojados no subconsciente e na superconsciência de o cérebro, concedendo ao devoto a liberdade de todos os grilhões cármicos do passado."

—Paramahansa Yogananda

Versículo 24

brahmārpaṇaṁ brahma havir brahmāgnau brahmaṇā hutam
brahmaiva tena gantavyam brahmakarmasamādhinā

O processo de oferta e a própria oblação – ambos são Espírito. O fogo e aquele que nele faz oblação são outras formas de Espírito. Ao perceber isso, estando absorvido em Brahman (Espírito) durante todas as atividades, na verdade tal pessoa vai apenas para o Espírito.

Toda manifestação é um ritual variado da única Consciência Cósmica de Deus. A alma pessoal (atman) não é diferente da Alma Universal ou Deus (Paramatman); assim, é Ele quem é o Doador e o Aceitador de todos os sacrifícios (atividades). É também Ele quem é a oblação – os objetos envolvidos no rito. O iogue, ao perceber isso, entra em samadhi ou unidade com Deus.

Qualquer pessoa que realize um ritual exterior deve compreender o seu valor simbólico. No yajna de derramar ghee no fogo do altar consagrado, se a mente da pessoa estiver inabalavelmente concentrada no significado interno do ato, de modo que ela execute o rito interno e também o externo, ela entrará em um estado de êxtase ou unidade com Deus, no qual ele percebe que a chama da vida humana e do Fogo Cósmico, o processo físico de oblação ao derramar a manteiga clarificada no fogo e o processo intuitivo de lançar sua consciência na Chama Cósmica são todos nadas

insubstanciais em si mesmos, derivando seu significado da sua natureza como meros reflexos da Luz Cósmica e da Consciência Cósmica, influenciados pela lei da relatividade.

❖

Ao oferecer ações e força vital a Deus, o iogue vive em êxtase

❖

A mente de uma pessoa num teatro, absorta num drama complexo exibido numa tela de cinema, pode ser perturbada por várias emoções — prazer, dor, excitação, expectativa. Mas se um companheiro, sentado ao seu lado, lhe disser para retirar a mente do drama vívido (o efeito) e concentrar-se na relatividade das sombras e da luz (a causa), ele logo será capaz de observar desapaixonadamente que cada cena - seja isto é, o de montanhas, rios, árvores, terra, oceano, seres humanos, tiroteios, fogo, eletricidade, tempestades, relâmpagos ou sacerdotes realizando oblações de fogo - é na realidade composto apenas de luz do feixe intercalada com sombras, emitidas do cabine de projeção.

Da mesma forma, quando o aspirante espiritual é despertado pelo êxtase divino, ele contempla o mundo, não como um drama de tristeza e alegria, mas como uma manifestação pictórica do Feixe Cósmico de luz e sombras de substância ilusória, procedente da cabine do Infinito em a casa de cinema da esfera cósmica.

Assim como o feixe incolor e sem sombras tem que passar através de um filme colorido para produzir imagens “tecnicoloridas”, o Raio Cósmico puro, incolor e onipresente tem que passar através do filme colorido da relatividade ilusória para produzir na tela do espaço o “filme” cósmico variegado.

O estado do homem mortal está cheio de relatividades – experiências de dualidades, perigos, reversões. O iogue que percebeu que todo o filme cósmico é um resultado da Luz Cósmica passa sua vida como uma Perpétua Cerimônia do Fogo Cósmico. Na meditação iogue, ele retira sua força vital dos sentidos e a une à Chama Cósmica. Através deste yajna, ele descobre que sua vida anteriormente separada é parte da Vida Cósmica, Brahman, e oferece sua vida e todas as suas ações à Vida Cósmica, como parte da atividade eterna no Espírito. Como ghee derramado no fogo sacrificial, ele

vê sua própria vida como Espírito entrando no Fogo Cósmico de Brahman.

Dessa forma, o iogue, com a mente afastada do drama cósmico e de seu significado mortal pessoal no mundo, permanece conscientemente em êxtase, contemplando a única luz do Espírito em cada processo da vida. Depois que essa realização for alcançada, ele, com o tempo, entra no estado de unidade absoluta com o Espírito. Em outras palavras, existe primeiro um estado intermediário de consciência, um estado limítrofe. Um homem absorto num sonho tem certeza de sua realidade; mas se de repente ele for parcialmente despertado do sonho e perceber que está sonhando, descobrirá que todas as emoções sentidas e todas as substâncias percebidas no sonho nada mais eram do que materializações de sua própria mente. Da mesma forma, quando o iogue está parcialmente absorto neste sonho cósmico, mas também parcialmente em êxtase com Deus, ele vê com espanto que este sonho mundano com todas as suas dualidades não é mais do que materializações da consciência de Deus, influenciada pela lei fenomenal da relatividade ilusória.

Quando uma pessoa acorda completamente de um sonho, ela percebe que suas aparentes manifestações físicas e psicológicas eram meras texturas de material onírico. Da mesma forma, quando um iogue desperta completamente do sonho cósmico, tornando-se um com Deus, ele percebe que todos os sujeitos, objetos e atividades no cosmos são resultados de uma Consciência Cósmica. Vendo o cosmos como um filme onírico de Deus, ele contempla a oferenda de sua própria vida como Brahman, e também o fogo da Vida Cósmica no qual sua vida é dada como oferenda, como Brahman. Ele descobre que o Senhor desta Cerimônia do Fogo Cósmico e de todas as atividades relacionadas a ela (as expressões externalizadas da Consciência Cósmica) é Brahman.

Pela iluminação interior do despertar divino, o iogue deixa de ser um ser mortal com percepções grosseiras do universo; ele percebe que todo o cosmos é um filme cósmico. Seu corpo é apenas “um sonho andando”.

VERSÍCULO 25

daivam evāpare yajñaṁ yoginaḥ paryupāsate

brahmāgnāv aparece yajñaṁ yajñenaivopajuhvati

Na verdade, existem aqueles iogues que; outros oferecem o eu, como um sacrifício feito pelo eu, somente no fogo do Espírito.

Nas estrofes 25 a 29 encontramos referência a diferentes tipos de cerimônias do fogo realizadas por aspirantes espirituais de acordo com suas diversas propensões internas.

Os Poderes Divinos que Governam o Cosmos

"Sacrifício aos devas" refere-se a certas cerimônias para invocar a presença de santos liberados, ou de deuses astrais ou outros aspectos da Divindade que governam várias funções do universo.

No Apocalipse da Bíblia Cristã, lemos que Deus tem "sete anjos" diante do Seu trono.35 As escrituras hindus também mencionam estas divindades supremas (aspectos de poder de Deus), e identificam-nas da seguinte forma:

O universo ideacional (causal) macrocósmico é criado e governado por Ishvara, "Senhor da Criação", o reflexo onisciente do Espírito como Criador. A lei da causalidade começa com Ishvara, a Causa Primeira de toda a matéria.36 O universo astral macrocósmico é mantido por Hiranyagarbha, que forma os "projetos" das ideias causais. O universo físico macrocósmico (a materialização das ideias causais e dos planos astrais) é controlado por Virata. A forma ideacional microcósmica do homem e de todos os objetos é governada por Prajna. A forma astral microcósmica do homem e de todos os objetos é controlada por Taijas. A forma física do homem e de todas as coisas materiais é mantida por Vishva.

Essas seis divindades que governam os seis estados do cosmos são, por sua vez, guiadas transcendentalmente pela inteligência criativa e pelos princípios manifestadores do sétimo "anjo", Maha-Prakriti – a Grande Mãe Natureza, ou o Espírito Santo, a expressão ativa de Kutastha Chaitanya ou Consciência Crística, que é o reflexo da Consciência Cósmica.

Estes são os sete anjos diante do trono de Deus.37

Deus se diferenciou nessas sete divindades, impondo uma personalidade diferente a cada uma para que pudessem exercer as diversas funções do

universo - assim como o mesmo raio de sol é refletido de maneira diferente quando incide sobre a safira azul, o rubi vermelho, o topázio amarelo, o topázio verde. esmeralda, opala multicolorida, ametista roxa e diamante branco.

É possível ao homem alcançar Deus diretamente, como a Deidade Suprema sobre as sete divindades, assim como um homem pode contatar pessoalmente qualquer personagem importante. No entanto, assim como às vezes é difícil chegar ao chefe de uma corporação sem primeiro ver o secretário responsável, também é ensinado pelos defensores da adoração aos devas que é mais fácil primeiro contatar Deus através de um de Seus sete regentes.

❖

Orações ao Espírito Único manifestando tantas divindades

❖

Um devoto que precisa de cura pode orar ao deus Vishva: “Manifeste-se em mim como saúde!” Aqueles que buscam uma força vital mais forte podem dizer: “Bom Taijas, recarreguem minhas energias!” Aqueles que desejam discernimento e sabedoria podem orar a Deus como Prajna: “Reforce minha sabedoria e guie suas determinações para seu objetivo”. Os devotos que desejam ter uma percepção de todo o universo físico podem orar a Deus como Virata: “Faça-me sentir Tua presença em todo o cosmos”. Aqueles que desejam conhecer Deus como a Força Vital Cósmica podem orar: “Ó Engenheiro Astral Cósmico, Hiranyagarbha! manifesta-te a mim como Luz Cósmica.” Os que buscam a sabedoria suprema da Causa Primeira de todo o ser podem orar: “Ó Deus como Ishvara! implantar em mim a onisciência da Inteligência Cósmica.” Aqueles que desejam se libertar de maya, a ilusão cósmica, podem dirigir suas orações a Maha-Prakriti, o Espírito Santo, o mágico divino ativo de todas as manifestações ilusórias: “Ó Mãe Cósmica, mostra-me a Realidade Única por trás de todos os Teus véus de ilusão”.

Os devotos que desejam a união com a Inteligência Universal de Deus onipresente no mundo fenomênico de sete aspectos devem orar ao Kutastha Chaitanya imanente: “Ó Consciência Crística – ó Consciência de Krishna – seja manifestado na taça expandida de êxtase de minha consciência!”

Aqueles, finalmente, que desejam Deus, o Absoluto além da criação, deveriam orar: “Ó Consciência Cósmica, revela-te! Revele-se!”

Em todas essas orações, o devoto deve compreender que deve lançar continuamente a “manteiga clarificada” da devoção na chama do Espírito dentro dessas sete divindades, ou no Fogo Cósmico de Deus.

Existem muitas, muitas outras divindades no universo. O Tantra Shastra, uma escritura que trata de cantos e cerimônias de fogo, descreve detalhadamente os cantos vibratórios específicos e sons de raiz que devem ser entoados adequadamente durante uma cerimônia de fogo para invocar a presença de divindades menores ou maiores para a aquisição de poder e benefícios. Essa adoração aos devas inclui a prática de certas posturas físicas (asanas) e técnicas espirituais que despertam várias forças nervosas, que, por sua vez, estimulam os tecidos, as glândulas e o vigor muscular do corpo.38

O Bhagavad Gita em outro lugar (IX:25) diz, entretanto, que aqueles que adoram os deuses menores seguem para eles depois que este invólucro mortal é eliminado; e que aqueles que são devotos do Espírito se tornem um com o Espírito. A satisfação com qualquer coisa menos do que o próprio Senhor Supremo continua a vincular a pessoa ao reino limitado de maya.

❖

O yajna interior realizado pelo iogue

❖

A realização de cerimônias de fogo para agradar aos devas tem outro significado, mais profundo e libertador. Os verdadeiros iogues que praticam Kriya Yoga retiram a força vital das células do corpo e dos nervos sensório-motores e a oferecem - como o ghee é oferecido em um fogo sacrificial - às sete divindades ou poderes divinos que residem nos sete fogos astrais na coluna vertebral. começando no cóccix e subindo até o cérebro.39

A segunda metade da estrofe 25 refere-se aos seguidores do caminho da sabedoria que usam a devoção da alma para oferecer a si mesmos como uma oferenda de sacrifício no fogo do Espírito. (Este “rito” é diferente da cerimônia suprema do fogo mencionada na estrofe 24, onde é descrito o estado mais elevado do iogue, aquele em que ele vê sua ação de oferenda como Espírito em movimento, e oferece sua alma, que ele vê também como

Espírito, no fogo do Espírito.)

O devoto (da estrofe 25) ainda não atingiu a realização na qual todas as suas percepções são apenas vários aspectos do Infinito. Ele tem primeiro que realizar seu eu interior intuitivamente, então, unir a percepção de sua alma com a percepção cósmica do Brahman ilimitado. A oferta do eu (o eu do ego) por esse eu denota, portanto, uma forma mais estreita de consciência - apenas a forma limitada de intuição necessária para oferecer o eu ao fogo cósmico da percepção infinita com o propósito de uni-lo à alma, e daí com o Espírito. Através disto o jnana yogi une sua sabedoria com a Sabedoria Cósmica.

Através da concentração na sabedoria, podemos invocar grandes almas, como a de Swami Shankara, que viveu a vida de um verdadeiro sábio, ou de Sri Yukteswar, que encontrou a libertação através da sabedoria. Da mesma forma, para encontrar Cristo, é preciso usar a fé, pois Jesus foi libertado pela fé absoluta na unidade com Deus.

❖

Conceber Deus de forma pessoal, como a Mãe Divina

❖

Muitos santos na Índia oraram a Deus para que se manifestasse como a Mãe Divina ou nas formas de várias divindades, e tiveram essas orações respondidas. Quando a devoção de um devoto avançado é forte o suficiente para persuadir Deus a se materializar em algum aspecto específico, conforme imaginado pelo devoto, a forma assumida por essa divindade permanece no éter como um “projeto” e personalidade permanentes.

Quando qualquer outro devoto invoca com devoção suficiente uma divindade que foi assim visualizada e vista por um santo com comunhão com Deus, essa mesma divindade, na mesma forma, aparece diante do novo devoto. As divindades estão permanentemente presentes como símbolos no éter e podem ser invocadas por qualquer buscador em meditação profunda.

Por exemplo, Mãe Kali e Durga representam dois aspectos da Natureza Cósmica, a energia criativa ativa do Espírito. Kali é mostrada como uma mulher de quatro braços, apoiada no peito do Senhor Shiva. Suas quatro mãos seguram símbolos de prosperidade, proteção, disciplina e concessão de sabedoria. Shiva representa o Infinito que é a base da Natureza Cósmica.

A Deusa Durga é geralmente representada com dez mãos, representando os dez sentidos humanos (cinco instrumentos sensoriais e cinco instrumentos de ação). Ela também está associada ao Shiva Infinito e muitas vezes é mostrada destruindo uma besta ou demônio que simboliza a Ignorância. Ela está cercada pelas divindades Sarasvati (sabedoria), Lakshmi (prosperidade), Ganesh (sucesso) e Kartik (poder).

Quando os sentidos são controlados e o demônio da ignorância vencido, o homem percebe que a Natureza Cósmica com todos os seus paradoxos é apenas uma emanação do Puro Infinito. A humanidade está destinada a encontrar, ao conquistar a natureza humana e, consequentemente, a Natureza Cósmica, o Infinito escondido atrás dela – assim como o vilão de um filme é projetado para concentrar a atenção, através do contraste, no herói. As trevas do mal são um meio de Deus nos mostrar a beleza da oposição – a luz da bondade.

Muitos devotos não estão satisfeitos com o pensamento de um vasto Infinito, mas precisam conceber Deus através de alguma forma tangível. Em Sua infinita misericórdia, o Deus invisível se materializa diante do verdadeiro devoto na forma visível desejada. Assim como o vapor de água invisível é transformado pelo frio da geada em gelo, também pelo poder transmutador da devoção, o Deus invisível e Sua Luz Cósmica podem ser "congelados" na objetividade que satisfaz o anseio do buscador. No entanto, o Espírito é apenas Um; Seus aspectos divinos multifacetados, informados como devas, são meramente personificações temporárias de Seus atributos e poderes.

Versículo 26

śrotrādīnīndriyāṇy anye saṁyamāgniśu juhvati
śabdādīn viśayān outro indriyāgniṣu juhvati

Certos devotos oferecem, como oblações no fogo do controle interior, seus poderes de audição e outros sentidos. Outros oferecem como sacrifício, no fogo dos sentidos, sons e outros objetos dos sentidos.

O primeiro rito referido nesta estrofe descreve a cerimônia simbólica do fogo praticada por todos os brahmacharis (autodisciplinadores). Através da pratyahara (interiorização), o homem disciplinado retira sua consciência e força vital dos centros nervosos auditivo, óptico, olfativo, gustativo e tátil, lançando as percepções sensoriais na chama da consciência interior controlada da paz. Através da meditação profunda (samyama, autodomínio através de dharana, dhyana e samadhi), o iogue do autocontrole interior consegue libertar sua mente do cabo de guerra com os cinco sentidos e é capaz de dissolver todas as percepções de os cinco sentidos em uma percepção indivisível – a da bem-aventurança do Ser. Este é o estado dos devotos que conquistam a verdadeira vitória na batalha entre os sentidos e a mente que aspira a Deus. Nos estágios iniciais da meditação, os cinco sentidos tentam distrair a atenção do devoto que se move interiormente; percepções imaginárias e invisíveis são apresentadas enquanto o devoto, com olhos e ouvidos fechados, busca a perfeita unidade com o Ser.

A oblação dos sentidos é um “sacrifício” que pode ser feito fácil e naturalmente por qualquer pessoa, mesmo por um homem mundano que esteja disposto a buscar metodicamente uma técnica científica definida de realização de Deus.

O rito descrito na última metade desta estrofe refere-se à cerimônia simbólica do fogo praticada pelo homem mundano metódico, aquele que busca o progresso em direção à libertação através da ação correta e construtiva. Há uma diferença entre um indivíduo mundano mecânico e uma pessoa material discriminativa e autocontrolada. O homem mecânico é sensorialmente reflexivo. Respondendo impensadamente aos objetos dos sentidos, ele lança sua energia no fogo dos esforços materiais automáticos e ganha muito pouco com isso. O homem mundano bem ordenado obla sua energia no fogo dos esforços inteligentes e obtém sucesso e alguma felicidade. Seus objetivos e aquisições são mantidos na perspectiva adequada; os objetos dos sentidos não o governam, mas são oferecidos ao fogo de seus poderes sensoriais, que são controlados pela discriminação.40

Uma discussão é necessária aqui para esclarecer a concepção do Gita de um “homem mundano”, isto é, alguém que não está completamente dedicado

Os Quatro Ashrams: Plano Divino para a Conduta da Vida

em seu coração somente a Deus.

Vemos ao nosso redor seres humanos em todos os estágios de evolução mental e espiritual, assim como a Terra nos dá o espetáculo da evolução na vida “inanimada” e na vida animada (os cientistas têm dificuldade hoje em dia para encontrar algo “inanimado!”) . Num extremo da escala humana, encontramos indivíduos semelhantes a animais, aqueles que acabaram de evoluir a partir de corpos animais; no outro, e glorioso, final da cadeia evolutiva, aparecem os grandes mestres e sábios semelhantes a Deus. A massa da humanidade está imprensada entre estes dois extremos; as vidas destes milhares de milhões não são especialmente más ou particularmente boas. Deficientes em sabedoria ou conhecimento das leis de Deus, a maioria dos seres humanos se contenta bastante em viver vidas limitadas e sem inspiração — comendo, procriando, trabalhando em alguma tarefa insignificante e depois morrendo, como bois alimentados com um pouco de capim e logo levados estupidamente para o massacre.

As pessoas do mundo não têm uma compreensão clara de que todas as posses, incluindo o corpo humano, não têm permanência; eles ignoram a alma, a única que realmente lhes pertence eternamente. Por esta razão, os iogues consideram que as pessoas mundanas vivem num “estado desprotegido”. Os iogues, buscadores da libertação, são mencionados nas escrituras como membros de um verdadeiro ashram, “lar” ou “remitério”. Na Índia Védica, a maioria dos homens levava uma vida material correta, usando os sentidos, mas mantendo-os sob total controle, até que, através do prazer autocontrolado, eles se elevaram acima de todo desejo de experiência sensorial - que, devido à sua natureza efêmera, é por sua vez tentador. e saciante.

Nos primeiros dias, portanto, a vida familiar comum era chamada de vida de eremitério (ashram ou disciplina). O pai de família sabia que havia quatro ashrams ou abrigos pelos quais deveríamos passar: brahmacharya (vida estudantil celibatária); garhasthya (vida de chefe de família casado); vanaprastha (aposentadoria e contemplação); e sannyas (vida monástica). A

vida então não era uma luta interminável por dinheiro até que tudo terminasse em doença e desilusão.

Nos tempos antigos, toda criança, aos sete anos de idade, entrava em um ashram brahmacharya ou eremitério de disciplina que estava sob a responsabilidade de um sábio guru-preceptor; a criança foi assim libertada do ambiente mais limitante dos pais e das tradições familiares e sociais. Os alunos receberam iniciação espiritual (diksha) e receberam do guru um símbolo sagrado (o fio sagrado) como insígnia de pureza de vida. As crianças não tinham permissão para se misturar com o sexo oposto ou com pessoas de mentalidade material.

Até o décimo ano, o "brahmachari" aprendia as escrituras e as práticas de meditação. Aos onze anos aprendeu os deveres de soldado para a proteção dos outros; no ano seguinte, ele aprendeu métodos de negócios e a arte de lidar adequadamente com os assuntos mundanos. O jovem permaneceu no eremitério de seu guru até os vinte anos. Começou então a segunda etapa de sua vida; ele voltou para sua família, assumiu as funções de chefe de família e gerou filhos. Aos cinquenta anos o homem voltou novamente ao eremitério da floresta, buscando uma comunhão mais plena com Deus e treinamento espiritual do guru. Este constituiu o terceiro estado de vida ou "ermitage na floresta".

Desta forma, o indivíduo primeiro buscou o conhecimento espiritual e secular e praticou a autodisciplina; depois, com o caráter formado, ingressou na vida familiar. Mais tarde, dando metade de seus bens materiais aos filhos e a outra metade ao eremitério de seu guru, o homem (muitas vezes com sua esposa) retirou-se para a casa do guru na floresta.

O quarto ou último ashram ou estado disciplinar de vida consistia na renúncia completa de todos os laços mundanos; o homem e sua esposa tornaram-se ascetas sem-teto, vagando pela Índia, recebendo a veneração de todos os chefes de família e concedendo a todos os corações receptivos as bênçãos da sabedoria.

Esse era o caminho de vida quádruplo seguido pela pessoa comum da Índia Védica. Mas indivíduos extraordinários, então como agora, não necessitam dos processos habituais de purificação da vida dos vários ashrams ou

❖

Valor da vida monástica no eremitério

❖

estágios metódicos do progresso da alma. Nos tempos antigos e modernos, essas grandes almas permaneceriam no eremitério do guru desde o início até o fim da vida, libertando as suas próprias almas e ajudando outros a alcançar a libertação. Essas almas evoluídas não precisavam apaziguar os seus desejos sensuais antes de buscarem totalmente a Deus; eles seguiram um caminho direto e imediato até Ele através de uma vida de brahmacharya e sannyas, ignorando as formalidades da vida da família ou do chefe de família, da vida na floresta e de um asceta errante.

Jesus, Babaji e muitos grandes profetas de todas as épocas adotaram apenas o caminho direto e invariável; para eles era desnecessário entrar no redemoinho da vida material comum. As grandes almas assimilaram há muito tempo (em vidas anteriores) as lições infantis ou de jardim de infância proporcionadas pelas experiências mundanas.

Na vida moderna, um jovem que prefere ter primeiro uma família, pensando que depois buscará a Deus, comete um grave erro. Devido à falta de treinamento precoce num eremitério de disciplina, o homem de hoje encontra seus sentidos e desejos descontrolados. Quando ele entra no estado de chefe de família, no curso natural dos acontecimentos, ele fica tão sobrecarregado com deveres – manter uma família correndo atrás do dinheiro – que geralmente se esquece de fazer até mesmo uma pequena oração a Deus, e muito menos de se envolver em uma busca sincera por dinheiro. Ele.

Esta antiga comparação bíblica deve ser lembrada: o leite não pode flutuar na água, mas a manteiga que é extraída dele pode flutuar na água. Da mesma forma, um homem cuja infância foi passada batendo a manteiga da Auto-realização a partir das águas leitosas de sua mente é capaz de permanecer no mundo, ativo para Deus, sem se envolver com desejos e apegos mundanos.

Portanto, qualquer homem ou mulher dos tempos modernos que encontre dentro de si um desejo por Deus deveria correr atrás de Deus primeiro. Sem demora! É por isso que Jesus nos aconselhou: “E não

procureis o que haveis de comer ou o que haveis de beber, nem tenhais dúvidas. Porque todas estas coisas as nações do mundo procuram; e vosso Pai sabe que necessitais destas coisas. Antes, buscai o reino de Deus; e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”41

Há muita diferença, como vimos, entre uma vida familiar autocontrolada, precedida por uma vida de disciplina, e a vida mundana dos tempos modernos. Hoje, um demônio doméstico geralmente está presente: carência, desarmonia, preocupações, medos. Existem exceções, é claro; em muito poucos lares, Deus reina em harmonia, autocontrole, paz e alegria.

Não há razão para alguém continuar em estado de miséria. Uma vida mundana sem Deus leva à miséria; a vida com Deus, seja no mundo ou na floresta, é o paraíso.

Todos os membros da família devem compreender que perderão a paz se não controlarem os seus sentidos. Os maridos e as esposas que pensam que os “laços sagrados do matrimónio” lhes permitem entregar-se à sexualidade excessiva, à ganância, à raiva ou às demonstrações de “temperamento” ignoram as verdadeiras leis da vida. As famílias desarmônicas e o crescente número de divórcios encontrados hoje em toda parte são avisos flagrantes de que o casamento não significa licença para satisfazer os desejos, concupiscências, humores e emoções dos sentidos.

As pessoas com controle dos sentidos mencionadas nesta 26ª estrofe são aquelas que, seguindo o estágio disciplinar da vida do chefe de família, usam seus sentidos corretamente - empregando sua visão, olfato, paladar, tato e audição sem serem escravizados por eles - buscando apenas ganhar experiência do mundo sensorial essencialmente transitório. Uma vez satisfeitos todos os desejos subconscientemente presentes na mente, ele encontra paz e liberdade de todas as concupiscências; ele está pronto para o terceiro ashram da vida, o afastamento das atividades mundanas. Através de maior esforço espiritual, ele oferece então, como um “sacrifício” verdadeiro e aceitável ao Senhor, até mesmo o uso autocontrolado de seus sentidos. Dominando os poderes sensoriais na meditação, esse iogue (o renunciante perfeito ou “sannyasi”) se liberta.

O conselho nesta estrofe é especialmente adequado para pessoas que já

estão casadas e enredadas no mundo, e que parecem não conseguir escapar do seu confinamento de assédios materiais e, assim, encontrar a paz. Qualquer ser humano, em qualquer circunstância da vida, está capacitado para fazer este “sacrifício sensorial” ao Senhor. O maior propósito da vida (contrariamente às implicações dos romancistas) não é conhecer o amor humano ou produzir filhos ou ganhar a aclamação inconstante dos homens; o único objetivo digno do homem é encontrar a bem-aventurança eterna de Deus.42

A melhor forma de vida, ainda hoje, é viver num eremitério sob a disciplina de um verdadeiro guru ou homem de Deus, cumprindo deveres activos para o bem de todos, nunca desejando egoisticamente os “frutos da acção”. Aqueles que não fundaram uma família e que sentem o chamado interior sincero do renunciante devem, por todos os meios, buscar a Deus imediatamente, sem arriscar o envolvimento no labirinto da vida familiar e das atividades materiais.

Qualquer pessoa que não tenha alcançado a plena realização de Deus está em terreno perigoso quando tenta lidar com os sentidos, mesmo que de forma autocontrolada. Há sempre o risco de escravização dos sentidos, pois a mente geralmente se confunde com tudo o que está próximo dela. A mente normalmente segue a regra de “primeiro a chegar, primeiro a ser servido”; portanto, se os prazeres dos sentidos forem colocados diante dela, a mente se acostuma a ceder aos prazeres humanos transitórios, esquecendo qualquer esforço para experimentar a natureza permanentemente bem-aventurada do verdadeiro Eu. Mas uma vez que o devoto tenha experimentado plenamente a bem-aventurança que flui de Deus, essa alegria se torna a mais tentadora e os sentidos perdem para sempre todo o controle. Eles não podem oferecer concorrência.

Não há razão, porém, para que aqueles que já são casados permaneçam enredados na consciência mundana, sentindo-se espiritualmente despojados, sem esperança de encontrar Deus. O amor humano, o desejo de louvor, fama, dinheiro, comida, bens materiais, aquisições mentais e assim por diante são todos testes de Deus para o verdadeiro devoto. Deus tem tudo. Ele quer provar o coração do devoto – ele prefere Deus? ou ele prefere os

dons de Deus? Quando um devoto convence a Deus de que não é abalado por nenhuma tentação, nem está disposto a aceitar como bem final nada menos que o próprio Deus - então, e somente então, não importa quais sejam as circunstâncias externas do devoto, o Senhor revela Sua face em todos os seus aspectos. glória sem fim.

VERSÍCULO 27

sarvāṇīndriyakarmāṇi prāṇakarmāṇi capare
ātmasaṁyamayogāgnau juhvati jñānadīpite

Novamente, outros (seguidores do caminho do Jnana Yoga) oferecem todas as suas atividades sensoriais e as funções da força vital como oblações na chama do yoga do controle interno do Eu, acesa pela sabedoria.

Os iogues que seguem o caminho da discriminação (Jnana Yoga) retratam firmemente, em sua consciência interior, a verdade suprema: a relação indivisível entre alma e Espírito. O jnana yogi concentra sua atenção no ponto entre as sobrancelhas e concentra sua mente somente na presença interior do Ser. Seguindo de todo o coração esse difícil caminho de realização, o verdadeiro jnana yogi é eventualmente capaz de acender o fogo da sabedoria perceptiva interior. Com esta consumação, todas as atividades dos sentidos e as forças vitais dos nervos aferentes e eferentes, atraídas pela irresistível chama magnética da sabedoria interior, mergulham de cabeça nessa chama sagrada.

Esta estrofe refere-se ao método de união com Deus prescrito pela filosofia Vedanta da Índia. O método consiste em ouvir a sabedoria bíblica e meditar continuamente nela, tornando-se assim um com ela – desde que a mente não seja atraída para os sentidos pela força vital e por pensamentos subconscientes inquietos.

Há uma diferença entre “autocontrole” e “o fogo do controle no Eu” mencionado nesta estrofe. O autocontrole muitas vezes significa o poder limitado da vontade usado para subjugar um certo sentido; ou pode

significar o poder de autocontrole possuído por um homem comum. Mas “o fogo do controle no Eu” refere-se ao poder supremo e ilimitado de domínio que o Eu possui como um verdadeiro reflexo do Espírito.

O seguidor do caminho da discriminação, pelo uso contínuo da vontade, tenta unir o seu ego com o poder ilimitado do Ser. Se ele tiver sucesso, ele poderá unir esse Ser com o Espírito. Ele então encontra seus dez sentidos (os cinco instrumentos de ação e os cinco instrumentos de conhecimento) e as cinco forças vitais sendo automaticamente retiradas para o Fogo Cósmico, destruindo toda inquietação sensorial e corporal.

❖

Dificuldade de controlar os sentidos por discriminação mental

❖

Mas Jnana Yoga não é tão fácil quanto parece. A sua maior desvantagem é ignorar o método científico: técnicas de yoga de subida espinhal que desligam a mente dos sentidos, retirando do sistema nervoso todas as forças vitais. O seguidor do caminho da discriminação (jnana) geralmente está sujeito a resistências violentas dos sentidos e das forças vitais cujo fluxo natural é em direção às terminações nervosas e às suas conexões com o mundo exterior.

A dificuldade do caminho do Jnana Yoga é ilustrada na história a seguir. Um homem estava determinado a chegar a um determinado destino (Deus) numa carruagem (o corpo) puxada por dez cavalos selvagens (os sentidos). Vários amigos (o consenso dos sábios) sugeriram que o homem deveria primeiro domar os corcéis e, enquanto isso, seria mais provável que ele chegasse ao seu destino se ignorasse os cavalos rebeldes e prosseguisse pacificamente a pé (seguido pelo passo a passo). métodos de etapas de ioga científica). O homem, porém, resistiu obstinadamente a esse conselho; ele e seus cavalos devem chegar juntos!

Resultado final desta triste história: depois de terríveis lutas com os animais, o infeliz homem ficou gravemente ferido à beira da estrada, ainda muito longe do fim pretendido para a sua viagem.

Deus não pode ser alcançado através do único caminho da discriminação mental, exceto por um homem constituído de forma tão diferente de seus semelhantes que possa ser justamente chamado de super-homem. Somente tal indivíduo pode atingir seu objetivo “junto com seus

cavalos”! O caminho exclusivo do Jnana Yoga, portanto, não pode ser recomendado ao homem comum – apenas para um Sandow de discriminação!43

O seguidor do caminho da discriminação, tentando meditar no Espírito Supremo, está sujeito ao “arrasto” dos dez cavalos dos sentidos atrás dele, mais à atração da corrente vital que flui através dos nervos sensoriais e motores e também à atração de pensamentos subconscientes - ele está voltado para uma direção e seus “cavalos” e “carruagem” estão indo na direção oposta. É verdade que um jnana yogi de determinação destemida pode ter sucesso, mesmo pelo método não científico de concentração interior do tipo “acertar ou errar”, em concentrar totalmente sua mente em Brahman ou Deus (assim “oferecendo seus sentidos e sua vida como oblações ao fogo do Infinito”). Mas o caminho do Jnana Yoga não é apenas precário, mas também longo. Através do Kriya Yoga, por outro lado, um praticante ardente pode rapidamente alcançar a libertação.

A diferença entre esta cerimônia do fogo de jnana ou sabedoria e a cerimônia científica do fogo do Kriya Yoga pode ser melhor ilustrada da seguinte maneira:

❖

Autocontrole científico através do Kriya Yoga

❖

Dois homens meditavam em salas diferentes, cada uma contendo um telefone. O telefone tocou em cada quarto. Um homem disse para si mesmo, num clima de teimosia intelectual: “Vou me concentrar tão profundamente que não conseguirei ouvir os toques do telefone!” É verdade que, apesar do ruído externo, ele pode conseguir concentrar-se internamente; mas ele complicou desnecessariamente sua tarefa. Esse homem pode ser comparado a um jnana iogue que tenta meditar em Deus, ignorando as incessantes mensagens telefônicas da visão, do som, do olfato, do paladar e do tato, bem como os impulsos externos da força vital.

O segundo homem da nossa ilustração não tinha ilusões quanto à sua capacidade de ignorar o clamor rude do telefone. Ele prudentemente retirou o plugue elétrico e desconectou o instrumento. Ele pode ser comparado ao Kriya Yogi que evita quaisquer distrações sensoriais durante a meditação,

desconectando a força vital dos sentidos; ele então inverte seu fluxo em direção aos centros superiores.

Ao controlar a força vital, como é conseguido na execução da técnica de Kriya Yoga, o iogue pode certamente atingir um estado de profundo êxtase divino. Pela execução perfeita de Kriya 1.728 vezes em uma postura (isto é, de uma só vez), e pela prática de um total de 20.736 Kriyas, um devoto pode alcançar o estado de samadhi (união com Deus). Mas Kriya não pode ser praticado tantas vezes por um iniciante. Quando o corpo e a mente do Kriya Yogue estiverem adequadamente preparados para acomodar a alta tensão de tanta prática de Kriya Yoga, seu guru irá avisá-lo de que ele está pronto para a experiência do samadhi. Quando minha mente e meu corpo estavam prontos, meu Guru me deu samadhi. Antes disso, quando eu ainda não estava espiritualmente preparado para esse estado, meu pedido de samadhi foi corretamente negado pelo grande iogue Ram Gopal Muzumdar.44 Através de um fio fino apenas uma certa quantidade de corrente pode passar, mas muitos amperes de corrente pode ser descarregado através de um fio grosso. Da mesma forma, o corpo de um indivíduo comum no estado inicial da prática de Kriya é como um fio fino e fraco que só pode absorver com benefício a quantidade gradualmente aumentada de corrente gerada pela prática duas vezes ao dia de Kriya Yoga, de 14 a 24 vezes, e depois disso aumentado em incrementos de 12, até 108 (conforme recomendado pelo guru).

Através do Kriya Yoga a pessoa marcha cientificamente em direção a Deus, acelerando sua evolução através de métodos passo a passo e por um número maior ou menor de práticas corretas da técnica de Kriya Yoga.

Quando o iogue, através de anos de prática de Kriya Yoga, torna seu corpo e nervos adaptáveis, ele pode manifestar dentro de seu corpo – em êxtase, facilmente – toda a corrente gerada pela prática de 20.736 Kriyas, e muito mais. O Kriya Yogi adepto concentra o poder de produção de êxtase não nos números de Kriya, mas em cada Kriya. Depois de anos de prática intensa, e através da bênção do meu Guru e Paramgurus, agora, quando faço apenas um a três Kriyas, minha consciência entra no estado de bem-aventurança de samadhi. Meu Amado Senhor nunca está a mais de um

Kriya de distância.

No êxtase do Kriya Yoga, o corpo é percebido não como carne, mas como energia eletro-lifetrônica. O corpo assim realizado como força vital torna-se um com a Energia Cósmica. A consciência do ego é transmutada na bem-aventurança inconcebível da alma. A alma e sua bem-aventurança se misturam com a bem-aventurança cósmica do Espírito. No estado de êxtase, o iogue sabe que o corpo é uma imagem em movimento da energia divina, que por sua vez é um sonho da consciência de Deus; e ele, o Ser, é uma parte eterna dessa Consciência sonhadora.

VERSÍCULO 28

dravyayajñās tapoyajñā yogayajñās tathāpare
svādhyāyajñānayajñāśca yatayaḥ saṁśitavratāḥ

Outros devotos oferecem como oblações riqueza, autodisciplina e os métodos do Yoga; enquanto outros indivíduos, autocontrolados e mantendo votos estritos, oferecem como sacrifícios o estudo de si mesmos e a aquisição de sabedoria bíblica.

Esta estrofe continua a enumeração de vários tipos de devotos cujas disciplinas específicas constituem “cerimônias espirituais de fogo”.

Alguns devotos usam adequadamente a sua riqueza ou outros recursos materiais para ajudar os outros como uma “oferta” ao Espírito. Os ascetas que possuem autocontrole e profunda determinação consideram suas austeridades como “oblações”. Alguns observam rigidamente os votos espirituais e os vários “faça” e “não faça” dos autodisciplinadores. Certos tipos de sadhus (âncoras) ficam sentados sob o sol desde a manhã até o pôr do sol; outros, enquanto cantam, mergulham o corpo até o pescoço em água fria por várias horas, ou praticam meditação em frio ou calor extremos. Alguns devotos tentam controlar o sentimento de ganância misturando alimentos frios, quentes, doces e azedos, comendo esse conglomerado enquanto praticam o distanciamento mental do sentido do paladar. “Já que todos os alimentos se tornam um só no estômago”, dizem eles, “por que não

misturá-los antes de chegarem ao estômago? Assim pode-se nutrir o corpo sem satisfazer a sensação de ganância.” Apesar deste conselho razoável, dificilmente se espera que esta austeridade específica se torne comum!

Os autodisciplinadores praticam o falar a verdade, a calma e a doçura com todos, mesmo sob provocação. Eles não roubam nem cometem qualquer transgressão que seja expressamente proibida pelas escrituras. Tais pessoas são os altos moralistas encontrados em todas as religiões. Suas mentes às vezes ficam mais envolvidas na “justiça” do que em Deus! Eles obtêm uma satisfação tão hipócrita ao viajar no caminho espiritual que perdem de vista a realização de Deus como seu destino.

No entanto, aqueles que praticam austeridades de forma persistente e inteligente, motivados por uma grande devoção a Deus, descobrem que as “oblações” da sua autodisciplina, em última análise, os ajudam a unir-se com o Fogo Cósmico do Espírito.

❖

União com Deus através do caminho óctuplo do yoga

❖

Outros devotos seguem o caminho óctuplo do yoga, neutralizando as cintilações do sentimento (chitta) para que em suas águas límpidas possam ver o reflexo não distorcido da lua da alma. Esses iogues observam o “faça” e o “não faça” da autodisciplina (yama-niyama), mas vão além. Eles praticam o controle do corpo por meio de posturas (asana) para tornar o corpo receptivo à sua vontade, capaz de sentar-se calmamente durante longas horas de meditação e êxtase prolongado. O iogue então assume qualquer postura correta e pratica o controle da força vital (pranayama) por meio de uma técnica como o Kriya Yoga. Com esta técnica, ele desconecta a mente da consciência corporal, desligando a corrente vital dos sentidos, e une a mente e a força vital com a superconsciência na coluna e no cérebro. Ele atinge assim o estado de verdadeira interiorização, ou retirada da mente e da força vital dos sentidos (pratyahara).

Depois que o iogue se torna forte no corpo e na mente pela autodisciplina, postura, controle da força vital e interiorização da consciência, ele dedica seu corpo e mente recém-domados à concentração no Infinito (samyama: dharana, dhyana e samadhi), concebendo o Espírito

como a vibração cósmica Aum. Não satisfeito em ouvir a vibração do Aum, ele começa a se expandir com ela – sentindo a vibração não apenas em seu próprio corpo, mas no vasto cosmos. O iogue é então capaz de atingir o êxtase da unidade com Deus – vibrando no universo como Som Cósmico ou Luz Cósmica – a vibração do Espírito Santo. Inerente a esta Vibração ele encontra a consciência de Cristo ou Krishna (Kutastha), e através dela ele se funde com o Senhor como Consciência Cósmica.

Seguindo o "faça" e "não faça" do código moral, e pela postura, controle da força vital, interiorização da mente, meditação (concentração da atenção), concepção cósmica de Deus e êxtase, o eu de o homem pode unir-se ao Espírito. A prática do yoga óctuplo dissolve as ondas de gostos e desgostos, os desejos que infestam o sentimento intuitivo de chitta (coração). Quando as águas de chitta estão livres de ondas de sensações, pensamentos, gostos e desgostos, as águas límpidas da intuição refletem a alma como uma imagem perfeita do Espírito-Lua. Então o iogue une sua alma refletida no coração calmo com a Fonte real, a Lua do Espírito onipresente.

❖

Benefícios e armadilhas do estudo das escrituras

❖

Outro tipo de devoto, buscando uma compreensão de si mesmo e de seu relacionamento com Deus e o universo, lê a sabedoria bíblica, medita nela com uma mente absorta e autocontrolada e aplica estritamente as injunções bíblicas em sua vida diária. Assim, ele gradualmente aprende a oferecer a "oferta" de seu auto-estudo e conhecimento bíblico intuitivo no fogo do Espírito. Não é o "dicionário bíblico ambulante" intelectual que conhece a sabedoria dos profetas; é antes o homem de meditação e aplicação cujo conhecimento bíblico brilha todos os dias em seu rosto e em suas ações.

O conhecimento das escrituras só é benéfico quando estimula o desejo de realização prática; caso contrário, o conhecimento teórico dá uma falsa convicção de sabedoria. O conhecimento não realizado das escrituras pode, assim, tornar-se um prejuízo para a realização prática das verdades espirituais. Mas quando o conhecimento bíblico teórico é continuamente

convertido em percepções internas de sabedoria, esse conhecimento é uma fonte de redenção. Muitos especialistas e professores eruditos – apesar de toda a sua perspicácia mental – demonstram diariamente, através das suas vidas descontroladas, o seu fracasso em colocar a filosofia em qualquer uso prático.

Um homem sem conhecimento bíblico ou realização interior é tristemente ignorante. Uma pessoa com conhecimento teórico das escrituras, mas sem autorrealização, é como um homem que come muita comida, mas não consegue digeri-la. O homem com realização divina, mesmo que lhe falte conhecimento bíblico, alcançou Deus e é um exemplo digno para a sociedade. Um homem que possui tanto o conhecimento bíblico quanto a Auto-realização não apenas alcançou Deus, mas é um professor admirável por transmitir a consciência de Deus a outros.

Meu Guru nunca permitiu que seus discípulos lessem as estrofes do Bhagavad Gita ou Patanjali com um interesse meramente teórico. “Medite nas verdades das escrituras até se tornar um com elas”, dizia ele. Depois de eu ter dominado algumas estrofes bíblicas de maneira profundamente perceptiva sob sua tutela, ele se recusou a continuar me ensinando. “Você verá”, disse ele, “que agora possui uma chave verdadeira para as escrituras, uma chave de percepção intuitiva interior, em vez de mera razão e conjectura. Todas as escrituras revelarão seus segredos para você.”

Ler Patanjali, o Gita ou a Bíblia com apenas uma visão intelectual pode capacitar um homem a passar brilhantemente nos exames, mas não proporcionará um acesso infalível ao verdadeiro significado. Os núcleos de verdade nos ditos bíblicos são cobertos pela dura casca da linguagem e da ambiguidade. Com a ajuda de um guru, aprendemos como usar o quebra-nozes da percepção intuitiva para abrir as conchas verbais e obter a carne divina interior.

VERSÍCULO 29

apāne juhvati prāṇaṁ prāṇe ‘pānaṁ tathāpare
prāṇāpānagatī ruddhvā prāṇāyāmaparāyaṇāḥ

Outros devotos oferecem como sacrifício a respiração de prana que entra na respiração que sai de apana, e a respiração que sai de apana na respiração que entra de prana, prendendo assim a causa da inspiração e da expiração (tornando a respiração desnecessária) pela prática intencional de pranayama (o técnica de controle de vida do Kriya Yoga).

Pela prática concentrada de Kriya Yoga pranayama – oferecendo a respiração que inspira na respiração que expira (prana em apana) e oferecendo a respiração que expira na respiração que inspira (apana em prana) – o iogue neutraliza essas duas correntes de vida e suas mutações de decadência resultantes. e crescimento, os agentes causadores da respiração e da ação cardíaca e da consciência corporal concomitante. Ao recarregar o sangue e as células com energia vital que foi destilada da respiração e reforçada com a pura força vital espiritualizada na coluna e no cérebro, o Kriya Yogi interrompe a decadência corporal, acalmando assim a respiração e o coração, tornando desnecessárias suas ações purificadoras. O iogue atinge assim o controle consciente da força vital.

O Bhagavad Gita menciona claramente nesta estrofe a teoria do Kriya Yoga, a técnica de comunhão com Deus que Lahiri Mahasaya deu ao mundo no século XIX. Kriya Yoga pranayama ou controle de vida ensina o homem a desatar o cordão da respiração que liga a alma ao corpo, capacitando assim cientificamente a alma a voar da jaula corporal para os céus do Espírito onipresente, e voltar, à vontade, para seu pequeno jaula. Sem nenhum vôo de fantasia, esta é antes a experiência singular da Realidade: o conhecimento da verdadeira natureza de alguém e o reconhecimento de sua fonte na bem-aventurança do Espírito. Através do pranayama do Kriya Yoga ou controle da vida conforme descrito nesta 29ª estrofe, a alma pode ser liberada da identificação com o corpo e unida ao Espírito.

Pranayama é derivado de duas palavras sânscritas – prana (vida) e āyāma (controle). Pranayama é, portanto, controle da vida e não “controle da respiração”. O significado mais amplo da palavra prana é força ou energia.

Nesse sentido, o universo está repleto de prana; toda criação é uma manifestação de força, um jogo de força. Tudo o que foi, é ou será, nada mais é do que os diferentes modos de expressão dessa força universal. O prana universal é, portanto, o Para-Prakriti (Natureza pura), a energia ou força imanente que deriva do Espírito Infinito e que permeia e sustenta o universo.

No sentido mais estrito, por outro lado, prana significa o que é comumente chamado de vida ou vitalidade de um organismo na terra – o prana de uma planta, de um animal ou de um homem significa a força vital ou força vital que vivifica essa forma.

Os princípios mecânicos operam em todas as partes do corpo – no coração, nas artérias, nos membros, nas articulações, nos intestinos, nos músculos. Os princípios químicos também atuam – nos pulmões, estômago, fígado, rins. Mas a todas estas actividades não temos de acrescentar algo que não seja mecânico ou químico para criar e sustentar a vida num organismo? Esse “algo” é a força ou energia vital, superior a outros agentes de suporte à vida. A energia vital utiliza força mecânica para bombear o sangue, mover os alimentos ao longo do trato digestivo e flexionar os músculos. Ele usa forças químicas para digerir os alimentos, purificar o sangue e preparar a bile. Existe uma conexão e cooperação maravilhosas entre as células de todas as partes do corpo. Isto é organização; e o prana é o governante desta organização. É o poder de supervisionar, organizar, coordenar, construir e reparar o corpo.

Prana é uma força inteligente, mas não tem consciência no sentido empírico nem transcendental. É a base da consciência empírica, mas a alma é a unidade consciente. A alma dita através do ego, e o prana, seu servo, obedece. O Prana, nem grosseiramente material nem puramente espiritual, empresta da alma o seu poder de ativar o corpo. É o poder alojado entre a alma e a matéria com o propósito de expressar a primeira e mover a segunda. A alma pode existir sem prana, mas o prana no corpo não pode existir sem uma alma como substrato.

❖

Energia prana universal que permeia toda a criação

❖

O prana universal surgiu da seguinte maneira: No início, Um Grande Espírito desejava criar. Sendo Um, Ele desejou ser muitos. Este Seu desejo, sendo onipotente, tinha uma força criativa para ir para fora, para projetar o universo. Dividiu o Um em muitos, a Unidade em diversidade. Mas o Um não queria perder Sua totalidade em muitos. Então, simultaneamente, Ele desejou atrair muitos de volta à Singularidade. Uma espécie de cabo de guerra eclodiu assim entre o desejo de ser muitos a partir do Um e o desejo de atrair muitos para o Um – entre a força projetiva e a força de atração, entre a atração e a repulsão, entre a força centrípeta e a força centrífuga. O resultado da atração entre as duas poderosas forças opostas é a vibração universal, o sinal evidente da primeira perturbação do equilíbrio espiritual antes da criação. Nesta vibração está misturado o desejo criativo do Espírito de ser muitos, e o desejo atraente do Espírito de ser Um entre muitos. O Espírito, em vez de se tornar absolutamente Muitos, ou absolutamente Um, tornou-se Um em muitos.

O prana universal subjacente a todas as combinações na criação é a base da unidade que evitou que o Espírito Único fosse irrevogavelmente dividido em muitos. Ela permeia todos os átomos do universo e todos os lugares do cosmos. É o elo primordial, direto e sutil entre a matéria e o Espírito – menos espiritual que o Grande Espírito, mas mais espiritual que os átomos materiais. Este prana universal é o pai de todas as chamadas forças, que o Espírito (em sua forma imanente) utiliza para criar e sustentar o universo.

Quando diferentes átomos se coordenam num organismo – uma árvore, um animal, um ser humano – então o prana universal incorporado em cada átomo torna-se coordenado de uma maneira particular, e então chamamos-lhe prana específico, força vital ou vida. Embora cada célula – ou melhor, cada átomo – do corpo de um homem tenha uma unidade de prana, ainda assim, todas as unidades de todos os átomos e células são governadas por um prana coordenador, que é chamado de prana específico, ou força vital.

O prana específico entra no corpo com a alma (no invólucro astral da alma) no momento da concepção. Ao comando da alma, o prana específico

❖

Prana específico: princípio de vida no corpo

❖

constrói gradualmente a partir de uma única célula primordial o corpo da criança – de acordo com o padrão cármico astral desse indivíduo – e continua a sustentar essa forma durante toda a sua vida. Este prana corporal é continuamente reforçado não apenas por fontes grosseiras como alimento e oxigênio, mas principalmente pelo prana universal, a energia cósmica, que entra no corpo através da medula (“a boca de Deus”) e é armazenada no reservatório de a vida no cérebro e nos centros da coluna vertebral, de onde é distribuída pelas funções do prana específico.

O prana específico permeia todo o corpo e difere em suas funções em diferentes partes. Pode ser classificado em cinco pranas diferentes de acordo com estas funções: (1) prana (por preeminência), ou o poder cristalizador que traz à manifestação todas as outras funções; (2) apana, ou o poder de excreção, a energia necrófaga do corpo pela qual os resíduos corporais são expelidos; (3) vyana, ou o poder de circulação; (4) samana, ou assimilação, digestão, pela qual vários alimentos são processados e assimilados para a nutrição do corpo e para a construção de novas células; e (5) udana, ou o poder pelo qual as células são diferenciadas em suas funções (alguns cabelos em crescimento, ou pele, ou músculos, e assim por diante) por infinitas desintegrações e integrações entre si.

Esses cinco pranas, embora separados, estão inter-relacionados e agem em harmonia e interdependência. Na verdade, eles são apenas um único prana agindo de cinco maneiras diferentes, mas indissoluvelmente conectadas. (Mais informações sobre os cinco pranas são fornecidas no texto do próximo sloka.)

A base, ou sede primária, do prana corporal é o sistema nervoso e as células do eixo cerebrospinal e do sistema simpático; mas também está em suas infinitas ramificações nas formas de células, fibras, nervos, gânglios até mesmo nos cantos mais remotos do corpo. Assim, o prana atua principalmente no sistema simpático ou involuntário; mas, além disso, as atividades voluntárias só são possíveis porque o prana, nas suas cinco forças constituintes, permeia e atua por todo o corpo.

❖

Prana e apana: duas correntes principais no corpo

❖

Este verso do Gita atual trata de duas funções específicas da força vital em suas diferenciações como prana e apana. Assim como há um "cabo de guerra" na escala macrocósmica, refletindo o desejo de projeção do Espírito de criar e Seu desejo oposto de atração de trazer muitos de volta ao Um (ver comentário do Capítulo I), também ocorre esta mesma disputa na dualidade. em uma escala microcósmica no corpo do homem. Uma expressão desta dualidade positivo-negativo envolve a interação entre prana e apana.

Existem duas correntes principais no corpo. Uma delas, a corrente apana, flui do ponto entre as sobrancelhas até o cóccix. Essa corrente que flui para baixo se distribui através do centro do cóccix até os nervos sensoriais e motores e mantém a consciência do homem ilusoriamente ligada ao corpo. A corrente apana é inquieta e envolve o homem em experiências sensoriais.

A outra corrente principal é a do prana, que flui do cóccix até o ponto entre as sobrancelhas. A natureza desta corrente vital é calma; retira para dentro a atenção do devoto durante o sono e no estado de vigília, e na meditação une a alma com o Espírito no Centro Crístico no cérebro.

Há, portanto, uma atração oposta exercida pela corrente que flui para baixo (apana) e pela corrente que flui para cima (prana). A consciência humana é puxada para baixo ou para cima pelo cabo de guerra entre essas duas correntes para ligar ou libertar a alma.

A corrente vital que flui do cérebro e da coluna para as células, tecidos e nervos fica presa e obstruída pela matéria. É consumido, como a eletricidade, por meio de movimentos motores corporais (voluntários e involuntários) e atividade mental. À medida que a vida nas células, tecidos e nervos começa a ser exaurida por esta atividade motora e sensorial - especialmente através de ações excessivas, desarmônicas e desequilibradas - o prana trabalha para recarregá-los e mantê-los vitalizados. No entanto, no processo de consumo de energia vital, eles liberam resíduos, "decomposição". Um desses produtos é o dióxido de carbono excretado

pelas células na corrente sanguínea; a ação purificadora imediata do prana torna-se necessária para remover o acúmulo dessa “decadência” ou a morte ocorreria em breve. A fisiologia dessa troca é a respiração.

❖

Respiração: cordão que liga a alma ao corpo

❖

Das correntes opostas de prana e apana na coluna, nascem as inalações e exalações da respiração. Quando a corrente de prana sobe, ela puxa a respiração vital carregada de oxigênio para os pulmões. Lá, o prana destila rapidamente uma quantidade de força vital necessária da composição eletrônica e vitaltrônica dos átomos de oxigênio. (O prana leva mais tempo para destilar a força vital dos alimentos líquidos e sólidos mais densos presentes no estômago.) Essa energia refinada é enviada pela corrente de prana para todas as células do corpo. Sem essa reposição de pura força vital, as células seriam impotentes para levar a cabo as suas muitas funções fisiológicas; eles morreriam. A energia vital destilada do oxigênio também ajuda a reforçar os centros de força vital na coluna vertebral e no ponto entre as sobrancelhas, e o principal reservatório de energia vital no cérebro. O excesso de oxigênio da respiração inalada é transportado pelo sangue por todo o corpo, onde é utilizado pelos cinco pranas vitais em vários processos fisiológicos.

Conforme observado, a atividade corporal produz decomposição e o consequente resíduo de dióxido de carbono. Esses resíduos são excretados das células pela corrente apana, ou eliminação, e são transportados pelo sangue até os pulmões. Então, a corrente apana que flui descendentemente na coluna causa a expiração e expulsa as impurezas dos pulmões através da expiração.

A respiração, ativada pelas correntes duplas de prana e apana, é realizada fisiologicamente por meio de uma série de reflexos nervosos complexos - químicos e mecânicos - envolvendo principalmente a medula oblonga e o sistema nervoso simpático ou involuntário. O intrincado sistema simpático, por sua vez, é fortalecido pelas correntes prana e apana que atuam através dos ramos vitais das correntes de vida astral que correspondem ao sistema nervoso simpático físico – cujos ramos principais

são chamados de ida e pingala. (Ver comentário em I:4-6.) Estudar a fisiologia da respiração sem uma compreensão apreciável dos princípios de vida sutis por trás dela é como estudar o Hamlet de Shakespeare deixando de fora as partes retratadas pelo personagem Hamlet.

A inspiração e a expiração ocorrem em grande parte involuntariamente ao longo da vida. Enquanto a corrente vital (prana) puxar o ar inspirado para os pulmões, o homem viverá; sempre que a corrente descendente (apana) na expiração se torna mais poderosa, o homem morre. A corrente apana então puxa o corpo astral para fora do corpo físico. Quando a respiração final deixa o corpo através da ação da corrente de saída, apana, o corpo astral a segue para um mundo astral.

Diz-se assim que a respiração humana liga a alma ao corpo. É o processo de expiração e inspiração resultante das duas correntes espinhais opostas que dá ao homem a percepção do mundo externo. A respiração dupla é a tempestade que cria ondas de forma (sensações) no lago da mente. Essas sensações também produzem consciência corporal e dualidade e, assim, obliteram a consciência unificada da alma.

Deus sonhou a alma e a envolveu em um corpo onírico arfando com o hálito onírico. O mistério da respiração contém a solução para o segredo da existência humana. Existe até uma conexão direta entre respiração e longevidade física. O cachorro, por exemplo, respira rápido e tem vida curta. O crocodilo respira muito lentamente e pode viver mais de cem anos. Pessoas robustas respiram pesadamente e morrem prematuramente. Quando, por doença, velhice ou qualquer outra causa física, a respiração onírica desaparece, segue-se a morte do corpo onírico. Os iogues, portanto, raciocinaram que se o corpo não se decompusesse e as toxinas não se acumulassem nas células, a respiração não seria necessária; que o domínio científico da respiração, ao prevenir a deterioração do corpo, tornaria o fluxo da respiração desnecessário e proporcionaria controle sobre a vida e a morte. Dessa percepção intuitiva dos antigos rishis surgiu a ciência e a arte do pranayama, o controle da vida.

Pranayama é sugerido pelo Bhagavad Gita como um método universalmente adequado para o homem usar para libertar sua alma da

escravidão da respiração.

❖
Kriya Yoga: controlando as correntes de prana e apana
❖

O Gita afirma: “O iogue é maior que os ascetas que disciplinam o corpo, maior ainda que os seguidores do caminho da sabedoria ou do caminho da ação; seja um iogue!” (VI:46). Que se refere ao pranayama de Kriya Yoga é evidenciado não apenas neste versículo IV:29, mas também em V:27-28: “Aquele especialista em meditação (muni) torna-se eternamente livre aquele que, buscando a Meta Suprema, é capaz de retirar-se dos fenômenos externos fixando seu olhar no ponto médio das sobrancelhas e neutralizando as correntes uniformes de prana e apana [que fluem] dentro das narinas e pulmões….”45 O antigo sábio Patanjali, principal expoente do yoga, também exalta Kriya Yoga pranayama: “A liberação pode ser alcançada por aquele pranayama que é realizado pela desconexão do curso de inspiração e expiração” (Yoga Sutras II:49).

A respiração, os pulmões e o coração ficam mais lentos durante o sono, mas não ficam completamente paralisados. Mas através do Kriya Yoga a respiração é gradualmente acalmada e os movimentos nos pulmões e no corpo são acalmados. Quando o movimento deixa todo o corpo, devido à falta de agitação e à completa quietude física e mental, o sangue venoso deixa de se acumular. O sangue venoso é normalmente bombeado pelo coração para os pulmões para purificação. Livres deste trabalho constante de purificação do sangue, o coração e os pulmões aquietam-se. A respiração deixa de entrar e sair dos pulmões pela ação mecânica do diafragma.

O pranayama do Kriya Yoga interrompe a decadência corporal associada ao apana, manifestada na expiração, por novas oblações de força vital ou prana, destilada da inspiração. Esta prática permite ao devoto dissipar a ilusão de crescimento e decadência do corpo como carne; ele então percebe que é feito de lifetrons.

O corpo do Kriya Yogi é recarregado com energia extra destilada da respiração e reforçada pelo tremendo dínamo de energia gerado na coluna; a decomposição dos tecidos corporais diminui. Isso diminui e, em última análise, torna desnecessária a função de purificação do sangue do coração.

Quando a vida pulsante da bomba cardíaca se acalma, devido ao não bombeamento do sangue venoso, a expiração e a inspiração não são mais necessárias. A força vital, que foi dissipada nas ações celular, nervosa, respiratória e cardíaca, retira-se dos sentidos e órgãos externos e une-se à corrente na coluna vertebral. O Kriya Yogi então aprende como misturar a corrente de vida que flui para cima (prana) com a corrente que flui para baixo (apana) e misturar a corrente que flui para baixo (apana) com a corrente que flui para cima (prana). Ele neutraliza assim o movimento duplo e, pela força da vontade, retira ambas as correntes para uma esfera reveladora de luz espiritual no ponto entre as sobrancelhas. Esta luz de pura energia vital cintila dos centros cérebro-espinhais diretamente para todas as células do corpo, magnetizando-as, impedindo a decadência e o crescimento, e tornando-as vitalmente autossustentadas, independentes da respiração ou de qualquer fonte externa de vida.

Enquanto esta luz estiver fluindo para cima e para baixo como as duas correntes em conflito de prana e apana – as respirações de inspiração e expiração – elas emprestarão sua vida e luz às percepções sensoriais e aos processos mortais de crescimento e decadência. Mas quando o iogue consegue neutralizar a atração descendente e ascendente das correntes espinhais, e consegue retirar toda a força vital dos sentidos e dos nervos sensório-motores, e consegue manter a força vital imóvel no ponto entre as sobrancelhas, a luz cerebral dá ao iogue controle da vida ou poder sobre o prana (Kriya Yoga pranayama). A força vital retirada dos sentidos concentra-se numa luz interior constante na qual o Espírito e a Sua Luz Cósmica são revelados.

❖

Kriya Yoga não é controle da respiração, mas controle da força vital

❖

O pranayama do Kriya Yoga, o método científico de neutralização da respiração, não tem nada em comum com a prática tola de tentar controlar a corrente vital através da retenção forçada da respiração nos pulmões – uma prática não científica, antinatural e prejudicial. Qualquer pessoa que prenda a respiração por alguns minutos nos pulmões sente dor, sufocamento e tensão cardíaca. Este efeito corporal adverso deveria ser prova suficiente

de que os iogues não recomendariam tais práticas não naturais. Certos professores aconselham uma longa retenção não científica, para não dizer impossível, da respiração nos pulmões – uma prática completamente tabu pelos iogues iluminados por Deus.

Muitos escritores ocidentais condenam a ciência do yoga sob o falso fundamento de que ela é inadequada para os ocidentais. A ciência não conhece Oriente nem Ocidente. No passado, muitos hindus ortodoxos condenaram a água desinfetada transportada por canos (introduzida pelos ingleses) como água "pecaminosa e pagã"; a eletricidade foi rotulada como "energia maligna e destrutiva"! Mas todos os hindus agora gostam mais da água "pagã" do que das águas poluídas e maláricas dos poços; eles também preferem a eletricidade "maligna" às suas velhas e fracas lâmpadas a óleo, nas quais a chama era constantemente apagada até mesmo por ventos fracos. As objeções irracionais dos hindus à ciência ocidental não eram mais desacreditáveis do que as condenações ignorantes proferidas por certos ocidentais sobre a consagrada ciência do yoga.

O Yoga, o conhecimento mais elevado da humanidade, não é um culto nem uma crença dogmática, mas antes recomendado pelos maiores cientistas do Oriente e do Ocidente.

O verdadeiro kumbhaka, ou a retenção da respiração mencionada nos tratados de ioga iluminados, não se refere à retenção forçada da respiração nos pulmões, mas à falta de ar natural provocada pelo pranayama científico, que torna a respiração desnecessária.

Kriya Yoga é referido indiretamente em diversas escrituras e tratados de yoga como Kevali Pranayama ou Kevala Kumbhaka – verdadeiro pranayama ou controle de vida que transcendeu a necessidade de inspiração (puraka) e expiração (rechaka); a respiração é transmutada em correntes internas de força vital sob o controle completo da mente.46 Dos vários estágios da falta de ar do pranayama (kumbhaka), Kevali é exaltado pelos iogues adeptos como o melhor ou mais elevado. Embora em princípio possa ser equiparado ao Kriya Yoga, Kevali Pranayama não é tão explícito quanto a ciência e técnica específica do Kriya Yoga revivida e esclarecida para esta época por Mahavatar Babaji e dada ao mundo através de Lahiri Mahasaya.

❖

Como Kriya produz êxtase consciente e transcendência corporal

❖

Quando pelo Kriya Yoga o hálito mortal desaparece cientificamente dos pulmões, o iogue experimenta conscientemente, sem morrer, o processo de morte pelo qual a energia é desligada dos sentidos (causando o desaparecimento da consciência do corpo e o aparecimento simultâneo da consciência da alma). . Ao contrário do homem comum, o iogue percebe que sua vida não é condicionada pela expiração e inspiração, mas que a força vital constante no cérebro é continuamente reforçada através da medula pela onipresente corrente cósmica. Mesmo o homem mortal, durante o estado noturno de sono, eleva-se psicologicamente acima da consciência da respiração; sua força vital então fica parcialmente quieta e revela um vislumbre da alma como a profunda alegria do sono. O iogue sem fôlego, entretanto, percebe o estado de "morte" consciente como um estado muito mais profundo e abençoado do que aquele concedido pelo sono semi-superconsciente mais profundo e bem-aventurado. Quando a respiração cessa no Kriya Yogi, ele é inundado por uma bem-aventurança incomparável. Ele percebe então que é a tempestade da respiração humana a responsável pela criação da onda onírica do corpo humano e de suas sensações; é a respiração que causa a consciência corporal.

São Paulo disse: "Protesto pela alegria que tenho em Cristo Jesus, nosso Senhor, morro diariamente"47 (vivo diariamente sem respirar). São Paulo foi capaz, através do controle da força vital - através do Kriya ou de uma técnica semelhante - de dissolver a consciência de seu corpo onírico no regozijo eterno da Consciência Crística.

Quando, com a cessação da respiração e o aquietamento do coração, a força vital é desligada dos sentidos, a mente torna-se desapegada e interiorizada, sendo finalmente capaz de perceber conscientemente os mundos astrais internos e as esferas supernas da consciência divina.

Nos primeiros estágios do êxtase do Kriya Yoga, o iogue percebe a bem-aventurança da alma. Através de êxtases mais elevados que surgem como resultado do domínio completo do estado de falta de ar, ele percebe que o corpo físico é feito de lifetrons que são cercados por um halo de células

eletroatômicas mais grosseiras. O iogue percebe a ilusão do sonho do corpo se desmaterializar na realidade de Deus. Ao experimentar a realidade do corpo como prana ou lifetrons, controlado pelo pensamento de Deus, o iogue torna-se um com Ele. Com essa consciência divina, o iogue é capaz de criar, preservar ou desmaterializar os átomos oníricos de seu corpo ou de qualquer outro objeto da criação. Ao atingir esse poder, o iogue tem a opção de deixar seu corpo físico onírico na Terra para se desintegrar gradualmente em átomos cósmicos; ou ele pode manter seu corpo de sonho na terra indefinidamente como Babaji; ou, como Elias, ele pode desmaterializar seus átomos oníricos no Fogo Divino. Eliseu testemunhou o corpo de Elias tornar-se etérico, ascendendo em uma carruagem de átomos de fogo e lifetrons misturados com a luz cósmica de Deus. Seus corpos luminosos de sonho físico e astral e seu corpo causal e alma fundiram-se na Consciência Cósmica.48

Um Kriya Yogi deve ter uma compreensão exata da lógica da ciência iogue que é recomendada nesta estrofe do Bhagavad Gita. Uma explicação do estado de sonho será útil. Um homem se vê sonhando; o poder de sua mente cria a consciência de um corpo físico real. Da mesma forma, ao materializar Seu pensamento, o Senhor fez homens sonhadores caminharem sobre uma criação onírica em corpos de carne oníricos. O corpo nada mais é do que um sonho materializado de Deus.

O Senhor cercou a alma do homem primeiro com um corpo ideal. Então Ele envolveu o corpo ideal com uma luz muito fina ou sutil (o corpo astral). O terceiro ou último invólucro foi o corpo onírico eletroatômico, a ilusão de uma forma carnal.49 A razão, portanto, pela qual o Gita aconselha os devotos a praticarem a técnica de controle da vida pranayama é capacitá-los a perceber que o corpo não é feito de carne, mas de força vital condensada do pensamento de Deus.

Quando, pela técnica adequada de meditação pranayama, o Kriya Yogi concentrado destila a força vital da respiração e reforça o prana já presente nas células do corpo e nos centros cérebro-espinhais, então até mesmo o iogue iniciante ocasionalmente vê seu olho espiritual de luz. Pela prática mais profunda de Kriya Yoga ou pela falta de ar, ele percebe seu corpo

astral. Finalmente ele é capaz de ver seu corpo físico como uma estrutura eletroatômica, uma emanação em forma mais grosseira (por força vibratória mais densa) dos finos raios do corpo astral.

Avançando ainda mais, o iogue percebe que o corpo astral com sua textura de luz é uma "ideia" ou pensamento materializado de Deus. Quando ele tiver compreendido completamente o corpo ideativo, ele será capaz de retirar sua consciência das três prisões corporais e unir-se como alma à bem-aventurança sem sonhos de Deus.

Esta é, então, a razão pela qual a prática do pranayama da Kriya Yoga ou técnica de controle da vida é imperativa se o homem quiser transcender a ilusão do corpo como uma massa exasperante de carne e ossos.

Versículo 30

niyatāhārāḥ prāṇān prāṇeṣu juhvati aparece
tudo entre o sacrifício do sacrifício do sacrifício

Outros devotos, através de um esquema de dieta adequada, oferecem todos os diferentes tipos de prana e suas funções como oblações no fogo do prana comum.

Todos esses devotos (adeptos de todos os yajnas anteriores) conhecem a verdadeira cerimônia do fogo (da sabedoria) que consome seus pecados cármicos.

A primeira parte deste sloka às vezes é associada ao versículo 29, apropriadamente quando entendido em seu sentido mais profundo em relação ao pranayama de Kriya Yoga. A "dieta" regulamentada do iogue avançado é o sustento vitalizante da pura força vital destilada da respiração e carregada de energia cósmica, neutralizando as ações de crescimento (prana) e decadência (apana) no corpo. Quando o iogue controla assim a força vital, ele é mencionado como alguém que "consumiu" as duas correntes (prana e apana)50 de inspiração e expiração: alguém que nutre sua alma absorvendo as duas correntes na única luz de Espírito refletido no cérebro. O pranayama do Kriya Yoga é, portanto, a verdadeira "cerimônia

do fogo espiritual”, na qual oblações de expiração e inspiração são oferecidas à chama da luz interior e das percepções do Espírito.

Ensinamentos de Yoga sobre Dieta Adequada

A interpretação mais literal deste versículo do Gita é a seguinte:

Outros devotos empregam jejum e dieta estritamente regulamentada para harmonizar e controlar as cinco diferenciações do prana (as cinco forças vitais ou ares vitais) e suas funções em todo o corpo, espiritualizando assim o corpo com saúde e energia vital. Através deste método, o iogue treina o corpo para ser cada vez menos dependente de alimentos brutos e de outras fontes materiais para a vida e a vitalidade. Da mesma forma, o prana quíntuplo e suas funções tornam-se cada vez mais dependentes da energia cósmica para seu sustento (ou seja, os diferentes tipos de prana e suas funções são oblados no fogo do único prana comum da energia cósmica). Por meio desse processo longo e árduo, quando a energia cósmica finalmente se torna o único suporte da vida — tendo as correntes espinhais prana e apana e suas ramificações no prana quíntuplo sido neutralizadas — o crescimento e a decadência do corpo são interrompidos. O iogue alcança assim o controle da vida e a compreensão de que o corpo é feito de lifetrons.

Várias formas de dieta foram desenvolvidas pelos antigos iogues. Num desses regimes, os discípulos foram ensinados a comer uma vez por dia; comer arroz ou outros cereais integrais naturais cozidos; e geralmente evitar alimentos oleosos ou gordurosos. Também foi aconselhado o uso diário de leite misturado com água. Mas não é necessário nem aconselhável que os iogues ativos dos tempos modernos se limitem a uma dieta tão escassa. Aqueles, entretanto, que meditam dia e noite nos últimos estágios do Kriya Yoga precisam de pouca comida.

É importante, como Sri Yukteswarji sempre apontou, que todos sigam uma dieta regulamentada, caso contrário, hábitos alimentares errados levarão a doenças e à dificuldade de concentração da mente durante os exercícios espirituais.

Alguns iogues ensinam seus alunos a considerar o estômago como se

estivesse dividido em quatro partes. Arroz ou outro alimento sólido pode preencher duas partes, e uma parte pode receber líquidos como sopa de lentilha ou leite. O quarto restante deve ser sempre mantido vazio para a livre passagem dos sucos digestivos e para permitir que os ares vitais circulem livremente se o iogue praticar pranayama logo após comer. Ou seja, deve-se sempre sair da mesa não totalmente satisfeito, com um pouco de fome. Qualquer óleo usado deve ser puro, fresco e doce. Alimentos que produzem gases devem ser evitados. As refeições devem ser feitas em horários regulares e com um estado de espírito satisfeito. Alguns textos dizem: “Stokam stokam annakhada” – “Coma aos poucos, muitas vezes, mas nunca coma muito de uma só vez”. Várias formas de dieta podem ser seguidas com benefícios, de acordo com o conselho de um guru.

Uma dieta adequada e um jejum ocasional51 ajudam a destruir os desejos não naturais de experiência sexual e conferem a bênção de um corpo saudável. A maioria das pessoas não apenas não consegue encontrar a bem-aventurança suprema de Brahman escondida dentro de si, mas também não é capaz nem mesmo de desfrutar a posse de um corpo sem doença.

O estudante de yoga pode aprender muito com as descobertas da ciência moderna. Uma dieta deficiente ou incorreta causa doenças, traz velhice prematura e acelera o advento da morte. É necessária uma dieta vegetariana equilibrada – proteínas, hidratos de carbono, vitaminas e minerais suficientes e gorduras limitadas.

A carne bovina e suína, embora rica em proteínas, libera toxinas que permanecem alojadas nos tecidos, promovendo diversas doenças.52 O sistema imunológico não consegue destruir todas as quantidades de toxinas da carne que permanecem nos tecidos. Portanto, outros alimentos são preferíveis como fontes de proteínas e outros nutrientes essenciais encontrados na carne, como coalhada fresca de leite, queijo cottage, suco de cenoura, amêndoas, nozes e nozes pignólia, grãos integrais, feijões e lentilhas (bem cozidos!). Uma abundância de frutas e vegetais frescos supre as necessidades de vitaminas e minerais do corpo; os carboidratos são encontrados no feijão, nos açúcares naturais, como mel e tâmaras, e nos grãos inteiros dos cereais. As melhores gorduras são derivadas de alimentos

proteicos vegetais, incluindo manteigas de nozes, como manteiga de amêndoa e manteiga de amendoim.

❖

Fatores importantes para a saúde do corpo

❖

O grão de bico é uma das fontes vegetais mais ricas em proteínas. Devem ser consumidos crus (depois de mergulhá-los durante a noite em água e retirar a casca) e bem mastigados. Começando com uma colher de chá, pode-se aumentar gradualmente a quantidade para meia xícara em uma refeição (se for possível digeri-los). Pessoas que realizam trabalho manual pesado podem consumir uma xícara cheia por refeição; eles são muito fortalecedores. Os grãos-de-bico crus são mais digeríveis do que os grãos de soja ou qualquer outro feijão. Os grão-de-bico cozidos são pesados e produzem gás.

O arroz integral é frequentemente preferível ao trigo integral. Pessoas que sofrem de pressão alta, doenças cardíacas, artrite ou qualquer alergia farão melhor se comerem arroz integral em vez de trigo integral.

Cada um deve adequar a sua dieta às necessidades especiais do seu corpo. O iogue deve destilar força vital e energia, e não doenças, de sua dieta.

Ele também deve obter energia do prana cósmico presente na luz do sol e no ar fresco – expondo seu corpo ao sol por curtos períodos de tempo; e praticando a inspiração e expiração profunda ao ar livre para absorver o oxigênio puro carregado de prana, que destrói carbono e toxinas. O seguinte exercício respiratório é excelente. Fique de frente para as correntes de ar que se aproximam ao ar livre ou fique em frente a uma janela aberta. Expire rapidamente o ar com uma expiração dupla pela boca, com o som aspirado de huh-huhhh. Em seguida, inspire rapidamente pelo nariz, em inspiração dupla. Repita várias vezes com concentração total. Comece e termine com a expiração.

O exercício saudável e a atitude mental correta são, além disso, nutrientes essenciais da energia vital de uma pessoa.

Desta forma – dieta adequada e outras medidas de saúde – o iogue estimula o funcionamento correto das cinco forças vitais, ou pranas, que são

capacitadas para desempenhar as cinco funções essenciais do corpo.

❖

O correto funcionamento dos cinco pranas é fator essencial para a saúde

❖

A falta de funcionamento adequado da corrente cristalizadora (prana) produz doenças de decomposição. Sem corrente de prana suficiente, o alimento não pode ser transmutado em novos tecidos. Se a corrente circulante (vyana) funcionar irregularmente, poderão ocorrer condições desarmônicas, como anemia ou pressão arterial alta ou baixa. A falta da corrente assimiladora (samana) produz doenças de má digestão. A falta de corrente metabolizadora (udana) impede a formação especializada e o crescimento dos vários órgãos, ossos, músculos e outros tecidos específicos do corpo, que são construídos a partir do mesmo protoplasma. O funcionamento prejudicado da corrente eliminadora (apana) cria venenos, gases, tumores, cânceres e todas as doenças que resultam da não eliminação de toxinas.

O iogue, convertendo as cinco forças vitais em uma força vital indiferenciada, une-as à Vida Cósmica. Este é o fogo da oblação no qual a energia derivada de fontes materiais estimula a força vital, sendo tudo dado como oblações no Fogo Cósmico.

Sob a orientação competente de um guru, o aluno pode aprender a regular sua respiração e seu fluxo de vida por meio de certos métodos de ioga que incluem uma dieta especial alternada com jejum. Comendo cada vez menos e limitando a dieta a pequenas quantidades de alimentos extremamente nutritivos (conhecidos pelo guru), a força vital e a respiração podem ser aquietadas e a alma mantida livre da consciência corporal. “O homem não vive apenas de pão”, mas de alimentos superiores como o oxigénio, a luz solar e os milhões de volts de energia vital escondidos no cérebro, que por sua vez é constantemente reforçado pela energia cósmica que entra no corpo através da medula.

Acelerar a evolução através da dieta iogue é um caminho difícil e tortuoso. Através dele, no entanto, raros iogues conseguem libertar-se da dependência primeiro de alimentos grosseiros e depois até de alimentos mais finos como respiração, oxigênio, luz solar e energia vital interior.

Quando tal iogue consegue viver com a energia cósmica pura e infinita que sustenta diretamente cada átomo do seu ser, ele entra em contato com a consciência cósmica vibrante de Deus. Ele sabe que toda a vida nada mais é do que uma transmutação de consciência.

Os modistas da saúde parecem incapazes de discutir de forma inteligente qualquer assunto na terra, exceto o corpo e a alimentação. Um homem sábio descobre uma dieta simples e adequada à sua constituição, segue-a religiosamente – e esquece-a! A preocupação interminável com a dieta vincula os modistas da saúde à intensa consciência corporal. Os iogues avançados aprendem a manter o corpo vivo, livre de doenças e da escravidão da reencarnação, somente através do desenvolvimento da consciência de Deus.

Todos os devotos que se tornam adeptos de qualquer um dos yajnas anteriores (enumerados nos versículos 25-30) conhecem a verdadeira cerimônia do fogo. Na chama resultante da sabedoria interior (Autorrealização), todos os seus laços cármicos de consciência mortal são sacrificados e consumidos.

VERSÍCULO 31

yajñaśiṣṭāmṛtabhujo yānti brahma sanātanam
nāyaṁ loko 'sty ayajñasya kuto 'nyaḥ jasattama

Ao participar do néctar remanescente de qualquer uma dessas cerimônias espirituais do fogo, eles (os iogues) vão para o Espírito Infinito (Brahman). Mas esta realização do Espírito não pertence aos homens comuns deste mundo que não realizam os verdadeiros ritos espirituais. Sem sacrifício real, ó Flor dos Kurus (Arjuna), de onde vem qualquer mundo melhor (qualquer existência melhor ou estado elevado de consciência)?

O Gita aqui contrasta os iogues de vida correta que efetivamente realizam qualquer uma ou todas as “cerimônias de fogo” de união da alma e do Espírito (como mencionado nas estrofes 25-30) com pessoas superficiais

que realizam meros ritos mecânicos – ou nenhum – e não sei nada sobre autodisciplina. Sem a transformação interior da Auto-realização, os homens permanecem identificados com as experiências miseráveis do corpo, perdendo não apenas a Bem-aventurança Infinita interior, mas também as alegrias de uma vida normal equilibrada, mesmo neste mundo.

Entre dois bancos, o pobre homem do mundo cai no chão! Ao perseguir a sombra, ele não apenas falha em capturá-la, mas também perde a eterna Substância que projeta a sombra.

Em justiça ao seu estatuto digno, cada ser humano deve trabalhar e pensar, evitando uma existência sem objetivo. Ele não deveria ser como uma bola de futebol chutada pelas chuteiras das circunstâncias.

VERSÍCULO 32

evaṁ bahuvidhā yajñā vitatā brahmaṇo mukhe
karmajān viddhi tān sarvan evaṁ jñātvā vimokṣyase

Várias cerimônias espirituais (yajnas realizadas com sabedoria ou com objetos materiais) são, portanto, encontradas no templo da sabedoria dos Vedas (“boca de Brahman”). Saiba que todos eles são frutos da ação; e compreendendo isso (e pela realização dessas ações), você encontrará a salvação.

Estudando várias formas de ações libertadoras descritas nos Vedas, ou aprendidas com os iogues, ou realizadas pela intuição, o devoto adota o método particular de cerimônia espiritual mais adequado para si mesmo e o persegue de todo o coração até a meta da libertação.

O iogue que realiza o rito interno do despertar espinhal – por meio do qual a ascensão ao Espírito é alcançada – encontra o primeiro altar do Espírito no centro coccígeo (muladhara chakra), o centro sutil da vida e da consciência na base da coluna. Este centro é chamado de chacra terrestre, a sede da criação do corpo terreno e de suas atividades e percepções. É descrito nas escrituras de yoga como um lótus de quatro pétalas – sendo as “pétalas” um símbolo de quatro raios específicos de vibração criativa

consciente, o meio das atividades do centro. As escrituras detalham ainda mais dentro do chakra um diagrama de quatro pontas que contém um símbolo de três pontas, um triângulo, o centro da força criativa.53 No meio deste triângulo está o ponto inicial da espinha astral (sushumna) que vai de do centro do cóccix através da medula espinhal até o cérebro astral. A abertura deste tubo astral no chakra coccígeo é referida neste verso como a "boca de Brahman", conduzindo a consciência do iogue interiormente ao Espírito abrigado no centro mais elevado da consciência cósmica no cérebro, ou comunicando-se externamente através do centro coccígeo. para dirigir as atividades criativas do corpo. Diz-se, portanto, que este centro terrestre é a morada de Brahma, o Criador (a manifestação ativa do Absoluto) no microcosmo do corpo do homem.

Os santos védicos que se concentraram no muladhara chakra escreveram as verdades que aprenderam com suas percepções deste centro, suas realizações assim obtidas dos lábios de Brahma. Um iogue altamente avançado, concentrando-se no centro coccígeo, pode contemplar as verdades e as forças criativas neste centro personificado como o Criador Brahma – um Ser com quatro braços ou aspectos, sentado num lótus de luz de quatro pétalas. O devoto ardente pode contemplar este Ser seguindo as instruções dos lábios de seu guru sobre a sabedoria esotérica encontrada nos Vedas, as mais elevadas escrituras hindus (sendo elas mesmas simbolicamente chamadas de "boca de Brahman"). Ao concentrar-se neste centro, o devoto pode sentir as vibrações de verdade e sabedoria percebidas pelos rishis; ou como esses sábios de antigamente, podem até fazer perguntas e receber respostas da imagem de Brahma percebida interiormente.

Ao perceber este centro e comungar com a divina Consciência Criativa de Deus nele entronizada, o iogue percebe que todas as ações do corpo, da mente e da fala envolvidas em conexão com qualquer forma de "cerimônias de fogo" de união da alma e do Espírito podem ser realizadas. particularmente iniciado através deste centro. Ele percebe que todas as cerimônias espirituais do fogo nascem de atividades espirituais. Seu verdadeiro significado simbólico só pode ser realizado concentrando-se na

sabedoria subjacente à realização de qualquer rito, sacrifício ou atividade. O propósito final de qualquer yajna é a libertação. O verdadeiro devoto sabe que somente a atividade espiritual pode conceder a salvação. Portanto ele realiza ações espirituais; ele recebe a percepção interna resultante; ele se torna liberado.

VERSÍCULO 33

śreyān dravyamayād yajñāj jñānayajñaḥ paraṁtapa
sarvaṁ karmākhilaṁ partha jñāne parisamāpyate

A cerimônia do fogo espiritual da sabedoria, ó Opressor de Inimigos (Arjuna)! é superior a qualquer ritual material. Toda ação em sua totalidade (o ato, a causa, o efeito cármico) é consumada em sabedoria.

A cerimônia do fogo espiritual interno da sabedoria é aqui exaltada em contraste com os meros aspectos externos ou materiais dos vários ritos do fogo mencionados nas estrofes anteriores (autodisciplina, ascetismo, regulação da dieta e assim por diante). Mas quer se pratique a disciplina corporal externa e outras atividades oblatórias ou o autodomínio interno pela sabedoria, todas essas ações espirituais são eficazes, gradualmente ou em maior grau, na dissolução dos efeitos cármicos que vinculam a alma das ações presentes e passadas, tanto boas quanto más. .

Quando o devoto se concentra em muitos métodos de controle físico que desviam o exterior (“cerimônias de fogo com objetos materiais”), ele acha mais difícil alcançar o equilíbrio interior. Na realização de “sacrifícios” materiais ou externos, o devoto, pensando cuidadosamente sobre a rotina externa, a postura corporal, a disciplina física, pode facilmente esquecer o objetivo final de alcançar a Consciência Cósmica.

Pela interiorização da mente, o devoto realiza o rito mais elevado de lançar os sentidos no fogo interior da sabedoria; ele tomou o caminho mais rápido para o Infinito.

A Sabedoria Todo-Santificadora, Transmitida por um Verdadeiro Guru

Versículo 34

tad viddhi praṇipātena paripraśnena sevayā
fallṣyanti te jñānaṁ jñāninas tattvadarśinaḥ

Entenda isso! Ao se render (ao guru), ao questionar (o guru e sua percepção interior) e ao servir (ao guru), os sábios que realizaram a verdade transmitirão essa sabedoria a você.

Cristo disse: “Ninguém pode vir a mim, a menos que o Pai que me enviou o traga; e eu o ressuscitarei no último dia.”54 Quando as orações de um devoto tocam o Ser Supremo, Ele lhe envia um guru por meio de cujo agência Ele atrai o buscador para Si mesmo. É Deus quem fala através da voz do guru e guia o devoto através de suas percepções espirituais.

Existem três maneiras de entrar em sintonia com o guru: pela auto-entrega, por meio de perguntas inteligentes e pelo serviço. Um discípulo (chela) que está em sintonia com o guru aprende, através da devoção inalterável, a perceber o Espírito por trás da transparência sem ego da personalidade do guru. O guru exaltado que conhece o Espírito é um com o próprio Espírito. Um verdadeiro guru que adora somente a Deus e O percebe constantemente no templo de seu corpo e mente, aceita a devoção de um discípulo apenas para transmiti-la ao Senhor. A devoção incondicionada ao guru permite-lhe derramar pacificamente o oceano de sua sabedoria no ser em expansão de seu chela. Sem devoção profunda, os detritos da dúvida obstruem o canal mental da percepção do discípulo; ele não pode receber fielmente os fluxos sutis de iluminação do guru.

Outra abordagem correta que o chela pode adotar é a de perguntas reverentes ao guru. A ignorância negra de maya dentro da mente mundana pode ser melhor dissipada permitindo que o guru conceda a luz do sol dos ensinamentos verdadeiros.

Uma terceira abordagem: serviço a um guru auto-realizado. O devoto aprende a servir ao Senhor no guru-preceptor, pois Deus se manifesta plenamente em qualquer um de Seus verdadeiros filhos.

Um chela sincero pergunta humildemente ao seu guru: O que é sabedoria? o que é conhecimento? o que é ego? Servindo com entusiasmo o guru – especialmente pela dedicação em exemplificar e promover seus ideais e princípios – a intuição do discípulo se desenvolve; ele recebe automaticamente as vibrações de sabedoria de seu mestre.

❖

Receber a bênção e orientação do guru depois que ele deixou o corpo

❖

Um discípulo que resida longe do guru pode praticar um método espiritual de comunhão. O guru, um com Deus, está presente em todos os lugares, inclusive no centro de sabedoria (o ponto entre as sobrancelhas) de todos os homens. No final da meditação de cada dia o discípulo deve concentrar-se no ponto entre as sobrancelhas e visualizar o seu guru. Pensando nele com amor e devoção, o discípulo deve fazer as perguntas que deseja que sejam respondidas. Se a visualização e a concentração no guru forem profundas, o chela invariavelmente receberá respostas silenciosas às suas perguntas na forma de acumular percepções internas. Desta forma, o discípulo avançado pode contatar o guru mesmo depois de o mestre ter deixado a carne mortal para a Onipresença invisível.

Quando o Kriya Yogi, pelos métodos acima de sintonização com a orientação e bênçãos do guru, retira sua força vital e mente do corpo e dos sentidos e os entrega com devoção ao centro de sabedoria e energia vital no ponto entre as sobrancelhas , ele então, através da “apresentação” do guru, encontra o Guru Infinito ou Cósmico.

VERSÍCULO 35

yaj jñātvā e puro moham eva yāsyasi pāṇḍava
ele bhūtāny aśeṣeṇa drakṣyasy ātmany atho água

Compreendendo aquela sabedoria de um guru, ó Pandava (Arjuna)! não cairá novamente na ilusão; pois por essa sabedoria você verá toda a criação em si mesmo e depois em Mim (Espírito).

"Um verdadeiro buscador como você, ó Arjuna! recebendo a sabedoria cósmica ensinada por um verdadeiro guru, nunca mais será iludido por maya."

Abençoado pelo advento da percepção espiritual de seu guru, impondo sua luz reveladora à escuridão interior da ignorância ilusória, um devoto sincero contempla todo o sonho cósmico de Deus como uma projeção na tela de sua própria consciência. É dito: "O conhecedor de Brahma torna-se Brahma." O discípulo libertado ao compreender a percepção cósmica do guru encontra sua alma una com Deus. Ele então percebe todas as ondas de fenômenos flutuando no oceano da Divindade.

VERSÍCULO 36

api ced asi pāpebhyaḥ sarvebhyaḥ pāpakṛttamaḥ
sarvaṁ jñānaplavenaiva vṛjinaṁ saṁtariṣyasi

Mesmo que você seja o principal pecador entre todos os pecadores, ainda assim, pela única balsa da sabedoria, você cruzará com segurança o mar do pecado.

Aquele que é atraído pelo encanto temporário do mal para realizar ações erradas é chamado de "pecador". Pecado e erro são espiritualmente sinônimos. O erro é a ignorância, a ilusão, uma distorção da realidade que dispõe o homem a consequentes respostas contrárias às leis universais e aos princípios da retidão, ou verdade.

Assim como é um erro de julgamento, a ignorância, buscar o sabor agradável do mel envenenado e sofrer a morte, também é um julgamento errado, a ignorância, que faz com que alguém se entregue ao encanto momentâneo das más ações que, em última análise, levam à dor e à morte.

Quando alguém infringe uma lei do seu país, isso é um crime. Talvez nesse ato não haja pecado contra Deus. Alguns crimes são pecados, mas

nem todos os pecados são crimes. Assim, o homem, confortavelmente situado nos padrões do seu ambiente, racionaliza que está “livre de casa” se as suas acções erradas passarem despercebidas ou se “não houver lei contra elas”.55 Mas as leis universais do Senhor são implacavelmente exigentes; sua justiça cega move-se às vezes lentamente, mas sempre com segurança. Cada ação produz uma reação cármica, que mais cedo ou mais tarde se manifesta para o bem ou para o mal. Cada ação também deixa um rastro na mente subconsciente e tende a se repetir até se tornar um hábito formidável e de execução automática. As pessoas que são mantidas nas garras dos maus hábitos e que precisam lutar constantemente contra os espectros do mau carma, consideram a salvação impossível.

“Livre-se do pecado pela sabedoria!” Com estas palavras o Bhagavad Gita dá esperança aos desesperados. Este maravilhoso consolo, expresso por quem conhece a natureza da alma, baseia-se numa verdade psicológica e espiritual. A alma é perfeita, sendo o reflexo de Deus; conseqüentemente, nunca pode ser contaminado. O ego, que governa no lugar da alma no homem identificado com o corpo, é o aparente executor e observador na esfera das forças da Natureza. O pecado e a virtude, e suas consequências e recompensas, são relevantes apenas para o ego. O ego não poderia saber o que é a escuridão se não houvesse contraste de luz – e tal é a natureza dual do pecado e da virtude. O ego, percebendo a sua existência através da ignorância da ilusão, aceita as leis da relatividade de maya e é precipitadamente limitado por elas. Mas a alma não participa nesta dualidade. Quando alguém se eleva à consciência da alma, ele está acima da interação causa-efeito do pecado e da virtude; ele é a própria virtude. Assim, a Auto-realização, a sabedoria – a percepção direta da verdade na consciência da alma – é o único salvador do homem do mar do pecado.

Mesmo que alguém seja o mais ganancioso dos gananciosos, o mais sexual dos licenciosos, o de temperamento mais violento entre os coléricos, o mais amante da riqueza entre os materialistas - ainda assim, seguindo amorosamente as prescrições de um verdadeiro médico espiritual, um Deus -guru conhecedor, esse “pecador” será capaz de banir até mesmo a memória dos maus hábitos. Não desanimado pela vasta extensão dos maus hábitos, o

aspirante deve continuar provando, pouco a pouco, as alegrias dos bons hábitos. No final das contas, ele se libertará não apenas das garras de todos os hábitos sensuais, mas também do apego a qualquer hábito, mesmo que seja bom.56

O homem liberto está livre das consequências das más ações passadas, bem como das consequências das boas ações presentes. Encontrando a unidade com o Espírito e sua bem-aventurança eterna, o iogue se eleva acima de toda escravidão ao carma, que, com suas incessantes alternâncias de bem e mal, opera como uma lei inexorável apenas no mundo fenomênico.

A consciência do homem mortal é vista pelos mestres espirituais como identificada com os três centros inferiores da coluna vertebral (coccígeo, sacral e lombar), que operam sob a lei cármica. O homem liberado eleva-se acima desses três centros inferiores e penetra nos centros dorsal, cervical e da consciência crística. Quando a consciência do iogue alcança o centro Crístico da sabedoria, a sede de Kutastha ou Inteligência universal, ele contempla sua alma como um verdadeiro reflexo do Espírito perfeito, além de todo alcance da ignorância e de sua lei companheira do carma.

VERSÍCULO 37

yathaidhāṁsi samiddho ‘gnir bhasmasāt kurute ‘rjuna
jñānāgniḥ sarvakarmāṇi bhasmasāt kurute tathā

Ó Arjuna, assim como a chama acesa converte lenha em cinzas, assim o fogo da sabedoria reduz a cinzas todo o carma.

A escuridão permaneceu dentro da tumba do Rei “Tut” por milênios; no entanto, quando foi aberto, a luz do sol dispersou a escuridão num segundo. Traga a luz e a escuridão não existirá mais! Da mesma forma, com o advento da sabedoria extática, toda a escuridão da escravidão cármica é instantaneamente banida. A luz de Deus dissipa para sempre as trevas da ilusão humana.

De acordo com as escrituras, existem quatro tipos de ações e seus

efeitos.

(1) Purushakara – ações presentes iniciadas pelo poder do livre arbítrio, não influenciadas pelas compulsões do carma passado.

(2) Prarabdha – ações ou resultados decorrentes da influência de ações passadas. Estas influências são antagónicas ao livre arbítrio do homem; servem em grande medida para moldar o seu desenvolvimento físico e mental e para determinar as suas oportunidades ambientais (família, nacionalidade, índice de sucesso). Existem dois tipos de prarabdha karma: (a) frutos de ações passadas que estão agora em operação na vida de alguém, por exemplo, o corpo presente (resultado de karma passado), (b) frutos acumulados de ações, sementes que não brotam no momento no indivíduo, mas pronto para brotar a qualquer momento da vida atual, sob o encorajamento de circunstâncias adequadas. É este tipo de prarabdha karma que opera quando um homem repentinamente encontra alguma mudança inesperada em sua vida – do bem para o mal, ou do mal para o bem, ou alguma melhoria surpreendente do bem ou do mal – de acordo com a natureza do passado. carma que acaba de encontrar algum canal disponível para expressão externa.

(3) Pararabdha – sementes não germinadas de carma passado que são reservadas para manifestação externa em alguma encarnação futura; também, aquelas ações ainda não realizadas, mas já sutilmente postas em movimento pelos samskaras (impressões) de hábitos passados, e que crescerão na vida atual ou em uma encarnação futura. Em constante sucessão, cada ação gera uma nova ação, legado de sua impressão descendente. Frequentemente repetidos, esses samskaras formam hábitos que impulsionam automaticamente o pensamento e o comportamento de seus cativos.57

Assim, o passado e o futuro estão entrelaçados e inevitáveis, conforme tecidos pelas três formas de ação acima e seus efeitos cármicos. O homem sob maya não sabe o que foi no passado (grande ou pequeno) nem o que será no futuro (bom ou mau). É por estas “incertezas” legais que o carma é chamado de “escravidão”; o homem sábio tem o desejo mais vivo de se

livrar de toda ligação com isso!

(4) Prahadara – ações realizadas depois que o iogue acendeu o fogo da sabedoria, destruindo assim as sementes do carma passado e torrando quaisquer sementes potenciais de ações presentes e futuras, fazendo-as cair em cinzas. Esta destruição dos laços do carma é o significado especial da referência a "Arjuna" neste verso, ao invés do uso de um de seus muitos epítetos. O nome Arjuna está ligado metaforicamente ao sânscrito a-rajju, "não tendo cordão ou amarra". Assim como as sementes torradas não germinam, uma corda queimada pode parecer amarrada, mas cai em cinzas.

O homem libertado torna-se livre dos efeitos de todas as quatro formas de ação. Ele age apenas pela orientação de seu livre arbítrio sintonizado com a intuição, descobrindo que as sementes armazenadas de todo o carma passado, bom e ruim, são consumidas (tornadas nulas e sem efeito) no fogo da sabedoria. Os resultados das ações passadas não o afetam, assim como as gotas de orvalho escorregam da folha de lótus. Em outras palavras, o iogue não realiza suas ações presentes através da influência dos frutos acumulados de ações passadas, como faz o homem iludido. O iogue entrega sua vida nas mãos de Deus com plena confiança de que Ele fará um trabalho melhor do que ele próprio jamais foi capaz de fazer! Assim ele se torna livre dos resultados de todas as ações relacionadas com o passado, presente ou futuro.

O iogue percebe que seu corpo é o resultado do surgimento de prarabdha (os resultados de ações passadas); ele está determinado a superar a necessidade de futuras encarnações predeterminadas. Ele vê seu próprio corpo como nada mais do que um filme lançado na tela de sua consciência pelo Raio Cósmico. Ao descobrir essa verdade secreta e bem escondida sobre o corpo, o iogue ri da desconcertada maga Maya. Ele percebeu as "leis" do carma dela – nada além de truques descarados!

VERSÍCULO 38

na oi jñānena sadṛśaṁ pavitram iha vidyate
tat svayaṁ yogasaṁsiddhaḥ kālenātmani vindati

Na verdade, nada mais neste mundo é tão santificador quanto a sabedoria. No devido tempo, o devoto que tiver sucesso no yoga perceberá isso espontaneamente em seu Ser.

Qualquer insuficiência ou perturbação na sintonia de um devoto com a sabedoria cósmica faz com que os vinte e quatro elementos de percepção sensorial da Natureza surjam como diluições de sua consciência da Unidade, Deus. O homem iludido não vê sua Fonte, o Espírito, mas apenas o corpo, que é um mero conglomerado dos vinte e quatro elementos internos de maya – vinte e quatro véus que envolvem o Espírito.58 As escrituras chamam o homem de “caído” ou “caído”. mal” quando sua consciência é identificada com o “pecado original” – a Mãe Natureza de vinte e quatro braços, cuja única função é desviar o homem do Espírito para a matéria.

De todas as qualidades a mais pura é a sabedoria. Sua chama de luz impoluível é o único adversário eficaz das trevas, a ignorância. No devido tempo, quando o iogue alcança o sucesso final de libertar sua consciência da percepção grosseira do corpo e dos elementos cósmicos, ele percebe, dentro de si mesmo - no Ser ou na alma - sua sabedoria perdida e encontrada como o único libertador.

A menção de “tempo” nesta estrofe é significativa. A mente do homem, operando como parte dos vinte e quatro elementos da Natureza, está absorta nas manifestações materiais forjadas pelos cinco elementos da terra, água, fogo, ar e éter, que estão sujeitos à lei da relatividade e do tempo – as divisões do atemporal e eterno agora na progressão do passado, presente e futuro. Para escapar do fluxo do tempo, o devoto deve elevar-se ao Espírito além dos compartimentos de relatividade da Natureza. O Absoluto da Consciência Cósmica é a única cura para a relatividade da consciência mortal.

O mundo e a miniesfera do corpo são o reino da ilusão ou da escuridão. Aqueles que viajam nesta escuridão estão sujeitos às suas leis. Se em um quarto escuro, por exemplo, alguém corre indiscriminadamente, certamente sofrerá ferimentos devido à colisão com outros objetos. Mas se obedecer às leis de cautela aplicáveis ao movimento na escuridão, poderá navegar com

segurança. Se, por outro lado, a sala for subitamente inundada de luz, essas leis serão espontaneamente invalidadas. Da mesma forma, os métodos espirituais, e a progressão gradual que eles garantem, são as leis que servem como guias seguros na terra das trevas de maya. Mas quando por estes métodos a luz da sabedoria é finalmente manifestada, as leis da relatividade são transcendidas com o banimento instantâneo das trevas.

O Gita, portanto, diz que "no devido tempo", através da ascensão passo a passo, o iogue bem-sucedido alcançará a Auto-realização; e nessa iluminação espontânea de união da alma com o Espírito, ele manifestará o Infinito.

VERSÍCULO 39

śraddhāvāṁl labhate jñānaṁ tatparaḥ saṁyatendriyaḥ
jñānaṁ labdhvā parāṁ śāntim acireṇādhigacchati

O homem devoto que está absorto no Infinito, que controlou os sentidos, alcança a sabedoria. Tendo obtido sabedoria, ele imediatamente alcança a paz suprema.

Deus não fala com o devoto comum, um iniciante no caminho espiritual. Sua única chance de conhecer a vontade de Deus é servir um verdadeiro guru e sintonizar-se devocionalmente com sua orientação. Seguindo as instruções para a libertação, o iogue amadurece em sabedoria. A sua mente não está acorrentada aos três centros inferiores de consciência, mas elevou-se à união com os centros superiores; diz-se, portanto, que ele "controlou seus sentidos". O devoto, por meio de seu guru, aprende a perceber Deus e a se tornar devotado a Ele.

A devoção neste sloka é referida como shraddha, a inclinação natural da qualidade do coração para se voltar para a sua Fonte com fé e rendição.59

Existem dois estágios de devoção divina. O estágio inicial é imperfeito, espasmódico e condicional, consistindo em formas externas de adoração, em curvar-se a Deus dentro do coração, em questioná-Lo interiormente e em servir a humanidade.

O segundo estágio é a devoção inabalável e incondicional ao Senhor; torna-se manifesto através da devoção ao guru, através do respeito pelas palavras das escrituras, através do controle sobre os sentidos e através da técnica correta de meditação.

Este último estágio de devoção é maior, porque inclui um método científico para compreender Deus tal como Ele se manifestou tangivelmente através de um guru exemplar, da verdade bíblica, do autodomínio dos sentidos divinamente subjugados e através da bem-aventurança do êxtase na meditação. O abandono de prazeres espúrios pelo homem em prol do êxtase divino agrada a Deus. É sábio aquele devoto que usa seu poder divino de livre escolha para preferir o Doador às Suas dádivas.

Uma das razões mais decisivas pelas quais os homens sucumbem ao menor prazer das tentações é porque esse é o primeiro gostinho do prazer. Se tivessem alcançado primeiro a alegria superior do êxtase, achariam todos os prazeres dos sentidos insípidos e monótonos. Depois de provar o melhor queijo, ninguém gosta de comer queijo estragado. Aquele que experimenta a felicidade sempre nova e interminável do êxtase torna-se indiferente às atrações dos sentidos.

A verdadeira devoção ao Espírito – a fixidez da consciência na comunhão divina que é necessária para acender a chama interior da sabedoria – começa quando o devoto em meditação não está mais consciente de sua respiração e quando sua mente alcança uma união extática com o Espírito. Ele se torna completamente devotado ao Espírito e não pensa em mais nada. Sua mente se eleva acima das distrações sensoriais e do apego material. Seu Eu se torna o Espírito Cósmico; as cintilações de seus sentimentos se fundem em uma percepção imutável de Bem-aventurança. Este é o estado de estabelecimento completo em Brahman que confere a “paz de Deus, que excede todo o entendimento”.

VERSÍCULO 40

ajñaścāśraddadhānaśca saṁśayātmā vinaśyati
nāyaṁ quando ’sti tem o paro e sukhaṁ saṁśayātmanaḥ

O ignorante, o homem sem devoção, o homem cheio de dúvidas, finalmente perece. O indivíduo inquieto não tem nem este mundo (felicidade terrena), nem o próximo (felicidade astral), nem a felicidade suprema de Deus.

Aqueles que são ignorantes (ajnaś) e se recusam a lutar pelo conhecimento; aqueles que não têm nenhuma devoção (shraddha) às coisas espirituais, ao guru e a Deus; e, em particular, aqueles que permanecem num estado mental instável (samshaya) sobre o valor da alma – todos decaem gradualmente na evolução espiritual. O homem ignorante sofre estupidamente, mal consciente da sua ignorância. Aqueles que não têm devoção a ideais elevados têm corações secos; eles não podem desfrutar da verdadeira beleza da vida. Os que sofrem de dúvidas são cativos de suas próprias respostas imaginativas à ilusão. Os ignorantes, os não-devocionais e os duvidosos dificultam a sua evolução natural ordenada em direção a Deus, tanto aqui como no futuro.

❖

A decadência da alma se instala no homem satisfeito com os sentidos, que não busca sabedoria superior

❖

Mesmo o homem mundano que ainda deseja o conhecimento e que é dedicado e ativo em adquiri-lo, sobe automaticamente a escada da evolução espiritual. Mas a decadência da alma se instala no homem que se recusa a saber, ficando satisfeito com os sentidos - que não quer adquirir sabedoria nem agitar a mente, para não aprender alguma coisa!

O homem de dúvida ou de indecisão está em situação ainda pior do que o homem que é habitualmente ignorante e não sabe nada melhor; este último está placidamente satisfeito com sua ignorância. O homem com uma mente instável, no entanto, sem compromisso com nada, nem desfruta das alegrias inocentes da vida terrena nem é elegível para as alegrias da vida futura (porque a felicidade astral é uma recompensa pelos esforços sinceros do homem na realização de boas ações na terra). . O homem da dúvida é restringido pela inércia – paralisado na inação, ele permanece estacionário, um objeto imóvel fora de harmonia com um mundo em constante fluxo.

É melhor trabalhar duro por conquistas materiais do que não trabalhar; o

homem de ação recebe vários benefícios ao exercer suas faculdades mentais e físicas. Um homem de ação espiritual avança definitivamente. Mas o homem com uma disposição duvidosa deprime todos os seus desejos de atividade.61 Pela falta de movimento ele se converte quase a um estado de paralisia – dificilmente um homem! Um ser humano foi enviado para um mundo de atividade e movimento; a menos que busque o movimento e a ação espirituais, abandonando as dúvidas, ele não poderá progredir.

As dúvidas são o resultado das respostas do homem às influências da ilusão sobre a sua inteligência. Quando expressa através dos princípios da mente, do intelecto e dos sentidos da Natureza, a inteligência carece da capacidade e da qualidade da cognição direta. Pode ser comparada à luz de um farol, aparecendo apenas intermitentemente em intervalos de escuridão – estados alternados da luz da convicção e da escuridão da dúvida. Se a luz da inteligência estivesse constante dentro do homem, ele compreenderia, sem esforço ou dúvida, a verdade em todas as coisas. Mas como os raios da inteligência oscilam com a escuridão da ilusão, o homem comum permanece a maior parte do tempo num estado de dúvida, causando irresolução e lealdade feroz aos conceitos errados.

O processo de conhecimento no homem consiste numa sucessão de mudanças de pensamentos. Cada novo pensamento carrega uma espécie de convicção ou sensação de conhecimento, mas gradualmente envelhece e é substituído por um novo pensamento convincente. Desta forma, a inteligência é desenvolvida pela receptividade a sugestões de verdade, ou diminuída pela influência de equívocos e dúvidas nascidos da ilusão.

A inteligência tornada inquieta pelo bombardeio sensorial perde seu poder de concentração. Pela calma, a inteligência focaliza objetos e ideias para proporcionar a percepção mais clara possível. Conseqüentemente, por inquietação ou por um processo não direcionado de mudança mental, a inteligência pode ser convertida em pensamentos e noções falsas e sem sentido; ou, pela centralização de suas forças, a inteligência pode ser convertida em intuição.

O homem que pensa com clareza deve ser diferenciado do homem que pensa demais. Este último, que gosta de exercer os seus poderes intelectuais

❖

Não permita que o intelecto anule a intuição

❖

de forma desconexa, é levado em direções erradas e dificilmente consegue escolher corretamente entre uma série de proposições aparentemente verdadeiras. A utilidade fecunda de uma intelectualidade tão complexa é insignificante, pois a sua exuberância descontrolada de energia intelectual perturba a calma interior, tornando a intuição impotente. A intuição se manifesta apenas na calma; no homem subdesenvolvido, apenas ocasionalmente aparece através das brechas dos períodos de lazer da mente ativa e dos sentidos inquietos. O indivíduo de pensamento claro não permite que o intelecto se sobreponha à intuição; por sua calma paciente, ele permite todo o jogo da intuição para guiá-lo para as determinações corretas.

Sob a influência da ilusão, o homem tem um temperamento imaginativo que destrói a sua capacidade natural de perceber a verdade. Uma pequena sugestão pode produzir imagens diferentes em mentes diferentes. Olhando para uma árvore distante, uma pessoa pode perceber em um dos galhos uma folha amarela; outra pessoa vê isso como um limão; outro o percebe como um pássaro amarelo. Cada um tem certeza de que está certo. O resultado, a dúvida – qual concepção é a verdade? Somente pela observação direta e atenta do objeto é que sua verdadeira natureza pode ser conhecida. Esta é a função da intuição, aquele poder de conhecimento que brota de dentro e carrega a convicção através da experiência ou realização real. O produto da intuição é a verdadeira sabedoria, a panacéia definitiva para a dúvida ou o não-saber. Como o homem não desenvolve este poder intuitivo que lhe é inerente, ele permanece no domínio da inteligência afligida pela ilusão, atormentado por equívocos e dúvidas.

Muitos indivíduos neste mundo manifestam apenas dúvidas; desenvolvem um complexo peculiar sobre o valor absoluto das dúvidas! A associação com essas pessoas, cuja doença é altamente contagiosa, enche a pessoa vulnerável com uma espécie de incerteza ressentida, pela qual ela pode perder a felicidade presente, bem como o desejo de trabalhar pela felicidade futura.

O desconcertante homem de dúvidas invariavelmente se considera “de

mente aberta” e “perspicazmente perspicaz”. Para ele, todos os santos – aqueles que percebem a Unidade por trás da diversidade – são “simplórios”.

O melhor remédio para as dúvidas do homem é misturar-se com “simplórios” de disposições positivas e sanguíneas. Os que duvidam, entretanto, gostam de se misturar apenas com sua própria espécie. Freqüentemente, eles se tornam indivíduos extremamente negativos, graficamente chamados, na América, de “azedos”. Cheios de amargura e desconfiança, eles não conseguem desfrutar dos prazeres que surgem em seu caminho, nem ansiar por qualquer felicidade no futuro. Os que duvidam parecem desfrutar masoquisticamente do estado de oscilação interior e de turbulência infeliz. Eles também encontram prazer sádico em perturbar as mentes de outras pessoas que estão imbuídas de fé e felicidade.

O hábito da dúvida deve ser eliminado por dentro e por fora. Como tanto a dúvida como a alegria são contagiosas, todos os iogues iniciantes devem associar-se apenas com aqueles que estão cheios de alegria divina, ou que a buscam com entusiasmo.

O indivíduo que duvida deve despertar esforços extraordinários para se libertar do seu hábito paralisante. Assim que surgirem dúvidas na mente, ele deve eliminá-las pela raiz. Ele deveria fazer o voto de não ferir a fé dos outros com o ácido corrosivo de suas próprias dúvidas. Ele não deve transmitir o seu ceticismo a outros através de discussões argumentativas e conjecturas. Sua mente, debilitada pela doença da dúvida, será rejuvenescida pela cultura da sabedoria e pela associação com aqueles homens “simples” que possuem a Única Certeza – Deus.

VERSÍCULO 41

yogasaṁnyastakarmāṇaṁ jñānasaṁchinnasaṁśayam
ātmavantaṁ na karmāṇi nibadhnanti dhanaṁjaya

Ó Vencedor da Riqueza (Arjuna), aquele que abandonou o trabalho pela ioga e que destruiu suas dúvidas pela sabedoria, torna-se equilibrado no Ser; as ações não o enredam.

Esta estrofe refere-se aos dois caminhos principais: (1) união da alma com Deus através do Raja Yoga; (2) perceber o Infinito pela sabedoria.

(1) Aqueles que realizam as ações graduais das meditações iogues unem-se a Deus. Através destas e de outras ações divinas na vida diária (sadhana), eles se elevam acima de todos os apegos e desejos e tornam-se verdadeiros renunciantes.

(2) Os devotos encontram realização espiritual concentrando suas mentes com devoção e fé na sabedoria bíblica e concedida pelo guru. Dissipando as dúvidas pela razão e pela convicção intuitiva interior, toda a sua concentração fica equilibrada no Ser.

Tomados em conjunto como um único caminho, conforme recomendado no Raja Yoga todo-inclusivo, ou seguidos separadamente como caminhos singulares, tanto o iogue quanto o sábio descobrem que, embora trabalhem com o corpo, não estão mais vinculados aos frutos da ação; Deus habita neles como o verdadeiro executor de obras. Não identificados com o ego, com as ações egoístas e com o corpo, esses devotos tornam-se livres.

O abandono das ações pelo yoga significa que o iogue realiza ações apenas para Deus. O Gita repetidamente aponta que a "renúncia às ações" literal, apreciada pelos preguiçosos "espirituais", não é a verdadeira renúncia. Agir por Deus e renunciar aos frutos da ação – e não da falta de ação – marca o verdadeiro homem da renúncia. Tal devoto é um iogue e um homem de renúncia porque está unido a Deus e renunciou aos frutos da ação. Este é o significado de "abandonar o trabalho pela ioga". Pela renúncia ao amor por todos os objetos mundanos – não desejando mais os frutos das ações – um devoto escapa do mundo fenomênico para o mundo numenal da verdade. Ele destrói as dúvidas ilusórias do ego sobre o que é a Realidade e o que é a irrealidade, e se equilibra em seu verdadeiro Eu, transcendentalmente livre dos efeitos vinculativos das cordas cármicas que ligam o ego ao mundo.

VERSÍCULO 42

tasmād ajñānasaṁbhūtaṁ hṛtsthaṁ jñānāsinātmanaḥ
chittvainaṁ saṁśayaṁ yogam ātiṣṭhottiṣṭha bhārata

Portanto, ó Descendente de Bharata (Arjuna), levante-se! Refugie-se no yoga, cortando com a espada da sabedoria essa dúvida nascida da ignorância que existe em seu coração sobre o Ser!

"Ó devoto, tu que és um descendente da Consciência Cósmica! agora você sabe como pode adquirir sabedoria. Pelo esforço próprio em seguir os ditames de sabedoria das escrituras e do guru, e pela meditação iogue, você pode facilmente abandonar a dúvida sobre o Ser feito à imagem do Espírito. Sua confusão foi causada por sua resposta à ilusão e à ignorância cósmicas. Devido a esta dúvida você não se uniu a este Espírito Supremo através da prática de yoga. Ó devoto, desperte da hipnose da dúvida! Com a sabedoria da discriminação dada pelo guru, distinga entre a Substância e as aparências ilusórias. Em vez de se apegar tenazmente à dúvida causada pela ilusão, é muito mais fácil agarrar-se tenazmente à Certeza Divina descoberta pela ioga!"

Em vez de ceder a dúvidas sobre os verdadeiros propósitos da vida e sobre a possibilidade de encontrar Deus, o homem deveria eliminar suas imperfeições mentais com a espada da sabedoria de um guru; e pela prática de técnicas de ioga, desfrute da comunhão sempre abençoada e dissipadora de dúvidas com Deus.

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
jñānayogonāma caturtho 'dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna para Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o quarto capítulo, chamado "Jnana Yoga" ("União através do Conhecimento do Divino ").

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO V

LIBERDADE ATRAVÉS DA RENÚNCIA INTERIOR

❖

O que é melhor: servir no mundo ou buscar sabedoria em reclusão?

❖

O Caminho da Liberdade do Gita: Meditação em Deus mais atividade sem desejo

❖

O Eu como Testemunha Transcendental: Abrigado na Bem-Aventurança, Não Afetado pelo Mundo

❖

O Bem e o Mal e sua relação com a alma

❖

O Conhecedor do Espírito Habita no Ser Supremo

❖

Transcendendo o mundo sensorial, alcançando a bem-aventurança indestrutível

“Não atraído pelo mundo sensorial, o iogue experimenta a alegria sempre nova inerente ao Ser. Envolvido na união divina da alma com o Espírito, ele alcança a bem-aventurança indestrutível... Os renunciantes que não têm desejo nem ira, têm a mente controlada e são auto-realizados, são completamente livres tanto neste mundo como no além.”

OceanoofPDF. com

Capítulo V

Liberdade através da Renúncia Interior

O que é melhor: servir no mundo ou buscar sabedoria em reclusão?

Verso 1

arjuna pegou
saṁnyāsaṁ karmaṇāṁ kṛṣṇa punar yogaṁ ca śaṁsasi
yacchreya etayor ekaṁ tan me brūhi suniścitam

Arjuna disse:

Ó Krishna, você fala de renúncia às ações; ao mesmo tempo, você aconselha seu desempenho. Destes dois, qual é o melhor caminho? Por favor, diga-me com certeza.

Arjuna, como muitos outros devotos verdadeiros, ainda não está livre de perplexidades. Quando um iogue começa a meditar profundamente, ele fica tão feliz com seu novo mundo de percepções interiores que se pergunta: "Devo algum dia retornar à atividade no mundo? Não deveria eu me limitar inteiramente à meditação isolada?" Esses dois caminhos têm sido causa de muitas polêmicas.

O romance inicial com o Infinito no caminho da meditação provavelmente tornará o devoto unilateral; ele se inclina a abandonar o caminho da ação. A lei cósmica, contudo, obriga o homem à atividade, independentemente da determinação mental que ele possa ter em relação à sua conduta na vida. Aquele que faz parte da criação tem obrigações para com a criação; ele é forçado, mesmo contra a sua vontade consciente, a

desempenhar o seu papel equitativo. Assim como um homem não consegue decidir com sucesso com a mente que vai parar de respirar, também não pode decidir com eficácia com a mente que vai parar de agir.

Existem casos excepcionais: um iogue que destruiu as raízes de todas as ações passadas com os anseios resultantes pode ser preenchido com a consciência de Deus a tal ponto que sua única atividade consista na meditação divina. Para esses raros iogues não há necessidade de ações externas – ou, se as ações são realizadas, nenhum carma é acumulado.

Mesmo os grandes iogues, entretanto, que não se envolvem em atividades exteriores, realizam um certo mínimo de ações; interiormente, eles são muito ativos no envio de vibrações divinas, pelas quais ajudam na libertação dos outros. Nenhum devoto vem à terra apenas para meditar no Senhor e não fazer mais nada. Se esse fosse o seu objetivo, ele teria encontrado muitos outros mundos na vasta criação de Deus, muito mais adequados ao seu propósito!

O próprio Senhor declara: “Arjuna, eu alcancei tudo; não há mais nada que eu possa desejar e ainda assim trabalho! Aqueles que Me imitam são aqueles que, na meditação iogue, alcançam a unidade Comigo como o Absoluto inerte, e que também realizam atividades obedientes – assim como Eu mesmo faço.”1

O homem deveria, portanto, praticar técnicas de yoga para realizar sua unidade com o Senhor; ao mesmo tempo, ele deve cumprir seus deveres mundanos como um “sacrifício” diante do altar do Trabalhador Prodigioso – Deus.

VERSÍCULO 2

śrībhagavan uvāka
saṁnyāsaḥ karmayogaśca niḥśreyasakarāv ubhau
tayos tu karmasaṁnyāsāt karmayogo viśiṣyate

O Bendito Senhor respondeu:

A salvação é encontrada tanto pela renúncia quanto pelo desempenho da ação. Mas destes dois, o Yoga das obras é melhor que a renúncia às obras.

A resposta do Senhor é inequívoca aqui: “É melhor cumprir os deveres espirituais e materiais; o devoto que renuncia a todas as atividades e procura uma caverna isolada para meditação solitária em Deus escolheu o caminho inferior (porque unilateral).

A salvação tem um duplo fundamento: o homem, como verdadeira imagem de Deus, deve renunciar a todos os seus desejos mortais instigados pela ilusão cósmica; ao mesmo tempo, o homem deve contatar o Ser Supremo, sua Contraparte Cósmica. O devoto recebe intuitivamente a resposta do Senhor durante a união extática: “O caminho da realização de ações corretas sem desejo de seus frutos, mais a meditação em Mim pela técnica de yoga, é superior à vida de meditação sem atividade externa”.

O caminho da realização de ações obedientes sem desejo pelos seus frutos, juntamente com a meditação em Deus, é o melhor caminho porque dá ao devoto a oportunidade de resolver o seu carma, empregando os seus desejos materiais no serviço a Deus. Desta forma, a mente do devoto está ocupada em atividades puras, ao contrário da mente vazia do ocioso do mundo.

❖

A maneira superior de agir para o Senhor e meditar Nele

❖

O monge na cela, por outro lado, pode facilmente abandonar o contato com objetos mundanos e ainda assim ser incapaz de se livrar dos seus desejos materiais inatos de encarnações passadas. É muito difícil exorcizar os demônios dos anseios, paixões, ganância e propensões sexuais sempre presentes na mente indisciplinada. Um monge pode renunciar ao mundo sem ser capaz de fugir dos inimigos psicológicos internos que o seguem exasperadamente até sua caverna. Nesse caso, é o melhor caminho para viver no mundo, mas não pertencer ao mundo. Então a mente de um devoto não sente anseios frustrados pelo mundo como um monge sentiria por ele em sua solidão. Qualquer um achará a solidão um tormento se sua mente se concentrar naquilo a que renunciou e não na Presença Divina, que tudo

absorve.

Os iogues completamente imersos em Deus não são obrigados a cumprir deveres mundanos porque extirparam todos os desejos egoístas desta vida e de encarnações passadas. Na forma superior de agir para o Senhor e também de meditar Nele, o iogue não corre riscos de perdê-Lo; enquanto o monge inquieto em sua cela, sem empregar medidas científicas para reprimir suas paixões, pode permanecer indefinidamente sem comunhão divina.

É muito melhor, contudo, para quem busca a Deus, não se envolver num ambiente mundano, mas viver num eremitério sob a orientação de um verdadeiro guru, trabalhando apenas para Deus através de atividades de serviço, praticando a renúncia aos frutos de ações e cultivando o êxtase com Deus meditando incessantemente no Senhor. Essa vida é infinitamente superior a uma renúncia externa completa, bem-intencionada, mas ineficaz, das atividades e à consequente esquiva de todos os deveres humanos. Mesmo vestir externamente o manto de swami ou o hábito de monge não é apropriado (para que as pessoas mundanas não percam o respeito pelas ordens religiosas) até que alguém seja um monge de coração, tenha renunciado a todos os desejos mundanos e esteja imerso em Deus. Não há sentido no monaquismo sem a alegria interior de Deus.

Pessoas mundanas aspirantes são beneficiadas por ocasionalmente buscarem a solidão, ou, melhor ainda, por visitarem um eremitério onde podem ver e absorver os caminhos verdadeiros e adequados da vida divina.

O valor da solidão ocasional não deve ser subestimado, pois proporciona ao homem uma oportunidade tranquila de pensar em Deus e em nada mais. Então o devoto revigorado pode retornar ao mundo ou ao eremitério para assumir seus deveres habituais. Mas se alguém considera a noite como sua “floresta de solidão e cela de silêncio”, será desnecessário fazer viagens caras ou difíceis para encontrar a solidão. Acima de tudo, o buscador deve aprender a amar a Deus de tal maneira que, onde quer que esteja, assim que fechar os olhos, seja cercado por uma cela de silêncio, com a Divindade Cósmica pulsando em seu coração como uma Alegria sempre nova. A Luz bem-aventurada brilha por trás da escuridão; em

profundo silêncio, com os olhos fechados, qualquer devoto pode contemplá-Lo. “Fique quieto e saiba que eu sou Deus.”2

VERSÍCULO 3

jñeyaḥ sa nityasamnyāsī yo na dveṣṭi na kāṅkṣati
nirdvandvo hi mahābāho sukhaṁ bandhāt pramucyate

Ó (Arjuna), de braços poderosos, ele deve ser conhecido como um sannyasi (renunciante) constante, facilmente liberado de todas as complicações, que não tem nem gostos nem desgostos porque não está preso às dualidades (os pares de opostos da Natureza).

O verdadeiro renunciante, qualquer que seja o seu lugar ou dever na vida, é o devoto centrado em Deus. Com indiferença divina, ele experimenta o mundo como um jogo de ideias que passam por sua mente e se tornam prazerosas ou dolorosas por seus contrastes conflitantes.

Pensar nas causas da dor ou ter medo da dor (a dor é qualquer coisa que desperte desprazer ou aversão) é estar vinculado ao corpo. Deter-se mentalmente nas causas do prazer (sendo o prazer aquilo que causa atração e gosto) também significa identificação corporal. O devoto que deseja recuperar o paraíso perdido da felicidade incondicional aprende a ser indiferente à dor e ao prazer do corpo, recebendo de forma neutra todas as sensações externas.

Este ensinamento do Gita não é uma filosofia de negatividade ou negligência. O homem tem seu devido dever para com o corpo. O devoto deve praticar titiksha – imperturbabilidade. Esta disciplina permite remover, sem impaciência interior, a dor ou as causas da dor. O templo físico deve ser protegido até que a salvação final seja alcançada; o corpo deve ser sensatamente guardado enquanto Deus quiser trabalhar através dele.

O homem autodisciplinado nunca se permite apegar-se ou identificar-se mentalmente com o corpo físico, mas mantém-no sensatamente como uma questão de dever divino. O iogue tenta manter o corpo bem porque é mais fácil manter a mente em Deus sem a distração da dor. No entanto, seus

esforços para sentir a Presença Divina não são desencorajados, mesmo quando as dores invadem o corpo e mesmo quando ele tenta removê-las. Quando o iogue consegue manter a calma e a felicidade interiores durante a experiência do prazer físico ou da dor física, ele se torna um com seu sempre abençoado Eu.

A negligência do corpo, portanto, não denota necessariamente um homem de renúncia (como algumas pessoas pensam). O iogue é um homem que realizou a realização de Deus; ele encontrou a felicidade de sua alma. Ele também é um homem de renúncia, não influenciado pelas condições em constante mudança do mundo. Esses seres divinos que permanecem acima do alcance emaranhado dos sentidos, mesmo enquanto se envolvem em ação, são os verdadeiros sannyasis (renunciantes).

VERSÍCULOS 4–5

śāṁkhyayogau pṛthagbālāḥ pravadanti na panṇḍitāḥ
ekam apy āsthitaḥ samyag ubhayor vindate phalaṁ (4)

yat sāṁkhyaiḥ prāpyate sthānaṁ tad yogair api gamyate
ekaṁ sāṁkhyaṁ ca yogaṁ ca yaḥ paśyati sa paśyati (5)

(4) Não são os sábios, mas sim as crianças que falam das diferenças entre o caminho da sabedoria (Sankhya) e o caminho da atividade espiritual (Yoga). Aquele que está verdadeiramente estabelecido em qualquer um deles recebe os frutos de ambos.

(5) O estado alcançado pelos sábios (os jnana yogis que seguem com sucesso o caminho da sabedoria da discriminação - Sankhya) também é alcançado pelos praticantes (os karma yogues que têm sucesso através da execução dos métodos científicos do yoga). Ele tem a verdade quem vê como uma só sabedoria e ação correta.

A comparação aqui é entre o desempenho bem-sucedido de métodos científicos de ações libertadoras – obedientes e meditativas – por karma iogues, e a não realização de tais ações por jnana iogues que, em vez disso,

têm sucesso na abordagem puramente mental ou de sabedoria para a realização.3

Mesmo os homens intelectualmente instruídos são como crianças não instruídas se vêem diferenças entre o caminho da sabedoria e o caminho da acção correcta. Os sábios se envolvem em atividades; quem pratica ações corretas é sábio. Aqueles que estudam as escrituras apenas intelectualmente fazem uma distinção entre o caminho da sabedoria e o caminho da ação. O verdadeiro iogue não vê divisão entre sabedoria e ação correta. Aquele que verdadeiramente segue um caminho recebe os benefícios de ambos os caminhos.

A união extática com a sabedoria interior ou a realização de ações divinas e meditativas leva ao mesmo plano – a percepção da consciência cósmica e da bem-aventurança cósmica. O iogue que está imerso na sabedoria e o iogue que pratica a ação veem dois modos de salvação como um só; somente eles são os percebedores da verdade.

A maneira vedântica de adquirir sabedoria consiste em ouvir a sabedoria bíblica, explicada por um guru auto-realizado, e meditar nela, percebendo sua essência ao tornar-se um com ela. O método teórico muito diferente de aprender as escrituras não produz sabedoria real – apenas ideias imaginárias sobre ela.

Deus é Sabedoria e Bem-aventurança. Quando a sabedoria é adquirida pelo caminho vedântico de meditação, ela produz a realização de Deus. Da mesma forma, quando a bem-aventurança é obtida através dos métodos científicos e das técnicas de meditação do Yoga, produz-se a realização de Deus.

Assim, o sábio alcança primeiro o aspecto da Sabedoria de Deus, enquanto o iogue alcança primeiro o seu aspecto de Bem-aventurança. O homem sábio percebe Deus como o Mar de Percepções; o iogue sente Deus como o oceano da bem-aventurança eterna. Por um caminho lento, tortuoso e difícil, o sábio alcança a mesma meta divina que o iogue alcança pela “rota de avião” da Auto-realização científica.

O caminho da sabedoria (Jnana Yoga) é longo, árido e difícil. O caminho do Yoga é curto, fácil e repleto de percepções de felicidade sempre

nova. A sabedoria não é uma força tão impulsionadora quanto a bem-aventurança divina!

O Caminho da Liberdade do Gita: Meditação em Deus mais atividade sem desejo

Versículos 6–7

saṁnyāsas tu mahābāho duḥkham aptum ayogataḥ
yogayukto munir brahma nacireṇādhigacchati (6)

yogayukto viśuddhātmā vijitātmā jitendriyaḥ
sarvabhūtātmabhūtātmā kurvann api na lipyate (7)

(6) Mas renúncia, ó (Arjuna) de braços poderosos! é difícil de alcançar sem ações que unem Deus (ioga). Pela prática do yoga, o muni ("aquele cuja mente está absorta em Deus") alcança rapidamente o Infinito.

(7) Nenhuma mácula (envolvimento cármico) toca o homem de ação santificado que está engajado na comunhão divina (yoga), que conquistou a consciência do ego (ao atingir a percepção da alma), que é vitorioso sobre seus sentidos e que sente seu eu como o Eu existente em todos os seres.

O verdadeiro estado de renúncia (liberdade transcendental das atrações e repulsões sensoriais) é difícil de obter sem o acompanhamento de atividades meditativas. O Gita está novamente apontando que a renúncia é alcançada de maneira mais natural e fácil por meio da disciplina interior do yoga.

Quando o iogue, após a união extática com Deus, desce à percepção de seu corpo e se envolve em atividades para Ele, ele encontra sua alma purificada de todos os vestígios de carma bom e ruim do passado, que agora são totalmente destruídos pelo fogo da sabedoria. . Vitorioso sobre seus sentidos, ele se eleva acima da consciência corporal e mantém a percepção

da alma. Embora ele satisfaça as necessidades básicas de seu corpo e desempenhe todos os outros deveres necessários, ele não está enredado em nenhum resultado cármico. Ele realiza ações não como um homem mortal, mas como o Ser que permeia todos os seres.

VERSÍCULOS 8–9

naiva kiṁcit karomīti yukto manyeta tattvavit
paśyañ śṛṇvan spṛśañ jighrann aśnan gacchan svapañ śvasan (8)

pralapan visṛjan gṛhṇann unmiṣan nimiṣann api
indriyāṇīndriyārtheṣu vartanta iti dhārayan (9)

O conhecedor da verdade, unido a Deus, percebe automaticamente: "Eu mesmo não faço nada" – mesmo que ele veja, ouça, toque, cheire, coma, se mova, durma, respire, fale, rejeite, segure, abra ou feche os olhos – percebendo que são os sentidos (ativados pela Natureza) que funcionam em meio aos objetos dos sentidos.

O iogue que consegue manter a união extática com Deus em seu estado de vigília percebe que quando trabalha com os cinco instrumentos do conhecimento (os sentidos de visão, audição, tato, olfato e paladar), é Deus (no aspecto da Mãe Natureza).) que utiliza esses cinco instrumentos. Trabalhando com os cinco instrumentos de ação (ânus, órgãos genitais, mãos, pés e órgãos da fala), o iogue sente da mesma forma que a Deidade Cósmica é a operadora desses órgãos.

Perceber as suas cinco forças vitais (aquelas envolvidas na inspiração e expiração, na limpeza de venenos, no metabolismo corporal, na circulação e na assimilação); concentrar-se nos sentidos ou desviar a atenção deles (trabalho realizado pela mente); ou utilizando o instrumento de discriminação (empregado no sonho e na percepção da sabedoria interior e exterior), o iogue percebe que não está fazendo nada, que todas as atividades corporais estão sendo realizadas não por qualquer poder físico pessoal, mas pelos dezenove elementos de o corpo astral, que por sua vez é

guiado pelo invólucro ideacional, que por sua vez é o puro pensamento de Deus.

O homem identificado com o corpo imagina que seu ego é o executor de todas as ações. Durante todas as atividades realizadas pelos sentidos, pela mente e pela força vital inteligente, o egoísta pensa: “Eu sou o fazedor”. Ele está absorto nos sentimentos de “eu sou” – “estou vendo”, “estou andando”, “estou vivendo”, “estou discriminando” e assim por diante.

Mas quando o homem alcança a união extática com Deus, ele perde todo o egoísmo e encontra o verdadeiro Eu, a imagem perfeita de Deus, que, em vez do seu ego, é o verdadeiro executor de todas as ações. O iogue iniciante percebe ilusoriamente seu corpo e sua mente como forças independentes, mas à medida que se torna cada vez mais capaz de reter a consciência de Deus, ele compreende claramente que é o corpo astral de dezenove elementos guiados pelo verdadeiro Eu que é o único Fazedor.

Assim, o iogue que é um com o Espírito pode dormir ou não dormir, comer ou não comer, ver ou não ver, trabalhar ou não trabalhar, andar ou não andar. Quer ele execute quaisquer ações mundanas ou não, ele percebe que seu corpo é ativado exclusivamente pela Consciência Cósmica. Tal iogue está livre de todos os medos e esperanças, de todos os altos e baixos mentais. Seus sentimentos não estão contaminados por gostos e desgostos emocionais. Através da transparência do seu coração (chitta), o iogue percebe o Espírito e não o ego como o Ativador. “Onde ‘eu’ permaneço, Tu não estás; quando Tu vieres, não serei nada!”4

O homem indisciplinado e o sábio autocontrolado realizam ações corporais. O sensualista está preso aos desejos; e se ele morrer sem conquistá-los, ele nascerá de novo para satisfazer seus anseios humanos não realizados. Mas o iogue que desempenha seus deveres conforme ordenado por Deus, sem motivos pessoais, permanece livre de qualquer carma resultante de trabalhar de qualquer forma com o corpo. Ele não precisa renascer por causa de desejos pessoais ligados ao seu corpo ou mente.

O Bhagavad Gita revela aqui uma das maneiras mais eficazes pelas quais o homem pode se libertar das algemas do bom e do mau carma. Quando um novato no caminho espiritual come, por exemplo, ele deve

❖

O conselho do Gita: perceber Deus, não o ego, como o executor de todas as ações

❖

gostar de comer apenas como um dever prazeroso para preservar o templo de Deus. Quando dorme, deve pensar que o corpo está sendo aquietado para que possa subconscientemente desfrutar da presença repousante de Deus. Quando ele medita, ele deve sentir Deus manifestando-se através dele como Alegria. Quando ele percebe o funcionamento da energia vital dentro de seu corpo, ele deve considerar que o Dínamo Cósmico está acendendo a lâmpada de sua carne. Quando ele está pensando, ele deveria sentir que a Sabedoria Cósmica está trabalhando através de sua discriminação. Quer esteja pensando, desejando ou sentindo, deve considerar que Deus está empregando suas faculdades. Quando ele está trabalhando com os cinco instrumentos de conhecimento sensorial e com os cinco instrumentos de execução corporal, ele deve considerar que Deus está trabalhando através desses dez instrumentos de cognição e atividade.

Ao viver nesta consciência, o iogue desempenha obedientemente o papel que lhe foi atribuído por Deus no palco da vida; não importa o que ele faça, ele é livre (isto é, ele está agindo em sua própria natureza, a alma, que é livre).

"Os sentidos funcionam entre os objetos dos sentidos" significa que o iogue contempla seus sentidos de visão, audição, olfato, paladar e tato, e de movimento e trabalho no mundo objetivo, conforme guiado pelo plano cósmico de Deus e não pelos caprichos do seu ego. Quando o iogue considera seus sentidos como divinamente guiados, ele vive neste mundo como Deus planejou. O iogue não tem interesse em trabalhar para si mesmo, mas tem orgulho de estar associado às fascinantes obras de Deus.

VERSÍCULO 10

brahmaṇy ādhāya karmāṇi saṅgaṁ tyaktvā karoti yaḥ
lipyate na sa papena padmapatram ivāmbhasā

Como a folha de lótus que permanece imaculada pela água, o iogue que executa ações, renunciando ao apego e entregando suas ações ao Infinito, permanece livre do emaranhamento dos sentidos.

Embora flutue em águas lamacentas, a folha de lótus permanece impermeável, imaculada pelo ambiente. Assim também vive o iogue emancipado neste turvo mundo sensorial de maya.

Um homem excitável fica emocionalmente agitado ao assistir a um filme melodramático; um homem calmo permanece inalterado. Da mesma forma, as pessoas do mundo estão cheias de turbulência enquanto contemplam as boas e más imagens oníricas da vida. Os iogues, por outro lado, não são perturbados. O leite não pode flutuar na água; lata de manteiga. Mentes liquefeitas com problemas e impulsos sensoriais convincentes tornam-se misturadas e contaminadas pelas águas de ambientes malignos e venenosos. Os devotos que precipitam a manteiga da Auto-realização podem facilmente flutuar, imaculados, nas águas venenosas de maya.

Há um significado mais profundo nesta estrofe que será compreendido pelos iogues avançados. Vou explicar da forma mais simples possível. Quando examinado com perspicácia, o discurso do Gita torna-se uma exposição maravilhosa da ciência do yoga.

Quando o iogue, em meditação extática, retira sua força vital dos trilhões de células do corpo e dos nervos, ele contempla as correntes de força vital como pequenos riachos escorrendo das margens da carne através de inúmeros pequenos canais até o grande canal da coluna vertebral. cordão. Todas as correntes do corpo assim retiradas para a coluna vertebral passam, sucessivamente, para dentro e através dos três nadis luminosos (tubos sutis ou canais de força vital) da coluna astral (o sushumna, o vajra e o chitra) e se tornam um. corrente que passa pelo canal mais interno, o brahmanadi, a “espinha dorsal” do corpo causal.5 O brahmanadi é assim chamado porque é o canal primordial através do qual Brahma – o Espírito como alma, vida e consciência – desceu ao corpo e através do qual o iogue

alcança a ascensão ao Espírito.

❖

A verdadeira entrega ao Infinito: retirando a força vital através do brahmanadi

❖

Na descida, o Espírito ou Brahma presente na alma do homem desceu através do brahmanadi e mais tarde entrou nos três tubos astrais, passando finalmente através de suas aberturas para os canais mais grosseiros de nervos e células de todo o corpo físico. Um iogue avançado que experimenta a aposentadoria, ou ascensão, ao brahmanadi de todas as atividades da força vital e dos processos de consciência é mencionado como alguém que “entregou suas ações ao Infinito”, o Espírito ou Consciência Cósmica presente. no brahmanadi.

Quando o iogue retira sua força vital e seus processos de consciência através do brahmanadi, ele vê, daquele ponto de origem divina, fenômenos astrais maravilhosos. Ele é avisado para não se apegar a eles (pois qualquer forma de apego força o iogue a descer novamente à superfície sensorial do corpo). Ele deveria contornar os fenômenos milagrosos até alcançar a Essência Universal.

O iogue avançado leva seu ego, força vital e processos de consciência através da “espinha” causal brahmanadi até sua abertura (Brahmarandhra) no topo da cabeça, a fim de permitir que seu ego transformado (a alma), energia vital, e mente para ultrapassar o confinamento corporal e o apego e se unir à Bem-aventurança Onipresente.

Quando o iogue consegue unir sua alma com o Infinito, essa união destrói todo o seu carma passado, e ele é conhecido como alguém que ascendeu da carne. Queimando todo o seu carma passado no fogo do êxtase (savikalpa samadhi), ele percebe Deus sem criação. Ele então aprende, através do êxtase mais elevado (nirvikalpa samadhi), a manifestar sua consciência de Deus na carne e a realizar todas as ações sem ser enredado por seus efeitos bons e maus. Neste estado mais elevado, o iogue percebe que Deus, a criação e suas percepções corporais existem e trabalham juntos em harmonia (conforme descrito em V: 8-9). O iogue então realiza todas as atividades do corpo e da mente sem apego, contemplando-as igualmente como ondas de Consciência Cósmica.

Uma pessoa sendo jogada por uma onda no oceano não consegue perceber muito bem o oceano inteiro; mas quando ele sai daquela onda e fica na praia, ele pode ver o vasto oceano sem se concentrar em nenhuma onda individual. Da mesma forma, um iogue se retira do movimento da onda de sua vida específica e observa, da costa da bem-aventurança divina, o oceano da Consciência Cósmica sem as ondas da criação (savikalpa samadhi). Assim como um homem na praia pode ver o imenso oceano como uma única massa de água, então pode perceber as ondas individuais, bem como o oceano como um todo, assim também um iogue, depois de perceber o mar da Consciência Cósmica sem as ondas da criação , pode aumentar a profundidade de sua intuição para perceber simultaneamente o oceano da Consciência Cósmica e também as ondas de toda a criação (nirvikalpa ou samadhi mais elevado).

VERSÍCULO 11

kayena manasā buddhyā kevalair indriyaair api
yoginaḥ karma kurvanti saṅgaṁ tyaktvātmaśuddhaye

Para a santificação do ego, os iogues realizam ações exclusivamente com (os instrumentos de ação) o corpo, a mente, a discriminação ou mesmo os sentidos, abandonando o apego (proibindo o envolvimento do ego, com seus apegos e desejos).

A arte da ação adequada leva à purificação do ego. Isto significa a realização de boas ações que neutralizam ou desfazem os efeitos de ações erradas passadas e que contribuem para a transformação do ego em seu estado original como a alma.

O ego está sempre identificado e absorto nas coisas materiais. Seu efeito nas ações resulta em apegos e desejos que se autoperpetuam. O desejo é produzido pelo contato dos instrumentos de ação com a matéria quando esses instrumentos estão sob a influência do ego. O iogue usa os instrumentos de ação dados por Deus, mas restringe a participação de seu habitual companheiro de benefícios, o ego, e assim age sem apego e desejo.

O apego é fruto do desejo; o apego então dá origem a mais desejo. O apego não é possível sem desejo, mas o desejo pode ser iniciado sem uma solicitação prévia óbvia de apego. Isto se deve ao apego intrínseco do ego subjacente às coisas materiais.

Cada vez que o homem egoísta nutre um desejo, ele impõe a si mesmo uma condição que terá de cumprir. Todo desejo é um fardo que ele terá que resolver em algum momento futuro. Até mesmo um desejo esquecido continua a espreitar por trás da tela do seu subconsciente, pronto no momento oportuno para capturar o seu hospedeiro e cobrar-lhe o que lhe é devido. A cada desejo, o homem se afasta da paz natural de sua alma, porque o temperamento indiscriminado do desejo o faz esquecer o propósito de sua existência. Ele é levado pelo apego, nascido do desejo, a se apegar àquelas coisas que são incompatíveis com a natureza de sua alma; ele ora por coisas que são até perigosas para a sua paz.

A alma assim enredada em desejos torna-se o ego material limitado e superficial, com seu apego à visão de túnel que exclui a percepção da felicidade superior da alma. O iogue perspicaz, entretanto, sabe que a atividade com apego e desejo é o prenúncio de problemas e sofrimento, enquanto a atividade sem esses elementos perturbadores revela os verdadeiros deveres da pessoa, que por sua vez purificam o eu e restauram a paz e a felicidade permanentes da alma. , conforme observado no próximo verso do Gita.

Portanto, os iogues não devem realizar nenhuma ação instigada pelo egoísmo com seus apegos e desejos decorrentes de gostos e desgostos do coração; eles deveriam realizar ações obedientes inspiradas por Deus e pelo guru, apenas usando de maneira desapegada os instrumentos do corpo, dos sentidos, da mente e do intelecto. Aquele que não consegue distinguir entre a inspiração divina e os desejos egoístas deve procurar a orientação do seu guru.

Quando um devoto descobre os deveres de sua vida, ele deve cumpri-los com intenso interesse para agradar a Deus e ao guru, sem se apegar aos frutos da ação. Um verdadeiro amante do Senhor fica feliz por ter sucesso em qualquer uma de suas aventuras divinas. Mas quando é frustrado ou

contrariado, ele não chora nem perde o entusiasmo; ele tenta com maior interesse e maior esforço alcançar o que anteriormente não conseguiu realizar para Deus, a menos que seu guru o oriente a fazer o contrário.

Para o estudante avançado, nas linhas seguintes são dadas algumas dicas sobre a "santificação do eu".

Os nervos são as principais vias de força vital do corpo. Eles correspondem aos nadis mais sutis e intrincados do corpo astral. Muitas passagens nervosas estão "entupidas" ou prejudicadas no corpo do homem comum, devido a toxinas corporais e a uma vida não natural; além disso, a força vital dos nervos envolvidos na apreciação dos objetos dos sentidos torna-se dependente da matéria. O fluxo da força vital vai do cérebro para os sentidos, uma descida que atrai a consciência para os objetos materiais. Esses impulsos e energias nervosas voltadas para fora e seu estado grosseiro de emaranhamento sensorial são contrários à percepção da alma. Os iogues, portanto, aconselham dieta adequada, posturas e Kriya Yoga para purificar os nervos, de modo que eles se tornem canais inclinados pelo Espírito, afastando a consciência dos sentidos. Através de asanas, mudras6, controle da força vital, cânticos, orações, penetração da mente e da energia vital através dos sete centros cerebroespinhais, concentração no Infinito e devoção profunda, pode-se purificar o corpo, a mente e o coração para servirem como receptáculos. do Infinito.

VERSÍCULO 12

yuktaḥ karmaphalaṁ tyaktvā śāntim āpnoti naiṣṭhikīm
ayuktaḥ kāmakāreṇa phale sakto nibadhyate

O iogue unido a Deus, abandonando o apego aos frutos das ações, alcança a paz inabalável (paz nascida da autodisciplina). O homem que não está unido a Deus é governado pelos desejos; através de tal apego ele permanece em cativeiro.

O iogue que trabalha sem desejar os frutos de suas ações, através da falta de distrações desnecessárias, une-se a Deus e encontra a paz divina.

A autodisciplina ou controle do corpo e da mente através da prática constante dos métodos corretos de meditação e purificação do corpo (como citado em V:11) dá ao devoto a vitória sobre os sentidos. Quando ele é senhor dos sentidos, ele se torna um com Deus e manifesta a Paz Infinita.

Aqueles que levam vidas desequilibradas, desprovidas de disciplina espiritual, realizam ações por seu interesse egoísta. Eles vagam confusamente no labirinto de anseios sem fim. Ao realizar ações para satisfazer os desejos insaciáveis do ego, eles perdem toda a paz.

O iogue emancipado, um com o Deus abençoado, trabalha somente para Ele. Ele sabe que a Terra é um drama onírico de atividades divinas.

O Eu como Testemunha Transcendental: Abrigado na Bem-Aventurança, Não Afetado pelo Mundo

Versículo 13

sarvakarmāṇi manasā saṁnyasyāste sukhaṁ vaśī
navadvāre puro dehī naiva kurvan na kārayan

A alma encarnada, controladora dos sentidos, tendo abandonado mentalmente todas as atividades, permanece feliz na cidade corporal dos nove portões – sem realizar ações por si mesma, nem obrigando outros (os sentidos) a realizarem ações.

O iogue que vê o onipresente Raio Cósmico operando em seu próprio corpo e nos corpos de todas as criaturas e em todos os objetos do sonho cósmico, de repente percebe que nunca foi o autor de qualquer ação nem a causa de qualquer efeito material.

Quando o devoto, pela autodisciplina e concentração, se eleva acima de todo apego ao corpo, ele se torna o rei-vencedor dos sentidos, felizmente entronizado num palácio corpóreo. No estado de êxtase interior, ele permanece uma testemunha distante das atividades de seu corpo e de sua

consciência, que realizam todos os trabalhos unicamente pelo poder silencioso do Divino. Ele não refere nenhuma de suas ações aos seus próprios poderes, nem obriga os sentidos a trabalharem de acordo com os desejos do ego. Neste estado de êxtase mais elevado, o iogue está consciente do Espírito interior e de seu ambiente exterior, mas não está enredado em quaisquer frutos da ação.

A “cidade dos nove portões” refere-se às nove aberturas do corpo; dois olhos, dois ouvidos, duas narinas, dois órgãos de excreção e procriação e a boca. O iogue, como um rei aposentado, vê seus súditos (as células corporais, os sentidos, os pensamentos e as emoções) guiados pela presença interior de Deus e não pelo ego. Desta forma, o iogue, unido à sua alma transcendental, vê e sente-se inativo.

Todas as ações relacionadas com o corpo não dizem mais respeito ao iogue; ele se considera o não-executor de qualquer ação. Assim como um homem pode observar despreocupadamente as atividades de um indivíduo próximo, o iogue estabelecido em Deus vê seu corpo realizando todas as ações sem afetá-lo.

É muito difícil para um homem comum imaginar o estado do iogue conforme descrito nesta estrofe do Gita. Portanto, é bom enfatizar novamente o ponto de que um iogue unido a Deus não age como uma marionete ou um autômato. Um homem que está identificado com seu corpo sofre quaisquer resultados adversos de suas ações. Mas o devoto, vendo o Senhor como o único Fazedor, permanece desapegado de todos os frutos das ações, boas e más, que foram realizadas pelo corpo e pela mente. Desta forma, o iogue não só fica livre dos frutos das ações presentes, mas também dos efeitos futuros imprevisíveis das ações passadas. Assim como o rei vitorioso de uma cidade pode delegar sua regência a um sucessor virtuoso, e ele próprio viver lá em retiro pacífico, assim o iogue inteligente conquista a cidade corpórea dos sentidos indisciplinados e então entrega seu governo ao seu amado Senhor; ele mesmo permanece quieto por dentro, abrigado em êxtase. Neste estado elevado, o iogue descobre que Deus o guia e o capacita em todas as formas necessárias de ações, sem torná-lo responsável de forma alguma pelos frutos delas.

Pode-se dizer que o mortal comum é um mau ator, perturbando o drama onírico de Deus. O iogue não cria seus próprios sonhos; ele une sua consciência com o Senhor e aprende a sonhar com Ele. Ele desfruta do sonho cósmico como Deus o sonha alegremente, sem introduzir egoisticamente nele quaisquer pesadelos perturbadores de sua autoria. O homem pode olhar ao redor, para o mundo caótico moderno, e declarar fervorosamente que o ego não tem consideração pelas unidades dramáticas!

VERSÍCULO 14

na kartṛtvaṁ na karmāṇi lokasya sṛjati prabhuḥ
na karmaphalasaṁyogaṁ svabhāvas tu pravartate

O Senhor Deus não cria nos homens a consciência de serem executores de ações, nem causa ações por meio deles, nem os enreda com os frutos das ações. A Natureza Cósmica Ilusória é a originadora de tudo isso.

Deus é o Criador de tudo, até mesmo da ilusão cósmica; mas é a resposta do homem a maya através do mau uso do dom divino do livre arbítrio que cria nele o sentimento de egoísmo e o desejo de agir de acordo com os seus ditames e de desfrutar os frutos das ações.

Quando o homem exerce discriminação e não responde à ilusão cósmica, ele usa corretamente o seu livre arbítrio para escolher apenas a influência da sabedoria divina interior. Assim ele escapa da punição que resulta da falsa convicção de ser um executor independente de ações.

Indivíduos comuns são guiados por tendências naturais (nascidas na natureza) que na verdade não são naturais para a divindade da alma, a imagem perfeita de Deus. Quando a consciência do homem é uma com Deus, ele descobre que sua própria consciência está livre da influência da ilusão cósmica e da natureza "humana". Mas quando o homem sucumbe à influência da ilusão cósmica na natureza humana, ele descobre que maya guia e controla a sua consciência, criando perigos físicos e psicológicos.

A natureza é a consorte e serva de Deus. Aquele que se funde no Senhor

encontra a Natureza como sua serva.

Embora o Senhor seja responsável por criar o homem e por colocá-lo na ilusão cósmica como presente na Natureza, ainda assim Ele deu a Seus filhos o poder de livre escolha - seja para ceder às tentações prejudiciais e misérias de seus impulsos físicos e ambiente, ou seguir a orientação interior da sabedoria que flui de Deus. O homem comum segue o chamado caminho fácil de satisfazer seus impulsos, uma escolha que acaba levando à destruição de toda a sua felicidade. Mas o iogue usa o livre arbítrio que lhe foi dado por Deus para seguir a orientação interior da consciência e da sabedoria intuitiva e entrega o governo de sua cidade corporal a Deus; assim ele recupera seu paraíso perdido.

O homem identificado com o seu corpo descobre, através da auto-análise, que a consciência do egoísmo e o desempenho egoísta de todas as ações com o desejo de desfrutar dos seus frutos originaram-se no seu erro ao responder à influência da ilusão cósmica na Natureza. Não culpando o Senhor imaculado como o Originador dos seus problemas, o homem sábio vê que todos os males resultam do mau uso da livre escolha, pela qual ele respondeu à Natureza e não a Deus.

Embora a Natureza ou maya seja responsável pelos sofrimentos que emanam do desempenho egoísta das ações do homem, no entanto, pelo uso da discriminação e da força de vontade, ele pode se afastar da Natureza para o Espírito, tornando a Natureza sua própria escrava, mesmo que ela seja a escrava. de Deus.

O devoto sempre pode apelar ao Senhor em oração mais profunda e dizer: “Pai Celestial, eu não queria ser criado, nem queria ser colocado perto de sedutoras tentações malignas. Por favor, ó Deus, já que Tu me criaste e me colocaste à prova da vida, sem me consultar, abençoa-me para que eu use meu poder de livre escolha para fortalecer minha vontade e seguir o caminho da liberdade e não o caminho da ilusão. ”

A divina consciência onipresente do Senhor está ciente das orações de todos os homens. “Aquele que plantou o ouvido, não ouvirá? Aquele que formou o olho, não verá?... Aquele que ensina ao homem o conhecimento, não o conhecerá?”7 Deus não criou o homem para sofrer, mas para superar

todas as limitações físicas e materiais pelo poder invencível da alma.

O Bem e o Mal e sua relação com a alma

Versículo 15

nadatte kasyacit pāpaṁ na caiva sukṛtaṁ vibhuḥ
ajñānenāvṛtaṁ jñānaṁ tena muhyanti jantavaḥ

O Onipresente não leva em conta a virtude ou o pecado de ninguém. A sabedoria é eclipsada pela ilusão cósmica; a humanidade fica assim desnorteada.

O onipresente Raio Cósmico cria, para entretenimento, as imagens oníricas dos homens, suas atividades virtuosas e pecaminosas neste cenário terrestre de sonho. Deus não é um contador meticuloso dos méritos e deméritos humanos. O Raio Cósmico, sua sabedoria e alegria sempre nova, estão escondidos atrás das sombras da relatividade e da ignorância. Os mortais, não percebendo a Luz causadora, tropeçam nas trevas da ilusão.

Assim como a neblina esconde o caminho certo para um destino e faz com que o motorista de um carro se extravie, as névoas da ilusão obscurecem o caminho da sabedoria em direção a Deus, e o homem se desvia para os fossos dos desejos mortais e da ignorância.

O Espírito ou Sat-chit-ananda (Bem-aventurança sempre existente, sempre consciente, sempre nova) não é contaminado pela escuridão da ilusão (Natureza), assim como uma serpente, possuidora de veneno, permanece não afetada por seu próprio veneno. . Embora o veneno seja produzido dentro da cobra, a criatura não é afetada por ele; da mesma forma, embora as dualidades ilusórias da Natureza derivem de Deus, Ele não é influenciado por elas.

Quando uma serpente morde alguém, a vítima é afetada pelo veneno; da mesma forma, o homem, como mortal, é afligido pela ilusão cósmica. No entanto, embora maya seja imposta ao homem, ele pode superá-la recusando-se a ceder às suas tentações. O devoto deve compreender que o

propósito de Deus ao criar o mundo e a Ilusão é desenvolver seres perfeitos. Este passatempo é o hobby de Deus!

Para encorajar a perfeição, o Senhor deu aos homens o livre arbítrio – e um desafio! Ele os sujeitou às tentações internas benéficas de Sua bondade e às tentações externas prejudiciais da Natureza. A vida humana é um quebra-cabeça vasto e complicado que cada homem deve finalmente resolver.

Quando o homem usa habilmente o seu dom divino de livre escolha e discriminação para responder às tentações da virtude e não do mal, ele alcança a vitória necessária. Ele está “fora” do jogo da vida; ele retorna ao Lar abençoado com seus pesados ganhos!

Esta é, então, a verdade sobre o mistério da vida humana na terra. Esta é a razão pela qual o homem não deve ceder (como muitos psicólogos erroneamente aconselham) aos impulsos “naturais”, mas deve ser guiado pelas inclinações espirituais que são verdadeiramente naturais ao seu ser, a alma.

❖

Compreender as “regras do jogo” e a justiça de Deus

❖

Embora Deus seja bom e tenha originado o Mal Cósmico apenas para testar o homem e, assim, proporcionar-lhe a oportunidade de retornar por livre arbítrio ao reino de seu Pai, ainda assim toda a “conspiração” de Deus causou muitos problemas ao homem! Devemos aceitar o fato filosoficamente e compreender que quanto mais o corpo humano for disciplinado, mais o homem encontrará alegria na alma. Estas são as regras do jogo e não podemos fazer nada a respeito! Nem desejaríamos mudar as regras se e quando compreendermos a sabedoria do seu Divino Criador.

Assim como Deus, cercado pela ilusão cósmica, não é afetado por ela, o homem, intrinsecamente uma imagem de Deus, tem dentro de si todos os poderes divinos. Ele também pode permanecer próximo dos sentidos ilusórios sem estar sujeito a eles. Deus criou deliberadamente cada homem com uma marca eterna de Sua própria perfeição. Ao sucumbir ao mal por um tempo ou por longos períodos, o homem pode eclipsar a perfeição interior de sua alma, mas nunca poderá destruí-la. Assim que ele remove a

ilusão envolvente que persiste através de sua própria ignorância, ele descobre que sempre foi perfeito, assim como Deus é, e nunca foi de outra forma.

O coração duvidoso deve lembrar onde reside a grande justiça de Deus: que Ele não nos lançou no mal permanentemente, destruindo a nossa natureza divina interior e tornando-nos seres mortais na realidade. Em vez disso, Ele nos fez essencialmente à Sua imagem, para que nunca obliterássemos Sua verdadeira natureza durante qualquer teste de ilusão cósmica ambiental. Teria sido muito difícil, se não impossível, para o homem tornar-se divino se o homem fosse realmente apenas humano. Mas é uma verdade inegável: o homem foi feito primeiro à imagem de Deus; então, e só então, ele foi colocado sob a influência da ilusão cósmica e equipado com o poder do livre arbítrio – o poder de escolher entre a Natureza (criação) e Deus (o Criador). O homem, cedo ou tarde, aprende a fazer a escolha certa. Caso contrário, ninguém estaria lendo este livro!

É a grande misericórdia de Deus que Ele não nos tenha criado à imagem mortal, pois isso teria impedido que atingíssemos uma natureza divina, exceto pela graça especial de Deus. Deus vê cada alma como feita à Sua imagem, que não importa quão profundamente mergulhado na ilusão o homem possa estar, até mesmo um pecador dos pecadores pode lavar a lama da ignorância e descobrir a pureza oculta da alma. Somos eternamente divinos; apenas temporariamente somos escravos da ilusão. “Pois somos feitura Dele, criados em (a perfeita consciência de) Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus antes ordenou que andássemos nelas.”8

É por isso que todos os homens deveriam compreender que o gozo dos sentidos não é o objetivo da vida; só um retorno à perfeição pode satisfazer o coração humano e o plano divino.

Um homem com um carma extremamente ruim pode ficar imerso na ilusão por muitas encarnações, mas não para sempre, porque ele é eternamente de Deus. Um homem que se esquece do seu verdadeiro Eu durante inúmeras vidas fica tão atormentado pelo sofrimento que não consegue suportar a si mesmo ou aos seus próprios hábitos. Assim que ele tenta seriamente melhorar, ele descobre o caminho para a alegria divina.

A perdição eterna, ou a imersão final na ilusão, é impossível. Uma peça de ouro, embora escondida sob escombros tão grandes quanto o Himalaia, permanecerá sempre ouro. Quando a sujeira é removida, o ouro em sua verdadeira natureza brilha. Da mesma forma, uma montanha de pecado que cobre a alma não pode mudar a sua natureza intrínseca como imagem de Perfeição.

Este pensamento faz sentido divino: que o homem foi feito à imagem divina e, portanto, nunca pode ser eternamente relegado ao limbo da ilusão. É impossível que uma alma se torne eternamente má porque é eternamente boa.

❖

Nenhuma alma pode ser condenada para sempre ao inferno

❖

Os estudantes da Bíblia cometem injustiça aos seus ensinamentos quando acreditam que uma alma pode ser condenada para sempre ao inferno. Um juiz mundano aplica sentença a um homem apenas de acordo com a medida de seu pecado; Deus, mais justo do que qualquer juiz humano, nunca poderia punir um homem por uma encarnação ou por muitas encarnações de vida má com uma sentença “eterna” desproporcional de banimento no fogo do inferno da ilusão. Causas finitas não podem produzir efeitos infinitos.

Esta estrofe frequentemente citada do Bhagavad Gita diz com uma verdade maravilhosa que Deus não leva em conta o pecado ou a virtude do homem. O próprio homem, por meio de suas ações, colhe os resultados de seu carma bom e mau, devido ao uso adequado ou mau uso de seu livre arbítrio.

Neste sentido, Deus não permanece neste universo como um observador dos seres humanos, recompensando-os ou punindo-os constantemente de acordo com as suas virtudes ou pecados. Mas Ele fez leis que distribuem justiça invariável. “Não se deixe enganar; De Deus não se zomba: porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque quem semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas aquele que semeia no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna. E não nos cansemos de fazer o bem: porque no devido tempo colheremos, se não desfalecermos.”9

O Senhor nunca pune ninguém por más ações. O próprio homem é

semeador e ceifeiro dos seus próprios sofrimentos. Indo tolamente contra as leis divinas e a natureza de seu próprio Ser, ele é a única causa de sua própria dor.

Na Índia, a citação mais popular do Bhagavad Gita sobre a origem do mal é esta parte da estrofe 15: “A sabedoria é coberta pela ignorância; é por isso que as pessoas estão iludidas.”

Este ponto pode ser ilustrado da seguinte maneira: Se um homem, num quarto bem iluminado e lindamente mobiliado, fechasse os olhos e saltasse descontroladamente, ele contemplaria a escuridão, tropeçaria e machucaria os membros. Recuperando sua sanidade, ele perceberia que a escuridão e os riscos à vida e à integridade física haviam sido causados por sua estupidez autoimposta.

Da mesma forma, o homem sábio que mantém o seu olho interior aberto, vendo constantemente a luz de Deus que permeia toda a matéria, nunca se magoa, mas está repleto de alegria. O homem da ignorância fecha os olhos da sabedoria e não vê nada na terra além de trevas, ilusão e sofrimento. Quando, com a ajuda de um guru sábio, o devoto cego recupera a verdadeira visão, ele percebe que suas próprias tristezas e as de todos os seus semelhantes são causadas pela escuridão interior deliberadamente mantida pelo homem; a luz da sabedoria de Deus é eclipsada. A permanente e sempre presente alegria interior da alma é ocultada pelo luxurioso ego humano e pelas alegrias impermanentes dos sentidos.

Quando o homem abandona a ilusão, ele recupera o paraíso interior. O Gita, portanto, diz que as pessoas sofrem apenas porque não abrem os olhos da percepção espiritual; eles estão imersos no mundo exterior em constante mudança.

Certos dogmas tentam “explicar” o mal dizendo que Deus é perfeito e não pode conhecer o mal; no entanto, Jesus orou a Deus: “Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal”,10 isto é, “Não permita que sucumbamos à influência e à prova do mal criado por Ti”.

O Senhor Onipresente sabe que Ele é o criador do mal como um teste para encorajar os seres humanos a evitarem o pecado e assim recuperarem a sua natureza divina interior. Ao criar um filme de imagens de luz e sombra

e passá-lo por um projetor de cinema, um diretor manipula o único feixe que projeta as imagens do vilão e do herói na tela; o vilão foi incluído para deixar as pessoas enojadas com seus modos e, por meio da discriminação, aplaudir o grande herói. Pela mesma razão, o mal existe para chamar a atenção das pessoas para os melhores caminhos da virtude.

❖

Por que o mal é uma parte necessária e inerente da criação de Deus

❖

Depois de aprender a lição de admirar o herói em detrimento do vilão, percebe-se que tanto os homens bons quanto os maus são criações do Raio Único; como sombras, eles não têm diferença intrínseca. Analisando assim o bem e o mal, deve-se tentar elevar-se acima de ambos, percebendo que o pecado e a virtude não podem afetar a alma não-dual e imutável que é feita à imagem de Deus.

O bem e o mal devem sempre ser complementos nesta terra. Tudo o que foi criado deve ter algum aspecto de imperfeição. De que outra forma poderia Deus, a Única Perfeição, fragmentar Sua consciência única em formas de criação distinguíveis de Si mesmo? Não pode haver imagens de luz sem sombras contrastantes. A menos que o mal tivesse sido criado, o homem não conheceria o oposto, o bem. A noite realça o contraste brilhante do dia; a tristeza nos ensina a conveniência da alegria. Embora o mal deva vir, ai daquele por quem ele vem. Aquele que é seduzido pela ilusão a desempenhar o papel de vilão deve sofrer o triste destino cármico do vilão, enquanto o herói recebe a recompensa sagrada de sua virtude. Conhecendo esta verdade, devemos evitar o mal; tornando-nos bons, finalmente ascendemos ao elevado estado de Deus – além do mal e do bem.

Quem olha da cabine do cinema através da viga vê o vilão e o herói como imagens. Quando alguém está unido a Deus, então, e somente então, ele não vê diferença entre o bem e o mal. É portanto perigoso, no estado mortal, dizer que não existe bem nem mal. As pessoas na plateia que são afetadas por uma imagem emocionante sentem uma diferença distinta entre o vilão e o herói! Mas um espectador exigente percebe que o papel do vilão foi criado para realçar a nobreza do herói, apresentando um contraste entre o bem e o mal. Quando o filme termina, ele termina; ele não é mais afetado

por qualquer envolvimento de seus sentimentos com o vilão ou com o herói. Ele superou seu interesse temporário pelo filme e sabe que o vilão e o herói não têm significado intrínseco; eram apenas imagens diferentes saindo do raio, sem nenhuma relação verdadeira com ele.

No estado divino mais elevado, contemplamos de forma semelhante o Raio Cósmico como o criador do bem e do mal nesta terra. Conquistando o mal pelo bem e depois elevando-se acima de ambos, o homem percebe que este mundo é apenas um filme divino, imensamente divertido.

VERSÍCULO 16

jñānena tu então ajñānaṁ yeṣāṁ nāśitam ātmanaḥ
teṣām ādityavaj jñānaṁ prakāśayati deu param

Mas naqueles que baniram a ignorância através do autoconhecimento, a sua sabedoria, como o sol iluminador, manifesta o Ser Supremo.

Quando a escuridão da ignorância ilusória for afastada da consciência do iogue pela luz da Auto-realização, então, nessa iluminação interior, o Eu Supremo, o Ser Eterno, será revelado como a Realidade última e única. O devoto sente seu pequeno Eu, a alma, fundir-se como um só com o Eu Supremo, o Espírito. De tais seres iluminados pode-se dizer: “O Ser brilha como um sol naqueles que baniram a ignorância pela sabedoria.”

Quando o iogue que medita profundamente – como na prática do Kriya Yoga – retira sua consciência de tudo o que é externo e se concentra internamente, ele contempla a luz interior do Espírito que é a substância criativa de todas as manifestações. Assim como a primeira aparição do sol no céu destrói as sombras da noite, a primeira manifestação da luz cósmica no devoto elimina as imagens da relatividade ilusória que estão presentes na tela-meio dos sentidos e no céu do espaço.

No êxtase primário ou savikalpa o devoto percebe apenas o raio cósmico, sem qualquer panorama da criação. Mais tarde, ele vê o raio cósmico manifestado como as luzes e sombras quadriculadas do drama

cinematográfico do cosmos.

É necessário o estado superior de êxtase nirvikalpa para perceber a dança parceira da luz e das sombras cósmicas da criação; assim como um homem que retira a sua consciência do enredo de um filme pode observar, olhando atentamente, a mistura causadora de luz e sombras. No nirvikalpa, o devoto percebe a luz cósmica, seu próprio corpo e todas as cenas da criação movendo-se dentro de si como uma série de filmes. Neste estado o presente, o passado e o futuro são revelados como um só; toda variedade está fundida na unidade da Presença Eterna.

O Conhecedor do Espírito Habita no Ser Supremo

Versículo 17

tadbuddhayas tadātmānas tanniṣṭhās tatparāyaṇāḥ
gacchantyapunarāvṛttiṁ jñānanirdhūtakalmaṣāḥ

Seus pensamentos imersos Nele (Espírito), suas almas unidas ao Espírito, sua única lealdade e devoção dada ao Espírito, seus seres purificados da ilusão venenosa pelo antídoto da sabedoria - tais homens alcançam o estado de não retorno.

“O estado de não retorno” é mencionado na Bíblia: “Aquele que vencer, eu farei uma coluna no templo do meu Deus, e ele não sairá mais (não reencarnará mais).”11

Devotos que usam o seu poder de discriminação para se libertarem da identificação com o drama da criação e contemplam nele apenas o jogo da luz cósmica e as sombras da ilusão; que se concentram no raio cósmico e não nas sombras; que percebem suas almas como raios do Sol Cósmico; que estão continuamente absorvidos Nele; que destruíram a ilusão pela sabedoria - esses sábios alcançam a libertação.

Enquanto uma pessoa tiver desejos obsessivos pela excitação de ver

filmes, ela não procurará passatempos mais elevados. Da mesma forma, enquanto um homem estiver interessado e apegado ao drama de sua presente encarnação, na morte ele partirá com desejos inacabados e será compelido a retornar à Terra para vivenciar outras sequências cinematográficas, até que todas as suas fascinações tenham sido satisfeitas.

Pelo desapego, pela contemplação das cenas da vida como um panorama divino, e pela meditação e êxtase, o homem gradualmente percebe que Deus é o único Diretor do cinema cósmico. A sabedoria assim adquirida traz a reunião da alma individualizada com o Espírito, encerrando assim - finalmente e para sempre - a longa separação.

Inerente a este versículo está outra interpretação destinada à orientação na sadhana (práticas espirituais) do devoto meditando, de acordo com a seguinte tradução:

> ***Pensando nisto, imersos nisto, estabelecidos nisto, dedicados exclusivamente a isso, eles vão para onde não há retorno, seus pecados dissipados pela sabedoria.***

Pensando nisso: Manter a atenção no objeto da meditação; por exemplo, manter a mente concentrada no som interior do grande Aum (Amém),12 a vibração cósmica universal que é a consciência criativa manifestada e o poder de Deus. O estado de pensamento implica dualidade de experiência: dois pólos, um ascendente em direção ao Espírito e outro descendente em direção à matéria.

Fundido nisso: Preenchido com a vibração universal Aum, excluindo a intrusão de todos os pensamentos nascidos da mente senciente. Este segundo estágio de concentração transcende o “estado de pensamento”; é a unidade com o objeto de meditação experimentada através da pura intuição da alma. O estado de concentração mesclado coloca o devoto em contato direto e amizade com o Espírito através do Aum. É um estado de felicidade que enche o devoto até transbordar de confiança e fé em Deus. Mas o estado de fusão no início não é estável e duradouro. A menos que seja repetido com frequência e o hábito formado de forma correspondente, está

sujeito a desaparecer e se perder sempre que o devoto for assolado pelo mau hábito da inquietação mental na meditação, ou quando ele retomar suas atividades materiais após suas meditações. Conseqüentemente, esse estado é transitório porque os maus hábitos reaparecem assim que novos bons hábitos e experiências completam sua estreia e saem. Os devotos cujos maus hábitos são fortes facilmente ficam desanimados quando confrontados com a aparente instabilidade das experiências espirituais. Surgem dúvidas, e os incrédulos podem relegar as experiências espirituais ao reino do misticismo impraticável. A culpa reside na falta de perseverança dos praticantes em tornar permanentes os seus ganhos espirituais, a obtenção do terceiro estado estabelecido de comunhão divina.

Estabelecido nisto: Permanecer permanente e continuamente no estado de unidade divina, independentemente das atividades externas (o estado nirvikalpa).

Tendo dominado esses três estágios de concentração, mudando assim o foco da consciência da matéria para o Espírito, o devoto não abriga mais nenhum desejo, exceto devoção a Deus e viver somente para Ele. Em tais devotos, todos os pecados (carma passado e presente) são dissipados pela luz-sabedoria da realização de Deus, assim como a escuridão acumulada da noite desaparece com a chegada do amanhecer. Esses devotos são assim libertados do vertiginoso turbilhão da roda do nascimento-morte-renascimento. Eles “não saem mais” da presença de Deus.

VERSÍCULO 18

vidyāvinayasaṁpanne brahmaṇe gavi hastini
śuni caiva śvapāke ca panṇḍitāḥ samadarśinaḥ

Sábios auto-realizados contemplam com igual olhar um brâmane erudito e humilde, uma vaca, um elefante, um cachorro e um pária.

Absorvido indiscriminadamente num drama cinematográfico no qual aparecem montanhas, oceanos, céus, sacerdotes, mercadores, mendigos,

vacas, cães, elefantes, o espectador aceita a ilusão de que todos os objetos são “diferentes”. No entanto, as diferenças estão apenas na aparência; essencialmente todas as imagens são compostas por relatividades de luz e sombras.

Os objetos no mundo fenomênico são chamados de relativos porque existem apenas em relação uns aos outros. A consciência comum do homem é a consciência da relatividade – isto é, ele apreende uma coisa apenas interpretando-a em relação a outra coisa. Ele não pode perceber o Um, o Absoluto, através dessa consciência relativa; foi dado a ele para apreciar a natureza de muitos. A consciência comum de vigília, o subconsciente, o supersubconsciente — todas as formas de consciência do ego — compartilham esta característica: são relativos. A superconsciência pura da alma pode apreender o Espírito, a Vida e a Substância subjacente e que permeia tudo no universo.13

O sábio rejeita uma aceitação superficial da realidade aparentemente objetiva do mundo (um filme sincronizado de som, visão, olfato, paladar e tato) e percebe todos os fenômenos como manifestações de luz divina cósmica e sombras “tecnicoloridas”.

Para o homem da Auto-realização, o Espírito é percebido como realidade e a criação como a sombra do Infinito. Quando o universo é chamado de irreal – Brahman satyam jagat mithya: “Brahman é real, Sua manifestação é irreal” – isso não significa que o universo seja inexistente, mas que Deus é a única realidade e que a sombra de Sua manifestação na criação é não como Ele. Uma sombra não pode ser produzida sem um objeto; portanto a sombra não é nada! A sombra parece ser o objeto a partir do qual é produzida, mas não é o objeto.

❖

Todos os objetos da experiência mundana são expressões efêmeras da matéria onírica divina.

❖

Outra ilustração explicará como um verdadeiro devoto realmente vê igualdade em objetos inanimados e animados. Um homem adormecido, contemplando um drama onírico, pode gritar: “Aí está um pária baixo! E lá está meu amigo padre! Como é barulhento aqui: cachorros latindo, vacas mugindo e elefantes cantando!” No entanto, ao

acordar, ele percebe (se se lembrar do sonho) que as várias criaturas “vivas” não possuíam diferenças inerentes, sendo todas distorções mentais irreais.

Da mesma forma, os objetos animados e inanimados deste mundo nada mais são do que simples sonhos de Deus. O homem que está desperto em sabedoria percebe que todos os objetos da experiência mundana são expressões efêmeras da matéria onírica divina. Quando um devoto consegue ver a Terra com toda a sua vasta variedade e perceber a unidade da sua estrutura divina subjacente, então, e só então, ele sabe corretamente que este mundo é uma criação de sonho.

Se uma pessoa que sonha fica semi-desperta, sua consciência abrange uma compreensão dupla: ela acredita parcialmente que seus objetos oníricos são reais e parcialmente os percebe como fiados pela mente ou irreais.

Da mesma forma, em um estado de êxtase “semi-acordado”, um devoto contempla o mundo como uma multiplicidade e, ainda assim, também como uma aparição divina unificada. Ele vê todos os objetos que há nele – seja um ladrão ou um sábio, uma vaca, um cachorro, um elefante; seja matéria ou mente - como expressões oníricas da consciência única de Deus. É neste estado que um homem de realização olha com igual olhar para a criação inanimada e animada.

O primeiro estágio do êxtase divino (savikalpa samadhi) dá ao iogue a experiência da união com Deus, na qual nenhuma memória do universo fenomênico está presente. Quando ele retorna à consciência mortal, ele acha difícil reter sua realização divina. Através da prática adicional de Kriya Yoga, o devoto é capaz de experimentar a união com Deus mesmo durante o estado de vigília das atividades no mundo. Ele então alcançou o estado de êxtase “semi-acordado”, no qual, com os olhos abertos, ele vê conscientemente o mundo ao seu redor como o sonho divino. Se o iogue não fizer nenhum esforço para progredir ainda mais, o estado “semi-acordado” desaparecerá; ele começa a perceber o mundo como ele aparece ao indivíduo comum.

Através de um desenvolvimento mais profundo, entretanto, o devoto é capaz de permanecer em êxtase contínuo com os olhos abertos ou fechados (nirvikalpa samadhi); ele aprende a fundir sua consciência plenamente no

Senhor e também a produzir a partir dessa consciência o sonho do cosmos. Neste estado ele pode optar por permanecer acordado em Deus, sem visualizar o sonho da criação, ou pode permanecer no estado de felicidade "semi-acordado", realizando o cosmos como um sonho variado. Quando o nirvikalpa samadhi é alcançado, o iogue não percebe mais a "realidade" do mundo como o homem comum.

A ciência moderna descobriu que os vários elementos materiais nada mais são do que átomos com vibrações diferentes. O universo é um filme cósmico de átomos dançantes, que por sua vez são faíscas de energia – não são matéria, mas ondas vibratórias.

Os vastos passos pelos quais um iogue se torna capaz de dizer, através da Auto-realização, que "este universo é um sonho divino" são os seguintes:

No estado inicial de êxtase, o iogue é inundado por uma alegria superconsciente. Ele começa a perceber luzes e vislumbres do mundo astral. À medida que seu samadhi se aprofunda, sua visão abrange todo o mundo astral que contém as contrapartes astrais de todos os universos-ilhas que vagam pelo espaço. O iogue então dissolve sua visão do cosmos astral em puras formas-pensamento; ele descansa na bem-aventurança sempre existente, sempre consciente e sempre nova, sentindo-a como onipresente e infinita.

Mais tarde, o iogue desce novamente à esfera astral e depois volta à consciência corporal. Ele abre os olhos e olha fixamente para o mundo diante dele; ele se vê rodeado pelo seu olho espiritual de luz astral. Quando ele pode expandir enormemente a esfera de seu olho astral, ele imediatamente vê dentro dele todos os universos insulares flutuantes. Muitos sóis e luas estão lá! vapores de nebulosas, universos infinitos, camada após camada, zona após zona, tudo girando dentro dele e finalmente descansando no centro daquele olho astral infinitamente expandido.

É neste estado que o iogue é capaz de perceber o cosmos físico e o cosmos astral como nada mais do que pensamentos de Deus com vibrações diferentes. A menos e até que o iogue de olhos fechados ou abertos possa sentir em toda parte a bem-aventurança da consciência cósmica, e possa

contemplar à vontade todo o cosmos astral dentro de seu olho astral, e possa ver os universos insulares astrais flutuando dentro dele, ele não deveria dizer que ele percebeu que a criação era um sonho.

Um guru não encoraja um iogue iniciante a dizer “o mundo é apenas um sonho”, para que ele não desenvolva apatia no desempenho de seus legítimos deveres.

Um homem com consciência de Deus aprende a sonhar à vontade, percebendo então o seu mundo de sonho como realidade. Ele aprende também a dissolver seu sonho à vontade, percebendo então que a criação de seu sonho foi um mero fenômeno mental. Com todos os pesadelos ilusórios desaparecidos, ele funde sua consciência com o Sonhador Divino, sempre testemunhando as estreias coloridas de espetáculos “supercolossais”.

Versículo 19

ihaiva tair jitaḥ sargo yeṣāṁ sāmye sthitaṁ manaḥ
nirdoṣaṁ hi samaṁ brahma tasmād brahmaṇi te sthitāḥ

As relatividades da existência (nascimento e morte, prazer e dor) foram superadas, mesmo aqui neste mundo, por aqueles de igualdade mental fixa. Assim eles são entronizados em Espírito – na verdade, o Espírito imaculado e perfeitamente equilibrado.

A igualdade mental pode ser alcançada por meio de uma técnica como o Kriya Yoga, que não apenas desconecta a mente, mas a afasta completamente dos sentidos. Pela interiorização da mente, o iogue experimenta um estado de alegria uniforme e imutável. Quando ele consegue trazer esse êxtase interior a todas as suas percepções no estado de vigília, ele se torna irrepreensível e irrepreensível, um com o Espírito imaculado.

Os sábios falam da pessoa comum como cheia de máculas ou falhas porque ela percebe (e reage de acordo) às dualidades e relatividades da existência: dor e prazer, frio e calor, vida e morte. Somente aquele que consegue desconectar sua consciência à vontade da percepção dos objetos

mundanos está livre das perturbadoras dualidades dos sentidos e assim descansa no Espírito tranquilo. Aqueles iogues que percebem uniformemente a bem-aventurança divina nos estados subconsciente, consciente e superconsciente são puros e perfeitos como o Espírito.

O homem indisciplinado, envolvido nas relatividades deste mundo, navega nas ondas irregulares da alegria, da tristeza, do desânimo, da ira ou da apatia no mar da sua consciência; ele contempla apenas as incertezas da existência em constante mudança. Quando as ondas ondulantes da consciência são acalmadas pela ioga, o sábio contempla na calma interior a onipresente Tranquilidade Eterna.

O mundo está cheio de pessoas excitáveis que percorrem toda a gama de emoções enquanto participam das imprevisibilidades da vida diária. Numa vida de sessenta anos, o homem contempla 21.900 filmes diurnos e noturnos e é lançado em incessantes ondas de sentimentos. Abatido e desnorteado, ele aprende muito pouco com o panorama instrutivo da vida. Tais homens têm que reencarnar até que sejam capazes de assistir ao espetáculo mundano como deuses calmos e felizes.

O iogue vê este mundo como entretenimento. Se ele vivencia em sua própria vida uma "tragédia" como doença, pobreza, perseguição ou luto, ele é capaz de dizer com sinceridade: "Ah, este espetáculo dramático é apenas uma cena passageira; não é a realidade última!" — assim como um homem comum, ao ver um filme de terror ou tragédia, pode dizer: "Que drama interessante!" Se esse espetáculo cósmico, de manhã, de tarde e de noite, tivesse apenas anjos e sorrisos e nenhuma dor e lágrimas, seria enfadonho e monótono.

Sem sofrimento, os mortais não fariam o esforço para saber que são imortais que não podem sofrer. O aspirante espiritual é, portanto, aconselhado a vencer suas reações emocionais às inevitáveis dualidades do universo fenomênico e a permanecer, como seu Criador, num estado uniforme e extático. Com que facilidade o homem identificado com o corpo se emociona com as dualidades; mas na morte seu amado corpo não pode ser agitado emocionalmente. O iogue aceita a sugestão dada pela Morte; e assim, enquanto ocupa o corpo, ele o trata gentilmente, mas

impessoalmente, como um completo estranho.

Versículo 20

na prahṛṣyet priyaṁ prāpya nodvijet prāpya capriyam
sthirabuddhir asammūḍho brahmavid brahmaṇi sthitaḥ

O conhecedor do Espírito, habitando no Ser Supremo, com discriminação inabalável, livre de ilusão, não fica, portanto, nem exultante com experiências agradáveis, nem abatido por experiências desagradáveis.

O homem comum nunca analisa as lições inerentes ao cinema da vida quotidiana; ele permanece identificado com essas imagens, sofrendo ou regozijando-se conforme o caso.

O iogue que assa no fogo da sabedoria todas as sementes de novos desejos torna-se livre da escravidão da reencarnação. No entanto, não tendo terminado os efeitos de todas as ações passadas, ele encontra em sua vida presente acontecimentos bons e maus, saúde ou doença, fluindo de seu carma passado. Possuindo tranquilidade interior e alegria de Espírito, ele não se entusiasma com o advento da boa sorte; nem ele fica deprimido por calamidades. Ele observa com uma atitude calma e indiferente as cenas alegres e tristes de sua vida. O que eles têm a ver com ele?

Transcendendo o mundo sensorial, alcançando a bem-aventurança indestrutível

Versículo 21

bāhyasparśeṣvasaktātmā vindatyātmani yat sukham
sa braḥmayogayuktātmā sukham akṣayam aśnute

Não atraído pelo mundo sensorial, o iogue experimenta a alegria sempre nova inerente ao Ser. Envolvido na união divina da alma com o Espírito, ele alcança a bem-aventurança indestrutível.

O iogue aprende a controlar seu chitta (sentimento primordial), superando todos os gostos e desgostos em relação aos objetos externos. Desviando sua atenção do mundo exterior para seu verdadeiro Eu interior, ele percebe a alegria sempre existente, sempre consciente e sempre nova da alma. Quando o Ser está plenamente estabelecido em união com o Espírito, sua alegria sempre nova torna-se imutável.

VERSÍCULO 22

ele é o saṁsparśajā do duḥkhayonaya eva
ādyantavantaḥ kaunteya na teṣu ramate budhaḥ

Ó Filho de Kunti (Arjuna)! como os prazeres dos sentidos surgem de contatos externos e têm começo e fim (são efêmeros), eles geram apenas miséria. Nenhum sábio busca a felicidade deles.

A verdade nestas palavras do Gita foi repetida ao longo dos séculos por muitos corações dilacerados. "Ó Senhor! Dá-me o apoio da Tua mão, o cego que foi saqueado da sua riqueza de sabedoria pelos bandidos violentos chamados sentidos e que foi lançado por eles no poço profundo e desolado da ilusão."14

Os prazeres obtidos através dos sentidos são limitados e transitórios. Sobrecarregados, os sentidos causam infelicidade. Comer em excesso ou ouvir música continuamente produz desconforto em vez de alegria. Um santo, portanto, fala de todos os prazeres que surgem dos contatos sensoriais como geradores de sofrimento; muitas vezes criam infelicidade no início e no final. Até mesmo o desejo de prazeres dos sentidos e o processo de se entregar a eles envolvem alguma forma de sofrimento; se não na consciência ou no corpo, então no pensamento de que devem acabar.

A pessoa, por exemplo, que deseja acumular dinheiro por bem ou por mal passa por preocupações intermináveis; talvez, quando ele tem sucesso e

recebe um pouco de felicidade material, outras pessoas tentam livrá-lo de sua riqueza, o que o enche de pressentimentos. Velho e doente, ele descobre que seu dinheiro não pode lhe comprar juventude ou saúde. A morte entrega a dolorosa desilusão final ao pobre sujeito; “ele não pode levar isso com ele.”

Sabendo que os prazeres transitórios do mundo material sempre terminam em tristeza, os santos não se concentram em obter felicidade da fonte impura dos sentidos.

Quando a mente de um homem se acostuma com imagens emocionantes, perde a capacidade de apreciar as formas serenas de alegria. Da mesma forma, encontrando prazer efêmero nas cenas tumultuadas da vida e na busca constante por recreação, perde-se o poder de concentração interior e de encontrar a felicidade da meditação. Assim como um garotinho acostumado a atividades travessas não vê alegria na quietude, um adulto que se adapta a um modo de vida inquieto não encontra atração na contemplação profunda. Quando a mente, como um gourmand, persegue insaciavelmente os prazeres sensoriais grosseiros, ela é incapaz de formar um gosto pela comida mais requintada da alma.

Os iogues conhecem a qualidade superior da alegria divina em comparação com a alegria sensorial. O homem comum é tentado pelo encanto menor dos sentidos porque não experimentou a alegria superior da alma. Somente comparando os prazeres materiais com a felicidade meditativa o homem pode ser inspirado a escapar da dominação dos sentidos.

É um homem sábio quem pode dizer: “Ó Bem-aventurança Suprema, eu Te pesei e senti as iscas na balança da minha experiência, e te achei mais pesado, muito mais tentador do que qualquer outra tentação!”

O homem desmente o seu estatuto único na criação quando permanece satisfeito com os prazeres dos sentidos. “O corpo humano, embora transitório, é capaz de servir ao objeto supremo da vida”, ressalta o Srimad Bhagavata. “É somente no final de uma longa cadeia de evolução nas formas inferiores que o ego passa a encarnar num corpo humano. Antes que essa forma física seja vítima da morte, o homem sábio deve esforçar-se para

obter através dela o bem maior. Os animais e até formas de vida inferiores podem perseguir os objetos dos sentidos – a existência humana não deve ser desperdiçada com eles.”

Muitos seres humanos recusam-se a submeter-se à restrição de abrir mão do prazer dos sentidos por um prazer desconhecido da alma. O raciocínio deles é uma caricatura do julgamento humano. A indulgência dos sentidos forma maus hábitos e destrói o desejo de prazeres superiores. A maioria das pessoas segue seus anseios de infortúnio porque não consegue imaginar a natureza da bem-aventurança divina. Seus maus hábitos os cegam completamente e destroem o poder de imaginar alegrias melhores. Se os jovens, antes de se envolverem na vida mundana, experimentarem a felicidade da meditação, é pouco provável que sejam vítimas das onipresentes ilusões sensoriais.

VERSÍCULO 23

śaknotīhaiva yaḥ soḍhuṁ prāk śarīravimokṣaṇāt
kāmakrodhodbhavaṁ vegaṁ em yuktaḥ em sukhī naraḥ

Ele é verdadeiramente um iogue que, nesta terra e até o momento da morte, é capaz de dominar todos os impulsos de desejo e ira. Ele é um homem feliz!

Mesmo um iogue avançado pode ocasionalmente sentir, em sua vida ativa, impulsos de luxúria e raiva (devido a impulsos cármicos do passado). Se ele perseverar firmemente em seu caminho iogue, resistindo até o fim da vida às ocasionais “visitas surpresa” de emoções indesejáveis, ele alcançará a união final com o Espírito.

O Gita instrui o devoto a morrer lutando contra seus impulsos malignos, em vez de sucumbir a eles e novamente ser enredado nas misérias da encarnação. O iogue é aconselhado não apenas a permanecer concentrado na bem-aventurança divina durante a meditação, mas também a senti-la durante a atividade, a fim de combater com sucesso os estímulos de impulsos prejudiciais do passado enterrados na mente subconsciente. Uma

pessoa que não consegue transportar a felicidade da meditação para as atividades da sua vida diária está sujeita a ser dominada por lembranças repentinas de experiências mundanas malignas do passado. O iogue que sempre sente a alegria interior da alma é capaz de subjugar quaisquer impulsos emocionais erráticos.

O desejo de ceder às tentações sensoriais é chamado de kama. Quando esse desejo é obstruído, dá origem à raiva, krodha. Esses dois impulsos atacam o devoto por dentro e por fora – dando-lhe pensamentos de prazeres externos efêmeros, por um lado, e, por outro, tentando fazê-lo esquecer os prazeres superiores do Espírito. Durante a meditação e a prática de Kriya Yoga, quando o devoto ultrapassa o estado de percepções físicas, ele pode sentir uma invasão secreta de desejos e ira, decorrentes de envolvimentos cármicos passados. Mas se ele continuar a sua concentração, no ponto entre as sobrancelhas, no estado de bem-aventurança divina, e não cumprir os impulsos malignos pela expressão externa, ele encontrará vitória e felicidade tanto na meditação como na atividade mundana.

VERSÍCULO 24

yo ’ntaḥsukho ’ntarāramas tathāntarjyotir eva yaḥ
sa yogī brahmanirvāṇaṁ brahmabhūto ‘dhigacchati

Somente aquele iogue que possui a Bem-aventurança interior, que repousa na Fundação interior, que é um com a Luz interior, torna-se um com o Espírito (após alcançar a libertação do carma conectado com os corpos físico, astral e ideacional). Ele alcança a liberação completa no Espírito (mesmo enquanto vive no corpo).

Para tornar-se livre para sempre, o devoto deve destruir todo o karma relacionado com cada um dos seus três corpos. Normalmente, isso é realizado durante o lento processo evolutivo de incontáveis encarnações (alternâncias de nascimentos e mortes, primeiro entre os mundos físico e astral, e depois entre os reinos astral e causal). No entanto, aquele que alcançou um progresso espiritual significativo em vidas anteriores e que é

adepto do Kriya Yoga pode acelerar a sua evolução pelo método interno e alcançar a libertação enquanto ainda encarnado na forma física, conforme citado neste verso do Gita.

Não basta persistir na luta contra os impulsos sensoriais e assim fortalecer a mente; para se tornar um com o Espírito, o iogue deve entrar nos estados mais profundos de samadhi bem-aventurado e manter sua consciência sempre identificada com a alma. Ele não apenas deve retirar sua atenção do mundo sensorial, mas ao tornar-se imerso na luz astral interna e na luz de sabedoria (causal) que emana da alma, ele deve se dirigir através dos corpos físicos, astrais e ideativos interpenetrantes para o oceano infinito de Espírito. (Veja II:20, “Os três corpos do homem”.)

Enquanto um homem tiver quaisquer desejos materiais, ele terá que trabalhar seu carma num corpo físico. Quando ele é capaz de libertar-se, através do desapego e da prática de Kriya Yoga, de todas as ilusões e cativeiros carnais, ele então se vê confinado no corpo astral e enredado em seu carma astral. Pela imersão mais profunda no êxtase, o devoto escapa do corpo astral e se aloja no corpo causal ou ideacional, vibrando com as sementes sutis originais de todos os impulsos cármicos passados. Quando Deus imaginou o complicado labirinto da vida do homem, Ele realmente se dedicou a isso!

Jesus disse que após a destruição do seu corpo, ele o reconstruiria em três dias.15 Com esta afirmação ele estava insinuando que se elevaria acima de todos os impulsos passados (ligados às experiências dos corpos físico, astral e causal) em três dias. períodos (dias) de elevação ou emergência extática. Um iogue experimenta apego a diferentes efeitos de ações passadas à medida que ascende conscientemente através de seus três corpos. Conquistando todo o carma (físico, astral e ideacional), ele é de fato livre em Espírito.

VERSÍCULO 25

labhante brahmanirvāṇaṁ ṛṣayaḥ kṣīṇakalmaṣāḥ
chinnadvaidhā yatātmānaḥ sarvabhūtahité ratāḥ

Com os pecados eliminados, as dúvidas removidas, os sentidos subjugados, os rishis (sábios), contribuindo para o bem-estar da humanidade, alcançam a emancipação no Espírito.

Rishis (literalmente, “videntes”) são sábios libertados que, por permissão divina, renascem na terra, livres de todos os pecados cármicos e da confusão ilusória das dúvidas mortais, para servirem como modelos humanos ideais para a inspiração da humanidade.

Na linguagem comum, entretanto, a palavra rishi tem sido aplicada em referência a três tipos de almas avançadas: (1) o verdadeiro rishi, conforme observado no parágrafo anterior (devarishis); (2) o sábio que conhece Deus, mas que pode ainda não estar totalmente liberado (brahmarishis); (3) o santo ou asceta de temperamento divino e realização espiritual que está seriamente engajado nessas práticas espirituais através das quais ele está rapidamente adquirindo qualidades semelhantes às de um rishi e avançando em direção à liberação (rajarishis, rishis “reais”).

Este verso do Gita, portanto, fala das qualidades que são eminentemente manifestadas nos verdadeiros rishis como sendo as qualidades através das quais as almas avançadas alcançarão sua liberação no Espírito.

Um iogue é aquele que pratica uma técnica para a realização de Deus. Um swami é alguém que fez voto formal de celibato e de não posse pessoal; ele é membro da Ordem monástica dos Swamis, estabelecida em sua forma atual por Adi Shankara há mais de 1.000 anos. Através do ardor divino e da fusão de suas vidas em Deus, os iogues, os renunciantes e os renunciantes-iogues avançam em direção à libertação. Mas um verdadeiro rishi, uma alma libertada que reencarna com uma missão ordenada por Deus, é o tipo mais raro e mais elevado de ser humano, tendo vindo à Terra para trazer iluminação a todos. Ele é um homem de realização de Deus, bem como um homem ativo de obras. As circunstâncias externas da sua vida não têm, para ele, nenhum significado. Alguns rishis, como Lahiri Mahasaya, eram homens casados que assumiram esse status difícil a fim de encorajar as pessoas do mundo a buscarem o caminho divino, independentemente de suas complicações externas. Aquele que tem fome de Deus não permitirá que nenhum obstáculo se interponha no seu caminho; inversamente, aqueles

que não levam a sério a vida espiritual permitirão que a menor dificuldade os detenha.

VERSÍCULO 26

kāmakrodhaviyuktānāṁ yatīnāṁ yatacetasām
abhito brahmanirvāṇaṁ vartate viditatmanam

Os renunciantes que não têm desejos e ira, são controlados pela mente e auto-realizados, são completamente livres neste mundo e no além.

Os espiritualmente ardentes que encontraram sua alma e sua conexão com o Espírito alcançam a emancipação completa nesta vida, levando consigo a mesma realização para a eternidade.

A palavra jivanmukta (literalmente, “libertado enquanto vivia”) em sentido estrito aplica-se a um iogue que, ao se abster de novos desejos, destruiu a própria causa raiz da reencarnação. Um jivanmukta, entretanto, ainda pode possuir sementes sutis ocultas de ações passadas que não foram totalmente torradas pelo fogo da sabedoria. Alguns jivanmuktas destroem esses restos de carma material passado após a morte por meio de certos trabalhos no cosmos astral. Completando suas aulas nas esferas astrais, eles eliminam qualquer causa para retornar a este mundo. Outros jivanmuktas são capazes, enquanto ainda estão na terra, de materializar ações cármicas passadas em visões e, assim, esgotar seu poder de fazer reencarnação.

Uma ilustração concreta da destruição de tendências cármicas passadas por meio da materialização pode ser dada aqui. Um iogue pode libertar-se da ganância ao comer, mas ainda assim reter os samskaras (impressões de desejos passados) para se entregar às suas comidas favoritas; ou ele pode ter se desapegado completamente das posses mundanas, mas abrigar sementes de um anseio passado insatisfeito por algum objeto ou experiência material particular. Ele não é, portanto, totalmente livre; sob circunstâncias tentadoras, essas tendências-sementes ocultas poderão novamente brotar em atividade. Ao entrar no estado superconsciente de visões conscientes, ou ao

inserir sonhos superconscientes no estado subconsciente passivo de sono, o iogue pode materializar a substância de seus desejos passados. Com indiferença interior e total desapego, ele então torna impotentes essas sementes de desejo, torrando-as no fogo da sabedoria desperta.

Aquele que na terra destruiu todos os desejos e todo o carma – passado e presente – é verdadeiramente "libertado enquanto vive". Esse jivanmukta é então conhecido como siddha, "um ser perfeito". Essas almas são os "renunciantes" mencionados neste versículo – aqueles que abandonaram para sempre todas as causas internas e externas da escravidão.

Versículos 27–28

sparśān kṛtvā bahir bāhyāṁś cakṣuś caivāntare bhruvoḥ
prāṇāpānau come kṛtvā nāsābhyantaracāriṇau (27)

yatendriyamanobuddhir munir mokṣaparāyaṇaḥ
vigatechābhayakrodho yaḥ sadā mukta eva saḥ (28)

Um muni – aquele que considera a libertação como o único objetivo da vida e, portanto, se liberta de anseios, medos e ira – controla seus sentidos, mente e inteligência e remove seus contatos externos por meio de (uma técnica de) equilibrar ou neutralizar as correntes de prana e apana que se manifestam como inspiração e expiração nas narinas. Ele fixa o olhar no meio das duas sobrancelhas (convertendo assim a corrente dupla da visão física na corrente única do olho astral onisciente). Tal muni obtém a emancipação completa.

Nestas duas estrofes, e na IV:29, o Gita deixa para trás todas as abstrações e generalizações e menciona a técnica específica de salvação – Kriya Yoga.

Um muni (literalmente, "unido ao Um") é um iogue que pode retirar sua consciência à vontade dos objetos dos sentidos externos e das atrações mentais em relação a eles. O epíteto muni é aqui aplicado a um iogue talentoso que, pela técnica do Kriya Yoga, conseguiu dissolver sua mente na Bem-aventurança Infinita. O único objetivo de um muni é ascender ao

Espírito Cósmico do qual a alma desceu. Pela discriminação, o muni observa a alma (identificada com o ego humano pela escravidão dos sentidos) passando por inúmeras misérias físicas e mentais. Seu objetivo é converter o ego na alma pura, desligando cientificamente a mente e o intelecto dos sentidos.

—❖—

COMO O KRIYA YOGA PROPORCIONA A REALIZAÇÃO DA ALMA

Pela técnica especial do Kriya Yoga, a inspiração do prana e a expiração do apana são convertidas em correntes frias e quentes. No início da prática de Kriya Yoga, o devoto sente a corrente fria de prana subindo pela espinha e a corrente quente de apana descendo pela espinha, em acompanhamento com a inspiração e a expiração. O Kriya Yogi avançado descobre que a inspiração do prana e a expiração do apana foram "niveladas" – neutralizadas ou extintas; ele sente apenas a corrente fria de prana subindo pela espinha e a corrente quente de apana descendo pela espinha.

Essas sutis correntes especializadas de prana e apana nascem do onipresente prana ou força vital inteligente que cria e sustenta o corpo. (Ver IV:29–30.) O prana ou corrente cristalizadora está conectado com a inspiração; é o meio específico pelo qual o oxigênio da respiração é convertido em força vital. O apana ou corrente eliminatória (que remove as impurezas do corpo) se manifesta como a expiração que livra o corpo do gás venenoso dióxido de carbono.

O corpo de matéria grosseira do homem consiste em tecidos, construídos de moléculas. As moléculas são feitas de átomos; átomos são formados por elétrons e prótons. Elétrons e prótons consistem em força vital inteligente – prana ou "lifetrons". Os Lifetrons podem ser posteriormente resolvidos em sua fonte, os "pensamentos" de Deus.

"No princípio era o Verbo (vibração cósmica, a energia vital criativa ou pensamentos vibratórios de Deus), e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus… Todas as coisas foram feitas por ele (o Verbo); e sem ele nada do que foi feito se fez."16

"E Deus disse: Haja luz: e houve luz."17 Isto é, o pensamento de Deus vibrou na luz da vida cósmica ou prana cósmico; e o prana cósmico foi

posteriormente materializado em elétrons, prótons, átomos, moléculas, células e matéria. Assim como num filme as ilusões de terra sólida, ou água, ou luz solar, ou eletricidade, ou gás, ou explosões atômicas, ou manifestações de vida e pensamento nos homens são todas vibrações de luz e sombras, assim esta terra com seus sólidos , líquidos, gases, energia, vida e pensamentos nos seres humanos são todos vibrações e relatividades dos pensamentos de Deus e Sua luz cósmica e as sombras de Sua ilusória maya.18

O pensamento cósmico de Deus materializou-se assim primeiro como o prana cósmico ou força vital da luz e, finalmente, como toda a matéria do macrocosmo. O corpo do homem é um microcosmo da criação do Senhor. O corpo humano microcósmico é um composto da alma individual e da força vital. Consciência, vida e carne; a consciência cósmica, a vida cósmica e a matéria cósmica nada mais são do que três vibrações diferentes do pensamento de Deus.

Quando o Kriya Yogi aprende a dissolver a inspiração e a expiração da respiração na percepção das correntes frias e quentes que sobem e descem pela coluna, ele então sente seu corpo sustentado por essas correntes internas de força vital e não por seu subproduto de respiração. Ele também percebe que as correntes são sustentadas pela Palavra, a divina luz cósmica vibratória do prana, que entra no corpo através da medula. Essa força vital torna-se concentrada e operante através dos centros cerebral, medular, cervical, dorsal, lombar, sacral e coccígeo, que energizam o corpo até suas células mais minúsculas.

❖

Processo Kriya de conversão da respiração em força vital, percebendo o corpo como luz

❖

Jesus testificou que o homem não viverá apenas de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.19 Esta passagem memorável significa que o corpo do homem não depende apenas de fontes externas de força vital – destilações da respiração, do oxigênio, da luz do sol. , sólidos e líquidos - mas também em uma fonte interna direta de vida cósmica que entra no corpo através da medula, fluindo então para os centros sutis no cérebro e na coluna vertebral. No homem, a medula é chamada de “a boca de Deus”

porque é a principal abertura para o influxo divino da força vital vibratória cósmica, a “palavra” que então flui “da boca de Deus” (a medula). ao reservatório de energia vital no cérebro e aos centros de distribuição na coluna vertebral.

Na meditação bem-sucedida, o Kriya Yogue converte os dois impulsos distintos de inspiração e expiração em duas correntes vitais, o prana frio e o apana quente, sentidos na coluna vertebral. Ele então percebe a verdade das palavras de Jesus – que o homem não é obrigado a depender da respiração externa (ou do “pão” ou de qualquer outro sustento externo) como condição de existência corporal. O iogue percebe que as correntes frias e quentes na coluna vertebral puxam constante e magneticamente uma voltagem extra de corrente da onipresente força vital cósmica que sempre flui através da medula. Ele gradualmente descobre que essas duas correntes espinhais são convertidas em uma única força vital, atraindo magneticamente reforços de prana de todas as células e nervos do corpo. Essa corrente de vida fortalecida flui para cima até o ponto entre as sobrancelhas e é vista como o olho astral esférico tricolor: um sol luminoso, no centro do qual está uma esfera azul circundando uma estrela brilhante e cintilante.

Jesus referiu-se a este “único” olho no centro da testa, e à verdade de que o corpo é essencialmente formado de luz, nas seguintes palavras: “Se, portanto, o teu olho for único, todo o teu corpo estará cheio de luz. ”20

Quando o iogue consegue penetrar sua mente no olho espiritual, ele percebe seu corpo como feito não de carne, mas de diminutas células de luz de prótons, elétrons e etrons vitais. O corpo físico é formado por duas camadas de correntes: correntes atômicas que aparecem como carne e uma camada mais sutil de elétrons e prótons. O corpo eletroprotônico, por sua vez, emana das correntes de luz prânica do corpo astral superfino.

Todo o corpo astral do homem consiste em várias densidades de luz, assim como o corpo físico é constituído de diferentes tecidos de pele, carne, ossos e órgãos internos. Através de seu olho esférico, o Kriya Yogi vê seu corpo astral feito de lifetrons – as células astrais prânicas. Ele percebe que a Luz Cósmica do Sol da Vida reflete Seus raios através do olho espiritual astral até o cérebro astral, os plexos astrais e os tubos nervosos astrais

(nadis) para sustentar as células do corpo astral. Ele vê também que seu corpo físico nada mais é do que uma luz mais grosseira de elétrons, prótons e átomos que emana de seu corpo astral mais sutil. Ao avançar ainda mais, o iogue percebe que tanto o seu corpo físico como o astral emanam do seu corpo causal ou ideacional, que é composto pelos pensamentos coordenados de Deus. (Veja “Fisiologia do Yoga dos Corpos Astral e Causal”.)

❖

Experimentando corpo, força vital e mente como vibrações da Palavra de Deus

❖

Este conhecimento é necessário para compreender que o corpo, a força vital e a mente que formam o invólucro da alma nada mais são do que pensamentos de Deus com vibrações diferentes. Pela prática de Kriya, o iogue separa cientificamente sua mente das percepções sensoriais grosseiras e percebe que a consciência e a força vital (prana ou luz cósmica) são a base de toda a matéria. O Kriya Yogi adota um método científico para desviar sua mente e razão da percepção da carne física; ele percebe o corpo como luz e consciência elevando-se acima da percepção grosseira da respiração.

Todas as experiências internas, como a do sono subconsciente, só podem ocorrer quando a consciência da respiração desaparece. O Kriya Yogi não tem necessidade nem desejo de reter a respiração com força nos pulmões; ele fica mentalmente tão calmo que sente que está sem fôlego. Pela prática de Kriya Yoga ele pode conscientemente e à vontade atingir o estado de falta de ar e sustentar a vida em seu corpo apenas pelas correntes frias e quentes que fluem através da coluna vertebral e escorrem do olho espiritual.

Se uma bateria húmida, que é sustentada por electricidade e dependente do reabastecimento do seu abastecimento de água,21 pudesse de alguma forma ser convertida numa bateria seca, poderia acabar com a dependência da água e ser sustentada pelo seu próprio reservatório de energia recarregado exclusivamente por electricidade. . Da mesma forma, o Kriya Yoga ajuda a bateria do corpo (que depende da força vital cósmica que flui através da medula e do oxigênio, da luz do sol, dos líquidos e dos sólidos) a se converter, de modo que possa se sustentar unicamente com a força vital que flui para o corpo a partir do corpo. a fonte cósmica e armazenada no

reservatório regenerativo de energia vital no cérebro e nos centros espinhais.

O uso do Kriya Yoga prova conclusivamente a verdade da Bíblia – que a bateria corporal do homem pode viver pela Palavra ou pela corrente vibratória vinda de Deus. A vida no corpo é sustentada diretamente pelo prana cósmico que flui através da medula. Através da operação de maya ou ilusão, entretanto, o homem acredita que não pode viver sem comida e outras ajudas externas. Ele se torna erroneamente dependente das fontes brutas de reforço de energia através de oxigênio, luz solar, sólidos e líquidos. O homem adquiriu o mau hábito mortal de sentir que não pode existir sem um suprimento de energia proveniente dessas substâncias materiais. É por isso que, se o oxigênio, a luz solar, os sólidos e os líquidos são negados ao corpo, a consciência assustada do homem permite que a força vital se vá.

❖

Neutralizando as correntes de prana e apana: o estado de êxtase ofegante

❖

Quando o devoto é convencido pela Kriya Yoga de que pode viver unicamente pela fonte interna de energia cósmica, ele percebe que o corpo é uma onda do oceano cósmico da vida, que tudo basta. Pela técnica especial do Kriya Yoga, o devoto – através da calma perfeita, através de um maior suprimento de energia destilada do oxigênio na respiração Kriya, e através de um fluxo aprimorado de energia cósmica que entra no corpo através da medula – fica cada vez menos sujeito à necessidade de respirar. Através do Kriya Yoga mais profundo, a vida corporal, normalmente dependente do reforço da força vital destilada de fontes exteriores grosseiras, começa a ser sustentada apenas pela vida cósmica; então a respiração (inspiração e expiração) cessa. Todos os triliões de células corporais tornam-se como baterias secas em regeneração, necessitando apenas da “eletricidade” interior recarregada a partir da fonte cósmica da vida.

Desta forma, as células do corpo permanecem num estado suspenso – isto é, não crescem nem se decompõem. Eles são sustentados e vitalizados diretamente pelos dínamos de energia vital no cérebro e na coluna. Quando as células param de crescer, elas não precisam depender da corrente vital

destilada do oxigênio; quando a decomposição cessa no corpo, as células não excretam mais impurezas no sangue, necessitando da expiração para expelir o dióxido de carbono. Não sendo mais necessário bombear sangue carregado de dióxido de carbono e oxigênio para os pulmões, o coração fica totalmente acalmado.

Respirar e respirar são hábitos mortais adquiridos pela força vital. Kriya Yoga retreina a força vital para lembrar que ela vive apenas pela fonte cósmica. Pranayama, ou Kriya Yoga, significa uma coisa: controlar a força vital do corpo pela vontade consciente, de modo que não dependa de oxigênio, luz solar, sólidos e líquidos, mas da fonte interna da vida cósmica. O pranayama do Kriya Yoga retira a força vital das atividades do coração e das células do corpo – tornando essas atividades desnecessárias – e une esse prana corporal com a força vital cósmica; a dependência servil do homem da respiração é, portanto, percebida como ilusória. Quando o iogue especialista em pranayama consegue libertar à vontade a força vital de sua escravidão ao oxigênio e assim por diante, ele pode imortalizá-la unindo-a à Vida Cósmica.

Esta estrofe do Gita destaca a necessidade de neutralizar ou “equilibrar” as correntes de prana e apana. Este efeito é possível graças à prática de Kriya Yoga, que recarrega as células do corpo através da vida cósmica interior, de modo que a inspiração e a expiração se tornam uniformes – isto é, calmas e desnecessárias.

A vida, a mente e o intelecto estão ativos no corpo e em seus sentidos quando a corrente vital flui para fora através dos nervos aferentes e eferentes como resultado do fluxo descendente da corrente apana. Essa corrente que flui é “desigual”, inquieta e errática devido ao bombardeio de impulsos de e para os centros nervosos – estímulos que variam constantemente durante os estados de vigília e sono. Mas quando a corrente vital é retirada para a coluna vertebral e para o cérebro, esta interiorização liberta a força vital dos excitantes dos sentidos e dos seus objectos. As correntes prana e apana que fluem na coluna tornam-se calmas e uniformes, gerando um tremendo poder magnético e alegria.

À medida que a meditação se aprofunda, a corrente de apana que flui para

❖

Unindo a vida e a consciência com a Luz e Consciência Cósmica

❖

baixo e a corrente de prana que flui para cima tornam-se neutralizadas em uma corrente ascendente, buscando sua fonte no cérebro. A respiração está parada, a vida está parada, as sensações e os pensamentos estão dissolvidos. A luz divina da vida e da consciência percebida pelo devoto nos centros cérebro-espinhais torna-se uma com a Luz Cósmica e a Consciência Cósmica.

A aquisição do poder desta realização permite ao iogue desligar conscientemente a sua alma da identificação com o corpo. Ele se liberta da angustiante escravidão dos desejos (o apego do corpo e o desejo de gratificação sensorial), dos medos (o pensamento de uma possível não realização dos desejos) e da raiva (a resposta emocional aos obstáculos que impedem a realização dos desejos). Estas três forças impulsoras no homem são as maiores inimigas da bem-aventurança da alma; eles devem ser destruídos por aquele devoto que aspira alcançar Deus.

A força vital é o elo de conexão – e de desconexão – entre a matéria e o Espírito, entre a consciência do corpo e a consciência da alma. O homem comum não sabe como chegar diretamente ao prana corporal. Portanto, esta força vital funciona automaticamente para vivificar o corpo e os sentidos e, por meio da respiração, prende a atenção do homem apenas à sua existência física. Mas através do Kriya Yoga o devoto aprende como destilar a força vital da respiração e como controlar o prana. Com este controle, a força vital pode ser desligada à vontade dos cinco canais dos sentidos e voltada para dentro, desviando assim a atenção da alma da percepção dos fenômenos materiais para a percepção do Espírito.

Através deste método científico passo a passo, o iogue ascende dos sentidos na realidade e não por um mero desvio mental ineficaz deles. Ele desconecta completamente a mente, a razão e a atenção do corpo, desligando a força vital dos cinco sentidos. Ele aprende cientificamente a desviar para a coluna e para o cérebro as correntes dos seus cinco canais sensoriais e, assim, a unir a sua consciência com a alegria das percepções espirituais mais elevadas nos sete centros. Quando ele é capaz de

permanecer imerso na bem-aventurança divina, mesmo em seu estado ativo, ele não se envolve mais em desejos de desfrutar de objetos externos. Irradiando a calma das realizações divinas, ele não é perturbado pelo surgimento do medo e da raiva decorrentes da não realização dos desejos materiais. Ele descobre que sua alma não está mais ligada à matéria, mas unida para sempre à bem-aventurança cósmica do Espírito.

Tal Kriya Yogi, que cientificamente afasta sua mente e intelecto dos sentidos e com olhar fixo contempla o Espírito através do olho astral, é um verdadeiro muni. O homem comum assiste ao filme da matéria em uma porção limitada do espaço, mas o muni ou iogue realizado pode contemplar, através de seu olho astral esférico que tudo vê, toda a luz da criação que sustenta todos os filmes cósmicos do físico, universos astrais e causais.

❖

Caminho universal de libertação: subida pela coluna

❖

Os métodos de libertação espiritual são vários, mas a obtenção real da libertação através da ascensão através da coluna vertebral é universal. Seja através da intensa devoção e oração do bhakta, ou da pura discriminação do jnani, ou das ações desapegadas e altruístas do karma yogi, a consciência purificada e concentrada ainda faz sua ascensão final a Deus através dos canais espinhais sutis através dos quais ela desceu em carne.

Os princípios do Kriya Yoga, portanto, não são a fórmula de um rito sectário, mas uma ciência através da qual o indivíduo pode compreender como a sua alma desceu ao corpo e se identificou com os sentidos, e como essa alma pode ser retirada do corpo. dos sentidos e reunidos com o Espírito por um método científico de meditação. Esta rota de descida e ascensão é o caminho universal que toda alma deve percorrer.

Kriya Yoga ensina primeiro a retirar a mente dos objetos sensoriais por meio do autocontrole, e depois, cientificamente, a desconectar a mente e a inteligência (manas e buddhi) dos sentidos, desligando a força vital dos cinco canais dos sentidos, e então a tomar o ego, mente e intelecto através dos cinco centros astrais na coluna vertebral, através do sexto centro (a medula, que está magneticamente conectada com o olho espiritual no meio da testa) e, finalmente, para o sétimo centro de onisciência no meio do

cérebro. O Kriya Yogi alcança a percepção de seu eu como alma e descobre que seu ego, intelecto e mente se dissolvem em êxtase da alma. Ele então aprende como tirar sua alma das prisões dos corpos físico, astral e causal e reunir a alma com o Espírito.

Assim como os olhos físicos, através da visão frontal, revelam uma porção da matéria, o onipresente olho espiritual, através de sua visão esférica ilimitada, revela todo o cosmos astral e ideacional. No início, quando o iogue consegue penetrar sua mente através do olho astral, ele vê primeiro seu corpo astral; avançando ainda mais, ele vê todo o cosmos astral do qual seu corpo é apenas uma parte.

Sem entrar no olho espiritual (astral), ninguém pode saber como levar sua força vital e consciência através dos plexos astrais da coluna vertebral. Depois de entrar no olho espiritual ele passa, passo a passo, pela percepção do corpo físico; a percepção do olho astral; a percepção do corpo astral; a percepção do túnel cérebro-espinhal astral com os sete plexos astrais ou alçapões; e através do corpo causal até a liberdade final.

É necessária uma explicação científica complexa para interpretar o Kriya Yoga, mas a arte em si é muito simples.22 O Kriya Yoga, praticado profundamente, dissolverá a respiração na mente, a mente na intuição, a intuição na percepção alegre da alma e a alma na bem-aventurança cósmica da alma. Espírito. O iogue então entende como sua alma desceu à matéria e como sua alma pródiga foi conduzida da matéria de volta à mansão da onipresença, para lá desfrutar o “bezerro cevado” da sabedoria.

Um homem que alcançou o Espírito pelo caminho universal do Kriya Yoga é considerado um Kriya Yogi realizado ou um muni. Depois de atingir este elevado muni-estado, o iogue pode trabalhar no mundo como um rishi. Um muni é aquele que se dissolveu em êxtase em Deus pela ciência do yoga. E um rishi é aquele que, depois de encontrar a libertação como muni, passa a viver no mundo como um exemplo para outros da eficácia do yoga como a ciência suprema da libertação.

A ciência do Kriya Yoga foi preservada para a humanidade nesta mais elevada Bíblia Hindu, o Bhagavad Gita. Foi este Kriya Yoga que Deus deu a Manu, o Adão original, e através dele a Janaka e outros sábios reais. A

ciência se perdeu nas eras materialistas. O Kriya Yoga foi revivido novamente no século XIX por Mahavatar Babaji, guru de Lahiri Mahasaya. A antiga ciência da salvação está agora a espalhar-se por todos os cantos do globo. (Ver IV:1-2.) Em contraste com outros ensinamentos, o Kriya Yoga não apenas aponta um caminho universal para a ascensão da alma ao Espírito, mas também dá à humanidade uma técnica utilizável diariamente, através de cuja prática o devoto, com a ajuda de um guru, pode reentrar no reino de Deus. Um ensinamento teórico leva apenas a outro, mas qualquer verdadeiro praticante de Kriya Yoga considera que este é o caminho mais curto e o mais rápido para o reino do Espírito.

VERSÍCULO 29

bhoktāraṁ yajñatapasāṁ sarvalokamaheśvaram
suhṛdaṁ sarvabhūtānāṁ jñātvā māṁ śāntim ṛcchati

Encontra paz quem Me conhece como o Desfrutador dos ritos sagrados (yajnas) e das austeridades (oferecidas pelos devotos), como o Senhor Infinito da Criação e como o Bom Amigo de todas as criaturas.

Ele alcança a bem-aventurança aquele que percebe que o Senhor é o Criador de todas as criaturas oníricas; o Receptor e Percebedor de todas as ofertas e sacrifícios; e o amigo eterno do homem, que sustenta, ama incondicionalmente, está sempre pronto para redimir.

Quem pode trazer flores de devoção suficientes ao altar do Deus que fala assim de Sua amizade pelo homem? E o que é devoção? “Assim como suas próprias sementes alcançam a árvore ankola, como uma agulha é atraída por um ímã, como uma esposa casta permanece com seu cônjuge, como uma trepadeira se agarra a uma árvore, e como o rio se funde no oceano - se o pensamento assim alcançar os pés de lótus do Senhor e permanece lá por todo o tempo, isso é considerado devoção.”23

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde

karmasaṁnyāsayogo nāma pañcamo ’dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o quinto capítulo, chamado “União através da Renúncia aos Frutos da Ação”.

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO VI

ABRIGO PERMANENTE NO ESPÍRITO ATRAVÉS DA MEDITAÇÃO YOGA

❖

A Verdadeira Renúncia e o Verdadeiro Yoga Dependem da Meditação

❖

Transformando o Pequeno Eu (Ego) no Eu Divino (Alma)

❖

Como o Sábio da Auto-realização vê o mundo

❖

Conselhos de Krishna para uma prática bem-sucedida de Yoga

❖

Alcançando o autodomínio e o controle da mente

❖

Fusão do Eu no Espírito, Permeando Todos os Seres

❖

A promessa do Senhor: O iogue perseverante é finalmente vitorioso

“O iogue é considerado maior do que os ascetas que disciplinam o corpo, maior ainda do que os seguidores do caminho da sabedoria ou do caminho da ação; seja você, ó Arjuna, um iogue!”

OceanoofPDF. com

Capítulo VI

Abrigo Permanente no Espírito Através da Meditação Yoga

A Verdadeira Renúncia e o Verdadeiro Yoga Dependem da Meditação

Verso 1

śrībhagavan uvāka
anāśritaḥ karmaphalaṁ kāryaṁ karma karoti yaḥ
sa saṁnyāsī ca yogī ca na niragnir na cākriyaḥ

O Bendito Senhor disse:

Ele é o verdadeiro renunciante e também o verdadeiro iogue que realiza ações obedientes e espirituais (karyam e karma) sem desejar seus frutos – não aquele que não realiza nenhuma cerimônia de fogo (sacrifício) nem aquele que abandona a ação.

"Ele não é um renunciante sannyasi nem um iogue inativo (akriya), que não realiza ações obedientes (karyam) nem ações meditativas (karma). Aquele que é niragni, isto é, sem o fogo da renúncia, não é um renunciante sannyasi, em cujas chamas sacrificiais o verdadeiro devoto queima todos os desejos, luxúrias, gostos e desgostos, tristezas e prazeres pessoais. Nem é um iogue aquele que é niragni, isto é, sem o fogo sacrificial interno da sabedoria acesa pela meditação, no qual o verdadeiro iogue queima seus desejos e une o fogo de sua concentração com a chama de Deus.1

"Esse devoto é um iogue, alguém unido a Deus, que funde a centelha da alma na Luz Cósmica pelo rito do fogo interno da meditação extática, e que desempenha sua parte diária no drama divino apenas para agradar a Deus.

Essa mesma pessoa também é um renunciante sannyasi por renunciar aos desejos pessoais enquanto conscientemente realiza ações obedientes.”

O Gita neste verso e em suas diversas outras referências a sannyas (saṁnyasa), usa esta palavra tanto em seu sentido geral de “renúncia” – derivado de sua raiz verbal sânscrita que significa, literalmente, “deixar de lado” – quanto, conforme aplicável. , em seu significado especializado como designando a vida monástica de monges e freiras que fizeram votos finais de renúncia completa.

❖

Definição do verdadeiro renunciante (sannyasi)

❖

O sannyasi ou homem da renúncia enfatiza as condições externas de ausência de desejos e desapego, a fim de manter a consciência de Deus em suas atividades; e o iogue enfatiza a percepção interior de Deus na meditação e no êxtase, que ele então se esforça para implementar em suas ações diárias. Se um noviciado segue o caminho espiritual principalmente pensando apenas em Deus enquanto realiza atividades espirituais, ele é um sannyasi. Se alguém que busca a verdade se concentra principalmente em buscar a Deus através da meditação, ele é um iogue. Mas aquele devoto que combina os dois – pensar em Deus enquanto trabalha para Ele, e também buscá-Lo em meditação profunda – é aquele que conhece Deus rapidamente; ele é um sannyasi e um iogue.

O homem, feito à imagem divina, veio à terra para desempenhar de forma inteligente o seu papel no drama cósmico do destino desenhado por Deus. Esta vida não é um espetáculo do próprio homem; se ele se envolver pessoal e emocionalmente no complicado drama cósmico, ele colherá sofrimento inevitável por ter distorcido a “trama” divina.

Agir com interesse próprio é perder de vista o plano cósmico ou a vontade de Deus, perturbando assim os arranjos divinos para a rápida salvação do homem. O egoísta e o materialista, planejando ativamente a realização de desejos egoístas (sankalpa), permanecem enredados em renascimentos. O homem egoisticamente ambicioso não consegue escapar dos problemas e da desilusão. Ele está apegado à sua pequena família e exclui o mundo do seu amor. Ele não consegue aprender a doce lição de

Deus, que nos inspirou com afeição pelos parentes para que possamos, como o verdadeiro devoto, amar todos os homens como nossos irmãos. O egoísta, pensando ser o executor de todas as ações, isola-se do Divino; ele está de facto a opor-se à lei universal, opondo a sua fraca força à Verdade. O devoto transfere toda a responsabilidade pelas ações para o Senhor. Para ele, é sempre “somente Deus”.

Esta estrofe do Gita condena a ociosidade, que muitas vezes é erroneamente equiparada à falta de desejo. A inatividade é um estado que prova que o homem está identificado com a qualidade mais baixa (tamas ou inércia) do ego. O preguiçoso é pior do que o homem egoisticamente ativo. O indivíduo apático se afasta igualmente de Deus e das atividades materiais, degenerando-se física, mental e espiritualmente. Aquele que trabalha com desejos egoístas está, no entanto, desenvolvendo sua mente e corpo, ou um deles, e é muito superior ao indolente e esquivo de todos os deveres.

Este versículo, portanto, define claramente o caminho dos iogues e dos renunciantes – não como uma fuga para o deserto, mas como uma vida de atividade obediente e espiritual sem apego pessoal.

❖

A natureza do karyam – ações que são dever do homem

❖

A palavra karyam nesta estrofe significa todas as ações obedientes de valor externo. O instinto de autopreservação, por exemplo, envolve atividades físicas. Esse instinto foi implantado em cada pessoa por Deus e pela Natureza. O homem que cumpre seus deveres para com o corpo com interesse pessoal (“desejo de frutos”) permanece ligado à roda do renascimento, ou seja, às operações da lei cármica. Ele escapa quando realiza todas as ações com o único propósito de agradar a Deus, o único que é o verdadeiro Fazedor e Portador de Fardos.

Ações obedientes, especificamente, são aquelas que são devidas a cada indivíduo - com base em seu nível atual de desenvolvimento e envolvimento cármico - para que ele despoje sua consciência de todos os males da ilusão para revelar as glórias radiantes de sua alma e, assim, para recuperar sua perfeição perdida como um reflexo da imagem do Espírito.

Aquele que cumpre os deveres obrigatórios que lhe foram atribuídos por Deus, sem nutrir desejos egoístas pelos frutos dessas ações, é um

renunciante sannyasi; inversamente, aquele que renuncia a ações obedientes simplesmente porque renunciou ao desejo de ser o beneficiário dos frutos de tais ações não é um sannyasi.

Boas ações (como um interesse ativo no serviço social ou outro trabalho humanitário) que são realizadas com qualquer motivo nas mentes conscientes ou subconscientes que não seja o desejo de agradar a Deus são consideradas ações realizadas com anseio pelos seus frutos. Não importa quão nobre seja a atividade, se ela desvia alguém da Meta Suprema pela sua consequente escravidão cármica, ela não pertence à categoria das ações mais zelosas.

A ênfase, portanto, está na renúncia não necessariamente a uma vida no mundo, mas a uma vida mundana egoísta. Tal renúncia não envolve perda nem fuga de atividades zelosas, mas reside na espiritualização da vida.

Todo homem deve encontrar e realizar as ações que desenvolverão harmoniosamente sua vida material, seu corpo e sua mente e, acima de tudo, as qualidades de seu coração e de sua alma. Todo trabalho honesto é um bom trabalho; é capaz de levar ao autodesenvolvimento, desde que quem o faz procure descobrir as lições inerentes e aproveite ao máximo as potencialidades para tal crescimento.

Surge a pergunta: Como uma pessoa pode descobrir os deveres ordenados por Deus? A tradição espiritual ordena que o iniciante no caminho do yoga peça ao seu guru que o aconselhe. Um guru que conhece a Deus é capaz de determinar o status evolutivo e os deveres legítimos de um homem. Se, por razões próprias, ou para respeitar o segredo divino que permeia o mundo fenomênico, o guru se recusa a dar conselhos específicos, o estudante, após meditação profunda, deve orar: “Senhor, raciocinarei, irei, irei agir; mas guia Tu minha razão, vontade e atividade para a coisa certa que devo fazer. Através deste método, o devoto, com a bênção interior do guru, é levado a cultivar a discriminação da sua própria alma e, assim, acelerar a sua sintonização pessoal com Deus.

À medida que o devoto progride na meditação, ele encontrará Deus dirigindo suas atividades através de sua intuição desperta. Naturalmente, a pessoa também deve usar o bom senso ao decidir os deveres justos

relacionados com a disciplina de sua própria vida e da vida daqueles que dependem dele. Culpável é o desempenho de atividades não escolhidas por discriminação. Tais ações são como cavalos vendados sendo conduzidos a destinos desconhecidos pelo eu ignorante, à medida que ele afirma seus caprichos preconceituosos e egoístas e ideias e hábitos preconceituosos.

Todo homem deve cumprir os deveres envolvidos no encontro de Deus e também os deveres mundanos necessários para manter-se e ajudar os outros. Independentemente da hereditariedade, do ambiente e do status evolutivo, o dever mais elevado e mais importante de todo homem é estabelecer a sua consciência em unidade com Deus.

❖

Meditação como forma de ação obediente (carma)

❖

A palavra karma nesta estrofe é usada em um de seus significados especializados para denotar ações meditativas: o uso de técnicas de yoga que cientificamente retiram a atenção do mundo objetivo e a concentram no ser interior, o único que possui a capacidade de experimentar e comungar. Com Deus. O iogue é aquele que pratica essas técnicas para alcançar a união com Deus.

Um devoto cujo ego ainda é forte fica preso aos frutos de suas ações e não alcança a salvação. Se o objetivo principal de um praticante de yoga ao meditar profundamente – que deveria ser apenas conhecer Deus – for comprometido pelo desejo de adquirir poderes ou de se tornar conhecido como um grande iogue, ele poderá atrair uma multidão de admiradores – mas não o Senhor.

Ele também é um falso iogue que se senta preguiçosamente sob uma árvore, passando seu tempo na leitura intelectual descuidada da filosofia e na admiração das belezas calmantes da natureza. Mendicantes religiosos indolentes, como aqueles que vagam aos milhares em cidades sagradas como Banaras, não são iogues. A renúncia a ações zelosas e úteis produz inutilidade, não santidade; não faz nada para erradicar pensamentos sexuais impuros e impulsos sensuais, e raiva e outras inclinações violentas secretadas na mente subconsciente.

O verdadeiro iogue, por outro lado, é aquele que medita profundamente e pratica uma técnica de yoga para a união divina. Seu trabalho e esforços

na meditação são ações corretas e corretas, ordenadas por Deus.

Não se considera que um iogue que realiza ações meditativas para alcançar Deus esteja se concentrando nos frutos dessa atividade. Um verdadeiro devoto alcança o Senhor como o Fruto de suas ações; no entanto, porque os esforços do homem para a união divina resultam em última análise na libertação, tais acções não o envolvem em escravidão (mesmo que o seu Fruto tenha sido de facto desejado).

Aquele que se dedica exclusivamente à meditação para encontrar Deus, e para esse fim abandona todas as outras atividades, é um verdadeiro homem de renúncia (um sannyasi); ele renunciou às ações não por causa da ociosidade, mas por causa da aspiração divina. E o mesmo homem também é um iogue porque trabalha duro para atingir o êxtase e o contato com a alma.

Mas como é quase impossível dedicar-se à meditação dia e noite, a menos que já se esteja muito avançado na comunhão extática com Deus, o iogue sincero também se ocupa metodicamente em algum tipo de trabalho que conduz ao bem-estar dos outros.

O iogue pode ser um novato que luta pela comunhão com Deus ou um adepto que já alcançou essa bem-aventurança. É opcional se o iogue segue o caminho da renúncia exterior ou leva uma vida familiar com desapego interior. Mas apenas um iogue que tenha alcançado a realização ininterrupta de Deus e a liberdade suprema – cujo exemplo ideal foi o Yogavatar Lahiri Mahasaya – pode com certeza permanecer completamente desapegado em uma vida mundana de casado. Somente uma mente firmemente estabelecida em Deus é imune à diluição por um ambiente material. O avanço espiritual de um iogue sem a completa realização de Deus dificilmente pode permanecer imaculado nas vibrações mundanas de um relacionamento conjugal. Tal expectativa seria contraditória e antinatural. Mas o monge também deve enfrentar o seu inimigo. Embora ele se retire do ambiente de muitas tentações dos sentidos, seus votos de celibato e de renúncia às complicações mundanas não conferem automaticamente vitória sobre suas inclinações e inclinações sensoriais internas. Ele pode esconder-se dos objetos da tentação e ainda assim achar muito difícil escapar dos

assombrosos hábitos mentais de ceder à sedução de seus desejos, sempre à espreita para aprisioná-lo.

O iogue que experimenta na meditação a sedução do encanto de Deus fica convencido em seu coração de que Deus é muito mais tentador do que as tentações materiais. Por tal comparação, ele se torna espontaneamente um homem de renúncia. Assim, o caminho do yoga é superior ao caminho da renúncia, pois o desejo sincero e o esforço meditativo para alcançar a comunhão com Deus, despertados mesmo por um pequeno contato interior com Deus, são de suma importância para qualquer tentativa de praticar a renúncia. O iogue que pela meditação se torna também um homem de renúncia, supremamente engajado na busca do contato com Deus e ao mesmo tempo se livrando dos apegos sensoriais, é um verdadeiro iogue renunciante.

❖

Ideal monástico do iogue-swami: renúncia completa

❖

Renunciantes que fazem votos formais de sannyas sendo feitos swami por outro swami que pode traçar sua ancestralidade espiritual até o guru supremo de todos os swamis, Swami Shankara, e que também são iogues que lutam pela comunhão com Deus como o principal objeto de seus esforços espirituais , são iogues-swamis. Eles são mais louváveis do que os swamis comuns que apenas vestem o pano ocre, mas carecem de renúncia interior e de um esforço meditativo sincero.

Os iogues-swamis também abraçam um ideal mais elevado do que os aspirantes a iogues renunciantes: os verdadeiros iogues-swamis estão tão envolvidos no amor somente por Deus que não têm medo de fazer o voto incondicional de renúncia completa para viver uma vida de celibato e estrita autodisciplina. dos sentidos e do ego - um voto considerado pelas mentes mundanas como um desafio sombrio, se não totalmente inconcebível. Ao elogiar a renúncia sincera, Jesus dirigiu-se aos seus discípulos com estas palavras: “E todo aquele que tiver abandonado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e herdará a vida eterna.”2

Para mim, uma renúncia tão completa como monge da Ordem Swami

era a única resposta possível ao desejo ardente em meu coração de entregar minha vida inteiramente a Deus, descomprometida com qualquer vínculo mundano; para mim, qualquer coisa menos era oferecer ao Amado Senhor um segundo lugar. Quando expressei esta intenção resoluta ao meu guru, Swami Sri Yukteswar, ele me adjurou: “Lembre-se de que aquele que rejeita os deveres mundanos habituais só pode justificar-se assumindo algum tipo de responsabilidade por uma família muito maior.” Sua sabedoria eterna poderia de fato ter sido um eco das palavras de Sri Krishna no Gita. Como monge, minha vida foi oferecida em serviço sem reservas a Deus e ao despertar espiritual dos corações com Sua mensagem. Para aqueles no caminho que segui e que também se sentem chamados a completar a renúncia em uma vida de busca e serviço a Deus por meio dos ideais de yoga de atividades meditativas e zelosas, perpetuei na ordem monástica da Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of Índia, a linhagem de sannyas da Ordem Shankara, na qual entrei quando recebi os votos sagrados de um swami de meu Guru. O trabalho organizacional que Deus e meu Guru e Paramgurus iniciaram através de mim é realizado não por funcionários contratados pelo mundo, mas por aqueles que dedicaram suas vidas aos objetivos mais elevados de renúncia e amor a Deus.3

❖

O conselho do Gita: faça do coração um eremitério de Deus

❖

Para o aspirante a devoto no mundo e no ashram, o chamado do Bhagavad Gita é fazer do coração um eremitério de Deus onde, como um renunciante, ele se esforça pela ausência de desejo interior e pelo desapego; e, como iogue, a pessoa se envolve na bem-aventurança meditativa da Presença Divina e então oferece suas ações em serviço altruísta para compartilhar essa Presença com outras almas que buscam.

Todas as ações do yogi-sannyasi, sejam karyam ou karma, devem ser realizadas com o motivo amoroso de agradar a Deus. Aquele que cumpre seus deveres de maneira aleatória ou descuidada, ou que medita sem entusiasmo, não pode agradar ao Senhor nem obter a libertação. Qualquer ação – física, mental ou espiritual – realizada tendo o desejo da união divina como fruto não é uma ação “egoísta”. Em vez disso, é uma acção perfeita

no sentido de que cumpre o motivo divino na criação. O propósito de Deus é revelar-Se aos Seus filhos depois de terem sido vitoriosos nos testes de uma terrível ilusão (maya) na qual Ele os lançou intencionalmente.

Ele ama mais a Deus quem age corretamente. De acordo com as leis do amor verdadeiro (declaradas de forma sucinta, embora grosseira, no ditado: "Se você me ama, ame meu cachorro"), o iogue-sannyasi, em seu amor por Deus, ama também a ação que Deus lhe impôs. Ele realiza suas atividades zelosas e meditativas com alegria e sem desejo, unicamente para agradar Aquele a quem ama. Ele, de fato, é o verdadeiro – o ideal – iogue e sannyasi.

VERSÍCULO 2

yaṁ saṁnyāsam iti prāhur yogaṁ taṁ viddhi pāṇḍava
na hy asaṁnyastasaṁkalpo yogī bhavati kaścana

Entenda, ó Pandava (Arjuna), que o que é falado nas escrituras como renúncia é o mesmo que yoga; pois aquele que não renunciou ao motivo egoísta (sankalpa) não pode ser um iogue.

Conforme discutido detalhadamente no versículo anterior, o sannyasi ou homem da renúncia concentra-se principalmente na remoção de todas as obstruções materiais e mentais (laços mundanos e desejos egoístas) a fim de realizar Deus, enquanto o iogue está principalmente preocupado com o uso de um método científico de yoga. técnica de auto-realização. De uma forma positiva, o iogue, saboreando a bem-aventurança superior do Senhor, automaticamente renuncia a todos os prazeres menores para abraçar somente a Deus. De uma forma mais negativa, o sannyasi renuncia a todos os desejos materiais e ações erradas através da discriminação para se preparar para a união com o Infinito. Ambos os caminhos levam ao mesmo objetivo. Mas tanto para o sannyasi quanto para o iogue, tal conquista requer não apenas o domínio exterior das próprias ações, mas também a vitória mental interior.

Sankalpa, "motivo egoísta", mencionado neste versículo, significa

planejamento interno (ou expectativa de) um resultado desejado formado pela mente guiada pelo ego. Os renunciantes e os iogues são advertidos de que, embora possam permanecer autocontrolados ou meditativamente quietos externamente, eles podem, no entanto, estar engajados interiormente em atividades egoístas inspiradas por sensações e impulsos corporais que causam flutuações constantes na consciência. A mente rumina sobre esses impulsos, que são agradáveis ou desagradáveis, e, conseqüentemente, formula os resultados desejados a respeito deles. Assim, o yoga, ou perfeita uniformidade de consciência, é excluído.

Patanjali, em seus Yoga Sutras, define yoga como a dissolução das cintilações ou vrittis (ondas alternadas de pensamentos, desejos, emoções) no chitta ou sentimento primordial (a totalidade da consciência individualizada), surgindo dos gostos e desgostos produzidos a partir do contato da mente com os sentidos.4 O Yoga também foi definido nas escrituras como o abandono de todos os pensamentos desejosos e como a obtenção de um estado de “ausência de pensamento”. Essas definições se ajustam às conquistas tanto do homem da renúncia quanto do iogue. A verdadeira renúncia consiste na capacidade de descartar pensamentos e desejos à vontade. O êxtase supremo da ioga confere o estado “impensado”. Não é um coma mental (no qual a mente fica inconsciente das sensações externas e das percepções internas), mas é um estado de equilíbrio divino. Sua realização prova que o iogue entrou no Ser sem Vibração – o Vazio Divino sempre bem-aventurado e sempre consciente, além da criação fenomênica.

Ninguém pode ser um iogue, mantendo um estado de equilíbrio mental, livre do envolvimento interior em atividades desejadas planejadas, a menos que tenha renunciado à identificação com seu ego e seu desejo insatisfatório pelos frutos das ações. Somente aquele que atingiu o samadhi pode ser considerado como alguém que não trabalha mais para o ego.

É claro que se um devoto não planejar suas atividades de acordo com um propósito divino definido, ele estará tropeçando a cada passo. O verdadeiro iogue se enche de Deus e executa com inteligência todas as ações inspiradas por Ele. Se, por exemplo, ele constrói um eremitério para

os seus discípulos, não deve ser acusado de planear com motivos egoístas. O objetivo de todas as suas ações é agradar a Deus. Ele não é inerte nem insensível, mas é aquele que trabalha no mundo, fazendo todas as atividades para Deus, sem desejos pessoais sobre nada. Ele vê e aprecia Deus em todas as manifestações de bondade e beleza. Um verdadeiro iogue pode admirar um belo cavalo, por exemplo; mas aqueles que desejam possuir o animal ficam enredados em sankalpa, desejos instigados pelo ego. Ele é um iogue que pode permanecer em qualquer ambiente material sem se envolver em gostos e desgostos.

Quando um iogue consegue permanecer completamente livre de desejos pessoais durante a atividade interna ou externa, então ele é um homem de renúncia bem-sucedido. E quando um homem de renúncia é capaz de renunciar a todas as atividades externas e internas por um ato de vontade e fundir sua consciência na percepção de Deus, ele é o mesmo que um iogue que pode permanecer imerso em Deus pelo êxtase, dissolvendo pela ioga todos as cintilações dos sentimentos.

Um sannyasi perfeito e um iogue realizado são, portanto, a mesma coisa, pois por caminhos diferentes eles alcançaram o yoga, a união com Deus.

VERSÍCULOS 3–4

ārurukṣor muner yogaṁ karma kāraṇam ucyate
yogārūḍhasya tasyaiva śamaḥ kāraṇam ucyate (3)

yada é a fonte do karma e da ação
sarvasaṁkalpasaṁnyāsī yogārūḍhas tadocyate (4)

(3) Para o muni que deseja a ascensão, a ação meditativa (karma) para a união divina (yoga) é chamada de "seu caminho"; quando ele domina esse yoga, diz-se que a inação é "seu caminho".

(4) Aquele que superou o apego tanto aos objetos dos sentidos quanto às ações, e que está livre de todos os planejamentos instigados pelo ego - diz-se que esse homem alcançou a união firme da alma com o Espírito.

❖
Yogarudha: estado de perfeito equilíbrio no Espírito
❖

Para o aspirante a muni (o alpinista espiritual) que está avançando em direção à união com Deus, seu meio para atingir a meta são as ações meditativas divinas das técnicas de yoga, pelas quais ele retira sua mente dos sonhos da matéria e a dissolve em Deus. Quando o iogue alcança esta unidade, então a quietude da união inabalável com Deus, além das atividades oníricas da criação ilusória, é a partir de então a causa e a instrumentalidade de todas as funções de sua consciência transformada. Assim, o devoto sobe pela ação (karma, ou yoga científico). Aperfeiçoado em yoga, ele atinge a inação – o estado de perfeito equilíbrio no Espírito, yogarudha.

Quando o iogue se liberta do sonho da matéria, ao atingir o estado sem ação em samadhi (yogarudha), ele também encontra liberdade (1) de todos os desejos por objetos sensoriais, (2) dos planejamentos egoístas (sankalpas) que acompanham o desejo. , e (3) da ilusão de que ele, e não Deus, é o executor da ação.

O devoto, desejoso de dissolver sua mente em Deus, concentra suas atividades meditativas na prática de pranayama ou controle de vida. A palavra karma nesta estrofe é usada tecnicamente para significar técnicas especiais, como Kriya Yoga e Kevali Pranayama,5 pelas quais a força vital pode ser retirada dos sentidos e concentrada nos sete centros cerebroespinhais.

O centro coccígeo possui quatro raios; o centro sacral, seis raios; o centro lombar, dez raios; o centro dorsal, doze raios; e o centro cervical, dezesseis raios.

O centro medular, a “espada afiada de dois gumes”, tem dois raios de corrente, positivo e negativo, que irrigam as duas mãos, os dois pés, os dois pulmões, todos os ramos duais do sistema nervoso e os órgãos duais: dois olhos, duas orelhas, duas narinas, duas línguas (sendo a língua bifurcada ou

bifurcada, isto é, dividida em duas seções)6 e os dois hemisférios do cérebro.

O cérebro é um reservatório de corrente cósmica recebida através da medula oblonga (a parte inferior ou posterior do cérebro, afinando-se na medula espinhal). A medula é biblicamente chamada de “a boca de Deus”, “a porta” e “a abertura sagrada”. A energia cósmica entra no corpo através da medula e depois passa para o cérebro, onde é armazenada ou concentrada. O cérebro é, portanto, o principal reservatório que envia corrente para os outros seis plexos menores. Esses centros ou subdínamos estão ativamente empenhados em remeter correntes para os diferentes ramos nervosos e para os vários órgãos e células do corpo.

O centro medular, com suas duas correntes, positiva e negativa, abastece todo o corpo e cria os órgãos duais, condensando a força vital em elétrons, prótons e átomos. Os Thoughtrons são condensados vibracionalmente em Lifetrons; lifetrons em elétrons e prótons, que por sua vez se condensam em átomos. Os átomos são transformados em células, que se combinam nas diferentes formas de tecidos musculares, ósseos e nervosos das diversas partes do corpo. As duas correntes na medula, portanto, não apenas fornecem corrente aos cinco sentidos, mas também se condensam, por meio de vibrações mais grosseiras, nos próprios tecidos corporais.

❖

Através do pranayama, o corpo astral e os chakras tornam-se visíveis

❖

No estado inicial, o iogue está ocupado retirando a força vital para os centros espinhais. Quando ele consegue realizar este trabalho, seu corpo astral com sete plexos astrais torna-se visível para ele através de seu olho astral esférico de intuição. O corpo astral é feito de tecidos de luz condensada de raios astrais, assim como o corpo físico é feito de tecidos carnais. Quando o iogue é capaz de retirar sua força vital dos sentidos, ele não apenas vê seu corpo astral, mas também consegue desconectar sua mente do mundo exterior.

O benefício de ver o corpo astral é que a experiência ajuda o iogue a ascender – a elevar sua alma, como o ego identificado com o corpo – da prisão carnal. Posteriormente, o devoto aprende como retirar seu ego dos

corpos astral e ideacional e misturá-lo com a alma pura. O iogue é então capaz de unir sua alma com o Espírito Onipresente e Sempre Abençoado.

O devoto aprende primeiro como unir sua força vital, retirada dos sentidos, nos sete centros cerebroespinhais; e depois disso, unir as luzes desses plexos astrais em seu corpo astral. Então ele dissolve o corpo astral em energia cósmica e no corpo ideativo. Finalmente ele aprende a dissolver a energia cósmica e o corpo ideacional na Consciência Cósmica.

Estes são os vários processos complicados com os quais o aspirante se ocupa, realizando atividades de yoga que unem Deus e que lhe permitem dissolver a consciência do seu corpo no Infinito. Sua alma se expande no Senhor Onipresente.

Diz-se que a corrente cerebral possui mil raios; são esses raios que ajudam a sustentar as milhares de funções das células do corpo.

❖

Centros cerebroespinhais descritos pelos iogues da Índia e por São João

❖

As duas correntes originais da medula são amplificadas nas mil correntes do cérebro, que se especializam nas dezesseis, doze, dez, seis e quatro correntes dos cinco centros espinhais. Os diferentes plexos desempenham funções específicas do corpo de acordo com o número e a natureza de suas correntes. (Ver comentário em I:20–23.) Os sete centros físicos têm sete contrapartes astrais e sete contrapartes ideacionais. Esses sete plexos são chamados pelos iogues da Índia como sete lótus; e as correntes ou raios dos centros são descritos como as pétalas dos lótus: quatro pétalas, seis pétalas, dez pétalas, doze pétalas, dezesseis pétalas, duas pétalas e mil pétalas.

O maior discípulo de Jesus Cristo, João, refere-se a esses sete centros astrais com raios diferentes como sete castiçais de ouro e sete estrelas.7

O leitor deste comentário do Gita pode se perguntar por que um iogue precisa compreender o complicado mecanismo dos corpos físico, astral e ideacional. Uma rápida olhada em um texto como Anatomia de Gray, entretanto, nos mostrará as complicações incrivelmente ramificadas na organização até mesmo do corpo físico. Os corpos astral e ideativo, sendo mais sutis, são mais altamente organizados e complicados do que o corpo físico. Alguma compreensão da tríplice anatomia do homem revela a

ciência subjacente às técnicas de yoga e mostra por que e como elas funcionam.

A concepção dos corpos físico, astral e ideacional do homem pode ser mais facilmente compreendida pela seguinte explicação. Deus sonhou toda a criação em termos de ideias. Então Ele disse: “Haja luz: e houve luz”. Ele vibrou essas ideias em luzes oníricas e a partir delas criou um cosmos astral onírico. Então Ele condensou o cosmos astral onírico em um universo físico onírico. Depois que os universos macrocósmicos foram criados, Deus fez os objetos microcósmicos da criação. Ele criou o homem como um composto de três sonhos: um corpo ideal de sonho encerrado em um corpo astral de sonho dentro de um corpo físico de sonho.

Os sábios, portanto, dizem: O iogue bem-sucedido deve retirar sua mente do corpo físico onírico, do corpo astral onírico e do corpo ideacional onírico, e dissolver essas formas no cosmos físico onírico, no cosmos astral onírico e no cosmos ideacional onírico. Quando o iogue consegue dissolver o cosmos físico do sonho no cosmos astral do sonho e o cosmos astral do sonho no cosmos ideacional do sonho, e as inúmeras ideias do cosmos ideacional na percepção unificada da Consciência Cósmica, então ele se torna livre, como o Espírito.

O Espírito sonhou-se nos aspectos de Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Sat-Tat-Aum) e nos universos ideacional, astral e físico do sonho, e nos corpos ideacional, astral e físico do sonho . Assim, a alma, como imagem de Deus, desceu da Onipresença da Consciência Cósmica até as limitações do seu ambiente terreno e dos três corpos oníricos. Assim, o aspirante a iogue deve retirar sua consciência de todas as ilusões oníricas e, finalmente, unir sua alma com a sempre-existente, sempre consciente e sempre nova Bem-aventurança do Espírito.

Em outras palavras, o devoto deve elevar-se acima de todos os sonhos microcósmicos e macrocósmicos de Deus impostos a ele através da hipnose de maya (ilusão cósmica), e assim despertar sua alma da experiência de sonhos ilusórios para a eterna vigília do Espírito. O iogue alcançou então a “inação” ou liberdade da participação fenomenal forçada.

Um devoto é chamado de aspirante e alpinista espiritual quando tenta

dissolver todos os sonhos na percepção do Espírito Único. Quando ele é capaz de dissolver completamente todas as “sugestões” ou sonhos cósmicos ilusórios de maya, ele se ancora na Realidade final. Ele é então mencionado como tendo alcançado yogarudha (firme união de alma e espírito).

Transformando o Pequeno Eu (Ego) no Eu Divino (Alma)

Versículos 5–6

uddhared atmanātmānaṁ natmānam avasādayet
ātmaiva hy ātmano bandhur ātmaiva ripur ātmanaḥ (5)

bandhur atmātmanas tasya yenātmaivātmanā jitaḥ
anātmanas tu śatrutve vartetātmaiva śatruvat (6)

(5) Deixe o homem elevar o eu (ego) pelo eu; não deixe o eu se autodegradar (abater). Na verdade, o eu é seu próprio amigo; e o eu é seu próprio inimigo.

(6) Para aquele cujo eu (ego) foi conquistado pelo Eu (alma), o Eu é o amigo do eu; mas, na verdade, o Eu se comporta de forma inimiga, como um inimigo, em relação ao Eu que não está subjugado.

O ego físico, a consciência ativa no homem, deveria elevar o seu eu identificado com o corpo até a unidade com a alma, sua verdadeira natureza; não deve permitir-se permanecer atolado nos estratos humildes e ilusórios dos sentidos e do emaranhado material. O ego atua como seu melhor amigo quando, pela meditação e pelo exercício das qualidades inatas de sua alma, ele se espiritualiza e, por fim, restaura sua verdadeira natureza de alma. Por outro lado, o ego físico serve como seu pior inimigo quando, por meio de um comportamento material ilusório, eclipsa sua verdadeira natureza como a alma sempre abençoada.

Quando o ego físico (a consciência ativa) se torna espiritualizado e unido à alma, ele é capaz de manter a inteligência, a mente e os sentidos sob controle, guiados pela sabedoria discriminativa da alma - isto é, o “eu (ego)”. foi conquistado pelo Eu (alma)” – então a alma é a amiga, a guia e benfeitora da consciência física ativa. Mas se o ego inferior não tiver sido assim controlado e persistir em manter a consciência voltada para a matéria, então a alma é inimiga do ego. Isto segue a alegoria do Gita descrita no capítulo um: Krishna (a alma) é o amigo e guia dos esforços espirituais do devoto Arjuna, junto com o exército Pandava de qualidades divinas; Krishna (a alma) é, portanto, um inimigo (um opositor) do exército Kaurava de inclinações materialistas de Duryodhana, que está sob a orientação de Bhishma (ego).8

A alma, “inimiga” do ego, retém as suas bênçãos de paz e felicidade duradoura, enquanto o ego, comportando-se ignorantemente como seu próprio inimigo, põe em movimento as forças cármicas da Natureza, causadoras de miséria. Sem a beneficência da proteção da alma no mundo de maya, o ego descobre, para seu pesar, que as suas próprias ações contra a verdadeira natureza da sua alma se voltam contra si mesmo, como bumerangues, destruindo cada nova ilusão de felicidade e realização.

Na composição destes dois versos concisos, a palavra atman (“eu”) aparece doze vezes em uma construção ambígua que permite a troca de significado como “a alma” ou “o ego” (a pseudoalma) – um exemplo clássico de a dicotomia tão característica nas escrituras indianas. Como mostrado no comentário acima, o entrelaçamento inteligente das palavras alma e ego, neste caso, consiste em um fio singular de verdade que atravessa toda a estrutura do Gita: Deixe o homem ser elevado, não degradado; deixe-o transformar seu eu (ego) no Eu (alma). O Eu é amigo do eu transformado, mas inimigo do eu não regenerado.

VERSÍCULO 7

jitātmanaḥ praśāntasya paramātmā samāhitaḥ
śītoṣṇasukhaduḥkheṣu tathā mānāpamānayoḥ

O sábio tranquilo, vitorioso sobre o eu (ego), está sempre plenamente estabelecido no Eu Supremo (Espírito), quer encontre frio ou calor, prazer ou dor, elogio ou culpa.

Unido ao espírito e mantendo sua consciência cósmica mesmo no domínio da atividade, o sábio permanece imperturbável pelos estados de oposição do mundo dos sonhos cósmicos.

"Se você puder transcender o corpo e perceber a si mesmo como Espírito, você será eternamente bem-aventurado, livre de toda dor."9

O iogue perseverante consegue metamorfosear seu ego físico na verdadeira alma. Através de um maior avanço espiritual, ele percebe que sua alma é o reflexo do Espírito onipresente. Quando este estado de realização é alcançado, a alma percebe permanentemente o Ser Supremo ou Deus. O sábio aperfeiçoado trabalha no mundo através do seu ego transformado, nunca perdendo de vista a Face Divina por trás das máscaras de Janus da Natureza.

Como o Sábio da Auto-realização vê o mundo

Versículo 8

jñānavijñānatṛptātmā kūḍastho vijitendriyaḥ
yukta ity ucyate yogī samaloṣḍāśmakāñcanaḥ

Diz-se que aquele iogue que está alegremente absorvido pela verdade e pela autorrealização está indissoluvelmente unido ao Espírito. Imutável, conquistador de seus sentidos, ele olha com igualdade para a terra, a pedra e o ouro.

Um iogue que realizou sua alma pelo êxtase e encontrou nela toda a sabedoria fica repleto de verdadeira satisfação; ele descansa em êxtase. Concentrado no único Raio Divino, ele olha para um pedaço de terra, uma pedra ou ouro como relatividades oníricas daquela mesma Luz de Deus.

O homem comum considera os sólidos e os líquidos e as manifestações energéticas do mundo material muito diferentes, mas o iogue os vê como várias vibrações da única luz cósmica. Para ele, um pedaço de terra, uma pedra e ouro são apenas substâncias que vibram em velocidades diferentes como formas atômicas num sonho cósmico. Sempre unido ao Senhor, ele percebe o mundo fenomênico e suas diversas aparências como emanações da única Consciência Divina.

VERSÍCULO 9

suhṛnmitrāryudāsīnamadhyasthadveṣyabandhuṣu
sādhuṣv api ca pāpeṣu samabuddhir viśiṣyate

Ele é um iogue supremo que considera com igualdade todos os homens – patronos, amigos, inimigos, estranhos, mediadores, seres odiosos, parentes, os virtuosos e os ímpios.

Na estrofe anterior, diz-se que o iogue aperfeiçoado percebe todas as formas de criação material – os suportes do drama onírico – como manifestações oníricas de uma Consciência Cósmica. Nesta estrofe, o Bhagavad Gita define um grande iogue como aquele que da mesma forma considera todos os seres humanos – amigos e inimigos, santos e pecadores – como imagens oníricas feitas da consciência única de Deus.

O homem comum, ao observar o drama dos seres humanos bons e maus representados na tela espacial do mundo, é afetado de forma prazerosa e dolorosa. Mas o homem que percebeu Deus considera todos os tipos de homens como imagens cinematográficas oníricas, feitas das relatividades da luz da Consciência Cósmica e das sombras da ilusão.

O exaltado iogue, entretanto, não trata o ouro e a terra, o santo e o pecador, com indiferença imparcial! Ele reconhece sabiamente suas diferenças dramáticas no plano mundano, conforme percebidas por outros seres materiais. Embora todos os seres e objetos no cosmos sejam feitos de luz divina e das sombras da ilusão, o iogue reconhece valores relativos. Ele endossa as atividades dos virtuosos que servem como arautos do bem para

seus semelhantes, e denuncia as atividades dos maus que prejudicam a si mesmos e aos outros.

Conselhos de Krishna para uma prática bem-sucedida de Yoga

Versículo 10

yogī yuñjīta satatam ātmānaṁ rahasi sthitaḥ
ekākī yatacittātmā nirāśīr aparigrahaḥ

Livre de desejos sempre esperançosos e de anseios por posses, com o coração (ondas de sentimento) controlado pela alma10 (pela concentração do yoga), retirando-se sozinho para um lugar tranquilo, o iogue deve tentar constantemente unir-se com a alma.

Aquele que sabe que a sua alma está divorciada de Deus – o corpo preso pelas ondas mentais do sentimento – deseja retornar à onipresença do Espírito. As estrofes 10–14 fornecem muitas dicas maravilhosas para ajudar o devoto a atingir seu objetivo.

O aspirante que medita sem eliminar desejos e esperanças (instigadores para ações de prazer e posse sensorial) encontra sua mente vagando pelo reino da materialidade, planejando e visualizando vários ganhos. Assim, quando o iogue começa a meditar, ele deve deixar para trás todos os pensamentos sensoriais e todos os anseios por posses, acalmando as ondas de sentimento (chitta) e a inquietação mental que daí surge, através da aplicação de técnicas que restabeleçam o poder de controle do superconsciência desenfreada da alma.

❖
"Um lugar tranquilo": desconectando a mente do mundo sensorial
❖

O devoto deve escolher para sua meditação um local tranquilo. O barulho distrai. Somente um iogue que consegue entrar em êxtase à vontade pode meditar tanto em lugares silenciosos quanto barulhentos. O devoto deve

iniciar sua meditação com a prática das técnicas de Kriya Yoga, pelas quais poderá desconectar sua mente do mundo sensorial exterior. Muitos indivíduos que não meditam pensam que é impossível fazer isso, sem perceber que realizam a façanha todas as noites durante o sono. Quando o corpo está relaxado para dormir, a força vital começa a retirar-se dos músculos e nervos motores e depois dos nervos sensoriais. Neste momento a mente está desconectada de todas as sensações e fica concentrada na alegria do descanso subconsciente. (O estado de sono não envolve inconsciência total, porque, ao acordar, o homem percebe a natureza do seu sono – se foi leve ou profundo, desagradável ou agradável.)

Kriya Yoga ensina a entrar conscientemente no estado de desconexão dos sentidos, sem entrar nas sombras eclipsantes do sono. Krishna e Babaji, conhecendo a ciência por trás dos processos psicológicos e fisiológicos envolvidos no sono, criaram a forma especial dessa ciência, conhecida como Kriya Yoga, pela qual o aspirante espiritual pode passar à vontade além do limiar do estado subliminar menos alegre do subconsciente. dormir na superconsciência feliz.

O devoto comum tenta inutilmente (porque de forma não científica) colocar sua mente em Deus – a mente que está ligada às sensações materiais através da ação da força vital que flui nos “telefones” dos cinco sentidos. Mas o Kriya Yogue trabalha cientificamente para retirar sua mente dos sentidos através da técnica de desligar a força vital dos nervos telefônicos. Retirando a mente e a força vital dos sentidos, o iogue os une com a luz e a bem-aventurança da alma e, eventualmente, com a Luz Cósmica e a Bem-aventurança Cósmica do Espírito.

Além da meditação solitária, na qual o devoto preza sua comunhão exclusiva com Deus, um devoto inquieto achará benéfico meditar com outras almas sinceras e especialmente com iogues avançados. As vibrações invisíveis que emanam da alma de um iogue ajudarão muito o iniciante a alcançar a tranquilidade interior. Jesus disse: “Pois onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles.”11

Por outro lado, é espiritualmente perturbador para um devoto habitualmente inquieto quando ele tenta meditar com alguém ainda mais

inquieto do que ele. A menos que as pessoas que meditam juntas façam um esforço sincero para cultivar a devoção e o autocontrole meditativo do corpo e da mente, um meditador negligente não apenas não faz nenhum progresso, mas é uma distração negativa para outros que estão tendo dificuldade em tentar se aprofundar. A indiferença descuidada e a inquietação corporal na meditação causam vibrações negativas. O esforço espiritual sincero (independentemente da luta interior) envia vibrações espirituais positivas. A meditação extática do iogue avançado em profunda comunhão com Deus irradia bênçãos sublimes da presença de Deus.

Os discípulos que meditam profundamente devem concentrar-se em seu guru ou meditar com ele, se possível. Aqueles que são espiritualmente avançados meditam de fato com o guru visualizando-o no olho espiritual e sintonizando-se com ele, estejam ou não em sua presença física. Durante a meditação, a vibração espiritual de um grande mestre atua silenciosamente nos iogues inferiores que possam estar meditando com ele ou que estejam em sintonia com ele, independentemente da distância. É suficiente para um discípulo pensar fortemente em seu guru antes de meditar. Ele então descobrirá que sua meditação em Deus será reforçada pelo poder do Senhor fluindo através do canal direto e tangível do guru.

❖

Significado mais profundo da solidão: absorção no olho espiritual

❖

O estudante de metafísica deve compreender esta estrofe num sentido mais profundo. É dito aqui que o iogue deve permanecer na solidão e meditar continuamente em sua alma. O verdadeiro estado de solidão é alcançado quando o iogue consegue desligar sua força vital dos sentidos e manter sua mente concentrada, não nos cinco centros da coluna vertebral, mas no único olho esférico espiritual. Através deste olho ele pode perceber a Onipresença e esquecer a consciência corporal (que é produzida pela ação da corrente terrestre no centro coccígeo, da corrente de água no centro sacral, da corrente de fogo na região lombar, da força vital ou corrente de ar no centro). dorsal e a corrente etérica na cervical). Um iogue atinge o estado perfeito de solidão quando pode descansar na bem-aventurança superconsciente da alma que existe além do estado subconsciente de sono.

No sono profundo, nenhuma perturbação dos sentidos pode atingir facilmente a mente. Quando o iogue, entretanto, está concentrado no olho espiritual, em alegria inefável, ele está realmente na solidão que nenhum dos sentidos tem poder de invadir.

VERSÍCULO 11

śucau deśe pratiṣḍhāpya sthiram āsanam ātmanaḥ
nātyucchritaṁ nātinīkaṁ cailājinakuśottaram

O assento do iogue, em local limpo, deve ser firme (não instável), nem muito alto nem muito baixo, e coberto, primeiro, com grama kusha, depois com pele de veado ou tigre e depois com um pano.

O iogue indiano usa grama kusha para proteger seu corpo contra a umidade da terra. A pele e o pano colocado por cima, sobre o qual o devoto se senta, ajudam a isolar seu corpo da força das correntes terrestres. Durante a meditação, a mente tenta retirar os holofotes da força vital dos sentidos para a alma. Durante esse processo, o iogue que medita com o corpo isolado evita o cabo de guerra entre o fluxo ascendente da força vital através dos nervos e a atração descendente das correntes terrestres.

No mundo moderno, tanto no Oriente como no Ocidente, nem a grama kusha nem a pele de animal são necessárias para o assento de meditação. (Na Índia, era costume que um iogue que morava na floresta fizesse seu assento na pele de um tigre, leopardo ou veado que tivesse morrido de morte natural.) Um substituto muito satisfatório é um assento feito de um cobertor de lã dobrado, com um pano de seda colocado sobre ele. A seda repele melhor certas correntes terrestres do que o algodão.

O assento não deve ser “muito baixo” (muito próximo da terra) nem “muito alto”. O iogue deve ter cuidado para não se empoleirar em um lugar pequeno e alto de onde, durante o êxtase, possa cair. Ele também não deve meditar dentro de uma caverna ou armário sem ventilação, onde não haja ar fresco suficiente, ou em qualquer lugar onde o ar seja viciado e sufocante. Nem deve colocar-se num assento instável (como um colchão de molas

velho e instável), cujo desnível ou rangidos possam perturbar a sua concentração.

O iogue deve meditar em um assento firme, limpo – livre de sujeira ou vibrações não espirituais de outras pessoas. O pensamento ou força vital que emana de um indivíduo satura os objetos que ele utiliza e sua habitação. Pessoas sensíveis podem sentir as vibrações desarmônicas numa casa onde reinou a maldade. Um santo ou outra pessoa receptiva pode sentir as vibrações espirituais deixadas pelos mestres nos locais onde meditaram. Um devoto meditando onde um sábio meditou - mesmo que o sábio já tenha falecido há muito tempo nesta terra - por meio de profunda sintonização mental pode sentir suas vibrações. Homens devotos que fazem peregrinação e meditam em um lugar consagrado pelo êxtase de um mestre recebem benefícios espirituais definitivos.

A grama kusha cresce abundantemente na Índia. É bastante espinhoso, mas possui propriedades especiais que repelem a umidade da terra. Seu uso foi defendido na Índia porque é facilmente obtido. O iogue moderno, entretanto, pode ser um bom assento colocando um cobertor de lã macio (não áspero), coberto por um pano de seda, sobre uma almofada confortável ou colchão de molas no chão, ou sobre um colchão de molas (que não sag) em uma cama firme.

Se o iogue iniciante se sentar no chão duro para meditar, ele sentirá que suas pernas vão dormir, devido à pressão na carne e nas artérias. Se ele se sentar em um cobertor sobre uma almofada de molas ou colchão, no chão ou sobre uma cama dura, não sentirá desconforto nas pernas. Um ocidental, acostumado a sentar-se em cadeiras com as coxas em ângulo reto com o tronco, achará mais confortável meditar em uma cadeira com um cobertor de lã e um pano de seda por baixo, estendendo-se sob os pés que repousam no chão. Os iogues ocidentais, especialmente os jovens, que conseguem agachar-se no chão como os orientais, acharão os joelhos flexíveis, devido à sua capacidade de dobrar as pernas num ângulo agudo. Esses iogues podem meditar na postura de lótus ou na posição mais simples de pernas cruzadas.

Ninguém deve tentar meditar na postura de lótus, a menos que esteja confortável nessa posição. Meditar em uma postura tensa mantém a mente

concentrada no desconforto do corpo. A meditação normalmente deve ser praticada na posição sentada. Obviamente, numa postura em pé (a menos que se esteja avançado) ele pode cair quando a mente se interioriza. O iogue também não deveria meditar deitado, pois poderia recorrer ao estado "praticado" de sono.

A postura corporal adequada, que produz calma no corpo e na mente, é necessária para ajudar o iogue a mudar sua mente da matéria para o Espírito. (Este ponto é detalhado no versículo 13.)

❖

Significado simbólico: centros ascendentes de terra, água e fogo na coluna vertebral

❖

Há uma interpretação metafísica muito sutil sobre o uso da grama kusha junto à terra, da pele do animal e do pano de seda por cima. A grama kusha que cresce na terra significa o centro terrestre ou corrente terrestre, alojado no centro coccígeo da coluna vertebral. A pele do animal, feita a partir dos nutrientes do sangue, é o símbolo do líquido ou da corrente de água no centro sacro. O pano de seda ou fabricado a fogo representa a corrente de fogo no centro lombar. O iogue bem-sucedido leva primeiro seu ego, mente e força vital através desses três centros inferiores que estão conectados com a consciência material, e aloja sua consciência no centro cardíaco localizado centralmente ("nem alto nem baixo").12

Quando o iogue é capaz de fazer isso, quando encontra a mente e a força vital, normalmente direcionadas aos sentidos e aos objetos materiais através dos três centros inferiores, voltadas para cima, em direção ao centro do coração, ele atingiu o limiar da ascensão. A melhor maneira de realizar esse feito é através do Kriya Yoga. O não iniciado pode começar sentando-se em uma posição ereta e inspirando, com profunda concentração, imaginando que a respiração e a corrente vital e a mente fluem através dos três centros inferiores até o centro do coração. O iogue deve expelir o ar e permanecer sem fôlego pelo maior tempo possível, quando sua mente atingir o centro do coração. Ao realizar esta técnica com profunda concentração, o devoto pode sentir sua respiração, força vital e mente fluindo para o centro do coração e daí para os centros superiores.

VERSÍCULO 12

tatraikāgraṁ manaḥ kṛtvā yatacittendriyakriyaḥ
upaviśyāsane yuñjyād yogam ātmaviśuddhaye

Estabelecido naquele assento, concentrando a mente em um ponto e controlando as atividades da faculdade fantasiosa (chitta, sentimento – o poder que visualiza) e dos sentidos, deixe-o praticar yoga para autopurificação.

A mente da pessoa comum é inquieta e indisciplinada. Pela meditação, de vez em quando ele consegue se concentrar em um objeto de cada vez, como o som cósmico de Aum, que pode ser ouvido por uma técnica iogue especial.

A mente acompanha a corrente vital do cérebro através dos centros espinhais e depois para os muitos ramos do sistema nervoso e para os inúmeros pontos celulares de percepção. Portanto, diz-se que a mente comum está concentrada nos muitos pontos da carne; está emaranhado principalmente nas sensações dos tratos sensoriais.

A mente e a força vital – empenhadas em observar a dualidade através dos dois olhos, ouvir através dos dois ouvidos, cheirar através das duas narinas, saborear através da língua bifurcada,13 e tocar através de muitos pontos da pele – são assim dissipadas em miríades de percepções. O homem fica preso à matéria, dilacerado por inúmeras distrações.

Quando o Kriya Yogi retira sua mente e força vital e as reúne para serem concentradas em um ponto, no olho único, ele começa a olhar para a esfera onipresente do Infinito. Isto é o que significa tornar a mente unidirecionada, a visão “unifocal” referida por Cristo. Quando o iogue medita mais profundamente, ele encontra sua mente automaticamente concentrada no único ponto do olho espiritual, em êxtase com o Senhor.

No início, o devoto, através da meditação, consegue, de vez em quando, aquietar a mente. Através de um progresso mais profundo, ele descobre que metade do tempo sua mente está concentrada no Divino, e metade do tempo dispersa em percepções corporais e materiais. Através de um maior desenvolvimento espiritual, ele permanece num estado de concentração

contínua e unidirecionada, muito raramente experimentando inquietação. No estado final ou nirudha (sua consciência totalmente liberada da identificação corporal e ascendida ao Espírito), o iogue torna-se permanentemente um com o Absoluto.

Nesta estrofe, o Gita salienta que, durante o esforço para permanecer unidirecionado, o iogue não terá sucesso, a menos que consiga, através da concentração, desviar a sua atenção (manas, mente) das atividades da força vital nos vários sentidos. Caso contrário, ele será constantemente distraído por pensamentos inquietos – os conceitos mentais formados a partir de estímulos sensoriais pela "faculdade fantasiosa" de sentimento (chitta). O devoto que se senta em boa postura e medita no ponto entre as sobrancelhas aprende a praticar yoga, a união do ego e da alma; em profunda concentração, ele encontra sua mente e coração (chitta, sentimento) livres de distrações sensoriais e de gostos e desgostos emocionais. Com a fusão do ego na alma imaculada, ele se envolve na "autopurificação" final.

Versículo 13

samaṁ kāyaśirogrīvaṁ dhārayann acalaṁ sthiraḥ
saṁprekṣya nāsikāgraṁ svaṁ diśaś cānavalokayan

Mantendo firmemente a coluna, o pescoço e a cabeça eretos e imóveis, deixe o iogue focar seus olhos no ponto inicial do nariz (o ponto entre as duas sobrancelhas); que ele não olhe ao redor em várias direções.

A maioria dos tradutores e comentaristas do Gita interpretaram mal a palavra nasikagrama como significando "ponta do nariz". A palavra significa literalmente "origem do nariz". A origem ou ponto de partida do nariz é o ponto entre as duas sobrancelhas, a sede da visão espiritual. Na estrofe 13, o iogue é corretamente orientado a se concentrar neste ponto vital, e não na ponta do nariz. Meu guru Sri Yukteswar, notando a frequência com que o nasikagrama é mal compreendido, certa vez disse ironicamente:

“O caminho de um iogue já é bastante singular. Por que aconselhá-lo de que ele também deve ficar vesgo?

A palavra sânscrita usada neste versículo em referência a uma coluna ereta é kaya (literalmente, “o corpo” ou “o tronco de uma árvore”). Em XV:1, o corpo é descrito como a árvore da vida com raízes acima e galhos abaixo. A coluna vertebral é o seu tronco; o sistema nervoso físico e os canais da força vital astral, seus ramos; o cérebro e a consciência cósmica (com os centros cerebrais da medula, olho espiritual e lótus de mil pétalas) são suas raízes, sua fonte de vida e vitalidade.

❖

Detalhes da postura correta de meditação

❖

A meditação envolve a retirada, através da coluna vertebral, da corrente vital dos ramos nervosos sensoriais e a concentração desse acúmulo de força vital dentro do olho espiritual esférico. Uma coluna reta e a ereção do pescoço e da cabeça são importantes para uma meditação eficaz. Se alguém adota uma postura inadequada – o corpo curvado ou o queixo inclinado para cima ou para baixo – suas vértebras tortas comprimem os nervos espinhais. Essa pressão obstrui o fluxo reverso da mente e da força vital dos canais sensoriais para o cérebro; não há então reforço do poder do olho telescópico interno para perceber a Onipresença.

Deve-se sentar em uma postura confortável com a coluna ereta. A região lombar da coluna (oposta ao umbigo) deve ser suavemente curvada para a frente, o peito para cima e os ombros para trás (o que aproxima as bordas internas das omoplatas). Cada mão, com a palma voltada para cima, deve ser colocada na coxa correspondente, na junção da coxa e do abdômen, para evitar que o corpo se incline para a frente. O queixo deve estar paralelo ao chão. Ao manter esta posição correta, a tensão excessiva nos músculos deve ser relaxada. Quando o iogue mantém a coluna em forma de arco pela postura acima mencionada, ele está pronto para engajar com sucesso sua mente invertida e sua força vital em uma batalha com os sentidos que puxam externamente. Sem qualquer restrição ou compressão dos nervos espinhais, a mente e a força vital são facilmente direcionadas para cima pelo iogue.

❖

Chave para a meditação: concentração no ponto entre as sobrancelhas

❖

Assim como um interruptor transmite através de dois canais uma corrente elétrica para dois faróis de um automóvel, o único olho astral medular de luz fornece aos dois olhos humanos duas luzes – uma luz bifurcada. Isto dá a percepção ilusória dual e dimensional da matéria. Assim focados externamente, os olhos normalmente oscilam constantemente. O ego direciona os dois holofotes ópticos em vários ângulos, de acordo com suas inclinações psicológicas. Sob a influência de estímulos e emoções específicas, os olhos assumem diferentes posições e ângulos. Raiva, ciúme, ódio, amor, determinação, todos mudam o ângulo de visão e a aparência das pálpebras e do globo ocular. Os pensamentos despertados pelos estímulos continuam girando os olhos do holofote, jogando-os em diversas direções para realizar diversas atividades mentais e físicas. Neste estado de consciência sensorial, os olhos raramente ficam parados e concentrados. No entanto, mesmo no homem mais inquieto, quando os seus pensamentos estão singularmente concentrados, os seus olhos ficam imóveis e começam a ter um único ângulo de visão.

No estado concentrado de superconsciência, esse ângulo de visão está no ponto entre as sobrancelhas (a sede natural da vontade e da concentração, e da percepção divina, no corpo). O aspirante que deseja produzir o estado superconsciente, caracterizado pelo relaxamento consciente da energia vital dos sentidos, deve aprender a fixar os olhos e o olhar neste centro. Quando o olhar dos dois olhos está concentrado no ponto entre as sobrancelhas, as correntes duplas que fluem da medula para os dois olhos se reúnem, e o iogue vê neste centro o olho espiritual de três cores - um reflexo do olho luminoso real. na medula oblonga. A iluminação do olho espiritual por esta inversão da força vital nos dois olhos exerce uma forte influência sobre a força vital em todo o corpo. Os sentidos, que foram projetados para fora para conhecer a matéria, são chamados de volta para dentro para se concentrarem na fonte de onde fluem todos os poderes dos sentidos e da mente.

Esta estrofe do Gita, portanto, alerta o devoto sobre a necessidade de

concentrar a luz dos dois olhos no ponto entre as duas sobrancelhas, na origem do nariz, como um requisito primordial da meditação iogue.

O único olho de luz refletido na testa pela medula é o olho astral da percepção intuitiva onipresente.14 Quando a luz dos dois olhos está concentrada entre as sobrancelhas como uma única luz reforçada, o iogue pode ver seu corpo como feito do luz que emana de Deus. A alma usa o olho astral esférico da intuição para perceber a Luz Cósmica e a Consciência Cósmica.

❖

Concentrando-se no ponto entre as sobrancelhas, o iogue percebe o olho espiritual

❖

Enquanto a característica dos olhos físicos é perceber a criação ou a matéria olhando uma coisa de cada vez (deslocando o olhar ou olhando para vários pontos ao mesmo tempo), a natureza do olho esférico é contemplar toda a matéria. , toda energia e toda consciência simultaneamente. O homem, feito à imagem de Deus, tem na testa o poder onisciente do Senhor. Cristo referiu-se da seguinte forma ao olho onisciente de Deus: “Não se vendem dois pardais por uma moeda? e nenhum deles cairá no chão sem (a vista de) vosso Pai.”15 Jesus, erguendo os olhos e olhando através de seu único olho onipresente, sempre se encontrou em harmonia com a consciência cósmica do Pai, o Senhor. que percebe simultaneamente todos os universos materiais, todos os universos astrais e todos os universos ideacionais.

O homem comum, concentrando sua visão com os olhos semicerrados no ponto entre as sobrancelhas, sente fadiga ocular no início, devido à prática desconhecida. O iogue, por outro lado, acostumado a concentrar-se para cima em seu olho espiritual, acha desagradável identificar sua consciência com a visão material descendente de seus dois olhos físicos. Concentrar-se no ponto entre as duas sobrancelhas durante a meditação ajuda o devoto a manter os olhos nem totalmente fechados nem totalmente abertos. Esta prática evita o início do sono subconsciente ou da vigília consciente completa. Assim, o iogue meditante aprende a penetrar na esfera superconsciente que existe entre a escuridão subconsciente acima e a luz visível abaixo.

A linha divisória entre a escuridão superior e a luz material inferior dos

olhos entreabertos e entreabertos é chamada de “horizonte da superconsciência”. Uma pessoa que medita com os olhos fechados pode adormecer; tentando meditar com os olhos abertos, ele pode ser frustrado pelas visões teimosas da matéria. É por isso que o iogue é aconselhado a evitar a escuridão total dos olhos fechados e a luz plena dos olhos abertos. Em vez disso, ele concentra sua visão no horizonte superconsciente.

Se uma pessoa se concentra profundamente neste horizonte, no ponto entre as sobrancelhas, onde a escuridão e a luz se encontram, sem forçar os olhos, ela reorienta as duas correntes nos dois olhos na corrente única original e gradualmente aprende a penetrar através do olho espiritual. na bem-aventurança superconsciente. Desta forma, o hábito mortal da visão frontal dupla ou de perceber a matéria dimensional é transformado na visão esférica ou percepção intuitiva da Onipresença una. Apesar de qualquer leve desconforto causado pelo posicionamento incomum dos olhos, o iogue iniciante deve concentrar suave e calmamente sua visão no ponto entre as sobrancelhas, mantendo o olhar firme - não olhando ao redor, nem permitindo qualquer movimento inquieto dos globos oculares ou cintilação das pálpebras. Com o tempo ele verá o olho espiritual esférico.

A presença de uma concentração da luz da força vital nos olhos é evidenciada pelo fato de que mesmo uma leve pressão nos globos oculares (pelos dedos pressionando suavemente e girando sobre as pálpebras dos olhos fechados) causará a emissão de luz em a escuridão dos olhos fechados. Muitos pensam que esta luz induzida pela pressão é apenas física. Este não é o caso. Esta luz, vista apenas pela consciência, não é grosseiramente física. É antes uma manifestação semifísica e semiespiritual da energia vital que constrói, guia e vivifica todos os tecidos do corpo.

❖

Graus de percepção da luz do olho espiritual

❖

Ver a luz interior por meio de métodos de concentração iogues que fixam o olhar, a atenção e a devoção — em vez de por pressão física — refina essa manifestação semiespiritual, mudando-a para a frequência vibratória mais refinada de sua natureza espiritual pura. Conseqüentemente, a qualidade da luz semiespiritual vista ao pressionar suavemente os olhos é

aprimorada com o aumento da profundidade da meditação do devoto.

Na meditação profunda, quando os olhos e o olhar estão fixos entre as sobrancelhas, a energia vital que flui de trás da parede de escuridão ilusória feita pelo homem através das comportas dos dois olhos inunda o centro da vontade na testa como uma massa de energia brilhante – um lago borbulhante de luz branca. Esta luz pode mudar para cores ou formas de variedade infinita. As diferentes taxas de vibrações de pensamento do devoto que medita produzem as variações. O primeiro fruto comum da concentração é a luz branca; expressões de devoção, amor, sabedoria, todas produzem variações diferentes. Mas quando o devoto se estabelece no estado intuitivo de meditação, intenso, sem desejos e calmo, então todas as variações da luz no olho espiritual começam a se transformar no único e verdadeiro olho espiritual.

Quando o iogue se concentra por tempo suficiente com os olhos entreabertos no ponto entre as sobrancelhas, e quando o olhar está sem qualquer movimento inquieto, ele será capaz de ver uma luz constante cercada por outras luzes, mas bruxuleantes. Ele não deve ser distraído por esse halo brilhante do olho espiritual, mas deve olhar firmemente para o centro do olho até sentir sua mente completamente absorvida nele. Com o tempo, ele verá a formação perfeita do olho espiritual: um globo azul-opala escuro dentro de um anel trêmulo de chamas. Gradualmente, através de concentração profunda, uma estrela branca extremamente brilhante brilha ocasionalmente no centro do azul. A estrela é o portal através do qual a consciência deve passar para atingir a unidade com o Espírito.

Requer tempo e prática calma para estabilizar a luz do olho astral intuitivo. É necessária uma prática mais profunda e mais longa para ver a estrela. É necessária uma maior realização para manter a percepção da estrela. E é preciso domínio da meditação para marchar a consciência, valentemente triunfante, através do portão estrelado da luz.

Depois que o devoto for capaz de ver seu olho astral de luz e intuição à vontade, com os olhos fechados ou abertos, e mantê-lo firme indefinidamente, ele eventualmente alcançará o poder de olhar através dele para a Eternidade; e através do portal estrelado ele navegará para a

❖

Penetrando o olho espiritual, o iogue alcança estados progressivamente mais elevados

❖

Onipresença.

A progressão através do olho espiritual, experimentada pelos iogues avançados, revela primeiro as maravilhosas percepções da superconsciência, a região de raios de luz a partir da qual toda a matéria evolui. Os raios cósmicos criativos escondem como véus a presença do Cristo universal imanente ou Consciência de Krishna, o Senhor onipresente na criação. Através de concentração e meditação mais profundas, o olho espiritual da intuição se abre e, através da estrela da sabedoria, o iogue se une à Onipresença de Cristo-Krishna; e daí, no mais profundo êxtase, ele alcança a Consciência Cósmica do Espírito.16

Outra instrução pode ser acrescentada a este respeito: O olho astral da luz pode ser visto mais facilmente à noite ou num quarto escuro. O iogue altamente desenvolvido, entretanto, pode ver o olho espiritual mesmo à luz do dia ou na presença de qualquer luz forte. Assim como um homem sonolento pode dormir de dia ou de noite, o iogue avançado pode ver o olho espiritual e entrar em êxtase à vontade, independentemente da presença da escuridão ou de qualquer tipo de luz. Ele aprende a penetrar sua consciência no olho astral; e absorvendo todo o seu ser nele, ele olha para o reino do Espírito, permanecendo ali alheio ao mundo material.

Indivíduos comuns que desejam se livrar das provações desagradáveis da vida consciente não podem ir à vontade para o estado subconsciente de sono reparador ou para o estado superconsciente de felicidade, devido a hábitos de preocupação e à falta de controle das correntes vitais nos olhos. e a visão, e na mente por trás deles. Mas o iogue aprende, fechando os olhos e relaxando o olhar, a dormir à vontade; mantendo-os abertos, olhando para frente, ele aprende a permanecer acordado indefinidamente. Mantendo os olhos entreabertos e semicerrados, e concentrando-se no olho espiritual, o devoto pode, à vontade, e pelo tempo que desejar, entrar e permanecer num estado de êxtase superconsciente. Assim, apenas abrindo ou fechando os olhos ou mantendo-os entreabertos, o iogue avançado pode transferir sua concentração à vontade do mundo físico para o estado de sono

subconsciente ou para o estado superconsciente. Invocando ou descartando esses estados à vontade, ele se torna mestre dos mundos consciente, subconsciente e superconsciente.

À medida que o devoto progride na meditação, da consciência inquieta para a consciência cósmica, os seus pensamentos conscientes e subconscientes podem materializar-se na sua visão interior, tecendo figuras de luz, como as vistas nos filmes, tanto reais como irreais – materializações da vontade e da energia vital. Cuidado, jovem devoto, com essas fadas do mundo da energia vital. Não fique satisfeito com nada menos do que o Espírito e a bem-aventurança do Espírito. Não preste atenção às variações da luz interior, mas pratique a concentração na luz do olho espiritual. A luz dos olhos deve ser usada apenas para procurar Deus, Aquele cuja presença está escondida no trono da luz.

Versículo 14

praśāntātmā vigatabhīr brahmacārivrate sthitaḥ
manaḥ saṁyamya maccitto yukta āsīta matparaḥ

Com serenidade e destemor, com firmeza em brahmacharya, com a mente controlada, com os pensamentos centrados em Mim, o iogue deve sentar-se, meditando em Mim como a Meta Final.

Aquele que é firme no brahmacharya é definido como um estudante celibatário que é fiel em viver uma vida santa, engajando-se no estudo sagrado e na autodisciplina. No plano védico prescrito, este foi basicamente o início da vida espiritual para todos os aspirantes. “Brahmachari-vrate” também tem aqui um significado mais profundo: literalmente, “aquele cuja esfera de ação ou ato de devoção (vrata) é praticar (chāra) Aum (brahma: o som sagrado, shabda-brahman)”. O brahmachari realizado, então, é aquele que pela prática de meditar em Aum vaga ou progride no reino de Brahman manifestado como o Criador ou Vibração Sagrada: o Aum, Amém ou Espírito Santo.

Deus se manifesta na criação como a Vibração Cósmica, que se expressa

como Som Cósmico e Luz Cósmica. O Som Cósmico ou Aum é a síntese de todos os sons das forças vitais altamente vibrantes (lifetrons), elétrons, prótons e átomos. Ao ouvir Aum, o iogue se torna um verdadeiro brahmachari ou alguém que está em sintonia com Brahman. Através da concentração profunda o devoto pode ouvir Aum a qualquer hora e em qualquer lugar.

❖

Aum mencionado na Bíblia como "a Palavra" ou Espírito Santo

❖

O Som Cósmico é mencionado na Bíblia Cristã da seguinte maneira: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus."17 O Verbo ou Aum veio de Deus; Ele se manifesta como a Vibração Cósmica na criação. A Bíblia também se refere à Palavra como o Espírito Santo ou vibração invisível semelhante a um fantasma inteligente que é o criador de todas as formas de matéria. É chamado de Espírito Santo porque esta Força Invisível é guiada pela Inteligência Crística que existe na criação como o reflexo ou "Filho unigênito" do transcendental Deus Pai. Jesus Cristo prometeu que o Espírito Santo ou o grande Consolador viria aos seus discípulos após a sua partida corporal da terra.18 O Kriya Yoga é um cumprimento dessa bendita promessa de Cristo, pois dá aos povos do mundo uma técnica científica para contactar o Som Sagrado.

São João falou do Som Cósmico. "Eu fui arrebatado em Espírito no dia do Senhor e ouvi atrás de mim uma grande voz, como de uma trombeta";19 isto é, "eu estava em êxtase espiritual com o Senhor e ouvi atrás de minhas mentes consciente, subconsciente e superconsciente uma voz como o de uma grande trombeta, o grande som cósmico mesclado que sai do 'vibrador' de etrons, prótons, elétrons e átomos."

❖

As instruções de Patanjali para comunhão com Aum

❖

Nos Yoga Sutras de Patanjali, Aum (Om) é mencionado como o símbolo de Ishvara ou Deus. Esta grande autoridade em yoga refere-se ao Aum como um Som Cósmico que flui continuamente no éter, inexprimível por qualquer voz humana e totalmente conhecido apenas pelos iluminados. Além disso, Patanjali diz que a concentração profunda no Aum é um meio

de libertação. Muitas pessoas que não entendem o significado interior das escrituras pensam que, cantando Aum em voz baixa ou alta, podem alcançar a superconsciência. As escrituras hindus, entretanto, apontam que aquele cuja mente está identificada com o kaya ou corpo não pode perceber o verdadeiro som Aum. Nos tempos antigos, apenas os conhecedores de Brahman tinham permissão para pronunciar Aum porque eram capazes de ouvir o Som Cósmico à vontade e perceber, por trás dele, a presença de Deus. Uma interpretação literal desta injunção levou à crença absurda de que apenas os brâmanes (ninguém de castas inferiores) ou aqueles que aceitam sannyas e, portanto, renunciaram a todas as castas, deveriam cantar ou meditar em Aum. Na verdade, ninguém pode escapar de uma comunhão constante com Aum, pois ele permeia a consciência e cada fibra e átomo de cada ser. Aqueles que se sintonizam conscientemente com a onipresente Vibração Cósmica recebem bênçãos incalculáveis.

As escrituras classificam o canto comum como (1) pronúncia repetida e em voz alta da palavra Aum, (2) repetições de Aum em sussurros e (3) canto contínuo de Aum na mente, ouvindo-o mentalmente. O canto superconsciente, entretanto, é aquele em que a mente é profundamente direcionada para a repetição e para a escuta profunda do Som Cósmico enquanto ele vibra no éter. Esta é a verdadeira maneira de entrar em contato com Deus conforme Ele é expresso na criação.

O som cósmico Aum é a vibração combinada das três fases da Natureza: criação, preservação e dissolução operantes nos universos físico, astral e causal. O canto vocal do Aum deve ser entoado primeiro em tom agudo, representando a criação; depois, em tom mais grave, representando preservação; depois, em um tom ainda mais baixo, que gradualmente desaparece, representando a dissolução. O canto deve ser primeiro alto, depois suavemente e depois suavemente até ficar inaudível ou apenas mental.

O canto real, ou superconsciente, do Aum, entretanto, não consiste em uma vocalização imitativa do Aum, mas em realmente ouvir o Som Sagrado. Todos os sons físicos são transmitidos por meio do éter; mas embora o Aum vibre no éter – que é a base de toda atividade manifestada –

o som do Aum vibra independentemente do meio etérico. É, portanto, referido como anahata-nada (um som produzido de outra forma que não por ser espancado ou golpeado - isto é, sem detonação) porque se manifesta na intuição do iogue sem atingir seu tímpano por meio do éter - como acontece com os sons físicos. Aum, sendo uma vibração espiritual, não é ouvida fisicamente, mas sentida espiritualmente.

Patanjali quis dizer que somente aquele iogue pode alcançar Deus cuja mente está superconscientemente fixada no Som Cósmico, a Manifestação Divina externa. Tal iogue é um brahmachari realizado. Seu coração está transbordando com a alegria sagrada que segue a percepção de Aum. Quando um devoto experimenta a bem-aventurança de Deus (o conforto do Espírito Santo) por trás do Som Cósmico, seu coração fica sereno; ele perde todo o medo de ser desviado de seu estado exaltado ou de ficar enredado em sensações materiais. Um iogue que uniu sua alma ao Som Cósmico e, assim, experimentou sua felicidade inefável, é considerado unido ao Senhor. Seu coração, cheio de alegria divina, não está mais sujeito a gostos e desgostos, como acontece com o coração da pessoa comum durante os contatos com a matéria e seus estados essenciais de oposição.20

❖

Através do Aum, Deus é acessível a todos os devotos

❖

Um homem declarado de renúncia, destemido, com coração sereno e mente controlada, pode pensar em Deus como sua Meta Suprema. Mas num estado mais elevado o iogue torna-se um com Deus; tendo encontrado o Senhor através de Aum e Seu pratipadya (a bem-aventurança cósmica que se segue à percepção do Som Cósmico ou Espírito Santo), ele alcança a liberação completa.

O Espírito Santo é mencionado pelos hindus como Aum, pelos muçulmanos como Amin e pelos cristãos como Amém ou a Palavra. Em Apocalipse 3:14 encontramos esta definição: “Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus”. Este Amém é o Som Cósmico que, como testemunha divina, acompanha fielmente toda a criação vibratória desde o seu início - assim como o som acompanha ou declara o funcionamento de um motor. Em outras palavras, Amém ou Aum

é uma “testemunha auditiva” que declara, como acessível a todos os devotos, a presença tangível em toda a criação do Criador.

A Bíblia Hindu (Bhagavad Gita), a Bíblia Cristã e o maior livro sobre yoga (Yoga Sutras de Patanjali) declaram unanimemente que o Som Cósmico é a manifestação externa ou testemunho do Senhor na criação. Krishna, Jesus e Patanjali ensinaram que o homem deve receber o Espírito Santo (o Consolador) para alcançar a Inteligência Crística dentro dele e Deus, o Pai, existindo além dele (além de Aum ou criação vibratória). Todas as almas desceram à matéria a partir de Deus, o Pai, além da criação, de Deus, o Filho ou Inteligência Crística, e de Deus, o Espírito Santo. Cada alma tem, portanto, que ascender ao Espírito (Absoluto Imanifestado) através dos estágios de Sua manifestação trina – Espírito Santo, Filho e Pai (Aum-Tat-Sat das escrituras hindus).

VERSÍCULO 15

yuñjann evaṁ sadātmānaṁ yogī niyatamānasaḥ
śāntiṁ nirvāṇpararamāṁ matsaṁsthām adhigacchati

O iogue autogovernado – aquele cuja mente está totalmente sob controle – envolvendo assim sua alma em incessante união meditativa com o Espírito, alcança a paz do Meu ser: o Nirvana final (libertação).

Ao praticar a ioga óctupla, o devoto primeiro experimenta o êxtase por um curto período de tempo; através de uma prática mais profunda, ele é capaz de permanecer divinamente em transe por períodos mais longos. O estado extático de percepção de Deus sem percepção do universo é chamado de savikalpa samadhi ou samprajnata samadhi.21 Raramente, ou nunca, é possível para um iogue permanecer durante toda a sua vida no estado corporal inativo de savikalpa samadhi.

Um incidente histórico interessante, do qual meu pai foi testemunha ocular, pode ser narrado aqui. Certos príncipes Bhukailash de Kidderpore (perto de Calcutá) ordenaram que um lago fosse escavado em sua

propriedade na Floresta Sundarban, em Bengala. No decurso desta operação, os corpos de sete homens foram desenterrados e posteriormente levados para o complexo do palácio. Os geólogos testemunharam que os homens devem ter sido enterrados cerca de duzentos anos antes. Milhares de pessoas em Calcutá, entre elas meu pai, reuniram-se para ver os homens, que estavam absortos em um estado de êxtase, sem exibir sinais externos de vida, com seus corpos em perfeito estado de preservação.

Foi dito que, não conseguindo despertar os santos pela aplicação de toalhas quentes na cabeça, e por outros métodos de reanimação comumente conhecidos por reanimar faquires em estados demonstrados de animação suspensa, os príncipes, contra os protestos de amigos, ordenaram aos servos que conduzissem atiçadores quentes na carne dos sadhus inanimados. Este tratamento bárbaro forçou os santos a retornarem à consciência exterior. Um deles dirigiu-se severamente aos príncipes Bhukailash:

"Tínhamos planeado permanecer mais alguns anos neste estado de êxtase, a fim de destruir o nosso carma passado e alcançar a libertação. Já que você nos perturbou cruelmente, você deve sofrer seu próprio carma."

Os santos faleceram simultaneamente. Seus corpos, que logo se decompuseram, foram cremados publicamente. Alguns dizem que os príncipes Bhukailash, logo depois, morreram repentinamente; outros relatos não apoiam esta afirmação, mas referem-se a desastres incomuns que causaram grandes sofrimentos à família.22

Os santos desenterrados estavam experimentando um estado incomumente prolongado de savikalpa samadhi.

Por incrível que esta história possa parecer a um céptico, não o é mais do que outros relatos autenticados com vários graus de suspensão da vida. As pessoas viveram durante meses ou anos em estado de coma e depois retornaram à consciência normal. Muitos casos de animação suspensa completa, cessação de todos os sinais vitais, com recuperação subsequente são fatos aceitos (por exemplo, a mãe de Robert E. Lee, o famoso general da Guerra Civil). A capacidade de entrar num estado de transe de animação suspensa à vontade foi demonstrada por iogues e faquires, entre os quais se destacou Sadhu Haridas, do início do século XIX.23 Se os estados

inconscientes de suspensão são aceitáveis para a mente da razão, quanto mais o serão? a capacidade dos iogues avançados de manter a atividade consciente em um plano superior de percepção enquanto o corpo, um mero instrumento físico usado na Terra, permanece em estado suspenso. Na verdade, místicos e santos de todas as convicções religiosas foram observados neste estado de savikalpa samadhi.

É bom que o homem às vezes seja confrontado pelo incomum para afastar sua mente drogada de limitações de sua complacência comum. As leis da Natureza seguem o seu curso fixo, mas são manipuláveis pelo homem, os senhores a quem foi dado o domínio sobre a terra. Se não fosse assim, hoje não existiriam viagens de avião, nem visualização de imagens que passam através do éter nos aparelhos de televisão, nem medicamentos milagrosos médicos – e os "milagres" que ainda serão realizados no futuro. Jesus disse: "Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim, também fará as obras que eu faço; e obras maiores do que estas ele fará."24 Enquanto homens de mente mesquinha gritam "Impossível!" os desbravadores do mundo perseguem calmamente os seus objectivos e demonstram que o impossível era, em vez disso, inevitável.

Instâncias como a dos santos Bhukailash, entretanto, são propositalmente raras. São lembretes do potencial do homem para o autodomínio, mas tais extremos não pretendem ser uma parte comum do plano divino. Permanecer no estado corporal inerte por longos períodos de tempo tem seus perigos. Portanto, o iogue devidamente instruído aprende a entrar e sair do estado de savikalpa samadhi à vontade. Esta conquista permite-lhe manter a sua comunhão com Deus no estado ativo dos assuntos mundanos.

O Senhor não deseja que Seus filhos permaneçam indefinidamente inativos em êxtase. Ele quer que eles desenvolvam Seu drama em um estado de realização divina (nirvikalpa samadhi ou asamprajnata samadhi). Ao entrar neste estado mais elevado, o iogue é liberado. Ele pode reter sua realização divina durante os estados consciente, subconsciente e superconsciente. O iogue avançado, estando unido a Deus, pode observar seu próprio corpo enquanto ele está trabalhando ou enquanto está inativo

em êxtase, assim como Deus pode observar tanto Sua imanência quanto Sua transcendência. O iogue, um com o Oceano de Deus, observa Ele e sua pequena onda corporal como uma só e mesma coisa.

Diz-se que tal iogue atingiu o estado supremo de nirvana ou completa extinção do ego. A alma não desaparece, mas, mantendo a sua individualidade, expande-se no Espírito. Nirvana significa a extinção final, pela destruição de todos os desejos insatisfeitos que provocam o renascimento, das causas cármicas que obrigam uma alma a reencarnar.

VERSÍCULO 16

nātyaśnatas seu iogue está em todos anaśnataḥ
na cātisvapnaśīlasya yagato naiva carjuna

Ó Arjuna! O gourmand, o comedor escasso, a pessoa que habitualmente dorme demais, aquele que dorme pouco – nenhum desses encontra sucesso na ioga.

Estados desequilibrados são obstáculos para o iogue. O iniciante deve preencher todas as condições normais de uma existência corporal saudável; caso contrário, os problemas físicos enredarão a mente e impedirão a meditação profunda da qual depende o progresso espiritual. O sadhaka deve, portanto, abster-se de todos os excessos, para que seu corpo não se torne um obstáculo no caminho do progresso divino. Meu guru Swami Sri Yukteswar aconselhou sabiamente: “Jogue um osso para o cachorro” – dê ao corpo o que lhe é devido, sem mimá-lo nem abusar dele, e depois esqueça o corpo. De forma natural, à medida que a consciência interior se torna espiritualizada através do sucesso no yoga, o corpo também se torna espiritualizado e as suas exigências “normais” diminuem gradualmente.

As escrituras do Yoga ordenam que o aspirante seja um “comer bem”; isto é, ele deve ter uma dieta balanceada, com proteínas, gorduras, carboidratos, vitaminas e minerais suficientes. Mas comer demais, mesmo de alimentos saudáveis, causa doenças. Além disso, quando o devoto tenta meditar com o estômago cheio, ele pode estar consciente da carga corporal

e da respiração difícil, em vez do estado alegre e sem fôlego da superconsciência. Comer de forma insuficiente, por outro lado, leva à fraqueza física e mental.

Dormir demais embota o sistema nervoso; dormir pouco produz uma tendência a dormir contra a vontade.

Os iogues apontam que dormir demais deixa o corpo preguiçoso; a garganta e as passagens nasais ficam cheias de catarro. O devoto deve sempre manter seu corpo livre do acúmulo excessivo de muco. Se uma dieta de alimentos crus for considerada útil nesse sentido, o iogue deve segui-la religiosamente.

A perda de sono destrói o frescor mental. Uma mente embotada não consegue se concentrar na alegria da alma interior. Alguns iogues aconselham dormir no início da noite; após dormir, realizando abluções e limpando a boca e as narinas, o devoto deve praticar Kriya Yoga. Alguns iogues aconselham aqueles que têm seu tempo sob controle a dormir cinco horas à tarde e a praticar ioga e meditações de êxtase durante a maior parte da noite. “Noite” consiste no período entre o pôr do sol e o nascer do sol. Mas os iogues referem-se ao horário entre 21h30 e 21h30. e 4h30 como a “grande noite”, particularmente adequada para meditação devido à menor perturbação de certas correntes magnéticas terrestres.

O sono é chamado de pseudoêxtase. Compelido pela fadiga, o ego é arrastado para o sono para experimentar subconscientemente o estado da alma pacífica. Evitando todos os excessos no desfrute dos sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato, o iogue avançado é capaz de ir conscientemente além do estado de sono e, assim, desfrutar a bem-aventurança interminável da superconsciência.

Versículo 17

yuktāhāravihārasya yuktaceṣḍasya karmasu
yuktasvapnāvabodhasya yogo bhavati duḥkhahā

Aquele que come, relaxa, trabalha, dorme e permanece acordado com a devida regularidade descobrirá que o yoga é o destruidor do sofrimento.

O iogue deve ser moderado em todos os seus hábitos. Esta estrofe salienta que o iogue novato não deve tentar continuar ininterruptamente na meditação (com exceção de algumas horas de sono), ignorando assim a realização de boas ações externas. Não é natural – na verdade, impossível – para um iniciante no caminho do yoga permanecer no estado superconsciente de êxtase alternado apenas pelo sono e não também por atividades adequadas ordenadas por Deus e pela Natureza.

A referência à regularidade na alimentação, no relaxamento, no trabalho, no sono e no despertar admite uma interpretação espiritual mais profunda. Durante a prática de ioga, engolir ar (a ingestão de prana em oxigênio) é chamado de alimentação astral. Assim, "comer" refere-se à respiração. O devoto aprende a destilar a força vital do ar e, assim, a reforçar seu suprimento de prana; seu corpo é gradualmente libertado da escravidão dos alimentos sólidos e líquidos. O iogue é aconselhado a comer regularmente esse alimento aéreo. Ele deve evitar engolir ar excessivamente e também respirar pouco ar. Respirar excessivamente ou com força ou prender deliberadamente a respiração nos pulmões por períodos prolongados é prejudicial. Da mesma forma, a pessoa que reduz a respiração de forma não científica, absorve oxigênio insuficiente e, assim, envenena o seu sistema por um acúmulo excessivo de dióxido de carbono no sangue venoso.

Através da respiração rítmica regular, o iogue aprende a destilar a energia da quantidade adequada de oxigênio presente nos pulmões naturalmente inflados durante a inspiração e a expelir adequadamente o dióxido de carbono venenoso (acumulado da descarbonização do sangue) durante a expiração normal.

"Regularidade no relaxamento" (recreação) significa que o iogue não deve respirar nem muito forte nem muito escassamente, mas uniformemente – como no Kriya Yoga, onde a respiração se torna neutralizada, isto é, "tranquila" ou "relaxada".

Pela “regularidade no trabalho”, o iogue é instruído a realizar fielmente a ação divina da meditação, juntamente com o desempenho moderado de ações obedientes ordenadas por Deus e pela Natureza – aquelas que contribuem para o seu próprio bem-estar e salvação; e também aqueles que ajudam a trazer outros verdadeiros buscadores para o caminho de Deus, menos pelas suas palavras do que pelo seu exemplo.

❖

Interpretação iogue de “regularidade na alimentação, relaxamento, trabalho, sono”

❖

O estado de sono subconsciente sem sonhos, o estado subconsciente de sonho e o estado de vigília têm um significado profundo que é explicado pelos iogues da seguinte maneira: A pessoa comum experimenta esses três estados, que, conectados como estão com o corpo e a matéria , são chamados coletivamente de estado de sonho ilusório. O verdadeiro estado de vigília é percebido quando o iogue se eleva acima de todos os seus estados de sonho subconscientes e conscientes e está consciente na sempre vigília de Deus. O devoto, de acordo com a interpretação esotérica desta estrofe, é aconselhado a não se entregar excessivamente à percepção onírica de experiências mundanas durante o sono da ilusão. Ele também é aconselhado a não dormir muito pouco no estado inicial (permanecer muito pouco consciente do mundo material), tentando permanecer o tempo todo no estado de êxtase divino. O iogue iniciante deve encontrar um equilíbrio entre as atividades divinas e a meditação profunda. Aquele que, de forma equilibrada, tenta ser humano e divino descobrirá automaticamente que experimenta igual alegria, quer esteja no estado de atividade humana ou no estado de meditação profunda.

Quando um iogue novato tenta continuamente permanecer em êxtase e não realizar boas obras externas, ele é incapaz de fazê-lo e também não consegue destruir seu carma mortal. O iogue que não é preguiçoso e que cumpre deveres divinos e mundanos para agradar a Deus e ao homem queima suas sementes de carma. Ao dominar as atividades externas, transformando sua natureza material por meio de pensamentos divinos, o iogue alcança a liberação e a destruição permanente de todas as causas do sofrimento.

ALCANÇANDO O AUTODOMÍNIO E O CONTROLE DA MENTE

VERSÍCULO 18

yadā viniyataṁ cittam ātmany evāvatiṣḍhate
niḥspṛhaḥ sarvakāmebhyo yukta ity ucyate tadā

Quando o chitta (sentimento) é absolutamente subjugado e calmamente estabelecido no Ser, o iogue, portanto desprovido de apego a todos os desejos, é chamado de unido a Deus.

Quando o coração humano está constantemente absorvido na bem-aventurança divina, fica automaticamente desunido dos prazeres menores dos sentidos.

Se um homem vê uma bela propriedade, permitindo que seus olhos, mente e inteligência a desfrutem impessoalmente (sem o desejo de possuí-la), ele não está sendo enredado por sua percepção visual. Mas o indivíduo identificado pelos sentidos, à simples visão do tratado encantador, pode ser tomado pelo desejo de possuí-lo. O materialista, portanto, não tem controle sobre sua chitta ou sentimento; ele é governado por emoções descontroladas que levam às misérias nascidas de gostos e desgostos.

Nesta estrofe, o Gita ressalta que o iogue deve estar totalmente concentrado em desfrutar a abençoada percepção da alma e, assim, absorver seus sentimentos de tal maneira que não sejam influenciados pelos anseios materiais.

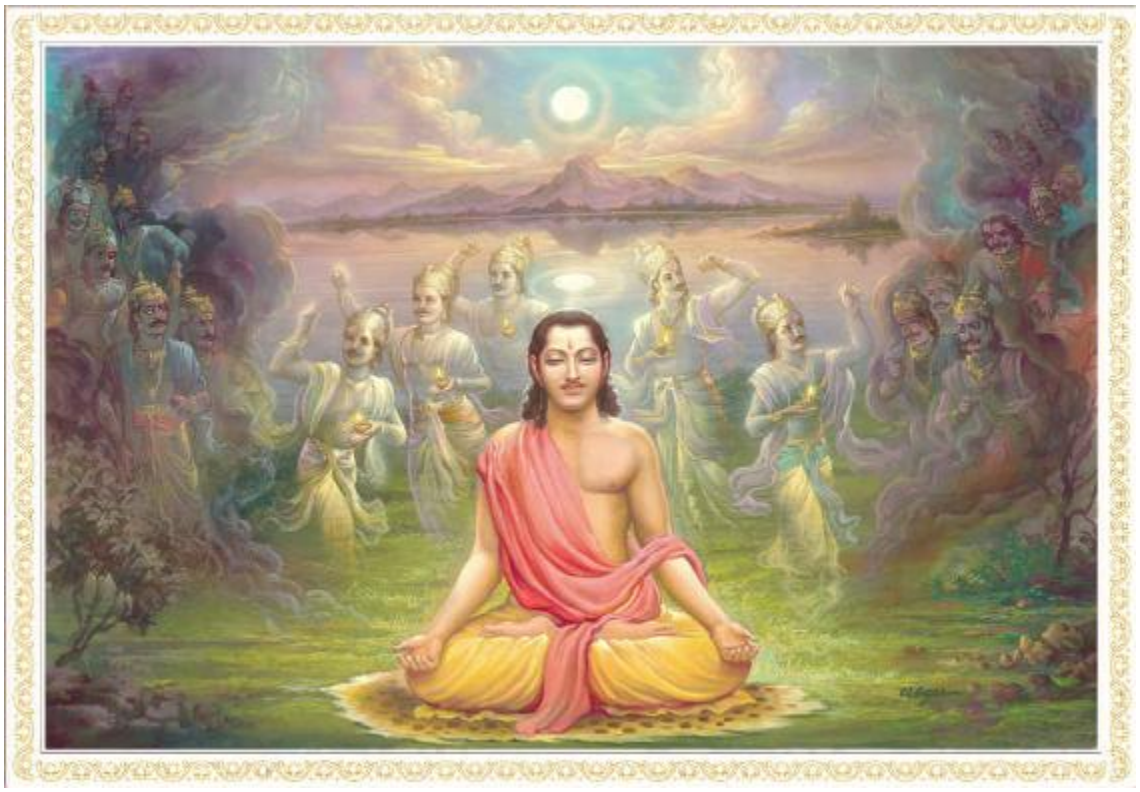
VERSÍCULO 19

yathā dīpo nivātastho neṅgate sopmā smṛtā
yogino yatacittasya yuñjato yogam ātmanaḥ

A ilustração de uma chama de luz inabalável em um local sem vento pode ser usada em referência a um iogue que conquistou seu sentimento (chitta) pela prática da meditação no Ser.

“Assim como a chama constante de uma vela ou lamparina a óleo, protegida do vento, revela a beleza dos objetos materiais ao seu redor, assim a luz inabalável da concentração interior, livre de rajadas de inquietação, revela a glória eterna do Espírito.”

Para manter a chama de uma vela estável, ela deve ser protegida de qualquer brisa. Da mesma forma, a chama da percepção nascida da meditação do iogue deve permanecer constantemente acesa, imperturbável e inabalável diante das rajadas do sentimento apaixonado pela ilusão. Um iogue que assim protege a chama da paz do ataque de desejos momentâneos e de gostos e desgostos inatos decorrentes de uma inquietação descontrolada em sua faculdade de sentir (chitta) descobre naquela luz tranquila a presença secreta de Deus. Assim como uma luz bruxuleante não pode revelar distintamente os contornos dos objetos próximos a ela, a percepção espiritual de um iogue que está agitado por desejos materiais não revela dentro dele a clara presença do Divino.



A ilustração de uma chama de luz inabalável em um local sem vento pode ser usada em referência a um iogue que conquistou seu sentimento (chitta) pela prática da meditação no Ser.

—Bhagavad Gita VI:19

"Para manter a chama de uma vela estável, ela deve ser protegida de qualquer brisa. Da mesma forma, a chama da percepção nascida da meditação do iogue deve permanecer constantemente acesa, imperturbável e inabalável diante das rajadas do sentimento apaixonado pela ilusão. Um iogue que assim protege a chama da paz do ataque de desejos momentâneos e de gostos e desgostos inatos decorrentes de uma inquietação descontrolada em sua faculdade de sentir (chitta) descobre naquela luz tranquila a presença secreta de Deus. Assim como uma luz bruxuleante não pode revelar distintamente os contornos dos objetos próximos a ela, a percepção espiritual de um iogue que está agitado por desejos materiais não revela dentro dele a clara presença do Divino."

"Quando, pela prática da ioga, o sentimento não mais oscila com as distrações (aquelas tempestuosas respostas condicionadas às maquinações da Natureza), mas está imerso na concentração interiorizada, a pseudoalma identificada com o corpo descobre seu verdadeiro Eu e fica envolvida na bem-aventurança do Alma identificada com o Espírito. Na luz inabalável da percepção intuitiva transcendente aos sentidos, o ego sombrio refletido primeiro se mistura com a imagem de seu verdadeiro Eu e depois se une à chama onipresente do Espírito. A chama interior da Bem-aventurança eterna destrói para sempre todas as sombras oníricas do sofrimento."

—Paramahansa Yogananda

Versículos 20–23

yatroparamato cittam niruddham yogasevayā
yatra caivātmanātmānaṁ paśyann ātmani tuśyati (20)

sukham atyantikaṁ yat tad buddhigrāhyam atīndriyam
vetti yatra na caivāyaṁ sthitaś calati tattvataḥ (21)

yaṁ labdhvā cāparaṁ labhaṁ manyate nādhikaṁ tataḥ
yasmin sthito na duḥkhena guruṇāpi vicālyate (22)

taṁ vidyād duḥkhasaṁyogaviyogaṁ yogasaṁjñitam
sa niścayena yoktavyo yogo 'nirviṇṇacetasā (23)

(20) O estado de completa tranquilidade do sentimento (chitta), alcançado pela meditação iogue, no qual o self (ego) se percebe como o Self (alma) e fica satisfeito (fixo) no Self;

(21) O estado no qual a imensurável bem-aventurança transcendente aos sentidos se torna conhecida pela inteligência intuitiva desperta, e no qual o iogue permanece entronizado, para nunca mais ser removido;

(22) O estado que, uma vez encontrado, o iogue considera como o tesouro além de todos os outros tesouros – ancorado nele, ele fica imune até mesmo à dor mais poderosa;

(23) Esse estado é conhecido como yoga – o estado sem dor. A prática do yoga deve, portanto, ser observada com determinação e coração forte.

Quando, pela prática do yoga, o sentimento não mais oscila com as distrações (aquelas tempestuosas respostas condicionadas às maquinações da Natureza), mas está imerso na concentração interiorizada, a pseudoalma identificada com o corpo descobre seu verdadeiro Eu e fica envolvida na bem-aventurança do Espírito. -alma identificada. Na luz inabalável da percepção intuitiva transcendente aos sentidos, o ego sombrio refletido primeiro se mistura com a imagem de seu verdadeiro Eu e depois se une à chama onipresente do Espírito. A chama interior da Bem-aventurança eterna destrói para sempre todas as sombras oníricas do sofrimento.

As estrofes 20 e 21 descrevem os quatro estados de êxtase primário alcançado pelo iogue nos estágios avançados do yoga (em samprajnata ou savikalpa samadhi), que por sua vez levam ao samadhi mais elevado (asamprajnata ou nirvikalpa samadhi),25 a união última referida na estrofe 23 como “o estado sem dor”.

No primeiro estado de êxtase primário, o ego identificado com o corpo na meditação encontra seu verdadeiro Eu, a alma; começa a saborear a bem-aventurança da alma e fica “contente” (concentrado, fixo) na alegria dessa natureza.

Como resultado dessa concentração unidirecionada, o iogue atinge o segundo estado: “completa tranquilidade do sentimento”. Sua atenção, intelecto e sentimento (operativos nos estados savikalpa de savitarka, savichara e sananda samprajnata samadhi) tornaram-se inteiramente divorciados de suas funções grosseiras identificadas pelos sentidos e, em sua natureza sutil, estão ancorados na bem-aventurança da alma (em o estado sasmita de puro ser individualizado). Quando as atividades externas das faculdades da inteligência são interrompidas e os instrumentos cognitivos voltados para dentro, a inteligência extrai então o seu poder de conhecimento da intuição da alma. Neste estado de transcendência dos sentidos, a bem-aventurança interior é, portanto, “conhecida pela inteligência intuitiva desperta”. Ao descobrir a alma, o iogue também

começa a perceber em seu ser a bem-aventurança do Deus Onipresente. Depois que o ego físico se metamorfoseia em seu verdadeiro Eu, a alma, então a bem-aventurança da alma se expande e se funde na bem-aventurança maior do Espírito.

No terceiro estado, o iogue experimenta não apenas o êxtase intermitente, mas também descobre que seu contato cósmico existe permanentemente sob sua consciência, para ser desfrutado sempre que ele entra no estado de savikalpa samadhi.

O último estado do êxtase primário quádruplo é alcançado quando o iogue fica absorvido na bem-aventurança cósmica, não apenas no estado meditativo de samadhi, mas também quando ele é capaz de trazer consigo suas percepções divinas quando retorna ao estado consciente de corpo. atividade. Ele é gradualmente capaz de manter esses efeitos posteriores do samadhi por períodos cada vez mais longos, durante os quais ele não é perturbado por qualquer "dor" – os efeitos malignos das condições alternadas de dualidade da Natureza. Quando ele consegue permanecer perpetuamente nesse estado sem dor, diz-se que ele dominou todos os quatro estados de êxtase primário.

Ele então passa para o estado de êxtase secundário ou mais elevado (asamprajnata ou nirvikalpa samadhi). Ele se torna um com o Espírito — "entronizado, para nunca mais ser removido" — para nunca mais descer à dolorosa esfera da identificação corporal.

Mesmo no quarto estado do êxtase primário, a libertação completa da dor física e mental não é possível, devido à alma estar consciente do corpo e ser manipulada pelas suas faculdades assim que ocorre qualquer diminuição na percepção do iogue da bem-aventurança divina. O iogue altamente avançado pode experimentar breves períodos de consciência nirvikalpa (asamprajnata) mesmo antes de se estabelecer permanentemente nesse estado.

❖

Nirvikalpa samadhi: extinção permanente do sofrimento

❖

Nem sempre são possíveis distinções categóricas claras na definição das experiências e realizações do iogue, pois podem ser uma mistura de estados ou uma questão de grau,

dependendo da qualidade e do objeto da sua meditação. Por exemplo, uma pessoa pode apontar para uma folha numa pintura e dizer, para todos os efeitos práticos, que é verde; mas um artista o descreveria com mais precisão como uma mistura de amarelo e azul, expressando mais ou menos um ou outro pigmento. Da mesma forma, o termo yoga ou união divina é aplicável a vários estágios de realização, mas o seu significado último é a união absoluta com o Espírito; a união absoluta é o estabelecimento permanente da consciência em nirvikalpa ou asamprajnata samadhi. Assim, para fins de comparação, o verdadeiro ou último estado de nirvikalpa (o estado "sem diferença") é quando o iogue está permanente e irrevogavelmente unido a Deus nas esferas meditativa e fisicamente ativa da consciência, em contraste com experiências intermitentes de consciência. este estado.

Quando a alma do iogue está unida para sempre em nirvikalpa samadhi ao Espírito, ela não pode novamente experimentar qualquer sofrimento físico ou mental. Este estado é mencionado na filosofia Sankhya como a "extinção permanente" ou "desenraizamento" de todas as causas físicas, mentais e espirituais do sofrimento.

A verdadeira definição de yoga é dada nestas estrofes. O propósito do yoga é fornecer um meio prático para unir o ego ou pseudoalma identificado com o corpo com a verdadeira alma identificada com o Espírito. Yoga também significa a união completa da alma com o Espírito – a Fonte da qual ela emana.

Na vigésima terceira estrofe, todo buscador espiritual é aconselhado a praticar yoga, não em um estado de espírito desordenado ou deprimido, mas com grande entusiasmo e perseverança. Ele deve tentar destemidamente unir seu ego com sua alma e sua alma com o Espírito, até alcançar a bem-aventurança final na qual a alma nunca mais será separada do Espírito. As sementes passadas de boas e más ações que geraram a reencarnação são torradas para sempre no fogo que tudo consome da sabedoria suprema.

O Gita aponta a impossibilidade de obter satisfação praticando métodos de yoga de forma desconexa. Todo iogue deveria alegremente tentar tornar sua meditação diária mais profunda do que a meditação do dia anterior; sua

❖

Torne a meditação de hoje mais profunda do que a de ontem e a de amanhã mais profunda do que a de hoje

❖

prática de yoga de amanhã deverá ser sempre mais profunda do que a de hoje.

Novamente, o iogue não deve se satisfazer com meditações profundas durante um ou dois anos, mas deve praticar yoga com intensidade cada vez maior até o fim de sua vida, e durante as encarnações, se necessário! Melhor é tentar ser livre numa vida ou em algumas vidas do que sofrer o sofrimento de milhares de encarnações, devido à falta de esforços contínuos para a salvação. O iogue que não está determinado a meditar até que a emancipação final seja alcançada (pela remoção de todas as sementes de carma alojadas no subconsciente) tende a ficar desanimado e a desistir de sua prática de yoga porque não encontrou rapidamente o estado final. Ele deveria, contudo, meditar intensamente sem se concentrar nos frutos de suas ações. A história a seguir encorajará iogues laboriosos e desanimados.

Um homem plantou uma semente de flor em seu jardim. Ele cuidou dele, capinando e regando firmemente o solo ao redor. Surgiu uma planta robusta — mas, durante anos, nenhuma flor. Pensou em destruir a fábrica, mas finalmente decidiu: “Meu negócio é cuidar da fábrica; cabe a Deus produzir a flor. Vou me manter ocupado cuidando da planta e não me concentrando em meus trabalhos sem flores.” Os anos se passaram; contentou-se com o cuidado da planta e esqueceu-se completamente da flor. Numa manhã ensolarada, quando soprava suavemente uma brisa, ele sentiu uma fragrância estranhamente atraente. Ele correu para sua planta e ficou sem palavras de alegria – ali na frente dele estava a linda flor! A beleza aromática sempre esteve presente na planta, um potencial oculto à espera do momento certo de desabrochar, possibilitado pelo seu trabalho de amor.

O iogue deve igualmente manter-se ocupado nutrindo sua planta de Auto-realização; se não for impaciente, encontrará (um dia, quando Deus, em Sua infinita sabedoria, julgar apropriado) a flor amarantina da liberdade eterna.

VERSÍCULO 24

saṁkalpaprabhavān kāmāṁs tyaktvā sarvān aśeṣataḥ
manasaivendriyagrāmaṁ viniyamya samantataḥ

Abandone, sem exceção, todos os anseios nascidos de sankalpas (planejamentos) e controle completamente, diretamente com a mente, os órgãos sensoriais, os poderes sensoriais e seu contato com os objetos dos sentidos onipresentes.

Para alcançar o santuário interior de Deus, o iogue deve acelerar sua atenção que marcha interiormente para que não seja capturada pelos bandidos das sensações externas ou pelos vilões mais fortes dos pensamentos e desejos inquietos e dominadores que se escondem no caminho da concentração.

O iogue, enquanto medita em Deus, não deve distrair sua atenção permitindo-se ruminar sobre objetos materiais, planejando e replanejando mentalmente atividades materiais para o cumprimento dos fins desejados. Ele deveria renunciar sem reservas a todos esses desejos nascidos de planejamentos mentais egoístas; e ele deveria retirar de dentro todos os desejos que já estão arraigados no subconsciente. Sua mente deve ser afastada dos objetos materiais ao seu redor que dão origem às sensações de visão, audição, olfato, paladar e tato, e seus múltiplos pensamentos e novos anseios resultantes.

Quando a mente está singularmente concentrada na meditação, todas as distrações são interrompidas. Mas até que tal interiorização seja dominada, o devoto deve praticar persistentemente o controle da mente; e ele também deveria tomar medidas de bom senso para eliminar, ou pelo menos minimizar, estímulos externos invasivos.

Todos os iogues iniciantes devem, portanto, fechar os olhos durante a meditação, desligando todas as distrações. Também é bom que meditem em ambientes tranquilos; em certas técnicas, como a meditação no Aum, é aconselhável praticar com os ouvidos fechados.26 Essas precauções ajudam a eliminar sons – a mais perturbadora de todas as sensações. O iogue também deve ter o cuidado de meditar em um local desprovido de calor ou frio extremos e de odores bons ou ruins penetrantes, para que seus sentidos

de tato e olfato não sejam estimulados. Deve-se evitar um local frequentado por algozes como mosquitos ou formigas. Nem deve o meditador manter na boca especiarias ou gomas de mascar, ou outros estímulos que estimulem sensações gustativas, que por sua vez podem causar diversão mental.

Quando os sentidos estão tranquilos, as sensações não são despertadas; pensamentos distraídos não surgem. Quando os pensamentos não surgem, os pensamentos subconscientes não surgem. O iogue que tem o cuidado de remover todas as causas de distúrbios externos e internos pode facilmente concentrar-se internamente.

VERSÍCULO 25

śanaiḥ śanair uparamed buddhyā dhṛtigṛhītayā
ātmasaṁsthaṁ manaḥ kṛtvā na kiṁcid api cintayet

Com a discriminação intuitiva saturada de paciência, com a mente absorvida na alma, o iogue, libertando sua mente de todos os pensamentos, alcançará lentamente a tranquilidade.

O iogue cuja mente foi libertada de distrações externas e internas é então aconselhado a guiar sua discriminação intuitiva (buddhi em seu estado puro ou transcendente aos sentidos) gradualmente para dentro, para perceber a bem-aventurança da alma, não permitindo qualquer forma de divagação mental. Não importa quantas vezes a mente do iogue se distraia durante a meditação, ele deve exercer muita paciência; através de esforço diário contínuo, ele conseguirá estabelecer sua mente na alegria da alma.

O novo devoto pode ficar desanimado ao receber apenas ocasionais percepções de bem-aventurança, interrompidas constantemente por ferozes invasões de pensamentos inquietos. O iogue é, portanto, exortado a tentar pacientemente repetidas vezes, até que seja capaz de fixar firmemente sua concentração em sua Meta interior.

Se um recipiente de vidro for preenchido com água lamacenta e colocado sobre uma mesa, depois de um tempo as partículas de lama se depositam no fundo do copo. Da mesma forma, se uma pessoa esperar

pacientemente que sua lama mental se assente e não agitar a água nervosamente, a lama não voltará à superfície.

As partículas em um copo de água serão claramente vistas se depositando no fundo se o copo não for mexido. Os movimentos da lama não indicam agitação, mas apenas um processo de acomodação.

A mente do homem comum, da mesma forma, está turva com miríades de fluxos de pensamentos inquietos que correm para o rio da sua consciência. Durante a atividade normal, os pensamentos invasores são completamente homogeneizados com a sua consciência. É por isso que o homem comum não sabe o quanto está inquieto. Ele descobre isso, para sua consternação, quando começa a praticar ioga. Pela primeira vez em sua vida, ele começa a ficar de lado como uma testemunha consciente da torrente desconcertante de seus pensamentos. Ele pode ficar erroneamente convencido de que sua mente fica mais inquieta com a ioga do que com as atividades mundanas!

Tal iogue iniciante, observando horrorizado seus pensamentos instáveis e desobedientes, é advertido nesta estrofe a não abandonar a meditação em desespero, negando-se assim a si mesmo qualquer chance de controle da mente. Em vez disso, ele deveria esperar pacientemente que seus pensamentos inquietos se acalmassem. A comoção deles é apenas um prelúdio para sua dissolução pela ioga. O iogue desanimado encontrará sua mente finalmente livre de todas as distrações. Gradualmente identificando-se com sua discriminação intuitiva “testemunha”, contornando habilmente os intrusos de pensamentos inquietos, o iogue alcança a inabalável tranquilidade divina.

VERSÍCULO 26

diferente diferente niścarati manaś cañcalam asthiram
tatas tato niyamyaitad ātmany eva vaśaṁ nayet

Sempre que a mente inconstante e inquieta se afastar – por qualquer motivo – deixe o iogue retirá-la dessas distrações e devolvê-la ao controle exclusivo do Ser.

Este conselho é para o novo iogue sobre como lidar com os pensamentos indisciplinados e perturbadores que surgem - por algum motivo ou sem motivo! - quando ele se senta para meditar.

Quando um cavalo puxando uma carruagem puxa com força as rédeas, por indisciplina ou medo, e tenta fugir do caminho, um condutor experiente será capaz de subjugar o animal. Requer a habilidade de firmeza e paciência gentil. Da mesma forma, sempre que o "garanhão" subconscientemente excitado de um pensamento inquieto desvia a mente concentrada para uma tangente, o "cocheiro" da discriminação deve fazer esforços repetidos para estabelecer a sua autoridade.

Não importa quantas vezes a inquietação invada a mente, o iogue deve guiar seus pensamentos para a Auto-realização. A inquietação mental durante a meditação causa infelicidade. A concentração interior na alma produz alegria sem fim.

VERSÍCULO 27

praśāntamanasaṁ hy enaṁ yoginaṁ sukham uttamam
upaiti śāntarajasaṁ brahmabhūtam akalmaṣam

O iogue que acalmou completamente a mente e controlou as paixões e as libertou de todas as impurezas,27 e que é um com o Espírito - na verdade, ele alcançou a bem-aventurança suprema.

Esta estrofe mostra que o devoto bem-sucedido, através de repetidos esforços mentais para destruir a inquietação, superou todos os obstáculos no caminho do yoga. Pela concentração interiorizada, ele acalmou a mente, desconectando-a dos estímulos sensoriais, e também controlou as paixões (rajas),28 as respostas emocionais ativadas e ativadoras aos estímulos sensoriais. Todas as atividades da natureza são resultado de rajas, a qualidade ativadora (guna) da criação material. Rajas é bom ou mau de acordo com qual dos outros gunas – sattva ou tamas – predomina nessa atividade. As dualidades do bem e do mal nascidas na natureza são as "impurezas" das quais a alma deve ser libertada para expressar a sua

verdadeira natureza. Quando o poder ativador da mente é acalmado pela concentração, os pensamentos indisciplinados desvanecem-se até ao nada e toda a inquietação cessa. O iogue fica absorvido na bem-aventurança transcendente da alma, livre de toda mácula de relatividades. Devido à falta de atividade (cessação das respostas da mente aos estímulos externos e subseqüente aquietação da inquietação interior), o iogue atinge um profundo estado interiorizado de samadhi, no qual sua bem-aventurada unidade com o Espírito é acompanhada pela fixação corporal.

VERSÍCULO 28

yuñjann evaṁ sadātmānaṁ yogī vigatakalmaṣaḥ
sukhena brahmasaṁsparśam atyantaṁ sukham aśnute

O iogue, livre de todas as impurezas, engajando incessantemente o Ser na atividade do yoga (união divina), alcança prontamente a bem-aventurança da fusão contínua no Espírito.

A vigésima sétima estrofe citava o iogue que se liberta das dualidades do bem e do mal mantendo a mente à força no estado inativo de êxtase; a vigésima oitava estrofe agora fala do iogue que permanece livre, o desfrutador da bem-aventurança cósmica, também durante o estado de atividade – quando sua mente retorna às suas funções externas normais.

O iogue que pode perceber o Espírito à vontade, no estado de êxtase sem atividade corporal, aprende finalmente a reter sua consciência infinita durante a execução das ações. Todo iogue deveria, portanto, recusar-se a sucumbir às invasões da inquietação durante a meditação. Quando ele consegue manter sua concentração estável no estado de calma interior, ele percebe a alma. Com mais perseverança ele entra em êxtase e realiza o Espírito. O iogue plenamente realizado pode mover-se no mundo da relatividade sem ser manchado por suas dualidades, permanecendo firmemente no estado abençoado de Brahmasamsparsha, a bem-aventurança do toque do Espírito.

Fusão do Eu no Espírito, Permeando Todos os Seres

Versículo 29

sarvabhūtastham atmānaṁ sarvabhūtani catmani
īkṣate yogayuktātmā sarvatra samadarśanaḥ

Com a alma unida ao Espírito pelo yoga, com uma visão de igualdade para todas as coisas, o iogue contempla o seu Eu (unido ao Espírito) em todas as criaturas e em todas as criaturas no Espírito.

Depois de descrever nas estrofes 27-28 como um iogue, em seus estados inativo e ativo, pode perceber o Divino, o Bhagavad Gita refere-se na estrofe 29 ao santo conhecedor de Deus que está livre de todo carma e ilusões materiais porque ele realiza "tudo coisas" como nada mais que o Espírito.

O iogue liberado tem consciência do Espírito não apenas como Bem-aventurança Cósmica, mas também como Luz Cósmica que é a verdadeira estrutura de todos os seres. Contemplando tudo como Luz Cósmica, o iogue vê seu Eu onipresente, unido ao Espírito, e todos os seres como emanações dessa Luz.29

Versículo 30

yo māṁ paśyati sarvatra sarvaṁ ca mayi paśyati
tasyāhaṁ na praṇaśyāmi sa ca me na praṇaśyati

Aquele que Me percebe em todos os lugares e contempla tudo em Mim nunca Me perde de vista, nem Eu nunca o perco de vista.

O amante divino contempla Deus através de todas as janelas do pensamento e do espaço, e o Amado Cósmico contempla o devoto através de todas as

janelas de Seu amor onipresente. Presos em visões de amor, Deus e o devoto desfrutam de uma união inseparável.

Depois de unir sua alma a Deus, o iogue ainda pode manter a relação dual – o devoto liberado e Deus como objeto de adoração.

Esta estrofe do Gita indica definitivamente que o iogue iluminado não perde a individualidade de sua alma; em vez disso, ele encontra seu ser estendido no Ser do Espírito. Uma pessoa comum se percebe separada de Deus. O iogue avançado sente sua alma como uma onda no oceano da Consciência Cósmica. Mas o iogue completamente liberado contempla a onda da sua alma como uma manifestação do Oceano Cósmico. Tal iogue nunca diz: “Eu sou Deus”, pois sabe que Deus pode existir sem a sua alma; mas, se quiser, pode dizer: “Deus tornou-se eu mesmo”.

A alma do iogue emancipado pode permanecer imersa, se assim o desejar, no Absoluto, como o Absoluto. Ou o iogue liberado, devido à retenção de sua individualidade criada por Deus (que nunca pode ser perdida), pode permanecer ou reaparecer no corpo físico em que foi liberado, a fim de adorar a Deus em qualquer conceito pessoal (como Pai). –Mãe–Amiga–Amado Deus), ou em qualquer forma materializada desejada (como uma das divindades, ou encarnada em um dos avatares, como Cristo ou Sri Krishna), ou como o Infinito Todo-Permeável.

Esta estrofe enfatiza o estado de dualidade que pode existir entre o devoto e Deus. O devoto liberado pode observar Deus através de cada nicho aberto do espaço, assim como o Espírito pode observá-lo através de cada poro do céu. Tal iogue liberado nunca perde Deus de vista, nem Deus jamais o perde de vista. O Verdadeiro Amante é Deus; somos todos Seus amados, buscando erroneamente o amor em seres humanos impermanentes. A sede de afeto nunca poderá ser saciada pelo amor imperfeito dos mortais. Quando o devoto, pela prática de amar verdadeiramente os mortais, aprende a amar todos os seres, e pela meditação aprende a amar a Deus supremamente, então, e somente então, seu anseio por amor é satisfeito.

Todo homem que deixa a terra num estado amargurado de amor não correspondido tem que voltar aqui até encontrar o amor perfeito de Deus. Quando ele reconhece o Senhor como o único Amante Perfeito, seu coração

não busca outro afeto. Depois de muitas peregrinações pródigas, o iogue encontra o Amante Cósmico no caramanchão da eternidade. Para onde quer que o iogue volte sua atenção, ele vê seu Amado espiando-o através das janelas de estrelas e flores, através de cada abertura nos átomos e nos poros do céu. O Amante Cósmico também contempla a alma perdida e achada do iogue olhando firmemente para Ele.

Para a pessoa comum, Deus parece estar ausente ou desaparecido do universo. Mas o iogue vê o sempre vigilante Olho de Deus olhando para ele através de todas as janelas do espaço; a face de seu Amado Cósmico é onipresente.

ॐ

Aquele que Me percebe em todos os lugares e contempla tudo em Mim nunca Me perde de vista, nem Eu nunca o perco de vista.

—Bhagavad Gita VI:30

"O amante divino contempla Deus através de todas as janelas do pensamento e do espaço, e o Amado Cósmico contempla o devoto através de todas as janelas de Seu amor onipresente. Presos em visões de amor, Deus e o devoto desfrutam de uma união inseparável.

"Depois de muitas peregrinações pródigas, o iogue encontra o Amante Cósmico no caramanchão da eternidade. Para onde quer que o iogue volte sua atenção, ele vê seu Amado espiando-o através das janelas de estrelas e flores, através de cada abertura nos átomos e nos poros do céu. O Amante Cósmico também contempla a alma perdida e achada do iogue olhando firmemente para Ele.

"Para a pessoa comum, Deus parece estar ausente ou desaparecido do universo. Mas o iogue vê o sempre vigilante Olho de Deus olhando para ele através de todas as janelas do espaço; a face de seu Amado Cósmico é onipresente."

—Paramahansa Yogananda

Versículo 31

sarvabhūtasthitaṁ yo māṁ bhajaty ekatvam āsthitaḥ
sarvathā vartamāno 'pi sa yogī may vartate

Aquele iogue permanece para sempre em Mim, aquele que, ancorado na unidade divina, seja qual for o seu modo de existência, percebe-Me como permeando todos os seres.

O iogue deve realizar o drama cósmico como um filme onírico de Deus, projetado na tela do espaço e na consciência do homem pelo infinito raio cósmico do Espírito. Então ele poderá contemplar a luz de Deus em todos os lugares, não importa o papel que desempenhe neste filme de sombras ilusórias e luz divina.

O indivíduo comum vê o mundo como feito de matéria, mas o iogue que, pelo êxtase, uniu sua alma ao Espírito, percebe a Consciência Cósmica Absoluta e também Sua manifestação como o Sonho Cósmico feito de uma Substância. Quando um sonhador acorda parcialmente no meio do sonho, ele percebe que sua consciência e os objetos do sonho são feitos da mesma substância – sua própria mente. O iogue desperto em Deus pode similarmente perceber todos os objetos oníricos terrenos no chamado

mundo material como sendo tecidos da consciência de Deus. É neste estado que o iogue realiza a Unidade em todos os lugares; ele percebe não apenas que Deus habita em todos os seres, mas que todos os seres são Suas manifestações. O iogue dissolve todas as percepções duais da matéria e da mente na única percepção da Consciência Cósmica.

Um iogue que está desperto em Deus está sempre unido a Ele, seja na vida ou na morte, seja neste mundo de atividade ou em qualquer outro modo de existência.

Um iogue que uma vez despertou deste sonho cósmico não pode mais dormir na ilusão como o homem comum. No estado subconsciente de sono ou no estado consciente de existência ou na superconsciência do êxtase, esse iogue permanece consciente de Deus como o Criador e Sonhador de tudo.

VERSÍCULO 32

ātmaupamyena sarvatra samaṁ paśyati yo 'rjuna
sukhaṁ vā yadi vā duḥkhaṁ sa yogī paramo mataḥ

Ó Arjuna, o melhor tipo de iogue é aquele que sente pelos outros, seja na tristeza ou no prazer, assim como sente por si mesmo.

Uma pessoa identificada com o corpo sente a dor e a felicidade dele como se fossem suas. Um iogue que é um com Deus sabe que o cosmos é seu próprio corpo. Sentindo como se fossem suas as aflições e alegrias de todos os seres, ele tenta diminuir seu sofrimento e aumentar sua verdadeira felicidade.

Deus manifestando-se como consciência cósmica no devoto, relata através de sua intuição a seguinte sabedoria:

Um homem comum percebe egoisticamente o prazer e a dor apenas em relação ao seu próprio corpo. Mas o iogue que está identificado com Deus o percebe em todos os lugares – tanto no mundo animado quanto no inanimado. Sua mente está expandida em Consciência Cósmica.

Assim como nenhum pardal cai fora da vista de Deus, o iogue que é um

com o Pai está consciente simultaneamente dos menores e dos maiores acontecimentos no universo. Um devoto que percebe Deus em todos os seres sente naturalmente, como se fossem seus, os prazeres e as dores dos outros seres. Ele não deseja o mal a ninguém e tenta fazer o bem a todos. O iogue realizado tem consciência somente de Deus. Quando ele aparentemente se identifica com seu corpo e com suas obras externas, ele aparece como um mortal comum, mas dentro de si ele sempre retém a consciência do Sempre Abençoado Senhor.

O iogue que é livre mesmo sentindo os prazeres e as dores do seu corpo é aquele que pode reter a consciência de Deus. Além disso, ele sente os prazeres e as dores dos outros; contudo, além de todas as experiências de dualidade, ele percebe a bem-aventurança cósmica de Deus sempre existente transcendentalmente. Tal iogue tenta ajudar os outros a realizar Deus e a superar as alternâncias de dor e prazer nascidas da identificação com o corpo.

A PROMESSA DO SENHOR: O IOGUE PERSEVERANTE É FINALMENTE VITORIOSO

VERSÍCULO 33

arjuna pegou
yo'yaṁ yogastvayā proktaḥ sāmyena madhusūdana
etasyāhaṁ na paśyāmi cañcalatvāt sthitiṁ sthirām

Arjuna disse:
Ó Madhusudana (Krishna), devido à minha inquietação, não vejo o efeito permanente e duradouro do yoga equalizador que Tu me relataste.

Às vezes, o iogue sente que sua inquietação invasora é mais forte do que o poder de dissolução da inquietação do yoga; ele deve então orar pacientemente a Deus até que a intoxicação do hábito ilusório desapareça e

ele se torne livre.

Arjuna, o devoto, ora interiormente: “Ó Deus, Tu matador de Madhu, o demônio da ignorância! o yoga que tenho praticado tem-me dado alguma tranquilidade; no entanto, não vejo seu benefício duradouro! A inquietação ainda invade minha mente.”

O iogue novato, mesmo depois de experimentar repetidamente a paz durante a prática do yoga, ainda pode ser confrontado por pensamentos inquietos que subitamente emergem à superfície da consciência, vindos de fontes subconscientes há muito escondidas. Esta invasão não deve influenciar o iogue a abandonar o yoga por descrença no seu poder de produzir uma tranquilidade duradoura. Ele descobrirá que os hábitos subconscientes de inquietação gradualmente deixarão de aparecer numa mente que se torna fortemente fortalecida pelo hábito da meditação.

Ó iogue! se por um ou dois mergulhos no oceano da percepção divina você não encontrar as pérolas da comunhão com Deus, não culpe o oceano por faltar na Presença Divina! Em vez disso, encontre defeitos em sua habilidade em mergulho! Mergulhe repetidamente no oceano da meditação e agarre ali as pérolas da abençoada comunhão!

Nesta estrofe, encontramos até mesmo um devoto ideal como Arjuna (que muitas vezes experimentou a perfeita calma e equilíbrio do yoga) abrigando dúvidas sobre a capacidade do yoga de banir permanentemente a desarmonia mental – em vez de encontrar falhas na qualidade de sua própria energia. meditações.

VERSÍCULO 34

cañcalaṁ hi manaḥ kṛṣṇa pramāthi balavad drṛḍham
tasyāhaṁ nigrahaṁ manye vāyor iva suduṣkaram

Na verdade, a mente é instável, tumultuada, poderosa, obstinada!
Ó Krishna, considero a mente tão difícil de dominar quanto o vento!

O devoto, em profundo desespero, diz: “Ó Krishna, como alguém pode

controlar a mente, que está sempre inquieta como a respiração volátil, apesar da prática de yoga?" Quando o mau hábito da inquietação é vencido pelo hábito mais forte da tranquilidade adquirido pela prática de yoga paciente, entusiástica e prolongada, o devoto finalmente encontra a resposta para sua pergunta.

O iogue que já experimentou frequentemente a bem-aventurança divina da meditação deve permanecer vigilante contra o súbito aparecimento de desejos materiais e humores mundanos. Deve-se ter cuidado para que o devoto não pare de praticar yoga devido à influência de impulsos subconscientes enganosos que prejudicam a tranquilidade e despertam o interesse pelos prazeres materiais. Em vez de dar força à sua natureza anormal de inquietação, o iogue deveria se esforçar para recordar sua verdadeira natureza quieta, conforme manifestada durante a prática de yoga, e deveria fortalecê-la através de uma meditação mais profunda.

Arjuna compara a mente ao vento. Aqui o significado mais profundo de "vento" é respiração; pois a mutabilidade e a instabilidade da mente humana estão inelutavelmente ligadas aos padrões respiratórios do homem. A glória dos antigos sábios da Índia é que eles descobriram a verdade libertadora: controlar a respiração é controlar a mente.

O homem comum pode tentar, sem sucesso, conter a respiração, prendendo-a nos pulmões de maneira não científica. O Kriya Yogi, por outro lado, é capaz de oxigenar seu sangue cientificamente e, assim, remover dele a maior parte do dióxido de carbono; ele requer pouco fôlego. Esta é a verdadeira maneira de controlar a respiração.

É impossível controlar a respiração pela forma não científica de mantê-la nos pulmões. O desconforto de reter a respiração à força prova que o ato é prejudicial à saúde. Durante a retenção forçada da respiração nos pulmões, o oxigênio é consumido, resultando em um maior acúmulo de dióxido de carbono nos tubos de ar. Isso causa pressão, desconforto e dor nos pulmões. Ninguém deve prender a respiração nos pulmões a ponto de sentir desconforto.

Da mesma forma, o homem comum que tenta controlar a mente à força não tem sucesso. Mas quando ele pratica o método científico do Kriya Yoga

e aprende a retirar sua força vital dos cinco telefones dos sentidos, sua mente fica automaticamente livre das sensações e dos pensamentos conscientes e subconscientes decorrentes dessas sensações.

O aspirante não deve ser desencorajado pelo fracasso inicial na mais difícil arte do controle da mente. Através do yoga científico o iniciante encontra o caminho certo para libertar a mente de toda inquietação consciente e subconsciente. É claro que muito depende da intensidade, do zelo e da continuidade de cada um. Isso ajudará a mente a adquirir o hábito da paz e a superar o hábito mortal e antinatural de inquietação que está enraizado na identificação da consciência com os sentidos corporais.

Versículos 35–36

śrībhagavan uvāka
asaṁśayaṁ mahābāho mano durnigrahaṁ calam
abhyāsena tu kaunteya vairāgyeṇa ca gṛhyate (35)

asaṁyatātmanā yogo duṣprāpa pequeno e matiḥ
vaśyātmanā tu yatatā śakyo ‘vāptum upāyataḥ (36)

O Bendito Senhor disse:
(35) Ó Mahabaho (“Arjuna de braços poderosos”), sem dúvida a mente é inconstante e indisciplinada; mas pela prática de yoga e pelo desapego, ó Filho de Kunti (Arjuna), a mente pode, no entanto, ser controlada.

(36) Esta é a Minha palavra: Yoga é difícil de ser alcançado pelo homem desgovernado; mas aquele que tem autocontrole, esforçando-se através de métodos adequados, será capaz de alcançá-lo.

É natural que as pessoas que constantemente se entregam a hábitos inquietos fiquem ainda mais inquietas; da mesma forma, é natural que os devotos calmos, aqueles que praticam perseverantemente os métodos adequados de yoga, se tornem mais divinamente tranquilos.

A verdadeira natureza da alma como felicidade sempre nova desenvolve, em vez disso, uma poderosa “segunda natureza” eclipsante de inquietação quando identificada com o corpo. Nesse estado é “natural” que a mente seja turbulenta e indisciplinada. No entanto, através da prática de yoga, quando a mente entra em contato com a bem-aventurança da alma e se desliga dos prazeres sensoriais de curta duração, a consciência do devoto mostra novamente a sua verdadeira e repousante natureza divina. O homem não tem que adquirir, mas sim lembrar, a alegria interior da alma.

Em resposta à oração do devoto ideal Arjuna, seu guru encarnado, Krishna, revelou-lhe a seguinte sabedoria, aplicável a todos os iogues:

“Ó devoto de braços poderosos, feito à imagem do Espírito! sem dúvida a mente está inquieta e difícil de controlar! Mas existem duas maneiras de subjugá-lo. Primeiro: Através da meditação e do êxtase, a mente deve ser ensinada a recuperar o seu poder natural de permanecer no estado tranquilo da alma. Segundo: ao mesmo tempo, a mente deve estar desapaixonadamente desligada dos desejos de prazeres deste mundo e do outro – desejos que estimulem a mente à inquietação.”

Em outras palavras, o iogue deve reavivar, através da prática diária de yoga profunda, a memória da tranquilidade da alma e, simultaneamente, manter a mente longe das tentações externas e internas. Ele não pode sentir permanentemente a alegria da sua alma na meditação se não cortar os seus laços de desejo com o ambiente sensorial.

O iogue deve aprender a vencer o cabo de guerra entre a percepção da alma e a percepção sensorial. No estado inicial da prática de yoga, o devoto está consciente da influência envolvente dos prazeres dos sentidos, mesmo que sejam de curta duração, mas está pouco consciente da bem-aventurança permanente e interminável secretada em sua alma. O iogue perspicaz achará, portanto, natural que os hábitos de prazeres sensoriais adquiridos nas encarnações tenham uma influência mais forte do que seus vislumbres fugazes de bem-aventurança da alma percebidos durante a meditação. Mas ele também perceberá que, embora os hábitos dos prazeres dos sentidos sejam muito fortes, eles não são mais fortes do que a percepção eterna da bem-aventurança divina presente na alma – a herança inextinguível do

Espírito.

O iogue não deve estimular seus hábitos materiais permanecendo, por escolha própria, em ambientes não espirituais e simplesmente sonhando com as alegrias celestiais da santidade. Ao ficar longe de ambientes que lembram prazeres mundanos e ao abandonar as atrações dos sentidos, o iogue é mais capaz de se concentrar na bem-aventurança divina da alma. Assim como um menino travesso deve ser afastado de um ambiente inquieto e mantido, em vez disso, na companhia de um amigo calmo, o iogue deve remover sua mente inquieta das complicações dos sentidos e mantê-la concentrada nas percepções da alma.

A "prática de yoga" (abhyasa) é definida como repetidos esforços internos e externos para permanecer na tranquilidade eterna da alma. "Desapego" (vairagya) é o ato de desengajar a mente de todas as formas de prazeres sensoriais encontrados neste mundo ou encontrados no céu (os reinos astrais). Muitas pessoas acreditam que o paraíso (conforme descrito nas escrituras) é um lugar onde podem desfrutar de prazeres sensoriais glorificados e ilimitados. O iogue é avisado para manter sua mente longe de tudo que o lembre das alegrias mundanas impermanentes e que o faça esquecer a bem-aventurança eterna de sua alma.

VERSÍCULOS 37–39

arjuna pegou
ayatiḥ śraddhayopeto yogāccalitamānasaḥ
aprāpya yogasaṁsiddhiṁ kāṁ gatiṁ kṛṣṇa gacchati (37)

kaccin nobhayavibhraṣḍaś chinnābhram iva naśyati
apratiṣḍho mahābāho vimūḌho brahmaṇaḥ pathi (38)

etan me saṁśayaṁ kṛṣṇa chettum arhasy aśeṣataḥ
tvadanyaḥ saṁśayasyāsya chettā na hy upapapadyate (39)

Arjuna disse:

(37) Ó Krishna! o que acontece com uma pessoa que não tem sucesso no yoga – alguém que tentou meditar com devoção, mas não conseguiu se controlar porque sua mente continuava fugindo durante a prática de yoga?

(38) O iogue não perece como uma nuvem dividida se não encontrar o caminho para Brahman (Espírito) - ficando assim desabrigado Nele e mergulhado na ilusão, desviado de ambos os caminhos (o da união com Deus e o da união com Deus). atividades certas)?30

(39) Por favor, remova para sempre todas as minhas dúvidas, ó Krishna! pois ninguém, exceto Tu, pode banir minhas incertezas.

O devoto desanimado, na oração mais profunda, recorre a Deus como o poderoso Médico Cósmico, o único que é capaz de curar a doença profunda das dúvidas materiais.

Nem todos os iogues em suas vidas atuais realizam seu Objetivo apenas porque praticam uma técnica de yoga. Existem dois tipos de iogues malsucedidos. Um tipo pratica ioga com profundo entusiasmo no início, mas depois relaxa seus esforços. Seu entusiasmo inicial o conduz com relativa facilidade por um tempo; mas porque lhe falta o desapego perfeito, assim que permite qualquer folga em sua autodisciplina, ele experimenta forte resistência por parte de seus maus hábitos passados, que foram apenas temporariamente subjugados. O segundo tipo de iogue malsucedido continua a meditar regularmente e com devoção quase até o fim da vida – alcançando até mesmo um alto grau de avanço. Pouco antes da morte, entretanto, devido a algum mau carma passado ou à indulgência atual com más companhias ou ao orgulho espiritual egoísta, o iogue perde sua concentração constante na bem-aventurança da alma e, assim, falha em alcançar a união divina final.

Um iogue malsucedido muitas vezes sente que é como uma nuvem dispersa pelo vento, incapaz de saciar a sede de si mesmo ou dos outros com uma chuva de sabedoria. Ele percebe que se desviou do caminho que leva a Deus. Ele lamenta o fato de não estar estabelecido Nele. Ele sente

que está iludido, incapaz de determinar seu verdadeiro dever na vida. Tal devoto desanimado permite-se ser desviado da busca da união com Deus, alcançada seguindo - com determinação intransigente - o caminho da ação correta (tanto ações obedientes quanto meditativas); ou (se ele for um iogue mais avançado) de se estabelecer permanentemente na união com Deus, assegurando-se no mais elevado êxtase de contato incessante com o Espírito.

VERSÍCULO 40

śrībhagavan uvāka
partha ingênuo nāmutra vināśas tasya vidyate
na hi kalyāṇakṛt kaścid durgatiṁ tata gacchati

O Bendito Senhor disse:

Ó Arjuna, meu filho! um executor de boas ações nunca encontra a destruição. Seja neste mundo ou no além, ele não cai em situação maligna!

Arjuna aqui recebe uma resposta maravilhosa do Preceptor Divino. As palavras permanecem como um monumento de inspiração para todos os iogues sinceros que não conseguiram unir suas almas com Deus devido a obstruções decorrentes de ações pré-natais e pós-natais, mas que, no entanto, persistiram em seus esforços espirituais.

Um homem que não busca a união divina permanece mergulhado na ignorância; sua "situação maligna" é ser alvo de todos os tipos de sofrimento físico, mental e espiritual. Uma pessoa totalmente identificada com os prazeres dos sentidos não tem chance de vislumbrar sequer o portão da liberdade eterna.

O destino de um viciado em sentidos é comparável, de certa forma, ao do cervo almiscarado. Em certa idade, o umbigo do cervo se rompe e exala uma substância almiscarada perfumada. Procurando freneticamente a origem do perfume, o cervo fareja descontroladamente em todas as direções; não encontrando nenhuma fonte externa de fragrância, a criatura

se destrói correndo loucamente entre as rochas. Infelizmente! se o cervo tivesse colocado as narinas no umbigo! O viciado nos sentidos, da mesma forma, buscando a fragrância da bem-aventurança em todos os lugares, exceto na alma, perece ao tentar encontrar o prazer. Se ele tivesse concentrado sua atenção interiormente, teria descoberto a tão almejada felicidade.

❖

O iogue sublima os desejos dos sentidos em fome de alegria da alma

❖

Na verdade, não seria natural que uma pessoa encontrasse prazer em alimentar outra pessoa tantas vezes quanto ela própria sentisse fome; ele logo morreria de fome. O materialista, da mesma forma, satisfaz os prazeres dos seus sentidos enquanto o seu ego permanece faminto, sem felicidade divina. Seu hábito equivocado é alimentar os sentidos na esperança de satisfazer a fome interior de felicidade.

O iogue, pelo contrário, dedica-se às boas ações que sublimam a fome antinatural pelo prazer dos sentidos na fome natural pela alegria da alma. O iogue caído que ocasionalmente conseguiu experimentar a bem-aventurança superior de sua alma não pode esquecê-la; ele sabe muito bem que não há comparação entre a sempre nova alegria divina e os prazeres grosseiros dos sentidos. Mesmo um único gostinho da bem-aventurança divina através do êxtase, alcançado pela prática de Kriya Yoga, servirá como um grande incentivo para esforços espirituais mais sérios.

Deus encoraja nesta estrofe todos os devotos a buscarem sua herança divina natural. A alegria da alma, por mais evasiva que seja, é uma herança esquecida de todo homem. O viciado nos sentidos que continua a deleitar-se com os prazeres materiais, desconsiderando o conselho dos profetas, afasta-se cada vez mais da sua verdadeira natureza. O iogue imperfeito, apesar dos fracassos, tenta recuperar a memória da divindade. Portanto, mesmo um iogue caído é muito superior ao materialista. O primeiro está no limiar do despertar das ilusões sensoriais; este último ainda está adormecido na ignorância. Portanto, é muito melhor ser até mesmo um iogue caído e de coração partido do que ser um viciado complacente nos sentidos.

Não importa quantas vezes um iogue sincero caia no caminho do yoga, ele

❖

Todas as almas, não importa quantas vezes caiam, serão finalmente resgatadas

❖

luta novamente em direção ao seu objetivo. O devoto que realiza ações meritórias desenvolve memória divina e bom carma que o impelem a buscar a libertação nesta vida ou no além. A memória da felicidade divina da prática de yoga permanece alojada em sua mente subconsciente. Se ele não for capaz de encontrar a liberação completa em uma vida, em sua próxima encarnação a memória oculta de suas experiências passadas de yoga brotará em inclinações espirituais, mesmo em sua infância.

O iogue caído nunca deve ser levado ao desespero pelos fracassos; em vez disso, ele deveria estar feliz por possuir força espiritual suficiente para fazer o esforço de yoga. Todas as suas boas inclinações e experiências divinas do passado serão causas para um maior desenvolvimento espiritual na próxima vida.

A pessoa louca por dinheiro, apesar dos fracassos ao longo da vida, continua a procurar riqueza; o viciado nos sentidos, indiferente às misérias presentes ou futuras, repete suas indulgências nos males; o “viciado em drogas” não desiste dos narcóticos mesmo quando avisado da morte certa. O homem sábio, da mesma forma, é tão teimoso em manter bons hábitos quanto o homem ignorante em manter os maus. A teimosia correta nasce da estabilidade divina.

É maior tentar encontrar Deus, sem sucesso, do que não tentar. A prova deve vir antes de qualquer possibilidade de cumprimento. Mesmo que não tenha sucesso, a pessoa deve continuar se esforçando até o fim da vida; no estado pós-morte ele é abençoado pelos frutos de seus esforços e começará sua próxima encarnação com aspirações divinas, em vez de com uma consciência monótona e indisciplinada.

Um iogue imperfeito deve lembrar-se de que a relação do homem com Deus é a de um filho que pode exigir e receber o que pede ao seu próprio Pai – não a de um mendigo que, em resposta a um apelo, pode ou não receber uma ninharia de mendigo.

Nesta estrofe, Deus assegura ao homem, através de Seu filho Arjuna, que todos os Seus perseverantes filhos-devotos, não importa quantas vezes

tenham tropeçado no caminho do yoga, serão finalmente resgatados. A Bíblia Cristã diz de forma semelhante: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á.”31

VERSÍCULO 41

prāpya puṇyakṛtāṁ lokān uṣitvā śāśvatīḥ samāḥ
śucīnāṁ śrīmatāṁ gehe yogabhraṣṭo ’bhijāyate

Um iogue caído, ao conseguir entrar no mundo dos virtuosos, permanece lá por muitos anos; depois ele renasce na terra em um lar bom e próspero.

Os iogues avançados que não atingiram a perfeição final têm a oportunidade de viver uma vida após a morte prolongada em belos planetas astrais. Ao término de um certo período cármico, eles renascem na terra em famílias de pessoas justas e prósperas, a fim de desfrutarem simultaneamente da felicidade espiritual e material e, assim, marcharem em direção à libertação.

Nas estrofes 37-39, são descritos dois tipos de iogues malsucedidos ou “caídos”: (1) aqueles que não encontraram a libertação total devido à prática insuficiente de yoga e ao desapego imperfeito; tais devotos permitiram-se desviar-se através do afrouxamento do esforço espiritual e da cedência às tentações dos sentidos; e (2) aqueles iogues talentosos que, devido ao aparecimento de algum mau carma oculto ou tendência egoísta pouco antes da morte, ficam confusos e não alcançam a liberação completa. Embora altamente avançados e no limiar da libertação, estes dois tipos de iogues mal sucedidos não conseguiram fazer o esforço final no yoga que teria aberto o portal para a liberdade. Assim, eles são chamados de “caídos”, tendo escorregado momentaneamente para trás; afastando-se assim da presente oportunidade de libertação.

Na estrofe 41, o Senhor descreve como o primeiro tipo (os iogues fracassados) se sai no próximo mundo. Tais iogues visitam outros planetas habitados por virtuosos e permanecem lá felizes enquanto seu carma

meritório persistir.

Jesus Cristo disse: “Na casa de meu Pai há muitas moradas”,32 significando que o universo criado por Deus tem muitos planetas habitados nos cosmos físico, astral e causal. A consciência cósmica de Deus projetou várias moradas subdivisionais dentro das três esferas de Sua criação universal.

Iogues avançados, mas ainda imperfeitos, que estão decepcionados com este mundo têm a oportunidade de experimentar a felicidade disponível nas esferas astrais brilhantes, ou são autorizados a reencarnar em outros planetas do universo físico que possuem melhores condições de existência do que a nossa Terra.

Os astrónomos sabem que a Terra pertence a uma determinada galáxia e que muitos outros universos-ilhas flutuam numa infinidade de espaço circular.33 Algum dia serão descobertos outros planetas físicos habitados; haverá comunicação e viagens interplanetárias. Os cavaleiros de carruagens dos séculos passados não podiam imaginar a existência de aviões modernos que viajassem na estratosfera em velocidades supersônicas. As invenções de aviões movidos a energia atómica, movendo-se a uma velocidade incrível, tornarão obsoletos todos os aviões actuais. O caracol, com a sua câmara lenta, não pode esperar dar a volta ao globo durante a sua vida; mas um avião pode circundar a Terra em poucas horas. Hoje não podemos viajar nem mesmo para a Lua comparativamente próxima;34 mas algum dia os aviões movidos a energia atómica permitir-nos-ão alcançar rapidamente planetas distantes.

Os iogues que conseguem desalojar seus corpos astrais de seus invólucros físicos podem viajar no mundo astral muito mais rápido que a velocidade da luz. Eles podem se mover de planeta em planeta com uma rapidez incrível. Eles percebem que os corpos físico, astral e causal e os universos físico, astral e causal são todos condensações oníricas dos pensamentos de Deus. Tais mestres são capazes de resolver tudo em pensamento divino; eles podem atravessar instantaneamente a eternidade com a velocidade do pensamento.

Tempo e espaço são categorias e relatividades da mente de Deus. Um

mestre, pelo seu pensamento poderoso, é capaz de aniquilar o tempo e o espaço. O pensamento é a energia e vibração primária que emanou de Deus e é, portanto, o criador da vida, dos elétrons, dos átomos e de todas as formas de energia. O próprio pensamento é a melhor energia vibratória, o poder mais rápido entre todos os poderes. O veículo do pensamento de um grande iogue é poderoso o suficiente para transportar e lançar instantaneamente um planeta no Sol para ser dissolvido ali, assim como Deus poderia fazer.

❖

As experiências pós-morte do iogue no mundo astral

❖

Assim como os vermes vivem no solo, os peixes na água, os pássaros no ar e o homem na superfície da Terra, os habitantes de outros mundos físicos vivem sob influências ambientais muito diferentes das do nosso planeta. Os seres que habitam certas estrelas, por exemplo, absorvem diretamente a energia vital; eles não respiram ar como os seres terrestres. Muitas pessoas imaginam erroneamente que nenhum ser poderia viver num planeta sem ar. (Os peixes podem pensar que nenhuma vida é possível sem a água!) Assim como certas bactérias podem viver em ambientes ígneos, também existem seres que existem confortavelmente em planetas que exalam energias ígneas.35

No mundo astral, os seres vivem de uma força vital (prana) que é mais sutil que a energia eletroprotônica ou atômica. A força vital é uma energia inteligente, um cruzamento entre pensamento e energia. No mundo astral todas as aparências são respostas energéticas aos pensamentos dos habitantes; as cenas astrais mudam de acordo com os desejos dos seres astrais.

O mundo causal tem uma textura muito fina, superior a todos os universos físicos e astrais. Somente os iogues mais avançados podem permanecer na esfera causal, percebendo as manifestações sutis dos vários planetas do pensamento no universo causal (ideacional).

Os iogues caídos, aqueles que avançaram e depois se tornaram mornos em seus esforços espirituais, sentem-se cansados deste plano terreno porque aqui não conseguiram alcançar a realização suprema. Se acontecer de morrerem nesse estado de descontentamento, serão atraídos pelos seus

anseios espirituais para mundos astrais harmoniosos que oferecem consolo temporário.

Depois de viverem nessas esferas, encontrando certas satisfações para seus desejos desanimados, os iogues imperfeitos voltam à Terra, atraídos pela força de seu carma mortal passado. Esses confusos fracassos iogues renascem em famílias prósperas e puras com as quais vivem confortavelmente e, ao mesmo tempo, têm a oportunidade de buscar e alcançar maior progresso espiritual. Desta forma, eles satisfazem simultaneamente os seus desejos inatos de prazeres sensoriais e de salvação. Esta oportunidade lhes é justamente concedida por causa do bom carma obtido por seus esforços de yoga em vidas passadas.

VERSÍCULOS 42–43

athavā yoginām eva kule bhavati dhīmatām
etad dhi durlabhataraṁ loke janma yad īdṛśam (42)

tatra taṁ buddhisaṁyogaṁ labhate paurvadehikam
yatate ca tato bhūyaḥ saṁsiddhau dançando (43)

(42) Ou ele pode reencarnar numa família de iogues iluminados; na verdade, um nascimento como esse é muito mais difícil de obter nesta terra!

(43) Lá, ó Arjuna, ele recupera a discriminação de yoga alcançada em sua existência anterior, e tenta mais arduamente obter sucesso espiritual.

O Senhor aqui relata o que acontece com o segundo tipo de iogue imperfeito, aquele que está mais próximo da libertação (descrito no comentário VI:37–39). Quando um devoto avançado é fiel a Deus até o fim de sua vida e ainda assim não recebe a emancipação completa devido à obstrução de algum carma passado enterrado, ele recebe uma nova e providencial oportunidade. Ele não deve ser distraído e detido por mais tempo pelos esplendores astrais ou pelos luxos de um ambiente terrestre

despreocupado, como o primeiro tipo de iogue caído. Em vez disso, ele é adequadamente recompensado pelo renascimento na casa de um grande iogue que também é pai de família. Lá, na companhia de seus pais exaltados, ele não encontra incentivo para buscar os prazeres dos sentidos, mas tenta, desde a infância, alcançar a glória espiritual final.

Este tipo de renascimento é muito raro porque poucos iogues se casam após receberem iluminação divina. Alguns iogues aperfeiçoados entram na vida do chefe de família por ordem de Deus, a fim de fornecer às pessoas do mundo um exemplo de casamento perfeito. Iogues fracos que têm luxúria em seus corações e que se casam para satisfazer desejos secretos de gozo dos sentidos não são grandes mestres. Como o Senhor raramente pede aos devotos que se casem depois de terem encontrado a salvação, o nascimento numa família de iogues emancipados é naturalmente uma ocorrência rara.

Shukadeva, filho de Vyasa, nasceu em uma família tão rara. Aos sete anos, Shukadeva deixou seus parentes em busca de um guru. Seu pai o seguiu para pedir-lhe que voltasse para casa; ele sentiu que poderia dar libertação a seu filho. Mas o grande filho do grande pai disse: “Você está sofrendo com a ilusão de que eu sou seu filho? Embora eu saiba que você poderia me dar a realização de Deus, ainda assim prefiro buscá-la em um guru desinteressado.”

Vyasa admitiu sorrindo a verdade na suposição de seu filho, e então encaminhou Shukadeva ao rei Janaka da Índia, que não era apenas um monarca, mas um grande iogue.

Quando o melhor tipo de iogue caído nasce entre os santos libertados, ele encontra suas aspirações reforçadas pela espiritualidade e pelo exemplo de seus pais. Eles podem transferir sua consciência de Deus para seus filhos à vontade. Ele, portanto, alcança rapidamente a liberdade final.

As realizações divinas das vidas passadas de um iogue são preservadas para sempre. Todas as sementes do bom carma estão alojadas no cérebro do corpo astral; quando são regados pelas lembranças e pelas vibrações de um bom ambiente em uma nova vida, eles brotam e crescem até se tornarem a árvore infinita da libertação.

Bons desejos e experiências armazenadas que tendem à liberação são as

grandes forças que impelem um iogue a fazer esforços supremos para alcançar sua Meta Final.

VERSÍCULO 44

pūrvābhyāsena tenaiva hriyate hy avaśo ‘pi saḥ
jijñāsur api yogasya śabdabrahmātivartate

O poder da prática anterior de yoga é suficiente para forçar, por assim dizer, o iogue a seguir seu caminho adiante. Um estudante ávido, mesmo do yoga teórico, está mais avançado do que um seguidor dos ritos bíblicos externos.

Uma tradução alternativa da segunda frase deste versículo revela o seu significado esotérico em referência à prática do yoga:

Aquele que deseja ansiosamente realizar a união do yoga com o Espírito transcende a mera recitação da palavra de Brahman – o som sagrado de Aum.

Assim como o mau carma passado estimula poderosamente o homem a entregar-se aos prazeres dos sentidos, também os fortes hábitos passados de comunhão com Deus compelem um iogue reencarnado a buscar a união divina. Como uma estrela cadente, esse iogue atravessa os céus da ilusão e alcança seu destino espiritual.

A pessoa espiritualmente curiosa que com entusiasmo sincero se dedica ao estudo do yoga, a ciência das ciências, recebe mais benefícios do que o devoto que pratica mecanicamente as cerimônias exotéricas prescritas pelos quatro Vedas (Rik, Yajur, Sama e Atharva). As palavras dos Vedas ou livros de sabedoria são consideradas emanações do som onisciente de Aum (shabda-brahman). Os grandes sábios (rishis) ouviram os sons e os memorizaram; mais tarde, as instruções sagradas foram registradas no papel.

Um buscador profundo sabe que a realização mecânica de cerimônias sagradas e ritos religiosos, ou o mero canto da palavra Aum, não traz

libertação; é a pessoa que comunga com o som Aum que é o verdadeiro conhecedor dos Vedas – e de toda verdade a ser conhecida. Na verdade, uma pessoa identificada com o corpo, incapaz de comungar com o Som Cósmico, não tinha permissão, nos tempos antigos, de ler as escrituras védicas. O Gita, portanto, aponta aqui que o iogue que investiga espiritualmente não ficará satisfeito com rituais externos, mas buscará o conhecimento do yoga, primeiro na teoria e depois na prática. Pelas técnicas de yoga ele aprenderá a entrar em contato com a presença de Deus na criação através da comunhão com Sua santa Palavra, ou vibração criativa; e fundindo-se com sua onipresença, ele encontrará o Abençoado Absoluto existindo além das cortinas dos fenômenos vibratórios.

VERSÍCULO 45

Prayeratnād yatamānas tu yogī saṁśuddhakilbiṣaḥ
anekajanmasaṁsiddhas tato yāti parāṁ gatim

Seguindo diligentemente seu caminho, o iogue, aperfeiçoado pelos esforços de muitos nascimentos, é purificado do pecado (mácula cármica) e finalmente entra na Bem-Aventurança Suprema.

Um bom iogue é aquele que segue o caminho da meditação espiritual com velocidade gradualmente crescente e com desapego; com firmeza constante ele renuncia aos apegos materiais; e com intenso entusiasmo mental ele busca a comunhão com Deus.

À medida que o iogue prossegue no caminho, sua mente passa por vários estágios de concentração – de vez em quando fica calmo e na maior parte do tempo inquieto; de estar metade do tempo calmo e metade do tempo inquieto; de estar quase o tempo todo calmo e de vez em quando inquieto; de estar o tempo todo calmo sem nunca ficar inquieto. Quando o iogue atinge o quarto estado, ou estado imutável, ele se sente livre de aversões e gostos; os efeitos limitantes de todas as suas ações passadas foram removidos pela prática de yoga.

Um iogue não pode ter certeza de encontrar a liberação completa apenas

adquirindo o estado de calma. Ele deve estabelecer naquele altar de paz inefável a bem-aventurada Presença Cósmica.

Se o iogue não for capaz de estabilizar a sua comunhão com o Absoluto no altar da calma eterna, ele poderá ter que passar por algumas ou muitas encarnações de contato divino, num estado de calma e autocontrole inabaláveis, antes de atingir a emancipação final. .

Lahiri Mahasaya, o primeiro expoente moderno das interpretações espirituais mais profundas do Bhagavad Gita, dá um significado esotérico às palavras “muitos nascimentos” nesta estrofe. Sua explicação é a seguinte:

❖

Explicação esotérica de “muitos nascimentos” à luz da ciência do yoga

❖

Quando um homem expira e não consegue inspirar, ele experimenta um estado de grande dissolução ou morte. Mais tarde, quando a alma entra em outro corpo físico, essa transição é chamada de renascimento. Da mesma forma, quando um homem expira e não inspira, diz-se que esse estado é de dissolução parcial. Quando ele respira novamente, depois de perceber o estado de falta de ar de dissolução parcial, ele é considerado nascido de novo. Assim como um iogue encontra a libertação após muitas grandes dissoluções (muitas mortes e renascimentos), ele também pode alcançar a liberdade através da prática de Kriya Yoga – experimentando conscientemente a morte durante a falta de ar e o renascimento durante a inalação, no estado superconsciente. Se o iogue realizado puder manter-se concentrado na Bem-aventurança Absoluta sem apego aos prazeres materiais durante um certo número de nascimentos e mortes (inspirações e exalações, em uma ou mais encarnações, no curso natural da evolução), ele se emancipará. Mas o Kriya Yogue pode acelerar sua evolução através dos nascimentos e mortes esotéricas (estados de respiração e falta de ar) do Kriya Yoga. Pela repetida experiência superconsciente desses nascimentos e mortes esotéricas, o Kriya Yogue é expurgado do pecado, da mácula cármica dos apegos materiais, e é libertado.

Na ciência do Kriya Yoga, Lahiri Mahasaya deu ao mundo um caminho curto para a libertação. Quando o iogue, no mais elevado êxtase, percebe sua alma unida ao Espírito, e não mais se identifica com as inalações e

exalações oníricas em constante mudança do corpo onírico, esse devoto recebeu a salvação.

A consciência da respiração ou inspiração e expiração dá origem à consciência do corpo. Assim, a alma durante o estado de vigília é identificada com o corpo e a respiração; assim, fica emaranhado na matéria. Durante o estado de sono profundo, por algum tempo a alma permanece alheia ao corpo e à respiração; assim, ele percebe subconscientemente seu estado de alegria.

Quando o iogue aprende superconscientemente a entrar em contato com sua alma e a transcender sua respiração e seu corpo, ele encontra o Infinito refletido em seu ser. Todas as experiências subconscientes ou superconscientes mais sutis ocorrem sem a consciência da respiração. Portanto, quando em meditação extática o iogue aprende a permanecer em sua alma sem o sopro mortal que causa renascimentos, e quando ele consegue reter a unidade com sua alma sem fôlego e unida a Deus, quando sua consciência reentra no estado respiratório fisicamente ativo, ele é falado como alguém que se libertou.

A consciência da respiração no estado de vigília torna as pessoas diariamente conscientes de um “novo nascimento”; durante o sono, no estado de esquecimento da respiração, experimentamos uma falsa “morte”. Conseqüentemente, um homem que acorda e dorme regularmente experimenta 365 renascimentos e mortes em um ano. Numa vida de cem anos, ele passou por 36.500 nascimentos e mortes. Se um iogue, desde a infância até a plenitude de sua vida - durante seus muitos nascimentos em vigília e suas muitas mortes em sono - puder igualmente manter sua unidade com a Bem-aventurança Cósmica, permanecendo livre de todo apego, então, naquela única vida de muitas curtas “nascimentos” e “mortes”, ele pode alcançar a libertação completa.

Num caso em que há uma grande quantidade de mau carma acumulado, tal iogue pode exigir várias vidas para a emancipação completa.

Patanjali diz: “O iogue que faz grandes esforços sem ser impaciente – aquele que possui devoção, energia vital, lembrança de seu verdadeiro eu, discriminação e persistência calma na meditação profunda – alcança a

emancipação em pouco tempo.”36 Pedestres no caminho do yoga pode levar muitas vidas para alcançar a meta, enquanto viajantes espirituais rápidos podem chegar em uma única vida.

VERSÍCULO 46

tapasvibhyo ’dhiko yogī jñānibhyo ’pi mato ’dhikaḥ
karmibhyaś cādhiko yogī tasmād yogī bhavārjuna

O iogue é considerado maior que os ascetas que disciplinam o corpo, maior ainda que os seguidores do caminho da sabedoria ou do caminho da ação; seja você, ó Arjuna, um iogue!

O ascetismo é um caminho secundário porque ensina o homem a alcançar Deus indiretamente através da renúncia externa e da disciplina física. O caminho da sabedoria teórica também é um caminho secundário, porque ensina a maneira confusa de raciocinar academicamente sobre Ele. O caminho da ação também é um caminho secundário, porque ensina o caminho tortuoso para chegar a Deus por meio de boas ações externas.

O próprio Senhor exalta aqui o caminho real do yoga como o mais elevado de todos os caminhos espirituais, e o iogue científico como maior do que um seguidor de qualquer outro caminho.

O verdadeiro caminho do Kriya Yoga (controle da força vital) não é um atalho. É a estrada direta, o caminho mais curto para a realização divina. Ensina o homem a ascender ao céu, conduzindo o ego, a mente e a força vital através do mesmo canal espinhal que foi usado quando a alma desceu originalmente ao corpo.

❖
A rota espinhal de ascensão é uma estrada universal a ser percorrida por todas as almas
❖

O Espírito, como alma, desceu através dos centros astrais sutis cerebroespinhais até o cérebro e os plexos espinhais, e até o sistema nervoso, os sentidos e o resto do corpo, e ali fica emaranhado como a pseudoalma ou ego. No estado de identificação corporal, o ego envolve-se em envolvimentos adicionais no e com o mundo objetivo. O ego deve ser levado a ascender

pelo mesmo caminho espinhal até que ele perceba seu verdadeiro Eu como a alma, e a alma se reúna com o Espírito.

O Yoga salienta que esta rota espinhal é a única estrada reta que todos os seres mortais que desceram da Terra devem seguir na ascensão final para a libertação. Todos os outros caminhos – aqueles que enfatizam a realização de tapasya (autodisciplina corporal e mental), ou o conhecimento teórico das escrituras (a obtenção de sabedoria através da discriminação), ou a realização de todas as boas ações – são caminhos auxiliares que em algum lugar se juntam à estrada. de yoga prático que leva diretamente à libertação.

O asceta que está ocupado em disciplinar o corpo, submetendo-o a austeridades rigorosas, pode atingir um certo grau de controle sobre a instrumentalidade física; mas meramente praticar posturas, suportar o frio e o calor, e não ceder à tristeza e ao prazer – sem simultaneamente concentrar-se na Consciência Cósmica – é apenas um caminho indireto para obter o controle mental necessário para a comunhão com Deus. O iogue alcança comunhão direta com o Senhor, retirando sua consciência dos sentidos e do sistema nervoso, da coluna vertebral e do cérebro, e unindo-a à sua alma conhecedora de Deus. Muitos devotos estão tão absortos em seguir os preceitos do ascetismo externo e da renúncia que esquecem que o êxtase com o Infinito é o propósito de tal autodisciplina.

Quando o filósofo escriturístico disseca palavras e pensamentos com o bisturi de sua razão, ele pode se tornar tão apegado ao conhecimento teórico e à separação mental da sabedoria em vários segmentos que pode “secar” por falta da experiência da verdade no êxtase divino.37 Se uma pessoa passasse a vida analisando as propriedades da água e examinando a água de diferentes fontes em todo o mundo, ela não mataria a sede com isso. Um homem sedento, sem se preocupar com os constituintes atômicos, seleciona um pouco de água boa; bebendo, ele fica satisfeito. Um jnana yogue exotérico – um seguidor do caminho da razão discriminativa – pode ler e analisar todas as escrituras e ainda assim não saciar a sede de sua alma.

O conhecimento teórico das escrituras muitas vezes produz a convicção de que alguém conhece a verdade, quando na verdade não a conhece. Somente comungando com Deus, a “Biblioteca de Todo o Conhecimento”,

é que alguém pode conhecer todas as verdades em sua exatidão, sem perder tempo na compreensão teórica e na compreensão errada das escrituras. É por isso que pode existir um grande abismo entre os leitores das escrituras e os homens de realização que são eles próprios personificações das verdades bíblicas.

Os fariseus estavam dispostos a crucificar Cristo porque presumiam com medo que ele era uma ameaça à sua autoridade, tendo na verdade percebido as verdades que eles conheciam apenas em teoria.

Por último, o iogue também é considerado superior ao homem de ação. O missionário, o assistente social, o homem de boa vontade que pratica a "regra de ouro" para com os outros, o professor que tenta instruir os outros na técnica da comunhão com Deus – todos, sem dúvida, realizam boas ações. Mas, a menos que também se dediquem à ciência interior pela qual podem conhecer Deus através da sua própria experiência direta, permanecerão sem a realização divina. É por isso que o iogue medita e se concentra na obtenção do êxtase. Até atingir esse estado de sintonia interior com Deus, ele cumpre seus deveres, mas não se diverte com muitas atividades exteriores, ao custo de esquecer o Senhor.

O iogue ensina e serve os outros da maneira mais elevada – por meio de sua vida inspiradora; exemplo sempre fala mais alto que palavras. Reforma-te e reformarás milhares. Esquecer de Deus é o maior pecado. A comunhão com Deus é a maior virtude.

Um pouco de estudo das escrituras com o desejo contínuo de praticar as verdades nelas prescritas é desejável no caminho do yoga. A renúncia a todas as complicações para ter comunhão com Deus também é útil. A realização de ações zelosas que satisfaçam as próprias necessidades e que sejam úteis e edificantes para os outros proporciona um equilíbrio benéfico na vida do iogue.

Os caminhos da renúncia, da sabedoria e da ação podem ser seguidos de duas maneiras: externa e internamente. O homem que se concentra na renúncia externa é um renunciante externo. Mas o tapasvin38 que destrói todos os desejos e apegos internos, e que mantém a sua mente afastada das tentações dos sentidos, é um homem de renúncia esotérica.

❖
Caminhos externos e internos de renúncia, ação e sabedoria
❖

Da mesma forma, o seguidor externo do caminho da sabedoria (Jnana Yoga) está ocupado resolvendo problemas bíblicos e analisando estruturas de palavras. O jnanin esotérico39, de acordo com a filosofia Vedanta, é aquele que não apenas ouve as verdades das escrituras e percebe seu significado em sua mente, mas também se torna um com elas por completa assimilação. Portanto, o caminho vedântico de realização espiritual é ouvir a verdade bíblica (shravanam), depois percebê-la (mananam), e então ser um com ela (nididhyasanam).

O homem que pratica boas ações é o karma iogue externo. Aquele que pratica a meditação iogue realiza a ação mais elevada; ele é o karmin esotérico.40 Mas aquele que realiza ou pratica Kriya Yoga, a técnica mais elevada de contato com Deus, é o raja iogue ou o Kriya Yogi real. Ele alcança a ascensão e está, portanto, entre os iogues mais elevados.

❖
Significado esotérico de Karma Yoga, Jnana Yoga e tapasya
❖

Outra interpretação desta estrofe foi dada por Lahiri Mahasaya: Quando um iogue pratica Kriya Yoga, retirando sua mente dos sentidos ao desconectar a força vital dos cinco telefones dos sentidos, diz-se que ele segue o caminho do karma yoga; ele é um verdadeiro karmin. Durante esse estado anterior de tentativas de união com Deus, o iogue tem que realizar várias ações espirituais de respiração adequada, controle da força vital e combate às distrações com concentração. Portanto, diz-se que ele segue o caminho do karma yoga esotérico. Neste estado o iogue é identificado com ações; ele é um karmin.

Quando o iogue é capaz de ver a luz espiritual no Kutastha ou centro Cristo entre as sobrancelhas e retirar sua força vital do sistema nervoso dos cinco telefones dos sentidos, ele entra no estado de tapasya esotérica (renúncia ascética). Sua mente, estando desconectada dos sentidos, existe então num estado de renúncia esotérica; ele é um tapasvin.

Quando o iogue é capaz de unir ainda mais sua mente com a sabedoria e a bem-aventurança de sua alma, ele é um seguidor do esotérico Jnana Yoga.

Isso é chamado de estado jnanin do iogue.

No último estado elevado, quando a alma, livre de toda consciência corporal e mundana, está unida ao abençoado Espírito Cósmico, o devoto é chamado de raja iogue esotérico. Este estado de yoga final ou união da alma e do Espírito é o mais elevado; aquele que o alcança é o verdadeiro iogue. Ele alcançou planos espirituais mais elevados do que aquele que alcançou apenas o estado de tapasvin, karmin ou jnanin. O verdadeiro iogue conhece Deus como a bem-aventurança sempre existente, sempre consciente e sempre nova; ele percebe toda a criação como sonhos de Deus.

O caminho do Kriya Yoga é distinto e científico porque ensina o método exato de retirar a mente dos sentidos, desligando a força vital dos cinco telefones dos sentidos. Somente quando essa interiorização for realizada o meditador poderá entrar no templo interior da comunhão com Deus. Em outras palavras, o Kriya Yogi segue um método seguro e definido de conduzir não apenas sua mente, mas também sua força vital, através do canal espinhal, para uni-los à alma. No mais elevado êxtase ele então une sua alma ao Espírito.

Kriya Yoga, ou a referência indireta a ele nas escrituras como Kevali Pranayama,41 é o verdadeiro pranayama, no qual a inspiração e a expiração foram transmutadas em força vital interiorizada sob o controle total da mente. Ao destilar o prana da respiração e ao neutralizar as correntes vitais que controlam a respiração, todas as células do corpo são recarregadas vitalmente pela força vital corporal reforçada e pela Vida Cósmica; as células físicas não mudam nem se decompõem. Kriya Yoga é uma prática adequada para qualquer buscador sincero de Deus que esteja livre de doenças agudas e graves e que observe em sua vida diária os preceitos morais fundamentais.

❖

Yoga: a estrada científica para o Infinito

❖

As teologias de todas as grandes religiões têm um fundamento comum – a descoberta de Deus. Mas a verdade religiosa sem realização prática é necessariamente limitada no seu valor. Como um cego pode guiar outro cego? Poucos homens entendem o Bhagavad Gita como seu escritor, Vyasa, entendeu suas

verdades! Poucos homens entendem as palavras de Cristo como ele as entendeu!

Vyasa, Cristo, Babaji e todos os outros mestres aperfeiçoados perceberam a mesma verdade. Eles o descreveram de diversas maneiras, em diferentes idiomas. No estudo do Bhagavad Gita e do Novo Testamento percebi seus significados como um só. Portanto, tenho citado as palavras de Cristo para mostrar a sua unidade com as verdades do Gita.

Para compreender plenamente o Bhagavad Gita e a Bíblia, o aspirante espiritual deve aprender a entrar no estado de êxtase e comungar com Vyasa e Cristo através da Consciência Cósmica.

Assim como todas as faculdades do mundo ensinam os mesmos princípios da ciência, que podem ser comprovados pela aplicação, todas as verdadeiras escolas religiosas, se seguissem o yoga, estariam cientes de que este é o único caminho científico para o Infinito. É por isso que cada homem deveria se tornar um iogue unido a Deus. Nesta estrofe do Bhagavad Gita, a voz de Deus soa como uma trombeta para todos os aspirantes espirituais: Tornem-se iogues!

VERSÍCULO 47

yoginām api sarveṣāṁ madgatenāntarātmanā
śraddhāvān bhajate yo māṁ sa me yuktatamo mataḥ

Aquele que com devoção se absorve em Mim, com sua alma imersa em Mim, considero-o, entre todas as classes de iogues, como o mais equilibrado.

Vários métodos e caminhos são chamados de yoga: Karma Yoga (o caminho das boas ações); Jnana Yoga (o caminho da discriminação); Bhakti Yoga (o caminho da oração e da devoção); Mantra Yoga (o caminho da união com Deus por meio de cânticos e encantamentos de sons de sementes); Laya Yoga (o caminho que ensina como dissolver o ego no Infinito); e Hatha Yoga (o caminho da disciplina corporal). Raja Yoga, especificamente Kriya Yoga, é a quintessência de todos os caminhos do

yoga, o caminho especialmente preferido pelos sábios reais e grandes iogues da Índia antiga.

Aqui o Senhor está enfatizando que o raja iogue ou Kriya Yogi que com devoção retira sua força vital e mente do corpo, e que une seu ego com sua alma e sua alma com o sempre abençoado Espírito, e que pode manter êxtase constante com o Infinito igualmente durante a ação e durante a meditação, é o mais elevado de todos os iogues. Tais grandes devotos não ficam "presos" sempre em êxtase, recusando-se a participar do drama da vida criado pelo Senhor; eles desempenham seus deveres e suas ações que lembram Deus com consciência feliz, sob a direção divina. Estando supremamente unido a Deus, tal iogue mantém a postura ou equilíbrio do yoga (união divina) igualmente na meditação extática e na atividade obediente.

O devoto que realiza ações em estado de êxtase (mantendo a união interna ininterrupta com o Espírito tanto na meditação como nas atividades externas) é o maior de todos os iogues; ele atingiu um estado ainda mais elevado do que o iogue que permanece um com o Senhor durante anos em savikalpa samadhi sem realizar quaisquer ações corporais.

Kriya Yoga ensina o chefe de família, bem como o homem de renúncia, a comungar com Deus como seu primeiro dever; e então cumprir todos os deveres físicos, mentais, morais e espirituais adequados com consciência divina, dirigidos somente por Ele.

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
dhyānayogo nāma ṣaṣḍho 'dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o sexto capítulo, chamado "Dhyana Yoga (União através da Meditação)."42

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO VII

A NATUREZA DO ESPÍRITO E O ESPÍRITO DA NATUREZA

❖

"Ouça como me realizarás"

❖

Prakriti: A Natureza Dupla do Espírito na Criação

❖

Como o Criador Sustenta a Criação Manifestada

❖

Hipnose Cósmica (Maya) e o Caminho para Transcendê-la

❖

Qual "Deus" deve ser adorado?

❖

Percebendo o espírito por trás das sombras oníricas da natureza

“O homem, feito à imagem de Deus, deve aprender a ser transcendente como o seu Criador. As triplas qualidades da ilusão cósmica e o sonho cósmico tingido com esses atributos emaranhados procedem todos de Deus; mas como Ele permanece inalterado por eles, o homem pode aprender, através da constante comunhão de yoga com Deus, como permanecer não envolvido em maya e como ver o panorama das experiências da vida como puro entretenimento.”

OceanoofPDF. com

Capítulo VII

A Natureza do Espírito e o Espírito da Natureza

"Ouça como me realizarás"

Verso 1

śrībhagavan uvāka
mayy āsaktamanāḥ pārtha yogaṁ tornar-se madāśrayaḥ
asaṁśayaṁ samagraṁ não tem nenhum conhecimento

O Bendito Senhor disse:

Ó Partha (Arjuna), absorvendo tua mente em Mim, refugiando-se em Mim e seguindo o caminho do yoga – ouça como você Me realizará além de todas as dúvidas, em plena completude (conhecendo-Me com todos os Meus atributos e poderes).

Quando um iogue pratica mecanicamente métodos de yoga, sem focar sua atenção com devoção no Deus onipresente, sua mente fica concentrada no caminho e não na Meta.

O caminho do yoga é apenas um meio para alcançar o Destino Divino. Quando alguém comunga com o Senhor, a técnica do yoga cumpriu o seu propósito. Conheci um devoto na Índia que durante anos gostou tanto da prática de técnicas de yoga que se esqueceu de amar a Deus. Ele era um robô espiritual – experiente na mecânica do yoga, mas sem coração e espírito, que é a comunhão com Deus.

A flor precede o fruto; quando o fruto aparece a flor cai. A flor da prática profunda do yoga precede igualmente o fruto da realização divina. Quando chega o fruto da liberdade final, só então as técnicas de yoga não são mais necessárias. Devotos presunçosos muitas vezes cometem o erro

espiritualmente perigoso de imaginar que alcançaram a realização de Deus; eles desistem prematuramente da prática de yoga. Muitos homens verdadeiramente liberados, entretanto, apenas para dar um bom exemplo a outros devotos, praticam yoga mesmo depois de alcançarem a união completa com Deus.

A emancipação é uma soma total composta pelo esforço sincero do iogue, pela orientação e bênção do guru-preceptor e pela graça de Deus.1 O Senhor é o Criador das leis da salvação. É necessário seguir a técnica do yoga com devoção e graça divina para alcançar o Pai onisciente que anseia pelo amor de Seus filhos ainda mais do que eles desejam Seu carinho. O Yoga deve, portanto, ser praticado pelo devoto com o mais profundo amor e sede espiritual pelo Pai de todos.

A maneira de reconhecê-Lo e conhecê-Lo, conforme ensinado na filosofia mais elevada do Yoga, é manter constantemente a atenção absorvida em Sua vibração sagrada, Aum. Se o iogue ouvir essa vibração - por meio da intuição - e nela concentrar sua atenção e adorá-la continuamente, então ele verá, sem sombra de dúvida, que existe um Deus - um Deus que responde às suas orações, um Espírito a quem ele pode apelar com confiança infantil, não importa quais sejam suas fragilidades e fraquezas. Tal Espírito é; tal Espírito sempre existiu e sempre existirá, até a eternidade. Todos podem conhecê-Lo através do método correto de meditação em Aum. Somente através do Aum o Espírito manifestado pode ser realizado.2

Quando o iogue em meditação expande sua consciência com o som cósmico Aum que emana da vibração cósmica, ele se sente expandindo com isso. Ele percebe claramente o Deus sempre existente, sempre consciente e sempre abençoado que está presente por trás de Aum. É então que o iogue percebe as imensuráveis reservas de energia, poder, alegria, sabedoria e graça que se manifestam no som cósmico Aum — a primeira expressão de Deus no universo; ele começa a vislumbrar toda a vastidão de Deus.3

VERSÍCULO 2

jñānaṁ te ’haṁ savijñānam idaṁ vakṣyāmy aśeṣataḥ

yaj jñātvā neha bhūyo ’nyaj jñātavyam avaśiṣyate

Relatarei a ti sem omissão tanto a sabedoria teórica quanto aquela sabedoria que só pode ser conhecida pela realização intuitiva - sabendo disso, nada neste mundo permanecerá desconhecido para ti.

Aqui Krishna prefacia seu próximo discurso com a promessa de revelar ao questionador Arjuna todos os mistérios do universo – tudo o que pode ser conhecido através do conhecimento teórico, junto com a sabedoria última que só pode ser plenamente percebida pela Auto-realização. Depois de realizar cada fase da sabedoria cósmica, o devoto será onisciente.

VERSÍCULO 3

manuṣyāṇāṁ sahasreṣu kaścid yatati siddhaye
yatatām api siddhānāṁ kaścin māṁ vetti tattvataḥ

Entre milhares de homens, talvez um se esforce pela realização espiritual; e, entre os abençoados e verdadeiros buscadores que tentam assiduamente Me alcançar, talvez alguém Me perceba como Eu sou.

O precioso estado de realização de Deus é muito difícil de alcançar, porque no homem comum os holofotes dos seus cinco sentidos estão voltados para a percepção dos objetos materiais e não para dentro, em direção a Deus. Os animais são guiados pelo instinto; ao contrário dos homens, os animais não têm poder de livre arbítrio pelo qual possam reverter os seus holofotes sensoriais da matéria para Deus. Mas mesmo com livre arbítrio, a maioria dos homens está presa ao hábito. Eles não tentam transformar seus hábitos materiais em hábitos espirituais. Através da influência da ilusão cósmica, o homem é atraído exteriormente pelo brilho espúrio da matéria e não atraído interiormente pela refulgência eterna de Deus.

É uma verdade inegável que a onda de vida do homem, não importa quão longe esteja projetada, ainda existe como parte do Mar Cósmico. Mais

cedo ou mais tarde, ele deverá ceder à atração divina e retornar ao Lar do Oceano Cósmico, de onde surgiu.

Entretanto, quando a onda anímica do homem se acostuma, através de maus hábitos, a permanecer longe das profundezas calmas do Oceano Cósmico, ela reluta em retornar para lá. É verdade também que Deus, como o Oceano Cósmico com Suas tempestades de ilusão, deseja encenar um jogo com as ondas da alma; portanto, eles não podem retornar facilmente ao Seu seio! Mas quando as ondas da alma são ferozmente atingidas pelos violentos tumultos da ilusão cósmica, elas enviam um pedido interior de ajuda e tentam responder à atração subjacente e incessante de Deus.

Devido à influência das tempestades da ilusão e ao desejo do Espírito de brincar com as ondas individualizadas da sua alma, e ao mau desejo e hábitos das ondas da alma de não retornar às profundezas do Mar da Consciência Cósmica, poucos seres humanos as ondas se esforçam para buscar seu Lar original. Se todas as almas atingidas pela ilusão levantassem um clamor, Deus certamente criaria uma calmaria em Sua tempestade cósmica e ajudaria as ondas da alma a retornarem para Ele! E sempre que uma determinada onda de alma tenta assiduamente atingir as profundezas do Oceano Divino, ela pode fazê-lo por graça divina especial.

❖

A graça de Deus e a exigência inflexível do homem de libertação vencem a ilusão

❖

Quando a grande maioria das almas encarnadas se cansa de entrar em conflito com a ilusão cósmica, elas anseiam pela libertação. Este desejo acumulado de grandes almas, boas almas e das massas de almas sofredoras, e também o forte impulso das almas solteiras que exigem inflexivelmente a libertação, incita Deus a causar uma calmaria na tempestade da Sua ilusão. Quando este interlúdio ocorre através da graça de Deus e do desejo unido de libertação do homem, ou através do forte impulso de almas isoladas em busca de salvação, então muitas dessas almas juntas, ou algumas almas isoladamente, mergulham profundamente em Seu abençoado seio oceânico, para nunca mais retornarem. jogar de novo. Eles já tiveram o suficiente. Somente aqueles que se apegam a desejos mortais inacabados têm que reencarnar novamente para brincar com a Natureza Cósmica na superfície

da vida fustigada pela tempestade.

Esta estrofe do Bhagavad Gita mostra que a maioria dos homens usa seu livre arbítrio para escolher seguir em frente incessantemente com a tempestade da ilusão. Dentre muitos milhares de seres humanos, talvez apenas um deseje reentrar no Oceano Divino. Mesmo aquele que deseja retornar ao Seio Cósmico, mas é testado pela ilusão cósmica e obstruído pelo carma maligno do passado, não pode fundir-se facilmente na liberdade do Mar Bem-aventurado. No entanto, dentre esses muitos bons buscadores, um ou dois deles, aqui e ali, conseguirão superar o impulso externo da ilusão e do carma maligno e serão capazes de mergulhar de cabeça, com forte fé, no poder sempre puxador das Profundezas Divinas. .

Deus, em Sua consciência cósmica oceânica, está plenamente consciente de ter causado tantos problemas ao ter enviado embora Seus filhos-almas individualizados, sem a permissão deles, para serem golpeados e testados pela tempestade da ilusão. O plano cósmico, portanto, é ajudar todas as almas a voltarem para Casa, mais cedo ou mais tarde. O mesmo Espírito oceânico que lançou todas as ondas da alma de Seu seio, com o tempo afastará a ilusão e os trará de volta ao seu Lar de liberdade.

Que paradoxo que, apesar de tanto sofrimento e miséria, apenas um entre milhares de homens seja suficientemente astuto para procurar a Deus; e que entre esses verdadeiros buscadores, talvez apenas um cultive a incessante tenacidade espiritual para neutralizar os efeitos do mau carma e da ilusão cósmica e assim alcançar a Realidade – Deus.

❖

Poder libertador do Kriya Yoga e perseverança indesejável

❖

Muitos devotos sinceros do Senhor não se forçam a buscá-Lo com intensidade cada vez maior na meditação, nem são persistentes em sua busca por Ele. É por isso que eles têm apenas inspirações escassas ou fugazes e não O realizam continuamente. Mas um devoto perseverante, apesar de muito carma negativo e das tentações da ilusão cósmica, certamente alcançará Deus no final.

Em outro lugar, o Bhagavad Gita diz: “Mesmo um devoto que percebe apenas pouco antes da morte que Deus é real e que tudo o mais é irreal, será

capaz de comungar com Ele no estado pós-morte” (II:72). Alguns grandes santos nos dizem que Deus relaxou certos regulamentos espirituais para o benefício dos devotos que devem viver nesta era moderna de confusão. Um devoto atual, dizem eles, que orará continuamente pela comunhão com Deus durante três dias e três noites, ou mesmo durante vinte e quatro horas, alcançará sua Meta.

Yogavatar Lahiri Mahasaya, enfatizando o poder potencial do Kriya Yoga, disse que uma pessoa com muito carma libertador de esforços espirituais de vidas passadas, que dedica três anos à prática profunda de Kriya Yoga de acordo com as instruções do guru, pode alcançar não apenas a comunhão com Deus, mas também pode tornar-se para sempre unido a Ele. Se isso falhar, um devoto com considerável carma libertador passado, através da prática profunda de Kriya Yoga sob a orientação de um guru, poderá em seis anos alcançar a libertação completa. Outros, com algum carma libertador, podem encontrar a libertação em doze anos, pela prática profunda de Kriya Yoga e pela orientação e bênçãos do guru. E todos os buscadores profundos, mesmo aqueles com muito pouco carma libertador passado, poderão encontrar a libertação num período de vinte e quatro anos.

Outros, sem nenhum karma libertador anterior, mas possuindo agora a determinação suprema e a orientação de um verdadeiro guru de Kriya Yoga, através da prática profunda e constante de Kriya Yoga, poderão ser capazes de encontrar a realização em quarenta e oito anos. Se um devoto for incapaz de encontrar a realização em quarenta e oito anos, ele certamente será atraído pela Kriya Yoga em sua próxima vida e a praticará profundamente até que a salvação final seja alcançada.

O Kriya Yogi bem-sucedido é aquele raro e abençoado entre milhares de buscadores que, como o Senhor diz neste versículo do Gita, se esforça destemidamente até “me perceber como eu sou”.

❖

Qualquer pessoa que faça um esforço tenaz encontrará Deus

❖

Meu querido aluno, São Lynn,4 observou certa vez: “De cada mil homens gananciosos, um busca inflexivelmente o dinheiro; e dentre esses buscadores determinados, um fica rico!” Ele também me disse: “Quando uma nota de

um dólar aparece à vista, doze lobos de empresários saltam para pegá-la! Aquele que o agarrar mais rapidamente e com tenacidade se agarrar a ele enquanto é espancado por outros empresários gananciosos, pode, meio vivo, escapar impune daquele dólar!" Assim como ninguém pode acumular riqueza sem desenvoltura e determinação, a riqueza infinita não pode ser alcançada sem coragem e tenacidade. O homem, porém, como imagem divina, deveria compreender que Deus não deve ser conquistado, mas realizado. Um devoto determinado, por meio de esforços constantes, recupera essa herança divina eterna e esquecida, sempre existente dentro da alma.

A realização de Deus não está reservada aos especialmente privilegiados, nem apenas a um filho de Deus, nem a alguns filhos de Deus. Deus está pronto para aceitar de volta todos os filhos pródigos – qualquer um que faça o esforço supremo para retornar a Ele. Somente o andarilho que viajou para longe de sua herança cósmica, através de um caminho tortuoso e maligno, encontrará dificuldade e demora em retornar ao Lar.

Costumo dizer que se cem pessoas, em diversas circunstâncias da vida, orassem profundamente e fizessem esforços supremos para se tornarem milionários, todas elas não poderiam, numa só vida, ter sucesso. A maioria deles teria de esperar várias vidas para entrar no ambiente adequado que os tornaria elegíveis, através da aquisição do carma humano adequado, para se tornarem milionários. Mas também saliento que todos os homens, já feitos à imagem de Deus, podem alcançá-Lo numa vida, fazendo o esforço espiritual adequado sob a orientação de um verdadeiro guru.

Deus não deve ser ganho como o dinheiro. Pela Sua graça, Ele já foi conquistado e depositado em cada alma. Mas devido ao esquecimento humano, Ele tem que ser redescoberto. O poeta cantou com razão:

Só o céu é que é doado.
Só Deus pode ser obtido se você pedir.5

Prakriti: A Natureza Dupla do Espírito na Criação

VERSÍCULO 4

bhūmir āpo 'nalo vāyuḥ khaṁ mano buddhir eva ca
ahaṁkāra itīyaṁ me bhinnā prakṛtir aṣṭadhā

Minha natureza manifestada (Prakriti) tem uma diferenciação óctupla: terra, água, fogo, ar, éter, mente sensorial (manas), inteligência (buddhi) e egoísmo (ahamkara).

❖
Os oito elementos da natureza material cósmica
❖

As sombras dos filmes e o feixe de luz numa cabine de cinema combinam-se para manifestar filmes de seres subjetivos agindo com seus egos, mentes sensíveis e inteligências discriminativas num palco terreno objetivo.

Da mesma forma, Deus usa os filmes ilusórios da relatividade oferecidos pela Natureza Cósmica para produzir Seus filmes oníricos de individualidades humanas sencientes, inteligentes e ativas, atuando em um palco de matéria: manifestações dos elementos terra, água, fogo, ar e o todo invisível. éter penetrante – seres vibrantes e dinâmicos e belos continentes cercados por oceanos, iluminados pelo sol e pela lua e repletos de ar vital.

Esta estrofe do Bhagavad Gita fornece um resumo dos oito elementos ou forças da natureza material cósmica. Os antigos cientistas falavam vagamente da natureza como matéria. Os cientistas modernos pensam na matéria como forças coordenadas. Eles descrevem todas as substâncias minerais, vegetais e animais como compostas de noventa e dois elementos,6 que são posteriormente explicados como nada mais do que permutações e combinações de diferentes átomos ou energias de ondas.

A matéria, de acordo com a filosofia hindu, é feita de pensamentos inteligentes de Deus, que se materializam em forças mais grosseiras de lifetrons inteligentes (prana), elétrons e prótons, átomos, moléculas, células, tecidos e matéria orgânica. Tanto a matéria inorgânica quanto a orgânica são compostas de anu (átomos), paramanu (partículas e energias subatômicas), prana (lifetrons) e chaitanya (“consciência”, pensamentos) de Deus. Esta é a constituição da natureza física cósmica ou matéria do ponto de vista metafísico.

Os iogues afirmam que a matéria – a natureza física cósmica ou Jada-Prakriti (natureza grosseira) ou Apara-Prakriti (a expressão grosseira de Deus) – pode ser chamada de corpo onírico físico do Senhor. Este corpo onírico físico cósmico é feito de cinco elementos objetivos (forças vibratórias sutis) de terra, água, fogo, ar (força vital) e éter; dois processos cognitivos perceptivos, mente sensorial e inteligência; e uma entidade que percebe, o ahamkara ou consciência egoísta da natureza cósmica. O pequeno sonho corporal do homem, a cópia da natureza física cósmica, está incluído no sonho maior deste último. Assim como a natureza cósmica é o corpo onírico físico de Deus e é composta de oito forças elementares, o corpo humano também é composto de oito forças elementares e é o corpo onírico da alma humana – a imagem perfeita de Deus.

❖

Dois aspectos do Espírito Santo/Natureza Cósmica: Para-Prakriti e Apara-Prakriti

❖

Assim como um sonhador durante o sono se torna a entidade cognitiva ou ego e usa sua mente sensorial onírica e sua inteligência onírica para perceber seu corpo objetivado pelo sonho (feito de terra, água, fogo, ar e éter), assim também Deus em Seu sonho cósmico torna-se a entidade onírica física cognitiva, os processos oníricos cognitivos, a mente onírica e a inteligência onírica, a fim de perceber Seu corpo físico objetivo da Natureza, feito de oito elementos físicos do sonho cósmico.

Assim como a consciência homogênea de um homem durante a percepção de um sonho se divide pela lei da relatividade para se tornar o sonhador subjetivo, o processo de sonhar e o sonho objetivo, assim Deus, através de Sua força ilusória cósmica (maya), cria a entidade onírica egoísta. da Natureza física cósmica com suas múltiplas percepções da mente e da inteligência e seu corpo onírico cósmico de cinco elementos oníricos grosseiros. No estado impuro, esta Natureza física cósmica, o corpo onírico físico de Deus, é chamada Apara-Prakriti. Escondido atrás de Apara-Prakriti está o Para-Prakriti (natureza pura de Deus) constituindo o universo astral cósmico mais sutil e o universo causal cósmico guiado pela entidade inteligente superior da natureza cósmica, Aum ou o Espírito Santo.

No corpo humano, a alma pura é a testemunha neutra de todas as suas operações. O ego físico – o pseudo reflexo da alma – atua em conjunto com a natureza cósmica, Prakriti, para operar o funcionamento do corpo físico. O ego astral discriminativo mais refinado e o ego causal7 (em sintonia com a alma nos devotos avançados) atuam, respectivamente, como representantes da natureza astral cósmica mais sutil e da natureza causal cósmica para operar o funcionamento dos corpos astral e causal do homem.

Da mesma forma, a Inteligência Kutastha de Deus (Krishna ou Consciência Crística) é a testemunha neutra da criação cósmica. A Inteligência Kutastha se manifesta através do Espírito Santo ou Inteligência Aum como Apara-Prakriti, a entidade física do sonho cósmico, dirigindo o universo físico do sonho cósmico. A mesma Inteligência Kutastha, através do Espírito Santo ou Aum como Para-Prakriti no estado mais sutil, dirige os universos astrais cósmicos mais sutis e os universos causais cósmicos. Os dois aspectos das vibrações do Espírito Santo são, portanto, o Apara-Prakriti (Natureza Impura) e o Para-Prakriti (Natureza Pura).

❖

Natureza onírica do universo e do corpo humano

❖

Um sonho tem um aspecto triplo: o sonhador, sua percepção e os objetos oníricos feitos dos cinco elementos oníricos: terra, água, fogo, ar e éter. Os complexos universos cósmicos triplos de sonho são administrados pela inteligente Mãe Natureza Cósmica ou pelo Espírito Santo Cósmico inteligente de uma forma mais sutil e mais grosseira. O universo físico é guiado pelas vibrações externas do Espírito Santo – o impuro Apara-Prakriti. Os universos astral e causal são guiados pelo puro Espírito Santo – pura Natureza, ou Para-Prakriti.

Todo o universo físico é um filme de sonho cósmico “tecnicolor” fiel à visão, fiel à audição, fiel ao olfato, fiel ao paladar e fiel ao toque, criado e sustentado pelo feixe físico, mental e inteligente da Entidade do Sonho Cósmico – Natureza, ou Espírito Santo inteligente. Este último é um reflexo da Inteligência Kutastha Crística na criação, que por sua vez é o reflexo de Deus Pai além da criação.

Assim como a consciência básica de um homem pode criar na terra dos sonhos outra entidade onírica e conferir-lhe egoísmo, mente e inteligência

para continuar, por exemplo, a construção de uma mansão, assim o Espírito sonha ser a entidade trina: Deus, o Pai. além da criação, Deus o Cristo ou Inteligência Kutastha da criação, e a Natureza Cósmica inteligente ou Espírito Santo com suas oito diferenciações potenciais através das quais cria e sustenta as três mansões objetivas da criação – causal, astral e física.

Depois de compreender a natureza onírica do universo, o devoto deve aprender a natureza onírica do corpo humano, composta pelos cinco elementos oníricos. O corpo existe numa esfera de éter onírico; inspira o ar vital dos sonhos; seus processos químicos são realizados pelo calor das energias ígneas; é composto de "água" ou sangue onírico (que constitui a maior parte do corpo onírico) e de "terra" onírica ou a chamada carne sólida. Este corpo onírico é percebido pela mente sensorial onírica e pela inteligência discriminativa onírica, e é guiado pela entidade onírica da pequena natureza, o ego. Assim como o Espírito sonhou em Deus além da criação, Deus na criação e Deus como a Natureza Cósmica com um corpo cósmico, assim Deus como a alma transcendental e a inteligência discriminativa e o ego físico sustentam o corpo onírico físico.

Os cinco elementos oníricos misturados constituem o corpo onírico físico. O ego físico identificado pelos sentidos e a mente (o coordenador dos dez sentidos) estão centrados fora do olho espiritual; a inteligência atua através do interior do olho espiritual; a sede da consciência da alma do homem se estende do ponto entre as sobrancelhas até o topo central da cabeça, nos centros espirituais sutis do Kutastha e do lótus de mil pétalas. O iogue avançado, semi-desperto neste sonho cósmico, contempla este filme onírico cósmico colorido de cinco elementos oníricos, o corpo humano, e observa suas operações conforme dirigidas pelas entidades divinas trinas. Ele é capaz de ver o pequeno corpo conforme ele é operado pela alma, pelo ego ou inteligência discriminativo e pelo ego físico.

VERSÍCULO 5

apareyam itas tv anyāṁ prakṛtiṁ viddhi me parām
jīvabhūtāṁ mahābāho yayedaṁ dhāryate jagat

Assim é Minha natureza inferior (Apara-Prakriti). Mas entenda, ó (Arjuna) de braços poderosos! que Minha natureza diferente e superior (Para-Prakriti) é a jiva, a autoconsciência e o princípio de vida, que sustenta o cosmos.

A jiva é a consciência da alma identificada com seu estado manifestado ou encarnado, a autoconsciência ou existência individualizada da alma.

Na escala macrocósmica, Kutastha Chaitanya (o Krishna ou Consciência Crística) é a inteligência de Deus imanente em toda a criação como o reflexo puro, inalterado e imutável de Deus – a "Alma" do universo; e Para-Prakriti é a mesma consciência, mas contendo dentro dela e expressando-se através dos elementos criativos da individualidade e da diversidade – a "jiva" do cosmos.

Na escala microcósmica, a alma do homem é a imagem sempre inalterada e imutável de Deus; a jiva é a mesma consciência divina que reconhece sua unidade essencial com Deus, mas opera como uma entidade individualizada – o ego discriminativo que é identificado com a alma.

❖

A inteligência criativa e o princípio de vida no homem e no cosmos

❖

O "jiva" - como Para-Prakriti sintonizado com a Inteligência Kutastha Krishna-Cristo no universo, e como o ego discriminativo sintonizado com a alma no homem - é a inteligência criativa e o princípio de vida em todas as formas individualizadas, a inteligência divina ativa de Deus, o Criador e de Sua imagem individualizada, a alma. Sem esta natureza superior por trás da manifestação grosseira, o universo físico e o corpo do homem não existiriam.

A natureza física do sonho cósmico de oito aspectos ou forças foi explicada na última estrofe como sendo operada pela natureza grosseira do Espírito Santo físico cósmico (Apara-Prakriti). Nesta quinta estrofe, Krishna está revelando a Arjuna como os universos e corpos mais sutis, superiores, astrais e causais do homem são vivificados e sustentados, respectivamente, pela natureza identificada com Deus do Espírito Santo cósmico inteligente (Para-Prakriti), e por o ego discriminativo inteligente identificado com a alma.

Assim como o ego físico é responsável pelo sustento do corpo físico, a natureza cósmica impura física (Apara-Prakriti) é responsável pela criação e sustento do universo físico do sonho cósmico. Assim como o ego discriminativo identificado com a alma é o sustentador dos corpos astral e causal do homem, o Espírito Santo (Para-Prakriti), puramente identificado com a Inteligência Kutastha e com Deus, é o sustentador dos universos astral e causal mais sutis.

Assim como o ego físico faz o corpo parecer uma massa de carne, pesando tantos quilos, o Espírito Santo físico cósmico (Apara-Prakriti) faz o universo cósmico parecer uma massa de matéria grosseira. Quando o ego discriminativo se torna um com a alma, ele percebe, através de sua visão intuitiva, que o corpo é feito de inteligência e de lifetrons de sonho mais sutis, com uma aura eletroprotônica-atômica. Da mesma forma, o iogue identificado com o Espírito Santo Cósmico mais inteligente (Para-Prakriti) contempla o cosmos não como matéria, mas como uma estrutura de inteligência e energia vital cósmica com uma radiação cósmica atômica eletroprotônica. Este Espírito Santo mais refinado, a Natureza Cósmica, dota o universo externo com uma aparência, não de matéria grosseira, mas de vitalidade cósmica (prana) e da luz cósmica da inteligência.

VERSÍCULO 6

etadyonini bhūtani sarvāṇīty upadhāraya
ahaṁ kṛtsnasya jagatah prabhavaḥ pralayas tathā

Compreendam que essas Minhas Naturezas duais, a Prakriti pura e a impura, são o útero de todos os seres. Eu sou o Progenitor e também o Dissolvedor de todo o cosmos.

Deus, por Sua Natureza Cósmica espiritual interna, cria universos causais e astrais e seus seres; por Sua Natureza Cósmica física externa, Ele cria o cosmos físico e seus seres materiais.

Assim, a consciência única de Deus, através das naturezas mais sutis e mais grosseiras de Sua Prakriti, é a criadora do universo físico onírico com

todos os objetos e variedades de seres humanos e animais contidos nele. Do ventre inteligente da Natureza Cósmica e de Sua dupla manifestação emergem todos os tipos de seres bons e maus – toda a vida de minerais, plantas, animais, seres humanos e anjos. Minerais, plantas e animais são produtos indefesos de Prakriti; mas o homem, dotado de inteligência, começa a resistir à influência ilusória da Natureza Cósmica. Ele tenta, pela bondade e pela espiritualidade, tornar-se um super-homem e escapar da rede maíca dos sonhos cósmicos de volta à região abençoada do Espírito Supremo.

É a consciência única de Deus que é responsável pela criação do Ser Cósmico inteligente e de duas naturezas (Mãe Natureza, Maya, Shakti ou Prakriti) e do universo objetivo dos sonhos. Portanto, sempre que Deus retira a ilusão cósmica da relatividade e dissolve a Natureza Cósmica dentro de Si mesmo, todos os seus sonhos e criações de universos oníricos objetivos então se retiram como pensamentos invisíveis do Grande Sonhador, Deus.

O Senhor sonha a Natureza Cósmica; Ele infunde nele a individualidade e o poder de sonhar o universo. Assim, é somente Deus quem é o originador da Natureza Cósmica e do universo dos sonhos cósmicos. E ao dissolver a Natureza Cósmica em Si mesmo, Ele pode assim dissolver o universo do sonho cósmico.

Como o Criador Sustenta a Criação Manifestada

Versículo 7

mattaḥ parataraṁ nānyat kiṁcid asti dhanaṁjaya
mayi sarvam idaṁ protaṁ sūtre maṇigaṇā iva

Ó Arjuna! Não há nada superior a Mim ou além de Mim. Todas as coisas (criaturas e objetos) estão ligadas a Mim como uma fileira de pedras preciosas em um fio.

Todas as manifestações da natureza podem ser atribuídas à Única Origem, o Espírito. Mas nenhuma causa do Espírito pode ser rastreada; É auto-evoluído e sem causa.

O Infinito contém todos os objetos finitos e também existe além deles. Não há nada além do Infinito. A consciência de Deus atravessa a brilhante guirlanda de aparências oníricas da criação.

O Espírito, a Unidade Suprema, é a única Causa da criação trina do sonho. É o único cordão cósmico da consciência do Espírito que mantém unido Deus além da criação, Deus na criação, e Deus, a Natureza Cósmica Inteligente, com suas joias oníricas de seres humanos, animais, vegetação, flores e minerais cintilantes que compõem a guirlanda da criação. A consciência do Sonhador Cósmico mantém todas as imagens e objetos oníricos unidos como um colar de sonhos decorativos. Deus usa de brincadeira a coroa dos seus sonhos da criação para entreter a si mesmo e a seus filhos. Quando o cordão da consciência do Sonhador Divino é retirado, a guirlanda de pessoas e objetos oníricos se desfaz e desaparece no Ser do Espírito.

Assim como o espaço infinito contém todas as manifestações finitas de planetas, estrelas e universos, o céu infinito do Espírito contém dentro de si todas as manifestações finitas da criação. É natural, mas errôneo, pensar que, porque todas as coisas finitas estão contidas no Infinito, o Infinito deve estar contido em outra coisa! Todas as coisas finitas são causadas pelo Infinito, mas o Ser Infinito — a Causa Suprema, a Coisa em Si — não é o efeito de nenhuma causa. O Ser Infinito, o recipiente de todos os objetos finitos, não está contido em nada que exista além dele. O Espírito Imensurável não pode ser medido por uma categoria finita. Coisas finitas são causadas; mas o Infinito evolui por si mesmo, existe por si mesmo e causa a si mesmo por si mesmo. Caso contrário, não seria infinito, mas finito.

Um árabe que dependia das tâmaras como base da sua dieta perguntou a um bengali que o visitava na Arábia: “Crescem tâmaras comestíveis em Bengala?” “Não”, respondeu o bengali. “Como então vivem os hindus?” perguntou o árabe.

Os seres finitos, vivendo por causas finitas, pensam que o Infinito não pode existir sem uma causa. Porque uma pessoa pergunta: “Quem fez de mim e do meu irmão homens?” ele também se pergunta: “Quem fez Deus?”

Experiência: Feche os olhos e imagine o sol como um pequeno disco no céu. Então, através da visualização, torne o sol tão grande quanto todo o céu. Depois faça com que essa imagem mental expandida do Sol seja tão grande quanto a eternidade — muito, muito além dos planetas mais distantes; ainda assim você verá o espaço e a eternidade estendendo-se sempre além daquela imagem esférica finita do sol, mentalmente ampliada. Ficará evidente para você que a maior esfera finita que pode ser imaginada não é tão grande quanto uma eternidade que não tem fim. Todas as coisas finitas têm limites; mas a eternidade, o lar de Deus, não tem limites.

❖

A natureza do Infinito

❖

Krishna está dizendo nesta estrofe que não há nada além de Deus. Todas as coisas finitas vivem na eternidade, mas a eternidade não vive em mais nada. Todos os seres finitos vivem em Deus, mas o Deus Infinito não vive em mais nada além Dele. Todos os sonhos existem na consciência do sonhador, mas a sua consciência existe além de todos os seus sonhos. A consciência pode existir por si mesma, sem sonhos. Todos os sonhos finitos da criação existem na consciência informe do sempre existente, sempre consciente e sempre novo Deus da Bem-aventurança; mas Sua consciência cósmica pode existir por si mesma, sem as formas oníricas de criação.

Todos os objetos finitos produzem a ilusão de algo além deles. Portanto os mortais perguntam: “O que está além do Infinito?” A resposta é: nada. Nada poderia ser maior que o Infinito que é o recipiente de tudo o mais.

“Olhai para Mim e sede salvos, todos os confins da terra; porque eu sou Deus e não há outro.”8

Assim como o fio está escondido atrás das contas de um colar, e como a consciência do sonhador está escondida atrás das guirlandas de imagens oníricas, o Coordenador Divino permanece invisível por trás do lei onírico da criação.

Assim como o fio é o suporte de uma fileira de contas, e assim como a

mente do sonhador sustenta suas imagens oníricas, é somente a consciência de Deus que sustenta todas as aparências oníricas da criação.

VERSÍCULO 8

raso 'ham apsu kaunteya prabhā 'smi śaśisūryayoḥ
praṇavaḥ sarvavedeṣu śabdaḥ khe pauruṣaṁ nṛṣu

Ó Filho de Kunti (Arjuna), eu sou a fluidez nas águas; Eu sou a radiação da lua e do sol; Eu sou o Aum (pranava) em todos os Vedas; o som no éter; e a masculinidade nos homens.

As águas correntes, a lua e o sol brilhantes, as verdades das escrituras conforme expostas por homens sábios, os sons estrondosos no éter e os feitos de homens valentes — tudo pode ser apresentado pelas sombras, luzes e sons de um filme. . Da mesma forma, Deus cria, na tela da consciência humana, todos os filmes “reais” do mundo.

Da oitava à décima segunda estrofes deste capítulo descrevem como o Sonhador Cósmico, Deus, sustenta todas as manifestações de Seu sonho cósmico.

❖
Alcançar a visão da vastidão da criação do Senhor
❖

O homem vive num mundo de sonhos muito pequeno; ele não pode conceber o vasto sonho de Deus. A pequena consciência do homem não consegue imaginar o poder incomensurável da consciência cósmica do Senhor. Durante o dia, um homem que olha para o sol vê apenas uma parte do céu. Todos os objetos na terra são invisíveis para ele, exceto aqueles poucos que estão dentro do pequeno alcance de sua visão. Com a ajuda de um telescópio, o homem pode ver as estrelas, as faixas ao redor de Saturno, as muitas luas de Júpiter e outros objetos invisíveis ao olho nu. Com a ajuda de um microscópio, o homem também pode ver milhões de germes microscópicos rastejantes numa gota d’água. Na terra dos sonhos, o homem pode transformar sua mente em um microscópio para ver germes, ou pode criar um telescópio mental gigante para ver os mundos astrais ou físicos

mais distantes. O homem comum durante o dia vê uma porção brilhante da terra. À noite, à luz da lua, ele vê outra imagem onírica, muito diferente, desta Terra. À noite, ele pode criar seu próprio pequeno sonho no mundo de sua mente subconsciente.

Durante a calma consciente com os olhos fechados e durante o sono profundo, o homem sente apenas a sua existência, sem percepção de pensamentos ou sensações inquietas ou objetos dos sentidos. O homem nesse estado de quietude está confinado num pequeno espaço; durante sua percepção do mundo onírico desperto ou do mundo onírico durante o sono, ele permanece confinado aos sonhos. O homem comum, portanto, não tem visão adequada da vastidão do universo físico nem dos cosmos astral e causal.

O iogue de olhos fechados descarta seus pensamentos e sensações através da técnica adequada de meditação. Quando ele é capaz de fazer isso, ele encontra dentro de si o conhecedor, o conhecedor, o conhecido – tudo convertido na percepção única do êxtase. Experimentando a bem-aventurança da alma, o devoto sente sua consciência circulando no espaço. Então ele sente a vibração cósmica manifestando-se como o som cósmico audível e a luz cósmica visível. É neste momento que a consciência esférica intuitiva do iogue começa a se espalhar com o som cósmico, a luz cósmica e a consciência cósmica em constante expansão.

Então o iogue aprende a expandir seu ser para o Espírito e sua consciência cósmica, e a projetar sua esfera de audição no reino do som cósmico, e a ampliar sua força vital interior visível para a força vital cósmica. É então que ele descobre que sua alma não está mais confinada ao pequeno sonho do sono ou ao sonho do mundo. Em vez disso, a alma do iogue não apenas sente a consciência cósmica em toda a criação, mas além dela, até os confins da esfera sem vibração. O iogue, em harmonia com o Infinito e com sua criação finita, percebe o sonho cósmico e seu próprio corpo como projeções de sua consciência infinita.

O iogue, sendo um com Deus, contempla Sua consciência aparecendo como a sapidez nas águas, a luminescência da lua e do sol, o som e a luz cósmicos vagando nos universos e no éter eterno, as percepções de todos os

❖

O iogue percebe como Deus sustenta todas as manifestações cósmicas

❖

seres sencientes e almas santas. , e o Aum ou vibrações da Verdade das escrituras védicas e de todos os outros livros de profunda sabedoria. O iogue percebe que a energia cósmica, que emana da consciência de Deus, sustenta a vitalidade de todos os corpos humanos oníricos. Assim como o feixe cinematográfico sustenta todas as imagens e objetos de um filme, e assim como a consciência do sonhador sustenta as imagens e objetos oníricos, a consciência de Deus se converte no Raio Cósmico que mantém todas as imagens e objetos do universo universal. terra dos sonhos.

O iogue meditativo também entende as palavras de Krishna nesta estrofe da seguinte forma: “Fluidez das águas”: o movimento vibratório criativo dos cinco elementos (terra, água, fogo, ar e éter) nos centros espinhais. “Sol e Lua”: as forças positivas e negativas na criação e no corpo do homem (dualidade), cuja propriedade da luz cósmica é o alicerce de todos os objetos e seres no cosmos dos sonhos de Deus. “Aum nos Vedas”: as variações da vibração Aum que se manifestam nos centros espinhais (ver comentário em II:45). “O som no éter”: o Aum cósmico com seu poder criativo imanente no éter onipresente. “Masculinidade nos homens”: a alma e seus atributos (ver comentário em II:3).

VERSÍCULO 9

puṇyo gandhaḥ pṛthivyāṁ ca tejaś cāsmi vibhāvasau
jīvanaṁ sarvabhūteṣu tapaś cāsmi tapasviṣu

Eu sou a fragrância saudável que emana da terra; a luminescência do fogo sou eu; a vida em todas as criaturas e a autodisciplina nos anacoretas.

O iogue percebe o corpo e seus elementos vibrantes como um sonho em miniatura da consciência de Deus, assim como percebe toda a matéria, todas as luzes, a energia cósmica mais sutil dos seres e a elevada consciência dos ascetas como manifestações oníricas da Mente Divina.

Krishna revela a Arjuna que é a consciência de Deus que vibra como a fragrância sagrada na vibração onírica da terra. A consciência de Deus também aparece como a luminescência onírica do elemento fogo. É Sua consciência que vibra como energia cósmica nos corpos astrais de todos os seres. E é Sua consciência que se manifesta como as percepções cósmicas dos ascetas purificados.

Nesta estrofe, como na anterior, faz-se referência não apenas à onipresença de Deus na natureza, mas também à Sua manifestação imanente nos centros cérebro-espinhais. O iogue sente a consciência de Deus vibrando no centro coccígeo com sua fragrância sagrada do elemento terra. Ele sente no centro lombar a presença do elemento fogo vibratório de Deus. Ele sente a vitalidade cósmica de Deus que vibra no centro dorsal de todos os seres. Ele sente Sua consciência cósmica no centro cerebral, conforme vivenciado pelos autodisciplinadores.

Existe uma polaridade magnética espiritual entre o centro coccígeo (terra) e o centro dorsal (força vital) que auxilia na elevação da força vital e da consciência do iogue através da coluna.9 O iogue meditante, através do fogo do autocontrole (“ autodisciplina”) manifestada no centro lombar, eleva sua força vital e consciência dos três centros inferiores associados aos sentidos; e através do mesmo fogo do autocontrole ascende ao centro dorsal da força vital, e daí para cima até os centros cerebrais superiores da superconsciência, consciência de Kutastha Crística e consciência cósmica.10

VERSÍCULO 10

bījaṁ māṁ sarvabhūtānāṁ viddhi partha sanātanam
buddhir buddhimatam asmi tejas tejasvinam aham

Saiba que sou a semente eterna de todas as criaturas, ó Filho de Pritha (Arjuna)! Eu sou a compreensão dos aguçados, o brilho dos seres vitais.

Assim como inúmeras sementes podem produzir inúmeras árvores, e como

a única consciência onírica do homem pode produzir muitos objetos e imagens oníricas, a consciência de Deus é a eterna causa-semente para a criação contínua das imagens de seres oníricos e de mundos oníricos.

Assim como um homem adormecido, por meio de sua consciência onírica, confere inteligência e vitalidade radiante às imagens oníricas, o Sonhador Cósmico infunde inteligência nos homens e brilho nas almas angélicas.

VERSÍCULO 11

balaṁ balavatāṁ cāhaṁ kāmarāgavivarjit
dharmāviruddho bhūteṣu kāmo'smi bharatarṣabha

Entre os poderosos, ó Melhor dos Bharatas (Arjuna), eu sou o poder que está livre de anseios e apegos. Eu sou aquele desejo nos homens que está de acordo com o dharma (retidão).

É a consciência de Deus que instila o desejo de libertação nos homens sábios e o desejo de bons resultados nas pessoas justas do mundo. É o Senhor quem move as fontes das ações nos seres humanos e os incita a realizar ações adequadas de acordo com as injunções bíblicas dos sábios.

O poder de Deus sustenta o renunciante sem desejos. E é o Seu mesmo poder que cria bons desejos nos homens mundanos que anseiam pelos frutos das boas ações. O desejo pelos resultados das boas ações neutraliza o desejo pelos frutos das más ações. Mas superior à ação inspirada por bons desejos é a ação desapegada, sem desejos e autocontrolada. A primeira traz apenas mérito temporário; o último traz libertação.

VERSÍCULO 12

ye caiva sāttvikā bhāva rajasās tāmasāś ca ye
matta eveti tān viddhi na tv ahaṁ teṣu te mayi

Saiba que todas as manifestações de sattva (bem), rajas (atividade) e tamas (mal) emanam de Mim. Embora eles estejam em mim, eu não estou neles.

Todas as imagens oníricas boas e más são projetadas pelo feixe cinematográfico cósmico. No entanto, estas imagens oníricas ilusórias, manifestadas pela luz de Deus, não revelam a Sua essencialidade. Eles não podem existir sem o feixe subjacente da Consciência Cósmica, mas o Espírito permanece sempre imutável além do fluxo dos fenômenos.

Um homem pode ter sonhos bons, mundanos e maus, mas descobrir, ao acordar, que sua consciência não é afetada por eles. Da mesma forma, um iogue, ao despertar na consciência cósmica, descobre que o sonho de criação de Deus, através da ação do próprio poder da ilusão cósmica (maya), do Senhor, produz miríades de homens bons, mundanos e maus, sem qualquer envolvimento de Si mesmo nos atributos triplos. da natureza.

❖

Por que o mal e o sofrimento fazem parte da criação de Deus?

❖

Embora o sonho cósmico não condicione a consciência transcendental do Senhor, o Sonhador divino, o que dizer do homem? A manifestação cósmica das qualidades triplas afeta inegavelmente aquele a quem esse sonho é imposto. Por que o Senhor testa o homem dessa maneira? A resposta é: Deus sabe como permanecer inalterado enquanto participa deste sonho cósmico que está contaminado com os atributos vinculativos; e porque Ele fez o homem à Sua imagem, Ele espera que ele use o seu discernimento e desempenhe o seu papel neste sonho cósmico do bem e do mal, sem ser interiormente afetado por ele.

Quando Deus criou o sonho mágico de atributos emaranhados, Ele esperava que o homem usasse seu livre arbítrio divino para resistir às insidiosas influências malignas. Através da tempestade da ilusão cósmica, o Senhor criou ondas da alma para que pudesse brincar com elas. Na verdade, as pequenas ondas boas da alma logo retornam à segurança do vasto seio do Espírito. Mesmo as ondas da alma emaranhadas pelo mundo e as ondas da alma algemadas pelo mal, mantendo-se distantes do Espírito, golpeando-se umas às outras na tempestade da ilusão, atingidas pela miséria,

eventualmente abandonam suas inclinações malignas e respondem à atração cósmica do Divino. Oceano que os está sempre convocando para retornar às Suas profundezas.

Portanto, Deus não pode ser totalmente culpado pelo sofrimento que atinge aqueles que obstinadamente desejam permanecer parte da sempre tentadora ilusão cósmica. Sabendo que Ele é responsável por ter enviado o homem aos perigos da Natureza, o Senhor sempre mantém Seu Espírito ligado às almas humanas, atraindo-as constantemente para Ele, para que não persistam desenfreadamente em se machucar por brincarem por muito tempo e com muita violência.

A pergunta: “E os animais indefesos que foram lançados nas ilusões da Natureza?” é respondida pelo fato de que os animais, não tendo livre escolha, não podem manter-se enredados por muito tempo. Quer sejam boas, más ou ativas, como o canário de voz doce, a cobra venenosa e o cavalo útil, as ordens subumanas não estão carmicamente enredadas pelos modos triplos da Natureza que definitivamente afetam o homem.

Preso ao instinto, o canário gorjeia e vibra. A cobra, por medo, pode ferir um homem que pisa nela acidentalmente ou que tenta machucá-la deliberadamente. Depois de causar a morte de um homem, a cobra não é punida pelo carma maligno, pois desconhecia as consequências de sua ação: não sabia que o veneno foi introduzido em suas presas pela Natureza. Mas um assassino humano que, influenciado pela ira, esfaqueia seu inimigo até a morte, incorre em carma maligno por causa do uso impróprio do dom do livre arbítrio divino.

Um burro de carga, que desempenha seus deveres com prazer ou de má vontade, não está sujeito à lei do carma porque não tem livre arbítrio e está limitado pelo instinto. Mas um homem de negócios, que trabalha arduamente para ganhar dinheiro, voluntária ou involuntariamente, é subjugado aos efeitos cármicos das suas acções porque tem livre escolha entre trabalhar para Deus e para o bem-estar dos outros e tornar-se emancipado, ou trabalhar para a satisfação do seu ego e do seu ego. egoísmo e assim permanecer escravo das mil leis inexoráveis da Natureza.

Uma cobra é imune ao seu próprio veneno, mas o veneno é prejudicial à

pessoa que é mordida; portanto, a única atitude sensata é não chegar perto das cobras, ou exterminá-las, ou encontrar um antídoto para picadas de cobra. Da mesma forma, o veneno de maya ou ilusão onírica não afeta Deus, embora esteja em Sua forma manifestada, Prakriti; contudo, afecta todas as criaturas não iluminadas que povoam os mundos da Sua criação. Para remediar a situação, o homem inteligente deveria permanecer em boa companhia; ou, pelo menos, deveria afastar-se das más companhias. Envenenado desde o nascimento por maya, ele deveria se esforçar para conhecer pessoas boas, seguir caminhos virtuosos e a orientação de um verdadeiro guru e, o mais importante, praticar yoga. Através dos efeitos cumulativos da meditação, ele deve permanecer sempre calmo e espiritualmente vigilante. Esses são métodos práticos para neutralizar os efeitos da ilusão.

Se Deus não tivesse criado as qualidades triplas que afetam o homem de maneira prazerosa, excitante e dolorosa, Seu jogo de sonho cósmico não teria sentido. Por essas influências trinas Ele testa Seus filhos; e por meio de tais testes os orienta no uso correto de seu livre arbítrio para que, depois de atuarem virilmente e com sucesso no drama do sonho, eles possam encontrar o caminho de volta para Ele. Ele criou esta peça de sonho cósmico para entreter a Si mesmo e a Seus filhos. Ele nunca quis que isso prejudicasse Sua prole. Eles se machucam por não desempenharem adequadamente seu papel. Se desempenharem seus papéis de forma inteligente, encontrarão felicidade nesta vida e bem-aventurança eterna na grande vida futura.

A mensagem final desta estrofe do Bhagavad Gita é que o homem, feito à imagem de Deus, deve aprender a ser transcendente como o seu Criador. As triplas qualidades da ilusão cósmica e o sonho cósmico tingido com esses atributos emaranhados procedem todos de Deus; mas como Ele permanece inalterado por eles, o homem pode aprender, através da constante comunhão de yoga com Deus, como permanecer não envolvido em maya e como ver o panorama das experiências da vida como puro entretenimento.

Hipnose Cósmica (Maya) e o Caminho para Transcendê-la

Versículo 13

tribhir guṇamayair bhāvair ebhiḥ sarvam idaṁ jagat
mohitaṁ nābhijānati mām ebhyaḥ param avyayam

Este mundo dos seres mortais não Me percebe, imutável e além de todas as qualidades, porque estão iludidos pelos modos triplos da Natureza.

Os espectadores emocionais estão muito concentrados em ver filmes para perceberem o feixe causador da imagem. Da mesma forma, os homens do mundo estão profundamente absortos nas imagens oníricas de vida de Deus para perceberem Seu Feixe onipresente e imaculado que é o único Criador, o único Fazedor.

Assim como um sonhador empenhado em visualizar seu sonho de experiências boas e más não consegue capturar a consciência de seu estado de vigília, livre da excitação dos sonhos, as pessoas do mundo estão tão absortas em ver e participar do sonho cósmico triplamente comovente que eles deixam de observá-lo, com desapego, como um espetáculo divino.

Mas deixe o Sábio discutir, e comigo
A Briga do Universo seja:
E, em algum canto do sofá Hubbub,
Faça um jogo daquilo que dá tanto valor a Ti.11

A ilusão do sonho cósmico é imposta como um feitiço hipnótico aos homens desde o nascimento; eles permanecem inconscientes de sua insidiosidade. Se Deus tornasse Sua suprema bem-aventurança evidente a todos os homens (como faz aos super-homens testados e vitoriosos), eles não seriam influenciados pelas atrações menores dos sentidos. Deus, a perfeita e sempre nova bem-aventurança sem fim, é a maior tentação para a

alma do homem. Portanto, Ele testa Seus filhos primeiro com tentações inferiores dos sentidos; quando o homem rejeita aqueles com um espírito adequado de sabedoria, os tesouros divinos superiores lhe são revelados.

❖

O segredo do jogo cósmico de esconde-esconde

❖

O segredo do jogo cósmico é que Deus esconde Sua surpresa, Sua felicidade, por trás das tentações do mundo. Ele sabe que o homem — feito à Sua imagem, com a alegria suprema escondida dentro dele — não chafurdará para sempre na lama dos sentidos. Desiludido pelos prazeres dos sentidos insatisfatórios, o homem é assombrado pela lembrança da paz perdida de sua alma. Prejudicado pelo mel envenenado dos prazeres, ele busca, em última instância, o puro néctar divino. O jogo de esconde-esconde de Deus com Seus filhos neste sonho cósmico seria inútil se Ele não o tivesse tornado cheio de dor e prazer. Ele vendou os olhos dos homens com a ignorância e escondeu Sua Face perfeita. A meta surpresa a ser alcançada pelos Seus filhos, um a um, é a consciência da identidade com Ele.

Os super-homens não receberam a realização de Deus como uma dádiva imerecida. Aqueles que alcançam a comunhão divina na infância entraram nesse estado numa vida anterior através de uma prática profunda de yoga e meditação. Ninguém deve invejar impotentemente a realização dos santos em Deus, nem ser desencorajado pela sua própria má sorte e ignorância de Deus. Tal como os super-homens, ele também esteve no coração de Deus durante toda a eternidade; mesmo quando ele iniciou seu ciclo de encarnações humanas, ele veio como alguém feito à Sua imagem.12 Lembrando-se assim de sua herança divina, ele não deve esperar que o bom carma chegue por pura sorte. Ele deve fazer o esforço correto e alimentar o desejo de recuperar sua felicidade esquecida, acumulando bom carma através da meditação. O homem já possui Deus dentro de si; e, assim que ele tomar as medidas adequadas, poderá recuperar a consciência Dele.

VERSÍCULO 14

daivī hy eṣā guṇamayī mama māyā duratyayā

mām eva ye prapadyante māyām etāṁ taranti te

Na verdade, é difícil ir além da influência da Minha hipnose cósmica divina, imbuída das triplas qualidades. Somente aqueles que se abrigam em Mim (o Hipnotizador Cósmico) se libertam deste poder de ilusão.

É difícil banir a hipnose cósmica e os seus fenómenos fascinantes, mesmo depois de a sua influência ter sido detectada, sem orar constantemente ao seu Criador: Deus. Uma pessoa hipnotizada é incapaz de escapar do poderoso feitiço até obter a ajuda do mesmerista. Quando um sujeito descobre, através dos comentários de outros, que está agindo como um autômato, ele próprio deve tentar superar a influência irracional. Se ele se sentir impotente, deverá implorar a ajuda do hipnotizador para dissolver o feitiço.

❖
Libertando-se do feitiço da hipnose cósmica (maya)
❖

As pessoas comuns são incapazes de escapar do reino triplamente ilusório de maya, e sua única esperança de liberdade está em implorar a ajuda do Mago Cósmico: Deus.

Experimentos de psicólogos provam que uma pessoa hipnotizada pode experimentar qualquer sensação corporal mesmo que nenhum estímulo sensorial esteja presente; e pode ser levado a pensar, sentir, desejar e agir de acordo com as instruções do hipnotizador.

Um homem hipnotizado pode engolir sal ou quinino com prazer, com a firme convicção de que se trata de açúcar; e pode fazer movimentos de natação em piso seco, acreditando que está rodeado pelo frescor e pelos respingos da água. Por sugestão, ele sente frio durante o tempo quente; e, durante uma simples caminhada, pensa que está andando de trem ou voando de avião. Ele pode ser levado a ouvir música num lugar silencioso, a ver cores, cenas e pessoas sem sua presença objetiva, e a cheirar uma fragrância de rosa em torno de um gambá! Ele pode ser orientado com sucesso a ler os pensamentos dos outros; rever cenas esquecidas nas primeiras partes de sua vida; e, com os olhos vendados, ler as páginas de um livro. Em outras palavras, uma pessoa hipnotizada é parcial ou totalmente receptiva às

sugestões do mesmerista; a individualidade do sujeito fica submersa em sua mente subconsciente e não aparece enquanto ele responde ao hipnotizador.

Não convém ao homem, imagem de Deus dotado de livre arbítrio, agir mecanicamente sob a influência do sonho cósmico e comportar-se como um autômato sob o feitiço da hipnose cósmica.

Lendas e contos, expressando em narrativas ilustrativas, provavelmente todos os dilemas concebíveis que afetaram a mente humana, abundam na antiga tradição espiritual da Índia. “Será que o Senhor, que não é tocado pelos efeitos de Sua maya cósmica, alguma vez se sujeitou à ilusão avassaladora que Ele inflige àqueles que Ele criou?” Certamente o Senhor encarnado num ser totalmente liberado assume algo da hipnose cósmica para se relacionar com Seus contemporâneos mortais. Quando Jesus foi tentado por Satanás, os seus sentimentos não eram uma luta fingida; eles foram um verdadeiro teste.

Para enfatizar o poder da ilusão, é contada a história de um experimento acordado pelo Senhor Vishnu:

❖

Uma lenda de Vishnu e Narada: o poder da ilusão

❖

Narada, um dos rishis imortais - e às vezes referido como um trapaceiro divino pelas situações desconcertantes que muitas vezes gerava para testar os deuses - sugeriu a Vishnu uma demonstração incomum: “Senhor, você percebe quão potente é a ilusão que Você infligir aos mortais? Você não saberia melhor sobre sua força se a aplicasse a si mesmo?”

Sempre pronto para satisfazer o coração questionador do devoto, Vishnu respondeu: “Narada, o que você quer que eu faça?”

“O apego não é facilmente renunciado quando alguém está envolvido em sentimentos ilusórios”, disse Narada. “Por que você não entra no corpo de uma mãe porca e vê como é cuidar de uma família de leitões?”

Vishnu aceitou levianamente a proposta, mas acrescentou prudentemente: “Se você Me encontrar no corpo da porca por mais de seis meses, será sua responsabilidade Me libertar. Depois de entoar uma invocação, perfure o corpo da porca e eu sairei.” Vishnu então desapareceu da vista de Narada no corpo de uma porca selvagem.

Seis meses se passaram – oito meses, dez meses, doze meses! Em vão Narada esperou o retorno de Vishnu por Sua própria vontade. Finalmente, armado com um dardo, Narada se aproximou de uma caverna rochosa onde a porca vivia com seus filhotes. Quando a mãe porca observou Narada se aproximando com uma lança, ela fugiu para dentro da caverna com sua família. Parado na entrada, Narada implorou: "Por favor, Senhor, saia." Ao que a porca respondeu: "Vá embora, Narada, não me incomode".

Conforme combinado, Narada então cantou. No final da invocação, a porca mãe emergiu relutantemente da caverna. Uma voz dentro dela disse: "Jogue o dardo em Mim, Narada!"

Narada obedeceu e Vishnu saltou do corpo da porca morta, rindo. "Oh, Narada, foi muito bom alimentar aqueles porquinhos! Quão potente, de fato, é Minha ilusão! Eu prometo a você, mesmo o maior entre os pecadores que, aconselhado por um nobre guru, Me busca incessantemente como o Espírito Imutável, em breve terá uma alma purificada e será libertado."

Versículo 15

na māṁ duṣkṛtino mūḍhāḥ prapadyante narādhamāḥ
māyayāpahṛtajñānā āsuraṁ bhāvam āśritāḥ

Os homens mais inferiores, os perpetradores do mal e os tolos equivocados, cuja discriminação foi roubada por maya (ilusão), seguem o caminho dos seres demoníacos, deixando de se abrigar em Mim.

O Senhor Krishna está revelando a Arjuna: "Homens que respondem voluntariamente à má qualidade em Minha ilusão cósmica e que continuam a se entregar a relações sexuais promíscuas, crueldade, bebida, obtenção de dinheiro por meios desonestos, e assim por diante, estão manifestando a natureza dos demônios. que vivem em mundos sombrios. Tais homens não se interessam pela ativação superior e pelas boas qualidades da Natureza e, portanto, não encontram a bem-aventurança divina escorrendo do Meu Espírito para suas almas".

Aqueles que desenvolvem o gosto por comer queijos estragados e temperos extremamente picantes não gostam de queijos de leite suave e alimentos de sabor delicado. Da mesma forma, os homens maus que se entregam excessivamente aos prazeres grosseiros tornam-se escravos dos sentidos, agindo repetidamente sob influências erradas, sem o desejo de saborear a felicidade sutil da alma.

Embora a ilusão cósmica tenha a influência mais forte sobre os homens maus, até mesmo eles podem escapar dela através do uso da discriminação, que pode ser resgatada de maya pela meditação em Deus. Mas se os malfeitores persistirem nos seus hábitos errados, eles renascerão após a morte num mundo demoníaco.13

O Gita enfatizou repetidas vezes, entretanto, que entre todos os seres e seu Criador existe um vínculo imortal – indulgentemente elástico, mas nunca quebrável. Ninguém pode se desviar ao ponto de resistir para sempre ao poder de atração da graça salvadora de Deus.

Portanto, abandonando o orgulho e a obstinação, o homem mau deve, por amor a si mesmo, cooperar com o poder redentor do Senhor; ele deveria procurar boa companhia e aprender a meditar em Deus.

VERSÍCULO 16

caturvidhā bhajante māṁ janāḥ sukṛtino 'rjuna
ārto jijñāsur arthārthī jñānī ca bharatarṣabha

Os aflitos, os buscadores de sabedoria, os ávidos por poder aqui e no além,14 e os sábios - estes, ó Arjuna, são os quatro tipos de homens justos que Me perseguem.

Aqui o Gita enumera os quatro tipos de atores virtuosos no drama onírico terreno que, em menor ou maior grau, seguem os desejos do Sonhador Cósmico. Todos os que praticam boas ações, sejam os seus motivos egoístas ou altruístas, estão a viajar lenta ou rapidamente no caminho da libertação. Eles são diferentes das pessoas que, por meio de más ações, trilham o tortuoso caminho da escravidão.

❖

Os quatro tipos de almas que buscam a Deus

❖

A maioria das pessoas em perigo busca a Deus, embora com o desejo egoísta de banir os males físicos ou mentais. Eles oram a Deus por dinheiro ou pela cura de doenças para si ou para seus entes queridos, ou por alguma vantagem pessoal, como evitar o fracasso de um negócio ou ganhar uma ação judicial. Encontrando alívio temporário pela graça de Deus e pelo bom carma ou pelo poder da oração, eles facilmente O esquecem. Mas outras pessoas, mesmo que tenham sofrido um leve sofrimento nesta vida, recebem sugestões ou lembranças superconscientes de todos os sofrimentos de vidas passadas. Sabendo-se capazes de ter estados de espírito violentos e ações tolas, e temendo a dor e o infortúnio conseqüentes, tais homens decidem encontrar em Deus o alívio permanente de toda dor. Esses devotos, atendendo às injunções espirituais de um guru realizado em Deus, embarcam no caminho do yoga (união divina), através do qual podem aprender a ter comunhão com Deus.

Homens de sabedoria inconstante buscam repetidamente a ajuda divina durante a aflição e depois voltam ao seu interesse em consolos materiais. No entanto, embora as suas orações sejam para benefício egoísta, tais homens praticam boas ações espasmódicas que os lembram de Deus. Eles estão no caminho certo.

A segunda classe de pessoas são aquelas que buscam incondicionalmente a sabedoria para realizar sua divindade e resolver o mistério da vida. Eles usam o seu dom inato de livre escolha para bons propósitos e são, portanto, homens melhores do que os buscadores egoístas de Deus mencionados anteriormente. É natural que o Senhor responda com mais entusiasmo aos suplicantes incondicionais por Seu amor do que aos que buscam favores!

A terceira classe de pessoas são aquelas que buscam a realização completa, que deve, necessariamente, incluir o Doador junto com Suas dádivas. Tais buscadores procuram a ajuda de Deus para obter riqueza, amigos, saúde, poder; eles também praticam ioga para alcançar a bem-aventurança e o poder espiritual que tudo realiza nesta vida e no além após

a morte. De forma equilibrada, eles estão tentando encontrar uma vida boa, bem como a realização divina.

A quarta classe de homens são os sábios, definidos no próximo versículo como os maiores de todos. O seu objetivo não é a aquisição de conhecimento, nem buscam o Senhor para qualquer propósito ulterior; eles já alcançaram sabedoria constante e comunhão divina. Tais almas, libertadas das tentações e dos apegos da ilusão, perpetuamente unidas a Deus em seus corações, O amam incondicionalmente. Eles vivem para Ele, agem para Ele e comungam com Ele, apenas para responder ao Seu amor e para reverenciá-Lo de boa vontade, como um filho ama naturalmente o seu pai.

Versículos 17–18

teṣāṁ jñānī nityayukta ekabhaktir viśiṣyate
priyo hi jñānino 'tyartham ahaṁ sa ca mama priyaḥ (17)

udārāḥ sarva evaite jñānī tv ātmaiva me matam
āsthitaḥ sa hi yuktātmā mām evānuttamāṁ gatim (18)

(17) O principal deles é o sábio, sempre constante e concentrado em devoção. Pois sou extremamente querido pelo sábio, e ele é extremamente querido por mim.

(18) Todos estes (quatro tipos de homens) são nobres, mas o sábio eu considero de fato como Meu próprio Ser. Inabalavelmente, ele se estabeleceu somente em Mim como seu objetivo máximo.

Fixado interiormente em Deus, dedicado apenas a Ele, o sábio é sempre constante (nityayukta), sempre tranquilo, inalterado e não afetado pelas ondas oscilantes das forças ilusórias da Natureza que atuam na superfície do seu ser. Nada pode desviar sua atenção de Deus como seu objetivo supremo.

Aquele que busca a Deus de todo o coração e unidirecionalmente é o mais sábio, pois é o mais querido por Ele. Quando o anseio de um devoto é profundo o suficiente, ele traz uma rara resposta amorosa de Deus. Tal

homem cumpre o desejo de Deus de um romance único com cada uma de Suas criaturas.

Portanto, entre os quatro tipos de devotos, o sábio que age neste sonho cósmico apenas com consciência de Deus e com devoção suprema e unidirecionada é o mais próximo Dele. Esse devoto tem um amor incondicional. Ele ama a Deus sem um motivo egoísta, sem um arranjo comercial: "Eu orarei a Ti, ó Senhor, desde que me dês saúde, dinheiro e graça". Entre o devoto sábio e Deus existe um intercâmbio mais profundo, de amor e afeição insondáveis. A devoção do sábio é acionada espontaneamente, sem reservas, porque é oferecida com plena fé de que o Criador amoroso e onisciente – o único Doador de todas as coisas – conhece todas as necessidades de cada ser. O sábio se contenta com tudo o que o Senhor considera melhor dar – ou reter.

Na busca condicional do Senhor, Ele está consciente de que o suplicante está mais ansioso por Suas dádivas inferiores ou superiores do que pelo próprio Doador.

Não é errado orar a Deus pelas necessidades. Mas quando o devoto ora pela comunhão divina, ele não deveria estar esperando, no fundo de sua mente, a concessão de um favor. Sua mente não deveria estar concentrada em presentes, mas apenas no Doador. Quando o devoto consegue fazer isso na realidade, todas as dádivas do Doador também lhe são acrescentadas, como diz a Bíblia: "Mas buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça; e todas estas coisas vos serão acrescentadas."15

VERSÍCULO 19

bahūnāṁ janmanām ante jñānavān māṁ prapadyate
vāsudevaḥ sarvam iti sa mahātmā sudurlabhaḥ

Depois de muitas encarnações, o sábio Me alcança, percebendo: "O Senhor é onipresente!" Um homem tão iluminado é difícil de encontrar.

Um devoto raro é aquele que discerne apenas o Raio Onipresente do

Espírito que cria os muitos sonhos de nascimentos e mortes, incluindo o seu próprio. Tal homem, concentrando-se apenas no Raio Cósmico, liberta-se do testemunho dos muitos sonhos de nascimentos e mortes, impostos aos mortais que estão infestados de luxúria e perseguidos pelo carma. Ele pode acelerar sua evolução vivendo muitas vidas materializadas em visões diárias.

Uma pessoa que se identifica emocionalmente com o sonho diário, com os filmes de sua vida, não encontra a libertação porque fica enredada na teia de nascimentos e mortes. Ele não percebe que numa vida média de sessenta anos um homem "nasce" ou desperta 21.900 vezes; e "morre" ou entra no estado de sono ou "pequena morte" 21.900 vezes.

Certos tratados de ioga explicam que a cada expiração uma pessoa morre e a cada inspiração renasce. (Em média, o homem respira dezoito vezes por minuto.)

Alguns iogues dizem que com cada som "lub" do coração ocorre um nascimento; e com cada som "dublado" do coração, há uma morte. De acordo com essa teoria, um homem vive e morre talvez setenta vezes por minuto — de acordo com a batida normal por minuto do seu coração; durante a vida, uma pessoa teria muito mais experiências de nascimentos e mortes por batimentos cardíacos do que aquelas envolvidas em inalações e exalações.

A ciência médica afirma que o cérebro de uma pessoa normal muda substancialmente a cada oito anos. De acordo com essa teoria, um homem renasce oito vezes numa vida de sessenta e quatro anos.

Alguns sábios dizem que os homens maus que morrem sem o desejo de libertação podem experimentar nascimentos e mortes corporais durante ciclos de muitos milhões de anos.

❖

Kriya Yoga reduz as "muitas encarnações" necessárias para a realização

❖

No entanto, Lahiri Mahasaya, Sri Yukteswar e seus discípulos avançados testemunharam, a partir de sua própria compreensão, que pessoas com bom carma passado podem acelerar sua evolução através da prática de Kriya Yoga e encontrar a libertação em três, seis, doze, vinte e

quatro ou quarenta e oito anos. em uma vida – uma libertação que normalmente chega a uma pessoa justa, sem esforço consciente, apenas em um milhão de anos de nascimentos e mortes, por evolução natural. Uma "pessoa justa", neste sentido, é aquela que vive em harmonia com a sua alma e não ofende as leis da Natureza.

De carro de boi e de barco, e por um caminho tortuoso, um homem levaria muitos anos para dar a volta à Terra. Mas pelo avião mais rápido e pela rota mais curta, uma pessoa pode atravessar a Terra em poucos dias e possivelmente em algumas horas. Chegará o momento em que essa distância será percorrida em questão de minutos. Da mesma forma, o indivíduo que não faz nenhum esforço consciente pode levar inúmeras vidas para se libertar; mas um homem sábio, através do seu conhecimento da aceleração da evolução através do Kriya Yoga, pode encontrar a emancipação em uma vida.

Um especialista em sabedoria, um Kriya Yogi talentoso, pode banir o carma de suas ações inacabadas do passado, vivendo muitos nascimentos e mortes representados em visões diárias durante o samadhi. Desta forma, dentro de três anos ele poderá realizar todos os seus desejos passados de muitas e muitas vidas, materializando-os em visões através do poder do samadhi. Um sábio entende que uma encarnação humana é um filme de muitos sonhos. Tal devoto iluminado não precisa passar por muitos nascimentos e mortes mortais; no nível superconsciente, ele pode condensar as experiências cármicas necessárias de muitas vidas nos sonhos do presente.

❖

Realização de desejos de reencarnação através de visões superconscientes

❖

Um iogue avançado que vive no deserto do Himalaia não precisa ir para uma cidade nem renascer em um novo corpo para realizar algum desejo persistente. Se ele tem um desejo ardente por caril, por exemplo, ele pode criar um filme "tecnicolorido", fiel a todos os sentidos, de caril saboroso e apreciá-lo dessa maneira nova, até que, pela sabedoria, seus desejos cármicos por comida sejam eliminados. dissipado para sempre.

Em grande escala, Mahavatar Babaji criou um palácio dourado para

realizar um desejo há muito esquecido de Lahiri Mahasaya – um evento que registrei em Autobiografia de um Iogue. O “milagre” foi assim explicado: “Não há nada de inexplicável nesta materialização. Todo o cosmos é um pensamento projetado do Criador. O pesado torrão de terra, flutuando no espaço, é um sonho de Deus. Ele fez todas as coisas a partir de Sua mente, assim como o homem em sua consciência onírica reproduz e vivifica uma criação com suas criaturas... Em sintonia com a Vontade infinita e todo-realizadora, Babaji é capaz de ordenar que os átomos elementais se combinem e se manifestem. eles mesmos em qualquer forma. Este palácio dourado, criado instantaneamente, é real – no mesmo sentido que a Terra é real. Babaji criou esta bela mansão a partir de sua mente e mantém seus átomos unidos pelo poder de sua vontade, assim como os pensamentos de Deus criaram a terra e Sua vontade a mantém.”

Foi por meio de uma visão que Deus realizou, para minha grande satisfação, o desejo de ser um filantropo mundial. Através desta experiência Ele me mostrou o poder libertador das visões.

Nas minhas viagens, visitando muitos países do mundo, não pude deixar de me sentir enojado ao ver os bairros de lata por toda a Europa e Ásia. Um desejo de aliviar o mundo da sua pobreza física alojou-se na minha consciência. O desejo cresceu e continuou corroendo minha mente. Inconscientemente, desejei ser multibilionário para ter os meios para aliviar este sofrimento humano. Mas percebi as limitações mortais da vida material e a improbabilidade de reunir essa quantia para o bem humano. Levar a cabo tal programa pode, de fato, levar não uma, mas muitas encarnações! Era um desejo irracional e presunçoso do qual decidi que deveria me livrar. Era meu dever espiritual realizar nesta vida apenas aquelas ações que Deus assim ordenou e apontou para mim em meus períodos de silêncio. No entanto, a dor da humanidade sofredora não conseguia libertar-se do meu coração.

Uma noite, enquanto meditava, uma visão tomou conta de mim. Eu me descobri um empresário multibilionário. Na minha visão, viajei com engenheiros, cientistas, artesãos, arquitectos, especialistas industriais e agrícolas, por todos os bairros de lata do mundo, construindo casas

modernas, abrindo indústrias cooperativas, quintas e centros médicos, e alimentando e dando emprego remunerado a todas as pessoas necessitadas.

Quando cada um dos mil e quinhentos milhões de membros da família global tinha um emprego e estava bem alimentado, fiquei extremamente feliz. Então minha visão desapareceu, deixando-me completamente satisfeito. Deus satisfez em poucos minutos um desejo que dificilmente seria satisfeito mesmo por diversas encarnações de árduo trabalho e planejamento terreno.

Infelizmente, o mundo cativo, prisioneiro dos seus próprios laços cármicos, não pôde aproveitar-se da influência libertadora da minha visão cósmica. Cada ser sonha com o seu próprio ambiente e, em última análise, com o seu próprio despertar divino, de acordo com o plano evolutivo ordenado e a graça compassiva de Deus.

Portanto, Deus não gostaria que todos evitassem o trabalho, o serviço, o esforço mental e a perseverança, nem que tentassem realizar ações filantrópicas, satisfazendo-se apenas em sonhos e visões. Na verdade, a pessoa comum não consegue produzir visões verdadeiras – apenas imaginações alucinatórias, na melhor das hipóteses – e, portanto, é incapaz de libertar-se dos deveres através deste método. Mas o iogue liberado ou quase liberado que pode criar visões à vontade pode, dessa maneira, destruir todos os efeitos cármicos de suas ações e impedir que novas sementes de desejo criem raízes. As visões podem incluir acontecimentos detalhados de muitos anos, mas como são vistas através do olho espiritual no plano superconsciente, e não no plano material da relatividade, ocupam um período de tempo incrivelmente curto. Muitas encarnações são assim aceleradas pela condensação em uma ou algumas vidas.

O iogue rejeita assim a fórmula lenta de “muitas encarnações” como um prelúdio necessário para a sua entrada final no reino de Deus. Através do Kriya Yoga ele acelera sua evolução múltipla; e ao empregar visões ele descarta desejos persistentes que provocam a reencarnação. Acima de tudo, pela comunhão divina na meditação samadhi, ele realiza o Senhor Supremo como o Tudo-em-Tudo, a Realidade singular que tudo permeia.

Krishna diz nesta estrofe: “Mesmo um homem sábio só Me alcança

depois de muitos nascimentos – porque um iogue consciente da Minha onipresença é raro". Estas palavras têm um significado maravilhosamente enigmático: "Os homens sábios só Me alcançam depois de muitos nascimentos, porque é tão raro que até mesmo um sábio entenda que Eu – como o Morador Interno no átomo mais ínfimo e na alma do homem – sou o Mais Próximo do próximo, alcançável instantaneamente!"

QUAL "DEUS" DEVE SER ADORADO?

VERSÍCULO 20

kāmais tais tair hṛtajñānāh prapadyante 'nyadevatāḥ
taṁ taṁ niyamam āsthāya prakṛtyā niyatāḥ svayā

Guiados pelas suas próprias inclinações, com a sua discriminação roubada por este ou aquele desejo, perseguindo esta ou aquela injunção cultual, os homens procuram deuses inferiores.

A mente de uma borboleta navega, quer queira quer não, com a brisa de seus humores inatos adquiridos em vidas passadas. Indiscriminadamente, ele se concentra em vários desejos, ou se envolve intermitentemente em cultos religiosos superficiais, bebendo o mel de seus escassos prazeres ou inspirações temporárias. Essa mente inquieta e superficial fica por um tempo absorta em qualquer objeto ou ação querido, divinizando-o e esquecendo-se assim de buscar o néctar supremo da bem-aventurança e da realização de Deus.

Muitas pessoas neste mundo envolvem-se sem discriminação na realização de diversas ações materiais e religiosas. De acordo com suas naturezas, inclinações e hábitos inatos de vidas passadas e desta vida, eles se dedicam à adoração do dinheiro, da fama, do poder e assim por diante. Eles divinizam o objeto de seus desejos e os dons menores de Deus. Assim, esquecem-se de adorar o Deus dos deuses, o Doador de todas as dádivas. A escolha da maioria das pessoas relativamente às práticas e crenças religiosas é igualmente indiscriminada e caprichosa; ritualismo ou dogmatismo é o

seu “deus menor”.

Cada pessoa, pela auto-análise, deve detectar seus hábitos mentais e materiais prejudiciais. Ele deveria deixar de se identificar com sua “segunda natureza” e, em vez disso, ajudar sua verdadeira natureza da alma, amando a bem-aventurança divina do Espírito, a emergir de trás das nuvens da indiscrição, dos hábitos inúteis formados por ignorância e da indiferença espiritual.

VERSÍCULOS 21–22

yo yo yāṁ yāṁ tanuṁ bhaktaḥ śraddhayārcitum icchati
tasya tasyācalāṁ śraddhāṁ tām eva vidadhāmy aham (21)

sa tayā śraddhayā yuktas tasyārādhanam īhate
labhate ca tataḥ kāmān mayaiva vihitān hi tan (22)

(21) Qualquer que seja a personificação (um Deus encarnado, um santo ou uma divindade) que um devoto se esforce fielmente para adorar, sou eu quem torna sua devoção inabalável.

(22) Absorvido naquela devoção, com a intenção de adorar aquela encarnação, o devoto obtém assim os frutos de seus anseios. No entanto, essas realizações são verdadeiramente concedidas somente por Mim.

Um verdadeiro devoto que expressa devoção a Deus através de qualquer modo de adoração inferior ou superior encontrará resposta ao seu desejo no Ser Supremo. Aquele que adora formas representativas da Divindade – porque para ele o Absoluto é insondável – receberá a graça de Deus que abençoa seu esforço devocional.

❖
O Espírito sem forma se manifesta em qualquer forma que seja cara ao devoto
❖

Portanto, mesmo o adorador de deuses menores, personificações da Deidade Suprema, não passa despercebido ou recompensado divinamente. Se uma pessoa de profunda devoção presta homenagem à forma de

qualquer divindade que representa simbolicamente Deus, Ele responde silenciosamente materializando essa forma em visões diante do devoto. Deus é secretado nessa manifestação, embora a própria forma revele apenas um mínimo de Espírito.

Na Índia, a Natureza Cósmica e o Infinito – numa representação comum – são simbolizados na forma de Kali, a Mãe do Universo, apoiada no peito do seu marido Shiva, ou Deus. Este simbolismo (desvendado!) significa que a Natureza Cósmica não testa nem tenta o devoto com a ilusão se ele estiver conscientemente unido ao Infinito (o seio de Shiva). Muitos hindus piedosos adoram a Deus e Sua imanência no cosmos nas formas de Shiva e Kali.

Não importa o modo de adoração que o devoto adote para encontrar Deus, o Senhor o aceita, se a devoção for genuína. Esta aceitação divina permite que a mente do devoto se concentre no Espírito por trás do símbolo específico. Quando um grande devoto adora uma divindade simbólica como Deus, Ele manifesta Sua onipresença invisível por meio de uma exibição visível dessa forma simbólica. Ele aparece diante, conversa e abençoa o devoto sincero através da forma que ele ama.

A forma simbólica de Deus aparecendo a um devoto hindu como Kali, Durga, Vishnu, Shiva ou Krishna, por exemplo, torna-se um projeto permanente no éter. Se qualquer outro devoto se concentrar profundamente naquela divindade, que na verdade foi vista e adorada por um grande santo, essa mesma manifestação aparece em forma viva para satisfazer o verdadeiro chamado do coração do devoto. Da mesma forma, qualquer devoto que adora fervorosamente a Deus na forma de Jesus Cristo, da Santa Mãe, de São Francisco, de Babaji, de Lahiri Mahasaya, ou de qualquer santo ou verdadeiro guru (seja mentalmente, ou diante de uma imagem ou quadro) pode ver essa forma primeiro em visão, e então, por um avanço espiritual mais profundo, como um ser materializado, vivendo e falando.

Qualquer devoto que medite ardentemente na imagem ou forma de um verdadeiro guru ou de qualquer outro mestre torna-se sintonizado com ele, absorvendo suas qualidades e, por fim, sente naquele santo a presença de Deus. Assim como as pessoas podem conversar no rádio sintonizando-se,

um devoto pode sintonizar um santo e vê-lo televisionado na esfera de cristal do olho espiritual. Isso é o que está implícito nesta estrofe do Bhagavad Gita. Em outro lugar diz: “De qualquer maneira que as pessoas sejam devotadas a Mim, nessa medida (de acordo com seu desejo, compreensão e modo de adoração) Eu Me manifesto a elas.”16

Afinal, o Deus Onipresente conhece todos os Seus verdadeiros devotos, não importa de que forma eles O amam. Cristo disse: “Não se vendem dois pardais por um centavo? e nenhum deles cairá no chão sem o vosso Pai.”17 Se a onisciência de Deus está ciente de um pequeno pardal, quão mais profundamente Ele está ciente de Seus verdadeiros amantes!

Somente o Onisciente, que conhece o coração de Seus filhos, responde às suas orações de muitas maneiras. A devoção demonstrada a Deus sempre evoca alguma forma de resposta clara ou misteriosa. Nenhum verdadeiro devoto é ignorado por Deus.

No entanto, os buscadores superficiais que adoram divindades astrais para a realização de desejos não percebem que é Deus quem realizará os seus desejos através da instrumentalidade dos seres divinos. O Senhor está conscientemente presente em todos os seres superiores e em seus devotos. É Ele quem é Chintamani, “a joia que concede todos os desejos”.

VERSÍCULO 23

antavat tu phalaṁ teṣāṁ tad bhavaty alpamedhasam
devān devayajo yānti madbhaktā yānti mām api

Mas homens de escasso conhecimento (adoradores de deuses inferiores) obtêm resultados limitados. Os devotos das divindades vão até eles; Meus devotos vêm a Mim.

“Aqueles que adoram os seres estrelados dos sonhos, brilhando por uma pequena luz emprestada da Minha onisciência, não conseguem perceber Minha luminescência sutil espalhada por toda parte, sustentando as manifestações de todas as entidades. Adoradores de pequenos deuses – aspectos inferiores do Meu Ser onipresente – vão até eles e então devem

renascer na Terra. Os devotos que em todos os lugares percebem Minha Luz Cósmica misturam-se com Ela e não precisam experimentar mais filmes oníricos de nascimentos e mortes."

Homens de pequeno entendimento, adorando divindades menores pelos benefícios que eles concedem, recebem esses favores e após a morte alcançam as belas esferas astrais; mas, ao expirar o bom karma, eles terão que retornar novamente à terra. Pela mesma quantidade de trabalho espiritual, esses adoradores míopes poderiam ter ganho, adorando o Ser Supremo e dissolvendo toda a escuridão do carma humano na luz inextinguível do êxtase, as eternas esferas abençoadas das quais não há retorno.

Seria tolice uma pessoa trabalhar como empregado dezoito horas por dia durante toda a sua vida para ganhar apenas cento e vinte mil dólares, se, no mesmo número de anos, pela mesma quantidade de trabalho inteligente investido na gestão de um negócio de sozinho, ele poderia ganhar um milhão de dólares. Da mesma forma, o homem é míope ao adorar deuses astrais inferiores (que também devem expirar no final de sua longa vida) apenas para ganhar favores e uma estadia temporária nos belos mundos astrais.

Por que não buscar com determinação o Deus Supremo, o Senhor de todos os outros deuses, e alcançar para sempre a bem-aventurança e a liberdade infinitas? Os devotos que comungam com o Espírito Supremo nesta vida dissolvem todo o seu carma gerador de renascimento no fogo do êxtase mais elevado e assim alcançam a Morada Eterna, para nunca mais retornar à terra problemática. O que poderia ser maior do que entrar em contato com a Vida da vida, o Criador da lei do carma, o "Chefe" do universo? De que adianta se preocupar com Suas manifestações menores – Seus humildes funcionários?

As palavras de Krishna a Arjuna (palavras de promessa do Espírito ao devoto) são docemente tranquilizadoras para todos nós: "Meu devoto vem a Mim".

VERSÍCULO 24

avyaktaṁ vyaktim apannaṁ manyante mām abuddhayaḥ
paraṁ bhāvam ajānanto mamavyayam anuttamam

Homens sem sabedoria consideram-Me, o Imanifesto, como assumindo a encarnação (como um ser mortal assumindo uma forma) – não compreendendo Meu estado insuperável, Minha natureza imutável e inexprimível.

Devotos ignorantes que têm visões de divindades menores durante a meditação não sabem que todas essas formas são meramente temporárias, escassas manifestações do Espírito essencialmente não manifestado. Eles se concentram nas formas finitas do Deus Infinito e assim, em suas mentes, O limitam.

Assim como o vapor invisível pode ser condensado em água e congelado em um iceberg, o Deus invisível e impessoal pode ser projetado em uma forma pela geada da devoção e adorado como uma personalidade. Contudo, um devoto é tolo se limitar Deus a essa forma e esquecer Sua onipresença. Um grande mestre, Sri Ramakrishna Paramahansa, que via Deus constantemente como Mãe Kali, conversando frequentemente com Ela, disse mais tarde: “Tive que destruir aquela forma finita de minha Mãe com a espada da sabedoria, para contemplá-La como o Infinito sem forma”.

Muitos devotos na Índia, por exemplo, limitam suas concepções de Deus às imagens de Krishna. Eles colocavam um ídolo para dormir sob lençóis no altar à noite; e “despertá-lo” cantando cânticos diante dele pela manhã, colocando a imagem em pé sobre o altar. Eles colocam comida e frutas em frente ao ídolo todas as manhãs e noites, um ato simbólico de alimentá-lo. Se um devoto realiza tal adoração com devoção sincera, é claro que Deus recebe o espírito de amor por trás da oferenda. Mas um devoto que torna sua adoração muito pessoal oblitera o pensamento da natureza impessoal e onipresente de Deus. Aquele que adora a Deus meramente como uma forma finita não alcançará a união divina transcendental com Sua natureza infinita.

Percebendo o espírito por trás das sombras oníricas da natureza

Versículo 25

nāhaṁ prakāśaḥ sarvasya yogamāyāsamāvṛtaḥ
mūḍho ’yaṁ nābhijānāti loko mām ajam avyayam

Aparentemente eclipsado pelo Meu próprio Yoga-Maya (a ilusão nascida das qualidades triplas da Natureza), sou invisível aos homens. O mundo desnorteado não Me conhece, o Não Nascido, o Imortal.

A luz imutável, sem causa e invisível da Consciência Cósmica permanece escondida atrás das sombras oníricas da criação, despercebida por suas inúmeras entidades oníricas.

Apenas alguns homens sábios, desapegados na sua perspectiva pela prática do êxtase do yoga, olham para o olho espiritual e através da sua visão omnisciente vêem o feixe cósmico esférico puro – o poder manifestado do Espírito Imanifestado – que produz dentro do seu coração o raio tecnicolorido. filmes da vida. Assim como as sombras dos filmes escondem o raio que os produz, a Luz de Deus está escondida nas cenas ilusórias da vida, todas obscurecidas pelas qualidades triplas. Exceto para o olhar espiritual elevado e desperto do sábio, o raio cósmico e o Espírito dentro dele são invisíveis, imperceptíveis.

ॐ

Embora eu não tenha nascido, de Essência imutável! ainda assim, tornando-me Senhor de toda a criação, permanecendo em Minha própria Natureza Cósmica (Prakriti), Eu me incorporo através da ilusão de maya auto-evoluída.

Aparentemente eclipsado pelo Meu próprio Yoga-Maya (a ilusão nascida das qualidades triplas da Natureza), sou invisível aos homens. O mundo desnorteado não Me conhece, o Não Nascido, o Imortal.

—Bhagavad Gita IV:6, VII:25

"A Natureza Cósmica, Mãe de todas as vibrações, tem três fases: os estados criativo, preservativo e dissolvente, governados respectivamente por Brahma, Vishnu e Shiva. Essas divindades são indígenas na Vibração da Mãe Cósmica."

"O Espírito emprega os três modos da Natureza para aparecer como (1) o Criador ou Brahma (rajas, atividade), (2) o Preservador ou Vishnu (sattva, a qualidade nutritiva) e (3) o Destruidor ou Shiva (tamas, dissolução)."

"A presença de Deus está velada em Seu sonho cósmico e em suas criaturas sencientes. Por trás do Yoga-Maya, as imagens oníricas mágicas da Natureza Cósmica, manchadas com qualidades triplas, o Raio de Deus está habilmente escondido... Os seres liberados arrancam esta mortalha e contemplam a Beleza Eterna."

"Quando pelo método correto de yoga, a união divina, o olho espiritual da sabedoria que tudo vê do devoto é aberto na meditação samadhi... o iogue contempla as idas e vindas dos seres e dos universos como o funcionamento das relatividades do ilusório maya de Prakriti sobreposto à consciência cósmica singular do Espírito."

—Paramahansa Yogananda

Versículo 26

vedāhaṁ samatītāni vartamānāni carjuna
bhaviṣyāṇi ca bhūtāni māṁ tu veda na kaścana

Ó Arjuna, estou ciente das criaturas do passado, do presente e do futuro; mas eu ninguém sabe.

Se você é um sonhador com boa memória, pode reviver em sua mente um sonho passado. Pode ter sido aquele em que você teve uma discussão acalorada com seus irmãos. Você estaria ciente de todos os detalhes do seu sonho, mas seus irmãos de sonho não possuiriam tais lembranças.

O Sonhador Cósmico, por outro lado, possuindo memória onisciente e onipresença, está ciente não apenas de Seus sonhos cósmicos atuais, mas de tudo o que aconteceu dentro Dele no passado, e de tudo o que acontecerá dentro Dele no futuro. — aparecendo e desaparecendo em Sua consciência atemporal e sem espaço de um presente eterno. Mas, infelizmente, nenhum dos seres humanos transitórios, vivos e sencientes neste sonho cósmico (exceto aqueles que são santos libertados) está consciente da luz imutável da Consciência Cósmica que cria, dentro da sua onisciência, as imagens dos sonhos cósmicos de todos os tempos.

A consciência humana é limitada pela tríplice relatividade do tempo – passado, presente e futuro. O homem geralmente esquece os acontecimentos passados, tem consciência dos incidentes presentes em sua vida e não tem consciência do futuro. Mas a consciência de Deus está sempre consciente durante toda a eternidade.

A consciência divina não tem passado nem futuro, porque nunca é interrompida, como a do homem, pela morte ou limitação. A consciência eterna tem um tempo – o sempre presente. Deus olha através da janela da consciência infinita para os filmes de acontecimentos finitos do passado, presente e futuro mostrados na tela do tempo e do espaço, movendo-se continuamente para frente e para trás em um agora eterno.

Os mortais não têm consciência de Deus devido à sua identificação com Seu sonho cósmico. Somente os iogues liberados, unidos com o Senhor, estão conscientes Dele e conhecem todos os acontecimentos passados, presentes e futuros que estão acontecendo dentro Dele em um sempre-agora.18

A presença de Deus está velada em Seu sonho cósmico e em suas criaturas sencientes. Por trás do Yoga-Maya, as imagens oníricas mágicas

da Natureza Cósmica, manchadas com qualidades triplas, o Raio de Deus está habilmente escondido.

Os seres humanos podem contemplar-se uns aos outros na tela da ilusão cósmica, mas não podem perceber a causa, a Luz Cósmica invisível.

Dentro desta sombra mágica do Yoga-Maya, Deus é secretado, além até mesmo da compreensão mais sutil do homem. Contudo, o Senhor, não afetado pela ilusão, está sempre ciente de que Ele se oculta por meio de Sua Maya autocriada. Os seres liberados arrancam esta mortalha e contemplam a Beleza Eterna.

VERSÍCULO 27

icchādveṣasamutthena dvandvamohena bhārata
sarvabhūtāni saṁmohaṁ sarge yānti paraṁtapa

Ó Descendente de Bharata, Opressor de Inimigos (Arjuna)! ao nascer, todas as criaturas estão imersas na ignorância ilusória (moha), pela ilusão dos pares de opostos que surgem do desejo e da aversão.

Um homem que testemunha um sonho é afetado desde o início pela sua natureza agradável ou desagradável. Da mesma forma, assim que um ser humano nasce numa parte específica deste sonho cósmico, ele começa a responder emocionalmente. Ele vê os pares de opostos como agradáveis ou desagradáveis, de acordo com seu gosto ou desgosto individual. Assim, contemplando o drama dos elementos contrários, ele conhece o desejo e a aversão. Sucumbindo aos impulsos de gostos e desgostos, a discriminação e a livre escolha de sua alma são subjugadas e ele é mergulhado na ignorância ilusória, moha, a coesão indivisível do ego à ilusão.19 A sujeição desde o nascimento aos estados de oposição da ilusão, do bem e do bem. mal, é o estado de “pecado original” do homem.

Uma pessoa que olha por uma janela limpa e depois olha por uma janela suja verá primeiro os objetos externos claramente e em suas cores naturais, e depois obscuramente, como se estivessem esmaecidos pela escuridão. Da

mesma forma, de acordo com o caráter bom ou mau de seu próprio drama onírico, um homem é feliz ou adversamente afetado.

❖

Nascer em um corpo físico – respirar – é estar sujeito a maya

❖

Nascer em um corpo físico é uma pista de que o homem está na ignorância da alma e não percebeu sua identidade como Espírito sem forma. (As exceções são os mestres que retornam aqui por ordem de Deus para guiar seus irmãos que tropeçam.) Respirar é respirar maya. Assim, desde o nascimento, as crianças ficam expostas à ilusão cósmica e crescem indefesas sob ela. Deus lhes dá a ilusão primeiro, e não a Ele mesmo, a fim de levar adiante Seu dramático esquema de criação. Se Ele não Se cobrisse com os véus de maya, não poderia haver Jogo Cósmico da criação, no qual os homens brincassem de esconde-esconde com Ele e tentassem encontrá-Lo como o Grande Prêmio.

Quando o homem está desiludido com as tentações menores dos prazeres dos sentidos, ele procura a tentação suprema da vida, a bem-aventurança de Deus. Desta forma, o homem aprende a usar os Seus dons divinos de discriminação e livre escolha para encontrar a Realidade por trás das aparências da vida. Ao nascer, os seres humanos caem na ilusão de que estão dispostos a brincar pelo menos um pouco com Deus. Então, motivados pela discriminação ou pelo sofrimento por mau comportamento, fazem o esforço para retornar para sempre ao Seu Eterno Lar Abençoado. Conhecendo esta verdade, nenhum devoto deveria ficar desanimado em encontrar a libertação final.

Quando a água em uma panela é agitada, o movimento da água perturba qualquer objeto refletido. Da mesma forma, quando as águas calmas do coração de um homem são agitadas por gostos e desgostos, ele é incapaz de resolver os seus problemas e de tomar decisões sábias. Nem pode um coração inquieto refletir a presença interior da alma bem-aventurada.

Devido aos hábitos pré-natais de desejos e aversões, o ser humano é agitado desde o nascimento pelas qualidades triplas de maya cósmico. Exceto os sábios, todos os homens nascem com ilusão (moha), apego à consciência corporal. Quando um indivíduo desde a primeira infância

mostra sinais de qualidades da alma, essa pessoa nasceu com uma superconsciência inerente conquistada por um bom carma no passado.

VERSÍCULO 28

yeṣṣāṁ tv antagataṁ pāpaṁ janānāṁ puṇyakarmaṇām
te dvandvamohanirmuktā bhajante māṁ dṛḍhavratāḥ

Mas os homens justos, com seus pecados obliterados e não mais sujeitos às ilusões da oposição, Me adoram com firmeza.

Os iogues avançados não caem automaticamente sob o domínio da ilusão quando renascem. Tendo realizado boas ações em vidas passadas, eles reprimiram os efeitos agitadores do carma passado através da autodisciplina. Assim, as águas calmas dos seus corações estão livres das ondas de gostos e desgostos; eles se concentram devotadamente no Espírito refletido na alma humana.

Homens de boas ações, sem apegos e repulsões pecaminosas e miseráveis aos objetos dos sentidos, encontram seus corações livres da batalha de qualidades opostas. De todo o coração e com mentes purificadas, eles adoram a Deus firmemente como a Morada de Toda a Bondade.

VERSÍCULO 29

jarāmaraṇamokṣāya mām āśritya de sua tia
te brahma tad viduḥ kṛtsnam adhyātmaṁ karma cākhilam

Aqueles que buscam libertação da decadência e da morte apegando-se a Mim conhecem Brahman (o Absoluto), a inclusividade de Adhyatma (a alma como repositório do Espírito) e todos os segredos do karma.

O devoto, ao acordar em Deus, percebe que tem sonhado através de maya com experiências duais de vida governadas pela lei do karma, ações e seus frutos.

Os homens sábios não dependem de métodos materiais imperfeitos de medicina, dieta ou magia para buscar a libertação das últimas limitações mortais da doença, da velhice e da morte. Em vez disso, encontram abrigo em Deus, a única protecção permanente contra as devastações da miséria. Identificados com Ele, os iogues conhecem todos os segredos da lei do carma, que liga as vidas humanas à roda dos nascimentos e renascimentos; eles também conhecem o caminho para escapar da roda e todos os outros mistérios profundos e realidades escondidas na alma – a imagem onisciente e individualizada do Espírito.

VERSÍCULO 30

sādhibhūtādhidaivaṁ māṁ sādhiyajñaṁ ca ye viduḥ
Prayāṇakāle ‘pi ca māṁ te vidur yuktacetasaḥ

Aqueles que Me percebem no Adhibhuta (o físico), no Adhidaiva (o astral) e no Adhiyajna (o espiritual), com o coração unido à alma, continuam a Me perceber mesmo na hora da morte.

Ao praticar yoga o devoto aprende a perceber a presença de Deus em seus corpos físico, astral e causal, e aprende a unir seu coração20 com a bem-aventurança da alma. Tal iogue consciente de Deus mantém sua consciência divina mesmo no momento do colossal terremoto da morte.

❖

Por que o homem comum fica aterrorizado com o início da morte física

❖

Para manter a continuidade da consciência de Deus no momento do evento mais importante – a transição terrena – o iogue deve estar altamente avançado. Quando o “canário” (um devoto comum) é pego pelo “gato” (se aproximando da morte), ele esquece seus gorjeios divinos e começa a gritar de terror. É, portanto, necessário estabelecer a união divina extática tão profundamente que as provações severas da doença ou a aproximação da morte não façam com que o devoto grite de pavor e se esqueça da santa presença de Deus. Um grande mestre, mesmo durante uma morte dolorosa, pode comungar com seu Criador.

Os testes do Senhor às vezes são muito sutis. Jesus, durante sua agonia na cruz, por um minuto sentiu Deus se afastando Dele. Então ele clamou: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” Outros mestres plenamente iluminados também conheceram um ou dois momentos de provação no momento da morte; no entanto, como Cristo, eles emergiram triunfantes.

O centro de consciência do homem comum é o corpo; ele está constantemente preocupado com suas mudanças. Ele deveria praticar meditação até sentir sua consciência centrada em Deus. Nesse estado o devoto não se preocupa mais com seu corpo; ele sente a Divindade dentro e fora. Quando seu corpo, mente e alma estão saturados com o Senhor, ele pode superar todos os testes de sofrimentos terríveis e a aproximação da morte. Experimentando a alegria incomparável de Deus, o devoto esquece toda dor.

Um homem comum geralmente leva uma vida imprudente, pouco entendendo seu propósito. Ele não percebe que toda a sua vida é uma escola de treinamento militar espiritual na qual ele deve disciplinar seu corpo, mente e emoções para alcançar a vitória na batalha final da morte no último dia de sua permanência terrena.

Na falta desta compreensão, o homem mortal encontra-se despreparado para a morte. Nesse momento a alma, com a sua consciência do ego, retira-se gradualmente para os corpos astral e causal. A mente turva do homem é então perturbada pela memória desperta de todos os tipos de luta contra o carma bom e mau desta vida e de vidas passadas. Então ele descobre que a morte separa inexoravelmente sua alma (envolta nos corpos astral e causal) de seu corpo físico. O ego fica horrorizado ao descobrir que o instrumento corporal há muito familiar está se tornando inerte e insensível à aproximação da morte. Acostumado a pensar e sentir com o corpo, o ego fica confuso e sem sentido quando privado do cérebro e dos órgãos dos sentidos.

O ego entra em um cabo de guerra com a morte. Enquanto persistir o desejo pela vida física, o ego aloja-se inflexivelmente no cérebro e na coluna, mesmo quando um estado de morte aparente se manifesta na forma

física. Quando o ego falha completamente em despertar o corpo paralisado, ele relutantemente sai do corpo astral para o mundo astral. Então o ego dorme por um tempo no corpo astral, ou fica consciente da vida no mundo astral.

Depois de um tempo, o ego começa a ser perturbado pelos seus desejos materiais subconscientes inatos e pelo desejo abafado de se expressar através de um veículo físico. Neste momento, a lei cósmica do carma, agindo de acordo com os desejos e a natureza do ego fisicamente desencarnado, envia-o para renascer na Terra com pais semelhantes em certos aspectos cármicos a esta alma errante.

Os futuros pais geram, sem saber, durante o coito, uma luz astral de correntes positivas e negativas unidas em suas regiões coccígeas, que é referida ao espermatozoide e ao óvulo. Quando o esperma e seu potencial genético e cármico do pai se unem ao óvulo e ao seu padrão da mãe, há um flash de luz astral desta célula fertilizada que atrai e guia o ego fisicamente desencarnado com seu modelo cármico compatível para o paraíso. de sua nova célula primordial de vida.

❖

Como o iogue se prepara durante a vida para ser vitorioso na morte

❖

Um iogue treina exaustivamente ao longo de sua vida, praticando o desapego aos objetos dos sentidos e unindo harmoniosamente seu ego com sua alma, desconectando a força vital e a mente dos sentidos. Assim ele pode retirar o seu ego à vontade do mundo material. Então, por meio do relaxamento sensório-motor, ele aprende a retirar o ego, a força vital e a mente do corpo físico para os órgãos internos e a coluna vertebral. Através do relaxamento voluntário ele retira seu ego, sua força vital e sua mente para cima, através dos sete centros cerebroespinhais, e os une com a bem-aventurança da alma. Finalmente ele retira sua alma (desapegada de sua natureza egóica, de sua consciência corporal operativa, de sua força vital e de seus corpos astral e causal) e a une ao Espírito. Assim, um iogue experiente que pode fundir sua alma à vontade em Deus e que está livre de todos os desejos materiais normalmente não sente, na aproximação da morte, qualquer agonia física ou mental, ou o cabo de guerra entre a morte e o sofrimento físico. desejos. Ao

descobrir que seu período cármico na prisão corporal terminou, ele alegremente faz uma “saída grandiosa”. Ele não retorna novamente a este mundo, a menos que seja ordenado por Deus, pois aprendeu todas as lições que esta terra foi criada para ensinar.

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
jñānavijñānayogo nāma saptamo ’dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o sétimo capítulo, chamado “O Yoga do Conhecimento e da Sabedoria Discriminativa”.

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO VIII

O Absoluto Imperecível: Além dos Ciclos de Criação e Dissolução

❖

As Manifestações do Espírito no Macrocosmo e no Microcosmo

❖

A experiência do iogue na hora da morte

❖

O Método para Alcançar o Supremo

❖

Os Ciclos da Criação Cósmica

❖

O Caminho da Libertação dos Ciclos de Renascimento

ॐ

“Uma parte da consciência de Deus (Tat) – indiferenciada e ela mesma não manifestada – é refletida na Natureza, os mundos do devir, nos quais Ele sonha eternamente os ciclos de evolução e involução. Mas em Sua natureza essencial Ele é o Imanifestado, além de todos os reinos vibratórios dos sonhos cósmicos, Sat ou Ser Eterno, a Própria Existência.”

OceanoofPDF. com

Capítulo VIII

O Absoluto Imperecível: Além dos Ciclos de Criação e Dissolução

As Manifestações do Espírito no Macrocosmo e no Microcosmo

Versículos 1–2

arjuna pegou
kiṁ tad brahma kim adhyātmam kiṁ karma puruṣottama
adhibhūtaṁ ca kiṁ proktam adhidaivaṁ kim ucyate (1)

adhiyajñaḥ kathaṁ ko 'tra dehe'smin madhusūdana
prayāṇakāle como kathaṁ jñeyo ‘si niyatātmabhiḥ (2)

Arjuna disse:
(1) Ó Melhor dos Purushas (Krishna)! Por favor, diga-me, o que é Brahman (Espírito)? O que é Adhyatma (a Consciência Kutastha subjacente a todas as manifestações e existente como as almas de todos os seres no cosmos)? E o que é Karma (ações cósmicas e meditativas nascidas do Aum)? O que é Adhibhuta (a consciência imanente nas criaturas físicas e no cosmos físico)? E o que é Adhidaiva (a consciência manifestada nos corpos astrais e no cosmos astral)?

(2) Ó Matador do Demônio Madhu (Krishna)! O que é Adhiyajna (o Supremo Espírito Criativo e Cognitivo), e de que maneira Adhiyajna está presente (como a alma) neste corpo? E como, na hora da morte, Tu serás conhecido pelos autodisciplinados?

Os termos usados por Krishna (nas duas últimas estrofes do Capítulo VII) confundiram Arjuna. Ele suplica ao Senhor que o esclareça sobre os mistérios cósmicos.

VERSÍCULO 3

śrībhagavan uvāka
akṣaraṁ brahma paramaṁ svabhāvo ‘dhyātmam ucyate
bhūtabhāvodbhavakaro visargaḥ karmasaṁjñitaḥ

O Bendito Senhor respondeu:

O Espírito Indestrutível e Supremo é Brahman. Sua manifestação indiferenciada (como Kutastha Chaitanya e como alma individual) é chamada Adhyatma. O Aum (Vibração Cósmica ou Visarga) que causa o nascimento, a sustentação e a dissolução dos seres e de suas diversas naturezas é denominado Karma (ação cósmica).

O Sonhador Cósmico, a partir de Sua consciência divina, cria pela vibração Aum os sonhos do cosmos físico e dos corpos humanos. Ele se reflete ali como a onipresente Consciência Kutastha e expressa facetas de Sua individualidade como almas oníricas. O Sonhador Cósmico, a fim de continuar continuamente Seu drama onírico vibratório cósmico objetivo da Natureza e as atuações de todos os seres oníricos no palco da vida, governa todos eles pela lei rítmica disciplinadora do carma.

O Espírito é imperecível, sempre existente na imutável esfera não vibratória. Assim como a Lua é capaz de refletir-se nos objetos como uma luz brilhante, a natureza do Espírito permite-lhe refletir-se como Inteligência Cósmica (Kutastha Chaitanya) e como almas individuais brilhando através dos corpos físicos.

A vibração cósmica (Aum) com sua lei de dualidade e relatividade emana do Espírito e causa o nascimento, a sustentação e a dissolução de toda matéria e seres através da lei do carma. Esta lei de ação rege todas as atividades do homem e da Natureza.

Arjuna fez sete perguntas nas estrofes um e dois: (1) sobre o Espírito; (2) sobre Adhyatma (reflexo puro do Espírito como Inteligência Cósmica e como alma individual); (3) sobre karma (ações cósmicas e meditativas nascidas de Aum); (4) sobre Adhibhuta (o corpo físico e o universo físico); (5) sobre Adhidaiva (o corpo astral e o cosmos astral); (6) sobre Adhiyajna (o Espírito supremo de conhecimento criativo e como Ele está presente no corpo como alma); e (7) sobre as percepções que o iogue tem de Deus no momento da morte.

Nesta terceira estrofe as três primeiras questões são respondidas. Na quarta estrofe são respondidas a quarta, quinta e sexta questões. A sétima questão é respondida na quinta e sexta estrofes.

As três questões explicadas nesta seção são sobre o Espírito, a alma e o carma (a vibração cósmica Aum que se manifesta internamente como ações meditativas e espirituais e externamente como atividades corporais e cósmicas).

❖

1. Para-Brahman, o Espírito absoluto e todo-inclusivo

❖

O Espírito Supremo Transcendental existe em relação ao cosmos vibratório, mas também está além dele. Sat ou Ser; Deus Pai, da Bíblia Cristã; Para-Brahman do Bhagavad Gita e da filosofia Vedanta; Paramatman dos iogues; e Para-Purusha, Espírito Transcendental, são vários nomes deste Espírito supremo e imutável que existe além das estruturas oníricas da criação vibratória.

Um homem meio adormecido pode permanecer consciente de si mesmo e de seu repouso sem pensamentos ou sonhos. Da mesma forma, o Espírito não manifestado pode permanecer como uma alegria sempre existente, sempre consciente e sempre nova, sem os sonhos da criação. Neste estado, o Espírito não tem pensamentos ou vibrações – sua existência, consciência e bem-aventurança se fundem em uma única percepção. Como o Absoluto indiferenciado, o Espírito mantém Sua existência, Sua consciência e Suas criações oníricas dissolvidas em uma alegre percepção de Si mesmo.

Assim como um homem semiconsciente pode perceber um sonho, o Espírito não manifestado, depois de criar Seu sonho cósmico, mantém Sua

consciência dividida (em três partes).

No primeiro estado, o Espírito transcendental sem sonhos (ou Supremo Brahman) existe além de Suas criações vibratórias oníricas, além do Aum cósmico.

No segundo estado, o Espírito materializa sua consciência em um universo vibratório de sonho. Esta estrutura objetiva do sonho cósmico é chamada de Aum Cósmico, Abhasa Chaitanya ou luz refletida da Inteligência Kutastha; como a consciência criativa refletida de Deus, ou a Palavra, a vibração inteligente do Espírito Santo, que é o mesmo que a Prakriti Cósmica inteligente, o Som Cósmico ou a Luz Cósmica. Ainda outros termos para este universo objetivo de sonho são Mahatattva ou os grandes Elementos Vibratórios; e a Mãe Natureza, ou a Virgem Maria Cósmica, a Consorte Cósmica Inteligente de Deus. Esta força vibratória cósmica deriva seu poder de Kutastha Chaitanya, o puro reflexo da inteligência de Deus na criação, e é a mãe de todas as atividades espirituais (elevadoras), materiais (ativadoras) e malignas (obstrutivas) (as três gunas) no mundo. .

Este Aum Cósmico também é chamado de visarga ou “os dois pontos da dualidade”, porque pela lei dual da relatividade e pelas qualidades triplas dos gunas ele produz o filme cósmico da ilusão.1 O feixe de consciência de Deus passando através deste filme cósmico de a relatividade produz as imagens dos sonhos cósmicos. Quando esses dois pontos de dualidade se tornam um com Deus, o Aum Cósmico O manifesta. Um iogue que escuta o som cósmico de Aum pode ver, no lado externo, o sonho da criação e todas as atividades que dele decorrem; no lado interno ele ouve o som cósmico que se funde na bem-aventurança absoluta de Brahman.

O Espírito Imanifestado usa a terceira parte de sua consciência para refletir-se como a inteligência indiferenciada da criação (que se torna diferenciada e ativa na vibração criativa refletida do Aum – como observado anteriormente). Esta Inteligência que brilha sobre a criação é chamada de Kutastha ou Inteligência Crística, “o Filho Unigênito de Deus”, a única inteligência refletida pura e não distorcida do Deus transcendental na criação, ou (em sânscrito) o Tat. No estado não manifestado, o Espírito é

uma Bem-aventurança sempre existente, sempre consciente e sempre nova. Quando sonha a criação, torna-se uma Trindade. O Deus transcendental, sonhando através da Inteligência Kutastha e da Inteligência Vibratória Cósmica, torna-se os sonhos objetivos dos universos causal, astral e físico. O Espírito não manifestado, portanto, no estado criativo torna-se os três: Aum-Tat-Sat; Espírito Santo, Filho e Pai; ou o Sonho Cósmico objetivo.

Isto responde à primeira pergunta de Arjuna sobre quem é Para-Brahman ou o Deus transcendental.

❖

2. Adhyatma (alma)

❖

Krishna revela a Arjuna que um aspecto da natureza do Deus transcendental é sonhar o universo cósmico e as criaturas nele contidas. Sua consciência pura e imutável dentro do sonho, que fornece a inteligência subjacente, é o Kutastha Chaitanya, expresso individualmente como a alma.

Assim como um sonhador na terra dos sonhos cria várias imagens com vida ou alma, o Sonhador Divino, Deus, torna-se os vários corpos oníricos dos seres humanos e se manifesta neles como suas almas oníricas. Cada alma subjetivamente sonhada por Deus como uma individualidade em um corpo específico constitui um sonho composto do homem no cosmos. Adhyatma significa a alma subjacente, adhy significa “subjacente” e atma significa “alma”. Portanto, a pergunta de Arjuna sobre Adhyatma foi respondida: Adhyatma é a “alma universal” subjacente ou Kutastha Chaitanya, e a alma onírica individual encerrada em um corpo sonhado por Deus. Diz-se que Ele gosta de sonhar como almas separadas. Isto dá ao Senhor a oportunidade de brincar com as almas oníricas conscientes em Seu drama cósmico.

❖

3. Karma Cósmico ou ações meditativas nascidas da vibração Aum

❖

Karma significa todas as atividades cósmicas divinas e materiais, bem como as atividades espirituais e mundanas dos seres humanos. Essas atividades emanam dos dois pontos cósmicos da dualidade do visarga, a vibração cósmica Aum. A vibração cósmica inteligente, o aspecto Natureza de Deus,

emana externamente todas as atividades cósmicas materiais e atividades espirituais e mundanas dos seres humanos. Internamente manifesta todas as atividades divinas que emanam de Deus no macrocosmo da Natureza; e ajuda o homem a adotar aquelas boas atividades cármicas que o auxiliam na compreensão de sua própria alma e do Espírito Supremo.

No Deus perfeito e sem vibração não há ação. Ação ou carma denota as vibrações inteligentes de um ser autoconsciente. O Aum ou vibração inteligente cósmica é a primeira manifestação de Deus na criação. Portanto, todas as atividades cósmicas que emanam do Ser Vibratório Cósmico Inteligente – o Aum – são denominadas Karma Cósmico Supremo. O homem é uma manifestação em miniatura ou microcósmica do Ser Vibratório macrocósmico (o Espírito Santo inteligente e invisível, ou Aum, ou a Palavra).

As atividades espirituais, mundanas e malignas do homem são chamadas de carma humano. Deus, manifestado como o Ser Vibratório cósmico ou Aum, é o Originador direto de todas as atividades cósmicas e humanas, governado pela lei do carma, ou causa e efeito. Todo o cosmos e todos os seus seres sencientes estão sujeitos a esta lei. O Ser Vibratório cósmico, como representante de Deus, não é apenas o criador desta lei do carma, mas o doador de seus frutos. De acordo com este decreto divino, quando o homem usa adequadamente o dom do livre arbítrio, recebe bons resultados. Da mesma forma, quando o homem realiza atividades materiais ou más, ele colhe efeitos materiais ou maus. Os animais, não sujeitos ao carma individual, estão sob a influência do carma grupal ou de massa.

❖

Definição de carma individual e carma em massa

❖

A palavra karma significa qualquer atividade inteligente que emana do Ser Vibratório cósmico ou de qualquer criatura inteligente no cosmos. Cada atividade cósmica ou humana, de acordo com sua natureza específica, produz resultados bons, mundanos ou maus. Por exemplo, as posições planetárias concebidas pelo Ser Vibratório cósmico refletem o carma planetário que afeta a vida do homem e as ações no mundo de uma maneira boa ou má. Da mesma forma, quando o homem inicia uma

atividade boa, mundana ou má, essa ação produz o resultado adequado.

Portanto, assim como um homem de meia-idade pode dizer: “Minha vida e meus hábitos são o resultado de minhas atividades desde a infância”, também cada vida humana é o efeito das atividades de vidas passadas. E a soma total das atividades de toda a vida de um homem determinará a natureza específica de uma ou mais de suas encarnações futuras.

A vida de um animal está predestinada; o do homem não é. O tigre é feroz e sanguinário por instinto. O cordeiro é caracteristicamente manso e gentil. Como os animais não têm livre arbítrio, suas características não são o resultado de ações passadas, mas são-lhes impostas de acordo com as qualidades boas, ativas ou más da Natureza inteligente. Mas as primeiras características boas e más do homem não lhe são impostas dessa forma. Eles são o resultado das boas e más ações de sua vida ou vidas passadas. Portanto, embora cada homem possa ser influenciado pelas qualidades triplas da ilusão cósmica (maya), ele ainda possui o dom divino da livre escolha, que pode usar de maneira adequada ou inadequada, para seu benefício ou prejuízo.

Uma pessoa pode dizer sobre um acontecimento em sua vida: “Este é o meu carma; foi por isso que aconteceu.” Ele se refere ao carma passado, bom ou ruim, resultando em um acontecimento específico nesta vida. Ações boas, mundanas ou más realizadas com livre arbítrio independente ou através da influência de ações passadas são todas chamadas de carma. As ações dos indivíduos são chamadas de carma individual, e as ações coletivas de grandes segmentos de seres humanos são chamadas de carma em massa. Por exemplo, se as pessoas numa comunidade vivem em condições insalubres, o resultado pode ser o carma em massa de uma epidemia que afecta toda a população, a consequência colectiva de transgressões contra as leis de saúde da Natureza.

As ações realizadas por livre arbítrio são chamadas purushakara. Impressões armazenadas de ações de vidas passadas que obrigam ações presentes são chamadas de prarabdha karma. Portanto, ao usar a palavra carma, a pessoa deve especificar se é carma bom, mundano ou mau; e se é carma presente ou passado (carma que é o resultado do uso presente do

livre arbítrio ou de ações cármicas influenciadas pelo passado).

❖

Os fatores que influenciam o livre arbítrio do homem

❖

O homem, dotado do dom da livre escolha, é influenciado pela tempestade cósmica da ilusão de uma forma tripla. Quando ele faz mau uso do seu livre arbítrio sob a influência da qualidade maligna (tamas) da Natureza, ele se torna mau. Mas quando o homem usa o seu livre arbítrio sob a influência da boa qualidade (sattva), resistindo assim à má influência na Natureza, ele manifesta bondade. Pelo mau uso do dom divino do livre arbítrio sob a influência da qualidade ativadora (rajas), o homem fica enredado nas atividades mundanas e, eventualmente, nas atividades malignas dos gunas. Depois de provações e tribulações, o homem deseja melhorar; Deus, sempre consciente através de Sua onipresença vibratória cósmica inteligente, então envia ao buscador um guru – um santo divino, ou o ensinamento de tal pessoa, tentando assim trazer o devoto de volta ao Seu reino divino.

Um homem mundano é influenciado principalmente pelas vibrações externas de atividade que emanam do Ser Vibratório cósmico, Aum; ele fica assim emaranhado na matéria. Por outro lado, um iogue que segue o caminho do yoga inverte sua consciência na atividade interna do Ser Vibratório cósmico, Aum. Em outras palavras, o iogue aprende, através da atividade meditativa do yoga, a ouvir o som cósmico do Aum e com ele expande sua consciência para o cosmos. Assim, a alma do iogue, sendo una com a vibração cósmica de Aum, o símbolo de Deus onipresente, torna-se uma com Deus na região sem vibração.

Esta explicação elaborada responde às perguntas de Arjuna e de todos os verdadeiros devotos sobre o que é o Espírito supremo transcendental; e o que é a alma subjacente (Adhyatma); e o que é carma. As atividades de Yoga são necessárias para unir a alma que sonha com a matéria ao Deus transcendental sem sonhos (Para-Brahman).

VERSÍCULO 4

adhibhūtaṁ kṣaro bhāvaḥ puruṣaś cādhidaivatam
adhiyajño'ham evātra dehe dehabhṛtāṁ vara

Ó Supremo entre os Corporificados (Arjuna)! Adhibhuta é a base da existência física; Adhidaiva é a base da existência astral; e eu, o Espírito dentro do corpo e do cosmos, sou Adhiyajna (a Origem Causal, o Grande Sacrificador, o Criador e Conhecedor de tudo).

❖

Respostas às perguntas de Arjuna sobre os universos físico, astral e causal

❖

Adhibhuta representa o universo material objetivo macrocósmico e também o corpo físico microcósmico do homem. Adhibhuta significa “aquilo que se torna”, o nunca fixo, o efêmero – portanto, o mundo material da transitoriedade. O Espírito manifestando sua consciência criativa no macrocosmo e microcosmo físico é designado como Virata e Vishva, os anjos governantes da criação material.2

Adhidaiva significa o universo astral objetivo macrocósmico que está oculto atrás da vibração grosseira do cosmos físico, bem como o corpo astral microcósmico do homem que está oculto por sua forma física. Adhidaiva refere-se aos daivas ou devas, literalmente, “os brilhantes”, ou anjos astrais – a consciência de Deus governando o macrocosmo e o microcosmo astral como Hiranyagarbha e Taijas.3

Adhiyajna designa o universo causal macrocósmico objetivo e o corpo causal microcósmico do homem. O Espírito diferencia Sua consciência na Inteligência subjetiva especializada de Ishvara e Prajna4 para criar e governar o macrocosmo e o microcosmo causais. Estas manifestações primordiais que emanam do Espírito são a origem ideacional de todas as existências. Assim, Adhiyajna significa, em última análise, Deus como o Sonhador Originário, cujo sonho primitivo é uma manifestação causal que consiste nos pensamentos ou ideias do Espírito que são a causa das condensações dos sonhos astrais e físicos.

Yajna significa “realização de um rito ou sacrifício sagrado”. Deus é, portanto, o Adhiyajna que realiza todas as cerimônias oníricas necessárias para a criação de Seus universos. Através destas “cerimônias” Ele provoca a magia maya que transforma o Absoluto, a Substância Única, no Criador ativo, a Vibração Aum ou Prakriti; o Observador e a Inteligência subjacentes inativamente ativos, Kutastha Chaitanya e a alma; e as seis

subdivisões de Prakriti (que junto com Prakriti ou Espírito Santo constituem os “sete anjos diante do trono de Deus”) que criam e governam os macrocosmos e microcosmos causais, astrais e físicos.

O Espírito como Adhiyajna – existindo no cosmos como as Inteligências originadoras e governantes, e no corpo do homem como a alma – é, portanto, a Substância subjacente toda criativa dos universos físico, astral e causal com seus vários tipos de seres. É Deus tanto como o Sonhador Originário quanto como o Conhecedor Supremo de toda a criação.

No universo da matéria física, o Espírito Único é pensado como uma Presença que deu à complexidade do cosmos uma unidade e harmonia coordenadas. Esse mesmo Espírito é concebido de uma forma mais brilhante e mais poderosa na energia inteligente presente em todos os átomos do universo, e na vida consciente presente em todas as criaturas vivas - capacitação derivada do universo astral subjacente, o universo possuindo os poderes de vida. A concepção mais profunda do universo como uma ideia na mente de Deus prevê o Espírito vivo - com personalidade, individualidade e poder consciente de evolução: Ishvara, Deus o Pai - expressando-se na grande criação causal, os rudimentos primordiais consumados de todos devires.

Nos macrocosmos e microcosmos o Senhor é verdadeiramente o Adhiyajna ou o Único Morador Interno. No universo material denso, a manifestação do Espírito deve ser inferida. No universo astral da vida vibratória a manifestação do Espírito tem que ser sentida. No universo causal da consciência ideacional, a manifestação do Espírito é conhecida através da percepção intuitiva.

A EXPERIÊNCIA DO IOGUE NA HORA DA MORTE

VERSÍCULO 5

antakāle ca mām eva smaran muktvā kalevaram
yaḥ prayāti sa madbhāvaṁ yāti desagradável atra saṁśayaḥ

Por fim, entra no Meu Ser aquele que só pensa em Mim na hora do seu falecimento, quando o corpo é abandonado. Esta é a verdade sem dúvida.

Krishna agora começa sua resposta à pergunta final feita por Arjuna no versículo dois: “Como, no momento da morte, Tu (o Senhor) serás conhecido pelos autodisciplinados?”

Um iogue que pratica meditação durante toda a vida é capaz de comungar com Deus a qualquer momento, especialmente no momento crucial da morte. Os pensamentos de um homem nos últimos momentos da vida determinam o seu status na vida futura.

Um verdadeiro iogue termina as atuações oníricas de seu papel na vida e faz sua saída final do estágio terreno, com sua mente fixada apenas na bem-aventurança do Espírito, seu coração livre de quaisquer anseios mundanos.

Após a morte, a lei cármica não exige que um devoto retorne à Terra se, durante sua vida, ele tiver sido capaz, por meio da prática de ioga, de desconectar sua força vital e sua consciência do corpo; e se ele tivesse conseguido, à vontade, entrar no estado consciente de falta de ar, mantendo a vida no corpo extraindo de Deus um suprimento de energia cósmica; e se ele não estivesse apegado ao corpo e aos objetos dos sentidos; e se ele não tivesse tido desejos pessoais, mas tivesse permanecido imperturbado por desejos egoístas por qualquer pessoa, objeto ou prazer sensorial, conhecendo assim apenas a alegria e o amor de seu Criador.

Tal devoto sem dúvida alcança a liberdade e se funde com o Ser Divino. Ele não precisa de mais encarnações na Terra para a satisfação de desejos não realizados, pois tornou todos eles inexistentes. Um iogue autodisciplinado que treinou sua mente para se desapegar à vontade do mundo sensorial e para unir essa mente emancipada com o Senhor, não pensa em nada além Dele no momento da morte. De acordo com a lei do karma, esse homem criou automaticamente a causa que deve se manifestar como o efeito da obtenção de Deus. Aquele que em vida evitou toda desarmonia e que estava acostumado a ser absorvido pelo êxtase do yoga permanece após a morte no mesmo estado de união divina.

Tal iogue, ao longo da vida, vê sua forma física como um sonho de

Deus; quando os átomos desse sonho corporal são dispersos pela morte, ele acorda na Felicidade Sem Sonhos.

VERSÍCULO 6

yaṁ yaṁ vāpi smaran bhāvaṁ tyajaty ante kalevaram
taṁ tam evaiti kaunteya sadā tadbhāvabhāvitaḥ

Ó Filho de Kunti (Arjuna), aquele pensamento com o qual um homem moribundo deixa o corpo determina – através de sua longa persistência nele – seu próximo estado de ser.

A totalidade da vida humana é uma preparação para o exame final da morte. Um homem, de repente se encontrando às portas da morte, revê num piscar de olhos os pensamentos, desejos e hábitos de toda a sua vida. Ele é rapidamente invadido por um sentimento ou desejo avassalador, cuja natureza estará de acordo com o caráter de sua vida. Ele pode se sentir predominantemente culpado por suas más ações; ou predominantemente feliz, por causa de suas boas ações; ou predominantemente mundano, por causa de suas atividades materiais. Seja qual for o seu sentimento, é a causa determinante que o levará a uma determinada parte dos mundos astrais e depois a outra encarnação adequada na Terra. “Pois como ele pensa em seu coração, assim ele é.”5

O hábito primordial de pensamento e sentimento durante os anos do homem na terra é, portanto, o fator mais importante no “dia do julgamento”. O pensamento final, inexoravelmente produzido pelo teor de uma vida, é de fato o juiz cármico que ao som da “trombeta de Gabriel” anuncia o próximo destino de um homem.

❖

Significado de “trombeta de Gabriel”

❖

A trombeta de Gabriel é o som do Aum Cósmico que conduz o homem do corpo físico na morte. A vibração Aum, sendo o repositório de todos os projetos criativos, apresenta a cada homem, no momento da morte, o padrão autocriado para sua próxima existência. Um ser humano que leva uma existência mecânica e sem

sentido, ou uma vida maligna, mal percebe que no último dia ele trará julgamento sobre si mesmo, com a trombeta do carma de Gabriel proclamando seu "destino". Se uma pessoa está cansada da vida material ou de maus hábitos, por que deveria continuar assim até o fim, apenas para ser obrigada a continuar com o mesmo tipo de vida desagradável após a morte? Cada homem deve esforçar-se por levar uma vida justa, para que, ao terminar, não tenha uma consciência culpada e não renasça entre os malfeitores.

Pela prática do desapego, o iogue dissolve todas as inclinações e desejos do seu coração e permanece em êxtase contínuo com a vibração Aum, a expressão de Deus na criação. Quando a morte chega, o iogue encontra a trombeta de Gabriel, emitida pelo Aum Cósmico, conduzindo-o às esferas transcendentais de Deus. Lahiri Mahasaya passou por este Aum até o Infinito e ressuscitou em um corpo físico um dia após sua "morte".

São liberados aqueles devotos que podem manifestar a consciência de Cristo ou Kutastha emergindo, através do Aum Cósmico, de todos os três corpos mortos inúteis (o físico, o astral e o causal). A consciência de Cristo ou Kutastha é "o primogênito dos mortos",7 a primeira experiência de onipresença do ser liberado através da qual ele "vem ao Pai (Consciência Cósmica)".8 Neste estado o ser emancipado conhece o pensamento divino para seja a matriz da criação; ele também é agora capaz de materializar o pensamento na forma de seu corpo anterior ou na forma de qualquer outro corpo no qual deseje aparecer. Ou, por opção, ele pode permanecer imerso no Absoluto Sem Forma, na bem-aventurança do Espírito Transcendental.

VERSÍCULO 7

tasmāt sarveṣu kāleṣu mām anusmara yudhya ca
mayy arpitamanobuddhir mām evaiṣyasy asaṁśayam

Portanto, lembre-se sempre de Mim e envolva-se na batalha da atividade! Entregue-me sua mente e seu entendimento! Assim, sem dúvida, você virá a Mim.

Krishna aconselha: “Ó devoto, eu sou o Sonhador de todo o panorama da existência. Contemple o seu corpo e a batalha da atividade diária como sonhos que emanam da Minha consciência cósmica. Se você evitar que sua mente, com suas impressões sensoriais, e seu intelecto discriminativo, que muitas vezes é influenciado pelo coração ou sentimento, seja emocionalmente agitado pelo drama onírico na Terra, e os mantiver contemplando Meu Raio Abençoado que projeta essas imagens, você irá não experimente terror. Sem dúvida você entrará em Meu estado transcendental sem sonhos.”

O devoto sábio medita tão profundamente na bem-aventurança do Kriya Yoga que não esquece essa consciência abençoada durante a batalha diária de atividade na qual sua mente sensorial e seu intelecto discriminativo estão necessariamente engajados. Quando ele é capaz de agir sempre com toda a sua consciência absorvida em Deus, na morte ele se torna plenamente um com Ele.

VERSÍCULO 8

abhyāsayogayuktena cetasā nānyagāminā
paramaṁ puruṣaṁ divyaṁ yāti pārthānucintayan

Ele alcança o Senhor Supremo Refulgente, ó Partha (Arjuna), cuja mente, estabilizada pela ioga, está inabalavelmente fixada no pensamento Dele.

Krishna diz a Arjuna para se preparar espiritualmente durante toda a vida, para que na morte, à maneira de um grande iogue, ele possa levar sua consciência divina à presença inefável de Deus. Krishna aconselha seu discípulo a praticar a técnica de controle de vida pranayama, ou Kriya Yoga, e a aprender a desligar a corrente vital dos cinco sentidos para acalmar as flutuações inquietas da mente; e então unir sua mente e vida com a alma, e a alma com a Luz Brilhante do Espírito.

É necessário que o homem pratique uma técnica científica como o Kriya Yoga para evitar que sua mente durante a meditação se afaste (na-anya-

gamina) do êxtase divino para o domínio dos pensamentos e das sensações materiais. À medida que um Kriya Yogi relaxa sua força vital dos cinco telefones dos sentidos, ele automaticamente descobre que as sensações e os pensamentos desapareceram de sua consciência. Assim libertada, sua mente fica magnetizada em direção à alma bem-aventurada e à sua comunhão eterna com o Espírito.

VERSÍCULOS 9–10

kaviṁ purāṇam anuśāsitāram aṇor aṇīyāṁsam anusmared yaḥ
sarvasya dhātāram acintyarūpam ādityavarṇaṁ tamasaḥ parastāt
(9)

Prayāṇakāle manasācalena bhaktyā yukto yogabalena caiva
bhruvor madhye prāṇam āveśya samyak sa taṁ paraṁ puruṣam
upaiti divyam (10)

No momento da morte, um iogue alcança o Senhor Supremo Refulgente se, com amor e pelo poder do yoga, penetrar completamente sua força vital entre as sobrancelhas (a sede do olho espiritual), e se fixar sua mente inabalavelmente no Ser que, além de todas as ilusões das trevas, brilha como o sol - Aquele cuja forma é inimaginável, mais sutil que o átomo mais fino, o Sustentador de tudo, o Grande Governante, eterno e onisciente.

Nestes versos são apontadas as três qualificações pelas quais um grande iogue passa do seu corpo físico para a Essência Divina. Primeiro, amor a Deus. Segundo, o domínio daquela ciência real, Kriya Yoga, pela qual ele pode conduzir sua consciência ao Infinito através da ação do "olho único" na testa. Terceiro, o perfeito controle da mente, possibilitado pela constância no yoga, que lhe permite colocar seu pensamento inabalavelmente no Senhor no momento da morte – uma hora cuja finalidade é sempre conhecida antecipadamente por um verdadeiro iogue.

Estas estrofes, fazendo duas referências a Deus como Luz ("o Senhor Supremo Refulgente" e "o Ser que brilha como o sol"), também mencionam

❖

Deus como luz

❖

uma técnica específica de yoga. (Ver VIII:12-13.) O que Krishna desejava enfatizar com tal justaposição é que um homem que se dedica ao yoga contempla o Senhor como Luz.

Na meditação, um grande iogue leva seu ego, sua força vital (prana) e sua consciência além de seu corpo físico, para um vasto reino resplandecente de luz calmante. Essa radiação vinda de mil sóis se dissolve numa exibição sempre nova de raios multicoloridos que saem de uma fonte esférica cada vez maior.

O único olho na testa do homem possui visão esférica. Na meditação, essa visão gradualmente se expande para o iogue em uma esfera inefável de luminosidade em constante mudança, bem-aventurada e onipresente.

Depois de experimentar esta visão vibratória de Aum como a Luz Cósmica, o iogue emancipado vai além de todas as relatividades ilusórias de vibrações. Ele então sente e percebe o Senhor Transcendental – Aquele que existe por trás dos sonhos transitórios da matéria cósmica e de seus inúmeros componentes de células, moléculas, átomos, elétrons e prótons, "lifetrons" (prana ou energia) e "pensamentos" (o último base da matéria).

❖

Mundos astrais e causais descritos

❖

No estado transcendental, Deus desenvolve Seus sonhos de universos ideacionais (causais), astrais e físicos. O cosmos físico, com os seus muitos "universos-ilhas" flutuando no vazio eterno, é rodeado por um halo de energia radiante que se funde no mundo astral maior. O cosmos astral é uma manifestação mais grandiosa da criação do que o físico, e atravessa e vai além deste último. No cosmos astral muitas galáxias luminosas de diversas densidades, com seus sistemas astrais solares e estelares, vagam numa esfera mais vasta de eternidade.

O maior cosmos ou causal contém incontáveis sistemas galácticos causais com seus sóis e planetas, vagando por todos os cosmos físicos e astrais e muito além de seus limites até a esfera mais externa do espaço vibratório. O universo causal é o ventre da criação. No universo causal, as melhores forças criativas da consciência de Deus e os seres altamente

evoluídos com os seus processos intuitivos objetivam os universos a partir das forças sutis do pensamento divino.

Através da pura intuição da alma, um iogue realizado pode contemplar o cosmos físico e seus seres como o sonho cósmico de Deus. Ou ele pode projetar sua consciência no mundo astral e perceber seu panorama de universos insulares indescritivelmente belos e seres feitos de misturas etéreas de várias luzes coloridas. Ou ele pode elevar sua consciência à esfera causal sublime, com suas galáxias e mais galáxias de objetos e seres de sabedoria deslumbrantes e suas interações - um diadema glorioso nos céus eternamente calmos e infinitos do Espírito.

O iogue que alcançou o controle completo sobre sua consciência pode contemplar os mundos físico, astral ou causal, ou ir além, para a região transcendente sem vibração de Deus. Ele é capaz de perceber uma parte da consciência do Senhor como a paz eterna transcendental e outra parte como a ondulação dos sonhos cósmicos – os mundos da criação. É a consciência abençoada e sem vibração de Deus que, em última análise, é o Sustentador causativo e onisciente do cosmos onírico e de todas as suas forças, sutis e grosseiras. As manifestações do Divino estão em evidência no sonho cósmico, mas Ele – o Governante – permanece oculto.

❖

O processo da morte: saída pelo olho espiritual

❖

Para alcançar o Criador, Krishna nos diz nesta passagem, o iogue deve penetrar completamente em sua força vital através do olho único ou espiritual. Esta sede de onisciência no homem é mencionada na Bíblia:9 “E ao que vencer e guardar as minhas obras até o fim, eu lhe darei poder sobre as nações… E eu lhe darei a estrela da manhã.” Cristo garantiu assim a São João a recompensa divina para aqueles que são fiéis a Deus “até o fim”. A “estrela da manhã” ou a “estrela do Oriente” é o único olho espiritual no centro Cristo ou Kutastha da testa (leste), um microcosmo da luz vibratória criativa e da consciência de Deus. Através do olho espiritual, o iogue adepto alcança o domínio sobre as forças (“nações”) em seus corpos físico, astral e causal, e consegue entrar no reino do Espírito.

É através da abertura do olho espiritual que o veículo astral do homem

emerge do corpo físico no momento da morte. Privados de suas contrapartes astrais, os órgãos dos sentidos e as inúmeras células da forma humana ficam impotentes. Eles então se decompõem e retornam ao seu estado nativo de "pó". As forças do corpo astral podem ser vistas pelo iogue à medida que passam pelo túnel espinhal e pelo cérebro (os sete "alçapões" dos plexos) e entram em forma astral.

O olho espiritual do homem comum não é despertado durante a sua vida. Portanto, ele não tem consciência, na morte, da passagem do corpo astral pelos plexos. Uma pessoa inconsciente que é transportada de um lugar para outro não percebe as etapas de sua jornada. Da mesma forma, o indivíduo comum não vê a sua energia vital sendo libertada do veículo físico na morte e manifestando-se como uma forma astral.

Na morte, o homem é dominado pelo medo diante de sua estranha experiência - a de descobrir-se gradualmente incapaz de sentir ou expressar sua vontade através de um corpo físico. Então a sonolência toma conta dele e por algum tempo ele permanece em um estado de sono tranquilo. Ao despertar deste sono de morte – muito necessário após as duras provações da vida – ele toma consciência de que está encerrado num corpo astral, cujos tecidos são feitos de luz. Em meio às novas belezas do mundo astral, ele esquece toda a sua existência física passada.

Mas um grande iogue observa conscientemente, através de seu olho espiritual esférico, os vários fenômenos da morte. Mesmo uma pessoa cuja alma está apenas parcialmente desperta pelo bom carma pode, no advento da morte, ter vislumbres da glória e da alegria da transição mortal do corpo físico para o céu astral.10 O iogue avançado vê suas forças vitais moverem-se para trás como um massa de luz rolante das células, nervos, órgãos e coluna vertebral, e então entra em um corpo astral, que paira sobre a forma física inerte.

O iogue que, na vida ou na morte, retira sua força vital dos sentidos e a concentra no olho único, encontra-se num alegre estado de falta de ar. Ele fica emocionado ao ver fluxos de prana rolando para trás a partir das inúmeras células e subindo pelo túnel espinhal através da escada em espiral (kundalini), saindo da passagem do olho único na testa para um corpo astral

sutil.

Um iogue que chegou a esse estado – uma percepção intermediária do plano físico e do plano astral – fica dominado pela alegria. Ele vê um duplo esplendor, o de dois mundos. Assim como uma pessoa que está numa estreita faixa de terra pode ver simultaneamente dois lagos que ficam de cada lado, o iogue está simultaneamente consciente da esfera física e da esfera astral. Seu alcance de percepção aumenta, através da meditação em seu olho esférico intuitivo, até que ele possa contemplar a onipresença de Deus em toda a criação e além dela.

Quando o iogue se liberta do corpo físico, ele ainda está encerrado num corpo astral e num corpo causal. Através de mais meditação iogue sobre o olho espiritual, ele ascende do corpo astral, retirando sua força vital astral e sua consciência para cima, através dos túneis trinos da espinha astral, através do olho espiritual, até o corpo causal.

O corpo ideacional ou causal contém os pensamentos-semente dos corpos físico e astral do homem. Quando, por meio de um êxtase mais profundo, o iogue dissolve seus pensamentos crônicos ou delírios que o levaram a ficar encerrado nos corpos físico e astral, sua alma então se move através dos sete nós de ideias ou plexos de seu corpo causal para o Transcendental sem vibração.

O Método para Alcançar o Supremo

Versículo 11

alienígena akṣaraṁ vedavido vadanti viśanti alienígena yatayo vītarāgāḥ
yad icchanto brahmacaryaṁ caranti tat te padaṁ saṁgraheṇa pravakṣye

Aquilo que os videntes védicos declaram como o Imutável, Aquilo que é obtido pelos renunciantes dos apegos desaparecidos, desejando que eles levem uma vida de autodisciplina – o método para alcançar Isso eu irei relatar a ti brevemente.

A Meta Divina é alcançável, Krishna garante a Arjuna, através de certos métodos definidos (descritos nas estrofes seguintes).

VERSÍCULOS 12–13

sarvadvārāṇi saṁyamya mano hṛdi nirudhya ca
mūrdhny ādhāyātmanaḥ prāṇam āsthito yogadhāraṇām (12)

om ity ekākṣaraṁ brahma vyāharan mām anusmaran
yaḥ prayāti tyajan dehaṁ sa yāti paramāṁ gatim (13)

Aquele que fecha os nove portões do corpo,11 que enclausura a mente no centro do coração, que fixa toda a força vital no cérebro - aquele que assim se envolve na prática constante do yoga, estabelecendo-se em Aum, a Palavra Sagrada de Brahman, e lembrando-se de Mim (Espírito) no momento de sua saída final do corpo, alcança a Meta Mais Elevada.

Uma técnica jyoti mudra que é ensinada aos Kriya Yogis tem como propósito manifestar a luz (jyoti) do olho espiritual através do "fechamento dos nove portões do corpo", que o Senhor Krishna aqui defende como um meio para a iluminação do homem.

O Kriya Yogi avançado, através desta técnica, é capaz de controlar a corrente de vida que normalmente é difundida por todo o corpo, e de reter seu copioso fluxo habitual para fora, através dos nove portões ou aberturas do corpo. A mente (manas, ou consciência sensorial) é retirada dos três centros espinhais inferiores associados aos sentidos físicos, elevada ao centro do coração (o segundo "ponto de parada" na ascensão aos centros espirituais mais elevados do cérebro).12 Com a atenção focada no ponto entre as sobrancelhas, a força vital retida concentra-se ali e no cérebro, iluminando o olho espiritual onisciente, o portal divino para o Infinito. O iogue ouve o Som Cósmico de Aum, a Palavra Sagrada de Brahman. Fundindo-se na vibração Aum, o iogue entra no olho espiritual e libera sua alma dos três corpos (como mencionado acima). Experimentando a onipresença de Aum, ele se funde em Kutastha ou Consciência Crística

inerente a ele, e então ascende através da Consciência Cósmica ao Absoluto transcendental além da manifestação vibratória.

O iogue que pratica este método de realização com firmeza e sucesso alcança conscientemente, no momento da morte, a liberação completa no Espírito.

Versículo 14

ananyacetāḥ satataṁ yo māṁ smarati nityaśaḥ
tasyāḥaṁ sulabhaḥ pārtha nityayuktasya yoginaḥ

Ó Partha (Arjuna)! Sou facilmente alcançado por aquele iogue que é sincero, que se lembra de Mim diariamente, continuamente, com a mente intensamente focada apenas em Mim.

O sucesso na autorrealização depende do esforço de toda a alma. O verdadeiro devoto conhece o valor da meditação constante e regular, pela qual a sua vida se torna uma oração ininterrupta. O Yoga não deve ser praticado mecanicamente ou por um senso opressivo de dever, mas com alegria e zelo perpétuo, fazendo com que a meditação de cada dia produza uma felicidade mais profunda do que a do dia anterior.

Versículo 15

mām upetya punarjanma duḥkhālayam aśāśvatam
nāpnuvanti mahātmānaḥ saṁsiddhiṁ paramāṁ gataḥ

Meus nobres devotos, tendo Me obtido (Espírito), alcançaram o sucesso supremo; eles não incorrem em mais renascimentos nesta morada de tristeza e transitoriedade.

Os iogues extremamente bem-sucedidos são os seres aperfeiçoados de grande alma que, em êxtase ou no estado pós-morte, alcançaram a união definitiva com o Espírito transcendental. Suas almas escapam dos laços cármicos de todos os três corpos e não sonham mais com os desejos e

apegos da existência mortal. Os renascimentos nos reinos temporais e repletos de tristeza não lhes são mais impostos. Eles estão acordados no sonho cósmico de Deus e na bem-aventurança sem sonhos do Espírito.

Os iogues esforçados deveriam ver pragmaticamente este mundo como uma escola. A lição mais elevada estabelecida para cada homem é a compreensão de que ele não é um mortal, assolado pela dor e pela mutabilidade, mas um filho livre de Deus. O bom aluno que passa nos testes da vida terrena e passa no "exame final" não precisa retornar para receber instrução adicional. Ele obteve o divino Ph.D.

Os Ciclos da Criação Cósmica

Versículo 16

ā brahmabhuvanāl lokāḥ punarāvartino 'rjuna
mām upetya tu kaunteya punarjanma na vidyate

Os iogues que ainda não estão livres do mundo13 voltam novamente (para o mundo) até mesmo da esfera elevada de Brahma (união com Deus no samadhi). Mas ao entrar em Mim (o Espírito transcendental) não há renascimento, ó filho de Kunti (Arjuna)!

Elaborando o versículo anterior, Krishna ressalta que apenas alcançar a morada de Brahman, o Espírito, pode por si só não garantir a libertação completa. Mesmo que o iogue possa atingir, na meditação extática, altos estados de união com Deus - fundindo a consciência em Aum no domínio vibratório de Brahma, experimentando Sua onisciência na onipresente Kutastha ou Consciência Crística, e até mesmo alcançando a esfera mais elevada de Brahma da Consciência Cósmica - ele não pode permanecer nesses estados, mas deve girar novamente para a consciência corporal se persistir dentro dele quaisquer desejos mortais ou laços cármicos. Se a morte ocorrer neste estado imperfeito, ele renascerá na terra ou em algum reino astral elevado com uma nova oportunidade e o potencial espiritual

para se libertar.

Na meditação, o iogue ascende gradualmente sua consciência e força vital através dos centros espinhais do despertar divino, experimentando a Auto-realização expandida a cada passo mais elevado. Aquele que alcança a união com a manifestação trina de Brahma como a vibração Cósmica Aum ou Espírito Santo na medula, como o Krishna ou Consciência Crística no centro Kutastha, e como Consciência Cósmica no lótus de mil pétalas no cérebro, ainda terá retornar à consciência mortal limitada se ele não tiver quebrado todos os laços cármicos, desejos e apegos e ascendido conscientemente de todos os três invólucros corporais - físico, astral e causal. Quanto mais o iogue for capaz de atingir, à vontade, os estados elevados de consciência, e quanto mais tempo ele for capaz de mantê-los na meditação e após a meditação, mais ele diminuirá seus reflexos cármicos vinculativos e delírios oníricos. Quando estes são vencidos, o iogue dissolve o ego consciente do corpo na alma e retira sua alma, com seus corpos astral e causal, do corpo físico; ele então retira sua alma e seu corpo causal do corpo astral; e, finalmente, sua alma ascende da forma causal e funde-se no Espírito transcendental, do qual não há retorno compulsório ao vale das dualidades angustiantes.

A palavra sânscrita lokas neste versículo também pode ser traduzida como “mundos”. Com essa interpretação, o versículo é traduzido da seguinte forma e leva aos versículos seguintes:

> *Todos os mundos, desde a esfera elevada de Brahma (até a terra densa), estão sujeitos à (lei finita da) recorrência. Mas aqueles devotos, ó Arjuna! aqueles que se fundem em Mim ficam livres do renascimento.*

A lei da recorrência é inexoravelmente operante não apenas para todos os seres mortais, mas também para todos os mundos finitos, incluindo a esfera de Brahma – aquela porção do Espírito que é imanente na criação como o Criador-Preservador-Destruidor Sonhador durante cada ciclo de manifestação cósmica. O homem escapa dessa lei quando “volta a si” ou se lembra de sua divindade essencial e se torna irrevogavelmente unido ao

Absoluto transcendental.

VERSÍCULOS 17–19

sahasrayugaparyantam ahar yad brahmaṇo viduḥ
rātriṁ yugasahasrāntāṁ te ‘horātravido janāḥ (17)

avyaktād vyaktayaḥ sarvāḥ prabhavanty aharāgame
rātryāgame pralīyante tatraivāvyaktasaṁjñake (18)

bhūtagrāmaḥ sa evāyaṁ bhūtvā bhūtvā pralīyate
rātryāgame ’vaśaḥ pārtha prabhavaty aharāgame (19)

(17) Eles são verdadeiros conhecedores do “dia” e da “noite” que compreendem o Dia de Brahma, que dura mil ciclos (yugas), e a Noite de Brahma, que também dura mil ciclos.

(18) No alvorecer do Dia de Brahma, toda a criação, renascida, emerge do estado de não-manifestação; ao entardecer da Noite de Brahma, toda a criação afunda no sono da não-manifestação.

(19) Repetidamente, ó filho de Pritha (Arjuna), a mesma multidão de homens renasce impotentemente. Sua série de encarnações cessa com a chegada da Noite e reaparece ao amanhecer do Dia.

Brahma, o Criador, é aquele aspecto da Divindade que atua na criação, o Senhor do Tempo. (Brahman ou Para-Brahman significa Deus como o Absoluto, o Transcendental.)

“Porque mil anos aos teus olhos são apenas como ontem, quando já passou, e como uma vigília noturna.

“Tu os levas embora como numa inundação; são como um sono: pela manhã são como a erva que cresce.

“De manhã ela floresce e cresce; à tarde é cortada e seca.”14

Krishna refere-se a esses vastos ciclos ou yugas15 para impressionar na mente de Arjuna a insensatez do homem em permitir-se permanecer parte da existência fenomênica, girando mecanicamente de ciclo em ciclo.

Os Yugas, Ciclos Cósmicos de Evolução e Decadência

A Bíblia Cristã faz a seguinte menção aos ciclos, a Noite da não-manifestação e o Dia da manifestação:

"E a terra era sem forma e vazia; e a escuridão estava sobre a face do abismo. E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas [vibrações].

"E disse Deus: Haja luz: e houve luz.

"E Deus viu que a luz era boa; e Deus separou a luz das trevas.

"E Deus chamou à luz Dia, e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã o primeiro dia."16

Existem muitas fórmulas complexas nos shastras, em tratados astronômicos conhecidos como Siddhantas, para medir o tempo e o espaço – desde o átomo infinitesimal até as idades cíclicas do cosmos. Qualquer estudante despreparado que tenha se desafiado para este estudo apreciará o comentário irônico do renomado estudioso de sânscrito Monier-Williams em seu tratado Sabedoria Indiana: "Um hindu astronômico aventura-se em concepções aritméticas muito além das dimensões mentais de qualquer um que se sinta incompetente para tentar a tarefa de medir o infinito."

A palavra yuga é um termo geral para designar uma idade ou um período específico de tempo. Dependendo da fórmula, e da sua interpretação e aplicação, vários números são obtidos na determinação da duração dos yugas (ver referência aos ciclos cósmicos abaixo).

Meu gurudeva Swami Sri Yukteswar, em The Holy Science, deplorou o erro cometido pelos fabricantes de almanaques hindus durante o último Kali Yuga. Por mal-entendido, eles abandonaram toda referência ao Ciclo Equinocial de 24.000 anos, traduzindo-o em anos daiva de um vasto ciclo universal (cada ano daiva ou divino sendo igual a 360 anos solares). O Jnanavatar, uma venerável autoridade na ciência e arte da astronomia espiritual e da astrologia, apelou à reintrodução e adopção do ciclo de 24.000 anos pelo qual o homem é directamente afectado no espaço que lhe foi atribuído neste actual sistema solar. As medições do lugar da criatura humana num vasto esquema universal são notavelmente irrelevantes para o

propósito divino que colocou o mortal circunscrito no corpo na sua posição actual. Ele já está bem sobrecarregado apenas para acompanhar os minutos e horas de seus anos terrestres, repleto de intrusões de eventos e influências naturais e sutis de seu ambiente mundano e celestial imediato.

❖

Significado exotérico e esotérico de yugas

❖

Exotericamente, os ciclos cósmicos citados nestes três versos referem-se às várias fases da criação: um "Dia de Brahma" sendo um tempo de criação manifestada; sendo uma "Noite de Brahma" um período de igual duração em que a criação é dissolvida, suas "sementes" mantidas não manifestadas em Mula-Prakriti. Os ciclos recorrentes de manifestação e dissolução são aplicáveis à duração da vida dos sistemas solares, das galáxias ou de um espectro específico de objetos e formas de vida dentro deles; e, em última análise, do universo como um todo. As dissoluções podem ser parciais – como a remoção de vastos segmentos de objetos ou seres do filme do sonho cósmico como resultado de eventos cataclísmicos; ou total - a resolução da matéria em energia etérea, ou sua completa retirada para o Espírito.17

Esotericamente, e mais importante porque afectam directamente o esquema de existência do homem, os ciclos cósmicos referem-se ao universo solar microcósmico interno do corpo astral do homem, que governa a sua evolução individual. O olho espiritual, que recebe luz e energia de sua conexão com o centro divino de consciência no lótus de mil pétalas (sahasrara) no cérebro, é o sol do microcosmo; e os seis plexos sutis ou chakras da espinha astral (doze por polaridade) são os doze signos astrais do zodíaco. O sol cósmico do nosso sistema solar move-se através dos signos do zodíaco celestial em ciclos de um ano, e todo este sistema move-se em torno de uma estrela dupla ou centro magnético no cosmos num ciclo de 24.000 anos, referido como Ciclo Equinocial. consistindo em quatro yugas ou idades (Kali, Dwapara, Treta e Satya), em um arco ascendente de 12.000 anos dessas quatro yugas e um arco descendente correspondente de 12.000 anos. Da mesma forma, a evolução individual do homem é marcada pelos ciclos do seu cosmos solar em miniatura — o efeito energizante do sol do olho espiritual sobre os centros astrais zodiacais da coluna vertebral. Em

ciclos de doze anos o homem avança lentamente em sua evolução espiritual. Estes doze anos solares são para o homem uma yuga, ou intervalo de tempo cíclico. Dizem os antigos que se o ser humano pudesse permanecer "desperto" – ancorado na consciência espiritual ininterrupto por lapsos causados por morte, doença ou deficiência mental – por um período de 1.000 yugas, ou o equivalente a 12.000 anos de um ciclo cósmico dos quatro yugas cósmicos, ele evoluiria através de todos os estágios dessas quatro idades, desde o Kali Yuga material até o sublime Satya Yuga, manifestando sua plena realização.

Para apreciar esta progressão, é necessário compreender a natureza do ser ideal de cada época – aquele que manifesta todo o seu potencial – pois cada uma das quatro yugas contém também uma proporção relativa de todas as quatro yugas.

❖

As características de cada yuga correspondem à casta

❖

No Kali Yuga, o intelecto e a capacidade do homem estão caracteristicamente confinados à matéria densa e às preocupações da materialidade. Sua casta natural é Sudra; ele é totalmente servil às circunscrições da natureza. Em Dwapara Yuga, ele adquire compreensão e uso dos constituintes elétricos e atômicos da matéria, percebendo que a natureza da matéria é energia. Diz-se que ele é dvija, ou da classe dos "nascidos duas vezes". Na Treta Yuga, a idade mental, o homem adquire conhecimento e domínio dos atributos do magnetismo universal com suas eletricidades sutis polarizadas, a partir das quais evoluem seus instrumentos astrais e físicos. Ele é capaz de descartar muitos dos "mecanismos" que melhoram suas faculdades sensoriais, à medida que seus poderes naturais de telepatia, clariaudiência e clarividência (visão clara) se desenvolvem. Diz-se então que ele pertence à vipra, ou classe de ser quase perfeita. E na Satya Yuga, a era espiritual, o homem ideal tem a capacidade de compreender a fonte do magnetismo universal com a sua dualidade (o movimento primordial ou expressão da consciência de Deus a partir da qual evoluem os vinte e quatro princípios da Natureza que informam todos os seres humanos). criação).18 Ele terá o poder de contato contínuo com Deus, tornando-se um Brâmane, ou

conhecedor de Deus. Sua percepção será através da intuição; as viagens interplanetárias e interastrais serão realizadas não por aviões ou aeronaves atômicas, mas por projeção astral instantânea. Ele terá dominado todo o espectro de aishvaryas, ou poderes divinos.19

Infelizmente, a consecução do homem final através de 12.000 anos de evolução desimpedida está além da instrumentalidade do mortal comum, que é obrigado a acompanhar os movimentos de avanço e retrocesso da natureza - o progresso juntamente com os recuos ocasionados pelos ataques da ilusão e suas interrupções de vida. morte e renascimento. Mas para assegurar o retorno final do homem ao seu verdadeiro Eu, o Senhor incorporou no ser do homem e no seu ambiente cósmico os ciclos evolutivos que, por decreto divino, o empurram para a frente em direção ao cumprimento do seu destino sublime. Sem erro contra as leis naturais que governam o corpo e a mente, diz-se que são necessários cerca de um milhão de anos solares de evolução para que um ser humano alcance a Auto-realização. O homem mortal, inevitavelmente sujeito a erros, deve enfrentar múltiplos desses anos evolutivos. O ser indiferente que demora em sua evolução física ou astral, ou que talvez deseje permanecer por eras no mundo causal quase perfeito, desfrutando em bem-aventurada percepção e participação da incrível magnitude das maravilhas da criação do Senhor, irá, com a aproximação do A “Noite de Brahma” entra em um estado de dissolução parcial ou temporária – uma noite cósmica de descanso no Espírito.

Exceto por alguns homens liberados, a mesma multidão de seres renasce muitas vezes durante um Dia de Brahma. Eles descansam (sem mais encarnações) durante a Noite da dissolução cósmica. Mas com a chegada do Dia ou ciclo de manifestação criativa cósmica, eles iniciam novamente uma rodada de jornadas carmicamente compulsórias em invólucros físicos, astrais e causais.

Para aqueles que rejeitam a indignidade dos estorvos mortais sobre sua imortalidade, e que buscam a libertação antecipada com a livre escolha de selecionar sua morada na forma

física, astral ou causal ou no Infinito Bem-aventurado sem forma, o Senhor envia Seus avatares para mostrar o caminho para apressar a salvação. Pelo Kriya Yoga, no qual a consciência e a energia vital (prana) circulam para cima e para baixo pela coluna (em torno dos centros espinhais), igualando o efeito da passagem do Sol através dos signos do zodíaco, uma dessas revoluções em um período de um- meio a um minuto produz um ano de evolução. O Kriya Yogi adepto em estados profundos de meditação e samadhi pode multiplicar cada vez mais esse efeito evolutivo de cada Kriya. O Kriya Yogi sincero, de acordo com o grau de suas realizações espirituais em vidas passadas e mérito presente, pode alcançar a liberação em três, seis, doze, vinte e quatro ou quarenta e oito anos, ou em apenas uma ou algumas encarnações adicionais.

Através do princípio exteriormente expressivo do Senhor, o Aum vibratório, Deus está flutuando perpetuamente como seres oníricos em ondas de criação, preservação e dissolução. Embora os sonhos cósmicos do Divino sejam processos eternos, o homem não está eternamente ligado a eles. Através da meditação Kriya Yoga e da graça divina, a comunhão com Deus e seu concomitante despertar espiritual podem ser imutáveis estabelecidos na vida diária. O Kriya Yogi avançado aprende, através do êxtase, a desligar o sonho imposto pela ilusão deste mundo e de seu corpo e a substituí-lo por um mundo onírico autocriado e uma existência onírica na qual ele possa interagir com o sonho cósmico do Senhor, desempenhando qualquer papel, sem as temíveis coerções e complicações da ilusão. Pelo poder da concentração, o Kriya Yogi elimina de sua consciência o mundo dos sonhos cósmicos, e seu corpo onírico e seus sonhos subconscientes, e atinge o estado de êxtase desperto e sem sonhos. Na bem-aventurança da comunhão divina entre a alma e o Espírito, ele percebe seu corpo causal como uma matriz concentrada dos pensamentos de Deus, e que seus corpos astral e físico são as manifestações oníricas sutis e grosseiras dessas ideações. Através do êxtase contínuo ao longo da vida, ele transcende as circunscrições de um ego preso ao corpo e vive unicamente como o Eu imaculado, a imagem pura de Deus encarnado, capaz de perceber e expressar através de seus sonhos corporais astrais ou físicos ou de dissolvê-

los à vontade. .

Nos estágios iniciais do Autodomínio, o iogue é capaz de dissolver a percepção de seu corpo onírico na realização de sua unidade com Deus, mas o corpo onírico em si não se desmaterializa. Depois que ele perde a vigília de seu êxtase, ele percebe novamente como uma realidade definida - difícil demais de esquecer - seu corpo físico onírico e o corpo astral onírico encerrado nele. Somente através de êxtases mais profundos, quando o iogue assegura ininterruptamente a união de sua alma com o Espírito transcendental, ele pode dissolver conscientemente o sonho cósmico de seus corpos físico, astral e causal e então recriá-los à vontade, percebendo para sempre que eles não são nada além de sonhos de Deus, com quem sua alma e seus sonhos conscientes são um. Seja desperta na Transcendência Bem-aventurada ou sonhando conscientemente com Deus a fantasia cósmica de ser, a alma liberada não sofre mais o confinamento ignóbil que liga a maioria aos ciclos incessantes dos Dias e Noites de Brahma. A Roda gira para sempre, mas, um por um, os sábios escapam dela.

“Dai glória ao Senhor vosso Deus, antes que Ele cause trevas, e antes que vossos pés tropecem nas montanhas escuras, e, enquanto buscais a luz, Ele a transforme na sombra da morte e a torne em densas trevas.”20

Versículo 20

paras tasmāt tu bhāvo ’nyo ’vyakto ’vyaktāt sanātanaḥ
yaḥ sa sarveṣu bhūteṣu naśyatsu na vinaśyati

Mas transcendendo o Imanifestado (estados de ser fenomenal) existe o verdadeiro Imanifestado, o Imutável, o Absoluto, que permanece intocado pelos ciclos de dissolução cósmica.

Uma parte da consciência de Deus (Tat) – indiferenciada e ela mesma não manifestada – é refletida na Natureza, os mundos do devir, nos quais Ele sonha eternamente os ciclos de evolução e involução. Mas em Sua natureza essencial Ele é o Imanifestado, além de todos os reinos vibratórios dos sonhos cósmicos, Sat ou Ser Eterno, a Própria Existência.

Nesta estrofe, Krishna explica que o estado não manifestado (avyakta) de dissolução cósmica não é de liberdade final, mas apenas um local de descanso temporário para seres não iluminados que emergirão novamente como atores no sonho cósmico. Além e diferente desse estado periodicamente não manifestado de vibração cósmica, permanece o sempre existente estado sem vibração (avyakta avyaktat para sanatana), o Eterno Não Manifestado.

Assim, é dito que mesmo o aspecto puro e indiferenciado do Espírito na criação (Tat) tem uma impermanência, pontuada por idas e vindas, na medida em que este Coração do Universo no momento da dissolução cósmica, por falta de uma forma na qual possa batida, é resolvida novamente em Espírito. Isto é simbolizado nas escrituras hindus como Vishnu, o Preservador dos Mundos, dormindo em Shesha, a serpente de mil cabeças, aguardando o amanhecer do próximo ciclo de manifestação, quando Ele enviará novamente aqueles mundos e seres não liberados que Ele preservou em um estado não manifestado durante a longa noite de dissolução cósmica.

VERSÍCULOS 21–22

avyakto 'kṣara ity uktas tam āhuḥ paramāṁ gatim
yaṁ prāpya na nivartant tad dhama paramaṁ mama (21)

puruṣaḥ sa paraḥ pārtha bhaktyā labhyas tv ananyayā
yasyāntaḥsthāni bhūtāni yena sarvam idaṁ tatam (22)

(21) O acima mencionado Imanifestado, o Absoluto Imutável, é assim chamado de Meta Suprema. Aqueles que o alcançam, Meu estado mais elevado, não renascem mais.

(22) Através de devoção sincera, ó filho de Pritha (Arjuna), aquele Supremo Imanifestado é alcançado. Somente ele, o Onipresente, é a morada de todas as criaturas.

O único presente que um ser humano pode oferecer ao Doador Infinito é o

amor. Conceder esse dom a Deus, ou negá-lo miseravelmente, é o único poder privado do homem. Todo o resto já pertence ao Criador do céu e da terra. Através da pura e humilde bhakti o homem torna-se apto a entrar até mesmo no refúgio último, o Imutável e Imanifestado.

O Caminho da Libertação dos Ciclos de Renascimento

Versículos 23–26

yatra kāle tv anāvṛttim āvṛttiṁ caiva yoginaḥ
Prayātā yānti taṁ kālaṁ vakṣyāmi bharatarṣabha (23)

partículas jyotir ahaḥ śuklaḥ ṣaṇmāsā uttarāyaṇam
tatra Prayatā gacchanti brahma brahmavido janāḥ (24)

dhūmo ratris tathā kṛṣṇaḥ ṣaṇmāsā dakṣiṇāyanam
tatra cāndramasaṁ jyotir yogī prāpya nivartate (25)

śuklakṛṣṇe gatī hy ete jagataḥ śāśvate mate
ekayā yāty anāvṛttim anyayāvartate punaḥ (26)

(23) Eu agora te declararei, ó Melhor dos Bharatas (Arjuna), o caminho através do qual, no momento da morte, os iogues alcançam a liberdade; e também o caminho onde há renascimento.

(24) Fogo, luz, dia, a metade brilhante do mês lunar, os seis meses do curso norte do sol – seguindo este caminho no momento da partida, os conhecedores de Deus vão para Deus.

(25) Fumaça, noite, a metade escura do mês lunar, os seis meses do curso sul do sol - quem segue esse caminho obtém apenas a luz lunar e depois retorna à terra.

(26) Esses dois caminhos para sair do mundo são considerados eternos. O caminho da luz leva à libertação, o caminho das trevas leva ao renascimento.

Essas estrofes misteriosas, lamentavelmente mal interpretadas por quase todos os comentaristas, na realidade contêm referências simbólicas à ciência do yoga. Eles descrevem a abertura do olho espiritual, o despertar dos centros cérebro-espinhais e a ascensão da força vital e da consciência através deles à Consciência Cósmica e à libertação no Espírito do iogue que segue o "caminho da luz". E, pelo contrário, descrevem também a descida ou retorno à consciência corporal ou renascimento daqueles que ainda são incapazes de abrir completamente todas as portas cérebro-espinhais que conduzem, em última análise, ao Espírito. A libertação, libertando a alma dos corpos físico, astral e causal, é o significado destes versos. As pesadas escrituras dos rishis definiram em termos velados o labirinto da descida e ascensão da alma. Krishna expôs aqui esta parte da ciência do yoga de forma sucinta para o compreensivo Arjuna – o devoto iogue avançado. Os rudimentos são os seguintes:

—❖—

O Caminho Esotérico do Fogo e da Luz seguido pelo Iogue até a Libertação

A estrofe 24 afirma que o iogue que alcança a liberação deve seguir o caminho do "fogo". Aqui "fogo" significa a energia vital, o poder da kundalini. O primeiro passo científico do devoto em direção à emancipação é obter o controle de sua força vital. Nos homens comuns, o curso do prana é descendente, "o caminho das trevas", fluindo do cérebro para os nervos sensoriais e para as incontáveis células do corpo. Esta dispersão e difusão da energia vital revelam à consciência humana o mundo material.

No iogue bem-sucedido, por outro lado, o curso do prana é ascendente, "o caminho da luz". Através do yoga ele inverte a direção do fluxo e é capaz de concentrar toda a sua força vital dentro do cérebro, no "sol" da Consciência Cósmica. Desta forma Deus é revelado.

O "sol" da Consciência Cósmica é a Fonte Suprema de vida e

inteligência no corpo, com Sua morada no sétimo ou mais elevado centro espiritual, no cérebro, no lótus de mil pétalas – um raio de sol como o de mil sóis. Toda a vida e todas as faculdades do corpo evoluem a partir desta potência de luminosidade através dos raios projetados do olho espiritual.21

"Luz" na estrofe 24 refere-se ao olho divino na testa, cujo despertar permite ao iogue dizer com Cristo: "Eu sou a luz do mundo: quem me segue não andará nas trevas, mas terá a luz do mundo". vida."22

A luz do olho espiritual é uma projeção do "sol" da Consciência Cósmica. Através da luz do olho espiritual, o iogue segue o caminho para o Espírito.

"Diurno" é a manifestação do olho espiritual durante o estado de meditação samadhi. Este é o "dia" do iogue, pois ele despertou do sono da ilusão.

"A metade brilhante do mês lunar" é aquela metade da consciência do iogue avançado que permanece "desperta" e sintonizada com a Consciência Cósmica, mesmo quando a outra metade de sua consciência está "adormecida" ou ativa, no mundo material da ilusão. Uma referência semelhante é feita em II:69: "Aquilo que é noite para todas as criaturas é vigília para o homem de autodomínio. E o que é a vigília para os homens comuns, isso é a noite para o sábio divinamente perceptivo." (Veja comentário em II:69)

A lua, cuja luz é um reflexo do sol, tem uma quinzena clara (período crescente) e uma quinzena escura (período minguante) em seu ciclo mensal. O sol da Consciência Cósmica que brilha sobre a matéria (a luz do mundo astral e do corpo que sustenta e vivifica o mundo e o corpo materiais) é aqui referido como luz refletida ou lunar. No homem, um universo em miniatura, seu lado positivo é quando ele é espiritualizado e voltado para a Consciência Cósmica; e seu lado sombrio é quando ele se volta para a ilusão. No iogue avançado, os centros cérebro-espinhais, embora desempenhem suas atividades que vivificam externamente o corpo (necessitando de seu trabalho através dos instrumentos da Natureza, ou ilusão, o fluxo externo ou "lado escuro"), permanecem, no entanto, interiormente em um ambiente espiritualizado ou iluminado. estado.

Quando o iogue se retira das atividades externas e entra em samadhi através da luz do olho espiritual, esta é a verdadeira “quinzena brilhante”, aquele período do dia em que todo o seu ser está interiormente em chamas, voltado para o Espírito, aquecendo-se ao “sol”. da Consciência Cósmica.

Os “seis meses” são os seis centros espinhais, o coccígeo para o olho espiritual. Assim, os “seis meses do curso norte do sol” referem-se aos seis períodos de percepções espirituais nestes centros à medida que a consciência e a vida (que descem do “sol” da Consciência Cósmica para o corpo) são invertidas para fluir para cima, “ norte”,23 à sua Fonte Suprema no cérebro.

O que acontece à medida que o iogue se move ao longo deste “caminho da luz” é uma transição verdadeiramente intricada da sua vida e consciência através do olho espiritual: Primeiro, a vida e a consciência movem-se para cima através da coluna física e do cérebro, libertando o iogue do corpo físico; em seguida, transita pelas três espinhas astrais de luz (sushumna, vajra, chitra), libertando o iogue do corpo astral; e, por último, ascensão através da “espinha dorsal” causal da consciência (brahmanadi), por meio da qual a alma é liberada em Espírito. Na morte, a alma do iogue bem-sucedido, seguindo esse caminho, eleva-se majestosamente, desimpedida, dos ciclos giratórios de renascimentos obrigatórios.

O Caminho das Trevas e a Escravidão Mortal

Agora é descrito, no versículo 25, em contraste, o “caminho das trevas” que leva à contínua escravidão mortal.

“Fumaça” significa ignorância, ou ilusão, que obscurece a percepção divina da realidade e que mantém o homem, mesmo o ainda aspirante a iogue, na consciência corporal.

“Noite” é o estado de escuridão causado pela ignorância. Jesus disse: “A luz do corpo é o olho (o olho onisciente único ou espiritual): se, portanto, o teu olho for único, todo o teu corpo estará cheio de luz. Mas se o teu olho for mau (obscurecido pela ilusão), todo o teu corpo ficará cheio de trevas. Se, portanto, a luz que há em ti são trevas, quão grandes são essas trevas!”24

“A metade escura do mês lunar” é a vida e a consciência que fluem dos centros cerebrospinais no homem espiritualmente não desperto, que o faz ter sonhos de atividade material ilusória em sua noite de ignorância.

“Os seis meses do curso sul do Sol” refere-se à descida do “sol” da Consciência Cósmica, nublado pela ilusão, através dos seis centros espinhais até a parte inferior ou “sul” do corpo, especificamente os três centros espinhais inferiores. associado à consciência material.

❖

Experiência de morte do homem não iluminado

❖

Estas referências neste contexto são especificamente em relação ao momento da morte ou saída do corpo físico. Aqueles cuja visão divina interior está obscurecida pela “fumaça” da ilusão deixam o corpo na “noite”, ou escuridão da ignorância – inconscientes, ou pelo menos não totalmente conscientes, da transição do corpo e do mundo físico para o astral. Partindo na “quinzena lunar escura”, com a sua consciência não desperta nos centros espinhais ainda atraída por atividades materiais ilusórias, a sua consciência e força vital que saem retiram-se do corpo físico e fluem para baixo, “o curso sul”. Dessa forma, movendo-se inconscientemente através do “lado escuro” ou energia que flui dos seis centros espinhais, ele desce ao corpo astral. Seu estado de avanço e bom carma determinam se sua saída do corpo físico e subsequente permanência no astral serão passadas em escuridão inconsciente, como um sono profundo, com sonhos ou vislumbres talvez ocasionais do mundo astral (somente pessoas más experimentam pesadelos astrais , ou “inferno”), ou se ele está totalmente desperto na glória dos reinos celestiais. Em qualquer caso, não tendo alcançado a liberdade em Espírito, mas apenas a “luz lunar”, ou envoltório astral de sua alma, ele permanece no mundo astral por um tempo carmicamente predeterminado; e então seus desejos físicos e carma fazem com que ele renasça. Na “escuridão” ou sono da morte astral, ele passa para a célula unida pelo espermatozóide e pelo óvulo e começa seu renascimento no ventre escuro de sua nova mãe.

Mesmo o iogue realizado que, na meditação do samadhi, atinge estados elevados de comunhão divina, mas não abriu todas as portas para a

libertação dos invólucros físicos, astrais e causais da alma, tem de retornar do samadhi para a consciência corporal. Na morte, sua permanência astral é gloriosa. Mas tendo alcançado apenas a "luz lunar" do céu astral, e abrigando carma e desejos materiais inacabados, ele volta ao renascimento na terra, mas com aspiração divina que o predispõe a uma vida espiritual.

Uma interpretação literal destes versos, de que o iogue deve morrer durante o dia, bem como em uma quinzena luminosa que ocorra dentro do período de seis meses da passagem norte do sol, é absurda. Um iogue iluminado deixa seu corpo instantaneamente a qualquer hora que ele escolher durante o dia ou a noite, na quinzena lunar clara ou escura, no curso norte ou sul do sol! Ele não precisa consultar as estrelas sem cérebro durante uma hora auspiciosa. Desde o início dos tempos, nunca houve uma hora "desfavorável" para o homem despertar da ilusão!

VERSÍCULOS 27–28

naite sṛtī partha jānan yogī muhyati kaścana
tasmāt sarveṣu kāleṣu yogayukto bhavārjuna (27)

vedeṣū yajñeṣu tapaḥsu caiva daneṣu yat puṇyaphalaṁ pradiṣṭam
atyeti tat sarvam idaṁ viditvā yogī paraṁ sthānam upaiti cādyam (28)

(27) Nenhum iogue que compreenda esses dois caminhos será jamais iludido (ao seguir o caminho das trevas). Portanto, ó Arjuna! em todos os momentos mantenha-se firmemente no yoga.

(28) Aquele que conhece a verdade sobre os dois caminhos ganha mérito muito além de qualquer implícito no estudo das escrituras, ou em sacrifícios, ou em penitências, ou em dar presentes. Esse iogue alcança sua Origem Suprema.

Saber que ele vive num estado de ilusão cósmica é o primeiro vislumbre precioso da verdade que o homem tem. Aprender e praticar yoga – o método de libertação da ilusão – é possuir um tesouro incomparável. Então,

ó devoto! “mantenha-se sempre firmemente no yoga.”

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
akṣarabrahmayogo nāmāṣṭamo ’dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o oitavo capítulo, chamado “União com o Espírito Absoluto”.

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO IX

O Conhecimento Real, O Mistério Real

❖

Percepção Direta de Deus, Através de Métodos de Yoga “Fáceis de Executar”

❖

Como o Senhor permeia toda a criação, mas permanece transcendente

❖

O método correto de adorar a Deus

ॐ

“Assim Bhagavan Krishna resume o discurso deste capítulo sobre como resolver pela Auto-realização através do yoga o mistério da imanência e transcendência simultâneas do Espírito. Através da ciência divina do yoga, ou união, com Deus, o iogue se une ao Espírito transcendente, além dos sonhos de manifestação, ao mesmo tempo que permanece imanente e ativo, com o Espírito, no drama do sonho cósmico.”

OceanoofPDF. com

Capítulo IX

O Conhecimento Real, O Mistério Real

Percepção Direta de Deus, Através de Métodos de Yoga "Fáceis de Executar"

Versículos 1–3

śrībhagavan uvāka
idaṁ tu te guhyatamaṁ pravakṣyāmy anasūyave
jñānaṁ vijñānasahitaṁ yaj jñātvā mokṣyase 'śubhāt (1)

rājavidyā rājaguhyaṁ pavitram idam uttamam
pratyakṣāvagamaṁ dharmyaṁ susukhaṁ kartum avyayam (2)

aśraddadhānāḥ puruṣā dharmasyāsya paraṁtapa
aprāpya māṁ nivartante mṛtyusaṁsāravartmani (3)

O Bendito Senhor disse:
(1) A ti, o que não critica, revelarei agora o mistério sublime (a natureza imanente-transcendente do Espírito). Possuindo a compreensão intuitiva desta sabedoria, você escapará do mal.

(2) Esta realização intuitiva é o rei das ciências, o segredo real, o purificador incomparável, a essência do dharma (o dever justo do homem); é a percepção direta da verdade – a iluminação imperecível – alcançada através de métodos (de yoga) muito fáceis de executar.

(3) Homens sem fé neste dharma (sem devoção às práticas que concedem a realização) não Me alcançam, ó Opressor de Inimigos (Arjuna)! Repetidamente eles trilham o caminho obscuro da morte do samsara (as rondas do renascimento).

O Senhor Krishna proclama aqui a Auto-realização, a verdadeira sabedoria, como o ramo mais elevado de todo o conhecimento humano - o rei de todas as ciências, a própria essência do dharma ("religião") - pois somente ela desenraíza permanentemente a causa do triplo sofrimento do homem e revela para ele, sua verdadeira natureza de Bem-aventurança.1 A autorrealização é yoga ou “unidade” com a verdade – a percepção ou experiência direta da verdade pela onisciente faculdade intuitiva da alma. Esta realização intuitiva é a base de toda experiência religiosa válida, a própria essência do dharma (religião ou retidão), como aqui afirmado no Gita.

O devoto que, através do yoga, se estabelece na Auto-realização possui a sabedoria intuitiva onisciente da percepção direta que penetra até o âmago do mistério de como o Senhor é ao mesmo tempo imanente e transcendente. Ao perceber sua própria unidade com Deus, o iogue sabe que ele próprio é um microcosmo de imanência e transcendência; ele permanece trabalhando no mundo sem perder a consciência de sua sublime natureza anímica, e assim escapa do “mal” das complicações ilusórias.

Muitos filósofos, especialmente no Ocidente, assumem a atitude derrotista de que Deus é incognoscível. A visão oposta é exposta no Gita – e em nenhum lugar mais claramente do que nestes versos: A Verdade mais elevada pode ser conhecida pela experiência direta.

A nossa actual Era Atómica foi inaugurada por cientistas que acreditavam na possibilidade de uma vasta expansão do conhecimento humano. Através de uma visão corajosa e de uma laboriosa experiência, eles realizaram uma tarefa que os homens dos séculos anteriores consideravam vã e quimérica – a divisão do átomo e a libertação das suas energias ocultas. Homens de boa vontade que realizam esse trabalho serão divinamente orientados a usar o novo conhecimento para propósitos construtivos e para a melhoria da vida humana.2

A ciência da ioga foi desenvolvida de forma semelhante por homens de grandes aspirações. Eles ansiavam pela Verdade Eterna e aperfeiçoaram uma ciência de técnicas aplicadas internamente que conseguiram construir uma ponte sobre o abismo que de outra forma seria intransponível entre o homem e seu Criador. O Indescritível Único, de fato, não deve ser conquistado levianamente, mas foi conquistado por muitos sábios reais; e será conquistado, sempre que surgir um devoto com anseio e determinação suficientes. Mas “o caminho” tem que ser conhecido. Esse caminho secreto é o yoga, “fácil de praticar” e que confere “iluminação imperecível”.

Como o Senhor permeia toda a criação, mas permanece transcendente

Versículos 4–6

mayā tatam idaṁ sarvaṁ jagad avyaktamūrtina
matsthāni sarvabhūtāni na cāhaṁ teṣv avasthitaḥ (4)

na ca matsthāni bhūtāni paśya me yogam aiśvaram
bhūtabhṛn na ca bhūtastho mamatmā bhūtabhāvanaḥ (5)

yathākāśasthito nityaṁ vāyuḥ sarvatrago mahān
tathā sarvāṇi bhūtāni matsthānīty upadhāraya (6)

(4) Eu, o Imanifestado, permeio todo o universo. Todas as criaturas habitam em Mim, mas Eu não habito nelas.

(5) Eis Meu Mistério Divino! em que todos os seres aparentemente não estão em Mim, nem o Meu Eu habita neles; no entanto, só eu sou seu Criador e Preservador!

(6) Entenda isto assim: Assim como o ar se move livremente nas infinidades do espaço (akasha), e tem sua existência no espaço (embora o ar seja diferente do espaço), da mesma forma todas as criaturas têm sua existência em Mim (mas elas são não eu).

Estas palavras incorporam uma porção da mais elevada sabedoria, “o mistério sublime” que Krishna prometeu revelar a Arjuna (IX:1). O pensamento: “A criação, embora permeada por Deus, ainda assim não O compreende nem revela Sua essência”, é libertador para o verdadeiro devoto – aquele que não se apega a nenhum estado de ser fenomênico, mas encontra sua própria Realidade apenas no Inominável Sem Origem. .

Todo esse sonho cósmico e suas criaturas são produzidos pelo feixe puro e indistorcível da consciência de Deus. Mas Sua consciência infinita e sem forma é sempre transcendente, não limitada ou pelas manifestações finitas dos sonhos.3

Um homem que olha para o céu, para as montanhas e para o oceano, não detecta neles a Presença Divina. O raio sutil do Criador é imperceptível ao olhar humano. Porque Ele está em toda parte, é como se Ele não estivesse em lugar nenhum.

Embora todas as criaturas sejam formadas pela textura de Deus, Ele não é contido nem esgotado por elas. Esta interpretação explica a aparente contradição nestes versículos – que, embora o Senhor permeie o mundo, ainda assim Ele não habita nele.

Pelo misterioso poder de Deus (Yogam Aishvaram ou Yoga Divino), Sua consciência cósmica não manifestada e sem vibração está subjacente a todos os seres vibratórios, que, no entanto, não podem ser observados como existindo Nele, nem O afetam. Embora um feixe de luz transmita e sustente cenas cinematográficas, com todas as suas variedades e contrastes, o feixe em si não sofre transformações. Da mesma forma, os filmes da criação não perturbam o raio originário do Senhor.

Assim como o vento, vagando em todas as direções sobre o céu infinito, ainda é incapaz de afetar o céu, o panorama colossal da criação permanece sem influência na consciência eterna de Deus.

Assim como as imagens mutáveis de um sonho não alteram a natureza essencial da consciência do sonhador, as cenas evanescentes do sonho cósmico, com suas hordas de seres emocionais tumultuados que trabalham e brincam dentro dele, não envolvem o Sonhador Divino Imutável.

Tal é o paradoxo da criação: Deus existe como a Alma de todos os

homens, criando-os e sustentando-os, mas não se envolve com eles. E os seres humanos, embora saturados de Deus, são dominados pela ilusão cósmica e sujeitos ao nascimento e à morte. Realmente um mistério!

No final, todas as especulações sobre os segredos últimos de Deus e da criação são inúteis. O facto evidente está sempre connosco: o homem está aqui e agora a passar pelos dolorosos testes da encarnação humana. Assim como os prisioneiros conspiram incessantemente para recuperar a liberdade, os sábios entre os homens esforçam-se por escapar ao confinamento da mortalidade. A Seu devido tempo, de Seus próprios lábios inefáveis, o Senhor revelará a Seu devoto todos os mistérios do céu e da Terra.

VERSÍCULOS 7–8

sarvabhūtāni kaunteya prakṛtiṁ yānti para mães
kalpakṣaye punas tāni kalpādau visṛjāmy aham (7)

prakṛtiṁ svām avaṣṭabhya visṛjāmi punaḥ punaḥ
bhūtagrāmam imaṁ kṛtsnam avaśaṁ prakṛter vaśāt (8)

(7) Ao final de um ciclo (kalpa), ó Filho de Kunti (Arjuna), todos os seres retornam ao estado não manifestado de Minha Natureza Cósmica (Prakriti). No início do próximo ciclo, novamente eu os lancei.

(8) Ao revivificar Prakriti, Minha própria emanação, eu produzo repetidas vezes esta hoste de criaturas, todas sujeitas às leis finitas da Natureza.

Se o filme em uma bobina desenrolada for subitamente destruído, as imagens na tela desaparecem imediatamente. Da mesma forma, quando o filme da Natureza ou Prakriti, iluminado por Deus, é dissolvido no final de um kalpa, todas as imagens da criação nos sonhos cósmicos desaparecem. Novamente, no início de outro kalpa, o Senhor desperta a Mãe Natureza e faz com que ela retome a exibição objetiva – a dos seres materializados desempenhando seu papel na “tela” do tempo e do espaço.

Esses ciclos de evolução e involução são eternos. “O show deve continuar”, embora um por um os atores se libertem e sejam substituídos por um novo elenco. Uma parte da consciência de Deus estará sempre envolvida na exibição de mundos fenomênicos – o palco onde uma multidão de Seus filhos deve desempenhar seus papéis até que, através da verdadeira Auto-realização, eles obtenham uma “demissão honrosa”.

No intervalo de tempo do infinito, começo e fim fornecem apenas um conceito inescrutável que se volta para dentro de si mesmo para sair novamente onde entrou.

VERSÍCULO 9

na ca māṁ tāni karmāṇi nibadhnanti dhanaṁjaya
udāsīnavad āsīnam asaktaṁ teṣu karmasu

Mas essas atividades não me envolvem, ó Vencedor da Riqueza (Arjuna), pois permaneço acima delas, distante e desapegado.

Assim como uma pessoa cujo trabalho é operar uma roda gigante em um parque de diversões não sente nenhuma identidade com o envolvimento emocional pessoal dos passageiros, da mesma forma o Mestre desta roda gigante giratória da criação - que é alternadamente iniciada e interrompida por Sua vontade — permanece um observador, uma testemunha imparcial.

Enquanto os homens gostarem de andar na roda do entretenimento cósmico, deverão permanecer ligados a ela, experimentando impotentes as cenas de nascimento e morte, de prazer e dor. Mas o Senhor aqui nos conta o segredo pelo qual Ele participa sem envolvimento na criação: o desapego. Embora seja o único Fazedor, Ele não tem egoísmo e por isso permanece livre. O homem, percebendo que “tudo isso é Deus, não eu e meu”, torna-se um espectador desinteressado, livre de motivos egoístas e emoções inflamatórias, quer olhando para a sua própria vida ou para a vida dos outros.

Ao colocar Seus filhos nesta maravilha mecânica, a Terra em rotação, Deus deseja que eles administrem o espetáculo cósmico, mas com Sua

orientação, não nos caminhos caóticos dos homens iludidos.

Existir sem paz de espírito neste mundo é habitar uma espécie de Hades. Mas o homem de percepções divinas encontra na terra uma morada feliz. Um sonhador que tem um pesadelo é torturado; mas assim que ele percebe que se trata de uma brincadeira subconsciente da consciência, ele ri disso.

O homem comum atribui grande importância ao espetáculo mundano. Mas um iogue leva o show do sonho levianamente, e só Deus leva a sério.

VERSÍCULO 10

mayādhyakṣeṇa prakṛtiḥ sūyate sacarācaram
hetunānena counteya mundo viparivartate

Ó Filho de Kunti (Arjuna), é somente Minha presença fecundante que faz com que a Mãe Natureza dê à luz o animado e o inanimado. Por minha causa (através de Prakriti) os mundos giram em ciclos alternados (de criação e dissolução).

Embora Deus, como a Luz Cósmica Divina, seja o Criador-Diretor dos filmes ilusórios da Natureza e de suas produções de imagens oníricas felizes e dolorosas, ainda assim Ele não é o Executor direto. Prakriti, animado por Sua luz, faz todo o mal e todo o bem na criação.

Contudo, a Mãe Cósmica não poderia existir nem operar sem o poder e a orientação do Divino não manifestado. Deus e a Natureza são, portanto, indivisíveis, embora diversos, como as duas faces de uma moeda. As escrituras hindus nos dizem que mesmo Prakriti, tão próxima do Senhor transcendental, acha difícil compreender a maneira como Ele se manifesta misteriosamente através dela, fazendo-a sentir que ela é a criadora, enquanto na realidade Ele é a Origem invisível de tudo. .

VERSÍCULOS 11–12

avajānanti māṁ mūḍhā mānuṣīṁ tanum āśritam
paraṁ bhāvam ajānanto mama bhūtamaheśvaram (11)

moghāśā moghakarmāṇo moghajñānā vicetasaḥ
rākṣasīm āsurīṁ caiva prakṛtiṁ mohinīṁ śritāḥ (12)

(11) Os ignorantes, alheios à Minha natureza transcendental como o Criador de todas as criaturas, desconsideram também a Minha presença na forma humana.

(12) Carecendo de discernimento, seus desejos, pensamentos e ações são todos vãos, tais homens possuem a natureza ilusória de demônios e demônios.

Prakriti tem três gunas ou qualidades de manifestação. Estas duas estrofes referem-se a homens com predominância de tamas ou ignorância (a natureza dos demônios) e aqueles com uma superabundância de rajas ou atividades para objetivos egoístas (a natureza dos demônios).

A estrofe seguinte (13) menciona homens repletos da terceira guna, sattva ou sabedoria.

Versículos 13–15

mahātmānas tu māṁ pārtha daivīṁ prakṛtim āśritāḥ
bhajanty anyamanaso jñātvā bhūtādim avyayam (13)

satataṁ kīrtayanto māṁ yatantaś ca drṛḍhavratāḥ
namasyantaś ca māṁ bhaktyā nityayuktā upāsate (14)

jñānayajñena capy anye yajanto mām upāsate
ekatvena pṛthaktvena bahudhā viśvatomukham (15)

(13) Mas os mahatmas (“grandes almas”), ó Filho de Pritha (Arjuna), expressando em sua natureza qualidades divinas, oferecem a Mim a homenagem de suas mentes inabaláveis, conhecendo-Me como a Fonte imperecível de toda a vida.

(14) Constantemente absortos em Mim, curvando-se em adoração, fixos e resolutos em sua elevada aspiração, eles Me adoram e sempre louvam Meu nome.

(15) Outros, também, realizando o yajna do conhecimento, adoram-Me, o Senhor de Corpo Cósmico, de várias maneiras – primeiro como os Muitos e depois como o Um.

Os seres sáttvicos, livres das ilusões ofuscantes das qualidades rajas e tamas, veem Deus dentro e fora, em todas as coisas, e assim permanecem sempre em Sua proximidade. A sua bondade intransigente e a sua devoção sem distrações não oferecem resistência à atração natural da alma em direção ao Espírito – a atração do amor do Senhor que persegue cada alma, mesmo até aos confins da ilusão.

A estrofe 14 refere-se ao caminho devocional (bhakti). A mente e o coração do bhakta, imersos no amor de Deus, estão sempre atentos a Ele. Cada pensamento e ação são compreendidos como uma nova oportunidade de amá-Lo e adorá-Lo. Através dos seus olhos e ações que emanam amor, e da felicidade magnética da sua devoção silenciosa, eles atraem outras almas para Deus. O Senhor é glorificado pela eloquência de uma vida tão exemplar. Não há outra maneira de louvá-Lo.

A estrofe 15 refere-se ao caminho da sabedoria (jnana). À medida que o iogue progride espiritualmente, ele oferece seus múltiplos estados de conhecimento como oblações num fogo sempre crescente de sabedoria. Dessa forma ele adora o Infinito como a miríade de manifestações de suas percepções divinas; finalmente, todos estão misturados em One Blessed Blaze. Através de muitas percepções, o devoto aprende a adorar o Senhor com uma única percepção – o conhecimento Dele como o Absoluto. Primeiro o iogue vê: “Deus é Tudo”, depois compreende a simplicidade última, “Deus”.

VERSÍCULO 16

ahaṁ kratur ahaṁ yajñaḥ svadhāhaṁ aham auṣadham
mantro 'ham aham evājyam aham agnir ahaṁ hutam

Eu sou o rito, o sacrifício, a oblação aos antepassados, a erva medicinal, o canto sagrado, a manteiga derretida, o fogo sagrado e a oferenda.

As cerimônias védicas de sacrifício, nas quais manteiga clarificada é colocada no fogo, simbolizam a entrega do eu ao Eu. Todas as dádivas que Deus concedeu ao homem são oferecidas a Ele pelo devoto.

O devoto sáttvico considera todas as suas ações – sejam seculares, espirituais ou ritualísticas – como ritos sagrados e oblações oferecidas no fogo purificador da consciência de Deus. Assim como os objetos e seres oníricos não podem ser separados de seu sonhador, da mesma forma, o devoto que oblata honra o Senhor como o Doador, a Oferta e o Recebedor.

VERSÍCULO 17

pitāham asya jagato mātā dhatā pitāmahaḥ
vedyaṁ pavitram oṁkāra ṛk sāma yajur eva ca

Deste mundo eu sou o Pai, a Mãe, o Ancestral, o Preservador, o Santificador, o Objeto de Conhecimento todo-inclusivo, o Aum Cósmico e também a tradição Védica.

O Espírito Imanifestado é a Causa Suprema, o Ancestral de Deus, o Pai da Criação (Sat, ou Consciência Cósmica); Deus, o Filho, Seu reflexo na criação como o Preservador (Tat, o Krishna ou Consciência Crística); e Deus, o Espírito Santo (Aum, a Mãe ou Natureza Cósmica, trazendo à tona os mundos através de Sua vibração criativa).

O Espírito como a Única Realidade é o Único Objeto de Conhecimento, compreendendo o qual o homem compreenderá simultaneamente todos os outros conhecimentos. O Espírito é o Santificador que purifica o homem do pecado e da ilusão; e Ela também é a Fonte da sabedoria Védica ou eterna.

VERSÍCULO 18

gatir bhartā prabhuḥ sākṣī nivāsaḥ śaraṇaṁ suhṛt

prabhavaḥ pralayaḥ sthānaṁ nidhānaṁ bījam avyayam

Eu sou o Objetivo Final, o Sustentador, o Mestre, a Testemunha, o Abrigo, o Refúgio e o Único Amigo. Eu sou a Origem, a Dissolução, a Fundação, o Armazém Cósmico e a Semente Indestrutível.

Deus é o Único Amigo do homem, Aquele que finalmente restaura em Seu seio todos os filhos dos Seus sonhos. Ele é a Consciência Única que cria, preserva, dissolve e testemunha toda a criação; o Armazém Único onde todos os projetos de sonhos cósmicos são mantidos durante os kalpas de dissolução. E no início dos grandes kalpas de manifestação é Ele, como a Semente Imperecível, que fertiliza Prakriti e vivifica suas formas multiformes.

Versículo 19

tapāmy aham ahaṁ varṣaṁ nigṛhṇāmy utsṛjāmi ca
amṛtaṁ caiva mṛtyuś ca sad asac cāham arjuna

Eu concedo calor solar, ó Arjuna, e dou ou retenho a chuva. A imortalidade sou eu, e também a Morte; Eu sou o Ser (Sat) e o Não-Ser (Asat).

O Senhor aqui se apresenta como o Grande Paradoxo. Como Criador de Maya, o Mago Cósmico, Ele é responsável pelos “pares de opostos”, as sugestões contrastantes aceitas por todas as criaturas sob a influência hipnótica de maya – calor e frio, vida e morte, verdade e falsidade (realidade e ilusão).

O método correto de adorar a Deus

Versículos 20–21

traividyā māṁ somapāḥ pūtapāpā yajñair iṣṭvā svargatiṁ prārthayante
te puṇyam āsādya surendralokam aśnanti divyān divi devabhogān (20)

te taṁ bhuktvā svargalokaṁ viśālaṁ kṣīṇe puṇye martyalokaṁ viśanti
evaṁ bandejaīdharmam anuprapannā gatagataṁ kāmakāmā labhante (21)

(20) Os ritualistas Veda, purificando-se do pecado pelo rito soma, adoram-Me por meio de yajna (sacrifício), e assim conquistam seu desejo de entrar no céu. Lá, no reino sagrado das divindades astrais, os devotos desfrutam dos sutis prazeres celestiais.

(21) Mas depois de se deleitarem nas gloriosas regiões superiores, tais seres, ao expirar seu bom carma, retornam à terra. Assim, obedecendo aos regulamentos bíblicos, desejando os prazeres (as recompensas celestiais prometidas), eles percorrem o caminho cíclico (entre o céu e a terra).

Aqueles que desejam os frutos celestiais das ações e que, portanto, se purificam por meio de ritos védicos (ou quaisquer outros rituais ou preceitos bíblicos) e por uma vida correta, recebem a satisfação da aspiração de seus corações: a entrada nas moradas astrais sagradas. Mas essa “entrada” leva inevitavelmente a uma “saída”, porque tais devotos não desejavam Deus, mas apenas Suas dádivas.

Para tais aspirantes, o bom carma produz apenas um período de prazeres astrais. Seja longo ou curto, esse período terminará. Mas aqueles que amam o Senhor de todo o coração e que trabalham para Ele sem desejar os frutos da ação - aqueles que realizam o verdadeiro yajna do yoga, oferecendo-se ao Ser, e que, por meio de técnicas de yoga dadas pelo guru, purificam seus corpos e consciência com o néctar soma da energia vital divina4 - conquiste a libertação eterna.

Bons sonhos – aqueles das altas esferas astrais – ainda são sonhos e

mantêm a alma iludida. Um iogue sábio não deseja passar encarnações viajando de um sonho bom para outro. O confinamento em belas prisões de sonho não o atrai. A Unidade com a Realidade Suprema é seu único objetivo.

VERSÍCULO 22

ananyāś cintayanto māṁ ye janāḥ paryupāsate
teṣāṁ nityābhiyuktānāṁ yogakṣemaṁ vahāmy aham

Aos homens que meditam em Mim como seu Próprio, sempre unidos a Mim pela adoração incessante, Eu supri suas deficiências e torno seus ganhos permanentes.

Os devotos que são fiéis ao seu Criador, percebendo-O em todas as diversas fases da vida, descobrem que Ele tomou conta de suas vidas, até nos mínimos detalhes, e suaviza seus caminhos pela concessão da previsão divina. Assim diz o sábio Rei Salomão: “Confia no Senhor de todo o teu coração…. Reconheça-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas.”5

Aquele que preserva o colossal sonho cósmico defende amorosamente a sabedoria dos iogues, uma vez que eles a tenham encontrado. E o Senhor Inesgotável não encontra dificuldade em fornecer aos Seus devotos alimento e abrigo para o corpo, bem como todos os outros acessórios necessários à vida dos sonhos.

Esta estrofe do Gita nos lembra as palavras de Cristo: “Mas buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça; e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”6

A maioria dos homens gasta insensatamente suas vidas valiosas na busca de riquezas materiais, que devem ser abandonadas na morte. Os iogues usam seus esforços para encontrar a sabedoria imperecível. Sua riqueza espiritual é depositada por Deus no banco da eternidade, para ser usada por eles para sempre.

VERSÍCULOS 23–24

ye ’py anyadevatābhaktā yajante śraddhayānvitāḥ
te 'pi mām eva kaunteya yajanty avidhipūrvakam (23)

ahaṁ hi sarvayajñānāṁ bhoktā ca prabhur eva ca
na tu mām abhijānanti tattvenātaś cyavanti te (24)

(23) Ó Filho de Kunti (Arjuna), mesmo os devotos de outros deuses, que sacrificam a eles com fé, adoram-Me somente, embora não da maneira correta.

(24) Eu sou de fato o único desfrutador e Senhor de todos os sacrifícios. Mas eles (os adoradores das Minhas formas inferiores) não Me percebem na Minha verdadeira natureza; portanto, eles caem.

Um devoto que oferece sua lealdade a outros deuses, mesmo às divindades astrais mais elevadas, não adora Deus como o Infinito, mas apenas como uma ou mais de Suas manifestações finitas. Estas, como o resto da criação, são meras aparências e não a Realidade.

Um devoto só pode elevar-se até o ponto e o objetivo de sua adoração. Se um homem virtuoso propicia deuses menores, ou adora com o objetivo de alcançar os prazeres glorificados de uma vida no céu, o Ser Supremo é de fato tocado pela devoção do buscador a Ele em qualquer forma, e no estado pós-morte nas regiões celestes concede lhe a realização de suas expectativas. Mas depois de um tempo, ainda nos reinos do retorno, ele cai novamente no nascimento mortal e deve trabalhar novamente para obter o mérito divino. Assim ele sonha os sonhos de ir e vir enquanto permanece adormecido em ilusória separação do Espírito Indivisível que é ao mesmo tempo o Sonhador, o Sonhador e o Sempre Desperto Sem Sonhos.

O “caminho certo” de adoração, que leva à libertação, é através da meditação yoga que concede o samadhi da união divina com o Espírito.

VERSÍCULO 25

yānti devavratā devān pitṛīn yānti pitṛvratāḥ
bhūtāni yānti bhūtejyā yānti madyājino 'pi mām

Os devotos das divindades astrais vão até eles; os adoradores dos ancestrais vão para os manes; para os espíritos da natureza vão aqueles que os procuram; mas Meus devotos vêm a Mim.

O Gita (viii:6) afirma que o sentimento predominante no momento da morte determina a residência futura da pessoa. É de acordo com suas tendências devocionais que os homens vão para os mundos astrais elevados das divindades, ou para as regiões dos heróis ancestrais, ou para a morada dos espíritos elementais, ou para a liberdade eterna – a suprema esfera sem vibração de Deus.

Aqueles que comungam ao longo de suas vidas com o Senhor, na morte, não são lançados pelo Juiz Kármico em qualquer prisão de sonho cósmico, mas vão para seu Pai para se tornarem pilares em Sua mansão (cosmos não manifestado). Não tendo nenhum apego a este ou a qualquer outro mundo ou forma de existência, eles "não precisam mais sair".

Versículo 26

patraṁ puṣpaṁ phalaṁ toyaṁ yo me bhaktyā prayacchati
tad ahaṁ bhaktyupahṛtam aśnāmi prayatātmanaḥ

A apresentação reverente a Mim de uma folha, flor, fruta ou água, dada com pura intenção, é uma oferenda devocional aceitável aos Meus olhos.

Jesus disse que o pequeno presente de duas moedas, oferecido com devoção por uma viúva pobre, agradava mais a Deus do que a riqueza que era ostensivamente oferecida por homens irreligiosos.8 O derramamento de amor sincero é o único "sacrifício" que o Senhor deseja de Suas criaturas.

Deus diz: "Grandes iogues são raros, por isso raramente recebo dos habitantes da Terra o presente mais precioso – a entrega completa da alma a Mim. Portanto, aceito com alegria até mesmo uma pequena flor, salpicada

de lágrimas e devocionalmente perfumada, daqueles que têm pouco tempo para Mim, embora eu lhes dê Meu tempo e presentes.”

Esta estrofe também significa que o pensamento mais fugaz e a ação mais insignificante do homem podem ser usados como trampolins em direção à Sua presença. Os verdadeiros devotos oferecem-Lhe devotamente as folhas vivas de sua crescente compreensão e percepção espiritual, as flores mais seletas de amor do jardim secreto de seus corações, os frutos de suas ações altruístas e as águas sagradas santificadoras da comunhão divina interior intuitiva, reunidas reverentemente de o rio da meditação.

Na verdade, quão compassivamente indulgente e imparcial é o Senhor ao reconhecer tão prontamente não apenas o poderoso êxtase dos nobres iogues, mas também a “moeda da viúva” daqueles que podem dar pouco a Ele, mas dão tudo o que têm. Os iogues percebem a resposta de Deus de maneira gloriosa, até mesmo espetacular; Os devotos esforçados são abençoados com pensamentos e aspirações divinas, e a amorosa voz silenciosa de Deus os encoraja e os persuadi a avançar para Sua presença esperançosa.

ॐ

Os devotos das divindades astrais vão até eles; os adoradores dos ancestrais vão para os manes; para os espíritos da natureza vão aqueles que os procuram; mas Meus devotos vêm a Mim.

A apresentação reverente a Mim de uma folha, flor, fruta ou água, dada com pura intenção, é uma oferenda devocional aceitável aos Meus olhos.

—Bhagavad Gita IX:25-26

"Aqueles que adoram os seres estrelados dos sonhos, brilhando por uma pequena luz emprestada da Minha onisciência, não conseguem perceber Minha luminescência sutil espalhada por toda parte, sustentando as manifestações de todas as entidades. Adoradores de pequenos deuses – aspectos inferiores do Meu Ser onipresente – vão até eles e então devem renascer na Terra. Os devotos que em todos os lugares percebem Minha Luz Cósmica misturam-se com Ela e não precisam experimentar mais filmes oníricos de nascimentos e mortes."

—Paramahansa Yogananda

Versículos 27–32

yat karoşi yad aśnāsi yaj juhoṣi dadasi yat yat
tapasyasi kaunteya tat kuruṣva madarpaṇam (27)

śubhāśubhaphalair evaṁ mokṣyase karmabandhanaiḥ
saṁnyāsayogayuktātmā vimukto mām upaiṣyasi (28)

samo 'haṁ sarvabhūteṣu e me dveṣyo 'sti na priyaḥ
ye bhajanti tu māṁ bhaktyā mayi te teṣu capy aham (29)

api este suduracaro bhajate mām ananyabhāk
sādhur eva sa mantavyaḥ samyag vyavasito hi saḥ (30)

kṣipraṁ bhavati dharmātmā śaśvacchāntiṁ nigacchati
counteya pratijānīhi na me bhaktaḥ praṇaśyati (31)

māṁ hi pārtha vyapāśritya ye 'pi syuḥ pāpayonayaḥ
striyo vaiśyās tathā śūdrās te 'pi yānti parāṁ gatim (32)

(27) Quaisquer ações que você execute, ó Filho de Kunti (Arjuna), seja comendo, ou observando ritos espirituais, ou concedendo presentes, ou autodisciplinando – dedique-as todas como oferendas a Mim.

(28) Assim, nenhuma ação sua pode acorrentá-lo com carma bom ou mau. Com o teu Ser firmemente ancorado em Mim pelo Yoga e pela renúncia, você conquistará a liberdade e virá a Mim.

(29) Sou imparcial com todos os seres. Para Mim, ninguém é odioso, ninguém é querido. Mas aqueles que Me dão o amor do seu coração estão em Mim, assim como Eu estou neles.

(30) Mesmo um malfeitor consumado que se afasta de tudo para Me adorar exclusivamente pode ser contado entre os bons, por causa de sua decisão justa.

(31) Ele rapidamente se tornará um homem virtuoso e obterá paz sem fim. Diga a todos com certeza, ó Arjuna, que Meu devoto nunca perece!

(32) Refugiando-se em Mim, todos os seres podem alcançar a Realização Suprema – sejam eles de nascimento pecaminoso, ou mulheres, ou Vaishyas, ou Sudras.

Nessas estrofes, o Senhor oferece o mais doce consolo e a maior esperança a todos os Seus filhos, até mesmo aos que erram e estão confusos. Através da prática constante da meditação iogue, da renúncia aos desejos e apegos pela dedicação amorosa de todas as ações a Deus, do arrependimento e da resolução correta, não apenas os justos podem alcançar a libertação, mas até mesmo o mais perverso dos homens pode rapidamente emergir do pecado para a santidade, da ignorância para a luz curativa da sabedoria.

Não se pode dizer que nenhum homem seja tão depravado que esteja fora dos limites da Divina Misericórdia. E tal é a potência e o funcionamento misterioso da alma que às vezes até o mais perverso dos homens se transforma em santos.

Pessoas cruéis, condenando-se pela sua própria consciência, muitas vezes julgam que as suas almas estão perdidas para sempre. Mas o Gita garante que eles também poderão recuperar a sua herança espiritual há muito esquecida. Nenhum pecado é imperdoável, nenhum mal é insuperável, pois o mundo da relatividade não contém absolutos.

A estrofe 32 não lança insultos contra as mulheres e aqueles de baixo nascimento e empresários mundanos (Vaishyas) e trabalhadores identificados pelo corpo (Sudras). Nenhuma escritura sugere que estes sejam os "piores entre os pecadores"! O significado é: para um verdadeiro devoto, todas as desigualdades sociais são negadas.

Ao contrário da sociedade, Deus nunca desqualifica ninguém por causa de ocupação, sexo ou nascimento. Na realidade, a "árvore genealógica" de todos os seres é divinamente impressionante. Não são eles filhos do Altíssimo e co-herdeiros de um reino eterno?

Versículo 33

kiṁ punar brāhmaṇāḥ puṇyā bhaktā rājarṣayas tathā
anityam asukhaṁ lokam imaṁ prāpya bhajasva mām

Quão facilmente, então, posso ser alcançado por brâmanes santos (conhecedores de Deus ou Brahman) e sábios reais piedosos (Rajarishis)! Tu que entraste neste mundo impermanente e infeliz, adora apenas a Mim (Espírito).

Se até mesmo homens e mulheres pecadores podem refazer seus passos até o Lar Sagrado, quão desimpedida é a jornada, então, para pessoas com inclinações espirituais!

Versículo 34

manmanā bhava madbhakto madyājī māṁ namaskuru
mām evaiṣyasi yuktvaivam ātmānaṁ matparāyaṇaḥ

Fixe tua mente em Mim, seja Meu devoto, com adoração incessante, curve-se reverentemente diante de Mim. Tendo assim unido-te a Mim como a tua Meta Mais Elevada, tu serás Meu.

Assim Bhagavan Krishna resume o discurso deste capítulo sobre como resolver, pela Auto-realização através da ioga, o mistério da imanência e transcendência simultâneas do Espírito. Através da ciência divina do yoga, ou união, com Deus, o iogue se une ao Espírito transcendente, além dos sonhos de manifestação, ao mesmo tempo que permanece imanente e ativo, com o Espírito, no drama do sonho cósmico.

Na meditação iogue, ó devoto, fixe sua mente inabalavelmente em Deus; com devoção, entregue a Ele a consciência do ego e todas as suas ilusões oníricas. No rito interno da verdadeira adoração, oculte o pequeno eu no Eu no fogo sagrado da comunhão divina com o Espírito. Olhe apenas para Aquele que é o Senhor de Tudo, pois Ele é a consumação das perseguições do arco-íris das encarnações. Nele, todos os desejos multicoloridos se fundem no único esplendor da Bem-aventurança, no qual a alma é para sempre diademada com o Espírito.

O iogue Auto-realizado é um príncipe da paz sentado no trono da equilíbrio, dirigindo seu reino de atividade, totalmente devotado a Deus no coração e na mente, sacrificando a Ele os frutos de todas as suas ações. “Esse devoto”, diz o Senhor, “tendo Me obtido e permanecendo continuamente unido a Mim, será verdadeiramente Meu!”

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
rājavidyārājaguhyayogo nāma navamo ’dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o nono capítulo, chamado “União através do Conhecimento Real e do Mistério Real”.

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO X

As Infinitas Manifestações do Espírito Imanifesto

❖

O não nascido e o sem começo, além da forma e da concepção

❖

As diversas modificações da natureza de Deus

❖

Com alegria e devoção, os sábios o adoram

❖

O devoto ora para ouvir dos lábios do próprio Senhor: “Quais são os teus muitos aspectos e formas?”

❖

“Eu Te contarei sobre minhas expressões fenomenais”

“Ó Opressor de Inimigos (Arjuna), ilimitadas são as manifestações de Meus atributos divinos; Minha declaração concisa é uma mera sugestão de Meus gloriosos poderes proliferantes... Mas que necessidade tens, ó Arjuna, dos múltiplos detalhes desta sabedoria? Entenda simplesmente: Eu, o Imutável e Eterno, sustento e permeio todo o cosmos com apenas um fragmento do Meu Ser!”

OceanoofPDF. com

Capítulo X

As Infinitas Manifestações do Espírito Imanifesto

O não nascido e o sem começo, além da forma e da concepção

Versículos 1–3

śrībhagavan uvāka
bhūya eva mahābāho śṛṇu e paramaṁ vacaḥ
yat te 'haṁ prīyamāṇāya vakṣyāmi hitakāmyayā (1)

na me viduḥ suragaṇāḥ prabhavaṁ na maharṣayaḥ
aham ādir hi devānāṁ maharṣīṇāṁ ca sarvaśaḥ (2)

yo mām ajam anādiṁ ca vetti lokamaheśvaram
asaṁmūḍhaḥ sa martyeṣu sarvapāpaiḥ pramucyate (3)

O Bendito Senhor disse:
(1) Ó Armado Poderoso (Arjuna), ouça mais sobre Minha expressão suprema. Para o seu bem maior, falarei mais com você, que ouve com alegria.

(2) Nem a multidão de anjos nem os grandes sábios conhecem Minha Natureza Incriada, pois mesmo os devas e rishis (são seres criados e, portanto,) têm uma origem em Mim.

(3) Mas quem percebe que Eu sou o Não Nascido e o Sem Princípio, bem como o Soberano Senhor da Criação - esse homem conquistou a ilusão e alcançou o estado sem pecado, mesmo enquanto usava um corpo mortal.

A estrofe 2 não significa que os anjos e rishis liberados não entendam a natureza autoevoluída da Deidade, pois a estrofe 3 afirma expressamente que mesmo um mortal pode se tornar um jivanmukta (“libertado enquanto vive”) por essa mesma compreensão – Deus como ambos além criação (Sat) e na criação (Tat).

Estas estrofes significam, contudo, que a plena fusão na Transcendência Divina não é alcançável por nenhum ser criado; aquele que tem origem não pode ser o Sem Origem. A natureza essencial de Deus é Espírito, não forma; Infinito, não finitude.

A desencarnação – o estado de liberdade inimaginável alcançado pelo devoto depois de ele ter dissolvido pela sabedoria seus três veículos aprisionadores, o físico, o astral e o causal – é necessária antes que a alma do homem possa reunir-se ao Espírito per se.

❖

Mesmo os santos libertados são obrigados a aceitar alguma ilusão quando encarnam

❖

A estrofe 2 afirma a verdade metafísica de que todos os seres emancipados que aceitam a reencarnação (por ordem de Deus) são obrigados a trabalhar em harmonia com a Mãe Cósmica ou Natureza Legal, a quem o Senhor deu pleno poder sobre os mundos fenomênicos. Até certo ponto, mesmo esses seres exaltados têm de se colocar nominalmente sob a ilusão cósmica da Natureza e, assim, renunciar à plena realização do Espírito – imutável, não nascido e não manifestado. Eles são obrigados a aceitar maya ou ilusão como o único meio pelo qual seus corpos assumem visibilidade. O feixe de luz de um projetor de cinema não produz imagens na tela, a menos que passe pelas sombras de um filme. Da mesma forma, a Realidade Única não tem forma sem a presença do filme vibratório variegado de maya, o princípio da dualidade que divide o Indivisível e através da vibração cósmica projeta formas na tela do tempo e do espaço. A manifestação de qualquer forma testemunha a operação da vibração cósmica maíca da Natureza e, portanto, pertence à criação, não ao Incriado e Sem Vibração.

Esta estrofe, portanto, nos dá uma explicação para a conduta às vezes enigmática de mestres plenamente iluminados. Durante a sua crucificação,

Jesus tornou-se temporariamente consciente da ilusão cósmica; percebendo seu corpo onírico e sentindo suas agonias, ele gritou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” problemas e alegrias. Jesus e outros mestres choraram e comportaram-se de várias outras maneiras, como seres mortais.

Mas ninguém deveria pensar erroneamente que os grandes sábios e profetas não estão conscientes da verdadeira natureza de Deus. Aqueles devotos perfeitos que, mesmo após a liberação, usam um corpo terreno para realizar certas atividades no mundo dos fenômenos, estão simplesmente atentos ao sempre presente poder da ilusão cósmica. Entretanto, tais seres exaltados são capazes de descartar seus sonhos corporais à vontade e, assim, perceber o Espírito transcendental.

As diversas modificações da natureza de Deus

Versículos 4–5

buddhir jñānam asaṁmohaḥ kṣamā satyaṁ damaḥ śamaḥ
sukhaṁ duḥkhaṁ bhavo 'bhāvo bhayaṁ cābhayaṁ eva ca (4)

ahiṁsā samatā tuṣṭis tornou-se dānaṁ yaśo ’yaśaḥ
bhavanti bhāvā bhūtānāṁ matta eva pṛthagvidhāḥ (5)

Discriminação, sabedoria, ausência de ilusão, perdão, verdade, controle dos sentidos, paz de espírito, alegria, tristeza, nascimento, morte, medo, coragem, inocuidade, equanimidade, serenidade, autodisciplina, caridade, fama e infâmia — esses diversos estados de seres surgem somente de Mim como modificações de Minha natureza.

Assim como tudo no sonho de um homem é feito de sua consciência, tudo no sonho cósmico procede da Mente de Deus. Porque Ele é o Criador da Natureza Cósmica – com o seu princípio dualista de ilusão (maya ou a lei

dos opostos) e as suas qualidades triplas de sattva, rajas e tamas – o Senhor é responsável por todo o bem e mal, por todos os contrastes e contradições. e relatividades nos desdobramentos da mente humana e do destino humano.

Isso não quer dizer que uma pessoa seja boa ou má, alegre ou triste, porque Deus assim ordenou. Pelo contrário, todos os potenciais contrastantes são obra de Deus através das leis da Natureza; mas a forma como se manifestam no indivíduo ou através dele depende do padrão cármico dessa pessoa, criado pelo seu próprio uso e mau uso do livre arbítrio, que põe em operação na sua vida as qualidades sattva, rajas ou tamas da Natureza.

Todos os estados mentais e todos os condicionamentos internos e externos da humanidade servem a um propósito divino. Através da discriminação, da sabedoria, do autocontrole e de outros meios corretos, e pela experiência em muitas encarnações de estados de oposição – nascimento e morte, coragem e medo, fama e infâmia, alegria e tristeza – o ser humano busca finalmente o Sem Segundo, o verdadeiro Único.

VERSÍCULO 6

maharṣayaḥ sapta purve catvāro manavas tathā
madbhāvā mānasā jātā yeṣāṁ loka imāḥ prajāḥ

Os sete Grandes Rishis, os Quatro Primitivos e os (quatorze) Manus também são modificações da Minha natureza, nascidas do Meu pensamento e dotadas de poderes (criativos) como os Meus. Desses progenitores vieram todas as criaturas vivas da Terra.

Conforme citado no Gita IV:25 e VIII:4, o universo é criado através da diferenciação do Espírito. O Absoluto torna-se Deus Pai (transcendental além da criação), o Cristo ou Inteligência Kutastha (Seu reflexo puro onipresente na criação) e Maha-Prakriti ou Espírito Santo com suas outras seis inteligências ou divindades (a consciência criativa ativa do Senhor).

Esta estrofe atual refere-se a modificações adicionais da presença variante de Deus na atividade cósmica. Como um caleidoscópio infinito, as

multidivisões individualizadas de Sua inteligência onipresente, “às centenas e aos milhares”, conforme declarado no Capítulo XI, unem-se e dividem-se, combinam-se e recombinam-se, dentro do cilindro maíco do tempo e do espaço, para produzir a miríade de padrões de criação que encantar e admirar deuses e homens. Cada nova modulação, de acordo com seu propósito único, recebe nas escrituras hindus uma personalidade e um nome característicos.2

A Bíblia refere-se aos simbólicos Adão e Eva e seus descendentes como a origem da raça humana. As escrituras hindus descrevem o desenvolvimento de todas as criaturas dos Prajapatis, os divinos “senhores do universo” nascidos da mente de Deus.

❖

Bem-aventurança eterna, sempre consciente e sempre nova, a partir da qual a criação evolui

❖

Os Quatro Filhos Primitivos de Brahma, o Criador, nascidos na mente, são Sanaka, Sanandana, Sanatana e Sanat-kumara. Simbolicamente, eles são a diferenciação primogênita do Espírito a partir do qual a criação evolui. Eles são a pura Natureza criativa de Deus, Maha-Prakriti ou Espírito Santo. Como seus próprios nomes indicam, eles são a consciência eterna (Sanatana, “eterna”) de bem-aventurança (Sanandana, “ter alegria”) do Senhor, que existe desde o início (Sanaka, “antigo, antigo”) e é sempre nova (Sanat-kumara, “sempre jovem”). Esses filhos de Brahma permaneceram jovens sempre puros e inocentes, recusando-se a criar descendência. No entanto, todas as coisas evoluem a partir desta Bem-aventurança (Ananda); pois inerentes a Maha-Prakriti, juntamente com a alegria eterna do Senhor, estão os três gunas ou atributos da criação – sattva, rajas e tamas. Estas qualidades são equilibradas num estado de repouso em Maha-Prakriti. Mas quando rajas, o atributo ativador como Brahma, o Criador, é despertado, ele também vivifica sattva, a qualidade nutritiva (Vishnu, o Preservador), e tamas, a qualidade degenerativa (Shiva, o Destruidor; dissolução, a inevitabilidade de todas as coisas no reino de mudança e ilusão). A vontade de Deus de desfrutar Sua bem-aventurança através de muitas formas envia Sua Ananda como quatro ideias criativas fundamentais impingidas nessas três gunas:

vibração (Aum); tempo (kala), a ideia de mudança; espaço (desha), a ideia de divisão do Ser Eterno Único; e átomo (anu), a ideia de partículas para a manifestação da forma.3

Os Sapta-Maharishis são os sete rishis originais a quem os Vedas foram revelados - seres divinos que se diz terem sido libertados em Espírito na Era Solar: Marichi, Atri, Angiras, Pulaha, Kratu, Pulastya e Vasishtha. Estes representam sete poderes principais de vida e consciência procedentes do "sol" macrocósmico, ou luz vibratória, da Energia Cósmica criativa (Aum) e do "sol" ou luz microcósmico, do olho espiritual do homem.

Da linhagem dos quatorze Manus, pais da humanidade, todos os seres descendem. Eles são Svayambhuva, Svarochisha, Auttami, Tamasa, Raivata, Chakshusha, Vaivasvata, Savarni, Daksha-savarni, Brahma-savarni, Dharma-savarni, Rudra-savarni, Rauchya ou Deva-savarni, e Bhautya ou Indra-savarni. Cada Manu sucessivo está associado a um ciclo particular de manifestação criativa e dissolução. O sétimo Manu, Vaivasvata ("Nascido no Sol" de Vivasvat, a Deidade do Sol) é definido como o progenitor da atual raça de seres. Veja IV: 1–2 sobre a simbologia de Vivasvat e Manu como representando a descida da consciência de Vivasvat, o "sol" ou luz da Energia Cósmica criativa, para Manu, a mente (manas), o instrumento do qual deriva a consciência humana senciente - portanto, a "origem" do homem.

COM ALEGRIA E DEVOÇÃO, OS SÁBIOS O ADORAM

VERSÍCULOS 7–8

etāṁ vibhūtiṁ yogaṁ ca mama yo vetti tattvataḥ
então 'vikampena yogena yujyate nātra saṁśayaḥ (7)

ahaṁ sarvasya prabhavo mattah sarvaṁ pravartate
iti matvā bhajante māṁ budhā bhāvasamanvitāḥ (8)

(7) Aquele que realiza através do yoga a verdade das Minhas manifestações prolíficas e o poder criativo e dissolvente do Meu Yoga Divino está inabalavelmente unido a Mim. Isto está fora de dúvida.

(8) Eu sou a Fonte de tudo; de Mim emerge toda a criação. Com esta compreensão, os sábios e maravilhados Me adoram.

O homem libertado, contemplando o Espírito como o Criador de incontáveis universos; da interminável procissão de anjos, Manus, rishis, seres humanos e formas inferiores de vida; e dos inúmeros processos de suas percepções e dos modos de seu devir, fica maravilhado com a vastidão oceânica até então desconhecida espalhada por trás da pequena onda de sua consciência.

Ekam sentou-se – só existe Um. Nos Vedas diz-se que o cosmos evolui como uma teia de aranha a partir do ser de Deus. O Senhor é o Fio Divino (Sutra) ou essência unificadora que atravessa todas as experiências e todas as expressões da vida e da matéria.4

"O universo está representado em cada uma de suas partículas. Tudo é feito de uma coisa escondida. O mundo gira em torno de uma gota de orvalho… A verdadeira doutrina da onipresença é que Deus aparece com todas as Suas partes em cada musgo e teia de aranha."5

VERSÍCULO 9

maccittā madgataprāṇā bodhayantaḥ parasparam
kathayantaś ca māṁ nityaṁ tuṣyanti ca ramanti ca

Com seus pensamentos totalmente em Mim, seus seres rendidos a Mim, iluminando-se uns aos outros, proclamando-Me sempre, Meus devotos estão contentes e alegres.

Os iogues unidos a Deus, com sua consciência e vida fundidas Nele, percebem o imenso panorama da criação através da vida e consciência onipresente do Senhor. Esses grandes devotos estão cientes, através do

poder intuitivo, da presença uns dos outros. Eles comungam juntos para expressar seu amor transbordante por Deus. Somente esses homens conhecem a alegria e o contentamento de espírito que os fazem clamar: “Estou farto, ó Senhor! Em Ti mesmo encontrei todos os tesouros.” Não é de admirar, então, que o iogue exorte o homem mundano a abandonar os prazeres momentâneos da terra e a abraçar o Doador da Bem-aventurança Eterna!

Assim como um homem bêbado sente por todo o corpo a emoção prejudicial do álcool, um devoto intoxicado por Deus, consciente de seu ser aumentado no vasto corpo cósmico da Natureza, sente uma exaltação sempre rejuvenescedora ao contato do onipresente e alegre Aum. Foi este vinho de felicidade, a vibração cósmica de Aum, o Espírito Santo, que encheu os discípulos de Cristo no dia de Pentecostes.6

Um iogue sem desejos, afastando sua mente das excitações e perplexidades do sonho cósmico, experimenta uma satisfação infinita que é desconhecida para aqueles que buscam os prazeres dos sentidos. Assim como um prisioneiro que recupera sua liberdade depois de muitos anos fica repleto de felicidade, o iogue que emerge do confinamento de numerosas encarnações para a liberdade da Identidade Espiritual é dominado por uma alegria inesgotável.

Versículos 10–11

teṣāṁ satatayuktānāṁ bhajatāṁ prītipūrvakam
dadāmi buddhiyogaṁ taṁ yena mām upayānti te (10)

teṣām evānukampārtham aham ajñānajaṁ tamaḥ
nāśayāmy ātmabhāvastho jñānadīpena bhāsvatā (11)

(10) Para aqueles que estão sempre apegados a Mim e que Me adoram com amor, concedo aquela sabedoria discriminativa (buddhi yoga) pela qual eles Me alcançam completamente.

(11) Por pura compaixão eu, o Morador Divino, acendo neles a lâmpada radiante da sabedoria que bane a escuridão que nasce da ignorância.

O iogue realizado, através da sabedoria intuitiva discriminativa que recebe da sintonização com Deus, conhece tanto os estados imanentes quanto os transcendentes do Espírito. Ele pode fundir-se na unidade divina com o Absoluto em samadhi; e ele também pode deleitar-se num relacionamento dualístico com seu Criador, como um devoto que contempla e adora no templo do amor reverencial o Espírito conato onipresente, o Ídolo Sonho Cósmico cuja forma é o universo fenomênico.

Como foi o Senhor quem fez o homem sonhar esse sonho de ilusão, é somente Ele quem pode conceder o despertar. Quando um ser mortal se cansa de tatear na escuridão do desconhecimento e usa a inteligência que Deus lhe deu para fazer as perguntas certas, seguir as ações corretas e exigir iluminação, Deus, em Sua infinita compaixão, responde a esse pedido sincero. Sua graça acende a lâmpada de sabedoria interior daquele devoto, dissipando sombras escuras de sonhos ilusórios. Com o banimento da ignorância, o devoto desperto "alcança-O completamente".

O DEVOTO ORA PARA OUVIR DOS LÁBIOS DO PRÓPRIO SENHOR: "QUAIS SÃO OS TEUS MUITOS ASPECTOS E FORMAS?"

VERSÍCULOS 12–13

arjuna pegou
paraṁ brahma paraṁ dhama pavitraṁ paramaṁ bhavān
puruṣaṁ śāśvataṁ divyam adidevam ajaṁ vibhum (12)

āhus tvām ṛṣayaḥ sarve devarṣir nāradas tathā
asito devalo vyāsaḥ svayaṁ caiva bravīṣi me (13)

Arjuna disse:
O Espírito Supremo, o Abrigo Supremo, a Pureza Suprema és Tu! Todos os grandes sábios, o vidente divino Narada, bem como Asita, Devala e Vyasa, Te descreveram assim como o Ser Eterno Auto-Evoluído, a Deidade Original, sem causa e onipresente. E agora Tu mesmo me conta!

Com admiração, Arjuna aclama o Senhor por ter-lhe revelado Seu Ser Transcendental. O Incriado é de fato Aquele de cuja realidade os sábios iluminados de todas as terras e de todas as épocas testemunharam.

VERSÍCULO 14

sarvam etad ṛtaṁ manye yan māṁ vadasi keśava
na hi te bhagavan vyaktiṁ vidur devā na dānavāḥ

Ó Keshava (Krishna)! Considero como verdade eterna tudo o que me revelaste. Na verdade, ó meu Senhor! nem os Devas (deuses) nem os Danavas (Titãs) conhecem os modos infinitos de Tuas aparências.

As forças astrais da inteligência criativa, as poderosas personificações do bem e do mal (os deuses, ou forças divinas, e os antideuses, ou forças ilusórias), são, no entanto, apenas expressões parciais da Deidade. Assim, mesmo eles, os agentes da criação – devido às suas limitações inatas e ao seu grau de identificação com os seus papéis divinamente ordenados nos mundos fenomênicos – não podem conhecer a totalidade do Senhor Infinito e Transcendente. Quanto menos, então, pode ser compreendido pelo ser mortal, por mais dotado que seja divinamente, que é circunscrito pela encarnação e pela ignorância demoníaca.

VERSÍCULOS 15–16

svayam evātmanātmānaṁ vettha tvaṁ puruṣottama
bhūtabhāvana bhūteśa devadeva jagatpate (15)

vaktum arhasy aśeṣeṇa divyā he ātmavibhūtayaḥ
yābhir vibhūtibhir lokān imāṁs tvaṁ vyāpya tiṣṭhasi (16)

(15) Ó Divino Purusha, ó Origem dos seres, ó Senhor de todas as criaturas, ó Deus dos deuses, ó Sustentador do mundo! em verdade, só tu conheces a ti mesmo por ti mesmo.

(16) Portanto, por favor, conte-me exaustivamente sobre Teus poderes e qualidades divinos pelos quais Tua Onipresença sustenta o cosmos.

O homem não iluminado tece mil teias especulativas, na esperança de apoderar-se da indescritível Verdade. Mas que teoria O capturou?

O iogue, porém, busca as soluções para os mistérios cósmicos nos lábios do Mistificador onisciente. “Só ele se conhece por si mesmo.” Arjuna, portanto, procurou as respostas para os enigmas finais no “Senhor de todas as criaturas” – Aquele que habita em cada coração como o Mestre Divino.8

Versículo 17

kathaṁ vidyām ahaṁ yogiṁs tvāṁ sadā paricintayan
keṣu keṣu ca bhāveṣu cintyo 'si bhagavan mayā

Ó Grande Iogue (Krishna)! como devo sempre meditar para Te conhecer verdadeiramente? Em que aspectos e formas, ó Senhor Bendito, deves ser concebido por mim?

Arjuna saúda o Senhor como o “Grande Iogue” ou Unificador – Aquele que une fatores triplos (o Sonhador Cósmico, o processo de sonhar e o sonho cósmico objetivo) em uma percepção única e simultânea de Sua Mente inimitável.

Como Deus é tanto o Absoluto quanto o Manifesto, a pergunta do devoto é: “Devo meditar em Ti como a Consciência Cósmica, o Espírito sem Sonhos? ou em um dos Teus vários aspectos oníricos? Se eu Te adoro como tendo atributos, quais são Teus muitos aspectos e formas, ó Senhor, sabendo quais saberei como focar minha mente em Ti na meditação? Em

qual de Tuas manifestações posso Te reconhecer melhor?”

“Eu Te contarei sobre minhas expressões fenomenais”

Versículos 18–20

vistareṇātmano yogaṁ vibhūtiṁ ca janārdana
bhūyaḥ kathaya tṛptir hi śṛṇvato nāsti me ’mṛtam (18)

śrībhagavan uvāka
hanta te kathayiṣyāmi divyā hy ātmavibhūtayaḥ
prādhānyataḥ kuruśreṣṭha desagradável anto vistarasya me (19)

aham atmā guḍākeśa sarvabhūtāśayasthitaḥ
aham ādiś ca madhyaṁ ca bhūtānām anta eva ca (20)

(18) Ó Janardana (Krishna)! conte-me mais detalhadamente sobre Teus poderes de yoga e Tuas auto-manifestações; pois nunca posso ouvir o suficiente de Tua fala néctar!

O Bendito Senhor disse:
(19) Muito bem, ó Melhor dos Príncipes (Arjuna), Eu realmente te contarei sobre Minhas expressões fenomênicas – mas apenas as mais notáveis, pois não há fim para Minha variedade.

(20) Ó Conquistador do Sono (Arjuna)! Eu sou o Eu no coração de todas as criaturas: sou sua Origem, Existência e Finalidade.

Ao se dirigir a Arjuna como Gudakesha, “Conquistador do Sono”, o Senhor dá a entender que as verdades divinas são conhecidas apenas pelo homem que despertou do transe maya da ilusão.

Deus aqui assume total responsabilidade por todas as coisas vivas. Ele sonha a procissão dos seres criados, preserva-os em suas existências e os funde no estado de dissolução cósmica. Um homem liberado alcança a

verdadeira Finalidade ao compreender que sua única Vida sempre esteve presente dentro dele como o Ser Imutável.

VERSÍCULO 21

ādityānām ahaṁ viṣṇur jyotiṣāṁ deleite aṁśumān
marīcir marutām asmi nakṣatrāṇām ahaṁ śaśī

Entre os Adityas (doze seres refulgentes), eu sou Vishnu; entre os luminares, eu sou o sol radiante; entre os Maruts (quarenta e nove deuses do vento), sou Marichi; entre os corpos celestes, eu sou a lua.

Na estrofe anterior, Deus foi descrito como a origem, existência e finalidade de todos os seres. Das estrofes 21 a 41, o Senhor discorre sobre Suas manifestações proeminentes entre os seres, forças e objetos que são as causas e os resultados de Suas atividades criativas, preservadoras e terminativas no cosmos. A luz de Deus permeia igualmente todos os seres e todos os objetos. Mas aqueles com qualidades superiores refletem Sua manifestação em maior grau; assim como um diamante, pela sua transparência, reflete mais luz do que um pedaço de carvão, embora ambos sejam feitos de carbono.

❖
Governo do universo assistido por muitas manifestações menores do Senhor Criador
❖

Conforme observado em X:6, além dos poderes primários da criação (Deus transcendental, Seu reflexo como a Inteligência Kutastha imanente na criação, e a Natureza Cósmica com suas outras seis inteligências, “anjos”), o governo do universo é auxiliado por muitas manifestações menores do Senhor Criador. Este capítulo do Gita é denominado O Discurso sobre Vibhuti Yoga, retratando os atributos de Deus que declaram Sua manifestação onipresente no universo. A diferenciação de Sua consciência – da qual não há limite (X:40) – é o Yoga Divino de Deus, pelo qual mundos e seres substanciais são fiados com fios etéreos de consciência. Grande parte do conteúdo deste capítulo, especialmente nestes últimos versos, tem

uma relevância esotérica para a intrincada ciência do yoga que define os poderes sutis por trás dos devires grosseiros. Interpretá-los completamente iria proliferar este texto indevidamente. A sugestão da simbologia será suficiente, pois como diz Sri Krishna no versículo 42: “Que necessidade tens dos múltiplos detalhes desta sabedoria?” Para este fim, os videntes desenvolveram técnicas simples de meditação de yoga, como o Kriya Yoga, que põem em movimento as forças que purificam e elevam a consciência para a realização divina do Senhor Transcendente, a Simplicidade Suprema que é o repositório de todas as complexidades. Tocar o Infinito é conhecer num instante todo o conhecimento que dificilmente poderia estar contido em volumes pesados!

A Natureza Cósmica, Mãe de todas as vibrações, tem três fases, conforme observado anteriormente: os estados criativo, preservativo e dissolvente, governados respectivamente por Brahma, Vishnu e Shiva. Estas divindades são indígenas na Vibração da Mãe Cósmica. Eles trabalham através dos seis anjos e dos doze Adityas celestiais (referidos na tradução literal desta estrofe), e através de muitos outros “seres”, ou poderes criativos inteligentes, para continuar a criação, preservação e dissolução do vasto universo. e seu governo.

“No princípio…Deus disse: Haja luz”; Deus vibrou Seu desejo de criar, e a luz se manifestou: Ele produziu a vibração inteligente Aum do Espírito Santo, que se manifestou como luz e som objetivos. Estas duas propriedades do Aum, em várias combinações, constituem toda a criação objetiva. As doze divindades refulgentes mencionadas nesta estrofe derivam sua luz e poder imutáveis de Aum, o Espírito Santo ou Maha-Prakriti. Eles são mencionados de diversas maneiras nas escrituras como eternos sustentadores da luz celestial que é a fonte de todas as luminosidades. Nos Upanishads9 eles são descritos como os doze meses do ano. No microcosmo do homem, seus poderes se manifestam como instigadores das atividades dos seis centros espinhais, do cóccix à medula. Veja Gita VIII:23–26, onde os doze meses do ano são explicados como os seis meses do curso norte do sol, o caminho da luz (ascensão através dos seis centros até a consciência cósmica); e os seis meses do curso sul do Sol, o caminho

das trevas (descida da consciência através dos centros espinhais até a consciência corporal).

Vishnu é aclamado como o principal entre essas inteligências luminosas primordiais, pois Ele é o mantenedor do estado construtivo-preservativo da criação. Não pode haver manifestação do Espírito sem este poder de preservação. A criação no estado formativo é incompleta e, portanto, imperfeita; ele decai e desaparece durante o estado de dissolução. Mas o estado preservativo ou Vishnu é estupendo, espetacular – uma impressionante demonstração dos atributos do Senhor manifestados.

Entre as manifestações objetivas no sistema solar, Deus exibe com destaque Sua luz cósmica no sol positivo e na lua negativa. O sol representa a paternidade de Deus, e a lua a maternidade da Natureza Cósmica, a consorte de Deus. Este princípio positivo-negativo se repete por toda a natureza, "criando" toda matéria objetivada. A analogia sol-lua é recorrente em todos os tratados de yoga, representando o positivo e o negativo, o Espírito e a Natureza.

Marichi é proclamado chefe dos Maruts, ou quarenta e nove deuses do vento. Segundo os antigos, várias correntes de ar sopram ao redor da terra, e aquela chamada Marichi é a mais benéfica. A implicação esotérica é evidente no facto de Marichi também ser designado como um dos sete maharishis (ver X:6). No corpo do homem, existem sete correntes vitais principais que são amplificadas em quarenta e nove forças vitais especializadas.

VERSÍCULO 22

vedānāṁ sāmavedo 'smi devānām asmi vāsavaḥ
indriyāṇāṁ manaś cāsmi bhūtānām asmi cetanā

Entre os Vedas, eu sou o Sama Veda; entre os deuses, eu sou Vasava (Indra); entre os sentidos, sou a mente (manas); nas criaturas, eu sou a inteligência.

Alguns pedantes não concordam com a recomendação do Gita ao Sama

Veda, pois é geralmente considerado uma derivação na forma de hinos métricos dos versos do mais honrado Rig Veda. Um significado mais profundo está aqui implícito. Sāma significa “calmo” ou “tranquilo” (da palavra sāman: “calmante, tranquilizante”, de sā, “meditação”). A aquisição do verdadeiro conhecimento (veda), a realização da verdade, não vem de princípios bíblicos ou rituais externos, mas da percepção intuitiva interior. Quando pela meditação, interiorização, a mente está tranquila (sāmana), a atenção do iogue se concentra no centro Kutastha de consciência universal na testa; e através da visão intuitiva onisciente do olho espiritual, o devoto torna-se um vidente do Veda, a verdade. Nos Vedas, e particularmente na métrica rítmica do Sama Veda, existe uma ordem estritamente regulada (anupurvi) das palavras, e regras fonológicas para combinações de sons (sandhi) e para a recitação de letras (sanatana), que conduzem para tal interiorização. Cada sílaba (akshara) é dotada de significado e vibração espiritualizante.

Este verso do Gita continua saudando Indra como Vasava, chefe dos deuses astrais. Diz-se que um iogue que controlou as emoções oscilantes do coração, que surgem de gostos e desgostos, atração e repulsão – as causas dos prazeres e da dor – atingiu um estado espiritual semelhante ao do Indra, todo conquistador.

Manas, a mente sensorial, é o coordenador dos dez sentidos (cinco de percepção e cinco de ação) e a causa de sua exteriorização nos órgãos sensoriais. A mente é, portanto, superior aos seus instrumentos sensoriais. Sem a mente, nenhuma sensação poderia ser recebida, nem atividades poderiam ser realizadas em resposta às sensações ou aos pensamentos do ego. A mente existe mesmo sem os sentidos físicos. Na terra dos sonhos, a mente pode ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar; e pode realizar todas as ações sem os instrumentos dos órgãos sensoriais.

Deus se manifesta externamente através dos sentidos para permitir ao homem perceber o sonho cósmico físico da matéria, uma réplica do qual pode ser criada pela mente interna na terra dos sonhos. Mas uma manifestação ainda maior de Deus é a inteligência nas criaturas, aquela que interpreta as impressões sensoriais e discrimina. É a inteligência que dá ao

homem o poder de escolher os bons sonhos da vida em preferência aos pesadelos do mal. A faculdade discriminativa convence a mente a afastar-se dos prazeres espúrios dos sentidos e ajuda-a a concentrar-se na bem-aventurança da alma para que a libertação possa ser alcançada.

Os sentidos revelam o mundo onírico flutuante da matéria; a mente revela o mutável mundo interior de uma pessoa; e a inteligência convertida em sabedoria intuitiva revela a imutabilidade de Deus.

VERSÍCULO 23

rudrāṇāṁ śaṁkaraś cāsmi vitteśo yakṣarakṣasām
vasūnāṁ pāvakaś cāsmi meruḥ śikhariṇām aham

Dos Rudras (onze seres radiantes) eu sou (seu líder) Shankara ("o simpatizante"); dos Yakshas e Rakshasas (semi-goblins astrais), eu sou Kubera (senhor das riquezas); dos Vasus (oito seres vitalizadores), sou Pavaka (o deus do fogo, o poder purificador); e dos picos das montanhas eu sou Meru.

Os Rudras são dez pranas ou forças vitais inteligentes, além de sua inteligência suprema fortalecedora, Shankara, "o benquerente", que sustenta sua existência.

Como Creso de antigamente, que governou com uma riqueza fabulosa na antiga Lídia, Kubera é considerado "o senhor das riquezas" no mundo astral. Essa inteligência é o poder supremo entre os Yakshas e Rakshasas (semi-goblins conhecidos por seu comportamento avarento), as forças negativas que se opõem às boas obras e benefícios dos deuses, ou forças divinas — cumprindo a dualidade essencial ao drama cósmico. Quando os seres humanos sucumbem a males ilusórios como o egoísmo, a ganância, a possessividade, eles assumem a natureza de Yakshas, as forças espirituais geralmente inofensivas, mas às vezes desonestas e traidoras, que servem Kubera, o deus da riqueza. Levados ao extremo das inclinações malignas, os seres humanos assumem a personalidade demoníaca dos Rakshasas, o mais infame dos quais foi Ravana (um irmão mais novo de Kubera), que

desempenha o papel de vilão no exaltado épico Ramayana.

Os Vasus (deuses) referidos neste contexto são oito divindades vitalizadoras ou forças inteligentes, entre as quais a energia purificadora e radiante, Pavaka (Agni, deus do fogo), é suprema.

Entre os picos das montanhas, Deus se manifesta majestosamente como o sagrado Monte Meru. Alegoricamente, Meru é o lugar mais elevado da consciência divina no corpo, a parte superior do cérebro onde Deus habita como a alma. A coluna vertebral, com seus centros espirituais de consciência divina, é freqüentemente chamada de meru-danda, o cajado ou bastão cuja crista é Meru. É o cetro do poder soberano da alma sobre o reino do corpo.

VERSÍCULO 24

purodhasāṁ ca mukhyaṁ māṁ viddhi partha bṛhaspatim
senānīnām ahaṁ skandaḥ sarasām asmi sāgaraḥ

E, ó filho de Pritha (Arjuna), entenda que Eu sou o chefe entre os sacerdotes, Brihaspati; entre os generais, sou Skanda; entre extensões de água, eu sou o oceano.

Brihaspati, preceptor das divindades astrais, é o protótipo da ordem sacerdotal. Na sua posição de sumo sacerdote dos deuses, ele intercede junto aos deuses em nome dos homens; e é um protetor dos homens contra o mal. Nos Vedas, Brihaspati também é chamado de Brahmanaspati, senhor da evolução ou expansão da criação através do grande poder da ilusão cósmica. Na idade de ouro, os sacerdotes sábios eram os protetores espirituais e conselheiros dos sábios reais, rajarishis como o rei Janaka. Neste verso do Gita, Deus declara Sua manifestação em todos os verdadeiros gurus, bem como no preceptor principal, Brihaspati.

Skanda (outro nome para Karttikeya, deus da guerra, filho de Shiva) é o general guerreiro supremo entre os exércitos dos deuses. Alegoricamente, Skanda, “Atacante”, representa o autocontrole, o principal guerreiro das faculdades discriminativas em sua luta contra as faculdades mentais ligadas

aos sentidos. É a qualidade espiritual do autocontrole que afasta o Ego e seus exércitos de desejos sensoriais do reino corporal e estabelece nele o reinado do Rei Alma.

A água, pela sua fluidez, que se espalha em todas as direções, é símbolo da onipresença de Deus na criação. Vishnu, o preservador onipresente do universo, é descrito como Narayana, "Aquele que se move nas águas" (de nara, "água" e ayana, "movimento"). Ele repousa sobre a grande serpente Shesha (poder criativo) flutuando nas águas eternas (elementos criativos), que estão em movimento durante os ciclos da criação e permanecem quiescentes no Espírito durante os períodos de dissolução. Uma metáfora semelhante é encontrada em Gênesis 1:2 na Bíblia: "E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas (elementos criativos)."

A vastidão do oceano e do céu sempre cativou a atenção humana, despertando memórias esquecidas da alma sobre a infinidade eterna de Deus. Quando alguém contempla a extensão do oceano e do céu, escapa momentaneamente dos confinamentos da matéria finita e vislumbra o Infinito. O horizonte onde o céu azul e a salmoura azul se encontram eu chamo de "altar de Deus". Meditando diante daquele esplêndido altar da natureza, percebo nele a entronização da majestosa Presença Divina.

VERSÍCULO 25

maharṣīṇāṁ bhṛgur ahaṁ girām asmy ekam akṣaram
yajñānāṁ japayajño 'smi sthāvarāṇāṁ himālayaḥ

Dos Maharishis (poderosos sábios), eu sou Bhrigu; entre as palavras, sou a única sílaba Aum; entre os yajnas (cerimônias sagradas), eu sou japa-yajna (canto silencioso e superconsciente); entre os objetos estacionários, sou o Himalaia.

Um Maharishi é uma alma completamente liberada. Ele pode permanecer em união extática com o Absoluto no estado meditativo ou realizar atividades materiais sem perda de sua percepção divina. A sabedoria é exaltada como superior à ação; o primeiro denota percepção intuitiva do

Infinito, o último é um meio para essa realização divina. A maioria dos maharishis permanece no estado de sabedoria inativa, mas Bhrigu era um mestre tanto em sabedoria quanto em atividade. Conseqüentemente, Deus o cita como exemplo de sábios libertados. A sabedoria com ação divina é o ideal equilibrado que mais agrada a Deus, pois essa também é a Sua natureza.

Assim como o rugido do oceano é o som composto de todas as suas ondas, o som cósmico de Aum é a essência de todas as vibrações criativas diferenciadas. Aum é o símbolo de Deus. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.”10 Sua primeira manifestação na criação é a vibração cósmica inteligente, a vibração inteligente do Espírito Santo, cujo som é Aum ou o Verbo. A palavra falada e todas as línguas, o conhecimento astral dos deuses, todo som natural e mecânico – todos devem sua origem ao som cósmico de Aum. Os iogues sintonizam-se com esse som cósmico para expandir sua consciência para a percepção onipresente de Deus.

Yajna significa um rito de sacrifício para unir a oblação, ou o que ela simboliza, com o objeto de adoração - como oferecer desejos humanos na chama purificadora do Espírito ou lançar a mente sensorial no fogo da consciência cósmica. O propósito final é o yoga, a união da alma e do Espírito.

❖

Japa: Cantar o nome de Deus para neutralizar a consciência material

❖

Japa, em geral, é a repetição devocional, em voz alta ou mentalmente, de orações sagradas, palavras ou nomes de Deus. Cantar qualquer palavra cria uma certa vibração; a prática de japa enche a mente com vibrações sagradas que neutralizam as vibrações da consciência material. Existem encantamentos especiais usados na Índia, chamados mantras, que possuem grande força vibratória.11 Repeti-los em voz alta ou mentalmente — com sentimento sincero, compreensão inteligente e intensa concentração e determinação para perseverar até que o contato divino seja realmente sentido — produz resultados distintos; corpo e mente são carregados de poder à medida que sua taxa vibratória é elevada.

Embora qualquer tipo de japa oferecido sinceramente como yajna seja vantajoso, cantar ou orar em voz alta tem o defeito de diluir a atenção – difundindo a energia na ação externa de vocalizar. (A ênfase excessiva na parafernália devocional ou nos arranjos externos do local de adoração também tende a desviar a alma para fora.) A adoração silenciosa tem maior poder; a energia mental da pessoa vai mais rápida e diretamente para o Espírito que habita em nós.

A forma suprema de japa-yajna é o canto superconsciente, a união divina através da percepção real da vibração purificadora do som sagrado. Não envolve qualquer repetição física ou mental de uma palavra ou palavras. A atenção do iogue está concentrada em ouvir o verdadeiro som cósmico de Aum, a Palavra de Deus, vibrando dentro dele. Através deste japa superior, o iogue expande sua vida em energia cósmica, sua alegria em êxtase divino, sua consciência de alma em consciência cósmica, enquanto flutua na esfera do som cósmico sempre em expansão de Aum.

Entre as criações imóveis no mundo dos sonhos de Deus – aquelas manifestações nas quais a vida, a mente e o intelecto animados não se desenvolveram – Sua elevação divina é mais proeminentemente exibida no enorme Himalaia, pináculo da terra coroado de neve, morada e guardião dos santos.

VERSÍCULO 26

aśvatthaḥ sarvavṛkṣāṇāṁ devarṣīṇāṁ ca nāradaḥ
gandharvāṇāṁ citrarathaḥ siḍdhānāṁ kapilo muniḥ

Entre todas as árvores, eu sou a Ashvattha (a figueira sagrada); entre os devarishis (sábios divinos), eu sou Narada; entre os Gandharvas (semideuses), eu sou Chitraratha; entre os siddhas (seres liberados de sucesso), eu sou o muni (santo) Kapila.

"Árvores" simbolizam os corpos de todos os seres vivos – plantas, animais, homem – possuindo seus próprios tipos distintos de raízes, troncos e galhos com seus sistemas circulatório e nervoso que sustentam a vida. De todas as

formas vivas, apenas o corpo do homem, com os seus centros cérebro-espinhais únicos, tem o potencial de expressar plenamente a consciência cósmica de Deus. A sagrada árvore Ashvattha (a pipal ou figueira sagrada associada à adoração do Divino) simboliza, portanto, o corpo humano, supremo entre todas as outras formas de vida. (Veja também XV:1–4.)

O corpo físico-astral-causal do homem é como uma árvore revirada, com raízes no cabelo e no cérebro, e nos raios astrais do lótus de mil pétalas, e nas emanações do pensamento causal que são nutridas pela consciência cósmica. O tronco da árvore da vida no homem é a espinha físico-astral-causal. Os ramos desta árvore são o sistema nervoso físico, os nadis astrais (canais ou raios de força vital) e as emanações mentais do corpo causal magnético. O cabelo, os nervos cranianos, a medula, os raios cérebro-astrais e as emanações do pensamento causal são antenas que extraem do éter a força vital e a consciência cósmica. Assim, o homem é nutrido não apenas pelo alimento físico, mas pela energia cósmica de Deus e pela Sua consciência cósmica subjacente.

Narada é um preceptor das divindades do mundo astral e também participou de muitos dramas e assuntos dos homens na Terra. Como um rishi, ele é “um vidente do mantra”, a maneira pela qual a criação evolui a partir da vibração do Aum e os métodos pelos quais a mente pode ser salva da influência das ilusões vibratórias escravizadoras do sonho cósmico. . Estas técnicas de yoga unem o sonho do corpo com a bem-aventurança sem sonhos do Espírito. Conseqüentemente, o devarishi Narada, que ajudou muitas almas terrenas e astrais à realização de Deus, é uma gloriosa manifestação divina do Senhor Criador.

O nome Chitraratha significa, literalmente, “ter uma carruagem brilhante”, razão pela qual às vezes é usado em referência ao sol. O significado de Chitraratha, o semideus12, é aquele cujo coração está concentrado na carruagem da percepção infinita, o sol do olho espiritual. Tal pessoa merece a aclamação do Senhor.

Entre os siddhas, seres perfeitos, o Espírito divino se declara manifestado na vida de Kapila-Muni. Um muni na tradição mais elevada, “unido ao Um” pela retirada da mente à vontade dos objetos dos sentidos e

da atração por eles, Kapila é também o autor inspirado da filosofia Sankhya.

VERSÍCULO 27

uccaiḥśravasam aśvānāṁ viddhi mām amṛtodbhavam
airāvataṁ gajendrāṇāṁ narāṇāṁ ca narādhipam

Entre os garanhões, saibam que sou os Uchchaihshravas nascidos no néctar; entre os elefantes, o elefante branco de Indra, Airavata; e entre os homens, o imperador.

Tradicionalmente, Uchchaihshravas é o maravilhoso rei dos cavalos que surgiu da lendária agitação do oceano pelos deuses e demônios que procuravam recuperar o néctar perdido da imortalidade. É também o nome dado a um dos cavalos do deus do sol.

❖

Alegoria do cavalo: levando a mente ao Espírito na corrente da força vital

❖

Alegoricamente nas escrituras hindus, o símbolo do cavalo é frequentemente usado para representar uma força que carrega consigo outra força, assim como o cavalo sustenta seu cavaleiro. A corrente vital que flui do cérebro para baixo leva a mente aos sentidos e à identidade com o corpo físico e o domínio da matéria emaranhada. Através de uma técnica como o Kriya Yoga, a corrente de vida é invertida para fluir para cima, para os centros de percepção espiritual no cérebro, transportando a mente dos sentidos para a alma e o Espírito. Neste verso do Gita, esta corrente de vida edificante é chamada de Uchchaihshravas (de uchchais, “para cima; do alto”, e shravas, “uma corrente impetuosa”; também, “soando” – as correntes de força vital sendo vibrações diferenciadas do criativo luz vibratória e som de Aum).

Diz-se que essa corrente edificante nasce do néctar porque sua fonte está na bem-aventurança do Espírito (o néctar divino da imortalidade, amrita) no lótus cerebral de mil pétalas. Este reservatório de vida e consciência com suas mil pétalas ou raios de correntes anima todo o corpo através dos subdínamos dos centros cerebroespinhais: através da corrente positiva-negativa de dois gumes na medula, a corrente de dezesseis pétalas no centro

cervical, a corrente de dezesseis pétalas no centro cervical, a corrente de doze pétalas no centro dorsal, corrente de dez pétalas no centro lombar, corrente de seis pétalas no centro sacral e corrente de quatro pétalas no centro coccígeo. Quando o iogue retira a força vital dos objetos materiais, dos órgãos sensoriais e dos nervos sensório-motores e leva a vida concentrada para cima, através da passagem espiral da kundalini (energia enrolada) no cóccix, ele percebe, à medida que sobe, os vários centros espinhais. com seus raios de luz de pétalas e sons de energia vital. Quando a consciência do iogue alcança a medula e o olho espiritual no ponto entre as sobrancelhas, ele encontra a porta de entrada para o lótus estelar de “mil” (inumeráveis) raios. Ele percebe a luz onipresente de Deus espalhando-se pela esfera da eternidade, e seu corpo como uma minúscula emanação dessa luz.

No êxtase mais profundo, o iogue percebe a mudança da luz cósmica para a bem-aventurança do Espírito, sem vibração, sempre existente, sempre consciente e sempre nova. É esta Consciência Cósmica sem vibração que se tornou aquela que vibra a luz cósmica. Esta luz, projetada para longe de Deus, fica obscurecida pela ilusão, produzindo o filme cósmico de imagens oníricas, incluindo o corpo do homem.

Deus manifesta-se assim em todas as correntes do corpo, que emanam do sol cerebral, ou estrela-lótus de luz. Mas Sua manifestação suprema entre todas essas forças corporais é a corrente redentora e edificante, ou Uchchaihshravas – o “garanhão do sol” ascendente do olho espiritual e da consciência cósmica que leva o iogue ao Espírito.

O elefante é um símbolo de sabedoria. Significativamente, Airavata é referido como o guardião ou apoiador “do quadrante leste” (no corpo do homem, o “leste” ou centro de sabedoria na testa).

A palavra Indra implica aquele que é um conquistador dos sentidos (indriya). A sabedoria é o veículo do iogue que conquistou seus sentidos. Deus é de fato manifestado de forma proeminente na sabedoria colossal do conquistador dos sentidos.

A onipotência de Deus reflete-se obviamente mais em líderes poderosos do que em homens fracos. Mas há um significado adicional no fato de o

Senhor se declarar em imperadores entre os homens. Quando o ego de um homem é identificado com os seus sentidos, ele é chamado de escravo. Mas quando, através da ioga, ele ascende ao trono da bem-aventurança superconsciente da alma, ele se torna o governante supremo de seu reino corporal. No iogue real, Deus é mais manifesto do que, em certo sentido, escravo.

VERSÍCULO 28

āyudhānām ahaṁ vajraṁ dhenūnām asmi kāmadhuk
prajanaś cāsmi kandarpaḥ sarpāṇām asmi vāsukiḥ

Entre as armas, eu sou o raio; dos bovinos, sou Kamadhuk (a vaca celestial que realiza todos os desejos). Eu sou Kandarpa (a consciência criativa personificada), a causa dos partos; e eu sou Vasuki entre as serpentes.

Simbolicamente neste versículo, o "raio" tremendamente poderoso com sua exibição de luz e som é a vibração criativa cósmica. Deus é frequentemente mencionado nas escrituras como falando através do trovão.13 A primeira expressão do Senhor na matéria é esta "Palavra", ou vibração cósmica. É este trovão cósmico que é ao mesmo tempo o criador e o destruidor ("arma") da matéria ilusória – como energia cósmica no macrocosmo do universo e como prana no microcosmo do corpo humano. O domínio deste formidável poder é a melhor arma do iogue contra a ilusão.

Kamadhuk, a vaca leiteira celestial que satisfaz todos os desejos, foi citada em III:10 como um símbolo da sabedoria divina, cuja nutrição satisfaz todas as fomes físicas, mentais e espirituais. Cristo falou de forma semelhante sobre este princípio quando disse: "Todo aquele que beber da água que Eu lhe der nunca terá sede... [será] nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna."14

A "vaca da abundância" também tem outro significado no yoga. Quando um iogue, nos estados exaltados de meditação, desconecta sua força vital dos sentidos e une sua mente à alma, ele percebe uma reação

❖

Significado iogue de “vaca da abundância”

❖

correspondente em seu corpo físico como uma emoção de êxtase. Os iogues avançados sabem como, através de uma certa técnica chamada Khechari Mudra15 – que deve ser praticada apenas de acordo com as instruções do guru – unir a corrente positiva masculina na língua com a corrente negativa feminina na úvula. Na meditação samadhi, a conjunção dessas correntes produz um arrepio de alegria divina e também uma secreção de néctar na boca. Alimentado por esse néctar, o iogue pode manter seu corpo imóvel indefinidamente em estado de êxtase. Muitos iogues, incluindo Giri Bala do século XX,16 permaneceram durante longos períodos, até mesmo anos, sem comida. Este néctar altamente carregado é o “leite” da fabulosa “vaca da abundância”, Kamadhuk – um dos tesouros que surgiram da “agitação do oceano” da consciência cósmica no centro espiritual mais elevado do cérebro.

Kandarpa é outro nome de Kamadeva, “Desejo; o deus do amor.” Ele é popularmente comparado ao deus grego Eros e ao Cupido romano. No conceito védico original de Kama, entretanto, ele representa o primeiro desejo do despertar do Espírito Único de se tornar muitos. Kandarpa é a consciência cósmica totalmente criativa de Deus, o Criador-Sonhador de todos os sonhos cósmicos e seus objetos e seres. Através desta consciência, Deus criou o simbólico “Adão e Eva” por um ato de criação especial, individualizações de Sua consciência onírica. Então, através de Sua lei de evolução, Ele capacitou esses seres a procriarem sua própria espécie. É o Kandarpa de Deus, ou consciência totalmente criativa, manifestada através dos pais, que é responsável pela geração dos filhos.

A força vital criativa enrolada na base da coluna astral, a kundalini, sempre foi simbolizada como uma serpente. Quando esta força criativa está “adormecida” na ilusão, ela flui para baixo e para fora e alimenta todos os sentidos; descontrolado, seu veneno pungente causa luxúrias insaciáveis. Mas quando a força pura da kundalini é “despertada” pelo iogue, ela sobe até o cérebro e é transformada na bem-aventurança do Espírito. Esta corrente serpentina edificante é Vasuki, a força suprema para a libertação

humana.

Pode-se fazer a analogia de que Deus se manifesta no poder criativo que flui descendentemente, Kandarpa, que através do sexo é responsável pela criação dos filhos; e Ele também está na corrente ascendente, Vasuki, que gera a prole da realização divina.

VERSÍCULO 29

anantaś cāsmi nāgānāṁ varuṇo yādasām aham
pitṛīṇām aryamā cāsmi yamaḥ saṁyamatām aham

Eu sou Ananta ("o eterno") entre as serpentes Naga; Eu sou Varuna (deus do oceano) entre as criaturas aquáticas; Eu sou Aryama entre os Pitris (pais ancestrais); Eu sou Yama (deus da morte) entre todos os controladores.

Ananta, o eterno rei das serpentes, simboliza a ilusão cósmica, o senhor de todas as forças ilusórias que confundem a criação. Neste e no verso anterior, duas "serpentes" supremas são mencionadas, implicando assim uma distinção categórica entre Vasuki e Ananta. Vasuki é referido na estrofe 28 como sarpa, tendo um movimento serpentino de rastejamento - isto é, o movimento enrolado ou circular da força da kundalini no microcosmo do ser humano. Ananta, "eterno ou infinito", é um princípio macrocósmico ou universal. É outro nome de Shesha, a serpente de mil cabeças que cobre e protege o Preservador adormecido, Vishnu, durante os estados de dissolução (pralaya) entre os ciclos (kalpas) da criação. Daí o nome Shesha, "aquilo que permanece" – as potencialidades de criação preservadas que, num estado suspenso, aguardam nova expressão no próximo ciclo criativo. Durante a criação ativa, Shesha ou Ananta é representada como apoiando todas as esferas de manifestação. Isto nada mais é do que a ilusão cósmica, Maha-Prakriti, o único poder pelo qual os universos e os seres são formados a partir da consciência única do Espírito. Prakriti é eterno, ananta, em estados ativos e quiescentes, durante os kalpas infinitamente giratórios de criação, preservação e dissolução.

Varuna, “abrangente”, é a “divindade do oceano” – a consciência cósmica oceânica de Deus. Nos Vedas, Varuna é exaltado como excelente e preeminente acima de todas as outras divindades, o criador primordial e sustentador do universo; portanto, ele é o senhor de todas as outras “criaturas aquáticas”, todas as forças ou elementos criativos primordiais que surgem do oceano da consciência cósmica. Assim como um oceano é a força e a essência de todas as suas ondas, todas as coisas manifestadas emanam da consciência cósmica envolvente.

Aryama, um Aditya e chefe dos Pitris, ancestrais, é a luz criativa suprema do mundo astral – o pai de todos os pais. Assim como o chefe de uma dinastia é a fonte de seu clã, Deus e Sua consorte, a Natureza Cósmica, são os verdadeiros pais de todos os seres. No mundo da matéria, Adão e Eva são os ancestrais da humanidade com corpo atômico. No mundo astral, Deus e Sua consorte Maha-Prakriti produzem a luz Aryama, o feixe cósmico supremo que é o pai primordial das formas astrais. Um iogue avançado vê o universo físico e seus pais humanos originais como um sonho atômico material de Deus, atrás do qual está o universo de sonho lifetrônico astral com a luz Aryama mais refinada de Deus como o criador, “pai ancestral”, de todas as formas e seres astrais.

Yama, “o deus da morte”, é representado como uma divindade que conduz as almas dos homens encarnadas astralmente após a morte para uma das regiões mais escuras ou mais brilhantes do mundo astral, de acordo com o mérito cármico de cada indivíduo. A palavra yama significa “controle” e, especificamente, autocontrole – o poder de guiar, restringir e governar a si mesmo. Entre todas as formas de autocontrole (os “controladores”), a força primordial é aquela associada ao controle sobre o princípio da vida. Através de Yama, o deus da morte, há controle ou restrição forçada da vida, pois ela é retirada à força do corpo na morte. O iogue que atinge o autodomínio total, entretanto, tem controle consciente sobre a vida e a morte. Ele pode levar sua consciência e força vital à vontade para dentro e para fora desses portais misteriosos, como um viajante livre nas regiões pós-morte de Yama, e também no domínio ilimitado do Espírito além da mancha vibratória, onde nenhum espectro de morte e mudança comprometedora pode entrar. .

VERSÍCULO 30

prahlādaś cāsmi daityānāṁ kālaḥ kalayatām aham
mṛgāṇāṁ como mṛgendro ’haṁ vainateyaś como pakṣiṇām

Entre os Daityas (demônios e gigantes), eu sou Prahlada; entre os medidores, eu sou o tempo; entre os animais, eu sou o rei dos animais (o leão); e entre os pássaros, eu sou Garuda (“senhor dos céus”, veículo de Vishnu).

Os Daityas são mitologicamente uma classe de demônios e gigantes que guerrearam contra os deuses. Eles são descendentes de Diti, a antítese ou pólo oposto de Aditi, mãe dos Adityas, os deuses brilhantes (ver X:21). Assim como os Adityas são as forças criativas divinas e inspiradoras, os Daityas são as forças duais ou opostas que curvam a matéria. O Daitya, Prahlada, entretanto, desde a infância evitou todos os maus caminhos e tornou-se voltado para Deus. Seu nome significa aquele que está cheio da bem-aventurança divina, aquele que “se alegra” na alegria divina. Prahlada é reverenciado como um devoto exemplar; ele suportou a ira e a perseguição de seu pai e permaneceu inabalável em sua devoção. Na Índia, as crianças são exortadas pelos pais a se tornarem santas como Prahlada. Quando o iogue reverte as forças ligadas à ilusão em seu corpo, voltando-as em direção a Deus, ele se torna “Prahlada”; e como aquele santo, alcança a união com Deus.

O tempo e o seu corolário, o espaço, tal como observado no mundo da relatividade, são categorias “criadas pelo homem”, sugeridas pelo poder de ilusão da Natureza e aplicadas a uma série de mudanças que acontecem em Deus.

Nas marés da Vida, na tempestade da Ação,
Uma onda flutuante,
Um transporte gratuito, Nascimento e Túmulo,
Um mar eterno,
Uma tecelagem, fluindo
Vida, toda brilhante,

Assim, no zumbido do Tempo, minha mão se prepara
A vestimenta da Vida que a Deidade usa!17

Deus é a Consciência Eterna, imutável e indivisível, na qual as ilusões de tempo (mudança) e espaço (divisão) apresentam uma variedade infinita de formas interagindo num modo progressivo de passado, presente e futuro. Quando um sonhador viaja ao redor do mundo em seu sonho, ele o faz, não no espaço e no tempo, mas apenas em sua consciência. Da mesma forma, o sonho cósmico não está ocorrendo nem no vasto espaço nem em uma série de tempos passados, presentes e futuros, mas no Eterno Agora da consciência onírica de Deus. Como Jesus estava sintonizado com esta consciência eterna, ele podia dizer: “Antes que Abraão existisse, eu sou.”18 Ele sabia que a sua eternidade não era de forma alguma interrompida pelas mudanças ilusórias chamadas nascimento, existência e morte.

Deus não tem respeito pela “história”, pelas concepções de medição limitadas e errôneas do homem sobre tempo e espaço, pois Ele pode produzir qualquer ser, objeto ou evento passado instantaneamente em Sua sempre presente consciência onírica. Da mesma forma, num segundo, Ele pode dissolver este mundo e os seus seres — ou todo o cosmos — e depois trazê-los de volta à vontade, tal como eram. Tudo o que Ele precisa fazer é parar de sonhar com este mundo e ele deixará de existir; ou Ele pode sonhar novamente, materializando-o em Sua consciência. Essas categorias caprichosas de tempo e espaço são ramificações da fantasia do Sonhador Cósmico. Através da Imaginação Divina, imagens oníricas de universos podem aparecer e desaparecer no mais ínfimo espaço e no mais ínfimo momento, num único pensamento congelado do Sonhador Cósmico.19

Os devotos que percebem a natureza onírica deste cosmos e o poder onírico de Deus não mais confiam nas ilusões enganosas dos medidores da Natureza, cujas conclusões fazem a criação parecer muitas vezes dura e injusta. Eles olham para a Consciência Eterna, o Tempo Único, que não conhece a angústia da mudança – o Tempo Imutável, mencionado em X:33.

O proverbial rei dos animais é o poderoso leão; aqui simbolizando que Deus onipotente é o Senhor de todas as “bestas”, ou seres de corpo material – tanto animais quanto homens. O ser humano, o único no reino animal que

possui todo o potencial da Divindade, foi comissionado por Deus para ser o governante supremo sobre todas as outras formas de matéria.

Garuda, o brilhante rei dos pássaros, é o veículo mitológico divino de Vishnu, famoso como “inimigo e destruidor de serpentes” (ilusão). Os devotos parcialmente desenvolvidos, como os pássaros, podem voar para os céus livres do samadhi, mas devem retornar novamente ao ninho corporal que é vulnerável aos predadores serpentinos, as forças da ilusão. Mas uma alma libertada se afasta para sempre da ilusão e se torna uma com Deus; Ele é comparado nesta estrofe ao brilhante Garuda de corpo dourado, “o senhor dos céus”, o “devorador” da ilusão.

Versículo 31

pavanaḥ pavatām asmi rāmaḥ śastrabhṛtām aham
jhaṣāṇāṁ makaraś cāsmi srotasām asmi jāhnavī

Entre os purificadores, sou a brisa; entre os manejadores de armas, eu sou Rama; entre as criaturas aquáticas, sou Makara (veículo do deus do oceano); entre os riachos, eu sou Jahnavi (o Ganges).

O vento ou ar (pavana) é o sopro de vida através do qual Deus sustenta a vegetação, os animais e o homem. Seu poder purificador, purificador e purificador se manifesta em todas as correntes de vento ativas em todo o universo, mas é preeminente no ar vital sutil (a “brisa” ou vento suave) que dá vida – o prana. Quando, através do pranayama do Kriya Yoga, o iogue realizado destila a corrente vital do oxigênio da respiração humana e usa esse prana puro para recarregar seu corpo, ele une sua vida com a vida cósmica. O domínio da respiração através do pranayama, ou controle da força vital, não é apenas o melhor meio de aproveitar a energia cósmica para sustentar a vida no corpo físico, mas também o método mais elevado para alcançar a liberação. O controle da vida produz o controle da respiração, o cordão que liga a alma ao corpo; e a falta de ar no estado de samadhi produz a consciência de Deus.

Rama, reverenciado como avatar (uma encarnação de Vishnu), foi um grande e nobre rei da Índia antiga. Diz-se que durante todo o seu reinado nenhuma morte ou doença tocou o seu reino. De grande retidão, ele possuía armas divinas pelas quais foi conquistador de todos os inimigos malignos. Entre os manejadores de armas, o maior – como foi Rama – é o vencedor dos inimigos internos da ilusão, usando o arco da calma com sua corda esticada de coluna reta na meditação, equipado com flechas infalíveis de autocontrole e concentração.

Makara é uma criatura marinha mítica, veículo de Varuna, "deus do oceano" (ver X:29). Makara é às vezes referido como um tubarão, o indiscutivelmente mais poderoso dos peixes. Esta criatura mítica é o emblema do estandarte de Kamadeva, "desejo", mostrando a deferência do desejo para com este poder superior. O significado espiritual é que a presença de Deus, inerente à consciência do homem, torna-se ativa no oceano da consciência de samadhi como um predador divino devorando todos os pequenos "peixes" dos desejos terrenos do devoto.

O Ganges é reverenciado como o mais sagrado dos rios, abençoado por Deus através das vibrações dos muitos santos libertados que se banharam nas suas águas e meditaram nas suas margens. Simbolicamente, o Ganges representa a sabedoria intuitiva sempre fluindo no iogue liberado. Também representa a corrente vital imaculada sushumna, que flui através da espinha astral do cóccix até o lótus de mil pétalas no cérebro. A força vital e a percepção da alma do iogue são transportadas neste rio da vida, longe dos emaranhados materiais do corpo, até as margens da bem-aventurança no Espírito.

Versículo 32

sargaṇāmādir antaś ca madhyaṁ caivāham arjuna
adhyātmavidyā vidyānāṁ vādaḥ pravadatām aham

De todas as manifestações, ó Arjuna, eu sou o começo, o meio e o fim. Entre todos os ramos do conhecimento, sou a sabedoria do Ser; para os debatedores, sou a lógica discriminativa (vada).

Assim como o Senhor é o Eu eterno nas formas mortais transitórias dos seres, assumindo a responsabilidade exclusiva por suas idas e vindas (ver X:20), Ele também cria, sustenta e chama de volta para Si todas as imagens oníricas objetivadas de Sua consciência. .

O conhecimento humano, por mais proliferado que seja, será sempre limitado sem a sabedoria (percepção intuitiva) da alma, o revelador singular do Criador.

Sem a presença inerente de Deus, não haveria poderes de cognição, razão e disputa. Na lógica e na dialética, Ele deu a potencialidade de conceber a inconstância e a irrealidade do sonho cósmico e de inferir a realidade do Sonhador Cósmico. Somente ao homem, em toda a criação, Deus concedeu o poder do raciocínio abstrato. Exceto pelo exercício correto da razão, nenhum homem sob a Ilusão Cósmica jamais teria saído dela, pois não saberia que estava nela!

VERSÍCULO 33

akṣarāṇāṁ akāro ‘smi dvandvaḥ sāmāsikasya ca
aham evākṣayaḥ karo dhatāhaṁ viśvatomukhaḥ

Entre todas as letras, sou a letra A; de todos os compostos, eu sou o dvandva (elemento conectivo). Eu sou o Tempo Imutável; e eu sou o Criador Onipresente (o Distribuidor do Destino que tudo permeia), cuja face está voltada para todos os lados.

As letras são divididas em vogais e consoantes; nenhuma consoante pode ser pronunciada sem o auxílio de uma vogal. A letra A, em quase todas as línguas, é a primeira entre as vogais; em sânscrito é também o componente de cada consoante, o que permite a entonação dessa letra: ka, ta, ba e assim por diante. A é a primeira letra da sílaba primordial Aum, cujo som cósmico é a mãe de todos os sons e, portanto, de todas as línguas. Aum é o som conglomerado das vibrações criativas, preservadoras e dissolventes da Natureza, representadas, respectivamente, por suas letras a (akara), u (ukara), m (makara). É, portanto, a Palavra de Deus que esteve com Ele

desde o início,20 Seu símbolo na criação. O Senhor neste verso do Gita se declara preeminentemente na letra A (criação), pois Ele é a origem, a fonte infinita do ser, o poder que envia os modos da Natureza. “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso.”21 As escrituras hindus tratam longamente da importância de cantar esta Palavra sagrada, Aum, e de ouvir em meditação profunda o som real desta vibração sagrada declarando a presença de Deus na criação.

Na gramática sânscrita, dvandva refere-se a compostos de palavras (compostos agregados) nos quais as palavras, embora unidas, não mudam seu caráter na construção ou no significado. A analogia concomitante da manifestação de Deus como dvandva é que Sua consciência é o elemento copulador que mantém unidos, em jogo inteligente e em interação, todos os seres e objetos. A ilusão cósmica no homem comum suprime a sua percepção do Infinito onipresente; ele vê apenas o sonho cósmico sem a presença do Sonhador Cósmico. O iogue, entretanto, vê o Sonhador Cósmico e Seu sonho cósmico como um só. Ao elevar-se acima do estado mortal, ele vê Deus como o poder conjunto (dvandva) entre todos os compostos (samasa) no sonho cósmico. Ele percebe a consciência subjetiva de Deus e Seus sonhos objetivos mantidos juntos por Sua consciência onírica cognitiva conjunta. Assim como um homem necessita de autoconsciência para estar consciente de si mesmo e de seus sonhos, assim Deus conhece Seus sonhos cósmicos através de Sua sempre consciente Autoconsciência – a faculdade essencial pela qual Seu Ser Sem Sonhos e Seus sonhos cósmicos existem juntos, em completa harmonia. Assim como um galho pode sustentar duas flores, o caule da Autoconsciência – o dvandva unificador, ou o poder cognitivo de Deus – mantém unidos o florescimento de Sua natureza Absoluta e o florescimento de Seu sonho cósmico diversificado.

Deus é o Tempo Imutável, a Consciência Eterna. No Atharva Veda, Deus é personificado como o Tempo e aclamado como o “pai” (criador) de todos os mundos, e também como seu “filho” (sua existência). Tempo (kala) é a ideia de mudança no Eterno Imutável, uma ilusão tênue na qual todas as ilusões dançam. A estrofe 30 deste capítulo referia-se à concepção

de tempo do homem, imposta a ele pela Natureza como um de seus "medidores" ilusórios. Este versículo atual refere-se à consciência eterna de Deus, o Tempo Único, que é o receptáculo eterno de todos os Seus sonhos ilusórios de criação em constante mudança.

❖

Predestinação e livre arbítrio do homem

❖

Um princípio sutil é citado na descrição esotérica de Deus como o Criador Onipresente, o Distribuidor (ou Doador) do Destino (dhata) que olha em todas as direções (visvato-mukha). Um sonhador é o criador e sustentador do destino – tanto bom quanto ruim – das imagens em seu sonho. Da mesma forma, no sonho cósmico, o Sonhador Divino é o Criador e Sustentador de todos os seres, e o Distribuidor de seu destino através de seu carma bom e ruim. Nesse sentido, Deus predetermina em grande parte os acontecimentos em Seu sonho cósmico e os papéis a serem desempenhados nele pelos atores de Seus sonhos. Isto não significa, contudo, que o destino do homem seja totalmente predestinado por uma Deidade autoritária. Deus é o Criador do destino, mas Ele deu ao homem o poder de reagir ao destino. Cada ser humano recebe de Deus o dom da livre escolha, através do qual pode fazer mudanças em si mesmo e no seu ambiente mundial. Este próprio poder do livre arbítrio é uma expressão da imagem de Deus no homem, a imagem na qual o homem é feito – a alma ou consciência individualizada de Deus. Portanto, todos os acontecimentos são determinados por um esforço conjuntivo entre Deus, o Criador macrocósmico, e Deus, o criador microcósmico, através da expressão individualizada no homem. Nenhum indivíduo é poupado da sua parcela de responsabilidade por quaisquer males ou aparentes injustiças. Se alguém desdenha a sua sorte, pode exercer o poder de Deus dentro de si para operar as leis da Natureza que podem mudar essas circunstâncias. Se ele se cansar dos entretenimentos e assédios alternados das dualidades, ele poderá exercer o seu poder de Deus para despertar deste sonho cósmico. O não uso ou mau uso do livre arbítrio é a escolha do próprio homem de permanecer no sonho e ser submetido às leis que regem o reino da manifestação.

Visvato-mukha, "onipresente, voltado para todos os lados", tem também

um significado adicional: “uma abertura ou abertura onipresente”. A presença eterna de Deus, Sua consciência onipresente, é a “porta” através da qual Seus seres criados vão e voltam entre o plano físico e o mundo astral, à medida que Sua consciência realiza neles as mudanças ilusórias chamadas nascimento e morte. Através do bom e do mau carma (os frutos das ações do homem dispensados por Deus de acordo com Sua justa lei de compensação), os ciclos recorrentes de nascimento, existência e morte de todos os seres ocorrem continuamente na consciência de Deus. Assim, Ele é o Sustentador e Doador de todos os acontecimentos.

VERSÍCULO 34

mṛtyuḥ sarvaharaś cāham udbhavaś ca bhaviṣyatām
kīrtiḥ śrīr vāk ca nārīṇāṁ smṛtir medha dhṛtiḥ kṣamā

Estou dissolvendo a Morte; e eu sou o Nascimento, a origem de tudo o que existirá. Entre as manifestações femininas (qualidades de Prakriti), eu sou a fama, o sucesso, o poder iluminador da fala, a memória, a inteligência discriminativa, a faculdade gananciosa da intuição e a firmeza da tolerância divina.

Este versículo refere-se à consciência de Deus ativa nas três gunas da Natureza: tamas, dissolução; rajas, criação; e sattva, preservação, a qualidade maternal ou feminina nutridora.

As manifestações rajas e sattva passam por mudanças contínuas como resultado de tamas. A morte, ou dissolução, necessita da criação e preservação de novas formas para a continuidade da Natureza Cósmica com os seus muitos seres e objetos. A consciência de Deus como a morte transformadora, o Dissolvedor, muda as formas e os estados de todas as criações subjetivas e objetivas e os transfere de um lugar para outro em Seu cosmos físico-astral-causal. Deus, que não está sujeito à mudança ilusória da morte que infecta todas as aparências em Seu sonho cósmico, expressa Seu poder transformador de morte por meio da qualidade tamásica de Sua ilusão cósmica, a Natureza.

Assim como tudo o que existe no reino da Natureza está sujeito à dissolução na consciência de Deus, tudo o que ainda está por vir à manifestação nascerá a partir de sua origem na consciência de Deus. Seu poder totalmente criativo é transmitido pela qualidade ativadora rajásica da Natureza.

O aspecto preservador de Deus, cujas atividades são realizadas pela qualidade sáttvica da Natureza ilusória, é referido neste versículo como tendo sete atributos “femininos” – a Natureza sendo a consorte de Deus, a Mãe Cósmica, a Shakti ou poder vibratório de Deus. Espírito. Estas sete “filhas” de Deus e da Natureza Cósmica conferem suas qualidades a todos os objetos e seres. O homem tem a capacidade de negar ou potencializar seus efeitos benéficos em sua vida.

1. Fama ou glória (kirti) é o poder sutil de expressão, a declaração que torna algo conhecido – como a glória em uma flor; ou o caráter sutil dos desejos do homem que alimenta sua boa ou má reputação.

2. Sucesso ou prosperidade (sri) é o poder auspicioso que promove e sustenta o bem-estar e todas as formas de sucesso.

3. A fala (vach) é um atributo fundamental no reino da ilusão cósmica da Natureza, derivando do som da Vibração Cósmica com seus gunas de criação, preservação e destruição. Toda a natureza possui esse atributo de expressão vibratória, evidenciado em tudo, desde o zumbido dos átomos até o canto dos pássaros e as expressões dos animais – e, acima de tudo, na articulação do homem. Através do som vibratório, toda a natureza comunga. Na sua expressão mais elevada, vach é o repositório de todo o conhecimento, aquela inteligência vibratória através da qual os Vedas foram divinamente revelados aos rishis, que por sua vez, através da sua própria voz, transmitiram esta iluminação a outros. Da mesma forma, cabe ao homem usar o poderoso instrumento de fala que Deus lhe deu, para fazer apenas o bem e espalhar a iluminação.

4. Memória (smriti) é o poder de continuidade da consciência, a forma da Natureza de conectar o passado com o presente. A consciência vibratória de uma semente (embora não autoconsciente) “lembra” como fazer crescer uma planta ou uma árvore poderosa a partir de seu registro evolutivo ou

“memória”. O homem é capaz de recordar experiências passadas – todas elas gravadas no seu cérebro – e, assim, proliferar o seu crescimento e capacidades. O homem divino pode recordar não apenas as experiências acumuladas da sua vida presente, mas também das suas encarnações passadas – o legado da continuidade da sua consciência – e assim recorrer a um vasto depósito de conhecimentos e realizações.

5. A inteligência (medha) como atributo da Natureza é a inteligência discriminativa ou manifestada da Inteligência Suprema, o Espírito. É o que mantém a ordem e a harmonia no universo e no homem. Através do uso do seu poder mental de inteligência discriminativa, o homem iludido e ignorante alcança a sabedoria.

6. O poder de apreensão da intuição é a fixidez da mente (dhriti) na percepção da alma – a realização direta ou conexão da alma com a verdade ou Realidade.22 Mesmo a consciência adormecida na pedra e a consciência semi-desperta no animal nunca perde a conexão com sua verdadeira natureza. O homem, o ser em quem a discriminação desperta, começa, em menor e maior grau, a recorrer à sua intuição inata, a fonte subjacente de todos os seus poderes mentais. O homem divino totalmente desperto, ancorado em seu verdadeiro Eu, torna-se onisciente através da onisciência da pura intuição da alma.

7. Tolerância (kshama) é a estabilidade calma e paciente na natureza e no homem, o poder que resiste às flutuações perturbadoras das dualidades da Natureza. É o porto da paz e a âncora da firmeza procurada por todos os seres. Este atributo na ilusão cósmica é um reflexo da Calma Eterna, da Paciência Eterna – o Espírito Incriado.

Há também um significado mais profundo neste versículo, compreendido pelo iogue. Esses gloriosos atributos da Mãe Cósmica exibidos em todo o universo podem ser aproveitados conscientemente em meditação profunda. À medida que a vida e a consciência do iogue ascendem através dos centros cerebroespinhais sutis, despertando ou desbloqueando seus mistérios, a refulgência desses atributos ilumina todo o seu ser e concede-lhe seus maiores tesouros, de acordo com o desejo de seu coração.

VERSÍCULO 35

bṛhatsāma tathā sāmnāṁ gāyatrī chandasām aham
māsānāṁ mārgaśīrṣo ’ham ṛtūnāṁ kusumākaraḥ

Entre Samas (hinos), sou Brihat-Saman; entre as métrica poéticas, sou Gayatri; entre os meses, sou Margasirsha (um auspicioso mês de inverno); entre as estações, eu sou Kusumakara, o portador da flor (Primavera).

Os hinos sagrados védicos com fórmulas especiais de métrica e silabação são citados por seu potente poder vibratório (ver X:22) - o Saman promove a sabedoria e o Gayatri trata da salvação do homem. Brihat-Saman e Gayatri, respectivamente, referem-se a duas classes de versos sagrados, cada um com sua fórmula distinta; e são também os nomes de dois hinos principais representativos dessas categorias.

Na Índia, o mês de Margasirsha (abrangendo uma parte de novembro e dezembro) é considerado o período mais auspicioso e saudável do ano. O frescor deste mês de inverno destrói ou inativa muitos germes e bactérias que floresceram no calor anterior do verão e na umidade das monções. Na primavera florescente, Deus decora Sua consorte, a Natureza, com ornamentos incomparáveis de flores multicoloridas enquanto ela cuida ativamente do renascimento e da nutrição de sua vasta descendência.

Metaforicamente, Kusumakara (“abundante em flores”) refere-se ao tempo de realização espiritual. O iogue noviciado luta contra os instintos pré-natais e a inquietação mental ao longo de anos de meditação vigorosa. Como resultado de devotada persistência, ele finalmente contempla flores maravilhosas de sabedoria; e os lótus astrais que florescem nas regiões mais sutis dos centros sutis de sua coluna e de seu cérebro se abrem diante dele, banhando-o com a fragrância de muitas realizações. Dentro deste jardim florescente, os esforços meditativos do iogue confrontam e, com o tempo, removem todos os vestígios do carma pré-natal e pós-natal, e do ego e das suas forças de ilusão. Ele ascende pelo caminho divino que se abre através dos centros espinhais até o cume da consciência cósmica, na parte superior do cérebro, e daí até a liberação em Espírito. Isto é representado

simbolicamente na referência ao mês auspicioso Margasirsha: marga, “o caminho divino para” sirsha, literalmente, “a cabeça ou parte superior” – o centro supremo da consciência cósmica no cérebro, o portal para a libertação, o “ pináculo culminante” dos esforços do iogue.

VERSÍCULO 36

dyūtaṁ chalayatām asmi tejas tejasvinām aham
jayo 'smi vyavasāyo 'smi sattvaṁ sattvavatām aham

Sou o jogo dos praticantes da fraude; Eu sou o brilho do radiante; Eu sou a vitória e o poder do esforço; Eu sou a qualidade de sattva entre os bons.

À medida que Deus passa por Sua consciência, Sua película de ilusão cósmica, sombreada pelas qualidades triplas – tamas, rajas e sattva – imagens más, ativadoras e boas são produzidas a partir de Seu único Ser. Ele não pode, portanto, desassociar-se totalmente, mesmo dos conceitos malignos ou sombrios do drama. Na verdade, é Sua maya cósmica, o enganador final, que perturba a razão daqueles que cortejam a qualidade tamásica sombria. Eles apostam ignorantemente sua felicidade e bem-estar nas chances de autogratificação rápida e fácil.

O Divino Malandro, entretanto, também ensina Seus acólitos como virar o jogo em Sua ilusão cósmica – por meio do desapego, da atividade correta, da prática de yoga e da união extática com Ele, a Realidade Não Iludida. Assim, através da qualidade ativadora de Deus, são produzidos rajas, imagens radiantes da vida, retratando seres com energia vital, lutando valente e nobremente e conquistando vitórias.

Finalmente, no conquistador, Deus se manifesta como Sattva – Bondade e Pureza.

No devoto, a natureza tripla da ilusão cósmica de Deus representa de forma semelhante o seu drama. No início, sem nenhuma certeza evidente de ganho – exceto a convicção da fé e da devoção – o buscador aposta corajosamente os seus esforços contra os obstáculos enganosos da ilusão.

Com a energia ígnea e o autocontrole de rajas, ele pratica penitência, renúncia, disciplina rigorosa e subjugação de pensamentos inquietos pela meditação em Deus. Com o tempo, ele fica gratificamente surpreso com vislumbres ocasionais de Deus brincando de esconde-esconde com ele. Quando o iogue consegue manter a plena realização de Deus em sua concentração, mesmo que por pouco tempo, sua mente e seu corpo ficam emocionados com uma energia radiante que pode até fazer com que os pelos de seu corpo se arrepiem.

Com persistência e zelo inabalável, e com a ativação da Graça Divina interior, a consciência corporal, a respiração e a mente do iogue se dissolvem em uma percepção do amor divino, a união parcial de sua alma com Deus. A Radiação Divina interior impregna todo o seu corpo, mente e alma com uma felicidade insuperável; até mesmo o corpo grosseiro torna-se sutilmente iluminado por um halo astral divino; os olhos imóveis brilham com lágrimas invisíveis de bem-aventurança. Ele adora o Amado Espírito Cósmico com a adoração abrangente de sua alma, até que sua alma se torne a bem-aventurança do Espírito. No estado final de samadhi, a consciência do iogue, sem perder a autoconsciência, expande-se na consciência onipresente de Deus. O devoto percebe que, em todos esses estados, Deus era a Realidade sempre presente dentro das forças ilusórias, dos esforços valentes para conquistá-las e das vitórias temporárias e definitivas – o Bem Supremo, o Brilho Supremo em todas as representações de sonhos ilusórios.

VERSÍCULO 37

vṛṣṇīnāṁ vāsudevo 'smi pāṇḍavānām dhanaṁjayaḥ
munīnām apy ahaṁ vyāsaḥ kavīnām uśanā kaviḥ

Entre os Vrishnis, sou Vasudeva (Krishna); entre os Pandavas, sou Dhananjaya (Arjuna); entre os munis (santos), eu sou Vyasa; entre os sábios, eu sou o sábio Ushanas.

A partir de seu estado de união com Deus, Bhagavan Krishna pôde proclamar de maneira impessoal que o Espírito, que ele percebeu como a

totalidade de seu ser, encarnou na dinastia Vrishni como Krishna, conhecido como Vasudeva, o Senhor como Criador, Preservador e Destruidor.

Da mesma forma, entre aqueles da sábia dinastia Pandava, o Senhor é eminente no discípulo ideal Arjuna, Dhananjaya, "ganhador de riqueza" — aquele que alcança o Tesouro Divino ao conquistar desejos e apetites, dor e prazer, nascimento e morte.

Ainda impessoalmente, Krishna como Espírito se declara em Seu devoto ideal Vyasa, o escritor do Bhagavad Gita, que recebeu esta revelação de forma humilde e impessoal e depois a registrou na forma deste discurso divino. Vyasa é proclamado o principal entre os munis – santos encerrados em comunhão extática com Deus – quando está em samadhi, estado inativo. Em sintonia com a Consciência Cósmica, Vyasa percebeu o que Bhagavan Krishna revelou a Arjuna. Quando Vyasa estava no estado divinamente ativo, como durante a escrita do Bhagavad Gita, ele era chamado de rishi, aquele que realiza atividades espirituais sem perda do contato divino supremo.

Deus exalta também o antigo poeta e sábio Ushanas, que tinha grandes poderes, incluindo o de ressuscitar os mortos.

VERSÍCULO 38

daṇḍo damayatām asmi nītir asmi jigīṣatām
maunaṁ caivāsmi guhyānāṁ jñānaṁ jñānavatām aham

Eu sou a vara dos disciplinadores; Sou a arte de quem busca a vitória; Sou também o silêncio de todas as coisas ocultas e a sabedoria de todos os conhecedores.

A vara é a lei de causa e efeito de Deus, o carma, o disciplinador final. O homem errante pode escapar da punição das leis criadas pelo homem, mas a justiça cármica é inexorável, apaziguável apenas por ações corretas que rendem recompensas de mérito e perdão final. A Bíblia também se refere à lei do karma como "a vara": "Tua vara e Teu cajado me consolam."23 O princípio cármico é uma fonte de conforto para aqueles que entendem que

sua disciplina e recompensas apontam o caminho para a verdadeira felicidade. e libertação. Jó referiu-se à “vara de Deus” quando lamentou que muitas vezes os justos sofrem enquanto os ímpios obtêm grandes ganhos materiais e prazeres. “Suas casas estão protegidas do medo, nem a vara de Deus está sobre eles.” Mas então ele conclui conscientemente: “Quantas vezes se apaga a vela dos ímpios! e quantas vezes lhes cai a destruição! Deus distribui tristezas em Sua ira.”24 A lei cármica dispensa justiça; os ímpios, por um tempo, podem desfrutar das recompensas do bom carma passado, mas o mal presente certamente cobrará seu preço.

O poder conquistador de Deus manifesta-se em ações corretas e em motivos e objetivos nobres. Estas são a ciência e a arte divinas através das quais Sua lei cármica gratificante concede a vitória aos valentes.

Deus é o Silêncio Incriado, oculto em todas as forças e objetos da natureza cósmica. As criaturas da natureza veem apenas as expressões grosseiras que maya exibe, e não o Mistério oculto que as faz parecer tão reais e vitais. A presença silenciosa de Deus em todos os fenômenos do sonho cósmico é o Seu segredo mais bem guardado, que não pode ser descoberto por nenhuma mente humana limitada.

Está escrito: “Quem sabe, sabe; nada mais sabe. Somente através da realização divina alguém conhece Deus e a verdade, e sabe que sabe. Deus é a sabedoria, a percepção e a percepção desse conhecedor.

Aplicado ao yoga, danda, “vara, bastão, tronco” (da árvore da vida), representa a coluna vertebral na qual o iogue realiza a autodisciplina para espiritualizar sua consciência. Este versículo, portanto, elogia o pranayama (a técnica de Kriya Yoga de controle da vida) como o modo mais eficaz de disciplinar os sentidos rebeldes, a mente inquieta e a vontade equivocada, para que se voltem para Deus. Através desta “arte”, ou prática, do yoga científico, o iogue torna-se vitorioso. Quando a consciência corporal e os pensamentos se acalmam, ele encontra dentro de si, naquele “silêncio”, a felicidade inimaginável de Deus. Ele se torna um verdadeiro conhecedor, um com a Sabedoria Eterna.

VERSÍCULO 39

yac capi sarvabhūtānāṁ bījaṁ então aham arjuna
na tad asti vinā yat syān mayā bhūtaṁ carācaram

Além disso, sou tudo o que constitui a semente reprodutiva de todos os seres. Não há nada, ó Arjuna, móvel ou imóvel, que possa permanecer sem Mim.

O Senhor começou a enumeração categórica de Suas manifestações em X:20 com a declaração de que Ele é a origem, existência e finalidade de todas as criaturas. Ele agora conclui Seu relato com a afirmação de que Ele também é a semente dentro de todos os seres, pela qual Ele perpetua Sua criação através do poder de reprodução da Natureza em todas as suas diversas formas.

Tudo o que se move (isto é, expressa os atributos perceptivos de sattva e/ou ativos de rajas de Deus - desde criaturas animadas até o movimento do vento, fogo, planetas, todas as forças da natureza cósmica) e tudo o que é estacionário (grosso inerte). matéria, o produto da qualidade obstrutiva tamas) devem sua existência unicamente à consciência onipresente de Deus e à onipotência de Sua vontade divina.

Todos são apenas partes de um todo estupendo,
De quem é o corpo a Natureza, e Deus a alma.25

VERSÍCULO 40

nānto ’sti mama divyānāṁ vibhūtīnāṁ paraṁtapa
eṣa tūddeśataḥ prokto vibhūter vistaro mayā

Ó Opressor de Inimigos (Arjuna), ilimitadas são as manifestações de Meus atributos divinos; Minha declaração concisa é uma mera sugestão de Meus gloriosos poderes proliferantes.

Incontáveis são os dramas oníricos encenados na criação, preservação e dissolução dos universos causal, astral e físico, e nas experiências de seus atores oníricos – todos os quais são manifestações dos poderes de Deus. Infinitude em constante mudança; como o Infinito pode ser totalmente

definido?

VERSÍCULO 41

yad yad vibhūtimat sattvaṁ śrīmad ūrjitam eva vā
tat tad evāvagaccha tvaṁ mama tejoṁśasaṁbhavam

Qualquer ser que seja um operador de milagres, que possua a verdadeira prosperidade, que seja dotado de grande destreza, sabe que todos esses são centelhas manifestadas do Meu esplendor.

"Todas as existências cósmicas individualizadas (homens, anjos, devas, forças inteligentes) que controlam as leis da Natureza, que possuem o poder auspicioso da prosperidade que confere todas as formas de sucesso e bem-estar, que exibem grande destreza contra as trevas ou o negativo. poderes de ilusão – entendam que estes são expressões divinas circunscritas do Meu Ser Ilimitado, faíscas cintilantes da Minha Refulgência Infinita."

VERSÍCULO 42

athavā bahunaitena kiṁ jñātena tavārjuna
viṣṭabhyāham idaṁ kṛtsnam ekāmśena sthito jagat

Mas que necessidade você tem, ó Arjuna, dos múltiplos detalhes desta sabedoria? (Entenda de forma simples:) Eu, o Imutável e Eterno, sustento e permeio todo o cosmos com apenas um fragmento do Meu Ser!

As desconcertantes complexidades do homem e da criação são finalmente resolvidas na Simplicidade Divina.26

Com a compreensão humana, apenas são possíveis vislumbres vagos de Deus. Mas todas as perguntas do coração de um devoto serão respondidas quando, na consciência cósmica, ele atingir a compreensão da onipresença transcendental do Senhor — dentro e além da criação. Toda a magnificência do cosmos, evidente e oculta, será vista apenas como um lampejo

repousando sobre um pensamento infinitesimal na consciência eternamente bem-aventurada do Espírito.

Ó Tu, causa auto-manifestada e substância da criação, ó Tu, Eu que reside em tudo, Tu, fonte de Iluminação, guia-me além de Teus raios da criação, transporta-me além de Tua forma objetiva para que, por Tua graça, eu possa contemplar Teu glorioso Ser. Esse Eu absoluto que reside na refulgência transcendental, em verdade, eu sou Ele.

—Isha Upanishad

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
vibhūtiyogo nāma daśamo 'dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o décimo capítulo, chamado "Vibhuti Yoga (Manifestações Divinas)".

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO XI

VISÃO DAS VISÕES: O SENHOR REVELA SUA FORMA CÓSMICA

ॐ

Até este ponto, Arjuna aceitou pela fé as revelações sagradas, mas agora ele alcançou o objetivo do iogue – a experiência direta da Deidade….

Esses versos do Bhagavad Gita são uma ode incomparável à Forma Universal do Espírito, um hino à glória do Ídolo Sonho de Corpo Cósmico consagrado no Templo do Infinito, sem paredes. Universos maciços e suas partículas mais ínfimas, deuses majestosos da Natureza e as criaturas mais insignificantes, os jogos de sombras do bem e do mal — todos ocupam seu lugar especial na conformação da Imagem Cósmica.

Muitas vezes esses versos são cantados em adoração na Índia. Quando entoada corretamente no sânscrito original, a bênção vibratória desperta uma emoção de conhecimento no devoto receptivo, despertando memórias adormecidas de realização da verdade, mantida sagradamente segura no santuário interno da alma.

OceanoofPDF. com

Capítulo XI

Visão das Visões: O Senhor Revela Sua Forma Cósmica

Versículos 1–4

arjuna pegou
madanugrahāya paramaṁ guhyam adhyātmasaṁjñitam
yat tvayoktaṁ vacas tena moho ’yaṁ vigato mama (1)

bhavāpyayau hi bhūtānāṁ śrutau vistaraśo mayā
tvattaḥ kamalapatrākṣa māhātmyam api cāvyayam (2)

evam etad yathāttha tvam atmānaṁ parameśvara
draṣṭum icchāmi te rūpam aiśvaraṁ puruṣottama (3)

Manyase yadi tac chakyaṁ mayā draṣṭum iti prabho
yogeśvara tato me tvaṁ darśayātmānam avyayam (4)

Arjuna disse:
(1) Tu me revelaste compassivamente a sabedoria secreta do verdadeiro Eu, banindo assim minha ilusão.

(2) Ó Olho de Lótus (Krishna)! Tu me contaste extensivamente sobre o começo e o fim de todos os seres, e sobre Tua soberania eterna.

(3) Ó Grande! verdadeiramente Tu assim te declaraste. No entanto, ó Purushottama! Anseio ver-Te na Corporificação Divina (Tua Forma de Ishvara).

(4) Ó Mestre, ó Senhor dos Iogues! se Tu me consideras capaz de vê-Lo, mostra-me Teu Eu Infinito!

As escrituras hindus contêm milhares de nomes para Deus, cada um transmitindo um tom diferente de significado filosófico. Purushottama (XI:3) ou “Espírito Supremo” é uma denominação para a Deidade em Seu aspecto mais elevado – o Senhor Imanifestado além da criação. Ishvara (XI:3) é Deus em Seu aspecto de Governante Cósmico (da raiz verbal īś, governar). Ishvara é Aquele por cuja vontade todos os universos, em ciclos ordenados, são criados, mantidos e dissolvidos.

Embora Arjuna aceite plenamente a verdade do Senhor como Purushottama, seu coração humano anseia vê-Lo como Ishvara, o Governante Divino cujo corpo é o universo.

VERSÍCULOS 5–7

śrībhagavan uvāka
paśya e pārtha rūpāṇi śataśo ’tha sahasraśaḥ
nānāvidhāni divyāni nānāvarṇākṛtīni ca (5)

paśyādityān vasūn rudrān aśvinau marutas tathā
bahūny adṛṣṭapūrvāṇi paśyāścaryāṇi bhārata (6)

ihaikasthaṁ jagat kṛtsnaṁ paśyādya sacarācaram
mama dehe guḍākeśa yac cānyad draṣṭum icchasi (7)

O Bendito Senhor disse:
(5) Veja, ó filho de Pritha (Arjuna)! às centenas e aos milhares Minhas formas divinas – multicoloridas, onipresentes!

(6) Veja os Adityas, os Vasus, os Rudras, os gêmeos Ashvins, os Maruts, e muitas maravilhas até então desconhecidas!

(7) Aqui e agora, ó Conquistador do Sono (Arjuna)! veja como unificados em Meu Corpo Cósmico todos os mundos, tudo o que se move ou está imóvel, e tudo o mais que você deseja ver.

O Senhor disse: “Eis-me encarnado como o Ídolo Cósmico no Templo da Onipresença – todo o cosmos dos deuses, dos homens e da Natureza!”

E, porque para o devoto Deus é o inesgotável Realizador de Desejos, Ele acrescentou: “Peça-Me qualquer coisa! Tudo o que você deseja ver – seja do passado, do presente ou do futuro – aparecerá diante de você!

Ciente de Sua promessa, Ele concede (XI:32-34) o pedido tácito de Arjuna para saber o resultado da batalha iminente no campo de Kurukshetra. Esse conhecimento Ele havia retido anteriormente (ver II:37). Agora Arjuna, purificado pela humildade e devoção, tornou-se um receptáculo adequado para a verdade.

VERSÍCULO 8

na tu māṁ śakyase draṣṭum anenaiva svacakṣuṣā
divyaṁ dadāmi te cakṣuḥ paśya me yogam aiśvaram

Mas você não pode me ver com olhos mortais. Portanto eu te dou visão divina. Contemple Meu poder supremo do yoga!

Os olhos duais do corpo físico do homem estão adaptados às visões de maya, o mundo da dualidade – dia e noite, nascimento e morte, e assim por diante. O único olho na testa1 é o “olhar divino” pelo qual o iogue pode perceber a Unidade em variedade. O Senhor agora desperta esse olho em Seu devoto. Até este ponto, Arjuna aceitou pela fé as revelações sagradas, mas agora ele alcançou o objetivo do iogue – a experiência direta da Deidade.

VERSÍCULO 9

saṁjaya uvāca
evam uktvā tato rājan mahāyogeśvaro hariḥ
darśayām āsa pārthāya paramaṁ rūpam aiśvaram

Sanjaya disse (ao rei Dhritarashtra):

Com estas palavras Hari (Krishna), o exaltado Senhor do Yoga, revelou a Arjuna a Incorporação Consumada, a Forma Ishvara de Corpo Cósmico.

O Senhor não tem forma, mas em Seu aspecto como Ishvara Ele assume todas as formas. Em virtude de Seu supremo poder de Yoga, o Imanifestado torna-se o milagre visível do universo.

Hari, “o Ladrão” de corações, é um nome dado a Sri Krishna como uma encarnação de Vishnu. Nesse papel de avatar, ele tira o mal de maya dos corações dos devotos receptivos, para que sua devoção purificada flua incessantemente em adoração ao Senhor.

Versículos 10–14

anekavaktranayanam anekādbhutadarśanam
anekadivyābharaṇaṁ divyānekodyatāyudham (10)

divyaamālyāmbaradharaṁ divyagandhānulepanam
sarvāścaryamayaṁ continue anantaṁ viśvatomukham (11)

divi suryasahasrasya bhaved yugapad utthitā
yadi bhāḥ sadṛśī sā syād bhāsas tasya mahātmanaḥ (12)

tatraikasthaṁ jagat kṛtsnaṁ pravibhaktam anekadhā
apaśyad devadevasya śarīre pāṇḍavas tadā (13)

tataḥ sa vismayāviṣṭo hṛṣṭaromā dhanaṁjayaḥ
praṇamya śirasā devaṁ kṛtāñjalir abhāṣata (14)

(10-11) Arjuna viu a multifacetada e maravilhosa Presença da Deidade - infinita em formas, brilhando em todas as direções do espaço, onipotência onipresente, adornada com incontáveis vestes celestiais, guirlandas e ornamentos, erguendo armas celestiais, perfumadas com todas as essências adoráveis , Suas bocas e olhos por toda parte!

(12) Se mil sóis aparecessem simultaneamente no céu, a sua luz poderia assemelhar-se vagamente ao esplendor daquele Ser Omnifico!

(13) Lá, descansando na Forma infinita do Deus dos deuses, Arjuna contemplou o universo inteiro com todas as suas manifestações diversificadas.

(14) Então o Vencedor da Riqueza (Arjuna), maravilhado, com os cabelos em pé, as palmas das mãos juntas em um gesto de oração, inclinando a cabeça em temor diante do Senhor, dirigiu-se a Ele:

A Visão das Visões

Versículos 15–34

arjuna pegou
paśyāmi devāṁs tava deva dehe sarvāṁs tathā bhūtaviśeṣasaṁghān
brahmāṇam īśaṁ kamalāsanastham ṛṣīṁś ca sarvān uragāṁś ca divyān (15)

anekabāhūdaravaktranetraṁ paśyāmi tvāṁ sarvato 'nantarūpam
nantaṁ na madhyaṁ na punas tavādiṁ paśyāmi viśveśvara viśvarūpa (16)

kirīṭinaṁ gadinaṁ cakriṇaṁ ca tejorāśiṁ sarvato diptimantam
paśyāmi tvāṁ durnirīkṣyaṁ samantād dīptānalārkadyutim aprameyam (17)

tvam akṣaraṁ paramaṁ veditavyaṁ tvam asya viśvasya paraṁ nidhānam
tvam avyayaḥ śāśvatadharmagoptā sanātanas tvaṁ puruṣo mato me (18)

anādīmadhyāntam anantavīryam anantabāhuṁ śaśisūryanetram
paśyāmi tvāṁ dīptahutāśavaktraṁ svatejasā viśvam idaṁ tapantam (19)

dyāvāpṛthivyor idam antaraṁ hi vyāptaṁ tvayaikena diśaś ca sarvāḥ

dṛṣṭvā ’dbhutaṁ rūpam ugraṁ tavedaṁ lokatrayaṁ pravyathitaṁ mahātman (20)

amī hi tvāṁ surasaṁghā viśanti kecid bhītāḥ prāñjalayo gṛṇanti
svastīty uktvā maharṣisiddhasaṁghāḥ stuvanti tvāṁ stutibhiḥ puṣkalābhiḥ (21)

rudrādityā vasavo ye ca sādhyā viśve ’śvinau marutaś coṣmapāś ca
gandharvayakṣāsurasiddhasaṁghā vīkṣante tvāṁ visitamāś caiva sarve (22)

rūpaṁ mahat te bahuvaktranetraṁ mahābāho bahubāhūrupādam
bahūdaraṁ bahudaṁṣṭrākarālaṁ dṛṣṭvā lokāḥ pravyathitās tathāham (23)

nabhaḥspṛśaṁ diptam anekavarṇaṁ vyāttānanaṁ dīptaviśālanetram
dṛṣṭvā hi tvāṁ pravyathitāntarātmā dhṛtiṁ na vindāmi śamaṁ ca viṣṇo (24)

daṁṣṭrākarālāni ca te mukhāni dṛṣṭvaiva dalānalasaṁnibhāni
diśo na jāne na labhe ca śarma prasīda deveśa jagannivāsa (25)

amī ca tvāṁ dhṛtarāṣṭrasya putrāḥ sarve sahaivāvanipālasaṁghaiḥ
bhīṣmo droṇaḥ sūtaputras tathāsau sahāsmadīyair api yodhamukhyaiḥ (26)

vaktrāṇi te tvaramāṇā viśanti daṁṣṭrākarālāni bhayānakāni
kecid vilagnā daśanāntareṣu saṁdṛśyante cūrṇitair uttamāṅgaiḥ (27)

yathā nadīnāṁ bahavo ’mbuvegāḥ samudram evābhimukhā drvanti
tathā tavāmī naralokavīrā viśanti vaktrāṇy abhivijvalanti (28)

yathā pradīptaṁ jvalanaṁ pataṅgā viśanti nāśāya samṛddhavegāḥ
tathaiva nāśāya viśanti lokas tavāpi vaktrāṇi samṛddhavegāḥ (29)

lelihyase grasamānaḥ samantāl lokān samagrān vadanair jvaladbhiḥ

tejobhir apurya jagat samagraṁ bhāsas tavogrāḥ pratapanti viṣṇo (30)

ākhyāhi me ko bhavān ugrarūpo namo ‘stu te devavara prasīda
vijñātum icchāmi bhavantam ādyaṁ na hi prajānāmi tava pravṛttim (31)

śrībhagavan uvāka
kalo’smi lokakṣayakṛt pravṛddho lokān samāhartum iha pravṛttaḥ
ṛte 'pi tvāṁ na bhaviṣyanti sarve ye 'vasthitāḥ pratyanīkeṣu yodhāḥ (32)

tasmāt tvam uttiṣṭha yaśo labhasva jitvā śatrūn bhuṅkṣva rājyaṁ samṛddham
mayaivaite nihatāḥ pūrvam eva nimittamātraṁ bhava savyasācin (33)

droṇaṁ ca bhīṣmaṁ ca jayadrathaṁ ca karṇaṁ tathānyān api yodhavīrān
mayā hatāṁs tvaṁ jahi mā vyathiṣṭhā yudhyasva jetāsi raṇe sapatnān (34)

Arjuna disse:
Amado Senhor,
Adorado pelos deuses!
Contemplar,
Teu corpo segura
Todos os inquilinos carnais, videntes excelentes,
E diversos anjos-deuses divinos.
Morando nas profundezas da caverna misteriosa,
O forte desejo da Natureza Serpente,2
Embora feroz e sutil, agora é manso,
Esquecido de seu jogo mortal;
E Sovran Brahma, Deus dos deuses,
No assento de lótus é confortável e seguro.

Grande Senhor dos mundos de Corpo Cósmico,
Oh, eu vejo, novamente eis
Você, tudo e em todos os lugares,
Teus incontáveis braços, troncos, bocas e olhos!
No entanto, caído, escuro, meu conhecimento reside
Sobre Teu nascimento e reinado e terminando aqui.

Este dia,
Ó Chama Ardente e Furiosa,
Ó Raio Cegante,
Teu poder focado brilha: Teu Nome3

Espalha-se por toda parte
Para o covil abismal da escuridão.
Dourado com uma coroa de estrelas
E empunhando maça de poder soberano,
Tu giras adiante, ó Febo Ardente,
O disco circulante da tua evolução.

Brahma imortal, todo Supremo,
Tu Abrigo Cósmico, Tema da Sabedoria,
Guardião do Eterno Dharma verdadeiro,
Você não morreu, eu nunca soube!

Ó sem nascimento, sem carne, sem morte,
Eu vejo Teus braços infinitos e ativos,
Teus olhos sempre vigilantes
Dos sóis e das luas, os céus fixos;
E de Tua boca espuma uma chama pulsante,4
Como Tu pronuncias o Aum, Teu Nome Cósmico.
Teu brilho auto-nascido protege do mal,
E toda a criação, distante, aquece.

Ó Alma Soberana! entre a terra e o lar dos deuses,
Todas as direções, e idiotas terrestres,
Todas as moradas elevadas e todas as esferas circundantes,

Por Ti permeou, longe e perto.
A trina dos mundos maravilhada pelo medo,
Tua forma terrível e maravilhosa adora.

Em Ti os deuses fazem sua entrada;
Com as mãos postas, com medo, alguns rezam para se abrigar
Em Ti. Os grandes videntes e os bem-sucedidos no caminho do céu,
Com soberbos cânticos de "Paz!" adore a Ti e somente a Ti.

As onze lâmpadas do céu;
Os doze sóis brilhantes;
Os oito pardos,
O brilho estrelado é grande;

Aspirantes a eremitas; deuses padroeiros,
Os agentes dos senhores cósmicos;
Os príncipes gêmeos fortes,
De valor conhecido há tanto tempo;
Força de duas pontuações e nove brisas noil,
Isso une o átomo;
Todos os espíritos guardiões há muito falecidos;
Os semi-oblins, semideuses e demônios altos;
E poderosos no caminho do Espírito,5
Maravilhado, contempla Teu valor brasonado.

Eu te vejo, Armado Colossal!
Com olhos estrelados e inúmeras bochechas,
Com mãos infinitas e pernas adornadas com pés de lótus.
Tua boca perseguida com dentes do Juízo Final
Boceja para engolir mundos desmaiados acima, abaixo,
E deixa em mim uma alegria destilada:
Tua grandeza eu e todos ficamos maravilhados ao ver!

Para ver as entranhas do vazio profundo, todas preenchidas com Ti -

Tua boca escancarada e diversos tons de corpo brilhante e ardente
-
Ó Vishnu da visão flamejante,
Tu me dominas completamente, minha paz me assusta.

Dentes ferozes e fogos mortais uivam
Nas tuas bocas que para mim franzem a testa.
A direção quatro está perdida e desapareceu;
Show de compaixão! Não encontro paz sozinho;
Ó Guardião Cósmico, Senhor dos deuses,
Tenha o prazer de aceitar minhas humildes palavras de súplica.

Os filhos dos sentidos balançaram com orgulho real,
Com ego, hábito cármico, atração mundana, permaneça
E espere para saltar sobre os chefes da nossa sabedoria;6
E ainda assim todos eles andam
A corrida da morte, para cair e se esconder
Fore'er em Tua boca devoradora,
Adornado com dentes cruéis e grosseiros.
O vencedor e o vencido devem
(Tua descendência, os justos e os ímpios)
Teu amor ainda reivindica; ainda assim, algum dia beijarão o pó,
E durma no chão comum de terra.
Os crânios despedaçados de alguns são vistos,
Como pegou Teus dentes gananciosos no meio.

Como ondas diversas, inquietas e aquosas
Dos ramos do rio todos anseiam
Para forçar o caminho das ondas lotadas
E conheça onde ficava o lar de Netuno,
Mesmo assim, fluxos heróicos de vida
Mergulhe para se encontrar na luta mais louca
Dentro de Tua boca espumante de mar flamejante,
Onde faíscas de vidas dançam em Ti.

Como insetos perdidos no jogo da beleza
Tudo rapidamente, sem pensar, incendeia-se,
Então os fogos da paixão nascida da neblina fingem
Para brilhar como a tua luz celestial,
E atraia os mortais para comparecer
A trombeta chama para a linha mortal.

Tua boca em chamas
Traz para olhar
Suas línguas saltitantes para lamber
O sangue furioso dos fortes e dos fracos;

Tu, Deus Gourmand, comeste
Com fome infinita.
Ó Vishnu, Tu queimas
Os mundos com tocha ardente que tudo permeia.

Fique satisfeito, ó Primeiro dos deuses;
Eu anseio por saber, Senhor Primitivo,
Verdadeiro quem és - ó Espírito Ardente,
No entanto, tão benigno e bom.
Oh, diga-me Tua Vontade Real;
Por isso eu ainda não sei.

O Bendito Senhor então disse:
Disfarçado de Endless Doom
Eu venho como avarento Tempo para aproveitar e espaço
Na boca ardente
Do meu temor dos fracos,
E toda a carne mortal
De mundos cansados de mudanças mortais, e tratamento
Eles com minha vida de néctar
Para conflitos novos e destemidos e melhores.
Mesmo se você deixar de matar

Teus inimigos perversos, ainda assim eles - e todos os guerreiros em formação corajosa -
Certamente e em tempo hábil terá que cair,
Ah, em Meus justos dentes da lei, além disso.

Levante-se, acorde! Levante-se, acorde!
Lança-te sobre o inimigo, torna a carne cativa;7
E ganhe a fama do vencedor
Com jogo caçado em batalha;
Riqueza do Rei
Da paz e do reino dos céus, traga!
Eu sei agora todos os acontecimentos
Esse futuro místico chama;
E assim teus inimigos e guerreiros são verdadeiros,
Há muito, muito tempo atrás eu matei,
Antes de tua mão de agente

(Que eu usaria para pousar
Teus inimigos na costa sombria da morte). Agora entenda!

Meu agente você;
Ah, é assim
Eu trabalho Meus planos - o universo -
Através de instrumentos diversos;
Fui eu quem matou e ainda assim matarei o trem dos sentidos8
Através de ti, como através dos passados e futuros,
Meus soldados sãos!

Esses versos do Bhagavad Gita são uma ode incomparável à Forma Universal do Espírito, um hino à glória do Ídolo Sonho de Corpo Cósmico consagrado no Templo do Infinito, sem paredes. Universos maciços e suas partículas mais ínfimas, deuses majestosos da Natureza e as criaturas mais insignificantes, os jogos de sombras do bem e do mal — todos ocupam seu lugar especial na conformação da Imagem Cósmica. Muitas vezes esses versos são cantados em adoração na Índia. Quando entoada corretamente no

sânscrito original, a bênção vibratória desperta uma emoção de conhecimento no devoto receptivo, despertando memórias adormecidas de realização da verdade, mantida sagradamente segura no santuário interno da alma.

Através dos portais deste cântico de louvor, muitas vezes entrei no Templo Cósmico para adorar no altar do Senhor Manifestado. Há muitos anos, depois de uma dessas experiências na consciência cósmica, escrevi a "Visão das Visões", uma versão lírica destes versos entrelaçada com uma interpretação do seu significado. Apresentei esta tradução aqui, em vez de uma tradução literal versículo por versículo mais restrita, na convicção de que a animação única de sentimentos característica da poesia é um meio adequado para a eloquência deste cântico bíblico sânscrito.

O Espírito, a consciência bem-aventurada do Absoluto Imanifestado, inconcebível para mentes circunscritas, gera dentro de uma parte infinitesimal de Sua Consciência Cósmica uma forma universal, um sonho de Ser. Cada componente da criação universal é a Consciência Cósmica individualizada, unificada com todas as outras manifestações pelos laços da Natureza e da Lei Cósmica. Deus como o Sonhador Supremo da Natureza e Deus como inteligências individualizadas e delimitadas sujeitas à Natureza – dos deuses aos homens – juntos criam todos os acontecimentos no drama universal através da operação da Lei Cósmica.

A consciência humana está perplexa e incapaz de conciliar os aspectos benignos e destrutivos do Senhor – concedendo bem e beleza ao homem e ao mundo, por um lado, e trazendo morte e destruição, por outro. Mas se o Espírito for onipresente e a Essência de todo o ser, nada poderá estar fora Dele. Assim Deus declara também na Bíblia: "Eu sou o Senhor, e não há outro, não há Deus além de Mim: Eu te cingi (te investi com teus poderes e atributos), embora você não me conheça…. formo a luz e crio as trevas: eu faço a paz e crio o mal: eu, o Senhor, faço todas estas coisas."9

As dualidades do bem e do mal, da alegria e da tristeza, da vida e da morte, não se destinam nem a ferir nem a agradar a ninguém, mas a proporcionar oportunidades infinitas aos filhos do Senhor para vivenciarem o drama cósmico e, através da participação correta, evoluirem para níveis

cada vez mais elevados. estados de sabedoria e liberdade.

O Senhor é a única Realidade; o drama cósmico é o Seu sonho. O valor de todas as dualidades é relativo ao seu resultado final. O clamor dos mortais ocorre porque sua consciência é míope, esquecida das causas e ignorante da consumação final. A visão de Arjuna representa a operação da grande Lei Cósmica vista, não do ponto de vista das criaturas, mas do próprio Senhor. Seu projeto está além do questionamento e da justificação finitos. Para o Senhor, a destruição da vida não é uma ausência de benignidade, nem dar à vida uma presença dela. A realidade é que a vida e a morte, e todas as experiências nelas envolvidas, são meras formas de mudança, variando de acordo com a Sua Lei Cósmica e conduzindo o cosmos com todos os seus indivíduos a estágios progressivamente mais elevados de desenvolvimento. Espera-se que todo ser humano cumpra seu dever com desapego e com a consciência de que não é uma vítima infeliz, mas um agente inteligente do Ser Infinito Único.

O homem começa a restabelecer a sua natureza divina inata primeiro percebendo e honrando o Criador na bondade, beleza e harmonia ao seu redor. À medida que a sua compreensão penetra mais profundamente no âmago de todas as manifestações, ele reconhece algo inexplicável como sua Fonte e Essência. Tendo vislumbrado o Coração da Realidade, ele intui o summum bonum da verdade, que Deus é Tudo, mesmo os contrastes que aparentemente não O declaram - assim como nenhuma imagem em um sonho, nem a bela nem a de pesadelo, pode ser dissociada do sonhador. Ainda assim, tal conceito inclusivo desafia até mesmo o âmbito expandido da compreensão do devoto. Como Arjuna, ele ouve as palavras que retratam o Omnifico, mas sem a experiência da Consciência Cósmica com a qual ele possa relacioná-las, elas carecem de realidade.

Bhagavan Krishna diz a Arjuna (XII:5): “Árduo é o caminho para o Absoluto para os seres encarnados.” Que faculdade mortal pode conhecer o Incognoscível ou perceber o Imperceptível? É menos difícil para o homem conceber um Deus pessoal e imanente que tenha sonhado entrar neste universo de formas definidas. A adoração de Deus como pessoal (em um de Seus muitos aspectos, ou como representado por Seus emissários divinos,

como Krishna ou Cristo, que instruem e intercedem em favor da humanidade errante) é fácil e benéfica, e até mesmo necessária, para o iniciante. O Senhor está interessado na devoção genuína do devoto a Ele, não importa qual conceito verdadeiro formule a adoração. O devoto que realiza o Deus pessoal em uma forma acabará por realizá-Lo também como o Onipresente Infinito Sem Forma.

Arjuna, com a visão frontal de seus dois olhos físicos, viu seu divino guru Krishna diante dele no campo de Kurukshetra. Sri Krishna então abriu o olho espiritual que tudo vê de Arjuna. Estando em harmonia com a consciência cósmica do Espírito, Krishna transferiu sua visão onipresente para Arjuna, cujo avanço espiritual o havia preparado para receber o toque do despertar da concessão da realização de Deus pelo Guru. Foi então que Arjuna viu a própria forma de Krishna metamorfosear-se numa imagem onipotente da unidade da consciência de Krishna com o Infinito. Arjuna viu todos os universos astral e físico na forma de um Ídolo de Corpo Cósmico, tendo evoluído a partir dos sonhos universais causais de Deus como Ishvara, o Ser Supremo, o Absoluto tornado Deus, o Pai da Criação. A visão foi ao mesmo tempo maravilhosamente sublime e terrivelmente terrível - criação, preservação e dissolução agitando-se contínua e sucessivamente na onipresente luz abençoada do Espírito. As formas benignas e atraentes do Ídolo Cósmico representam as forças criativas e preservadoras da Natureza. Os aspectos horríveis (a devoração de mundos e seres) são expressões do poder dissolvente da criação, por meio do qual todas as dualidades, feias em contraste com a Pureza Infinita Singular, são consumidas e expelidas repetidas vezes, para serem transformadas, em última análise, na Essência Divina de sua origem.

Instando Arjuna, o devoto representativo, a assumir sem reservas seu dever divino no funcionamento cósmico sublime, o Senhor Universal o exorta: “Levanta-te, desperta... tu, meu agente; Ah, é assim que eu trabalho Meus planos – o universo – através de instrumentos diversos!” O homem desperto não se sente mais em competição com Deus, mas em parceria com Ele.

Versículos 35–42

saṁjaya uvāca
etc chrutvā vacanaṁ keśavasya kṛtāñjalir vepamānaḥ kirīṭī
namaskṛtvā bhūya evāha kṛṣṇaṁ sagadgadaṁ bhītabhītaḥpraṇamya (35)

arjuna pegou
sthāne hṛṣīkeśa tava prakīrtyā jagat prahṛṣyaty anurajyate ca
rakṣāṁsi bhītani diśo drvanti sarve namasyanti ca siddhasaṁghāḥ (36)

kasmāc ca te na nameran mahātman garīyase brahmaṇo ’py adikartre
ananta deveśa jagannivāsa tvam akṣaraṁ sad asat tatparaṁ yat (37)

tvam adidevaḥ puruṣaḥ purāṇas tvam asya viśvasya paraṁ nidhānam
vettāsi vedyaṁ ca paraṁ ca dhama tvayā tataṁ viśvam anantarūpa (38)

vāyur yamo ’gnir varuṇaḥ śaśāṅkaḥ prajāpatis tvaṁ prapitāmahaś ca
casa casa te 'stu sahasrakṛtvaḥ punaś ca bhūyo 'pi casa casa te (39)

namaḥ purastād atha pṛṣṭhatas te namo ‘stu te sarvata eva sarva
anantavīryāmitavikramas tvaṁ sarvaṁ samāpnoṣi tato ‘si sarvaḥ (40)

sakhe'ti matvā prasabhaṁ yad uktaṁ he kṛṣṇa he yādava he sakheti
ajānatā mahimānaṁ tavedaṁ mayā pramādāt praṇayena vāpi (41)

yac cāvahāsārtham asatkṛto ‘si vihāraśayyāsanabhojaneṣu
eko 'thavāpy acyuta tatsamakṣaṁ tat kṣāmaye tvām aham aprameyam (42)

Sanjaya disse (ao rei Dhritarashtra):

(35) Depois de ouvir as palavras de Keshava (o Krishna transcendente a maya), o diadema (Arjuna, aureolado com visão cósmica), tremendo e aterrorizado, unindo as palmas das mãos em súplica de adoração, novamente fez humilde reverência e dirigiu-se a Krishna com uma voz trêmula. voz.

Arjuna disse:
(36) Ó Hrishikesha (Krishna)! Com razão os mundos estão orgulhosos e felizes em exalar Tua glória! Os demônios, aterrorizados, buscam segurança à distância; enquanto as multidões de siddhas (seres perfeitos) se curvam para adorar-Te.

(37) E por que eles não deveriam Te prestar homenagem, ó Espírito Vasto? Pois maior és Tu do que Brahma, o Criador, que surgiu de Ti. Ó Infinito, ó Deus dos deuses, ó Abrigo do Universo, Tu és o Imperecível - o Manifestado, o Imanifestado e Aquele além (o Mistério Supremo).

(38) O Deus Primordial és Tu! o Espírito Prístino, o Refúgio Final dos Mundos, o Conhecedor e o Conhecido, a Realização Suprema! Tua Onipresença brilha no universo, ó Tu de Forma Inesgotável!

(39) Ó Vida Fluente das Correntes Cósmicas (Vayu), Ó Rei da Morte (Yama), Ó Deus das Chamas (Agni), Ó Soberano do Mar e do Céu (Varuna), Ó Senhor da Noite (a Lua), Ó Divino Pai de Incontáveis Prole (Prajapati), Ó Ancestral de Todos! A Ti louvor, louvor sem fim! A Ti minhas saudações mil vezes maiores!

(40) Ó Poder Infinito, ó Invencível Onipresença Onisciente, ó Tudo-em-Tudo! Eu me curvo a Ti na frente e atrás, eu me curvo a Ti à esquerda e à direita, eu me curvo a Ti acima e abaixo, eu me curvo a Ti que me envolve em todos os lugares!

(41) Sem saber disso, Tua Glória Cósmica, e pensando em Ti como um companheiro familiar, muitas vezes eu Te saudei audaciosamente como "Amigo" e "Krishna" e "Yadava". afeição;

(42) E por qualquer irreverência que tenha demonstrado para contigo, ó Senhor Inabalável! de bom humor na hora das refeições ou enquanto caminha, está sentado ou descansa, sozinho Contigo ou na companhia de outros - por todos esses desrespeitos não intencionais, ó Tu Ilimitado! Eu imploro perdão.

As estrofes 41–42 retratam simbolicamente o estado mental de um devoto após a primeira experiência de consciência cósmica através do despertar de seu "olho divino". Ele então se censura por sua cegueira anterior à onipresença de Deus.

"Com que prontidão tomei o mundo como garantido, sem pensar na sua Fonte!" ele lamenta. "Eu era sensível à criação, mas ao seu Criador, quão insensível! sem saber que somente pelo Seu poder eu comia, andava, falava, observava, raciocinava e orava. Por si só, que átomo poderia existir? Perdoe minha negligência passada e indiferença ingrata para contigo, ó testemunha silenciosa de cada pensamento e ação, ó defensor inabalável de todos!"

VERSÍCULO 43

pitāsi lokasya carācarasya tvam asya pūjyaś ca orgulho garīyān
na tvatsamo 'sty abhyadhikaḥ kuto 'nyo lokatraye 'py
apratimaprabhāva

Pai de Todos és Tu! de animados e inanimados. Ninguém além de Ti é digno de adoração, ó Guru Sublime! Sem paralelo com qualquer outro nos três mundos, quem pode superar-Te, ó Senhor de Poder Incomparável?

A Bíblia expressa o mesmo pensamento assim: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti nenhuma imagem esculpida, nem qualquer semelhança de alguma coisa que esteja em cima nos céus, ou que esteja em baixo na terra, ou que esteja nas águas debaixo da terra: não te curvarás diante deles, nem servi-os: porque eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus zeloso."11

O homem é essencialmente Espírito; ele entende mal seu Ser real se busca a realização através da incorporação em qualquer um dos três mundos (físico, “a terra”; astral, “a água sob a terra”, o vasto envoltório astral envolvente de ondas de luz ao redor do cosmos material; e causal , o “céu acima”). Enquanto ele “se curvar” diante das atrações do universo criado ou fenomenal, ele será um idólatra de “imagens esculpidas”, um seguidor de falsas doutrinas, um pagão inconsciente do Único Deus Verdadeiro.

Somente identificando sua alma com o Incriado, o Espírito Puro e Sempre Imaculado, o homem poderá ser libertado do fluxo da criação – “Egito”, escuridão, ilusão, “a casa da escravidão”.

Daqueles que não buscam o Senhor para Si mesmo, a Verdade Última, mas permanecem satisfeitos com Sua “inverdade” (o “irreal” porque são mundos transitórios), Ele se afasta, “ciumentamente”, não tolerando nenhuma falha na percepção correta que o devoto tem Dele. .

O homem que sabe que Deus é incomparável não adorará ninguém além dele. Nenhum objetivo secundário servirá; seu objetivo é o Primal Unique.

Versículos 44–55

tasmāt praṇamya prāṇidhāya kāyaṁ prasādaye tvām aham īśam
īḍyam
piteva putrasya sakheva sakhyuḥ priyaḥ priyāyārhasi deva soḍhum
(44)

adṛṣṭapūrvaṁ hṛṣito ’smi dṛṣṭvā bhayena ca pravyathitaṁ mano me
então eva me darśaya deva rūpaṁ prasīda deveśa jagannivāsa (45)

kirīṭinaṁ gadinaṁ cakrahastam icchāmi tvāṁ draṣṭum ahaṁ
tathaiva
tenaiva rūpeṇa caturbhujena sahasrabāho bhava viśvamūrte (46)

śrībhagavan uvāka
mayā prasannena tavārjunedaṁ rūpaṁ paraṁ darśitam ātmayogāt
tejomayaṁ viśvam anantam ādyaṁ yan me tvadanyena na
dṛṣṭapūrvam (47)

na vedayajñādhyayanair na danair na ca kriyābhir na tapobhir ugraiḥ
evaṁrūpaḥ śakya ahaṁ nṛloke draṣṭuṁ tvadanyena kurupravīra (48)

mā te vyathā mā ca vimūḍhabhāvo dṛṣṭvā rūpaṁ ghoram īdṛṅ mamedam
vyapetabhīḥ prītamanāḥ punas tvaṁ tad eva me rūpam idaṁ prapaśya (49)

saṁjaya uvāca
ity arjunaṁ vāsudevas tathoktvā svakaṁ rūpaṁ darśayām āsa bhūyaḥ
āśvāsayām āsa ca bhītam enaṁ bhūtvā punaḥ saumyavapur mahātmā (50)

arjuna pegou
dṛṣṭvedaṁ mānuṣaṁ rūpaṁ tava saumyaṁ janārdana
Idānīm asmi saṁvṛttaḥ sacetāḥ prakṛtiṁ gataḥ (51)

śrībhagavan uvāka
sudurdarśam idaṁ rūpaṁ dṛṣṭavān você escolhe a mãe
devā apy asya rūpasya nityaṁ darśanakāṅkṣiṇaḥ (52)

nāhaṁ vedaiṛ na tapasā na danena na cejyayā
śakya evaṁvidho draṣṭuṁ dṛṣṭavān asi māṁ yathā (53)

bhaktyā tvananyaya śakya aham evaṁvidho ’rjuna
jñātuṁ draṣṭuṁ as tattvena praveṣṭuṁ as paraṁtapa (54)

matkarmakṛn matparamo madbhaktaḥ saṅgavarjitaḥ
nirvairaḥ sarvabhūteṣu yaḥ sa mām eti pāṇḍava (55)

(44) Portanto, ó Adorável, lanço-me em reverência a Teus pés para implorar Teu perdão. Como um pai para seu filho, como um amigo para um amigo próximo, como um amante para sua amada, perdoe-me, Senhor!

(45) Estou muito feliz por ter contemplado uma visão nunca vista antes, mas minha mente não está livre do terror. Seja misericordioso comigo, ó Senhor dos deuses, ó Abrigo dos Mundos! Mostre-me apenas Tua forma Deva (como o benigno Vishnu).

(46) Anseio ver-Te como antes, como o Vishnu de Quatro Braços, com diadema e segurando Tua maça e disco. Reapareça naquela mesma forma, ó Tu que és de Mil Armados e de Corpo Universal!

O Bendito Senhor disse:
(47) Eu graciosamente exercitei Meu próprio Poder de Yoga para revelar a ti, ó Arjuna, e a nenhum outro! esta Minha Suprema Forma Primeva, o Cosmos Radiante e Infinito!

(48) Nenhum homem mortal, exceto apenas tu mesmo, ó Grande Herói dos Kurus! é capaz de contemplar Minha Forma Universal - não por meio de sacrifícios, caridade, obras, austeridade rigorosa ou estudo dos Vedas, essa visão é alcançável.

(49) Não fique assustado ou estupefato ao ver Meu Terrível Aspecto. Com os medos removidos e o coração regozijado, contemple mais uma vez Minha forma familiar!

Sanjaya disse (ao rei Dhritarashtra):
(50) Depois de falar assim, Vasudeva, "o Senhor do Mundo", retomou sua própria forma como Krishna. Ele, o De Grande Alma, aparecendo a Arjuna na forma de graça, consolou Seu devoto amedrontado.

Arjuna disse:
(51) Ó Concedente de Todos os Desejos (Krishna)! Ao olhar para Ti novamente em forma humana gentil, minha mente se acalma e me sinto mais como meu eu natural.

O Bendito Senhor disse:

(52) É muito difícil contemplar, como tu fizeste, a Visão Universal! Até os deuses anseiam por ver isso.

(53–54) Mas não é revelado através da penitência, da sabedoria bíblica, da entrega de presentes ou da adoração formal. Ó Destruidor dos Inimigos dos Sentidos (Arjuna)! somente pela devoção indivisa (combinando pelo yoga todos os pensamentos em Uma Percepção Divina) posso ser visto como tu Me contemplaste em Minha Forma Cósmica e reconhecido na realidade e finalmente abraçado na Unidade!

(55) Aquele que trabalha somente para Mim, que faz de Mim seu objetivo, que se entrega amorosamente a Mim, que não é apegado (aos Meus ilusórios mundos de sonhos cósmicos), que não tem má vontade para com ninguém (me contemplando em tudo) - ele entra em Meu ser, ó Arjuna!

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
braḥmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
viśvarūpadarśanayogo nāmaikādaśo ’dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o décimo primeiro capítulo, chamado “A Visão da Forma Cósmica”.

ॐ

Você não pode me ver com olhos mortais. Portanto eu te dou visão divina. Contemple Meu poder supremo do yoga!

Sanjaya disse ao Rei Dhritarashtra:

Com estas palavras Hari (Krishna), o exaltado Senhor do Yoga, revelou a Arjuna a Incorporação Consumada, a Forma Ishvara de Corpo Cósmico.

Arjuna viu a multifacetada e maravilhosa Presença da Deidade - infinita em formas, brilhando em todas as direções do espaço, onipotência que tudo permeia, adornada com incontáveis vestes celestiais, guirlandas e ornamentos, erguendo armas celestiais, perfumadas com toda essência adorável, Suas bocas e olhos em todos os lugares!

Se mil sóis aparecessem simultaneamente no céu, a sua luz poderia assemelhar-se vagamente ao esplendor daquele Ser Omnifico!

Lá, descansando na Forma infinita do Deus dos deuses, Arjuna contemplou o universo inteiro com todas as suas manifestações diversificadas.

❖

O Bendito Senhor disse:

É muito difícil contemplar, como você fez, a Visão Universal! Até os deuses anseiam por ver isso.

Mas não é revelado através da penitência, da sabedoria bíblica, da entrega de presentes ou da adoração formal. Ó Destruidor dos Inimigos dos Sentidos (Arjuna)! somente pela devoção indivisa (combinando pelo yoga todos os pensamentos em Uma Percepção Divina) posso ser visto como tu Me contemplaste em Minha Forma Cósmica e reconhecido na realidade e finalmente abraçado na Unidade!

Aquele que trabalha somente para Mim, que faz de Mim seu objetivo, que amorosamente se entrega a Mim, que não é apegado (aos Meus ilusórios mundos de sonhos cósmicos), que não tem má vontade para com ninguém (me contemplando em tudo) - ele entra em Meu ser , Ó Arjuna!

—Bhagavad Gita XI: 8–13, 52–5

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO XII

BHAKTI YOGA: UNIÃO ATRAVÉS DA DEVOÇÃO

❖

Deve o Iogue adorar o Imanifesto ou um Deus Pessoal?

❖

Os níveis de prática espiritual e os estágios de realização

❖

Qualidades do Devoto, Querido por Deus

ॐ

"Mais queridos por Deus, inseparáveis Dele, são aqueles iogues que, com total concentração devotada, mantêm suas almas unidas ao Espírito eterno e todo-protetor, além da criação – o Absoluto Imutável, desprovido de qualquer imagem ilusória – enquanto devotamente empenhados em viver e manifestar o princípios eternos e imortalizantes da união com Deus. Esses

iogues permanecem um com Ele, abraçados em Seu seio de bem-aventurança transcendente.”

OceanoofPDF. com

Capítulo XII

Bhakti Yoga: União Através da Devoção

Deve o Iogue adorar o Imanifesto ou um Deus Pessoal?

Verso 1

arjuna pegou
evaṁ satatayuktā ye bhaktās tvāṁ paryupāsate
ye cāpy akṣaram avyaktaṁ teṣāṁ ke yogavittamāḥ

Arjuna disse:
Aqueles devotos que, sempre firmes, Te adoram dessa maneira; e aqueles que adoram o Indestrutível, o Imanifestado – qual destes é mais versado em yoga?

Aqui Arjuna se refere ao devoto descrito na última estrofe do décimo primeiro capítulo (aquele que pensa em Deus como o Senhor de Corpo Cósmico, imanente em todas as manifestações e que, portanto, trabalha para Ele sem apego pessoal a nada, sem sentir inimizade por ninguém, consagrando Deus como seu objetivo supremo); e ao devoto que adora Deus como Espírito sem forma ou não manifestado (considerando Deus e a Natureza como duas entidades separadas). Qual devoto conhece melhor a técnica de unir alma e Espírito?

Versículo 2

śrībhagavan uvāka

mayy aveśya mano ye māṁ nityayuktā upāsate
śraddhayā parayopetās o me yuktatamā matāḥ

O Bendito Senhor disse:

Aqueles que, fixando suas mentes em Mim, Me adoram, sempre unidos a Mim com devoção suprema, são aos Meus olhos os perfeitos conhecedores do yoga.

O iogue descrito na última estrofe do décimo primeiro capítulo, e novamente nesta estrofe, é mais versado nos processos e técnicas de yoga que levam à união com Deus do que o devoto descrito no terceiro e quarto versos deste capítulo - aquele que concentra-se na realização do Espírito imperecível e não manifestado. Mas, em última análise, ambos os tipos de devotos alcançam o Espírito Cósmico.

Todas as manifestações e atividades na criação são o Yoga Cósmico do Senhor. Ele é a Singularidade que evolui como essas multiexpressões e que as unifica na única consciência cósmica de Seu Ser Eterno. O devoto que reconhece esta imanência de Deus, e que segue os passos iogues prescritos para atingir a plena realização da Divindade, compreende como o Um se tornou individualizado e ativo em muitos; e como, de uma forma científica, essa descida da consciência cósmica pode ser revertida em si mesmo em ascensão ou reunião com o Espírito.

❖

Métodos passo a passo de yoga levam à realização de Deus dentro e além da criação

❖

O devoto que avança por meio de métodos passo a passo de yoga é, portanto, reconhecido pelo Senhor como o mais versado na ciência da união da alma e do Espírito. Concentrando-se na imanência de Deus em Sua manifestação primordial como a Vibração Cósmica Aum (Espírito Santo) e suas diferenciações criativas no cosmos e no microcosmo de seu próprio ser, o iogue experimenta o savikalpa samadhi primário. Enquanto está em um estado de êxtase transcendente, alheio à criação externa, ele percebe Deus em uma de Suas qualidades ou aspectos divinos – com forma ou sem forma. Em última análise, ele atinge o nirvikalpa samadhi mais elevado, no qual experimenta - sem perda de consciência

sensorial de seu corpo e do ambiente - tanto o Senhor Forma quanto o Senhor Sem Forma, imanente na criação e também o Absoluto além da criação.

Tal iogue realiza Deus com devoção tanto na dualidade quanto na unidade. Assim, seguindo os passos científicos do yoga, ele alcança a fixidez da mente em Deus e permanece sempre unido a Ele. Elevando-se acima de todos os apegos materiais à medida que adquire estados de consciência progressivamente elevados, ele trabalha para Deus através do amor e do serviço a todos os seres, sabendo que neles o Senhor se manifesta. Ele adora o Senhor com suprema devoção sincera, percebendo que Deus é o único objetivo e objetivo da vida. Ele é um exemplo de yoga científico que todos os buscadores divinos podem seguir para ascender a Deus.

VERSÍCULOS 3–4

ye tvakṣaram anirdeśyam avyaktaṁ paryupāsate
sarvatragam acintyaṁ ca kūṭastham acalaṁ dhruvam (3)

saṁniyamyendriyagrāmaṁ sarvatra samabuddhayaḥ
te prāpnuvanti mām eva sarvabhūtahite ratāḥ (4)

Mas aqueles que adoram o Indestrutível, o Indescritível, o Imanifestado, o Onipresente, o Incompreensível, o Imutável, o Imóvel, o Sempre Constante; que subjugaram todos os sentidos, possuem imparcialidade em todas as circunstâncias e se dedicam ao bem de todos os seres - na verdade, eles também Me alcançam.

Nessas duas estrofes, o Senhor Krishna fala a Arjuna sobre o tipo de adorador que é devotado ao conceito de Deus como o Ser Supremo transcendente que é o Criador e Governante do universo. Em deferência ao Espírito Supremo, tal devoto leva uma vida disciplinada de autocontrole, mantém a imparcialidade pela fé em Deus e se comporta de maneira correta e prestativa; mas ele não segue nenhum curso formal de yoga científico.

Tais devotos, purificados por uma vida santa, durante períodos de

❖

Alcançar o Absoluto através de devoção intensa e adoradora

❖

intensa devoção e adoração, subjugam seus sentidos e alcançam um estado de perfeita calma mental pela concentração simples, mas sincera, no Senhor. Mentalmente, eles mergulham na escuridão sem escuridão, na luz sem luz, na qual o Espírito indestrutível, o Indescritível e impensável, existe como a Inteligência Kutastha (o Krishna ou Consciência Crística) na criação - onipresente, imóvel e imutável, o reflexo puro e sem forma. (ou Filho) do Senhor transcendental. Místicos cristãos, como São João da Cruz, São Tomás de Aquino e Santa Teresa de Ávila, experimentaram esta Consciência Transcendental. Desta comunhão divina, Santa Teresa declarou: “Eu vi o Cristo sem forma”. Aumentando gradualmente suas percepções da Inteligência Eterna refletida na criação, tais devotos finalmente percebem a consciência cósmica de Deus existente no reino sem vibração, além dos mundos fenomênicos. Este tipo de devoto (na verdade, um iogue ou alguém que atingiu o yoga ou a união com Deus) alcança o Absoluto, mas não está necessariamente consciente dos estágios científicos intermediários que ocorreram dentro dele para conduzir sua consciência à emancipação.

A vida de um iogue científico, conforme observado no versículo anterior, é, portanto, mais equilibrada. Ele compreende e segue as leis e princípios da Natureza pelos quais vê Deus como o Tudo em todos e, assim, liberta-se conscientemente das limitações dos apegos pessoais à propriedade, aos parentes e aos amigos, servindo ao Senhor em todos os seres humanos, independentemente do seu credo. , raça ou condição. Através de vários métodos de concentração, ele gradualmente separa seu ego dos sentidos e liga sua força vital, sua mente e seu ego à alma superconsciente. Então, através do êxtase primário, ele experimenta a Inteligência Kutastha em toda a criação, e através do êxtase nirvikalpa, ele alcança o Espírito além dos fenômenos.

Os dois tipos de “iogues” podem ser comparados a dois estenógrafos, um dos quais desenvolve velocidade na máquina de escrever pelo método não científico de “caçar e bicar”, e o outro que desenvolve velocidade pelo

sistema científico de “toque”. Assim como o último datilógrafo pode ser considerado mais versado na arte da datilografia, também se pode dizer que o iogue científico tem mais conhecimento sobre os porquês e comos de buscar a Deus.

Versículo 5

kleśo ’dhikataras teṣām avyaktāsaktacetasām
avyaktā hi gatir duḥkhaṁ dehavadbhir avāpyate

Aqueles cujo objetivo é o Não-Manifestado aumentam as dificuldades; árduo é o caminho para o Absoluto para os seres encarnados.

O caminho do adorador do Infinito Imanifestado é muito difícil, porque o devoto não tem o apoio do poder de imagem de sua mente. Adoração implica um Objeto de veneração que prende a atenção e inspira devoção reverente, um Deus de qualidades manifestadas. O Desconhecido Sem Forma não serve bem a esse propósito para a maioria das mentes mortais. Aquele que nasce num mundo de formas dificilmente pode alcançar uma verdadeira concepção sem forma do Espírito. A adoração do Indescritível pressupõe, portanto, automaticamente a experiência real do Infinito. Somente aqueles que já estão espiritualmente avançados o suficiente para intuir o “Cristo sem Forma”, como fez Teresa de Ávila, encontram alegria nesta relação com o Divino.

O iogue sistemático progride através de vários estágios de percepção divina, que estimulam e fortalecem seus esforços e devoção; mas os frutos da adoração do Imanifestado só surgem na união consumada da consciência do devoto com Deus. Os adoradores do Absoluto devem, portanto, estar tão atentos ao Espírito que todas as suas percepções transcendem as limitações internas e externas e se misturam como a compreensão intuitiva singular do Espírito Infinito. Esse autodomínio transcendente requer desde o início a prática de uma renúncia rigorosa e do abandono de todo apego corporal. A renúncia total às identificações terrenas é realmente difícil para um ser

humano. O esforço nesse sentido deu origem à prática de austeridades severas com o propósito de subjugar a natureza humana rebelde.

❖
Deus gosta do relacionamento pessoal com o devoto
❖

O iogue que adora um Deus pessoal, por outro lado, utiliza métodos passo a passo de realização, pelos quais progride gradual e naturalmente em direção ao seu objetivo. O método natural para renunciar aos prazeres e apegos menores é saborear as alegrias superiores do Espírito. O adorador de um Deus pessoal encontra ao seu redor e no templo interior de sua consciência constantes lembretes da imanência de Deus, que enchem seu coração de amor e alegria divinos, sem cortejar as dificuldades de uma vida de ascetismo rigoroso de um renunciante. O iogue ama a Deus tão profundamente que gradualmente todos os desejos menores o abandonam.

Pareceria, portanto, que Deus gosta do relacionamento pessoal com o devoto, pois Ele torna tudo mais fácil para o buscador que vê a Imanência Divina na criação e se concentra em Deus como o Pai Celestial ou a Mãe Cósmica ou o Amigo Divino possuidor de “humanidade”. qualidades. Ou, assim como durante o sono a consciência humana invisível e sem forma pode moldar-se em imagens oníricas, também o Espírito Sem Forma, como o Deus Criador, pode informar Sua consciência sobre qualquer manifestação cara ao coração do devoto. Se o ishta (objeto de adoração) do devoto for Krishna ou Cristo, por exemplo, o Senhor assumirá esse conceito. Todos esses aspectos não são de forma alguma uma limitação de Deus a essa forma, mas são como janelas que se abrem para o Espírito Infinito.

VERSÍCULOS 6–7

vós, tu sarvāṇi karmāṇi mayi saṁnyasya matparāḥ
ananyenaiva yogena māṁ dhyāyanta upāsate (6)

teṣām ahaṁ samuddhartā mṛtyusaṁsārasāgarāt
bhavami na cirāt partha mayy āveśitacetasām (7)

Mas aqueles que Me veneram, entregando todas as atividades a Mim (pensando em Mim como o Único Fazedor), contemplando-Me através de yoga obstinado - permanecendo assim absortos em Mim - de fato, ó descendente de Pritha (Arjuna), para aqueles cuja consciência está fixado em Mim, logo me torno seu Redentor para tirá-los do mar dos nascimentos mortais.

Novamente Sri Krishna refere-se ao devoto que através do yoga científico adora o Deus Manifestado. Em meditação profunda e devotada, concentrando-se em Deus como o único executor de todas as ações que dão vida, o iogue suspende as atividades sensório-motoras externas e internas do corpo e da mente, dissolvendo a força vibratória que sai na consciência pura do Espírito de onde vieram.

Ao aquietar o coração através da prática de pranayama de Kriya Yoga, o controle da força vital, o iogue desconecta sua mente não apenas dos sentidos, mas também das atividades perturbadoras da respiração, com suas 21.000 inalações e exalações diárias - cada uma delas, considerada pelos iogues , ser um nascimento e uma morte. Livre da escravidão da respiração e das percepções sensoriais, que prendem a consciência ao corpo, o iogue dissolve seu ego na alma abençoada, sua verdadeira natureza espiritual. Tendo alcançado a percepção da alma, o iogue percebe continuamente o Espírito Onipresente por trás de todas as almas individualizadas – e de todas as manifestações na Natureza. Ele permanece sempre absorvido em Deus por esta união obstinada.

O devoto também pode unir-se à bem-aventurança divina do Espírito imanente-transcendente pelo método iogue de ouvir o som cósmico de Aum, o Espírito Santo - a voz divina de Deus, a morada de toda a verdade - e meditando sobre este vibração sagrada e tornar-se um com ela.

Os iogues que alcançam a percepção do Infinito descobrem que essa compreensão leva à emancipação final. Uma vez que o devoto se fixe no Espírito imutável, ele não estará mais sujeito às permutações de nascimentos e mortes, ou de carma bom e mau. Assim o Senhor exorta o devoto: “Afaste-se do Meu oceano de sofrimento e miséria! Entregue-se de todo o coração a Mim e Eu o tirarei do mar da ilusão.”

Os níveis de prática espiritual e os estágios de realização

Versículo 8

mayy eva mana ādhatsva mayi buddhiṁ niveśaya
nivasiṣyasi pode ser tanto ūrdhvaṁ quanto saṁśayaḥ

Mergulhe sua mente somente em Mim; concentre em Mim a sua percepção discriminativa; e sem dúvida habitarás imortalmente em Mim.

O ser identificado com o corpo mantém sua mente e seus poderes de discriminação ocupados com objetos sensoriais e materiais. Assim, ele passa por insatisfações e problemas incalculáveis.

Todos os iogues que desconectam suas mentes e discriminação dos sentidos e as colocam nas percepções internas alcançam o estado de consciência imutável da alma.

A prática do yoga liberta a mente (manas) e a discriminação (buddhi) da escravidão aos sentidos e concentra essas faculdades de percepção na sabedoria onisciente e intuitiva da alma – a imagem microcósmica do Espírito manifestada no corpo. Ao compreender a unidade da alma e do Espírito, o iogue é então capaz de sentir a bem-aventurança do Ser Infinito existindo não apenas no mundo material, mas também na infinidade além da criação vibratória.

Versículo 9

atha cittaṁ samādhātuṁ na śaknoṣi mayi sthiram
abhyāsayogena tato mām icchāptumṁ dhanaṁjaya

Ó Dhananjaya (Arjuna), se você não é capaz de manter sua mente totalmente em Mim, então procure alcançar-Me através da prática repetida de yoga.

Da oitava à décima primeira estrofes deste capítulo, Krishna revela vários métodos para alcançar a liberação – cada caminho adequado aos devotos que atingiram um certo grau de espiritualidade. Meu guru Sri Yukteswarji frequentemente observou que os vários modos de liberação mencionados no Bhagavad Gita tornam seus preceitos tão doces, compreensivos e úteis na cura das múltiplas doenças da humanidade sofredora.

Assim, Krishna diz: “Ó Arjuna, se um devoto, através do mau carma pré-natal, não consegue desconectar a mente e a discriminação natural e facilmente dos sentidos e permanecer ininterruptamente naquele estado de conhecimento de Deus de realização da alma, ele deve ocupar-se fielmente na prática repetida. os métodos científicos passo a passo de yoga para a união da alma.” Quando o fruto aparece na árvore, a flor precedente cai. O devoto que estabeleceu permanentemente sua consciência em Deus não necessita mais da “flor” da prática de yoga; mas para o aspirante a devoto, a regularidade e a continuidade no yoga (abhyasa-yoga1) são essenciais. Aqueles que persistem na meditação acabarão por ter sucesso.

Quando um iogue luta repetidamente contra sua inquietação e distrações, e com intensidade cada vez maior tenta sentir a comunhão divina na meditação, ele formará um bom hábito de interiorização calma. Com o tempo, esse hábito substituirá o hábito mortal da inquieta escravidão sensorial e, em última análise, levará à realização da Divindade.

Embora eu tenha nascido com a abençoada percepção do Espírito, de vez em quando, durante minha juventude, minha mente ficava muito inquieta quando eu estava envolvido na prática da meditação iogue. Durante alguns desses ataques periódicos, eu me imaginava jogando futebol – um jogo que eu gostava muito e no qual era adepto. A princípio parecia que meu hábito de jogar futebol mentalmente não poderia ser apagado. No entanto, tentei persistentemente tornar as minhas meditações mais longas e intensas, esforçando-me para tornar as realizações de cada dia mais profundas do que as percepções espirituais do dia anterior. Dessa forma, acostumei-me a permanecer continuamente na alegria da alma. A formação desse hábito levou à experiência de êxtase extático no Espírito onipresente.

VERSÍCULO 10

abhyāse ‘pyasamartho’si matkarmaparamo bhava
madartham api karmani kurvan siddhim avāpsyasi

Se, novamente, você não for capaz de praticar yoga continuamente, seja diligente em realizar ações pensando em Mim. Mesmo engajando-se em atividades em Meu nome, você alcançará o sucesso divino supremo.

Se um devoto vacila na prática de yoga, sendo habitualmente inquieto e materialmente ativo, então, com devoção e fé em Deus, ele deve apoiar suas meditações aumentando os esforços para realizar em nome de Deus todas as ações físicas, mentais e espirituais. Suas atividades meditativas e o trabalho externo de ajudar os outros física, mental e espiritualmente devem ser motivados pelo único desejo de agradar a Deus. Com o tempo ele sentirá a presença dAquele que está sempre consciente dos esforços do devoto em dificuldades.

A Bíblia nos diz: “A fé é a certeza das coisas que se esperam, e a evidência das coisas que não se vêem.”2 Ao praticar ações corretas com fé no Senhor, o devoto acabará encontrando, por meio de uma resposta perceptível Dele, a prova de Sua presença invisível.

❖

Conselho para o devoto inquieto no caminho da meditação

❖

Mesmo que o buscador fique desanimado pela falta de resultados tangíveis, com convicção cega ele deve continuar com suas meditações e ações de serviço, por reverência e amor a Deus. Aquele que afrouxa ou interrompe seus esforços descobrirá que sua mente retorna rapidamente à esfera da matéria, seu local de descanso habitual. Mas o devoto que persevera com zelo inabalável, desejando agradar a Deus, acabará por encontrá-Lo.

A cura para a inquietação é o esforço contínuo para estar em paz, independentemente do sucesso ou do fracasso. Hábitos fortes e obstinados de inquietação são finalmente destruídos pelo fortalecimento gradual do bom hábito de praticar a calma interiorizada na meditação.

Conheci dois estudantes extremamente ignorantes, nos meus tempos de colégio em Calcutá. Devido à sua incapacidade de compreender as lições da aula, eles eram submetidos ao castigo diário dos professores. Um dos alunos “não aguentou”: abandonou a escola e continuou sem instrução. O outro garoto, por mais insultos que sofresse, continuou tentando. Todos ficaram surpresos quando, no final do ano, ele passou com credibilidade nos exames finais.

Da mesma forma, o Bhagavad Gita aqui aconselha até mesmo o devoto mais inquieto - aquele que não possui uma predisposição cármica que facilite a prática de yoga - a meditar persistentemente de qualquer maneira, por amor a Deus e pelo desejo de agradá-Lo, pois por meio dessa atividade espiritual contínua ele acabará por ter sucesso na realização de Deus.

VERSÍCULO 11

athaitad apy aśakto ‘si kartuṁ madyogam āśritaḥ
sarvakarmaphalatyāgaṁ tataḥ kuru yatātmavān

Se você não for capaz de fazer nem isso, então, permanecendo ligado a Mim como seu Abrigo, renuncie aos frutos de todas as ações enquanto continua a se esforçar pelo Autodomínio.3

Se um devoto, devido a tendências materialistas e perversidade mental, for incapaz de realizar ações materiais e meditativas no pensamento de Deus apenas para agradá-Lo, ele deve apegar-se ao Senhor com fé, buscando refúgio em Seu amor incondicional, e realizar todas as ações. sem se concentrar em seus frutos. Tal renúncia significa renunciar às expectativas preconcebidas e confiar na compaixão e na graça do Senhor para ordenar o resultado dos nossos esforços de tal forma que eles conduzam ao bem mais elevado do devoto.

Apenas cultivando uma fé simples em Deus – mesmo uma fé cega no início servirá – e tentando desinteressadamente realizar boas ações e ações meditativas sem focar em seus resultados, esse devoto com o tempo crescerá em espiritualidade; sua mente e coração serão purificados. Uma

mente livre dos gostos e aversões que nascem dos resultados de atividades egoístas é capaz de manifestar qualidades da alma.

❖

Atitude correta em relação às experiências de meditação

❖

Quando uma pessoa inquieta, por exemplo, executa assiduamente técnicas científicas de meditação sem uma expectativa pré-condicionada de resultados, ela medita melhor; ele não será perturbado e distraído por qualquer desejo frustrado por recompensas. O novato espiritual, habituado ao entretenimento dos sentidos, muitas vezes espera experiências semelhantes de seus esforços meditativos. Sua mente está há muito condicionada a considerar estupendo e desejável qualquer coisa que seja deslumbrante para a visão, o som ou a sensação sensorial. Mas nos reinos de pensamento mais elevados da consciência divina, as experiências espirituais são muito sutis – e, portanto, às vezes passam despercebidas pelo devoto, esperando manifestações dramáticas. Quanto maior a sutileza da experiência espiritual, maior será o seu efeito físico e espiritual relativo. Os fenômenos são as manifestações do Númeno, ou Deus. Os primeiros são reconhecidos pelas faculdades sensoriais (físicas ou astrais) e os últimos pela intuição da alma. Nas palavras do meu guru, Sri Yukteswarji: “Para conhecer Deus, não espere nada. Apenas lance-se com fé em Sua bem-aventurada Presença interior.”

Assim, mesmo sem a singularidade do desejo de agradar a Deus, o devoto acabará por encontrá-Lo se permanecer protegido no Senhor, pensando Nele durante todas as boas atividades e entregando-Lhe totalmente o resultado de todas as ações e todos os acontecimentos em sua vida. vida. Aqui o devoto pode se perguntar: “Como posso pensar em Deus e me render a Ele sem conhecê-Lo?” Esse é o valor das técnicas científicas de meditação iogue. O devoto tem um conceito específico no qual se concentrar, que leva à experiência de Deus, e um método comprovado para tornar essa concentração eficaz. Por exemplo, se o buscador, apesar da extrema inquietação, continuar a praticar a técnica de meditação da Self-Realization Fellowship em Deus como Aum, eventualmente ouvirá o som cósmico, a Palavra ou Amém, a presença vibratória de Deus como o Santo.

Fantasma. À medida que ele continuar ouvindo o som cósmico com devoção e sem uma ansiedade inquieta por resultados, com o tempo ele sentirá uma feliz expansão de consciência na onipresença de Aum; e por trás da vibração sagrada ele conhecerá o Espírito abençoado.

Assim como uma pessoa que usa os métodos corretos para espremer azeitonas ou moer sementes de mostarda será capaz de extrair o óleo escondido, também o devoto para quem Deus não é perceptível no início irá encontrá-Lo pela "pressão" da devoção leal e da desempenho altruísta de boas ações, materiais e meditativas. Algum dia, a onisciência misericordiosa, sentindo a constância da bondade do devoto, fluirá e permeará cada fibra do seu ser.

VERSÍCULO 12

śreyo hi jñānam abhyāsāj jñānād dhyānaṁ viśiṣyate
dhyānāt karmaphalatyāgas tyāgāc chāntir anantaram

Na verdade, a sabedoria (nascida da prática de yoga) é superior à prática de yoga (mecânica); a meditação é mais desejável do que a posse de sabedoria (teórica); a renúncia aos frutos das ações é melhor do que (os estados iniciais da) meditação. A renúncia aos frutos das ações é seguida imediatamente pela paz.

A leitura literal deste versículo é comumente considerada como uma exaltação da virtude do chamado caminho "mais fácil" para o Divino, abraçado pelo bhakta, o devoto que se abriga em Deus e entrega a Ele o resultado, ou frutos, de todas as ações. —conforme descrito no versículo 11. Tal renúncia, desapego total, é enfatizada em todo o Gita como o próprio fundamento do progresso espiritual; pois fornece o altar da tranquilidade interior diante do qual o devoto pode adorar a Deus de todo o coração - seja em sabedoria, ação ou meditação iogue.

O significado mais profundo deste versículo cita a diferenciação sutil dos estados experimentados pelo iogue à medida que ele alcança a realização de Deus por meio de qualquer um dos modos de adoração

definidos nos versículos anteriores.

A percepção da sabedoria – realização intuitiva alcançada pela prática ávida e adequada do yoga – é superior a quaisquer resultados intermediários precipitados durante os esforços mecânicos, físicos e mentais da prática repetida das técnicas de yoga. Durante a mera prática de yoga, a mente é um campo de batalha de distrações e estados de consciência conflitantes, com calmarias intermitentes de paz transcendente e experiências internas de forças astrais ou cósmicas, como a luz divina ou o som de Aum. Na percepção da sabedoria pura, há uma ausência de todo tumulto interior, um aquietamento de todas as ondas oscilantes da mente. A percepção ocorre unicamente através da intuição onisciente da alma.

❖

Estados progressivamente mais elevados experimentados pelo iogue na meditação

❖

O verdadeiro estado de meditação é a unidade do meditador com o objeto da meditação, Deus. É superior ao estado meditativo preliminar de sabedoria teórica – conhecimento alcançado através de percepções divinas na meditação pelo devoto que é um observador independente de sua experiência – o conhecedor que conhece a coisa a ser conhecida. Assim, este estado é tingido com a consciência relativa de que o conhecedor trino, o saber e o conhecido existem separadamente. Quando o iogue está consciente de que é o conhecedor separado de sua percepção da sabedoria divina, ele está experimentando a relatividade da consciência envolvida nos fatores triplos do conhecimento. No estado supremo de meditação, o devoto não está mais consciente dos fatores triplos, mas apenas da unidade com o Espírito.

Maior do que a experiência inicial do estado de unidade meditativa com Deus é o constante estabelecimento nesse estado, que leva à libertação de toda escravidão aos frutos cármicos das ações. A experiência inicial da unidade divina é temporária, permitindo que a consciência retorne novamente ao estado de identificação corporal controlado karmicamente, com seus lapsos em esforços ineficazes e distraídos na meditação. O êxtase contínuo (nirvikalpa samadhi) concede o desapego das leis circunscritivas do reino das vibrações materiais e leva à libertação de todo o carma passado

e presente – “renúncia aos frutos das ações”. Depois que a unidade meditativa com o Espírito é permanentemente estabelecida, o devoto atinge o estado superior de unidade com Deus, além de escapar completamente das amarras das vibrações materiais. Ele desfruta da dupla percepção da unidade com Deus e das interações com a matéria, enquanto sua consciência interior permanece totalmente desligada das vibrações materiais.

Por último, o devoto percebe a “paz de Deus, que excede todo o entendimento”,4 o estado final de tranquilidade abençoada no Absoluto sem vibração.5

Qualidades do Devoto, Querido por Deus

Versículos 13–14

adveṣṭā sarvabhūtānāṁ maitraḥ karuṇa eva ca
nirmamo nirahaṁkāraḥ samaduḥkhasukhaḥ kṣamī (13)

saṁtuṣṭaḥ satataṁ yogī yatātmā dṛḍhaniścayaḥ
mayy arpitamanobuddhir yo madbhaktaḥ sa me priyaḥ (14)

Aquele que está livre de ódio por todas as criaturas, é amigável e gentil com todos, é desprovido da consciência do “eu” e da possessividade; tem a mente equilibrada no sofrimento e na alegria, perdoando, sempre contente; um praticante regular de yoga, constantemente tentando através do yoga conhecer o Ser e se unir ao Espírito, possuidor de firme determinação, com mente e discriminação rendidas a Mim – ele é Meu devoto, querido por Mim.

Essas múltiplas qualidades sintetizadas em um iogue o tornam querido por Deus. Para agradar ao Senhor e alcançá-Lo, o iogue é firme na prática regular e intensiva da ciência da união com Deus (Kriya Yoga). Pela autocontenção (interiorização) do yoga, ele dissolve seu inquieto ego físico,

com seu sentido de “eu, eu e meu”, na percepção de seu verdadeiro Eu. Quando em êxtase ele mantém sua mente e seu discernimento entregues à pura percepção intuitiva do Espírito na esfera sem vibração, ele é capaz, mesmo no estado humano, de sentir a onipresença do Senhor.

O iogue que percebe o mesmo Espírito permeando toda a criação não pode nutrir ódio por nenhuma criatura. Em vez disso, ele é amigável e compassivo com todos. Ele reconhece Deus mesmo disfarçado de inimigo.

Possuindo a bem-aventurança imparcial do Espírito, um iogue não se perturba com os sofrimentos e prazeres materiais. Encontrando a alegria do Divino, ele está sempre satisfeito sob todas as condições da existência física. Ele atende às suas escassas necessidades corporais, mas está totalmente desapegado de qualquer sentido do meu corpo ou dos meus bens; ele se considera servindo a Deus em seu próprio corpo e nos corpos de todos que cruzam seu caminho.

Muitos podem compreender o conselho do Bhagavad Gita sobre a indiferença à dor, mas não sobre a indiferença ao prazer. Esta escritura aconselha o iogue a ser uma esfinge, uma pedra insensível, indiferente a todos os prazeres da vida? Não, não dá conselhos tão sem sentido. Mas assim como um milionário não fica entusiasmado por receber um dólar de presente, também o possuidor de uma riqueza divina imensurável e totalmente satisfatória não se sente exultante com as ofertas insignificantes dos sentidos. Qualquer um que corra atrás das alegrias dos sentidos prova que não experimentou a bem-aventurança divina.

VERSÍCULO 15

yasmān nodvijate loko lokān nodvijate ca yaḥ
harṣāmarṣabhayodvegair mukto yaḥ sa ca me priyaḥ

Uma pessoa que não perturba o mundo e que não pode ser perturbada pelo mundo, que está livre de exultação, ciúme, apreensão e preocupação – ela também é querida por Mim.

É agradável a Deus aquele homem que, confiando Nele, está tranquilo, não

é afetado pelos acontecimentos externos e é capaz de manifestar sua conquista da unidade divina sentindo afeição por todos como expressões individuais do Senhor. Um iogue tão adorável, que percebe Deus como Bem-aventurança, nunca se entrega às excitações dos sentidos, aos prazeres frívolos, aos ciúmes egoístas, aos medos mundanos ou às preocupações materiais.

Um homem mundano, constantemente agitando a si mesmo e aos outros com vibrações desarmônicas, não pode sentir no templo da criação a presença do Espírito abençoado.

A virtude é muitas vezes sutil e despretensiosa, uma influência e um apoio silenciosos que proporcionam estabilidade à vida e uma sensação de bem-estar agradável, cuja fonte passa despercebida e, como tal, é tida como certa. Em contraste surpreendente, o mal é geralmente tão impetuoso e as suas consequências tão desagradáveis ou dolorosas que desafia qualquer tentativa de ignorá-lo. Assim Shakespeare observou ironicamente: “O mal que os homens fazem vive depois deles; os bons são frequentemente enterrados com os seus ossos.”6

Se imaginarmos um mundo repleto de virtudes e desprovido das qualidades demoníacas enumeradas no Gita, teremos a criação que o amoroso Deus planejou para Seus filhos encarnados.

VERSÍCULO 16

anapekṣaḥ śucir dakṣa udāsīno gatavyathaḥ
sarvārambhaparityāgī yo madbhaktaḥ sa me priyaḥ

Aquele que está livre das expectativas mundanas, que é puro de corpo e mente, que está sempre pronto para trabalhar, que permanece despreocupado e não afetado pelas circunstâncias, que abandonou todos os empreendimentos desejosos iniciados pelo ego - ele é Meu devoto, querido por Mim. .

Um iogue que alcançou a Meta Absoluta não precisa realizar atividades ou iniciar qualquer empreendimento com motivos humanos enraizados no

egoísmo. Sua felicidade não depende do bem-estar do corpo físico, nem dos prazeres dos sentidos, nem da aquisição de objetos materiais. Ele encontrou a felicidade suprema.

Tal homem está sempre pronto para realizar ações espirituais ou físicas para ajudar a si mesmo e aos outros, servindo assim a Deus que está presente em todos. Mesmo servindo a si mesmo – comendo, andando, pensando, sentindo, desejando – o iogue realiza essas atividades apenas para manter seu corpo e mente aptos para realizar a vontade de Deus. Ele serve os outros não para obter deles gratidão ou vantagens, mas para agradar ao Senhor dentro de seus templos corporais.

Um iogue que mantém sua alma unida ao Espírito é chamado de udasin (aquele que é colocado fora do alcance das percepções dos sentidos vibratórios). Portanto, os problemas do corpo e da mente não podem perturbá-lo. Nenhuma dependência ou desejo inicial por coisas materiais invade seu estado de contentamento eterno.

VERSÍCULO 17

com hṛṣyati e dveṣṭi e śocati e kāṅkṣati
śubhāśubhaparityāgī bhaktimān yaḥ sa me priyaḥ

Aquele que não sente nem regozijo nem aversão pelos alegres e tristes (aspectos da vida fenomenal), que está livre de tristeza e anseios, que baniu a consciência relativa do bem e do mal, e que é intensamente devoto - ele é querido para Mim. .

O iogue que não se identifica com as relatividades dos dramas oníricos cósmicos, mas que sempre contempla o raio onipresente da Divindade que os criou, é amado pelo Senhor.

Um verdadeiro devoto é ardentemente devoto em todos os aspectos de sua vida. Seu equilíbrio mental não é afetado pela boa sorte ou calamidade, ele não é dominado pela dor sob nenhuma circunstância, ele não sente raiva pela não realização de desejos e está livre de anseios materiais e, portanto, elevou-se acima da dualidade do bem e do mal.

VERSÍCULOS 18–19

samaḥ śatrau ca mitra ca tathā mānāpamānayoḥ
śītoṣṇasukhaduḥkheṣu samaḥ saṅgavivarjitaḥ (18)

tulyanindāstutir maunī saṁtuṣṭo yena kenacit
aniketaḥ sthiramatir bhaktimān me priyo naraḥ (19)

Aquele que fica tranquilo diante de amigos e inimigos, e ao encontrar adoração e insulto, e durante as experiências de calor e frio e de prazer e sofrimento; que abandonou o apego, considerando a culpa e o elogio da mesma maneira; que é quieto e facilmente contente, não apegado à vida doméstica e de disposição calma e devocional - essa pessoa é querida para Mim.

Quando um iogue sabe que este mundo é um filme onírico de Deus, sem realidade objetiva, ele contempla as manifestações de um herói amigável e de um vilão cruel, ou as experiências de honra e desonra, de calor e frio, de dor e prazer. , ou insulto e adulação, ou qualquer outra apresentação dualística na tela de sua vida diária, como sombras de ilusão divertidas, mas sem sentido, em constante mudança.

Um iogue tão calmo, tranquilo na fala, no corpo e na mente, sempre bebendo o néctar da bem-aventurança que tudo permeia, é de fato muito querido por Deus. Ele abandona os atributos degradantes retratados nas imagens oníricas malignas da vida, cultivando, em vez disso, os atributos divinos retratados nos cenários oníricos salutares. Assim, ele obtém suas credenciais para se tornar livre, passando de forma louvável nos exames da existência mortal.

O iogue não busca fama ou reconhecimento pelo seu papel temporário neste drama de encarnações. Ele sabe que lutar somente pelo reconhecimento de Deus é a única verdadeira sabedoria. Um homem famoso, após a morte, não tem consciência de sua fama. Para ele não há valor em estátuas erguidas em sua homenagem, ou em ter seu nome gravado em pedras em ruínas, indignadas pelo tempo e pelo clima. Mas os nomes das almas libertadas estão escritos no coração de Deus, reconhecidos para

sempre pelos Seus anjos imortais; com isso a alma se regozijará eternamente.

❖

A atitude do devoto em relação à fama e má fama

❖

A fama em si não está errada. Uma flor perfumada se anuncia; o mesmo acontece com uma pessoa que oferece serviços superiores com o tempo se torna conhecida. Mas almejar a fama a todo custo é perigoso, repleto de potencial para produzir sofrimento indescritível. Uma pessoa não qualificada, com um desejo excessivo de honra pessoal, está bastante sujeita a receber desonra, pois "o orgulho precede a queda". Nome e fama são distinções que raramente aparecem nas imagens oníricas da vida, por meio do bom carma de alguém e pela graça e decreto de Deus. Não devem ser procurados como objectivos em si mesmos. Qualquer pessoa que sirva desinteressadamente, procurando não engrandecer-se, mas glorificar a Deus, recebe toda a honra que merece – seja nesta vida ou numa existência futura.

Fama e má fama são testes de Deus. Os mortais comuns perdem o equilíbrio psicológico quando são apanhados pelas emoções desses despertadores do ego; ávidos por mais fama e irritados com a má fama, eles ficam cada vez mais profundamente enredados em equívocos e receios ilusórios.

Quando a fama chega como o reconhecimento de boas qualidades por parte de Deus, o iogue não deixa que isso "suba à sua cabeça"; inspira-o continuamente a ser melhor aos olhos de Deus, do seu guru e da sua própria consciência – não apenas aos olhos do público.

Se a má fama e as perseguições inesperadas de críticos inevitáveis chegam a um iogue inocente, ele permanece seguro em sua humildade natural; e sem amargura ele tenta, se possível, eliminar os mal-entendidos dos outros e a causa do erro de julgamento. Muitas pessoas boas, santos e mártires foram perseguidos e caluniados, e depois inocentados e até mesmo divinizados. Deus cuida para que o crédito seja concedido onde o crédito é devido.

Num capítulo sobre Paz no Mahabharata, afirma-se que as divindades o

chamam de brâmane aquele que se contenta com qualquer pedaço de roupa, com qualquer comida e com qualquer abrigo. Cristo também aconselhou o homem: “Não vos preocupeis com a vossa vida, com o que comereis; nem para o corpo, o que vestireis… nem tenhais dúvidas. Porque todas estas coisas as nações do mundo procuram; e vosso Pai sabe que necessitais destas coisas. Antes, buscai o reino de Deus; e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”7

Um verdadeiro iogue não negligencia deliberadamente o dever para com seu corpo. Ele não corteja o suicídio por fome lenta, nem provoca pneumonia por vagar sem teto, dormindo na neve. Contudo, um grande iogue, imerso em Deus, tem um distanciamento natural em relação às preocupações mundanas como a alimentação e o lar, que tanto ocupam o homem mundano apegado ao conforto físico.

Estas estrofes exaltam os santos mendicantes de todas as épocas – como os iogues do Himalaia e grandes santos como Sri Chaitanya e Francisco de Assis. As palavras elogiam, como querido a Deus, o iogue intoxicado por Deus, seja qual for o seu modo de vida, que está sempre contente, de alguma forma mantendo-se, vivendo de presentes casuais ou de ganhos escassos - apenas o suficiente para manter corpo e alma juntos. Tal iogue não é como o homem preguiçoso do mundo, pois a dependência do iogue da Graça Divina é segura em sua unidade com Deus. Ele experimenta a bem-aventurança divina e, conseqüentemente, não busca os mesquinhos confortos da carne. Absorvido pela devoção transcendental, ele ama tanto amigos quanto inimigos, vendo seu amado Senhor presente em todos eles.

VERSÍCULO 20

vós, dharmyāmṛtam idaṁ yathoktaṁ paryupāsate
śraddhadhānā matparamā bhaktās o tīva e priyāḥ

Mas aqueles que seguem com adoração esta religião imorredoura (dharma) como até agora declarada, saturados de devoção, supremamente absortos em Mim – tais devotos são extremamente queridos para Mim.

Os mais queridos por Deus, inseparáveis Dele, são aqueles iogues que, com total concentração devotada, mantêm suas almas unidas ao Espírito eterno, que tudo protege e que está além da criação - o Absoluto Imutável, desprovido de qualquer imagem ilusória - enquanto adoradamente empenhados em viver e manifestar o eterno. , imortalizando os princípios da união com Deus. Esses iogues permanecem um com Ele, abraçados em Seu seio de bem-aventurança transcendente.

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
bhaktiyogo nāma dvādaśo ‘dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o décimo segundo capítulo, chamado “Bhakti Yoga (União através da Devoção)”.

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO XIII

O Campo e o Conhecedor do Campo

❖

As forças divinas que criam o corpo, o campo onde o bem e o mal são semeados e colhidos

❖

A Verdadeira Natureza da Matéria e do Espírito, Corpo e Alma

❖

Características da Sabedoria

❖

Espírito, como é conhecido pelos sábios

❖

Purusha e Prakriti (Espírito e Natureza)

❖

Três abordagens para a autorrealização

❖

Libertação: Diferenciando entre o campo e seu conhecedor

“Ó Filho de Kunti (Arjuna), pelos conhecedores da verdade, este corpo é chamado kshetra (“o campo” onde o carma bom e mau é semeado e colhido); da mesma forma, aquilo que conhece o campo eles chamam de kshetrajna (a alma)…. Também saiba que Eu sou o Kshetrajna (Perceptor) em todos os kshetras (os corpos evoluídos a partir do princípio criativo cósmico e da Natureza). A compreensão de kshetra e kshetrajna – isso é considerado por Mim como constituindo a verdadeira sabedoria.”

OceanoofPDF. com

Capítulo XIII

O Campo e o Conhecedor do Campo

As forças divinas que criam o corpo, o campo onde o bem e o mal são semeados e colhidos

Prefácio

arjuna pegou
prakṛtiṁ puruṣaṁ caiva kṣetraṁ kṣetrajñam eva ca
etad proibido icchāmi jñānaṁ jñeyaṁ ca keśava

Arjuna disse:

Ó Keshava (Krishna), sobre Prakriti (Mãe Natureza inteligente) e Purusha (Deus Pai transcendental); sobre kshetra ("o campo" do corpo) e kshetrajna (a alma ou evoluído-conhecedor do campo corporal); sobre o conhecimento e Aquilo que deve ser conhecido - isso eu anseio saber.1

Este capítulo sobre Natureza e Espírito, corpo e alma, é introduzido pelo desejo expresso de Arjuna de ouvir Krishna em detalhes sobre referências anteriores ao Deus transcendental que existe além da criação vibratória; sobre a Criação Vibratória Inteligente (Consorte de Deus, Mãe Natureza); sobre kshetra, ou o corpo objetivo do sonho; sobre o sonhador ou conhecedor (a alma ou kshetrajna); e sobre a consciência onírica (o princípio criativo cósmico) que une o corpo onírico e a alma sonhadora.

Depois de ouvir as palavras de Krishna sobre a união da alma e do Espírito através da devoção, Arjuna fica perplexo sobre como os vários elementos conflitantes da mente (manas, ou consciência sensorial) e da discriminação (buddhi, ou inteligência divina pura) existem dentro dele, e como sua o conflito obstrui a união divina. O devoto que busca a Deus

anseia compreender o mistério sobre a Natureza Cósmica exterior, inclinada à matéria, e a atração interior do Espírito transcendental; e sobre o campo do corpo (kshetra) identificado pelos sentidos e pela Natureza e pela alma identificada pelo Espírito (kshetrajna). Ele deseja todo o conhecimento sobre eles e sobre o Espírito em Seu estado não manifestado - o objeto supremo do conhecimento.

Interpretado metafisicamente, o iogue (Arjuna) procura aprender com a consciência cósmica (Krishna) dentro dele sobre a dupla manifestação macrocósmica do Espírito supremo como Prakriti, ou Mãe Natureza, e Purusha, ou Deus o Pai além da criação; sobre Suas manifestações microcósmicas como o pequeno corpo-Natureza e o pequeno conhecedor – o habitante corporal, a alma; e tudo sobre as razões do choque entre os opostos diametrais da Natureza e do Espírito, do corpo e da alma.

VERSO 1

śrībhagavan uvāka
idaṁ śarīraṁ kaunteya kṣetram ity abhidhīyate
idade você vetti taṁ prāhuḥ kṣetrajña em tadvidaḥ

O Bendito Senhor respondeu:
Ó Filho de Kunti (Arjuna), pelos conhecedores da verdade, este corpo é chamado kshetra ("o campo" onde o carma bom e mau é semeado e colhido); da mesma forma, aquilo que conhece o campo eles chamam de kshetrajna (a alma).

O corpo é o campo onde opera a Natureza Cósmica; a alma, o puro reflexo de Deus, é a conhecedora deste campo.

Assim como um sonhador vê sua consciência transformada em objetos oníricos e em quem percebe, a alma (através da ajuda de Deus) é a criadora de seu corpo onírico objetivo (kshetra) e é também seu conhecedor (kshetrajna).

O sonhador, o processo de sonhar e os objetos oníricos correspondem à alma sonhadora, ao seu poder sonhador e ao seu sonho do corpo objetivo. O

corpo onírico objetivo é o campo no qual o sonhador da alma reúne os seus soldados guerreiros da discriminação e os exércitos da Natureza da mente cega para os sentidos. O choque entre essas forças opostas precipita os resultados de boas e más ações (carma).

O verso de abertura do primeiro capítulo do Bhagavad Gita refere-se em termos literais à guerra histórica entre os maus Kurus e os bons Pandus; mas este versículo mostra claramente que é o corpo do homem que é o campo de batalha. Neste campo, num esforço para obter poder governante no reino corporal da alma abençoada, o ego, a mente e os sentidos inclinados para a matéria estão prontos para lutar contra os exércitos das faculdades discriminativas da alma e contra os seus poderes de vontade e autocontrolo. É portanto evidente que Vyasa usou a guerra histórica alegoricamente, e que a verdadeira batalha aludida é interna: a guerra espiritual entre a sabedoria e a ignorância, o combate psicológico entre a inteligência e a mente (consciência sensorial), e a guerra corporal entre o eu e a mente. -controle e indulgência dos sentidos prejudiciais. O conflito é delineado ao longo dos dezoito capítulos do Bhagavad Gita.

❖

Significado de kshetra (o campo) e kshetrajna (o conhecedor)

❖

Esses choques entre as tendências espirituais (plantadas no corpo humano pelo Espírito através da alma) e as inclinações físicas (instiladas nele pela Natureza Cósmica) fazem do território corporal um campo de batalha onde boas e más ações são iniciadas, produzindo seus resultados inevitáveis – como sementes. que são semeados e seus frutos posteriormente colhidos. Portanto, a natureza material do homem, absorvida pela Natureza Cósmica manifestada no corpo, o produto do princípio criativo cósmico, é chamada de campo ou kshetra. O Espírito Universal e a alma individualizada do homem são chamados de kshetrajna: aquilo que testemunha, ou conhece, o campo das atividades corporais com seus guerreiros a favor e contra o ego e suas forças. Essas designações, kshetra e kshetrajna, foram dadas por sábios liberados que, tendo sido vitoriosos na batalha contra as forças dos sentidos, eram, portanto, conhecedores da verdadeira natureza do campo corporal. Assim, pode-se dizer que o

Espírito, a alma e todos os seres liberados são kshetrajnas, ou verdadeiros conhecedores do corpo.

O desejo do ego e da mente é estabelecer no corpo o reino dos prazeres sensoriais. O desejo da alma é lutar contra as inclinações materiais e estabelecer no corpo o reino divino da pura bem-aventurança do Espírito.

A palavra Gita significa canção. Bhagavad Gita significa Canção do Espírito. Vários comentaristas das escrituras apontaram que foneticamente as sílabas de Gi-ta, invertidas, formam a palavra Ta-gi, “o renunciante” (tyagi). O tema principal do Gita é a renúncia da alma às suas peregrinações pródigas encarnadas, vencendo os desejos materiais e físicos e, assim, recuperando o seu lar abençoado no Espírito.

Uma explicação extensa é necessária para descrever a verdadeira natureza do corpo e por que ele é chamado de kshetra, o campo.

❖

Espírito e Natureza Cósmica (Purusha e Prakriti)

❖

A Natureza Cósmica de vinte e quatro princípios elementares (referidos nos versículos 5 e 6 deste capítulo)2 é a natureza manifestada de Deus. Quando a Natureza sai de Deus pela primeira vez, ela está no estado invisível e é chamada de Natureza Pura, Para-Prakriti. Quando se materializa e se envolve em manifestações externas boas, ativas e más que escondem o Espírito subjacente - as manifestações puras da natureza bem-aventurada do Espírito - ela é chamada de Natureza Impura, Apara-Prakriti: misteriosa Mãe Natureza, aparentemente rebelde e caprichosa em seu funcionamento. , mas na realidade a personificação da lei.

Para-Prakriti, Natureza Pura, tem vários nomes: Maya; Natureza Cósmica Inteligente; Vibração Cósmica Inteligente; a palavra; o Espírito Santo; Mãe Kali ou Mãe Durga, destruidoras do demônio da ignorância; Prakriti ou Maha-Prakriti; o Som Cósmico Aum; a Luz Cósmica; a Consorte de Deus, que em conjunto com Ele criou o universo (o kshetra puro).

O Espírito além da criação, como Deus, e o Espírito na criação, como Kutastha, são ambos chamados Purusha. A Inteligência Transcendental que existe além da criação é Para-Purusha; sua inteligência refletida na criação é

Kutastha-Purusha.3

Purusha além da criação também é chamado de Ishvara, ou Deus, o Criador. O Purusha na criação é chamado Kutastha Chaitanya, ou inteligência universal imutável. Deus e Sua Natureza Cósmica na forma microcósmica estão presentes no corpo humano como a alma pura e a natureza humana pura. A alma pura e a natureza humana pura tornam-se distorcidas no ego humano e na natureza humana senciente, devido à identificação temporária da alma perfeita com o corpo imperfeito e à sua propensão inclinada à Natureza para os prazeres dos sentidos e os prazeres e apegos materiais.

A Natureza Cósmica de qualidades triplas (os três gunas) produz os três corpos do homem – físico, astral e espiritual. O corpo físico é composto de dezesseis elementos grosseiros: carbono, ferro, cálcio, etc.

O corpo astral é composto por dezenove elementos: ego; mente (consciência sensorial); inteligência; sentimento (chitta, o princípio do coração); as correntes cristalizadoras, metabolizadoras, assimiladoras, circulantes e eliminatórias; e os dez sentidos.

O corpo causal consiste em trinta e cinco pensamentos divinos criativos correspondentes aos trinta e cinco elementos combinados dos corpos físico e astral.

❖

Os três corpos do homem – físico, astral, causal

❖

A morte não liberta a alma e a une ao Espírito. O corpo astral de dezenove elementos e o corpo causal dentro dele, envolvendo a alma, viajam juntos no mundo astral etérico no estado pós-morte. Mas pela prática do yoga um devoto pode libertar sua alma do revestimento de todos os três corpos. Então sua alma se mistura com o Espírito.

Este processo de libertação dos três corpos requer tempo. Até mesmo o avatar Senhor Jesus precisou de três dias, ou três períodos de esforço espiritual, para emergir de seus corpos físico, astral e causal antes de ressuscitar completamente, ou antes de sua alma ser elevada dos três invólucros corporais e unida ao Espírito. É por isso que, após a sua morte, quando Jesus apareceu a Maria, ele disse-lhe para não tocá-lo, pois a sua

ressurreição ainda não estava completa.4 Depois de ter sido totalmente libertado das três prisões corporais, ele se manifestou aos seus discípulos como o Espírito sem forma. , e também apareceu diante deles como Espírito na forma corpórea de Jesus.

Envolvendo os três corpos estão cinco koshas ou “coberturas” da alma.5 Assim como uma espada pode ser colocada em uma bainha feita de cinco camadas de ferro, cobre, prata, ouro e platina, a alma é envolta em uma bainha quíntupla. bainha.

O corpo físico brota da cobertura terrestre (annamaya kosha, assim chamado porque da terra vem o alimento – anna, “terra, alimento” – e o alimento é convertido em carne). O corpo astral do homem é coberto por três koshas: a força vital (pranamaya kosha), a mente (manomaya kosha) e as percepções supramentais (jnanamaya kosha). O corpo causal é coberto pela bem-aventurança-kosha (anandamaya kosha).

O corpo físico fica ativo durante o estado de vigília, trabalhando por meio dos sentidos. O corpo astral anima todas as atividades físicas e se manifesta durante o sono como sonhos. No estado de sono, os desejos e experiências físicas se materializam como imagens oníricas, percebidas pelos poderes sensoriais astrais mais sutis do homem, como visão, audição, olfato, paladar e tato. O corpo causal é a fonte da consciência e do poder do pensamento e predomina durante o sono sem sonhos e cheio de alegria.

❖

As divindades, diferenciações do Espírito, que governam o corpo e o cosmos

❖

Incontáveis seres nascem do Espírito único, assim como uma massa de corrente dinâmica pode manifestar-se como milhões de pequenas luzes elétricas. Da mesma forma, a alma única, como o ego, manifesta-se como as múltiplas atividades do homem físico.

O Espírito, como Deus Pai da criação, diferencia-se como sete anjos principais que governam toda a criação: os universos ideacional, astral e físico macrocósmico e microcósmico.6

No microcosmo, Deus como a alma agindo através do corpo físico é chamado Vishva. É o verdadeiro protetor e sustentador da forma carnal (um papel falsamente assumido pelo ego). A alma consciente do corpo astral

chama-se Taijas; mantém o corpo astral e suas funções. A alma consciente do corpo causal é chamada Prajna; ele suporta o corpo causal. Essas três divindades – Vishva, Taijas e Prajna – assim como o ego físico, são reflexos da mesma alma, mas agem como se fossem entidades constituídas de forma diferente.

Assim como a alma tem um corpo físico, astral e causal, Deus, o Pai, como a Inteligência Kutastha na criação, manifestando-se ativamente através de Prakriti, reveste três corpos cósmicos. O cosmos físico é o corpo físico de Deus; o cosmos astral é o corpo sutil ou astral de Deus; e o cosmos causal é o corpo ideacional ou causal de Deus.

Deus como o Construtor Cósmico, Virata, cria e mantém o universo material cósmico; assim como a alma, como Vishva, cria e mantém o universo em miniatura, o corpo físico do homem.

Deus como Hiranyagarbha, o Engenheiro Lifetrônico Cósmico, cria e mantém o universo astral cósmico; assim como a alma como Taijas cria e mantém o corpo astral do homem.

Deus, como o Arquiteto Cósmico, Ishvara, cria e sustenta o universo ideacional cósmico; assim como a alma como Prajna cria e mantém o corpo ideal do homem.

Essas seis divindades são uma transformação do sétimo “anjo” supremamente orientador, Maha-Prakriti, a expressão ativa da Inteligência Kutastha, que é o reflexo puro de Deus na criação.

Assim como os vários estados dos Estados Unidos da América são governados pelo Presidente, Senadores e Representantes, também os três universos macrocósmicos (ideacional, astral e físico) e os três universos microcósmicos (os corpos ideacional, astral e físico de homem) são governados por Deus, pelas mencionadas seis divindades, Prakriti, e pelo Gerente da Criação, Kutastha Intelligence. A mesma Inteligência também é chamada de Krishna ou Consciência Crística, ou Tat. No microcosmo do corpo, é referido como alma.

Assim, Deus, a Inteligência Kutastha, a Mãe Natureza e as seis divindades são responsáveis pela criação e gestão de todo o cosmos de seis divisões.

A Natureza Cósmica de qualidades triplas evolui a criação através de vinte e quatro princípios, entre os quais estão os cinco “elementos” sutis de terra, água, fogo, ar e éter (os mahatattvas), forças vibratórias individualizadas da Vibração Criativa Cósmica.

❖

Como o cosmos e o corpo do homem evoluem a partir de cinco elementos criativos

❖

Pela mistura inteligente dos cinco elementos cósmicos atuados por Prakriti e Deus, os universos nascem. O Espírito e a Natureza Cósmica materializam a inteligência; as várias formas de inteligência criativa materializam os cinco elementos cósmicos sutis (mahatattvas) nas forças mais sutis que as atômicas dos lifetrons, e os lifetrons em elétrons, prótons e átomos. A natureza dá origem primeiro ao éter vibratório inteligente, o fundo sutil no qual todas as outras vibrações interagem. O éter, por sua vez, dá origem à energia cósmica inteligente, ao prana ou aos lifetrons. Isto dá origem às radiações cósmicas e aos elétrons, prótons e átomos.7 Os átomos gasosos são o elo entre a energia e a forma; a partir da combinação de átomos, formam-se fluidos (“água”). Dos elementos fluidos surgiram os sólidos (“terra”). Assim são os cinco elementos cósmicos, pelas operações secretas do Espírito e da Natureza, convertidos no universo colossal e no pequeno corpo físico do homem - matéria densa que aparece como sólida (terra), líquida (água), luz e calor (fogo).), gasoso (ar) e etérico (éter). Portanto, o universo e o pequeno cosmos, o corpo humano, são todos feitos de cinco elementos, a Natureza Cósmica e o Espírito.

O universo físico responde à influência dos cinco elementos, assim como o corpo humano. O cosmos, o corpo físico de Deus, fala e ouve através do éter vibratório (com sua qualidade de som e movimento radiante); sente e agarra o ar vibratório (com sua qualidade de sensação decorrente do contato ou resistência e seu movimento transversal ou geral); vê e tem movimento progressivo através do fogo vibratório ou luz cósmica (com suas qualidades de cor ou forma e movimento ascendente expansivo); saboreia e reproduz-se através do elemento vibratório da água (com suas qualidades de sabor e movimento descendente ou contração); cheira e elimina através do elemento vibratório terra (com suas qualidades de odor e

coesão).

Como o corpo é criado pelos cinco elementos em conjunto com Deus, o Poder Supremo, é descrito a seguir.

A boa qualidade cósmica (sáttvica) do éter vibratório produziu no homem o ouvido e o sentido da audição. Da boa qualidade do ar vibratório e da corrente vital foi criada a pele humana e o sentido do tato. A boa qualidade da energia irradiada do fogo produziu os olhos e o poder da visão. A boa qualidade do elemento vibratório da água produziu a língua e o poder do paladar. A boa qualidade cósmica presente na terra produziu o nariz e o olfato. A qualidade sáttvica de todos esses cinco elementos, com suas vibrações, produziu a imagem em movimento do corpo humano, refletindo a mente, a inteligência, o sentimento e o ego.

Da mesma forma, a partir da qualidade ativadora cósmica (rajásica) presente no éter foi produzido o poder da fala e os órgãos da fala. A qualidade ativadora presente no ar vibratório e na corrente vital produziu as mãos e o poder de agarrar. A qualidade ativadora do elemento fogo produziu os pés e a força de locomoção. A qualidade ativadora do elemento água produziu os órgãos genitais e o poder de reprodução. A qualidade ativadora do elemento terra produziu o órgão retal e o poder de excreção. Através do conglomerado rajásico dos cinco elementos vibratórios em sua forma mais sutil, surgiram os cinco pranas ou correntes vitais.8

A qualidade grosseira (tamásica) presente nos cinco elementos produziu os átomos físicos do corpo. Através da instrumentalidade das cinco correntes de vida prânica, a matéria grosseira (o corpo físico) é materializada nas formas sólida, líquida, gasosa, ígnea e etérica, animada por suas contrapartes astrais sutis.

❖

As forças astrais e causais por trás da criação física do corpo

❖

Qualquer bom livro médico que trate do corpo humano descreve detalhadamente como o corpo físico é criado de acordo com as leis conhecidas da Natureza. Através de fenômenos físicos que podem ser observados através de um microscópio, o espermatozóide masculino infinitesimal se une ao óvulo feminino microscópico e um embrião começa a crescer. O embrião

gradualmente se transforma em feto. Durante um período de gestação de nove meses, o feto se desenvolve em um corpo infantil totalmente formado. O bebê nasce e passa pela infância, juventude e maturidade; depois de cerca de sessenta anos, o corpo começa a se desintegrar e finalmente morre. Este é o simples testemunho dos sentidos quanto ao fenômeno chamado vida. Mas este milagre do ser não poderia acontecer exceto pela presença fortalecedora da alma, invisivelmente inerente à fisiologia observável da concepção e do crescimento.

A alma, com um modelo dos corpos astral e causal de um ser humano, desligada de um corpo físico anterior e falecido, entra no útero da nova mãe através de um flash de corrente vital que se manifesta durante a conjunção de um espermatozóide e da célula do óvulo da mãe. A alma, presente desde o momento da concepção, dirige continuamente o crescimento subsequente da célula microscópica do espermatozóide e do óvulo para o corpo do bebê e depois do adulto, de acordo com o plano cármico bom, ativo ou mau formado através do passado. -ações de vida e adequação à hereditariedade atual.

Sem a orientação inteligente e consciente da alma, modificada pelo carma pré-natal e pelo livre arbítrio do ego, o corpo não poderia crescer de um germe microscópico para uma forma humana simétrica. O corpo normal mostra a presença do design inteligente pelo crescimento adequado dos olhos, ouvidos, nariz, cabeça, membros e órgãos. Sem esta orientação interior a forma humana poderia evoluir para uma monstruosidade; por exemplo, as mãos e os pés podem crescer desproporcionalmente, talvez espalhando-se como os galhos de uma árvore.

O corpo cresce desde sua origem minúscula até uma forma humana de tamanho real por meio da multiplicação celular. Embora os tecidos nervoso, epitelial, muscular e ósseo do corpo sejam altamente diferenciados, todos são feitos da mesma substância: pequenas partículas celulares. É a alma por trás das cinco forças vitais prânicas que ordena que certas células sejam tecido cerebral mole, tecido cutâneo elástico, tecido muscular forte ou tecido ósseo duro.

Assim como os tijolos não poderiam formar uma casa sem a ajuda de

um construtor inteligente, a célula original unida pelo espermatozóide e pelo óvulo não poderia multiplicar-se numa habitação caracteristicamente humana sem a supervisão da Inteligência.9 Meramente através de bons produtos químicos alimentares, as células humanas não podiam dispor-se para formar tendões, tecidos nervosos, ossos e órgãos diferentes, nem instalar o sistema telefônico dos sentidos para servir a todas as partes da mansão física maravilhosamente intricada da alma.

Portanto, é evidente que todos os tecidos, feitos de células, foram construídos de forma inteligente no corpo humano. Assim como o telhado de uma casa não poderia ser sustentado sem paredes ou vigas, as vigas ósseas do corpo são fornecidas para evitar que ele role como uma água-viva. Assim como uma sala de cimento é feita de pequenas partículas de cimento, o corpo humano é feito de pequenas partículas de células organizadas. Analisando mais detalhadamente, entende-se que as células são feitas de partículas ainda menores: átomos, compostos de elétrons, prótons, nêutrons, pósitrons e mésons, girando no espaço relativamente imenso dentro de cada átomo. A estrutura proporcional do átomo é frequentemente comparada à de um sistema solar.

Desse ponto de vista, vê-se que o corpo humano é um produto de minúsculos átomos e forças sutis. Os cientistas dizem que se o espaço nos átomos de um corpo físico pesando 150 libras pudesse ser removido, os átomos constituintes do corpo seriam condensados numa única partícula invisível que ainda pesaria 150 libras.

Os físicos não definem mais um “corpo” como matéria, mas como uma onda eletromagnética. Por que então o corpo aparece como carne sólida em vez de ser invisível como um átomo? A resposta é que a alma ordena aos átomos que assumam a aparência de carne; mesmo quando um feixe de imagem em movimento projeta na tela, pelo design inteligente do produtor do filme, uma réplica aparentemente substancial do corpo humano. Através de um filme mental da forma física e pela energia eletroatômica, a alma produz um corpo humano material, real não apenas para a visão e audição do homem, mas também para seu olfato, paladar e tato.

Através de uma análise mais aprofundada, os iogues da Índia

descobriram que o corpo eletroatômico do homem é feito de lifetrons mais sutis e inteligentes, que são condensações dos pensamentos de Deus. A estrutura do homem e de toda a criação é resultado das vibrações da Mente Divina. A Bíblia diz: “Deus disse: Haja luz: e houve luz.”10 Isto é, a consciência do Senhor teceu inteligentemente a luz (vibrações de pensamento e força vital) para formar o mundo fenomênico de minerais, vegetação, animais e humanidade. Segundo o iogue, portanto, o corpo humano é feito das relatividades do pensamento de Deus.

A ilustração a seguir mostrará como o homem pode transformar sua consciência serena em partículas de pensamento e produzir a imagem de um homem onírico ou de um mundo onírico, numa duplicação exata e detalhada de um homem vivo ou do próprio mundo. Uma determinada pessoa pode realizar a seguinte experiência com sucesso.

Se ele se deitar na cama quando estiver com muito sono e analisar seu estado de sono, descobrirá que as sensações da cama, do corpo, da respiração e dos pensamentos se dissolvem na única percepção pacífica da sonolência. Ele deve continuar percebendo conscientemente esse estado pacífico de sono semiconsciente, onde todas as sensações e pensamentos inquietos são dissolvidos. Neste estado ele descobrirá que sua consciência pura é muito poderosa e plástica, pronta para ser moldada na imagem de um corpo visualizado ou de qualquer outro objeto visualizado.

O pensamento no estado inquieto perde a sua potência. Quando está concentrado, pode moldar uma ideia em uma imagem onírica real. Se o homem que está conscientemente desfrutando passivamente do estado semiconsciente do sono, com calma concentração, visualizar a imagem de um homem ou de qualquer outro objeto, ele será então capaz de materializar essa visualização específica em uma imagem onírica específica. Desta forma, o experimentador, através da concentração e da visualização, pode materializar um padrão de pensamento complexo de um homem na imagem complexa de um homem.

Da mesma forma, pela dissolução de pensamentos inquietos e pela consolidação da atenção numa réplica mental do mundo, com o sol ou a lua e as estrelas, um homem pode produzir uma imagem onírica de um mundo

❖

Origem da criação relativista: divisão da consciência em conhecedor, conhecedor e conhecido

❖

iluminado pelo sol ou pela lua. Um sonhador na terra do sono pode ver um mundo inteiro feito de diferentes elementos, manifestando diversas formas de luz, incêndios florestais, explosões de bombas atômicas e todas as experiências sensório-motoras do mundo objetivo. O homem, dotado de mente, pode criar uma réplica onírica de qualquer coisa na criação. Assim como Deus, através do Seu poder mental, materializa a Sua consciência no mundo dos sonhos cósmicos, o homem, feito à Sua imagem, também pode materializar ideias num mundo de sonhos em miniatura.

Quando uma pessoa dorme pacificamente, ou permanece calma sem perceber quaisquer pensamentos ou sensações, ela tem dentro de si, como um só, os três elementos da consciência: conhecedor, conhecedor e conhecido. Quando ele desperta, sua consciência está dividida em três fatores – o ego físico que percebe, suas percepções e seus objetos de percepção (o corpo humano e o mundo). Da mesma forma, quando um homem sonha, ele divide sua consciência triplamente: como o ego sonhador, a consciência onírica e os objetos oníricos. Na terra dos sonhos, a consciência onírica do homem, pela lei da relatividade, pode criar uma réplica completa de um ser humano que pensa, sente e se envolve em ações.

No sonho, o sonhador está consciente da consciência do ego e de todos os processos de experiência subconsciente, bem como das sensações de frio ou calor; prazer ou dor; percepção do clima – chuvoso, quente, frio ou neve; percepção de doenças dolorosas; percepção de bebês nascendo ou de homens morrendo; e percepções sensoriais de terra, água, fogo e ar.

O sonhador pode perceber seu ego físico como o executor de todas as ações de seu corpo onírico. Ou ele pode dissolver seu ego onírico numa percepção da alma abençoada através do êxtase onírico; ou por meio de um êxtase de sonho mais elevado pode sentir que sua alma é uma com o Espírito inefável. Da mesma forma, o ego sonhador é capaz de perceber, desejar, sentir e raciocinar; pode estar consciente do medo, da raiva, do amor e da tranquilidade; e de sensações de visão, audição, olfato, paladar e

tato.

O ego sonhador pode experimentar todos os processos complexos de pensamento, emoções ou sensações. Ele pode sentir o mundo dos sonhos objetivado como feito dos elementos terra, água, fogo, ar e éter. O sonhador pode ver cores com seus olhos oníricos, ouvir música com seus ouvidos oníricos, cheirar fragrâncias com seu nariz onírico e saborear comida com sua boca onírica.

Ele pode abraçar amigos de sonho com seus braços de sonho; ele pode andar com os pés dos sonhos na terra dos sonhos; ele pode ver a fumaça onírica saindo de uma fogueira onírica; ele pode nadar com seu corpo sólido de sonho em um lago de sonho; ele pode sentir a brisa fresca ou quente do sonho soprando em seu rosto sonhado; ele pode aproveitar as mudanças do inverno, primavera, verão ou outono dos sonhos. Ele pode experimentar pobreza ou prosperidade no mundo dos sonhos. Ele pode perceber as manifestações de paz em países de sonhos felizes. Ele pode ver o brilho dos bombardeios e a devastação das guerras do mundo dos sonhos.

No tempo relativo das percepções do pensamento, um sonhador pode fazer viagens pelo mundo em aviões ou navios oníricos. Na terra dos sonhos ele pode vivenciar nascimentos e renascimentos. Se for espiritualmente avançado, será capaz de ver também a projeção de pessoas e mundos astrais.

Mas quando o sonhador acorda, ele percebe que todas as suas experiências oníricas foram feitas das relatividades de sua consciência única, materializadas pelo poder da mente em imagens oníricas visíveis. Da mesma forma, um homem pode perceber este mundo como experiências oníricas do ego subjetivo. Um santo auto-realizado vê o universo como manifestações de vida sugeridas pelo Espírito onipresente.

Os processos da mente, as percepções das sensações e dos objetos dos sentidos, e do corpo onírico objetivado no mundo material de substâncias sólidas, líquidas e gasosas – todos são sonhos de Deus introduzidos na consciência do homem.

Pela análise chegamos à conclusão de que, na terra dos sonhos, o homem pode criar uma réplica de qualquer corpo humano, assim como no

❖

A consciência criativa do homem é análoga à de Deus

❖

cosmos onírico Deus cria o homem. O corpo humano, é claro, não é feito da consciência onírica do homem, mas é uma expressão da consciência onírica do Senhor. Aqui está uma grande analogia entre o homem e Deus. Fala-se do Imanifestado como uma Bem-aventurança sempre existente, sempre consciente e sempre nova, na qual o Espírito subjetivo e Sua percepção de bem-aventurança são dissolvidos em Um. Quando o Espírito cria, torna-se o Deus todo-perceptivo que, embora inativo além da criação, é ativo na criação como a Imanência Subjetiva. A consciência de Deus existindo além da criação e na criação é o Seu processo de cognição; e a vibração cósmica materializada nos cosmos ideacional, astral e físico é Seu corpo objetivo.

O Senhor permanece desperto e repousante em pura bem-aventurança no reino sem vibração; Ele gosta de dormir consciente no mundo ideal; Ele sonha nos universos astral e físico. Da mesma forma, na superconsciência o homem desperta na bem-aventurança da alma. No estado de sono profundo sem sonhos, ele é revivido pela paz repleta de alegria do mundo causal. No estado normal de sono, ele cria sonhos no mundo astral percebido subconscientemente. E no chamado estado de vigília ele sonha com imagens grosseiras do corpo e do mundo.

Assim como o Espírito no estado não manifestado pode manter os três elementos de Sua existência – conhecedor, conhecedor e conhecido – como uma percepção de bem-aventurança, assim o homem, através da prática de yoga, pode dissolver os três processos de sua existência em uma única percepção de bem-aventurança. Quando ele é capaz de fazer isso à vontade, ele desenvolve o poder do Criador. No estado de êxtase, ele percebe que, através do pensamento concentrado, separado pela relatividade em concentrador, concentrador e objeto de concentração, ele pode criar qualquer coisa como um objeto visível.

Quando uma pessoa, por meio de concentração inabalável, consegue visualizar qualquer imagem ou objeto com os olhos fechados, aos poucos aprende a fazer o mesmo com os olhos abertos. Então, através de um maior desenvolvimento da concentração, ele pode conectar-se com a consciência

todo-poderosa de Deus e materializar o seu pensamento num objeto, percebido não apenas por si mesmo, mas também por outros. Da mesma forma que Cristo criou uma nova consciência de vida corporal em Lázaro, Lahiri Mahasaya realizou muitos milagres demonstrando o poder materializador da mente. Na Autobiografia de um Iogue é relatado como meu mestre, Sri Yukteswarji, testemunhou o milagre da carne crescendo ao redor de seu corpo magro por ordem de seu guru-preceptor, Lahiri Mahasaya. Meu Mestre também testemunhou a ressurreição de seu falecido amigo Rama através da intervenção de Lahiri Mahasaya.

No mundo objetivo existem muitas maravilhas que Deus criou para despertar a curiosidade espiritual do homem sobre o Criador. Um certo tipo de caracol, por exemplo, colocado sozinho num pequeno corpo de água, multiplicar-se-á por um processo misterioso, bastante diferente daquele pelo qual os seres humanos são reproduzidos. A planta da ressurreição, quando completamente seca e aparentemente morta, pode ser imersa em água e em poucas horas ficará viva e verde.

❖

Como o homem pode se libertar do sonho cósmico da ilusão

❖

Assim como uma pessoa sob influência hipnótica pode agir como se fosse uma personalidade diferente, Deus desenvolve as almas a partir de Si mesmo e as hipnotiza pela ilusão (maya) para que se percebam como envoltas em corpos animais ou humanos. A pessoa hipnotizada não pode sair do seu estado irreal sem ser deshipnotizada. Pela sabedoria e auto-análise e pela graça de Deus, o homem pode ser deshipnotizado da ilusão cósmica e abandonar para sempre os seus sonhos recorrentes de encarnações. Ele pode então retornar à percepção da alma pura, unida ao Espírito no estado de bem-aventurança sem sonhos.

Durante o sono, o homem descansa em seu corpo astral, talvez sonhando que ocupa outro corpo onírico. Ao acordar, ele sonha com a presença de seu corpo físico. Quando ele morre, ele esquece o sonho material, incluindo o sonho de uma forma física, e vive em seu corpo astral onírico (envolvendo seu corpo causal). No momento da reencarnação física, ele novamente veste seu corpo astral sutil (e o corpo causal residente) com

um sobretudo onírico de carne densa.

Durante o primeiro estado de liberação, a alma do homem emerge sucessivamente de seus três corpos microcósmicos – físico, astral e causal. Ele experimenta os macrocosmos trinos físicos, astrais e causais como seu próprio Eu. Durante a libertação suprema, a alma e o Espírito tornam-se um. Nesse estado a alma se encontra como Espírito, transcendendo até mesmo as três encarnações macrocósmicas.

Em resumo, a causa raiz da criação onírica do corpo humano e do mundo consiste no conhecedor (kshetrajna), no conhecedor (jnana) e no objeto conhecido (kshetra). No estado não manifestado do Espírito nenhuma criação é possível. No mundo criado, quem conhece é Deus; o objeto conhecido é o cosmos objetivo; e Sua consciência dentro dela é o elemento conectivo entre o Deus subjetivo e o cosmos objetivo. O corpo humano é o cosmos em miniatura. O campo corporal é o objeto, ou kshetra; e a alma dentro dela (conhecida pelo homem liberado) é o kshetrajna; o corpo e seu conhecedor estão ligados pelo processo de cognição do conhecedor.

De fato, descartar o corpo como um sonho de Deus só é possível para homens de realização divina – aqueles que aprenderam o poder da visualização e da materialização e desmaterialização das formas-pensamento. Quando a mente se torna poderosa como a do Criador, pode-se materializar ou desmaterializar o seu corpo ou um universo, sabendo que são imagens oníricas do pensamento.

Deve-se, portanto, praticar yoga, a ciência da união divina; pois é ao perceber sua unidade com Deus que o devoto se liberta do sonho cósmico e conhece esse sonho como feito pura e simplesmente da consciência de Deus.

VERSÍCULO 2

kṣetrajñaṁ capi māṁ viddhi sarvakṣetreṣu bhārata
kṣetrakṣetrajñayor jñānaṁ yat taj jñānaṁ mataṁ mama

Ó Descendente de Bharata (Arjuna), saiba também que Eu sou o Kshetrajna (Perceptor) em todos os kshetras (os corpos evoluídos a partir do princípio criativo cósmico e da Natureza). A compreensão de kshetra e kshetrajna – que é considerada por Mim como constituindo a verdadeira sabedoria.

❖

Verdadeira sabedoria: compreender como a Consciência Única se torna todas as coisas

❖

Esta estrofe refere-se à natureza onisciente imanente do Espírito. É somente Ele quem se manifesta como inúmeras almas. Um iogue é o possuidor da verdadeira sabedoria que entende que Deus é o único Kshetrajna, o único Percebedor da criação, singularmente e em todas as almas encerradas em corpos físicos. Deus é o único princípio subjetivo, perceptivo e objetivo que existe e se manifesta como a criação do sonho cósmico. É o próprio Senhor quem se torna todos os seres oníricos subjetivos. Ele é o princípio cognitivo em todas as criaturas sencientes e em tudo o mais. Ele também se manifesta como todos os objetos oníricos e como os corpos oníricos na criação. A compreensão dessas verdades constitui a verdadeira sabedoria.

A mente humana está condicionada a acreditar no testemunho dos sentidos, com a sua "prova" substantiva de que "eu" existo – "eu" percebo, sinto e penso. É, portanto, confundido pelo paradoxo de que este "eu" subjetivo nada mais é do que Ele, o Espírito onisciente. Se pessoas como o homem fossem de fato Deus, então o próprio Deus seria imperfeito e limitado. A mente conclui assim que, visto que Deus é perfeito e o homem imperfeito, deve haver dois princípios subjetivos em vez de um. Como então as escrituras atestam que tudo é Brahman, e "tu és Isso" (Tat tvam asi)?

Algo não pode surgir do nada; nem pode ser resolvido no nada. Tudo o que existe tem de ser sustentado por uma substância duradoura que sobreviva às transformações da mudança. Aquilo que muda e ainda assim é permanente não pode ser considerado finito, pois essa substância permanece a mesma durante todos os processos de mudança. Mas a mudança em si, por não ser constante e não permanecer a mesma, é portanto finita, limitada

pelos factores da forma, do tempo e do espaço.

Por exemplo, a água pode ser aquecida e transformada em vapor invisível. Quando resfriada, a água reaparece como vapor e depois como líquido, que pode ser refrigerado e transformado em gelo sólido. O gelo pode ser derretido em água novamente. A água passa assim por diferentes mudanças e formas, permanecendo essencialmente a mesma. É o processo de mudança que é limitado; as formas resultantes não sobreviverão às mudanças. O movimento no tempo e no espaço que chamamos de mudança não é duradouro, pois não sobrevive ao tempo. Neste mundo da relatividade, nada é exatamente igual ao que era há pouco. Diz-se que não se pode tomar banho duas vezes na mesma corrente. Tudo no universo é um fluxo de relatividade que está em fluxo perpétuo. Mesmo em objetos inertes, os átomos constituintes estão em constante movimento e ocorre alguma decadência ou mudança.

Assim como a percepção sensorial nos diz que a água (ou o que um cientista chamaria de estrutura molecular da água) é a base duradoura do vapor invisível, do vapor e do gelo sólido, também os iogues que penetraram no âmago da origem conhecem o fenômeno. da manifestação é fundada em uma consciência onipresente e eterna. É a consciência cósmica do Infinito que sofre mudanças em permutações finitas, mas permanece sempre a mesma durante a Sua metamorfose cósmica.

❖

Como a alma sempre perfeita assume as ilusões do ego

❖

Por que então os seres sencientes estão aparentemente tão distantes de sua Essência perfeita? Por que os seres não sabem que são Espírito e se comportam de acordo? O movimento de mudança no Imutável pressupõe causa e efeito, relatividade – uma ideia ou força que produz um efeito que, consequentemente, interage para influenciar um resultado variante – numa proliferação infinita de variáveis. A vontade de Deus de criar é a Causa original. Os potenciais ou princípios para produzir muitos a partir do Um através da relatividade interativa são o poder criativo de Deus, ou shakti, Maha-Prakriti. O funcionamento conglomerado desses princípios é chamado coletivamente de maya, a ilusão cósmica da multiplicidade.

Maya é uma hipnose cósmica que vela a Realidade Singular e impõe sugestões de manifestação. A consciência cósmica do Único Percebedor, experimentando essas transformações de maya, torna-se correspondentemente individualizada como muitas almas. A alma, experimentando e interagindo com o funcionamento e as manifestações de maya cósmico, tem sua própria identidade, ou avidya, ilusão individual, e assim se torna o ego identificado com o corpo. Tal como a sua essência, o Espírito, a alma é sempre pura e inalterada. Mas quando se expressa externamente, está sujeito às leis, ou princípios, de manifestação. Sintonizado com a inteligência divina da alma residente, o ser resultante é puro, nobre e sábio. Mas quanto mais a consciência cede às interligações emaranhadas da Natureza que operam através da mente sensorial, mais limitado e iludido o ego se torna. Mas mesmo que afunde nas profundezas da ignorância e do mal, a consciência nunca perde o seu potencial de alma divina. Eventualmente, o magnetismo interno do Espírito fará com que a consciência individualizada procure o caminho para a ascensão através da escolha da ação correta que a liga ao poder divino edificante inerente às leis da Natureza.

❖

Deus criou Maya; o homem criou miséria, medo e apego

❖

Um hipnotizador pode sugerir a um sujeito que ele está vendo um tigre feroz. O sujeito vê a besta e grita de terror. Agora, o hipnotizador apenas sugeriu a visão do tigre, mas não pediu ao sujeito que tivesse medo dele. O medo que o sujeito sentia era auto-sugerido e vinha do seu próprio ser, dos potenciais de emoção e experiência dentro dele. Da mesma forma, Deus, o Mestre Hipnotizador, através do Seu poder de maya, sugeriu às almas individualizadas que visualizassem o universo com todas as suas complexidades e detalhes. As percepções da consciência individualizada, sendo personalizadas pela avidya (ilusão individual), tornam-se elaboradas pelo sentimento. Sob a influência da mente sensorial, o sentimento se expressa como emoções – como medo, apego, repulsa, desejo. O Mestre Hipnotizador não sugeriu que as almas individualizadas tivessem medo ou fossem corajosas, miseráveis ou felizes. Estas são suas próprias criações.

As emoções são pensamentos personalizados que reagem às ideias materializadas da criação de Deus. Esses sentimentos condicionados pelos sentidos são ideias do próprio homem, o resultado de sua inter-relação individualizada com as ideias materializadas de Deus.

As ideias são finitas; eles são passageiros, movendo-se e mudando no tempo e no espaço. Mas a sua substância subjacente, a consciência duradoura da existência de alguém, que percebe e conhece as ideias – e que realiza as diversas operações de querer, imaginar, lembrar delas – é constante. Como ego, manipulado pela mente sensorial, ele reage emocional e imprudentemente em resposta à relatividade circunambiente. Mas quando a consciência é libertada do funcionamento dos fenômenos da Natureza, ela brilha como a alma, o reflexo perfeito do Espírito onipresente e onisciente. Assim é o Um nos muitos e os muitos no Um. Ambos existem, mas como estados eternos e relativos da Consciência Una.

A Verdadeira Natureza da Matéria e do Espírito, Corpo e Alma

Versículos 3–4

tat kṣetraṁ yac ca yādṛk ca yadvikāri yataś ca yat
sa ca yo yatprabhāvaś ca tat samāsena me śṛṇu (3)

ṛṣibhir bahudhā gītaṁ chandobhir vividhaiḥ pṛthak
brahmasūtrapadaiś caiva hetumadbhir viniścitaiḥ (4)

Ouça-me brevemente sobre o kshetra, seus atributos, seu princípio de causa e efeito e suas influências distorcidas; e também quem Ele (o Kshetrajna) é, e a natureza de Seus poderes - verdades que foram celebradas distintamente pelos rishis de muitas maneiras: em vários cantos dos Vedas e nas análises fundamentadas definitivas de aforismos sobre Brahman.

Que todo devoto ouça com total atenção, como fez Arjuna, a exposição do

Senhor sobre Kshetra e Kshetrajna: Prakriti e Purusha, Matéria e Espírito!

VERSÍCULOS 5–6

mahābhūtāny ahaṁkāro buddhir avyaktam eva ca
indriyāṇi daśaikaṁ ca panca cendriyagocarāḥ (5)

icchā dveṣaḥ sukhaṁ duḥkhaṁ saṁghātaś cetanā dhṛtiḥ
etat kṣetraṁ samāsena savikāram udāhṛtam (6)

Descrito sucintamente, o kshetra e suas modificações são compostos pelo Imanifestado (Mula-Prakriti, Natureza indiferenciada), os cinco elementos cósmicos, os dez sentidos e a mente de um só sentido, inteligência (discriminação), egoísmo, os cinco objetos dos sentidos; desejo, ódio, prazer, dor, agregação (o corpo, uma combinação de diversas forças), consciência e persistência.

A estrofe 5 enumera os vinte e quatro princípios da criação conforme expostos na filosofia Sankhya da Índia.11 No livro do Apocalipse na Bíblia Cristã, esses princípios são referidos como os “vinte e quatro anciãos”.

❖
Os 24 princípios da criação que evoluem o “campo” do corpo e do cosmos
❖

Inerentes à Mula-Prakriti, Natureza imanifesta ou indiferenciada, estão os potenciais da consciência subjetiva manifestada: chitta (sentimento); ahamkara (ego); buddhi (inteligência discriminativa); e manas (mente sensorial). Daí surgem os potenciais de manifestação objetiva: os mahatattvas (cinco elementos vibratórios sutis de terra, água, fogo, ar e éter) e as evoluções dos indriyas (cinco instrumentos de percepção e cinco de ação), e dos cinco pranas (vida forças que, juntamente com os cinco elementos vibratórios sutis, sob a influência dos três gunas – sattva, rajas e tamas – produzem os “cinco objetos dos sentidos”, primeiro em sua forma sutil e, finalmente, como matéria grosseira, a “agregação ”ou forma material dessas diversas forças).

A agregação das vinte e quatro qualidades cósmicas distorcidas cria o

kshetra objetivo, a natureza física cósmica; e o agregado das ilusórias vinte e quatro qualidades microcósmicas produz o corpo humano, o objeto em miniatura (kshetra). Todas as vinte e quatro qualidades pertencem ao domínio da natureza cósmica e do corpo humano, e não a Deus, Purusha ou Kshetrajna – o Conhecedor subjetivo do cosmos objetivo.

O kshetra macrocósmico, a natureza, é o corpo cósmico de Deus através do qual Sua consciência opera. O kshetra microcósmico, o corpo humano, é o veículo operacional da alma. A única realidade é Deus e Seu reflexo, a alma humana: os dois Kshetrajnas, o princípio subjetivo no cosmos e no homem.

Mas o princípio objectivo, a natureza cósmica e o veículo corporal, afirmam a sua aparente realidade através de maya e das suas leis da relatividade – o poder de Deus e das Suas almas reflectidas através do qual a consciência pura se divide em inúmeras formas. Os princípios objetivos macrocósmicos e microcósmicos, os dois kshetras, são, portanto, chamados de modificações ou distorções da realidade. As sombras das relatividades e dos atributos transformam a luz de Deus nas formas fenomênicas da natureza cósmica objetiva e no veículo corporal objetivo.

Diz-se que ninguém pode compreender o que é a própria Prakriti; Ela só pode ser conhecida pelos efeitos que evoluem dela. Assim, Prakriti é aqui chamada de “o Imanifestado”, avyakta, o estado indescritível da Matéria Primordial indiferenciada. Deste Imanifestado vem a manifestação. Prakriti é, portanto, tanto a causa quanto o efeito da criação trina macrocósmica e microcósmica do Senhor (causal, astral e material).

❖

Natureza pura e impura (Para-Prakriti e Apara-Prakriti)

❖

Quando o Deus transcendental desenvolveu pela primeira vez a Natureza Cósmica inteligente, o Espírito Santo, ou Para-Prakriti, Ele o fez em formas causais e astrais puras e invisíveis, imbuídas das vinte e quatro qualidades sutis – os potenciais essenciais de manifestação. Essa consorte de Deus, através de ações adicionais de maya, a ilusão cósmica, materializou-se como o cosmos físico imperfeito que eclipsava Deus; a consorte é então chamada de Apara-Prakriti, ou Natureza Impura, que ilude

todas as criaturas de Deus com as qualidades triplas (tamas, rajas e sattva) e com desejo e ódio (atração e repulsa), prazeres sensoriais e sofrimento, experimentados através de consciência material ou sentimento.

A Natureza Cósmica Pura, o Espírito Santo, ou Para-Prakriti, é um ser – uma força consciente e inteligente. Como consorte, ou aspecto criativo, de Deus, possui consciência do ego, inteligência cósmica, mente, sentimento, os cinco elementos cósmicos de éter, ar, fogo, água e terra; os cinco sentidos macrocósmicos de conhecimento (percepções visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis); os cinco instrumentos da atividade cósmica (poder vibratório macrocósmico, movimento de agarrar, movimento para frente, poder criativo e poder eliminativo); e as cinco forças vitais cósmicas que informam toda a matéria - as correntes de cristalização, metabolização, assimilação, circulação e eliminação.

O éter cósmico, o ar cósmico, o fogo cósmico, a umidade cósmica e a matéria cósmica são chamados de mahabhutas ou mahatattvas. Eles são os fundamentos da manifestação, a substância causal dos “objetos dos sentidos”. Os mahabhutas permanecem sem distorções no estado não manifestado da Natureza Pura sutil. Mas no momento da criação eles são despertados e ativados pelos três gunas, produzindo os dez indriyas (sentidos) de percepção e ação e os pranas que informam a matéria. (Veja Natureza Cósmica em XIII:1.)

Os cinco pranas são as forças de vida sutis ou astrais da Natureza. No plano material eles informam e vivificam a matéria. A força cristalizadora mantém a existência dos átomos da Terra. Através da corrente assimiladora a terra recebe em seu solo as formas de toda vegetação, animais e seres humanos. A corrente circulante mantém a força vital fluindo através dos átomos da terra. Através da corrente metabolizadora, os “tecidos” da terra diferenciam-se em rochas e minerais, vegetação e corpos animais e humanos. Com a corrente eliminatória a terra é mantida purificada.13

Os dezenove princípios sutis da Natureza Cósmica pura, juntamente com os cinco grandes elementos invisíveis, materializam-se no cosmos astral. Até este ponto, a Natureza Cósmica permanece em estado puro, criando maravilhosos seres e objetos astrais. Mas assim que a Natureza

Cósmica pura, através da ação adicional de maya, é projetada como o universo material denso, a Natureza se torna impura, Apara-Prakriti, escondendo e distorcendo a presença de Deus, o Kshetrajna, o supremo Purusha ou Paramatman ou Para- Brahma. Assim, a Natureza Física Cósmica é o kshetra distorcido, o universo objetivo modificado ou diferenciado.

Da mesma forma, a personificação em miniatura da Natureza, a forma do homem, o pequeno kshetra, ou Natureza modificada, contém ego, inteligência, mente e sentimento, os dez sentidos, as cinco forças vitais e os cinco objetos dos sentidos (éter corporal , ar, calor, sangue e carne, materializações dos mahatattvas de éter, ar, fogo, água e terra). Todas essas qualidades e elementos compõem e influenciam o homem mortal e não a alma.

O corpo humano objetivo, com sua vida e consciência subjetivas, não é apenas uma distorção dos vinte e quatro atributos essenciais microcósmicos da Natureza Cósmica, mas torna-se ainda mais iludido pelos desejos humanos, pela aversão, pelo prazer, pela dor e pela consciência material.

Dhriti, persistência ou fortaleza, é o princípio pelo qual os vários componentes do corpo e da mente do homem são unificados.

O corpo é chamado sanghata, “agregação”, porque é um conglomerado dos diversos vinte e quatro elementos e das qualidades que deles surgem. Conseqüentemente, o homem é o kshetra, o campo no qual acontecem as guerras de paixões e as invasões imprevisíveis de diferentes estados de espírito e pensamentos. O objetivo do iogue é resolver suas complexidades em Simplicidade, despertando a memória da alma imutável.

Características da Sabedoria

Versículos 7–11

amānitvam adambhitvam ahiṁsā kṣāntir āryavam
ācāryopāsanaṁ śaucaṁ sthairyam ātmavinigrahaḥ (7)

indriyārtheṣu vairāgyam anahaṁkāra eva ca

janmaṁṛtyujarāvyādhiduḥkhadoṣānudarśanam (8)

asaktir anabhiṣvaṅgaḥ putradāragṛhādiṣu
nityaṁ ca samacittatvam iṣṭāniṣṭopapattiṣu (9)

mayi cananyayogena bhaktir avyabhicāriṇī
viviktadeśasevitvam aratir janasaṁsadi (10)

adhyātmajñānanityatvaṁ tattvajñānārthadarśanam
etaj jñānam iti proktam ajñānaṁ yad ato 'nyathā (11)

(7) (O sábio é marcado por) humildade, ausência de hipocrisia, inocuidade, perdão, retidão, serviço ao guru, pureza de mente e corpo, firmeza, autocontrole;

(8) Indiferença aos objetos dos sentidos, ausência de egoísmo, compreensão da dor e dos males (inerentes à vida mortal): nascimento, doença, velhice e morte;

(9) Desapego, não identificação do Ser com os filhos, a esposa e o lar; igualdade constante em circunstâncias desejáveis e indesejáveis;

(10) Devoção inabalável a Mim pela ioga da não-separatividade, recurso a lugares solitários, evitação da companhia de homens mundanos;

(11) Perseverança no Autoconhecimento; e percepção meditativa do objeto de todo aprendizado – a verdadeira essência ou significado nele contido. Todas estas qualidades constituem sabedoria; qualidades opostas a eles constituem ignorância.

Tendo descrito a natureza de kshetra, "o campo" da natureza cósmica e do corpo, Krishna agora fala de jnana, verdadeiro conhecimento ou sabedoria – cuja incorporação é percebida no sábio que manifesta suas qualidades.

A Natureza Cósmica Pura (Para-Prakriti) nos universos causal e astral é a morada de todas as qualidades elevadas da sabedoria. Estas qualidades

puras manifestam-se nos seres causais e astrais superiores, e também em pessoas espirituais altamente avançadas no reino físico.

Um iogue repleto de sabedoria divina fica extremamente contente – nenhum grito de ego o irrita a desejar honras humanas inconstantes; o menor ou o mais alto lugar é o mesmo para ele, pois ele busca apenas o reconhecimento de Deus. Um hipócrita é ruidosamente prolixo e pretensioso ao fingir ser o que não é; enquanto o homem de sabedoria totalmente sem ostentação, sem nenhum esforço próprio, é reconhecido em toda parte por sua nobreza. Vendo Deus em tudo, o homem divino não tem propensão a causar dano intencionalmente a qualquer ser; ele é tolerante e perdoador na esperança de que o transgressor aproveite a oportunidade para se corrigir. Apegado à verdade, o sábio é íntegro e invencível – distinto pela justa honestidade e sinceridade. Ele reconhece o guru como o mensageiro manifestado de Deus e o canal de salvação, e por isso é devotado, extremamente útil e obediente ao preceptor em todos os sentidos. Cheio da pureza da sabedoria, o homem sábio compreende a necessidade de limpeza física através de higiene adequada e bons hábitos, e de limpeza mental através de pensamentos espirituais. Sua prática paciente e contínua de yoga lhe dá uma firmeza e lealdade naturais em qualquer empreendimento espiritual. Através do autocontrole físico e mental, ele é dono de si mesmo em todos os momentos, guiado pela sabedoria discriminativa refletida dentro dele no espelho da calma que não é distorcida pela inquietação sensorial.

O homem sábio que bebe dentro de si a sempre nova alegria de Deus não sente atração por objetos insípidos dos sentidos. Ele é desprovido de egoísmo físico ou mental com sua vaidade, falso orgulho, arrogância. Através da análise introspectiva da condição humana envolvida no nascimento, na doença, na decrepitude e na morte, o homem sábio evita as dores e os males inerentes ao domínio das mudanças da Natureza, através da lembrança constante do seu Eu imortal e transcendente.

O iogue sábio desapega sua consciência de relacionamentos e posses transitórias, mesmo que viva a vida de um chefe de família; pois ele sabe que todas as coisas pertencem a Deus e que a qualquer momento ele pode

ser despojado delas pela vontade divina. Ele não ama menos a sua família por causa do seu desapego, nem negligencia o seu dever para com eles, mas antes ama e serve a Deus neles e expande esse cuidado para incluir todos os outros filhos de Deus. O elogio de Krishna ao desapego do sábio também pode ser comparado às palavras de Cristo: “Não há homem que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou esposa, ou filhos, ou terras, por minha causa. , e o evangelho, mas ele receberá cem vezes mais agora neste tempo, casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e terras, com perseguições; e no mundo vindouro a vida eterna.”14 Quer o iogue sábio seja um monástico ou um chefe de família, ele mantém uma tranquilidade perpétua no coração, independentemente das condições favoráveis ou desfavoráveis em sua vida.

Pelo poder unificador da meditação iogue, o iogue de devoção inabalável permanece livre de pensamentos e sensações desunidoras e assim permanece em unidade com o Espírito. Abandonando a companhia de seres inquietos e de ambientes materialistas, o sábio prefere lugares isolados, companhia espiritual e a companhia interior do Amigo Supremo.

O iogue que manifesta sabedoria preenche sua mente com estudos bíblicos e percepções meditativas espirituais que contribuem para a realização da alma. Quando ele atinge a iluminação interior perfeita, ele percebe intuitivamente os significados de todas as formas de conhecimento e percebe toda a verdade da sabedoria divina manifestada dentro do seu Ser.

Ao cultivar as virtudes mencionadas acima, o aspirante a iogue alcança sabedoria e erradica de seu coração todas as manifestações contrárias de ignorância: orgulho, raiva, ganância, egoísmo, possessividade, equívoco e assim por diante.

O devoto empenhado na libertação compreende que todo aprendizado relativo aos mundos fenomênicos é parcial, incerto, relativo e insatisfatório. A realização de Deus é o único conhecimento verdadeiro, permanente e absoluto.

ESPÍRITO, COMO É CONHECIDO PELOS SÁBIOS

VERSÍCULOS 12–18

jñeyaṁ yat tat pravakṣyāmi yaj jñātvāmṛtam aśnute
anādimat paraṁ brahma na sat tan nasad ucyate (12)

sarvataḥpāṇipādaṁ tat sarvatokṣiśiromukham
sarvataḥśrutimal loke sarvam āvṛtya tiṣṭhati (13)

sarvendriyaguṇābhāsaṁ sarvendriyavivarjitam
asaktaṁ sarvabhṛc caiva nirguṇaṁ guṇabhoktṛ ca (14)

bahir antaś ca bhūtānām acaraṁ caram eva ca
sūkṣmatvāt então avijñeyaṁ dūrasthaṁ cāntike ca tat (15)

avibhaktaṁ ca bhūteṣu vibhaktam iva ca sthitam
bhūtabhartṛ ca taj jñeyaṁ grasiṣṇu prabhaviṣṇu ca (16)

jyotiṣām api taj jyotis tamasaḥ param ucyate
jñānaṁ jñeyaṁ jñānagaramyaṁ hṛdi sarvasya viṣṭhitam (17)

iti kṣetraṁ tathā jñānaṁ jñeyaṁ coktaṁ samāsataḥ
madbhakta etad vijñāya madbhāvāyopapadyate (18)

(12) Eu lhe contarei Aquilo que deve ser conhecido, porque tal conhecimento confere a imortalidade. Ouça sobre o Espírito Supremo sem princípio - Aquele de quem se fala como nem existente (sat) nem inexistente (asat).

(13) Ele habita no mundo, envolvendo tudo – em todos os lugares, Suas mãos e pés; presente por todos os lados, Seus olhos e ouvidos, Suas bocas e cabeças;

(14) Brilhando em todas as faculdades dos sentidos, mas transcendendo os sentidos; desapegado da criação, mas o esteio de tudo; livre dos gunas (modos da Natureza), mas ainda assim o Desfrutador deles.

(15) Ele está dentro e fora de tudo o que existe, o animado e o inanimado; perto Ele está, e longe; imperceptível por causa de Sua sutileza.

(16) Ele, o Indivisível, aparece como seres incontáveis; Ele mantém e destrói essas formas e depois as cria novamente.

(17) A Luz de Todas as Luzes, além das trevas; O próprio conhecimento, Aquilo que deve ser conhecido, o Objetivo de todo aprendizado, Ele está assentado no coração de todos.

(18) Descrevi brevemente o Campo, a natureza da sabedoria e o Objeto da sabedoria. Compreendendo isso, Meu devoto entra em Meu ser.

O Espírito transcendente não manifestado, além da criação, é sem causa, sem atributos, escapando à classificação; portanto, não sat ou asat nem se refere a qualquer outra categoria.

Deus é descrito como imanente na criação: Kutastha ou a Inteligência que informa os mundos fenomênicos. Em todos os homens é Ele quem trabalha com as mãos, move-se com os pés, vê e ouve com os olhos e ouvidos, come com a boca e em todos os rostos olha para si mesmo. Com dedos vibratórios invisíveis, Ele mantém em perfeito equilíbrio os universos ideacional, astral e físico.

O Senhor não é uma Pessoa com órgãos dos sentidos, mas a própria Consciência; Ele está, portanto, ciente dos pensamentos e percepções sensoriais de cada ser. Jesus referiu-se a esta abrangência quando disse que nem um pardal cairá no chão sem o conhecimento do Pai.

O Espírito sutil e invisível é onipresente, sempre diante do olhar dos sábios, mas aparentemente em nenhum lugar pode ser encontrado pelos ignorantes. Longe daqueles que estão iludidos, o abençoado Senhor está próximo e querido apenas ao coração de Seu devoto.

O Espírito emprega os três modos da Natureza para aparecer como (1) o Criador ou Brahma (rajas, atividade), (2) o Preservador ou Vishnu (sattva, a qualidade nutritiva) e (3) o Destruidor ou Shiva (tamas, dissolução).).

O feixe do filme é o revelador de luz e a “vida” de todas as cenas na tela; sem o feixe, a qualidade “viva” das imagens desapareceria.

Da mesma forma, a imanência de Deus como Inteligência Cósmica é chamada de Luz de Todas as Luzes porque manifesta os filmes da criação e as múltiplas inteligências nele contidas. Sem o Espírito, os seres sencientes perderiam a consciência e os corpos; o universo de sóis, luas e planetas desapareceria no nada.

O iogue que em êxtase alcança a realização desta imanência do Espírito como a Inteligência Cósmica, o Krishna ou Consciência Crística que transcende a escuridão da relatividade, “entra no Meu ser” – expande o pequeno eu para a Onipresença, a inteligência senciente para a Sabedoria Infinita.

Purusha e Prakriti (Espírito e Natureza)

Versículo 19

prakṛtiṁ puruṣaṁ caiva viddhy anādī ubhav api
vikārāṁś ca guṇāṁś caiva viddhi prakṛtisaṁbhavān

Saiba que tanto Purusha quanto Prakriti não têm começo; e saiba também que todas as modificações e qualidades (gunas) nascem de Prakriti.

Purusha, a Presença transcendente do Senhor na criação como a Inteligência Kutastha e a alma individualizada, e Prakriti, Natureza, indicam dois aspectos do mesmo Deus. Ele é sem causa e eterno; portanto, Suas manifestações como Purusha e Prakriti também não têm começo nem fim.

O Senhor em Seu aspecto transcendental ou inativo na criação (Purusha, o Kshetrajna ou Testemunha) e o Senhor em Seu aspecto cinético imanente como o Criador do universo e dos seres (Prakriti) não são dois, mas Um: o Espírito Supremo, Ishvara, Pará -Purusha.

Assim como o oceano com ondas e sem ondas é o mesmo oceano, o Espírito, com ou sem criação, é sempre uma unidade. Prakriti é a

tempestade de maya, ilusão, relatividade, que transforma a superfície do oceano calmo de Deus em ondas tumultuadas de vidas humanas. A tempestade vibratória da relatividade é o desejo sem desejo de criar de Deus. Sua força vem dos três gunas inerentes à manifestação – sattva (bom), rajas (ativo) e tamas (mal). À medida que se movem através do Oceano do Infinito, ondas individualizadas surgem. As grandes ondas, varridas para longe das tranquilas profundezas oceânicas, são as ondas do mal, as vidas mais afetadas pela tempestade da ilusão. As ondas médias são as vidas ativas, surgindo no fluxo e refluxo da Natureza. As pequenas ondas de boas vidas permanecem mais próximas do seio do Oceano, menos fustigadas pelos ventos predominantes da mudança. No entanto, todas as ondas são da mesma Essência e, no seu próprio tempo evolutivo, regressam à sua Fonte.

Nada poderia existir sem o poder de maya de Prakriti. O feixe de luz da cabine do projetor não pode, por si só, criar um filme; também é necessário um filme de sombras e transparências misturadas. Da mesma forma, o Senhor assume dois aspectos, Purusha ou a luz não distorcida da Inteligência Kutastha, e Prakriti com seu filme maya de relatividades sombrias, para projetar o drama inteligentemente organizado de incontáveis mundos e seres. Através dos dois agentes divinos, Ele produz, em ciclos cósmicos, por toda a eternidade, o filme onírico da criação.

Prakriti, Maya de Deus, é a Senhora dos Fenômenos, a Senhora da Ilusão, a Diretora da fantasmagoria do universo em desenvolvimento. Que magia misteriosa é o seu poder – secreto em seu funcionamento, ousado em suas exibições. Prakriti significa “aquilo que pode funcionar perfeitamente”. Olhando ao redor para o panorama de sua inesgotável obra, quem poderia contestar a adequação de seu nome em sânscrito?

Versículo 20

kārya karaṇa kartṛtve hetuḥ prakṛtir ucyate
puruṣaḥ sukhaduḥkhānāṁ bhoktṛtve hetur ucyate

Na criação do efeito (o corpo) e do instrumento (os sentidos), Prakriti é mencionado como a causa; na experiência de alegria e tristeza, diz-se que Purusha é a causa.

O Purusha mencionado aqui não é o Espírito Supremo (Para-Purusha) nem seu reflexo na criação como Inteligência Kutastha, mas a alma individualizada (jiva) que é condicionada e limitada por sua associação com o corpo.

A Natureza Cósmica ou Prakriti é a causa criativa direta do corpo humano e de suas atividades ditadas pela Natureza ("o efeito"), e dos sentidos corporais, que são os meios ("o instrumento") da experiência da criação objetiva por Purusha. , a alma que percebe. A alma então interpreta seu contato com os objetos dos sentidos em termos de alegria ou tristeza derivada dessa experiência.

Assim como o vasto céu parece pequeno quando visto de uma janela minúscula, o Senhor infinito parece limitado na Natureza finita e nos egos dos seres individuais.

O Sonhador Cósmico subjetivo, Deus ou Para-Purusha, criou Sua Consorte ou Mãe Natureza, Prakriti, a força criativa invisível do Espírito Santo. Sua produção, o corpo humano, é uma réplica em miniatura da vasta Natureza Cósmica – uma "pequena Prakriti".

Da mesma forma, Deus se reflete em miniatura como a alma no corpo do homem. A alma, em essência, é um reflexo perfeito do Divino; mas ao identificar-se com um corpo, imagina-se como o ego que está sujeito ao prazer e à dor. A alma sonha temporariamente ser um corpo, experimentando as alegrias e tristezas que a acompanham; embora na realidade seja sempre a imagem imutável de Deus.

O Senhor é responsável por ter-se dividido em Espírito Transcendental e Sonhador Cósmico. Em Seu estado de sonho, Ele concedeu individualidade e inteligência à Mãe Natureza ou Prakriti, pela qual ela cria a matéria e os corpos humanos com suas sensibilidades e atividades. É Ele quem é responsável por dar individualidade e inteligência às almas humanas refletidas pelas quais sonham com prazer e dor e outras sensações corporais e percepções mentais.

A natureza é responsável pela criação do corpo onírico humano objetivo; e Deus, como a Alma e o Percebedor, é responsável pelos sentimentos de alegria e sofrimento onírico nesse corpo onírico. A diferenciação foi explicada em XIII:2. Deus, através de Prakriti, cria a sugestão hipnótica da criação objetiva do sonho, e as almas individualizadas, à medida que egos identificados com o corpo, criam suas próprias reações aos objetos oníricos.

O Espírito imutável tornou-se o filme cósmico fugaz de vinte e quatro qualidades; e a imagem perfeita da alma do homem identificou-se com o corpo e os sentidos ligados à Natureza. Através da prática de yoga, o devoto deve estabelecer-se na percepção da bem-aventurança da alma e do distanciamento do corpo, mesmo enquanto desempenha seus deveres mundanos. Dessa forma, sua alma se liberta da percepção onírica do corpo e de suas diversas sensações. Sem a dualidade do prazer e da dor, um sonho perde a sua realidade. Assim, ao neutralizar a alegria e a tristeza, o homem descobre que o incômodo sonho corporal perde sua realidade e seu poder de ferir.

Embora a Natureza seja responsável pela criação do corpo com os seus sentidos e atividades, e mesmo que a alma seja responsável, através da identificação do corpo, pela percepção da dualidade (bem e mal, e assim por diante), ainda assim o homem pode recuperar a sua identidade divina. herança. Através do uso adequado do poder de livre escolha dado por Deus, um devoto meticuloso que medita e cultiva o desapego pode neutralizar as sugestões do corpo com sua suscetibilidade a impressões contrárias que lhe foram infligidas pela Natureza e pela alma apegada ao corpo. .

Deus sempre retém Sua bem-aventurança, testemunhando imparcialmente Seu drama onírico cósmico; da mesma forma, o homem feito à Sua imagem deveria perceber-se como a alma imortal, testemunhando e atuando imparcialmente no filme da vida.

VERSÍCULO 21

puruṣaḥ prakṛtistho hi bhuṅkte prakṛtijān guṇān
kāraṇaṁ guṇasaṅgo'sya sadasadyonijanmasu

Purusha envolvido com Prakriti vivencia os gunas nascidos da Natureza. O apego às três qualidades de Prakriti faz com que a alma se corporifique em úteros bons e maus.

A alma individualizada, vivendo em estreita proximidade com a "pequena Prakriti" ou o corpo humano, torna-se apegada à existência fenomenal. Tal apego é a causa do renascimento. As condições de cada nova encarnação – para o bem ou para o mal – são um resultado direto do grau de escravidão autocriada pela pessoa à influência dos modos bons, ativos ou maus da Natureza. Um diamante perfeito sombreado por um tecido branco, matizado ou escuro muda apenas na aparência, não na essência. Da mesma forma, a alma imutável, como ego, só parece sofrer transformação como consequência da incorporação. Esta identidade temporária e superficial da alma com o corpo triplo da Natureza é a causa dos múltiplos problemas da existência mortal.

VERSÍCULO 22

upadraṣṭānumantā ca bhartā bhoktā maheśvaraḥ
paramātmeti capy ukto dehe 'smin puruṣaḥ paraḥ

O Espírito Supremo, transcendente e existente no corpo, é o Observador desapegado, o Consentente, o Sustentador, o Experimentador, o Grande Senhor e também o Eu Superior.

A palavra para neste versículo (Purusha para) indica "diferente de". Embora o Ser Supremo (Purusha) se manifeste em e como Prakriti (Natureza Cósmica) e no corpo humano (a "pequena Prakriti"), Ele permanece simultaneamente transcendente, "além ou diferente" de Sua manifestação.

Num sonho, um homem pode criar para si um novo corpo; ele pode apoiá-lo com sua individualidade e permitir que ele trabalhe, alcance e experimente sensações e pensamentos humanos. Como senhor e mestre de seus sonhos, ele testemunha todas as operações de seu novo corpo onírico.

Da mesma forma, o Sonhador Divino Supremo, Deus ou Purusha, emprega Sua consciência onírica para criar e sustentar Seu corpo cósmico

da Natureza, Prakriti; e vivencia transcendentalmente suas atividades como o grande Kutastha, Senhor da Criação, e como o Espírito Infinito além da criação.

Da mesma forma, em miniatura, Deus, além da criação, e na criação como a alma do homem, empresta Sua superconsciência para permitir que as atividades do corpo humano sejam realizadas. Como o Senhor todo-poderoso dos sentidos e como o Eu Divino no corpo humano, Ele sustenta e observa transcendentalmente todas as experiências oníricas do homem.

Assim como uma criança pode "correr solta" sem a presença de seu pai, a Natureza Cósmica não se comportaria adequadamente sem a presença de Deus.

A essência da consciência do sonhador permanece inalterada, embora se transforme em sonhos bons e maus; da mesma forma, a consciência perfeita do Senhor permanece intocada, embora aparentemente se transforme nos filmes oníricos agradáveis e desagradáveis da Natureza Cósmica e do corpo humano.

Sem a consciência do sonhador, porém, um sonho não pode ser criado. Da mesma forma, sem a Consciência Cósmica, o universo dos sonhos não poderia existir. Sem a presença do pensamento do sonhador, o corpo onírico se desintegra.

Assim, um sonhador é o criador e experimentador dos seus próprios sonhos. Da mesma forma, a alma, o reflexo de Deus, é a grande criadora, apoiadora, permitedora, desfrutadora e observadora transcendental de seu próprio corpo físico onírico e de todas as suas atividades.

A alma é apenas uma testemunha; não se envolve nas operações da inteligência, da mente e dos sentidos humanos. É um observador do funcionamento da Natureza Cósmica no corpo. Todos os estados de consciência e todas as atividades do homem são consideradas indiretamente testemunhadas por Deus e diretamente instigadas por Prakriti e pelo carma individual do homem.

Versículo 23

ya evaṁ vetti puruṣaṁ prakṛtiṁ ca guṇaiḥ saha

sarvathā vartamāno 'pi na sa bhūyo 'bhijāyate

Seja qual for o seu modo de vida, aquele que realiza assim Purusha e a natureza tríplice de Prakriti não sofrerá novamente o renascimento.

Quer sua posição na vida seja elevada ou baixa, e quer ele aja ou não de acordo com os preceitos bíblicos, conforme percebidos pelos julgamentos humanos, o homem que conhece a verdadeira natureza do Espírito e da matéria através da percepção direta no samadhi não está sujeito ao renascimento. A realização divina, a experiência intuitiva da verdade, destrói todos os potenciais da escravidão cármica. A corda queimada pode parecer amarrada, mas cairá em cinzas.

O iogue que contempla em samadhi o vasto filme do cosmos, produzido pela Natureza triplamente contaminada, e que compreende que toda a criação procede do Espírito eternamente puro, fica livre para sempre do carma e da reencarnação compulsória.

Três abordagens para a autorrealização

Versículo 24

dhyānenātmani paśyanti kecid atmānam in atman
anye sāṁkhyena yogena karmayogena cāpare

Para contemplar o Eu no eu (ego purificado) pelo eu (mente iluminada), alguns homens seguem o caminho da meditação, alguns o caminho do conhecimento e alguns o caminho da ação altruísta.

As três principais abordagens para a Auto-realização são mencionadas aqui: (1) Dhyana Yoga (meditação), o caminho percorrido pelos Kriya Yogis e pelos seguidores de outros métodos científicos de despertar interior; (2) Sankhya Yoga, o caminho da sabedoria discriminativa, jnana, delineado no Sankhya, um dos seis sistemas ortodoxos da filosofia hindu; e (3) Karma

Yoga, o caminho das ações corretas, no qual o devoto dedica todas as suas obras a Deus.

Versículo 25

há tv evam ajānantaḥ śrutvānyebhya upāsate
te 'pi catitaranty eva mṛtyuṁ śrutiparāyaṇāḥ

Alguns homens, ignorantes dos três caminhos principais, ouvem as instruções do guru. Seguindo o caminho da adoração, considerando os ensinamentos antigos como o Refúgio Mais Alto, tais homens também alcançam a imortalidade.

Ouvir o guru é uma arte que levará o discípulo à Meta Suprema. Se o devoto nada sabe sobre yoga científico e raciocínio Sankhya, e é incapaz de dissociar-se suficientemente de suas atividades para se qualificar como um karma yogi, ainda assim, seguindo com plena fé os ensinamentos de seu guru, ele alcançará a emancipação.

Às vezes, os alunos me dizem: “Essa ou aquela pessoa está fazendo um progresso espiritual melhor do que eu. Por que?"

Eu respondo: “Ele sabe ouvir”.

Todos os homens seriam capazes de transformar as suas vidas ouvindo com profunda atenção os simples conselhos dados nos códigos éticos de todas as religiões. É o núcleo duro do egoísmo nos corações da maioria dos homens que os impede de ouvir atentamente a sabedoria de todos os tempos.

Libertação: Diferenciando entre o campo e seu conhecedor

Versículo 26

yāvat saṁjāyate kiṁcit sattvaṁ sthāvarajaṅgamam
kṣetrakṣetrajñasaṁyogāt tad viddhi bharatarṣabha

Ó Melhor dos Bharatas (Arjuna), tudo o que existe – todo ser, todo objeto; o animado, o inanimado – entenda que nascer da união de Kshetra e Kshetrajna (Natureza e Espírito).

Os mundos fenomênicos são um sonho de Deus. Porque o Sonhador Cósmico projeta Seu sonho cósmico, a ilusão da Natureza persiste. O homem identifica-se com o seu corpo onírico, de modo que a influência da forma física ilusória continua.

Contudo, se o Senhor retirasse Sua consciência onírica da criação onírica cósmica, ela necessariamente desapareceria. Da mesma forma, o homem, o sonhador da alma, pelo desapego do corpo onírico, pode elevar-se acima de suas perturbadoras performances oníricas.

Assim, a conexão entre a Natureza e o Espírito é adhyasa, ilusória, no sentido de que todas as formas, todos os seres e objetos criados, por sua natureza limitada e fugaz, não têm relação com o Espírito eterno e sem forma.

Ao compreender claramente a diferença essencial entre kshetra (Natureza e matéria) e kshetrajna (Espírito e alma), o devoto não confunde mais um com o outro; ele se livra de toda confusão mortal e é livre.

VERSÍCULO 27

samaṁ sarveṣu bhūteṣu tiṣṭhantaṁ parameśvaram
vinaśyatsv avinaśyantaṁ yaḥ paśyati sa paśyati

Ele vê verdadeiramente quem percebe o Senhor Supremo presente igualmente em todas as criaturas, o Imperecível em meio aos que perecem.

O Senhor como consciência (chit) e existência ou ser (sat) é a base de todas as criaturas. Como todas as formas de vida são compostas da mesma substância, Deus, apenas os ignorantes vêem distinções onde na realidade nenhuma está presente.

Como criaturas ou mortais, todos os homens estão iludidos e devem perecer. Mas como filhos do Altíssimo, filhos do Criador, participamos de

Sua natureza não causada e indestrutível.

Versículo 28

samaṁ paśyan hi sarvatra samavasthitam īśvaram
na hinasty ātmanātmānaṁ tato yāti parāṁ gatim

Aquele que está consciente da onipresença de Deus não prejudica o Ser por si mesmo. Esse homem alcança a Meta Suprema.

Ele é um homem liberto que vê apenas o Senhor em todas as criaturas e em toda a criação. Enquanto um ser humano viver na ignorância da sua verdadeira natureza, apenas o seu corpo e a sua mente egoísta terão realidade para ele; sua alma é como se estivesse eclipsada.

Escapar, através da sabedoria, da estreiteza opressiva do eu para a alegre onipresença do Eu é o objetivo da vida humana.

Versículo 29

prakṛtyaiva ca karmāṇi kriyamāṇāni sarvaśaḥ
yaḥ paśyati tathātmānam akartāraṁ sa paśyati

Aquele que vê que todas as ações são executadas em sua totalidade apenas por Prakriti, e não pelo Ser, é de fato um observador da verdade.

O verdadeiro vidente percebe sua alma como uma testemunha silenciosa, distante do corpo – o microcosmo criado pela força vibratória cósmica, Prakriti ou Mãe Natureza. Somente ela é a executora de todas as atividades físicas e mentais. A alma está inativa, é o reflexo do Deus Pai, transcendental e não vibracional, além da criação.

Um homem que está sentado num cinema observando simultaneamente a imagem na tela e o feixe de luz sem imagem acima de sua cabeça sabe que é o filme, e não o feixe, que é a causa direta das mudanças nas imagens de sombras e luz.

Da mesma forma, o iogue que percebe o raio cósmico puro de Deus percebe que somente a Natureza inteligente é responsável pela criação do filme cósmico da relatividade e das qualidades triplas. O raio cósmico em si é imutável e inalterado.

O devoto deve, portanto, concentrar-se na luz abençoada e sustentadora de sua alma e não na película dos gunas da Natureza que produzem a aparência ilusória do corpo e de todas as suas atividades.

VERSÍCULO 30

yadā bhūtapṛthagbhāvam ekastham anupaśyati
tata eva ca vistaraṁ brahma saṁpadyate então

Quando um homem contempla todos os seres separados como existentes no Um que se expandiu em muitos, ele então se funde com Brahman.

Um homem absorto no sonho cósmico da criação encontra-se trabalhando harmoniosamente ou lutando com entusiasmo contra as várias outras imagens oníricas criadas pela única consciência onírica de Deus. Tal homem permanece enredado nos estados de oposição do sonho cósmico.

Quando, através do samadhi, um iogue desperta das ilusões de maya, ele contempla seu corpo, as imagens existentes separadamente de outros seres humanos e todos os objetos materiais fluindo incessantemente de uma Fonte: a consciência de Deus.

Nenhuma diferença real está presente entre as criaturas: todas são produtos de Prakriti e todas são sustentadas pela mesma Divindade Subjacente. A sua aparente diversidade está enraizada na unidade da Mente Única. Perceber esta verdade é emancipação, unidade com Deus.

VERSÍCULO 31

anāditvān nirguṇatvāt paramātmāyam avyayaḥ
śarīrastho ‘pi kaunteya na karoti na lipyate

Ó Filho de Kunti (Arjuna), embora este Eu Supremo, o Imutável, não tenha começo e seja livre de atributos, Ele não realiza ações nem é afetado por elas, mesmo que resida no corpo.

Um sonhador meio acordado tem consciência de seu corpo onírico sem estar apegado às atividades oníricas. Da mesma forma, permanece desenredado um iogue que, embora funcione como o ego em seu corpo onírico mortal, ainda assim percebe Deus como a Única Realidade.

O Senhor sustenta a alma humana, mas dá-lhe plena liberdade e livre escolha para identificar-se temporariamente com o corpo e suas experiências egoístas ou para identificar-se com Seu Espírito transcendental e, assim, realizar ações sem apego.

Paramatma, Espírito, é a Causa suprema de toda a criação, mas é Ele próprio sem causa e sem começo. É imperecível e imutável, permanecendo para sempre no estado sem vibração, não afetado pelas atividades criativas de Aum, ou Espírito Santo. Devido a esta imutabilidade, o Senhor inefável é chamado de nirguna, sem atributos. Ele está livre dos estados de oposição da criação, embora exista em relação ao Seu corpo cósmico da Natureza e à sua infinita variedade.

A alma encarnada é, como Ele, sem atributos e perfeita, embora exista em conexão com o corpo humano e mesmo que se comporte como o ego imperfeito. O Senhor, sonhando conscientemente com um universo cósmico, permanece distante e não é afetado por ele. Sua verdadeira imagem, a alma, sonha similarmente seu corpo físico e age como o ego impelido pelo desejo, sem ser esse ego e sem apego a ele.

Deus e as almas refletidas Dele são uma e a mesma coisa. Assim como o Senhor é a Causa Suprema, o Iniciante sem princípio de todas as coisas, também se fala de Suas almas refletidas como os iniciadores sem princípio de seus pequenos corpos. Deus, inerente à Natureza Cósmica e sustentando-a, não está envolvido nas suas mudanças e complexidades. Da mesma forma, a alma que habita o corpo e o informa com vida não é de forma alguma afetada por suas atividades.

yathā sarvagataṁ saukṣmyād ākāśaṁ nopalipyate
sarvatrāvasthito dehe tathatmā nopalipyate

Assim como o éter que tudo permeia, devido à sua sutileza, está além da mácula, da mesma forma o Ser, embora assentado em todo o corpo, é sempre imaculado.

O onipresente akasha ou éter entra na composição de todas as formas da criação; no entanto, é sutil e irreconhecível, sempre não poluído pelo contato material. Da mesma forma, a alma dentro do homem é totalmente desembaraçada, inalterada, quer pelas permutações atômicas do corpo, quer pelos pensamentos incessantes da mente.

Versículos 33–34

yathā prakāśayaty ekaḥ kṛtsnaṁ lokam imaṁ raviḥ
kṣetraṁ kṣetrī tathā kṛtsnaṁ prakāśayati bhārata (33)

kṣetrakṣetrajñayor evam antaraṁ jñānacakṣuṣā
bhūtaprakṛtimokṣaṁ ca ye vidur yānti te param (34)

(33) Ó Bharata (Arjuna), assim como o único sol ilumina o mundo inteiro, o Senhor do Campo (Deus e Seu reflexo como a alma) também ilumina todo o campo (Natureza e a "pequena natureza" corporal).

(34) Eles entram no Supremo aqueles que percebem com o olho da sabedoria a distinção entre o Kshetra e o Kshetrajna e que também percebem o método de libertação dos seres de Prakriti.

Quando, pelo método correto de yoga, a união divina, o olho espiritual da sabedoria que tudo vê do devoto é aberto na meditação samadhi, o conhecimento cumulativo da verdade torna-se realização – percepção intuitiva ou unidade com a Realidade. Através deste olho da onisciência, o iogue contempla as idas e vindas dos seres e dos universos como o funcionamento das relatividades do maya ilusório de Prakriti, sobreposto à

consciência cósmica singular do Espírito. Ao dissolver sucessivamente à luz do “Sol Único” da Consciência Cósmica a evolução de Prakriti da matéria para o Espírito, o iogue é libertado de todos os entraves e equívocos da ilusão cósmica. Identificada com o puro e imutável Kshetrajna (o Evolver-Conhecedor da Natureza e seu domínio da matéria), a alma liberada pode, à vontade, sonhar conscientemente com Prakriti as metamorfoses da consciência no “campo” da matéria, kshetra, ou por escolha permanecer totalmente desperta. em Espírito, livre de todos os pesadelos inerentes ao reino de opostos conflitantes de maya.

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
kṣetrakṣetrajñavibhāgayogo nāma trayodaśo ‘dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o décimo terceiro capítulo, chamado “União através da discriminação entre o campo e o conhecedor do Campo."

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO XIV

TRANSCENDENDO OS GUNAS

❖

As Três Qualidades (Gunas) Inerentes à Natureza Cósmica

❖

Mistura do Bem e do Mal na Natureza Humana

❖

Os frutos da vida sáttvica, rajásica e tamásica

❖

A Natureza do Jivanmukta – Aquele que se eleva acima das qualidades da natureza

ॐ

"Um iogue aperfeiçoado compreende que os mundos fenomênicos e suas atividades são meramente uma dança de sombras e luzes – as relatividades ou expressões dos três gunas, animadas pela Luz Suprema. Esta percepção da verdade permite ao iogue entrar na pura e onipresente Luz Cósmica,

além de toda relatividade.”

OceanoofPDF. com

Capítulo XIV

Transcendendo os Gunas

As Três Qualidades (Gunas) Inerentes à Natureza Cósmica

Versículos 1–2

śrībhagavan uvāka
paraṁ bhūyaḥ pravakṣyāmi jñānānāṁ jñānam uttamam
yaj jñātvā munayaḥ sarve parāṁ ito gataḥ (1)

idaṁ jñānam upāśritya mama sādharmyam āgatāḥ
sarge 'pi nopajāyante pralaye na vyathanti ca (2)

O Bendito Senhor disse:
(1) Novamente falarei sobre aquela sabedoria mais elevada que transcende todo conhecimento. Com esta sabedoria todos os sábios no final da vida alcançaram a Perfeição final.

(2) Abraçando esta sabedoria, estabelecida em meu Ser, os sábios não renascem nem mesmo no início de um novo ciclo de criação, nem ficam perturbados no momento da dissolução universal.

O fogo da consciência cósmica consome todo o carma vinculado e armazenado. Portanto, diferentemente das pessoas comuns, um sábio Auto-realizado – um muni que dissolveu de sua mente todas as agitações inquietas da ilusão – não precisa reencarnar. Ele destruiu os desejos e o resultado de ações boas e más realizadas com apego.

Os seres perfeitos que alcançaram a salvação são um com o Espírito no reino sem vibração além da criação. Esses emancipados são libertados não apenas de um ciclo individual de nascimentos e mortes, mas também não

estão mais envolvidos nos ciclos macrocósmicos dos mundos fenomênicos e vibratórios.

VERSÍCULO 3

Mama yonir mahad brahma tasmin garbhaṁ dadhāmy aham
saṁbhavaḥ sarvabhūtānāṁ tato bhavati bhārata

Meu ventre é a Grande Prakriti (Mahat-Brahma) na qual deposito a semente (da Minha Inteligência); esta é a causa do nascimento de todos os seres.

O Divino ou Espírito é aqui proclamado como o Pai-Mãe de toda a vida fenomenal. Mahat-Brahma1 é a Primeira Causa original da criação – o Espírito como Mula-Prakriti, a diferenciação não manifestada do Absoluto. Mahat-Brahma, ou Grande Prakriti, é o ventre da matéria primordial impregnada da Inteligência refletida do Espírito, a semente de todos os devires futuros. Em Seu aspecto transcendental, o Espírito é unificado ou não criativo. Refletindo-se na matriz vibratória da Natureza Cósmica como Inteligência Kutastha, o Espírito inicia então o trabalho de criação.

Na Consciência Cósmica pura (unidade) nenhuma criação (variedade) é possível. Ao trazer à existência as atividades, a tempestade cósmica, de Prakriti ou maya – o ilusório "medidor cósmico" – Deus produz de Seu único oceano de Infinitude sem forma as intermináveis ondas finitas da criação.

VERSÍCULO 4

sarvayoniṣu kaunteya mūrtayaḥ saṁbhavanti yāḥ
tāsāṁ brahma mahad yonir aham bījapradaḥ pitā

Ó Filho de Kunti (Arjuna), de todas as formas – produzido a partir de qualquer útero – a Grande Prakriti é seu útero original (Mãe), e eu sou o Pai que transmite a semente.

No sentido humano, consideramos que os pais comuns da humanidade são Adão e Eva (ou o "primeiro casal" que possui outros nomes em várias escrituras). Em última análise, porém, Deus, o Pai, e Sua consorte, Prakriti — impregnada de Sua Inteligência para se tornar o princípio Materno — são os Pais primordiais de todas as formas e de toda a vida: seja ela animada ou aparentemente inanimada; seja angélico, demoníaco, humano, animal, vegetal ou mineral.

VERSÍCULO 5

sattvaṁ rajas tama iti guṇāḥ prakṛtisaṁbhavāḥ
nibadhnanti mahābāho dehe dehinam avyayam

Ó (Arjuna) de braços poderosos! os gunas inerentes a Prakriti – sattva, rajas e tamas – aprisionam no corpo o Morador Imperecível.

Os três modos da Natureza – sattva, pureza; Rajas, paixão; e tamas, inércia – confunde todos aqueles sujeitos às limitações de uma forma. A alma perfeita aparece como o ego distorcido quando se reflete nas águas agitadas da vida humana, influenciada pelas qualidades boas, ativadoras e más da Prakriti Cósmica.

VERSÍCULO 6

tatra sattvaṁ nirmalatvāt prakāśakam anāmayam
sukhasaṅgena badhnāti jñānasaṅgena canagha

Ó Sem Pecado (Arjuna)! destas três gunas, o sattva imaculado proporciona iluminação e saúde. No entanto, ela une o homem através do apego à felicidade e do apego ao conhecimento.

Prakriti ou Natureza Cósmica é composta pelos três gunas. Portanto, mesmo o guna mais elevado, sattva, faz parte de maya ou da força ilusória inerente à criação.

Embora seja um grilhão brilhante, sattva ainda é um grilhão. Um fio de ouro pode amarrar um homem a um poste com a mesma segurança que um fio de prata ou aço.2 Assim como tamas (ignorância) e rajas (atividade egoísta), sattva também liga a alma ao corpo e ao plano terrestre.

Por sua inerência na Natureza e não na alma, sattva é impotente para libertar o homem do egoísmo, a causa raiz do renascimento.

❖

Por que mesmo as boas ações mantêm o homem preso à roda do renascimento

❖

Esta estrofe do Gita explica por que mesmo boas ações e virtudes podem manter o homem na roda da reencarnação. As qualidades sattva são puras e imaculadas pela ilusão; contudo, quando uma pessoa relaciona a felicidade e a sabedoria com o seu próprio corpo físico e cérebro, a sua alma identifica-se com o ego humano. Mesmo um homem nobre que pensa em termos de “eu” em relação às suas experiências de felicidade ou à sua aquisição de sabedoria – “Estou feliz; Eu sou sábio” – é nutrir sentimentos egoístas em vez de altruístas.

A bem-aventurança e a sabedoria pertencem à alma. Mas através da ilusão o ego os conecta com prazeres corporais e conhecimento intelectual. O ego considera a felicidade e o conhecimento como suas próprias qualidades, acorrentando assim, ignorantemente, a alma aos corpos e aos renascimentos. Através deles, o ego experimenta prazeres e conhecimentos diluídos e limitados, em vez de realizar a felicidade e a sabedoria pura e infinita da alma.

As boas ações que os homens virtuosos praticam pelos outros não devem ser realizadas com o propósito de obter nome, fama ou satisfação do ego. Em vez disso, todas as ações devem ser realizadas com o pensamento de agradar a Deus.

Todas as suas ações trazem felicidade e sabedoria ao verdadeiro iogue. Ele entende que todas as boas ações e qualidades fluem da alma e não do ego. Ele sabe por que boas ações realizadas com orgulho egoísta levarão à escravidão reencarnacional e por que as mesmas boas ações, realizadas enquanto se pensa no Senhor como o Fazedor, levarão à libertação.

Por exemplo, quando uma pessoa come apenas com o pensamento de

nutrir o corpo como o templo de Deus, ela não está incorrendo em nenhum carma – nem mesmo em bom carma. Comer com esse propósito é agir a serviço da Divindade; a ganância do ego não está sendo atendida. Um homem que morre sem superar o desejo de agradar seu paladar consumindo alimentos deliciosos é obrigado pela lei cósmica a renascer na Terra para satisfazer seus desejos. Inconscientemente, ele não está disposto a ficar em um paraíso onde faltam cozinhas, cozinheiros, caril e tortas!

VERSÍCULO 7

rajo rāgātmakaṁ viddhi tṛṣṇāsaṅgasamudbhavam
tan nibadhnāti kaunteya karmasangena dehinam

Ó Filho de Kunti (Arjuna), entenda que o rajas ativador está imbuído de paixão, dando origem ao desejo e ao apego; liga fortemente a alma encarnada pelo apego às obras.

A realização de atividades mundanas sem sabedoria dá origem a uma sede insaciável de anseios e apegos a objetos materiais e satisfações egoístas. O homem que age por motivos egoístas torna-se profundamente apegado às atividades e desejos corporais.

Tal atividade mundana vincula a maioria das pessoas a renascimentos terrenos, devido aos desejos incessantes que ela gera, muitos dos quais permanecem insatisfeitos no momento da morte. Contudo, realizar atividades mundanas apenas para agradar a Deus nunca é obrigatório.

Algumas pessoas são sáttvicas. Existem também alguns homens de natureza extremamente tamásica – aqueles que estão facilmente dispostos a cometer o mal. Mas o maior número de seres humanos é rajásico por inclinação; impelidos pela paixão característica de rajoguna, permanecem absortos em interesses mundanos e egoístas.

VERSÍCULO 8

tamas tv ajñānajaṁ viddhi mohanam sarvadehinām
pramādālasyanidrābhis tan nibadhnāti bhārata

Ó Bharata (Arjuna)! saiba que tamas surge da ignorância, iludindo todos os seres encarnados. Isso os prende ao equívoco, à ociosidade e ao sono.

Tamas é a qualidade da Natureza que causa miséria de todos os tipos. É a evolução sombria do poder ilusório de maya, impedindo a realização divina e dando uma realidade aparente ao ego e à matéria como separados do Espírito. O homem tamásico está cheio de ideias erradas. Ele é descuidado e indolente. Ele dorme demais, evitando as ações rajásicas parcialmente edificantes e as ações sáttvicas mais edificantes. Como um animal, ele tem consciência principalmente do corpo.

Um homem ativo está em melhor situação porque estabelece alguma identificação com a esfera mental. Um homem de bondade está num estado ainda melhor porque está em contato com as percepções da alma.

VERSÍCULO 9

sattvaṁ sukhe sañjayati rajaḥ karmaṇi bhārata
jñānam āvṛtya tu tamaḥ pramāde do universo

Sattva liga a pessoa à felicidade; rajas para atividade; e tamas, ao eclipsar o poder da discriminação, à má compreensão.

Qualquer ação realizada sob a influência dessas qualidades triplas, com apego (egoidade), causa a escravidão que gera o renascimento. Uma pessoa cuja natureza e ações são boas geralmente está apegada à virtude e às suas recompensas de contentamento interior e felicidade. Um homem habitualmente envolvido em atividades mundanas geralmente está apegado a essas obras e às suas inclinações inquietas e enérgicas. Um homem ignorante é incompreensível e mergulhado em equívocos e erros.

A maioria da humanidade permanece na esfera das atividades mundanas, que realizam com apego. Esta esfera, contudo, é a câmara de compensação e o campo de testes da vida. Essas pessoas mundanas pelo menos permanecem alertas no reino mental, muito acima do plano tamásico inferior da preguiça e da perplexidade. Eles têm a oportunidade de atingir o

bom estado sáttvico à medida que aprendem a realizar atividades para Deus e, portanto, sem influência egoísta.

As pessoas que cumprem conscientemente os seus próprios deveres mundanos, embora assoladas por inquietações e preocupações, aprendem assim a agir de uma forma cada vez melhor ou sáttvica e a realizar atividades com um estado de espírito feliz, mesmo que ainda não estejam livres do egoísmo. Os aspirantes a seres humanos que vivem nesta esfera intermédia de actividade descobrem que a sua tendência mental os está a levar para cima - embora muitos permaneçam durante muito tempo nesta esfera intermédia educacional, enredados no desempenho egoísta de boas acções. Os poucos afortunados, entretanto, escapam rapidamente do reino rajásico; lembrando-se da imagem de Deus dentro deles, eles começam a exercer discriminação e a agir apenas para agradar a Deus. Assim, eles progridem rapidamente para se tornarem seres virtuosos e encontram a emancipação.

Falando comparativamente, apenas algumas pessoas muito estúpidas abusam dos seus poderes de discriminação, ao ponto de estarem dispostas a descer à terceira e pior esfera, a do mal. Talvez muitos mais se tornariam tamásicos se a Mãe Natureza não usasse a fome, a pobreza e a miséria para incitar os seus pupilos a realizarem atividades corretivas. As pessoas tamásicas abusam do livre arbítrio divino, recusando-se a realizar atividades construtivas normais. Assim, eles descem na evolução, cultivando os hábitos tamásicos de sensualidade, preguiça, orgulho, sono excessivo e vida sem Deus. A constante indolência interna e externa e a indulgência em dormir demais ou drogar a mente – buscando o estado de existência não criativo e alheio – levam a pessoa ao plano animalesco.

O propósito da vida é ascender a Deus, não descer a escada da evolução até a animalidade. Aquele que procura a libertação deve evitar o excesso em todos os modos de conduta e deve cumprir todos os deveres mundanos sem apego – mantendo-se a si mesmo e à sua família e observando os seus deveres divinos de libertação e elevação dos outros.

Transmutando ações egoístas em comportamento nobre e altruísta, o aspirante torna-se um ser sáttvico. O subsequente apego à virtude volta a

mente para Deus – começa o estágio final do processo purificador e libertador.

Mistura do Bem e do Mal na Natureza Humana

Versículo 10

rajas tamaś cābhibhūya sattvaṁ bhavati bhārata
rajaḥ sattvaṁ tamaś caiva tamaḥ sattvaṁ rajas tathā

Às vezes, sattva é predominante, dominando rajas e tamas; às vezes prevalece rajas, não sattva ou tamas; e às vezes tamas obscurece sattva e rajas.

Nesta estrofe cada mortal reconhece ironicamente seu próprio retrato. Às vezes ele é bom, às vezes ele é mau, e em outras ocasiões o seu estado é o de neutralidade armada – nem bom nem mau. A condição humana!

Embora todos os mortais – isto é, homens não iluminados – estejam sujeitos aos três modos de Prakriti, cada pessoa trai com sua vida qual dos três gunas é habitualmente dominante nele.

Versículo 11

sarvadvāreṣu dehe ’smin prakāśa upajāyate
jñānaṁ yadā tadā vidyād vivṛddhaṁ sattvam ity uta

Pode-se saber que sattva prevalece quando a luz da sabedoria brilha através de todos os portais dos sentidos do corpo.

O homem espiritual é senhor de seus sentidos e os utiliza de forma construtiva. Ele percebe apenas o bem. Tudo o que ele vê, ouve, cheira, saboreia e toca o lembra de Deus. À luz da sabedoria, as percepções sensoriais ilusórias são corretamente discernidas e interpretadas pela sua

inteligência discriminativa. Da perspectiva interior, o ser sáttvico sabe que tudo é Brahman; na aplicação prática, ele honra as leis divinas do reino da Natureza. Ele evita aquilo que obscurece o onipresente Bem Supremo e abraça aquilo que declara a Divindade Imanente.

VERSÍCULO 12

lobhaḥ pravṛttir ārambhaḥ karmaṇām aśamaḥ spṛhā
rajasy etāni jāyante vivṛddhe bharatarṣabha

A preponderância de rajas causa ganância, atividade, realização de trabalhos, inquietação e desejo.

A atividade e a realização de obras do homem comum são contaminadas pelo ego e, portanto, acompanhadas de vários sofrimentos e desilusões. Ele está absorto no medo da perda e nas expectativas de ganho. À medida que seus desejos aumentam, também aumenta seu estado de inquietação. Ele está assolado por preocupações; a tranquilidade e a verdadeira felicidade lhe escapam.

Contudo, um homem que trabalha apenas para si mesmo e para os seus familiares mantém, no entanto, uma parte da família de Deus. Um empresário egoísta, imbuído de rajas, é, portanto, muito superior ao tipo de pessoa indolente e tamásica que não está disposta a se sustentar ou a fazer qualquer tipo de contribuição à sociedade.

VERSÍCULO 13

aprakāśo ’pravṛttiś ca pramādo moha eva ca
tamasy etāni jāyante vivṛddhe kurandana

Tamas, como guna dominante, produz escuridão, preguiça, negligência de deveres e ilusão.

Através do excesso de indulgência dos sentidos, o homem tamásico fica exausto e inativo. Deixando de desenvolver a sua inteligência através do

desempenho dos seus deveres adequados, ele vive em estagnação e perplexidade.

Pessoas com inclinações sensoriais precisam resistir e transmutar os impulsos tamásicos que as compelem a viver para comer, fazer sexo e ceder aos seus maus hábitos. O homem, feito à imagem de Deus, não deveria agir como um animal não-discriminatório, nem afundar-se na inutilidade. Os escravos dos sentidos humanos são inferiores à maioria dos animais, poucos dos quais comem demais ou se envolvem constantemente em atividades sexuais. Pelo uso excessivo, o homem perde o poder dos sentidos e a capacidade de desfrutar qualquer experiência sensorial. Um viciado em drogas, um alcoólatra, um homem obcecado por sexo, desce cada vez mais na escala da evolução.

A pessoa que está mentalmente confusa devido ao excesso de indulgência sensorial é incapaz de compreender a diferença entre ações certas e erradas. Ele está exausto de corpo, mente e alma, sem sentir nenhum prazer físico, mental ou espiritual real. Um homem mau desliza precipitadamente em ações que geram miséria; na escuridão de sua mente confusa, ele se sente impotente para iniciar boas mudanças em sua vida.

Um homem rajásico inquieto cozinha lentamente no forno das preocupações consigo mesmo e com os outros. Mas um homem tamásico, como se estivesse ossificado, não é despertado nem mesmo pelo processo escaldante das preocupações. Ele existe como uma pedra inerte e sem vida.

Os frutos da vida sáttvica, rajásica e tamásica

Versículos 14–15

yadā sattve pravṛddhe tu pralayaṁ yati dehabhṛt
adotarmavidāṁ lokān amalān pratipadyate (14)

rajasi pralayaṁ gatvā karmasaṅgiṣu jāyate
tathā pralinas tamasi mūḍhayoniṣu jāyate (15)

(14) Um homem que morre com qualidades sattva predominantes ascende às regiões imaculadas nas quais habitam os conhecedores do Altíssimo.

(15) Quando rajas prevalece no momento da morte, a pessoa renasce entre aqueles apegados à atividade. Quem morre permeado de tamas entra no ventre (ambiente, família, estado de existência) dos profundamente iludidos.

O destino dos homens após a morte é determinado pela sua vida enquanto estiveram na terra. Aqueles que cultivaram a bondade, sattva, e se estabeleceram em sua pureza, são transportados para os reinos angélicos. Aqueles cujas naturezas estavam cheias de rajas, apegos mundanos, renascem na Terra como homens e mulheres comuns ou em outros planetas saturados de atividades mais adequados às suas naturezas apaixonadas. Aqueles que mergulharam no mal, tamas, reencarnam em corpos de animais ou em famílias de seres humanos vis ou bestiais, ou em condições vis que afetam sua natureza e determinam seu estado de existência; ou podem permanecer por longos períodos em esferas astrais escuras ou em planetas semelhantes à Terra, mas mais fortemente saturados de sofrimento e violência.3 Estes são os “úteros (yonis)” escuros, ou locais e estados de nascimento, de todos os seres profundamente iludidos. quando eles transmigram de uma vida para a próxima existência.

Assim, cada homem, consciente ou inconscientemente, escolhe não apenas a sua condição futura, mas também a sua morada: o céu, a terra ou o inferno.

Existem muitos graus de seres sáttvicos – desde homens bons, até bondade misturada com santidade, até iogues liberados. À medida que os homens bons se aproximam do aperfeiçoamento, tornam-se santos, sábios, iogues, rishis mais elevados, anjos, arcanjos; e, finalmente, durante a libertação total das qualidades triplas, fundem-se numa unidade eterna com o Espírito. Da mesma forma, existem vários graus de homens rajásicos ou mundanos, alguns com qualidades santas e outros que beiram a maldade. Da mesma forma, existem pessoas brandas, medianas e extremamente más.

❖

As regiões boas, más e mistas da criação de Deus

❖

Em Sua vasta manifestação criativa, o Senhor providenciou um lugar para todo círculo de evolução e interesse de Suas criaturas. Existem universos sáttvicos, que contêm seres fundamentalmente bons. Existem universos rajásicos nos quais a maior parte dos seres é apaixonada por atividades desejáveis – esta Terra é predominantemente rajásica neste estágio de sua evolução; nos estratos entre o bem e o mal, está a meio caminho. Da mesma forma, existem universos que são dominados principalmente por manifestações tamásicas ou malignas – criaturas bestiais como nas eras pré-históricas dos dinossauros e outras feras ferozes da terra, da água e do ar, que mantêm as suas habitações gritando com guerras entre espécies e assassinatos e devorações canibais. E existem universos e planetas onde habitam seres caídos e depravados como duendes e demônios.

Inúmeras almas boas foram libertadas. A grande maioria dos seres, homens mundanos, continuam reencarnando na Terra ou como planetas adequados às suas naturezas e desejos. Os homens maus que nem sequer lutam pela libertação reúnem-se em miríades e encarnam nas formas humanas mais grosseiras ou como animais inferiores na terra, ou transmigram para mundos menos evoluídos ou para as regiões tamásicas mais vis.

Todos esses humanos, animais, feras e brutos cruéis, duendes malignos, de qualidades boas, ativadoras e más, mantêm este filme de sonho cósmico cheio de variedade e entretenimento, emoção e inspiração. Seres humanos inteligentes e discriminativos, depois de tantas encarnações de lutas, misérias e mortes terríveis, deveriam aprender a lição e esforçar-se para sair deste histrionismo cósmico, de volta à bem-aventurança do lar da alma no Espírito.

VERSÍCULO 16

karmaṇaḥ sukṛtasyāhuḥ sāttvikaṁ nirmalaṁ phalam
rajasas tu phalaṁ duḥkham ajñānaṁ tamasaḥ phalam

É dito (pelos sábios) que o fruto das ações sáttvicas é a harmonia e a pureza. O fruto das ações rajásicas é a dor. O fruto das ações tamásicas é a ignorância.

A atividade correta leva à felicidade. As ações mundanas imbuídas de egoísmo, em última análise, trazem dor e desilusão. As más ações contínuas destroem a discriminação e a compreensão do homem.

Pessoas boas, através do incentivo da alegria espiritual, tentam tornar-se cada vez melhores. A vida do ser humano médio, contudo, é uma mistura de ações certas e ações erradas.

Os homens mais baixos são aqueles que se cansam facilmente de qualquer luta pela virtude, desistindo de todas as atividades que valem a pena e afundando no estupor da inatividade e dos maus hábitos. Pessoas de natureza tamásica tornam-se desnorteadas e cada vez mais ignorantes, desprovidas de qualquer sentido de responsabilidade pelo seu próprio bem-estar ou pelo bem-estar da sociedade da qual fazem parte.

“O salário do pecado é a morte.”4 Ou seja, as atividades pecaminosas levam à morte da felicidade do homem. A ignorância é o pecado dos pecados porque é a mãe de toda miséria.

Por que os homens do mundo realizam ações que produzem pouca alegria e muitos problemas? Por que os homens maus se destroem com seu comportamento pernicioso? A resposta é “hábito” – um dos fatores mais potentes no destino humano. Muitas pessoas, apesar de saberem do sofrimento envolvido, continuam a entregar-se a práticas prejudiciais por causa da férrea influência do hábito. Além disso, essas pessoas carecem de experiência das alegrias gratificantes da vida espiritual.

Assim como o camelo come espinheiro mesmo que sua boca sangre, o homem obcecado por sexo se entrega mesmo que sua saúde seja prejudicada, e o alcoólatra bebe até morrer. O gosto adquirido pelos maus hábitos não é facilmente rejeitado se alguém ignora o incomparável néctar da alma que existe dentro de si. A pessoa louca por dinheiro destrói sua felicidade ao buscar continuamente mais riqueza, sem saber que um pequeno investimento no tesouro da meditação sincera produz alegrias duradouras que o ouro não pode comprar.

Assim, as pessoas mundanas, apesar do sofrimento envolvido nas atividades materiais, continuam a ser mundanas; e os homens maus continuam no seu caminho anormal, mergulhados numa vida sem sentido. Seus hábitos rajásicos e tamásicos, respectivamente, os impedem de imaginar as melhores alegrias das atividades mundanas normais ou as alegrias superiores das atividades nobres e da exploração da alma. As pessoas rajásicas, mentalmente estimuladas pela atividade e castigadas pela decepção, podem iniciar uma busca mais profunda pela alegria duradoura. Mas os seres tamásicos, apanhados na ignorância que eles próprios criaram, sem vontade de auto-aperfeiçoamento, caem numa ignorância cada vez mais profunda, encontrando prazer sádico em ferir a si próprios e aos outros.

Todas as pessoas, no entanto, podem mudar e melhorar a sua vida mantendo boas companhias e exercendo o seu poder inato de autocontrolo, e através da meditação em Deus, a Fonte do seu ser. Mesmo um pequeno gostinho da bondade estimulará o apetite espiritual pela Doçura Eterna.

VERSÍCULO 17

sattvāt saṁjāyate jñānaṁ rajaso lobha eva ca
pramādamohau tamaso bhavato ’jñānam eva ca

A sabedoria surge de sattva; ganância de rajas; e negligência, ilusão e ignorância de tamas.

Esta estrofe menciona a expressão na vida do homem dos três modos da Natureza. A pessoa em quem predomina sattva é caracterizada pela sabedoria, que confere felicidade.

O homem rajásico é facilmente reconhecido pelos seus desejos mundanos, pelas suas lutas por mais e mais riqueza, posses, poder.

A pessoa cheia de tamas é conhecida pelos seus conceitos errados profundamente enraizados sobre a vida, pelas suas ações sem objetivo, pelo seu comportamento impróprio, pela sua falta de autocontrole, pelo seu orgulho e arrogância, e pelo seu desprezo pelos bons conselhos dos outros.

VERSÍCULO 18

ūrdhvaṁ gacchanti sattvasthā madhye tiṣṭhanti rājasāḥ
jaganyaguṇavṛttisthā adho gacchanti tāmasāḥ

Aqueles estabelecidos em sattva sobem; os rajásicos habitam no meio; descem aqueles homens que estão absortos nos guna-tamas mais baixos.

Além do significado literal – que um homem sobe, flutua ou cai na evolução espiritual de acordo com qual dos três modos prevalece nele – há um significado mais profundo nesta estrofe.

Um homem permeado de sabedoria, sattva, tem sua consciência centrada numa região elevada do corpo: o olho espiritual na testa. Ele sobe continuamente em compreensão espiritual.

A mente de uma pessoa rajásica reside no centro dorsal ou "coração". Está "no meio" – equidistante dos chakras superiores e inferiores ("rodas" ou centros astrais invisíveis de atividades vitais na coluna).

A mente de um homem tamásico está confinada aos três centros mais baixos: lombar, sacral e coccígeo. Sua consciência, portanto, "desceu" para longe da região das percepções divinas no cérebro e também está abaixo do plano "médio" ou rajásico.

❖

As expressões dos chakras sob influência da alma e dos sentidos

❖

Todos os plexos astrais cérebro-espinhais em seu estado natural são espirituais, refletindo os diversos aspectos da inteligência divina e do poder vibratório da superconsciência da alma. Mas quando as energias destes centros são atraídas para fora sob a influência dos sentidos, e a sua ligação com a pura faculdade discriminatória da alma é diminuída, a sua expressão torna-se proporcionalmente pervertida. Os centros cerebrais externalizados expressam o intelecto, a razão e a inquietação distorcida (em vez da sabedoria onisciente da intuição e da calma que reflete o Espírito). O centro cardíaco externalizado, quando identificado com os sentidos, expressa-se como impulsos ativadores de gostos e desgostos emocionais, apegos e aversões (em vez de puro sentimento sem preconceitos e controle da força

vital). Os três centros inferiores externalizados alimentam os apetites avarentos dos sentidos (em vez de expressar os potenciais divinos desses chakras: autocontrole, adesão a princípios virtuosos e o poder de resistir a influências erradas).

A consciência e a força vital das pessoas sob a influência da mente sensorial estão fortemente concentradas nos três centros inferiores e daí são atraídas para fora através do portal enrolado no centro coccígeo, ou inferior, para o corpo físico. A menos que esse forte fluxo externo seja governado e normalizado pelo puro poder de sublimação nos centros do coração e pela discriminação, ele será um estimulador de atividades sexuais, instintos básicos e más propensões.

Aquele cuja mente permanece habitualmente em hábitos sensoriais descontrolados e que não exerce nenhuma iniciativa para se libertar, estimula excessivamente o impulso externo das energias neste chakra inferior e torna-se um prisioneiro preso de maya, do mundo da dualidade, da inércia e do sofrimento. .

O homem rajásico está “no meio”; ele tem o poder de direcionar sua consciência para cima, para os centros celestiais no cérebro, ou para baixo, para as esferas infernais da ilusão. A pessoa imbuída de rajas, que vive no plano dorsal do coração, pode manter puros seus sentimentos, motivos e atividades por meio da meditação e da discriminação. Ele pode elevar-se e alcançar equilíbrio e sabedoria fixando sua atenção cada vez mais frequentemente no centro do olho espiritual.

As pessoas tamásicas, afundando suas mentes no chakra inferior e desligando-se do poder redentor das boas ações e do esforço espiritual, ficam enredadas no mal: identificação corporal, sadismo, relações sexuais ilícitas, desonestidade e assim por diante.

Os seres sáttvicos, por outro lado, permanecem nas esferas elevadas da sabedoria e das percepções extáticas, imbuídos de virtude e pureza de coração.

A Natureza do Jivanmukta – Aquele que se eleva acima das qualidades da natureza

Versículo 19

nanyaṁ guṇebhyaḥ kartāraṁ yada draṣṭānupaśyati
guṇebhyaś ca paraṁ vetti madbhāvaṁ so ’dhigacchati

Quando o vidente não percebe (na criação) nenhum agente exceto os três modos, e conhece Aquilo que é superior aos gunas, ele entra no Meu Ser.

Assim como um homem compreende que vê um filme através da instrumentalidade de um feixe elétrico de luz e de um filme variado, um iogue aperfeiçoado compreende que os mundos fenomênicos e suas atividades são apenas uma dança de sombras e luzes – as relatividades ou expressões dos três gunas, animados pela Luz Suprema. Esta percepção da verdade permite ao iogue entrar na pura e onipresente Luz Cósmica, além de toda relatividade.

Enquanto o homem permanece paralisado pelos fenómenos cósmicos, ele reage com emoções dolorosas e prazerosas, solidificando na sua consciência a falsa noção da validade intrínseca das relatividades. Mas quando, pela prática do yoga, o homem se liberta das reações de gostos e desgostos, enchendo seu coração com imutável alegria divina extática, ele vê claramente – do seu ponto de vista centrado em Deus – o verdadeiro funcionamento da Natureza da cinematografia cósmica do Senhor.

Versículo 20

guṇān etān atītya trīn dehī dehasamudbhavān
janmamṛtyujarāduḥkhair vimukto ’mṛtam aśnute

Tendo transcendido os três modos da Natureza – a causa da incorporação física – o homem é libertado dos sofrimentos do nascimento, da velhice e da morte; ele alcança a imortalidade.

Pela meditação, o iogue vai além da consciência carnal e, portanto, além de Prakriti, o Princípio Cósmico cujos três gunas criam o corpo e o mundo da mudança e da transitoriedade. Ele se estabelece na sua verdadeira identidade, que nenhuma mudança terrena pode tocar ou desfigurar: o Espírito eterno.

VERSÍCULO 21

arjuna pegou
kair lingais trīn guṇān etān atīto bhavati prabho
kimācāraḥ kathaṁ caitāṁs trīn guṇān ativartate

Arjuna disse:

Ó Senhor, que sinais distinguem o homem que transcendeu os três modos? Qual é o comportamento dele? Como ele se eleva além das qualidades triplas?

Arjuna aqui chama Sri Krishna de “Prabhu” (Senhor ou Mestre). O devoto, percebendo seu divino guru como o repositório de toda a sabedoria, busca mais luz sobre a natureza de um jivanmukta, “alguém libertado enquanto vive” em um corpo.

Deve ser lembrado que o formato conversacional do Gita, quando lido alegoricamente, representa a busca interior do devoto e a comunhão com Deus, e as respostas que ele recebe na forma de percepções da verdade. Arjuna, metaforicamente o devoto da realização mais elevada, através da graça de seu guru, o Senhor Krishna, experimenta no estado de consciência cósmica a resolução de todos os mistérios do ser.

De acordo com a inclinação espiritual e o grau de avanço do devoto, as respostas do Infinito podem se manifestar como palavras faladas ou como palavras-pensamentos não vocalizadas transmitidas ao devoto. Ou através da intuição da alma – conhecimento puro por realização ou experiência

direta da verdade – e através de expressões de consciência cósmica, o devoto pode receber iluminação na forma de percepções ou sentimentos definidos e pronunciados; ou como palavras ou sons visíveis ou audíveis materializados pelo onisciente poder intuitivo da alma ou pelo decreto divino do poder cósmico de Deus.

O pensamento através de uma vibração mais grosseira torna-se energia. Essa energia por visualização pode ser vista como uma forma mental ou onírica. Através de uma forte concentração, ela pode ser ainda mais condensada numa visão verdadeira.

Um pensamento produz uma vibração mental que emite som. Pela concentração, esse som vibratório pode ser formulado em qualquer linguagem que transmita o conceito do pensamento. Todas as percepções e expressões intuitivas da consciência cósmica – a consciência de Deus que é o repositório de tudo o que é, foi ou será – podem ser estendidas em palavras visíveis, os chamados Registros Akáshicos escritos no éter; ou em sons audíveis vibrando no éter; ou em exclamações Akáshicas, odores, sabores ou sensações táteis reconhecíveis; ou em visões verdadeiras, ou pensamentos esclarecedores, ou cognição intuitiva, ou vibrações de puro sentimento ou vontade.

Assim Arjuna, o devoto, solicita e recebe as revelações de sabedoria do Infinito.

Versículos 22–25

śrībhagavan uvāka
prakāśaṁ como pravṛttiṁ como moham eva como pāṇḍava
na dveṣṭi saṁpravṛttāni na nivṛttāni kāṅkṣati (22)

udāsīnavad āsīno guṇair yo na vicālyate
guṇā vartanta ity eva yo ’vatiṣṭhati neṅgate (23)

samaduḥkhasukhaḥ svasthaḥ samaloṣṭāśmakāñcanaḥ
tulyapriyapriyo dhīras tulyanindātmasaṁstutiḥ (24)

mānāpamānayos tulyas tulyo mitraripakṣayoḥ

sarvārambhaparityāgī guṇātitaḥ sa ucyate (25)

O Bendito Senhor disse:
(22) Ó Pandava (Arjuna), aquele que não abomina a presença dos gunas – iluminação, atividade e ignorância – nem deplora sua ausência;

(23) Permanecer despreocupado e imperturbado pelos três modos – percebendo que somente eles estão operando em toda a criação; sem oscilação mental, mas sempre egocêntrico;

(24) Não afetado pela alegria e pela tristeza, pelo louvor e pela culpa - seguro em sua natureza divina; considerando com igualdade um torrão de barro, uma pedra e ouro; o mesmo em sua atitude em relação ao agradável ou desagradável (homens e experiências); mente firme;

(25) Não influenciado por respeito ou insulto; tratar o amigo e o inimigo da mesma forma; abandonando todas as ilusões de autoria pessoal – foi ele quem transcendeu as qualidades triplas!

Nessas quatro estrofes, o Senhor Krishna aponta as características de uma "alma livre" – uma alma liberada enquanto ainda está no corpo. Os Jivanmuktas enxergaram através da trama estupenda da Natureza e se dissociaram de seu mundo de fluxo e aparência insubstancial.

Um mortal comum é continuamente estimulado pelas qualidades triplas enquanto testemunha o filme da vida. Mas o iogue calmo observa as cenas sem os preconceitos e agitações mentais que no homem comum surgem dos sentimentos de amor e ódio, atração e repulsa. O iogue, voltando-se para a alegria imperturbável de sua alma, não se envolve emocionalmente com uma mera imagem.

A experiência pessoal das dualidades não afeta interiormente o iogue desapegado e sem desejos, quer ele receba prazer ou dor; ou encontra pessoas e experiências agradáveis ou desagradáveis; ou recebe aclamação ou censura, honra ou desgraça; ou encontra amigo ou inimigo; ou ganha um pedaço de terra ou uma mansão de pedra ou uma massa de ouro – todas

experiências que podem ocorrer no filme da vida diária. O iogue contempla todas as cenas mundanas com tranquilidade imperturbável, sabendo que são apenas luzes e sombras: vibrações mutáveis do Raio Cósmico e as triplas qualidades cósmicas ilusórias “tecnicoloridas”.

Todos os contrastes lhe parecem semelhantes, feitos do mesmo tecido claro-sombra. Não é que ele não consiga compreender o valor do ouro como sendo diferente do valor do barro, ou que ele não discrimine entre pessoas agradáveis e desagradáveis, ou que seja friamente insensível às experiências da vida. Mas ele não tem mais interesse pessoal no mundo fenomênico, embora viva nele. Ele evita os emaranhados da ilusão ao contemplar toda a criação em sua realidade: sombras passageiras da mudança atômica.

Versículo 26

māṁ ca yo 'vyabhicāreṇa bhaktiyogena sevate
sa gunān samatītyaitān brahmabhūyāya kalpate

Aquele que Me serve com devoção inabalável transcende os gunas e está qualificado para se tornar Brahman.

Arjuna perguntou (estrofe 21): “Como um homem se eleva além dos gunas?” O Senhor Krishna agora responde a essa pergunta. “Por Bhakti Yoga”, diz ele. “Pela devoção inabalável a Deus, pelo amor a Ele tão completo que a mente não tem espaço para pensar em si mesmo.”

Uma resposta de doçura e profunda simplicidade, oferecendo ao homem esperança e encorajamento divinos.

Versículo 27

brahmaṇo hi pratiṣṭhāham amṛtasyāvyayasya ca
śāśvatasya ca dharmasya sukhasyaikāntikasya ca

Pois eu sou a base do Infinito, do Imortal, do Indestrutível; e do Dharma eterno e da Bem-aventurança pura.

Nas estrofes 26–27, Krishna fala como o Pratyagatma, a alma ou verdadeiro ser do homem que é idêntico a Deus: Espírito ou o Absoluto. As palavras de Krishna: “Eu sou a base do Infinito”, são semelhantes, em âmbito divino, àquelas proferidas por Jesus: “Antes que Abraão existisse, eu sou.”5 Krishna e Cristo falaram das profundezas da Auto-realização, sabendo que “Eu e meu Pai são um.”6

O Espírito não manifestado que existia antes da criação é a Morada Suprema do Ser; do Dharma eterno, da lei, da retidão, do abrigo cósmico; e de bem-aventurança sem fim.

Depois que os mundos fenomênicos passaram a existir, o Espírito é a Morada do Deus trino (o Pai, Sat, além de toda vibração ou manifestação; o Filho ou Tat, a Inteligência presente na criação vibratória; e o Espírito Santo, Aum, vibração cósmica ou Mãe Natureza). “O céu é o meu trono, e a terra é o escabelo dos meus pés: que casa me edificareis? diz o Senhor: ou qual é o lugar do meu descanso? Não foi a minha mão que fez todas estas coisas?”7

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
guṇatrayavibhāgayogo nāma caturdaśo ’dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o décimo quarto capítulo, chamado “União através da Transcendência das Três Qualidades da Natureza”.

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO XV

PURUSHOTTAMA: O SER SUPREMO

❖

Eterno Ashvattha: A Árvore da Vida

❖

A Morada do Imanifesto

❖

Como o Espírito se manifesta como a alma

❖

O Espírito Supremo: Além do Perecível e do Imperecível

ॐ

“Eu (o Senhor) estou além do perecível (Prakriti) e também sou superior ao imperecível (Kutastha). Portanto, nos mundos e no Veda (a percepção intuitiva das almas não iludidas), sou proclamado Purushottama, o Ser Supremo. Todo aquele que, livre da ilusão, Me conhece assim como o Espírito Supremo, conhece tudo, ó descendente de Bharata (Arjuna). Ele me adora com todo o seu ser.”

OceanoofPDF. com

Capítulo XV

Purushottama: O Ser Supremo

Eterno Ashvattha: A Árvore da Vida

Verso 1

śrībhagavan uvāka
ūrdhvamūlam adhaḥśākham aśvatthaṁ prāhur avyayam
Chandāṁsi yasya parṇāni yas taṁ veda sa vedavit

O Bendito Senhor disse:
Eles (os sábios) falam de uma árvore ashvattha eterna, com raízes acima e galhos abaixo, cujas folhas são hinos védicos. Aquele que entende esta árvore da vida é um conhecedor dos Vedas.

A árvore ashvattha (pipal ou figueira sagrada, Ficus religiosa, da Índia) é notável pelo seu grande tamanho e longevidade. Nas primeiras quatro estrofes deste capítulo, ashvattha é usado metaforicamente para descrever o poderoso sistema multi-ramificado de consciência integrada, força vital e nervos aferentes e eferentes que é a composição do homem.

Paradoxalmente, embora a árvore ashvattha seja aqui referida como eterna, a própria palavra em uma derivação comumente aceita significa “aquilo que não permanece amanhã (ou, ‘no futuro’)”, de a-śvas. A metafórica árvore ashvattha, neste sentido, alude ao mundo da transitoriedade e aos seus seres, que estão sempre em processo de mudança - nada permanece igual do momento presente para o próximo (“amanhã” ou “o futuro”). . Os princípios de criação de Prakriti, por sua ação e interação, produzem variações infinitas. E embora esses “produtos” não permaneçam no mesmo estado ou condição, os princípios criativos por trás deles, a vida e a semente da árvore ashvattha, são eternos.1

Nestes versos do Gita, a árvore ashvattha refere-se especificamente aos princípios criativos de Prakriti em ação no corpo triplo do homem (físico, astral e causal), embora a analogia em si seja igualmente aplicável em uma escala cósmica.

❖
"Árvore da Vida" – o corpo e a mente humanos
❖

Esta duradoura "Árvore da Vida" — mencionada em muitas escrituras do mundo, incluindo a Bíblia — é o corpo humano e a mente humana. À luz da intuição, os iogues contemplam a árvore invertida da consciência (componentes ideacionais do corpo causal) dentro da árvore da força vital (os nadis do corpo astral, canais de energia vital), estes dois existentes interligados dentro da árvore invertida da o sistema nervoso cérebro-espinhal físico. Esta árvore tripla tem suas raízes de emanações de pensamento, raios de força vital e nervos cranianos pendurados de cabeça para baixo na eterna Consciência Cósmica, acima de seus troncos espinhais ideacionais, astrais e físicos; e seus galhos triplos pendurados abaixo.

As esferas fenomênicas foram criadas por Deus pela condensação da luz. Projetada a partir da Vibração Divina, a Terra passou a existir como matéria inerte. Sua vida inerente continuou lançando seus raios de força vital para fora. Os raios manifestaram-se na forma de vegetação e árvores com seus brotos extensos.

Os mesmos padrões básicos são repetidos em toda a Natureza. Tal como o reino vegetal, todas as formas de matéria animada têm um núcleo de vida de onde se estendem ramos para criar e vivificar o organismo. Assim, depois que o Senhor permitiu que a terra projetasse "árvores", Ele moldou os seres humanos, Sua criação culminante, de forma muito semelhante às árvores invertidas. Essa correspondência é vista nas raízes dos cabelos do corpo físico, no tronco cérebro-espinhal, nos ramos dos braços e pernas e nos ramos nervosos que se estendem por toda parte, distribuindo a seiva da vida.

Em um livro sobre anatomia, observe um gráfico que mostra o sistema nervoso do corpo humano. Vire o gráfico de cabeça para baixo, com o cérebro abaixo e os pés acima, e você verá que a forma do homem tem uma

semelhança com uma árvore invertida, com tronco e muitos galhos.

Em seguida, vire o gráfico para cima e você verá que o próprio sistema nervoso se parece com uma árvore invertida, com cabelo, cérebro e coluna vertebral acima; e numerosos ramos de nervos disparando abaixo. À medida que as árvores brotam do solo abaixo delas, a árvore humana do pensamento, da força vital e dos nervos cresce invertidamente para baixo a partir do "solo" ou base da Consciência Cósmica.

No corpo humano, a árvore física dos nervos é uma manifestação grosseira da árvore astral da energia vital interior. As duas árvores dos nervos e da força vital são condensadas da árvore da consciência humana, as ideias elementares do corpo causal, que por sua vez emanam da Consciência Cósmica.2

O cabelo humano é resultado da condensação dos raios astrais; os tecidos do próprio corpo são feitos de átomos e lifetrons. Alguns iogues não cortam o cabelo, mas o mantêm comprido para extrair do éter uma quantidade maior de raios cósmicos — uma prática iogue derivada eficaz, mas não essencial. A razão pela qual Sansão perdeu sua força sobre-humana quando seu cabelo foi tosquiado por Dalila pode muito bem ser o fato de ele ter praticado certos exercícios de ioga pelos quais o cabelo pode ser transformado em antenas sensíveis para extrair energia cósmica do éter.

❖

Verdadeiro conhecimento do mundo fenomênico

❖

A Árvore da Vida tem três tipos de folhas, ou receptores através dos quais a alma residente recebe conhecimento ("hinos védicos") da criação fenomenal trina: sensações, força vital e percepções de pensamento. A metáfora das folhas comparada aos hinos védicos evoca uma imagem de sensibilidade e vitalidade (as folhas verdes vibrantes denotando vida) e movimento sussurrante, "hinos de conhecimento" (o farfalhar das folhas). As "folhas" da árvore física da vida, por exemplo, são os órgãos sensoriais da epiderme e seus centros correspondentes no cérebro, sensíveis e cheios de vida, recebendo sensações e reportando esse conhecimento. O movimento dessas folhas sensoriais sugere o movimento das sensações causadas nos centros nervosos através dos quais recebemos conhecimento sobre o corpo e o

mundo. Através da ajuda desta comoção sensorial vemos cores e formas, ouvimos sons, saboreamos a comida, e assim por diante. Quando se percebe a integração adequada dos estímulos sensoriais físicos com as árvores internas da força vital e da consciência (nos corpos astral e causal), é produzido o verdadeiro conhecimento do mundo fenomênico.3 Um homem de Auto-realização, em sintonia com o Infinito , posso ver esta misteriosa árvore de nervos, força vital e pensamento saindo da Consciência Cósmica; ele se torna assim onisciente – um “conhecedor dos Vedas”, isto é, de todo o conhecimento.

O homem comum está absorto em sensações que o alcançam através das folhas sensíveis da árvore espinhal. Ele participa dos frutos do tato, da visão, da audição, do olfato e do paladar que existem entre as “folhas”, os receptores sensíveis de sensações nas extremidades dos numerosos ramos nervosos.

Deus disse ao homem e à mulher originais, metaforicamente chamados de Adão e Eva na Bíblia, para “comer do fruto das árvores do jardim”; mas Ele os advertiu “sobre o fruto da árvore que está no meio do jardim… dele não comereis, nem nele tocareis, para que não morrais”.

❖

Interpretação espiritual da história de Adão e Eva

❖

Interpretadas espiritualmente, estas palavras significam que o Senhor desejava que Adão e Eva comessem ou desfrutassem, como seres humanos, dos “frutos” da árvore sensorial quíntupla. Mas sobre a “maçã” do sexo na árvore dos nervos situada “no meio (meio) do jardim” do corpo humano, Deus disse: “Não tente ter experiência sexual física, para não morrer (perder o seu presente). consciência da imortalidade).”

O Senhor criou o “par original”, Adão e Eva, pelo poder da materialização por meio do decreto divino de Sua vontade. Ele os colocou num jardim “ao leste, no Éden”; isto é, com a sua consciência focada “para leste” no olho espiritual da percepção divina intuitiva. A eles Ele deu o mesmo poder de condensar seus pensamentos em imagens grosseiras materializadas do éter (mundo ideal), para que por esse método imaculado de criação eles pudessem se multiplicar e povoar a terra. Ele lhes disse para

desfrutarem as sensações de ver e ouvir uns aos outros, conversar e comer uns com os outros, cheirar as flores e tocar os objetos ao seu redor que Ele havia criado. Mas Ele advertiu esses primeiros seres para não tocarem os corpos uns dos outros de maneira carnal, para que não evocassem a memória subconsciente do modo animal de propagação sexual, que eles conheciam e empregavam anteriormente em formas bestiais. Até então, a manifestação de Deus como almas individualizadas tinha evoluído para cima, através de várias formas de vida, até se tornarem animais controlados pelos instintos. Deus introduziu então almas dos animais mais evoluídos nos corpos humanos dos simbólicos Adão e Eva.

Os corpos desses primeiros humanos foram, portanto, o resultado tanto da evolução (geralmente evoluiu a partir do padrão dos animais) quanto de um ato de criação especial de Deus como o início da raça humana. Os seres humanos estão acima da instrumentalidade menor dos animais, pois só eles possuem o potencial para expressar a plena divindade devido aos centros espirituais cerebroespinhais únicos da vida e da consciência divinas. Assim, tanto os traços divinos como os bestiais ou subumanos caracterizam o homem como um mortal encarnado.

❖

Significado espiritual da "Queda do Homem"

❖

Os protótipos originais do homem e da mulher não tinham membros sexuais em seus corpos perfeitos até depois de desobedecerem à ordem de Deus para eles. "Ambos estavam nus… e não tinham vergonha"5 – uma unidade harmoniosa entre as qualidades do positivo e do negativo, do masculino e do feminino, da razão e do sentimento, não pervertida pela grosseira atração sexual sensual. Mas quando o sentimento ou consciência de Eva no homem foi tentado por vagas lembranças de excitação sexual animalesca, então a razão do homem ou Adão também sucumbiu. Quando Adão e Eva se abraçaram com desejo sensual, a energia serpentina ou enrolada na base da coluna vertebral, que eleva o homem em direção a Deus ou alimenta seus sentidos, estimulou os nervos sexuais até então não desenvolvidos. A partir desta agitação, desenvolveram-se os órgãos sexuais. "Também para Adão e para sua esposa o Senhor Deus fez túnicas de peles e os vestiu."6 O Adão

positivo com razão masculina predominantemente tornou-se homem; a Eva negativa com sentimento feminino predominante tornou-se feminina. O Éden, seu estado de consciência divina, foi perdido para eles, e “eles sabiam que estavam nus”: sua pureza para se verem como almas encerradas em um maravilhoso corpo trino de consciência, força vital e radiação atômica foi substituída pela identificação com o limitações da forma física grosseira.

Desde a Queda, os seus descendentes tiveram que reproduzir a sua espécie através do processo grosseiro e complicado da criação sexual. Adão e Eva, e através deles a raça humana, foram obrigados pela lei cósmica a estar sujeitos às dualidades do bem e do mal, e a experimentar a morte, uma mudança dolorosa, porque tinham perdido a sua imortalidade omnisciente ao reverterem aos hábitos animais.

❖

Os progenitores divinos da raça humana

❖

Embora a história do Gênesis na Bíblia se concentre na queda do homem original, as escrituras hindus exaltam os primeiros seres na terra como indivíduos divinos que poderiam assumir formas corpóreas e, de forma semelhante, criar descendentes por comando divino de sua vontade. Em um desses relatos, no venerável Purana, Srimad Bhagavata, o primeiro homem e mulher em forma física, o hindu “Adão e Eva”, foram chamados de Svayambhuva Manu (“homem nascido do Criador”) e sua esposa Shatarupa (“tendo cem imagens ou formas”) cujos filhos se casaram com Prajapatis, seres celestiais perfeitos que assumiram formas físicas para se tornarem os progenitores da humanidade. Assim, entrando nas formas humanas originais e únicas criadas por Deus estavam almas que haviam passado pelos estágios evolutivos ascendentes da criação enquanto Prakriti preparava a terra para o advento do homem, ou eram almas imaculadas que haviam descido à terra especificamente para iniciar a humanidade do mundo. população. Em ambos os casos, o homem original foi dotado de forma única para expressar a perfeição da alma. Aqueles “Adãos e Evas” e seus descendentes que mantiveram sua consciência divina no “Éden” do olho espiritual retornaram ao Espírito ou aos reinos celestiais após uma estada feliz na terra. Os seres humanos “caídos” e seus descendentes “caídos” foram apanhados nos ciclos

de reencarnação que são o destino dos mortais cheios de desejo e identificados com os sentidos.7

A humanidade em geral permanece assim deleitando-se com as folhas das sensações do jardim corporal, sem compreender a sua origem em Deus. Mas os iogues são capazes de recuperar o Éden perdido afastando suas mentes não apenas da sensação tátil do sexo, mas também de todos os outros contatos táteis e das sensações de visão, audição, olfato e paladar. Esses iogues ascendem pela árvore invertida do sistema nervoso, da força vital e da consciência para alcançar o paraíso da Consciência Cósmica.

O homem comum entrega-se aos prazeres transitórios das sensações corporais e das formas-pensamento fugazes, expondo-se assim a incontáveis misérias subsequentes. Mas um homem de Auto-realização, sendo um com a Consciência Cósmica de seu Criador, vê o corpo e a mente humanos como formas-pensamento ilusórias que fornecem à alma um meio de experimentar o claro-escuro cósmico do Senhor.

É por isso que o Bhagavad Gita diz que aquele que compreende esta árvore tripla da vida, que tem a sua fonte na existência eterna de Deus, é um conhecedor de toda a sabedoria (“os Vedas”).

Versículo 2

adhaś cordhvaṁ prasṛtās tasya śākhā guṇapravṛddhā
viṣayapravālāḥ
adhaś ca mūlāny anusaṁtatāni karmānubandhīni manuṣyaloke

Seus ramos espalham-se acima e abaixo, alimentados pelos gunas; seus botões são os objetos dos sentidos; e para baixo, no mundo dos homens, estendem-se as raízes que obrigam o homem a agir.

A analogia da árvore da vida ashvattha é aqui mais elaborada. Seus ramos se espalham tanto “acima” quanto “abaixo” – estendendo-se para cima, eles dão conhecimento dos reinos mais elevados do ser e da consciência; e estendendo-se para baixo, confinam a percepção ao corpo físico senciente e ao plano material.

A vida e a consciência que fluem através desses ramos, concentrados acima ou abaixo, são nutridas pelos gunas, qualidades triplas (sattva, rajas e tamas), de acordo com a resposta do ego à sua influência boa, ativadora e má.

As ações humanas originam-se principalmente dos “botões” da sensação, os “objetos dos sentidos”. Essas sensações crescem nas terminações nervosas corporais da visão, audição, olfato, paladar e tato. Numa análise metafísica mais profunda, estes “objectos dos sentidos” são definidos como os potenciais causais ou “botões” da experiência sensorial: som, ou o que o ouvido pode ouvir; tangibilidade ou resistência, o que pode ser sentido; forma ou cor, o que o olho pode ver; sabor, aquilo que a língua pode saborear; odor, o que o nariz pode cheirar. Inerentes a esses potenciais supramentais estão os elementos criativos vibratórios sutis da terra, da água, do fogo, do ar e do éter. Esses potenciais são elaborados como órgãos sensoriais e percepções através da interação com os três gunas (ver XIII:1), e o resultado final é o “objeto” ou sensação manifestado.

❖

Sementes de desejo que compelem as ações do homem

❖

Embora a raiz principal da árvore da vida esteja acima, na Consciência Cósmica, existem raízes secundárias abaixo, embutidas no subconsciente e na superconsciência no cérebro. Esses “enraizamentos” originam-se dos gostos e desgostos (atrações e repulsões) gerados por boas e más ações e desejos de vidas passadas (samskaras e sua progênie, vasanas ou sementes de desejo).8 Eles se estendem para baixo, até o sistema nervoso e os sentidos, “o mundo dos homens” e obrigar as ações do homem. Esses hábitos passados e impressões de desejos instigam continuamente no homem a realização de ações específicas – boas ou más, conforme o caso.

Deus é o Originador de tudo, mas é o homem quem perpetua a sua própria existência. Os samskaras e vasanas criados pelo homem em vidas passadas, e seus novos desejos decorrentes de sua resposta à influência dos gunas e de suas evoluções na vida presente, impelem-no a realizar incontáveis renascimentos para satisfazer seus anseios. Assim ele contribui para a nutrição e perpetuidade da Árvore da Vida, fazendo com que sua

manifestação física como o sistema nervoso brote continuamente, em cada nova forma física em encarnações sucessivas. Desta forma, os seres humanos estão vinculados à vida e à morte através do poder dos seus desejos. Por causa disso, a árvore ashvattha é referida como representando o samsara,9 “ilusão mundana”, que é a causa aprisionadora da roda cíclica da reencarnação.

VERSÍCULOS 3–4

na rūpam asyeha tathopalabhyate nānto na cādir na ca
saṁpratiṣṭhā
aśvattham enaṁ suvirūḍhamūlam asaṅgaśastreṇa dṛḍhena chittvā
(3)

tataḥ padaṁ tat parimārgitavyaṁ yasmin gata na nivartanti bhūyaḥ
tam eva cādyaṁ puruṣaṁ prapadye yataḥ pravṛttiḥ prasṛtā purāṇī
(4)

A verdadeira natureza desta árvore, seu começo, seu fim e seus modos de continuidade – nada disso é compreendido pelos homens comuns. O sábio, tendo destruído o ashvattha firmemente enraizado com o poderoso machado do desapego; pensando: “Eu me refugio no Purusha Primitivo, de quem foi o único que emitiu os processos imemoriais de criação”, busque a Meta Suprema. Ao alcançá-lo, eles não retornam mais à existência fenomenal.

Embora a árvore tripla da consciência, da força vital e dos nervos esteja presente no homem, ele não compreende a si mesmo ou à Natureza. Os modos indescritíveis e em constante mudança da criação cósmica o confundem. Sobre essa ignorância ilusória dos seres comuns, Jesus falou: “...quem vê, não vê; e ouvindo, não ouvem, nem entendem.”10

Somente um sábio decide empunhar o forte machado do desapego, do não desejo, para destruir a árvore ashvattha dentro dele, profundamente enraizada nos hábitos da vida material. Somente ele alcança a Meta Divina.

O homem mundano, vivendo sob a árvore de folhas grossas dos prazeres

dos sentidos e do egoísmo, não percebe os céus da Consciência Cósmica libertadora. Mas o devoto sincero, através da discriminação e da prática de yoga, desfere um golpe mortal nos desejos materiais e nas atividades instigadas por hábitos passados enraizados em suas mentes consciente, subconsciente e superconsciente. êxtase os céus do Infinito. Ele percebe a Consciência Cósmica como origem, continuidade e fim da Árvore da Vida do seu corpo e do cosmos. Através desta compreensão de que Deus é tudo, e pela libertação dos desejos passados e presentes, ele se torna um ser libertado, capaz de reter esta consciência mesmo no estado corporal. Mas nunca mais ele será forçado pela lei cósmica a renascer na Terra.

A Morada do Imanifesto

Versículo 5

nirmānamohā jitasaṅgadoṣā adhyātmanityā vinivṛttakāmāḥ

dvandvair vimuktāḥ sukhaduḥkhasaṁjñair gacchanty amūḍhāḥ
padam avyayaṁ tat

Sem desejo de honra, livre da ilusão e do apego maligno, todos os anseios banidos, desligado do par de opostos – prazer e dor – sempre estabelecido no Ser, o não enganado alcança o estado imutável.

O homem que escapou de maya para a Consciência Cósmica está repleto de pura bem-aventurança suprema. Livre das relatividades da ilusão, em harmonia com o Espírito, o seu Eu imutável não é distorcido pelas correntes cinéticas de orgulho da Natureza, mudando de humor com os seus desejos impulsivos, apegos que produzem miséria e o par ondulante e contrário: alegrias e tristezas passageiras.

Versículo 6

na tad bhāsayate sūryo na śaśāṅko na pāvakaḥ
yad gatvā na nivartante tad dhama paramaṁ mama

Onde nenhum sol, lua ou fogo brilham, essa é a Minha Morada Suprema. Chegando lá, os homens nunca renascem.

O iogue imaculado, mencionado nos três versos anteriores, torna-se permanentemente estabelecido em sua união com Deus, quer permaneça encarnado, quer deixe os reinos densos para permanecer para sempre no Espírito transcendental. Enquanto está no corpo, ele atinge a união samadhi com o Espírito elevando sua consciência além do "fogo" da energia vital corporal, da "lua" ou luz criativa refletida nos centros espinhais, e do "sol" do corpo astral de mil pétalas. lótus. Daí, ele entra naquele reino da Consciência Cósmica que é a "Morada Suprema" do Senhor, na qual até mesmo os mais leves tremores vibratórios dos sóis, das luas e dos fogos da criação estão ausentes.

O Bhagavad Gita contém a essência da sabedoria dos Upanishads (resumos dos Vedas). O seguinte pensamento, citado neste verso do Gita, é encontrado em vários Upanishads: "Onde o sol, a lua, as estrelas e os relâmpagos não ousam espiar com seus olhos brilhantes, ali permaneço em Minha morada não manifestada. É a Minha luz invisível que aparece nas luzes emprestadas da criação."

Quando Deus retira Sua luz secreta no final de um ciclo, todas as lâmpadas da Natureza perdem sua luminescência. Da mesma forma, quando o iogue liberado finalmente se funde no Espírito para "não mais sair", a luz de Deus que emana da alma não ilumina mais as três lâmpadas corporais – essas formas retornam à sua essência espiritual, desaparecidas como miragens em um deserto.

O reino não manifestado do Espírito onipresente está eternamente livre de todas as vibrações. Sol, lua, fogo – em suas manifestações cósmicas e microcósmicas – todos pertencem aos mares agitados de vibração cósmica da Natureza. Assim como os redemoinhos abaixo de uma cachoeira não podem perturbar o reservatório de água em sua fonte, os redemoinhos de vibração que saem da Consciência Cósmica não podem criar comoção

dentro dela. Mesmo as mais finas vibrações de luz ou movimento não estão presentes na esfera ilimitada, indescritivelmente sutil, da bem-aventurança onipresente e sem vibração do Senhor.

Como o Espírito se manifesta como a alma

Versículo 7

mamaivāṁśo jīvaloke jīvabhūtaḥ sanātanaḥ
manaḥ ṣaṣṭhānīndriyāṇi prakṛtisthāni karṣati

Uma parte eterna de Mim mesmo, manifestando-se como uma alma vivente no mundo dos seres, atrai para si os seis sentidos, incluindo a mente, que repousam em Prakriti.

Deus é o Oceano, o homem (o jiva ou alma individualizada) é uma onda. Assim como o homem é parte de Deus, ele nunca está verdadeiramente separado Dele. Pelo poder de maya, uma parte da consciência cósmica de Deus é envolta na vestimenta da Natureza, um corpo equipado com cinco sentidos externos e um sentido interno, a mente. Esses seis sentidos são os instrumentos de comunicação da alma com o mundo da relatividade.

Deus, sendo Um, livre de qualquer relatividade, percebe-se por si mesmo - por sua intuição singular, ou consciência onisciente. Mas o homem complexo, criado a partir da relatividade complexa da ilusão cósmica de Prakriti, necessita dos instrumentos sensoriais da ilusão para perceber o seu ambiente e a sua existência finita. Preso por esses médiuns limitados e limitantes, ele se sente isolado de Deus; motivado por maya, ele sustenta esta separação pelo uso indevido de seu livre arbítrio. Quando finalmente ele se recusa a continuar por mais tempo nesta escravidão, ele coopera avidamente com a perpétua atração involutiva de Deus. Rompendo os laços de Prakriti, ele é atraído de volta ao seio onipresente de seu Criador.

Assim como o vasto céu se torna um pequeno céu em forma de V quando refletido em um recipiente de latão em forma de V, o Espírito de Deus se manifesta de maneira diferente em diferentes seres humanos e em

vários outros tipos de criaturas. Mas assim como o pequeno céu em uma embarcação não é diferente em essência do vasto céu, o ilimitado Espírito de Deus e a alma pura em todos os seres são iguais em essência. Somente quando a jiva se identifica com o corpo é que ela assume suas aparentes limitações.

Portanto, Deus está igualmente presente em cada ser – humano ou animal. No entanto, Sua manifestação é mais facilmente vista em jivas transparentes e apenas ligeiramente escurecidos, do que naqueles que são opacos pela ignorância ou pelo mal. Um jiva associado a uma mente ignorante e a sentidos desenfreados pode cometer atos cruéis; no entanto, através da meditação e da sabedoria, essa mesma jiva pode retirar-se de sua cobertura escura e tornar-se novamente uma com o Infinito.

VERSÍCULO 8

śarīraṁ yad avāpnoti yac capy utkrāmatīśvaraḥ
gṛhītvaitāni saṁyāti vāyur gandhān ivāśayāt

Quando o Senhor, como jiva, adquire um corpo, Ele traz consigo a mente e os sentidos. Quando Ele deixa aquele corpo, Ele os pega e vai embora, assim como o vento afasta os aromas de suas moradas (nas flores).

A jiva (alma individualizada) é aqui chamada de “o Senhor” para enfatizar o ponto levantado na estrofe anterior: que a jiva é uma parte eterna do próprio Deus. Somente pelo poder divino os corpos dos homens são obtidos, mantidos e abandonados.

A estrofe 8 refere-se ao corpo sutil ou astral, linga sharira, a morada da mente, percepções sensoriais e outros princípios de vida. O corpo sutil de cada homem acompanha o jiva em seus ciclos de reencarnação, dotando cada nova forma física de vida e inteligência. Com a partida, por ocasião da morte, do linga sharira, o corpo volta ao seu estado natural de matéria inerte.

VERSÍCULO 9

śrotraṁ cakṣuḥ sparśanaṁ ca rasanaṁ ghrāṇam eva ca
adhiṣṭhāya manaś cāyaṁ viṣayān upasevate

Presidindo a mente e os sentidos da audição, visão, tato, paladar e olfato, Ele desfruta do mundo sensorial.

A Bíblia diz: “Ó Senhor… Tu criaste todas as coisas, e para Teu prazer elas existem e foram criadas.”12 As escrituras hindus também nos dizem que a criação do homem e do universo é apenas uma lila, uma brincadeira ou um desporto criativo de Deus. O Senhor, como jivas, experimenta as delícias do mundo que Ele criou.

VERSÍCULO 10

utkrāmantaṁ sthitaṁ vāpi bhuñjānaṁ vā guṇānvitam
vimūḍhā nānupaśyanti paśyanti jñānacakṣuṣaḥ

Os iludidos não O percebem permanecendo ou partindo ou experimentando o mundo dos gunas. Aqueles cujos olhos de sabedoria estão abertos O veem.

Um homem comum, cujas percepções e cognições são uma matriz do funcionamento dos três gunas, não olha além das aparências superficiais e, portanto, não vê nenhum significado divino subjacente em sua vida. Ele não sabe de onde veio, por que está aqui ou para onde vai. Mistério atrás e morte à frente! Ainda assim, ele imagina que nenhuma investigação profunda da vida é necessária.

Pela meditação em Deus, o “olho único” da sabedoria do homem é aberto. Ele vê o Infinito no aparentemente finito e percebe que o Senhor é o único Fazedor, o único Poder.

É a atitude mortal do homem que é a causa da reencarnação. Assim que o devoto compreende, por experiência interior, que a vida é um drama onírico de Deus, ele deixa de reencarnar. Ele aprendeu a lição final da vida.

VERSÍCULO 11

yatanto yoginaś cainaṁ paśyanty ātmany avasthitam
yatanto 'py akṛtātmāno nainaṁ paśyanty acetasaḥ

Os iogues que lutam pela libertação o veem existindo em si mesmos; mas aqueles que não são purificados e indisciplinados são incapazes de percebê-Lo, mesmo quando lutam para fazê-lo.

Aqueles de zelo inabalável, que ignoram as tentações dos sentidos e que praticam continuamente yoga com espírito humilde, contemplam o Senhor como o Morador Interno. Mas os homens que apenas leem as escrituras como uma esperança de emancipação, que não tentam seguir as regras morais e que praticam métodos de yoga sem profundo interesse e devoção, não receberão os benefícios espirituais que esperam. Muitos estudantes de ioga realizam seus exercícios de maneira aleatória; então me pergunto por que eles não "chegam a lugar nenhum" e por que não conseguem sentir comunhão com o Infinito mesmo depois de uma meditação aparentemente séria.

A técnica de salvação é óctupla, conforme descrita por Patanjali. A emancipação é alcançada pela adesão estrita às regras de conduta prescritas pelas escrituras e pelo progresso através dos vários estágios do yoga, como segue:

—❖—

O CAMINHO ÓCTUPLO DO YOGA

(1) Yama, conduta moral: não ferir os outros, veracidade, não roubar, continência e não cobiça.

(2) Niyama: pureza do corpo e da mente, contentamento em todas as circunstâncias, autodisciplina, auto-estudo (contemplação) e devoção a Deus e ao guru.

(3) Asana: postura correta; a coluna vertebral deve ser mantida reta e o corpo firme em uma posição confortável para a meditação.

(4) Pranayama: controle da força vital (prana).

(5) Pratyahara: o poder de interiorizar a mente, desconectando-a dos telefones dos sentidos, desligando à vontade as mensagens das correntes nervosas.

(6) Dharana: meditação na qual o devoto é capaz de fixar sua mente interiorizada no som Aum, a manifestação primordial de Deus. (O homem escravizado pelos sentidos não possui nem controla sua mente; portanto, ele não pode se concentrar no Deus-Aum como o Espírito Santo ou Som Vibratório Cósmico. O iogue com uma mente disciplinada e interiorizada é capaz de oferecê-lo ao Senhor. ; nenhum outro é capaz de fazer essa oferta.)

(7) Dhyana: consciência cósmica; expansão esférica sem fim da consciência bem-aventurada; percepção de Deus como o Aum Cósmico reverberando por todo o universo.

(8) Samadhi: unidade da alma individualizada e do Espírito Cósmico.

O caminho óctuplo de Patanjali foi elaborado em I:4-6 e IV:28.

VERSÍCULO 12

yad adityagataṁ tejo jagad bhāsayate 'khilam
yac candramasi yac cāgnau tat tejo viddhi māmakam

A luz do sol que ilumina o mundo inteiro, a luz da lua e a luz do fogo – saiba que este brilho é Meu.

A Bíblia Cristã contém a seguinte passagem: “Deus disse: haja luz: e houve luz. E Deus viu a luz, que era boa.”13 O Senhor vibrou Sua consciência cósmica em luz sutil e achou-a boa, isto é, adequada para o propósito de criar o universo de energias coordenadas: gases, líquidos e sólidos – diferentes vibrações da Luz Única. A luz da energia vital inteligente, a Palavra, é a primeira manifestação da consciência cósmica na criação. Quando esta força divina vibra mais forte ou grosseiramente, ela se torna os elétrons, prótons e átomos da estrutura universal.

O sol, a lua e o fogo são compostos da luz mais densa de elétrons,

prótons e átomos, que por sua vez são feitos de energia cósmica. E a energia cósmica emana da consciência cósmica. Portanto, é a Mente do Espírito que se manifesta como o sol, a lua, o fogo e todos os outros objetos e forças do cosmos.

No microcosmo do homem, a consciência cósmica de Deus vibra, através da alma individualizada, como a luz astral no lótus de mil pétalas (“o sol”) que ilumina com vida todo o corpo (“o mundo”) através do seu reflexo (“ a lua”) nos chakras espinhais subsidiários e suas energias radiantes (“fogo”).14

Versículo 13

gāmāviśya ca bhūtani dhārayāmy aham ojasā
puṣṇāmi cauśadhīḥ sarvāh somo bhūtvā rasātmakaḥ

Permeando a terra com Minha refulgência, sustento todos os seres; tendo me tornado a lua aquosa, eu produzo todas as formas de plantas.

A luz onipresente do Espírito (ojas, o esplendor manifesto do poder criativo e da força vital cósmica do Senhor) faz evoluir todas as criaturas, formas e forças do universo e as sustenta pela manifestação contínua dessa luz. Se o feixe de luz de um cinema for retirado, as imagens na tela desaparecem automaticamente. Da mesma forma, se Deus retirasse o Seu feixe criativo de luz – como faz durante o período de dissolução cósmica – as cenas da vida na tela do espaço desapareceriam instantaneamente.

A terra, os seres vivos, a lua e a vida vegetal são mencionados juntos nesta estrofe para indicar seu relacionamento próximo. A luz de Deus cria o planeta, o lar das criaturas vivas; a lua, que rege a água e todos os outros fluidos, auxilia no crescimento da vegetação que nutre todos os seres.

A terra, as criaturas vivas, os raios lunares produtivos, as ervas e plantas – o lar, os devoradores, os objetos devorados – todos estes, desempenhando funções diferentes, são ainda manifestações da mesma luz cósmica.

De uma perspectiva metafísica mais profunda, a Palavra, Aum, ou

Vibração Criativa que se manifesta como luz e força vital é a energia que sustenta e vivifica todos os seres - mesmo as chamadas formas inanimadas estão vivas com o poder de Deus dentro de seus átomos.15 Manifestando-se através do elemental princípios da Natureza ou Prakriti (“a lua aquosa”), todas as formas (“plantas” – ramificações) passam a existir como raios diferenciados da única luz criativa de Deus.16

Especificamente, no homem, Deus como Natureza Cósmica e a alma como ego criam e sustentam o corpo, sendo o ego o conhecedor do corpo e de todos os fenômenos. Do ego vem a mente com seus potenciais sensoriais (“formas vegetais”) de cinco sentidos de percepção, cinco de ação e cinco objetos dos sentidos (os cinco elementos que, quando combinados, produzem sensação ou experiência de matéria grosseira aparecendo em sólido, fluido, luz e calor, ar ou gasoso e forma etérica).

Soma rasatmaka, “lua aquosa”, deriva da tradução literal geralmente adotada: “a lua (soma), cuja essência ou caráter é fluido ou sápido (rasatmaka)”, apoiando a observação válida do efeito da lua nas águas aquáticas da Terra. substâncias e crescimento das plantas. Interpretada à luz do Yoga, contudo, uma análise diferente torna-se óbvia. Soma, a lua, é a Natureza, cuja luz (ou elixir, soma) é o reflexo do Espírito. Dentro desta luz estão todos os princípios elementares da criação nascidos da Bem-aventurança (ananda, soma) do Espírito. Rasatmaka é a expressão microcósmica da Natureza, a alma senciente ou ego (a alma que é “diminuída” pela expressão através dos instrumentos limitados e limitantes da mente e dos sentidos), derivada de rasa, “senciente” (da raiz sânscrita ras, “sentir ou perceber"); e atma-ka, “a alma pequena ou diminuída”, isto é, o ego.

❖

Como as faculdades sensoriais nos chakras espinhais proporcionam a percepção do mundo relativo

❖

O homem, percebendo cenas da terra sólida, da água, do fogo ou de várias formas de luz, o movimento do ar causando o tremor das folhas, o vasto céu e os seres humanos conscientes do ego em ação, experimenta essas diferentes relatividades com as várias faculdades de sua cognição, de acordo com sua natureza mais grosseira ou

mais sutil. A terra, ou solidez, a expressão mais grosseira, é experimentada com todos os cinco sentidos — cada um dos quais tem sua origem sutil nos centros espinhais astrais, desde o chacra coccígeo ou terrestre até o chacra cervical ou etérico; em ordem crescente são olfato, paladar, visão, tato e audição. A água é aquilo que é verdadeiro para todos os sentidos, exceto o olfato. A luz, mais fina que a água tangível, é perceptível através dos sentidos da visão, do tato (através do calor) e da audição (o som ou a vibração são a propriedade última da luz e de toda manifestação) - o olfato e o paladar são vazios. O ar invisível é percebido através do tato e da audição (a visão agora também está ausente, exceto por inferência através do movimento causado pelo ar, como no movimento das folhas ou das nuvens). O céu, e todo o espaço que se estende até o infinito e é secretado até mesmo entre as menores partículas dos átomos, é etérico, a mais sutil das manifestações grosseiras, que só pode ser inferida como a tela vibratória ou pano de fundo para todas as manifestações cósmicas, perceptível apenas pelo som. dessa vibração como o Aum cósmico. Além dos objetos dos sentidos estão seus produtores-cognitores – as substâncias ainda mais refinadas – as mentes e os egos dos seres sencientes no drama cósmico.

Portanto, é evidente que embora os sólidos, os líquidos, o fogo e a luz (energia), o ar (força vital) e o éter, assim como a mente e o ego, sejam relatividades de uma essência, a consciência, ainda assim o conhecedor tem que percebê-los como mais grosseiros ou formas mais sutis de manifestação.17

❖

Percepção de formas mais sutis e grosseiras de manifestação dependentes de vários instrumentos da cognição humana

❖

Assim, embora o mundo objetivo dos cinco elementos, e a mente e o ego no homem, sejam todos relatividades da luz única da consciência cósmica de Deus, eles, no entanto, são percebidos de forma diferente - as formas mais grosseiras da matéria pelos sentidos e pela mente, e as formas mais refinadas da matéria formas da mente pelo ego. No iogue, o ego espiritualizado ou mais sutil é percebido por seu próprio meio mais sutil de conhecimento, a intuição que emana da alma. Este ego mais sutil, a jiva ou alma que se expressa através

do instrumento corporal, dá realidade à mente sutil. A mente sutil dá realidade aos sentidos mais grosseiros; e os sentidos mais grosseiros dão realidade aos objetos dos sentidos grosseiros. Conseqüentemente, a percepção da mente, a ação dos sentidos e a experiência dos objetos dos sentidos tornar-se-iam nulas sem a percepção do ego. Conseqüentemente, o ego mais sutil, identificado tanto com a alma quanto com o corpo, pode ser considerado o sustentador da mente mais grosseira e de suas percepções, cognições e interações com a matéria, a forma mais grosseira de criação.

É assim que o Espírito onipresente, supremamente sutil, sustenta, por Sua luz onipresente que emana da Consciência Cósmica, todas as formas sutis de consciência e todas as manifestações mais grosseiras da criação. Este raio invisível do Espírito dá realidade aos objetos inanimados e animados no filme cósmico, percebidos por vários instrumentos da cognição humana – ego, sentimento, intuição, mente e os sentidos.

Quando o iogue afasta sua mente e seus sentidos da percepção das diversas formas de matéria e repousa sua mente na Luz Onipresente de Deus, ele usa apenas seu único sentido de intuição cósmica e percebe o Absoluto Singular manifestado tanto como Deus quanto como criação.

VERSÍCULO 14

ahaṁ vaiśvānaro bhūtvā prāṇināṁ deham āśritaḥ
prāṇāpānasamāyuktaḥ pacāmy annaṁ caturvidham

Tendo me tornado Vaishvanara (poder ígneo), existo no corpo de criaturas vivas; e, agindo através de prana e apana, digeri os alimentos que são consumidos de quatro maneiras.

A luz cósmica de Deus está presente no sistema digestivo do homem como Vaishvanara, o poder ígneo da assimilação, que funciona em conjunto com o prana (a corrente vital cristalizadora e metabolizadora da digestão) e com apana (a corrente vital que elimina o veneno e a decomposição). Pela ação própria dessas duas correntes, o homem assimila “alimento”, nutrientes corporais necessários, de quatro tipos ou que devem ser ingeridos de quatro

maneiras diferentes: mastigando, sugando, lambendo e deglutindo.

Para o iogue isto tem um significado especial. Ele sustenta a vida corporal pela força vital destilada do “alimento” que é ingerido pela (1) mastigação (sólidos saudáveis); (2) sucção (líquidos puros); (3) lamber (“comido com a língua” – ver Khechari Mudra X:28); e (4) deglutição direta, sem necessidade de mastigar, sugar ou lamber (a “engolir” ou ingestão da força vital do oxigênio da respiração ou das correntes vitais internas através do Kriya Yoga).

É a vida cósmica presente na vida humana que é realmente responsável por todos os processos do corpo. A vida gananciosa e destemperada, nesta ou em uma vida anterior, afeta o funcionamento adequado das secreções glandulares e dos sucos digestivos, prejudicando a saúde. Quando a corrente da força vital do prana é perturbada, a corrente eliminatória do apana é automaticamente afetada, produzindo doenças no corpo.

❖

Curando o corpo com a força vital cósmica de Deus

❖

Em casos de problemas de saúde crónicos, em que os remédios habituais são claramente inadequados, só a fé profunda no poder ilimitado de Deus pode curar o doente. Os métodos comuns de cura aplicados a doenças físicas, como a indigestão, geralmente tomam nota apenas dos sintomas e não procuram a causa raiz – a força vital perturbada. Pelo poder vivificante da fé contínua de um devoto, o Senhor pode guiar a força vital que tudo cura para curar o corpo de qualquer doença de uma forma aparentemente milagrosa. O Gita está aqui sugerindo a todas as pessoas que sofrem de doenças crônicas ou incuráveis que busquem o socorro de Deus, que colocou dentro do homem o supremo poder de cura do prana.

Esta estrofe também indica que o Senhor é o Chefe de Cozinha invisível no corpo humano, que destila a força vital dos alimentos, do oxigênio e da luz do sol para nutrir o homem e fornecê-lo com energia. O homem é um ser atômico sustentado por átomos de energia destilados pela força divina desses “nutrientes” externos da vida. Todos os devotos devem reconhecer a sua dependência última de Deus para o seu bem-estar, e não confiar apenas em métodos menores de sustento e cura, que despertam apenas

parcialmente as forças vitais interiores. Pode chegar um momento em que remédios, dietas, jejum e outros métodos curativos serão inúteis sem, adicionalmente, a ajuda de Deus. A fé do homem pode despertar plenamente o poder interior supremo da cura divina. “Onde há vida (prana), há esperança.”

❖

Carregar todo o ser com força vital, mantendo o corpo como um templo sagrado sob o governo do Espírito

❖

Os verdadeiros iogues, pela prática do pranayama científico, como o Kriya Yoga, neutralizam e controlam a corrente cristalizadora do prana e a corrente eliminatória do apana, interrompendo assim o crescimento e sua concomitante decadência. Este controle do princípio vital carrega automaticamente todo o ser com força vital divina, mantendo o corpo como um templo sagrado sob o governo do Espírito. O bem-estar físico não é uma prioridade para os verdadeiros buscadores de Deus; eles não nutrem nenhum desejo egoísta pela vida física. Mas eles respeitam o corpo e se esforçam para mantê-lo puro, para que Deus possa ser adorado nele.

Jesus disse: “Não vos preocupeis com a vossa vida, com o que comereis.”18 Isto é, não se preocupem constantemente com as necessidades do corpo; coma para viver apenas para servir ao Senhor — não para satisfazer os caprichos do paladar, que produz doenças e sofrimento. Siga as leis de saúde da natureza com o pensamento de preservar o corpo para alcançar a realização divina. O homem nasceu para buscar o amor de Deus, uma meta que ele esqueceu devido às suas divagações emocionais em hábitos errados de vida.

Versículo 15

sarvasya cāhaṁ hṛdi saṁniviṣṭo mattaḥ smṛtir jñānam apohanaṁ ca vedaiś ca sarvair aham eva vedyo vedāntakṛd vedavid eva cāham

Além disso, estou sentado no coração de todos os seres; e de Mim vêm a memória e o conhecimento, bem como a sua perda. Em verdade, eu sou Aquilo que deve ser conhecido através dos Vedas; na verdade, eu sou o Conhecedor dos Vedas e o Autor do Vedanta.

Deus não é apenas a vida, a mente, os sentidos, a alma e o ego no homem - como declarado nas estrofes anteriores - Ele também é o poder do sentimento no coração, que determina a maneira como os seres humanos reagem ao seu contato com os objetos de os sentidos. Ele capacita a memória pela qual as percepções e cognições são reunidas e mantidas e, portanto, conectadas umas com as outras na acumulação de conhecimento. E Ele também é o maya, a hipnose cósmica ilusória, que distorce os potenciais divinos do sentimento puro, da memória e da compreensão, causando sua "perda" em gostos e desgostos emocionais, equívocos e ignorância, que humilham a alma.

Os seres iludidos apegam-se aos seus instrumentos corporais e personalizam todas as suas experiências, tentando dobrá-las de acordo com suas próprias inclinações, sem perceber que o Senhor é o único dramaturgo. No entanto, são os próprios atores que escolhem os papéis que irão interpretar.

O devoto abraça os papéis que levam à libertação. Ele se esforça para sintonizar-se com Deus e, pelo êxtase, libertar-se dos pares de opostos enlouquecedores e miseráveis que enfrenta no palco da vida. Ele percebe que, embora as representações da limitação da percepção humana, da memória e das emoções emaranhadas do coração sejam parte do drama de Deus, elas perdem sua realidade e se prendem a ele quando, por sentimento puro, lembrança divina e sabedoria, ele se reidentifica com seu verdadeiro Auto. A pessoa comum, imersa em sua existência hipnotizada por maya, permanece na ignorância, considerando-se um ser físico. O devoto emancipado vive na memória desperta de sua Divindade.

O iogue que é um com Deus onipresente o vê sentado em todos os homens no coração, na memória e nos poderes de percepção, não apenas confundindo os mortais através da distorção desses poderes por maya, mas também dissolvendo esses estados ilusórios de consciência nas almas auto-

realizadas.

Deus é a Essência de Todo o Conhecimento. Ele é a Fonte de toda a sabedoria dos Vedas e do Vedanta (Upanishads) – o Conhecedor Onisciente de toda a verdade a ser conhecida (Vedanta) e o Autor desse conhecimento completo (Vedanta). Ele dirige os processos de todas as formas de cognição humana; Ele é a consciência de todos os seres sencientes: anjos, divindades, iogues, homens comuns, duendes, animais e todas as outras formas de vida.

O Senhor conhece todos os estados da alma à medida que ela desce do Espírito para a forma humana. Ele conhece todas as percepções da alma presa ao corpo, todas as suas experiências sensoriais e motoras durante o estado de ilusão. Ele conhece também as percepções de uma alma à medida que ela sobe de volta à Sua presença libertadora.

Assim como todas as ondas dançam no seio do mar, todos os processos perceptivos de todas as criaturas sencientes ocorrem dentro de Deus, dentro de Sua consciência ininterrupta. A Onisciência Infinita está consciente de cada ondulação de percepção e vibração que atua no seio oceânico de Seu ser.

O Espírito Supremo: Além do Perecível e do Imperecível

Versículo 16

dvāv imau puruṣau loke kṣaraś cākṣara eva ca
kṣaraḥ sarvāṇi bhūtāni kūṭastho ’kṣara ucyate

Existem dois Seres (Purushas) no cosmos, o destrutível e o indestrutível. As criaturas são destrutíveis, o Kutastha é o indestrutível.

Esta estrofe refere-se a Prakriti, a Natureza Cósmica em constante mudança e sua hoste de criaturas; e para Kutastha, ou a Inteligência Divina imutável que informa o universo.

VERSÍCULO 17

uttamaḥ puruṣas tv anyaḥ paramātmety udāhṛtaḥ
yo lokatrayam aviśya bibharty avyaya īśvaraḥ

Mas existe Outro, o Ser Mais Elevado, denominado "Espírito Supremo" – o Senhor Eterno que, permeando os três mundos, os sustenta.

Os Vedas falam de Sat-Tat-Aum, que na Bíblia cristã é chamado de Pai, Filho e Espírito Santo. A estrofe anterior do Gita mencionou o aspecto Aum (Prakriti ou a força vibratória invisível, o Espírito Santo) e o aspecto Tat (Kutastha ou o Filho, o Krishna ou Consciência Crística na criação). A estrofe 17 refere-se ao aspecto Pai ou Sat da Realidade (Consciência Cósmica, o Absoluto que se torna Deus, o Pai da Criação), Ishvara. Ele é o Eu Supremo, o Espírito Supremo, a Causa transcendental de tudo. Embora Ele seja imanente à criação, Ele não é revelado pela Natureza nem cognoscível pelo homem até que o devoto ultrapasse os reinos vibratórios da mudança.

Os "três mundos" são o físico, o astral e o ideacional.

VERSÍCULOS 18–20

yasmāt kṣaram wrap 'ham akṣarād api cottamaḥ
ato 'smi loke vede ca prathitaḥ puruṣottamaḥ (18)

yo mām evam asammūḍho jānāti puruṣottam
sa sarvavid bhajati māṁ sarvabhāvena bhārata (19)

iti guhyatamaṁ śāstram idam uktaṁ mayānagha
etad buddhvā buddhimān syāt kṛtakṛtyaś ca bhārata (20)

(18) Eu (o Senhor) estou além do perecível (Prakriti) e também sou superior ao imperecível (Kutastha). Portanto, nos mundos e no Veda (a percepção intuitiva das almas não iludidas), sou proclamado Purushottama, o Ser Supremo.

(19) Todo aquele que, livre da ilusão, Me conhece assim como o Espírito Supremo, conhece tudo, ó Descendente de Bharata (Arjuna). Ele me adora com todo o seu ser.

(20) Com isto, ó Imaculado (Arjuna), eu te ensinei esta sabedoria mais profunda. Compreendendo isso, um homem se torna um sábio, alguém que cumpriu com sucesso todos os seus deveres e ainda assim continua em ações obedientes.

Somente através da percepção intuitiva da realização divina (veda, "conhecimento verdadeiro") o Senhor Supremo pode ser conhecido. Quando o homem mortal alcança a libertação da ilusão, ele se torna onisciente: ele vê a Luz cósmica Onipresente saindo da Realidade Única, seu brilho dançando dentro de todas as coisas em suas atividades informativas. O pequeno mortal, agora um Deus-homem, é envolvido por um deleite inefável. Sua alma, seu coração, sua mente com todos os seus instrumentos e os próprios átomos de seu ser, todos se regozijam com inúmeras expressões de adoração – pois tudo o que se apresenta é um altar do Espírito.

O devoto imaculado, cuja intuição se expandiu para a consciência cósmica com a revelação do funcionamento imanente oculto do Espírito transcendente, atingiu o Último. Ele não é mais um enganado pela ilusão sobre quem as ações são impostas. Abrigado na sabedoria, ele age livremente através dos instrumentos da Natureza dados por Deus, sem a subsequente escravidão causada pela motivação egoísta. Nele, o funcionamento da Natureza são manifestações do dever cumprido com sucesso, e o dever continua a ser oferecido em serviço altruísta como atos de devoção a Deus: (krita-kritya, "o que foi feito e o que deve ser feito"). Ele é um exemplo de realização suprema e da arte de realizar: unido a Deus em êxtase transcendental e divinamente ativo no reino obediente do Espírito Manifestado.

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
puruṣottamayogo nāma pañcadaśo 'dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o décimo quinto capítulo, chamado "União com o Espírito Supremo".

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO XVI

ABRAÇANDO O DIVINO E EVITANDO O DEMONÍACO

❖

As qualidades da alma que tornam o homem semelhante a Deus

❖

A natureza e o destino das almas que evitam o Divino

❖

A Tríplice Porta do Inferno

❖

A Compreensão Correta da Orientação Bíblica para a Conduta da Vida

ॐ

"As qualidades [sáttvicas] são todas atributos divinos de Deus; eles constituem a riqueza espiritual do homem. Um buscador de Deus deve se

esforçar para obter todos eles. Quanto mais ele manifesta essas virtudes, mais reflete a verdadeira imagem interior de Deus na qual foi feito. Ele sempre mantém diante de suas aspirações os critérios da Suprema Perfeição. Cristo disse: ‘Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.’”

OceanoofPDF. com

Capítulo XVI

Abraçando o Divino e evitando o Demoníaco

As qualidades da alma que tornam o homem semelhante a Deus

Versículos 1–3

śrībhagavan uvāka
abhayaṁ sattvasaṁśuddhir jñānayogavyavasthitiḥ
danaṁ damaś ca yajñaś ca svādhyāyas tapa ārjavam (1)

ahiṁsā satyam akrodhas tyāgaḥ śāntir apaiśunaṁ
dayā bhūteṣv aloluptvaṁ mārdavaṁ hrīr acāpalam (2)

tejaḥ kṣamā dhṛtiḥ śakam adroho nātimanita
bhavanti saṁpadaṁ daivīm abhijātasya bhārata (3)

O Bendito Senhor disse:
(1) Destemor, pureza de coração, perseverança na aquisição de sabedoria e na prática de yoga, caridade, subjugação dos sentidos, realização de ritos sagrados, estudo das escrituras, autodisciplina, franqueza;

(2) Não-agressão, veracidade, liberdade da ira, renúncia, paz, não calúnia, compaixão por todas as criaturas, ausência de ganância, gentileza, modéstia, falta de inquietação;

(3) Caráter radiante, perdão, paciência, limpeza, liberdade de ódio, ausência de vaidade – essas qualidades são a riqueza de uma pessoa com inclinações divinas, ó Descendente de Bharata.

Os porta-vozes divinos sempre falam em termos absolutos, não para descrever o que está além do aspirante a devoto, mas como uma medida de esforço. O Capítulo XVI cita as qualidades sáttvicas ou boas que levam os devotos à Auto-realização e aponta as tendências tamásicas ou más que incapacitam os homens para alcançar a divindade. As estrofes 1–3 listam vinte e seis qualidades enobrecedoras, como segue:

1. O destemor (abhayam) é mencionado primeiro porque é a rocha inexpugnável sobre a qual a casa da vida espiritual deve ser erguida. Destemor significa fé em Deus: fé em Sua proteção, Sua justiça, Sua sabedoria, Sua misericórdia, Seu amor, Sua onipresença.

O devoto espiritualmente intrépido está poderosamente armado contra qualquer inimigo que obstrua o avanço. A descrença e a dúvida, a primeira linha de ataque da ilusão, são sumariamente derrotadas pela fé destemida, assim como os desejos e todas as suas tentações que blefam com ameaças de infelicidade se não forem abraçados.

O medo rouba do homem a indomabilidade de sua alma. Perturbando o funcionamento harmonioso da Natureza que emana da fonte do poder divino interior, o medo causa distúrbios físicos, mentais e espirituais. O susto extremo pode até parar o coração e causar morte súbita. Ansiedades prolongadas dão origem a complexos psicológicos e nervosismo crônico.

O medo liga a mente e o coração (sentimento) ao homem externo, fazendo com que a consciência seja identificada com o nervosismo mental ou físico, mantendo assim a alma concentrada no ego, no corpo e nos objetos do medo. O devoto deve descartar todas as dúvidas, percebendo que são pedras de tropeço que impedem a sua concentração na paz imperturbável da alma.

Nos tempos antigos, na Índia, e também na tradição cristã, era costume que os sábios procurassem residência solitária nas florestas, desertos ou montanhas para meditação ininterrupta. Essas áreas remotas, livres de invasões civilizadas, eram o habitat natural de criaturas como cobras, escorpiões e animais selvagens predadores. Na Índia, mesmo na época atual, crescemos com histórias inspiradoras de relatos de testemunhas oculares de santos reclusos, cujos únicos companheiros eram cobras e

escorpiões que buscavam placidamente calor contra o corpo do santo, ou tigres temíveis que se transformavam em “gatos”. E quem não se emocionou com a lenda de São Francisco de Assis que domou a luxúria sangrenta do lobo de Gubbio? As feras estão conscientes das vibrações divinas que emanam dos santos. Como os santos conhecedores de Deus veem o Senhor em tudo — não na imaginação, mas na realização — eles não abrigam medos nem despertam medo defensivo no reino das criaturas do Senhor.

Para os não iluminados, o melhor conselho é a cautela juntamente com a coragem – destemor de espírito, sem se expor precipitadamente a riscos desnecessários ou a condições que possam despertar apreensões. A todos são dadas amplas oportunidades, sem criá-las deliberadamente, para demonstrar coragem e provar o poder da fé.

A morte é talvez o maior desafio da fé no homem mortal. O medo dessa inevitabilidade é tolice. Acontece apenas uma vez na vida; e depois que ela chega, a experiência termina, sem ter afetado nossa verdadeira identidade ou diminuído de forma alguma nosso ser real.

A doença também é um desafio lançado aos pés da fé. Uma pessoa doente deve tentar sinceramente livrar-se da sua doença. Então, mesmo que os médicos proclamem que não há esperança, ele deve permanecer tranquilo, pois o medo fecha os olhos da fé à onipotente e compassiva Presença Divina. Em vez de ceder à ansiedade, ele deveria afirmar: “Estou sempre seguro na fortaleza do Teu amoroso cuidado”. Um devoto destemido, sucumbindo a uma doença incurável, concentra-se no Senhor e fica pronto para a libertação da prisão corporal para uma gloriosa vida após a morte no mundo astral. Assim, ele avança para mais perto do objetivo da libertação suprema em sua próxima vida. Um homem que morre aterrorizado, tendo entregado ao desespero a sua fé em Deus e a lembrança da sua natureza imortal, carrega consigo para a sua próxima encarnação aquele padrão sombrio de medo e fraqueza; esta marca pode muito bem atrair para ele calamidades semelhantes – uma continuação de uma lição cármica ainda não aprendida. O devoto heróico, entretanto, embora possa perder a batalha contra a morte, ainda assim vence a guerra da liberdade.

Todos os homens devem compreender que a consciência da alma pode triunfar sobre qualquer desastre externo.

Quando os medos subconscientes invadem repetidamente a mente, apesar da forte resistência mental da pessoa, isso é uma indicação de algum padrão cármico profundamente arraigado. O devoto deve esforçar-se ainda mais para desviar a sua atenção, infundindo na sua mente consciente pensamentos de coragem. Além disso, e mais importante, ele deveria confiar-se completamente nas mãos confiáveis de Deus. Para estar apto para a Auto-realização, o homem deve ser destemido.

2. Pureza de coração (sattva-samshuddhi) significa transparência para a verdade. A consciência deve estar livre das distorções do apego e da repulsa aos objetos dos sentidos. Gostos e desgostos por coisas externas contaminam o coração com vibrações grosseiras. O coração ou chitta não deve ser influenciado pelos pares de opostos; só assim poderá entrar na bem-aventurança divina da meditação. Jesus diz: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.”1

3. A firmeza na busca da sabedoria e na prática do yoga (jnana yoga vyavasthiti) é essencial para alcançar a libertação. Em sua vida diária, o devoto deve aplicar a sabedoria dada pelo guru ou pelas escrituras e deve mergulhar na paz que nasce da prática regular das técnicas de yoga. A sabedoria protege o devoto, pela razão e percepção corretas, de cair nas profundezas da ignorância e dos prazeres sensoriais.

4. A esmola (dana) ou caridade é meritória. Expande a consciência. O altruísmo e a generosidade ligam a alma do doador generoso à presença de Deus dentro de todas as outras almas. Destrói a ilusão de propriedade pessoal neste drama onírico da vida, cujo único possuidor é o Sonhador Cósmico. A generosidade da terra nos é meramente emprestada por Deus. Aquilo que Ele nos deu é usado judiciosamente quando atende às necessidades e remove o sofrimento de nós mesmos e dos outros. O verdadeiro devoto deseja espontaneamente, a partir de seu coração expandido, compartilhar com outros suas posses, conhecimento e percepção da alma. Seu altruísmo é o alcance natural daqueles que amam a Deus e

percebem Sua onipresença imanente. Jesus chorou pelos ignorantes, pelos pobres e pelos aflitos porque viu Deus sofrendo neles. Aqueles cujos sentimentos se tornaram universais com amor e compaixão dão as suas vidas e tudo o que têm a serviço de Deus e dos Seus filhos.

Conceder dinheiro a pessoas pobres que o usarão para se prejudicarem, comprando bebidas alcoólicas em vez de pão, encoraja o pecado. Da mesma forma, pérolas de sabedoria não devem ser lançadas diante de homens mentalmente rebeldes e insensíveis. Mas o devoto discriminativo que partilha sabiamente a sua riqueza, conhecimento e tesouros espirituais em benefício daqueles que são necessitados, dignos e receptivos, prepara-se para a libertação.

5. Autocontrole (dama) é o poder de controlar os sentidos quando eles são excitados pelas sensações agradáveis da visão, audição, olfato, paladar ou tato. Um devoto que domina seus sentidos está pronto para a emancipação. Aquele que sucumbe às tentações permanecerá enredado nos objetos dos sentidos, muito distante do conhecimento da alma. Cada indulgência em qualquer forma de atração sensorial reforça o desejo por essa experiência. A repetição leva à formação de maus hábitos quase inabaláveis.

6. Os ritos religiosos (yajnas) são prescritos pelos Vedas e outras grandes escrituras. Um devoto, de acordo com seu estado de desenvolvimento, pode realizar o rito físico simbólico de derramar manteiga clarificada no fogo, ou o rito mental de queimar desejos errados nas chamas da sabedoria, ou o rito espiritual do iogue de consumir a inquietação humana no fogo da sabedoria. êxtase da alma.

Em última análise, toda a vida de uma pessoa deve ser um yajna, com cada pensamento e ato purificado por um coração devoto e oferecido como oblação a Deus.

7. O estudo correto das escrituras (svadhyaya) leva à emancipação. Um verdadeiro devoto não sofre de indigestão mental como aquele que se empanturra de conhecimentos bíblicos sem compreender seu significado e sem assimilá-los em sua vida. O estudo teórico é útil quando inspira um devoto a praticar os ensinamentos sagrados. Os pensamentos de sabedoria

são guias e protetores fiéis quando se tornam companheiros constantes.

Em todas as épocas tem havido conflito entre conhecedores teóricos das escrituras – os sacerdotes profissionais – e homens de verdadeiro discernimento espiritual. Os pedantes que carecem de realização interior, mas que se vangloriam da sua erudição, muitas vezes têm inveja e perseguem os homens de Deus que vivem a verdade. Assim, Jesus encontrou oposição da hierarquia dos fariseus, e muitos santos na Índia foram maltratados por eruditos, como foi o divino Sri Chaitanya.

A redenção não vem daquilo que se conhece intelectualmente, mas daquilo que se torna como resultado desse conhecimento. Deve haver uma conexão racional entre o aprendizado de alguém e ele mesmo, para que uma verdade se torne uma parte tão integrante do ser que não possa ser desalojada por tentações ou dúvidas contrárias. Isso é aprendizado intuitivo ou realização.

8. A autodisciplina (tapas) inclui o celibato, a restrição do apetite e vários métodos de treinar o corpo para suportar o frio, o calor e outros desconfortos sem a habitual agitação mental. Se praticadas com discriminação e determinação correta, essas mortificações ajudam o devoto a sintonizar seu corpo e mente com as vibrações espirituais.

Autodisciplina é diferente de autotortura. O objectivo das tapas não é servido por exposições surpreendentes, como “faquires” em camas de pregos afiados. O propósito profundo das tapas é mudar no homem o seu “mau gosto” em preferir os prazeres dos sentidos transitórios à bem-aventurança eterna da alma. Alguma forma de autodisciplina é necessária para transmutar desejos materiais em aspirações espirituais. Através de tapas e da meditação, o devoto estabelece um padrão de comparação entre os dois tipos de prazer: físico e mental, por um lado, e espiritual, por outro.

Uma pessoa habitualmente preguiçosa que é forçada a se tornar diarista sente um sofrimento corporal desconhecido para aqueles que estão acostumados ao trabalho duro. Da mesma forma, o devoto que se obriga a seguir um caminho de abnegação sente, no início, sofrimento físico e mental. Ignorando a rebelião do seu ego identificado com o corpo, ele deveria acostumar-se gradualmente à vida extenuante de um atleta

espiritual. À medida que continua as ações purificatórias de tapas, ele não encontra o tormento que temia, mas profunda paz e alegria.

Quando o homem saboreia, pelo menos uma vez, as alegrias superiores do céu interior, ele percebe seu erro de julgamento passado. Ele agora se encontra dominado pela felicidade. Os seres humanos nunca podem ficar satisfeitos, mesmo experimentando todos os deleites sensoriais possíveis, que eles erroneamente buscam na esperança de encontrar a bem-aventurança de sua alma perdida.

Austeridade, abnegação, renúncia, penitência: tudo são meios, não fins. O verdadeiro objetivo é recuperar através deles o reino infinito do Espírito. Assim como um homem pobre fica feliz em descartar seus trapos quando fica rico, o buscador de Deus bem-sucedido, ao entrar no mundo da bem-aventurança, rejeita com júbilo todos os apegos materiais mesquinhos.

9. A franqueza (arjavam) é uma qualidade dos homens honrados. Denota sinceridade. Os olhos que vêem Deus são honestos e ingênuos. Aquele que está livre do engano pode contemplar a Inocência Total.

Um dissimulador está fora de sintonia com o universo. Escondendo motivos egoístas sob o pretexto de altruísmo, fazendo falsas promessas, ferindo outros enquanto finge ser amigo deles, um hipócrita convida o desastre da lei cósmica.

O aspirante a devoto se esforça para se livrar da astúcia e da corrupção. Para recuperar o sahaja ou estado natural do seu verdadeiro ser, ele se torna tão aberto e sincero quanto o sol.

10. A não-lesão (ahimsa) é exaltada nas escrituras hindus. Um dos Dez Mandamentos da Bíblia é: “Não matarás.”2 A proibição refere-se à destruição gratuita de qualquer uma das criaturas de Deus: seres humanos, animais, plantas. Mas a economia universal está organizada de tal forma que o homem não pode viver sem “matar” vegetais para se alimentar. Os esquimós não podem viver sem comer carne de foca. Quando se trata de uma questão urgente de sobrevivência, um homem tem justificativa para salvar a sua vida mais valiosa matando peixes e animais, que são manifestações menores da Divindade. Todos os dias, milhões de bactérias

morrem no corpo do homem. Ninguém pode beber qualquer líquido ou respirar o ar sem destruir muitas formas microscópicas de vida (e às vezes esses organismos respondem da mesma forma).

No Mahabharata, ahimsa é referido como “virtude inteira” (sakalo dharma). Se a justiça for assim o critério, a negligência na ação para defender as leis eternas de justiça de Deus pode ser a causa de mais danos do que qualquer dano não malicioso resultante de um ato de obstrução do mal. Método e motivo são muitas vezes elementos decisivos na balança da Justiça Divina.

Durante uma visita ao ashram de Mahatma Gandhi em 1935, perguntei ao profeta da não-violência a sua definição de ahimsa. Ele respondeu: “Evitar danos a qualquer criatura viva em pensamento ou ação.” Um homem não-violento não dá nem deseja prejudicar ninguém intencionalmente. Ele é um paradigma da regra de ouro: “Faça aos outros o que gostaria que fizessem a você.”3

11. A verdade (satya) é a pedra fundamental do universo. “Os mundos são construídos sobre a verdade”, diz o Mahabharata. Os homens e as civilizações permanecem ou caem de acordo com a sua atitude em relação à verdade.

Uma pessoa honesta é espontaneamente admirada por todos os homens de bom pensamento. As escrituras hindus, contudo, salientam que um devoto cujo ideal é a verdade deve sempre exercitar o julgamento e o bom senso antes de falar. Não basta apenas dizer a verdade; as palavras de alguém também devem ser doces, curativas e benéficas para os outros. Declarações dolorosas, por mais precisas que sejam, geralmente são melhores se não forem ditas. Muitos corações foram partidos e muitas vidas foram destruídas por verdades ditas por outros inoportunamente. Um sábio observa cuidadosamente seu discurso, para não ferir aqueles que ainda não estão prontos para ouvir e lucrar com suas observações verídicas.

Os Vedas mencionam três tipos de verdade. Todos os valores relativos ao homem e à Natureza são verdades relativas (vyavaharika). Estes influenciam os seres humanos durante o estado de vigília (jagrat), que é essencialmente mutável, sempre em fluxo.

Todos os valores relativos aos sonhos comuns do homem durante o sono (estado svapna), quando ele está em contato com sua mente subconsciente que evoca imagens na forma de fenômenos astrais, são verdades imaginárias (pratibhasika). Eles têm uma certa validade, mas apenas em seu próprio domínio restrito, que é muito mais fugaz, vago e ambíguo do que o mundo da matéria que o homem percebe no estado de vigília.

Durante o sono profundo e sem sonhos (sushupti), e na meditação samadhi do iogue, o homem permanece em sua verdadeira natureza, a alma, e conhece a Verdade Absoluta (Paramarthika).

É um erro pensar que as pessoas comuns nunca estão em comunhão com Deus ou com a Verdade Suprema. Se todos os homens não passassem ocasionalmente para o estado de sono profundo e sem sonhos, mesmo que apenas por um período de minutos, eles não poderiam viver. A pessoa comum não tem lembrança consciente das experiências de sua alma; mas, como parte do Todo Universal, de tempos em tempos ele deve reabastecer seu ser com a Fonte da Vida, do Amor e da Verdade.

Ao honrar o princípio da verdade em seus pensamentos, palavras e ações, o devoto se coloca em sintonia com a criação e com o Criador. Em maior ou menor grau, todas as pessoas que encontram tal santo são elevadas por suas vibrações harmoniosas. O verdadeiro homem de Deus está livre das dolorosas dualidades e contradições da relatividade e está apto, finalmente, a entrar no refúgio final da Verdade Absoluta.

12. A ausência de ira (akrodha) é o caminho mais rápido para a paz de espírito. A raiva é causada pela obstrução dos desejos da pessoa. Um homem sem desejos não tem raiva. Aquele que não espera nada dos outros, mas que olha para Deus em busca de todas as realizações, não pode sentir ira para com os seus semelhantes ou decepção com eles. Um sábio fica satisfeito em saber que o Senhor está governando o universo e nunca considera que algo foi feito de errado. Ele está livre de raiva, animosidade e ressentimento.

Este é um mundo de relatividade, e os santos às vezes adaptam as suas ações às circunstâncias. Eles podem fazer uma demonstração ousada ou mesmo feroz de justa indignação se tal conduta parecer capaz de dissuadir

homens maus de ferir pessoas inocentes. Mas os sábios não sentem ódio por ninguém, por mais perverso e ignorante que seja. Um homem de Auto-realização pode simular a ira por um longo ou curto período de tempo e então retornar num instante à sua calma e benevolência habituais.

A raiva de um homem comum também não pode ser rejeitada à vontade e num instante. Somente o coração purificado de um devoto que está livre dos desejos mundanos é verdadeiramente incapaz de abrigar a raiva.

O "perturbador da paz" mais comum nas famílias e entre as nações é a ira. Um homem propenso à raiva é evitado e muitas vezes odiado por seus associados. As freqüentes explosões de raiva têm um efeito negativo sobre a saúde e muitas vezes levam à violência. Cedendo cegamente à raiva, inúmeros homens cometeram crimes que levaram à prisão ou à sentença de morte. Por uma questão de autopreservação, mesmo que não por uma razão superior, a maioria das pessoas tenta aprender a ter prudência e controlar a raiva.

13. A renúncia (tyaga) é o caminho sábio trilhado pelo devoto que voluntariamente abandona o menor pelo maior. Ele abandona os prazeres dos sentidos passageiros em prol das alegrias eternas. A renúncia não é um fim em si mesma, mas abre o terreno para a manifestação das qualidades da alma. Ninguém deveria temer os rigores da abnegação; as bênçãos espirituais que se seguem são grandes e incomparáveis.

Envolver-se em ações sem desejar seus frutos é o verdadeiro tyaga. Deus é o Divino Renunciante, pois Ele realiza todas as atividades do universo sem apego a elas. Qualquer pessoa que aspire à Auto-realização – seja ele um monástico ou um chefe de família – deve agir e viver para o Senhor, sem estar emocionalmente envolvido no Seu drama da criação.

14. A paz (shanti) é uma qualidade divina. Um verdadeiro iogue, unido à "paz de Deus, que excede todo o entendimento",4 é como uma linda rosa, espalhando ao seu redor a fragrância da tranquilidade e da harmonia.

Tudo no mundo fenomenal demonstra atividade e mudança, mas a tranquilidade é a natureza de Deus. O homem, como alma, tem dentro de si a mesma natureza de calma. Quando em sua consciência ele consegue

nivelar e acalmar os três estados mentais de convulsão - as ondas de tristeza e alegria e as quedas de indiferença entre elas - ele percebe dentro de si o oceano plácido da calma espiritual da alma expandindo-se no mar ilimitado de tranquilidade em Espírito.

15. A ausência de crítica e calúnia (apaishunam) acelera a evolução espiritual, libertando a mente da concentração nas fraquezas dos outros para se concentrar totalmente no trabalho a tempo inteiro de melhorar a si mesmo. Uma pessoa que, como um detetive, está ocupada observando as deficiências dos outros, obtém uma falsa convicção de superioridade – seja de que ele próprio está livre dessas manchas ou de que está qualificado para avaliar os outros. Uma pessoa crítica raramente aperfeiçoa sua própria vida.

Um crítico habitual é como uma mosca que pousa nas feridas morais dos outros. Um verdadeiro devoto, como uma abelha, sorve o mel das boas qualidades do coração de seus companheiros. Jesus disse: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o julgamento que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que medirdes, será medido novamente para vós. E por que vês o argueiro que está no olho do teu irmão, mas não reparas na trave que está no teu próprio olho? Ou como dirás ao teu irmão: Deixa-me tirar o cisco do teu olho; e eis que há uma trave no teu olho? Hipócrita, tire primeiro a trave do seu olho; e então verás claramente para tirar o cisco do olho do teu irmão.”5

Os depreciadores mal-intencionados – fofoqueiros e caluniadores – abraçam a falsa noção de que podem tornar-se mais altos cortando a cabeça dos outros. Pelo contrário, não há maior diminuição de caráter do que em tal comportamento. Os caluniadores ofendem a Deus nos outros e em si mesmos. Os virtuosos, despretensiosamente, elevam os outros junto com sua própria ascensão a alturas acima das pequenas maldades de seres inferiores.

Uma pessoa que sente prazer em caluniar e caluniar nunca conhece a felicidade de ajudar os outros através de conselhos sábios e encorajamento. A denúncia desencoraja e irrita o transgressor. Em seus corações, a maioria dos homens está ciente de suas enfermidades e feridas morais. Estes não podem ser curados por irritantes cáusticos de castigo, mas apenas pelo

bálsamo calmante do amor.

Ninguém confia naqueles que espalham o mal em vez do bem: os fofoqueiros, os intrometidos, os detectores das fragilidades dos outros. O Senhor não expõe publicamente as deficiências de ninguém, mas dá a todos os homens uma consciência e a oportunidade de se corrigirem na privacidade da sua alma.

Jesus aconselhou os pretensos executores de uma adúltera, quando estavam prestes a apedrejá-la: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire uma pedra.”6 Os acusadores, lembrando-se das suas próprias transgressões, fugiram. Pessoas de grande coração estão sempre prontas, como Cristo, para libertar o pecador pelo amor e poupar a condenação.

16. A compaixão por todos os seres (daya) é necessária para a realização divina, pois o próprio Deus transborda desta qualidade. Quem tem um coração terno pode colocar-se no lugar do outro, sentir o seu sofrimento e tentar aliviá-lo. Com daya, a lei de “olho por olho e dente por dente” e as severas exigências do carma são modificadas.

Se o Senhor não demonstrasse misericórdia e não concedesse anistias especiais e liberdades divinas contra o pecado, Seus filhos errantes sofreriam indefinidamente, vida após vida cansativa. Desde que um homem tente, por meio da autodisciplina, remover a enorme carga de seus erros passados, Deus vem em seu socorro. Quando Ele sente que Seu filho está suficientemente arrependido de suas ofensas, Ele destrói instantaneamente as antigas trevas do pecado, manifestando a luz libertadora de Sua presença.

Gautama Buda foi uma encarnação da misericórdia. Conta-se que ele até ofereceu a própria vida para salvar uma cabra que havia sido preparada para o sacrifício. O rei que realizava o rito poupou a vida do animal e tornou-se um seguidor devoto do “Iluminado”.

O pai humano, se for totalmente guiado pelo princípio masculino da razão, julgará a culpa do seu filho de acordo com a lei. Mas a mãe, repleta da ternura do sentimento feminino, é um símbolo da compaixão divina; ela perdoará o filho mesmo que ele seja um assassino. Os devotos encontram profusa remissão de pecados ao adorar a Deus como a sempre

misericordiosa Mãe Divina, em vez de como o Juiz Divino de mentalidade matemática que dispensa justiça por meio da lei cármica.

17. A não-cobiça, a ausência de ganância (aloluptvam) é possuída por alguém que domina os seus sentidos e, portanto, não nutre desejos por prazeres grosseiros e objetos materiais. A ausência de ganância e inveja são características dos verdadeiros devotos, aqueles cujas mentes estão absortas nas alegrias interiores. Em comparação, o mundo não tem nada a oferecer.

18. Gentileza (mardavam) é caracterizada pela paciência espiritual. Deus é sempre gentil com Seus filhos que erram e, sem se ofender, permanece quieto quando eles O insultam ou ignoram. Todos os homens que estão em sintonia divina são gentis e tolerantes. Uma pessoa gentil atrai amigos na terra e também, mais importante ainda, atrai o Senhor, o Amigo de Todos os Amigos. Um homem espiritualmente paciente não sente má vontade para com ninguém, mesmo contra os mais perversos.

19. Modéstia (hri) é o poder de sentir vergonha de qualquer erro e de estar disposto a corrigir-se. Um homem complacente é imodesto e desenvolve um complexo de superioridade. Os devotos que exageram suas realizações espirituais desistem de uma busca profunda pela Auto-realização. Um buscador humilde conquista a atenção do tímido e modesto Deus Todo-Poderoso.

As escrituras ensinam que a modéstia em relação ao corpo é um ornamento especial para as mulheres. Mas quando vejo hoje alguma grosseria entre meninos e meninas, digo que a modéstia é uma qualidade muito necessária para ambos os sexos. O comportamento descarado atrai companheiros errados que satisfazem sua luxúria e depois abandonam aquele que usaram erroneamente. A pureza da modéstia atrairá a sua própria espécie virtuosa.

A modéstia como sentimento de vergonha espiritual é a marca de uma pessoa sensível que reconhece facilmente seus defeitos quando estes lhe são apontados. Envergonhado, ele os erradica. Um homem pouco desenvolvido na delicadeza da alma é rebelde, sarcástico ou indiferente quando aconselhado a corrigir seus hábitos. O verdadeiro devoto é sempre modesto,

aspirando alcançar Deus removendo todas as suas imperfeições mortais seguindo o conselho de seu guru ou de outros superiores espirituais.

A capacidade de sentir vergonha é uma qualidade enobrecedora porque eventualmente leva o buscador da verdade a perceber plenamente a humilhação de ser forçado karmicamente a nascer repetidamente num corpo físico. Este confinamento obrigatório é estranho à verdadeira natureza do homem e ofende a alma ilimitada.

20. A ausência de inquietação (achapalam) permite evitar peregrinações físicas e mentais e atividades inúteis. O nervosismo e a inquietação são geralmente causados pela indulgência constante nos prazeres dos sentidos ou por pensamentos negativos habituais ou por problemas emocionais ou por características “impulsionadoras” como a ambição mundana.

A inquietação está ausente na natureza de Deus; o devoto deve aprender a abominar a inconstância mental e moral. Ele deve manter a mente ocupada não com ocupações sem objetivo, mas com atividades espirituais.

21. A radiância do caráter (tejas) vem do fogo cósmico da consciência suprema de Deus, a chama da consciência, dentro do homem e de outras criaturas sencientes. Como vitalidade, tejas está presente em todos os seres, e nos elétrons, prótons e átomos. Sua energia inesgotável sustenta as atividades de todo o mundo fenomênico. Através da longa meditação em Deus, o devoto fica permeado pela refulgência deste fogo cósmico.

Tejas confere ao homem ousadia mental e moral, e a radiação de confiança irresistível na retidão que emana dos devotos que sentiram dentro de si a certeza do Poder Divino. Tais experiências desenvolvem uma natureza espiritual heróica. Muitos santos valentes escolheram o martírio em vez de renunciar à sua fé.

A radiância divina no devoto é ainda caracterizada por um desenvolvimento natural do magnetismo espiritual, uma aura vibratória despretensiosa de bondade e uma expressão externa tranquila de profunda alegria interior.

22. O perdão (kshama) no homem de Deus consiste em não infligir, ou desejar infligir, punição àqueles que o prejudicam ou prejudicam. Ele sabe

que a lei cósmica cuidará para que todas as injustiças sejam corrigidas; é desnecessário e presunçoso tentar acelerar o seu funcionamento ou determinar a sua forma. A retribuição nas mãos da lei imutável do carma tem como propósito próprio e previdente a eventual redenção espiritual do pecador.

Isto não quer dizer que os transgressores não devam sofrer restrições. A estrutura social exige restrições para a sua sobrevivência. Aqueles cujo dever é fazer cumprir leis justas para o bem-estar da humanidade atuam como instrumentos da lei cármica. Os seus julgamentos devem ser aplicados sem malícia ou espírito de vingança. Mesmo que a justiça não pareça prevalecer, a lei cármica não deixará de equilibrar a balança.

Uma passagem do Mahabharata é a seguinte: “Deve-se perdoar, sob qualquer ofensa. Foi dito que a continuação da espécie se deve ao fato de o homem ser misericordioso. O perdão é santidade; pelo perdão o universo é mantido unido. O perdão é o poder dos poderosos; perdão é sacrifício; o perdão é tranquilo na mente. Perdão e gentileza são as qualidades do dono de si. Eles representam a virtude eterna.”

Quando um homem fraco, esbofeteado por um valentão, diz “eu te perdôo” e foge, é provável que ele seja motivado não pelo perdão, mas pela covardia. Quando uma pessoa poderosa, ferida por um inimigo, mostra compaixão e tolerância em vez de esmagar esse inimigo, ela demonstra verdadeiro perdão. O espírito do perdão surge da longa prática na disciplina espiritual e da compreensão da nossa inseparável fraternidade humana e divina.

Pouco antes de Mahatma Gandhi morrer em 1948, ele ergueu as mãos do corpo dilacerado por balas para conceder ao assassino um humilde gesto de perdão. “Todos os sacrifícios da sua vida altruísta tornaram possível aquele gesto final de amor”, escrevi numa homenagem ao Mahatma.

Jesus, tendo o poder de convocar em seu auxílio “mais de doze legiões de anjos”,7 não resistiu à prisão e à crucificação, e orou: “Pai, perdoa-lhes; pois não sabem o que fazem”.8 Com discernimento divino, ele sempre foi capaz de ver o homem independentemente de seus erros. Cristo tinha perfeita compreensão de que cada ser humano é essencialmente uma alma,

um filho de Deus, cuja má conduta não é expressão de sua natureza real, mas é causada pela ignorância, pelo “não saber” – o terrível, mas não eterno, estado de ilusão. em que caem os homens quando esquecem a sua verdadeira identidade.

23. Paciência, ou fortaleza (dhriti), permite ao devoto suportar infortúnios e insultos com equilíbrio. Os acontecimentos exteriores não podem abalá-lo, nem a turbulência interna ocasional pode servir para desviá-lo do caminho e objetivo escolhido: a autorrealização. Pela estabilidade, o buscador de Deus aprende a aderir, sob todas as circunstâncias, às atividades nobres do mundo exterior e a reter as percepções da verdade que lhe chegam durante suas meditações. Ele se apega tenazmente às suas experiências de bem-aventurança da alma e nunca obscurece a realidade delas, desviando sua mente para interesses menores.

Essa paciência infinita, em última análise, dá ao sábio o poder de compreender Deus. Dhriti expande a taça de sua consciência até que ela possa conter dentro de si a vastidão oceânica da Divindade.

24. A limpeza do corpo e a pureza da mente (shaucha) é o respeito pelo Espírito Imaculado que habita em nós. Foi dito que a limpeza está próxima da piedade. Ao acordar pela manhã é melhor limpar o corpo e a boca antes da meditação. Além das preocupações práticas óbvias, a limpeza do corpo antes da meditação é um rito de respeito espiritual, uma purificação simbólica de si mesmo em preparação para a adoração. O desleixo pode distrair a atenção do devoto, durante a prática de exercícios espirituais, do mundo interior para o mundo exterior.

Aquele que está fisicamente limpo e também livre das impurezas mentais dos desejos incontroláveis e dos pensamentos inquietos, de fato convida o Senhor a se manifestar no templo purificado de sua vida. Quando a mente está calma, ela se torna um altar divino para a presença de Deus.

25. O não-ódio (adroha) deve ser praticado por todos. Um devoto que sente maldade em relação aos outros perde o poder de ver Deus em todos. Um iogue que aspira realizar o Espírito não cega sua visão por qualquer pensamento ou ato de antipatia ou traição, mesmo contra pecadores ou seus

autoproclamados inimigos. Ele se esforça para perceber neles a presença do Deus todo-redentor e amoroso.

Como o Senhor está livre de ódio, Ele não exclui ninguém da esfera ilimitada de Sua ternura e onipresença. Da mesma forma, quem tem consciência do Divino em toda a criação não pode detestar nenhum homem nem sentir qualquer sentimento de superioridade desdenhosa.9

26. Falta de presunção (na atimanita) significa ausência de orgulho excessivo. O Senhor não nutre orgulho, embora Suas posses e poderes cósmicos sejam infinitos. Em humilde ocultação, Ele trabalha secretamente pela salvação do homem através do poder propulsor em ações virtuosas e na atração silenciosa de Seu amor inerente a cada alma.

Um pouco de conhecimento é algo perigoso, pois o devoto pode sentir-se vaidoso e satisfeito consigo mesmo, assumindo falsamente que é o que conhece. Há um provérbio que diz que o orgulho precede a queda. Uma pessoa que se admira é capaz de abster-se de qualquer esforço adicional. Ele cai no poço da inércia, o que não apenas impede o progresso futuro, mas também diminui quaisquer ganhos físicos, mentais e espirituais que ele possa ter obtido.

Somente aquele que está livre do senso de auto-importância se torna cada vez mais rico em espiritualidade até ser um com Deus. Nos picos das montanhas do orgulho, as chuvas misericordiosas de Deus não podem se acumular; mas eles prontamente se acumulam no vale da humildade.

❖

Quanto mais alguém expressa essas virtudes, mais ele expressa a imagem de Deus na qual ele é feito.

❖

Estas vinte e seis qualidades são todas atributos divinos de Deus; eles constituem a riqueza espiritual do homem. Um buscador de Deus deve se esforçar para obter todos eles. Quanto mais ele manifesta essas virtudes, mais reflete a verdadeira imagem interior de Deus na qual foi feito. Ele sempre mantém diante de suas aspirações os critérios da Suprema Perfeição. Cristo disse: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.”10

O Senhor é “destemido” porque sabe que está abrigado na imutabilidade

imortal. Ele é “puro de coração”, Seu sentimento imaculado não é influenciado por emoções, gostos e desgostos caprichosos. Ele é a única consciência, a unidade (“ioga”) e a inteligência (“sabedoria”) que é a base do ser e do devir. Como fonte de tudo, Ele é “caridoso”, o doador final de todas as dádivas. Ele percebe o reino das dualidades através dos sentidos de todas as criaturas, mas “transcende os sentidos”, permanecendo imerso na pura alegria do Seu Eu onisciente. Todas as atividades do Senhor são yajna, os “ritos” cósmicos de criação, preservação e dissolução pelos quais os universos e os seres evoluem e são oblados de volta ao Espírito purificador. Deus é o Conhecedor, o Conhecedor e o Conhecido, ele próprio a Escritura Universal articulada por sábios e rishis e inscrita em volumes sagrados para o “estudo do despertar da alma” do homem. Ele é o epítome da “autodisciplina” (simbolizada como Shiva, o Senhor dos Iogues, tornado divinamente poderoso pela impressionante austeridade e meditação) sempre contida em Seu próprio Ser, apesar de Seu envolvimento em atividades cósmicas. A “franqueza” do Senhor é Sua natureza de justiça eterna, intransigente e intransigente.

O Senhor é “ahimsa”, o abrigo contra todo mal, em quem não há intenção de causar dor ou dano a qualquer ser; o dano é o resultado do uso indevido do livre arbítrio para identificar-se com as ilusões da dualidade. Ele é a “verdade”, a Realidade Singular – sempre existente, sempre consciente, sempre nova bem-aventurança – por trás de todas as aparências cósmicas. Nele “não há ira”, nenhum desejo contradito em Seu Eu sem desejos; a operação de Suas leis não são punições, mas estímulos de Seu amor. Ele é o emblema da “renúncia” perfeita, alegre em Sua própria bem-aventurança, desapegado e realizado com ou sem os objetos de Sua lila da criação. Ele é o Sempre Tranquilo, a “pacificação” imutável e estabilizadora sob o tumulto das relatividades que atuam na superfície do Seu Ser. O Senhor inocente “não expõe falhas”; antes, Ele dá ao homem o confessionário solitário de seus pensamentos e consciência, no qual ele pode analisar e corrigir-se antes que seu próprio comportamento errado se insinue contra ele. É o Senhor quem sofre verdadeiramente em todos os seres; portanto, Ele é a bondade da empatia, a infinita “compaixão” sobre

cuja misericórdia todos os seres podem se lançar. Embora Ele seja o criador de tudo, Ele é “não-cobiçoso”, entregando Suas maravilhas ao trabalho evolutivo de Suas leis e às inovações de livre arbítrio de Seus filhos, recebendo apenas as ofertas simbólicas que talvez venham de corações sábios e amorosos. Se não fosse pela “gentileza” de Deus, pela Sua silenciosa e amorosa persuasão de involução que cria a unidade e atrai a criação de volta para Ele, a violenta desarmonia da repulsão vibratória perpetuaria eternamente um estado caótico de existência. Deus é o modelo de virtude, “modéstia” suprema; nenhum ato do Senhor carrega mácula de impropriedade. Recolhido em Sua bem-aventurança e sabedoria, sem “nenhuma agitação de inquietação”, o Senhor inativamente ativo produz universos e seres, não por uma fantasia agitada e inconstante, mas por um propósito divino compreendido por aqueles que perfuram o véu da ilusão.

Deus é Onipotência onipresente, o “brilho” do poder divino que concede e sustenta toda consciência e vitalidade. Em Seu amor incondicional por todos os Seus filhos, o Senhor é supremamente “indulgente”, abençoando não apenas de acordo com a medida de seu pequeno estoque de bom carma, mas principalmente por meio do poder transcendente de Sua graça. Sobre a eterna “paciência” do Senhor, as escrituras cantam: “Ele é permanente, imóvel, o eterno Vidente de tudo”. Ele é imutável, imaculado, “pureza” imaculada, a luz incorruptível da criação na qual dançam as sombras do bem e do mal; ainda assim, eles não o estragam nem o contaminam. Como Ele reside igualmente em todos, para o Senhor “nada é odioso”: “Ele faz nascer o Seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos.”11 Soberano de todos os reinos universais, o todo-poderoso Senhor “sem orgulho” tempera Seus poderes com amor e permanece humildemente como servo de Seu reino, mantendo para o benefício de seus habitantes a vida, a verdade, a beleza e o amor.

A natureza e o destino das almas que evitam o Divino

VERSÍCULOS 4–5

dambho darpo 'bhimānaś ca krodhaḥ pāruṣyam eva ca
ajñānaṁ cābhijātasya pārtha saṁpadam para āsurīs (4)

daivī saṁpad vimokṣāya nibandhāyāsurī mata
mā śucaḥ saṁpadaṁ daivīm abhijāto ‘si pāṇḍava (5)

(4) Orgulho vanglorioso, arrogância, vaidade, ira, aspereza e ignorância marcam o homem que nasce com a natureza demoníaca, ó Filho de Pritha (Arjuna).

(5) As qualidades divinas conferem libertação; as qualidades demoníacas levam à escravidão. Não tema, ó Pandava (Arjuna)! tu és dotado dos traços divinos.

Devido à resposta ao mau carma passado, alguns seres humanos são inclinados ao mal desde o nascimento. Em surpreendente contraste com os virtuosos, os mal-intencionados abusam de tais posses como poder (em qualquer forma pervertida), ou dinheiro, ou estatuto social, ou intelecto livresco como sinal da sua “grandeza” ou realização. Eles ampliam sua auto-importância com ostentação, fanfarronice e hipocrisia. Eles arrogantemente humilham os outros para parecerem mais grandiosos; e são totalmente egoístas em interesse próprio e egocentrismo. Desejando ter tudo à sua maneira, eles rapidamente se irritam com qualquer oposição, ou mesmo sem causa aparente. Seu comportamento é duro e impensado ou intencionalmente cruel. A sua discriminação é tão cegada pela densidade da sua ignorância ilusória que perdem até mesmo o bom senso básico em distinguir o certo do errado; e assim agem a partir dos seus próprios padrões mentais de convicções e valores distorcidos, infligindo aos outros os seus conceitos errados e comportamento equivocado.

Enquanto Sri Krishna citava essas características básicas de um asura (homem diabólico), Arjuna humildemente se perguntou se ele próprio possuía alguma delas. O Senhor, percebendo o pensamento, tranquilizou seu discípulo.

A pergunta de Arjuna ocorre a todo devoto à medida que ele persevera

no caminho espiritual e se analisa cuidadosamente em busca de falhas. Ele só fica feliz quando compreende, pela intuição da alma, que está se aproximando corretamente da Meta bem-aventurada.

VERSÍCULO 6

dvau bhūtasargau loke 'smin daiva āsura eva ca
daivo vistaraśaḥ prokta āsuraṁ pārtha me śṛṇu

Existem dois tipos de homens neste mundo: o divino e o demoníaco. Já lhe falei detalhadamente sobre as qualidades divinas; agora ouça sobre o demoníaco, ó Filho de Pritha (Arjuna).

Dvau bhutasargau: “dois tipos de seres”. Na Autobiografia de um Iogue escrevi: “Ao medir o valor de um homem, um santo emprega um critério invariável, muito diferente dos padrões mutáveis do mundo. A humanidade – tão variada aos seus próprios olhos! – é vista por um mestre como dividida em apenas duas classes: homens ignorantes que não buscam a Deus, e homens sábios que o procuram.”

Ao expor a natureza dos gunas, os rishis disseram que existem três classes de homens: aqueles predominantemente marcados por sattva (bondade), rajas (atividade, geralmente com fins egoístas), ou tamas (ignorância, inércia). Todas as pessoas possuem os três gunas em proporções variadas; mas, no seu conjunto, a vida de cada homem revela que ele se inclina mais para o bem ou para o mal. Neste sentido, a estrofe 6 refere-se a dois, e não a três, tipos de humanidade.

Nos versos seguintes (7–18) o Senhor Krishna elabora graficamente os traços ímpios daqueles que criam em si mesmos uma natureza demoníaca. Analisadas como opostos diretos das virtudes, as más qualidades podem ser facilmente reconhecidas e, espera-se, sumariamente evitadas e eliminadas do armazém de características de uma pessoa. Mesmo os virtuosos devem ser diligentes na proteção contra qualquer invasão de tendências malignas que possam estar à espreita no subconsciente como traços cármicos de um

passado há muito esquecido, mantidos sob controle, mas ainda não totalmente destruídos pela virtude.

VERSÍCULOS 7–18

pravṛttiṁ ca nivṛttiṁ ca janā na midur āsurāḥ
na śaucaṁ nāpi cācāro na satyaṁ teṣu vidyate (7)

asatyam apratiṣṭhaṁ te jagad ahur anīśvaram
aparasparasaṁbhūtaṁ kim anyat kāmahaitukam (8)

etāṁ dṛṣṭim avaṣṭabhya naṣṭātmāno ’lpabuddhayaḥ
prabhavanty ugrakarmāṇaḥ kṣayāya jagato ‘hitāḥ (9)

kāmam āśritya duṣpūraṁ dambhamānamadānvitāḥ
mohād gṛhītvāsadgrāhān pravartante ’śucivratāḥ (10)

cintām aparimeyāṁ ca pralayāntām upāśritāḥ
kāmopabhogaparamā etāvad iti niścitāḥ (11)

āśāpāśaśatair baddhāḥ kāmakrodhaparāyaṇāḥ
īhante kāmabhogārtham anyāyenārthasaṁcayān (12)

idam adya mayā labdham idaṁ prāpsye manoratham
idam astīdam api me bhaviṣyati punar dhanam (13)

asau mayā hataḥ śatrur haniṣye cāparān api
īśvaro ’ham ahaṁ bhogī siddho ’haṁ balavān sukhī (14)

āḍhyo 'bhijanavān asmi é o sadṛśo mayā
yakṣye dāsyāmi modiṣya este ajñānavimohitāḥ (15)

anekacittavibhrāntā mohajālasamāvṛtāḥ
prasaktāḥ kāmabhogeṣu patanti narake ’śucau (16)

ātmasaṁbhāvitāḥ stabdhā dhanamānamadānvitāḥ
yajante nāmayajñais te dambhenāvidhipūrvakam (17)

ahaṁkāraṁ balaṁ darpaṁ kāmaṁ krodhaṁ ca saṁśritāḥ
mām ātmaparadeheṣu pradviṣanto ‘bhyasūyakāḥ (18)

(7) Os demoníacos não conhecem o caminho certo de ação ou quando abster-se de agir. Falta-lhes pureza, verdade e conduta adequada.

(8) Eles dizem: “O mundo não tem fundamento moral, nem verdade permanente, nem Deus ou Governante; produzido não por uma ordem causal sistemática, seu único propósito é o desejo lascivo – o que mais?”

(9) Com o seu intelecto fraco, esses homens arruinados apegam-se às suas crenças errôneas e cometem muitas atrocidades. Eles são inimigos do mundo, empenhados na sua destruição.

(10) Abandonados a desejos insaciáveis, cheios de dissimulação, presunção e insolência, possuindo ideias malignas através da ilusão, todas as suas ações são motivadas de forma impura.

(11) Acreditando que a satisfação dos desejos corporais é o objectivo mais elevado do homem, confiantes de que este mundo é “tudo”, tais pessoas estão absortas até ao momento da morte em cuidados e preocupações terrenas.

(12) Presos por centenas de grilhões de esperanças e expectativas egoístas, escravizados pela ira e pela paixão, eles se esforçam para proporcionar prazeres físicos acumulando riqueza desonestamente.

(13) “Isso eu adquiri hoje; agora outro desejo irei satisfazer. Esta é a minha riqueza atual; no entanto, mais também será meu.

(14) “Eu matei este inimigo; e os outros também matarei. Eu sou o governante entre os homens; Desfruto de todas as posses; Sou bem sucedido, forte e feliz.

(15) "Sou rico e bem nascido; algum outro pode ser comparado a mim? Ostensivamente darei esmolas e farei sacrifícios formais; Eu me alegrarei." Assim falam eles, desencaminhados pela falta de sabedoria.

(16) Abrigando pensamentos desconcertantes, apanhados na rede da ilusão, ansiando apenas por deleites sensuais, eles afundam num inferno imundo.

(17) Vaidosos, teimosos, embriagados pelo orgulho da riqueza, eles realizam os sacrifícios de forma hipócrita e sem seguir as injunções bíblicas.

(18) Egoístas, enérgicos, arrogantes, lascivos e propensos à raiva, esses homens maliciosos desprezam a Mim que habita neles e em todos os outros homens.

O indivíduo egocêntrico profundamente iludido, viciado em suas falsas convicções e ambições egoístas, estabelece seu ego colossal como um ídolo no altar do desejo de poder, posse e gratificação sensual. Assim ele se torna totalmente engajado na auto-adoração. Deificando-se, sua visão míope não tem espaço para a percepção de Deus e da verdade. Embora ele enfeite seu santuário do ego com retratos hipócritas de retidão e demonstrações ostensivas de caridade, seus erros, sua ganância e sua rapidez em se enfurecer diante de qualquer desejo frustrado revelam suas supostas motivações ocultas.

VERSÍCULOS 19–20

tan ahaṁ dviṣataḥ krūrān saṁsāreṣu narādhamān
kṣipāmy ajasram aśubhān āsurīṣv eva yoniṣu (19)

āsurīṁ yonim āpannā mūḍhā janmani janmani
mām aprāpyaiva kaunteya tato yānty adhamāṁ gatim (20)

(19) Esses cruéis e odiosos perpetradores do mal, os piores entre os homens, eu os arremesso repetidas vezes em úteros demoníacos nas esferas da transmigração.

(20) Entrando no estado de existência dos asuras, iludidos nascimento após nascimento, falhando em Me atingir, eles descem assim às profundezas mais profundas.

Deus não é um juiz vingativo que lança no inferno eterno aqueles que transgridem Seus mandamentos. Mas Ele estabeleceu Sua lei cármica de causa e efeito que governa a ação humana como um mecanismo de ensino para evitar que as almas encarnadas sejam apanhadas para sempre na atração externa da ilusão. O poder dado por Deus que trabalha com esta lei para a elevação evolutiva do homem é a livre escolha discriminativa exclusiva da espécie humana. O mau uso deste dom diminui a influência desta salvadora voz interior de orientação. Sem discriminação divina, o homem torna-se bestial, governado por instintos básicos e hábitos nocivos. Nessas pessoas, as más propensões tamásicas obscurecem as qualidades espirituais sáttvicas e degradam os traços rajásicos materialistas ativadores. Portanto, de acordo com a ordenação divina do carma, estes “piores entre os homens” atraem na sua próxima encarnação um nascimento e um ambiente desfavoráveis, proporcionais à sua indulgência em hábitos e comportamentos perdulários.

Assim como o uso adequado do privilégio do livre arbítrio serve para alojar o ser humano encarnado em um corpo divinamente dotado e em um ambiente celestial, o mau uso dessa liberdade de vontade causa o renascimento em “úteros” demoníacos12 – estados de existência infernal na Terra ou em outras regiões. do universo caracterizado pelo sofrimento e pela violência, ou em mundos astrais sombrios de seres temíveis e pesadelos. O destino cármico dos asuras, mentalidades demoníacas, é permanecerem aprisionados na ilusão mais sombria, nascimento após nascimento, se não se despertarem da ignorância através de esforços de determinação e ação corretas. Assim, eles podem descer às profundezas mais distantes possíveis, encarnando por um tempo até mesmo num corpo

animal ou outro meio (como pode ser o caso de algumas pessoas insanas que perderam todo o poder da razão), ou em alguma forma astral bestial. Tais instrumentos não têm poder de livre escolha e, portanto, não acarretam consequências cármicas para as suas ações. Tal existência é a graça salvadora mais profunda para o ser em declínio. Resolvendo o carma passado sem a possibilidade de acumular mais complicações, o ser descendente terá então, em sua próxima vida, uma nova e melhor oportunidade de se redimir.

A Tríplice Porta do Inferno

Versículos 21–22

trividhaṁ narakasyedaṁ dvāraṁ nāśanam ātmanaḥ
kāmaḥ krodhas tathā lobhas tasmād etat trayaṁ tyajet (21)

etair vimuktaḥ kaunteya tamodvārais tribhir naraḥ
ācaraty ātmanaḥ śreyas tato yāti parāṁ gatiṁ (22)

(21) Luxúria, raiva e ganância – estas constituem a porta tripla do inferno que leva à destruição do bem-estar da alma. Estes três, portanto, o homem deveria abandonar.

(22) Ó Filho de Kunti (Arjuna)! Ao afastar-se destas três entradas para o reino das trevas, o homem comporta-se de acordo com o seu próprio bem mais elevado e, a partir daí, alcança o Supremo.

Patanjali em seus Yoga Sutras citou a luxúria (kama), a raiva (krodha) e a ganância (lobha) entre as falhas (doshas) que afligem a natureza do ego da alma encarnada. Essas características perniciosas e seus efeitos devastadores foram detalhados no comentário do Gita I:9. Quando toleradas, essas qualidades tamásicas insinuam-se de uma forma ou de outra em cada motivo e ação, levando seu hospedeiro a estados cada vez mais profundos de ignorância infernal e ilusória.

Mas a alma, sendo uma emanação imortal de Deus, não pode ser

mantida para sempre separada Dele. O poder inerente de livre escolha da alma pode ser momentaneamente restringido pelo carma e pelo hábito, mas nunca totalmente suprimido. Quando o livre arbítrio reconhecer como seu melhor amigo e benquerente não as tentações tamásicas, mas a discriminação divina, mesmo os malfeitores inveterados poderão arrepender-se e começar a corrigir os seus caminhos. Pela prática dos deveres rajásicos vitalizantes e das ações sáttvicas que lembram Deus, as mentalidades descendentes começarão a sentir a atração mais forte e contínua da graça cósmica vindo em seu auxílio com seus aliados de bom carma de apoio e os poderes espirituais internos reativados da alma. Por estes meios, juntamente com o Seu amor compassivo, o Divino Criador não deixará de cumprir a Sua responsabilidade de redimir cada alma.

Metafisicamente, a “porta tríplice do inferno” refere-se às forças negativas canalizadas através dos três centros espinhais sutis inferiores que governam a atividade identificada com o corpo. Quando as energias e a consciência que saem desses centros são dirigidas por uma vontade que está sob a influência da qualidade tamásica obscura, então começa a descida do homem à existência infernal. Conforme observado em I:11, luxúria ou desejo (kama) é a força negativa ou espiritualmente obstrutiva no centro coccígeo. A raiva (krodha), a ação inimiga despertada pelo desejo frustrado, é a força obstrutiva no centro sacral. A ganância (lobha), caracterizada pela atração e repulsão, é a força obstrutiva no centro lombar.13 Como essas forças negativas servem para puxar a consciência em direção à matéria e à escravização dos sentidos, elas são apropriadamente definidas no Gita como as três entradas do portão. para o inferno ou para o esquecimento espiritual.

O iogue se afasta desses portais de escuridão tanto por dentro quanto por fora. Na meditação Kriya Yoga ele eleva sua consciência à percepção das qualidades divinas espiritualizantes da alma nos centros cérebro-espinhais. Ao reverter o fluxo de energia e consciência que desceu ao corpo e aos seus sentidos, ele gradualmente ascende aos estados supernos de realização da alma e comunhão com Deus.

A Compreensão Correta da Orientação Bíblica para a Conduta da Vida

Versículos 23–24

yaḥ śāstravidhim utsṛjya vartate kāmakārataḥ
na sa siddhim avāpnoti na sukhaṁ na parāṁ gatim (23)

tasmāc chāstraṁ pramāṇaṁ te kāryākāryavyavasthitau
jñātvā śāstravidhānoktaṁ karma kartum ihārhasi (24)

(23) Aquele que ignora os mandamentos das Escrituras e segue os seus próprios desejos tolos não encontra a felicidade, a perfeição ou a Meta Infinita.

(24) Portanto, tome as escrituras como guia para determinar o que deve ser feito e o que deve ser evitado. Com compreensão intuitiva das injunções declaradas nas Sagradas Escrituras, tenha prazer em cumprir seus deveres aqui.

O corpo humano é um epítome de todas as atividades externas da Natureza e também da inteligência ou consciência universal subjacente. Os mesmos poderes e ordenanças cósmicas que criam e governam o macrocosmo do universo também atuam no homem, o microcosmo. O corpo do homem é, portanto, a verdadeira sede do verdadeiro conhecimento, ele próprio os "shastras" ou Vedas. Os textos védicos têm uma divisão exotérica, que trata das ações corretas e dos rituais, e também uma divisão esotérica, a do conhecimento ou sabedoria. Da mesma forma, o instrumento físico corporal com suas atividades sencientes é comparado ao aspecto exotérico dos Vedas, e os centros astrais sutis internos e os estados superiores de consciência correspondem ao aspecto esotérico ou de sabedoria.

Como foi explicado ao longo do comentário do Gita, o objetivo da existência humana é restabelecer-se no seu verdadeiro Eu, a alma. Na Auto-realização, alcançada pela prática do yoga, o devoto conhece, através da

❖

Transcendendo as faculdades limitadas da mente e dos sentidos, o iogue percebe com pura intuição

❖

experiência divina direta, toda a verdade a ser conhecida sobre a criação e seu Criador. O homem comum, identificado com o corpo físico, ignora seu inerente instrumento cerebrospinal sensível de vida e consciência, com suas revelações maravilhosas. Mas o iogue avançado, transcendendo as faculdades limitadas da mente e dos sentidos, percebe com a pura intuição da alma a verdadeira natureza e funcionamento do corpo. Ele sabe que sua vida e inteligência são fortalecidas e iluminadas pela força vital e pela consciência que emana dos divinos reservatórios de poder cerebroespinhal.

A pessoa presa ao corpo, totalmente ignorante deste instrumento mais sutil de consciência e ação, permanece ocupada em atividades corporais inconstantes, puxada para cá e para lá por desejos e tentações. Absorto na tentativa de satisfazer as incansáveis demandas de sua natureza física, ele experimenta apenas prazeres transitórios misturados com misérias violentas. Quanto mais profundamente ele afunda na escuridão tamásica da ilusão, mais longe ele se afasta da bem-aventurança interior e da perfeição do seu verdadeiro Eu, e da bem-aventurança suprema da comunhão com Deus. Sua reascensão começa com um esforço determinado para alinhar suas ações com a sabedoria da orientação bíblica e culmina com o despertar dos centros internos sutis da percepção divina.

Quantos crimes foram cometidos e guerras travadas em nome da justiça por fanáticos que defendem ou procuram impor as suas convicções dogmáticas como guia para a conduta humana.14 Não é nem a exactidão e a multiplicidade de regras estabelecidas numa escritura, nem o tamanho das seu seguimento é um padrão de verdade. O único teste confiável quanto à autoridade divina de qualquer injunção bíblica é a realização.

Portanto, o Gita exorta o devoto a conhecer, ou compreender intuitivamente, os preceitos das escrituras – através da própria intuição desperta ou de um guru verdadeiro e iluminado – e então seguir esses decretos criteriosamente. É somente por meio desse poder de percepção intuitiva direta, que não depende dos relatos falíveis dos sentidos nem de

inferências intelectuais preconceituosas, que se pode conhecer a verdade inquestionavelmente.

Uma história ilustrará a diferença entre a verdade e as inferências do intelecto.

❖
Diferença entre intuição e inferência intelectual
❖

Um santo estava sentado meditando sob uma árvore espessa. Um homem assustado veio correndo até ele e disse: “Por favor, santo sadhu, vou me esconder na árvore acima de você. Não conte aos ladrões que me perseguem onde estou, pois eles estão atrás do meu ouro e da minha vida”. O santo respondeu: “Não posso falar mentiras; mas posso permanecer em silêncio.” Mas o homem o advertiu: “Se você permanecer quieto, eles poderão tentar arrancar de você a verdade. Basta dizer aos ladrões que fugi na outra direção. Isso salvará a sua vida e a minha.”

O santo permaneceu estoicamente silencioso enquanto o homem aterrorizado lutava para se esconder entre a densa folhagem da árvore. Os ladrões apareceram e exigiram saber o paradeiro do homem. O santo respondeu: “Não vou te contar”. Mas quando os ladrões ameaçaram matá-lo, ele lembrou a si mesmo que as escrituras, além de proibir a revelação de inverdades, ordenam ao homem que proteja sua vida da destruição. Ele, portanto, apontou o dedo para os galhos superiores da árvore. Os ladrões arrastaram a infeliz vítima, tiraram-lhe o pacote de ouro, mataram-no a facadas e seguiram caminho.

Quando chegou a hora de o sadhu deixar seu corpo, depois de muitos anos de consideração escrupulosa pelas ordenanças bíblicas, ele antecipou ansiosamente a entrada nos reinos celestiais. O santo aparentemente imaculado foi detido, porém, pelo Rei da Morte, que lhe disse: “Querido santo, sem dúvida você é muito santo. Mas você cometeu um terrível erro de julgamento, em punição pelo qual você deve vir comigo e ficar um pouco no Hades.”

O santo protestou: “Não cometi nenhum pecado. Sempre segui o caminho da verdade!”

“Desculpe-me por contradizê-lo, querido”, respondeu o Rei da Morte,

“mas por que você não apontou o dedo na direção errada quando aquele homem inocente procurou sua proteção contra os ladrões? Qual foi o maior pecado: distorcer um fato ou permitir que o homem fosse despedaçado por causa de sua ação?

O santo compreendeu tardiamente a diferença entre a verdade e os meros fatos, e que a verdade implica um benefício final real para si e para os outros. Depois de expiar seu erro no Hades, ele estava livre para entrar no Céu.

❖

Discernir o caminho certo num mundo de circunstâncias relativas

❖

O pecado cometido consciente ou inconscientemente traz maus resultados, assim como o veneno – ingerido intencionalmente ou não – traz a morte. A falha em discernir a verdadeira justiça e em conformar as ações de acordo com isso produz resultados cármicos dolorosos, não importa quão expressos em “verdades” bíblicas de apoio.

Sem despertar a faculdade da intuição através da qual se conhece a Verdade Última, o Númeno (Substância) por trás de todos os fenômenos (aparências), não se pode dizer que conhece a verdade. A “verdade” é considerada por muitas escolas de filosofia como tendo apenas um valor relativo, não absoluto. Mas o sábio da realização divina aprende a equilibrar a rigidez do intelecto com a fluidez da intuição. Ele é capaz de determinar, em todas as circunstâncias variadas deste mundo relativo, o curso de ação que é adequado ou verdadeiro, conforme julgado do ponto de vista da Verdade Absoluta – Deus.

Cada pessoa já teve, em algum momento, um vislumbre intuitivo da verdade como um “palpite”, um sentimento interior de convicção que provou estar certo. Quando esse poder inato de conhecimento é desenvolvido pela calma e pela meditação na intuição pura e infalível da alma, o devoto tem acesso à biblioteca de toda a sabedoria contida dentro de si mesmo, nas sutis sedes cerebroespinhais da vida e da consciência.

Um Kriya Yogi avançado, que na meditação samadhi retirou sua consciência e força vital do reino do corpo grosseiro e dos sentidos, entra naquele mundo interior de revelações de sabedoria. Ele toma consciência

dos sete altares sagrados do Espírito na coluna vertebral e no cérebro e recebe todo o conhecimento que emana deles. Assim, em sintonia com a verdade através da percepção intuitiva da alma, ele conhece invariavelmente a orientação correta para todos os aspectos de sua conduta espiritual e materialmente obediente.

❖

Através do Kriya Yoga, entramos no mundo interior das revelações de sabedoria

❖

Várias são as formas assumidas por essas percepções internas, muitas das quais foram citadas em outras referências ao longo do comentário do Gita. Essas realizações podem se manifestar como palavras-pensamentos ou como sentimentos intuitivos distintos. De acordo com a inclinação do devoto, ele pode sintonizar-se com as percepções sutis dos poderes sensoriais astrais, contemplando através desses meios o trabalho superconsciente refulgente, ou audível, ou taticamente estimulante das energias divinas na coluna e no cérebro. Concentrando-se na fonte vibratória desses poderes, ele poderá ouvir as variações do som sagrado Aum ou Amém. De dentro do som-matriz do Aum, verdades em muitas línguas podem ser ouvidas, como foi experimentado pelos discípulos de Cristo no dia de Pentecostes quando, cheios do Espírito Santo, ou Aum, “um som do céu, como o de um vento impetuoso, vento forte”, eles “começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem”.15 Foi através desse poder que os Vedas foram originalmente recebidos pelos rishis; e assim esses shastras sagrados foram chamados de shruti, ou “aquilo que é ouvido diretamente”.

Através da visão astral, as verdades que emanam do Aum podem ser percebidas como escritos luminosos, os chamados Registros Akáshicos de todas as coisas conhecidas e a serem conhecidas.

O iogue pode ver seu corpo astral em tons de arco-íris com sua espinha sutil do ígneo sushumna e seus nadis entrelaçados das correntes ida e pingala.16 Dentro dos centros espinhais astrais, as atividades dos poderes criativos elementares da terra, água, fogo, ar , e o éter pode ser visto como raios de luz de vários matizes e formas. No topo da espinha astral está o sol luminoso do olho espiritual: um halo de luz dourada circundando uma

esfera de azul opala, no centro da qual está a penetrante luz branca de uma estrela de cinco raios.

Dentro deste olho espiritual, o iogue pode discernir seu estado de pureza cármica ou impureza de acordo com o reflexo das vibrações espiritualizadas ou inclinadas materialmente que emanam das correntes astrais espinhais. A predominância das qualidades sáttvicas, rajásicas ou tamásicas em sua natureza se manifesta na forma de um triângulo astral de três pontos de luz vistos no olho espiritual. O ponto luminoso superior é sáttvico; e quando esta qualidade predomina, é de um branco deslumbrante. O ponto esquerdo é a qualidade rajásica cuja cor característica é o vermelho; e se for o ponto mais brilhante, a natureza rajásica é predominante. A qualidade tamásica é um ponto escuro à direita; e se essa escuridão predomina sobre os outros dois pontos do triângulo astral, isso indica a forte influência temporária da qualidade grosseira e ilusória. Todo o registro das qualidades físicas, astrais e espirituais do devoto são classificados nesta trilogia de luzes. Se todos os três pontos de luz estiverem harmoniosamente uniformes, isso indica um perfeito equilíbrio ou equilíbrio no iogue: a qualidade tamásica mantém adequadamente a materialização grosseira do instrumento corporal, a qualidade rajásica vitaliza o corpo através dos poderes astrais, e a qualidade sáttvica orienta a consciência em determinações adequadas.

Indo além desses fenômenos astrais, como o devoto é aconselhado a fazer, o iogue verdadeiramente bem-sucedido abre completamente o olho espiritual e penetra sua consciência através dele na percepção do Infinito. Através da luz dourada, da luz azul e da estrela branca central ele experimenta, respectivamente, o Senhor como a onipresente Vibração Cósmica (Aum, ou Espírito Santo); Inteligência Universal (Kutastha Chaitanya, Krishna ou Consciência Crística); e Consciência Cósmica (o Absoluto Bem-aventurado).

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
daivāsurasaṁpadvibhāgayogo nāma ṣoḍaśo ’dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.

No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o décimo sexto capítulo, chamado "União através de Abraçar o Divino e Evitar o Demoníaco".

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO XVII

TRÊS TIPOS DE FÉ

❖

Três Padrões de Adoração

❖

Três classes de alimentos

❖

Três Graus de Práticas Espirituais

❖

Três tipos de doação

❖

Aum-Tat-Sat: Deus Pai, Filho e Espírito Santo

ॐ

“A fé natural dos encarnados é tripla – sáttvica, rajásica e tamásica. Ouça sobre isso.

“A devoção de cada homem está de acordo com sua natureza inata. Sua inclinação é o padrão do seu ser; seja qual for a sua fé, esse

verdadeiramente é ele.”

OceanoofPDF. com

Capítulo XVII

Três tipos de fé

Três Padrões de Adoração

Verso 1

arjuna pegou
ye śāstravidhim utsṛjya yjante śraddhayānvitaḥ
teṣāṁ niṣṭhā você como kṛṣṇa sattvam āho rajas tamaḥ

Arjuna disse:

Aqueles que deixam de lado as regras bíblicas, mas realizam sacrifícios com devoção – qual é o status deles, ó Krishna? São de natureza sáttvica, rajásica ou tamásica?

As escrituras são o repositório da mais elevada experiência e sabedoria da alma do homem e, como tal, são uma ajuda inestimável para todos os aspirantes espirituais. Um devoto sem dúvida reverencia as escrituras, mas nem sempre pode compreendê-las ou ser capaz de estudá-las cuidadosamente. Mesmo os grandes estudiosos às vezes discordam sobre o significado de vários textos sagrados. Muitos homens, ignorantes das injunções, proibições e rituais das Escrituras, possuem, no entanto, grande fé ou devoção (shraddha) – a inclinação natural do coração para a retidão – e, portanto, levam vidas profundamente religiosas.

Nos dois últimos versos do capítulo anterior, Krishna disse a Arjuna para tomar as escrituras como seu guia e agir de acordo. O devoto agora questiona se isso se aplica a todos os decretos, incluindo os muitos yajnas ou ritos cerimoniais para a obtenção de experiências fenomenais. Ele procura saber se é errado ou bastante virtuoso optar por não realizar os detalhes exatos do culto ritualístico, preferindo, em vez disso, uma concentração mais direta da devoção de alguém em alcançar a Meta da

comunhão com Deus.

Arjuna, representando o iogue altamente avançado que atingiu muitos estados maravilhosos de percepção interior (conforme descrito anteriormente), busca assim maior iluminação em relação às experiências espirituais fenomênicas. Todos os tipos de fenômenos e os ritos sagrados para alcançá-los são narrados nos shastras. Arjuna questiona o valor disso. Os rituais cerimoniais prescritos e seus resultados são um complemento necessário aos esforços espirituais de alguém? Alguém é considerado tamásico, rajásico ou sáttvico se escolhe ignorar a observância formal de rituais que oferecem realizações fenomenais e, por devoção (shraddha), realiza apenas aquelas ações e métodos espirituais que levam a consciência diretamente a Deus?

A pergunta de Arjuna e a consequente resposta de Sri Krishna têm uma visão básica do conceito de shraddha, fé ou devoção divina.1 Shraddha é a inclinação natural dentro de cada ser que é atraído por sua Fonte, o Espírito. Esta inerência de atração, como será visto nos versos seguintes, é monótona e inerte no indivíduo tamásico; ativo, mas com interesse próprio na pessoa rajásica; e totalmente expressivo como devoção e fé no perseverante iogue sáttvico. Aquele que está imbuído de shraddha é consistente na forma mais elevada de esforço espiritual porque é motivado por um intenso anseio espiritual que tem sua base na convicção intuitiva da fé.

VERSÍCULOS 2–3

śrībhagavan uvāka
trividhā bhavati śraddhā dehināṁ sā svabhāvāja
sāttvikī rājasī caiva tāmasī ceti tāṁ śṛṇu (2)

sattvānurūpā sarvasya śraddhā bhavati bhārata
śraddhāmayo 'yaṁ puruṣo yo yacchraddhaḥ sa eva saḥ (3)

O Bendito Senhor disse:
(2) A fé natural dos encarnados é tripla – sáttvica, rajásica e tamásica. Ouça sobre isso.

(3) A devoção de cada homem está de acordo com sua natureza inata. Sua inclinação é o padrão do seu ser; seja qual for a sua fé, esse verdadeiramente é ele.

Krishna instrui Arjuna que se um homem vive ou não de acordo com os preceitos da retidão é determinado por sua inclinação natural, seu ser mais íntimo é formado por todas as suas ações de vidas passadas.

VERSÍCULO 4

yajante sāttvikā devān yakṣarakṣāṁsi rājasāḥ
pretān bhūtagaṇāṁś cānye yajante tāmasā janāh

Os sáttvicos prestam homenagem aos Devas, os rajásicos aos Yakshas e os Rakshasas, e os tamásicos aos Pretas e às hostes de Bhutas.

Homens sáttvicos ou bons adoram os Devas (divindades), personificações de qualidades espirituais.

Homens rajásicos ou mundanos, apaixonados, adoram os Yakshas (espíritos guardiões da riqueza) e os Rakshasas (demônios do mundo astral e gigantes de grande poder e agressão).

Homens tamásicos ou estúpidos e ignorantes adoram os Pretas (espíritos dos mortos) e os Bhutas (fantasmas e seres elementais).

Cada pessoa mostra pela sua vida, pela expressão inescapável da sua natureza, que tipo de homem ele é e que tipo de poder invisível ele atrai consciente ou inconscientemente para si.

A “religião” de uma pessoa é demonstrada não pela sua adoração formal, mas pela sua natureza. A maioria dos homens, entretanto, não são tipos “puros”; em vários momentos eles exibem a guna (qualidade) de sattva ou rajas ou tamas. Mas a vida de uma pessoa como um todo é marcada pelo predomínio de um guna, o que indica o estágio de sua evolução espiritual.

Portanto, Sri Krishna disse: “Qualquer que seja a fé de um homem, essa realmente é ele.” Todas as pessoas vivem de acordo com a lei da sua

natureza e, portanto, são devotas de um dos três caminhos.

O homem sábio e sáttvico molda sua vida de acordo com o desígnio celestial e, consciente ou inconscientemente, recebe ajuda das divindades a quem Deus confiou as funções mais elevadas dos mundos fenomênicos.

O homem apaixonado, rajásico ou mundano, que aspira à riqueza e ao poder, está, consciente ou inconscientemente, adorando Yakshas e Rakshasas – personificações cósmicas de ganância, força implacável e ambição egoísta.

O homem tamásico ou ignorante, consciente ou inconscientemente, presta homenagem aos Pretas (espíritos dos mortos) e aos Bhutas (vários tipos de fantasmas e espíritos). Pela preguiça, estupidez, apego sensato e confiança supersticiosa em forças externas na esperança de evitar o esforço próprio, tal pessoa não consegue atingir a sua plena estatura como ser humano e torna-se escravizada a forças desintegradoras que estão além da sua compreensão e controlo.

Esta estrofe indica que o caminho mais baixo significa “devoção aos espíritos dos mortos”. Em geral, estas palavras indicam o embrutecimento do tamas, através do qual a vida de um homem é uma espécie de “morte”. Aqueles que são entregues a hábitos degradantes, à estupidez e ao desespero, que ignoram todos os recursos inesgotáveis da alma, são adoradores das qualidades mais sombrias, os “espíritos dos mortos”.

Em particular, esta estrofe do Bhagavad Gita dirige-se a um amplo espectro de artes e rituais sobrenaturais cujo objetivo é conjurar várias entidades obscuras e poderosas ou os espíritos dos falecidos. Tais práticas constituem um caminho repleto de perigos; e, na pior das hipóteses, também é mau. Como os aspectos malignos são citados em XVII:13, o culto de consultar “espíritos que partiram” requer comentários aqui.

❖

Almas que partiram e entidades astrais não são guias confiáveis

❖

Muitas pessoas imaginam erroneamente que “os mortos” – seres humanos que passaram para o mundo astral – estão em contato com grandes mestres ou são eles próprios fontes profundas de sabedoria. A verdade é que a maioria dos seres astrais não são mensageiros confiáveis e não alcançaram

nenhuma visão final do Grande Mistério.

A alma é divina; mas até que o homem alcance a realização da alma, ele será incapaz, após a morte, de expressar mais divindade do que expressou durante sua vida na Terra. Somente aquelas pessoas que possuíram iluminação enquanto estavam no corpo físico são capacitadas, ao deixá-lo, para se unirem a Deus e transmitirem iluminação a outros.

O Gita salienta que aqueles que acreditam na consulta de “espíritos que partiram” são homens ignorantes. Tais pessoas contam com a orientação de entidades astrais em vez de buscarem a comunhão com Deus, o Pai Celestial e Amigo de todos. Tendo Sua ajuda, que necessidade de auxílio dos seres astrais?

As almas liberadas não costumam habitar os mundos astrais, que são reservados aos seres que deixaram a Terra mais ou menos recentemente e que ainda têm muitas lições a aprender. Os grandes mestres não estão confinados, sentem-se à vontade na Onipresença; embora alguns deles possam aparecer, como salvadores, nas esferas astrais ou ideacionais (causais).

Entre esses emancipados estão os grandes gurus ou preceptores espirituais designados pelo Senhor para ajudar a humanidade de maneira silenciosa e secreta. Não necessitam de nenhum agente ou “médium” para chegar ao buscador da verdade que quer e precisa da sua ajuda; eles auxiliam seus discípulos diretamente. Não importa se o devoto está ou não consciente de tal ajuda; ele compreenderá que está recebendo o socorro divino de acordo com a maneira como ele mesmo muda interna e externamente para melhor. Frases eloqüentes e altissonantes que emanam de um ser astral comum que se apresenta, por meio de um médium de transe, como um “professor da humanidade” não têm tal poder para transformar a vida espiritual do homem.

Os médiuns profissionais ou amadores comuns, aqueles sem realização divina, são incapazes de “sintonizar-se” mais alto do que os reinos astrais comuns. Eles não podem convocar a presença de santos conhecedores de Deus para perguntar suas “opiniões” sobre várias questões.2 Os augustos seres que estão em harmonia com o Inefável Infinito nunca podem ser

ordenados a dar uma palestra semanal, por exemplo, através de um médium em transe sobre terra. As mentes humanas obscurecidas, salienta o Bhagavad Gita, têm muitos conceitos errados e grosseiros sobre a natureza do plano divino para a redenção do homem. O trabalho de um mestre na terra não é o mesmo que o seu trabalho no mundo astral ou nos mundos ideacionais; se apenas a esfera física de atividade e influência fosse essencial para a evolução do homem, o Senhor não teria criado três planos diferentes de ser.

❖

Nenhum verdadeiro santo ou mestre se comunica através de médiuns

❖

Enquanto fisicamente encarnado, um mestre emprega os instrumentos grosseiros de expressão para o fácil reconhecimento e aceitação daqueles que são assim limitados. Seu trabalho espiritual superior em favor do mundo e dos devotos individuais geralmente permanece invisível - mas é sentido de forma tangível por aqueles que são receptivos. Estas são as verdadeiras bênçãos e orientação de um mestre pelo qual as mudanças espirituais são realizadas nas naturezas astral e causal do homem, e que por sua vez encontram expressão em sua existência material. Quando um mestre não está mais sobrecarregado pelas restrições encarnadas, seu socorro transformador continua da mesma forma, mas ele não rebaixa a si mesmo e a sua eficácia espiritual buscando novamente a expressão grosseira através de “médiuns”. Tendo dado sua mensagem e testemunho divino enquanto estava na terra, ele não tem nenhuma “reflexão” que exija revelação por médiuns e espíritas. Mas quando um devoto, pelo esforço próprio, eleva sua consciência em meditação para os reinos puros dos santos e anjos, ele próprio perceberá, através da visão divina ou de intuições maravilhosas, a presença e a orientação dos santos que são seus benfeitores espirituais, e dos amorosos. Deus que os capacita a dispensar Sua graça.

❖

Perigo de possessão por “almas vagabundas”

❖

O mundo astral (com seus vários reinos vibratórios superiores e inferiores) contém muitos seres que são bons, muitos que são comuns e muitos que são maus; assim como na terra encontramos todos os graus de bondade e

maldade entre as criaturas humanas. Quem abre indiscriminadamente a mente para receber quaisquer mensagens que lhe cheguem através dos “espíritos” não consegue dizer que tipo de contato está fazendo nas esferas astrais; e ao tornar-se receptivo a qualquer vibração astral corre o risco de entrar em “más companhias”. Ele também pode ficar absorto nos fenômenos dos mundos astrais inferiores e, assim, deixar de fazer qualquer progresso espiritual em direção ao único objetivo desejável: a iluminação interior, a salvação.

Se uma pessoa mantivesse seu automóvel destrancado, desocupado e com a chave na ignição, qualquer um poderia entrar, dirigi-lo e destruí-lo. Da mesma forma, quando a mente é mantida em branco, qualquer “alma vagabundo” pode entrar e possuir aquele indivíduo infeliz. Essas almas vagabundas estão vagando pelo éter aos milhões. Eles estão buscando o renascimento, mas devido ao mau carma são incapazes de encarnar tão logo desejam; portanto, eles estão continuamente procurando por alguma mentalidade tolamente passiva para que possam usar a carne e a mente desse ser humano para satisfazer seu desejo de encarnação física. Eles podem entrar muito rapidamente em uma mente que pode ficar em branco. Se uma pessoa for fraca ou negativa, durante qualquer tentativa de contatar espíritos que partiram, como numa sessão espírita, ela poderá facilmente tornar-se vítima de uma alma vagabunda. Tal possessão perturba a mente subconsciente.

Em contraste, quando alguém pratica as técnicas científicas para a comunhão com Deus que a Índia desenvolveu, a sua mente não fica em branco; portanto, nenhuma alma vagabunda pode entrar. Essas práticas contornam o estado subconsciente dos reinos astrais e desenvolvem o estado superconsciente do homem, elevando a mente ao Centro Crístico na testa, onde nenhuma alma vagabunda pode se aventurar. É na superconsciência que encontramos verdadeiros santos e mestres. Estão rodeados por uma luz divina; e quando alguém os vê, sabe infalivelmente, por intuição, que são grandes almas.

Ninguém deve tentar entrar no mundo dos espíritos fisicamente desencarnados até que primeiro esteja armado com o poder espiritual para

controlar esse mundo. Tal poder vem somente da comunhão com o Senhor. Ele é o Criador de todas as almas; e quando o devoto tiver se sintonizado com Deus, se quiser ver e conversar com alguém que já partiu, o Senhor enviará essa pessoa até ele. Como Jesus disse: “Buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça”.

Os iogues enfatizam a importância de se concentrar em um pensamento definido sobre Deus, deixando de lado todas as outras idéias. Tentando assim sempre alcançar a vibração mais elevada, o buscador é capaz de evitar o mundo astral inferior e comungar com o Senhor em uma de Suas manifestações – como Paz, ou como o Som Cósmico Aum, ou como Luz; ou, se formos muito avançados, como a forma visível de um santo.

Os devotos que se aprofundam na meditação são capazes de alcançar os reinos mais elevados onde habitam os grandes. Esse é o propósito das técnicas científicas de Auto-realização ensinadas desde os tempos antigos na Índia. Essas práticas ajudam o iogue a elevar sua consciência para receber, conscientemente, a ajuda vibratória sutil de Deus e dos mestres liberados. As técnicas levam com segurança o devoto a sentir a presença do Espírito por trás de todos os seres.

O caminho seguro do Kriya Yoga exalta os seus praticantes. As vidas de seus discípulos avançados, como Lahiri Mahasaya, Sri Yukteswar e muitos outros, fornecem amplas provas. O Kriya Yogi realizado torna-se mestre de sua consciência e vontade. As pessoas que convidam a visitação de entidades astrais – e, da mesma forma, aquelas que permitem que as suas mentes sejam hipnotizadas (isto é, controladas) por outra pessoa – arriscam-se descuidadamente à escravização dos seus instrumentos de salvação dados por Deus: a consciência e a vontade.

Mesmo que alguém possa encontrar apenas entidades astrais “benevolentes”, e mesmo que o hipnotizador possa estar tentando ajudar essa pessoa, permanece o fato de que ele permitiu que outro ser, neste ou no plano astral, invadisse e controlasse temporariamente sua consciência. Esta é uma prática perigosa, que de forma alguma acelera o avanço espiritual nem se assemelha a uma verdadeira experiência da presença de Deus, que deveria ser o único objetivo do homem.

VERSÍCULOS 5–6

aśāstravihitaṁ ghoraṁ que é a raiz da árvore
dambhāhaṁkārasaṁyuktāḥ kāmarāgabalānvitāḥ (5)

karśayantaḥ śarīrasthaṁ bhūtagrāmam acetasaḥ
māṁ caivāntaḥ śarīrasthaṁ tān viddhy āsuraniścayān (6)

Saiba que aqueles homens são de natureza asúrica e realizam austeridades terríveis não autorizadas pelas escrituras. Hipócritas, egoístas – possuídos pela luxúria, pelo apego e pela loucura do poder – torturam insensatamente os elementos corporais e também Me ofendem, o Morador Interno.

A mutilação ou qualquer "punição" excessiva da forma física é condenada pelo Bhagavad Gita. O verdadeiro inimigo do homem não é o seu corpo, mas a sua mente. Suas chamadas paixões físicas são, na realidade, produzidas por forças mentais obscuras – raiva, ganância, luxúria, que todos os homens no caminho espiritual devem tentar subjugar e conquistar.

O corpo é a materialização da vida interior e da consciência do Espírito como a alma individualizada. A natureza do Espírito é pureza e harmonia; beleza, vitalidade e brilho. Abusar do corpo de qualquer forma que distorça esta imagem é ofender o Senhor Criador ao desfigurar Sua obra-prima humana.

TRÊS CLASSES DE ALIMENTOS

VERSÍCULO 7

āhāras tv api sarvasya trividho bhavati priyaḥ
yajñas tapas tathā danaṁ teṣāṁ bhedam imaṁ śṛṇu

Cada uma das três classes de homens gosta até de um dos três tipos de comida; assim também seus yajnas, penitências e esmolas. Ouça sobre essas distinções.

Tudo o que é feito por um homem proclama seu estado de evolução espiritual. A dieta pela qual ele é naturalmente atraído e sua atitude inata em relação aos vários deveres da vida mostram se ele é predominantemente marcado por sattva, rajas ou tamas.

Versículos 8–10

āyuḥsattvabalārogyasukhaprītivivardhanāḥ
rasyāḥ snigdhāḥ sthirā hṛdyā āhārāḥ sāttvikapriyāḥ (8)

kaṭvamlalavaṇātyuṣṇatīkṣṇarūkṣavidāhinaḥ
āhārā rājasasyeṣṭā duḥkhaśokāmayapradāḥ (9)

yātayāmaṁ gatarasaṁ pūti paryuṣitaṁ ca yat
ucchiṣṭam api cāmedhyaṁ bhojanaṁ tāmasapriyam (10)

(8) Alimentos que promovem longevidade, vitalidade, resistência, saúde, alegria e bom apetite; e que são saborosos, suaves, substanciais e agradáveis ao corpo, são apreciados por pessoas de mente pura (sáttvicas).

(9) Alimentos amargos, azedos, salgados, excessivamente quentes, picantes, ásperos e ardentes são preferidos pelos homens rajásicos; e produz dor, tristeza e doença.

(10) Alimentos que são nutricionalmente inúteis, insípidos, pútridos, rançosos, refugos e impuros são apreciados por pessoas tamásicas.

O que comemos é importante porque tem consequências físicas e mentais. As células do corpo são construídas a partir de alimentos; a mente também é afetada pela qualidade guna inerente a todas as substâncias.

Os cientistas modernos analisam o valor dos alimentos de acordo com as suas propriedades físicas e como reagem no corpo; mas os iogues, que antigamente se aprofundaram na ciência espiritual dos alimentos, consideram sua natureza vibratória para determinar o que é benéfico,

estimulante ou prejudicial quando ingerido. Tal classificação feita pelos iogues começa com a verdade básica de que todas as coisas evoluíram de Deus e são materializações de Sua única consciência vibratória criativa e inteligente. Os objetos manifestados passam a existir e estão sujeitos à metamorfose sob a influência da interação das qualidades sattva, rajas e tamas da Natureza. Esses três gunas distorcem a pura Vibração Cósmica em uma variedade infinita, caracterizada por vários graus de propriedades de elevação, ativação ou embrutecimento.

Vibrações de diferentes frequências alteram-se umas às outras quando interagem. O objetivo do iogue é purificar-se das impurezas, nutrindo suas qualidades sáttvicas por meio da interação com as manifestações externas e internas que são puras e espiritualmente edificantes. Ele reconhece que mesmo a comida que ingere, e também a maneira como a come, tem um efeito salutar ou degradante não apenas no seu corpo, mas também na sua consciência, de acordo com a qualidade vibratória desses alimentos.

A dieta adequada é um assunto vasto por si só, que cativa muitos "modistas da saúde" – muitas vezes em seu detrimento. O Gita nestes versos simples oferece uma orientação concisa e fácil para determinar a qualidade espiritual ou não espiritual dos alimentos. Qualquer alimento que seja benéfico ou prejudicial no nível vibratório o é correspondentemente em seu efeito nutricional sobre a saúde.

Os alimentos sáttvicos, em geral, são frutas e vegetais frescos e doces (crus ou devidamente preparados), grãos integrais e legumes, laticínios frescos, nozes, doces naturais como mel e tâmaras (minimizando açúcares refinados) e quantidades nominais de gordura de laticínios. ou apenas fontes vegetais. Os alimentos preparados devem ser combinados e cozinhados de forma a reter ou aumentar os seus nutrientes. Devem ser esteticamente agradáveis à vista e saborosos ao paladar (moderadamente temperados) e agradáveis à constituição do corpo.

A harmonia vibratória e a nutrição equilibrada de uma dieta sáttvica – restringindo qualquer tentação de ganância ou de comer demais – promove não apenas boa saúde, vitalidade e longevidade, mas também atua na mente para nutrir uma disposição calma, contente e alegre, inclinada à bondade e à

espiritualidade. aspirações.

Reconhecendo que a comida, o ato de comer e quem come são todos expressões do Espírito, o devoto sáttvico considera a hora das refeições uma forma de yajna. Quando possível, come em silêncio e com os pensamentos interiorizados, num ambiente tranquilo e tranquilo. Ele inicia sua refeição com uma oração, como esta:

> *Pai Celestial, receba este alimento; torná-lo sagrado. Que nenhuma impureza da ganância o contamine. A comida vem de Ti; é para o Teu templo. Espiritualize isso. Espírito para Espírito vai.*
>
> *Somos as pétalas da Tua manifestação; mas Tu és a Flor, Sua vida, beleza e encanto.*
>
> *Permeie nossas almas com a fragrância de Tua presença.3*

Os alimentos rajásicos são aqueles que estimulam indevidamente as forças vitais do corpo, bem como a mente e os sentidos. Todo esse estímulo não é totalmente “ruim” e deve ser fanaticamente evitado. Para a pessoa média materialmente ativa, a moderação é obrigatória. A própria reação no paladar aos sabores quentes, picantes, salgados ou de outra forma fortes da maioria dos alimentos rajásicos indica sua qualidade estimulante.

Os ovos são considerados rajásicos; o mesmo acontece com certas carnes (peixe, aves e cordeiro - os alimentos de carne animal menos prejudiciais). Quaisquer itens ou seu excesso que estimulem excessivamente as forças vitais, que alimentam os sentidos e o sistema nervoso, devem ser evitados, pois produzirão desconforto e doenças no corpo, bem como agitação e angústia mental.

A descrição do Gita sobre os alimentos tamásicos é gráfica. Vê-se que mesmo os alimentos rajásicos sáttvicos ou saudavelmente estimulantes tornam-se tamásicos quando desnaturados por preparação ou preservação inadequada. A categorização tamásica também destaca os efeitos nocivos de negligenciar as leis de higiene. Uma dieta tamásica tem um efeito maligno no corpo e na mente e entorpece todas as aspirações de crescimento espiritual.

Entre os alimentos mais tamásicos comumente consumidos na sociedade moderna estão as carnes de formas superiores de vida animal, especialmente carne bovina e suína e produtos feitos a partir delas. Tanto quimicamente quanto vibracionalmente, estes são altamente prejudiciais ao corpo e à natureza espiritual do homem.

Quaisquer itens de consumo prejudiciais ao corpo também serão prejudiciais ao bem-estar mental e espiritual; e, inversamente, os alimentos que causam uma reação mental ou espiritual adversa também serão prejudiciais à constituição física.

Três Graus de Práticas Espirituais

Versículos 11–13

aphalākāṅkṣibhir yajño vidhidṛṣṭo de ijyate
yaṣṭavyam eveti manaḥ samādhāya sa sāttvikaḥ (11)

abhisaṁdhāya tu phalaṁ dambhārtham api caiva yat
ijyate bharataśreṣṭha taṁ yajñaṁ viddhi rājasam (12)

vidhihīnam asṛṣṭānnaṁ mantraḥīnam adakṣiṇam
śraddhāvirahitaṁ yajñaṁ tāmasaṁ paricakṣate (13)

(11) Aquele yajna (sacrifício ou cumprimento do dever) é sáttvico e é oferecido por homens que não desejam nenhum fruto da ação; e isso é feito de acordo com as escrituras, apenas por causa da justiça.

(12) Saiba, ó Melhor dos Bharatas (Arjuna)! que o yajna realizado na esperança de recompensa e com espírito ostentoso é de natureza rajásica.

(13) Aquele yajna é condenado como tamásico sem consideração pelas injunções bíblicas, sem oferendas de comida e presentes de agradecimento,4 sem orações ou cantos sagrados, e sem devoção (a Deus).

As mentes das pessoas sáttvicas estão concentradas exclusivamente em Deus como seu objetivo. Ao contrário da devoção rajásica oferecida com a expectativa de receber bênçãos, ou poderes, ou experiências fenomenais, ou a aclamação de admiradores, a motivação singular do devoto sáttvico é a correção inerente de se conformar aos mandamentos divinos de Deus e a pura alegria que sentem em amá-Lo. . Pela própria natureza de sua adoração, os rajásicos recebem as recompensas temporais e temporárias que conquistam; os sáttvicos alcançam o êxtase bem-aventurado e todo-realizador da união com Deus.

A última estrofe aplica-se ao vodu, feitiçaria, adoração ao diabo e outras práticas de magia negra que servem para mistificar e encantar as pessoas e que não produzem resultados de elevação espiritual. Tais cerimônias são desprovidas de boas vibrações e de consideração útil pelos outros; eles são realizados apenas para satisfazer as emoções malignas de homens ignorantes.

Quaisquer ritos profanos ou crenças praticadas que incentivem o desenvolvimento e o uso dos potenciais e poderes do mal são condenados pelos sábios e pelo cânone das escrituras como anátema, maldade vil e ruinosa.

VERSÍCULOS 14–17

devadvijaguruprājñapūjanaṁ chamamos āryavam
brahmacaryam ahiṁsā ca śārīraṁ tapa ucyate (14)

anudvegakaraṁ vākyaṁ satyaṁ priyahitaṁ ca yat
svādhyāyābhyasanaṁ caiva vāṅmayaṁ tapa ucyate (15)

manaḥprasādaḥ saumyatvaṁ maunam ātmavinigrahaḥ
bhāvasaṁśuddhir ity etat tapo mānasam ucyate (16)

śraddhayā parayā taptaṁ tapas tat trividhaṁ naraiḥ
aphalākāṅkṣibhir yuktaiḥ sāttvikaṁ paricakṣate (17)

(14) Veneração aos Devas, aos nascidos duas vezes, aos gurus e aos sábios; pureza, franqueza, continência e não violência são consideradas a penitência ou austeridade do corpo.

(15) A comunhão meditativa com o próprio Eu verdadeiro e a pronunciação de palavras que não causam agitação e que são verdadeiras, agradáveis e benéficas são chamadas de austeridade da fala.

(16) Uma clareza mental calma e satisfeita, bondade, silêncio, autocontrole e pureza de caráter constituem a austeridade da mente.

(17) Esta penitência tripla, de natureza sáttvica, é praticada por homens perseverantes, possuidores de grande devoção, que não desejam nenhum fruto de ações.

❖
Essência das tapas: "Aprenda a se comportar!"
❖

Tapas, austeridade, é a prática consciente das disciplinas que colocam todo o ser em harmonia com o verdadeiro Eu, ou natureza da alma. Tal disciplina é a base do desenvolvimento espiritual. Tapas podem ser resumidos sucintamente em uma frase frequentemente usada por meu reverenciado gurudeva, Swami Sri Yukteswar: "Aprenda a se comportar!" A mortificação corporal e as penitências excessivas são medidas extremas concebidas para submeter o corpo e a mente. Mas o iogue que não apenas orienta corretamente suas ações externas, mas que também através da meditação trabalha a partir de dentro, na fonte do comportamento, transforma-se rápida e naturalmente, adquirindo aquelas virtudes do corpo, da fala e da mente que caracterizam o devoto sáttvico.

Ele tem respeito pela divindade em suas diversas manifestações. Ele presta homenagem ao Espírito e aos seus aspectos criativos ativos, por meio de atos de adoração e comunhão meditativa. Ele venera os conhecedores de

Deus (os “nascidos duas vezes”), os gurus e os sábios por meio de ofertas de serviço e esforço concentrado para aprender com sua sabedoria e comportar-se de acordo. Suas ações expressam pureza (shaucha, limpeza no corpo, hábitos e ambiente, e ausência de vileza no uso dos sentidos), honestidade e sinceridade (arjavam), autocontrole em não agir de acordo com tentações e desejos (brahmacharya), e uma consideração cuidadosa para não causar dano intencional a ninguém (ahimsa). Estas são as austeridades do corpo.

A fala é uma faculdade extremamente poderosa, transmitindo não apenas ideias, mas capacitando-as com a força criativa da vibração Aum – a fonte de toda criatividade e suas manifestações sonoras, incluindo a voz humana. O pleno potencial da fala é um dom único legado por Deus ao homem. A austeridade disciplinada da fala é melhor apoiada pela percepção interior da verdade através do contato, ou comunhão, com o verdadeiro Eu (a imagem de Deus interior) na meditação (svadhyaya-abhyasanam). A terminologia sânscrita que descreve esta prática é por vezes traduzida como “a repetição das escrituras para si mesmo”. Um método de meditação sobre a verdade aplica este princípio de afirmação. Pela repetição concentrada de uma verdade verbalmente e depois mentalmente, ela preenche a mente consciente e penetra no subconsciente. Quando se aprofunda ainda mais, na superconsciência, na alma, a verdade se torna uma experiência real de conhecimento e retorna à mente consciente como uma realização.5 Através da “comunicação” regular com seu verdadeiro Eu, o iogue torna-se cada vez mais uno com verdade. Sua fala se torna um instrumento adequado de suas percepções divinas interiores. Suas palavras são verdadeiras e sábias (satyam), agradáveis e benéficas (priya-hitam) – gerando paz, felicidade, compreensão e bem-estar – e são desprovidas de conotação desnecessariamente dura ou irritante (anudvega-karam). Sua voz é gentil, mesmo quando enérgica, e não admite nenhum vestígio de entonação cáustica.

Austeridade mental é a prática de manter a tranquilidade em todo o ser interior. O iogue atinge o ápice desse estado na meditação extática, na qual a mente habitualmente inquieta se torna totalmente plácida, satisfeita e

❖

Austeridade mental: manter a tranquilidade em todo o ser

❖

cristalina em suas percepções. Os sentidos geralmente dominantes do ego estão completamente restringidos e sob o controle do Eu, efetuando assim uma uniformidade de coração, ou sentimento – o aquietamento de emoções turbulentas. Livre dos constantes pronunciamentos dos sentidos e da tagarelice dos pensamentos inquietos, o iogue deleita-se na maravilhosa quietude absoluta de uma bem-aventurada calma interior que gradualmente purifica toda a sua natureza. Tal era a calma de meu guru, Sri Yuktéswar, que você não poderia começar a medir sua profundidade. Tomos de sabedoria foram escritos na serenidade imaculada de sua consciência.

O praticante da austeridade mental sáttvica esforça-se pela continuidade desta disciplina interna tanto na atividade como na meditação. Ao manter uma calma mental e uma atitude positiva e alegre, ele desfruta de clareza de pensamento e percepção (manas-prasadas). Com uma uniformidade interior de coração, na qual seus sentimentos estão livres da agressividade de gostos e desgostos e expectativas, ele é gentil em todas as circunstâncias (saumyatvam). Não importa quais condições existam em seu ambiente externo, ele mantém uma calma quietude interior (mauna). Nenhum artifício astuto de tentação sensorial pode influenciar as determinações discriminativas de seu autocontrole (atma-vinigrahas). Surge uma pureza divina em todas as suas motivações, pois elas resultam das virtudes que se tornaram o agregado do seu caráter (bhava-samshuddhi).

❖

Conselhos para o meditador que está ansioso por resultados

❖

Junto com tudo o que é perguntado ao devoto se ele deseja atingir a Meta Divina, ele é lembrado repetidamente de que seus esforços devem ser realizados sem desejo de seus frutos ou resultados. Ele compreende prontamente a lei do carma e como o apego a qualquer realização – mesmo as virtuosas – pode prender a alma na esfera da manifestação. Mas às vezes o devoto fica confuso ao tentar compreender por que não deveria concentrar-se nem mesmo nos frutos transcendentes das ações meditativas – a realização de Deus. O anseio pelos resultados das ações mundanas mantém o homem

enredado na rede das percepções materiais. Portanto, a meditação com um desejo profundo de obter a comunhão divina é necessária, no início, para compensar os desejos pelos frutos materiais das atividades mundanas.

Mas se o devoto olhar para os resultados após cada meditação, é provável que ele se concentre mais na sua realização, ou na falta dela, do que na ação necessária de aumentar a profundidade das suas meditações. Um iogue deve estar tão completamente absorto no amor divino por Deus que medite automática e voluntariamente, sem pesar continuamente para encontrar os resultados de seus esforços.

O devoto obterá melhores retornos se mergulhar no amor de Deus em vez de pensar constantemente, negociando como um homem de negócios: "Posso comprar o Senhor com tal e tal quantidade de meditação".

Um aspirante que se concentra nos frutos da meditação pode abandonar a sua busca por Deus se não O encontrar após anos de esforço. Mas o verdadeiro iogue ama a Deus incondicionalmente. Se, devido à obstrução temporária de algum carma maligno subconsciente oculto, ele não sente a Presença Divina, ele nunca fica desanimado. Mesmo que não consiga encontrar o Senhor depois de inúmeras tentativas, o amante divino nunca deixa de buscá-Lo. Assim como a onda gradualmente afunda no mar quando a tempestade diminui, o verdadeiro buscador tem fé que, se perseverar, todas as obstruções internas deverão desaparecer; mais cedo ou mais tarde a pequena onda da alma se unirá ao Oceano Cósmico, de onde veio e para onde deverá retornar.

VERSÍCULOS 18–19

satkāramānapūjārthaṁ tapo dambhena caiva yat
kriyate tad iha proktaṁ rājasaṁ calam adhruvam (18)

mūḍhagrāheṇātmano yat pīḍayā kriyate tapaḥ
parasyotsādanārthaṁ vā tat tāmasam udāhṛtam (19)

(18) Diz-se que as austeridades são rajásicas, instáveis e passageiras, quando praticadas com o propósito de ostentação e para obter reconhecimento, honra e homenagem dos homens.

(19) As austeridades tamásicas são aquelas baseadas na ignorância ou na tolice ou realizadas para autotortura ou para ferir outras pessoas.

As penitências rajásicas possuem pouco mérito espiritual. Mas são melhores do que a prática de nenhuma austeridade ou de austeridades malignas. A prática de penitências, mesmo ostentosas ou hipócritas, pode com o tempo levar um homem a desejar realizá-las com humildade, no espírito correto.

As austeridades tamásicas, como bruxaria e feitiçaria, são desastrosas para o bem-estar espiritual do praticante. Ao longo dos tempos, muitos desses métodos foram praticados com o propósito de vingança ou para exercer o poder básico de prejudicar os outros.

Tentar ferir Deus presente nos inimigos funcionará como um bumerangue. Desejar o infortúnio para os outros desenvolve em si qualidades nocivas. É preciso possuir o mal antes de poder transmiti-lo aos outros. O homem que mata outro fez um convite à Lei Cósmica para organizar o seu próprio fim violento. “Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado.”6

TRÊS TIPOS DE DOAÇÃO

VERSÍCULO 20

datavyam iti yad danaṁ dīyate 'nupakāriṇe
deśe kāle ca pātre ca tad danaṁ sāttvikaṁ smṛtam

A dádiva boa ou sáttva é aquela feita em prol da retidão, sem expectativa de nada em troca, e é concedida no tempo e lugar apropriados a uma pessoa merecedora.

Um presente (dana) que é apresentado a uma pessoa digna sem pensar em

receber qualquer tipo de compensação por isso é de natureza sáttvica ou virtuosa. O homem que dá “sem compromisso” a uma pessoa merecedora tem um coração puro. Paradoxalmente, tal dádiva traz ao doador o maior benefício espiritual, justamente porque ele não a busca.

O hábito de dar derruba gradualmente os muros de separação entre Deus e o homem, e leva o devoto a oferecer ao Senhor o presente supremo: a entrega de sua alma. Quando ele dá a sua alma a Deus através do amor, sem esperar qualquer retorno do favor divino, ele passou no teste mais elevado da vida.

O Senhor tem tudo, exceto o amor de Seu filho pródigo, o homem. Se se pode dizer que o Pai Celestial “precisa” de alguma coisa, é do amor de Seus filhos fugitivos, vagando na ilusão. Ele os quer de volta, para sua própria felicidade e para a Sua felicidade também. Ele se sente responsável por eles; quem senão Ele criou maya e seus labirintos de miséria? Que alegria Ele sente quando recebe o amor incondicional de Seus filhos!

Existem três tipos de dons sáttvicos: materiais, mentais e espirituais. No plano físico, dar comida e dinheiro a um pobre é bom; dar-lhe um emprego é melhor. Ajudá-lo a tornar-se bem qualificado para conseguir trabalho é ainda melhor. A ajuda material contínua a um homem torna-o escravizado e dependente, por isso é louvável encorajá-lo a remediar os seus males através da auto-ajuda.

No plano mental, é bom ajudar a esclarecer uma pessoa ignorante; e oferecer educação adicional a um homem inteligente é melhor, pois ele, por sua vez, pode ser mais útil a muitos outros.

No plano espiritual, é bom dar instruções elevadas a um homem disposto, cuja vida até agora esteve afundada no materialismo. É melhor transmitir a sabedoria divina a um buscador ardente. Ajudar um devoto avançado para que, através de seu próprio entusiasmo e conhecimento, ele possa conquistar a emancipação, é ainda melhor. Conceder a consciência de Deus a um discípulo digno através da transmissão do êxtase (samadhi) é o melhor de tudo. Somente gurus iluminados podem transferir sua realização divina para aqueles de seus discípulos que estão prontos para a experiência sublime.

Cada profeta ajuda quantitativamente a sociedade, as massas ao seu redor, que respondem com um pouco de ardor e algum ligeiro desenvolvimento interior. Mas qualitativamente ele se concentra em elevar um pequeno grupo à estatura espiritual suprema, como fizeram Jesus, Lahiri Mahasaya e outros.

Assim como uma lua derrama sobre o mundo uma luz maior do que as incontáveis estrelas, um discípulo semelhante a Cristo que recebe o dom da comunhão com Deus através do esforço próprio e através da transmissão de êxtase do seu guru inspira e redime milhares de pessoas através da sua espiritualidade iluminadora.

O ato de dar transmite poder físico ou material, poder mental ou poder espiritual de uma pessoa qualificada para outro homem que necessita dessa ajuda. Para conceder dinheiro, sabedoria ou consciência divina a outros, é necessário primeiro ter ele próprio adquirido essas posses. Eles deveriam então ser usados para ajudar seu próximo.

Através da simpatia e da visão profunda, um verdadeiro guru vê o Senhor sofrendo nos pobres física, mental e espiritualmente; e é por isso que ele sente que é seu alegre dever ajudá-los. Ele tenta alimentar o Deus faminto no desamparado, despertar o Deus adormecido no ignorante, amar o Deus inconsciente no inimigo e despertar o Deus meio adormecido no devoto ansioso. E por meio de um toque suave de amor, ele desperta instantaneamente o Deus quase totalmente desperto no buscador avançado. Um guru é, entre todos os homens, o melhor dos doadores. A sua generosidade, como a do próprio Senhor, não conhece limites.

VERSÍCULO 21

yat tu pratyupakārārthaṁ phalam uddiśya vā punaḥ
dīyate ca parikliṣṭaṁ então danaṁ rājasaṁ smṛtam

É considerado rajásico aquele presente que é oferecido com relutância ou com a intenção de receber um retorno ou de obter mérito.

Esta forma defeituosa de doação não é totalmente repreensível; é melhor do que não praticar nenhuma caridade e pode eventualmente levar a doações altruístas. Doar dinheiro ou compartilhar o conhecimento intelectual ou espiritual com outros na expectativa de obter benefícios futuros em troca ou na esperança de ser recompensado por Deus é uma generosidade tingida de rajas ou desejos mundanos. Está imperfeitamente motivado; e é na verdade uma troca, não um presente. No entanto, um homem que faz uma oferta, mesmo que imperfeita, é mais admirável do que uma pessoa avarenta e que não compartilha.

Qualquer coisa oferecida com relutância está contaminada com sentimentos rajásicos ou egoístas. Um homem que realiza suas devoções de má vontade ao amanhecer, lamentando a perda de sono, ou que segue preguiçosamente seus exercícios espirituais sem concentração real, está fazendo uma doação rajásica e involuntária de si mesmo a Deus. Este tipo de oferenda é preferível a nenhuma devoção; mas um doador tão parcimonioso está apto a receber da lei cósmica um retorno igualmente mesquinho.

O devoto rajásico pode ou não receber a graça divina, mas aquele que ama o Senhor de todo o coração O encontra sem falta. Mergulhar com fé incondicional no oceano de Deus traz a resposta simpática de Sua misericórdia, enquanto um pequeno mergulho reservado nas águas da meditação, depois de muita indecisão e planejamento de resultados, traz, talvez, apenas uma escassa satisfação.

VERSÍCULO 22

adeśakāle yad dānam apātrebhyaś ca dīyate
asatkṛtam avajñātaṁ tat tāmasam udāhṛtam

Um presente tamásico é aquele concedido na hora e no lugar errados, a uma pessoa indigna, com desprezo ou sem boa vontade.

Os presentes tamásicos prejudicam tanto quem dá quanto quem recebe. A Bíblia diz para não lançar pérolas aos porcos. Não se deve oferecer dinheiro

ou presentes em espécie em lugares maus ou a pessoas más, pois isso seria usado para espalhar problemas no mundo.

Quando alguém oferece ajuda material a outro, com malícia ou insulto, apenas para obter o “nome” do doador, é um tipo de presente tamásico ou errado; assim como um presente que desperta má vontade porque é dado de forma imprudente. Dar presentes a pessoas ricas ou influentes, não por amizade, mas como suborno para ganhar favores ou vantagens, também é uma ação prejudicial.

Dar bons conselhos a homens ridicularizadores ou tentar instruir seres humanos vaidosos e presunçosos nos caminhos da retidão é, de fato, lançar pérolas de sabedoria na sujeira.

Um religioso que se torna rebelde para com Deus, devido à contínua calamidade e sofrimento ou à falta de progresso espiritual perceptível, mas que persiste, embora a contragosto, em oferecer adoração por um senso de propriedade e por medo do poder onipotente do Criador, apresenta ao Senhor, uma oblação tamásica degradada.

As estrofes 20-22, portanto, nos dizem as formas corretas (sáttvicas), mundanas (rajásicas) e erradas (tamásicas) de dar presentes. O devoto que escolhe sempre o caminho da benevolência desinteressada acaba por encontrar-se em sintonia com o Divino Doador de Todas as Dádivas. Todo o universo é mantido pela liberalidade incessante e exuberante de Deus para com todas as Suas criaturas.

Aum-Tat-Sat: Deus Pai, Filho e Espírito Santo

Versículo 23

auṁ tat triste iti nirdeśo brahmaṇas trividhaḥ smṛtaḥ
brāhmaṇās tena vedāś ca yajñāś ca vihitāḥ purā

"Aum-Tat-Sat" é considerado a designação tripla de Brahman (Deus). Por este poder foram criados, no início, os Brâmanes (conhecedores de Brahman), os Vedas e os ritos de sacrifício.

O Imanifestado, o Infinito, o Espírito Imutável é chamado Para-Brahman: o Único Absoluto. Mas durante os ciclos de manifestação, o Sem Nome e o Sem Forma é descrito como Aum-Tat-Sat (ou, frequentemente, Sat-Tat-Aum) – assim designado pelos antigos sábios. Na Bíblia cristã, Sat-Tat-Aum é chamado de Pai, Filho e Espírito Santo.

Aum (a "Palavra" da Bíblia) é Deus, o Espírito Santo, Poder Vibratório Invisível, o criador direto e ativador de toda a criação.

Tat ("Aquilo") é Deus Filho, o Cristo ou Inteligência Cósmica Kutastha ativamente presente em toda a criação.

Sat ("Ser, Verdade") é Deus Pai, além da criação, existindo em uma imutabilidade sem vibração.

Assim como o oceano calmo sem ondas e o oceano com ondas tumultuadas são um e o mesmo em essência, diferindo apenas na aparência, assim também o Mar Imanifestado do Espírito (Para-Brahman) e o Mar Manifestado do Espírito (Aum-Tat-Sat) são a mesma Realidade Única, diferindo apenas na forma.

Deus como Sat é o Pai da criação (Ishvara), embora exista além dela. Deus como Tat é o Filho ou Cristo (Krishna ou Kutastha) Inteligência que permeia o universo. Deus como Aum é a Vibração Criativa que sustenta os mundos através de Prakriti, a Mãe Natureza, Sua consorte. É a concepção tripla macrocósmica que se estabeleceu no relacionamento humano microcósmico entre pai e mãe e seu reflexo na prole.

O homem manifesta em si as três manifestações divinas. Seu corpo é o resultado de Aum ou forças vibratórias. Sua Inteligência Crística ou Tat existe em seu olho espiritual onisciente entre as sobrancelhas. Esta Inteligência, individualizada como sua alma, é um reflexo da Consciência Cósmica ou Sat que reside no lótus de mil pétalas no cérebro.

Estas três medidas do Espírito encarnado no homem "desde o princípio" são os Brâmanes, Sat, "conhecedores de Deus", a alma; os Vedas, Tat, a inteligência intuitiva e onisciente da alma; e os ritos de sacrifício, Aum, a

vida vibratória que cria e preserva o corpo, capacitando-o a realizar seus rituais divinos e obedientes de existência - incluindo os ritos de sacrifício finais da ioga (um dos quais é a meditação em Aum) que reúnem a alma com Espírito. Por esta inerência, inerente ao surgimento dos seres mortais, o Senhor dotou ao homem o caminho e os meios – e a garantia irrevogável – da salvação.

Todos os iogues que realizam o rito sacrificial de ouvir a onipresente vibração sagrada de Aum alcançam a percepção cósmica, Veda, e por meio dessa bem-aventurança em expansão ascendem à consciência cósmica e se tornam almas Auto-realizadas, os verdadeiros Brâmanes ou “conhecedores de Brahman”.

Aum dos Vedas tornou-se a palavra sagrada Hum dos tibetanos, Amin dos muçulmanos e Amen dos egípcios, gregos, romanos, judeus e cristãos. Amém em hebraico significa “seguro, fiel”. Aum é o som onipresente que emana do Espírito Santo enquanto ele realiza seu trabalho de criar e manter a estrutura universal. Aum é a voz da criação, testemunhando a Presença Divina em cada átomo.

“Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o início da criação de Deus.”7

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... Todas as coisas foram feitas por ele (o Verbo ou Aum); e sem ele nada do que foi feito se fez.”8

“A fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus.”9

“Aquele que conhece Aum conhece Deus.”10

Aum é o criador de todas as coisas com poder divino; ela se manifesta como luz cósmica e som cósmico. Assim como o rugido do oceano é um som conglomerado de todas as ondas e se manifesta em cada onda, assim o som cósmico e a luz cósmica são o agregado de toda a criação animada e inanimada, e se manifestam em cada homem como a luz da vida e podem ser ouvido por ele como o som astral de Aum.

Cada buscador que deseja a libertação do mundo da ilusão deve passar pela esfera da vibração do Espírito Santo e pela esfera da Inteligência Crística antes de poder alcançar Deus, o Pai, além dos mundos

fenomênicos. “Ninguém vem ao Pai (Consciência Cósmica), senão por mim (Consciência Crística).” Estas palavras foram ditas por Jesus a partir de sua unidade com a Inteligência Crística Infinita: “Acredite em mim que estou no Pai, e o Pai em mim.”11

Jesus prometeu enviar aos seus discípulos o Consolador, o Espírito Santo, para acelerá-los no caminho da Auto-realização. Um devoto avançado pode ouvir o som de Aum em seu corpo e ver sua luz em seu olho espiritual. Depois que ele se familiarizou com essas duas manifestações limitadas, no som corporal e em seu olho espiritual, então, através da expansão adicional de sua consciência na Onipresença, ele vê seu pequeno olho esférico de luz expandir-se em uma esfera cósmica cuja luminosidade confunde todo o mundo. universo.

Da mesma forma, quando o devoto ouve Pranava, o som sagrado do Aum, ele esquece as restrições do corpo humano e do espaço e pode sentir o Aum do seu corpo vibrando na percepção do seu corpo cósmico. Ele sente sua consciência vibrando em todos os lugares com o som Aum sempre em expansão. Em êxtase, ele subitamente vê seu corpo como um átomo ou célula do corpo cósmico. Percebendo o corpo cósmico como seu, ele sente nele o som cósmico Aum (ver versículo 24) e a Inteligência Crística (ver versículo 25). Ao avançar ainda mais, ele se torna consciente de sua presença não apenas em toda a criação, mas com Deus, o Pai, além da criação (ver versículos 26–27).

VERSÍCULO 24

tasmād sobre seu udāhṛtya yajñadānatapaḥkriyāḥ
pravartante vidhānoktāḥ satataṁ brahmavādinām

Portanto, os atos dos seguidores de Brahman – sacrifício, entrega de presentes e austeridades conforme prescrito pelas escrituras – são sempre iniciados com o canto de “Aum”.

A expressão audível de “Aum” produz uma sensação de sacralidade, mesmo quando o devoto sente admiração ao som da palavra “Deus”. No

início de todos os atos e rituais, a repetição da sílaba sagrada, “Aum”, o Pranava, símbolo do Divino, remove as impurezas e defeitos inerentes a todas as atividades humanas, mesmo as mais elevadas.

No entanto, a verdadeira compreensão do Aum só é obtida ouvindo-o internamente e depois tornando-se um com ele em toda a criação. É por isso que os antigos sábios proibiram o estudo dos Vedas àqueles que eram kayastha (identificados com o corpo) e, portanto, não receptivos ao som cósmico, Aum.

Na Bíblia12 São João nos diz: “Eu fui arrebatado em Espírito no dia do Senhor, e ouvi atrás de mim uma grande voz, como de trombeta, dizendo: Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último” – o onipresente Aum vibração pela qual Deus criou os céus e a terra. Os devotos que conseguem comungar espiritualmente com Aum e compreender seu significado onipresente são capazes de sentir Deus, o Pai, além da criação, manifestado na criação como a Vibração Cósmica criativa.

Todos os aspirantes a iogues que desejam realizar os ritos sagrados internos da inquietação consumidora e da ilusão no fogo do êxtase, doadores de devoção incondicional a Deus e cultivadores da verdadeira percepção através do autodomínio, devem começar seu progresso no caminho espiritual primeiro cantando Aum, e então comungando com Aum ouvindo esta sagrada Palavra-símbolo de Deus presente dentro do corpo-templo.13

Versículo 25

tad it anabhisaṁdhāya é a fonte do sacrifício
danakriyāś ca vividhāḥ kriyante mokṣakāṅkṣibhiḥ

Os que buscam a libertação realizam então os vários ritos de sacrifício, entrega de presentes e austeridades enquanto se concentram no “Tat” sem desejar resultados.

A realização de Tat, Isso, o imortal Indefinível, a Inteligência Cósmica na criação, vem depois que o sempre esforçado buscador da salvação

conseguiu fundir-se em Aum. Ele então retira sua mente de todas as percepções espirituais menores e se envolve na elevada cerimônia de unir sua superconsciência com Tat, o Cristo cósmico ou Espírito de Krishna que existe por trás da cortina padronizada de vibração cósmica e é a essência indefinida que mantém unidos todos os fios da vibração cósmica. a tapeçaria da criação. Os devotos que se fundem nesta Inteligência onipresente são os verdadeiros doadores de suas almas para Kutastha Chaitanya, o Tat.

VERSÍCULOS 26–27

sadbhāve sādhubhāve ca triste ity etat prayujyate
praśaste karmaṇi tathā sacchabdaḥ pārtha yujyate (26)

yajñe tapasi dane ca sthitiḥ triste iti cocyate
karma caiva tadarthīyaṁ tristeza evābhidhīyate (27)

(26) A palavra "Sat" é a designação da Realidade Suprema (além da criação) e da bondade (que emana Dela em toda a criação). "Sat" também se refere às formas superiores de ação espiritual.

(27) O estado de estabilidade nos ritos mais elevados de sacrifício, autodisciplina e oferenda devocional é denominado "Sat" (comunhão com Deus como Consciência Cósmica transcendente). Na verdade, a mesma ação espiritual ligada a "Tat" (realização de Deus como imanente na criação) também é chamada de "Sat".

As boas qualidades e boas atividades de todos os seres humanos, divindades e homens liberados têm sua fonte em Sat, Deus Pai, o Absoluto e Imutável.

Todas as atividades do buscador, pelas quais ele alcança a unidade com a Consciência Cósmica, são de natureza Sat; são ações divinas supremas que levam à percepção do Transcendental, Sat.

Depois que os grandes iogues penetraram além da esfera da vibração cósmica Aum e da consciência Tat dentro de toda a criação, eles se tornaram um com Sat, além da criação. Fundidos no Sol Transcendental da

Consciência Cósmica, tais devotos contemplam, fluindo de Seu seio, os raios de todas as percepções divinas e de todas as atividades divinas.

Quando um iogue avançado atinge o estado final de realização da alma, dissolvendo toda a inquietação em êxtase, e é capaz, pela autodisciplina e devoção, de fundir-se na Existência Ilimitada além da criação, ele se torna inamovivelmente fixo em Sat. À medida que ele penetra profundamente na compreensão da Transcendência Divina, Tat, o Senhor imanente na criação, também se torna parte de sua experiência de samadhi. A ilusão da dualidade – o manifestado em contraste com o Não Manifestado – dissolve-se; o reino da criação e o Infinito além são vistos como uma e a mesma Consciência Cósmica, a Única Realidade, Sat.

VERSÍCULO 28

aśraddhayā hutaṁ dattaṁ tapas taptaṁ kṛtaṁ ca yat
asad ity ucyate partha na ca tat pretya no iha

Ó Partha (Arjuna)! Qualquer sacrifício oferecido, presente concedido ou austeridade realizada sem fé (devoção) é chamado de "asat". Não vale nada aqui e no futuro.

Fé profunda (shraddha), devoção incondicional, é necessária para o sucesso no caminho espiritual. "Sem fé é impossível agradá-Lo: pois é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que é galardoador daqueles que O buscam diligentemente."14

As práticas religiosas que são seguidas descuidadamente ou sem entusiasmo carecem de devoção incondicional de fé e podem ser consideradas asat (contra a Verdade). A busca pelo Senhor – nosso Pai e Criador do Universo – merece toda a nossa atenção; o que mais poderia ser considerado mais importante?

O homem que executa mecanicamente seus deveres devocionais, sem real entusiasmo e aspiração, encontra sua sede espiritual insatisfeita nesta vida; e, de acordo com a lei do carma, permanecerá intacto também no próximo mundo.

Mas o iogue que, através da meditação, sintoniza-se com a shraddha intrínseca da alma, descobre que esta fé devocional, em última análise, o recompensa com a maravilhosa realização da realização de Deus.

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasaṁvāde
śraddhātrayavibhāgayogo nāma saptadaśo 'dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o décimo sétimo capítulo, chamado "União através dos Três Tipos de Fé".

OceanoofPDF. com

CAPÍTULO XVIII

"EM VERDADE TE PROMETO: TU ME ALCANÇARÁS"

❖

Renúncia: a arte divina de agir no mundo com altruísmo e desapego

❖

As Raízes da Ação e a Consumação da Ação (Liberação)

❖

Três graus de conhecimento, ação e caráter

❖

Inteligência (Buddhi), Fortaleza (Dhriti) e Felicidade (Sukham): Suas Expressões Superiores e Inferiores

❖

Discernir o dever divinamente ordenado na vida

❖

Resumo da Mensagem do Gita

❖

O diálogo entre espírito e alma termina

Arjuna disse: “Minha ilusão se foi! Eu recuperei a memória (de minha alma) através de Tua graça, ó Achyuta (Krishna incomparável). Estou firmemente estabelecido; minha dúvida desapareceu. Agirei de acordo com a Tua palavra.”

OceanoofPDF. com

Capítulo XVIII

“Em verdade te prometo: tu me alcançarás”

Renúncia: a arte divina de agir no mundo com altruísmo e desapego

Verso 1

arjuna pegou
saṁnyāsasya mahābāho tattvam icchāmi vedum
tyāgasya ca hṛṣīkeśa pṛthak keśiniṣūdana

Arjuna disse (para Sri Krishna):
Ó Hrishikesha, ó de braços poderosos, ó matador do (demônio) Keshi! Desejo conhecer o verdadeiro significado de sannyasa (renúncia) e também de tyaga (renúncia), e a distinção entre eles.

O primeiro capítulo do Bhagavad Gita foi uma introdução aos preceitos a serem abordados no abrangente diálogo Krishna-Arjuna. E agora neste décimo oitavo capítulo, a conclusão desta escritura sobre Yoga, encontraremos uma discussão concisa dos assuntos mencionados nos dezessete capítulos anteriores.

A renúncia – o abandono de ações, desejos e apegos que impedem o progresso da alma – é o princípio abrangente que caracteriza a mensagem do Gita. Quando o devoto descobre que a comunhão intuitiva de sua alma com o Espírito ainda é periodicamente perturbada pela inquietação durante a meditação, ele invoca Deus como o Conquistador dos Sentidos, o Mestre de todas as forças externas e internas e o Destruidor da Ignorância. O buscador apela ao Senhor para que remova sua inquietação causada pela

contínua escravização aos sentidos e sensações. Neste estágio, o iogue se pergunta como pode renunciar a todos os objetos de distração da alma. Portanto, é natural que um devoto como Arjuna deseje compreender claramente a diferença entre as duas formas de renúncia.

VERSÍCULO 2

śrībhagavan uvāka
kāmyānāṁ karmaṇāṁ nyāsaṁ saṁnyāsaṁ kavayo viduḥ
sarvakarmaphalatyāgaṁ prāhus tyāgaṁ vicakṣaṇāḥ

O Bendito Senhor disse:

Os sábios chamam de "sannyasa" a renúncia a todas as ações realizadas com desejo. Os sábios declaram que "tyaga" é a renúncia aos frutos das atividades.

❖
Dois aspectos da renúncia: sannyasa e tyaga
❖

Tanto sannyasa quanto tyaga, na linguagem comum, indicam renúncia, o abandono ou abandono de objetos e atividades mundanas - especialmente quando adotados por aqueles que fazem votos sagrados, como na antiga Ordem de swamis de Shankara.1 Mas o Gita apresenta um argumento mais profundo para a verdadeira renúncia. como exigindo um desapego interior acima e além de qualquer ato meramente físico de abandono material. Nessa explicação, é feita uma distinção sutil entre sannyasa e tyaga para definir dois aspectos da renúncia. A renúncia a Sannyasa significa o abandono dos desejos e motivos egoístas que são os instigadores habituais das ações. A renúncia a Tyaga significa a renúncia ou a não identificação com os frutos ou resultados inevitáveis que advêm de todas as ações.

De forma alguma o Gita defende a renúncia à ação em si, pois a ação é uma verdadeira necessidade para o ser encarnado e um apoio positivo para o aspirante a iogue. O estado sem ação é antes o culminar da renúncia, o abandono interior da identificação com o ego e seus instrumentos de ação na compreensão de que Deus é o Único Fazedor, Percebedor e Conhecedor.

Neste estado, embora as ações obrigatórias e obedientes continuem, estas são conhecidas como nishkama karma, atividade inativa, porque não causam nenhuma escravidão cármica, sendo livres de motivação egoísta e de tomar para si os efeitos ou frutos resultantes. Esta é a renúncia última ou perfeita pela qual o iogue se esforça – primeiro, aprendendo a trabalhar sem desejo pessoal de obter os frutos da ação (sannyasa); e segundo, transcendendo espiritualmente a identificação com os frutos resultantes (tyaga).

❖

Abandono mental dos frutos das ações durante sua execução

❖

Foi dito no sexto capítulo, estrofe 1, que ele é um verdadeiro sannyasi (renunciante) e um verdadeiro iogue que realiza boas ações obedientes para ajudar a humanidade e ações meditativas para encontrar Deus, sem desejar obter os frutos dessas ações justas. para satisfazer o ego; ele age apenas para agradar a Deus. Ele é um sannyasi porque renuncia ao desejo pelos frutos de suas ações, e também é um iogue porque ajuda os outros e a si mesmo espiritualmente em direção à realização de Deus. Afirma-se claramente que aquele que não realiza ações obedientes não é um sannyasi nem um iogue. A renúncia aos frutos de todas as ações é seguida com o propósito singular de encontrar Deus, em vez de se enredar nas ambições mundanas. Renunciar aos objetivos materiais e trabalhar exclusivamente para agradar a Deus a fim de encontrá-Lo é o mesmo que ioga, que enfatiza a realização de ações meditativas para alcançar a união com Deus. Portanto, um verdadeiro iogue é um sannyasi, e um verdadeiro sannyasi é um iogue.

A renúncia significada por sannyasa é, portanto, uma renúncia mental total aos frutos das boas ações durante a sua execução. Se um sannyasi alimenta os pobres, concentrando-se mentalmente nos benefícios de suas ações, ou se realiza ações meditativas para atender aos anseios egoístas de seu ego por favores ou poderes divinos, ele compromete a pureza de sua renúncia. Os atos de um verdadeiro sannyasi são desprovidos de ego e concentram-se na motivação egoísta, que é a causa do carma gerador de reencarnação. E quando o verdadeiro sannyasi medita, ele pensa somente no Abençoado Senhor, amando-O incondicionalmente, sem antecipar as

recompensas e vantagens derivadas da comunhão com Deus.

❖

Desapego aos resultados da ação

❖

Através de ações zelosas e divinas e pela concentração em sua unidade inata com Deus, sem pensar em obter os frutos dessas ações em prol do ego identificado com o corpo, o devoto que pratica sannyasa nega os efeitos vinculantes da lei cármica.

Enquanto sannyasa se refere à ausência de expectativa pessoal durante o desempenho da atividade, o outro aspecto da renúncia perfeita, tyaga, envolve o desapego ou a não identificação com os frutos resultantes das ações, uma vez que essas ações tenham sido realizadas. O tyagi, assim como o sannyasi, é um iogue que trabalha e medita apenas para agradar a Deus.

O aspirante espiritual que está cheio de expectativa pode perder o interesse em Deus se o Senhor não se manifestar prontamente em resposta aos seus esforços ávidos. Mas o tyagi, indiferente aos resultados, permanece inalterado até mesmo pelos frutos amargos de esforços malsucedidos. Ele continua a buscar a Deus e a ansiar por Ele com mais fervor, quer haja ou não uma resposta satisfatória. Essa crescente urgência mental para conhecer a Deus não é um desejo obrigatório pelos frutos da ação; pelo contrário, qualquer ação que concentre a mente em Deus liberta o adepto da escravidão da ilusão.

Os princípios de sannyasa e tyaga desenvolvidos em sua aplicação metafísica mais elevada definem o renunciante consumado como alguém que abandonou em sua consciência o ego e seus anseios e apegos ilusórios e, em vez disso, tornou-se ancorado na consciência da alma de unidade com Deus.

Na meditação, o sannyasi observa a mente aprofundar-se na comunhão com Deus e depois emergir Dele novamente para o domínio dos pensamentos e sensações sem se tornar esquecida de Deus ou perder a concentração Nele. Mesmo quando a mente vagueia em pensamentos e sensações que distraem, estes não despertam desejos no sannyasi.

O tyagi realizado está totalmente concentrado em êxtase com Deus.

Tendo abandonado toda identificação com os “frutos” ou efeitos do seu ser material, a sua mente não vagueia de forma alguma em pensamentos inquietos, sensações corporais ou ambientes materiais.

Assim, o iogue que alcançou a renúncia interior perfeita às motivações desejáveis e aos frutos da ação, engaja-se na execução de boas ações e ações meditativas em um estado de êxtase consciente – para agradar somente a Deus. Tal renunciante vê o Senhor e não o seu ego como o executor de todas as ações físicas, mentais e espirituais, e como o destinatário dos seus frutos.

A pessoa que está identificada com o ego e com seus desejos e apegos aos frutos das ações fica confinada à percepção da atividade material que ocorre dentro e ao redor dela. O renunciante cuja mente permanece ancorada em Deus sente todas as atividades corporais e cósmicas como operações da Inteligência Divina, a imanência de Deus que é onipresente no reino criado e em todos os seres.

VERSÍCULOS 3–6

tyājyaṁ doṣavad it eke karma prāhur manīṣiṇaḥ
yajñadānatapaḥkarma na tyājyam iti cāpare (3)

niścayaṁ śṛṇu me tatra tyage bharatasattama
tyāgo hi puruṣavyāghra trividhaḥ saṁprakīrtitaḥ (4)

yajñadānatapaḥkarma na tyājyaṁ kāryam eva tat
yajño danaṁ tapaś caiva pāvanāni manīṣiṇām (5)

etāny api tu karmāṇi saṅgaṁ tyaktvā phalāni ca
kartavyānīti me pārtha niścitaṁ matam uttamam (6)

(3) Alguns filósofos dizem que todo trabalho deveria ser abandonado por estar cheio de mácula. Outros declaram que as atividades de yajna (rito do fogo sagrado), dana (filantropia) e tapas (autodisciplina) não devem ser abandonadas.

(4) Consequentemente, entenda de Mim a verdade última sobre a renúncia, ó Melhor dos Bharatas (Arjuna). Pois a renúncia tem sido mencionada como consistindo de três tipos, ó Tigre entre os Homens.

(5) A ação envolvida em yajna, dana e tapas realmente deve ser realizada e não deve ser abandonada, pois o rito do fogo sagrado, a filantropia e a autodisciplina santificam os sábios.

(6) Mas mesmo essas atividades devem ser realizadas, ó Partha (Arjuna), abandonando o apego a elas e o desejo por seus frutos. Esta é Minha convicção suprema e segura.

Naturalmente, os iogues que estão totalmente liberados e imersos em Deus podem dizer que todas as ações pertencem ao domínio da ilusão e devem ser abandonadas, mantendo a alma em êxtase ininterrupto com Deus. Na completa libertação ou unidade com o Espírito, todas as formas de ação podem ser condenadas como ilusórias, pois o Espírito, no estado não manifestado, está além de todas as vibrações e, portanto, além de todas as ações.

Surge então a questão: como pode um mortal comum, ao abandonar atividades boas, más e divinas ou meditativas, realizar o estado de consciência cósmica do Absoluto Inativo?

❖

Ações libertadoras: a cerimônia do fogo interior, doação aos outros e autodisciplina

❖

Os filósofos teóricos que denunciam todas as atividades sem terem alcançado a consciência cósmica de Deus são arautos da ilusão e de conselhos errados. Os verdadeiramente sábios dizem que as atividades relacionadas com as cerimônias do fogo sagrado (yajna), a oferta de presentes (dana) e as práticas autodisciplinares (tapas) não devem ser abandonadas pelo iogue que luta pela libertação. O Senhor já advertiu que aquele que não realiza ações divinas obedientes, sem desejar seus frutos, não é um verdadeiro iogue ou um verdadeiro renunciante.

Os verdadeiramente sábios inculcam a doutrina de realizar a cerimônia

do fogo sagrado interior de lançar a consciência material no fogo da sabedoria interior; e a cerimônia do fogo metafísico, a queima dos desejos mortais na percepção cósmica de Deus, ou a destruição dos desejos materiais no fogo dos anseios divinos. Esses atos são simbolizados no yajna externo de lançar manteiga clarificada no fogo cerimonial.

Esses homens de sabedoria também declaram que o ato de dar presentes aos aflitos envolve sentir Deus como Aquele que sofre nos outros e, portanto, leva à libertação. O desejo egoísta e limitante de obter coisas para si mesmo deve ser substituído pelo desejo altruísta e libertador de conceder dádivas ao Eu maior.

Ações autodisciplinadas de vencer a inquietação física, praticar a concentração mental e lutar pela comunhão extática da alma e do Espírito na meditação também devem ser realizadas, para treinar o corpo, a mente e a alma para longe da identificação com os prazeres corporais confinantes e para tornar todo o ser um tabernáculo de bem-aventurança divina.

Mas mesmo as ações boas e meditativas devem ser realizadas sem desejo e sem apego a essas atividades e aos seus frutos, se quisermos que todos os efeitos de ligação à alma sejam negados. Apegar-se à auto-satisfação em conceder presentes, ou na habilidade física do controle corporal (tal como alcançado através da prática de asanas de yoga), ou mesmo em atos de meditação e seus primeiros frutos de paz e alegria, limita o progresso do devoto a estes realizações e atrasa a obtenção da liberdade absoluta no Espírito. O devoto é aconselhado primeiro a substituir as ações motivadas materialmente por ações centradas em Deus e, então, a elevar-se acima de ambas e alojar-se no estado de Espírito sem ação e sem vibração. Ao apegar-se primeiro à meditação e às boas ações, o devoto elimina os apegos mais básicos às atividades materiais; mas com o tempo o iogue deverá dissolver todo apego – até mesmo à meditação e às boas ações – no êxtase da comunhão com Deus.

Assim o Senhor adverte Arjuna que quando o homem tiver atravessado o jardim emaranhado de espinhos do mal superficialmente encantador e entrado no jardim encantadoramente perfumado da virtude, ele não deve permanecer vagando por ele. Além desses jardins escuros e claros está o

palácio da inefável Sempre Nova Bem-Aventurança de Deus.

VERSÍCULO 7

niyatasya tu saṁnyāsaḥ karmaṇo nopapadyate
mohāt tasya parityāgas tāmasaḥ parikīrtitaḥ

A renúncia à ação obediente é imprópria. A renúncia a tal ação através da ilusão é chamada de tamásica (mal).

Abster-se de realizar ações obedientes é em si um ato não espiritual ou tamásico, porque o abandono de ações obrigatórias promove a ilusão e o mal. A pessoa espiritualmente ignorante só pode encontrar a redenção realizando ações obedientes com o desejo de agradar a Deus; se ele renunciar ao seu envolvimento em boas atividades, ficará mergulhado na ilusão, envolvendo-se em atividades más. Esses seres humanos desnorteados são chamados de tamásicos, aqueles que, através da ilusão, evitam atividades que levam à salvação.

VERSÍCULO 8

duḥkham ity eva yat karma kāyakleśabhayāt tyajet
sa kṛtvā rājasaṁ tyāgaṁ naiva tyāgaphalaṁ labhet

Aquele que abandona a ação por ser intrinsecamente difícil, por medo de problemas dolorosos para o corpo, está realizando a renúncia rajásica. Ele é incapaz de alcançar a recompensa da renúncia.

A realização de boas ações materiais com expectativa de resultados – por exemplo, ganhar a vida – é uma atividade rajásica. Aquele que abandona tal atividade material sob o pretexto de praticar a renúncia, mas cuja motivação é na verdade o medo de encontrar a dor ou os problemas envolvidos nela, realiza apenas a renúncia rajásica não-espiritual. Ele, portanto, não alcança a recompensa da verdadeira renúncia, que é a libertação dos laços cármicos

subsequentes.

Um devoto que renuncia a todas as atividades materiais supérfluas e permanece engajado em atividades zelosas espiritualizadas, em última análise, obtém a salvação como resultado de seu abandono das atividades que causam a escravidão da alma. Mas um homem que abandona a atividade zelosa por aversão ao trabalho físico ou medo de alguma dor ou dificuldade consequente, apenas abandona a ação externamente; interiormente ele permanece ligado ao corpo, escravo do ego e de suas sensações. Ele se sentirá avesso não apenas às atividades materiais desagradáveis, mas também ao esforço exigido pela liberação dos deveres divinos.

O homem divino não evita atividades que sejam por uma boa causa, mesmo as dolorosas, pois ele as vê como deveres que lembram a Deus. Ele renuncia apenas às atividades que alimentam sua consciência egoísta. Tal renunciante, lutando pela consciência de Deus, recebe as recompensas libertadoras da renúncia às atividades ilusórias.

VERSÍCULO 9

kāryam ity eva yat karma niyataṁ kriyate ‘rjuna
saṅgaṁ tyaktvā phalaṁ caiva sa tyāgaḥ sāttviko mataḥ

Ó Arjuna, quando uma ação obediente é realizada apenas porque deveria ser feita, abandonando o apego a ela e a seus frutos, essa renúncia é considerada sáttvica.

As ações obrigatórias são deveres divinamente ordenados. Incluem o cuidado necessário com o corpo, o cuidado da mente e o prazeroso dever de meditar na alma; e também aquelas ações altruístas realizadas em benefício da família, dos vizinhos e do mundo. O abandono do apego egoísta a estas ações e aos seus frutos, ao mesmo tempo que se continua a cumprir estes deveres justos como obrigatórios porque divinamente ordenados, é a forma mais pura de abandono, a renúncia sáttvica.

O devoto que permanece em comunhão extática com a alma,

observando simultaneamente as atividades sensoriais e motoras do corpo sem qualquer desejo ou apego, atinge o estado mais elevado, ou sáttvico, de renúncia. Esteja ele envolvido em atividades físicas zelosas ou imóvel em meditação extática no Infinito, em sua consciência a Presença Divina é sempre predominante. Sentindo a bem-aventurança ilimitada, ele automaticamente renuncia a todo apego a prazeres sensoriais menores, objetos materiais e frutos de ações. A renúncia automática de tudo o mais, ao encontrar Deus, é considerada a suprema renúncia espiritual.

O devoto que abandona os prazeres dos sentidos menores para obter a bem-aventurança desconhecida de Deus entrou no primeiro estágio da renúncia sáttvica. O iogue que obtém a Bem-aventurança Divina e então renuncia de forma consciente, deliberada e convincente a tudo o mais, atingiu o estado final de renúncia perfeita.

VERSÍCULO 10

na dveṣṭy akuśalaṁ karma kuśale nānuṣajjate
tyāgī sattvasamāviṣṭo medhavī chinnasaṁśayaḥ

O renunciante absorto em sattva, com uma compreensão calma, livre de dúvidas, não abomina uma ação desagradável nem se deleita com uma ação agradável.

Todas as ações realizadas em conexão com a realização do Absoluto permanente são sáttvicas. A prática da justiça, da verdade, da compaixão, da devoção, do dever, da pureza, da nobreza, da percepção meditativa do Ser – tudo isso leva à realização final do Espírito eterno. À medida que o devoto engajado em tais ações gradualmente se lembra de sua relação eterna com o Infinito, ele fica livre de todas as dúvidas e perde qualquer inclinação que o mantenha em cativeiro mortal.

Aquele cuja renúncia é pura executa com calma e compreensão todas as ações obedientes. Jesus Cristo aceitou a crucificação para cumprir a vontade de seu Pai Celestial.

O renunciante sáttvico também permanece imparcial em relação aos

deveres agradáveis. A superexcitação, mesmo na realização de ações nobres, cria ondas no lago da mente, distorcendo a verdadeira percepção da bem-aventurança da alma.

Qualquer trabalho ordenado por Deus, seja agradável ou desagradável, é um dever adequado; o verdadeiro renunciante que está concentrado no Senhor realiza ambas as coisas com igual zelo e desapego.

VERSÍCULO 11

na hi dehabhṛtā śakyaṁ tyaktuṁ karmāṇy aśeṣataḥ
sim, você karmaphalatyāgī sa tyāgīty abhidhīyate

É verdadeiramente impossível para um ser encarnado abandonar completamente as ações, mas aquele que renuncia ao fruto da ação é chamado de renunciante.

Pode-se dizer que uma alma identificada com o corpo é sua escrava, porque uma alma encarnada não pode abandonar totalmente as ações. Quem se conhece como corpo e não como alma é servo do corpo; ele tem que trabalhar para isso e se envolve no emaranhado de desejos e hábitos ligados a essa subserviência.

Por outro lado, aquele que está concentrado na alma como seu verdadeiro Eu executa ações obedientes, mas sem olhar para o seu resultado. Ao renunciar aos frutos das boas ações, mas não ao seu desempenho, essa pessoa é um verdadeiro renunciante.

O homem identificado com o corpo trabalha apenas para satisfazer seus desejos egoístas; o homem sábio percebe a alma como o habitante do corpo e trabalha sob sua orientação libertadora. O homem mundano realiza a maior parte de suas ações para satisfazer as necessidades e desejos de si mesmo e de sua família. Sua mente está sempre no ego: “Sou eu quem como”, “Sou eu quem ganha dinheiro e sustento a família”, “Sou eu quem pensa e crio o sucesso no meu trabalho”, e assim por diante. Mesmo que tal pessoa orientada para o ego pense em renunciar às ações materiais seguindo o caminho espiritual, ela ainda será incapaz de ser um verdadeiro

renunciante porque não pode esquecer a consciência do ego de identificação com o corpo. Mas quando, através da meditação contínua, ele desliga a sua mente da consciência do corpo e a une à consciência da alma, ele percebe que não deveria mais trabalhar para aquele ego arrogante e cheio de desejo. É neste estágio avançado que o iogue é capaz de renunciar a todo desejo pelos frutos das ações e cumprir seus deveres materiais obrigatórios com o desapego transcendente da alma.

VERSÍCULO 12

aniṣṭam iṣṭaṁ miśraṁ ca trividhaṁ karmaṇaḥ phalam
bhavaty atyāgināṁ pretya na tu saṁnyāsināṁ kvacit

O fruto trino da ação – bom, prejudicial e misto – surge nos não renunciantes após sua morte, mas nunca nos renunciantes.

Aquele que realiza ações sem renunciar ao desejo de obter seus frutos armazena os resultados bons, ruins e mistos como seu triplo carma (efeitos das ações). Essas sementes psicológicas armazenadas, quando regadas por um ambiente adequado, brotam em resultados específicos nesta ou em outra vida e no além.

Toda ação boa, má ou mista deposita no cérebro físico e astral do homem uma tendência-semente, que posteriormente cresce novamente em circunstâncias favoráveis. Estímulos sensoriais bons, ruins e mistos, por exemplo, estimulam essas três tendências, que então se manifestam como ações boas, más e mistas.

Na morte, a soma total das tendências do homem fica alojada no cérebro de seu corpo astral luminoso. A mistura de tendências boas e más faz com que a alma busque o renascimento precoce no mundo físico. Quando há uma predominância de boas tendências no cérebro astral, a alma em seu corpo astral gravita para um ambiente melhor em um planeta astral. Quando as tendências malignas predominam, a alma em seu corpo astral gravita para as esferas escuras do além, onde habitam seres goblins descontentes. Quanto tempo alguém permanece nas regiões astrais mais brilhantes ou

mais escuras antes de reencarnar na Terra é determinado karmicamente.

O verdadeiro renunciador dos frutos das ações não é tocado por nenhuma das três ações acima mencionadas, pois ele trabalha sob a direção do Senhor do universo e realiza todas as atividades somente em Seu nome. Tais iogues não acumulam quaisquer efeitos posteriores de suas ações e se libertam.

❖

Os verdadeiros iogues permanecem livres de carma, mesmo enquanto realizam ações

❖

Aquele que é um com Deus não é tocado pelo carma, não importa o que faça. Tal devoto faz de Deus o beneficiário de suas ações e, portanto, permanece karmicamente desembaraçado. Através do desejo, o egoísta acumula os frutos de suas ações e assim fica enredado nelas. Assim como o bicho-da-seda é fervido em um casulo de sua própria criação, o egoísta é destruído em seu casulo de ignorância criado por ele mesmo. O sábio permanece sem desejos e desapegado e, portanto, não acumula para si quaisquer frutos de suas ações, para que não se mostrem autodestrutivos.

O egoísta, pensando: “Eu sou o corpo; Eu ajo por mim mesmo, no meu mundo”, tem que resolver quaisquer desejos seus que permaneçam insatisfeitos no momento da morte. Mas o renunciante diz para si mesmo: “Renunciei ao serviço ao ego. Eu vivo, trabalho, movo-me no drama de Deus de acordo com Seu desejo e plano. Vim aqui não por vontade própria, mas por causa da vontade de Deus. Voltarei à terra ou irei a qualquer lugar que o Senhor me levar, mas não serei forçado a voltar aqui apenas para comer torta de maçã ou curry ou para satisfazer qualquer outro desejo tolo e não realizado. Todos os meus anseios são consumidos como uma oferta ao Senhor. Eu vivo sob Seu comando. Eu estou livre."

O homem identificado com o ego que deseja ser livre deve, da mesma forma, aprender a dedicar suas atividades físicas, mentais e espirituais a Deus. Ele deveria sempre pensar desta forma: “Eu trabalho para o Pai e Ele trabalha através de mim. Eu como, não porque esteja apegado à saúde, mas para cuidar deste corpo-templo que Ele está sob minha responsabilidade. Penso, raciocino e desejo, não para satisfazer o ego, mas para que eu possa

agir de forma inteligente e ambiciosa e servir somente ao Senhor. Ele me deu este corpo, razão, vontade e o poder de agir, então, sem apego, eu os uso para desempenhar meu papel em Seu drama."

As Raízes da Ação e a Consumação da Ação (Liberação)

Versículo 13

pañcaitāni mahābāho kāraṇāni nibodha e
sāṁkhye kṛtānte proktāni siddhaye sarvakarmaṇām

Ó de braços poderosos (Arjuna), aprenda comigo as cinco causas para a realização de todas as ações, que são narradas na sabedoria mais elevada (Sankhya), onde todas as ações terminam.

Sankhya, "sabedoria mais elevada",2 é ter conhecimento completo ou iluminação última. Esta "sabedoria suprema" e sua consumação no Espírito é elaborada na filosofia hindu nos sistemas de Sankhya e Vedanta. Os meios para realizar o conhecimento nele contido são fornecidos pelo Yoga.3

O advento do Autoconhecimento através da renúncia a todas as ações, conforme descrito na filosofia Sankhya, e a consumação de todas as ações após atingir esta realização, conforme descrito no Vedanta, ambos têm a ver com a natureza complexa da ação. Atividade é a manifestação ou expressão externa do Espírito transcendental e Seu reflexo, a alma, através da instrumentalidade da Natureza e das faculdades do corpo.

Sankhya ensina que a renúncia a todas as ações é necessária para obter o autoconhecimento. O primeiro aforismo em Sankhya declara que a maior necessidade do homem é a erradicação do sofrimento físico, mental e espiritual pela raiz, para que não haja possibilidade de recorrência.

A filosofia do Yoga ensina a técnica pela qual as três aflições humanas podem ser removidas para sempre.

Vedanta, que significa "fim dos Vedas" (conhecimento completo de toda

verdade a ser conhecida) descreve o Espírito Infinito, o objetivo final do homem. O primeiro aforismo do Vedanta afirma: “Assim começa a investigação sobre Brahman, o Infinito”.

Sem a renúncia prescrita em Sankhya e sem a técnica do Yoga, o devoto não pode escapar das complicações da consciência física, que produzem miséria, e realizar o Infinito. Tanto Sankhya quanto Yoga ensinam como alcançar Brahman; O Vedanta descreve e discute o que pode ser encontrado seguindo os conselhos de Sankhya e, o mais importante, praticando as técnicas do Yoga. Todas as três filosofias apontam o mesmo objetivo, mas o Sankhya e o Yoga devem ser seguidos primeiro, pois sem a sua ajuda o Espírito permanece inalcançável e desconhecido. Somente depois de compreender Brahman é que a discussão do Vedanta sobre Ele se torna verdadeiramente significativa.

Todas as atividades humanas são consumadas quando, seguindo os princípios do Sankhya e do Yoga, o devoto atinge o estado final descrito pelo Vedanta: Unidade com o Absoluto, além do domínio de todas as atividades.

Versículos 14–16

adhiṣṭhānaṁ tathā kartā karaṇaṁ ca pṛthagvidham
vividhāś ca pṛthakceṣṭā daivaṁ caivātra pañcamam (14)

śariravāṅmanobhir yat karma prarabhate naraḥ
há muitos deles (15)

tatraivaṁ sati kartāram ātmānaṁ kevalaṁ tu yaḥ
paśyaty akṛtabuddhitvān na na paśyati durmatiḥ (16)

(14) O corpo humano; o pseudoagente ali; a instrumentalidade múltipla (sentidos, mente e inteligência); as diversas funções divergentes; e, por último, o quinto destes, a divindade presidente, o destino:

(15) Estas cinco são as causas de todas as ações – certas ou erradas – realizadas pelo homem através do seu corpo, fala e mente.

(16) Sendo este o caso, quem tem consciência pervertida vê através de uma compreensão não esclarecida o Ser como o dispor exclusivo da ação, ele não vê.

O corpo é a primeira causa no desempenho das atividades do homem; pois sem a presença do corpo nenhuma ação – física, mental ou espiritual – poderia ser realizada.

A segunda causa é o ego, a pseudoalma ou agente, que se entroniza no corpo, nos sentidos, na mente e na inteligência. Sem esse "eu" nenhuma atividade poderia ser dirigida ou executada.

Os poderes da visão, audição, olfato, paladar e tato constituem os cinco instrumentos do conhecimento. A potência da fala e das atividades motoras realizadas pelas mãos, pés, órgãos retais e genitais constituem os cinco instrumentos de ação. A mente é a coordenadora e a inteligência é o guia. Ao todo, estas doze faculdades humanas constituem a terceira causa pela qual as atividades humanas são realizadas.

Essas doze faculdades no homem produzem diversas atividades nas cinco correntes vitais — as correntes de cristalização, assimilação, circulação, metabolização e eliminação — que, por sua vez, geram diversas atividades internas sutis no homem. Estas funções vitais divergentes, que brotam das doze faculdades do homem, constituem a quarta causa das atividades humanas.

Os efeitos tablóides das ações passadas estão alojados no cérebro como tendências dominantes, o destino autocriado pelo homem. Esta "divindade" silenciosa, cujo reinado exerce uma influência convincente nas atividades humanas presentes e futuras, é a quinta causa de ação.

Todas as ações boas ou más realizadas através do corpo, da fala e da mente evoluem a partir dessas cinco causas.

A consciência do "eu" como aquele que faz e experimenta é a base de uma existência ilusória reconhecida como separada do Espírito. Um

❖

A consciência do "eu" como aquele que faz e experimenta é a base de uma existência ilusória

❖

carrinho de bebê, observando e sentindo os pés enquanto caminha, acredita e diz: "Estou andando". Um homem que contempla uma árvore através dos seus olhos sente e pensa de forma semelhante e diz: "Estou vendo". Mas qualquer um que sinta, pense, deseje e planeje atividades, acreditando ser o único autor e executor dessas ações mentais e físicas, está iludido; ele não consegue ver a verdade, que o funcionamento do seu corpo e do cosmos está sendo operado exclusivamente pelo Infinito.

O sábio iogue vive na compreensão de que "tudo é Brahman". Ele sabe que no reino da relatividade da Natureza existem cinco fontes de ação que são responsáveis por tudo o que ele faz. Mas ele compreende ainda que, na verdade, as suas atividades e as suas cinco causas ativadoras, bem como as próprias ações, são todas secretamente motivadas pelo Infinito, trabalhando através das leis da criação divinamente ordenadas. Tal iogue não considera o Ser com seu ego físico, ou qualquer uma das cinco fontes de ação, como os verdadeiros instrumentos; ele sabe que Deus é o Instrumento e Diretor supremo, sem o qual o Empoderamento cessaria todas as atividades da existência individualizada.

VERSÍCULO 17

yasya nāhaṁkṛto bhāvo buddhir yasya na lipyate
hatvāpi sa imāṁl lokān na hanti na nibadhyate

Aquele que está acima da obsessão do egoísmo, cuja inteligência não é adulterada, embora mate essas pessoas (prontas para a batalha em Kurukshetra), ele não mata; nem ele está vinculado a tal ato.

Quando um iogue dissolve a consciência do seu ego identificado com o corpo na realização do seu verdadeiro Eu e da unidade da sua alma com o Espírito, ele vê todas as atividades do seu corpo, sentidos, mente e inteligência como guiadas não por ele mesmo, mas pelo Espírito. Este

estado é ilustrado nesta estrofe com um exemplo extremo.

Na “Visão das Visões”, Capítulo XI, Krishna exortou seu discípulo Arjuna a não se sentir desanimado e com medo de matar seus oponentes malignos, mas a lutar pela causa que ele sabia ser justa: “Você é apenas um instrumento, ó Arjuna, da Minha lei cármica de causa e efeito, pela qual os homens, individual e coletivamente, moldam o seu próprio destino. Através do funcionamento dessa lei, eu, como seu Originador, já matei seus inimigos, muito antes de sua mão matá-los.”4 Com isso Krishna quis dizer que a morte dos antagonistas de Arjuna na batalha de Kurukshetra foi karmicamente ordenada, e que Arjuna iria ser apenas um instrumento na execução da lei divina.

Para satisfazer um motivo egoísta ou um desejo sádico oculto de vingança e violência, um egoísta pode fingir, ou até mesmo iludir-se, que está agindo sob a orientação de Deus e, assim, despertar-se para atos vingativos. Sendo um instrumento, não de Deus, mas do seu próprio ego, ele é responsável pelas terríveis consequências cármicas dos seus maus atos.

Está escrito na Bíblia que uma multidão de crianças ridicularizou o profeta Eliseu. Ele então “amaldiçoou-os em nome do Senhor e surgiram duas ursas do bosque, e destruiu quarenta e dois filhos delas”. 5 Como profeta de Deus, Eliseu estava agindo como Seu instrumento. A maldição foi ordenada karmicamente através da lei de Deus; portanto, Eliseu não pode ser acusado de causar a mutilação das crianças. Eles sofreram por causa de sua própria maldade – o acúmulo de pensamentos e ações erradas de vidas passadas. Suas provocações aparentemente infantis foram a fruição oportuna de seu mal passado, que precipitou suas consequências inevitáveis. A “maldição” que surgiu do Eliseu instrumental foi a “alta voltagem” de sua vibração espiritual, operando sem intenção egoísta de prejudicar.

Se um homem desconsidera um aviso para não tocar num fio energizado e é eletrocutado, não é o fio energizado, mas a tolice do homem que é responsável pela sua morte. A mesma verdade se aplica ao caso das crianças más que zombaram de Eliseu. É a história de toda oposição

maligna à justa vontade de Deus: o mal eventualmente causa sua própria destruição.

VERSÍCULO 18

jñānaṁ jñeyaṁ parijñātā trividhā karmacodanā
karaṇaṁ karma karteti trividhaḥ karmasaṁgrahaḥ

O conhecedor, o conhecimento e o conhecido constituem o estímulo trino à ação. O agente, o instrumento e a atividade são a tríplice base da ação.

Tanto o conhecimento como a instrumentalidade são os componentes essenciais no desempenho da ação. O conhecimento – com seu conhecedor, o objeto conhecido e seu conhecimento dele – é aquilo que incita o agente à ação. A instrumentalidade mental e física do executor fortalece a atividade instigada por essa excitação.

A criação de uma estátua de argila do Senhor Krishna pode ser usada como ilustração. De acordo com a estrofe 14, existem cinco causas envolvidas em qualquer atividade: (1) o corpo (neste caso, o artista); (2) o ego (a consciência diretora do artista); (3) a mente (do artista), a inteligência, os poderes de percepção (como os sentidos do tato e da visão) e os poderes de ação (como o exercício da habilidade manual); (4) as várias forças internas sutis (as atividades de sustentação da vida no corpo do artista) geradas pelas faculdades descritas como a terceira causa; e (5) a divindade presidente ou tendência semente de vidas passadas (a habilidade inata do artista).

No entanto, a mera existência destas cinco causas não produziria uma estátua de Krishna, a menos que, além disso, o artista (conhecedor) visualizasse a estátua (o objeto conhecido) e através dessa conceituação (o conhecimento) agisse de acordo com seu desejo de trazer a imagem em ser. Portanto, estes outros três elementos – conhecedor, conhecedor e conhecido – são a verdadeira fonte direta de toda ação, juntamente com as cinco causas acima mencionadas. As cinco causas ou bases de toda atividade

estão condensadas em três categorias nesta estrofe 18: agente (ego), instrumento (o corpo e todos os seus instrumentos e poderes físicos e mentais) e ação.

Três graus de conhecimento, ação e caráter

Versículo 19

jñānaṁ karma ca kartā ca tridhaiva guṇabhedataḥ
procyate guṇasaṁkhyāne yathāvac chṛṇu tāny api

Conhecimento, ação e agente na filosofia Sankhya são descritos como sendo de apenas três tipos, de acordo com a distinção dos três gunas. Por favor, ouça devidamente sobre isso também.

A filosofia Sankhya trata elaboradamente dos três gunas (qualidades da Natureza): sattva (bom, expansão), rajas (ativação) e tamas (mal, obstrução). Nas estrofes 20 a 39 deste capítulo, o Senhor Krishna descreve a Arjuna como essas três qualidades determinam a natureza do conhecimento, da ação e do agente.

Versículo 20

sarvabhūteṣu yenaikaṁ bhāvam avyayam īkṣate
avibhaktaṁ vibhakteṣu taj jñānaṁ viddhi sāttvikam

Ó Arjuna, entenda que esse conhecimento é sáttvico pelo qual o Espírito indestrutível é percebido em todos os seres, indiviso nos divididos.

Quando uma pessoa que assiste atentamente a um filme olha para cima e vê o único feixe de luz puro e sem imagem caindo na tela e criando imagens realistas, ela percebe que todas as aparências ilusoriamente realistas nada mais são do que uma mistura de luz e sombras. projetado a partir da cabine cinematográfica. Da mesma forma, o iogue desperto com pura sabedoria

sáttvica percebe que é a única luz esférica indivisa de Deus que circunda o cosmos e se mistura com as sombras de maya ou ilusão cósmica que produz o mundo dos sólidos, líquidos, gases, substâncias energéticas - árvores, animais , seres humanos – como formas aparentemente separadas de matéria.

O ser iluminado contempla a luz esférica de Deus que tudo cria como indivisível e indestrutível; enquanto as chamadas manifestações vibratórias atômicas “reais” da matéria dentro dele – embora feitas daquela luz imutável – parecem ser diversas e mutáveis.

Aquele conhecimento pelo qual o Espírito é percebido como um e indivisível, mesmo em Suas múltiplas aparências individuais como matéria e sonhos mortais, é chamado de conhecimento sáttvico.

VERSÍCULO 21

pṛthaktvena tu yaj jñānaṁ nānābhāvān pṛthagvidhān
vetti sarveṣu bhūteṣu taj jñānaṁ viddhi rājasam

Mas aquele conhecimento que percebe no mundo agregado dos seres múltiplas entidades de diferentes variedades, distintas umas das outras – entenda esse conhecimento como rajásico.

Um homem absorto em contemplar imagens em movimento e acontecimentos como se fossem reais, em vez de vê-los como representações ilusórias feitas de luz e sombra, envolveu sua compreensão na fascinação pelo movimento ilusório e inquieto. A consciência de um homem igualmente absorto nas aparências e atividades ilusórias do mundo, em vez de perceber sua separatividade divergente como os lampejos da única Luz infinita, é considerada rajásica.

A qualidade desse conhecimento que é identificado com o aspecto ativo da ilusão, inerente à infinita variedade de seres, aparências e atividades da Terra, é rajásica.

VERSÍCULO 22

yat tu kṛtsnavad ekasmin kārye saktam ahaitukam
atattvārthavad alpaṁ ca tat tāmasam udāhṛtam

E aquele conhecimento que se concentra num único efeito como se fosse o todo, desconsiderando o motivo, carecendo de conformidade com os princípios da verdade - trivial e fácil - é declarado tamásico.

A pessoa cuja cognição é da qualidade tamásica é totalmente subvertida pela ilusão. O corpo, o mundo da matéria e as experiências sensoriais trocadas entre o corpo e seus ambientes materiais são considerados o princípio e o fim de tudo da vida. O homem de compreensão tamásica envolve-se irrefletidamente em aspirações triviais – aquelas que ele pensa que lhe causarão menos problemas e lhe darão mais prazer, mas que não têm consequências para o seu verdadeiro Eu. Ele expressa plena satisfação nisso, como se tivesse encontrado o objetivo final da vida. Com a voz interior da sua consciência abafada na escuridão, ele nunca questiona a justeza dos seus motivos e a sua relação causa-efeito. Seu entendimento confuso justifica irracionalmente todas as suas convicções e inclinações pessoais, não importa quão contrárias aos princípios da verdade. Ele nunca analisa o corpo como um mero instrumento da alma, fortalecido pelas leis da Natureza e totalmente dependente da sabedoria e do poder emprestados do Criador Todo-Poderoso. Em vez disso, a percepção tamásica vê o corpo e a necessidade percebida de satisfazer suas preferências e demandas como o efeito principal que é toda a razão da existência.

Através da influência obstrutiva de tamas, a qualidade inferior ou sombria, sobre a faculdade discriminativa da inteligência, o homem sente-se satisfeito por um tempo com sua absorção na realidade aparente e nas atividades temporais do corpo. Mas quando doenças ou acidentes invadem o corpo e prejudicam sua habitual atividade despreocupada, a pessoa tamásica iludida é rudemente pega de surpresa e sua satisfação em objetos e atividades materiais “permanentes” é abalada. Este é o destino periódico do materialista até que ele liberte o seu entendimento da ilusória qualidade tamásica que o faz ver falsamente a possibilidade de prazer infinito numa

miragem finita da matéria.

VERSÍCULO 23

niyataṁ saṅgarahitam arāgadveṣataḥ kṛtam
aphalaprepsunā karma yat tat sāttvikam ucyate

Aquela ação divinamente dirigida, realizada num estado de completo desapego, sem atração ou repulsão e sem desejar os frutos da ação, é considerada sáttvica.

Agora começa a explicação da relação das três qualidades – sattva, rajas e tamas – com o karma, ou ação. A maioria dos indivíduos, sem habilidade na arte da ação, trabalha com os sentidos, a mente e a razão contaminados pelo apego e pelo desejo. Não compreendendo o propósito da acção ideal, agem de forma errada e envolvem-se numa escalada de problemas inevitáveis nas excitantes condições das dualidades do mundo.

Visto que a ação é obrigatória para todos os seres, é tolice não estar familiarizado com a arte da ação ideal. O iogue, aquele que está em harmonia com a Verdade, é o executor exemplar da atividade. Ele sabe o que deve fazer, como deve fazê-lo e a razão consumada por trás de sua ação. Como o homem comum de ação, ele usa os sentidos, a mente e a razão, mas não os macula pelo contato com as hordas indesejáveis de apegos e desejos do ego, conhecidos pelos iogues como causadores de problemas e perturbadores da paz.

❖
Características da ação sáttvica
❖

A realização de uma atividade sáttvica deve ter, principalmente, o selo de aprovação de uma escritura verdadeira e de Deus, dirigindo-a através de um verdadeiro guru. Secundariamente, essa ação divinamente ordenada deve ser realizada por uma pessoa completamente desapegada, sem amor ou ódio egoísta e sem desejo pelos frutos da ação.

Se um filantropo dá esmolas aos pobres com o objetivo de obter publicidade, então, mesmo que tal ato generoso seja normalmente sáttvico,

a fonte desse ato específico, sendo contaminada pelo desejo por seus frutos e sendo realizada com apego a esses frutos, é impuro. Portanto, no contexto bíblico dos absolutos, uma atividade só pode ser chamada de verdadeiramente sáttvica ou pura quando é imaculada desde o seu início até a sua consumação. Assim como uma peça de ouro não pode ser considerada pura se contiver qualquer vestígio de liga, uma ação não pode ser chamada de completamente sáttvica se não tiver sido iniciada de forma pura, executada de forma pura e concluída de forma pura.

Um iogue trabalha exclusivamente pelo amor de Deus. Ele inicia uma ação sáttvica com o desejo imaculado de agradar a Deus; ele realiza essa ação nobremente para Ele; e ele termina essa ação absorto no pensamento de seu Senhor. Embora ele atue em um mundo de relatividade, onde suas escolhas são frequentemente entre o "menor de dois males", sua consciência permanece sintonizada com o Único Absoluto além da mácula. Esse é o objetivo defendido por este versículo do Gita.

Para a maioria dos seres, mantidos nas restrições da relatividade de maya, suas ações consistem em uma mistura de duas ou de todas as três qualidades; mas cada ato pode ser geralmente classificado como sáttvico, rajásico ou tamásico, de acordo com a característica que predomina. Providencialmente, a preponderância da bondade numa ação mitiga os efeitos de uma impureza companheira.

É fácil imaginar a realização de uma ação boa e agradável sem apego, mas é difícil imaginar a realização de uma ação desagradável, mas respeitosa, sem repulsa.

Se uma cobra venenosa estivesse prestes a atacar uma criança, e um iogue próximo, sem animosidade ou desejo de tirar a vida, matasse a cobra, sua ação seria considerada sáttvica, mas ligeiramente contaminada por seu ato de matar. Deus ordenou através das escrituras que ninguém mataria seres humanos, a forma de vida mais elevada na escala da evolução. O ato de matar do iogue, embora impuro em si mesmo, seria quase totalmente purificado salvando a valiosa vida da criança, em vez de perpetuar a vida prejudicial da cobra.

O coração do iogue estava livre de qualquer desejo sádico de matar e

livre daquela confusão sobre seu verdadeiro dever que poderia tê-lo levado à inação pelo pensamento: “Oh, odeio matar aquela cobra”. Seu coração não era apegado à criança nem malicioso para com a serpente. Ele agiu para satisfazer a lei de Deus a respeito da superioridade da vida humana. Ele não poderia muito bem ter colocado a cobra em uma cesta para depois soltá-la na selva; não houve tempo para isso!

Se o iogue tivesse salvado a criança do veneno da serpente por causa do apego à criança, então sua ação, embora nobre, não poderia ser considerada sáttvica. Por exemplo, ele teria respondido de forma semelhante, arriscando a própria vida, se a pessoa fosse um inimigo declarado? Conseqüentemente, mesmo uma boa ação, se realizada com o menor apego egoísta – um apego devido à obtenção de uma pequena medida de gratificação egoísta – não seria, em sentido absoluto, considerada sáttvica. Mas o poder espiritual cumulativo de tais ações preponderantemente boas e divinamente ordenadas tem um efeito purificador que serve para transformar gradualmente as motivações egoístas do ego nas expressões sáttvicas puras da alma.

Portanto, o critério de toda ação deveria ser o altruísmo sáttvico. Cada ato deve ser realizado com zelo, não mecanicamente, e deve ser realizado ambiciosamente com o desejo supremo de agradar a Deus ou cumprir a ordem sagrada do guru e das escrituras.

VERSÍCULO 24

yat tu kāmepsunā karma sāhaṁkāreṇa vā punaḥ
kriyate bahulāyāsaṁ então rājasam udāhṛtam

A ação inspirada pelo anseio pela satisfação de desejos, ou realizada com egoísmo e esforço colossal, é considerada rajásica.

Rajas é a energia apaixonada da criação, sempre inquieta, sempre em movimento. O desejo é seu companheiro inseparável, buscando a realização de seus propósitos e, no processo, proliferando a partir dessas atividades novas causas de busca. Assim, rajas implica um esforço constante de vontade dirigido pelo ego que ama a matéria e se identifica com o corpo.

❖

Características da ação rajásica

❖

Sob a influência de tamas – a qualidade degradante – a atividade rajas torna-se vil e vil. Quando contida e guiada por sattva – a qualidade iluminadora – a atividade de rajas é enobrecida. A maioria das pessoas no mundo, envolvidas em atividades mundanas, continuam a lutar no meio dos dois extremos, motivadas pelo interesse próprio e pelos desejos mundanos, mas geralmente moderadas nos seus hábitos e avessas aos males mais básicos. A sua actividade tipicamente rajásica expressa a urgência de acompanhar os padrões da civilização moderna, com ênfase no ganho material e na vida elevada. Muito menos pessoas, em comparação, caem nas profundezas do mal tamásico ou aspiram às alturas de sattva e à sua consumação na sabedoria e no estado livre de ego da Auto-realização.

A motivação dos desejos determina a ascensão ou descida da vitalidade rajas atuante nas ações de cada ser. Se um homem rico nutre desejos de ganhar fama e glória, e com consciência de auto-importância assume a prodigiosa tarefa de celebrar uma festa sagrada alimentando generosamente milhares de pessoas e entretendo-os com pompa cerimonial e música, tal ação – colossal no ego e esforço – é chamado rajásico. Se uma celebração sagrada adequada for realizada com o único desejo de agradar a Deus, isso é uma ação sáttvica. Ações sáttvicas puras levam à libertação. As ações rajásicas, por outro lado, produzem desejos múltiplos, modelados de acordo com sua própria espécie. Sendo instituídas para a satisfação do ego e do seu mundo limitado, tais ações aumentam os problemas e os renascimentos para o homem, a menos que os desejos insaciáveis que se iniciam e se acumulam sejam destruídos pelo poder maior da sabedoria sáttvica.

VERSÍCULO 25

anubandhaṁ kṣayaṁ hiṁsām anapekṣya ca pauruṣam
mohād ārabhyate karma yat tat tāmasam ucyate

A ação tamásica é aquela que é instituída através da ilusão, sem medir a capacidade da pessoa e desconsiderando as consequências – perda para si mesmo de saúde, riqueza e influência; e prejudicar os outros.

Na medida em que tamas, a qualidade obscurecedora, afeta o conhecimento do homem (ver XVIII:22), suas ações, conseqüentemente, confirmarão seu estado ilusório. Ele se comporta com miopia egoísta, desprovido de boa razão e julgamento e da capacidade de antecipar as consequências de suas ações.

A regra entre os rufiões é: “Bata primeiro e raciocine depois”. Essa prática pode levar a consequências extremamente graves. Esse golpe impensado pode terminar no assassinato de outro homem; e o resultado disso pode muito bem ser uma sentença de morte para o agressor.

❖

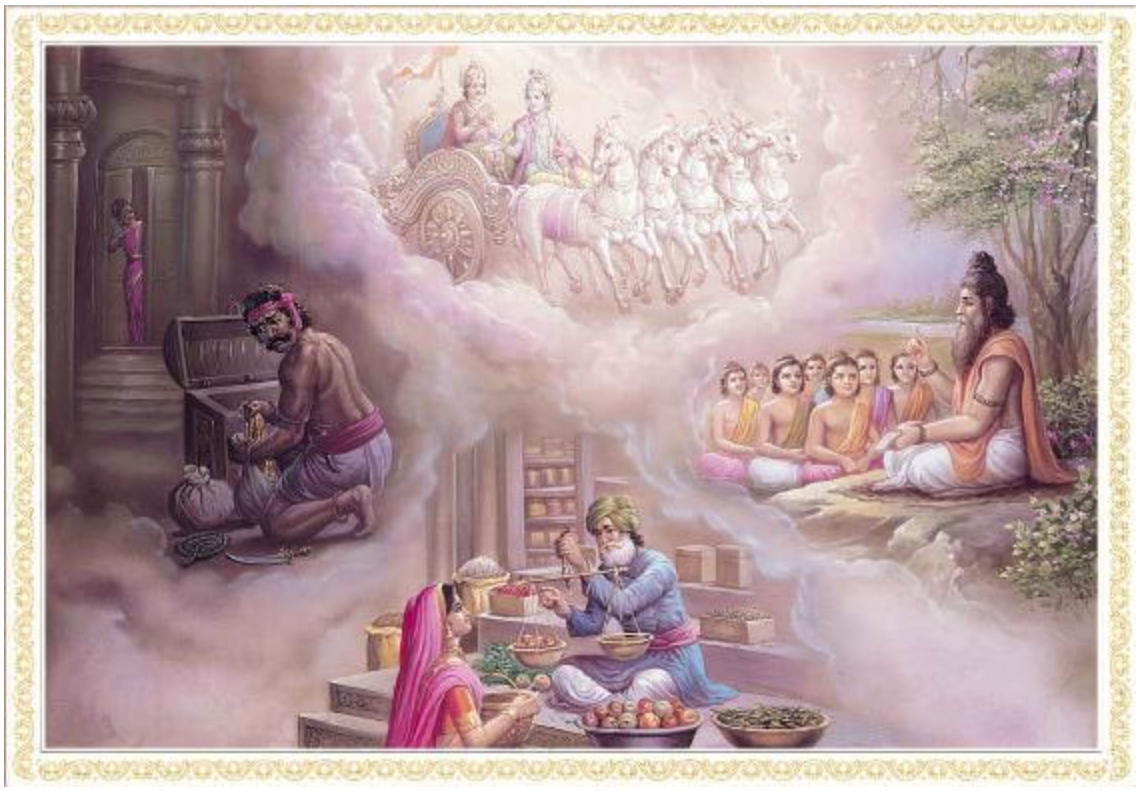
Características da ação tamásica

❖

Pessoas que agem irrefletidamente sob a influência de emoções violentas ou irracionais, sem se preocuparem com as consequências potenciais das suas acções, não só se tornam instrumentos para magoar os outros, mas também viciam a sua própria vitalidade e muitas vezes também sofrem perda de prestígio ou prosperidade. Enredam-se em dificuldades complexas ao instituir acções sem primeiro determinar a justeza das suas intenções e avaliar o seu poder e capacidade para executar essas acções com sucesso.

Se uma pessoa com pouca capacidade pega todo o seu próprio dinheiro e uma grande soma emprestada de amigos que não podem arcar com tal risco - entusiasmando-os com a esperança infundada de obter grandes dividendos - e inicia um negócio difícil e que certamente fracassará, ele realiza tal ação sem levar em conta os resultados inevitáveis: perda de fortuna e prestígio para si mesmo e prejuízo para os outros. Qualquer ação irracional desse tipo, que produza o mal geral, é tamásica.

A inércia é a quididade da qualidade tamásica. Portanto, a ação tamásica sempre segue o caminho de menor resistência para evitar o esforço exigido na prática do autocontrole, no exercício da discriminação e no envolvimento em deveres divinamente ordenados.



Aquela ação divinamente dirigida, realizada num estado de completo desapego, sem atração ou repulsão e sem desejar os frutos da ação, é considerada sáttvica.

A ação inspirada pelo anseio pela satisfação de desejos, ou realizada com egoísmo e esforço colossal, é considerada rajásica.

A ação tamásica é aquela que é instituída através da ilusão, sem medir a capacidade da pessoa e desconsiderando as consequências – perda para si mesmo de saúde, riqueza e influência; e prejudicar os outros.

—Bhagavad Gita XVIII:23–25

"As gunas da Natureza – suas qualidades ou modos de expressão – são sattva (positivas ou elevadoras); rajas (neutro, ativador); e tamas (negativo, obstrutivo). Sattva produz qualidades de liderança em direção a Deus; rajas, qualidades materialmente progressistas; e tamas, qualidades que produzem o mal e a ignorância."

"Toda ação é dotada de vibrações boas, más e ativadoras que produzem seus resultados adequados. O homem, feito à imagem de Deus, é livre para se comportar como um deus, manifestando a sua natureza divina, ou para se comportar como um mortal, agindo sob a influência e consequente escravidão das triplas qualidades da Natureza."

—Paramahansa Yogananda

VERSÍCULO 26

muktasaṅgo 'nahaṁvādī dhṛtyutsāhasamanvitaḥ
siddhyasiddhyor nirvikāraḥ kartā sāttvika ucyate

Aquele agente que não tem egoísmo ou apego, não é tocado pela realização ou insatisfação e é dotado de coragem e zelo, é chamado de sáttvico.

A expressão característica das três qualidades (sattva, rajas e tamas) no agente, ou executor das ações, é agora descrita nas estrofes 26–28.

❖
Qualidades da natureza sáttvica
❖

Aquele cuja mente não está identificada com o ego preso ao corpo ou contaminada pelo apego aos objetos dos sentidos; que pacientemente realiza ações espirituais de meditação e ações divinamente motivadas que ajudam os outros no caminho da salvação, desconsiderando o sucesso ou o fracasso, não se entusiasmando com prazeres e tristezas mesquinhos, agindo apenas com o desejo supremo de agradar a Deus - esse homem é um iogue sáttvico do tipo mais elevado. A história a seguir ilustra apropriadamente o estado desse iogue.

Um homem sábio estava sentado calmamente em contemplação, com a consciência intoxicada pela presença de Deus. Sua esposa veio correndo até ele e soluçou: "Nosso filho caiu do telhado e morreu".

"Sente-se em paz", disse o marido calmamente, "e medite em Deus. Diga-lhe: 'Senhor, agradecemos-Te por nos dar a companhia de um filho nobre por vinte longos anos. Em Tua sabedoria Tu sabes por que agora é melhor promovê-lo a um lugar melhor, não mais alimentando nossos

desejos egoístas de mantê-lo aqui. Mesmo que sintamos falta dele, nos curvamos ao Teu desejo onisciente.’”

Chocada, sua esposa exclamou: “O que há de errado com você? Você não chora pelo nosso filho morto? Depois de uma pequena pausa, o pai respondeu:

“Ontem à noite sonhei que era um rei e que tinha três filhos que caíram para a morte do telhado do palácio quando este desabou durante um terremoto. Agora estou me perguntando se devo chorar pelo palácio perdido e pelos três príncipes do meu sonho, ou se devo chorar pelo nosso único filho que foi levado neste misterioso sonho terreno de Deus?

Somente um iogue da mais elevada realização de Deus poderia, na verdade, comportar-se com tal sentimento transcendente. Uma pessoa inferior que fingisse tal indiferença espiritual estaria agindo com hipocrisia cruel e insensível.

Um homem verdadeiramente sábio é capaz de distinguir os sonhos mortais temporais da Realidade Eterna; portanto, ele está totalmente livre de todo apego. Ele é imparcialmente indiferente aos reveses e aos sucessos que lhe acontecem, pois não se vê como o agente; ele percebe o Senhor trabalhando através dele em Seu mundo. Aquele que acredita ser dono de qualquer parte desta terra é tomado por uma dor terrível quando perde aquilo que erroneamente pensava ser seu.

O desapego sáttvico e a ausência de egoísmo não tornam o iogue apático. O seu estado interior de união com Deus dá-lhe antes uma imperturbabilidade de fortaleza e resolução, e um zelo que é constantemente animado pela sua percepção da Alegria Oculta em todas as coisas. Imparcial em relação aos acontecimentos no sonho de Deus, ele é ainda totalmente compassivo para com aqueles seres que ainda lutam com as suas relatividades.

VERSÍCULO 27

rāgī karmaphalaprepsur lubdho hiṁsātmako ’śuciḥ
harṣaśokānvitaḥ kartā rājasaḥ parikīrtitaḥ

Aquele instrumento de ação, ou agente, que está cheio de apego, cheio de anseio pelos frutos da ação, cheio de ganância, impureza e propensões implacáveis; aquele que fica facilmente exultante ou deprimido é chamado rajásico.

❖

Qualidades da natureza rajásica

❖

Uma pessoa que está sob a influência desgovernada da energia apaixonada ou ígnea do guna de rajas desenvolve uma natureza esforçada totalmente materialista. Sempre inquieto e extrovertido, ele nunca passa tempo no puro prazer da meditação, ou na introspecção, ou na troca de paz com os outros. Ele é excessivamente ativo, acumulando cegamente dinheiro, propriedades e poder com ganância desordenada e interesse próprio. Ele tende a buscar emoções nefastas, como a caça indiscriminada de animais apenas pelo prazer do esporte. Quando for adequado ao seu propósito, ele pode ser insensivelmente duro, até mesmo sádico, pronto para ferir ou destruir qualquer concorrente, ou para se vingar de qualquer um que esteja no caminho de seu interesse próprio. Ele está constantemente balançando para cima e para baixo de excitação nas ondas alternadas de alegria e tristeza. Ele nada mais é do que uma engrenagem na maquinaria de ação, uma pessoa rajásica mecânica.

Mesmo um pouco de discriminação sáttvica e autocontrole, visando conter e guiar a força apaixonada nas tendências rajásicas básicas, ajuda a criar uma personalidade energética com mais princípios.

VERSÍCULO 28

ayuktaḥ prākṛtaḥ stabdhaḥ śaṭho naikṛtiko 'lasaḥ
viṣādī dīrghasūtrī ca karta tāmasa ucyate

Um agente que oscila no corpo e na mente, sem consciência, arrogante, inescrupuloso, malicioso, preguiçoso, angustiado e procrastinador é tamásico.

Uma pessoa imersa na escura guna de tamas é o epítome da ilusória ignorância humana. Como a borboleta inquieta, sua mente e seu corpo estão

❖

Características da ação tamásica

❖

sempre em estado de agitação; faltando-lhe a inteligência para a determinação e a vontade para a acção construtiva, ele é passivamente puxado numa direcção e depois noutra por qualquer influência momentânea. Ele, portanto, nunca conhece a paz interior de sua alma. Ele é sem consciência, moralmente rude e vulgar, praticando ações malignas sempre que o impulso surge nele. Ele não tem humildade, é rude e insolente com os outros à menor desculpa. Ele engana os outros sem escrúpulos, interpretando a vida dupla do Dr. Jekyll e do Sr. Ele prontamente age com maldade e insulta os outros para seu próprio engrandecimento. Ele é habitualmente preguiçoso fisicamente e mentalmente ocioso, sem vontade de trabalhar de forma inteligente, para que o sucesso não lhe traga mais responsabilidades. Ele é perpetuamente negativo e deprimido, prejudicando o espírito alegre dos outros. Ele não cumpre tarefas simples ou importantes e procrastina por causa da preguiça interna e externa e da falta de entusiasmo e propósito na vida.

A maioria das pessoas que não têm sucesso na vida está imersa na sombria qualidade tamásica. Culpam o mundo e todos, menos eles próprios, como a causa do seu fracasso e miséria; eles nunca criticam sua própria indolência, procrastinação, conduta insociável, inquietação, insinceridade, egoísmo e maldade como causas de sua aflição. Portanto, estão sempre deprimidos porque não reconhecem e eliminam as verdadeiras causas da sua infelicidade.

O indivíduo tamásico profundamente infeliz deveria tentar primeiro tornar-se rajásico, ativo, mas com um propósito nobre. É melhor trabalhar em harmonia com as atividades divinas de Deus do que por motivos egoístas; mas mesmo um empresário depravado, por causa de sua atividade, tem melhores chances de salvação do que o homem tamásico física e mentalmente ossificado.

A empresa é mais forte do que a força de vontade. Tanto as pessoas tamásicas quanto as rajásicas devem buscar a influência de tipos superiores, de preferência seres sáttvicos que estão imersos na realização de Deus. Um lutador que treina com um combatente mais forte aumenta sua força; os

tipos tamásicos e rajásicos fracos também devem associar-se com indivíduos sáttvicos espiritualmente mais fortes.

O ambiente também é influente; cria o desejo de se tornar bom ou mau. Um homem tem o livre arbítrio para selecionar um ambiente ou ação boa ou má antes de formar hábitos. Mas depois de um ambiente específico ter incutido nele o desejo de seguir um hábito bom ou mau, ele geralmente perde o seu livre arbítrio: um bom hábito obriga um homem a ser bom e um mau hábito o obriga a fazer o que é errado; assim, ele gravita impotentemente em direção a um ambiente correspondente.

O ambiente externo incita o comportamento interno e externo do homem. Assim, a criação de um caráter interior forte é de suma importância, para que ele possa então permanecer inalterado, ou mesmo mudar, por influências externas adversas.

Contudo, a menos que o ambiente interior da pessoa seja suficientemente resoluto, ela deverá compreender a importância de se associar apenas com pessoas e ambientes que sejam extremamente saudáveis. Uma pessoa que abomina bebidas alcoólicas e que convive com outras pessoas que não as tocam cria um forte ambiente mental interno contra a bebida. Tal pessoa, por se misturar com bêbados, poderá então ajudar a reformá-los. Mas se uma pessoa que tenha estabelecido até mesmo um leve apego interior às bebidas alcoólicas decidir viver entre bebedores, poderá facilmente tornar-se alcoólatra. Uma pessoa com alguma inclinação para o mal não deve se misturar com os de sua espécie, mas com aqueles que são melhores do que ela.

O homem mundano deveria procurar o homem meditativo e criar o seu próprio ambiente interior inviolável de comunhão com Deus. Depois que isso for realizado, se ele tiver que retornar a um ambiente material, ou o fizer para ajudar outros, ele não será afetado por isso. Somente quando ele se fortalecer assim poderá ajudar a elevar os outros.

Inteligência (Buddhi), Fortaleza (Dhriti) e Felicidade (Sukham): Suas Expressões Superiores e Inferiores

Versículos 29–30

buddher bhedaṁ dhṛteś caiva guṇatas trividhaṁ śṛṇu
procyamānam aśeṣeṇa pṛthaktvena dhanaṁjaya (29)

pravṛttiṁ as nivṛttiṁ as kāryākārye bhayābhaye
bandhaṁ mokṣaṁ ca yā vetti buddhiḥ sā pārtha sāttvikī (30)

(29) Ó Vencedor da Riqueza (Arjuna), explicarei, separada e exaustivamente, as três distinções de inteligência e fortaleza de acordo com os gunas. Por favor escute.

(30) Esse intelecto é sáttvico, ó Partha (Arjuna), que compreende corretamente os caminhos da ação desejada e da renúncia, das ações indevidas e obedientes, como as causas da apreensão e do destemor, da escravidão e da salvação.

Quando a inteligência (buddhi) e a fortaleza (dhriti) estão adequadamente desenvolvidas, imbuídas da edificante qualidade sattva, o homem encontra a sua vida totalmente sob seu controle. Com a inteligência desanuviada e a coragem resoluta, a consciência eleva-se acima das limitações das fragilidades mentais e manifesta o estado da alma intuitivamente perceptivo e intrepidamente calmo.

A discriminação sáttvica pura revela ao devoto a escravidão que existe em seguir cegamente o caminho da atividade mundana, e a libertação inerente em seguir o caminho da renúncia, do desapego interior.

As buscas mundanas pela auto-satisfação estão repletas de apreensões, principalmente de fracasso e morte. O renunciante, em seu desapego, sabe que o mundo é governado por Deus. Um iogue de pura discriminação, portanto, trabalha destemidamente e amorosamente para agradar somente a

Ele. A inteligência sáttvica de tal iogue distingue claramente as ações que devem ser evitadas porque criam escravidão e apreensão, das ações obedientes e meditativas que devem ser realizadas porque trazem a libertação e a remoção permanente de todos os medos temidos.

Mesmo que um vitorioso Genghis Khan se tornasse senhor do mundo, ele ainda não estaria livre do medo da doença e da morte iminente. É somente trabalhando para Deus, renunciando a toda cobiça por objetos mundanos impermanentes e comungando com Deus, que uma alma encontra o Abrigo eternamente seguro, à prova de todo sofrimento e morte.

VERSÍCULO 31

yayā dharmam adharmaṁ ca kāryaṁ cākāryam eva ca
ayathāvat prajānāti buddhiḥ sā pārtha rājasī

Ó Partha (Arjuna), aquele intelecto é rajásico pelo qual alguém percebe de uma maneira grosseiramente distorcida a justiça (dharma) e a injustiça (adharma), a ação obediente e a ação indevida.

O homem cujo intelecto é identificado com o mecanismo impensado da atividade rajásica fica mentalmente confuso e não distingue entre deveres religiosos que lembram Deus e atividades irreligiosas de absorção material. Essa mentalidade confusa mistura descuidadamente justiça e injustiça. Sem clareza de visão e realizando ações cegamente e sem discriminação, o materialista grosseiro comum tropeça constantemente no poço das preocupações e da desilusão. Sendo, portanto, receptora frequente de dor, a inteligência rajásica está cheia de desconfiança e dúvida e, conseqüentemente, constrói uma defesa da auto-afirmação – a fortaleza do ego apaixonado.

VERSÍCULO 32

adharmaṁ dharmam iti yā manyate tamasāvṛtā
sarvārthān viparītāṁś ca buddhiḥ sā partha tāmasī

Ó Partha (Arjuna), aquele intelecto é tamásico que, estando envolto em escuridão, considera a irreligião como religião, e olha para todas as coisas de uma forma pervertida.

As pessoas que não seguem nem mesmo o caminho regular e organizado da vida material, conduzido por aqueles de temperamento rajásico, mas, em vez disso, entregam-se a extremos de conduta indolente e má, são indivíduos anormais impelidos por uma inteligência tamásica. Seu intelecto é eclipsado pela escuridão mental da ignorância e atormentado pela miséria resultante. Esses extremistas fazem da vida materialista e irreligiosa a sua religião. Como não vêem nada de não virtuoso em seu comportamento, os modos preguiçosos e maus tornam-se uma segunda natureza para eles. Eles se entregam à alimentação excessiva, à sexualidade excessiva e aos excessos em todos os hábitos prejudiciais. Levando uma existência não natural, eles têm opiniões e modos de vida pervertidos e são irresponsáveis em toda a sua maneira de pensar, querer e agir.

Os seres tamásicos são imprevisivelmente irracionais; no uso de sua inteligência iludida, causam muitos danos a si mesmos e aos outros.

VERSÍCULO 33

dhṛtyā yayā dhārayate manaḥprāṇendriyakriyāḥ
yogenāvyabhicāriṇyā dhṛtiḥ sā partha sāttvikī

A constância resoluta pela qual alguém regula as funções da mente, do prana e dos sentidos - restringindo sua prostituição (oscilação rebelde) por meio da prática de yoga - essa fortaleza (dhriti) é sáttvica, ó Partha (Arjuna).

A libertação consiste em dois aspectos da união. A primeira une o ego físico à alma; ou, em outras palavras, transforma a pseudoalma na alma real, que é um reflexo da bem-aventurança do Espírito. A segunda une a alma ao Espírito onipresente.

Mas o ego físico não pode ser separado de sua identificação com os objetos dos sentidos – um pré-requisito da união com a alma e com o

Espírito – sem a retirada da mente, da força vital e da consciência sensorial do corpo e do mundo objetivo.

O Yoga fornece o método para desligar a força vital dos cinco telefones dos sentidos e, assim, desconectar a mente e os sentidos do ambiente externo. Isto libera automaticamente o ego físico para se dissolver em sua verdadeira natureza abençoada da alma. Quando, através da prática de yoga, a mente, a força vital e os sentidos permanecem desprostituídos – não pervertidos pela inquietação material – concentrados no verdadeiro Eu, esse estado disciplinado, interiorizado e firmemente estabelecido é chamado de dhriti sáttvico.

A palavra dhriti neste contexto não é exatamente "fortaleza", mas sim conota a firmeza interior do autocontrole e a constância da percepção da alma que produz um estado estável de fortaleza. Nesse estado inabalável, a alma, em sua natureza pura, mantém o domínio sobre a mente, a força vital e os sentidos e, portanto, permanece imperturbável pelas tentações dos objetos dos sentidos.

O sattvic-buddhi ou inteligência pura (definida no versículo 30) contempla o bem, o Deus, em tudo; sua pura discriminação intuitiva aponta ao iogue a diferença entre o bem e o mal – a desejável percepção de Deus e as indulgências sensoriais indesejáveis. A dhriti sáttvica permite então ao iogue, através da prática bem-sucedida de yoga, permanecer em resoluta constância interior no estado de buddhi sátvico – realização divina através da percepção da alma.

Quando a autopercepção inabalável é alcançada, diz-se que o iogue atingiu o estado eterno de fortaleza, ou dhriti, intocado pelos medos mundanos gerados pelos sentidos.

Um iogue que possui uma consciência sáttvica-dhriti mantém sua mente assentada na abençoada percepção da alma e de Deus, imperturbável pelas invasões de sensações no estado consciente de existência, bem como no êxtase interiorizado da meditação. Ele pode, portanto, vagar pela vida mundana, engajando-se em atividades zelosas, contemplando o bem e o mal, sem ser de forma alguma afetado ou enredado por eles.

VERSÍCULO 34

yayā tu dharmakāmārthān dhṛtyā dhārayate 'rjuna
prasaṅgena phalākāṅkṣī dhṛtiḥ sā pārtha rājasī

A resoluta paciência interior que faz com que alguém regule sua mente para o dharma (dever religioso), desejo e riquezas – enquanto anseia pelos frutos disso, por causa do apego – isso, ó Partha (Arjuna), é rajásico-dhriti.

Através do apego, um homem mundano por dhriti rajásico – paciência interior resoluta sob a influência da qualidade apaixonada ou ativa – apega-se aos deveres cerimoniais religiosos externos, aos desejos terrenos e aos esforços para ganhar dinheiro.

Um homem com essa tenaz disposição ativadora mantém sua mente, vitalidade e sentidos paciente e persistentemente estabelecidos em deveres físicos a fim de obter seus resultados. Adotando uma visão prática da vida, a maioria dessas pessoas mundanas preparam-se para cumprir todas as propensões naturais – ganhar dinheiro, cuidar do lar e da família, e participar superficialmente de cerimônias religiosas – em geral, permanecendo identificado com as inclinações do ego físico.

VERSÍCULO 35

yayā svapnaṁ bhayaṁ śokaṁ viṣādaṁ senhora eva ca
na vimuñcati durmedhā dhṛtiḥ sā pārtha tāmasī

Aquilo pelo qual um homem estúpido não abandona o sono excessivo, o medo, a tristeza, o desespero e a presunção desenfreada, ó Partha (Arjuna), é tamásico-dhriti.

Tamásico-dhriti, a resolução interior do mal – a qualidade (guna) da ignorância que atua sobre a atitude paciente interior de uma pessoa irrefletida – é aquela obstinação através da qual a pessoa se apega ao mal. A persistência indiscriminada tamásica ou maligna mantém os indivíduos grosseiros habitualmente acomodados no sono excessivo, no medo

constante, na tristeza, no desânimo e na presunção insolente. Essas más qualidades são precursoras de grandes problemas. Pessoas egoístas e obscuras que dormem demais ficam drogadas pelo hábito desse estupor e assim permanecem identificadas com o corpo ocioso e desgovernado – incapazes de induzi-lo a agir adequadamente para cumprir os deveres ordenados e obter sucesso e paz. Devido à inatividade física e mental, ficam naturalmente deprimidos, o que resulta no medo de levar uma existência insuportável e infeliz.

Em outras palavras, dormir demais produz indolência física e mental e aversão ao trabalho construtivo. A falta de atividade produz desânimo através da consciência de uma existência inútil. O hábito de considerar a vida um fardo produz tristeza e medo de repetidas experiências de tristeza. A presunção desdenhosa deixa a pessoa satisfeita com seus maus hábitos; seu desprezo pela necessidade de mudar seus hábitos o impede de ter qualquer esperança de salvação.

Os seres humanos que se encontram firmemente apegados ao tamásico-dhriti e, portanto, acomodados em maus hábitos, deveriam imediatamente banir a presunção e regular suas vidas pela atividade adequada e pelo sono adequado, suplementados pelo poder rejuvenescedor da meditação, libertando assim a mente do medo, do desânimo, e tristeza.

VERSÍCULOS 36–37

sukhaṁ tv idānīṁ trividhaṁ śṛṇu me bharatarṣabha
abhyāsād ramate yatra duḥkhāntaṁ ca nigacchati (36)

sim, então agre viṣaṁ iva pariṇāme ’mṛtopamam
tat sukhaṁ sāttvikaṁ proktam ātmabuddhiprasādayam (37)

(36) Ó Touro Teimoso da Realização6 (Arjuna)! Por favor, ouça-Me agora sobre os três tipos de felicidade: Felicidade transcendente (bem-aventurança suprema), obtida pela lembrança repetida da mente,7 e na qual se conhece a extinção de toda dor;

(37) Aquilo que nasce da clara discriminação perceptiva da Auto-realização – essa felicidade é chamada sáttvica. A princípio parece veneno, mas depois parece néctar.

❖
Felicidade sáttvica
❖

Quando um iogue se esforça constantemente para praticar a calma meditativa, ele finalmente experimenta o nascimento da bem-aventurança divina e o fim de toda tristeza. O sofrimento é triplo: físico, mental e espiritual. O sofrimento físico surge de doenças e desconfortos. O sofrimento mental surge, em grande parte, das sementes cármicas germinadas de ações malignas passadas alojadas no cérebro astral. O sofrimento espiritual vem da incapacidade de entrar em contato com Deus.

Esses sofrimentos triplos desaparecem quando, pela prática do yoga, a mente se desliga dos sentidos geradores de sofrimento e se une à bem-aventurança da alma, o verdadeiro Eu.

O versículo 37, no entanto, reconhece os difíceis estados iniciais de luta e descontentamento – desagradáveis como "veneno" – experimentados pelo iogue durante seus conflitos com os sentidos. Mas depois que a mente e a inteligência discriminativa conquistaram a vitória, elas plantaram sua bandeira de triunfo no abençoado trato da alma. Quando o iogue vitorioso, após suas experiências de luta espiritual, experimenta, através de sua discriminação interiorizada e intuitiva, o divino amrita ("néctar") da alma, essa verdadeira felicidade é chamada de sáttvica. A alegria sáttvica pura é interminável, sempre nova, culminando finalmente na eterna Ananda, Bem-aventurança, do Espírito – além do toque de qualquer guna, mesmo sattva.

VERSÍCULO 38

viṣayendriyasaṁyogād yat tad agre'mṛtopamam
pariṇāme viṣam sim deu sukhaṁ rājasaṁ smṛtam

Aquela felicidade que brota da conjunção dos sentidos e da matéria é chamada rajásica. Parece néctar no começo e veneno no final.

❖
Felicidade rajásica
❖

A natureza da felicidade nascida da cegueira apaixonada das ações rajásicas é descrita aqui. Uma pessoa que experimenta prazer físico após um esforço extenuante para alcançá-lo desfruta por um tempo do “néctar” ambrosial de uma felicidade gratificante; mas isso é inevitavelmente dizimado pelo “veneno” da infelicidade insatisfeita à medida que o prazer sensorial impermanente diminui.

Quando um jovem turbulento trabalha duro e com dificuldade economiza dinheiro para comprar um carro frágil, ele fica extremamente feliz com seus primeiros passeios selvagens nele. Mas assim que sofre um acidente, ou tem que gastar uma quantia considerável apenas para manter o veículo dilapidado em funcionamento, ele começa a sentir o gosto do “veneno” da infelicidade.

Aquele que gulosamente engole mais comida do que consegue digerir encontra alegria em satisfazer sua ganância desmedida, mas os efeitos posteriores de comer demais são desconforto ou eventual doença.

A pessoa sexualmente indulgente cede à tentação até que sua visão, nervosismo, vigor físico, autocontrole, paz interior, senso de propriedade e senso de honra sejam completamente destruídos. Seu entusiasmo pelo prazer sexual se transforma em uma depressão mental devastadora que pode até levar à demência.

O alcoólatra ou o usuário habitual de drogas sente-se a princípio exultante, mas depois mergulha no desespero quando os efeitos da bebida ou do narcótico passam.

O estado inicial de felicidade que acompanha a sensualidade é sempre seguido de infelicidade, devido ao comprometimento da vitalidade física, do autocontrole mental e da paz espiritual. O enigma de maya é que o veneno das experiências sensuais é considerado tão agradável no início.8 O sabor inicialmente prazeroso do mel venenoso do mal ilude as pessoas e, assim, faz com que elas se entreguem a experiências prejudiciais. Se o mal

não tivesse encanto, ninguém o tentaria. As pessoas engolem a pílula amarga do mal porque ela é revestida de prazer imediato.

Pessoas mundanas, jovens e velhas, são aquelas que abusam dos seus sentidos. Mesmo depois de descobrirem os efeitos prejudiciais, eles ainda são levados a tais excessos pela influência irresistível dos maus hábitos. Os destinatários da felicidade rajásica descobrem tarde demais que os prazeres sensuais indisciplinados acabam sendo algozes, destruindo a força, a vitalidade, a saúde, a boa aparência, a inteligência, a memória, a riqueza e o entusiasmo.9

Fortemente puxados pela tentação, as pessoas rajásicas mundanas prosseguem as suas vidas materialistas sem nunca conhecerem a bem-aventurança do Espírito escondida dentro delas, na verdadeira paz e alegria encontradas na meditação. Mas, perto do fim da vida, muitas vezes sentem-se completamente enganados pelos sentidos prevaricadores. Então eles não encontram felicidade em nada. Suas mentes ficam vazias e escuras, perseguidas por goblins da infelicidade.

O preceito nesta estrofe é notavelmente relevante para o fim desiludido que muitos materialistas jovens e ansiosos encontram. Atraídos por grandes esperanças de prosperidade e felicidade física, trabalham arduamente e maquinam à custa da sua paz e saúde, e tentam em vão comprar mais felicidade adquirindo mais dinheiro. À medida que passam da juventude para a velhice, sofrem uma perda gradual de vigor e entusiasmo e tornam-se vítimas da doença e do medo de se aproximar da morte, o grande nivelador que anula todas as conquistas terrenas.

VERSÍCULO 39

yad agre cānubandhe ca sukhaṁ mohanam ātmanaḥ
nidrālasyapramādotthaṁ tat tāmasam udāhṛtam

Essa felicidade indescritível que se origina e termina na auto-ilusão, decorrente do sono excessivo, da preguiça e da incompreensão, é chamada de tamásica.

O homem escolhe a felicidade maligna quando sua inteligência é iludida pelo mau carma inato, ou pelas más companhias e pela resposta interna ao mal. Pela condescendência com as inclinações tamásicas, sua discriminação é eclipsada. As qualidades tamásicas originam-se assim no homem através desta má compreensão e culminam em desilusão e desânimo. As más tendências tamásicas são alimentadas pelo ópio do sono desnecessário e pela ociosidade física e pela falta de objetivo mental.

❖

Felicidade tamásica

❖

Dormir demais produz preguiça corporal e desamparo mental (conforme citado em XVIII:35); paralisa as faculdades físicas, vitais e mentais do homem. A pessoa tamásica indolente – drogada pelo sono excessivo, pela ociosidade, pela falta de objetivo mental e pela contínua falta de compreensão – carece de toda atividade revigorante interna e externa, fazendo com que ela se aproxime de um estado semelhante ao da matéria inanimada, imprópria para a expressão humana. Aqueles que se entregam ao soporífero das más qualidades tamásicas são como animais treinados sob intoxicação, incapazes de realizar as atividades esperadas. Os indivíduos tamásicos, drogando-se com o grau mais baixo de felicidade (auto-satisfação com a sua existência degradada), encontram todas as boas qualidades inerentes sendo gradualmente obliteradas, dando origem a um comportamento bestial e, na pior das hipóteses, à inércia total.

No curso da evolução, a alma dorme nas pedras, acorda sonolenta nas árvores, torna-se vitalidade consciente nos animais e expressa vitalidade discriminativa autoconsciente no homem. No super-homem, a alma manifesta a sua verdadeira natureza de superconsciência e omnipresença.10 Por outro lado, ao eclipsar a sua discriminação através de uma vida intemperante e da busca de maus caminhos e prazeres, um ser humano pode rebaixar-se a um estado pouco melhor do que um estado animal. Devido ao aumento da ociosidade e ao efeito entorpecente do sono excessivo, ele pode reduzir-se a um animal bêbado. Devido aos efeitos de uma maior indulgência em maus hábitos e extremo abandono sensorial, ele pode tornar-se mentalmente - e até fisicamente - inerte como uma árvore, com

apenas uma aparência de vitalidade humana inteligente. Se ele continuasse a nutrir esse estado de entorpecimento, como quando está sob a influência de narcóticos ou álcool, tornar-se-ia tão inútil quanto uma massa de carne ossificada, ou uma pedra, desprovida de todos os sinais de inteligência. O destino de tais seres descendentes foi descrito em XVI:19–20.

DISCERNIR O DEVER DIVINAMENTE ORDENADO NA VIDA

VERSÍCULO 40

na tad asti pṛthivyāṁ vā two deveṣu vā punaḥ
sattvaṁ prakṛtijair muktaṁ yad ebhiḥ syāt tribhir guṇaiḥ

Não há nenhum ser no mundo, ou mesmo entre as divindades do céu astral, que esteja livre dessas três qualidades, nascidas de Prakriti (Natureza Cósmica, criada por Deus).

A estrutura de toda manifestação é mantida unida pelos fios entrelaçados dos três gunas. Assim, os seres astrais superiores e os homens comuns estão igualmente sujeitos à tripla influência das qualidades boas, ativadoras e más. Embora tanto o homem como a divindade tenham o poder de livre escolha e sejam, portanto, responsáveis pelas suas ações, eles não podem escapar da influência das tríplices qualidades difundidas e endêmicas na Natureza Cósmica, o Espírito Santo ou manifestação vibratória de Deus. No entanto, sendo feitos à imagem de Deus, o homem e a divindade podem exercer o livre arbítrio dado por Deus e recusar-se a sucumbir à degradante qualidade tamásica. Ao buscarem a atividade rajásica adequada e a atividade sáttvica divina, eles podem transcender todas as três qualidades e reentrar no reino de Deus.

É o hobby de Deus enganar Seus oponentes maya autocriados no jogo cósmico da criação e, assim, devolver as almas ao Seu reino depois de terem passado no teste de vencer as tentações do mal, reconhecendo o

verdadeiro encanto da bondade.

Deus é de fato responsável por criar os objetos de tentação e os instrumentos sensoriais de prazer, submetendo assim o homem às tentações da ilusão. Mas o homem é responsável se não usar a sua livre escolha discriminativa divinamente concedida para distinguir entre o mal carregado de tristeza e a virtude produtora de libertação.

VERSÍCULO 41

brāhmaṇakṣatriyaviśāṁ śūdrāṇāṁ ca paraṁtapa
karmāṇi pravibhaktāni svabhāvaprabhavair guṇaiḥ

Ó Opressor de Inimigos (Arjuna)! Os deveres dos Brâmanes, dos Kshatriyas, dos Vaishyas, como também dos Sudras, são alocados de acordo com as gunas (qualidades) que surgem de sua própria natureza.

No diálogo divino do Gita, simbólico da realização interior recebida pelo devoto em comunhão com Deus, o Senhor agora reitera a Arjuna através de sua percepção intuitiva que o verdadeiro significado das quatro castas naturais, ou classificações da humanidade, e os deveres inerentes a elas eles (descritos nos versículos 42-44 a seguir) não se baseiam no nascimento da pessoa, mas nas qualidades individuais da pessoa.11 As verdadeiras castas naturais são os brâmanes ou conhecedores de Deus, os Kshatriyas ou lutadores dos sentidos, os Vaishyas ou cultivadores da sabedoria,12 e Sudras ou indivíduos identificados pelo corpo. Estas quatro "castas" estão presentes em todas as nações como a intelectualidade espiritual; os soldados, governantes e líderes; os empresários; e os trabalhadores.

A existência no mundo de quatro classes naturais de seres humanos é o resultado das qualidades sáttvica, rajásica e tamásica, e suas misturas, presentes em Prakriti ou Natureza Cósmica. A diferenciação dos indivíduos nestas quatro classes é também o resultado da sua própria escolha livre de ações boas e más no passado.

Svabhava, "a própria natureza", conforme usado nesta estrofe, significa

a natureza de Deus quando se manifesta como Prakriti com Sua ilusão cósmica de três qualidades, bem como a natureza do homem, que resulta da influência dessas qualidades e de sua próprias ações boas ou más passadas.

❖

Através do autodesenvolvimento ou de uma vida errada, o homem pode elevar ou diminuir a sua "casta"

❖

Embora a natureza do homem seja ordenada por Prakriti e pelo seu próprio carma passado, ainda assim é apenas uma segunda natureza adquirida, nascida do uso de sua livre escolha. Embora enterrada sob esta segunda natureza adquirida, a verdadeira natureza da alma do homem, que é uma verdadeira imagem de Deus, permanece eternamente em sua posse. Se não fosse assim, se o homem não possuísse um espírito imutável dotado de livre arbítrio, as quatro classes de indivíduos não poderiam mudar as suas naturezas: a pessoa identificada com o corpo não poderia tornar-se, através do desenvolvimento espiritual, um Brâmane conhecedor de Deus; e um brâmane não poderia degradar-se por ações tentadas pelos sentidos em um Sudra preso ao corpo. De acordo com a maneira pela qual o homem exerce a sua livre escolha, ele pode ficar temporariamente preso às limitações de qualquer uma destas quatro castas; mas pela meditação, pelo desejo incessante de recuperar o paraíso perdido e pela graça divina, ele pode ser libertado.

Como estas quatro classes de seres, quer através do autodesenvolvimento, quer através de uma vida errada, podem aumentar ou diminuir o seu estatuto, não pode haver uma classificação permanente de qualquer indivíduo. Assim, um trabalhador Sudra preso ao corpo, através da educação e de esforços profundos na meditação e na cultura do yoga, pode tornar-se um semeador de sabedoria, ou Vaishya, desenvolvendo a sua capacidade mental para conduzir um negócio. Através de maior autocontrole na luta contra as propensões corporais e na orientação de suas ações com julgamento discriminativo, ele pode se tornar um Kshatriya, um oficial militar, ou governante ou líder, se assim desejar; e pelo êxtase com Deus, aquele antigo Sudra se torna um Brâmane conhecedor de Deus.

O pernicioso sistema de castas do Oriente surgiu do erro de estabelecer

castas de acordo com a hereditariedade e não com a qualidade. Da mesma forma, os males do sistema de classes no Ocidente surgiram da falsa consciência do “orgulho da família”. Sem o seu dinheiro, muitos milionários não seriam capazes de se gabar do seu elevado pedigree. Da mesma forma, um homem nascido numa família brâmane que conhece a Deus não pode ser um verdadeiro brâmane a menos que por esforço próprio comunge com Deus, assim como um filho de médico não poderia ser médico sem adquirir as qualificações necessárias. É tão ridículo que o filho perverso de um brâmane se faça passar por brâmane quanto é que um homem pobre, deserdado por causa de seus modos desenfreados, afirme que é rico porque seu pai é rico.

❖

A resposta do homem às qualidades triplas (gunas) da Natureza determina a sua casta

❖

Quando uma pessoa manifesta predominantemente a boa qualidade sattva, mantendo as qualidades ativadoras e más e seu mau carma passado sob seu controle, ela é chamada de brâmane. (Ver XVIII:42.) Quando alguém mantém predominante em si mesmo a qualidade ativadora de rajas, misturada com alguma bondade libertadora, com a qualidade maligna e o mau karma do passado eclipsados, ele é considerado um Kshatriya, ou lutador dos sentidos. (Ver XVIII:43.) Quando alguém manifesta predominantemente a qualidade ativadora rajas, levemente misturada com a qualidade maligna ou obstrutiva e os efeitos do mau karma passado, e com a qualidade elevada e boa quase sempre oculta, ele é chamado de Vaishya, ou sabedoria- cultivador, aquele que está fazendo esforços intelectuais para melhorar a si mesmo. (Ver XVIII:44.) Quando alguém manifesta predominantemente a qualidade obstrutiva do mau tamas, ligeiramente misturada com a qualidade ativadora, e é fortemente influenciado por seu próprio carma ruim, sendo a boa qualidade libertadora totalmente suprimida, ele é considerado um Sudra, um indivíduo identificado pelo corpo (kayastha) pertencente à classe mais baixa. (Ver XVIII:44.)

O Brâmane geralmente segue uma profissão espiritual; o Kshatriya pode ser um líder em qualquer vocação; o Vaishya pode seguir qualquer vocação

associada a ser um organizador ou fornecedor, como a de agricultor, comerciante ou empresário. O Sudra é particularmente adaptado ao trabalho manual.

Metafisicamente, uma mentalidade Sudra significa alguém que duvida de tudo, exceto da existência material. Tal pessoa identificada pelo corpo pode nascer em qualquer uma das três castas superiores, ou seguir qualquer vocação superior, mas não manifesta a qualidade natural dessa casta ou as qualificações naturais para esse trabalho. Da mesma forma, um brâmane que conhece a Deus pode ser um trabalhador, ou um fazendeiro, ou um homem de negócios, ou um soldado. Ele pode desempenhar deveres materiais de acordo com sua escolha, sem ser afetado internamente por eles, permanecendo como um conhecedor de Deus, ou verdadeiro brâmane.

Em suma, o homem e a Natureza Cósmica não podem manifestar as suas atividades sem a mistura dos três gunas. É pela diferenciação das qualidades trinas que a Natureza Cósmica passa a existir; e é pela resposta do homem a estas qualidades que nascem os quatro tipos de indivíduos acima mencionados.

Mas durante o período em que Deus retira Sua natureza física, a Prakriti cósmica, para dentro de Si mesmo, equilibrando as qualidades trinas, Ele se torna unicamente Espírito, o Absoluto; Deus Pai, Filho e Espírito Santo (Prakriti) dissolvem-se em Espírito e não existem mais. Assim como Deus pode assim tranqüilizar as três qualidades da Natureza e absorvê-la e todas as suas atividades em Si mesmo, assim também o homem, feito à imagem de Deus, pode, pelo êxtase, dissolver a influência das três qualidades e os efeitos das ações boas, ativadoras e más do passado, e tornar-se liberado.

VERSÍCULO 42

śamo damas tapaḥ śaucaṁ kṣāntir ārjavam eva ca
jñānaṁ vijñānam āstikyaṁ brahmakarma svabhāvajam

O controle da mente, o controle dos sentidos, a autodisciplina, a pureza, o perdão, a honestidade, a sabedoria, a autorrealização e a fé no além constituem os deveres dos brâmanes, decorrentes de sua própria natureza.

Um verdadeiro Brahmin é aquele que é um com Brahman, Deus. Jesus declarou esta consciência quando disse: “Eu e meu Pai somos um.”13 Quer tenha nascido numa casta alta ou baixa, seja cristão, hindu ou seguidor de qualquer outra religião, aquele que conhece a Deus, como Jesus fez, é um verdadeiro brâmane.

❖

O verdadeiro Brahmin: um receptáculo vivo de virtudes divinas

❖

Aquele que realizou a unidade com Deus possui todo o conhecimento contido Nele. Conhecendo o Senhor como Princípio e Fim de todos os seres e mundos, um verdadeiro Brâmane tem conhecimento do além e do funcionamento da Natureza neste plano de existência. Ele pode, assim, contemplar as almas passando para o mundo astral após sua experiência terrena, e pode duplicar essa ascensão do espírito conscientemente no estado de meditação samadhi. Tal brâmane conhecedor de Deus pode, à vontade, retirar sua força vital dos sentidos e, assim, desconectar sua mente da consciência do corpo e dissolvê-la na consciência de Deus.

Em sua vida diária, um brâmane manifesta todas as qualidades divinas, como pureza, autocontrole, perdão e retidão. As escrituras hindus dizem que um conhecedor de Brahman é como Brahman. Assim, um verdadeiro Brâmane é puro como Deus, sem qualquer mancha de ilusão em sua consciência. Assim como Deus, pela austeridade14, permanece acima do cosmos manifestado, também pelo autocontrole (domínio de si mesmo pela disciplina espiritual e resultante meditação samadhi) o Brahmin transcende a percepção do mundo e suas limitações.

Como Deus é o ápice de toda virtude e reside como perfeição oculta em todos os seres, Ele perdoa, no momento em que o homem é libertado, todos os pecados que o homem cometeu durante incontáveis encarnações. Da mesma forma, um brâmane, que é um receptáculo vivo de virtudes divinas, vê Deus em todos e perdoa continuamente aqueles que agem de forma

hostil em relação a ele.

Jesus aconselhou o homem a perdoar os seus inimigos setenta vezes sete.15 Embora esse procedimento muitas vezes pareça impraticável, todo homem deve ter em mente que quatrocentas e noventa vezes é muito pouco quando comparado com o perdão incessante de Deus — diário, semanal, mensal, anual — não apenas dos pecados de uma vida, mas de encarnações. Sem o perdão de Deus, nenhum filho pródigo pecador poderia retornar ao seu verdadeiro lar no Pai sempre amoroso.

No sentido mais elevado, Deus tem apenas uma qualidade; existência, consciência e alegria estão mescladas como uma só Nele. O Brâmane liberado manifesta esta qualidade única de Deus – Alegria sempre existente, sempre consciente, sempre nova – e está, portanto, livre das garras das qualidades triplas inerentes às características humanas e à Natureza Cósmica. Mas ele pode descer ao estado físico de existência e manifestar exteriormente principalmente as qualidades sáttvicas divinas acima mencionadas, ou as qualidades rajásicas ativadoras, ou mesmo às vezes (para algum propósito específico) as qualidades tamásicas orientadas para os sentidos, sem ser de forma alguma afetado por eles.

Um verdadeiro brâmane pode agir como um indivíduo puro ou gentil sem estar limitado a essas características. Ele também pode ser activo como um homem de negócios ou um grande líder para ajudar o plano de Deus no mundo, sem ser enredado pelo desejo de dinheiro ou poder. Ele pode até exibir uma qualidade tamásica grosseira, como raiva ou comer demais, mas permanecer karmicamente não afetado por isso. Jesus usou o chicote da ira para expulsar os cambistas do templo de seu Pai. Em outra ocasião, ao não encontrar frutos cheios de folhas numa figueira, Cristo ordenou que ela fosse estéril, e assim foi. Jesus não fez isso de forma vingativa, para ferir a árvore, mas para mostrar o poder onipotente de Deus sobre tudo, e que aqueles que são um com Ele através da Consciência Crística são capazes de utilizar o poder de Deus assim como ele o fez.16

A ira que Jesus demonstrou no templo e diante da figueira não o afetou; estando unido a Deus, nenhuma ação sua estava fora da Vontade Divina, nem ele poderia ser tocado por quaisquer consequências de suas ações, nem

preso nas malhas das três qualidades.

Desejando humilhar o orgulho de um estudante rico que sempre se gabava de poder satisfazer perfeitamente qualquer convidado à sua mesa, um santo indiano, Bhutananda, por meio de seus poderes milagrosos, certa vez consumiu comida suficiente para mil pessoas. Santo Butananda disse ao discípulo: “Irei à sua casa em resposta ao seu convite, desde que você possa fornecer toda a comida que eu puder comer”. O estudante preparou descaradamente o suficiente para uma horda de convidados. Ele se sentiu muito tolo quando o santo comeu tudo e pediu mais – um feito que o discípulo não poderia, nem em seus sonhos mais loucos, imaginar que um homem pudesse fazer.

A pessoa comum que ainda está vinculada aos três gunas não deve imitar certas ações bastante inexplicáveis dos liberados, que estão acima das qualidades boas, ativadoras e obstrutivas e podem descer a este plano e operá-las com facilidade e impunidade.

Prahlada foi um grande menino-santo da Índia. Seu pai, o perverso rei demônio Hiranyakashipu, ficou furioso com as tendências religiosas do jovem. Quando descobriu que era incapaz de conter Prahlada por meio de advertências severas, Hiranyakashipu tomou muitas medidas para destruir seu filho. Numa dessas ocasiões, o pai ordenou que Prahlada fosse morto por elefantes celestiais. Embora ele tenha sido derrubado e atacado ferozmente, os enormes animais foram incapazes de lhe causar qualquer dano.

❖

Diferença entre crença e realização

❖

Para ilustrar a diferença entre estar convencido de uma verdade e perceber uma verdade, considere a seguinte sequência postulatória da história de Prahlada: Depois de ler esta história, dois jovens indianos ortodoxos retiraram-se para as profundezas de uma floresta para jejuar e meditar, com o intenção de alcançar poderes espirituais semelhantes. Depois de vários dias de esforço sincero, eles se convencem de que sua espiritualidade está agora à prova de todos os danos. Logo eles terão a chance de testá-lo. Eles encontram uma manada de elefantes selvagens. Aproveitando a

oportunidade para demonstrar sua onipotência recém-adquirida, eles se aproximam com confiança de um grande elefante macho – certamente ele se mostraria tão inofensivo para eles quanto seus ancestrais celestiais foram para Prahlada! Em vez disso, o pobre animal, agindo com base na sua própria convicção, teme que o seu rebanho seja ameaçado pelos intrusos e, por isso, atropela os infelizes rapazes.

Muitas histórias verdadeiras, semelhantes em princípio, poderiam ser contadas sobre pessoas bem-intencionadas que falharam, muitas vezes desastrosamente, em manifestar "crenças" que ainda estavam no estágio fantasioso de sua imaginação.

Deus não responderá a meras crenças de pessoas fanáticas, mas apenas às demandas divinamente capacitadas de devotos liberados que conscientemente percebem sua unidade com Ele e podem, assim, presumir que Sua onipotência está sob seu comando. Os indivíduos ainda vinculados às três qualidades da Natureza Cósmica não deveriam tentar realizar milagres potencialmente perigosos, como os que às vezes são exibidos pelos santos que podem exercer livremente as leis restritivas das qualidades criativas sáttvicas, rajásicas e tamásicas.

VERSÍCULO 43

śauryaṁ tejo dhṛtir dākṣyaṁ luta com o capy apalāyanam
danam īśvarabhāvaś ca kṣātram karma svabhāvajam

Valor, esplendor, resistência resoluta, habilidade, não fugir da batalha, munificência e liderança são os deveres naturais dos Kshatriyas.

❖
Kshatriya: valor, ousadia no ataque aos inimigos, paciência resoluta, liderança soberana na busca da vitória
❖

O verdadeiro Kshatriya é influenciado por seu carma rajásico passado e pela qualidade ativadora inerente de sua natureza nesta vida. Espiritualmente é um lutador dos sentidos, manifestando as características de um nobre soldado. Um soldado digno desse nome tem

qualidades de valor, ousadia no ataque aos inimigos, paciência resoluta, coragem incansável na luta, habilidade nas artes da guerra e liderança soberana na busca da vitória. Ele não foge do perigo na batalha por causa do medo, nem se recusa a reunir suas forças para lutar novamente após uma ou mais derrotas.

Da mesma forma, um lutador dos sentidos digno luta contra sensações invasoras e pensamentos inquietos com valor e resolução inabaláveis, mesmo depois de repetidos fracassos, exercendo paciência contínua na luta contra seus novos ataques. Tendo controle soberano sobre suas forças mentais de discriminação, calma, autocontrole, concentração e poder de interiorização mental, ele as mantém lutando continuamente contra a inquietação e suas hordas psicológicas. Quem consegue assim habilmente conduzir sua concentração para longe do campo de batalha dos sentidos, vitorioso, e de volta ao reino da paz, é de fato um verdadeiro lutador dos sentidos.

Alexandre, o Grande, após conquistar o rei Porus da Índia, perguntou: “Como você gostaria de ser tratado?” Quando Porus respondeu: “Como um rei”, Alexandre o libertou.17 Assim como um verdadeiro soldado é caridoso com os inimigos derrotados, um lutador psicológico dos sentidos não atormenta seus oponentes depois de obter vitória sobre eles.

Quando um iogue, por meio de rígida disciplina e vigilância, domina completamente seus sentidos, ele relaxa. Ele não os maltrata, por medo de ser tentado; nem torna inúteis seus poderes de visão, audição, olfato, paladar e tato, mantendo o corpo em um estado de animação suspensa. Depois de subjugar seus sentidos, ele age em relação a eles de maneira amigável e normal. Ele sabe em seu coração que eles não são mais seus inimigos, encorajando-o a identificar-se com o corpo físico grosseiro e com o mundo material. Seus sentidos conquistados tornam-se seus amigos, servindo-o de boa vontade (não ele a eles!) aqui na terra, e prontos para ir com ele para o mundo astral de luz e energia para experimentar visões mais refinadas, música mais refinada, fragrâncias mais requintadas, sabores mais refinadas e sensações mais refinadas. sensações táteis.

Um soldado que deve necessariamente infligir sofrimento aos seus

inimigos na batalha deve ser caridoso para com eles depois de ter alcançado a vitória, tratando das suas feridas e cuidando das suas outras necessidades. Esta generosidade de coração é o que se entende por “munificência” nesta estrofe.

Um lutador espiritual sente o poder soberano de Deus dentro dele e está sempre pronto para desistir de seus desejos materiais em busca dele. Uma vez que ele decide retirar sua mente do mundo, das sensações e dos pensamentos, e concentra-a em seu olho espiritual, no ponto entre as sobrancelhas, ele está decidido a lutar contra os pensamentos inquietos que retornam repetidamente para tentar distraí-lo de sua percepção calma. da paz. Esse verdadeiro lutador dos sentidos nunca fica desanimado enquanto luta contra sua inquietação; ele usa sua concentração para desconectar a força vital dos invasores sensoriais, tornando ineficazes suas armas de sensações visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis.

Versículo 44

kṛṣigaurakṣyavāṇijyaṁ vaiśyakarma svabhāvajam
paricaryātmakaṁ karma śūdrasyāpi svabhāvajam

Cultivar o solo, criar gado e fazer negócios são deveres naturais dos Vaishyas. Ações que servem aos outros são o dever natural dos Sudras.

❖
Vaishyas, os cultivadores da sabedoria, e Sudras, os trabalhadores prestativos
❖

Assim como os empresários comuns podem estar envolvidos no comércio, na agricultura ou na criação de gado, o mesmo acontece com o negócio de um Vaishya esotérico - “um trabalhador; aquele que está estabelecido no solo” – é o cultivo da sabedoria no campo do corpo, que é a sua morada. “Este corpo é chamado kshetra (o ‘campo’ onde o bom e o mau karma – ações – são semeados e colhidos)” (XIII:1). O Vaishya natural está no estágio de cultivar espiritualmente o solo de sua vida (krishi); cuidando discriminativamente de seus órgãos dos sentidos e propagando

seletivamente seus descendentes (gau-rakshya18); e engajar-se no comércio (vanijyam) de distribuir adequadamente as virtudes dignas, ou "mercadorias", geradas por seus esforços. O Vaishya acumula sabedoria através da devoção aos sábios; e pela sua vida e palavras exemplares e prestativas, ele oferece esse conhecimento a outras almas que o procuram, cujo amor e apreço são a sua remuneração. Os verdadeiros Vaishyas ficam felizes em aprender como cultivar as sementes da autodisciplina depois de arar o campo de sua consciência com concentração, sabendo que então colherão uma colheita de percepções divinas.

Os Vaishyas espirituais gostam de treinar os sentidos brutais do corpo sob a supervisão do vaqueiro do autocontrole mental. Quando as vacas dos sentidos animalescos são adequadamente criadas, elas com o tempo produzem o leite da paz, em vez da inquietação.

E por último, existem os deveres do Sudra natural. Assim como os trabalhadores comuns se ocupam trabalhando sob a sujeição de outros, comendo, dormindo e aproveitando os prazeres dos sentidos, o tipo Sudra materialista e preso ao corpo está ocupado apenas em ganhar dinheiro para sustentar o corpo e atender às suas necessidades e apetites. , e muitas vezes mantendo-o trancado no sono ou no estupor drogado como matéria inerte. Tal pessoa materialista, que nunca prepara seu templo corporal para ser usado para refletir a sabedoria e a bem-aventurança divina, manifesta predominantemente as más qualidades tamásicas misturadas com um pouco de atividade rajásica – a qualidade boa ou sáttvica sendo totalmente suprimida. No entanto, o Bhagavad Gita aconselha todos os trabalhadores materialistas e quaisquer outros indivíduos presos ao corpo a passarem seu tempo na companhia de cultivadores de sabedoria, lutadores dos sentidos e brâmanes conhecedores de Deus. Assim aprenderão gradualmente, através do serviço àqueles que possuem qualidades superiores, a cultivar a sabedoria em vez dos prazeres dos sentidos, e não apenas a combater os saqueadores sensoriais, mas a meditar. O trabalho útil de tais pessoas, embora classificado como o mais servil, é enobrecido pelo seu espírito nobre. No final, eles também colherão a colheita da sabedoria e da libertação.

VERSÍCULO 45

sve sve karmaṇy abhirataḥ saṁsiddhiṁ labhate naraḥ
svakarmanirataḥ siddhiṁ yathā vindati tac chṛṇu

Cada um atento ao seu dever, o homem obtém o maior sucesso. Como, dedicado ao seu dever inato, ele alcança o sucesso - isso ouça.

❖
Pela introspecção, o homem deverá descobrir os deveres próprios do seu estado
❖

Cada pessoa deve primeiro determinar, através da introspecção, qual dos quatro estados de desenvolvimento espiritual ela manifestou predominantemente desde a primeira infância. Um indivíduo espiritualmente subdesenvolvido não deveria tentar saltar para o estado mais elevado de libertação através dos esforços fantasiosos de uma mente ignorante. Se ele descobrir que é um Sudra preso ao corpo, ele deve buscar a orientação de um guru adequado, e servir e manter a companhia daqueles que estão no próximo estado mais elevado de realização espiritual, os Vaishyas ou cultivadores de sabedoria, a fim de se elevar. ao seu estado. Depois que o Sudra atinge o estado de cultivador de sabedoria, ele deve se misturar com Kshatriyas ou lutadores dos sentidos e, por meio de meditação profunda, retirar sua mente dos sentidos. Quando for capaz de fazer isso, ele deverá associar-se com seu guru liberado e aprender a comungar com Brahman na companhia de outras almas liberadas.19

Se um devoto, após auto-análise, descobrir que é por natureza um Vaishya, ou cultivador de sabedoria, ele deve tentar misturar-se com os lutadores dos sentidos no próximo estado superior, particularmente aqueles que alcançaram a vitória sobre os seus sentidos. Depois de se tornar um lutador dos sentidos bem-sucedido, ele deve se esforçar para comungar com Brahma e atingir o objetivo mais elevado da vida.

Se pela introspecção alguém se considera um Kshatriya natural, um mestre de seus sentidos, ele deve seguir o exemplo dos Brâmanes e tentar unir os sentidos, a vida e a mente com sua alma, e então fundir a alma com o Espírito.

Um homem que descobre que nasceu com a capacidade de comunhão com Deus deve procurar um guru que conheça Deus e aprender com ele como sentir Deus em êxtase, em meditação e também em atividade. Quando tal Brâmane, que nunca mais poderá ser vítima das atrações dos sentidos, queimou as sementes de suas más ações passadas no fogo da sabedoria, ele deve dedicar-se a libertar os outros através de seu exemplo e preceitos.

Assim, cada indivíduo, ao mesmo tempo em que desempenha de forma excelente o tipo mais elevado de deveres naturais ao seu estado atual, deve tentar alcançar o próximo estado superior, até que alcance a libertação final.

VERSÍCULO 46

yataḥ pravṛttir bhūtānāṁ yena sarvam idaṁ tatam
svakarmaṇā tam abhyarcya siddhiṁ vindati mānavaḥ

Um homem atinge a perfeição adorando, com seus dons naturais, Aquele de quem todos os seres evoluíram e por quem todo este mundo é permeado.

O único Absoluto onisciente e onipresente – a Causa Primordial do cosmos e de seus seres – ordenou a lei da ação: que cada ação é dotada de vibrações boas, más e ativadoras que produzem seus resultados adequados. O homem, feito à imagem de Deus, é livre para se comportar como um deus, manifestando a sua natureza divina, ou para se comportar como um mortal, agindo sob a influência e consequente escravidão das triplas qualidades da Natureza.

Pelo decreto divino da lei cósmica do carma, causa e efeito, todo ser humano nasce com propensões boas, más ou ativadoras, de acordo com a natureza de sua resposta, em encarnação anterior, às três qualidades cósmicas. Assim, cada indivíduo chega a este mundo com um temperamento específico criado por si mesmo e está predisposto a certos hábitos e humores, resultado herdado de ações frequentemente repetidas em uma vida anterior.

Para colher os resultados inevitáveis das influências cármicas passadas,

o homem nasce numa família, ambiente e circunstâncias que são compatíveis com o seu próprio padrão cármico. Assim como uma pessoa má durante a existência terrena procura companhia inferior, também após a morte (de acordo com a lei de causa e efeito, estando o efeito relacionado com a causa) ela renasce na terra numa família pecadora.20 Da mesma forma, uma pessoa boa é renascer em uma boa família. Quando um empresário ativo morre e nasce de novo, ele é atraído por uma família voltada para os negócios. Os habitualmente doentes renascem em famílias predispostas à doença, enquanto os habitualmente robustos renascem em pais saudáveis. Um homem pobre que nunca tentou na sua vida atual superar a sua pobreza, encontra-se, após a morte, atraído para um novo corpo numa família assolada pela pobreza. Homens generosos renascem em meio à riqueza. Pessoas miseravelmente ricas renascem em lares pobres, devido à sua consciência de penúria.

❖

O desempenho dos deveres próprios da natureza inata, mais a meditação, é o caminho para a libertação

❖

É, portanto, o padrão cármico que determina o status elevado ou baixo no nascimento. Este versículo do Gita aponta que a pessoa deve reconhecer seus dons cármicos (sva-karmana) e transformá-los em oferendas de devoção em adoração a Deus. Esta instrução afirma que o caminho para a libertação consiste em trabalhar os efeitos cármicos de ações passadas, através do desempenho dos deveres materiais adequados, de acordo com a natureza inata da pessoa, e pela comunhão com Deus, de acordo com a natureza inerente da alma.

Uma pessoa inata do tipo Sudra que se encontra numa família materialista não deveria se ressentir dos deveres assim impostos a ela; ele deveria realizá-las conscientemente no pensamento de Deus. Ele também deveria aprender a ciência e a arte da meditação. Tendo sucesso na obtenção da percepção de Deus, ele espiritualiza a sua natureza e, portanto, não está mais limitado pelo seu status e deveres materiais, ou pelo carma passado, ou mesmo pela lei cósmica do carma.

O mesmo princípio se aplica a um cultivador de sabedoria (um indivíduo do tipo Vaishya) e a um lutador dos sentidos (uma pessoa do tipo

Kshatriya). Aquele que assim espiritualizou sua natureza “nasceu duas vezes”, um verdadeiro Brâmane natural, estabelecido no Infinito. Ele pode então escolher seu próprio ambiente, associados e deveres.

Muitos comentaristas interpretam esta estrofe, e outros versículos pertinentes aos “deveres inatos” do homem, como significando que uma pessoa não deve se afastar da vocação tradicional de seu pai e de seus antepassados. Mas o verdadeiro significado é que todas as pessoas devem cumprir os deveres que são próprios da sua natureza inata, e não necessariamente de acordo com a casta ou vocação familiar. O Sudra natural, ou tipo identificado com o corpo, por exemplo, não deve tentar a vocação natural do Brâmane de guiar ou libertar os outros espiritualmente – “os cegos guiando os cegos”. Ele deve antes ocupar-se no desempenho daqueles deveres úteis e materiais do Sudra que estão de acordo com sua natureza, enquanto medita regularmente em Deus e se esforça para aperfeiçoar-se espiritualmente.

Ninguém consegue encontrar um atalho para Deus que ignore o desempenho de seus deveres apropriados. Se uma pessoa materialista, na esperança de libertação, abandona todas as ações obedientes e se retira para o topo de uma montanha para meditação solitária, sem levar em conta as limitações de sua natureza inata, é menos provável que ela encontre Deus do que desilusão. Ao tentar ignorar os deveres próprios da sua segunda natureza, ele descobrirá que o seu temperamento inato o perseguirá, obrigando-o a pensar segundo os seus padrões. Mesmo que ele fuja da civilização, sua mente permanecerá no ambiente de seu gosto inato. Mas, através de uma ação correta e respeitosa, o homem pode gradualmente libertar-se da escravidão à sua segunda natureza, adquirida através do carma passado e da sua resposta obstinada às qualidades triplas.

Sendo essencialmente uma alma livre, o homem pode encontrar a salvação – não importa o carma ruim que ele possua, e não importa em que “casta” familiar ele possa ter nascido. Através de uma profunda resolução do espírito, do cumprimento dos deveres materiais e divinos, e da comunhão constante com Deus, qualquer homem pode alcançar a libertação.

George Eastman, fundador da Eastman Kodak Company, que estudou ioga comigo, comentou em uma de nossas conversas que um homem progressista deve ter dois interesses principais: um trabalho pelo qual ele possa sustentar a si mesmo e a sua família, e uma vocação criativa que terá um efeito estimulante e agradável sobre ele. Eu concordei, mas além disso elevei o princípio para estar de acordo com os ensinamentos do Bhagavad Gita, que aconselha cada indivíduo a realizar pelo menos deveres mínimos para satisfazer suas próprias necessidades e responsabilidades, e a devotar muito de seu tempo às atividades divinas e a Deus- comunhão para satisfazer o desejo e a necessidade de sua alma. O homem progressista está sempre engajado de forma construtiva e espiritual. Os ociosos, abandonando os seus deveres naturais, nunca encontrarão satisfação ou libertação divina.

❖

Contrariar as limitações cármicas inatas através do desempenho voluntário de ações obedientes

❖

Na luta pela existência neste mundo devastado pela miséria, o homem às vezes tem que se comprometer de acordo com a necessidade imediata, mas se possível ele deve seguir uma vocação que esteja de acordo com a sua capacidade interior; e ao mesmo tempo ele deveria buscar sinceramente a Deus. Ele deve compreender que sua encarnação e situação atuais são resultado de karma passado, prarabdha, os efeitos de ações passadas realizadas em resposta às qualidades triplas da Ilusão Cósmica. E além disso, ele deve considerar que as suas ações nesta vida são influenciadas pela Natureza Cósmica, pelo seu próprio carma passado e pelo seu poder inato de agir livremente.

O poder de agir de acordo com a própria livre escolha é purushakara. A eliminação do enorme carma passado sobrecarrega tanto a maioria das pessoas que elas têm poucas chances de expressar esse poder de livre escolha. Cada indivíduo deve, portanto, aprender gradualmente a contrariar as influências de prarabdha, efeitos de ações passadas, esforçando-se conscientemente para exercer purushakara, o poder da alma de agir livremente. A lei é: “Quanto maior for a influência de prarabdha sobre o homem, menor será o seu poder de agir livremente; ou, quanto maior o

poder de purushakara, menor o poder de prarabdha.” Os efeitos das ações passadas, prarabdha, podem ser destruídos pela realização de ações obedientes iniciadas pelo livre arbítrio, sem apego ou repulsa, para agradar a Deus e não ao ego preso ao corpo.

Sem a ajuda de uma ação adequada, um indivíduo não pode desconsiderar a influência do carma passado e, apenas pela sua livre escolha, conquistar a liberdade. Por exemplo, um homem que nasceu com consciência corporal devido ao carma passado não pode parar subitamente de manter o corpo, ou impedi-lo de desempenhar as suas funções, simplesmente porque escolheu ter comunhão ininterrupta com Deus. Mesmo que ele queira apenas permanecer em um estado de realização de Deus no samadhi, seu corpo o obriga a expirar e inspirar e, assim, força sua mente a permanecer no inquieto plano dos sentidos. O devoto deve, portanto, exercitar seu livre arbítrio para aprender e praticar persistentemente a técnica de yoga de transcender a consciência corporal, para que possa gradualmente conseguir desconectar sua mente dos sentidos, do corpo e da respiração; então ele poderá atingir o cobiçado estado de samadhi de contínua comunhão com Deus. Todos os dias após a meditação, ele deve retornar ao desempenho de seus deveres físicos, mentais, sociais e espirituais normais. Assim, por passos metódicos e de forma equilibrada, cada homem de qualquer natureza pode alcançar a sua própria salvação.

VERSÍCULOS 47–48

śreyān svadharmo viguṇaḥ paradharmāt svanuṣṭhitāt
svabhāvaniyataṁ karma kurvan nāpnoti kilbiṣam (47)

sahajaṁ karma kaunteya sadoṣam api na tyajet
sarvārambhā hi doṣeṇa dhūmenāgnir ivāvṛtāḥ (48)

(47) Melhor do que o dharma (dever) bem realizado de outra pessoa é o próprio dharma, mesmo que careça de mérito (um tanto imperfeito). Aquele que cumpre o dever decretado pela sua natureza inata não contrai pecado.

(48) Ó Filho de Kunti (Arjuna), não se deve abandonar o dever inato, mesmo que ele tenha alguma imperfeição, pois todos os empreendimentos são manchados por manchas, como a chama pela fumaça.

Arjuna era, tanto por nascimento quanto por capacidade, um soldado. No campo de batalha ele ficou desanimado e acreditou que não deveria lutar. Mas o Senhor Krishna apontou para ele que era seu dever salvar seus nobres parentes do inimigo invasor. “Ó Arjuna”, disse Krishna, “mesmo que seu dever de lutar esteja contaminado por atos de matança, ainda assim é melhor cumprir esse dever do que assumir o papel de um santo não violento – e assim permitir que seus bons parentes sejam destruídos pelo mal. .”

❖

O homem trabalha contra seus próprios interesses mais elevados quando evita seus deveres naturais (svadharma)

❖

A lei do karma de Deus, operando através da Natureza Cósmica, exige a sua justa recompensa. Quem imagina que pode escapar dos resultados de suas próprias ações - das quais sua natureza e circunstâncias presentes são em grande parte constituídas - tentando evitar seus deveres óbvios, está se comportando de maneira ignorante, isto é, pecaminosa. Dessa forma, ele exercita e de fato aumenta quaisquer tendências erradas que possua. A Lei Cósmica garante que os deveres que cabem ao homem no curso natural de sua vida sejam aqueles que ele deve cumprir, para seu próprio bem-estar. Portanto, ele não deveria sucumbir à preferência egoísta por outra coisa, por mais habilmente que pense que pode fazê-lo; nem abandone suas responsabilidades por causa de algum desconforto relacionado a elas, mas sim cumpra seus deveres naturais com alegria e boa vontade, com o melhor de sua capacidade. O homem trabalha ignorantemente contra os seus próprios interesses mais elevados quando evita os deveres naturais que a Lei Cósmica exige que ele cumpra para a sua salvação final. Ao executar os deveres legítimos, que lhe são dados pela lei divina para o seu próprio aperfeiçoamento e desenvolvimento, e ao dedicar essas ações como oferendas de devoção a Deus, ele não apenas melhora a sua dívida cármica, mas, em última análise, cancela-a.

Deve-se levar em conta, entretanto, que mesmo que alguém tente executar cuidadosa e voluntariamente os deveres naturais ao seu tipo (seja Sudra, Vaishya, Kshatriya ou Brahmin), a influência das três qualidades em seus pensamentos e ações atuais afetará ou "manchar" seus esforços. A perfeição não é deste mundo; assim como a fumaça acompanha a chama, as imperfeições acompanham as ações do homem enquanto ele permanecer sujeito às três qualidades da Natureza Cósmica, cujas leis regem a criação. Mas ao desempenhar os seus deveres tão assiduamente quanto possível – dedicando o seu trabalho a Deus, meditando profundamente para sentir a presença orientadora de Deus – o homem finalmente percebe a perfeição inata da sua alma e a sua unidade com o Espírito imaculado.

Há também um significado mais profundo na interpretação espiritual dessas estrofes relevantes para o significado alegórico do Gita explicado no Capítulo I: Montando a carruagem da meditação guiada pelo cocheiro da Consciência Cósmica, Krishna, o devoto Arjuna subitamente ficou desanimado. Ele perguntou à percepção de Deus dentro dele se não seria melhor para ele abster-se de matar, pelas flechas do autocontrole, seus parentes psicológicos inimigos (os instintos físicos e mentais naturais e os desejos pelos prazeres dos sentidos) a fim de salvar, também, seus parentes mais próximos e justos (discriminação, calma, vitalidade divina, moderação, adesão à virtude e outros).21

Arjuna raciocinou que não é natural matar os instintos normais do corpo físico e suplantá-los pelos instintos sobrenaturais da alma. Mas o Senhor revela, através da intuição de Arjuna, que o verdadeiro dever de alguém é permanecer na natureza abençoada da alma, que está além dos inevitáveis efeitos cármicos engendrados pelas qualidades triplas, em vez de ser absorvido no desempenho meticuloso dos intrincados deveres prescritos por os sentidos e o ego físico. (Veja também III:35.)

❖

O maior dever de cada homem: expressar as qualidades da alma

❖

Não importa quão difícil seja para o homem cumprir o seu dever inato mais elevado, que é expressar as qualidades divinas da alma, ele não deve ceder e abandonar-se aos maus hábitos egoístas e às tentações sensíveis. Ele

também não deveria abandonar suas lutas na meditação, embora aparentemente infrutíferas. Mesmo que seus esforços inicialmente tragam apenas resultados imperfeitos, ele não deve desanimar. A influência da ilusão e das qualidades triplas é extremamente poderosa, manchando até mesmo os esforços mais valentes do aspirante a devoto até que – finalmente vitorioso! – ele esteja irrevogavelmente estabelecido em sua natureza pura de alma.

Krishna aconselha assim: "Ó Arjuna, seguindo as ações iogues da meditação e permanecendo continuamente na percepção de seu próprio Eu alegre enquanto realiza ações somente para Deus, você se livrará para sempre das tristezas e dos pecados que são inseparáveis da consciência do ego. ."

Resumo da Mensagem do Gita: Como a Realização de Deus é Alcançada

Versículo 49

asaktabuddhiḥ sarvatra jitātmā vigataspṛhaḥ
naiṣkarmyasiddhiṁ paramāṁ saṁnyāsenādhigacchati

Alcança a perfeição máxima aquele indivíduo – o estado inativo de realização através da renúncia – que mantém o seu intelecto sempre desapegado dos laços e paixões mundanas,22 que é vitorioso na recuperação da sua alma e que está sem desejos.

Esse devoto atinge a "perfeição máxima" de seu status encarnado individualizado quando percebe seu verdadeiro Eu, a alma, como sendo a essência da consciência transcendente de Deus, intocada pelas experiências corporais, assim como o Senhor é imutável além das atividades que Ele envia. através da Natureza Cósmica. O caminho para a libertação passa por esta realização do Ser, pela comunhão com Deus e pela permanência neste estado de consciência de Deus na alma enquanto realiza ações obedientes.

Qualquer indivíduo pode alcançar este estado supremo de inação pela renúncia a todos os frutos das ações: realizando todos os atos obedientes sem abrigar em seu coração quaisquer gostos ou desgostos, não possuindo desejos materiais e sentindo Deus, e não o ego, como o executor de todas as ações. .

Aquele iogue que não está apegado ao seu próprio corpo, nem à sua família, nem ao mundo, embora trabalhe alegremente para eles com o único desejo de agradar a Deus; que tem total controle de sua mente (manas), inteligência (buddhi), ego (ahamkara) e coração (chitta); quem está livre de todos os desejos de prazeres sensoriais; e quem trabalha, mas renuncia aos frutos das ações, torna-se livre das triplas qualidades causadoras de reencarnação das ações mortais e naturais. A consciência de tal iogue repousa na imutabilidade do Espírito eterno.

VERSÍCULO 50

siddhiṁ prāpto yathā brahma tathāpnoti nibodha me
samāsenaiva kaunteya niṣṭhā jñānasya yā parā

Ó Filho de Kunti (Arjuna), ouça de Mim, em poucas palavras, como aquele que alcança tal perfeição encontra Brahman, a culminação suprema da sabedoria.

Um iogue, tendo alcançado o estado inativo de realização transcendental da alma, liberta-se assim dos efeitos das três qualidades da Natureza e de seu próprio carma individual. Ele então alcança a unidade com Brahman, que é a consumação de todo o conhecimento – o pleno florescimento de sua realização da verdade em unidade com a Verdade, o Espírito Onisciente. Nesse estado ele realiza plenamente sua identidade com o Senhor Supremo — Aquele que permanece acima de todas as atividades vibratórias, embora manifeste de Si mesmo todas as atividades cósmicas da criação. Em união com Deus, o iogue aprende a agir no mundo sem apego, assim como Deus.

As estrofes 51, 52 e 53, a seguir, especificam brevemente as práticas de yoga necessárias para alcançar o estado supremo de unidade com o Espírito.

Versículos 51–53

buddhyā viśuddhayā yukto dhṛtyātmānaṁ niyamya ca
śabdādīn viṣayāṁs tyaktvā rāgadveṣau vyudasya ca (51)

viviktasevī laghvāśī yatavākkāyamānasaḥ
dhyānayogaparo nityaṁ vairāgyaṁ samupāśritaḥ (52)

ahaṁkāraṁ balaṁ darpaṁ kāmaṁ krodhaṁ parigraham
vimucya nirmamaḥ śānto brahmabhūyāya kalpate (53)

(51) Absorvido num intelecto completamente purificado, subjugando o corpo e os sentidos pela paciência resoluta, abandonando (tanto quanto possível) o som e todas as outras complicações dos sentidos, abandonando o apego e a repulsa;

(52) Permanecer em um local isolado, comer levemente, controlar o corpo, a fala e a mente; sempre absorto na meditação divina e na ioga que une a alma; possuindo desapego;

(53) Pacífico, renunciando ao egoísmo, ao poder, à vaidade, à luxúria, à raiva, às posses e à consciência do "eu e meu" – ele está qualificado para se tornar um com Brahman.

Esse devoto está qualificado para alcançar Brahman, Espírito, cuja inteligência discriminativa (buddhi) é totalmente livre da adulteração das complicações dos sentidos, conhecendo apenas a pureza da bem-aventurança da alma; quem com resoluta paciência (dhriti) mantém sua percepção centrada no Ser, permanecendo estabelecido na consciência da alma sem nunca se identificar com o ego físico e suas instrumentalidades corporais; que abandona todos os luxos dos cinco sentidos (começando com uma conversa atraente com os outros – o desejo de ouvir e ser ouvido); e que, livre de gostos e desgostos, se satisfaz apenas com as necessidades básicas para sustentar a vida.

Tal iogue, possuindo o desapego divino (vairagya) do desapego dos objetos e desejos mundanos, observa a disciplina sáttvica da austeridade do

corpo, da fala e da mente (ver XVII:14-17). Na condução de sua vida santa, ele não apenas permanece em um lugar exteriormente tranquilo, propício à meditação e à calma espiritual, mas também, percebendo na meditação iogue a alma, a mente e a força vital em seu túnel espinhal mais íntimo e sutil de fuga do corpo. (brahmanadi), permanece lá, experimentando a verdadeira reclusão livre de tumultos dos sentidos que leva à onipresença do Espírito.

A alma, a mente e a força vital do iogue na meditação samadhi tiveram que passar primeiro por três túneis externos (sushumna, vajra, chitra) para alcançar o canal mais interno de brahmanadi – a saída final da prisão corporal para a liberdade de Brahman.23

Esse iogue não apenas come levemente alimentos materiais - para que a angústia corporal por comer demais ou por uma alimentação errada distraia sua mente meditativa - mas também pode manter-se inteiramente no alimento etéreo da energia cósmica, a luz de Deus que sustenta a vida. O sustento dessa luz torna desnecessária a dependência da luz solar, do oxigênio e de alimentos líquidos e sólidos que se acredita serem condicionais à existência física. Assim, nesta estrofe, “comer leve” (laghvasin)24 tem um duplo significado – um jogo enigmático de palavras, típico dos shastras hindus – referindo-se ao sustento não apenas pela simples comida comum, mas pela energia cósmica, a luz ou “comida” etérea. " da vida.

Jesus Cristo, um paradigma da ioga, ou união com Deus, também citou o mesmo princípio da alimentação leve quando disse: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus”. isto é, os trilhões de baterias celulares do corpo humano não vivem apenas das fontes externas de “pão” – sólidos, líquidos, gases, luz solar – mas da fonte interna da corrente vital cósmica que flui para o corpo através da medula, a medula. “boca de Deus” e daí “da boca de Deus” para todas as partes e atividades do corpo. Tal iogue, vivendo da força vital cósmica etérea, tendo alcançado o domínio sobre esta energia que sustenta a vida, sabe como, na meditação, retirar sua força vital do centro da fala e dos outros centros espinhais astrais que governam todos os sentidos corporais, e resolva essa força vital liberada

na mente e no coração e depois funda-os com a alma feliz.

Um iogue que consegue assim desconectar sua mente à vontade das atrações dos objetos sensoriais materiais e sutis não permanece mais identificado com o ego físico e seus apegos aos poderes físicos ou milagrosos, ou ao "complexo de superioridade" do orgulho, ou ao "complexo de superioridade" do orgulho, ou ao "complexo de superioridade" do orgulho. desejos sensoriais latentes ou posses. Ele está livre da raiva que surge de anseios e inclinações frustrados, livre do desejo de luxos (o que muitas vezes chamo de "necessidades desnecessárias" da vida) e livre da consciência de "eu e o que é meu". Tal iogue está pronto para se fundir em Brahman.

VERSÍCULO 54

brahmabhūtaḥ prasannatmā na śocati na kāṅkṣati
samaḥ sarveṣu bhūteṣu madbhaktiṁ labhate parāṁ

Tornando-se absorto em Brahman – com a alma calma, sem lamentação nem desejo; contemplando a igualdade em todos os seres - ele ganha devoção suprema por Mim.

Quando o iogue está inabalavelmente estabelecido em Brahman (embora ainda não completamente liberado), seu coração, imperturbado pela ilusão, fica saturado de bem-aventurança perpétua. Uno com o Espírito imanente-transcendente, ele realiza todas as coisas como seu próprio Ser; no entanto, como o Senhor Imutável, ele não é tocado por eles. Visto que sua consciência está acima de todas as transformações destrutivas e construtivas da natureza, ele não se aflige com mudanças desagradáveis nem anseia por mudanças agradáveis, e vê Deus igualmente presente em todos os seres.

Tal iogue realizado não é apenas um com o Absoluto, fundindo sua identidade em Deus; ele também pode separar-se, recapturando sua individualidade sem perda da percepção de Deus, e neste estado, com seu coração cheio de devoção suprema, desfrutar a bem-aventurança de Brahman. Parafraseando uma alegoria bem conhecida, ele é então

comparável a um ídolo feito de açúcar que procurava medir a profundidade do Oceano do Néctar Divino. Ao entrar no mar, derreteu-se. O ídolo recuou apressadamente para a praia, pensando: “Por que perder minha identidade para determinar a profundidade da doçura divina? Já sei que o Oceano é realmente muito profundo e Seu néctar extremamente doce.” Assim, o ídolo do açúcar escolheu perceber o Oceano de Doçura através da consciência isolada da individualidade. Da mesma forma, um devoto pode amar ser um com o Infinito, mas amar ainda mais o desfrute de Deus experimentado ao manter sua existência individual. Este último é o estado de devoção suprema.

VERSÍCULO 55

bhaktyā mām abhijānāti yāvān yaś cāsmi tattvataḥ
tato māṁ tattvato jñātvā viśate tadanantaram

Através dessa devoção suprema ele percebe a Mim e a Minha natureza – o que e quem sou; depois de conhecer essas verdades, ele rapidamente entra em Mim.

A princípio, o iogue, como um ser separado, pela devoção suprema, percebe Deus e realiza Sua verdadeira natureza espiritual, sempre existente, sempre consciente e sempre nova. Após esta experiência de Deus através da percepção de sua consciência individual distinta, o iogue torna-se então um com Ele.

VERSÍCULO 56

sarvakarmāṇy api sadā kurvāṇo madvyapāśrayaḥ
matprasādād avāpnoti śāśvataṁ padam avyayam

Além de cumprir fielmente todos os seus deveres, refugiando-se em Mim, é pelo Meu prazer que o devoto obtém o estado eterno e imutável.

O devoto vê Deus como o abrigo de todas as criaturas e vê a si mesmo como desprotegido por qualquer outro poder. Sem apego aos frutos de seus esforços, ele se envolve continuamente em atividades de yoga unidas a Deus e em todos os outros deveres divinamente obrigatórios, apenas para agradar a Deus. Depois de cumprir todos os requisitos das leis da libertação, o iogue finalmente encontra, pela graça concedida gratuitamente por Deus – "pelo Meu prazer" – o estado eterno de libertação.

A qualidade da meditação e de outras ações de um iogue, a ajuda do guru e a graça de Deus – estes são os três requisitos da libertação. Não importa o quanto um devoto se esforce pela salvação – e é-lhe exigido que faça esse esforço de todo o coração por Deus – esse esforço constitui apenas 25% dos requisitos para a libertação. Outros 25% dependem da bênção do seu guru, estimulando espiritualmente o esforço do discípulo. Mas apesar da ajuda do guru e do esforço do devoto, é necessário ter também a graça de Deus, que pode ser considerada como constituindo os restantes 50% dos requisitos.

Deus, o Criador da lei cósmica do carma que vincula a vida humana, é o único Juiz que determina se um devoto cumpriu todas as leis de conduta espiritual exigidas para a libertação. Entretanto, um devoto que, com a ajuda de seu guru, cumpre todas as leis e então espera insolentemente a libertação imediata, não a encontrará. Deus não é um jackpot produzido matematicamente! Mas se o devoto cumpre as leis divinas e também tem amor completo por Deus – "refugiando-se em Mim" – esse amor que se entrega totalmente atrai Sua graça.

O homem foi feito à imagem do amor de Deus e, ao manifestar o amor incondicional, pode tornar-se novamente como o Pai, fundindo-se Nele e abandonando a sua segunda natureza adquirida como ser mortal.

VERSÍCULO 57

cetasā sarvakarmāṇi mayi saṁnyasya matparaḥ
buddhiyogam upāśritya maccittaḥ satataṁ bhava

Dedicando mentalmente todas as ações a Mim, considerando-Me como a Meta Suprema, empregando buddhi-yoga (união através da sabedoria discriminativa), absorva continuamente seu coração em Mim.

O Senhor Krishna exorta assim seu discípulo, Arjuna: "Ó devoto, desconectando sua inteligência do ego físico e sua consciência de ser o executor de ações originadas pelos sentidos, una sua discriminação pura com Deus, sentindo-O como o executor de todas as suas ações. Ao unir sua inteligência com o Ser Supremo, mantenha seu coração saturado Dele."

Quando, na execução das ações, o coração do devoto (chitta, sentimento) é identificado com o ego preso ao corpo, dando origem a vários desejos de acordo com os gostos e desgostos do ego, ele fica preso a objetos materiais, experiências sensoriais, e atividades materiais. Mas quando, na execução das ações, o coração do devoto é identificado com Deus, ele deixa de estar enredado com quaisquer atividades, ou gostos e desgostos, devido ao desaparecimento do ego. Todo devoto deve realizar ações obedientes e meditativas, pensando em Deus; e, por discriminação, deveria remover toda a soberania do ego, o pretendente ao governo do trono corporal. Tal iogue, com sua discriminação absorvida em Deus, todas as ações realizadas somente para Ele, encontra seu coração cheio da bem-aventurança do Espírito. Não há espaço para os prazeres menores dos sentidos.

No plano espiritual interno da atividade meditativa, o iogue determinado, com sua concentração e devoção totalmente absorvidas em Deus, une sua consciência com os poderes libertadores ascendentes da sabedoria discriminativa (buddhi) da alma nos centros sutis cerebroespinhais da percepção divina. O ego, com suas forças descendentes da mente sensorial (manas), propensas à matéria, é assim transcendido. (Ver comentário em I:1.) Alcançando este buddhi-yoga na meditação, o iogue restaura o reinado da alma sobre todo o reino corporal.

VERSÍCULO 58

maccittaḥ sarvadurgāṇi matprasādāt tariṣyasi

atha cet tvam ahaṁkārān e śroṣyasi vinṅkṣyasi

Com o coração absorto em Mim e pela Minha graça, você superará todos os impedimentos; mas se através do egoísmo você não me der atenção, você encontrará a destruição.

O iogue que tem seu coração fixo em Deus descobre que, através de Sua graça, todas as impurezas materiais anteriores de seu coração – os gostos e desgostos sensuais – foram eliminadas. Depois de explicar isso, o Senhor adverte Seu devoto sobre o ego traiçoeiro:

"Ó Arjuna, se em vez de ouvir Meu conselho sobre a libertação, você continuar a exaltar o ego físico, que se considera o realizador de todas as ações humanas, você ficará enredado em ações geradoras de renascimento e destruirá suas chances de salvação."

O Senhor Krishna não quis dizer que, por um único erro cometido sob a influência do ego, Arjuna arruinaria para sempre suas chances de libertação; antes, por se misturar com o ego miserável, ele perderia temporariamente a oportunidade de salvação. Não importa quão profundo e prolongado seja um pecado, ele não pode obliterar para sempre a consciência que a alma tem da sua herança divina.

O significado aqui é que quando a consciência do ego substitui a consciência de Deus, mesmo que temporariamente, seja em ações obedientes ou meditativas, o desejo de salvação é perdido – e junto com ele, o esforço necessário – seja por um curto ou longo período de tempo, devido a as complicações criadas por desejos egoístas ilusórios.

VERSÍCULO 59

yad ahaṁkāram āśritya não é conhecido
mithyaiṣa vyavasāyas te prakṛtis tvāṁ niyokṣyati

Se, apegado ao ego, você disser: "Não lutarei", infrutífera será a sua resolução! Prakriti, tua natureza inata, te forçará a lutar.

O Senhor diz a Seu devoto: "Se você se identificar com o ego, ó Arjuna,

você absorverá sua aversão temporária e irracional pela guerra justa e, assim, decidirá não ir para a batalha. Mas uma resolução tão mal pensada não duraria muito; compelido pelo seu instinto interior de soldado, você teria que lutar."

Embora a explicação anterior se aplique à vida pessoal exterior de Arjuna, o significado mais profundo refere-se à luta espiritual interior do devoto. O Senhor revela assim esta sabedoria:

"Através da ajuda de Deus, ó Arjuna, sua natureza inata (samskaras) de encarnações passadas fez de você um veterano lutador dos sentidos desde o seu nascimento. Mas a sua identificação temporária com o ego físico faz com que você sinta que atender ao seu comando de abster-se de destruir seus "parentes" inimigos – as inclinações dos sentidos materiais – é justo. Esta é uma conclusão passageira e errônea. Como um lutador nato dos sentidos, sua própria natureza o obrigará a agir de outra forma. Portanto, é melhor para você assumir agora seu dever justo, pois seus samskaras lhe deram esta excelente oportunidade para estabelecer o reino abençoado da alma. Assim, com seus soldados da discriminação, da calma, do autocontrole, da paz, da concentração, do amor à bondade e de outras qualidades divinas, e pelo poder da ioga e do desapego, você pode derrotar o ego físico e sua indesejável horda de seres sensoriais que causam miséria. paixões."

VERSÍCULO 60

svabhāvajena kaunteya nibaddhaḥ svena karmaṇā
kartuṁ necchasi yan mohāt kariṣyasy avaśo 'pi tat

Ó Filho de Kunti (Arjuna), acorrentado por seu próprio karma, inato em sua natureza, o que por meio da ilusão você não faria, você será impotentemente compelido a fazer.

O Senhor enfatiza ainda mais para Arjuna (para a percepção intuitiva do devoto que medita) a influência irresistível da natureza interior:

"Ó Arjuna, embora você esteja aprisionado pela indiscriminação e não

deseje subjugar seus ‘parentes’, as inclinações sensoriais inimigas ligadas ao corpo, você não será capaz de desconsiderar a natureza inata que ordena que você lute e conquiste-os. Em sua vida passada você foi um lutador dos sentidos, Arjuna. É por isso que, nesta vida, você nasceu com a vontade de lutar contra as paixões sensoriais até que o reino de bem-aventurança da alma esteja totalmente estabelecido. Mesmo que você tente permanecer neutro, você se verá resistindo automática e instintivamente a essas forças ligadas ao corpo. É melhor para você seguir os ditames justos de sua natureza interior e conquistar de forma consciente e voluntária essas hordas sensoriais para que você possa se libertar de seu emaranhado para sempre. Se você hesitar ou lutar contra a sua vontade com os sentidos, talvez não consiga subjugá-los. Sua simpatia pelas inclinações dos sentidos, demonstrada na sua falta de desejo de combatê-las, pode desenvolver em você um desejo maior de satisfazer suas demandas. Enquanto você igualar a felicidade aos sentidos identificados pelo ego, você negará a si mesmo a satisfação suprema da verdadeira bem-aventurança da alma.”

❖

Pela sua natureza mais íntima, o homem é compelido a buscar a alegria da alma

❖

A alegria na alma imortal e bem-aventurada do homem não depende de experiências sensoriais. Em seu estado natural, a alma permanece sempre consciente de sua alegria extática nativa. Mas quando a alma, identificada com o corpo físico e os sentidos, se torna a pseudoalma, ou ego, o mais próximo que chega da lembrança da alegria da alma é durante o estado de pseudo-êxtase experimentado no fenômeno pacífico do sono. É por isso que, sempre que o ego preso ao corpo se cansa de brincar e de atender aos seus sentidos inquietos, ele é inconscientemente atraído pela bem-aventurança oculta da alma para procurar o estado subconsciente do sono. Na menor alegria do estado de sono, o ego é involuntariamente lembrado de sua natureza original como a alma bem-aventurada. Estando demasiado inquieto para se lembrar desta bem-aventurança da alma durante o dia, o ego é arrastado todas as noites para dentro da câmara do subconsciente para sentir a alegria da alma manifestando-se vagamente no estado negativo de sono. Neste sentido, o estado de sono é a natureza

interior convincente do ego, incitando-o a procurar a sua felicidade para além da experiência sensorial.

A felicidade da alma é inimaginavelmente mais alegre do que o sono mais bem-vindo após um longo período de vigília forçada. Através da prática de yoga, o ego pode atravessar o estado de sono subconsciente e entrar na superconsciência sem sonhos de sua natureza original e bem-aventurada da alma. Contudo, o ego normalmente não consegue recuperar o estado superconsciente devido à forte atração dos sentidos brincalhões. No entanto, no estado subconsciente de sono profundo, o ego recebe pelo menos um vislumbre da sua alegria nativa oculta.

Uma análise do sono, como um estado que proporciona alegria sem a ajuda dos sentidos, fornece uma lição valiosa para o ego – uma demonstração de que a bem-aventurança superior pode ser encontrada se o ego puder desfrutar conscientemente do estado de sono e ir além dele até o êxtase consciente. . Através da prática contínua de yoga, o estado de sono subconsciente do ego pode ser gradualmente suplantado pelo êxtase superconsciente da alma.

É realmente uma sorte quando a força compulsiva da natureza interior adquirida impele-o em direção à sua verdadeira natureza da alma, como neste caso particular em que o bom carma passado de Arjuna o está estimulando a maiores vitórias da alma. Mas no devoto menos avançado, algumas inclinações inerentes podem apresentar-se como fortes impedimentos ao progresso espiritual. Uma boa ilustração disso é citada na seguinte história relatada por Swami Pranabananda, “o santo com dois corpos”,26 em seu comentário ao Gita:

“Um noviciado espiritual, experimentando um vislumbre de alegria superconsciente na meditação profunda, decidiu banir completamente o sono e praticar ioga a noite toda. Meditou com entusiasmo por algumas horas; então ocorreu uma pequena pausa em sua concentração, e sua “segunda natureza”, o sono – com seu hábito de se contentar com a alegria subconsciente – começou a se afirmar. ‘Estou meditando há três horas’, pensou ele, ‘e ganhei o direito de cochilar por um momento. Deitarei-me por apenas um minuto e depois sentarei e passarei mais seis horas em

meditação, até o nascer do sol.’ Pensando que sua vontade era forte, o homem deitou-se para descansar um minuto; mas sua segunda natureza o compeliu a dormir. Quando ele acordou, já era madrugada. Então percebeu a ineficácia de tentar ignorar tão drasticamente as exigências do sono, a compulsão de sua segunda natureza. Como um verdadeiro iogue, ele aprendeu gradualmente a substituir o estado de sono pela alegre percepção consciente da alma.”

Lahiri Mahasaya – o guru de Swami Pranabananda e do meu guru, Swami Sri Yukteswar – seguiu as regras adequadas da meditação iogue e da autodisciplina aplicada com bom senso; e durante a última parte de sua vida, ele foi capaz de dispensar completamente o sono, permanecendo abrigado na vigília da comunhão divina.

❖

A arte de domar as tendências naturais reside em passos psicofísicos graduais

❖

O aspirante inexperiente que tenta renunciar ao sono para meditar a noite toda, desconsiderando sua segunda natureza inata que está habituada a dormir, mais cedo ou mais tarde, impotente e involuntariamente, será compelido a dormir. Se ele insistir em empreender tal empreendimento insone, acabará “caindo entre dois bancos”, sem meditar nem dormir. Pela meditação imprópria, prejudicada pela semi-sonolência, o iogue apenas oscila entre vagos indícios de superconsciência e cai no subconsciente, sem receber benefícios de nenhum dos dois. Seu procedimento resultará na perda da saúde devido ao sono insatisfatório, bem como na incapacidade de perceber o estado puro e alegre da alma. Em vez de um desrespeito drástico pela sua segunda natureza, ele deveria aprender a meditar longa e profundamente depois de pelo menos alguma concessão à necessidade de sono do seu corpo, até que ganhe a capacidade de entrar à vontade no samadhi superconsciente. O sono físico torna-se então opcional, não mais essencial à sua própria existência. A transcendência do sono substitui confortavelmente a sonolência como parte de sua segunda natureza impulsionadora.

Ao aconselhar o devoto a dar a devida consideração à sua natureza humana, o Bhagavad Gita não implica submissão permanente, mas ação de

bom senso com o propósito de, em última análise, conquistar essa natureza. A arte de domar as próprias tendências naturais não consiste na aplicação de força bruta fútil, mas em passos psicofísicos graduais.

Quando um pescador tenta pescar um peixe grande com muita força, sua linha geralmente quebra. Mas se ele alternadamente esticar a linha e depois enrolá-la gradualmente, ele poderá pousar o peixe desgastando-o. Da mesma forma, o iogue deve ceder discriminativamente às exigências normais de sua natureza interior quando esta o puxa com força, e então, como um mestre pescador espiritual, gradualmente colocá-la sob seu controle.

A natureza interior não pode ser subjugada se esta submissão for realizada com apego e desejo de agradar o ego. Assim, o Bhagavad Gita aconselha o devoto a realizar ações naturais nem involuntariamente nem com apego, mas voluntariamente sem apego, com o firme objetivo de libertar-se de todas as atividades egoístas.

VERSÍCULO 61

īśvaraḥ sarvabhūtānāṁ hṛddeśe ’rjuna tiṣṭhati
bhrāmayan sarvabhūtāni yantrārūḍhāni māyayā

Ó Arjuna, o Senhor está alojado nos corações de todas as criaturas e, por meio de Sua ilusão cósmica (maya), compele todos os seres a girar como se estivessem presos a uma máquina.

A Vida e a Inteligência de Deus são onipresentes em toda a criação e determinam, através da lei da Natureza, a progressão ordenada dos eventos no drama cósmico. Esse mesmo Poder, inato em todos os seres humanos, sujeita cada pessoa à influência da lei e também lhe permite transcendê-la.

Compelida pela lei de maya, a criação move-se continuamente para cima e para baixo no caminho da evolução linear: ascendendo da Era Material até a Era Atômica, a Era Mental e a Era Espiritual durante o espaço de 12.000 anos; e descendo da Era Espiritual para a Idade Material durante o período seguinte de 12.000 anos.27

Ligados à criação por maya, todos os seres são inexoravelmente constrangidos pelos seus padrões cármicos individuais a reencarnar repetidamente durante estes ciclos ascendentes e descendentes, à medida que a sua evolução espiritual progride sob a influência da natureza cósmica.28 O homem pode acelerar ou atrasar a sua evolução através da sua vontade. ações certas ou erradas (carma). Até que as ações corretas prevaleçam, ele se move mecanicamente junto com os ciclos, como se estivesse fixado na roda giratória de uma máquina. Mas à medida que gradualmente se desenvolve espiritualmente, ele desperta para a sua verdadeira natureza e procura uma fuga. Somente aqueles que descobrem Deus dentro de si mesmos e que exigem liberdade - por terem sido criados contra a sua vontade - Deus liberta, depois de terem resolvido o carma causado pelo mau uso da sua livre escolha divina.

Os seres humanos sob maya estão, portanto, fadados a serem sujeitos às compulsões da Natureza e influenciados pelas dualidades predominantes do bem e do mal durante a sua experiência de numerosas vidas e mortes, desde que se movam mecanicamente para cima e para baixo com a criação na máquina cósmica de evolução. Mas assim que se voltam para Deus, usando corretamente o dom divino do livre arbítrio – a sua chave para escapar de maya – e exigem a libertação, ficam livres do nascimento e da morte. Eles não sofrem mais com a escravidão dos ciclos evolutivos da criação.

VERSÍCULO 62

tam eva śaraṇaṁ gaccha sarvabhāvena bhārata
tatprasādāt parāṁ śāntiṁ sthānaṁ prāpsyasi śāśvatam

Ó Descendente de Bharata (Arjuna), refugie-se Nele com toda a ansiedade do seu coração. Por Sua graça você obterá a máxima paz e o Abrigo Eterno.

O significado do conselho de Bhagavan Krishna a Arjuna é que o homem pode receber a graça libertadora de Deus usando adequadamente sua livre escolha para colocar Deus em primeiro lugar em sua vida.

“Ó devoto, sabendo que toda ação é instigada pela ilusória Natureza cósmica, saia de suas garras realizando todas as ações apenas para agradar a Deus. Somente Ele pode libertá-lo de Seus próprios decretos, dos decretos da Natureza cósmica e da armadilha da lei auto-atuada das ações humanas. Ao concentrar-se em Deus na mais profunda comunhão, entregando-Lhe com entusiasmo e sem reservas todo o seu ser, você, pela Sua graça, se estabelecerá em paz suprema e encontrará Nele a liberdade eterna.”

VERSÍCULO 63

pequeno jñānam ākhyātaṁ guhyād guhyataraṁ mayā
vimṛśyaitad aśeṣeṇa yathecchasi tathā kuru

Assim a sabedoria, o mais secreto de todos os segredos, foi dada a ti por Mim. Depois de refletir exaustivamente sobre isso, aja como desejar.

Krishna, Senhor do Yoga (o guru de Arjuna, unido a Deus - simbolicamente, a voz do Espírito, falando como vibrações da Verdade na alma do devoto), revelou em seu discurso divino as maravilhosas verdades da ciência universal do yoga:

“Ó Arjuna, eu narrei a você a sabedoria mais secreta, concedendo à sua consciência receptiva a plena percepção da verdade relativa à obtenção da liberação. Somente através da realização intuitiva é possível compreender plenamente a sabedoria de como as ações humanas são sutilmente influenciadas pelo decreto divino, pela natureza cósmica e pelo carma humano. Apegue-se continuamente a essa percepção, pois se, em vez disso, você mantiver seu coração identificado com os gostos e desgostos distorcidos do ego físico, você não compreenderá o mistério da vida e das ações humanas. Ao primeiro perceber Deus, você saberá como a ilusão cósmica e todas as criaturas e suas atividades complexas evoluíram a partir Dele. A partir deste insight divino, você compreenderá que, enquanto permanecer identificado com a natureza, ou com a criação, e com as ações e desejos humanos guiados pelo ego, você estará vinculado. Mas quando você

retira sua consciência, que pela influência da natureza flui em direção aos objetos externos, e a faz fluir de volta para Deus, você encontrará a libertação.

"Arjuna, agora você sabe que esta sabedoria secreta sobre a lei da ação – a lei que governa o homem, o universo e seus destinos – só pode ser experimentada por meio do desenvolvimento intuitivo. Caso contrário, permanecerá sempre oculto para você. Depende de você se, pela livre escolha de sua mente, você começará a experimentar as verdades por mim relatadas e assim se libertará, ou se você agirá de forma contrária e permanecerá em cativeiro."

❖

Como perceber as verdades nas escrituras

❖

Deus e Sua sabedoria, não importa quão bem expressos nas escrituras por mestres experientes, estão sempre ocultos do intelecto identificado pelos sentidos dos seres materiais. Os materialistas não podem receber em seus pequenos copos de compreensão o vasto oceano da Verdade.

Uma pessoa comum que lê ou ouve verdades bíblicas interpreta suas sensações e impressões visuais ou auditivas delas de acordo com as limitações de seus sentidos e compreensão. Um homem de acuidade espiritual estuda as escrituras e depois tenta perceber o seu significado com a sua intuição desenvolvida. É ainda melhor quando um homem com potencial de realização lê ou ouve pela primeira vez a verdade interpretada através da realização plenamente desperta de um grande mestre ou guru; e então medita nessa revelação até que ele, da mesma forma, perceba essa sabedoria como sua.

Diversos comentários sobre grandes escrituras como o Bhagavad Gita e a Bíblia não devem ser coletados e lidos indiscriminadamente; nem as escrituras devem ser ingeridas vorazmente por alguém que possua um estado mental subdesenvolvido. Após meditação profunda, apenas uma pequena parte de uma escritura deve ser lida por vez, e então meditar internamente para sentir a verdade nela contida através da intuição da alma. Ninguém deveria tentar interpretar verdades espirituais equipado apenas com razão, emoção e imaginação. Para perceber a verdade por trás da

linguagem das Escrituras, conforme pretendida pelos profetas, a faculdade necessária é a calma intuitiva obtida através da meditação profunda.

Assim, nesta estrofe, as verdades reveladas por Deus a Arjuna são declaradas como “mais secretas”. A verdade revela plenamente seus mistérios apenas na Auto-realização do próprio devoto avançado, quando a percepção não é através do intelecto, mas através da experiência direta da alma.

O Senhor, portanto, exorta o devoto a meditar na verdade e a assumir obedientemente aquelas ações que trazem iluminação intuitiva e que estão de acordo com a sabedoria divina secreta na alma unida a Deus: “Então, Arjuna, execute com a consciência de sua alma - unidade com Deus, todas as ações obedientes instigadas pelo carma passado e pela natureza cósmica, e você se libertará das ilusões da criação. Lembre-se de que você é um agente independente, livre para agir de acordo com este conselho mais profundo para a libertação, ou para permanecer vinculado pela submissão à influência do ego e à consciência sensorial do corpo. Ó Arjuna, não abuse do seu poder de livre arbítrio! Determine-se a aumentar o poder da intuição, por meio do qual você poderá perceber essa profunda sabedoria. Use seu livre arbítrio para meditar repetidamente sobre a alma, para que você possa perceber, através de sua intuição desperta, todas as verdades secretas que eu lhe revelei.”

VERSÍCULO 64

sarvaguhyatamaṁ bhūyaḥ śṛṇu me paramaṁ vacaḥ
iṣṭo’si e dṛḍham iti tato vakṣyāmi o hitam

Ouçam novamente Minha palavra suprema, a mais secreta de todas. Porque você é profundamente amado por Mim, contarei o que é benéfico para você.

Tendo dotado cada alma com livre arbítrio, Deus nunca forçará ninguém a escolhê-Lo em detrimento de desejos menores. Mas Seu amor é eterno e sempre persegue Seus filhos errantes – de encarnação em encarnação, era

após era. Como a vaca mãe que corre atrás de seu bezerro perdido, Ele segue Sua prole com solicitude vigilante, sempre chamando-os e persuadindo-os a retornar para Ele.

O amor de Deus para com os Seus filhos é incondicional porque Ele se sente responsável por tê-los enviado para fora de Si, para a ilusão e a miséria deste mundo. Se eles enxergarem através das falsas atrações mundanas e olharem para Ele - acima de tudo, se O amarem, o Doador, em preferência aos Seus dons materiais - eles retornarão a Ele pelo poder de sua virtude. Mesmo nas horas mais sombrias do declínio humano, quando os transgressores ficaram extremamente enredados na ilusão pela prática repetida de ações erradas, Deus vem através de mestres libertados ou de outras grandes encarnações para iluminar e redimir aqueles que se arrependem. Tal é o amor de Deus por todos os Seus filhos, mesmo os pecadores e aqueles que não O amam. Ele nunca pune nem mesmo os que continuamente erram com a condenação eterna; de alguma forma, o Deus invisível – o Criador e, portanto, o Manejador da lei de causa e efeito – ajuda todos os homens a voltarem para Ele.

No campo da eternidade, o Senhor pensou em brincar de esconde-esconde com Seus filhos por um tempinho; Ele se escondeu atrás de véus de ilusão cósmica. O homem que não vê tropeça na escuridão de maya, buscando aquele Algo desconhecido e indescritível – caindo em valas de ignorância e poços de miséria. No entanto, o jogo continua porque o homem adora a emoção e as recompensas aleatórias obtidas em meio aos perigos.29

Mas embora Deus tenha divorciado os seres humanos da percepção consciente Dele, ainda assim Ele os está namorando; e através de dificuldades e testes está tentando persuadi-los a abandonar seu fascínio pelas sombras efêmeras da matéria e retornar à Sua Bem-aventurança.

Depois das vicissitudes de muitas encarnações no deserto solitário da criação ilusória – depois de vidas de romance de se esconder e quase se encontrar, de se separar e ser procurado ansiosamente – o homem clama do fundo do seu coração: “Basta!” Quando as tentações mundanas são finalmente consideradas não dignas de seu tributo de sofrimento e peregrinação precária em maya, e o jogador clama de seu âmago por

libertação, então o Deus oculto, por Seu toque invisível, derrete a faixa do desconhecimento dos olhos de sabedoria do homem. Essa alma não precisa mais vagar pela escuridão sombria. Uma vez que o buscador iluminado tenha abandonado completamente seus erros, Deus libertará essa alma para sempre.

Então, com alegria e mais alegria, o Senhor aparece abertamente a Seu devoto. Ele faz saber que a permanência do homem em maya foi destinada apenas ao entretenimento; e que se todos O encontrassem facilmente, então Sua lila cósmica de esconde-esconde terminaria num piscar de olhos. Ele explica que Seu esconderijo não foi feito para causar sofrimento, mas para aumentar o prazer da descoberta final e inevitável do Amor Eterno pelo homem.

Ao dizer a Arjuna o quanto Ele o ama, o Senhor reconhece que, embora Seu amor brilhe igualmente para todos, o devoto que se esvazia das ilusões do ego abre seu ser para receber em plena medida a Beneficência Divina.

VERSÍCULO 65

manmanā bhava madbhakto madyājī māṁ namaskuru
mām evaiṣyasi satyaṁ te pratījāne priyo ‘si me

Absorva tua mente em Mim; torne-se Meu devoto; renuncie a Mim todas as coisas; Curve-se a mim. Tu és querido para Mim, então em verdade eu te prometo: Tu me alcançarás!

Uma mente crítica pode se perguntar por que Deus, prometendo a dádiva de Si mesmo, está pedindo ao já devotado Arjuna que se absorva Nele, seja devotado a Ele, e que realize sacrifícios cerimoniais para conhecê-Lo,30 e se curvar a Ele.

Além disso, como este conselho foi prefaciado no versículo anterior com: “Mais uma vez ouçam a Minha palavra suprema, a mais secreta de todas”, a pergunta óbvia é: o que é tão profundamente secreto? “Segredo” significa oculto, uma experiência de realização que transcende as atividades e observações comuns da mente e dos sentidos. Assim, este versículo deve

ser lido como mais do que uma simples fórmula para o bhakta obstinado. É afirmar “novamente” o requisito de realização final para a libertação.

O significado metafísico mais profundo desta estrofe está entrelaçado com a interpretação espiritual da estrofe 62, onde o Senhor Krishna pede a Arjuna para se lembrar de Deus, dizendo: “Tam eva saranam gaccha”, “Refugie-se Nele”.

Na estrofe 62, Arjuna foi instado a concentrar-se em Deus como Espírito Cósmico; agora ele é exortado a concentrar-se em Deus como “Eu mesmo”.

❖

A realização final: Espírito dentro de si mesmo e permeando o universo

❖

Conhecer Deus como aquele Espírito que é a origem e o fim de todos os seres é de fato o conhecimento último. Mas o conhecimento de Deus como o Tudo-em-Tudo só é possível quando o devoto percebe primeiro o grande “Eu” – aquele Espírito presente dentro de si mesmo, bem como onipresente no universo. Normalmente, quando o devoto fala de “eu mesmo”, ele tem em mente o seu ego; mas quando, através da meditação, ele consegue unir a consciência do seu ego com a consciência intuitiva da sua alma, ele sabe o que é o verdadeiro “Eu”. É por isso que o Senhor como Krishna está agora incitando Arjuna a elevar sua mente do plano dos sentidos e ser absorvido no “Eu” interior ou Deus, cuja presença refletida no devoto é o seu verdadeiro Eu.

Um reflexo da lua aparece distorcido em um lago agitado pelo vento; da mesma forma, a imagem da alma refletida no corpo não é vista claramente em uma mente inquieta e identificada com os sentidos. Conseqüentemente, Deus aconselha Arjuna a acalmar as águas de sua mente, para que, em vez de ver ali a imagem distorcida do ego do Ser, ele pudesse contemplar o verdadeiro Eu claramente refletido. Uma vez capaz de contemplar a alma tranquila, sem ser perturbado pela inquietação do ego, Arjuna gradualmente compreenderia que a alma, o pequeno “Eu”, nada mais é do que um puro reflexo do Espírito, o grande “Eu” espalhado pelo mundo. céus de onipresença.

Esta mesma verdade foi expressa por Jesus quando ele disse: “Ninguém

vem ao Pai, senão por mim... Acredite em mim que estou no Pai, e o Pai em mim.”31 Ele estava se referindo, assim como Krishna no Gita, à imanência de Deus – sua unidade com a Presença Divina dentro dele como a alma totalmente desperta, e com a onipresente Consciência Crística (Kutastha Chaitanya), a alma do universo. Ninguém pode atingir o Absoluto, exceto através da realização do pequeno “Eu” e de sua identificação com o “Eu” onipresente.

Incondicional e essencialmente o homem precisa de Deus; Deus não precisa do homem. Deus é livre, perfeito, todo-poderoso e onipresente; Ele sabe conscientemente que é o Criador e Proprietário de todos os universos. Portanto, quando Deus pede ao Seu devoto que O adore e se curve a Ele, não é como um mestre egoísta, exigindo que Seu servo seja absorvido e devotado a Ele, sacrificando todos os seus prazeres pessoais e prestando continuamente reverências a Ele. Nem Deus é um tirano mimado, exigindo nossa lisonja e louvor para liberar Seus dons sobre nós. Ele está sentado no coração de todos, conhecendo o motivo de cada oração humana. Não importa se alguém O culpa o dia todo, Deus não desce do Seu estado elevado para punir essa pessoa. Mas através da lei cármica de causa e efeito, quem tem pensamentos blasfemos contra Deus pune-se a si mesmo pelos seus próprios mal-entendidos e é atraído para a prática de erros semelhantes contra os seus semelhantes.

Na Bíblia, as exortações de Jeová para “Louvar o Senhor”32 têm significado semelhante a esta estrofe do Gita. Deus não se comove com louvor, que não O agrada. Contudo, louvar a Deus cria uma vibração espiritual positiva, que ajuda o devoto que O elogia sinceramente. Deus, que é Amor, nos fez à Sua imagem de Amor. Quando cultivamos o amor dentro de nós mesmos, nos lembramos do outrora esquecido Amor Divino em nosso verdadeiro Eu.33

❖

Compreensão iogue do significado da devoção

❖

Manmana bhava, “absorva tua mente em Mim”, significa absorção no verdadeiro “Eu mesmo” em êxtase. Madbhakta bhava, “torne-se Meu devoto”, significa percepção e lembrança do abençoado “Eu mesmo” durante

aquele estado de atividade humana em que as ações do devoto não são realizadas sob a influência do ego físico. Madyaji bhava, “renunciar todas as coisas a Mim”, significa dissolver a mente, a força vital e os desejos no fogo da verdadeira percepção do “Eu” interior. Mam namaskuru, “curve-se diante de Mim”, tem um significado muito profundo. O ato de curvar-se consiste em colocar as mãos, com as palmas unidas, sobre o coração e, em seguida, tocar a testa com as pontas dos dedos para expressar devoção a uma pessoa ou a Deus. As mãos simbolizam atividade, o coração simboliza o amor e a cabeça simboliza a sabedoria. Assim, uma pessoa que se curva ao homem ou a Deus simboliza com este ato de obediência: “Minha atividade, meu amor e minha mente estão ao Seu serviço”.

Nesta estrofe, o Senhor pede a Arjuna que dissolva o amor de seu coração, seu impulso para a atividade física e seus pensamentos discriminativos no “Eu mesmo” interior, concentrando repetidamente sua atenção nisso, mesmo que a mente queira fugir e ser absorta em atividades físicas. ou atividades emocionais no plano dos sentidos.

O Senhor ainda insinua a Arjuna: “Você se tornou querido por Mim. Eu realmente prometo a você que se você ficar absorvido em seu ‘Eu’ interior, você saberá que não é outro senão o grande Eu que permeia todos os lugares.”

A palavra sânscrita So’ham significa “Ele eu sou”. No estado inicial, o ego físico do devoto ainda não está destruído. Mas quando, através da prática de yoga, o aspirante se torna suficientemente avançado para perceber em êxtase o pequeno Eu dentro de si, ele pode sair desse estado e dizer: “So'ham: encontrei o vasto Espírito Cósmico refletido dentro de mim como a Alma, o o pequeno Eu, um e o mesmo com o grande Eu.”

Versículo 66

sarvadharman parityajya mām ekaṁ śaraṇaṁ vraja
ahaṁ tvā sarvapāpebhyo mokṣayiṣyāmi mā śucaḥ

Abandonando todos os outros dharmas (deveres), lembre-se somente de Mim;34 Eu te libertarei de todos os pecados (advindos do não cumprimento desses deveres menores). Não se preocupe!

Uma interpretação prosaica deste conselho aconselha inequivocamente o profundamente devotado Arjuna, e todos os verdadeiros renunciantes, a renunciar inteiramente aos deveres mundanos, a fim de estar unifocadamente com Deus. “Ó Arjuna, abandone todos os deveres menores para cumprir o dever mais elevado: encontre seu lar perdido, seu abrigo eterno, em Mim! Lembre-se, nenhum dever pode ser cumprido por você sem os poderes emprestados de Mim, pois Eu sou o Criador e Sustentador da sua vida. Mais importante do que o seu envolvimento com outros deveres é o seu envolvimento Comigo; porque a qualquer momento posso chamá-lo desta terra, cancelando todos os seus deveres e ações.

“Sob a direção do ego preso ao corpo, o desempenho de deveres bons ou maus, importantes ou sem importância, instigados pela natureza, irá mantê-lo enredado em desejos insaciáveis e nas misérias de repetidas reencarnações. Mas se você restaurar a memória perdida da Minha presença em sua alma e permanecer continuamente consciente de Mim, Eu irei – pela virtude dessa unidade interior Comigo – libertá-lo completamente do pecado do não desempenho de deveres menores. Não se lamente por qualquer suposta perda de gratificação física ou material. Fui eu quem decretei seu nascimento como ser mortal. Pelas suas respostas erradas à Minha ilusão cósmica, você aprisionou a imagem da sua alma naquela existência mortal. Sua realização não está nas complicações terrenas, mas em Mim. Encontre o seu Eu em Mim, o que só pode ser feito removendo todas as obstruções em seu caminho.”

Uma passagem paralela na Bíblia cita o Senhor Jesus dando o mesmo conselho ao devoto totalmente dedicado a Deus: “Não há homem que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou esposa, ou filhos, ou terras, por minha causa e pelo evangelho, mas ele receberá cem vezes mais agora, neste tempo, casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e terras, com perseguições; e no mundo vindouro a vida eterna.”35

Ele também disse: “Se a tua mão te escandalizar, corta-a; é melhor para

ti entrar na vida mutilado do que, tendo as duas mãos, ir para o inferno.”36

Somente para aqueles devotos cujo único propósito é encontrar Deus é que Jesus sugeriu o abandono de todos os deveres menores; ele não aconselhou ninguém a fugir do trabalho ou a se tornar um fardo sobre os rendimentos dos outros.

Na sagrada tradição do monaquismo, ao longo dos tempos, houve exemplares inspirados e inspiradores desta devoção obstinada. São Francisco deixou sua rica casa por Deus. Swami Shankara deixou sua amada mãe em busca da realização da alma. Jesus advertiu que a renúncia a deveres menores traria perseguição por parte daqueles que não entendem. Mas um devoto que ama a Deus com toda a sua alma não tem medo de tal perseguição, ou de outras consequências de abandonar deveres menores. Assim como o Senhor Krishna, Jesus Cristo quis dizer que um verdadeiro devoto que renuncia tudo somente por Deus não deve nutrir arrependimentos; pois ele transcenderá todas as causas de tristeza e será abundantemente recompensado com contentamento divino, até mesmo cem vezes maior, e na vida após a morte encontrará a bendita existência eterna e consciente em Deus.

Por esta razão, Jesus ensinou que é melhor livrar-se do impulso para a atividade material egoísta por trás da “mão”, para que as inclinações mundanas não possam mais ser uma obstrução à realização de Deus. Ele também disse: “E amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento. E a segunda é esta: amarás o teu próximo como a ti mesmo.”37 Amar somente a Deus não é um afastamento interior egoísta do próximo, mas uma expansão de consciência em amar Aquele que está presente em todas as coisas. Da mesma forma, o principal conselho do Gita é que, para alcançar a libertação, o homem deve amar a Deus através da oferta de sua força (força vital) em meditação extática, com o amor purificado do coração, com concentração da mente e com a intuição da alma; e também para cumprir os deveres altruístas e úteis e as ações divinas que são benéficas não apenas para si mesmo, mas para os outros, seus “vizinhos” ou co-moradores neste mundo.

A palavra dharma, dever, vem da raiz sânscrita dhri, “manter (qualquer coisa)”. O universo existe porque é mantido unido pela vontade de Deus, manifestando-se como os princípios cósmicos imutáveis da criação. Portanto, Ele é o verdadeiro Dharma. Sem Deus nenhuma criatura pode existir. O dharma ou dever mais elevado de todo ser humano é descobrir, pela compreensão, que ele é sustentado por Deus.

❖

Explicação do dharma, deveres ordenados pela lei cósmica

❖

Dharma, portanto, é a lei cósmica que dirige o mecanismo do universo; e depois de cumprir o yoga-dharma (deveres religiosos) primário que une Deus, o homem deve cumprir secundariamente seus deveres para com as leis cósmicas da natureza. Como uma criatura que respira ar, ele não deveria se afogar tolamente, pulando na água e tentando respirar ali; ele deve observar a conduta racional de todas as maneiras, obedecendo às leis naturais de viver num ambiente onde o ar, a luz do sol e a alimentação adequada sejam abundantes.

O homem deve realizar o dharma virtuoso, pois pela obediência ao dever justo ele pode libertar-se da lei de causa e efeito que governa todas as ações. Ele deve evitar a irreligião (adharma) que o afasta de Deus, e seguir a religião (Sanatana Dharma), pela qual ele O encontra. O homem deve observar os deveres religiosos (yoga-dharma) prescritos nas verdadeiras escrituras do mundo.

Os códigos para todos os aspectos da conduta humana, tal como constam das leis de Manu,38 também são considerados dharmas ou deveres para a orientação do homem. Aplicado às quatro castas naturais, o termo dharma refere-se aos deveres inerentes a cada uma delas. Por exemplo, conforme explicado nos versos anteriores, o dever de um Sudra ou indivíduo preso ao corpo é ser fisicamente ativo; o dever de um brâmane é pensar em Deus.

A palavra dharma também expressa a natureza dos seres vitais – homens, animais e outras criaturas. Um homem tem que agir como um homem, e um animal como um animal (embora um homem possa mudar seu dharma tornando-se bestial, e um animal possa ser treinado para se

comportar de certas maneiras como um ser humano).

A natureza dos elementos (ígneo, gasoso, etéreo, líquido, sólido) também é chamada de dharma. Por exemplo, a natureza da eletricidade (fogo) é fornecer luz e energia.

O Senhor Krishna aconselha Arjuna a elevar-se acima de toda consciência das dualidades de virtude e pecado da natureza com seus dharmas ou deveres menores que mantêm a alma ligada à matéria. Ele procurou afastar Arjuna de sua relutância em lutar contra seus sentidos e a natureza humana física, exortando-o a desistir de todos os dharmas menores pertinentes (ao atender aos sentidos) para que ele pudesse ser livre para realizar o dharma supremo de encontrar Deus (libertando-o). as faculdades discriminatórias da escravidão sensorial).

A interpretação metafísica correlacionada desta sexagésima sexta estrofe frequentemente citada está sendo explicada agora:

Um homem comum está continuamente cumprindo deveres para com seu ego preso ao corpo, seu corpo físico, seus cinco sentidos e sua mente e inteligência infectadas pelos sentidos. Assim, sob o disfarce de “dever”, este infeliz cumpridor comete todos os tipos de erros pelos quais fica preso às misérias do reino da natureza através de incontáveis ciclos de renascimento.

❖

Significado metafísico de “abandonar dharmas menores”

❖

Então Krishna diz: “Ó Arjuna, seja um verdadeiro renunciante! Pela prática da meditação yoga, retire (vraja) sua mente, inteligência, força vital e coração das garras do ego, das sensações físicas da visão, audição, olfato, paladar e tato, e dos objetos dos prazeres dos sentidos. ! Abandone todos os deveres para com eles! Seja um iogue unindo-se à Minha abençoada presença (mam ekam saranam) em sua alma. Então eu te salvarei; pelo não cumprimento dos deveres menores para com os sentidos sob a influência da ilusão, você automaticamente se verá livre de todos os problemas pecaminosos.

“Se você permanecer em êxtase Comigo, cumprindo todos os deveres divinos conforme orientado por Mim, abandonando todos os deveres

instigados pelo ego, você será liberado.”

Conforme discutido em contextos anteriores (por exemplo, ver comentário em I:1), a mente do homem comum é geralmente identificada com posses externas e prazeres sensoriais relacionados com a superfície do corpo. A consciência física é sustentada pela mente, pela inteligência e pela força vital que operam através dos sutis centros espinhais da vida e da inteligência. Através dos plexos inferiores (lombar, sacro e coccígeo), os holofotes da inteligência, da mente e da energia vital operam continuamente externamente, alimentando o sistema nervoso e revelando e sustentando os prazeres dos sentidos e a consciência física. O iogue inverte os holofotes da inteligência, da mente e da força vital para dentro, através de uma passagem astral secreta, o caminho enrolado da kundalini no plexo coccígeo, e para cima, através dos plexos sacro, lombar e dorsal superior, cervical e medular. , e o olho espiritual no ponto entre as sobrancelhas, para revelar finalmente a presença da alma no centro mais elevado (sahasrara) do cérebro.

Assim como a mente do homem material está constantemente ocupada com o corpo e o mundo externo, a consciência do iogue está principalmente ocupada internamente. Olhando através de seu olho espiritual, o olho astral da luz, ele experimenta no sahasrara a felicidade inefável de sua alma. Assim cantou o salmista: “Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo habitará à sombra do Todo-Poderoso.”39

VERSÍCULO 67

idaṁ te natapaskāya nabhaktāya kadacana
na cāśuśrūṣave vācyaṁ na ca māṁ yo ’bhyasūyati

Nunca expresse essas verdades a alguém que não tenha autocontrole ou devoção, nem a alguém que não presta serviço ou não se importa em ouvir, nem a alguém que fala mal de Mim.

As verdades espirituais são sagradas e não devem ser oferecidas indiscriminadamente a materialistas grosseiros que abusam ou difamam a sua santidade. Qualquer indivíduo que esteja extremamente identificado

com o corpo como o princípio e o fim de toda a existência é um materialista grosseiro; dedicado aos prazeres dos sentidos e às posses, ele não anseia pelo conhecimento da alma. Por falta de qualquer compreensão verdadeira, os materialistas denunciam Deus; ou pode de outra forma condená-Lo por todos os males do mundo, nunca reconhecendo a responsabilidade do homem, através do mau uso da livre escolha, pelas suas próprias misérias.

Jesus também advertiu que não se deve lançar pérolas aos porcos;40 isto é, não se deve conceder riqueza espiritual aos que não apreciam.

VERSÍCULOS 68-69

ya idaṁ paramaṁ guhyaṁ madbhakteṣv abhidhāsyati
bhaktiṁ mãe parāṁ kṛtvā mām evaiṣyaty asaṁśayaḥ (68)

na ca tasmān manuṣyeṣu kaścin me priyakṛttamaḥ
bhavitā na ca me tasmād anyaḥ amado bhuvi (69)

Qualquer um que transmitir aos Meus devotos o conhecimento secreto supremo, com a máxima devoção a Mim, sem dúvida virá a Mim. Nenhum homem presta a Mim um serviço mais inestimável do que ele; em todo o mundo não haverá ninguém mais querido para Mim.

“O devoto que sente Meu Eu onipresente no pequeno ‘Eu mesmo’ (a alma), e a partir dessa percepção espiritual (não da compreensão teórica) transmite a verdade aos buscadores de alma para ajudar a libertá-los, será abençoado pela graça divina adicional. Ele facilmente permanecerá em êxtase dentro de sua alma, sentindo-me ali como Espírito onipresente”.

Embora Deus transcenda toda miséria e seja todo abençoado, Ele está consciente dos sofrimentos de Seus filhos, pois verdadeiramente Ele reside dentro deles e passa com eles pelos testes excruciantes da existência ilusória. Portanto, o mais querido de todos os homens para Ele é o santo que se esforça para libertar os outros da ilusão e trazê-los de volta à realização de sua esquecida divindade inerente. Eternamente queridos e abençoados são aqueles que suportam com alegria até mesmo as perseguições mundanas

por ajudarem outros a regressar ao abrigo da protecção de Deus.

Um iogue que se elevou acima da ilusão e alcançou a Auto-realização, e que tendo experimentado a bem-aventurança divina está ansioso para compartilhá-la com os verdadeiros buscadores, encontra a alegria suprema em ajudar abnegadamente os outros para a libertação. Ele cumpre aquele serviço que mais agrada a Deus. Perceber Deus e – em pura devoção somente a Ele – compartilhar Seu amor com os outros deveria ser o objetivo mais elevado do homem na terra. A oração constante em seu coração deveria ser: “Que o Teu amor reine para sempre no santuário da minha devoção, e que eu seja capaz de compartilhar o Teu amor com os outros.”41

Até mesmo o desejo de libertação é imperfeito se for limitado a si mesmo. Nenhum santo é completamente libertado até que tenha sido o instrumento do despertar espiritual em pelo menos alguns devotos.

O ensinamento bíblico pode novamente ser citado com propriedade: “Ame a Deus com toda a tua alma” – isto é, ame a Deus com toda a percepção intuitiva da realização da alma; “e ame o seu próximo como a si mesmo” - ensine o caminho da salvação aos corações receptivos. Mas é necessária vigilância para salvaguardar contra a intrusão do ego, para que as boas intenções iniciais de servir os outros espiritualmente não se tornem, em vez disso, num orgulhoso complexo de salvador. É por isso que o Gita enfatiza aqui que tal serviço deve ser feito com a máxima devoção a Deus, e não por amor do ego por reconhecimento e poder. Um entusiasta que tenta salvar outras almas sem ter salvo a sua própria pode ser uma boa pessoa, mas as suas ações não conduzem à libertação se ele mantiver o egoísmo no seu desejo de ser um instrumento do bem. Contudo, se alguém for profundamente sincero nos seus próprios esforços para encontrar Deus, e ao mesmo tempo, com toda a humildade, tentar trazer outros a Ele, essa acção é admirável e libertadora da alma; isso não o liga à terra de forma alguma, mesmo por bom carma.

“Buscai primeiro o reino de Deus”42 e depois inspire outros a buscarem o Doador de todas as dádivas! Em suma, perceba Deus na alegria da sua alma e compartilhe essa alegria divina com os outros. Aquele que presta tal serviço a Deus “sem dúvida” vem a Deus; não há “ninguém mais querido”

para Ele.

VERSÍCULO 70

adhyeṣyate ca ya imaṁ dharmyaṁ saṁvādam āvayoḥ
jñānayajñena tenaham iṣṭaḥ syām iti me matiḥ

Aquele que estuda e conhece (percebe intuitivamente) este diálogo sagrado entre nós estará Me adorando pelo sacrifício (yajna) da sabedoria. Tal é a Minha santa declaração.

O conceito de diálogo ou comunhão com o Espírito pressupõe uma "voz" ou meio de troca, seja ela expressa por meio de som, imagem ou pensamento intuitivo. Esse meio é a Palavra Sagrada, a "expressão sagrada" do Senhor – o Aum Védico, ou Amém Cristão, a Palavra de Deus. Aum é a personificação vibratória do Espírito, repleta de Onisciência e Onipotência. Jesus referiu-se a este aspecto da Santíssima Trindade de Deus como o Espírito Santo, ou Consolador: "Mas o Consolador, que é o Espírito Santo… vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de todas as coisas, tudo quanto vos tenho dito. ."43 Qualquer adoração significativa do Deus pessoal (qualquer manifestação do Absoluto Imanifestado) deve necessariamente incluir este aspecto vibratório de Sua presença.

O propósito da técnica espiritual de yajna, adoração a Deus através de sacrifício simbólico, é a destruição dos pecados pela sabedoria e união da alma e do Espírito. O iogue, na execução do yajna, invoca o poder de manifestação da Palavra Sagrada. Yajna é realizado na cerimônia do fogo sacrificial; em japa, canto repetido de Aum; no canto sussurrante de Aum com concentração interiorizada na queima de desejos materiais no fogo da percepção espiritual; e na oração mental extática, comunhão real com Aum, ou Deus – simbolizado no Gita como o "diálogo sagrado" entre Krishna e Arjuna. Nesta última forma de yajna, a consciência humana é puramente transmutada nas chamas de sabedoria da Consciência Cósmica. Por isso é chamado de jnana yajna, ou sacrifício divino através da sabedoria. Esta é a forma mais elevada de yajna e é o verdadeiro rito de sacrifício interno.

Nesta estrofe, o Senhor, como Krishna, diz a Arjuna: “Aquele que concentra sua mente neste diálogo entre sua alma e Mim, e que medita e permanece nele com percepção intuitiva,44 sentirá sua consciência se dissolvendo no fogo de Minha alma cósmica. consciência, assim como sua alma, ó Arjuna, tornou-se uma Comigo.”

Ler e alcançar interiormente a plena realização dos ensinamentos do Bhagavad Gita é queimar a ignorância no fogo da sabedoria. Aqueles que estudam esta escritura com a percepção da alma, reencenando dentro de si o diálogo entre a alma e o Espírito, estarão oferecendo adoração a Deus pela cerimônia libertadora do fogo supremo da sabedoria.

VERSÍCULO 71

śraddhāvān anasūyaś ca śṛṇuyād api yo naraḥ
então 'pi muktaḥ śubhāṁl lokān prāpnuyāt puṇyakarmaṇām

Mesmo aquele indivíduo – cheio de devoção e desprovido de desprezo – que apenas ouve e presta atenção45 a este diálogo sagrado, sendo libertado do carma terreno, habitará nos mundos abençoados dos virtuosos.

Mesmo aqueles buscadores que não conseguem perceber completamente, através da realização intuitiva, o profundo conhecimento prático do Gita, mas que são totalmente devocionais e livres de qualquer agnosticismo malicioso de dúvida, descobrirão que, ao ouvirem o Gita com atenção, sua sabedoria pode libertá-los de maus hábitos e inclinações para atividades erradas. Assim, eles alcançarão um bom karma e, através desta transformação, gradualmente perceberão dentro de si a mesma consciência abençoada desfrutada pelos santos, que demonstram ativamente em suas vidas a sabedoria do Gita. Tal ouvinte atento e absorvedor das verdades do Gita será, após a morte, atraído para mundos astrais ou físicos mais benéficos, de acordo com a medida cármica das boas qualidades desenvolvidas nele por ter recebido devotamente as palavras do Senhor.

O DIÁLOGO ENTRE ESPÍRITO E ALMA TERMINA

VERSÍCULO 72

kaccid etac chrutaṁ pārtha tvayaikāgreṇa cetasā
kaccid ajñānasaṁmohaḥ pranaṣṭas te dhanaṁjaya

Ó Partha (Arjuna), você ouviu esta sabedoria com o coração concentrado? Ó Dhananjaya, tua ignorância nascida da ilusão foi aniquilada?

O Senhor agora questiona Arjuna: "Você deixou seu estado Partha de fraqueza mental, tendo absorvido devotamente com a intuição de sua alma a sabedoria do Espírito que lhe foi transmitida? Ó poderoso conquistador, Dhananjaya, você sente que a ilusão de ignorância, identificada com o corpo e nascida do ego, desapareceu para sempre de dentro de você?"

Quando o iogue se percebe pela primeira vez como uma alma onisciente, unida ao Espírito cósmico, maravilhado, ele se pergunta introspectivamente: "Há tanto tempo que me considero um ser humano! Agora sou realmente um homem-Deus? Estou finalmente livre da ignorância e das suas dualidades de frio e calor, dor e prazer, vida e morte?"

VERSÍCULO 73

arjuna pegou
naṣṭo mohaḥ smṛtir labdhā tvatprasādān mayācyuta
sthito 'smi gatasaṁdehaḥ kariṣye vacanaṁ tava

Arjuna disse:

Minha ilusão se foi! Eu recuperei a memória (de minha alma) através de Tua graça, ó Achyuta (Krishna incomparável). Estou firmemente estabelecido; minha dúvida desapareceu. Agirei de acordo com a Tua palavra.

Arjuna reconhece que é principalmente pela graça de Deus, manifestada

através de seu sublime guru, que ele finalmente recuperou a memória do Ser abençoado. Ele percebe que acordou de um sonho no qual desempenhou o papel de um ego humano. Suas dúvidas sobre a onipresença do Senhor, fomentadas por encarnações de identificação corporal, são agora e para sempre dissolvidas. Ele está pronto para seguir o conselho que recebeu do gracioso Senhor.

ॐ

Arjuna disse: "Minha ilusão se foi! Eu recuperei a memória (de minha alma) através de Tua graça, ó Achyuta (Krishna incomparável). Estou firmemente estabelecido; minha dúvida desapareceu. Agirei de acordo com a Tua palavra."

—Bhagavad Gita XVIII:73

"Cada pessoa tem que travar sua própria batalha em Kurukshetra. É uma guerra não só que vale a pena vencer, mas na ordem divina do universo e da relação eterna entre a alma e Deus, uma guerra que mais cedo ou mais tarde deverá ser vencida.

"No sagrado Bhagavad Gita, a obtenção mais rápida dessa vitória é assegurada ao devoto que, através da prática indesejável da ciência divina da meditação iogue, aprende, como Arjuna, a ouvir a canção de sabedoria interior do Espírito."

—Paramahansa Yogananda

Versículo 74

saṁjaya uvāca
ity ahaṁ vāsudevasya pārthasya ca mahātmanaḥ
saṁvādam imam aśrauṣam adbhutaṁ romaharṣaṇam

Sanjaya46 disse:

Assim ouvi este discurso maravilhoso entre Vasudeva (Krishna) e Partha (Arjuna) de grande alma, fazendo com que os pelos do meu corpo se arrepiassem em um arrepio de alegria.47

Sanjaya (a visão intuitiva da introspecção imparcial) tem transmitido ao Rei Dhritarashtra (pai das cem tendências dos sentidos; a mente até então cega) todo o discurso entre Krishna (Espírito onipresente) e Arjuna (a alma). Concluindo, ele exclama: "Estou emocionado por ter sido despertado do meu estupor de ilusão e por ter sentido toda a verdade neste diálogo sagrado".

Nenhum devoto deve ficar satisfeito até que tenha desenvolvido suficientemente a sua intuição – através da introspecção imparcial e da meditação profunda, como no Kriya Yoga – para experimentar a comunhão da alma e do Espírito. Se um devoto meditar intensamente, pelo menos por curtos períodos todos os dias, e tiver períodos mais longos de três ou quatro horas de meditação profunda uma ou duas vezes por semana, ele descobrirá

que sua intuição se torna suficientemente superfina para realizar interminavelmente o diálogo de sabedoria bem-aventurada trocado entre os seres. alma e Deus. Ele conhecerá o estado interiorizado de comunhão em que a sua alma "fala" com Deus e recebe as Suas respostas, não com as declarações de qualquer linguagem humana, mas através de trocas intuitivas sem palavras. Será divinamente beneficiado aquele estudante do Gita que não estiver satisfeito com o estudo teórico, mas reencenar dentro de seu próprio ser as experiências de despertar da alma de Arjuna.

VERSÍCULO 75

vyāsaprasādāc chrutavan etad guhyam ahaṁ param
yogaṁ yogeśvarāt kṛṣṇāt sākṣāt kathayataḥ svayam

Através da graça de Vyasa, este Yoga secreto supremo foi concedido a mim, manifestado à minha consciência diretamente pelo próprio Krishna, o Senhor do Yoga!

Sanjaya continua a expressar admiração pela revelação que recebeu: "Percebi através da minha própria intuição o diálogo de sabedoria feliz entre Deus e a percepção intuitiva da alma de Arjuna". O devoto cuja visão divina interiorizada e introspectiva (Sanjaya) recebe a bênção do apoio de um estado de consciência espiritualizado que manifesta a percepção discriminativa pura da alma (Vyasa), realiza assim a comunhão divina da alma e do Espírito e torna-se totalmente possuidor de toda a sabedoria inerente. naquela união feliz.

VERSÍCULO 76

rājan saṁsmṛtya saṁsmṛtya saṁvādam imam adbhutam
keśavārjunayoḥ puṇyaṁ hṛṣyāmi ca muhur muhuḥ

Ó rei Dhritarashtra, ao recordar e relembrar o diálogo extraordinário e sagrado entre Keshava (Krishna) e Arjuna, fico muito feliz continuamente.

A intuição de Sanjaya fica radiante, lembrando-se repetidamente da incrível comunhão sagrada que testemunhou entre Krishna e Arjuna (Espírito e alma). Essas maravilhosas realizações intuitivas tornam-se uma memória permanente e indelével e descem repetidamente para a esfera da mente interior do devoto, o rei dos sentidos; metaforicamente, de Sanjaya, ou visão intuitiva imparcial, ao Rei Dhritarashtra, a mente cega iluminada pela intuição. No homem comum, a mente, que deveria ser a verdadeira governante dos sentidos, é, em vez disso, escravizada por eles e, portanto, cega, incapaz de perceber as percepções extra-sensoriais da alma. Mas o homem divino de introspecção imparcial é abençoado com realizações interiores e pode facilmente recordar em sua mente essas experiências intuitivas. Portanto, esta estrofe descreve como a intuição desperta de Sanjaya regozijou-se repetidamente ao reviver sua experiência divina.

Todo devoto que une sua alma ao Espírito em êxtase (samadhi) pode recordar em sua mente, depois de descer desse estado, as intermináveis emoções da comunhão com o Infinito. Assim como o verdadeiro amante, mesmo depois de uma longa separação de sua amada, fica emocionado de corpo, mente e alma quando se lembra de um encontro momentâneo com a pessoa amada, assim o iogue, muito depois de seu êxtase ter terminado, recorda com alegria sem fim sua experiência. experiências com o Espírito Amado.

VERSÍCULO 77

tac ca saṁsmṛtya saṁsmṛtya rūpam atyadbhutaṁ hareḥ
vismayo me mahān rājan hṛṣyāmi ca punaḥ punaḥ

E, ó rei Dhritarashtra, ao recordar e recordar novamente a colossal manifestação48 de Hari (Krishna), grande é meu espanto; Estou sempre renovado em alegria.

Na estrofe anterior, a intuição de Sanjaya percebeu o estado de alegria da alma de Arjuna enquanto ela se dissolvia na natureza onipresente de Krishna – a consciência onipresente e ilimitada do Espírito. Sanjaya agora

conta como sua intuição relembra repetidas vezes, cada vez com uma emoção maravilhosa, a indescritível e sempre nova bem-aventurança do Espírito Absoluto, na qual todas as dualidades são completamente dissolvidas. Nesse estado transcendente de união divina, que nem sequer pode ser sonhado na consciência limitada da existência física, há uma dissolução total da dicotomia. Todas as coisas existem não como uma criação do Espírito, mas de nada mais do que o próprio Espírito, a "manifestação colossal" referida por Sanjaya neste versículo e descrita na "visão das visões" (XI:15–34). Esta Imutabilidade Divina, aclamada por Arjuna como "o Manifestado, o Imanifestado e Aquele além" (XI:37), é o Mistério Supremo, resolvido apenas em unidade com o Absoluto Ilimitado.

Versículo 78

yatra yogeśvaraḥ kṛṣṇo yatra partho dhanurdharaḥ
tatra śrīr vijayo bhūtir dhruvā nītir matir mama

(Sanjaya conclui):

Tal é a minha fé: onde quer que se manifeste o Senhor do Yoga, Krishna; e onde quer que esteja presente Partha49 (Arjuna, um verdadeiro devoto), manejador experiente do arco do autocontrole, também há sucesso, vitória, obtenção de poderes e a lei infalível da autodisciplina (que leva à libertação).

Tendo testemunhado a iluminação final concedida a Arjuna pelo Senhor Krishna, Sanjaya sente uma convicção profunda e encorajadora dentro de sua alma e declara:

"Onde quer que haja um devoto como Arjuna, que, embora inicialmente fraco e oscilante, ainda está sempre pronto para libertar-se pela renúncia e matando seus pretensos captores, os prazeres dos sentidos, com o arco do autocontrole; e quem é capaz de unir sua alma com o Espírito onipresente, como manifestado em Krishna, Senhor do Yoga - esse devoto está fadado a encontrar as riquezas eternas, a vitória sobre toda a matéria. Através do cumprimento positivo da lei divina da libertação, ele terá realização

espiritual sem fim, poderes milagrosos e alegria eterna.”

Na batalha de Kurukshetra, Arjuna foi equipado para a vitória com seu arco todo-poderoso, Gandiva, e foi conduzido na carruagem pelo Senhor Krishna. O devoto de todos os climas e épocas, quando se propõe a vencer a batalha contra os soldados sensatos do cego rei Mente, deve igualmente equipar-se com o arco do autocontrole; e, conduzido por Deus, deve reunir o exército do imperador Discriminação com suas forças de virtude e seus aliados de percepções espirituais.

Praticando a renúncia (desapego) e retirando a consciência das percepções sensoriais na meditação iogue, todo devoto deve aprender a unir sua alma com o Espírito. O iogue que é capaz de sentar-se em meditação com a coluna ereta e de libertar sua alma da consciência dos sentidos e uni-la à bem-aventurança do Espírito, e que é capaz, pela prática constante de yoga, de reter aquele estado introspectivo de Auto-realização em sua natureza humana, alcançará a prosperidade cósmica de Deus – todos os Seus tesouros infinitos. Ao cumprir com determinação a lei da libertação, esse devoto conhecerá a vitória sobre toda a natureza e possuirá as mais elevadas realizações espirituais: toda a sabedoria, amor e poderes do Divino.

om tat sat iti śrīmadbhagavadgītāsu upaniṣatsu
brahmavidyāyām yogaśāstre śrīkṛṣṇārjunasamvāde
mokṣasaṁnyāsayogo nāmāṣṭādaśo ’dhyāyaḥ

Aum, Tat, Sáb.
No Upanishad do sagrado Bhagavad Gita – o discurso do Senhor Krishna a Arjuna, que é a escritura do yoga e a ciência da realização de Deus – este é o décimo oitavo capítulo, chamado “União através da Renúncia e da Libertação”.

Conclusão

As palavras do Senhor Krishna para Arjuna no Bhagavad Gita são ao mesmo tempo uma escritura profunda sobre a ciência do yoga, a união com

Deus e um livro-texto para a vida cotidiana. O estudante é conduzido passo a passo com Arjuna, desde a consciência mortal da dúvida espiritual e da fraqueza de coração até a sintonização divina e a resolução interior. A mensagem atemporal e universal do Gita é abrangente em sua expressão da verdade. O Gita ensina ao homem o seu legítimo dever na vida e como cumpri-lo com o desapego que evita a dor e nutre a sabedoria e o sucesso. Os enigmas da criação são resolvidos na compreensão da natureza da matéria. Os mistérios que ocultam o Espírito Infinito são desfeitos um por um para revelar um Deus amado cuja onipotência impressionante é temperada com um terno amor e compaixão que responde prontamente a um chamado sincero de Seus devotos.

Em suma, a essência sublime do Bhagavad Gita é que a ação correta, o desapego ao mundo e aos seus prazeres sensoriais e a união com Deus pela ioga mais elevada da meditação pranayama, aprendida com um guru iluminado, constituem o caminho real para Deus. atendimento.

A técnica de Kriya Yoga, ensinada por Krishna a Arjuna e mencionada nos capítulos IV:29 e V:27-28 do Gita, é a ciência espiritual suprema da meditação iogue. Secretado durante as eras materialistas, este yoga indestrutível foi revivido para o homem moderno por Mahavatar Babaji e ensinado pelos Gurus da Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of India. O próprio Babaji me ordenou para difundir esta ciência sagrada da união com Deus. Através das bênçãos de Bhagavan Krishna e Mahavatar Babaji, a quem vejo em Espírito como um só, e de meu guru e paramguru, Swami Sri Yukteswar e Lahiri Mahasaya, ofereço ao mundo esta interpretação do Gita conforme me foi divinamente revelada. . Qualquer devoto que imitar Arjuna – epítome do discípulo ideal – e cumprir seu dever legítimo com desapego, e aperfeiçoar sua prática de meditação yoga através de uma técnica como Kriya Yoga, irá similarmente atrair as bênçãos e a orientação de Deus e obter a vitória de Auto-realização.

Assim como Deus falou com Arjuna, Ele falará com você. Assim como Ele elevou o espírito e a consciência de Arjuna, Ele também elevará você. Assim como Ele concedeu a Arjuna a visão espiritual suprema, Ele também conferirá iluminação a você.

Vimos no Bhagavad Gita a história da jornada da alma de volta a Deus – uma jornada que cada um deve fazer. Ó alma divina! como Arjuna, “Abandone esta pequena fraqueza de coração (da consciência mortal). Surgir!" Diante de você está o caminho real.

OceanoofPDF. com

ADENDOS

❖

Posfácio, de Sri Daya Mata

❖

Ode ao Bhagavad Gita, de Paramahansa Yogananda

❖

Transliteração e pronúncia de termos sânscritos

❖

Epítetos sânscritos do Senhor Krishna e Arjuna

❖

Diagrama de Chakras de Lahiri Mahasaya

❖

Sobre o autor

❖

Objetivos e ideais da Self-Realization Fellowship

❖

Publicações e lições da Self-Realization Fellowship

❖

Termos associados à Self-Realization Fellowship

❖

Notas

OceanoofPDF. com

Posfácio

“Nasce uma nova Escritura”

Um dia, depois de muitos meses de trabalho no Bhagavad Gita no ashram do deserto, Paramahansa Yogananda estava hospedado por algum tempo no Eremitério da Self-Realization Fellowship, à beira-mar, em Encinitas, Califórnia. Eram quase três horas da manhã; por muitas horas naquela noite, ele esteve intensamente concentrado na tradução e nos comentários do Gita. Finalmente, ele se virou para o discípulo que estava sentado em silêncio por perto. “Vocês foram grandemente abençoados esta noite por testemunhar o fim do trabalho que vim realizar. Eu terminei o Gita. Essa tarefa me foi dada e prometi que escreveria este Gita – e está feito. Todos os Grandes Seres estiveram aqui nesta sala esta noite e eu conversei com eles em Espírito.1 Minha vida agora é condicionada por minutos, horas, dias — talvez anos, não sei; está nas mãos da Mãe Divina. Estou vivendo apenas pela Sua graça.” Paramahansaji então convocou outros discípulos mais antigos, desejando compartilhar com eles as bênçãos especiais que o rodeavam em seu trabalho naquela noite.

Mais tarde, sozinho em seu quarto, a experiência divina de Paramahansaji teve uma sequência maravilhosa. Ele nos disse: “Havia uma luz no canto da sala. Achei que deviam ser os raios da manhã entrando por uma abertura na cortina; mas enquanto eu observava, a luz ficou mais brilhante e se expandiu.” Humildemente, quase inaudivelmente, ele acrescentou: “Do brilho, Sri Yukteswarji veio com olhos de aprovação”.

E então, como que para demonstrar a própria essência da mensagem do Bhagavad Gita como uma guerra pessoal e universal entre o bem e o mal, a visão de Paramahansaji continuou: “Cristo veio; seguido pela face de Satanás.” Ele explicou: “Isso foi para mostrar que tanto o bem quanto o mal, a luz e as trevas, fazem parte da criação — o grande poder manifestante de Deus.2 Lembre-se, você não ficará assustado pelas sombras

nem será tocado por Satanás se continuar sua atenção na Luz.”

Anos antes, Sri Yukteswarji lhe dissera: “Você percebe toda a verdade do Bhagavad Gita ao ouvir o diálogo de Krishna e Arjuna revelado a Vyasa. Vá e dê essa verdade revelada com suas interpretações: uma nova escritura nascerá.”

Depois de muitos meses e anos de trabalho neste manuscrito, Paramahansaji viu agora o cumprimento da predição de seu Guru. Informando aos discípulos que seu comentário sobre o Gita havia sido concluído, com um sorriso alegre ele humildemente repetiu o que Sri Yukteswarji lhe havia dito, dizendo: “Nasce uma nova escritura”.

“Escrevi este Gita conforme ele veio a mim”, disse ele, “enquanto estava unido em êxtase aos meus grandes Gurus e aos criadores do Bhagavad Gita. O Gita que passou por mim pertence a eles. E eu sei o que meu Mestre disse: ‘Um novo Gita, até agora apenas parcialmente exposto através dos séculos sob as muitas luzes de várias explicações, está surgindo em seu pleno esplendor para banhar todos os verdadeiros devotos do mundo.’”

—Sri Daya Mata

OceanoofPDF. com

Ode ao Bhagavad Gita

Por Paramahansa Yogananda

O sábio Vyasa sentou-se em transe na margem do Ganges
Na adoração consumada; seus pés em reverência lavados por ondas em fileira.
Acordado por dentro, o rishi sentiu o rio invisível e sem fonte
Da mente humana com ondas maravilhosas agitadas,
Aproxime-se e em reverência toque os pés de sua alma compassiva
Suplicando-lhe com um chamado questionador e sem voz:
“Oh, diga-nos, Senhor, de onde viemos; e vamos para onde?
Por que brigamos; porque estamos aqui?"

Em resposta o sábio compôs e cantou
A canção consoladora do hino Gita,
Um bálsamo eterno para as mentes humanas sofredoras
Que sobem e fluem na maré da Natureza, em conflitos e brigas desagradáveis,
Inconsciente do verdadeiro propósito da alma aqui:
Subir à esfera do Espírito através de tristezas difíceis, por mais severas que sejam.

O Gita jazia com raios infinitos estendidos
Abraça plenamente todas as verdades e credos de justiça possuídos,
E como o brilho de um sol deslumbrante
Envolve até a luz de doutrinas incipientes, imediatamente,
Mas ainda assim nenhum dogma obscuro é permitido
Para roubar um momento de estadia entre irmãos, princípios de unidade confessados.

Com copiosos saques retirados dos órgãos vitais dos Vedas -

Sem fórmulas místicas, cânticos e rituais -
Com joias acumuladas de seis escolas filosóficas sagazes
E de cento e oito Upanishads do governo dos Brâmanes
Esses setecentos soldados cantores de Bharat, fortes
Caminhamos pelo caminho pré-cristão entoando longamente o Cântico Celestial do Senhor.

Não mais! esses soldados rimadores têm ainda mais
Do saque trazido da loja mais rica do Spirit.
Eles vêm com um toque de clarim saliente,
Atrair andarilhos que não são mais surdos do jantar de Maya,
Para expulsar a penúria de suas almas
Com o ouro de Brahma e a derrota de Satanás.

Com a derrota da ignorância, o maior pecado,
O reino bem-aventurado, o reino dos céus, é encontrado dentro de nós.
Então, o doce Sankhya diz sabiamente toda a verdade
Como acontecem os problemas humanos da mente e da carne
E como por um caminho mais elevado, não por meios óbvios, de cura
As raízes da tristeza podem ser arrancadas para que as sementes futuras nunca possam durar.

O cuidado personalizado para a carne, a mente ou a alma
Não é possível prevalecer para banir todas as três doenças;
Os doentes e aqueles que podem estar doentes, indispostos
São todos prisioneiros do inferno da tristeza.

Assim, o desejo oculto mais desejado do coração do homem
Está em separar a dor para sempre.
Para frustrar os planos cativos de dor
O sábio procura saber com certeza os meios e o ganho duradouro.
Vedanta então fala com vasto conhecimento
Para contar o fim, a forma como a criação é lançada.

Então o Yoga vem com um maravilhoso mapa de caminho e caminho científico
Contornando todos os desvios para atravessar em linha reta a única e verdadeira estrada espinhal.
Yoga Aeônico! juventude sem idade, nem velha nem antiquada,
Baseado nas leis da mente humana, como a carne com alma e vida é animada.

Vá reunir do mundo todas as verdades das escrituras,
Encha seu cérebro com pensamentos sutis e arejados para nutrir,
No entanto, você está desprovido da grande arte reveladora do Yoga
Encontrará a fome de verdade insatisfeita em seu coração.
Discutindo cinco anos ou mais de carne açucarada
Não consegue dizer como o açúcar é doce;
Mas o gosto do açúcar tocado na língua imediatamente diz
O que é o açúcar - o intelecto de percepção direta nunca poderia obrigar.

Inspetor sábio da mente humana, o mestre Vyasa,
Confronto selecionado dentro do clã Kaurava
E no antigo e épico Mahabharata
Poetizou a história, com alegorias ocultas contadas com bravura.
Bons Pandavas e patifes Kuru vieram
De amor soldado, do mesmo clã.
Os Pandavas governaram no Alto Hind, e os Kurus viveram
Em paz com eles e eles obedeceram
Até que o capricho do tempo se partiu e mudou seu curso,
Desbloqueie seu amor e eles se dispersarão em fúria -
Os Pandavas do jogo de dados astuto de Kuru
Foram exilados para a floresta, roubados do Estado por artifício errado.

O Gita-esotérico fala em metáfora ilustrativa
Como os sentidos servis, fortes e a razão sóbria, estão em guerra.
Todo o conhecimento moral que é aprendido e ouvido na vida
Enfrenta seu mais alto teste no campo de conflito.

Vyasa viu o corpo como uma carruagem puxada poderosamente
Por inquietos corcéis de sentidos controlados pela Mente, mantidos firmemente,
Permitindo que eles corram para onde a discriminação os leva
Sempre que a Alma Real dá a ordem e a direção.

Oh, atraído por corcéis sensoriais
E controlado pela Mente, de fato,
Oh, impulsionado pela Razão, certo
E montado por uma Alma tão brilhante,
Esta alegre carruagem de estrutura carnal
Na terra da matéria está o principal de maya.

Considere profundamente por que a Master Soul deve se harmonizar
A mente sensorial obstinada com os olhos da Sabedoria interior:
Os sentidos são as janelas da alma
Espiar e ver, conceber toda a matéria.
A mente-espelho por trás dos sentidos abertos permanece
Refletindo cada objeto que está antes de ser colocado.

Como nada se vê com as pálpebras fechadas
Portanto, nada se sabe quando a mente está ausente do seu hospedeiro.
A mente para cada sentido transmite a vida
Mas a razão declara e explica que as percepções são abundantes.
O homem distraído com os sentidos bem abertos
Não concebe nada quando a mente não permanece.
O maníaco tem mente para registrar os sentidos
Mas falta a orientação pela qual o verdadeiro dispensa.

Coisas materiais tão espelhadas na mente
São totalmente declarados ao observar a razão lê seu tipo:
Um objeto que anseia pela entrada na terra do conhecimento
Deve passar pelos portões dos sentidos pela mão sancionadora da mente.
Então a razão espera por este objeto convidado

Saber como melhor conhecê-lo e servi-lo.

Para manter-se unido sob a alma real
Os sentidos, a mente e o discernimento, todos em sintonia com a regra do dharma
É o verdadeiro dever do homem, realizar assim
As concupiscências do ego são as iscas de maya, a ilusão disfarçada de prazer.

Quando lanças cruéis provocam ferozmente a carne
Esse é o momento em que você marca o que vence, a alma ou o sentido de ligação à matéria.
Disto o sábio sábio no Gita canta
E desde o início, o espírito marcial traz.

O rei cego Dhritarashtra orou:
“Na planície piedosa de Kurukshetra, dispostos
Pela guerra, os Pandavas, meus filhos também, balançaram -
O que eles fizeram? Ó Sanjaya, diga!”

Em metáfora a mente cega perguntou
O poder da introspecção para cumprir sua tarefa:
“No campo sagrado de trabalho e conflito do corpo,
Filhos perspicazes de pura discriminação cheios de vida,
Opondo-se a sentidos teimosos, filhos de mente cega,
Todos ansiosos e preparados, um confronto poderoso para encontrar.
O que eles fizeram, visão imparcial?
Oh, diga-me bem e diga-me direito.

O campo do corpo é solo sagrado, o reino onde a alma habita;
É por isso que é solo sagrado, afirma nosso sábio.
Mas os sentidos errantes e inconstantes também ficam aqui
É por isso que ele chama isso de campo de trabalho onde os tentadores atuam.

Nesta planície de Kurukshetra, os filhos de Pandu se organizaram
Tudo voltado para Febo no Oriente, o sol dos raios vivificantes do Espírito;
Enquanto os Kurus injustos e manchados de culpa, todos disseram assustados:
“Nossas costas voltadas para o olhar do sol, ficaremos
No escuro para lançar nossas flechas sedentas, afiadas e frescas,
Para atacar bons Pandavas dentro de suas sutis fortalezas de carne.”

É assim nos plexos sagrados da coluna e do cérebro
Que os filhos da Justiça permaneçam -
Onde a consciência suprema, transcendente, encontre—
Entrincheirado nos centros iogues seis, espere encontrar a mente sensorial.
Sentidos injustos esperam dispostos no lugar preferido do ego
Acampado no toque, na visão, na musa, na superfície corporal da matéria.

No centro lombar reside o autocontrole
Para impulsionar a pressa dos sentidos de forrageamento.
A porta dorsal é bem guardada pela poderosa Força Vital
Para animar e entusiasmar totalmente os soldados fiéis a manterem seu curso;
Sem esta ajuda, as hordas morais lamentariam -
Com certeza, em Cervical, o filho mais velho da bela Pandu.
Esta Calma imperturbável é a filha mais digna da Razão;
Ele vive na retaguarda para manter as fileiras com autocontrole moderado,
Sua virtude impede os sentidos invasores ousados que ousam
Avance no bom solo da alma, seus senhores para enredar astuciosamente.

Filhos da sabedoria destemida, corajosos pensamentos verdadeiros
Pode olhar diretamente para a verdade, sem fugir de nada;
Enquanto os pensamentos dos condenados se agacham e evitam completamente -
Desde a visão da verdade até o covil dos covardes eles fogem.
Os pensamentos nascidos no céu vagam nobremente no cérebro
Perto da chama solar misteriosa da alma para aquecer e ganhar virtude;

Enquanto pensamentos tortuosos e lascivos com medo ouvem
Ao chamado dos sentidos para acampar na escuridão da câmara de derma.

Quando os sentidos em conflito se preparam para subir do casco do corpo,
Então as poderosas tropas da sabedoria emergem do forte da caveira
Para nos encontrarmos na sede comum da guerra, o campo espinhal astral,
O lugar onde as forças eferentes-aferentes agora devem vencer ou ceder.

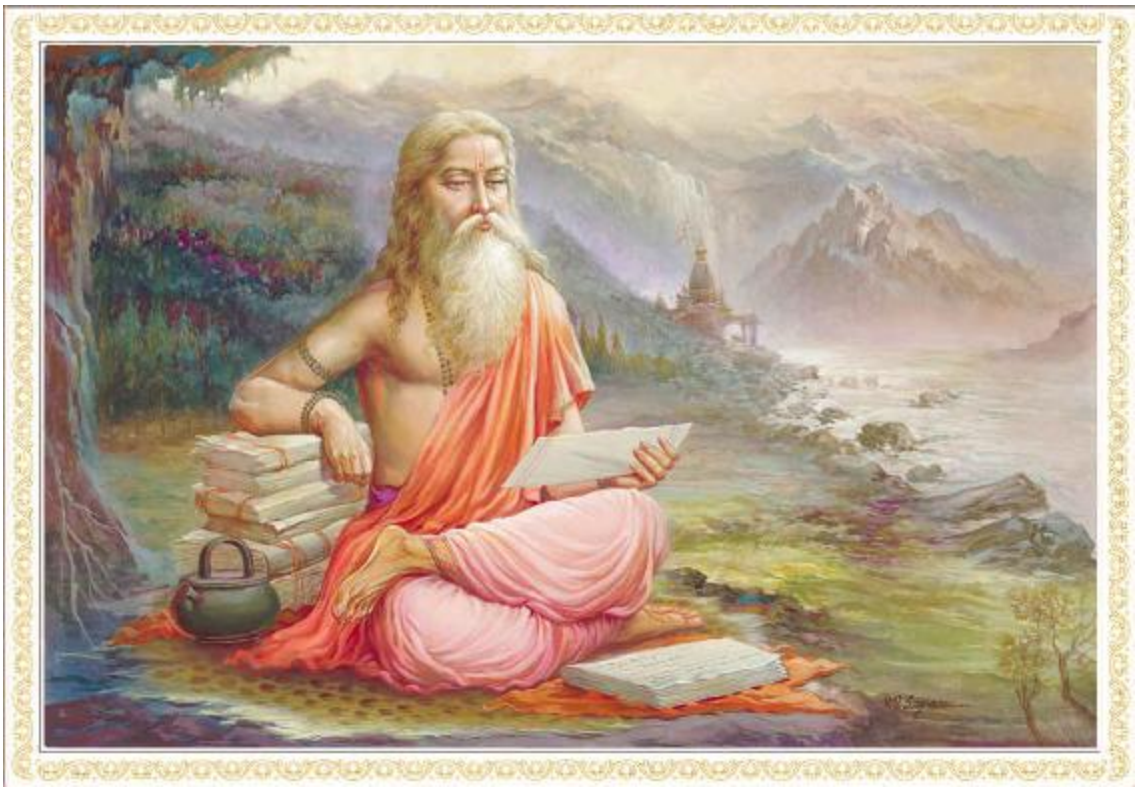
A ganância gourmand e a luxúria sedutora lutam profundamente
Para aproveitar a sábia Temperança verdadeira, e manter cativo
Na espaçosa prisão de ouro polido da paixão
E ali, em liberdade enjaulada e drogado, ele o segura.
Mas o poder ígneo do autocontrole está profundamente pronto
Para queimar a luxúria devastadora que anseia por tomar o território da alma.

Cego Dhritarashtra, mãos postas, suplicou
A ajuda do poder do yoga pelo Sábio Vyasa alcançou
Para receber as notícias da guerra de clãs.
O sol da consciência santa que lançou seu brilho longe
Em brilhantemente bom e sombriamente ruim, imbuí completamente
Sanjaya, dotado de honestidade, com alcance espiritual
Através da segunda visão do Yoga para ver e afirmar
Para Dhritarashtra, soberano cego, sua ansiedade para saciar,
Do que aconteceu na planície de Kuru, que notícias de guerra—
Por que deve haver esse encontro terrível?

Em verso inspirador, resposta celestial longa
Revela a Sagrada Escritura do Gita Song
Como diálogo sagrado entre Sri Krishna, Senhor Supremo,
E o paradigma Arjuna, principesco devoto sublime.

Começando no verso de abertura
Com a pergunta concisa do soberano sem olhos—

O que todo buscador deve perguntar de bom grado
Antes de assumir cada tarefa emocionante:
“Na planície piedosa de Kurukshetra disposta,
Pela guerra, os Pandavas, meus filhos também, balançaram -
O que eles fizeram? Ó Sanjaya, diga!”



ॐ

Sábio Vyasa, autor do Bhagavad Gita

Sanjaya disse: Assim eu ouvi este maravilhoso discurso entre Vasudeva (Krishna) e Partha (Arjuna) de grande alma, fazendo com que os pelos do meu corpo se arrepiassem em uma emoção de alegria.

Através da graça de Vyasa, este Yoga secreto supremo foi concedido a mim, manifestado à minha consciência diretamente pelo próprio Krishna, o Senhor do Yoga!

—Bhagavad Gita XVIII:74–75

"A sintonização de Vyasa com Krishna o qualificou a compilar, a partir de sua própria realização interior, as sagradas revelações de Sri Krishna como um discurso divino, e a apresentá-lo simbolicamente como um diálogo entre Deus e um devoto ideal que entra no profundo estado extático de comunhão interior.

"Vyasa, sendo uma alma liberada, sabia como o devoto consumado, Arjuna, encontrou a liberação através de Krishna; como, seguindo a ciência do yoga que lhe foi transmitida por seu sublime guru, Arjuna foi libertado por Deus. Como tal, Vyasa poderia escrever isso como um diálogo entre a alma e o Espírito na forma do Bhagavad Gita.

"Assim, quando encontramos no Gita Bhagavan (Deus) falando com Arjuna, devemos perceber que Deus está revelando essas verdades através da intuição do devoto receptivo (Arjuna). Sempre que Arjuna faz perguntas a Deus, deve-se entender que o devoto que medita, por meio de pensamentos silenciosos, está em comunhão com Deus."

—Paramahansa Yogananda

OceanoofPDF. com

TRANSLITERAÇÃO E PRONÚNCIA DE TERMOS SÂNSCRITOS

A língua sânscrita é tradicionalmente escrita na escrita Devanagari, que tem quase o dobro de caracteres em seu alfabeto que o inglês. As seguintes convenções de transliteração foram observadas nesta publicação:

No texto sânscrito dos versos do Gita – e nos comentários quando as derivações etimológicas dos termos são explicadas – todas as palavras sânscritas foram escritas com os sinais diacríticos padrão usados pelos estudiosos. No entanto, nas traduções inglesas dos versos e nos comentários, nenhum sinal diacrítico foi usado (exceto conforme mencionado acima), uma vez que a maioria dos leitores não acadêmicos os considera um obstáculo e não uma ajuda na leitura. Para os interessados, a grafia com sinais diacríticos pode frequentemente ser encontrada na tradução em sânscrito do versículo específico que está sendo comentado.

Onde sinais diacríticos não são usados no texto, o sânscrito ṛ é transliterado como ri; ś e ṣ como sh; e ṁ como m ou n. Palavras que têm uma grafia geralmente aceita nos dicionários de inglês, por exemplo, ahiṁsa como ahimsa, śri como sri, etc., são traduzidas de acordo (uma exceção é Om, que aqui é escrito Aum).

Finalmente, pode-se notar que em suas palestras e escritos, Paramahansa Yogananda frequentemente pronunciava e soletrava termos sânscritos em sua língua nativa, bengali. Normalmente, o bengali é muito próximo do sânscrito, com algumas exceções notáveis: na grafia bengali, o a final no final de uma palavra ou componente de uma palavra é frequentemente omitido (por exemplo, Sanatan Dharma em vez de Sanatana Dharma; Yogmata em vez de Yogamata); O sânscrito v é frequentemente traduzido como b (por exemplo, nirvikalpa samadhi torna-se nirbikalpa samadhi); O sânscrito a torna-se o (por exemplo, pranam torna-se pronam). Nesta publicação, de acordo com as instruções de Paramahansaji, foi usada a grafia sânscrita em vez da grafia bengali.

Pronúncia das vogais sânscritas:

a	curto a, como no sofá

a	longo a, como no pai
eu	curto eu, como em sentar
eu	por muito tempo, como na ravina
você	curto você, como em touro
uh	muito tempo, como regra
ṛ	ri como na borda
e	como na presa; às vezes como deixar
ai	como no corredor
ó	como em então
au	ai como em como

As consoantes sânscritas, refletindo várias nuances de pronúncia, são agrupadas em guturais, palatais, cerebrais, dentais e labiais. Para leitores em geral, será suficiente pronunciar letras em sânscrito semelhantes às suas contrapartes em inglês, a menos que indicado abaixo. Os leitores que desejam informações mais detalhadas sobre a pronúncia do sânscrito e combinações de sons podem achar útil consultar um dicionário sânscrito-inglês.

c	ch como na igreja
d	como em mais
ḍ	d como na porta
dh	isso como acalmá-la
ah	como na casa vermelha
g	como em ir
sim	gy como no pátio de toras
não	como em banyan

ṅ, ṁ	nasalizado como em pendurado
é	como no sol
ś	como no show
eh	como no açúcar
v	v como em colmeia, quando depois de vogal: quando depois de consoante na mesma sílaba, estava em rodovia

bh, ch, dh, gh, jh, kh, ph, ṭh - cada consoante é aspirada, como em abominar, observe-a, aderir, grande coração, ouriço, bater forte, pastor, estufa.

OceanoofPDF. com

Epítetos sânscritos do Senhor Krishna e Arjuna no Bhagavad Gita

Senhor Krsna:

Achyuta – O Imutável; Inigualável (I:21, XVIII:73)
Anantarupa - Um de Forma Inesgotável (XI:38)
Aprameya - Ilimitável (XI:42)
Apratimaprabhava — Senhor do Poder Incomparável (XI:43)
Arisudana — Destruidor de Inimigos (II:4)
Bhagavan – Abençoado Senhor (X:14, X:17)
Deva – Senhor (XI:15)
Devesha – Senhor dos Deuses (XI:25)
Govinda — Pastor Chefe; presidindo e controlando as "vacas" dos sentidos (I:32, II:9)
Hari — "ladrão" de corações (XI:9, XVIII:77)
Hrishikesha — Senhor dos Sentidos (I:15, I:20, I:24, XI:36)
Isham Idyam – Adorável (XI:44)
Jagannivasa — Guardião Cósmico (Abrigo do Mundo) (XI:25)
Janardana — Concedente das Orações do Homem (I:36, 39, 44; III:1)
Kamalapattraksha – olhos de lótus (XI:2)
Keshava, Keshinisudana – Matador do Demônio Keshi; Destruidor do Mal (I:28–30, II:54, III:1, X:14, XI:35, XVIII:1)
Madhava - Deus da Fortuna (I:14, I:37)
Madhusudana — Matador de Demônios Madhu, ou seja, Matador da Ignorância (I:35, II:1, II:4, VI:33, VIII:2)
Mahatman – Alma Soberana (XI:20)
Prabhu – Senhor ou Mestre (XIV:21)
Prajapati — Pai Divino de Incontáveis Prole (XI:39)
Purushottama — Espírito Supremo (XI:3)
Sahasrabaho—Mil armados (XI:46)
Varshneya — Descendente do Clã Vrishni (I:41, III:36)
Vasudeva — Senhor do Mundo; o Senhor como

Criador/Preservador/Destruidor (X:37, XI:50, XVIII:74)
Vishnu — o preservador onipenetrante (XI:24)
Vishvamurte - Corpo de Universo (XI:46)
Yadava—Descendente de Yadu (XI:41)
Yogeshvara — Senhor do Yoga (XI:4, XI:9, XVIII:75, XVIII:78)

Arjuna:

Anagha — Sem Pecado (XIV:6, XV:20)
Bharata —Descendente do Rei Bharata (II:14, 18, 28, 30; III:25, IV:7, 42, VII:27, XI:6, XIII:2, 33; XIV:3, 8, 9, 10).;XV:19, 20, XVI:3, XVIII:62);
Bharatashreshtha - Melhor dos Bharatas (XVII:12)
Bharatarishabha — Touro dos Bharatas, ou seja, o melhor ou mais excelente dos descendentes da dinastia Bharata (III:41, VII:11, 16; VIII:23, XIII:26, XIV:12, XVIII:36)
Bharatasattama - Melhor dos Bharatas (XVIII:4)
Dehabhritan Vara — Supremo entre os encarnados (VIII:4)
Dhananjaya - Vencedor da Riqueza (I:15, II:24)
Gudakesha — Conquistador do Sono (“sempre pronto, sem dormir, derrotando a ilusão”) (I:24, II:9, X:20, XI:7)
Kaunteya - Filho de Kunti (I:27, II:14, 37, 60; III:9, 39; V:22, VI:35, VII:8, VIII:6, 16; IX:7, 10, 23, 16).
Kiritin — Diadema (XI:35)
Kurunandana — O Orgulho ou Filho Eleito da Dinastia Kuru (II:41)
Kurupravira — Grande Herói dos Kurus (XI:48)
Kurusattama – Flor (Melhor) dos Kurus (IV:31)
Kurushreshtha — Melhor dos Príncipes Kuru (X:19)
Mahabaho — De braços poderosos (II: 26, 68; III: 28, 43; V: 3, 6; VI: 35, 38; VII: 5, X: 1, XI: 23, XIV: 5, XVIII: 1, 13)
Pandava —Descendente de Pandu (I:14, 20; IV:35, VI:2, XI:13, 55; XIV:22, XVI:5)
Parantapa — Queimador de Inimigos (II:3, 9; IV:2, 5, 33; VII:27, IX:3,

X:40, XI:54, XVIII:41)

Partha — Filho de Pritha (I:25, 26; II:3, 21, 32, 39, 42, 55, 72; III:16, 22, 23; IV:11; VI:40, VII:1, 10; VIII:8, 14, 22, 27;

Purusharishabha — Flor entre os Homens (lit., “touro” ou chefe entre os homens) (II:15)

Purushavyaghra – Tigre entre os Homens (XVIII:4)

Savyasachin — Aquele que empunha o arco com qualquer uma das mãos (XI:33)

OceanoofPDF. com

“Gráfico apresentado por Yogiraj Shyamacharan Lahiri Mahasaya”

O diagrama a seguir é uma reprodução de um gráfico preparado pelo grande Yogavatar Lahiri Mahasaya (referido no comentário de I:21-22). Uma cópia do notável diagrama de Lahiri Mahasaya foi adquirida por Paramahansa Yogananda em 1935, durante uma visita à Índia; foi dado a ele por Ananda Mohan Lahiri, neto de Lahiri Mahasaya. A ilustração retrata, com caracteres bengalis (letras e números), as vibrações alfabéticas das sementes que emanam das “pétalas” ou correntes vitais nos chakras medular e espinhal, coordenadas com sua fonte no centro cerebral supremo, o “lótus de mil pétalas”. .” As frases concisas em sânscrito/bengali fornecidas nas colunas de cada lado do mapa enumeram quarenta e nove vayus ou correntes de força vital astral inteligente (ver referência aos quarenta e nove Maruts, X:21), que são ainda classificados em sete categorias principais. vayus: pravaha, parivaha, paravaha, udvaha, avaha, vivaha e samvaha. Cada um dos quarenta e nove “ares vitais” tem poderes e funções específicas na sustentação e animação do corpo. Em seu mapa, Lahiri Mahasaya indica, por numeração correspondente, a localização desses vayus, originados das “pétalas” nos chakras ajna medular e espinhal. Num comentário dos discursos do Yogavatar, ele explicou:

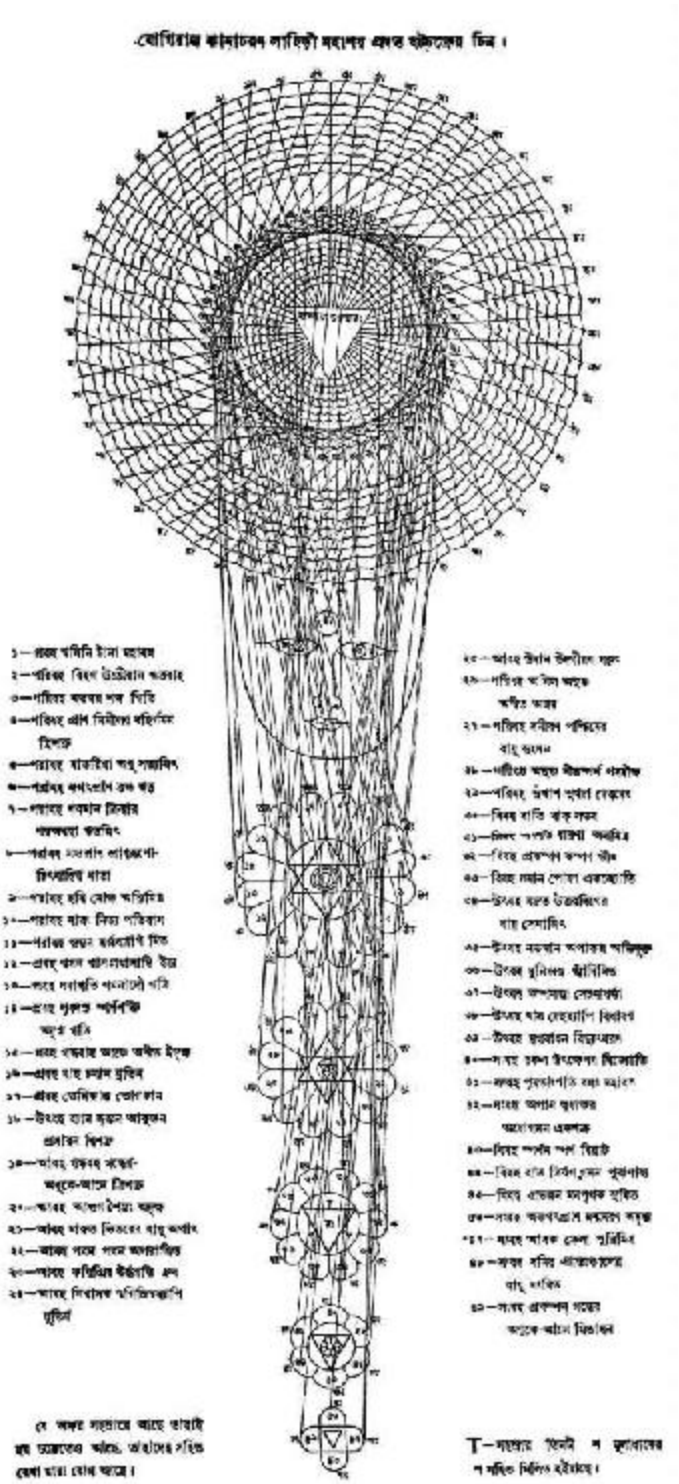
“Todos os vayus mencionados acima têm relação direta com os seis chakras. Esses vayus estão no universo externo e também dentro do corpo. É por esta razão que existe tanta proximidade entre o mundo externo e a mente e o corpo….

“É apenas Brahma quem se expressa e funciona invisivelmente de inúmeras maneiras na forma de quarenta e nove vayus. É a incapacidade de ver isso que causa toda a confusão. Nenhum problema permanece quando se percebe isso.”

Era intenção evidente de Paramahansa Yogananda traduzir e comentar as informações concisas deste gráfico, mas enquanto ele estava trabalhando na conclusão não apenas de seu Gita, mas também de outros projetos

literários, até o último antes de seu mahasamadhi, esta intenção específica foi deixada de lado.

— Irmandade de Auto-Realização



OceanoofPDF. com

SOBRE O AUTOR

“Assim como uma luz brilhante brilhando no meio da escuridão, assim foi a presença de Yogananda neste mundo. Uma alma tão grande raramente vem à terra, quando há uma necessidade real entre os homens.”

—Sua Santidade o Shankaracharya de Kanchipuram (1894–1994), reverenciado líder espiritual de milhões de pessoas na Índia

Paramahansa Yogananda nasceu Mukunda Lal Ghosh em 5 de janeiro de 1893, na cidade de Gorakhpur, no norte da Índia, perto das montanhas do Himalaia. Desde os primeiros anos ficou claro que sua vida estava marcada por um destino divino. De acordo com as pessoas mais próximas dele, mesmo quando criança a profundidade da sua consciência e experiência do espiritual estava muito além do comum. Na sua juventude, ele procurou muitos dos sábios e santos da Índia, na esperança de encontrar um professor iluminado que o guiasse na sua busca espiritual.

Foi em 1910, aos dezessete anos, que conheceu e se tornou discípulo do reverenciado Swami Sri Yukteswar. No eremitério deste grande mestre de yoga, ele passou a maior parte dos dez anos seguintes, recebendo a disciplina espiritual rigorosa, mas amorosa, de Sri Yuktéswar. Depois de se formar na Universidade de Calcutá em 1915, seu Guru concedeu-lhe os votos formais de monge da venerável ordem monástica Swami da Índia, quando recebeu o nome de Yogananda (que significa bem-aventurança, ananda, através da união divina, yoga).

Em 1917, Sri Yogananda iniciou o trabalho de sua vida com a fundação de uma escola de “como viver” para meninos, onde métodos educacionais modernos eram combinados com treinamento em yoga e instrução em ideais espirituais. Três anos depois, ele foi convidado para servir como delegado da Índia em um Congresso Internacional de Religiosos Liberais, realizado em Boston. Seu discurso no Congresso, sobre “A Ciência da Religião”, foi recebido com entusiasmo.

Nos anos seguintes, ele deu palestras e lecionou na Costa Leste e, em 1924, embarcou em uma viagem de palestras intercontinentais. Para as dezenas de milhares de ocidentais que assistiram às suas palestras durante a década que se seguiu, as suas palavras sobre a sabedoria intemporal da

Índia foram uma revelação. Ele enfatizou os meios para alcançar a experiência pessoal direta de Deus e ensinou a unidade subjacente das grandes religiões do mundo – em particular a dos “ensinamentos originais de Jesus Cristo e do Yoga original ensinado por Bhagavan Krishna”. Em Los Angeles, ele iniciou uma série de palestras e aulas de dois meses em janeiro de 1925. Como em outros lugares, suas palestras foram recebidas com interesse e aclamação. O Los Angeles Times noticiou: “O Auditório Filarmônico apresenta o espetáculo extraordinário de milhares de pessoas… sendo recusado uma hora antes da anunciada abertura de uma palestra com a sala de 3.000 lugares lotada até sua capacidade máxima.”

Mais tarde naquele ano, Sri Yogananda estabeleceu em Los Angeles a sede internacional da Self-Realization Fellowship, a sociedade que ele fundou em 1920 para disseminar seus ensinamentos sobre a antiga ciência e filosofia do Yoga e seus consagrados métodos de meditação Raja Yoga.3

Durante a década seguinte, ele viajou extensivamente, falando nas principais cidades do país. Entre aqueles que se tornaram seus alunos estavam muitas figuras proeminentes da ciência, dos negócios e das artes, incluindo o horticultor Luther Burbank, a soprano de ópera Amelita Galli-Curci, George Eastman (inventor da câmera Kodak), o poeta Edwin Markham e o maestro sinfônico Leopold Stokowski. . Em 1927, foi oficialmente recebido na Casa Branca pelo presidente Calvin Coolidge, que se interessou pelas reportagens dos jornais sobre suas atividades.

Paramahansaji retornou à Índia em 1935 para um tão esperado reencontro com seu guru, Sri Yukteswar. Durante esta viagem de dezoito meses, ele também viajou pela Europa e deu aulas e palestras em Londres, bem como por toda a Índia. Enquanto estava em sua terra natal, ele teve encontros com Mahatma Gandhi (que lhe solicitou iniciação em Kriya Yoga), o físico Nobel Sir C. V. Raman e alguns dos santos renomados da Índia, incluindo Sri Ramana Maharshi e Anandamoyi Ma.

Depois de retornar da Índia para a América no final de 1936, ele começou a se afastar um pouco de suas palestras públicas em todo o país, a fim de se dedicar à construção de uma base duradoura para seu trabalho mundial e aos escritos que levariam sua mensagem às gerações futuras. A

história de sua vida, Autobiografia de um Iogue, foi publicada em 1946 e substancialmente ampliada por ele em 1951. Reconhecido desde o início como um trabalho marcante em seu campo, o livro tem sido impresso continuamente pela Self-Realization Fellowship desde sua publicação há mais de há setenta anos.

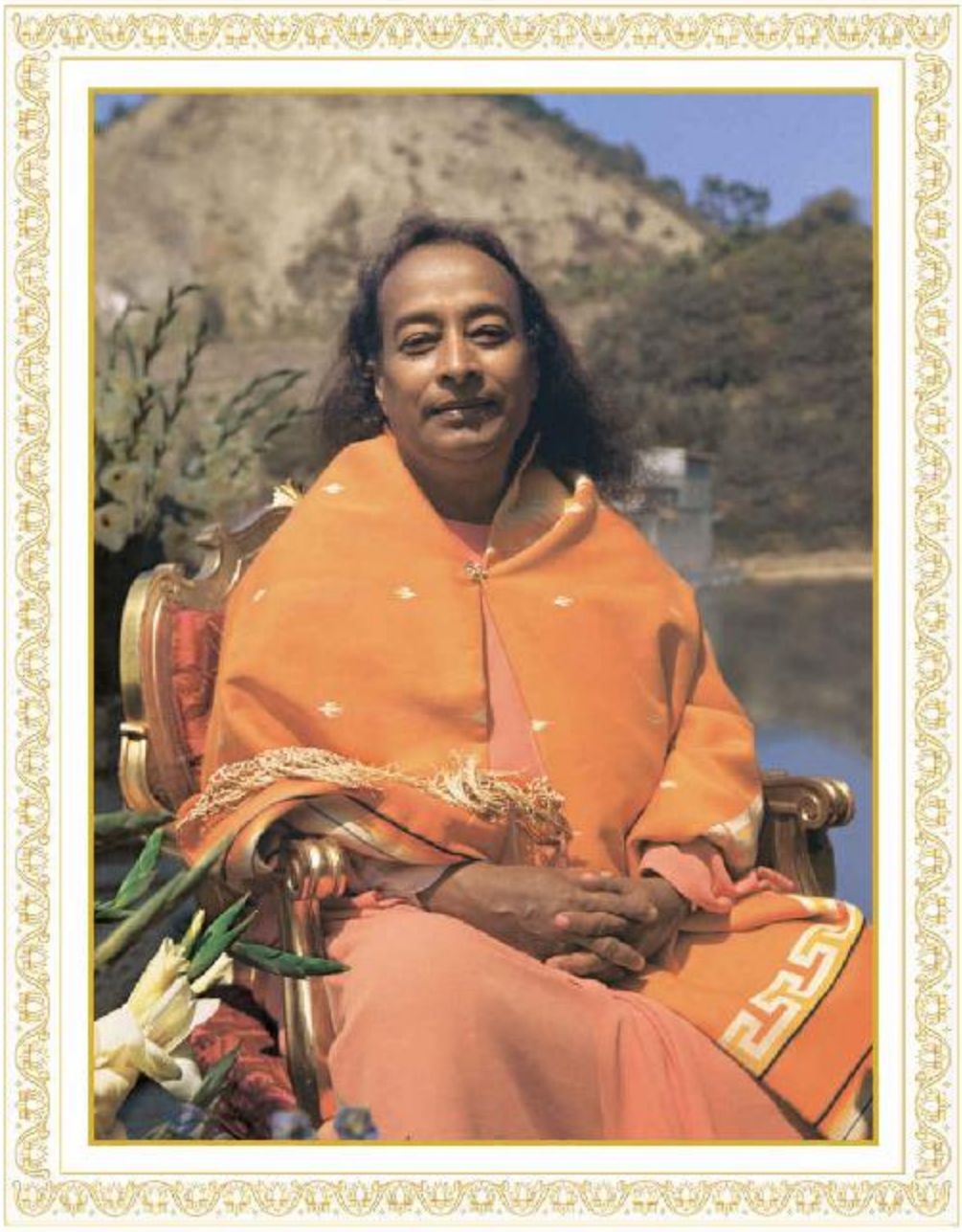
Em 7 de março de 1952, Paramahansa Yogananda entrou em mahasamadhi, a saída consciente do corpo de um mestre iluminado por Deus no momento da morte física. Seu falecimento ocasionou uma manifestação de reverente apreciação por parte de líderes espirituais, dignitários, amigos e discípulos de todo o mundo. O eminente Swami Sivananda, fundador da Sociedade da Vida Divina, escreveu: “Uma joia rara de valor inestimável, como a que o mundo ainda não testemunhou, Paramahansa Yogananda tem sido um representante ideal dos antigos sábios e videntes, a glória de Índia." Wendell Thomas relatou: “Vim para [Paramahansa] Yogananda há muitos anos, não como um buscador ou devoto, mas como um escritor com uma abordagem simpática, mas analítica e crítica. Felizmente encontrei em Yoganandaji uma combinação rara. Embora firme nos antigos princípios da sua fé profunda, ele tinha o dom da adaptabilidade generosa... Com a sua inteligência rápida e grande espírito, ele estava bem preparado para promover a reconciliação e a verdade entre os buscadores religiosos do mundo. Ele trouxe paz e alegria a multidões.”

Hoje, o trabalho espiritual e humanitário iniciado por Paramahansa Yogananda está sendo realizado sob a direção do irmão Chidananda, atual presidente da Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of India.4 Além de publicar palestras, escritos e palestras informais de Paramahansa Yogananda —incluindo suas Lições da Self-Realization Fellowship, uma série abrangente para estudo em casa; e uma revista trimestral, Self-Realization – a sociedade orienta os membros na prática dos ensinamentos de Sri Yogananda; supervisiona templos, retiros e centros de meditação em todo o mundo, bem como as comunidades monásticas da Self-Realization Fellowship;5 e coordena o Círculo Mundial de Oração, que serve como um instrumento para ajudar a trazer cura para aqueles com necessidades físicas, mentais ou espirituais e maior harmonia entre as

nações.

Por ocasião do vigésimo quinto aniversário do falecimento de Paramahansa Yogananda, as suas contribuições de longo alcance para a elevação espiritual da humanidade foram formalmente reconhecidas pelo Governo da Índia. Foi emitido um selo comemorativo especial em sua homenagem, juntamente com uma homenagem que dizia, em parte:

“O ideal de amor a Deus e serviço à humanidade encontrou plena expressão na vida de Paramahansa Yogananda… Embora a maior parte de sua vida tenha sido passada fora da Índia, ele ainda ocupa seu lugar entre nossos grandes santos. A sua obra continua a crescer e a brilhar cada vez mais, atraindo pessoas de todos os lugares no caminho da peregrinação do Espírito”.



PARAMAHANSA YOGANANDA
At Self-Realization Fellowship Lake Shrine, 1950

OceanofPDF. com

PARAMAHANSA YOGANANDA:
UM IOGUE NA VIDA E NA MORTE

Paramahansa Yogananda entrou em mahasamadhi (a última saída consciente do corpo de um iogue) em Los Angeles, Califórnia, em 7 de março de 1952, após concluir seu discurso em um banquete realizado em homenagem a S.E. Binay R. Sen, Embaixador da Índia.

O grande professor mundial demonstrou o valor do yoga (técnicas científicas para a realização de Deus) não apenas na vida, mas também na morte. Semanas depois de sua partida, seu rosto imutável brilhava com o brilho divino da incorruptibilidade.

Harry T. Rowe, Diretor do Funerário de Los Angeles, Forest Lawn Memorial-Park (onde o corpo do grande mestre está temporariamente colocado), enviou à Self-Realization Fellowship uma carta autenticada da qual foram extraídos os seguintes trechos:

"A ausência de quaisquer sinais visuais de decomposição no cadáver de Paramahansa Yogananda oferece o caso mais extraordinário em nossa experiência…. Nenhuma desintegração física era visível em seu corpo, mesmo vinte dias após a morte…. Nenhuma indicação de mofo era visível em sua pele. , e não ocorreu nenhuma dessecação visível (ressecamento) nos tecidos corporais. Este estado de perfeita preservação de um corpo é, até onde sabemos pelos anais mortuários, um estado sem paralelo…. No momento de receber o corpo de Yogananda, o pessoal da Funerária esperava observar, através da tampa de vidro do caixão, o habitual progresso progressivo. sinais de decadência corporal. Nosso espanto aumentava dia após dia, sem trazer nenhuma mudança visível no corpo observado. O corpo de Yogananda estava aparentemente em um estado fenomenal de imutabilidade….

"Nenhum odor de decomposição emanou de seu corpo em nenhum momento… A aparência física de Yogananda em 27 de março, pouco antes de a tampa de bronze do caixão ser colocada em posição, era a mesma de 7 de março. Ele parecia no dia 27 de março tão revigorado e tão intacto pela

decadência quanto na noite de sua morte. No dia 27 de Março não havia razão para dizer que o seu corpo tivesse sofrido qualquer desintegração física visível. Por estas razões afirmamos novamente que o caso de Paramahansa Yogananda é único na nossa experiência.”

OceanoofPDF. com

Em 1977, no vigésimo quinto aniversário do mahasamadhi de Paramahansa Yogananda, o Governo da Índia emitiu este selo comemorativo em sua homenagem. Com o selo, o governo publicou um folheto descritivo, onde se lia, em parte:

> O ideal de amor a Deus e serviço à humanidade encontrou plena expressão na vida de Paramahansa Yogananda… Embora a maior parte de sua vida tenha sido passada fora da Índia, ele ainda ocupa seu lugar entre nossos grandes santos. A sua obra continua a crescer e a brilhar cada vez mais, atraindo as pessoas de todos os lugares no caminho da peregrinação do Espírito.

OceanoofPDF. com

OBJETIVOS E IDEAIS
DA
SELF-REALIZATION FELLOWSHIP

Conforme estabelecido por Paramahansa Yogananda, Fundador
Irmão Chidananda, Presidente

Disseminar entre as nações o conhecimento de técnicas científicas definidas para alcançar a experiência pessoal direta de Deus.

Ensinar que o propósito da vida é a evolução, através do esforço próprio, da consciência mortal limitada do homem para a Consciência de Deus; e, para esse fim, estabelecer templos da Self-Realization Fellowship para a comunhão com Deus em todo o mundo e encorajar o estabelecimento de templos individuais de Deus nos lares e nos corações dos homens.

Revelar a harmonia completa e a unidade básica do Cristianismo original ensinado por Jesus Cristo e do Yoga original ensinado por Bhagavan Krishna; e mostrar que estes princípios da verdade são o fundamento científico comum de todas as religiões verdadeiras.

Apontar a única estrada divina à qual todos os caminhos das verdadeiras crenças religiosas eventualmente conduzem: a estrada da meditação diária, científica e devocional em Deus.

Para libertar o homem de seu triplo sofrimento: doenças físicas, desarmonias mentais e ignorância espiritual.

Encorajar “uma vida simples e um pensamento elevado”; e difundir o espírito de fraternidade entre todos os povos, ensinando a base eterna da sua unidade: o parentesco com Deus.

Para demonstrar a superioridade da mente sobre o corpo, da alma sobre a mente.

Vencer o mal com o bem, a tristeza com a alegria, a crueldade com a bondade, a ignorância com a sabedoria.

Unir ciência e religião através da realização da unidade dos seus princípios subjacentes.

Defender a compreensão cultural e espiritual entre o Oriente e o

Ocidente e o intercâmbio das suas melhores características distintivas.

Servir a humanidade como o seu Eu maior.

OceanoofPDF. com

Também publicado pela Self-Realization Fellowship…

AUTOBIOGRAFIA DE UM IOGUE
Por Paramahansa Yogananda

Esta aclamada autobiografia apresenta um retrato fascinante de uma das grandes figuras espirituais do nosso tempo. Com envolvente franqueza, eloqüência e inteligência, Paramahansa Yogananda narra a inspiradora crônica de sua vida – as experiências de sua notável infância, encontros com muitos santos e sábios durante sua busca juvenil por toda a Índia por um professor iluminado, dez anos de treinamento no eremitério de um reverenciado mestre de ioga e as três décadas que viveu e ensinou na América. Também estão registrados aqui seus encontros com Mahatma Gandhi, Rabindranath Tagore, Luther Burbank, a estigmatista católica Therese Neumann e outras célebres personalidades espirituais do Oriente e do Ocidente.

Autobiografia de um Iogue é ao mesmo tempo um relato lindamente escrito de uma vida excepcional e uma introdução profunda à antiga ciência do yoga e à sua consagrada tradição de meditação. O autor explica claramente as leis sutis, mas definidas, por trás dos eventos comuns da vida cotidiana e dos eventos extraordinários comumente chamados de milagres. A sua absorvente história de vida torna-se assim o pano de fundo para um olhar penetrante e inesquecível sobre os mistérios últimos da existência humana.

Publicado pela primeira vez em 1946 e ampliado por Paramahansa Yogananda em 1951, o livro tem sido publicado continuamente pela Self-Realization Fellowship. Foi traduzido para vários idiomas e é amplamente utilizado como texto e obra de referência em faculdades e universidades. Um best-seller perene, Autobiografia de um Iogue chegou aos corações de milhões de leitores em todo o mundo.

“Uma conta rara.”

-O JORNAL NEW YORK TIMES

“Um estudo fascinante e claramente anotado.”

—NEWSWEEK

“Não houve nada antes, escrito em inglês ou em qualquer outra língua europeia, como esta apresentação do Yoga.”

—IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DA COLUMBIA

“A pura revelação… deveria ajudar a raça humana a compreender-se melhor… a autobiografia no seu melhor… contada com um humor encantador e uma sinceridade convincente… tão fascinante como qualquer romance.”

—NEWS-SENTINEL, FORT WAYNE, INDIANA

“Paramahansa Yogananda é…um homem cuja inspiração foi recebida com reverência em todos os cantos do globo…Há algo inexprimivelmente belo no ensinamento espiritual que vem do Oriente. É capaz de curar e mudar a alma do Ocidente. É o ensinamento da Auto-Realização.”

—RIDERS REVIEW, LONDRES

OceanoofPDF. com

OUTROS LIVROS DE PARAMAHANSA YOGANANDA

Disponível em livrarias ou on-line em
www.srfbooks.org

A Segunda Vinda de Cristo: A Ressurreição do Cristo Dentro de Você — Um comentário revelador sobre os ensinamentos originais de Jesus

Nesta obra-prima de inspiração sem precedentes, com quase 1.700 páginas, Paramahansa Yogananda leva o leitor a uma viagem profundamente enriquecedora através dos quatro Evangelhos. Versículo por versículo, ele ilumina o caminho universal para a unidade com Deus ensinado por Jesus aos seus discípulos imediatos, mas obscurecido por séculos de má interpretação: "como tornar-se semelhante a Cristo, como ressuscitar o Cristo Eterno dentro de si mesmo".

A Eterna Busca do Homem

O Volume I da coleção de palestras e ensaios de Paramahansa Yogananda inclui 57 seleções, cobrindo muitos aspectos de seus ensinamentos de "como viver". Explora aspectos pouco conhecidos e raramente compreendidos da meditação, da vida após a morte, da natureza da criação, da saúde e da cura, dos poderes ilimitados da mente e da busca eterna que só encontra realização em Deus.

O Romance Divino

Volume II da coleção de palestras e ensaios de Paramahansa Yogananda. Entre as seleções abrangentes: Como Cultivar o Amor Divino; Harmonizando Métodos de Cura Física, Mental e Espiritual; Um mundo sem fronteiras; Controlando seu destino; A arte do Yoga de superar a consciência mortal e a morte; O Amante Cósmico; Encontrando a alegria na vida.

Jornada para a Auto-realização

O Volume III das palestras e ensaios coletados apresenta a combinação única de sabedoria, compaixão, orientação prática e encorajamento de Sri Yogananda em dezenas de assuntos fascinantes, incluindo: Acelerando a Evolução Humana, Como Expressar a Juventude Eterna e Realizando Deus

em Seu Ser. Vida cotidiana.

Vinho do Místico: O Rubaiyat de Omar Khayyam – Uma Interpretação Espiritual

Um comentário inspirado que traz à luz a ciência mística da comunhão com Deus escondida por trás das imagens enigmáticas do Rubaiyat. Inclui 50 ilustrações coloridas originais. Vencedor do Prêmio Benjamin Franklin de 1995 de melhor livro na área de religião.

Onde há luz: percepção e inspiração para enfrentar os desafios da vida

Joias de pensamento organizadas por assunto; um manual único ao qual os leitores podem recorrer rapidamente para obter um senso de direção reconfortante em tempos de incerteza ou crise, ou para uma consciência renovada do poder sempre presente de Deus ao qual podemos recorrer na vida diária.

Sussurros da Eternidade

Uma coleção de orações e experiências divinas de Paramahansa Yogananda nos estados elevados de meditação. Expressas num ritmo majestoso e numa beleza poética, as suas palavras revelam a variedade inesgotável da natureza de Deus e a doçura infinita com que Ele responde àqueles que O procuram.

A Ciência da Religião

Dentro de cada ser humano, escreve Paramahansa Yogananda, existe um desejo inescapável: superar o sofrimento e alcançar uma felicidade que não tem fim. Explicando como é possível satisfazer estes anseios, ele examina a eficácia relativa das diferentes abordagens para este objectivo.

O Yoga do Bhagavad Gita: Uma Introdução à Ciência Universal da Realização de Deus na Índia

Uma compilação de seleções da tradução e comentários aprofundados e aclamados pela crítica de Paramahansa Yogananda sobre o Bhagavad Gita, God Talks With Arjuna, este livro apresenta aos que buscam a verdade uma introdução ideal aos ensinamentos atemporais e universais do Gita. Contém a tradução completa de Yogananda do Bhagavad Gita, apresentada pela

primeira vez em forma sequencial ininterrupta.

O Yoga de Jesus: Compreendendo os Ensinamentos Ocultos dos Evangelhos

Uma seleção de material da obra altamente elogiada de dois volumes de Paramahansa Yogananda, A Segunda Vinda de Cristo, este livro conciso confirma que Jesus, como os antigos sábios e mestres do Oriente, não apenas conhecia os princípios do yoga, mas ensinou esta ciência universal da Realização de Deus para seus discípulos. Sri Yogananda mostra que a mensagem de Jesus não é sobre divisão sectária, mas sobre um caminho unificador pelo qual os buscadores de todas as tradições de fé podem entrar no reino de Deus.

No Santuário da Alma: Um Guia para uma Oração Eficaz

Compilado a partir das obras de Paramahansa Yogananda, este inspirador companheiro devocional revela maneiras de tornar a oração uma fonte diária de amor, força e orientação.

Paz interior: como ser calmamente ativo e ativamente calmo

Um guia prático e inspirador, compilado a partir das palestras e escritos de Paramahansa Yogananda, que demonstra como podemos estar “ativamente calmos”, criando paz através da meditação, e “calmamente ativos” – centrados na quietude e na alegria de nossa própria natureza essencial, enquanto viver uma vida dinâmica, gratificante e equilibrada. Vencedor do Prêmio Benjamin Franklin de 2000 - melhor livro na área de Metafísica/Espiritualidade.

Para ser vitorioso na vida (série de como viver)

Neste livro poderoso, Paramahansa Yogananda mostra como podemos realizar os objetivos mais elevados da vida, trazendo à tona o potencial ilimitado que existe dentro de nós. Ele fornece conselhos práticos para alcançar o sucesso, descreve métodos definidos para criar felicidade duradoura e ensina como superar a negatividade e a inércia aproveitando o poder dinâmico da nossa própria vontade.

Por que Deus permite o mal e como superá-lo (série sobre como viver)

Paramahansa Yogananda proporciona força e consolo em tempos de adversidade, explicando os mistérios da lila de Deus, ou drama divino. Os leitores compreenderão a razão da natureza dualista da criação – a interação do bem e do mal de Deus – e receberão orientação sobre como superar as circunstâncias mais desafiadoras.

Vivendo sem medo: revelando a força interior da sua alma (série de como viver)

Paramahansa Yogananda nos ensina como romper as algemas do medo e revela como podemos superar nossos próprios obstáculos psicológicos. Viver Sem Medo é uma prova do que podemos nos tornar se tivermos fé na divindade de nossa verdadeira natureza como alma.

Como você pode conversar com Deus

Definindo Deus tanto como o Espírito transcendente e universal quanto como o Pai, Mãe, Amigo e Amante intimamente pessoal de todos, Paramahansa Yogananda mostra quão próximo o Senhor está de cada um de nós e como Ele pode ser persuadido a “quebrar Seu silêncio”. e responder de forma tangível.

Meditações Metafísicas

Mais de 300 meditações, orações e afirmações espiritualmente edificantes que podem ser usadas para desenvolver maior saúde e vitalidade, criatividade, autoconfiança e calma; e viver mais plenamente em uma consciência da presença bem-aventurada de Deus.

Afirmações Científicas de Cura

Paramahansa Yogananda apresenta aqui uma explicação profunda da ciência da afirmação. Ele deixa claro por que as afirmações funcionam e como usar o poder da palavra e do pensamento não apenas para promover a cura, mas também para efetuar a mudança desejada em todas as áreas da vida. Inclui uma grande variedade de afirmações.

Provérbios de Paramahansa Yogananda

Uma coleção de ditos e conselhos sábios que transmitem as respostas sinceras e amorosas de Paramahansa Yogananda àqueles que o procuraram

em busca de orientação. Registradas por vários de seus discípulos mais próximos, as anedotas deste livro dão ao leitor a oportunidade de compartilhar seus encontros pessoais com o Mestre.

Canções da alma

Poesia mística de Paramahansa Yogananda – uma manifestação de suas percepções diretas de Deus nas belezas da natureza, no homem, nas experiências cotidianas e no estado de despertar espiritual da meditação samadhi.

A Lei do Sucesso

Explica princípios dinâmicos para alcançar os objetivos na vida e descreve as leis universais que trazem sucesso e realização – pessoal, profissional e espiritual.

Cantos Cósmicos: Canções Espirituais para a Comunhão Divina

Letra e música para 60 canções de devoção, com uma introdução explicando como o canto espiritual pode levar à comunhão com Deus.

Gravações de áudio de Paramahansa Yogananda

• Contemplando o Um em Todos
• Acordado no Sonho Cósmico
• Seja um Milionário do Sorriso
• A Grande Luz de Deus
• Para fazer o paraíso na terra
• Uma Vida versus Reencarnação
• Removendo toda tristeza e sofrimento
• Na Glória do Espírito
• Siga o Caminho de Cristo, Krishna e dos Mestres
• Auto-Realização: O Caminho Interior e o Caminho Exterior
• Canções do Meu Coração

Outras publicações da Self-Realization Fellowship

A Ciência Sagrada de Swami Sri Yukteswar

Somente Amor: Vivendo a Vida Espiritual em um Mundo em Mudança, de Sri Daya Mata

Encontrando a Alegria Dentro de Você: Conselho Pessoal para uma Vida Centrada em Deus por Sri Daya Mata

Entre no Coração Tranquilo: Criando um Relacionamento Amoroso com Deus por Sri Daya Mata

Só Deus: A Vida e as Cartas de um Santo, de Sri Gyanamata

"Mejda": A família e a infância de Paramahansa Yogananda por Sananda Lal Ghosh

Self-Realization (uma revista trimestral fundada por Paramahansa Yogananda em 1925)

DVD de vídeo

Awake: The Life of Yogananda
Um filme da CounterPoint Films

Um catálogo completo de livros e gravações de áudio/vídeo – incluindo raras gravações de arquivo de Paramahansa Yogananda – está disponível em www.srfbooks.org.

Livreto introdutório gratuito: possibilidades inimagináveis

As técnicas científicas de meditação ensinadas por Paramahansa Yogananda, incluindo o Kriya Yoga — bem como sua orientação sobre todos os aspectos da vida espiritual equilibrada — são apresentadas nas Lições da Self-Realization Fellowship. Para mais informações, consulte o

livreto gratuito Possibilidades Insonhadas.

BOLSA DE AUTO-REALIZAÇÃO
3880 San Rafael Avenue, Los Angeles, CA 90065-3219
Tel (323) 225-2471 • Fax (323) 225-5088
www.yogananda- srf.org

OceanoofPDF. com

Recursos adicionais sobre os ensinamentos de Kriya Yoga de Paramahansa Yogananda

A Self-Realization Fellowship se dedica a ajudar gratuitamente os buscadores em todo o mundo. Para obter informações sobre nossa série anual de palestras e aulas públicas, meditação e serviços de inspiração em nossos templos e centros ao redor do mundo, uma programação de retiros e outras atividades, convidamos você a visitar nosso website ou entrar em contato com nossa Sede Internacional:

www.yogananda-srf.org

Irmandade de Auto-Realização
Avenida San Rafael, 3880
Los Angeles, CA 90065-3219
(323) 225-2471

OceanoofPDF. com

Lições da Self-Realization Fellowship

As Lições da Self-Realization Fellowship são únicas entre os trabalhos publicados de Paramahansa Yogananda, pois fornecem instruções aprofundadas sobre a prática da mais elevada ciência do yoga da realização de Deus. Essa ciência antiga está incorporada nos princípios específicos e nas técnicas de meditação do Kriya Yoga, frequentemente mencionados nas páginas deste livro. Em seu comentário ao Bhagavad Gita (I:15–18), Paramahansa Yogananda escreveu:

> Num livro disponível ao público em geral não posso apresentar as técnicas em si; pois eles são sagrados, e certas antigas injunções espirituais devem primeiro ser seguidas para garantir que sejam recebidas com reverência e confidencialidade, e depois praticadas corretamente... Ao preparar a interpretação do sagrado Bhagavad Gita, minha intenção e oração é despertar novos corações. e mentes às bênçãos físicas, mentais e espirituais disponíveis através do conhecimento correto e da aplicação da ciência do yoga, e para encorajar e acelerar o progresso daqueles devotos que já estão firmes no caminho do yoga.

Perdido para a humanidade durante séculos durante a Idade das Trevas (conforme descrito em seu comentário sobre o Bhagavad Gita IV:1), o Kriya Yoga foi revivido nos tempos modernos por uma linhagem de mestres iluminados – Mahavatar Babaji, Lahiri Mahasaya, Swami Sri Yukteswar e Paramahansa Yogananda. . Difundir mundialmente a ciência espiritual libertadora através da Self-Realization Fellowship foi a missão confiada a Paramahansa Yogananda por seu Guru e Paramgurus.

Durante sua vida ele viajou extensivamente, dando palestras e aulas nos Estados Unidos, bem como na Europa e na Índia. No entanto, ele sabia que muito mais do que ele poderia ensinar pessoalmente seriam atraídos pela filosofia e pelas práticas do yoga. Assim, ele concebeu “uma série de aulas semanais para os buscadores de yoga em todo o mundo” – para perpetuar os

seus ensinamentos na sua pureza original e na forma escrita, incluindo a ciência do Kriya Yoga que lhe foi transmitida pela sua linhagem de gurus.

As Lições da Self-Realization Fellowship apresentam os métodos de concentração, energização e meditação ensinados por Paramahansa Yogananda que são parte integrante da ciência do Kriya Yoga. Além disso, esta abrangente série de estudos no lar disponibiliza toda a gama de assuntos abordados por ele durante os trinta anos em que viveu e ensinou no Ocidente - oferecendo sua orientação inspiradora e prática para alcançar um bem-estar físico, mental e espiritual equilibrado. .

Após um período preliminar de estudo e prática, os alunos das Lições da Self-Realization Fellowship podem solicitar iniciação na técnica avançada de meditação de Kriya Yoga descrita neste livro.

Mais informações sobre as Lições da Self-Realization Fellowship estão incluídas no livreto Undreamed-of Possibilities, disponível em nosso website.

Aqueles que vieram para a Self-Realization Fellowship buscando verdadeiramente ajuda espiritual interior receberão de Deus o que buscam. Quer eles venham enquanto eu estou no corpo, ou depois, o poder de Deus, através da ligação dos Gurus da SRF, fluirá para os devotos da mesma forma e será a causa de sua salvação.

—Paramahansa Yogananda

OceanoofPDF. com

TERMOS ASSOCIADOS À SELF-REALIZATION FELLOWSHIP

(A seguir está um breve glossário de termos associados à organização fundada por Paramahansa Yogananda – Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of India – que pode não ser familiar para o leitor em geral.)

Irmandade de Auto-Realização. A sociedade religiosa internacional não sectária fundada por Paramahansa Yogananda nos Estados Unidos em 1920 (e como Yogoda Satsanga Society of India em 1917) para disseminar mundialmente os princípios espirituais e técnicas de meditação do Kriya Yoga, e para promover uma maior compreensão entre pessoas de todas as raças, culturas e credos da única Verdade subjacente a todas as religiões. (Ver "Objetivos e Ideais da Self-Realization Fellowship".)

Paramahansa Yogananda explicou que o nome Self-Realization Fellowship significa "comunhão com Deus através da autorrealização e amizade com todas as almas que buscam a verdade".

A partir de sua sede internacional em Los Angeles, a sociedade publica os escritos, palestras e palestras informais de Paramahansa Yogananda — incluindo sua série abrangente de Lições da Self-Realization Fellowship para estudo em casa e Self-Realization, a revista que ele fundou em 1925; produz gravações de áudio e vídeo sobre seus ensinamentos; supervisiona seus templos, retiros, centros de meditação, programas para jovens e as comunidades monásticas da Self-Realization Fellowship; conduz palestras e séries de aulas em cidades ao redor do mundo; e coordena o Círculo Mundial de Oração, uma rede de grupos e indivíduos dedicados a orar por aqueles que necessitam de ajuda física, mental ou espiritual e pela paz e harmonia globais.

Sociedade Yogoda Satsanga da Índia. O nome pelo qual a sociedade de Paramahansa Yogananda é conhecida na Índia. A Sociedade foi fundada em 1917 por Paramahansa Yogananda. Sua sede, Yogoda Math, está situada às margens do Ganges, em Dakshineswar, perto de Calcutá. A Yogoda Satsanga Society tem uma filial de matemática em Ranchi, Jharkhand e

muitas filiais. Além dos centros de meditação Yogoda em toda a Índia, existem dezessete instituições educacionais, do nível primário ao universitário. “Yogoda”, palavra cunhada por Paramahansa Yogananda, é derivada de yoga, união, harmonia, equilíbrio; e da, aquilo que transmite. “Satsanga” é composto de sat, verdade, e sanga, companheirismo. Para o Ocidente, Sri Yogananda traduziu o nome indiano como “Self-Realization Fellowship”.

Auto-realização. Paramahansa Yogananda definiu a Auto-realização como “o conhecimento – em corpo, mente e alma – de que somos um com a onipresença de Deus; que não precisamos orar para que isso venha até nós, para que não estejamos apenas perto dele o tempo todo, mas para que a onipresença de Deus seja a nossa onipresença; que somos tão parte Dele agora como sempre seremos. Tudo o que precisamos fazer é melhorar nosso conhecimento.”

Kriya Yoga. Uma ciência espiritual sagrada da realização de Deus, originada há milênios na Índia. Inclui técnicas avançadas de meditação cuja prática leva à experiência direta e pessoal do Divino. Paramahansa Yogananda explicou que a raiz sânscrita de Kriya é kṛi, fazer, agir e reagir; a mesma raiz é encontrada na palavra karma, o princípio natural de causa e efeito. Kriya Yoga é, portanto, “união (yoga) com o Infinito através de uma certa ação ou rito (kriya)”. Kriya Yoga é exaltado por Krishna no Bhagavad Gita e por Patanjali nos Yoga Sutras. Revivido nesta época por Mahavatar Babaji, Kriya Yoga é a diksha (iniciação espiritual) concedida pelos Gurus da Self-Realization Fellowship. Desde o mahasamadhi de Paramahansa Yogananda, diksha é conferido por meio de seu representante espiritual nomeado, o presidente da Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of India (ou por meio de alguém nomeado pelo presidente). Para se qualificarem para diksha, os membros da SRF/YSS devem cumprir certos requisitos espirituais preliminares. Aquele que recebeu este diksha é um Kriya Yogi ou Kriyaban.

Gurus da Self-Realization Fellowship. Os Gurus da Self-Realization Fellowship (Sociedade Yogoda Satsanga da Índia) são Jesus Cristo,

Bhagavan Krishna e uma linhagem de mestres exaltados dos tempos contemporâneos: Mahavatar Babaji, Lahiri Mahasaya, Swami Sri Yukteswar e Paramahansa Yogananda. Mostrar a harmonia e a unidade essencial dos ensinamentos de Jesus Cristo e dos preceitos do Yoga de Bhagavan Krishna é parte integrante da dispensação da SRF. Todos esses Gurus, por meio de seus ensinamentos universais e de sua instrumentalidade divina, contribuem para o cumprimento da missão da Self-Realization Fellowship de trazer à humanidade uma ciência espiritual prática da realização de Deus.

Mahavatar Babaji. O imortal mahavatar (“grande avatar”) que em 1861 deu iniciação em Kriya Yoga a Lahiri Mahasaya e, assim, restaurou ao mundo a antiga técnica de libertação da alma. Paramahansa Yogananda escreveu que Babaji residiu por incontáveis anos nas remotas regiões do Himalaia, na Índia, revelando-se apenas raramente a alguns poucos abençoados, concedendo uma bênção constante ao mundo. Sua missão tem sido “ajudar os profetas no cumprimento de suas dispensações especiais”. Muitos títulos que significam sua elevada estatura espiritual foram dados a ele, mas o mahavatar geralmente adotou o nome simples de Babaji, do sânscrito baba, “pai”, e o sufixo ji, que denota respeito. Mais informações sobre sua vida e missão espiritual são fornecidas em Autobiografia de um Iogue.

Lahiri Mahasaya. Lahiri era o sobrenome de Shyama Charan Lahiri (1828–1895). Mahasaya, um título religioso sânscrito, significa “mente ampla”. Lahiri Mahasaya foi discípulo de Mahavatar Babaji e guru de Swami Sri Yukteswar (guru de Paramahansa Yogananda). Lahiri Mahasaya foi aquele a quem Babaji revelou a antiga e quase perdida ciência do Kriya Yoga. Uma figura seminal no renascimento do yoga na Índia moderna, ele deu instruções e bênçãos a inúmeros buscadores que o procuraram, independentemente de casta ou credo. Ele era um professor semelhante a Cristo, com poderes milagrosos; mas também um homem de família com responsabilidades empresariais, que demonstrou ao mundo moderno como uma vida idealmente equilibrada pode ser alcançada combinando a meditação com o correto desempenho dos deveres exteriores. A vida de

Lahiri Mahasaya é descrita na Autobiografia de um Iogue.

Sri Yuktéswar, Swami. Swami Sri Yukteswar Giri (1855–1936), Jnanavatar da Índia, “Encarnação da Sabedoria”; guru de Paramahansa Yogananda e discípulo de Lahiri Mahasaya. A pedido do guru de Lahiri Mahasaya, Mahavatar Babaji, ele escreveu A Ciência Sagrada, um tratado sobre a unidade subjacente das escrituras cristãs e hindus, e treinou Paramahansa Yogananda para sua missão espiritual no mundo. Paramahansa Yogananda descreveu amorosamente a vida de Sri Yukteswar em Autobiografia de um Iogue.

Ordem Monástica da Self-Realization Fellowship. Paramahansa Yogananda escreveu (em seu comentário ao Bhagavad Gita VI:1): “Para aqueles no caminho que segui e que também se sentem chamados à renúncia completa em uma vida de busca e serviço a Deus através dos ideais de yoga de atividades meditativas e obedientes, eu perpetuaram na ordem monástica da Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of India a linha de sannyas da Ordem Shankara, na qual entrei quando recebi os votos sagrados de um swami de meu Guru. O trabalho organizacional que Deus e meu Guru e Paramgurus iniciaram através de mim é realizado não por funcionários contratados pelo mundo, mas por aqueles que dedicaram suas vidas aos objetivos mais elevados de renúncia e amor a Deus.”

Os monges e monjas da Self-Realization Fellowship residem nos centros ashram da sociedade e servem o trabalho mundial de Paramahansa Yogananda em muitas funções, incluindo: condução de serviços no templo da Self-Realization Fellowship, retiros, aulas e outras funções espirituais e ministeriais; fornecer aconselhamento individual aos alunos da Self-Realization Fellowship sobre a prática dos ensinamentos e técnicas de Paramahansa Yogananda; e administrar as diversas atividades de caridade da sociedade.

OceanoofPDF. com

NOTAS

PREFÁCIO

1 Foi em 19 de setembro de 1920 que Paramahansa Yogananda chegou à América para fundar a Self-Realization Fellowship para a divulgação mundial da antiga ciência do yoga da Índia. (Nota do editor)

INTRODUÇÃO

1 O testemunho das escrituras hindus é que a civilização da Índia remonta a muito antes do que os historiadores ocidentais contemporâneos reconhecem. Swami Sri Yukteswar, em The Holy Science (Los Angeles: Self-Realization Fellowship), calcula que a Idade de Ouro, na qual a civilização espiritual e material da Índia atingiu o seu auge, terminou por volta de 6700 a.C. – tendo florescido durante muitos milhares de anos antes disso. A literatura bíblica da Índia lista muitas gerações de reis e sábios que viveram antes dos eventos que são o tema principal do Mahabharata. No próprio Gita, Krishna descreve a longa descida da cultura espiritual da Índia desde a Idade de Ouro até a sua própria era, à medida que o conhecimento do yoga foi gradualmente perdido. “A maioria dos antropólogos, acreditando que há 10.000 anos a humanidade vivia numa bárbara Idade da Pedra, rejeitam sumariamente como ‘mitos’ as tradições generalizadas de civilizações muito antigas na Lemúria, Atlântida, Índia, China, Japão, Egipto, México e muitas outras terras. ”, diz uma passagem da Autobiografia de um Iogue. Pesquisas científicas recentes, porém, começam a sugerir que a verdade das cronologias antigas seja reavaliada. (Nota do editor)

2 Sobre o autor do Gita, o célebre filósofo alemão A. W. Schlegel escreveu no prefácio de sua tradução latina do Gita: “Ó tu cantor sagrado, tu

inspirado intérprete da divindade! Qualquer que tenha sido o teu nome entre os mortais, eu me curvo diante de ti! Salve a ti, autor daquele poema poderoso, cujos oráculos elevam a alma em alegria inefável, em direção a tudo o que é sublime, eterno e divino! Cheio de veneração, saúdo-te acima de todos os cantores e adoro incessantemente o rastro de teus passos."

3 O guru de Paramahansa Yogananda, Swami Sri Yukteswar, que era uma grande autoridade na astrologia védica, além de ser um mestre realizado em Deus, apontou um erro no cálculo comumente aceito das datas dos yugas: "O erro se infiltrou nos almanaques dos primeira vez durante o reinado de Raja Parikshit, logo após a conclusão da última descida Dwapara Yuga. Naquela época, Maharaja Yudhisthira [o mais velho dos cinco irmãos Pandava na história do Mahabharata], notando o aparecimento do sombrio Kali Yuga, transferiu seu trono para seu neto, o dito Raja Parikshit. Maharaja Yudhisthira, juntamente com todos os sábios de sua corte, retirou-se para as montanhas do Himalaia, o paraíso do mundo. Assim, não havia ninguém na corte do Raja Parikshit que pudesse compreender o princípio de calcular corretamente as idades dos vários yugas. Portanto, após a conclusão dos 2.400 anos do então atual Dwapara Yuga, ninguém se atreveu a tornar mais manifesta a introdução do sombrio Kali Yuga, começando a calcular a partir de seu primeiro ano e pondo fim ao número de anos Dwapara. . De acordo com este método errado de cálculo, portanto, o primeiro ano de Kali Yuga foi numerado 2.401 junto com a idade de Dwapara Yuga."

Assim, embora se soubesse que o mundo estava em Kali Yuga, o ano 1 dessa yuga passou a ser calculado 2.400 anos antes do que realmente era. (Mesmo quando foi apontado, séculos mais tarde, que as escrituras especificam a duração do Kali Yuga como 1.200 anos, os cálculos errôneos persistiram por parte dos estudiosos, que presumiam que esses 1.200 anos eram "anos dos deuses", cada um durando 360 anos comuns. Desde então, portanto, acredita-se que Kali Yuga dure 432.000 anos, em vez de 1.200. "Uma perspectiva sombria escreveu: "e felizmente não é verdadeira.")

Sri Yukteswar disse que por volta de 3100 a.C. foi na verdade o início da Dwapara Yuga descendente, não Kali; o último, afirmou ele, começou

aproximadamente em 700 a.C. (3.100 menos 2.400). Como há um período de transição de 200 anos entre o final de Dwapara propriamente dito e o início de Kali, a partida de Yudhisthira e dos outros Pandavas, descrita no Mahabharata como ocorrendo no final de Dwapara Yuga e trinta e seis anos após o Kurukshetra guerra, pode ter ocorrido por volta de 900 a.C. de acordo com os cálculos de Sri Yukteswar - ou antes, se considerarmos que o relato do Mahabharata significa apenas que os Pandavas partiram em algum momento perto do final de Dwapara Yuga, e não literalmente no último ano daquela era.

O fim da última Dwapara Yuga descendente e o subsequente advento da Idade das Trevas da ignorância espiritual também marcaram o início do período em que a humanidade em geral perdeu de vista o verdadeiro conhecimento da ciência do yoga, conforme ensinado por Bhagavan Krishna e mencionado no Gita. . Sua reintrodução (como Kriya Yoga) por Mahavatar Babaji nos tempos modernos só foi possível quando o mundo passou além da Idade das Trevas e mais uma vez emergiu no despertar gradual do atual nível ascendente de compreensão Dwapara Yuga. (Veja “O Renascimento do Yoga para a Era Atual” em IV:1.) (Nota do Editor)

4 Em Datação Astronômica da Guerra do Mahabharata (Delhi: Agam Kala Prakashan, 1986) o Dr. E. Vedavyas pesquisou as pesquisas feitas por 120 estudiosos nos últimos cem anos. Sessenta e um dos estudiosos fixaram a guerra de Kurukshetra como tendo ocorrido entre 3.000 e 3.200 a.C. O próximo período preferido - subscrito por quarenta estudiosos - foi entre 1.000 e 1.500 a.C.

Em 1987, arqueólogos descobriram as ruínas de uma próspera cidade antiga, perto da costa oeste da Índia, debaixo d’água, no Golfo de Kutch – o local exato onde a tradição situa Dwarka, a cidade fundada por Sri Krishna. O Mahabharata descreve como no final da vida de Krishna o mar subiu e engoliu Dwarka. De acordo com o Boletim de Bibliografia Indológica da MLBD (setembro de 1987 e janeiro de 1988), os arqueólogos acreditam que as ruínas recém-descobertas podem ter sido o local da capital de Krishna e estimam que as ruínas tenham aproximadamente 3.500 anos de idade. Se isto produz ou não uma data precisa para a vida de Krishna é uma questão

aberta à especulação, uma vez que se sabe que Dwarka foi construída sobre as ruínas de outra cidade mais antiga, de acordo com o Dr. S. R. Rao, líder da escavação submarina. (Nota do editor)

5 As vidas e missões desses mestres iluminados são contadas na Autobiografia de um Iogue (publicado pela Self-Realization Fellowship).

6 “A sabedoria não é assimilada pelos olhos, mas pelos átomos”, disse Sri Yukteswarji. “Quando a sua convicção de uma verdade não está apenas no seu cérebro, mas no seu ser, você pode atestar timidamente o seu significado.”

7 Existem muitas derivações dadas à palavra “Krishna”, a mais comum das quais é “escuro”, referindo-se à tonalidade da tez de Krishna. (Ele é frequentemente mostrado como azul escuro para conotar divindade. Azul também é a cor da Consciência Crística quando sintetizado no olho espiritual como um círculo de luz azul escuro circundando a estrela branca prateada da Consciência Cósmica.) De acordo com M. V. Sridatta Sarma (“No Advento de Sri Krishna”), dos vários outros significados dados à palavra “Krishna”, vários são encontrados no Brahmavaivarta Purana. Ele afirma que, de acordo com uma dessas derivações, “Kṛṣṇa significa o Espírito Universal. Kṛṣi denota um termo genérico, enquanto na transmite a ideia do eu, produzindo assim o significado de ‘Espírito Onisciente’”. Nisto encontramos um paralelo com a Consciência Crística como a Inteligência de Deus onipresente na criação. É interessante que uma tradução coloquial de “Krishna” em bengali seja Krista (cf. grego Christos e espanhol Cristo). (Nota do editor)

8 A palavra sânscrita avatara significa “descida”; suas raízes são ava, “para baixo” e tri, “passar”. Nas escrituras hindus, avatara significa a descida da Divindade à carne.

9 O quinto mantra já havia sido usado por Kunti antes de seu casamento com Pandu. Para testar seu poder, ela invocou Surya, o deva do sol, e Karna nasceu dela – mas ela permaneceu virgem. No entanto, temendo ser repreendida por ter sido mãe de um filho ilegítimo, ela o selou em uma caixa e a colocou flutuando no rio, onde ele foi encontrado e criado por um cocheiro idoso. Karna mais tarde desempenhou um papel importante na

história do Mahabharata, conforme mencionado no comentário em I:8.

10 O falecido Jagadguru Sri Shankaracharya do antigo Govardhan Math em Puri, Sua Santidade Bharati Krishna Tirtha – um estudioso de grande reputação e um líder espiritual reverenciado por milhões de hindus – dá uma sugestão dos significados menos que óbvios que podem ser extraídos da literatura sânscrita. (Veja a nota de rodapé 43 no Capítulo II para sua descoberta única de toda a ciência da matemática em dezesseis versos aparentemente não relacionados no Atharva Veda.)

"O próprio nome pelo qual conhecemos a Índia, Bharata, nos dá a pista necessária… Bha significa luz e conhecimento, e rata significa devotado. Bharata significa devotado à luz contra a escuridão… Temos esta característica única em relação à nossa literatura sânscrita, que a linguagem, as regras gramaticais, a dicção, etc., necessitam do uso de palavras para denotar objetos de tal maneira que a filosofia, a ciência e a teologia por trás de tudo isso são claras… As regras da linguagem determinam que cada objeto deve ser nomeado com um significado próprio. Significância, não apenas explicando sua condição atual, seu significado atual, exigências, requisitos, etc., mas como o nome deve ser justificado pela ação real….Então Bharata não é o nome de uma mera entidade geográfica colocada em algum canto do mundo e tendo suas limitações geográficas, topográficas e outras. Bharata representa cada alma individual que tem esta ideia de luz, a dedicação à luz, em oposição à imersão na escuridão. Assim, falamos da luz com a qual a criação do mundo por Deus começou, e pensamos na Luz que a Índia afirma ser a sua principal aspiração, o seu principal, o seu objetivo mais importante e mais valorizado….

"O sânscrito tem uma certa peculiaridade: a mesma passagem muitas vezes trata de um assunto diferente e é capaz de produzir significados diferentes relacionados a assuntos diferentes… Em alguns casos, temos textos que carregam não apenas dois significados, mas três ou quatro e relacionam-se com assuntos completamente diferentes. Em inglês temos a figura de linguagem chamada trocadilho, quando uma palavra com dois significados diferentes é usada….Temos um exemplo muito comum em que uma pessoa monta um quebra-cabeça. Ele pergunta a outro: 'Qual é a

diferença entre um professor e um maquinista?' E a resposta é: 'Um cuida do trem e o outro treina a mente.'…Exemplos desse tipo podem ser encontrados infinitamente em nosso sânscrito. Texto:% s.

"[Além disso] à medida que uma língua se desenvolve e entra em contato com outras línguas, as palavras mudam de significado. As palavras ganham significado adicional, o significado das palavras fica deteriorado... Em alguns casos, perdemos a pista das mudanças. Não somos capazes de dizer que contexto histórico foi responsável por tal ou qual mudança de significado, por tal e tal deterioração ou exaltação de significado e assim por diante... 'Valete' em inglês moderno significa desonesto, canalha, um patife, um homem de mau caráter, um trapaceiro. E no inglês de Chaucer, 'patife' significava simplesmente 'homem', 'criança do sexo masculino'." — Extracts from Vedic Metaphysics (Varanasi: Motilal Banarsidas, 1970). (Nota do editor)

11 A utilização do género masculino nesta publicação não está enraizada no sentido estritamente exclusivo da palavra homem, denotando apenas metade da raça humana, mas no seu significado original mais amplo; a palavra deriva da mesma raiz do sânscrito manas, mente – a capacidade exclusivamente humana de pensamento racional. A ciência do yoga trata da consciência humana do ponto de vista do Eu essencialmente andrógino (atman). Como não existe outra terminologia em inglês que transmita essas verdades psicológicas e espirituais sem excessiva estranheza literária, o uso de man e termos relacionados foi mantido aqui. (Nota do editor)

12 Os cinco elementos, mencionados frequentemente neste comentário do Gita, não têm a mesma conotação que a palavra "elementos" tinha quando se acreditava que terra, água, fogo, ar e éter eram os elementos ou substância da criação. Nem são realmente "elementos", como a ciência interpreta o termo hoje, mas sim cinco forças vibratórias sutis nas quais a Força Criativa se diferencia.

Capítulo I: O Desânimo de Arjuna

1 A ponte Varolii é uma parte do tronco cerebral - situada acima da medula e centrada abaixo dos dois hemisférios do cérebro - conectando o cérebro, o cerebelo e a medula. De tamanho pequeno (1 x 1 x 1 polegada), contém os tratos motores ascendentes e sensoriais descendentes que conectam o cérebro ao resto do corpo. Esses tratos viajam através de uma densa rede de células nervosas, chamada formação reticular, cuja função é despertar a atividade do resto do cérebro e regular o ciclo de sono e vigília de 24 horas. A ponte Varolii contém uma estrutura particular, o locus coeruleus (“lugar azul”) – um pequeno aglomerado concentrado de células contendo noradrenalina, uma substância química que estimula a mobilização que prepara o corpo para a ação. Essa estrutura está envolvida na excitação, no sonho, no sono e no humor.

2 Esta simbologia explica por que, embora Sanjaya tivesse recebido o poder de perceber e descrever os eventos ao mesmo tempo em que aconteciam, ele não narrou a Dhritarashtra o discurso do Gita, que precedeu a batalha, até que dez dias de luta já tivessem acontecido. aconteceu. (Nota do editor)

3 “Nem dirão: Eis aqui! ou, eis aí! porque eis que o reino de Deus está dentro de vós” (Lucas 17:21).

4 “Bom” sendo aquilo que expressa a verdade e a virtude e atrai a consciência para Deus; e “mal” sendo a ignorância e a ilusão, aquilo que repele a consciência de Deus.

5 No comentário sobre esta estrofe, os epítetos Rei Alma e Rei Ego são usados nesta e nas metáforas seguintes no sentido mais amplo de seu significado, e não necessariamente referindo-se ao seu uso específico na alegoria do Gita, onde Krishna é a alma e Bhishma, o ego.

6 Consulte Introdução.

7 I Coríntios 3:16.

8 Para traduzir a palavra sânscrita prana, cunhei a palavra “lifetrons”. As escrituras hindus mencionam anu, “átomo”; o paramanu, “além do átomo” – energias eletrônicas mais refinadas; e prana, “força vitaltrônica criativa”. Átomos e elétrons são forças cegas; o prana é inerentemente inteligente. O prana ou lifetrons nos espermatozóides e óvulos, por exemplo, orientam o

desenvolvimento embrionário de acordo com um projeto cármico.

9 Não se deve imaginar que a verdade sobre maya foi compreendida apenas pelos rishis. Os profetas do Antigo Testamento chamavam maya pelo nome de Satanás (lit., em hebraico, “o adversário”). O Testamento Grego, como equivalente a Satanás, usa diabolos ou diabo. Satanás ou Maya é o Mago Cósmico que produz multiplicidade de formas para esconder a Verdade Una e Sem Forma. No plano e jogo de Deus (lila), a única função de Satanás ou Maya é tentar desviar o homem do Espírito para a matéria, da Realidade para a irrealidade.

Cristo descreve Maya de maneira pitoresca como um demônio, um assassino e um mentiroso. “O diabo… foi um assassino desde o início e não se apegou à verdade, porque não há verdade nele. Quando ele fala uma mentira, fala do que lhe é próprio; porque é mentiroso e pai da mentira” (João 8:44). “O diabo peca desde o princípio. Para isso se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo” (1 João 3:8). Isto é, a manifestação da Consciência Crística, dentro do próprio ser do homem, destrói sem esforço as ilusões ou “obras do diabo”.

Maya existe “desde o início” devido à sua inerência estrutural nos mundos fenomênicos. Estes estão sempre em fluxo transicional como antítese da Imutabilidade Divina. (Autobiografia de um Iogue)

10 “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus… Todas as coisas foram feitas por ele; e sem ele nada do que foi feito se fez” (João 1:1, 3).

11 Entre os cientistas modernos, o Prémio Nobel Sir John Eccles confirmou a relação entre a vontade e a acção nos seres humanos. Um artigo de 1983 no Dallas Times-Herald relatou: “Sir John Eccles sabe, por sua pesquisa, que quando você move um dedo, esse movimento aparentemente simples é o culminar de milhões de interações químicas e elétricas indescritivelmente complexas, ocorrendo em milissegundos em uma sequência bem ordenada. em seu cérebro. Foi isso que lhe valeu o prémio Nobel em 1963: a sua exploração pioneira das formas químicas através das quais as células nervosas transmitem instruções de uma para outra.

“Pesquisas recentes mostraram que todo o processo de movimentação desse dedo, o que Eccles chamou de ‘mecanismo de disparo’, começa em uma região na parte superior do cérebro, chamada área motora suplementar, disse ele. ‘Mas isso ainda não responde à questão principal: como o mecanismo de disparo é iniciado?’

“Mais pesquisas ofereceram uma pista. Se o sujeito de um experimento não movesse realmente o dedo, mas apenas pensasse em movê-lo, os detectores indicavam que sua área motora suplementar estava disparando, embora o córtex motor do cérebro, que controla o movimento dos próprios músculos, estivesse ativo. não... 'Então', disse Eccles triunfantemente, 'a área motora suplementar é acionada intencionalmente. A mente está trabalhando no cérebro. O pensamento faz com que as células cerebrais disparem.

“A fisiologia do movimento prova a Eccles que temos liberdade de vontade, que algo fora de um processo puramente mecânico está envolvido em nossas ações. “Você tem a capacidade mental de decidir agir”, disse ele. ‘Se você pode fazer isso em um nível elementar – movendo um dedo – segue-se que você pode fazer isso em níveis mais complexos de ação e interação humana.’” (Nota do Editor)

12 Mateus 6:33.

13 Guru: professor espiritual. O Guru Gita (versículo 17) descreve apropriadamente o guru como “dissipador da escuridão” (de gu, “escuridão” e ru, “aquilo que dissipa”). Embora hoje a palavra guru seja comumente usada para se referir simplesmente a um professor ou instrutor, um verdadeiro guru é aquele que é iluminado por Deus. Ao alcançar o autodomínio, ele percebeu sua identidade com o Espírito onipresente. Tal pessoa é singularmente qualificada para liderar o buscador em sua jornada espiritual em direção à iluminação e à liberação.

“Manter companhia ao guru”, escreveu Swami Sri Yukteswar em The Holy Science, “não é apenas estar em sua presença física (pois isso às vezes é impossível), mas significa principalmente mantê-lo em nossos corações e ser um com ele. ele em princípio e nos sintonizarmos com ele”.

14 A palavra sânscrita akasha, traduzida como “éter” e “espaço”, refere-se

especificamente ao elemento vibratório que é o mais sutil do mundo material, a “tela na qual a imagem do corpo e de toda a natureza é projetada”.

“O espaço permeado pelo éter é a linha divisória entre o céu, ou o mundo astral, e a terra”, disse Paramahansaji. “Todas as forças mais sutis que Deus criou são compostas de luz, ou formas-pensamento, e estão meramente escondidas atrás de uma vibração particular que se manifesta como éter. Se esta vibração etérica fosse removida, você veria o cosmos astral por trás deste universo físico. Mas nossas percepções sensoriais de visão, audição, olfato, paladar e tato estão limitadas a este mundo finito….

“O espaço é outra dimensão: as ‘portas’ do céu. Através do olho espiritual, que existe no ponto entre as sobrancelhas, você pode entrar nesses portões. Sua consciência deve passar pela estrela astral no olho espiritual para contemplar esse reino superior, o mundo astral.”

A física moderna descartou o hipotético “éter” postulado pelos cientistas do século XIX como o meio através do qual a luz é transmitida através do vazio do espaço exterior. “Ainda assim”, escreve o Professor Arthur Zajonc em Catching the Light: The Entwined History of Light and Mind (Nova Iorque: Bantam Books, 1993), “embora inúmeras experiências neguem o éter, um número igual parece afirmar o carácter ondulatório da luz. Se levarmos ambos a sério e supormos que a luz é, em certo sentido, uma onda, então o que é que está acenando? Nos casos de ondas de água, ondas sonoras, cordas vibrantes, alguma coisa está sempre balançando. A figura do som é transportada pelo ar. O que traz a figura fugaz que chamamos de luz? Uma coisa se tornou certa, seja o que for, não é material!”

O problema convenceu alguns cientistas de que o que está a “acenar” é o próprio espaço – e que a própria definição de “espaço” tem de ser alargada. Michio Kaku, em Hyperspace (Nova Iorque: Oxford University Press, 1994), escreve sobre “uma revolução científica criada pela teoria do hiperespaço, que afirma que existem dimensões além das quatro comumente aceitas de espaço e tempo. Há um reconhecimento crescente entre os físicos de todo o mundo, incluindo vários ganhadores do Nobel, de que o universo pode realmente existir em um espaço dimensional

superior….A luz, na verdade, pode ser explicada como vibrações na quinta dimensão….Espaço dimensional superior, em vez de ser um O cenário vazio e passivo contra o qual os quarks desempenham os seus papéis eternos, torna-se na verdade o ator central no drama da natureza."

A consciência sensorial percebe o mundo como existindo em quatro dimensões físicas. A ciência do Yoga descreve o espaço permeado pelo éter como a barreira entre estas e as dimensões superiores da existência. Além da vibração física mais sutil (akasha, éter), explicou Paramahansa Yogananda, está o superéter, "uma manifestação mais sutil e, portanto, não classificada como um dos elementos vibratórios físicos (tattvas), dos quais existem apenas cinco - terra, água, fogo , ar, éter. Alguns tratados de yoga definem este tattva como mente, ou 'não-matéria', em oposição à matéria ou vibração grosseira."

Será a "mente" uma "dimensão superior" necessária para explicar a natureza cientificamente observada da realidade física? Muitos físicos não consideram esta questão como sendo do seu domínio; certamente ainda não se chegou a um consenso conclusivo entre eles. Contudo, em Elemental Mind: Human Consciousness and the New Physics (Nova York: Penguin Books, 1993), o físico Nick Herbert, Ph.D., escreve: "Longe de ser uma ocorrência rara em sistemas biológicos ou computacionais complexos, a mente é um processo fundamental por si só, tão difundido e profundamente enraizado na natureza como a luz ou a eletricidade. Juntamente com as partículas e forças elementares mais familiares que a ciência identificou como blocos de construção do mundo físico, a mente (nesta perspectiva) deve ser considerada um constituinte igualmente básico do mundo natural. A mente é, em uma palavra, elementar e interage com a matéria em um nível igualmente elementar, no nível da emergência na realidade de eventos quânticos individuais." Veja também VII:4. (Nota do editor)

15 Vitaphone: um termo inicial para filmes cinematográficos com som. (Nota do editor)

16 Esta história, com algumas variações nos detalhes, faz parte da tradição (particularmente no sul da Índia) tecida em torno da vida de Swami Shankara: o maior filósofo da Índia; uma rara combinação de santo,

estudioso e homem de ação. Muitas vezes referido como Adi (“o primeiro”) Shankaracharya, ele passou a maior parte de seus breves trinta e dois anos de vida viajando por todas as partes da Índia, espalhando sua doutrina advaita (não-dualista). Milhões reuniram-se ansiosamente para ouvir o reconfortante fluxo de sabedoria dos lábios do jovem monge descalço.

Alguns registros indicam que o monista incomparável viveu no século VI a.C.; o sábio Anandagiri fornece as datas de 44 a 12 a.C.; Os historiadores ocidentais atribuem Shankara ao século VIII ou início do IX d.C.

O zelo reformador de Shankara incluiu a reorganização da antiga Ordem Monástica dos Swami. Ele também fundou a matemática (centros educacionais monásticos) em quatro localidades - Mysore no sul, Puri no leste, Dwarka no oeste e Badrinath no norte do Himalaia. Seu objetivo ao localizar sua matemática nos quatro cantos da Índia foi a promoção da unidade religiosa e nacional em todo o vasto país. (Nota do editor)

17 O olho espiritual é o único olho da intuição e da percepção onipresente no centro Crístico (Kutastha) (ajna chakra) entre as sobrancelhas, que está diretamente conectado pela polaridade com o centro medular.

O devoto que medita profundamente contempla o olho espiritual como um anel de luz dourada circundando uma esfera de azul opalescente e, no centro, uma estrela branca pentagonal. Microcosmicamente, estas formas e cores resumem, respectivamente, o reino vibratório da criação (Prakriti, Natureza Cósmica); a inteligência universal de Deus na criação (Kutastha Chaitanya; Krishna ou Consciência Crística); e o Espírito sem vibração além de toda a criação (Brahman).

Na meditação profunda, a consciência do devoto penetra o olho espiritual nos três reinos nele sintetizados.

18 Tradicionalmente, os estudiosos atribuem à raiz dru em Drona outro significado, “madeira ou qualquer instrumento de madeira”, correspondendo ao relato metafórico de que Drona foi concebido num recipiente de madeira a partir da semente de um grande sábio.

19 Mahāratha, “grande guerreiro-carruagem” (mahā, de mahat, “grande, senhorial, real”; ratha, “carruagem, guerreiro”) denota alguém que é altamente hábil na ciência da batalha, comandando milhares de homens, e

capaz sozinho para lutar contra dez mil arqueiros ao mesmo tempo.

20 Rei de Kashi. Aqui foi usado um título, em vez de um nome próprio.

21 O papel das forças astrais sutis e causais da consciência na operação da consciência sensorial do homem ainda não foi identificado pela ciência material. “Por mais fundamentais que sejam os nossos sentidos, muitos dos seus segredos não cederam à investigação científica”, declarou um relatório da revista Discover (junho de 1993) que resumiu as pesquisas mais recentes sobre a percepção sensorial. Por exemplo, “O sentido do tato e o mundo físico que ele traz à existência têm muito mais a ver com o que está acontecendo em nossas cabeças do que na ponta dos dedos”.

Em The Brain Revolution (Nova Iorque: Bantam Books, 1973), Marilyn Ferguson escreve: “Através de inúmeras transações no cérebro, percebemos; nossos sentidos selecionam os estímulos, as estruturas cerebrais no cérebro interpretam os dados, mas não existe um modelo final de realidade contra o qual nossas percepções possam ser medidas como verdadeiras ou falsas... Uma rosa só é uma rosa porque o homem vê como tal; sem ele seria apenas um padrão de vórtices de energia.”

“Os sentidos realizam rotineiramente dois milagres”, diz Robert Ornstein, Ph.D., em The Psychology of Consciousness (Nova York: Penguin Books, 1986). A primeira, explica ele, é a transformação cerebral das várias formas de energia física do mundo externo – luz, som, vibrações de moléculas químicas – em sinais elétricos no cérebro. “Esse processo é chamado de transdução”, escreve ele. “O olho transduz luz, o ouvido transduz ondas sonoras, o nariz transduz moléculas gasosas.” O segundo “milagre” é ainda mais notável: “Os milhares de milhões de explosões eléctricas e secreções químicas de ‘disparo neural’ tornam-se árvores e bolos, peixes prateados e risos – o mundo consciente da experiência humana.

“Esses dois milagres ocorrem a cada momento de nossas vidas e são tão contínuos e rotineiros que naturalmente não temos consciência deles. Estamos a caminho de compreender como funciona o primeiro milagre, mas todos na ciência permanecem completamente perplexos com o segundo.”

O físico australiano Raynor Johnson colocou desta forma: “Catedrais e prímulas, obras de arte e obras de aço – que mundo a mente construiu a

partir das tempestades elétricas em alguns centímetros cúbicos de matéria cinzenta!’” (Nota do Editor)

22 Ver XIII:1 para detalhes de como o corpo físico é criado e vivificado pela ação dos três gunas – tamas, rajas, sattva – sobre os cinco elementos.

23 A anatomia do corpo físico grosseiro, sendo uma externalização das forças astrais mais sutis, é padronizada de maneira geral após a forma astral lifetrônica. A medula espinhal física e as cadeias de gânglios do sistema nervoso simpático que correm ao longo da coluna coincidem, respectivamente, com o sushumna astral e os nadis do ida e pingala à esquerda e à direita do sushumna. Como o sushumna é o invólucro mais externo dos dois canais espinhais astrais mais sutis (vajra e chitra), e da “espinha dorsal” causal da consciência (brahmanadi) – descrita no comentário deste verso – a medula espinhal física também consiste em quatro camadas protegidas pelas vértebras:

(1) O mais externo é um espaço capilar estreito cheio de linfa, delimitado externamente por uma membrana resistente, a dura-máter; (2) uma camada de tecido esponjoso preenchida com líquido cefalorraquidiano, coberta pela delicada membrana aracnóide; (3) a substância branca e cinzenta, que é cercada por uma membrana vascular chamada pia-máter, e que contém tratos nervosos aferentes e eferentes que conectam o cérebro aos músculos, sentidos e órgãos vitais através dos nervos periféricos; e (4) um canal central extremamente fino no meio da substância cinzenta.

Os dois olhos do corpo físico, através dos quais o mundo da dualidade é percebido, são modelados segundo as três fases do olho espiritual astral: o halo dourado do olho astral circundando uma esfera de luz azul, no centro da qual está um a luz estrelada brilhante de cinco raios é simulada nos olhos físicos - no branco, na íris e na pupila, respectivamente.

O corpo físico como um todo, quando posicionado com os braços estendidos para os lados e os pés afastados, assemelha-se a uma estrela de cinco pontas, simbolizando os cinco raios estrelados vistos no olho espiritual que emitem os cinco elementos vibratórios que criam o corpo físico: terra, água, fogo, ar e éter (a cabeça representa o elemento mais sutil, o éter; os dois braços, ar e fogo; e os dois pés, os elementos mais grosseiros

da água e da terra).

Toda a criação física, tão inspiradora para a mentalidade humana e intrigante para as investigações inquisitivas da ciência, fornece apenas sugestões tentadoras para as maravilhas subjacentes do ser – ideogramas do Autor Cósmico a serem decifrados por mentes iluminadas.

24 “Em última análise”, declarou o famoso geneticista britânico J.B.S. Haldane, “o universo não pode ser nada menos que a manifestação progressiva de Deus”.

Descobertas recentes em muitos ramos de investigação estão gradualmente a dissipar a opinião científica de longa data de que a evolução ascendente da vida e da inteligência que produziu os seres humanos foi um processo acidental. A própria existência de matéria viva está a levar muitos cientistas a reconhecer um design inerente à criação. “Uma análise cuidadosa sugere que é bastante improvável que mesmo uma molécula viva ligeiramente impressionante se forme aleatoriamente”, relatou a revista Time, de 28 de dezembro de 1992. E um artigo na Newsweek, de 19 de julho de 1993, perguntava: “Como é que fragmentos de gás e partículas de argila ganharam vida?…Onde quer que os ingredientes da vida tenham evoluído pela primeira vez, combiná-los em algo totalmente vivo ainda parece loucamente improvável. Fred Hoyle, o astrônomo britânico [fundador do Instituto de Astronomia Teórica da Universidade de Cambridge], disse certa vez que o evento é tão provável quanto montar um Boeing 747 enviando um tornado giratório para um ferro-velho.”

“Uma observação intrigante que surgiu da física”, afirmou o artigo na Time, “é que o universo parece calibrado para a existência de vida. Se a força da gravidade fosse empurrada um pouco para cima, as estrelas queimariam mais rapidamente, deixando pouco tempo para a vida evoluir nos planetas que as circundam. Se as massas relativas dos prótons e dos nêutrons fossem alteradas por um fio de cabelo, as estrelas poderiam nunca nascer, já que o hidrogênio que elas comem não existiria. Se, no Big Bang, alguns números básicos – as “condições iniciais” – tivessem sido agitados, a matéria e a energia nunca teriam coagulado em galáxias, estrelas, planetas ou quaisquer outras plataformas suficientemente estáveis para a vida tal

como a conhecemos.

“Um facto pouco divulgado é que muitos, talvez a maioria, dos biólogos evolucionistas acreditam agora que a evolução era muito provável, com tempo suficiente, para criar uma espécie com a nossa propriedade essencial: uma inteligência tão grande que se torna consciente de si mesma e começa a descobrir como as coisas funcionam. Na verdade, muitos biólogos há muito acreditam que [dada a estrutura fundamental do universo] o surgimento de vida altamente inteligente era quase inevitável.”

Em The Immense Journey (Nova York: Random House, 1957), o biólogo Loren Eiseley comentou sobre os processos evolutivos supostamente cegos de “seleção natural” e “sobrevivência do mais apto” que moldaram criaturas vivas complexas a partir das matérias-primas da Terra: “Os homens falam muito de matéria e energia, da luta pela existência que molda a vida. Estas coisas existem, é verdade; mas mais delicado, elusivo, mais rápido que as barbatanas na água, é aquele princípio misterioso conhecido como organização, que deixa todos os outros mistérios relacionados com a vida obsoletos e insignificantes em comparação. Pois que sem organização a vida não persiste é óbvio. No entanto, esta organização em si não é estritamente o produto da vida, nem da seleção. Como uma sombra escura e passageira dentro da matéria, ela cobre as pequenas janelas dos olhos ou espaça as notas do canto de uma cotovia... Se a matéria “morta” criou esta curiosa paisagem de grilos brincalhões, pardais cantores e homens curiosos , deve ficar claro até mesmo para o materialista mais dedicado que o assunto de que ele fala contém poderes surpreendentes, se não terríveis, e pode não ser impossivelmente, como sugeriu Hardy, “mas uma das muitas máscaras usadas pela Grande Face por trás”. '” (Nota do editor)

25 Ver I:21–22 para referência ao magnetismo entre os centros coccígeo, dorsal e do olho espiritual.

26 Pesquisas científicas recentes sobre o poder de materialização da visualização da mente confirmaram que as pessoas podem aprender como aproveitar a sua capacidade de criar e trabalhar com imagens mentais vívidas para o bem-estar físico, mental, emocional e espiritual. Num estudo de sete anos, o Dr. S. Rappaport analisou vinte e cinco indivíduos que

tinham realizado transformações físicas extraordinárias – superação de defeitos congénitos, recuperação de doenças “incuráveis”, recuperação de funções após acidentes gravemente incapacitantes, e assim por diante. “Todas essas pessoas me disseram a mesma coisa”, relatou ela. “Todos eles tinham uma imagem em suas mentes de quem e o que queriam ser, e literalmente transformaram seus corpos físicos naquela forma imaginada.” (Nota do editor)

27 “A data de Patanjali é desconhecida, embora muitos estudiosos o atribuam ao século II a.C. Os rishis escreveram tratados sobre um vasto número de assuntos com tal perspicácia que os tempos foram impotentes para superá-los; no entanto, para subsequente consternação dos historiadores, os sábios não fizeram nenhum esforço para atribuir as suas próprias datas e marca de personalidade às suas obras literárias. Eles sabiam que seus breves períodos eram importantes apenas temporariamente, como lampejos da grande Vida infinita; e essa verdade é atemporal, impossível de ser registrada e não é propriedade privada.” — Autobiografia de um Iogue

28 O equivalente feminino do sémen está nos elementos reprodutivos que produzem o óvulo e o desenvolvem num ser vital. O Yoga ensina que na relação sexual, tanto homens quanto mulheres dissipam o reservatório de força vital sutil inerente aos órgãos reprodutivos.

29 Ver, por exemplo, VI:35 e XVIII:52.

30 Ver Introdução.

31 Ioga Sutras II:46.

32 Veja mais sobre a kundalini.

33 Entre os mais de setenta comentários do Gita em sânscrito produzidos por estudiosos altamente conceituados - o primeiro disponível foi escrito por Adi Shankaracharya - uma variação ocasional ocorre nos slokas em sânscrito do Gita. A palavra Jayadratha, por exemplo, aparece em algumas versões depois de “o filho de Somadatta”, mas não em outras. Quando a alegoria do Gita é correlacionada aos Yoga Sutras de Patanjali, como neste comentário de Paramahansaji, a necessidade da inclusão de Jayadratha torna-se evidente. (Nota do editor)

34 O renomado sânscrito W. D. Whitney, em sua notável obra The Roots,

Verb-forms, and Primary Derivatives of the Sanskrit Language, lista as raízes kṛp [kṛip] e kḷp (o último dos quais é traduzido como klṛip por Monier-Williams) . Em sua análise de kḷp, Whitney observa: “Aparentemente, esta raiz está relacionada a kṛp [kṛip] (da época dos Vedas e Brahmanas), kṛpa [kṛipa] (dos Vedas em diante).” (Nota do editor)

35 Ioga Sutras II:5.

36 “A visão requer muito mais do que um órgão físico em funcionamento; sem uma luz interior, sem uma imaginação visual formativa, somos cegos”, escreve o professor Arthur Zajonc em Catching the Light: The Entwined History of Light and Mind (Nova Iorque: Bantam Books, 1993). Ele cita o cirurgião oftalmologista francês Moreau: “Seria um erro supor que um paciente cuja visão lhe foi restaurada por intervenção cirúrgica possa depois disso ver o mundo externo.” A remoção da catarata em pessoas cegas desde o nascimento permite que elas percebam pouco mais do que intensidades variadas de luz embaçada; eles não conseguem distinguir objetos ou pessoas. “Devolver a visão a uma pessoa cega congênita é mais trabalho de um educador do que de um cirurgião”, disse o Dr. Moreau.

“As luzes da natureza e da mente se entrelaçam no olho e evocam a visão”, explica o professor Zajonc. “Duas luzes iluminam nosso mundo. Uma é fornecida pelo sol, mas outra responde a ele – a luz dos olhos. Somente através do seu entrelaçamento é que vemos; na falta de ambos, somos cegos... Além de uma luz exterior e de um olho, a visão requer uma “luz interior”, cuja luminância complementa a luz exterior familiar e transforma a sensação crua em percepção significativa. A luz da mente deve fluir e casar-se com a luz da natureza para criar um mundo.” (Nota do editor)

37 Ioga Sutras II:6.

38 Ver também “Comentário Expandido: A Natureza do Ego”, I:11; sasmita samprajnata e asamprajnata samadhi, I:15–18; e discriminar ego e alma, VII: 5–6.

39 Os estudiosos, adotando uma abordagem literal das definições, geralmente vinculam a derivação do nome desse guerreiro do Gita à palavra karṇa, (“ouvido”), da raiz semelhante krī, em vez de kṛi, “fazer, trabalhar”.

Na narrativa alegórica, diz-se que Karna nasceu adornado com brincos e armaduras maravilhosas, o que lhe confere invencibilidade. Esses ornamentos ele finalmente deu ao deus Indra, que disfarçado de brâmane os cobiçou para proteger Arjuna, a quem Karna havia jurado matar. A renúncia destes foi seguida pela queda de Karna.

40 Mateus 6:22.

41 Embora Karna nasça da luz da consciência do olho espiritual (“o sol”), ele é “criado” no centro metafísico na ponte Varolii, a sede de manas, a mente sensorial simbolizada por Dhritarashtra (ver I :1). Aqui também pode-se voltar-se para dentro do mundo espiritual. Meu guru, Sri Yukteswar, notou o significado do nome Karna em um jogo de palavras, comum nas escrituras hindus, em que a palavra karna significa também “o leme de um navio”. Assim, esta consciência representada como Karna pode, neste ponto crucial, ser “dirigida” para dentro, através da porta do olho espiritual, para a espinha astral com seus centros de consciência divina, ou para fora, para os nervos sensoriais e a consciência material. Tendo escolhido ficar do lado das forças da mente sensorial, o apego de Karna ao prazer material (junto com seu irmão de armas, Vikarna; ver Kuru número 4) continua suas propensões materialistas no chakra lombar sutil da coluna vertebral em oposição dá ao seu arquiinimigo o poder divino de autocontrole de Arjuna (ver I:11, “Duhshasana, como raiva…”).

42 Ver XVI:7–18.

43II:63.

44 XVI:21.

45 Ver Introdução, “Com o tempo, a disputa…”

46 As palavras sânscritas aparyāptaṁ e paryāptaṁ significam não apenas ilimitado e limitado respectivamente, mas também a implicação oposta de insuficiente ou inadequado, e suficiente ou adequado. Qualquer uma das traduções é sustentável se a intenção for compreendida. Um princípio da verdade – sendo incondicionado e eterno – se aplicado corretamente, é capaz de derrotar uma horda de tendências malignas cuja existência relativa depende da natureza temporal da ilusão.

47 Paramahansa Yogananda musicou essa canção e a incluiu em seus

Cânticos Cósmicos (publicado pela Self-Realization Fellowship).

48 O Caminho Óctuplo do Yoga de Patanjali.

49 O papel central desempenhado na consciência do homem pela medula oblonga e estruturas associadas no tronco cerebral – conhecido há séculos pela ciência do yoga – está agora a ser articulado também por neurofisiologistas. Conectando a medula oblonga (a sede, de acordo com a ioga, da autoconsciência do homem, seja como alma ou ego) e a ponte Varolii (sede de manas, a mente sensorial inferior), está a formação reticular - um caminho complexo de neurônios em o centro do tronco cerebral, sobre o qual o físico Nick Herbert, Ph.D., escreve em Elemental Mind: Human Consciousness and the New Physics (Nova York: Penguin Books, 1993):

"Todas as principais vias sensoriais e motoras devem passar por esse emaranhado neuronal difuso no caminho de e para o cérebro... Kilmer e seus colegas do MIT descreveram a função da formação reticular como 'o centro nervoso que integra o complexo de relações sensório-motoras e autonômico-nervosas, de modo a permitir que um organismo funcione como uma unidade em vez de uma mera coleção de órgãos. Sua tarefa principal é comprometer o organismo com um ou outro dos cerca de dezesseis modos grosseiros de comportamento – isto é, correr, lutar, dormir, falar – em função dos impulsos nervosos que atuaram sobre ele durante a última fração de segundo. .' Assim, a formação reticular parece tomar decisões a cada momento sobre o que todo o corpo deve fazer consigo mesmo.

"Aqui mora o executivo central que seleciona, escolhe e sobretudo vivencia algumas das atividades realizadas pelas demais estruturas cerebrais. É aqui que começa corretamente a nossa busca pelo segredo da consciência humana... A maioria das evidências aponta para a conclusão de que eu, como pessoa, resido no tronco cerebral, dentro e ao redor da formação reticular... O espírito humano entra na matéria. de alguma forma desconhecida através deste misterioso emaranhado neural... Nós nos ajustamos a este órgão sonhador como uma mão ajusta uma luva." (Veja também Dharmakshetra Kurukshetra e "A Organização do Reino Corporal".) (Nota do Editor)

50 Necessariamente, este comentário sobre os guerreiros de Kurukshetra é simplificado, como foi feito no próprio Gita, concentrando-se nos principais personagens alegóricos que representam a ascendência do yoga ao Espírito e às forças que se opõem. Os volumes não escritos de detalhes são conhecidos pelo devoto através do instante da realização, quando ele entra no samadhi da profunda meditação iogue dada pelo guru.

51 Ver também referência a Bhishma como “consciência refletida”, ego universal, na Introdução.

52 Paramahansa Yogananda escreveu: “O influxo de inúmeras correntes cósmicas no homem por meio da respiração induz inquietação em sua mente. Assim, a respiração o liga aos mundos fenomênicos fugazes. Para escapar das tristezas da transitoriedade e entrar no reino feliz da Realidade, o iogue aprende a aquietar a respiração através da meditação científica.” (Sussurros da Eternidade, publicado pela Self-Realization Fellowship.)

53 Prakriti ou Natureza, a “consorte” do Espírito, recebeu muitos nomes de acordo com os vários aspectos que Ela representa, como Lakshmi, Sarasvati, Kali; ou o Espírito Santo da escritura cristã. O Espírito é o Absoluto não manifestado. Para evoluir a criação, Deus envia uma vibração criativa, o Espírito Santo ou Maha-Prakriti, na qual Ele próprio está presente em um reflexo inalterado e não afetado, o Espírito Universal na criação: Kutastha Chaitanya, Krishna ou Consciência Crística. No ventre da Mãe Natureza, o Espírito dá origem à criação. A luz do olho espiritual vista na meditação é um microcosmo da luz da Natureza, da Consciência de Cristo ou de Krishna e do Espírito ou da Consciência Cósmica. A luz trina do olho espiritual leva à união com esses três estados macrocósmicos de consciência.

54 “Eu estava no Espírito (consciência espiritual) no dia do Senhor (o dia do contato com os reinos divinos da verdade), e ouvi atrás de mim (na medula, 'atrás' ou na parte de trás da cabeça) uma grande voz , como de uma trombeta (o grande e feliz som de Aum)....E me virei para ver a voz que falava comigo. E virando-me, vi sete castiçais de ouro (os sete centros astrais); e no meio dos sete castiçais um (o corpo astral) semelhante ao filho do homem (semelhante em aparência ao corpo físico)...e sua voz como o

som de muitas águas (o som dos elementos, tattvas, emanando de os centros astrais)" (Apocalipse 1:10, 12, 13, 15).

55 "Mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado... Pois agora vemos através de um espelho, obscuramente; mas depois cara a cara: agora sei em parte; mas então conhecerei como também sou conhecido" (1 Coríntios 13:10, 12).

56 Ioga Sutras I:17.

57 O significado alegórico não é encontrado na tradução literal das palavras mani (jóia) e pushpa (flor), mas nas raízes sânscritas man, "soar"; e puṣ, "desdobrar ou exibir".

A razão e a conjectura das mentes eruditas podem chegar à interpretação literal ou tradicional da terminologia usada por Rishi Vyasa no Gita; mas os significados mais profundos estão muitas vezes escondidos em pistas dentro das palavras – assim como Jesus escondeu a verdade nas parábolas, e o apóstolo João escondeu o significado da sua realização nas metáforas da Revelação de São João. A interpretação óbvia é para inspiração do homem comum; a metáfora oculta é para o praticante sério da ciência do yoga.

58 Devadatta significa literalmente "presente de Deus". Neste contexto alegórico, o seu significado é encontrado num dos muitos significados da raiz sânscrita de deva, que é div, e significa "regozijar-se ou deleitar-se".

59 Da raiz sânscrita pund, lit., "reduzir a pó", isto é, desintegrar.

60 João 1:1.

61 João 14:6.

62 Uma elaboração dessas atividades elementares sutis nos centros espinhais é dada em XIII:1.

63 O físico australiano Paul Davies, Ph.D., vencedor do Prémio Templeton para o Progresso na Religião em 1995, escreveu em Superforce (Nova Iorque: Simon and Schuster, 1984): "Para o realista ingénuo, o universo é uma colecção de objectos. Para o físico quântico é uma teia inseparável de padrões vibratórios de energia na qual nenhum componente tem realidade independente da totalidade; e incluído nessa totalidade está o observador."

O professor Brian D. Josephson, da Universidade de Cambridge,

ganhador do Prêmio Nobel de Física em 1973, elogiou os antigos sistemas hindus de filosofia: “O Vedanta e o Sankhya detêm a chave para as leis da mente e do processo de pensamento, que estão correlacionados ao campo quântico. , ou seja, a operação e distribuição de partículas em níveis atômicos e moleculares.”

Muitos exemplos dos poderes dos iogues avançados – aqueles que dominaram a ciência do Yoga, a aplicação prática da sabedoria Vedanta e Sankhya – foram relatados na Autobiografia de um Iogue, incluindo um capítulo sobre “A Lei dos Milagres”. (Nota do editor)

64 Na sua Gramática Sânscrita, o renomado estudioso Sir M. Monier-Williams escreveu: “O caracter Devanagari, no qual a língua sânscrita é escrita, é adaptado à expressão de quase todas as gradações conhecidas de som; e cada letra tem uma pronúncia fixa e invariável.” (Nota do editor)

65 Na verdade, os sons são sinônimos de pétalas, ou seja, poderes vibratórios. As cinquenta letras ou sons, em múltiplos de vinte, equivalem às mil pétalas do sahasrara.

66 Ananda Mohan Lahiri, que alcançou um grau muito elevado de realização divina, foi um amigo próximo e um grande benfeitor de minha escola e trabalho na Índia desde o seu início. Ele foi especialmente útil durante minha visita à Índia em 1935, quando eu estava me esforçando para estabelecer uma base sólida para a escola e o trabalho Yogoda. O que seria sua expressão final de apoio amoroso veio em sua última carta para mim, escrita pouco antes de seu falecimento em 1951, encorajando-me em meus esforços para completar este novo comentário sobre o Gita: “Escreva seu Gita do seu próprio jeito, direto. de Krishna e Arjuna, e não imite nenhum intérprete antigo e obscuro”, e assinou: “Seu na eternidade”.

67 Aum é o mantra supremo, a manifestação primordial do Espírito (Para-Brahman) como vibração criativa cósmica, conhecida como Shabda-Brahman, ou Espírito em seu aspecto manifestado como som. É, portanto, a fonte e o recipiente de todos os outros sons vibratórios.

68 Bharata, de bhā, “luz”, e rata, “apegado ou devotado a”; referência a alguém que é iluminado, ou seja, que atingiu a consciência cósmica, a realização do Absoluto.

69 Partha significa “filho de Pritha”. Veja também a explicação do significado simbólico de Pritha no comentário de II:3.

70 Esta última linha é a primeira metade do versículo 27, mas está incluída no versículo 26 para fornecer um pensamento completo na tradução para o inglês. Pela mesma razão, a tradução dos versículos 27–31 por Paramahansa Yogananda consiste na segunda linha de um versículo seguida pela primeira linha do próximo. (Nota do editor)

71 “Psicológico” significa a natureza interna das forças Kuru e Pandu como expressões materialistas e espirituais da consciência do devoto, que ele percebe durante a meditação introspectiva, em contraste com as respostas e ações externas ou físicas que elas geram.

72 “É ilusório pensar que uma pessoa tem uma mente, boa ou má. Não existe uma mente única, mas muitas; somos uma coalizão, não uma única pessoa.” Esta conclusão foi alcançada após muitos anos de pesquisa sobre funções cerebrais e biologia evolutiva por Robert Ornstein, Ph.D., psicólogo que leciona no Centro Médico da Universidade da Califórnia, em São Francisco, e na Universidade de Stanford. Em Multimind: Uma Nova Maneira de Olhar para o Comportamento Humano (Nova York: Bantam Doubleday Dell, 1986), o Dr. Ornstein continua:

“Em vez de uma entidade intelectual única que pode julgar equitativamente muitos tipos diferentes de eventos, a mente é diversa e complexa. Ele contém um conglomerado mutável de diferentes tipos de “mentes pequenas” – reações fixas, talentos, pensamento flexível – e essas diferentes entidades são temporariamente empregadas – “levadas à consciência” – e então geralmente descartadas, devolvidas ao seu lugar, após o uso. ..

“Algumas das pequenas mentes que são transportadas são o resultado de muitos centros de controle diversos no cérebro. Estes centros desenvolveram-se ao longo de milhões de anos para regular o corpo, proteger-se contra o perigo e, em geral, organizar e planear esforços. Os componentes mentais separados têm prioridades diferentes e muitas vezes têm propósitos opostos entre si e com a nossa vida hoje, mas eles existem e, mais sobriamente, “eles” somos nós. Seria uma boa ideia, creio, se

pudéssemos ver as bases primitivas de muitos dos nossos julgamentos e decisões, para que pudéssemos tentar fazer algo a respeito.

"O nosso problema como indivíduos é que na maioria das vezes agimos de forma inconsciente e automática, pelo que nem sempre sabemos qual das múltiplas 'mentes pequenas' está a operar em qualquer momento. E muitas vezes não selecionamos as 'mentes pequenas' apropriadas no momento certo."

"As pessoas podem redireccionar conscientemente as suas mentes, mas, tal como aprender a ler ou a fazer matemática, esta capacidade não surge naturalmente", escreveu o Dr. Ornstein em The Evolution of Consciousness (Nova Iorque: Simon e Schuster, 1991). "Tem que ser nutrido. Temos que saber quem está lá para dar ordens....

"Durante milénios, os indivíduos foram atraídos pela ideia de 'eus superiores' ou 'experiências místicas'. Agora precisamos de estar conscientes de que estas experiências são importantes para o nosso futuro e reconhecer que estão ao alcance de todos. Podemos refazer as nossas mentes mudando a "mente no lugar". O termo tradicional para nos controlarmos… é vontade, um termo fora de moda hoje em dia. Se houver vontade, ela residirá na seleção das diferentes mentes que colocamos em ação... O controle consciente é uma força pequena e fraca na maioria das mentes, uma força que podemos desenvolver pela auto-observação." (Nota do editor)

73 Os neurofisiologistas delinearam estas e outras diferenças entre homens e mulheres com base nas funções distintas dos hemisférios esquerdo e direito do cérebro. Os pesquisadores notaram que, de modo geral, o lado esquerdo do cérebro – especializado em tarefas analíticas, lógicas e verbais – é mais ativo nos homens; enquanto o lado direito – que ativa as funções artísticas e criativas, trabalhando mais com metáforas, emoções e sentimentos – é mais ativo nas mulheres.

"Constantemente, desde cerca de dois ou três milhões de anos atrás, o órgão de pensamento do homem tornou-se cada vez mais bifurcado", escreve David Darling, Ph.D., em Equations of Eternity (Hyperion Press: Nova York, 1993). "Isto é particularmente verdadeiro no caso do homem

humano, porque a polarização dos hemisférios direito e esquerdo parece ser mais pronunciada nos homens do que nas mulheres....

"Muitos modelos mundiais religiosos demonstram um conhecimento intuitivo do funcionamento do cérebro esquerdo e direito. No taoísmo, por exemplo, existe um princípio masculino, conhecido como yang.... No outro extremo está o yin, a força feminina...."

Em O Tao da Física, Fritjof Capra descreve a antiga visão chinesa de yang como "o poder forte, masculino e criativo" e yin como "o elemento receptivo, feminino e maternal.... No reino do pensamento, yin é o mente complexa, feminina e intuitiva, yang o intelecto masculino claro e racional. Yin é a quietude contemplativa do sábio, yang é a ação forte e criativa do rei."

Especialmente pertinente a esta estrofe do Gita é o trabalho do psiquiatra Pierre Flor-Henry, da Universidade de Alberta, que realizou extensas pesquisas sobre as diferentes características dos dois hemisférios do cérebro. Flor-Henry acredita que uma das qualidades localizáveis no hemisfério esquerdo é o "poder de combate". Sentimentos como cautela, depressão e ansiedade, diz ele, são mais característicos do lado direito do cérebro.

"Metade dos nossos erros na vida surge de sentirmos onde deveríamos pensar e de pensarmos onde deveríamos sentir", observou o escritor britânico J. C. Collins. Os hemisférios esquerdo e direito – e as naturezas masculina e feminina – têm pontos fortes e fracos característicos; as evidências da pesquisa do hemisfério cerebral não exaltam uma em detrimento da outra. "Na cultura ocidental, o lado esquerdo do cérebro é o mais ativo e o princípio masculino domina, o que pode explicar por que o Ocidente é tão avançado tecnicamente e, ainda assim, em alguns aspectos, é tão empobrecido espiritualmente", escreve o Dr. "Nossos cérebros evoluíram para ver o mundo de duas maneiras diferentes, complementares, mas também mutuamente exclusivas. Cada um de nós, falando figurativamente, tem o Oriente e o Ocidente, o princípio masculino e o feminino, em sua cabeça. Mas geralmente um ou outro tem ascendência. Ou estamos demasiado preocupados com a racionalidade e, portanto, do ponto

de vista [oriental], perdemos a harmonia com a natureza, ou somos demasiado introspectivos e não conseguimos alcançar o crescimento materialista. Ambos os modos mentais são aparentemente essenciais para a consciência humana e, portanto, deveriam ser mais equilibrados." (Nota do editor)

74 Keshava é um epíteto de Krishna como um destruidor do mal; isto é, referindo-se ao matador do demônio Keshi.

75 "Novamente o diabo o leva a um monte muito alto e mostra-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles; E disse-lhe: Todas estas coisas te darei, se te prostrares e me adorares. Disse-lhe então Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele servirás" (Mateus 4:8–10).

76 Govinda, "pastor chefe". Krishna era conhecido por esse nome na infância, quando cuidava do gado de seus pais adotivos nos campos de Brindaban; alegoricamente, aquele que preside e controla as "vacas" dos sentidos.

77 "Venha o teu reino… assim na terra como no céu" (Mateus 6:10).

78 Matador do demônio Madhu; isto é, matador do demônio da ignorância ou das dificuldades espirituais.

79 Vishnu ou Krishna, que concede as orações dos homens pela salvação; Janardana é aquele aspecto a quem os homens oram por realização – de jana, "homens", e ardana (raiz sânscrita ard), "para solicitar ou implorar".

80 Deus da Fortuna; referindo-se a Krishna como uma encarnação de Vishnu cuja consorte, ou shakti, "poder divino", é Lakshmi, deusa da riqueza e fortuna. (Veja também I:14.)

81 Tiago 1:8.

82 Lit.: "descendente do clã Vrishni". A palavra vrishni significa "magistralmente forte, poderoso".

83 Ver I:8, "Ego físico versus ego divino".

84 O fluxo interno da força vital é a "oblação de água", udaka, lit., "aquilo que flui ou brota". A luz divina que surge na testa proveniente da energia vital ali concentrada é a oferenda simbolizada pelo "bolinho de arroz", pinda, da raiz sânscrita pind, "coletar; formar uma 'bola' ou esfera" – a luz

do olho espiritual esférico.

85 Narake (no inferno) ’niyataṁ (aniyataṁ, “indefinidamente”) vāso bhavatī (estar ou residir em um lugar ou habitação). Uma leitura alternativa em sânscrito fornece a palavra niyataṁ (certamente, inevitavelmente) em vez de aniyataṁ. Ambas as possibilidades foram combinadas nesta tradução.

Capítulo II: Sankhya e Yoga: Sabedoria Cósmica e o Método de Sua Obtenção

1 A raiz sânscrita da palavra ariano é ārya, “digno, santo, nobre”. O antigo nome da Índia é Aryavarta, literalmente, “morada dos arianos – os nobres, santos e excelentes”. O posterior uso etnológico indevido de ariano para significar características não espirituais, mas físicas, trouxe este protesto do renomado orientalista Max Müller: “Para mim, um etnólogo que fala de uma raça ariana, sangue ariano, olhos e cabelos arianos, é tão grande seria um pecador como linguista se falasse de um dicionário dolicocefálico ou de uma gramática braquicefálica.”

2 Ver também comentário sobre I:27 (incluindo nota de rodapé). (Nota do editor)

3 Veja Arjuna em I:4–6.

4 “Sabemos que o homem geralmente é impotente contra as más paixões; mas estes tornam-se impotentes e o homem não encontra motivo para se entregar a eles quando surge nele uma consciência de bem-aventurança superior e duradoura através do Kriya Yoga. Aqui, a renúncia, a negação da natureza inferior, sincroniza-se com a aceitação, a experiência da bem-aventurança. Sem esse caminho, as máximas morais que incorporam meros aspectos negativos são inúteis para nós.” —Sri Ananda Mohan Lahiri, neto de Lahiri Mahasaya, em Autobiografia de um Iogue

5 “Através da meditação,… você pode preparar o terreno para importantes mudanças cerebrais que alteram a mente e os hábitos.” Herbert Benson,

M.D., professor de medicina na Harvard Medical School, resume assim os resultados de sua extensa pesquisa relatada em Your Maximum Mind (Nova York: Random House, 1987).

“Ao longo dos anos”, escreve ele, “você desenvolve ‘circuitos’ e ‘canais’ de pensamento em seu cérebro. Estes são caminhos físicos que controlam a maneira como você pensa, como você age e, muitas vezes, como você se sente. Muitas vezes, esses caminhos ou hábitos tornam-se tão fixos que se transformam no que chamo de ‘fiação’. Em outras palavras, os circuitos ou canais tornam-se tão profundamente arraigados que parece quase impossível transformá-los.”

Existem aproximadamente 100 bilhões de células nervosas no cérebro; e cada um deles se comunica com os outros através de conexões chamadas sinapses. O número total de conexões possíveis é de 25.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000, estima o Dr. Dito de outra forma, se você fizesse uma pilha de folhas de papel de digitação padrão, com uma folha para cada conexão de neurônio, a pilha de papel resultante teria aproximadamente 16 bilhões de anos-luz de altura – estendendo-se além dos limites do universo conhecido. E de acordo com outro renomado pesquisador do cérebro, Robert Ornstein, M.D., da Universidade da Califórnia, em São Francisco, o número de conexões possíveis no cérebro é maior do que o número de átomos no universo. Portanto, acredita o Dr. Benson, o potencial do cérebro para formar novos caminhos – e, portanto, novos hábitos de pensamento e comportamento – parece ser praticamente ilimitado.

“São em grande parte os circuitos estabelecidos do lado esquerdo do nosso cérebro que nos dizem: 'Você não pode mudar seu modo de vida... Seus maus hábitos são para sempre... Você simplesmente foi feito de uma certa maneira e tem conviver com esse fato.' Isso simplesmente não é verdade.”

“A pesquisa científica mostrou que a atividade elétrica entre os lados esquerdo e direito do cérebro torna-se coordenada durante certos tipos de meditação ou oração”, explica ele. “Através desses processos, a mente definitivamente se torna mais capaz de ser alterada e de ter suas

capacidades maximizadas... Quando você está neste estado de comunicação hemisférica esquerda-direita aprimorada... ocorre a 'plasticidade da cognição', na qual você realmente muda a maneira como você veja o mundo….Se você se concentrar ou se concentrar em algum tipo de passagem escrita que representa a direção que você deseja que sua vida tome, [este] processo de pensamento mais direcionado o ajudará a religar os circuitos em seu cérebro de uma forma mais positiva. direções….Quando mudamos nossos padrões de pensamento e ação, as células cerebrais começam a estabelecer conexões adicionais, ou novas "fiações". Essas novas conexões então se comunicam de novas maneiras com outras células e, em pouco tempo, com os caminhos ou ligações que as mantinham. a fobia ou outro hábito vivo é substituído ou alterado... Ações alteradas e uma vida mudada se seguirão. As implicações são emocionantes e até surpreendentes." (Nota do editor)

6 Hrishikesha: "Senhor dos Sentidos"; Gudakesha-Parantapa: "o Conquistador do Sono e o Destruidor dos Inimigos".

7 Ver também referência a samyama, autodomínio na meditação, I:4–6.

8 Neste verso do Gita, o sânscrito gatāsūn, "morto", (de gata, "foi embora, partiu" e asu, "respiração ou vida") significa literalmente "aquele cujo fôlego se foi". Agātāsūn, "vivo" significa "aquele cujo fôlego não acabou". A respiração é sinônimo de vida mortal e é a primeira causa de identificação com a consciência corporal. É o estimulador da inquietação ou movimento associado à vida. Os iogues que, através do pranayama, entram no estado de falta de ar de samadhi (referido por São Paulo: "Protesto pela vossa alegria que tenho em Cristo Jesus, nosso Senhor, morro diariamente" - 1 Coríntios 15:31) são capazes de subjugar todas as ondas de inquietação, e experimentar a calma absoluta da Realidade, e a partir dessa consciência compreender a natureza ilusória da matéria e seus movimentos de mudança constante.

9 "Diz-se que o homem paga com maior miséria pela sua estrutura nervosa central mais avançada", escreve Steven F. Brena, M.D., professor da Escola de Medicina da Universidade Emory e chefe do Instituto de Controlo da Dor da Geórgia. "As evidências médicas mostram agora, ao

contrário, que o homem sofre mais dor porque se recusa a usar adequadamente o seu refinado sistema nervoso, mantendo-o desequilibrado e fora de controle.

“Nos seres humanos, a resposta à experiência da dor nunca é apenas um reflexo nervoso, como nos animais; mas sempre, mesmo nas emergências mais agudas, a expressão máxima de um processo cerebral intrincado e integrado que envolve fatores cognitivos e emocionais... Descobriu-se que não se pode esperar que nenhuma técnica de tratamento fisiológico externo forneça uma cura para a dor crônica, a menos que o paciente se compromete com mudanças internas sistemáticas em pensamentos e comportamento. Como resultado desta descoberta, os especialistas em dor começam a reconhecer a grande utilidade prática da ciência do yoga no tratamento das causas físicas e mentais da dor crónica.

“Em termos científicos, ‘resistência’ pode ser pensada como a medida em que podemos controlar a nossa resposta aos estímulos sensoriais, para que o desempenho do corpo e da mente possa permanecer intacto apesar da dor. A resistência e o desempenho ideal estão enraizados no autocontrole. Sem autocontrole nenhum atleta pode ganhar uma medalha olímpica, nenhum místico pode atingir um estado elevado de consciência – nem nenhum ser humano pode aprender a deixar de ser vítima da dor. Minha experiência clínica com milhares de pacientes com dor crônica mostrou que aprender o autocontrole requer força de vontade e treinamento no pensamento correto, nas atitudes corretas e na atividade correta – exatamente as coisas que se aprende seguindo as disciplinas do yoga. A prática combinada de todos estes princípios numa terapia integrada de controlo da dor permitiu-nos ver resultados clínicos que a medicina chamaria de milagrosos.” (Nota do editor)

10 “Todos os objetos…são ficções: quimeras da mente. São os nossos hemisférios esquerdos [do cérebro]…que nos enganam, fazendo-nos ver ovelhas, árvores, seres humanos e todo o resto do nosso mundo bem compartimentado. Procuramos estabilidade com a nossa consciência racional e ignoramos o fluxo… Através desta abordagem de classificação e simplificação, fazemos secções através do fluxo de mudança e chamamos

estas secções de “coisas”. É uma agregação temporária de partículas subatômicas em constante movimento – partículas que já estiveram espalhadas por uma nuvem interestelar, e cada uma delas permanece dentro do processo que é a ovelha por apenas um breve período de tempo. Esse é o caso real e irrefutável….

“Adquirimos facilmente o hábito de presumir que o que vemos e sentimos em nossas mentes é o que realmente está acontecendo fora de nós, além do portal dos sentidos. Afinal, estamos a poucos centímetros das fronteiras desta terra aparentemente familiar. Mas não existem cores lá fora, nem calor ou frio, nem prazer ou dor. Embora experimentemos o mundo como uma série de objetos sensoriais, o que realmente chega aos nossos sentidos é a energia na forma de vibrações de diferentes frequências: frequências muito baixas para audição e tato, frequências mais altas para calor e ainda mais altas para visão…. as radiações que captamos desencadeiam códigos neurais que são transformados pelo cérebro em um modelo do mundo externo. Então esse modelo recebe valor subjetivo e, por um truque do cérebro, é projetado para fora para formar o mundo subjetivo. Essa experiência interna é o que habitualmente equiparamos à objetividade externa... Mas não é objetiva... Toda a realidade percebida é uma ficção.” David querido, Ph.D. (Nova York: Hyperion, 1993). (Nota do editor)

11 Ver XIII:5–6.

12 “Kabir foi um grande santo do século XVI, cujos grandes seguidores incluíam hindus e muçulmanos. No momento da morte de Kabir, os discípulos discutiram sobre a maneira de conduzir as cerimônias fúnebres. O exasperado mestre levantou-se de seu sono final e deu suas instruções. “Metade dos meus restos mortais deveriam ser enterrados com ritos muçulmanos”, disse ele. ‘Que a outra metade seja cremada com um sacramento hindu.’ Ele então desapareceu. Quando os discípulos removeram a mortalha que cobria seu corpo, nada foi encontrado além de um lindo arranjo de flores. Metade deles foi obedientemente enterrada, em Maghar, pelos muçulmanos, que reverenciam o seu santuário até hoje. A outra metade foi cremada em cerimônias hindus em Banaras.” — Autobiografia de um Iogue.

13 Veja também II:32 a respeito de guerras justas.

14 Ver Autobiografia de um Iogue, capítulo intitulado “O Santo com Dois Corpos”, e referência à dramática saída da terra de Swami Pranabananda no capítulo “Fundando uma Escola de Yoga em Ranchi”. (Nota do editor)

15 Tendo surgido uma vez, a alma nunca deixa de existir (II:20), mesmo no momento da dissolução cósmica, quando toda a matéria é resolvida em Espírito nos ciclos universais de idas e vindas.

16 Nos últimos anos, esta compreensão teve efeitos de longo alcance na prática da medicina e nas artes de cura – contribuindo para um enfoque emergente na cura através da energia vital. Com base em anos de pesquisa sobre a natureza eletromagnética do corpo, Robert Becker, M.D., professor de medicina na Universidade Estadual de Nova York, escreveu em The Body Electric: Electromagnetism and the Foundation of Life (Nova York: Morrow and Company, 1978): “Só existe uma saúde, mas as doenças são muitas. Da mesma forma, parece haver uma força fundamental que cura, embora todas as inúmeras escolas de medicina tenham as suas formas favoritas de a persuadir a agir. A nossa mitologia prevalecente nega a existência de qualquer força generalizada a favor de milhares de pequeninos sentados nas prateleiras dos farmacêuticos, cada um deles potente contra apenas algumas doenças ou mesmo parte de uma. Este sistema muitas vezes funciona bastante bem, especialmente para o tratamento de doenças bacterianas, mas… a força interior pode ser aproveitada de muitas maneiras, [incluindo] cura pela fé, cura mágica, cura psíquica e [auto] cura espontânea…. se a energia for focada com sucesso, resultará em uma transformação maravilhosa. O que parecia um declínio inexorável de repente se inverte….

“Os meios podem ser diretos – os métodos psíquicos mencionados acima – ou indiretos: as ervas podem ser usadas para estimular a recuperação; esta tradição estende-se desde as sábias pré-históricas… até às terapias medicamentosas predominantes do presente. O jejum, a nutrição controlada e a regulação dos hábitos de vida para evitar o estresse podem ser usados para extrair a força curativa latente do corpo doente; podemos traçar esta abordagem desde os naturopatas de hoje até Galeno e Hipócrates… Toda a

investigação médica que vale a pena e a intuição de cada curandeiro fazem parte da mesma busca pelo conhecimento da mesma energia de cura indescritível.”

O Saturday Review de 8 de julho de 1978 relatou que o Dr. Becker fez história na medicina quando, trabalhando com sapos e ratos que haviam perdido uma perna, usou estimulação elétrica para desenvolver um novo membro - “com cartilagem e ossos, músculos, nervos, e veias, tudo com incrível precisão anatômica.” (Ao contrário de outros animais, como caranguejos e salamandras, sapos e ratos não regeneram naturalmente partes do corpo.) Além disso, afirmou o Saturday Review, o Dr. Becker “aplicou o mecanismo de cura recém-descoberto a ossos humanos quebrados, tricotando com sucesso fraturas que não conseguiram. curar mesmo após procedimentos cirúrgicos extensos. Ele e os seus colegas chegaram agora ao ponto em que podem prever com segurança que a regeneração de partes humanas pode e será alcançada, possivelmente nas próximas décadas.”

Outros pesquisadores que estudam as energias sutis subjacentes ao corpo físico concentraram-se em técnicas mentais e espirituais de despertar a força vital para a cura. O pensamento positivo, a visualização, a oração e a afirmação (ver também XV:14 e XVII:14–17), bem como as terapias físicas baseadas na estimulação da energia vital, como acupuntura, massagem, etc., estão entre aquelas cuja eficácia tem sido comprovada. foi demonstrado por vários estudos científicos.

À luz do ensinamento do yoga de que o corpo é uma materialização do pensamento através da instrumentalidade do prana (energia vital), o seguinte relatório de The Brain Revolution, de Marilyn Ferguson (Nova Iorque: Bantam, 1973), é de particular interesse: “Scientists in the A União Soviética tem pesquisado a radiação eletromagnética (chamada 'bioplasma') emitida pelo corpo humano. Eles mapearam os efeitos de diferentes estímulos nessa radiação. Eles descobriram que produtos químicos, como a adrenalina, tiveram o efeito mais fraco. A massagem dos pontos de acupuntura teve o próximo efeito mais forte, seguida pela estimulação elétrica e exposição à luz laser suave. O mais poderoso de tudo, conforme observado pelas mudanças no bioplasma, é a volição humana. Se o sujeito

direciona silenciosamente seu pensamento para uma parte específica do corpo, o bioplasma mostra alterações correspondentes.”

“A força de vontade é aquilo que transforma o pensamento em energia”, afirmou Paramahansa Yogananda. Em Man’s Eternal Quest, The Divine Romance e especialmente nas Lições da Self-Realization Fellowship, ele apresenta princípios e técnicas de ioga para aplicar esse princípio à cura do corpo. (Nota do editor)

17 O Dedo em Movimento escreve; e, tendo escrito,
Segue em frente: nem toda a tua piedade nem inteligência
Deve atraí-lo de volta para cancelar meia linha,
Nem todas as tuas lágrimas lavam uma palavra disso.

—O Rubaiyat de Omar Khayyam (traduzido por Edward FitzGerald). A interpretação espiritual de Paramahansa Yogananda deste clássico poético, Vinho do Místico, é publicada pela Self-Realization Fellowship, Los Angeles.

18 Ver II:20 “Libertação dos três corpos”.

19 Ou seja, em 1950. (Nota do Editor)

20 “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim os meus caminhos são mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos” (Isaías 55:8–9).

21 Ver I:4–6, “Os koshas, estágios de evolução na criação e no homem”.

22 Mateus 17:3.

23 Ver Autobiografia de um Iogue, especialmente os capítulos 1, 35, 36.

24 Sir John Marshall, Mohenjo-Daro e a Civilização do Indo, 1931.

25 “A tradição da Índia atingiu um certo ponto de maturidade mesmo na época da civilização do Vale do Indo, que floresceu há cinco mil anos”, disse Lakhan L. Mehrotra num artigo publicado na revista Self-Realization. “Os dois artefatos mais proeminentes daquela civilização antiga são aqueles que representam a Deusa Mãe – Shakti, personificando a força vital criativa e inteligente, e o Maha Yogi – Shiva, sentado de pernas cruzadas com o símbolo do olho espiritual da sabedoria na testa. Agora, se essa tradição

espiritual de yoga e meditação pôde encontrar expressão há cinco mil anos em uma forma de arte, então ela deve ter se originado vários milhares de anos antes disso….

“Olhando para os grandes centros de civilização que floresceram naqueles tempos antigos, encontramos quatro: (1) ao longo do Nilo, no Egito, (2) ao longo do Tigre e do Eufrates, no Oriente Médio – Mesopotâmia, (3) ao longo do Yangtze (Ch'ang) e o Rio Amarelo (Huang Ho) na China, e (4) ao longo do Indo na Índia. O que aconteceu com todas essas civilizações?…E ainda assim, na terra do Indo e do Ganges, aquela antiga e perene corrente de sabedoria ainda flui com o mesmo vigor.

“Em cada século a Índia deu origem a elevados personagens espirituais. Embora ela tenha alcançado grandes alturas em todos os campos da cultura, quando essa tradição declinou um pouco em termos materiais, o seu brilho espiritual foi, no entanto, sustentado por esses luminares que apareceram, um após o outro, no cenário indiano.”

Na altura em que a Índia foi conquistada pelas potências coloniais ocidentais, segundo o historiador Dr. J. T. Sunderland, ela era a nação mais rica do globo: “Esta riqueza [material] foi criada pelas vastas e variadas indústrias dos hindus. Quase todo tipo de manufatura ou produto conhecido pelo mundo civilizado – quase todo tipo de criação da mão e do cérebro do homem, existente em qualquer lugar e valorizado por sua utilidade ou beleza – há muito, muito tempo era produzido na Índia. A Índia era uma nação industrial e manufatureira muito maior do que qualquer outra na Europa ou qualquer outra na Ásia” (India in Bondage, Nova York: Simon e Schuster, 1929).

“Lembremo-nos”, escreveu o eminente historiador e filósofo Will Durant (em The Case for India, Nova Iorque: Simon and Schuster, 1930), “que a Índia era a pátria da nossa raça e o sânscrito a mãe das línguas da Europa; que ela era a mãe da nossa filosofia, mãe, através dos árabes, de grande parte da nossa matemática, mãe... dos ideais incorporados no cristianismo, mãe, através da comunidade da aldeia, do autogoverno e da democracia. A Mãe Índia é, em muitos aspectos, a mãe de todos nós.”

A autoridade mundial em religiões, Huston Smith, lembra que na década

de 1950 o eminente historiador britânico Arnold Toynbee previu que no século 21 “a Índia conquistada conquistaria seus conquistadores”.

“Ele não quis dizer com isso que nos tornaríamos hindus”, disse Smith em entrevista ao San Diego Union-Tribune, 7 de abril de 1990. “O que ele quis dizer foi que os insights indianos básicos encontrariam seu caminho em nossa cultura ocidental. , e, devido à sua profundidade metafísica e psicológica, a nossa maneira de pensar no Ocidente seria influenciada pelo pensamento indiano, tal como a tecnologia indiana foi influenciada pela nossa.” (Nota do editor)

26 As quatro classes naturais da humanidade são descritas alegoricamente nos Vedas como saindo do corpo de Purusha, o Ser Supremo: “De sua boca nasceu o Brâmane; de seus dois braços, os Rajanya (governantes e guerreiros reais); de suas duas coxas, o Vaishya; e de seus pés, o Sudra.” Esta referência bíblica mais antiga é tradicionalmente aceita como a base original do sistema de castas que mais tarde foi elaborado pelo legislador Manu.

27 “Deus que fez o mundo e todas as coisas nele…de um só sangue fez todas as nações dos homens para habitarem sobre toda a face da terra” (Atos 17:24, 26).

28 Na turbulência da demarcação de castas que tem atormentado a Índia durante séculos, a origem e o estatuto dos Kayasthas como casta permanecem controversos. Nos tempos modernos, Kayastha em Bengala e no norte da Índia é geralmente considerado uma designação de uma divisão superior respeitada da casta Kshatriya. Em outras classificações, porém, é equiparado à casta Sudra. O professor P. V. Kane - frequentemente citado sobre o assunto - mostrou que, a partir de uma revisão da literatura antiga e de registros históricos, datados da era do eminente sábio Yajnavalkya, Kayastha não se referia a uma casta, mas a escribas e contadores a serviço de o rei ou outro cargo público. O Professor Kane conclui: “Seria mais de acordo com a evidência dizer que um Kayastha era originalmente um funcionário encarregado do trabalho de redação estatal ou pública... que o cargo era às vezes ocupado pelo menos por Brahmanas, e que em alguns territórios poderia foram mantidos por uma casta separada” (New Indian

Antiquary, “A Note on the Kayasthas”, março de 1939). Portanto, uma vez que não existe uma base histórica para Kayastha como uma divisão de castas, nem a formação da palavra em si – kaya-stha “permanecer no corpo” – tem qualquer ligação com a sua associação tradicional com a profissão de escritor, pode ser entendida como uma palavra descritiva a propósito da intenção original de identificar a casta natural, ou estado (não uma casta de nascimento social), de alguém cuja natureza é predominantemente identificada com o corpo. (Veja também referência a Kayastha em III:24). (Nota do editor)

29 Ioga Sutras II:35.

30 “Amai os vossos inimigos, abençoai os que vos amaldiçoam, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e perseguem” (Mateus 5:44).

31 Mateus 26:52.

32 Mateus 26:53.

33 Lucas 23:34.

34 “Aceito a interpretação de ahimsa, nomeadamente, que não é apenas um estado negativo de inofensividade, mas é um estado positivo de amor, de fazer o bem até mesmo ao malfeitor. Mas isso não significa ajudar o malfeitor a continuar cometendo o erro ou tolerá-lo por meio de aquiescência passiva. Pelo contrário, o amor, o estado ativo de ahimsa, exige que você resista ao transgressor, dissociando-se dele, mesmo que isso possa ofendê-lo ou feri-lo fisicamente.” — Mahatma Gandhi

35 Trechos de uma carta escrita por Paramahansa Yogananda para ajudar um jovem a reunir coragem e atitude correta ao enfrentar a perspectiva de ir para a guerra:

“Na medida do possível, procure não pensar na sua solidão, mas coloque de coração e alma no dever que está diante de você, depositando sua fé em Deus. Não sei se você é um estudante dos ensinamentos da Self-Realization Fellowship; mas se for assim, pratique suas técnicas de meditação e procure o Pai Divino em busca de conforto e orientação. Lembre-se, você não está sozinho. Deus, de quem você é filho, está esperando, logo atrás da pulsação do seu coração, logo atrás dos seus pensamentos, que você olhe para dentro

e O reconheça. Onde quer que você esteja e onde quer que seja chamado para ir, lembre-se de que você está com Deus. Embora por algum tempo você possa sentir que está abandonado, separado daqueles que ama, Deus não o abandonou — nem eu, nem seus verdadeiros amigos. No coração de cada um você é lembrado e nossas orações estão com você.

“A vida é uma série de testes que, se enfrentados de frente, nos dão maior força mental e paz de espírito. Aprenda a confiar mais em seu Pai Celestial para orientação e compreensão. Preencha seus momentos vazios com amor por Ele e você saberá que não está sozinho, nem pode ficar sozinho.

“Durante a recente guerra em Espanha [a Guerra Civil, 1936–1939], quando mulheres e crianças estavam entre as centenas de milhares de pessoas bombardeadas, orei a Deus com grande tristeza para que me mostrasse o que lhes aconteceu após a morte. Esta foi a resposta que recebi: ‘Perceba que a vida é um sonho cósmico. Nascimento e morte são experiências do sonho. Aqueles que foram mortos, eu acordei de seus pesadelos para fazê-los perceber que estavam acordados em Mim e a salvo do perigo - vivos em Mim para sempre. Eu os libertei dos terrores de sua existência.”

“Não tema nada se tiver que ir para a guerra. Deus está com você, não importa onde você esteja. Vá com coragem, pensando que o que você está fazendo é por Deus e pelo seu país.

“Além disso, aqueles que morrem por uma causa nobre são honrados no céu – o mundo astral.

“Os seres astrais se desenvolvem a partir do recebimento da boa vontade dos outros, especialmente se eram espirituais durante sua encarnação na Terra. Se você meditar profundamente agora, então não importa onde você esteja, quando você for para o mundo astral você, pela força do hábito, se lembrará de praticar a comunhão com Deus e, assim, se desenvolverá nesse plano mais rapidamente do que outros que não conheceram a meditação durante sua vida terrena.

"Deus o abençoe; e que você sinta Sua proteção e orientação constantemente com você, trazendo-o em segurança para casa, para seus entes queridos.”

36 Marcos 4:37–39; Lucas 8:23–24.

37 Romanos 6:23.

38 Mateus 8:22.

39 Do sânscrito saṁ, “união; completude”, e khyā, “ser conhecido; conhecimento” – isto é, ter conhecimento completo; para alcançar a sabedoria suprema, ou Auto-realização e união com Deus.

40 De acordo com Sankhya, os vinte e quatro princípios do processo evolutivo da Natureza, do Espírito à matéria, são os seguintes: (1) Prakriti (o poder criativo básico que produz todos os fenômenos); (2) Mahat-tattva (Inteligência Cósmica; referida no Yoga como chitta) de onde vem buddhi (inteligência discriminativa individual); (3) ahamkara (egoísmo); (4) manas (mente); (5–14) jnanendriyas e karmendriyas (dez sentidos – cinco de percepção e cinco de ação); (15–19) tanmatras (cinco qualidades supra-sensíveis ou abstratas da matéria); (20-24) mahabhutas (cinco elementos sutis ou movimentos vibratórios, cujo conglomerado aparece como matéria grosseira nas formas sólida, líquida, ígnea, gasosa e etérica).

No Yoga, que se preocupa com a aplicação prática dos princípios pelos quais o Espírito se torna matéria e pelos quais a matéria pode ser novamente resolvida em Espírito, os tanmatras (qualidades abstratas da matéria) de Sankhya e os mahabhutas (elementos sutis da matéria grosseira que surgem do tanmatras) são implicitamente incluídos como um. Os cinco pranas, ou forças vitais, são enumerados em vez dos tanmatras. Elaborada a seguir, a cosmologia Sankhya-Yoga é a seguinte:

Prakriti é o poder criativo de Deus, o aspecto do Espírito como a Mãe Natureza criativa – Natureza Pura ou Espírito Santo. Como tal, está imbuído da semente de vinte e quatro atributos, cujo funcionamento dá origem a toda manifestação. De Prakriti evoluem (1) chitta (consciência inteligente, o poder do sentimento – a consciência mental básica – o Mahat-tattva de Sankhya), aos quais são inerentes (2) ahamkara (ego); (3) buddhi (inteligência discriminativa); e (4) manas (mente sensorial). De chitta, polarizado por manas e buddhi, surgem cinco princípios criativos causais (panchatattvas) que são a quintessência e as causas raízes das vinte evoluções restantes da criação. Esses princípios causais são influenciados

pelos três gunas, ou qualidades, da Natureza (sattva, rajas e tamas) e manifestam-se como (5-9) os jnanendriyas (cinco instrumentos de percepção sensorial); (10–14) os karmendriyas (cinco instrumentos de ação); (15–19) os mahabhutas (ou mahatattvas: terra, água, fogo, ar e éter – os cinco "elementos" vibratórios sutis ou forças [movimentos] individualizadas da Vibração Criativa Cósmica); (20–24) os cinco pranas (cinco instrumentos de força vital que fortalecem a circulação, a cristalização, a assimilação, o metabolismo e a eliminação). Os pranas, juntamente com os cinco elementos vibratórios sutis, informam toda a matéria nas formas sólida, líquida, ígnea, gasosa e etérica. (Ver também XIII:1 e XIII:5–6.)

41 Ver Autobiografia de um Iogue, Capítulo 34.

42 Kuru foi um ancestral tanto dos Pandavas quanto dos Kauravas, portanto Arjuna é aqui referido como Kurunandana, descendente de Kuru; nandana também tem a conotação de algo que causa regozijo – assim, Krishna encoraja Arjuna dirigindo-se a ele como "o orgulho ou filho escolhido da dinastia Kuru".

43 Dos quatro Vedas, o Rig Veda é o texto mais antigo ou original. A sua filosofia e prescrições mostram uma evolução da adoração das forças da Natureza para o reconhecimento de um Espírito Supremo – Brahman – e, correspondentemente, uma evolução da dependência dos favores dos "deuses" para o Autodomínio. O Yajur Veda e o Sama Veda são geralmente considerados derivados do Rig Veda. O Yajur é um arranjo especial de rituais – um manual para sacerdotes que conduzem os ritos cerimoniais. O Sama Veda contém cantos selecionados e define sua entonação melódica adequada conforme aplicável aos rituais védicos. O Atharva Veda é de origem posterior e consiste principalmente em encantamentos e fórmulas mágicas destinadas a apaziguar forças negativas e obter favores mundanos. Entre suas prescrições práticas estão aquelas que foram chamadas de início da ciência médica indiana.

Os sábios que são capazes, com a intuição divina, de ler não os significados superficiais, mas a verdadeira essência do pensamento védico, declaram essas escrituras uma fonte atemporal de conhecimento que

abrange todas as artes e ciências seculares e também religiosas.

(Nota do Editor:) Por exemplo, o renomado Shankaracharya de Puri, Sua Santidade Jagadguru Swami Sri Bharati Krishna Tirtha, encontrou em dezesseis slokas do Atharva Veda, os “Ganita Sutras” – que foram rejeitados por muitos estudiosos ocidentais como “absurdos ininteligíveis”. ”—fórmulas únicas aplicáveis à matemática em todos os seus ramos, da aritmética simples ao cálculo e à física e a todas as formas de matemática aplicada. (Ver Matemática Védica escrita por Sua Santidade, publicada por Motilal Banarsidas, Varanasi, 1965. Em 1958, Sua Santidade - chefe do Gowardhan Math em Puri e sucessor espiritual direto de Adi Shankara do século VIII - viajou pelos Estados Unidos sob os auspícios da Self-Realization Fellowship Durante sua viagem de três meses, ele falou sobre metafísica e matemática védica nas principais universidades do país. Foi um evento histórico – a primeira vez que um Shankaracharya viajou para o Ocidente.)

44 Mateus 6:33.

45 É dever obrigatório de toda alma, como filho de Deus, obter a aprovação do Pai, falada por Jesus: “Este é o meu filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3:17). Trabalhar pela libertação é agradar a Deus; agradar a Deus é tornar-se liberto.

46 O amante de Deus São Francisco de Assis referia-se ao seu corpo como “Irmão Burro” pela sua utilidade, mas pela teimosia frequente. Em Saints That Moved the World (Thomas Y. Crowell Co., 1945), René Fülöp-Miller relata que quando São Francisco estava construindo a igreja em San Damian, ele “designou seu próprio corpo para servi-lo como animal de carga. Ele levantou as pedras pesadas, uma de cada vez, e disse: 'Agora, irmão Burro, leve-o para San Damian.' acrescentaria: 'Irmão Burro, o Pai quer, devemos nos apressar.' Então Corpo de Burro obedeceria... A alma de Francisco costumava cantar quando se sentia feliz... Corpo de Burro intervinha o melhor que podia. E então aconteceu uma coisa muito estranha. O Corpo de Burro e a alma que ouviu a voz de Deus tornaram-se um só.”

47 Ver também comentário sobre XV:1 – explicação da história de Adão e Eva.

48 Ver comentário em I:4–6, “Patanjali começa seus Yoga Sutras….”

49 Cristo emitiu um mandamento semelhante aos seus discípulos: “Mas tu, quando orares, entra no teu quarto (o silêncio interior), e quando tiveres fechado a tua porta (retira a mente dos sentidos), ora a teu Pai, que é em segredo (na consciência divina transcendente interior); e teu Pai, que vê em segredo, te recompensará abertamente (te abençoará com a sempre nova bem-aventurança de Seu Ser)” (Mateus 6:6).

50 Referência à técnica de retirar a vida e a consciência para cima através dos centros espinhais, dissolvendo o mais grosseiro nas manifestações sucessivamente mais sutis da sagrada vibração criativa do Aum, e do Aum no Espírito. (Veja o comentário do Gita I:15–18 e II:39.)

51 Na Autobiografia de um Iogue, Paramahansa Yogananda escreveu: “Os estudos sobre a consciência realizados por psicólogos ocidentais estão em grande parte confinados a investigações da mente subconsciente e de doenças mentais que são tratadas através da psiquiatria e da psicanálise. Há pouca investigação sobre a origem e a formação fundamental dos estados mentais normais e das suas expressões emocionais e volitivas – um assunto verdadeiramente básico que não foi negligenciado na filosofia indiana. Classificações precisas são feitas, nos sistemas Sankhya e Yoga, dos vários elos nas modificações mentais normais e das funções características de buddhi (intelecto discriminativo), ahamkara (princípio egoísta) e manas (mente ou consciência sensorial).”

“Para cada termo psicológico em inglês, há quatro em grego e quarenta em sânscrito”, disse o professor Huston Smith, renomada autoridade em religiões mundiais, citando o grande historiador de arte A. K. Coomaraswamy. “O Ocidente não tem uma psicologia de libertação como a Índia. O inconsciente tem sido reconhecido no Ocidente como algo que pode nos deixar doentes ou nos levar a fazer coisas que não queremos. Mas no Oriente eles sabem que o inconsciente pode estar saudável e pode alimentar a intuição e o insight na mente consciente” (The San Diego Union, 14 de abril de 1990). (Nota do editor)

52 “Na bem-aventurança da alma”, prasāde: “No estado totalmente satisfatório de calma interior (ou seja, aquela perfeita tranquilidade do Ser

que é permeada pela natureza pura da alma, sempre nova bem-aventurança).”

53 Mateus 18:8.

54 Alfred, Lord Tennyson, “Cruzando a Barra”.

55 Mateus 25:29.

56 Apocalipse 3:12.

Capítulo III: Karma Yoga: O Caminho da Ação Espiritual

1 Lucas 9:24.

2 Mateus 19:21 e Mateus 6:34 respectivamente.

3 Veja XII:3.

4 Capítulo 5: “Um ‘Santo do Perfume’ Exibe Suas Maravilhas.”

5 Ver I:1, “Alma identificada com Deus vs. ego identificado com o corpo” e VIII:6–7.

6 I Timóteo 6:9.

7 “Se a mente estiver fixada em Deus e continuar assim, os sentidos lhe obedecerão. É como pendurar uma agulha num íman e depois outra agulha nele, e assim por diante... Enquanto a primeira agulha se agarrar ao íman, o resto ficará pendurado nele; mas se o primeiro cair, perderá o resto. E assim, enquanto a mente estiver firmemente fixada em Deus, os sentidos lhe obedecerão; mas quando a mente se afasta de Deus, os sentidos se afastam da mente e ficam indisciplinados.” — Meister Eckhart (monge dominicano do século XIV e renomado místico alemão)

8 As escrituras védicas declaram: “Yajna é verdadeiramente o próprio Ser de Vishnu” (Taittiriya-Samhita 1:7.4). As ações realizadas como yajna, portanto, são exclusivamente para Deus. Como oblações a Ele, eles devem ser absolutamente puros: livres de desejos e desprovidos de egoísmo e motivos egoístas.

9 Na mitologia hindu, a principal posse de Indra, Senhor de todos os

deuses, era Kamadhuk, uma vaca leiteira capaz de satisfazer todos os desejos.

10 Gênesis 1:1–3. (Veja Gita III:14–15 para elaboração neste mesmo contexto.)

11 Veja III:15. “Brahma está inerente e inseparavelmente presente em Yajna”: A Consciência Criativa como Kutastha Chaitanya ou Inteligência Crística é indivisivelmente inerente à luz cósmica (yajna), que é a essência de todos os componentes da criação vibratória.

12 São Guthlac, monge e eremita do século VII, relatou no seu leito de morte a sua comunicação maravilhosa com um mensageiro de Deus, aqui citada como típica da sabedoria transmitida pelos devas às almas avançadas: “A partir do segundo ano em que comecei a habitar nesta ermida o Senhor enviou um anjo para me consolar e para falar comigo todas as manhãs e todas as noites. Ele me revelou mistérios que não é lícito ao homem contar. Ele suavizou a dureza da minha vida com mensagens do céu; e ele me revelou coisas distantes, colocando-as diante de mim como se fossem feitas na minha presença.” (Clinton Albertson, SJ, Anglo-Saxon Saints and Heroes, Nova York: Fordham University Press, 1967.) (Nota do editor)

13 Lucas 1:28 e segs.

14 Ibidem. 2:8ss.

15 Mateus 2:13 e segs.

16 Ibidem. 4:11.

17 Lucas 22:42–43.

18 Mateus 26:53–54.

19 Atos 5:19.

20 Gênesis 22:11–12.

21 I Reis 19:5–6.

22 Ver XVII:4 para comentários ampliados sobre o espiritismo.

23 O número cinquenta milhões em referência às atividades mentais do homem é postulado não em unidades individuais de pensamentos, sentimentos, reações (isto é, tantas palavras ou impressões por segundo necessárias para formar uma ideia), mas refere-se antes à totalidade de uma ideia, resposta emocional ou mudança de consciência que seja significativa

para influenciar ou desenvolver a natureza e o comportamento do homem.

24 Longfellow, “Um Salmo de Vida”.

25 “Não é a luz maior que o fogo? É o mesmo elemento em estado de pureza.” – Thomas Carlyle

26 O primeiro rascunho do comentário de Paramahansa Yogananda sobre este verso do Gita foi escrito durante o mesmo período em que ele estava trabalhando na Autobiografia de um Iogue. Partes do comentário foram adaptadas e incluídas por ele em passagens relativas ao Kriya Yoga em sua Autobiografia. (Nota do editor)

27 “Eis que apareceu um carro de fogo e cavalos de fogo… e Elias subiu ao céu num redemoinho… Três dias procuraram, mas não o encontraram” (II Reis 2:11, 17).

Veja II:18, “O iogue almeja...”, a respeito de Kabir.

28 A tradução sânscrita de Brahma neste verso, com um a curto no final (Brahma), denota a Consciência Criativa todo-inclusiva de Deus, não o conceito circunscrito do “Brahma-o-Criador” pessoal do Brahma-Vishnu-Shiva tríade (que é traduzida com um ā longo no final, Brahmā. A Tríade Sagrada é uma personalização ou parte da Consciência Criativa todo-inclusiva.) Esta Consciência Criativa é o recipiente de Mula-Prakriti, a Natureza incriada ou indiferenciada, o germe ou fonte original a partir da qual evoluem todas as formas de matéria. (Ver XIV:3–4 em que a palavra Brahma é novamente usada para conotar a Grande Prakriti como a Mãe da criação.)

29 Em seu aclamado trabalho Cosmos (Nova York: Random House, 1980), o Dr. Carl Sagan, Professor de Astronomia e Ciências Espaciais e Diretor do Laboratório de Estudos Planetários da Universidade Cornell, fornece uma descrição concisa da visão da ciência moderna sobre como o a terra e suas criaturas nasceram, o que tem uma correspondência interessante com este versículo do Gita:

“Durante eras desconhecidas, após a explosão explosiva de matéria e energia do Big Bang, o Cosmos ficou sem forma. Não havia galáxias, nem planetas, nem vida. Escuridão profunda e impenetrável estava por toda parte, átomos de hidrogênio no vazio. Aqui e ali, acumulações mais densas

de gás cresciam imperceptivelmente, globos de matéria condensavam-se — gotas de chuva de hidrogênio mais massivas que os sóis. Dentro destes globos de gás acendeu-se pela primeira vez o fogo nuclear latente na matéria. Nasceu uma primeira geração de estrelas, inundando o Cosmos de luz. Naquela época ainda não havia planetas para receber a luz, nem criaturas vivas para admirar o brilho dos céus. Nas profundezas das fornalhas estelares, a alquimia da fusão nuclear criou elementos pesados, as cinzas da queima do hidrogénio, os materiais de construção atómicos dos futuros planetas e formas de vida. Estrelas massivas logo esgotaram seus estoques de combustível nuclear. Abalados por explosões colossais, eles devolveram a maior parte de sua substância ao gás fino do qual antes haviam se condensado. Aqui, nas nuvens escuras e exuberantes entre as estrelas, novas gotas de chuva feitas de muitos elementos estavam se formando, nascendo gerações posteriores de estrelas. Nas proximidades, cresciam gotas de chuva mais pequenas, corpos demasiado pequenos para acender o fogo nuclear, gotículas na névoa interestelar a caminho de formar os planetas. Entre eles estava um pequeno mundo de pedra e ferro, a Terra primitiva.

"Congelando e aquecendo, a Terra liberou os gases metano, amônia, água e hidrogênio que estavam presos em seu interior, formando a atmosfera primitiva e os primeiros oceanos. A luz das estrelas do Sol banhou e aqueceu a Terra primitiva, provocou tempestades, gerou relâmpagos e trovões. Vulcões transbordaram de lava. Esses processos perturbaram as moléculas da atmosfera primitiva; os fragmentos voltaram a juntar-se em formas cada vez mais complexas, que se dissolveram nos primeiros oceanos. Depois de algum tempo, os mares adquiriram a consistência de uma sopa quente e diluída. As moléculas foram organizadas e reações químicas complexas foram impulsionadas... E o caldo oceânico primitivo gradualmente tornou-se fino à medida que era consumido e transformado em condensações complexas de moléculas orgânicas auto-replicantes. Gradualmente, imperceptivelmente, a vida começou." (Nota do editor)

30 Gênesis 1:1–3. A Luz é a primeira expressão de criação da Vibração Cósmica (simultânea com o som de Aum ou Amém). É a essência ou o

bloco de construção do universo triplo e do homem – ideacional, a forma mais sutil de luz como pensamento ou ideia; astral, a luz da energia lifetrônica; e material, a luz dos átomos, elétrons, prótons, que estruturam toda a matéria.

31 Milton.

32 “Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus” (Apocalipse 3:14).

33 “A matéria fundamental do universo é a matéria mental”, afirmou o astrônomo britânico Sir Arthur Eddington. Seu contemporâneo, Sir James Jeans, colocou desta forma: “O universo pode ser melhor retratado, embora ainda de forma muito imperfeita e inadequada, como consistindo de pensamento puro, o pensamento do que devemos descrever como um pensador matemático… Se o universo for um universo de pensamento, então sua criação deve ter sido um ato de pensamento.” E o grande Albert Einstein declarou: “Quero saber como Deus criou este mundo. Não estou interessado neste ou naquele fenômeno. Quero conhecer Seus pensamentos; o resto são detalhes.” (Nota do editor)

34 Lucas 10:42.

35 Karma, da raiz kṛi, “fazer”, tem o significado geral de “ação”. Também pode significar, especificamente, ação material ou ação obediente; rito religioso ou ação espiritual – bem como os efeitos que alguém colhe de suas ações. As variantes da palavra karma também têm significados intercambiáveis, sendo a intenção determinada pelo contexto. Assim, neste versículo, karyam refere-se a “ação material obediente” e karman denota “rito religioso ou ação espiritual (ou seja, ação meditativa)”. (Nota do editor)

36 Swami Pranabananda foi um exaltado discípulo de Kriya Yoga do grande Yogavatar Lahiri Mahasaya. Através da prática diligente da meditação Kriya e da bênção do seu Guru, Pranabananda tornou-se um mestre totalmente iluminado. Meu encontro com o santo é contado na Autobiografia de um Iogue, “O Santo com Dois Corpos”.

37 Ver história em I:1.

38 “A mente, sendo o cérebro, o sentimento e a percepção de todas as

células vivas, pode manter o corpo humano alerta ou deprimido", disse Paramahansa Yogananda. "A mente é o rei, e todos os seus súditos celulares se comportam exatamente de acordo com o humor de seu mestre real. Assim como nos preocupamos com o valor nutritivo dos nossos cardápios alimentares diários, também devemos considerar a potência nutritiva dos cardápios psicológicos que diariamente servimos à mente."

Norman Cousins, o notável editor da Saturday Review que lecionou na Faculdade de Medicina da UCLA, escreveu: "O que colocamos em nossas mentes pode ser tão importante quanto o que colocamos em nossos corpos. As atitudes têm muito a ver com a saúde. As emoções negativas, persistindo por um longo período de tempo, podem prejudicar o sistema imunológico, diminuindo assim as defesas do corpo contra doenças."

Mais de 1.300 artigos científicos mostrando a influência da mente no sistema imunológico foram publicados entre 1976 e 1982, de acordo com uma bibliografia compilada por Steven Locke, M.D., e Mady Horning-Rohan.

Bernard Siegel, M.D., professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Yale, escreveu em Love, Medicine and Miracles (Nova York: Harper and Row, 1986): "A pesquisa científica de outros médicos e minha própria experiência clínica cotidiana me convenceram que o estado da mente muda o estado do corpo, trabalhando através do sistema nervoso central, do sistema endócrino e do sistema imunológico. A paz de espírito envia ao corpo uma mensagem "viva", enquanto a depressão, o medo e os conflitos não resolvidos lhe transmitem uma mensagem de "morte".

"Se aceitarmos que a mente e o corpo estão inextricavelmente ligados, não é surpresa que os optimistas tenham vantagem na saúde", escreveu Marian Sandmaier num artigo publicado na revista Self-Realization. "O psicólogo Martin Seligman relata que os optimistas contraem menos doenças infecciosas do que os pessimistas e são menos susceptíveis a problemas de saúde graves na meia-idade e na velhice. Talvez a evidência mais impressionante – e mais assustadora – venha de um estudo em curso de cinquenta anos sobre a saúde de duzentos homens de Harvard. Trabalhando com o famoso psicanalista George Vaillant e outros, Seligman

descobriu que o otimismo aos 25 anos previa fortemente a saúde aos 60 anos. A partir dos quarenta e cinco anos, os pessimistas começam a desenvolver mais doenças da meia-idade e a sofrer sintomas mais graves do que os seus homólogos mais otimistas….

"O sistema imunológico simplesmente não consegue suportar a tristeza crônica. Num grande estudo com americanos mais velhos, a sua equipa de investigação analisou amostras de sangue para descobrir que os pessimistas tinham, na verdade, uma actividade imunitária mais fraca do que os optimistas – independentemente do seu estado geral de saúde."

"Os benefícios físicos da meditação foram recentemente bem documentados por pesquisadores médicos ocidentais", afirma o Dr. Siegel. "Ele tende a diminuir ou normalizar a pressão arterial, a pulsação e os níveis de hormônios do estresse no sangue. Produz mudanças nos padrões das ondas cerebrais, mostrando menos excitabilidade. Estas mudanças físicas reflectem mudanças de atitude, que aparecem em testes psicológicos como uma redução no comportamento excessivamente competitivo do Tipo A que aumenta o risco de ataque cardíaco. A meditação também aumenta o limiar da dor e reduz a idade biológica… Em suma, reduz o desgaste do corpo e da mente, ajudando as pessoas a viver mais e melhor." (Nota do editor)

39 Mateus 6:33.

40 Uma visão correspondente da manifestação de Deus como uma Inteligência imanente e onipresente na criação (o conceito hindu de Kutastha Chaitanya – o Krishna ou Consciência Crística) é discutida em relação à Bíblia pelo biofísico Donald MacKay em Science and Christian Faith Today (Londres: CPAS Publishers , 1960):

"A Bíblia como um todo representa Deus em um relacionamento muito íntimo e ativo com os eventos diários para ser representado em termos mecânicos. Ele não entra apenas no início dos tempos para 'encerrar os trabalhos'; Ele continuamente "sustenta todas as coisas pela palavra do Seu poder" (Hebreus 1:3). 'Nele (isto é, Cristo) todas as coisas subsistem' (Colossenses 1:17)…. Não são apenas os acontecimentos fisicamente inexplicáveis (se houver), mas toda a preocupação contínua, que a Bíblia

associa à atividade constante de Deus ….

"Um artista imaginativo traz à existência um mundo de sua própria invenção. Ele faz isso normalmente, colocando manchas de tinta na tela, em uma certa ordem espacial (ou desordem!). A ordem que ele dá à tinta determina a forma do mundo que ele inventa. Imagine agora um artista capaz de dar vida ao seu mundo, não aplicando tinta sobre uma tela, mas produzindo uma sucessão extremamente rápida de faíscas de luz na tela de um tubo de televisão. (Esta é, na verdade, a maneira pela qual uma imagem normal de televisão é mantida.) O mundo que ele inventa agora não é estático, mas dinâmico, capaz de mudar e evoluir à sua vontade... A cena é estável e imutável apenas enquanto durar. como ele quiser; mas se ele cessasse a sua actividade, o seu mundo inventado não se tornaria caótico; simplesmente deixaria de existir. O Deus em quem a Bíblia convida a crer é… o Artista Cósmico, o Sustentador criativo, sem cuja atividade contínua não haveria nem mesmo caos, mas simplesmente nada." (Nota do editor)

41 Josué 3:14 e segs.

42 João 2:19.

43 "Por três caminhos podemos alcançar a sabedoria: o caminho da experiência, e este é o mais difícil; o caminho da ação, e este é o mais fácil; o caminho da reflexão, e este é o mais nobre." – Confúcio

44 Lucas 12:29–31.

45 Um epíteto de Krishna, referindo-se a um descendente da dinastia Vrishni da raça Yadava.

46Samuel Johnson.

47 Ver I:9: Alegoria de Duryodhana (desejo) e seu irmão Duhshasana (raiva).

48 Bharata-rishabha: lit., "Touro dos Bharatas", significando o mais elevado ou melhor, ou príncipe, dos descendentes de Bharata.

49 Homero: Odisseia, III.

Capítulo IV: A Ciência Suprema do Conhecimento de Deus

1 Meu guru Sri Yukteswar descobriu a aplicação matemática de um ciclo equinocial de 24.000 anos ao sistema solar do qual a Terra faz parte. Assim como os planetas giram em torno do Sol, o Sol tem como dual uma estrela distante em torno da qual gira em cerca de 24.000 anos terrestres. De acordo com a cosmologia hindu, o Sol em rotação também se move num ciclo muito mais vasto em torno de um núcleo magnético do Espírito (Vishnunabhi), o "Grande Centro", sede do poder criativo de Brahma. O ciclo de 24.000 anos é dividido em um Arco Ascendente e um Arco Descendente, cada um com 12.000 anos. Dentro de cada Arco caem quatro yugas ou Eras, chamadas Kali, Dwapara, Treta e Satya, correspondendo às ideias gregas de Idades de Ferro, Bronze, Prata e Ouro. Para identificar a característica predominante de cada Era, referi-me a elas, respectivamente, como Era Material, Era Elétrica ou Atômica, Era Mental e Era Espiritual. Durante o Arco Ascendente de cada ciclo, quando o sistema solar em evolução interior começa a se aproximar do "Grande Centro" do Espírito, há um desenvolvimento gradual de qualidades intelectuais e espirituais, atingindo um zênite de iluminação em Satya Yuga, ou a Era Espiritual. A sombra da ilusão então lentamente começa a eclipsar a luz do conhecimento durante o Arco Descendente para o Kali Yuga ou Era Material mais distante do Espírito. Esses ciclos são expostos mais detalhadamente na primeira parte do livro de Sri Yukteswar, The Holy Science (publicado pela Self-Realization Fellowship). Veja também IV:7–8.

Os astrónomos ocidentais postularam um ciclo equinocial do nosso sistema solar como consistindo de 25.920 anos, com base num fenómeno cósmico conhecido pelos astrónomos como "Precessão do Equinócio", determinado pela actual taxa de movimento. De acordo com os hindus, porém, essa taxa varia em diferentes fases do ciclo.

2 A Idade Material começou pela última vez no Arco Descendente do ciclo equinocial por volta de 700 a.C. e terminou no Arco Ascendente por volta de d.C. 1700.

"As escrituras hindus situam a atual era mundial como ocorrendo dentro do Kali Yuga de um ciclo universal muito mais longo do que o simples ciclo equinocial de 24.000 anos com o qual Sri Yukteswar estava preocupado…

O início das eras materialistas, de acordo com o cálculo das escrituras hindus , foi em 3102 a.C. Esse ano foi o início da última Dwapara Yuga Descendente do ciclo equinocial, e também o início da Kali Yuga do Ciclo Universal. A maioria dos antropólogos, acreditando que há 10.000 anos a humanidade vivia numa Idade da Pedra bárbara, rejeitam sumariamente como "mitos" as tradições generalizadas de civilizações muito antigas na Lemúria, Atlântida, Índia, China, Japão, Egipto, México e muitas outras terras" (Autobiografia de um Iogue). Veja também VIII:17–19.

3 Foi através do exemplo e das bênçãos de Mahavatar Babaji (que sempre percebo como um com Krishna em Espírito) e de Cristo e de meu Guru e Paramguru que fui enviado ao Ocidente e empreendi a tarefa de fundar a Self-Realization Fellowship para servir como instrumento para a preservação e disseminação mundial da ciência do Kriya Yoga. Ao conceder-me suas bênçãos antes de eu vir para a América em 1920, Mahavatar Babaji me disse que eu havia sido escolhido para esta missão sagrada: "Você é aquele que escolhi para espalhar a mensagem do Kriya Yoga no Ocidente. Há muito tempo conheci seu guru Yukteswar em um Kumbha Mela; Eu disse a ele que enviaria você para ele treinar." Babaji então previu: "Kriya Yoga, a técnica científica de realização de Deus, acabará por se espalhar por todas as terras e ajudará na harmonização das nações através da percepção pessoal e transcendental do homem do Pai Infinito".

A salvação das almas através do Kriya Yoga é o meu objetivo singular. Não recebo nenhum crédito; pertence a Deus e aos Grandes que me enviaram. Mas minha alma se alegra, pois o canal é abençoado pelo que flui através dele.

4 João fala do "mistério das sete estrelas" e das "sete igrejas" (Apocalipse 1:20); esses símbolos referem-se aos sete centros astrais de luz na coluna vertebral. As imagens recônditas ao longo deste capítulo incompreendido da Bíblia são uma representação alegórica das revelações que vêm com a abertura destes centros de vida e consciência, o "livro selado com sete selos" (Apocalipse 5:1).

5 Mateus 6:22.

6 Ver I:4–6.

7 A forma substantiva da raiz sânscrita īksh, ou seja, īkshanam (discernir, ver, visualizar) significa, adicional e significativamente no contexto deste verso do Gita: olho.

Ikshvaku é um nome védico, aparecendo tanto no Rig Veda quanto no Atharva Veda; e embora seja traduzido com um i curto, existe uma licença védica reconhecida pela qual um ī longo pode se transformar em um i curto, como no caso de Ikshvaku.

Nos Upanishads, os derivados gramaticais de īksh implicam um estado de ver ou conhecer como uma consciência criativa onisciente. Isto é desenvolvido por Adi Shankaracharya em seu comentário sobre o Brahma Sutra (que é considerado a autoridade máxima no Vedanta) no qual ele cita, por exemplo: “Aquele (Brahman) viu, Que eu possa me tornar muitos…”. (Chandogya Upanishad VI:2:3); “No início, o Ser, na verdade, era um, apenas um… Ele viu, Deixe-me criar os mundos” (Aitareya Upanishad I:i.l). O “ver” é, portanto, esotericamente semelhante ao “dito” bíblico em Gênesis: “Deus disse: Haja luz…”; “Deus disse: Façamos o homem…” – referência à força vibratória inteligente enviada por Deus, que deu origem à criação.

Īksh, no seu significado como elemento raiz de Ikshvaku, não é, portanto, a visão comum, mas a consciência criativa onisciente do Ser Supremo, capaz de formar os vários estágios da criação. Esta consciência e energia divina inteligente manifesta-se no microcosmo do homem como o puro discernimento intuitivo e a força vibratória inteligente do olho astral, que é capaz de trazer a forma à manifestação, ou seja, de criar e capacitar o corpo físico do homem. (Nota do editor)

8 “Durante a década de 1960, pesquisadores nos Estados Unidos e na URSS exploraram a curiosa capacidade de algumas pessoas de detectar cor, luz e, ocasionalmente, até mesmo padrões através da pele….indivíduos que podiam 'ver' sem os olhos….Os investigadores começaram a treinar voluntários perceber as cores através das pontas dos dedos….Alegadamente, alguma medida da visão da ponta dos dedos poderia ser treinada em todas as crianças cegas nas quais o córtex visual

estivesse intacto. O nervo óptico não parece ser necessário para esta percepção, mas danos ao centro visual do cérebro a impedem….

"A visão sem olhos geralmente não é experimentada como visão normal, mas sim como uma sensação tátil ou de luz. Mesmo quando a pele está a vários centímetros do estímulo do teste, o sujeito treinado sente o que normalmente descreve como pegajosidade, aspereza, suavidade, frescor, calor, todos característicos de cores diferentes. Esta resposta é de alguma forma refinada em sensação visual genuína em alguns indivíduos que, ao longo de um período de tempo, começam a descrever tons sutis de cor e detalhes de imagens, e que podem ler material impresso através do novo sentido." — The Brain Revolution, de Marilyn Ferguson (Nova York: Bantam, 1973). (Nota do editor)

9 João 8:58.

10 A palavra sânscrita avatara significa "descida"; de ava, "para baixo" e tri, "passar". Nas escrituras hindus, avatara significa a descida da Divindade à carne.

11 Mateus 19:17.

12 João 1:12.

13 Atos 5:1–10.

14 Lucas 8:43–48.

15 Lucas 10:18.

16 Veja a explicação do desdobramento dos cinco koshas da ilusão pelos quais formas superiores de vida surgem (I:4, "Esses estágios de expressão…").

17 Ver I:1, "No princípio…" e XV:1, "Interpretação espiritual da história de Adão e Eva"; também o discurso perspicaz de Sri Yukteswar sobre a alegoria de Adão e Eva, registrado em Autobiography of a Yogi, Capítulo 16, "Outwitting the Stars". Embora a criação de formas de vida através do processo de evolução seja um fato, a criatura mais elevada do Senhor, o homem original, foi uma criação especial, materializada pela força da vontade de Deus. O Criador dotou a nova espécie humana com centros cerebrospinais de vida e consciência únicos, potencialmente capazes de expressar a Divindade. Nestes primeiros protótipos de corpos humanos, o

Senhor colocou almas iluminadas dos reinos causal e astral, e também transferiu almas que evoluíram para cima através de formas evolutivas inferiores. O corpo humano forneceu a estas almas um meio instrumental através do qual elas poderiam recuperar e manifestar plenamente a Imagem Divina na qual foram feitas.

18 Em 1995, as provas científicas datavam a Terra em cerca de cinco mil milhões de anos.

19 Além dos yugas, as escrituras hindus mencionam ciclos cósmicos chamados Dias e Noites de Brahma e Eras de Brahma (ver VIII:17–19). De acordo com Surya Siddhanta, todas as criaturas são destruídas no final do Dia de Brahma, embora a substância do universo não o seja. No final da Era de Brahma, entretanto, a própria matéria é devolvida ao Espírito. Outras fontes afirmam que o Dia de Brahma é o tempo de vida de um sistema solar, enquanto a Era de Brahma constitui o tempo de vida de todo o universo.

Em X:6, é feita referência a outro ciclo, o patriarcado ou manvantara (literalmente “outro Manu” ou “o intervalo de um Manu”), do qual as escrituras dizem que há quatorze em cada Dia de Brahma. O Surya Siddhanta e o Vishnu Purana afirmam que em cada patriarcado surge um novo Manu, que se torna, durante seu próprio período, o progenitor da humanidade. No final de cada manvantara ocorre um dilúvio, seguido por uma nova raça de humanos. (Nota do editor)

20 Jesus também falou do “caminho estreito”, referindo-se esotericamente à ascensão na meditação da força vital e da consciência através do portal na base da coluna (muladhara chakra) e da passagem estreita do sushumna: “Entrai pelo a porta estreita: porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que leva à perdição, e muitos são os que entram por ela; porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos ali seja aquele que o achar” (Mateus 7:13–14).

21 “Por religião, não quero dizer religião formal, ou religião consuetudinária, mas aquela religião que está subjacente a todas as religiões, que nos coloca face a face com o nosso Criador.

“Na verdade, a religião deveria permear cada uma de nossas ações. Aqui

religião não significa sectarismo. Significa uma crença no governo moral ordenado do universo. Não é menos real porque é invisível. Esta religião transcende o Hinduísmo, o Islamismo, o Cristianismo, etc. Não os substitui. Harmoniza-os e dá-lhes realidade.

"Meu hinduísmo não é sectário. Inclui tudo de melhor que sei ser o melhor no Islã, Cristianismo, Budismo e Zoroastrismo.

"As religiões são caminhos diferentes que convergem para o mesmo ponto. Que importa que tomemos caminhos diferentes, desde que alcancemos o mesmo objetivo?

"A necessidade do momento não é uma religião, mas o respeito mútuo e a tolerância dos devotos das diferentes religiões. Queremos alcançar não o nível morto, mas a unidade na diversidade. A alma das religiões é uma só, mas está envolta numa infinidade de formas. Este último persistirá até o fim dos tempos." — Mahatma Gandhi (Nota do Editor)

22 Ver nota 19 do capítulo VIII.

23 Veja também referências a "casta" – Brâmanes, Kshatriyas, Vaishyas e Sudras – em II:31, III:24 e XVIII:41–46.

24 "Parte do legado de Gandhi é a proteção que a constituição indiana oferece aos intocáveis", de acordo com The Economist, 8 de junho de 1991. Ratificada em 1950, a constituição da Índia abole a "intocabilidade" de casta e proíbe qualquer outra restrição às instalações públicas decorrentes da casta. Filiação. Os ex-párias ("intocáveis" – que Gandhi carinhosamente rebatizou de harijans, "filhos de Deus") "têm assentos reservados nas câmaras baixas das legislaturas central e estadual, uma cota de empregos públicos e lugares reservados em escolas e faculdades", O economista relatou.

Para remover as raízes malignas persistentes do preconceito de casta e raça dos corações dos homens e mulheres em todas as nações do mundo de hoje, é necessária uma maior compreensão espiritual, além de esforços legislativos. "Assim que aprendermos na meditação a amar a Deus", disse Paramahansa Yogananda, "amaremos toda a humanidade como amamos a nossa própria família. Aqueles que encontraram Deus através da sua própria Auto-realização – aqueles que realmente experimentaram Deus – só eles

podem amar a humanidade; não impessoalmente, mas como seus irmãos de sangue, filhos do mesmo Pai". (Nota do editor)

25 João 1:5.

26 Ou seja, referência à localização do lótus de mil pétalas no corpo astral, que no corpo físico corresponde à área do cérebro na região onde na fase fetal e nos bebês pequenos há uma abertura coberta por membrana no teto do crânio, chamado de fontanela frontal, e comumente referido como "ponto fraco". (No segundo ano de vida, a fontanela se transforma em osso, fechando a abertura do crânio.)

27 Da raiz sânscrita lip, "estar apegado a; manchar, manchar"; e na, "não".

28 Literalmente: abhi: "em, em direção a"; janati: "lembra ou recorda, sabe"; mãe: "Eu"; sim: "quem, quem quer que seja".

29 O significado de "inação", como sendo bastante distinto de ação errada, é elaborado nas estrofes seguintes.

30 "A música hindu é uma arte subjetiva, espiritual e individualista, que visa não o brilho sinfônico, mas a harmonia pessoal com a Superalma... Os sankirtans ou reuniões musicais [para canto devocional] são uma forma eficaz de yoga ou disciplina espiritual, necessitando de intensa concentração, absorção no pensamento e som da semente. Porque o próprio homem é uma expressão da Palavra Criadora, o som exerce sobre ele um efeito potente e imediato. A grande música religiosa do Oriente e do Ocidente confere alegria ao homem porque causa um despertar vibratório temporário de um de seus centros espinhais ocultos. Nesses momentos de felicidade, uma vaga lembrança de sua origem divina lhe vem" (Autobiografia de um Iogue).

Além da potência espiritual da música, o seu valor terapêutico como força de cura física e mental é conhecido desde a antiguidade – utilizada na antiga Índia, China, Tibete e outras culturas. Pitágoras no século VI a.C. usava melodias especiais para curar desarmonias específicas, como preocupação, tristeza, medo e raiva. Ele considerava o corpo físico um instrumento, imediatamente capaz de responder aos efeitos vibratórios do som.

Mais recentemente, médicos na América do Norte, Europa e Japão

começaram a aplicar o poder curativo da música. A Science Digest relatou em janeiro de 1982 que, em um experimento realizado em um hospital em Montreal, a música clássica funcionou tão bem como analgésico que muitos pacientes com câncer em estado terminal puderam ser completamente retirados dos analgésicos. Em todo o mundo, as instalações médicas estão a combinar esta nova "medicina" com formas convencionais de tratamento, descobrindo que a música é muito eficaz para diminuir a dor crónica, facilitar o parto, induzir o relaxamento para reduzir o stress, reduzir os riscos de pressão arterial elevada e acelerar a aprendizagem. .

Dorothy Retallack, em seu livro The Sound of Music and Plants (Marina del Rey, Califórnia: DeVorss & Co., 1976), relatou seu trabalho usando monitores de resposta galvânica da pele e traçando registros de crescimento de plantas sob diferentes ambientes sonoros. Suas plantas cresceram em direção aos alto-falantes e prosperaram quando expostas a certos tipos de música, e murcharam diante de outros tipos. Suas plantas pareciam responder positivamente à música clássica, especialmente à da Índia, mas recuavam fortemente ou morriam quando lhes tocava rock pesado.

Estudos demonstraram que a música instrumental lenta e pacífica, como os movimentos largo ou adágio das sonatas e sinfonias barrocas e clássicas, tem o efeito de diminuir a frequência cardíaca e a pressão arterial e reduzir a tensão muscular. Além disso, foi clinicamente comprovado que essa música induz as ondas cerebrais alfa características do relaxamento mental profundo. (Nota do editor)

31 João 17:4.

32 Yata-citta-ātmā: Lit., "sua alma tendo controlado seu coração (chitta)". Chitta é um termo abrangente para o agregado de matéria mental que produz a consciência inteligente, o poder do sentimento.

33 Lit.: yajñāya, "com o propósito de adoração sacrificial"; ācaratas, "lançar no fogo".

34 Referência aos sete vayus principais, correntes vitais, na coluna vertebral. (Veja mais explicações aqui.)

35 Apocalipse 8:2.

36 O Absoluto unido à Sua Inteligência Criativa, Maha-Prakriti, torna-se

Ishvara, o Governante Cósmico, Deus, o Pai da Criação, o Sonhador Universal Causal, por cuja vontade divina os universos evoluem e se dissolvem em ciclos ordenados. Ishvara é, portanto, ao mesmo tempo transcendente e imanente – além da manifestação vibratória e ativo através de Maha-Prakriti na produção das formas causais primordiais de todos os devires.

37 As escrituras hindus referem-se a Kutastha Chaitanya como uma oitava divindade, enquanto as escrituras cristãs, referindo-se a sete, equiparam a Consciência Crística a Deus ou Consciência Cósmica – o Espírito indiferenciado dentro da criação e além da criação sendo essencialmente um e o mesmo.

38 Respondendo à pergunta de um jornalista sobre as práticas tântricas, Paramahansaji disse em 1951:

"Todos eles originalmente tinham algo de bom neles, quando corretamente entendidos em sua pura forma bíblica; mas, tal como são praticados hoje, são na sua maioria maus, porque defendem métodos fantásticos que não são adequados ao homem comum. Alguns tantrikas que conhecem as palavras-semente espirituais, os mantras vibratórios, pelos quais podem sintonizar a sua consciência para ter visões de divindades (personificações dos poderes divinos de Deus), e daí finalmente comungar com Deus, são muito bons; mas os tântricos que se entregam ao sexo, ao vinho e às práticas malignas não são bons….

"Os iogues geralmente condenam esse caminho, pois a maioria dos buscadores apenas encontra nele uma desculpa para satisfazer seus instintos e desejos mais básicos, em vez de alcançar o autocontrole. O caminho da renúncia interior e da meditação científica para o contato com Deus como Bem-aventurança defendido pelo Bhagavad Gita é o caminho supremo."

39 Ver comentário em III:11–12.

40 O Yoga faz uma distinção entre poderes sensoriais e objetos sensoriais. Os poderes sensoriais são visão, audição, olfato, paladar e tato. Os objetos sensoriais correspondentes são forma e cor (rupa), som (shabda), odor (gandha), sabor (rasa) e tangibilidade ou sensação de toque (sparsha). O objetivo do indivíduo disciplinado é neutralizar a capacidade escravizadora

dos sentidos, oferecendo os objetos dos sentidos ao uso autocontrolado dos poderes dos sentidos.

41 Lucas 12:29–31.

42 O Gita não aconselha que toda pessoa casada que busca a Deus deva tornar-se imediatamente celibatária. Como Paramahansa Yogananda explica em seu comentário sobre XVIII:60: “A arte de domar as próprias tendências naturais não consiste na aplicação de força bruta fútil, mas em passos psicofísicos graduais”. Os conselhos de Paramahansa Yogananda sobre este e outros aspectos da vida conjugal ideal são apresentados nas Lições da Self-Realization Fellowship e na literatura relacionada da Self-Realization Fellowship. (Nota do editor)

43 Eugene Sandow (1867–1925), conhecido como “o homem mais forte do mundo”.

44 Um grande discípulo de Lahiri Mahasaya, Ram Gopal Muzumdar era conhecido como o “santo insone” – aquele que estava sempre acordado em consciência extática. Dando apenas manutenção e sustento simbólicos ao seu corpo, ele passou sua vida isolada em meditação ininterrupta de dezoito a vinte horas diárias. O encontro de Paramahansa Yogananda com o santo ocorreu quando Paramahansaji era um menino que não havia saído do ensino médio, empenhado em sua busca por Deus. Quando ele pediu ao santo extático que lhe concedesse a experiência de samadhi do Divino, Ram Gopal respondeu: “Querido, eu ficaria feliz em transmitir o contato divino, mas não é minha função fazê-lo. Seu mestre [Swami Sri Yukteswar] concederá essa experiência a você em breve. Seu corpo ainda não está sintonizado.” Somente alguns dias depois Sri Yuktéswar deu ao seu jovem chela a bênção do samadhi. A história é totalmente contada na Autobiografia de um Iogue, “The Sleepless Saint”. (Nota do editor)

45 Uma tradução paráfrase; veja V:27–28 para tradução literal.

46 “Quando a respiração para sem esforço, sem rechaka (exalação) ou puraka (inalação), isso é chamado Kevala Kumbhaka.” — Hatha-Yoga Pradipika II:73.

“O aspirante que consegue realizar Kevali Kumbhaka é o único verdadeiro conhecedor do Yoga.” — Gheranda Samhita V:95.

“Aquele que é adepto de Kevala Kumbhaka, que não tem rechaka e puraka, não tem nada inatingível nos três mundos.” — Siva Samhita III:46–47.

47 I Coríntios 15:31.

48 “E aconteceu que, enquanto eles [Elias e Eliseu] continuavam andando e conversando, eis que apareceu uma carruagem de fogo e cavalos de fogo e separou-os; e Elias subiu ao céu num redemoinho… e não o viu mais” (II Reis 2:11, 12).

49 Ver III:13, “Kriya liberta o homem das leis corporais que governam os seres mortais.”

50 Veja referência a “comida comida de quatro maneiras”, XV:14.

51 A teoria e a prática do jejum são explicadas detalhadamente por Paramahansa Yogananda nas Lições da Self-Realization Fellowship e em Man’s Eternal Quest (ver “Outros livros de Paramahansa Yogananda”). Pessoas com boa saúde não deverão ter dificuldade em jejuar durante três dias; jejuns mais longos devem ser realizados apenas sob supervisão experiente. Qualquer pessoa que sofra de uma doença crônica ou de um defeito orgânico deve aplicar as recomendações dietéticas e de saúde aqui oferecidas somente mediante orientação de um médico. (Nota do editor)

52 Evidências da ligação entre o consumo de carne vermelha e o câncer em humanos foram apresentadas pelo Dr. Alan Boobis, da Royal Postgraduate Medical School, em Londres, em 6 de abril de 1995. Ele disse em uma reunião da Sociedade Bioquímica Britânica que a carne vermelha contém compostos que poderiam ser tóxico para os humanos.

“Sabemos, através de estudos epidemiológicos, que o consumo de carne vermelha cozida está associado ao desenvolvimento de cancro do intestino”, disse Boobis. “As razões para esta associação não são conhecidas, mas constatou-se que durante o processo de cozimento, a ação do calor sobre os componentes naturais da carne resulta na formação de um grupo de compostos conhecidos como HAs (aminas heterocíclicas) que podem causar mutação celular.”

A pesquisa mostrou que os compostos de HA são tóxicos para o DNA – o bloco de construção molecular das formas de vida – e demonstraram causar

câncer em animais, de acordo com o Dr.

Um estudo de 12 anos, publicado no British Medical Journal (junho de 1994), comparou 6.000 vegetarianos com 5.000 carnívoros, e descobriu que aqueles com uma dieta sem carne tinham um risco 40% menor de morrer de cancro. Estes resultados não puderam ser explicados por diferenças nos hábitos tabágicos, peso corporal ou outros factores de risco. Em 1992, o Instituto Nacional do Câncer (EUA) publicou uma revisão de 156 estudos específicos sobre como vários alimentos influenciam as doenças. Destes estudos, 82 por cento mostraram que "as evidências entre o consumo de frutas e vegetais e a prevenção do cancro são excepcionalmente fortes e consistentes". (Nota do editor)

53 À medida que os físicos modernos descrevem princípios e estruturas universais em equações matemáticas, os antigos rishis usavam diagramas e símbolos para representar de forma concisa as complexidades das atividades macrocósmicas e microcósmicas da Natureza.

54 João 6:44.

55 "A verdade é uma joia que se encontra em grande profundidade; enquanto na superfície deste mundo, todas as coisas são pesadas pela falsa balança dos costumes."

56 O grande cientista horticultor Luther Burbank, um estudante dedicado e querido amigo de Paramahansa Yogananda, comentou certa vez que suas melhorias bem-sucedidas de características em numerosas espécies de plantas "me fizeram ver a praticidade e o valor de ajudar os homens a transformar hábitos prejudiciais em bons. . Algumas melhorias nas instalações, iniciadas há duas décadas, ainda estão incompletas. Devemos ser igualmente pacientes em nossos esforços para melhorar a nós mesmos.

"Se incutirmos um hábito novo e útil…não devemos concluir que o nosso trabalho é desperdiçado porque é dominado por uma tendência maligna profundamente estabelecida. Não desistimos se uma planta voltar a um estágio inferior. Hábitos, até mesmo fortes tendências hereditárias, podem ser quebrados – isso é do conhecimento de todos os criadores de plantas. Quando mudo uma planta em algum aspecto importante, devo quebrar as forças que a conduziram ao longo de uma determinada linha durante

milhares de anos... Os hábitos humanos são coisas fracas em comparação com os das plantas. Sabendo que tremendas transformações podem ser operadas nas plantas, como pode um homem dizer fracamente que não consegue vencer um hábito pernicioso que o prende há apenas alguns anos?” (Nota do editor)

57 Ver influência dos samskaras, I:2 e I:7–8.

58 Ver II:39.

59 Veja I:4, Yuyudhana.

60 Filipenses 4:7.

61 “Nossas dúvidas são traidoras
E nos faça perder o bem que muitas vezes poderíamos ganhar,
Por medo de tentar.”

OceanoofPDF. com

—Shakespeare: Medida por Medida, I:4.

Capítulo V: Liberdade através da Renúncia Interior

1 Ver III:22.

2 Salmos 46:10. “Você não precisa ir ao céu para ver Deus; nem é preciso falar alto, como se Deus estivesse longe; nem é preciso clamar por asas como uma pomba para voar até Ele. Apenas fique em silêncio e você encontrará Deus dentro de você.” – Santa Teresa de Ávila

3 Veja também III:3 definindo o caminho da sabedoria (Sankhya discriminativo, ou Jnana Yoga) e o caminho da ação espiritual e meditativa (Karma Yoga), e como os dois se unem como um.

4 Ravidas, poeta místico da Índia do século XV.

5 Os tubos astrais são compostos da forma mais fina ou mais sutil de energia vital, “lifetrons” – elétrons e prótons feitos de prana. O brahmanadi causal é um canal ainda mais sutil de “pensamentos”, a consciência vibratória – o tecido tenaz no qual os padrões do universo e do ser do homem estão impressos. (Veja “Fisiologia do Yoga dos Corpos Astral e Causal” no Capítulo I.)

6 Asanas são posturas destinadas a relaxar os nervos comprimidos, purificar e fortalecer a força vital e tornar o corpo flexível e resistente para suportar longas meditações.

Mudras usados na ioga são posturas combinadas com o controle da respiração para estimular a corrente vital a fluir de volta dos sentidos para o cérebro.

7 Salmos 94:9–10.

8 Efésios 2:10.

9 Gálatas 6:7–9.

10 Mateus 6:13.

11 Apocalipse 3:12.

12 Ver referências à meditação em Aum, VI:14.

13 Décadas depois de Paramahansa Yogananda ter escrito este comentário, cada vez mais descobertas da física moderna tendem a confirmar a verdade literal da antiga cosmologia da unidade da Índia. Michael Talbot escreve em The Holographic Universe (Nova York: Harper Collins, 1991):

"Há evidências que sugerem que o nosso mundo e tudo o que nele existe – desde flocos de neve a árvores de bordo, a estrelas cadentes e elétrons em rotação – também são apenas imagens fantasmagóricas, projeções de um nível de realidade tão além do nosso que está literalmente além do espaço e do espaço. tempo.

"[Um dos] principais arquitetos dessa ideia [é] o físico David Bohm da Universidade de Londres, um protegido de Einstein e um dos físicos quânticos mais respeitados do mundo…. Uma das afirmações mais surpreendentes de Bohm é que a realidade tangível do nosso cotidiano vidas é realmente uma espécie de ilusão, como uma imagem holográfica. Subjacente a isso está uma ordem mais profunda de existência, um nível vasto e mais primário de realidade que dá origem a todos os objetos e aparências do nosso mundo físico, da mesma forma que um pedaço de filme holográfico dá origem a um holograma. Bohm chama esse nível mais profundo de realidade de ordem implícita (que significa "envolvida"), e ele se refere ao nosso próprio nível de existência como a ordem explicada, ou desdobrada….

"O mais surpreendente de tudo são as ideias totalmente desenvolvidas de Bohm sobre a totalidade. Como tudo no cosmos é feito do tecido holográfico contínuo da ordem implícita, ele acredita que é tão sem sentido ver o universo como composto de "partes", quanto ver os diferentes gêiseres em uma fonte como separados do universo. água da qual eles fluem….

"Esta é uma sugestão profunda. Na sua teoria geral da relatividade, Einstein surpreendeu o mundo quando disse que o espaço e o tempo não são entidades separadas, mas estão suavemente ligados e fazem parte de um todo maior que chamou de continuum espaço-tempo. Bohm leva essa ideia

um passo gigantesco adiante. Ele diz que tudo no universo faz parte de um continuum. Apesar da aparente separação das coisas no nível explícito, tudo é uma extensão contínua de tudo o mais e, em última análise, até mesmo as ordens implícitas e explicadas se misturam umas com as outras... Um enorme 'algo' [estendeu] seus incontáveis braços e apêndices a todos os objetos aparentes, átomos, oceanos agitados e estrelas cintilantes no cosmos.

"Bohm adverte que isso não significa que o universo seja uma massa gigante indiferenciada. As coisas podem fazer parte de um todo indiviso e ainda assim possuir suas próprias qualidades únicas. Para ilustrar o que ele quer dizer, ele aponta para os pequenos redemoinhos e redemoinhos que muitas vezes se formam num rio. À primeira vista, esses redemoinhos parecem ser coisas separadas e possuem muitas características individuais, como tamanho, taxa e direção de rotação, etc. Mas um exame cuidadoso revela que é impossível determinar onde termina um redemoinho e começa o rio." (Nota do editor)

14 Swami Shankara, em Lakshminrisimha Stotra.

15 João 2:19.

16 João 1:1, 3.

17 Gênesis 1:3.

18 "Entre os trilhões de mistérios do cosmos, o mais fenomenal é a luz", escreveu Paramahansaji em Autobiografia de um Iogue. Albert Einstein comentou em 1951: "Todos os cinquenta anos de reflexão consciente não me trouxeram mais perto da resposta à pergunta: O que são quanta de luz? É claro que hoje todo malandro pensa que sabe a resposta, mas está se iludindo." Meio século depois, o físico Arthur Zajonc, Ph.D., do Amherst College, reconheceu que a ciência ainda carecia de uma compreensão completa. Ele escreveu em Catching the Light: The Entwined History of Light and Mind (Nova York: Bantam Books, 1993): "A teoria quântica elaborou uma nova teoria da luz que todos os grandes físicos modernos, de Albert Einstein a Richard Feynmann, lutaram para compreender— sem sucesso, como eles próprios perceberam… Apesar de todo o poder, precisão e beleza da óptica quântica, ainda não sabemos o que é a luz."

Na vanguarda da teoria quântica, contudo, alguns cientistas estão a começar a descrever a luz (ondas electromagnéticas que se movem através do espaço governado pelas leis da física quântica) como o fenómeno que faz a mediação da consciência (informação) na matéria (forma).

“A luz dá estrutura à matéria?” perguntou um artigo no Brain/Mind Bulletin, 11 de julho de 1983. “Recentemente, o Dr. David Bohm, professor de física na Universidade de Londres, falou da matéria como 'a massa congelada é um fenômeno de conexão de raios de luz que remontam'. e para frente, congelando-se em um padrão. Portanto, a matéria é luz condensada, movendo-se a velocidades médias mais lentas que a velocidade da luz. Bohm disse: “Em seu sentido generalizado, a luz é o meio pelo qual todo o universo se desdobra em si mesmo. É energia, informação, conteúdo, forma e estrutura. É o potencial de tudo.’”

“Se o nosso universo é apenas uma sombra pálida de uma ordem mais profunda, o que mais está escondido, envolto na urdidura e na trama da nossa realidade?” pergunta Michael Talbot em The Holographic Universe (Nova York: Harper Collins, 1991). “[O físico David] Bohm tem uma sugestão. De acordo com a nossa compreensão atual da física, cada região do espaço está repleta de diferentes tipos de campos compostos por ondas de comprimentos variados. Cada onda sempre tem pelo menos alguma energia. Quando os físicos calculam a quantidade mínima de energia que uma onda pode possuir, descobrem que cada centímetro cúbico de espaço vazio contém mais energia do que a energia total de toda a matéria do universo.

“Alguns físicos recusam-se a levar este cálculo a sério e acreditam que de alguma forma deve estar errado. Bohm pensa que este oceano infinito de energia existe e nos conta pelo menos um pouco sobre a natureza vasta e oculta da ordem implícita. Ele sente que a maioria dos físicos ignora a existência deste enorme oceano de energia porque, tal como os peixes que desconhecem a água em que nadam, foram ensinados a concentrar-se principalmente nos objectos incrustados no oceano, na matéria.”

“Uma das características da eletrodinâmica quântica foi uma nova compreensão do vácuo, do vazio”, escreve Arthur Zajonc. “Onde antes o

vácuo era entendido como puro vazio – sem matéria, sem luz, sem calor – agora havia uma energia residual oculta… Depois de remover toda a matéria e toda a luz do espaço, resta uma energia infinita." (Nota do editor)

19 Mateus 4:4.

20 Mateus 6:22.

21 Quando Paramahansa Yogananda apresentou esta metáfora hipotética, era necessário adicionar regularmente água às baterias molhadas para substituir aquela que se perdia na evaporação. As baterias seladas desenvolvidas mais recentemente, comuns à maioria dos usuários hoje, não requerem essa substituição de água. (Nota do editor)

22 Instruções detalhadas sobre as técnicas reais de Kriya Yoga são dadas aos alunos das Lições da Self-Realization Fellowship que preenchem os requisitos de certas disciplinas espirituais preliminares. (Nota do editor)

23 Swami Shankara, Sivananda Lahari 9:59–61.

Capítulo VI: Abrigo Permanente no Espírito Através da Meditação Yoga

1 Ver IV:24, para o significado simbólico da cerimónia religiosa do fogo da Índia: a purificação do ego no fogo da autodisciplina e a oblação final de unir a alma purificada com a chama eterna do Espírito.

2 Mateus 19:29.

3 Homens e mulheres solteiros, livres de obrigações familiares e que tenham um desejo sincero de dedicar-se obstinadamente a encontrar Deus e servi-Lo como monges ou freiras da Ordem Monástica da Self-Realization Fellowship, são bem-vindos para entrar em contato com a Sede da SRF para informações sobre a vida em um ashram da Self-Realization Fellowship. (Nota do editor)

4 Ioga Sutras I:2. (Veja o comentário em II:57.)

5 Ver IV:29, "Verdadeiro kumbhaka…."

6 No embrião humano, à medida que a parte posterior da língua se

desenvolve (na garganta), ela se estende para frente na forma de um “V” (isto é, “bifurcada”), de modo a abraçar entre seus dois ramos a parte frontal da língua. língua (na boca).

7 “O mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas; e os sete castiçais que viste são as sete igrejas” (Apocalipse 1:20).

8 Ver I:11, comentário expandido, sobre o papel do ego na consciência do homem e como esse ego se torna espiritualizado.

9 Atmabodha Upanishad II:21.

10 Yata-citta-ātmā: Ver nota de rodapé 32 do Capítulo IV.

11 Mateus 18:20.

12 Ver I:21, “A colocação da carruagem...”, referindo-se aos três “caravançarai intuitivos” ou “pontos de parada” na coluna vertebral – sendo o centro dorsal ou cardíaco o do meio.

13 Isto é, bifurcado em duas seções – ver VI:3, “O centro medular…”.

14 Isto é, o olho astral da luz e da força vital, inerente ao qual está o olho causal da intuição. Veja IV:1–2, “Energia Cósmica Onipresente….”

15 Mateus 10:29.

16 “Eu (a Consciência Crística universal em Jesus) sou o caminho, a verdade e a vida: nenhum homem vem ao Pai (fusão no Espírito além da criação), mas por mim (ascensão através da Consciência Crística onipresente na criação)” (João 14:6).

17 João 1:1.

18 João 14:26.

19 Apocalipse 1:10.

20 “Mergulhe naquele Oceano de doçura: assim deixe todos os erros da vida e da morte fugirem.

Veja como ali se sacia a sede dos cinco sentidos! e as três formas de miséria não existem mais!

Kabir diz: ‘É o esporte do Inatingível: olhe para dentro e veja como os raios lunares daquele Oculto brilham em você.

Cai a batida rítmica da vida e da morte:

O êxtase brota e todo o espaço fica radiante de luz.

Ali soa a Música Não Tocada; é a música do amor dos três mundos.’”

—Cem Poemas de Kabir, traduzido por Rabindranath Tagore (Londres: Macmillan, 1915). (Nota do editor)

21 Veja “Estágios da Meditação Interiorizada” no Capítulo I.

22 Bhukailash, “morada dos deuses na terra”, em Kidderpore é considerado por muitos como um local sagrado e auspicioso, frequentado por sadhus e homens santos. A propriedade Bhukailash, enorme em sua época, foi construída em 1782 pelo piedoso Maharaja Joy Narayan Ghosal. Desde a sua época até o presente, festivais religiosos são celebrados ali durante todo o ano para homenagear as principais divindades.

Incidentes notáveis, a menos que tenham sido pesquisados e documentados cientificamente, tendem rapidamente a atingir proporções lendárias. Embora o evento dos sadhus Bhukailash desenterrados (como passaram a ser conhecidos) não tenha documentação autenticada atualmente disponível, fragmentos da história sobreviveram e foram transmitidos às gerações seguintes da família Ghosal. As indicações são de que o evento ocorreu em algum momento entre meados da década de 1850 e início da década de 1860, e que os príncipes envolvidos foram Sri Satya Charan, Sri Satya Saran, Sri Satya Prasanna e Sri Satya Bhakta Ghosal. Da geração atual, Sri Satya Harish e Sri Satya Dilip Ghosal (dois dos atuais administradores da propriedade de Bhukailash) confirmam que o incidente recordado pelo pai de Paramahansaji é semelhante às informações que ouviram dos mais velhos. Eles também conjecturaram se poderia ser significativo em relação aos sadhus que o atual tanque de água da propriedade tivesse sete furos, semelhantes a poços; e que é um fenômeno comumente conhecido que o nível da água no tanque permanece sempre o mesmo durante todo o ano, tanto no inverno quanto no verão.

Vários artigos e livros, incluindo O Evangelho de Sri Ramakrishna (de Mahendra Nath Gupta – Mestre Mahasaya) fazem referência a um sadhu exumado em samadhi que foi levado para a propriedade Bhukailash. Não está claro se algum destes relatos, semelhantes em detalhes, pode fazer referência ao mesmo incidente, ou se se referem a um ou mais eventos não relacionados. O pai de Paramahansaji, que na época seria um menino,

lembrou que os santos eram sete – outros relatos referem-se apenas a um ou dois sadhus, e também variam em outros detalhes, como a data do evento. O fato subjacente da capacidade dos iogues talentosos de manter em samadhi um período indefinido de animação suspensa é afirmado em vários relatos. (Nota do editor)

23 Em seu livro Trinta e cinco anos no Oriente, o Dr. John Martin Honigberger, médico da Corte de Lahore, na Índia, escreve sobre os feitos de Sadhu Haridas, que ele reuniu a partir de relatos de testemunhas oculares. O faquir foi enterrado no subsolo durante quarenta dias, numa experiência controlada — observada de perto e guardada — em 1837, sob os auspícios do marajá Ranjit Singh, do Punjab. Sua subsequente desenterramento e renascimento foram testemunhados por muitos dignitários da corte, juntamente com notáveis ingleses. (Em um teste anterior conduzido por Raja Dhyan Singh em Jammu, Caxemira, Sadhu Haridas teria permanecido enterrado por quatro meses.)

Seguindo seu relato detalhado do evento Sadhu Haridas, o Dr. Honigberger acrescenta: “É relatado que duzentos e cinquenta anos atrás, na época do Guru Arjun Singh, um faquir iogue foi encontrado em seu túmulo em postura sentada, em Amritsar. , e foi restaurado à vida. Diz-se que este faquir esteve abaixo do solo durante cem anos; e quando reviveu, relatou muitas circunstâncias relacionadas com a época em que viveu. Se esta tradição é verdadeira ou falsa, é impossível dizer; mas sou da opinião que aquele que consegue passar quatro meses abaixo do solo [referência a Sadhu Haridas] sem se tornar vítima da corrupção, também pode permanecer lá por um ano. Admitindo isto, é impossível fixar um limite para o tempo durante o qual a suspensão das funções vitais pode continuar, sem prejuízo do seu poder posterior.

“Por mais paradoxal ou absurda que esta afirmação possa parecer, e por mais persuadido que eu esteja de que muitos leitores, acreditando ser um homem sábio, sorrirão diante da relação, não posso, no entanto, deixar de confessar abertamente que não rejeito inteiramente todos os detalhes dados a respeito da circunstância, pois Haller observa: 'No interior da natureza nenhum mortal pode penetrar; feliz é aquele que conhece uma pequena

parte, até mesmo de sua superfície.’ Encontramos muito crédito dado a tais fenômenos nas tradições mais antigas. Quem não se lembrará da história de Epimênides de Creta, que, após um sono de quarenta anos numa gruta, teria reentrado novamente no mundo do qual estivera separado por tanto tempo? Quem não se lembrará também dos sete santos adormecidos que, segundo um manuscrito do Vaticano, foram escondidos numa gruta perto de Éfeso para escapar às perseguições dos cristãos durante o reinado do imperador Décio; e quem, 155 anos depois, na época de Teodósio II, voltou à consciência? Mas mesmo rejeitando estas tradições, não temos também exemplos semelhantes no reino animal? Não foram detectados animais, especialmente sapos, nas rochas, onde, segundo os cálculos efectuados, estiveram encerrados durante vários séculos em estado de sono ou torpor, e cujos animais, depois de terem sido levados ao ar, recuperaram a sua vitalidade.” — Trinta e cinco anos no Oriente (Londres: H. Bailliere, 1852).

Um relato em primeira pessoa da façanha de Sadhu Haridas pode ser encontrado em “On the Voluntary Trance of Indian Fakirs”, em The Monist (1900, Vol. 10, páginas 490 e seguintes). Mais recentemente, The American Heart Journal (agosto de 1973, Vol. 86, página 282) e The Indian Journal of Medical Research (novembro de 1973, Vol. 61, página 1645) relataram uma demonstração semelhante da capacidade de um iogue de permanecer em animação suspensa por dias seguidos. (Nota do editor)

24 João 14:12.

25 Ver I:15–18 para referências definitivas a samprajnata e asamprajnata samadhi.

26 Ao pressionar os polegares sobre os tragos das orelhas, as aberturas são bloqueadas, impedindo a entrada de sons.

27 Literalmente, “ele está livre de todas as impurezas”. Diz-se que o próprio iogue está livre de todas as impurezas quando primeiro as atividades da mente e suas paixões são acalmadas pela concentração e, assim, libertadas da mácula das dualidades.

28 Significativamente, a palavra sânscrita rajas usada nesta estrofe para significar “paixão” é a mesma palavra usada para o aspecto ativador de triguna, as três qualidades operantes na natureza: sattva, rajas e tamas. Tudo

o que é “ativador” na natureza tem como essência o guna de rajas.

29 “Quando há dualidade por causa da ignorância, vê-se todas as coisas como distintas do Ser. Quando tudo é conhecido como o Eu, nem mesmo um átomo é visto como diferente do Eu... Assim que o conhecimento da Realidade surgir, não poderá haver frutos de ações passadas a serem experimentados, devido à irrealidade do corpo. , assim como não pode haver sonho após o despertar.” – Swami Shankara (Nota do Editor)

30 Referência aos dois caminhos citados no primeiro verso deste capítulo, nos quais o iogue foi descrito como aquele que segue principalmente o caminho da meditação extática para a união com Deus; e o renunciante como aquele que segue o caminho da renúncia interior, realizando ações obedientes e meditativas, mas sem apego ou desejo por seus frutos. O iogue meditativo que não é apegado e o devoto ativo da renúncia interior que medita são ambos iogues ideais, buscando um caminho para a união com Deus. O presente versículo aborda o destino desses iogues que não foram totalmente bem-sucedidos em seus empreendimentos.

31 Mateus 7:7.

32 João 14:2.

33 Veja também X:30, “Deus é a Consciência Eterna…”. Os cientistas estimam que existam cerca de 100 mil milhões de galáxias no universo observável. A Terra pertence à Via Láctea, que compreende aproximadamente 300 mil milhões de estrelas, uma das quais é o nosso próprio Sol. Acredita-se que em todo o universo observável existam impressionantes bilhões de trilhões (10 21) de estrelas.

Neste momento, os cientistas só podem especular sobre quantas destas estrelas poderão ter planetas capazes de sustentar vida. Uma discussão interessante sobre as possibilidades, baseada no raciocínio lógico dedutivo, foi apresentada pelo famoso autor científico Dr. Isaac Asimov em seu livro Civilizações Extraterrestres (Nova York: Crown Publishers, 1979): “Afinal, a existência de inteligência é não é uma questão de probabilidade próxima de zero, já que existimos. E se for uma probabilidade próxima de zero, considerando que a probabilidade próxima de zero para cada um de um bilhão de trilhões de estrelas torna quase certo que em algum lugar entre

elas exista inteligência e até mesmo civilizações tecnológicas. Se, por exemplo, a probabilidade fosse de apenas uma em um bilhão de que perto de uma determinada estrela existisse uma civilização tecnológica, isso significaria que no universo como um todo existiriam um trilhão de civilizações diferentes.”

Em 1995, observações do recém-lançado Telescópio Espacial Hubble forneceram muitas informações novas sobre a formação de estrelas e planetas. De acordo com Jeff Hester, astrônomo da Universidade Estadual do Arizona, citado na revista Time (19 de junho de 1995), as novas observações “adicionam uma pista importante ao já forte argumento circunstancial de que os planetas são a regra e não a exceção na Via Láctea. Isso não prova que existam extraterrestres no cosmos, mas torna a sua existência mais plausível.” (Nota do editor)

34 Em 1969, vinte anos após a escrita desta passagem, o homem deu os primeiros passos na Lua; nasceu a viagem da era espacial. (Nota do editor)

35 Muitos anos depois de Paramahansa Yogananda ter feito esta afirmação, os cientistas encontraram microrganismos chamados arqueobactérias hipertermofílicas numa variedade de ambientes de alta temperatura, anteriormente considerados incapazes de sustentar vida – incluindo a zona activa de vulcões em erupção (Nature, 10 de Maio de 1990) e em o calor extremo das fontes termais do fundo do mar. O limite superior de temperatura em que tais organismos podem sobreviver ainda não foi determinado. (Nota do editor)

36 Ioga Sutras I:20–21. Veja comentários detalhados no Gita I:4–6.

37 “A filosofia cortará as asas de um anjo.” — Keats, Lamia

38 Um asceta; aquele que pratica austeridades religiosas (como disciplina física e mental ou renúncia a bens).

39 Um jnana yogi, ou seguidor do caminho da sabedoria.

40 Um karma iogue, ou seguidor do caminho da ação.

41 Ver IV:29, “Kriya Yoga é referido….”

42 Alguns comentaristas intitulam este capítulo “Atmasamyamayoga” – “União através do Autodomínio”. (Nota do editor)

Capítulo VII: A Natureza do Espírito e o Espírito da Natureza

1 Ver XVIII:56.

2 Ver comentário em VI:14.

3 “Eles cantaram sobre Ele como infinito e inatingível: mas eu, em minhas meditações, O vi sem visão.

> Esta é a Palavra Suprema: mas alguém pode expressar seu sabor maravilhoso? Quem já o saboreou uma vez sabe a alegria que pode proporcionar.
>
> Kabir diz: ‘Sabendo disso, o homem ignorante torna-se sábio, e o homem sábio fica mudo e silencioso,
>
> O adorador está totalmente embriagado,
>
> Sua sabedoria e seu desapego são aperfeiçoados;
>
> Ele bebe do cálice da inspiração e da expiração do amor.’”
>
> —Cem Poemas de Kabir, traduzido por Rabindranath Tagore (Londres: Macmillan, 1915)

4 Sr. James J. Lynn, um magnata dos negócios que se fez sozinho, a quem Paramahansa Yogananda se referiu como um santo em reconhecimento ao seu grande avanço espiritual. Em 1951, Paramahansaji conferiu-lhe o título monástico e o nome de Rajarsi Janakananda (em homenagem ao ilustre rishi Rei Janaka da Índia). Rajarsi foi o primeiro sucessor de Paramahansa Yogananda, servindo de 1952 a 1955 como presidente e chefe espiritual representativo da Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of India. Rajarsi foi sucedido por Sri Daya Mata. (Nota do editor)

5 James Russell Lowell, “A Visão de Sir Launfal”.

6 A ciência já nomeou e definiu mais de uma centena desses elementos. (Nota do editor)

7 Ver referência ao ego astral e causal em relação à alma, I:8.

8 Isaías 45:22.

9 Ver I:21–22, “Polaridade entre os centros cóccix, dorsal e medular-Cristo”.

10 Veja II:3, “A Voz Interior diz...”

11 O Rubaiyat de Omar Khayyam, quadra XLV, traduzido por Edward FitzGerald. A interpretação espiritual de Paramahansa Yogananda deste clássico poético, Vinho do Místico, é publicada pela Self-Realization Fellowship, Los Angeles.

12 “O Senhor me possuiu no início de Seu caminho, antes de Suas obras antigas. Fui estabelecido desde a eternidade, desde o princípio, ou desde que a terra existiu” (Provérbios 8:22–23).

13 Ver XVI:19–20.

14 Artharthi, lit., “aquele que tem um forte desejo de atingir seu objetivo ou objetivo”; isto é, aquele que anseia pelo poder da realização no presente e no futuro.

15 Mateus 6:33.

16IV:11.

17 Mateus 10:29.

18 “Pessoas como nós, que acreditam na física”, disse Einstein, “sabem que a distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão teimosamente persistente.” (Nota do editor)

19 Ver referência a moha, I:9.

20 Chetas, o sentimento ou consciência que é a soma da consciência existente e operante no homem. O significado dos termos Adhibhuta, Adhidaiva e Adhiyajna (e Adhyatma de VII:29) são elaborados em VIII:1–4.

Capítulo VIII: O Absoluto Imperecível: Além dos Ciclos de Criação e Dissolução

1 O visarga é um símbolo na gramática sânscrita que consiste em dois pontos perpendiculares (:) e é expresso por uma forte aspiração audível de “h”. Os vários símbolos gramaticais (como o visarga), bem como cada uma das letras do alfabeto sânscrito, representam pelos seus sons uma força

vibratória específica. (Ver I:21–22, “Polaridade entre os centros cóccix, dorsal e medular-Cristo”.) Os poderes vibratórios dos sons alfabéticos são parte integrante das atividades dos raios da vida e da consciência das “pétalas” dos mil -lótus de pétalas (sahasrara); diz-se que a vibração visarga está no topo do Brahmarandhra, a porta de entrada para o Espírito - e, inversamente, a porta através da qual o Espírito desce para o corpo. A palavra visarga deriva de vi, “divisão, divisão em duas partes”, e sarga, “criação primária; a criação do mundo.” O símbolo gramatical visarga com seus dois pontos de dualidade, e a própria palavra, referem-se, portanto, à vibração Aum, que através da dualidade e da lei do carma ou ação cria uma infinidade de formas do Espírito Único, e resolve novamente as muitas no Um.

2 Veja IV:25.

3 Ibidem.

4 Ibidem.

5 Provérbios 23:7.

6 Ver Autobiografia de um Iogue, final do Capítulo 36.

7 Apocalipse 1:5.

8 João 14:6.

9 Apocalipse 2:26, 28.

10 Uma visão médica da morte paralela àquela há muito conhecida pelos iogues está emergindo como resultado da pesquisa científica. Entre os estudos mais abrangentes estão os de Raymond Moody, M.D.; Karlis Osis, Ph.D., e Erlendur Haraldsson, Ph.D.; e Kenneth Ring, Ph.D. Ao comparar milhares de descrições dadas por pacientes moribundos momentos imediatamente antes de falecerem, e por pessoas que foram reanimadas após um estado de morte clínica temporária, estes e outros médicos das principais universidades e centros de investigação médica identificaram um padrão consistente nestas situações. chamadas de “experiências de quase morte”.

“Apesar da grande variação nas circunstâncias que cercam os perigos da morte e nos tipos de pessoas que os enfrentam”, escreve o Dr. Moody em seu livro Life After Life (Nova York: Bantam Books, 1975), “permanece

verdade que existe uma notável semelhança entre os relatos das próprias experiências. Na verdade, as semelhanças entre os vários relatos são tão grandes que podemos facilmente identificar cerca de quinze elementos distintos que se repetem continuamente na massa de narrações que coletei.”

Um cenário composto inclui a saída gradual das sensações de todas as partes do corpo; uma sensação de se mover rapidamente através de uma passagem longa e escura, semelhante a um túnel, em direção a uma luz no final; a separação da consciência do corpo (os pacientes mencionam frequentemente pairar acima da forma física inerte); contemplar e ser envolvido por uma luz de brilho sobrenatural, que evoca uma sensação de paz, alegria e amor transcendentes; encontrar espíritos de amigos e parentes que já faleceram; conhecer um benevolente ser de luz, às vezes descrito como um “guia”, que aparece junto com uma visão panorâmica instantânea dos acontecimentos da vida de alguém; uma sensação de não querer voltar ao corpo físico.

Moody escreve ainda: “[A pessoa que passa por esta experiência] percebe que ainda tem um 'corpo', mas de natureza muito diferente e com poderes muito diferentes do corpo físico que deixou para trás... Mais tarde ele tenta contar aos outros, mas ele tem dificuldade em fazê-lo. Em primeiro lugar, ele não consegue encontrar palavras humanas adequadas para descrever estes episódios sobrenaturais… Mesmo assim, a experiência afecta profundamente a sua vida, especialmente a sua visão sobre a morte e a sua relação com a vida.”

Em seu livro At the Hour of Death (Nova York: Avon Books, 1977), o Dr. Osis e o Dr. Haraldsson escrevem: “Embora a maioria dos pacientes aparentemente caia no esquecimento sem ter consciência disso, há alguns, claramente conscientes até o fim, que dizem que “vêem” o além e que são capazes de relatar as suas experiências antes de expirarem….Estas experiências são transformadoras. Eles trazem consigo serenidade, paz, euforia e emoções religiosas. Os pacientes morrem uma ‘boa morte’, em estranho contraste com a tristeza e miséria habituais comumente esperadas antes da expiração.” (Nota do editor)

11 Sarvadvārāṇi deham, “todos os portões do corpo”. Estas foram

identificadas no versículo 5:13 como nove em número: “a cidade corporal de nove portas”. Eles consistem em dois olhos, dois ouvidos, duas narinas, os dois órgãos de excreção e de procriação e a boca.

12 Ver I:21 e VI:11.

13 Lokas pode ser traduzido como “mundos” (VIII:16) ou como “seres humanos”, como no versículo acima (isto é, aqueles que ainda possuem consciência mortal).

14 Salmos 90:4–6.

15 Veja também IV:1–2 e 7–8.

16 Gênesis 1:2–5.

17 O astrônomo Carl Sagan, da Universidade Cornell, escreveu em Cosmos (Nova York: Random House, 1980): “A religião hindu é a única das grandes religiões do mundo dedicada à ideia de que o próprio cosmos passa por uma experiência imensa, na verdade infinita, número de mortes e renascimentos. É a única religião em que as escalas de tempo correspondem…às da cosmologia científica moderna. Os seus ciclos vão desde o nosso dia e noite normais até ao dia e noite de Brahma, com 8,64 mil milhões de anos de duração, mais longos do que a idade da Terra ou do Sol e cerca de metade do tempo desde o Big Bang. E ainda há escalas de tempo muito mais longas… Um milénio antes de os europeus estarem dispostos a despojar-se da ideia bíblica de que o mundo tinha alguns milhares de anos, os maias pensavam em milhões e os indianos em milhares de milhões….

“Na Índia existem muitos deuses, e cada deus tem muitas manifestações. Os bronzes Chola, fundidos no século XI, incluíam várias encarnações diferentes do deus Shiva. O mais elegante e sublime deles é uma representação da criação do universo no início de cada ciclo cósmico, motivo conhecido como dança cósmica de Shiva. O deus, chamado nesta manifestação de Nataraja, o Rei da Dança, tem quatro mãos. Na mão superior direita está um tambor cujo som é o som da criação. No canto superior esquerdo há uma língua de fogo, um lembrete de que o universo, agora recém-criado, será totalmente destruído daqui a bilhões de anos.

“Essas imagens profundas e encantadoras são, gosto de imaginar, uma

espécie de premonição das ideias astronômicas modernas. Muito provavelmente, o Universo tem estado a expandir-se desde o Big Bang, mas não está de forma alguma claro que continuará a expandir-se para sempre. A expansão pode gradualmente desacelerar, parar e reverter-se. Se houver menos do que uma certa quantidade de matéria no universo, a gravitação das galáxias em retrocesso será insuficiente para impedir a expansão e o universo fugirá para sempre. Mas se houver mais matéria do que podemos ver – escondida em buracos negros, digamos, ou em gás quente mas invisível entre as galáxias – então o universo manter-se-á unido gravitacionalmente e participará numa sucessão muito indiana de ciclos, de expansão seguida de contracção. , universo após universo, Cosmos sem fim.” (Nota do editor)

18 Ver nota 40 do Capítulo II.

19 Os oito principais poderes divinos, referidos como aishvaryas, que podem ser manifestados pelo ser encarnado que alcançou o domínio sobre as forças da criação, são os seguintes: o poder de tornar o corpo ou qualquer objeto (1) tão pequeno quanto desejado (anima), (2) tão grande quanto desejado (mahima), (3) tão leve quanto desejado (laghima) e (4) tão pesado quanto desejado (garima); o poder (5) de obter qualquer coisa desejada (prapti), (6) de colocar qualquer coisa sob seu controle (vashitva), (7) de satisfazer todos os desejos pela força de sua vontade (prakamya), e (8) de se tornar Isha , Senhor, acima de tudo. Nos Yoga Sutras do sábio Patanjali, outros poderes (siddhis) também são discutidos. Alcançar o domínio sobre a criação fenomênica não é uma meta do homem iluminado, mas é um dom natural da alma onipotente e onisciente – o Eu imortal, que se manifesta à medida que gradualmente se livra de sua cobertura de ilusão.

20 Jeremias 13:16.

21 “Entrei e contemplei com os olhos da minha alma, acima do mesmo olho da minha alma e acima da minha mente, a Luz Imutável - não esta luz comum, que brilha para toda a carne; nem como se fosse um maior do mesmo tipo, como se o brilho deste devesse brilhar cada vez mais e com sua grandeza ocupar todo o espaço. Essa luz não era assim, mas diferente, sim, muito diferente de tudo isso. Nem estava acima da minha alma como o

óleo está acima da água, nem ainda como o céu está acima da terra; mas estava acima de mim porque me criou, e eu estava abaixo porque fui feito por ele. Aquele que conhece a Verdade conhece aquela Luz; e quem o conhece conhece a Eternidade. Confissões de Agostinho

22 João 8:12.

23 “Norte” é a parte superior do corpo do homem, especificamente o cérebro com o seu centro espiritual da Consciência Cósmica. Veja referência semelhante em I:11, em relação à morte de Bhishma, que não deixaria seu corpo “até que o sol se movesse para o norte nos céus”.

24 Mateus 6:22–23.

Capítulo IX: O Conhecimento Real, O Mistério Real

1 Dharma, da raiz sânscrita dhri, “defender ou apoiar” – muitas vezes traduzido simplesmente como religião ou retidão – é um termo abrangente para as leis naturais e verdades eternas que sustentam a ordem divina do universo e do homem, um universo em miniatura . A filosofia Sankhya define assim a verdadeira religião como “aqueles princípios imutáveis que protegem o homem permanentemente do triplo sofrimento da doença, da infelicidade e da ignorância”. O vasto corpo de ensinamentos védicos da Índia é acumulado sob o termo genérico Sanatana Dharma, “Religião Eterna”.

2 Refletindo sobre o curso dos assuntos mundiais que começou com a descoberta da energia atômica, um dos mais renomados historiadores da civilização moderna, Dr. Arnold Toynbee, observou: “Já está ficando claro que um capítulo que teve um início ocidental terá ter um final indiano se não terminar na autodestruição da raça humana… Neste momento extremamente perigoso da história humana, o único caminho de salvação para a humanidade é o caminho indiano - o princípio de do Imperador Asoka e Mahatma Gandhi de não-violência e o testemunho de Sri

Ramakrishna sobre a harmonia das religiões. Aqui temos uma atitude e um espírito que podem tornar possível à raça humana crescer unida numa única família – e, na Era Atómica, esta é a única alternativa para nos destruirmos.” (Nota do editor)

3 “Hoje a ciência moderna está se aventurando em domínios que por mais de quatro milênios foram feudos da religião e da filosofia”, escreveu o professor Amit Goswami, Ph.D., em The Self-Aware Universe: How Consciousness Creates the Material World (Los Angeles). Angeles: Tarcher, 1993). “Até a atual interpretação da nova física, a palavra transcendência raramente era mencionada no vocabulário da física. O termo foi até considerado herético.” No entanto, afirma ele, uma experiência de 1982 realizada por uma equipe de físicos na França confirmou a ideia de transcendência na física quântica. A experiência, conduzida por Alain Aspect e colaboradores, provou que duas partículas quânticas emitidas pela mesma fonte permanecem inextricavelmente correlacionadas: quando é feita uma alteração numa partícula, instantaneamente a outra partícula é afetada de forma semelhante – mesmo quando separada por grandes distâncias. Diz Goswami: “Quando não há sinal no espaço-tempo para mediar sua conexão… onde, então, existe a conexão instantânea entre objetos quânticos correlacionados que é responsável por sua ação sem sinal à distância? A resposta sucinta é: no domínio transcendente da realidade.

“O nome técnico para ação instantânea e sem sinal à distância é não localidade…. De acordo com o físico Henry Stapp, a mensagem da não localidade quântica é que 'o processo fundamental da Natureza está fora do espaço-tempo, mas gera eventos que podem ser localizados em espaço-tempo.'” (Nota do editor)

4 O suco extraído da planta soma é usado para preparar uma libação ritualística purificadora oferecida durante o culto cerimonial. O verdadeiro Soma, entretanto, é conhecido pelos iogues avançados como uma secreção semelhante a um néctar de energia vital divina produzida na garganta pela prática aperfeiçoada de técnicas como Kriya Yoga e Khechari Mudra (ver X:28, “Significado iogue de 'vaca'). de abundância.'”).

5 Provérbios 3:5–6.

6 Mateus 6:33.
7 Apocalipse 3:12.
8 Marcos 12:38–44.

Capítulo X: As Infinitas Manifestações do Espírito Imanifesto

1 Mateus 27:46.

2 “A aparente multiplicação de deuses é desconcertante à primeira vista. Mas logo você descobre que todos eles são o mesmo Deus em diferentes aspectos e funções. Sempre existe um Deus supremo que desafia a personificação. Isto faz do hinduísmo a religião mais tolerante do mundo, porque o seu único Deus transcendente inclui todos os deuses possíveis.” — George Bernard Shaw

3 Ver XIII:1, a respeito da evolução da matéria a partir da ação dos gunas.

4 “Tanto a experiência como a teoria indicam que o Universo começou num estado de perfeita simplicidade, cuja evidência foi queimada no coração de cada átomo no calor do Big Bang no início dos tempos”, diz Timothy Ferris, escritor científico. para o The New York Times. “A busca pela simplicidade está colocando a ciência frente a frente com o antigo enigma da criação.”

“Nós realmente não vemos o Criador girando vinte botões para definir vinte parâmetros para criar o universo como o conhecemos. Isso é demais”, diz o físico Leon Lederman, autor de The God Particle. “Há algo simples por trás de tudo isso. Seis quarks e seis léptons, e suas antipartículas, e sua origem em cores e cargas diferentes, é muito complicado.”

O físico John Wheeler concorda: “Na minha opinião, no fundo de tudo isso não deve haver uma equação totalmente simples, mas uma ideia totalmente simples. Quando finalmente o descobrirmos, será tão atraente, tão bonito, que todos diremos uns aos outros: ‘Oh, como poderia ter sido de outra forma?’” (Nota do Editor)

5 Emerson, em Compensação. Este grande escritor americano foi um estudioso profundo do pensamento védico.

6 “E quando se completou o dia de Pentecostes, estavam todos unânimes no mesmo lugar. E de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E apareceram-lhes línguas repartidas, como de fogo, e pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem” (Atos 2:1–4).

7 “Em minha casa, com Tuas próprias mãos, acende a lâmpada do Teu amor!

Tua lâmpada transmutadora é fascinante, maravilhosos são seus raios.
Mude minha escuridão para Tua luz, Senhor,
E meu mal em bem.
Toque-me apenas uma vez e eu mudarei,
Todo o meu barro em Teu ouro.
Todas as lâmpadas sensoriais que acendi, transformaram-se em preocupações.
Sentado à porta da minha alma,
Acenda Tua lâmpada ressuscitadora!”

Este poema de Rabindranath Tagore, poeta indiano ganhador do Nobel, foi musicado por Paramahansa Yogananda e incluído em seu Cosmic Chants (publicado pela Self-Realization Fellowship). (Nota do editor)

8 “Quem pode dizer quão poderosa e frutífera será a ciência do futuro quando os homens e mulheres da ciência regressarem humildemente à primeira grande busca, de pensar os pensamentos de Deus segundo Ele?” escreveram Sir John Marks Templeton e Robert Hermann, em Is God the Only Reality? (Nova York: Continuum, 1994). “Vemos o futuro aberto à exploração científica de assuntos espirituais como amor, oração, meditação, ação de graças, doação, perdão e entrega à vontade divina. Pode ser que vejamos o início de uma nova era de ‘teologia experimental’, que poderá revelar que existem leis espirituais, princípios universais que operam no domínio espiritual, assim como as leis naturais operam no reino físico.”

O físico Nobel Brian Josephson, da Universidade de Cambridge,

concorda. Nas Conversas do Prêmio Nobel com Sir John Eccles, Roger Sperry, Ilya Prigogine e Brian Josephson (Dallas: Saybrook Publishing Co., 1985), ele disse: “O que se descobre ao estudar as várias formas de misticismo é que as doutrinas dos místicos são muito menos diversas do que as doutrinas religiosas. A minha interpretação disto é que o misticismo se preocupa com leis muito fundamentais….Considero o misticismo algo universal como a ciência [e que] as religiões são baseadas nos factos desta ciência. Assim, o misticismo é uma espécie de fundamento universal para as diversas e diferentes religiões. Devo mencionar aqui que não estou falando inteiramente sobre o misticismo oriental, porque também existe o misticismo ocidental: por exemplo, o misticismo cristão, o misticismo islâmico (sufismo) e o misticismo judaico. Todos estes dizem coisas bastante semelhantes.

“…A experiência mística através do autodesenvolvimento através da meditação, etc., não é apenas a chave para o próprio desenvolvimento, mas também a chave…para colocar esta tentativa de sintetizar ciência e religião numa base sólida….Se seguirmos este caminho de uma síntese da ciência com a religião (usando a meditação como ferramenta de observação), o que estamos fazendo é usar nossos próprios sistemas nervosos como instrumentos para observar os domínios em que Deus trabalha. Instrumentos científicos comuns como telescópios, galvanômetros e detectores de partículas não serão bons neste contexto porque são projetados para funcionar no domínio material. Nossos sistemas nervosos, por outro lado, são projetados para nos permitir interagir não apenas com o nível material de existência, mas também com os níveis espirituais. … Todos os diferentes níveis estão abertos à exploração se desenvolvermos os nossos sistemas nervosos para que se sintonizem. Pode-se imaginar que isto faria parte da formação científica do futuro.” (Nota do editor)

9 Brihadaranyaka Upanishad III:9.5.

10 João 1:1.

11 Os Tantras, uma das principais categorias de shastras ou escrituras do Hinduísmo, tratam extensivamente da ciência do encantamento vibratório. Como apontado em IV:25, o elevado propósito espiritual de tais práticas é

muitas vezes mal compreendido e mal aplicado. O uso adequado de mantras específicos que elevam a consciência em direção a Deus – como a meditação em Aum, por exemplo – é uma parte sagrada da ciência do Kriya Yoga (ver I:21–22).

12 Chit-ra, de chit, “para fixar o coração (o sentimento puro ou consciência)”; e ratha, “veículo ou transportador”.

13 Nas palavras do salmista: “A voz do Senhor está sobre as águas: o Deus da glória troveja…. A voz do Senhor é poderosa, a voz do Senhor é cheia de majestade” (Salmos 29:3– 4).

14 João 4:14.

15 Mudras são posições ou gestos específicos das mãos ou de outras partes do corpo pelos quais esses canais físicos externalizados de energia são usados para criar um efeito benéfico no fluxo da força vital interior.

16 Ver Autobiografia de um Iogue, Capítulo 46.

17 Fausto I, “A Canção do Espírito da Terra” de Goethe. (Tradução de Bayard Taylor, 1878–1925.)

18 João 8:58.

19 “…a esfera cósmica de luz, de alegria, de amor, na qual mundos e universos flutuam como bolhas.” Assim Paramahansa Yogananda descreveu uma de suas experiências de Deus como o Senhor Infinito da criação.

Um artigo no Los Angeles Times (21 de outubro de 1991), chamado “Outros Universos?” declarou: “Contemplar um universo já é bastante difícil. Pensar em vários ao mesmo tempo é um terreno novo até mesmo para os cientistas, que estão andando na ponta dos pés através de admiráveis novos mundos teóricos de “espuma espaço-tempo”, “falsos vácuos” e “universos bebês”.

“Dois dos líderes nestes esforços são Stephen Hawking, da Universidade de Cambridge, e Alexander Vilenkin, da Universidade Tufts, em Medford, Massachusetts. Eles começam propondo, com efeito, que o próprio espaço…produz continuamente pequenas entidades que Hawking chama de “universos bebês”.

“Como Vilenkin descreve, o espaço como o vemos é como um oceano aparentemente liso visto de um transatlântico. De perto, porém, a superfície

do mar está cheia de ondas e espuma. Da mesma forma, com ampliação suficiente, veríamos os pequenos universos formando-se e dissolvendo-se no espaço como pequenas bolhas, formando o que ele chama de “espuma espaço-tempo”.

“Segundo esta teoria, um universo bebê geralmente surge momentaneamente e depois desaparece. Mas às vezes atua como uma semente, capaz de crescer em um universo completo. Isso pode acontecer porque um universo bebê pode consistir em uma forma muito incomum de espaço: “falso vácuo”. Ele tem propriedades bizarras porque contém, por um breve instante, uma grande quantidade de energia dentro de um volume muito pequeno….

“Ele aumenta do tamanho microscópico até as dimensões de um melão. À medida que infla desta forma, ele esfria... e libera uma enorme explosão de energia. Esta energia assume a forma de partículas muito quentes, que são produzidas em grandes quantidades. Na verdade, são suficientes para formar todas as estrelas e galáxias do novo universo, uma vez que essas partículas tenham a chance de esfriar. A rápida inflação do falso vácuo, seguida por esta libertação de energia, constitui o Big Bang. O universo recém-nascido, formado desta forma, entrará então numa longa era de expansão. Nosso próprio universo vem se expandindo dessa maneira há cerca de 15 bilhões de anos….

“À medida que o falso vácuo se infla, ele pode prontamente produzir novos universos bebês que atuam como sementes para a formação de outros universos...'Uma vez iniciado o processo, parece que continua para sempre, continuamente gerando novos universos como pedaços do falso vácuo', diz Alan Guth, Ph.D., do Massachusetts Institute of Technology….Outras sementes podem estar brotando neste exato minuto, em qualquer lugar, talvez dentro de sua própria sala de estar.”

“De acordo com Hawking, pode haver um número infinito de universos alternativos coexistindo com o nosso”, escreve Michio Kaku em Hyperspace (Nova Iorque: Oxford University Press, 1994). “Esses universos podem ser comparados a uma vasta coleção de bolhas de sabão suspensas no ar.” (Nota do editor)

20 João 1:1–2.

21 Apocalipse 1:8.

22 Ver também comentário sobre sattvic-dhriti, XVIII:33.

23 Salmos 23:4.

24 Jó 21:9, 17.

25 Alexander Pope: “Um Ensaio sobre o Homem”, Parte I.

26 “A ordem cósmica é sustentada por leis matemáticas definidas que se entrelaçam para formar uma unidade sutil e harmoniosa”, escreveu o físico Paul Davies, Ph.D., em The Mind of God: The Scientific Basis for a Rational World (Nova York). : Simon e Schuster, 1992). “As leis possuem uma simplicidade elegante e muitas vezes são recomendadas aos cientistas apenas por motivos de beleza. No entanto, estas mesmas leis simples permitem que a matéria e a energia se auto-organizem numa enorme variedade de estados complexos, incluindo aqueles que têm a qualidade da consciência, e podem, por sua vez, reflectir sobre a própria ordem cósmica que os produziu.”

“Talvez a descoberta mais profunda do século passado na física”, disse Michio Kaku em Hyperspace (Nova Iorque: Oxford University Press, 1994), “tenha sido a constatação de que a natureza, no seu nível mais fundamental, é mais simples do que se pensava. ” (Nota do editor)

Capítulo XI: Visão das Visões: O Senhor Revela Sua Forma Cósmica

1 Ver VI:13.

2 Uragan divyan: “serpentes celestiais”; referência às forças criativas que têm sua origem na kundalini, a energia vital enrolada no centro da base da coluna vertebral que estimula as faculdades dos sentidos quando flui para baixo e para fora do corpo, mas que confere iluminação quando “domesticada” e elevada para os centros superiores de percepção espiritual.

3 A luz vibratória cósmica de Aum, o sagrado “Nome” de Deus.

4 Hutasha, “fogo” e vaktra, “boca ou órgãos da fala” de vach, “voz, expressão”.

5 “Onze lâmpadas”: os Rudras. “Doze sóis”: os Adityas. “Oito Grizzly”: os Vasus. “Aspirantes a eremitas”: Vishvedevas (seres piedosos homenageados por suas austeridades no Himalaia). “Deuses patronos”: Sadhyas (uma classe de divindades menores). “Príncipes gêmeos”: os Ashvins (“médicos do céu”, os deuses do crepúsculo matinal anunciando o amanhecer - representando assim a mistura de luz e escuridão ou dualidade; como tal, eles eram miticamente os pais dos príncipes Pandu Sahadeva e Nakula). “Duas pontuações e nove brisas”: os Maruts. “Espíritos guardiões há muito falecidos”: os Manes (Ushmapas). “Semigoblins, semideuses, demônios altos”: Yakshas, Gandharvas, Asuras, respectivamente. “Poderosos no caminho do Espírito”: Siddhas (“aperfeiçoados”).

6 “Filhos dos sentidos”: Descendência do Rei Kuru Dhritarashtra (simbolicamente, a mente sensorial cega com suas tendências de cem sentidos lideradas pelo desejo material); “Ego”: Bhishma; “Hábito cármico”: Drona; “Atração mundana”: Karna (atração e apego material). “Chefes da sabedoria”: os Pandavas (simbolicamente, as forças discriminativas divinas). Veja a análise da alegoria Kuru-Pandu no Capítulo I.

7 Referência à batalha de Kurukshetra como uma alegoria da guerra entre as forças do bem e do mal, não apenas no macrocosmo, mas dentro do corpo e da consciência do homem.

8 “O trem dos sentidos”: Referência a “Drona, Bhishma, Jayadratha (apego à existência mortal), Karna e outros.” Veja alegoria no Capítulo I.

9 Isaías 45:5, 7.

10 Yadava: “Um descendente de Yadu”, o patriarca da raça Yadava de eminentes Kshatriyas. O pai de Krishna, Vasudeva, era um Yadava e irmão da mãe dos três príncipes Pandavas mais velhos. Portanto, Krishna era primo de Arjuna.

11 Êxodo 20:2–5.

Capítulo XII: Bhakti Yoga: União Através da Devoção

1 Esforço repetitivo para manter a mente continuamente em seu estado puro de sintonização divina.

2 Hebreus 11:1.

3 Yata-atma-van: lit., “como um eu dominado”; isto é, emule aqueles que alcançaram o autodomínio; continue se esforçando para alcançar esse objetivo.

4 Filipenses 4:7.

5 “O ornamento de um servo de Deus é a devoção; a joia da devoção é a consciência da não dualidade.

“O ornamento do conhecimento é a meditação; a decoração da meditação é a renúncia; e a pérola da renúncia é Shanti pura e insondável.

“O puro e insondável Shanti corta a raiz de toda miséria. Aquele que mantém Shanti em seu coração habita um mar de Bem-aventurança. Todos os pecados que geram sofrimento, ansiedade e angústia desaparecem, juntamente com todas as limitações….

“Saiba que é perfeito aquele que é mais pacífico, que é imaculado e livre de todos os desejos pessoais, cuja mente vibra com Shanti.”

—Tulsidas, em Indian Mystic Verse, traduzido por Hari Prasad Shastri (Londres: Shanti Sadan, 1984).

6 Júlio César, Ato III, cena 2.

7 Lucas 12:22, 29–31.

Capítulo XIII: O Campo e o Conhecedor do Campo

1 Este verso introdutório não está incluído em algumas versões do Gita. Em outros, é incluído e numerado como versículo um. Mais comumente, é

incluído sem número atribuído, de modo que o total tradicional de versículos permanece em 700, em vez de 701. Nesta publicação, foi designado como “Prefácio”, introduzindo o assunto do Capítulo XIII.

2 Ver também nota de rodapé 40 do Capítulo II.

3 Kutastha: aquilo que permanece inalterado, como uma bigorna na qual são feitos ornamentos de vários formatos. Purusha: aquilo que existe na criação vibratória e também existe além dela.

4 “Disse-lhe Jesus: Não me toques; porque ainda não subi para meu Pai; mas vai para meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai; e ao meu Deus e ao vosso Deus” (João 20:17).

5 Ver também I:4–6, “Os koshas, estágios de evolução na criação e no homem”.

6 Ver referência aos sete anjos diante do trono de Deus, IV:25.

7 A palavra sânscrita akasha, éter ou espaço, deriva de ā, “em direção” e kaśa, “ser visível, aparecer”. Akasha é o “fundo” sutil contra o qual tudo no universo material se torna perceptível. “O espaço dá dimensão aos objetos; o éter separa as imagens”, disse Paramahansa Yogananda. Ver também nota de rodapé 14 do Capítulo I.

No contexto deste capítulo do Gita sobre “O Campo e o Conhecedor do Campo”, é interessante notar que descobertas recentes estão levando os cientistas a uma compreensão do espaço que se assemelha ao akasha da cosmologia hindu – uma matriz de forças vibratórias onde o mundo de partículas “reais” cruza com um vasto mar de partículas “virtuais”. “O espaço vazio não parece ser um tema de estudo muito promissor, mas contém a chave para uma compreensão completa das forças da natureza”, escreve Paul Davies, Ph.D., em Superforce (Nova Iorque: Simon and Schuster, 1984). . “Quando os físicos começaram a estudar a teoria quântica dos campos, descobriram que o vácuo não era de forma alguma o que parecia ser há muito tempo - apenas um espaço vazio desprovido de substância e atividade... O que pode parecer ser um espaço vazio é um fermento fervente. de partículas virtuais. Um vácuo não é inerte e sem características, mas vivo com energia e vitalidade pulsantes. Uma partícula ‘real’ como um elétron deve sempre ser vista contra este pano de fundo….”

“As teorias de campo da física moderna forçam-nos a abandonar a distinção clássica entre partículas materiais e o vazio”, escreve Fritjof Capra em The Tao of Physics (Boston: Shambhala, Terceira Edição, 1991). “A teoria de campo da gravidade de Einstein e a teoria quântica de campos mostram que as partículas não podem ser separadas do espaço que as rodeia. Por um lado, determinam a estrutura desse espaço, enquanto, por outro lado, não podem ser considerados entidades isoladas, mas devem ser vistos como condensações de um campo contínuo que está presente em todo o espaço….

“‘O campo existe sempre e em todo lugar’, diz o físico austríaco W. Thirring. ‘Isso nunca pode ser removido. É o portador de todos os fenômenos materiais… O ser e o desvanecimento das partículas são meramente formas de movimento do campo.’

“A distinção entre matéria e espaço vazio finalmente teve que ser abandonada quando se tornou evidente que partículas virtuais podem surgir espontaneamente a partir do vazio e desaparecer novamente no vazio... De acordo com a teoria de campo, eventos desse tipo acontecem o tempo todo. tempo. O vácuo está longe de estar vazio. Pelo contrário, contém um número ilimitado de partículas que surgem e desaparecem sem fim….O ‘vácuo físico’…contém a potencialidade para todas as formas do mundo das partículas. Estas formas, por sua vez, não são entidades físicas independentes, mas apenas manifestações transitórias do Vazio subjacente… A descoberta da qualidade dinâmica do vácuo é vista por muitos físicos como uma das descobertas mais importantes da física moderna.” (Nota do editor)

8 Os órgãos sensoriais e os poderes de percepção e ação estão em sua “forma mais refinada”, ou manifestação astral sutil, até que por ação adicional da Natureza – através dos cinco elementos e dos cinco pranas sob a influência da qualidade tamásica – eles sejam dotados de uma cobertura atômica externa ou grosseira de um corpo físico.

9 Desde 1952, quando se descobriu que a molécula de ADN é o mecanismo básico da hereditariedade, os cientistas fizeram avanços notáveis na compreensão dos códigos genéticos que determinam o

desenvolvimento e as idiossincrasias de cada corpo humano. O funcionamento da inteligência dentro do próprio DNA, no entanto, ainda não é compreendido – como ele é capaz de transmitir a informação necessária que orienta a formação, no momento certo ao longo da vida, da miríade de proteínas especializadas que compõem todos os órgãos do corpo. e tecidos e possibilitam processos complexos e variados como crescimento, reprodução, resposta imunológica e função cerebral. (Nota do editor)

10 Gênesis 1:3.

11 Veja também II:39.

12 Apocalipse 4:4.

13 A seguinte passagem de um artigo de Gerrit Verschuur na Science Digest (julho de 1981) resume o ponto de vista biológico de que a Terra, e na verdade o universo, podem ser corretamente considerados seres vivos:

"Ninguém questionaria a afirmação de que o corpo humano é uma entidade viva, composta por inúmeras células, cada uma delas viva, ou que essas células unem forças para formar órgãos, que também estão vivos. Não é um passo muito grande entre reconhecer que o corpo está vivo e aceitar o que os investigadores chamam de hipótese de Gaia: a noção de que a biosfera da Terra mais a sua atmosfera equivalem a uma entidade viva. Dentro de uma membrana protectora da atmosfera, as formas de vida da Terra e essa atmosfera partilham continuamente produtos químicos – tal como as partes do corpo – a fim de manter um equilíbrio ecológico e vivo.

"Nosso planeta pode ser considerado uma coisa viva? Onde traçamos a linha entre o vivo e o não-vivo? Os cientistas parecem concordar que todos os sistemas vivos se reproduzem e que todos utilizam energia; eles absorvem nutrientes, processam-nos, extraem energia e excretam resíduos. Podemos facilmente observar esse processo em ação em nossos semelhantes; isso também está acontecendo no nível celular e no nível planetário. A terra absorve a luz solar; um produto residual, o calor, é irradiado para o espaço. Esta conversão de energia ou substâncias de uma forma para outra, a fim de manter o funcionamento do organismo, é o seu metabolismo. A terra tem um metabolismo; está vivo. E se a Terra está viva, por que não o Universo?

“O impulso de responder rapidamente ‘Impossível!’ é o resultado, talvez, de preconceitos humanos sobre o tempo. Como estamos tão habituados a medir os seres vivos em termos de décadas ou séculos, recusamos a ideia de que os processos metabólicos levem milhares de milhões de anos. Mas os milénios da nossa escala de tempo são simplesmente tique-taque do relógio cósmico. Imagine um fenômeno astronômico ocorrendo em uma escala de tempo mais humana e a ideia de um Universo vivo se tornará mais fácil de visualizar e aceitar. Considerando que um milênio equivale a um minuto, pense na evolução de uma estrela. O que você vê? Uma nuvem de gás hidrogénio é sugada para um núcleo compacto e depois transformada em átomos mais pesados, cozinhados pela chama nuclear no centro da estrela. Os átomos mais pesados são excretados na forma de ventos estelares ou de uma violenta explosão estelar. Como outros seres vivos, as estrelas se reproduzem; os seus resíduos são alimentados noutras regiões do espaço, onde se tornam parte de novas nuvens contratantes destinadas a tornarem-se estrelas, dentro das quais a energia será trocada e ainda mais resíduos serão excretados. Nossa visão acelerada do que acontece no espaço revela evolução e movimento constantes.

“Esses pequenos centros de vida, essas células que chamamos de estrelas, fazem parte de organismos vivos maiores, as galáxias. O núcleo de uma galáxia pode ser comparado a um coração. Sabemos que bombeia “plasma” – gás hidrogénio com algumas impurezas (“nutrientes”) – para as “veias” circundantes, os braços espirais, correntes de hidrogénio intergaláctico, que se estendem e tocam as galáxias vizinhas. E se o nosso Universo é composto de galáxias vivas, não será então vivo?

“Para as mitocôndrias e as bactérias, o organismo que as hospeda é tão vasto e misterioso quanto o Universo é para nós. Tal como as organelas, podemos fazer parte de algum ser vivo ainda incompreensível, composto por organismos em todas as escalas: galáxias, nuvens de gás, aglomerados de estrelas, estrelas, planetas, animais, células e microorganismos.

“Devemos pensar seriamente em realocar a linha entre organismos vivos e não-vivos. Já não acredito que esteja no limite da epiderme do corpo ou no limite da atmosfera terrestre. Está no limite do Universo.” (Nota do editor)

14 Marcos 10:29–30.

Capítulo XIV: Transcendendo os Gunas

1 Mahat: “grande”, da raiz sânscrita mah, “exaltar”; além disso, esta raiz significa “despertar, excitar”. Em Sankhya, mahat é o “grande princípio”, a consciência universal imbuída da inteligência refletida de Deus. Brahma: Brahman, ou Espírito Supremo; também, “evolução, desenvolvimento” da raiz sânscrita brih, “expandir”.

Assim, Mahat-Brahma refere-se à consciência de Deus como a Grande Prakriti, a consciência criativa universal do Espírito (o ventre dos devires) na qual o Senhor depositou Sua inteligência universal (Kutastha Chaitanya), a semente abrangente da criação. Esta ação do Espírito excita ou desperta os potenciais criativos no Absoluto inativo, que então provoca o desenvolvimento ou evolução da matéria a partir da consciência cósmica única do Espírito.

2 Guna: literalmente, “um fio de corda ou corda”. Os três gunas de Prakriti são definidos como três fios entrelaçados do cordão de ligação da Natureza. Através deste meio Prakriti mantém em cativeiro todos os seres encarnados.

3 Veja também referência a outros mundos, VI:41.

4 Romanos 6:23.

5 João 8:58.

6 João 10:30.

7 Atos 7:49–50.

Capítulo XV: Purushottama: O Ser Supremo

1 Ver também I:8, explicando a derivação metafórica de Ashvatthaman (Ashvattha-man), o guerreiro Kuru, filho de Drona, como representando

alegoricamente ashaya ou vasana, desejo latente: as sementes preservadas ou armazenadas que perpetuam os ciclos de renascimento. No comentário sobre XV:2, o significado metafórico é ainda mais elaborado em referência às raízes da árvore ashvattha, simbolizando desejos passados que "contribuem para a nutrição e perpetuidade da Árvore da Vida, fazendo com que sua manifestação física brote como o sistema nervoso". continuamente, em cada nova forma física em encarnações sucessivas" – ligando o homem à vida e à morte através do poder de seus desejos.

2 Ver referências anteriores (em II:39, VII:4 e XIII:5) à evolução da consciência humana e do seu veículo corporal através dos seus vários estágios de chitta (consciência, sentimento), ahamkara (ego), buddhi (intelecto discriminativo).), manas (mente sensorial com seus dez sentidos) e os cinco elementos vibratórios grosseiros.

3 Ver também o comentário sobre I:15-18 – explicação das "cabines de cinema" astrais nos seis centros cerebroespinhais que projetam o mundo fenomênico aparentemente real. (Nota do editor)

4 Gênesis 3:2–3.

5 Gênesis 2:25.

6 Gênesis 3:21.

7 Veja também o comentário sobre IV:7–8.

8 Veja o significado alegórico de Drona como samskara, impressões na consciência de ações passadas que criam fortes tendências para se repetirem; e seu filho Ashvatthaman como ashaya ou vasana, desejo latente ou semente do desejo - impressões de desejos deixadas na consciência e transportadas para a próxima encarnação ou renascimentos subsequentes. (Eu:8.)

9 Samsara: "o mundo; ilusão mundana; passando por uma sucessão de estados; transmigração."

10 Mateus 13:13.

11 "Há milhares de pessoas cortando os galhos do mal para quem está atacando a raiz." —Henry David Thoreau, Walden

12 Apocalipse 4:11.

13 Gênesis 1:3–4.

14 Uma reminiscência das palavras do Senhor nos versículos 12–15 deste capítulo é uma visão extática vivenciada pela mística cristã Santa Hildegarda de Bingen (1098–1180). Ela contemplou “uma bela forma humana” que disse: “Eu sou aquela força suprema e ígnea que emite todas as centelhas da vida. A morte não tem parte nos homens, mas eu a distribuo, por isso estou cingido de sabedoria como de asas. Eu sou aquela essência viva e ígnea da substância divina que brilha na beleza dos campos. Brilho na água, queimo no sol, na lua e nas estrelas. A minha é aquela força misteriosa do vento invisível. Eu sustento a respiração de todos os vivos. Respiro o verde e as flores, e quando as águas fluem como seres vivos, sou eu. Formei aquelas colunas que sustentam toda a terra….Todos estes vivem porque estou neles e sou de sua vida. Eu sou sabedoria. Meu é o sopro da palavra trovejada pela qual todas as coisas foram feitas. Eu permeio todas as coisas para que não morram. Eu sou a vida.” — Studies in the History and Method of Science, editado por Charles Singer (Nova York: Arno Press, 1975). (Nota do editor)

15 Em Autobiografia de um Iogue, Paramahansa Yogananda conta sobre seus encontros com Sir Jagadis Chandra Bose, fundador do Instituto Bose em Calcutá. Aclamado como um dos maiores cientistas do século XX, Bose foi pioneiro ao demonstrar que a fronteira entre matéria viva e inanimada não pode ser definitivamente fixada. A vida secreta das plantas, de Peter Tompkins e Christopher Bird (Nova York: Harper and Row, 1973), relata:

“[Em 1899] Bose iniciou um estudo comparativo das curvas de reação molecular em substâncias inorgânicas e aquelas em tecidos animais vivos. Para sua admiração e surpresa, as curvas produzidas pelo óxido magnético de ferro levemente aquecido mostravam notável semelhança com as dos músculos. Em ambos, a resposta e a recuperação diminuíam com o esforço, e a consequente fadiga poderia ser eliminada por meio de massagem suave ou pela exposição a um banho de água morna. Outros componentes metálicos reagiram de maneira semelhante à dos animais….

“Quando Sir Michael Foster, secretário da Royal Society, chegou ao laboratório de Bose certa manhã para ver por si mesmo o que estava acontecendo, Bose mostrou ao veterano de Cambridge algumas de suas

gravações. O homem mais velho disse jocosamente: ‘Ora, Bose, qual é a novidade desta curva? Sabemos disso há pelo menos meio século!’

“'Mas o que você acha que é?' Bose persistiu calmamente.

“'Ora, uma curva de resposta muscular, é claro!' disse Foster.

“Olhando para o professor do fundo de seus assustadores olhos castanhos, Bose disse com firmeza: 'Perdoe-me, mas é a resposta do estanho metálico!'

“Foster ficou horrorizado. — O quê? — ele gritou, saltando da cadeira. 'Lata? Você disse lata?

“Quando Bose mostrou a ele todos os seus resultados, Foster ficou tão emocionado quanto surpreso.”

Um artigo na revista Asia (março de 1923) continua a história:

“Foster ficou impressionado. Corajosamente, Bose expressou sua conclusão: ‘Entre tais fenômenos, como podemos traçar a linha de demarcação e dizer que aqui termina o físico e ali começa o fisiológico? Essas barreiras absolutas não existem.’

“Se os metais parecem viver, o que não se pode esperar das plantas? Este indiano que sintetiza os ensinamentos de seus antepassados com as revelações da pesquisa científica moderna descobre que cada fibra de uma massa verde e aparentemente lenta de folhagem está impregnada de sensibilidade. As flores e as plantas deixam de ser apenas algumas pétalas agrupadas, algumas folhas verdes crescendo a partir de um caule lenhoso. Eles são parentes orgânicos do homem. Assim, as pesquisas deste cientista confirmam não apenas os ensinamentos do Vedanta, mas a profunda convicção filosófica mundial de que por baixo da diversidade caótica e desconcertante da natureza existe uma unidade subjacente.

“No final de um de seus discursos na Royal Society, depois de mostrar a completa semelhança entre a resposta de metais, plantas e músculos aparentemente mortos, Bose proferiu poeticamente a conclusão a que havia chegado:

“'Foi quando me deparei com o testemunho mudo desses registros feitos por mim mesmo e percebi neles uma fase de uma unidade penetrante que contém todas as coisas: o cisco que tremula em ondas de luz, a vida abundante em nossa terra, e os sóis radiantes que brilham acima de nós - foi

então que compreendi pela primeira vez um pouco daquela mensagem proclamada pelos meus antepassados nas margens do Ganges há trinta séculos: “Aqueles que vêem apenas Um em todas as manifestações mutáveis do neste universo, a eles pertence a Verdade Eterna - a ninguém mais, a ninguém mais.”” (Nota do Editor)

16 Aushadhi, literalmente, “plantas”, também traduzido por oshadhi, de osha, “portador de luz”; referência à vida vegetal como sendo sustentada pela luz através da fotossíntese. O corolário metafórico é que o homem é igualmente sustentado pela luz de Deus através da metamorfose provocada pela ação dos princípios elementares de Prakriti.

17 “A ciência do século XX parece, portanto, uma página dos antigos Vedas”, escreveu Paramahansa Yogananda há cinquenta anos na sua Autobiografia de um Iogue. “Da ciência, então, se assim for, que o homem aprenda a verdade filosófica de que não existe universo material; sua urdidura e trama são maya, ilusão. Sob análise, todas as suas miragens de realidade se dissolvem. À medida que, um por um, os suportes tranquilizadores de um cosmos físico caem sob ele, o homem percebe vagamente sua confiança idólatra, sua transgressão do Comando Divino: ‘Não terás outros deuses diante de Mim’ (Êxodo 20:3).

No meio século desde então, a “verdade filosófica” oferecida pela ciência tem sido mais persuasiva do que nunca. Em Elemental Mind: Human Consciousness and the New Physics, (Nova York: Penguin Books, 1993), Nick Herbert, Ph.D., descreve os fundamentos matemáticos da física moderna: “O que a matemática parece dizer é que, entre observações, o mundo existe não como uma realidade sólida, mas apenas como ondas cintilantes de possibilidades... Sempre que é olhado, o átomo para de vibrar e objetifica uma de suas muitas possibilidades. Sempre que alguém escolhe olhar para ele, o átomo cessa a sua dança difusa e parece “congelar” num objeto minúsculo com atributos definidos, apenas para se dissolver mais uma vez num conjunto trêmulo de possibilidades assim que o observador retira a sua atenção dele. Esta aparente mudança induzida pelo observador no modo de existência de um átomo é chamada de colapso da função de onda ou simplesmente salto quântico….

“Uma das figuras intelectuais mais importantes do século XX foi John von Neumann, nascido na Hungria…. Em seu livro magistral The Mathematical Foundations of Quantum Mechanics, considerado por muitos cientistas como 'a bíblia da teoria quântica',…[ele dirigiu-se ao problema de que] algo novo deve ser adicionado para 'colapsar a função de onda', algo que seja capaz de transformar possibilidades quânticas difusas em realidades definidas. Mas como von Neumann é forçado a descrever todo o mundo físico como possibilidades, o processo que transforma alguns desses talvez em fatos reais não pode ser um processo físico... Procurando em sua mente uma entidade não física apropriada e realmente existente que poderia colapsar a função de onda, von Neumann concluiu relutantemente que a única entidade conhecida adequada para esta tarefa era a consciência. Na interpretação de von Neumann, o mundo permanece em toda parte num estado de pura possibilidade, exceto quando alguma mente consciente decide promover uma parte do mundo do seu estado habitual de indefinição para uma condição de existência real….

“Por si só, o mundo físico não é totalmente real, mas só toma forma como resultado dos atos de numerosos centros de consciência. Ironicamente, esta conclusão não vem de algum místico de outro mundo examinando as profundezas de sua mente em meditação privada, mas de um dos matemáticos mais práticos do mundo, deduzindo as consequências lógicas de um modelo de mundo altamente bem sucedido e puramente materialista – a base teórica para o indústria de computadores de bilhões de dólares.” (Nota do editor)

18 Mateus 6:25.

Capítulo XVI: Abraçando o Divino e Evitando o Demoníaco

1 Mateus 5:8.

2 Êxodo 20:13

3 “Portanto, tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles” (Mateus 7:12).

4 Filipenses 4:7.

5 Mateus 7:1–5.

6 João 8:7.

7 Mateus 26:53.

8 Lucas 23:34.

9 “Há uma afinidade orgânica entre alegria e ternura. O êxtase religioso, o entusiasmo moral, a admiração ontológica, a emoção cósmica são todos estados mentais unificadores, nos quais a areia e a areia da individualidade tendem a desaparecer e a ternura a dominar.”
—William James, The Varieties of Religious Experiência

10 Mateus 5:48.

11 Mateus 5:45.

12 O sânscrito yoni, literalmente, “útero”, refere-se também ao estado particular em que alguém nasce – a condição corporal e a posição na vida de alguém fixada pelo nascimento. (Veja também XIV:14–15.)

13 Luxúria, raiva e ganância são alegoricamente representadas no Gita pelos malvados guerreiros Kuru Duryodhana, Duhshasana, e Karna e Vikarna, respectivamente. (Ver I:9, “As Seis Falhas do Ego Materialmente Identificado”, e I:11, a respeito de Duhshasana.) Ao longo do Gita, como neste caso, podem ser vistas inúmeras referências à simbologia pretendida ao descrever a guerra de Kurukshetra. travada pelos divinos Pandavas e pelos malvados Kurus como uma alegoria da guerra interna entre as forças do bem e do mal no homem que competem pela dominação, conforme explicado no Capítulo I.

14 “Nosso próprio método de adoração, ou hábito de vida, pode ser para nós um bastão precioso no qual nos apoiamos por muito tempo e que aprendemos a amar; não vamos usá-la como uma espada para irritar e matar.” – Thomas Lynch

15 Atos 2:2, 4.

16 A corrente de vida negativa ida e a corrente de vida positiva pingala são os dois nadis primários do sistema nervoso simpático astral que

alimentam dentro e fora da corrente principal de sushumna. (Veja I:4–6, “Como o corpo físico...”).

Capítulo XVII: Três Tipos de Fé

1 Veja referência ao guerreiro Pandava Yuyudhana, representando shraddha, I:4.

2 Em diversas ocasiões, Paramahansa Yogananda disse aos seus discípulos: “Depois do meu falecimento, muitos ‘médiuns’ dirão que estão em contacto comigo e que estão a receber as minhas ‘mensagens’ para o mundo. Todas essas declarações serão falsas.

“Minha mensagem para o mundo já foi exposta em meus discursos, aulas e escritos. Não se deixe enganar por pessoas que, após minha partida física da terra, afirmarão que estão recebendo novos ensinamentos de mim. Aos buscadores sinceros que em oração pedem minha ajuda, eu sempre a darei com alegria e silêncio.”

Como Paramahansa Yogananda previu, desde 1952 vários médiuns equivocados têm afirmado publicamente que estão recebendo mensagens do grande Guru (e também dos Paramgurus da Self-Realization Fellowship). Ao tomar emprestado o nome de um professor ilustre, tais indivíduos atraem a atenção de pessoas inocentes que não entendem que a prática de colocar a mente em estado de transe passivo é diretamente contraditória aos ensinamentos de todos os verdadeiros mestres. Estes últimos enfatizam que a concentração, a força de vontade e o domínio da própria consciência são necessidades fundamentais para o progresso espiritual. Apesar das afirmações de alguns médiuns altamente divulgados, nenhum grande professor aceitaria o “convite” de uma mente passiva em estado de transe. Fazer isso encorajaria uma prática que é perigosa – tanto psicológica como espiritualmente. (Nota do editor)

3 Extraído de Sussurros da Eternidade, de Paramahansa Yogananda, publicado pela Self-Realization Fellowship.

4 Uma parte da tradição de um yajna santificado, ou adoração formal, é a

distribuição de comida (srishta anna) e um presente de agradecimento (dakshina) ao guru ou oficiante presidente. A oferta de comida aos convidados, aos pobres ou aos "Brâmanes" (sacerdotes, renunciantes ou outras pessoas santas que dedicaram as suas vidas ao serviço de Deus) simboliza um coração caridoso que partilha as suas bênçãos, o que é o dever do homem para com os seus semelhantes. A "taxa" ou doação espiritualmente obrigatória oferecida ao guru ou sacerdote oficiante expressa a gratidão devida àquele de quem foi recebido o ministério espiritual e o reconhecimento do valor dessa instrução.

5 Princípios e técnicas de aplicação deste aspecto da ciência do yoga são apresentados por Paramahansa Yogananda em Scientific Healing Affirmations, publicado pela Self-Realization Fellowship. (Nota do editor)

6 Gênesis 9:6.

7 Apocalipse 3:14.

8 João 1:1, 3.

9 Romanos 10:17.

10 Patanjali, grande sábio da Índia antiga, autor dos Yoga Sutras.

11 João 14:6, 11.

12 Apocalipse 1:10–11.

13 A técnica de meditação no Aum é ensinada como preparação para o Kriya Yoga nas Lições da Self-Realization Fellowship.

14 Hebreus 11:6.

Capítulo XVIII: "Em verdade te prometo: tu me alcançarás"

1 Ver VI:1, "Renunciantes".

2 Ver II:39, "Sankhya-Yoga".

3 Veja também a elaboração sobre a relação entre Sankhya, Yoga e Vedanta nos comentários em II:39 e III:3.

4 Veja os dois últimos versículos de "Visão de Visões".

5 II Reis 2:24.

6 Bharata-rishabha: lit., “Touro dos Bharatas” (“o melhor ou mais excelente dos descendentes da dinastia Bharata”) - portanto, aquele que alcançou o mais elevado: a realização através da fortaleza, a obstinação divina ou “ teimosia”, de constância interior (dhriti, conforme descrito nos versos anteriores).

7 Abhyāsād ramate: de abhyāsā, lit., “o esforço contínuo para manter a mente em seu estado sáttvico puro”; e de carneiro, lit., “aproveitar”, “acalmar; colocado em repouso” – isto é, para obter felicidade transcendente. Quando a mente é recolhida em seu estado sáttvico puro, o tumulto sensorial é acalmado e a bem-aventurança suprema e transcendente da alma se manifesta.

8 “No plano e ação de Deus (lila), a única função de Satanás ou Maya é tentar desviar o homem do Espírito para a matéria, da Realidade para a irrealidade.” – Autobiografia de um Iogue

9 “Deus pode perdoar seus pecados, mas seu sistema nervoso não.” — Alfred Korzybski, cientista polonês-americano

10 Ver referência a koshas, I:4–6.

11 Veja também o comentário sobre as quatro castas naturais em II:31, III:24 e IV:13.

12 Assim chamado porque, em contraste com o Sudra, cujas atividades vinculadas aos sentidos servem principalmente ao seu corpo e, portanto, limitam seu serviço à humanidade ao trabalho corporal, o Vaishya, ao cultivar o controle discriminativo dos desejos em prol de ganhos superiores, semeia dentro de si o primeiras sementes de sabedoria e serve a humanidade através do trabalho mental.

13 João 10:30.

14 As escrituras hindus dizem que a criação é uma lila ou esporte de Deus, um jogo de Sua consciência cósmica, que brota de Seu desejo sem desejo. Ele está presente em Sua criação, mas permanece separado como o Espírito Absoluto além da criação. Nesse sentido, pode-se dizer que Ele pratica a “austeridade” ou o desapego, como o iogue aperfeiçoado que vive no mundo, mas não é tocado pelo mundo. Tendo renunciado mentalmente

aos desejos pelas coisas deste mundo, o Brâmane alcançou o poder de desfrutar a criação e ainda assim permanecer separado dela, absorvido interiormente na alegria sempre existente, sempre consciente e sempre nova do Espírito. (Nota do editor)

15 “Então Pedro aproximou-se dele e disse: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, e eu lhe perdoarei? até sete vezes?

“Disse-lhe Jesus: Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete” (Mateus 18:21, 22).

16 “Ora, pela manhã, ao voltar para a cidade, ele teve fome.

“E quando viu uma figueira no caminho, aproximou-se dela e não encontrou nela nada, senão apenas folhas, e disse-lhe: Não cresça mais fruto em ti daqui em diante. E logo a figueira secou.

“E os discípulos, vendo isso, maravilharam-se, dizendo: Quão cedo secou a figueira!

“Respondeu-lhes Jesus: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidares, não só fareis o que foi feito à figueira, mas também se disseres a este monte: Levanta-te. , e seja lançado no mar; assim será feito” (Mateus 21:18–21).

17 Porus (século IV a.C.) era um governante na Índia do território entre os rios Hydaspes e Acesines na época da invasão de Alexandre. Seus exércitos lutaram nas margens do Hidaspes, e Porus travou uma luta tão grande que Alexandre, impressionado por seu espírito indesejável, permitiu-lhe manter seu reino.

18 Gau ou go, lit., “gado” ou “órgão dos sentidos”; rakshya: “cuidar ou proteger”; go-rakshya: “cuidar ou criar gado” – isto é, a nutrição adequada dos sentidos.

19 “Manter companhia com o guru não é apenas estar em sua presença física (pois isso às vezes é impossível), mas significa principalmente mantê-lo em nossos corações e ser um com ele em princípio e nos sintonizar com ele.” —Swami Sri Yukteswar, em The Holy Science, publicado pela Self-Realization Fellowship.

20 Este e outros exemplos aqui dados são generalidades e não representam uma regra invariável. Nenhum homem é governado apenas por

uma qualidade; a natureza de seu ego é uma mistura dos três: sattva (iluminação), rajas (ativação) e tamas (escuridão ou produção de ignorância). O padrão cármico total de um homem, e não apenas um ou dois detalhes específicos, determina a família, o ambiente e as situações que ele atrai. Assim, existem paradoxos como um gênio nascido numa família de mentalidade comum, ou um criminoso nascido de pais bons e amorosos. É por isso que a qualidade de uma pessoa não pode ser determinada nem circunscrita por qualquer classificação de casta de nascimento feita pelo homem.

21 Esta racionalização de Arjuna contra a luta contra seus parentes sensoriais inimigos – por que as inclinações sensoriais não deveriam ser preservadas junto com as qualidades da alma, já que ambos são membros da mesma família de consciência? – é bem detalhada nos comentários no Capítulo I:32 –47.

22 Asaktabuddhi: lit., "…que mantém seu intelecto sempre desapegado." Buddhi, a faculdade discriminativa da alma, quando pura e não distorcida pela influência de manas, a mente sensorial, é reveladora da verdade, atraindo a consciência ao seu estado nativo no verdadeiro Eu, a alma. Veja I:1, "Competindo neste campo…".

23 Brahmanadi, chitra, vajra e sushumna são passagens cerebroespinhais sutis através das quais a vida e a consciência da alma descem do Espírito para o corpo causal, depois para o astral e, finalmente, para o corpo físico. (Ver I:4-6, "Como o corpo físico...") Na meditação de samadhi profundo, a alma ascende através desses túneis em sucessão inversa para escapar dos três corpos e se reunir com Brahman, o Espírito.

24 Do sânscrito laghu (leve, ou pouco) e asin (comer); isto é, metaforicamente, aquele alimento que é leve ou etéreo, a força vital sutil ou energia cósmica.

25 Mateus 4:4.

26 Ver Autobiografia de um Iogue, Capítulo 3.

27 Ver IV:1–2, "O Renascimento do Yoga para a Era Atual".

28 De acordo com as escrituras, o homem necessita de um milhão de anos de evolução natural normal e sem doenças para aperfeiçoar o seu cérebro

humano e atingir a consciência cósmica. (Ver III:12, “Kriya Yoga: o verdadeiro rito do fogo exaltado pelo Gita.”)

29 “Um homem caminha por uma floresta escura e perigosa, cheia de animais selvagens. A floresta é cercada por uma vasta rede. O homem fica com medo, corre para escapar das feras, cai em um buraco escuro como breu. Por um milagre, ele está preso em algumas raízes retorcidas. Ele sente o hálito quente de uma cobra enorme, com as mandíbulas bem abertas, deitada no fundo do poço. Ele está prestes a cair nessas mandíbulas. Na beira do buraco, um enorme elefante está prestes a esmagá-lo. Ratos pretos e brancos roem as raízes nas quais o homem está pendurado. Abelhas perigosas voam sobre o buraco, deixando cair gotas de mel. Então o homem estende o dedo – lentamente, com cautela – ele estende o dedo para pegar as gotas de mel. Ameaçado por tantos perigos, quase sem fôlego entre ele e tantas mortes, ele ainda não atingiu a indiferença.” — de The Mahabharata: A Play Based Upon the Indian Classic Epic, de Jean-Claude Carrière; traduzido por Peter Brook (Nova York: Harper and Row, 1987). (Nota do editor)

30 Madyaji: lit., “sacrifício para Mim”, traduzido na tradução do versículo como “renunciar todas as coisas para Mim”. Ou seja, realize o “rito do fogo” interno da meditação profunda, no qual toda a escória da ilusão egoísta é sacrificada, consignada e consumida no fogo da sabedoria da Auto-realização.

31 João 14:6, 11.

32 Ex.: “Eu sou o Senhor: este é o meu nome….Cantai ao Senhor um novo cântico, e o Seu louvor desde os confins da terra….Este povo formei para mim mesmo; eles anunciarão o meu louvor” (Isaías 42:8, 10; 43:21).

33 “Deus que fez o mundo e todas as coisas nele, visto que Ele é o Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de mãos; nem é adorado por mãos de homens, como se Ele precisasse de alguma coisa, visto que Ele dá a todos a vida, o fôlego e todas as coisas... para que busquem o Senhor, se por acaso O procurarem e O encontrarem, embora Ele não estejas longe de cada um de nós; porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (Atos 17:24–28).

34 Mām ekaṁ śaraṇaṁ vraja: lit., “Torne-se (vraja) protegido (śaraṇaṁ, ‘protegido’ — da ilusão) em unidade (ekaṁ) Comigo (mām).” “Mantenha sempre sua consciência em Minha Presença protetora”; ou seja, “Lembre-se somente de mim”.

Indicando a prática de yoga, o sânscrito também pode ser traduzido como: “Retirar-se (vraja) para o Abrigo da Unidade Comigo”. Veja a elaboração no comentário XVIII:66.

35 Marcos 10:29–30.

36 Marcos 9:43.

37 Marcos 12:30–31.

38 O grande legislador e autor pré-histórico de Manava Dharma Shastras ou Leis de Manu. Esses institutos de direito canonizado ainda estão em vigor na Índia até hoje.

39 Salmos 91:1.

40 Mateus 7:6.

41 Uma paráfrase da Oração Universal de Paramahansaji. (Nota do editor)

42 Mateus 6:33.

43 João 14:26.

44 Adhyeṣyate, do verbo sânscrito adhī: “estudar; para entender; saber."

45 Śṛṇuyād, da raiz sânscrita śru: “ouvir; obedecer."

46 Sanjaya: o ministro e cocheiro do rei cego Dhritarashtra, que foi abençoado por Vyasa com o poder da visão divina pela qual ele podia ver de longe o campo de batalha de Kurukshetra e relatar os acontecimentos ao rei. Veja a explicação detalhada da simbologia, I:1.

47 Experiências inspiradoras de revelação divina enchem o coração com uma intensidade emocionante de pura alegria, que pode ter o efeito físico de arrepiar os pelos do corpo. Este mesmo efeito também pode ser produzido quando, em certos estados de êxtase, o corpo fica literalmente eletrizado de alegria com o bem-aventurado poder vibratório cósmico do Espírito.

48 Vishvarupa, a forma cósmica.

49 Partha, “filho de Pritha”, ou Kunti, o metronímico de Arjuna, é usado neste contexto para significar que o verdadeiro devoto é aquele que ganha o poder de invocar a divindade através de seu desapego mundano, ou vontade

renunciadora e ardor espiritual. (Ver I:4–6 e II:3.)

ADENDOS

1 Os Grandes ou Grandes Mestres ou Grandes Gurus são termos usados frequentemente por Paramahansaji para se referir coletivamente à linhagem de Gurus da Self-Realization Fellowship.

2 “Eu sou o Senhor, e não há outro, não há outro Deus além de Mim… Eu formo a luz e crio as trevas: eu faço a paz e crio o mal: eu, o Senhor, faço todas estas coisas” (Isaías 45: 5, 7).

3 O caminho específico de meditação e comunhão com Deus ensinado por Paramahansa Yogananda é conhecido como Kriya Yoga, uma ciência espiritual sagrada originada há milênios na Índia (ver comentário sobre o Bhagavad Gita IV:I). A Autobiografia de um Iogue de Sri Yogananda também fornece uma introdução geral à filosofia e aos métodos do Kriya Yoga; instruções detalhadas sobre as técnicas são disponibilizadas aos alunos qualificados de suas Lições da Self-Realization Fellowship.

4 Na Índia, o trabalho de Paramahansa Yogananda é conhecido como Yogoda Satsanga Society.

5 Ver comentário em VI:1.

OceanoofPDF. com

AGRADECIMENTOS

Agradecemos gratamente o material citado nas seguintes publicações:

The Body Electric, de Robert O. Becker, MD, e Gary Selden. Copyright © 1995 por Robert O. Becker, MD, e Gary Selden. Com permissão de William Morrow & Co., Inc.

Capturando a Luz, de Arthur Zajonc. Reimpresso com permissão de Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc.

Extrato da entrevista com Sir John Eccles, por Jennifer Boeth: Reimpresso com permissão do The Dallas Morning News.

Cosmos, de Carl Sagan, publicado pela Random House, Nova York, Nova York. Copyright © 1980 por Carl Sagan Productions, Inc.

Da Mente Elemental, de Nick Herbert. Copyright © 1993 por Nick Herbert. Usado com permissão da Dutton Signet, uma divisão da Penguin Books USA Inc.

Das Equações da Eternidade. Copyright © 1993 por David Darling. Reimpresso por acordo com Hyperion.

O Universo Holográfico de Michael Talbot. Copyright © 1990 por Michael Talbot. Reimpresso com permissão da HarperCollins Publishers, Inc.

Indian Mystic Verse (p. 182), traduzido por Hari Prasad Shastri, publicado por Shanti Sadan, Londres, 1982. Reproduzido com permissão dos editores.

Amor, medicina e milagres: lições aprendidas sobre autocura com a experiência de um cirurgião com pacientes excepcionais, por Bernie S. Siegel, M.D. Copyright © 1986 por B. S. Siegel, S. Korman e A. Schiff, curadores do Bernard S. Siegel , MD Children's Trust. Reimpresso com permissão da HarperCollins Publishers, Inc.

Trecho de “Living on the Bright Side”, New Age Journal (março/abril de 1991), por Marian Sandmaier.

O Mahabharata de Jean-Claude Carrière. Publicado originalmente na

França sob o título Le Mahabharata. Copyright © 1985 do Centre International de Creation Theatreles. Direitos autorais da tradução para o inglês © 1987 de Jean-Claude Carrière e Peter Brook. Reimpresso com permissão da HarperCollins Publishers, Inc.

Multimente: Uma Nova Maneira de Olhar para o Comportamento Humano, de Robert Ornstein. Reimpresso com permissão de Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc.

Reimpresso com a permissão de Simon & Schuster de Cem Poemas de Kabir, de Rabindranath Tagore (Nova York: Macmillan, 1915).

Extraído de A Psicologia da Consciência, de Robert E. Ornstein. Copyright © 1972, 1977, 1986 por Robert E. Ornstein. Usado com permissão da Viking Penguin, uma divisão da Penguin Books USA Inc.

Extraído do artigo sobre Huston Smith, Ph.D.: Do San Diego Tribune. Reimpresso com permissão do San Diego Union-Tribune.

Ciência e Fé Cristã Hoje, por Donald McKay, publicado pela Church Pastoral Aid Society. Controle de direitos autorais.

A Vida Secreta das Plantas, de Peter Tompkins. Copyright © 1973 de Peter Tompkins e Christopher Bird. Reimpresso com permissão da HarperCollins Publishers, Inc.

Reproduzido com permissão de The Putnam Publishing Group/Jeremy P. Tarcher, Inc., de The Self-Aware Universe por Amit Goswami, Richard E. Reed e Maggie Goswami. Copyright © 1993 de Amit Goswami, Richard E. Reed e Maggie Goswami.

Extraído de The Tao of Physics, de Fritjof Capra, © 1975, 1983, 1991. Reimpresso mediante acordo com Shambhala Publications, Inc., 300 Massachusetts Avenue, Boston, MA 02115.

From Your Maximum Mind, de Herbert Benson, M.D., com William Proctor. Copyright © 1987 da Random House, Inc. Reproduzido com permissão da Times Books, uma divisão da Random House, Inc.

OceanoofPDF. com

THE COMPLETE WORKS OF PARAMAHANSA YOGANANDA

SELF-REALIZATION FELLOWSHIP
FOUNDED 1920 BY PARAMAHANSA YOGANANDA

Paramahansa Yogananda
(1893–1952)
Author of the spiritual classic
Autobiography of a Yogi

"Wherever one is on the way back to God, the Gita will shed its light on that segment of the journey....{It is} at once a profound scripture on the science of yoga, union with God, and a textbook for everyday living."

—Paramahansa Yogananda

Among the world's sacred writings, there is perhaps none more universal in its appeal than the Bhagavad Gita. Through the centuries, its sublime and ennobling counsel has endeared it to truth-seekers of East and West alike. Yet its deepest meaning, cloaked in allegory, has remained obscure.

In *God Talks With Arjuna*, "many truths buried in the Gita for generations are being expressed in English for the first time," Paramahansa Yogananda writes. His groundbreaking translation of and commentary on this ancient scripture reveals the Gita's most profound spiritual, psychological, and metaphysical truths. Clearly explaining the Gita's balanced path of meditation and right activity, Paramahansa Yogananda shows how we can create for ourselves a life of spiritual integrity, serenity, simplicity, and joy.

A sweeping chronicle of the soul's journey to enlightenment, these two volumes are a comprehensive guide to the spiritual life — presenting unparalleled explanations of how to know God, the origin and purpose of creation, the nature of the cosmos, the liberating science of Kriya Yoga, and much more.

OceanofPDF. com

This file was downloaded from Z-Library project

Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.

z-library.sk z-lib.gs z-lib.fm go-to-library.sk

Official Telegram channel

Z-Access

https://wikipedia.org/wiki/Z-Library